UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

ADILSON SILVA DE JESUS

O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO:
UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

VOLUMES I e II

Salvador
2021

ADILSON SILVA DE JESUS

O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO:
UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

VOLUMES I e II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Dra. Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Coorientadora: Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Salvador
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo autor.

Silva de Jesus, Adilson
O sertão por escrito no Livro de Razão: um microcosmo sócio-histórico e linguístico da Bahia rural oitocentista / Adilson Silva de Jesus. -- Salvador, 2021.
697 f.

Orientadora: Emília Helena Portella Monteiro de Souza.
Coorientadora: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.
Tese (Doutorado - Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, 2021.

1. Livro de Razão. 2. Bahia rural oitocentista. 3. Edição semidiplomática. 4. Práticas de escrita. 5.História social linguística. I. Portella Monteiro de Souza, Emília Helena. II. de Oliveira Novais Carneiro, Zenaide. III. Título.

ADILSON SILVA DE JESUS

O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO:
UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

PPGLinC
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

ATA Nº 05

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO

Autor: ADILSON SILVA DE JESUS
Título: O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO: UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA
Data: 06 de agosto de 2021 Hora: 14:00
Local: Virtual
Concluídos os trabalhos, o candidato foi arguido oralmente pela Banca, tendo como resultado a:
[X] APROVAÇÃO DA TESE;
[ ] REPROVAÇÃO DA TESE;
[ ] REFORMULAÇÃO DA TESE, indicando prazo de 60 dias p/ apresentar nova versão.

Parecer

A tese tem inegável qualidade científica e representa uma grande contribuição para os estudos da história social e linguística do português brasileiro. Destacam-se a edição primorosa do valioso Livro de Razão dos finais do período colonial, o diálogo interdisciplinar muito produtivo com a Filologia, a Paleografia e a História, a cobertura bibliográfica e a capacidade de argumentação, além da organização geral do texto, com coerência interna, e da clareza de escrita. Pelos resultados alcançados e pela importância da tese, sugere-se sua publicação, sendo digna de distinção e de recomendação a prêmios. A banca ressalta ainda o excelente trabalho das orientadoras, professoras Emília Helena Portella Monteiro de Souza e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.

Dra. EMILIA HELENA PORTELLA MONTEIRO DE SOUZA, UFBA
Presidente – Orientadora

DRA. ZENAIDE DE OLIVEIRA NAVAIS CARNEIRO
Co-orientadora

Dra. IONE CELESTE JESUS DE SOUSA, UEFS
Examinadora Externa à Instituição

Dra. ALICIA DUHA LOSE, UFBA
Examinador Interno

ADILSON SILVA DE JESUS
Doutorando

"[...] ao fazer a história das línguas, como ao fazer qualquer história, estamos abordando processos aos quais já não temos acesso direto. Essa impossibilidade dos métodos de "observação imediata" deixa duas alternativas principais aos estudos históricos: o recurso à documentação, e o recurso à reconstrução." (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 13)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Emília Helena Portella Monteiro de Souza, orientadora desta pesquisa, pelo exemplo. Para além de sua competência, profissionalismo e seriedade no fazer científico, neste período de convivência, eu tive a oportunidade de rever minha prática enquanto professor e pesquisador, aprimorando a minha formação profissional. Suas ações e o seu olhar atento ficarão marcados em minhas melhores memórias. Nunca esquecerei os momentos de orientação quando, antes de qualquer questão referente à tese, o seu interesse era saber a meu respeito. Também vou me lembrar dos puxões de orelha, sempre necessários, e dos elogios. Receber cada seção lida e comentada era sempre momento de grande expectativa, e a senhora tinha a palavra certa para cada detalhe: "o que aconteceu nesta seção, não entendi, você sabe tanto desse assunto, pode melhorar..." ou "gostei muito do seu texto". Poderia elencar aqui outras qualidades que a tornam esse ser humano maravilhoso, mas vou encerrar agradecendo por me mostrar que é possível agregar o prazer ao fazer científico e, sobretudo, por me ensinar a ser uma pessoa melhor. Muito obrigado.

À Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, coorientadora desta tese, por sempre me atender, fornecendo, além de textos, dicas valiosíssimas para a efetivação da pesquisa. Além disso, não posso esquecer que foi no CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, que dei meus primeiros passos na pesquisa acadêmica. É preciso destacar ainda que esta tese, em grande parte, é mérito de seu pioneirismo e olhar perspicaz na prospecção de arquivos. O *Livro de Razão*, que edito neste trabalho, é fruto de suas pesquisas e contatos ao longo dos anos. Chegar ao doutorado, na área em que pesquiso, tendo pulado a etapa da localização do *corpus*, é ter "a faca e o queijo nas mãos", como ela costuma dizer. Por isso e por tudo, eu agradeço.

À minha mãe, meu primeiro amor verdadeiro, que não teve acesso ao conhecimento formal, mas nunca hesitou em buscar caminhos para a minha educação e de meus irmãos.

Ao meu Pedrinho, meu filho, presente de Deus, por materializar o amor em minha vida.

À minha esposa, Adriana, meu bem querer, por ser essa companheira excepcional, pela paciência e ajuda, principalmente, no processo de edição. Agradecer a você nunca será o suficiente.

Às Professoras Alícia Duhá Lose e Ione Celeste Jesus de Sousa, que foram essenciais na qualificação desta pesquisa e agora aceitaram, novamente, o convite para compor a banca. Sou grato pelas dicas e conselhos já sugeridos, sou grato ainda por me atenderem sempre que precisei, com o envio de materiais e informações, e por estarem presentes neste momento de minha vida.

À Professora Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, primeira orientadora e responsável por me apresentar "os caminhos da Linguística Histórica", muito grato por aceitar o convite e pela contribuição contínua em minha formação.

Ao Professor Ricardo Nascimento Abreu por aceitar fazer parte da banca, pela leitura atenta e respeitosa do texto e, com certeza, pelas contribuições valiosas que fará.

Ao Professor Jorge Viana Santos, responsável por fotografar os manuscritos do Campo Seco, em Campinas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura com os quais eu tive a oportunidade de aprender: Tânia Lobo, Célia Telles, Silvana Soares, Marcela Paim, Américo Venâncio Machado Filho, Alícia Lose, Emília Helena de Souza.

A Ricardo e Thiago e aos atuais funcionários da secretaria do PPGLinC, pela disponibilidade de colaborar sempre.

À Coordenadora e Vice-Coordenadora do PPGLinC, professoras Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva e Aurelina Ariadne Domingues Almeida, pela gestão eficiente do curso em meio a tanto obscurantismo.

Aos amigos queridos, Huda e Pedro, pela oportunidade de conviver e aprender com vocês. Nossas viagens sempre foram momentos de aprendizagem e de muita diversão. Obrigado pelas fotos de livros (Pedro tem uma biblioteca muito cobiçada por nós, sempre que precisava, pedia a foto de páginas, referências), pela leitura das seções (explorei Huda, mesmo sabendo de sua carga de trabalho), enfim, meus caros, o trajeto foi bem mais leve com vocês, e eu cresci muito vendo os seus exemplos. Obrigado.

À Elaine Brandão Santos, parceira nesta empreitada de edição dos Livros do Campo Seco, pelo compartilhamento de saberes e pela sua generosidade.

À Gardênia Maria da S. Chaves, funcionária do Arquivo da cidade de Rio de Contas, pelo auxílio constante, sempre que precisava de material ou informações.

À Sandra Prudêncio, colega querida, pelo diálogo constante, pelas dúvidas e soluções compartilhadas.

Aos amigos e colegas, não citarei nomes para não ser injusto, mas quero que saibam que sou grato por tê-los em meu convívio, seja no trabalho ou em outras esferas da vida.

Aos colegas dos CE-DOHS e do GPeLPE, pela oportunidade de aprender com vocês, pelo compartilhamento de saberes.

A Edivan Almeida e Manuela Gusmão, pela elaboração e ajustes da capa desta tese.

À CAPES pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

A Deus, “pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas”.

RESUMO

Esta tese, que se insere na área de Linguística Histórica do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, tem como objetivos (i) realizar a edição semidiplomática do *Livro de Razão*, manuscrito de foro privado, que pertenceu à família Pinheiro/Canguçu, na Bahia rural oitocentista, com base na edição fac-similar - reprodução fotográfica realizada por Jorge Viana Santos, para o projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, da UEFS - e (ii) analisar as práticas de escrita realizadas no espaço rural da Fazenda do Campo Seco, em Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado. O estudo empreendido concentrou-se na análise sócio-histórica do contexto de produção do escrito nesse ambiente, na elaboração do perfil social dos *scriptores* e no estudo descritivo dos índices grafemático-fonéticos identificados na escrita desses *scriptores*, visando contribuir para a história social linguística do Brasil. Considerando que "Toda língua é feita de camadas diversas [...]. Explicar uma língua é, ao menos em parte, compreender sua história." (MARTIN, 2003, p.141), a tese apresenta uma abordagem interdisciplinar, valendo-se do aparato teórico-metodológico da Linguística Histórica (MARTIN, 2003; MATTOS E SILVA, 2008; FARACO, 2005), da Filologia (SPINA. 1977; CAMBRAIA, 2012; PAIXÃO DE SOUZA, 2013; TELLES, 2016; LOSE, 2017) e das vertentes oriundas da ruptura do paradigma historiográfico tradicional, a saber: a História Social da Cultura Escrita (PETRUCCI, 1993, 1999, 2003; CASTILLO GÓMES, 2003) e a Micro-História (GINZBURG, 1987; BURKE, 1992, VAINFAS, 2002; MATTOS E SILVA, 2004; BARROS, 2005) para descortinar o sertão baiano dos oitocentos. A Linguística Histórica tem por função primordial buscar explicações, no passado, para fatos linguísticos do presente, por meio dos documentos remanescentes, que registram dados de língua. É nesse contexto que o labor filológico entra em cena, uma vez que, até mesmo "os documentos escritos que nos parecem, tantas vezes transparentes e de fácil compreensão, nos ameaçam com armadilhas diversas embutidas em cada palavra." (LOPES et al 2017, p. 96). Desse modo, a Filologia se revela como um instrumento muito importante para o estudo linguístico, pois é a responsável pelo estabelecimento do texto, que nos leva aos dados de língua (TELLES, 2016, p. 195). Por sua vez, a História Social da Cultura Escrita e a Micro-História apresentam-se como mecanismos capazes de garantir a reconstituição de práticas de leitura e escrita em espaços oficiais e extraoficiais, com ênfase na materialidade do escrito e na reconstituição das histórias parciais narradas pelos manuscritos do passado, no caso específico – o *Livro de Razão* – objeto de estudo. Os resultados encontrados revelam, no campo linguístico, a variação grafofonética no sertão oitocentista, evidenciando usos do português brasileiro falado por diferentes classes sociais, na sincronia atual, nas diversas regiões do Brasil, independente do nível de escolarização. No que se refere ao contexto sócio-histórico, a instrumentalização da edição, lastreada por um diálogo profícuo entre a História Social da Cultura Escrita e a Micro-História, possibilitou a aproximação da "lupa" para as experiências individuais e localizadas, como é o caso dos senhores do Campo Seco, e ofereceram-nos um microcosmo sócio-histórico e linguístico do sertão oitocentista.

Palavras-chave: Livro de Razão. Bahia rural oitocentista. Edição semidiplomática. Práticas de escrita. História social linguística

ABSTRACT

This thesis, which is part of the Historical Linguistics branch of the Post-Graduate Program in Language and Culture, aims to (i) carry out the semi-diplomatic edition of the *Livro da Razão*, a private manuscript, which belonged to the Pinheiro/Canguçu family, in the 19th-century-rural Bahia, based on facsimile edition - photographic reproduction made by Jorge Viana Santos, for UEFS's project Electronic Corpus of Historical Documents of *Sertão* - and (ii) to analyze the writing practices carried out in the rural environment of the *Fazenda do Campo Seco*, in *Bom Jesus dos Meiras*, currently the city of *Brumado*. The study undertaken focused on the socio-historical analysis of the context of writing production in this environment, on the conception of the social profile of *scriptors* and on the descriptive study of the graphemic-phonetic indices identified in the writing of these *scriptors*, aiming to contribute to the linguistic social history of Brazil. Considering that "Every language is made up of different layers [...]. To explain a language is, at least in part, to understand its history." (MARTIN, 2003, p.141), the thesis presents an interdisciplinary approach, using the theoretical-methodological apparatus of Historical Linguistics (MARTIN, 2003; FARACO, 2005; MATTOS E SILVA, 2008), of Philology (SPINA. 1977). ; CAMBRAIA, 2012; PAIXÃO DE SOUZA, 2013; TELLES, 2016; LOSE, 2017) and the strands arising from the rupture of the traditional historiographical paradigm, namely: the Social History of Written Culture (PETRUCCI, 1993, 1999, 2003; CASTILLO GÓMES , 2003) and Micro-History (GINZBURG, 1987; BURKE, 1992, VAINFAS, 2002; MATTOS E SILVA, 2004; BARROS, 2005) to unveil the backlands of Bahia in the 1800s. Historical Linguistics has the primary function of seeking explanations, in the past, for linguistic facts of the present, through the remaining documents, which record language data. It is in this context that the philological work comes into play, since even "written documents that seem to us, so often transparent and easy to understand, threaten us with various traps embedded in each word." (LOPES et al 2017, p. 96). Thus, Philology reveals itself as a very important instrument for linguistic studies, as it is responsible for establishing the text, which leads us to language data (TELLES, 2016, p. 195). In turn, the Social History of Written Culture and Micro-History are mechanisms capable of guaranteeing the reconstitution of reading and writing practices in official and unofficial spaces, with an emphasis on the materiality of writing and the reconstitution of narrated partial histories by manuscripts from the past, in the specific case – *O Livro de Razão* – object of study. The results found revealed, in the linguistic field, the graphophonetic variation in the nineteenth-century *Sertão*, evidenced uses of Brazilian Portuguese spoken by different social classes, in the current synchrony, in different regions of Brazil, regardless of the level of education. Regarding the socio-historical background, the instrumentalization of editing, backed by a fruitful dialogue between the Social History of Written Culture and Micro-History, made it possible to bring the "magnifying glass" closer to individual and tracked experiences, such as the case of the gentlemen from Campo Seco, and they offered us a socio-historical and linguistic microcosm of the nineteenth-century in S*ertão*.

Key-words: *Livro de Razão*. 18th-century-rural *Bahia*. semi-diplomatic edition. Writing practices. Social-linguistic history.

RESUMEN

Esta tesis, que se inserte en el área de Linguística Histórica del Programa de Posgrado en Lengua y Cultura, tiene como objetivos (i) realizar la edición semidiplomática del Livro de Razão, manuscrito de fuero privado, que perteneció a la familia Pinheiro/Canguçu, en Bahía rural ochocentista, con base en la edición facsimilar - reproducción fotográfica realizada por Jorge Viana Santos, para el proyecto Corpus Electrónico de Documentos Históricos del Agreste, de UEFS - y (ii) analizar las prácticas de escritura realizadas en el espacio rural de la Hacienda do Campo Seco, en Bom Jesus de Meiras, actual ciudad de Brumado. El estudio emprendido se concentró en el análisis socio-histórico del contexto de producción del escrito en ese ambiente, en la elaboración del perfil social de los escritores y en el estudio descriptivo de los índices grafemático fonéticos identificados en la escritura de eses escritores, visando contribuir para la historia social linguística de Brasil. Considerando que "Toda lengua es hecha de capas diversas [...]. Explicar una lengua es, al menos en parte, comprender su historia." (MARTIN, 2003, p.141), la tesis presenta un abordaje interdisciplinario, valiendo del aparato teórico metodológico de la Linguística Histórica (MARTIN, 2003; MATTOS E SILVA, 2008; FARACO, 2005), de la Filología (SPINA. 1977; CAMBRAIA, 2012; PAIXÃO DE SOUZA, 2013; TELLES, 2016; LOSE, 2017) y de las vertientes oriundas de la ruptura del paradigma historiográfico tradicional, a saber: la Historia Social de la Cultura Escrita (PETRUCCI, 1993, 1999, 2003; CASTILLO GÓMES, 2003) y la Micro-Historia (GINZBURG, 1987; BURKE, 1992, VAINFAS, 2002; MATTOS E SILVA, 2004; BARROS, 2005) para descortinar el agreste bahiano de los ochocientos. La Linguística Histórica tiene por función primordial buscar explicaciones, en el pasado, para hechos linguísticos del presente, a través de los documentos remanentes, que registran datos de la lengua. Es en ese contexto que la labor filológica entra en escena, una vez que, hasta mismo "los documentos escritos que nos parecen, tantas veces transparentes y de fácil comprensión, nos amenazan con armadijos diversos embutidos en cada palabra." (LOPES et al 2017, p. 96). De ese modo, la Filología se revela como un instrumento muy importante para el estudio linguístico, pues es la responsable por el establecimiento del texto, que nos lleva a los datos de la lengua (TELLES, 2016, p. 195). Por su vez, a Historia Social de la Cultura Escrita y la Micro-Historia se presentan como mecanismos capaces de garantizar la reconstitución de prácticas de lectura y escrita en espacios oficiales y extraoficiales, con énfasis en la materialidad del escrito y en la reconstitución de las historias parciales narradas por los manuscritos del pasado, en el caso específico – el Livro de Razão – objeto de estudio. Los resultados encontrados revelan, en el campo linguístico, la variación grafo fonética en el agreste ochocentista, evidenciando usos del portugués brasileño hablado por distintas clases sociales, en la sincronía actual, en las diversas regiones de Brasil, independiente del nivel de escolarización. En que se refiere al contexto socio histórico, la instrumentalización de la edición, lastrada por un diálogo provechoso entre la Historia Social de la Cultura Escrita y la Micro Historia, posibilitó la aproximación de la "lupa" para las experiencias individuales y ubicadas, como es el caso de los señores del Campo Seco, y nos ofrecieron un microcosmo socio histórico y linguístico del agreste ochocentista.

Palabras-clave: Livro de Razão. Bahía rural ochocentista. Edición semidiplomática. Prácticas de escrita. Historia social linguística

LISTA DE CONVENÇÕES, ABREVIATURAS E SIGLAS

/ /	Representação de fonemas
[ ]	Representação fonética
< >	Representação de grafemas
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino
APC	Antônio Pinheiro Canguçu
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
APP	Antônio Pinheiro Pinto
CE-DOHS	Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
f.	fólio
HISCULTE	História da Cultura Escrita
HSCE	História Social da Cultura Escrita
IJPP	Inocêncio José Pinheiro Pinto
JLS	Jozé da Silva Lisboa
JMW	João Maurício Wanderley
LAPELINC	Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus*
LPAB	Luiz Paulo Araújo Basto
MJC	Miguel Joaquim de Castro
NELP	Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa
p.	página
PB	Português Brasileiro
PHPB	Programa para História do Português Brasileiro
PROHPOR	Programa para a História da Língua Portuguesa
r.	recto
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
v.	verso
XML	Extensible Markup Language

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fólio 130v: Edição fac-similar do Livro de Razão 59
Figura 2 – Página de acesso ao CE-DOHS. 63
Figura 3 – Embalagem (frente) dos Livros da Fazenda do Campo Seco 82
Figura 4 – Mesa Cartesiana (layout) 84
Figura 5 – Ficha técnica do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco. 86
Figura 6– Capa do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco. 87
Figura 7 – Folha 001 do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco. 87
Figura 8 – Capa do Livro de Razão (Frente) 88
Figura 9 – Capa do Livro de Razão (Fundo). 88
Figura 10 – Lombada do Livro de Razão 89
Figura 11 – Fragmento da página 87 do Livro de Razão: numeração 89
Figura 12 – Fragmento da página 88 do Livro de Razão: numeração 90
Figura 13 – Fragmento do recto do fólio 123 do Livro de Razão: numeração 90
Figura 14 – Fragmento do verso do recto 123 do Livro de Razão: ausência de numeração 90
Figura 15 – Termo de abertura do Livro de Razão do Campo Seco feito por APP 91
Figura 16 – Fragmento do fólio 123r do Livro de Razão: escrita de IJP 92
Figura 17 – Fólio 195: Espécie de termo de encerramento 92
Figura 18 – Fólio 137 - Tipo de papel usado no Campo Seco 94
Figura 19 – Fragmento da página 11 do Livro de Razão: tinta 95
Figura 20 – Fólio 193r: mancha por umidade 95
Figura 21 – Folha de guarda e danos no suporte 96
Figura 22 – Página 24: clareamento da tinta 97
Figura 23 – Página 55: Mancha por excesso de tinta 97
Figura 24 – Página 55: Anotações feitas em lista por APP 99
Figura 25 – Página 55: Anotações feitas em colunas por Antônio Pinheiro Pinto. 100
Figura 26 – Página 55: Anotações de forma mista por APP. 101
Figura 27 – Página 80: Escrita de APP-Variedade de produtos por página 102
Figura 28 – Página 102: Formas usadas para registrar as dívidas por APP 103
Figura 29 – Fragmento da página 99: Crédito do escravo de APP. 104
Figura 30 – Página 11: Registro de dívidas de tio e compadres feito por APP. 104
Figura 31 – Página 117: Registro de dívidas de filho, mãe, tia, irmão e irmã de APP. 105
Figura 32 – Localização de Brumado na Mesorregião Centro-Sul Baiano – IBGE 106
Figura 33 – Localização da Região da Serra Geral- Governo do Estado da Bahia 107
Figura 34 – Mapa do Alto Sertão da Bahia 108
Figura 35 – Mapa com a localização de Bom Jesus dos Meiras, Bahia. 111
Figura 36 – Igreja Matriz Senhor Bom Jesus, Brumado-BA. 112
Figura 37 – Mapa da localização de Brumado, Bahia. 114
Figura 38 – Árvore genealógica da Família Pinheiro Pinto/Canguçu. 115
Figura 39– Folha 12 (verso) do Inventário de MJDCM 121
Figura 40 – Folha 5 (recto) do Livro de Notas de Caetité (1877-1878) 121
Figura 41 – Trecho do Fólio 34v do Livro do Gado 122
Figura 42 – Página inicial do site 123
Figura 43 – Aba Escreventes 124

Figura 44 – Aba Livro do Gado: edições e índice analítico 124
Figura 45 – Aba Livro de Razão: edições e índice analítico. 124
Figura 46 – Aba Árvore Genealógica 125
Figura 47 – Aba Fichas biográficas 125
Figura 48 – Trecho da página 48 137
Figura 49 – Trecho da página 93 137
Figura 50 – Fragmento da página 83 escrito por APP. 138
Figura 51 – Compra de escravo: fragmento da página 83 escrito por APP. 142
Figura 52 – Aluguel de escravo: fragmento da página 61 escrito por APP 142
Figura 53 – Compra de escravos para terceiros realizada por APP. 143
Figura 54 – Compra de animais feita por IJPP na mão do pai, APP. 143
Figura 55 – Escrita de APP, p. 58: Pataca. 147
Figura 56 – Escrita de APP, p. 115: Selo. 147
Figura 57 – Escrita de APP, p. 4: Tostão. 147
Figura 58 – Escrita de APP, p. 76: Doblas. 148
Figura 59 – Escrita de APP, p. 91: Vintém 148
Figura 60 – Página 121: Carta Patente de APP. 149
Figura 61 – Página 122: Registro da nomeação de APP. 150
Figura 62 – Fólio 123r: posse e juramento de APP. 151
Figura 63 – Fólio 124v: receita para curar gonorreia e outras doenças 152
Figura 64 – Fólio 125r: receita para curar gonorreia e outros males 152
Figura 65 – Seca e morte de escravos por câimbra de sangue 154
Figura 66 – Fólio 182v: Dote dado a Inocêncio 154
Figura 67 – Fólio 186v: Dote dado a Zeferina 155
Figura 68 – Fragmento do fólio 124v: casamento da filha da escrava 156
Figura 69 – Fragmento da página 6: casamento, batizado, licenças e banhos. 156
Figura 70 – Fragmento da página 101: Esmola para a capela de Bom Jesus 156
Figura 71 – Fólio 118v: utensílios usados na liturgia. 157
Figura 72 – Fragmento da página 61: anotações de contas do escravo Jacinto 163
Figura 73 – Fragmento da página 99: dinheiro e outras dívidas do escravo Jacinto 163
Figura 74 – Fragmento da página 90: Jornal do escravo no mato 164
Figura 75 – Fragmento da página 19: aluguel do negro 165
Figura 76 – Fragmento da página 117: aluguel do mulato Vitorino 165
Figura 77 – Fragmento da página 119: compra de um negro 166
Figura 78 – Fragmento da página 123v: devolução do escravo 166
Figura 79 – Fragmento p.117: escrita de Antônio APP 167
Figura 80 – Fragmento p.126r: escrita de APP 167
Figura 81 – Fragmento da página 92: compra de alforria dinheiro/obrigação 168
Figura 82 – Página 85: Dinheiro para a liberdade da cabra Inês 169
Figura 83 – Página 85: Feitos que deram à escrava Inês 170
Figuras 84 – Página 103 - Profissionais que aturam no Campo Seco: o canteiro. 173
Figuras 85 – Página 99 - Profissionais que atuaram no Campo Seco: o Ciência. 174
Figura 86 – Fólio 192r - Profissionais que atuaram no Campo Seco: o letrado. 174
Figura 87 – Fólio 118v: Escravos e ofícios 176
Figura 88 – Último registro de Inocêncio Canguçu no Livro de Razão 177
Figura 89 – Fragmento do fólio 189v: educação no Campo Seco 183
Figura 90 – Fragmento da página 1: educação no Campo Seco. 183

Figura 91 – Trecho do testamento do Padre/professor Ignácio Ferreira da Silva. 186
Figura 92 – Trecho do Registro de óbito do Padre Ignácio Ferreira da Silva. 187
Figura 93 – Escrita de APP – Módulo e *ductus.* 201
Figura 94 – Página 6 - Escrita de APP: Peso 201
Figura 95 – Página 6- Escrita de APP– Peso: especificação do devedor. 202
Figura 96 – Página 62- Escrita de APP – Peso: correção 202
Figura 97 – Trecho da página 4: Grafemas com hastes descendentes de APP. 202
Figura 98 – Trecho da página 6: Grafemas com hastes descendentes de APP. 203
Figura 99 – Fólio 129v: Particularidades das letras de IJPP. 209
Figura 100 – Fólio 132v: Peso dos grafemas de IJPP. 210
Figura 101– Fólio 130v: variação no peso do grafema de IJPP. 210
Figura 102 – Fólio 186v: particularidades das hastes dos grafemas de IJPP. 210
Figura 103 – Jornal Gazeta do Rio de Janeiro. 233
Figura 104 – Jornal Idade D'Ouro do Brasil. 234
Figura 105 – Jornal O Patriota. 234
Figura 106 – Vocabulário Português de D. Raphael Bluteau – Século XVIII. 235
Figura 107 – Dicionário de Antonio Moraes Silva 236
Figura 108 – Dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto. 236

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos documentos por década. 39
Quadro 2 – Modelo Simples de organização do Livro de Razão. 50
Quadro 3 – A Bahia no cenário da História Social Linguística do Brasil. 53
Quadro 4 – Procedimentos para a constituição de uma escrita digital. 63
Quadro 5 – Ficha do Scriptor Antônio Pinheiro Pinto. 119
Quadro 6 – Ficha do Scriptor Inocêncio José Pinheiro Canguçu. 120
Quadro 7 – Ficha do Scriptor Miguel Joaquim de Castro Mirante. 122
Quadro 8 – Produtos negociados: compra e venda de produtos de subsistência. 136
Quadro 9 – Relação de animais presentes no Campo Seco. 138
Quadro 10 – Vestuários e sapatos encontrados no Livro de Razão. 139
Quadro 11 – Tecidos encontrados no Livro de Razão. 140
Quadro 12 – Caracterização dos tecidos encontrados no Livro de Razão. 140
Quadro 13 – Ferramentas e utensílios metalúrgicos. 141
Quadro 14 – Produtos diversos negociados no Campo Seco. 144
Quadro 15 – Pesos e medidas utilizados no Campo Seco. 144
Quadro 16 – Definição e correspondência entre produtos e medidas no Campo Seco. 145
Quadro 17 – Moedas que circularam no Campo Seco. 146
Quadro 18 – Escravizados na fazenda do Campo Seco. 158
Quadro 19 – Formas de pagamento de alforria em Rio de Contas. 168
Quadro 20 – Perfis profissionais atuantes no Campo Seco. 172
Quadro 21 – Papéis desempenhados pelos proprietários de terras em uma Freguesia. 175
Quadro 22 – Aplicação da Reforma Pombalina em algumas Capitanias do Brasil. 179

Quadro 23 – Quadro scriptográfico de Antônio Pinheiro Pinto. 197
Quadro 24 – Particularidades da execução caligráfica de APP. 203
Quadro 25 – Exemplos de hipossegmentação de APP. 205
Quadro 26 – Exemplos de hipersegmentação de APP 206
Quadro 27– Quadro scriptográfico de Inocêncio José Pinheiro Pinto. 206
Quadro 28 – Particularidades da execução caligráfica de IJPP. 211
Quadro 29 – Exemplos de hipossegmentação de IJPP. 212
Quadro 30 – Conceito do ato de abreviarem diferentes perspectivas. 214
Quadro 31 – Organização das abreviaturas identificadas no Livro de Razão. 216
Quadro 32 – Critérios usados para a classificação das abreviaturas do Livro de Razão. 217
Quadro 33 – Exemplos de abreviaturas que economizaram espaço no Livro de Razão. 221
Quadro 34 – Polissemia nas abreviaturas de APP. 222
Quadro 35 – Exemplos contextualizados da polissemia na escrita de APP. 223
Quadro 36 – Sinonímia nas abreviaturas de APP. 225
Quadro 37 – Sinonímia nas abreviaturas de IJPP. 227
Quadro 38 – Períodos da história da ortografia portuguesa 229
Quadro 39 – Síntese do sistema ortográfico brasileiro do século XIX. 231
Quadro 40 – Perfil dos redatores ilustres 237
Quadro 41 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /z/. 239
Quadro 42 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /z/. 240
Quadro 43 – Representação para grafias do fonema /z/ em periódicos do século XIX. 240
Quadro 44 – Comparando os dados: a grafia do fonema /z/ em cartas de letrados brasileiros- Século XIX 241
Quadro 45 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /s/ 241
Quadro 46 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /s/. 242
Quadro 47 – Representação para grafias do fonema /s/ em periódicos do século XIX. 242
Quadro 48 – Comparando os dados: a grafia do fonema /s/ em cartas de letrados brasileiros- Século XIX 243
Quadro 49 – Representação grafemática do punho de APP para os ditongos 244
Quadro 50 – Representação grafemática do punho de IJPP para os ditongos 244
Quadro 51 – Representação para grafias do dos ditongos em periódicos do século XIX. 245
Quadro 52 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /u/. 246
Quadro 53 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /u/. 246
Quadro 54 – Representação para grafias do fonema /u/ em periódicos do século XIX. 247
Quadro 55 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /ʃ/ 248
Quadro 56 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /ʃ/ 248
Quadro 57 – Representação para grafias do fonema /ʃ/ em periódicos do século XIX. 248
Quadro 58 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /ʒ/ 249
Quadro 59 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /ʒ/ 249
Quadro 60 – Representação para grafias do fonema /ʒ/ em periódicos do século XIX. 250
Quadro 61 – Representação grafemática da nasalidade do punho de APP. 250
Quadro 62 – Representação grafemática da nasalidade do punho de IJPP. 251
Quadro 63 – Representação para grafias da nasalidade em periódicos do século XIX. 251
Quadro 64 – Comparando os dados: a representação da nasalidade em cartas de letrados brasileiro do século XIX 251
Quadro 65 – Representação para a etimologização gráfica em periódicos do século XIX. 252
Quadro 66 – Representação grafemática da nasalidade do punho de APP. 253

Quadro 67 – Representação grafemática da nasalidade do punho de IJPP 254
Quadro 68 – Comparando os dados: a representação a etimologização gráfica em cartas de letrados brasileiro do século XIX 254
Quadro 69 – Variação grafemática do Livro de Razão dicionarizada 255
Quadro 70 – Traços fonetizantes identificados na escrita dos senhores do Campo Seco 259
Quadro 71 – Metaplasmo por transposição na escrita de APP. 260
Quadro 72 – Metaplasmo por acréscimo de fonema na escrita de APP: ditongação. 261
Quadro 73 – Metaplasmos por acréscimo de fonema na escrita de APP: epêntese e prótese. 261
Quadro 74 – Metaplasmo por subtração de fonema na escrita de APP: redução de ditongos 262
Quadro 75 – Metaplasmos por subtração de fonema na escrita de APP: síncope e aférese. 264
Quadro 76 – Metaplasmos por subtração de fonema na escrita de IJPP: síncope e aférese. 265
Quadro 77 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: anteriorização 266
Quadro 78 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias postônicas 267
Quadro 79 – Registros de Indícios de Alçamento em Vogais Médias Pretônicas em Estudos sobre o Português Brasileiro Oitocentista 268
Quadro 80 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias pretônicas **[e]> [i]** 268
Quadro 81 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias pretônicas **[o]> [u].** 270
Quadro 82 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de IJPP: elevação das vogais médias pretônicas **[e]> [i]** 270
Quadro 83 – Comparando dados de escrita fonetizantes – Séculos XVIII ao XX. 274

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Situação populacional brasileira nos séculos XVI ao XIX 29
Tabela 2 – Repartição homens *versus* mulheres 47
Tabela 3 – População por freguesias, condição jurídica e classificação étnica, ano 1872. 113
Tabela 4 – Configuração populacional de Campo Largo segundo o Censo de 1872. 113
Tabela 5 – Origem, cor e gênero dos escravos 1768-1883. 159
Tabela 6 – Origem, nação, cor e sexo da população cativa em Rio de Contas, 1800-1850. 160
Tabela 7 – Abreviaturas de APP: distribuição por classificação 219
Tabela 8 – Abreviaturas de IJPP: distribuição por classificação 219
Tabela 9 – Elevação das vogas médias pretônicas no Campo Seco – possíveis fatores condicionantes 271
Tabela 10 – Amostra da elevação das vogas médias pretônicas – Século XVIII ao XX 271
Tabela 11 – Amostra de evidências metalinguísticas de escrita fonetizante em periódicos do século XIX 273

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Assinantes *versus* não assinantes 47
Gráfico 2 – Designações usadas para identificar os negros no Campo Seco. 162
Gráfico 3 – Estratificação social no Alto Sertão da Bahia – Séculos XVIII e XIX. 172
Gráfico 4 – Total de palavras abreviadas no Livro de Razão 218
Gráfico 5 – Distribuição geral de abreviaturas por scriptor. 218
Gráfico 6 – Classificação das abreviaturas oriundas do punho de APP. 219
Gráfico 7 – Classificação das abreviaturas oriundas do punho de IJPP 220

SUMÁRIO

VOLUME I

	INTRODUÇÃO	21
	Escolha do tema	21
	O percurso trilhado	22
	A organização da tese	24
1	**DE MUITAS HISTÓRIAS PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL**	27
1.1	DO MULTILINGUISMO À POLARIZAÇÃO LINGUÍSTICA: FORMAÇÃO E DIFUSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	28
1.2	CAMINHOS PARA A RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL	32
1.3	PARA UMA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: "O QUE É QUE A BAHIA TEM?"	36
1.3.1	**Os ilustres – *corpus* de Carneiro (2005)**	37
1.3.2	**Os africanos – *corpus* de Oliveira (2006)**	38
1.3.3	**Os sertanejos não ilustres – *corpus* de Santiago (2019)**	41
1.3.4	**Os indígenas – *corpus* de Souza (2019)**	43
1.4	PARA ALÉM DAS CARTAS, ATAS, LEIS E ALVARÁS: OUTROS CORPORA DO SERTÃO BAIANO.	45
1.4.1	**Das declarações de Terra em Santana do Campo Largo aos Livros da Fazenda do Campo Seco em Bom Jesus dos Meiras**	45
1.4.2	**Os Livros da Fazenda do Campo Seco**	48
1.4.2.1	O Livro do Gado	48
1.5	O LIVRO DE RAZÃO E A PROPOSTA DA TESE	49
1.5.1	**Sobre o conceito de Livro de Razão**	49
1.5.2	**Para além da escrituração contábil**	51
1.5.3	**A proposta de tese**	52
1.6	SÍNTESE DA SEÇÃO	53
2	**PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS TRILHADOS**	54
2.1	A LINGUÍSTICA HISTÓRICA, SUAS VERTENTES E O USO DE FONTES COMO *CORPORA*	54
2.2	A FILOLOGIA E A PREPARAÇÃO DAS FONTES PARA O ESTUDO DA LÍNGUA	56
2.2.1	**Tipos de edição**	58
2.2.2	**A edição de textos e as humanidades digitais**	61
2.3	OS ESTUDOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA E A ABERTURA DA HISTÓRIA	65
2.3.1	**A ruptura com o paradigma da historiografia tradicional**	66

2.3.1.1 História da Cultura Escrita – breve reflexão sobre o que é e a que se propõe esse campo do saber 69
2.3.1.2 A Micro-História como recurso metodológico 77
2.4 SÍNTESE DA SEÇÃO 80

3 DO FAC-SÍMILE À EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO: O *CORPUS*, O CONTEXTO DE PRODUÇÃO E OS *SCRIPTORES* 81
3.1 O LIVRO DE RAZÃO DO CAMPO SECO 81
3.1.1 Sobre a transcrição já realizada e as motivações para uma nova edição 82
3.1.2 Descrição extrínseca 83
3.1.2.1 A digitalização do Livro de Razão pelo método fotográfico Lapelinc 83
3.1.2.2 Um passeio pelo Livro de Razão: do suporte à encadernação 88
3.2 DO REPOVOAMENTO DO ALTO SERTÃO À CONSTITUIÇÃO DE BOM JESUS DOS MEIRAS: CONHECENDO A REGIÃO DO CORPUS 105
3.3 OS *SCRIPTORES* 115
3.3.1 Antônio Pinheiro Pinto 118
3.3.2 Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu 119
3.3.3 Miguel Joaquim de Castro Mirante. 120
3.4 DISPONIBILIZAÇÃO DAS EDIÇÕES 123
3.5 SÍNTESE DA SEÇÃO 126

4 O SERTÃO POR ESCRITO: DO CONTROLE DE FINANÇAS AOS FRAGMENTOS DA VIDA COTIDIANA NA BAHIA RURAL OITOCENTISTA 127
4.1 PELAS PÁGINAS ESCRITAS, DIFERENTES CAMINHOS... 127
4.2 DOS INDÍCIOS À RECONSTITUIÇÃO DAS VIVÊNCIAS: UM MICROCOSMO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA A PARTIR DO LIVRO DE RAZÃO 132
4.2.1 Pinheiro Pinto, sua parentela e as vivências de uma época. 133
4.2.1.1 A vida comercial no Campo Seco 135
4.2.1.2 Da militarização à vida religiosa no sertão da Bahia 149
4.2.1.3 A escravidão na fazenda do Campo Seco 158
4.2.1.4 Indicadores sociais no Alto Sertão 170
4.2.2 Inocêncio Pinheiro Pinto/ Canguçu: o que revelam suas anotações 176
4.3 A REFORMA POMBALINA NA COLÔNIA: BREVES NOTAS SOBRE A APLICAÇÃO E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS 178
4.4 DA PRODUÇÃO À CIRCULAÇÃO DO ESCRITO NO CAMPO SECO 183
4.4.1 A penetração da língua escrita na fazenda 183
4.4.2 A difusão da escrita nos domínios do Campo Seco 190
4.5 SINTESE DA SEÇÃO 191

5 “PELAS MÃOS SE FAZ A ESCRITA”: DA DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA AOS INDÍCIOS DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA 194
5.1 A MORFOLOGIA DAS “MÃOS” DOS *SCRIPTORES*: DESCRIÇÃO INTRÍNSECA 196
5.1.1 Configuração da “mão” de Antônio Pinheiro Pinto 197
5.1.2 Configuração da “mão” de Inocêncio José Pinheiro Pinto/Canguçu 206
5.2 AS ABREVIATURAS 213
5.3 ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE GRÁFICA DE TEMPOS PRETÉRITOS 228
5.3.1 Um breve olhar para a história da ortografia portuguesa 229
5.4 REFERÊNCIAS METALINGUÍSTICAS PARA O ESTUDO DESCRITIVO DA VARIAÇÃO GRAFEMÁTICO-FONÉTICA DO LIVRO DE RAZÃO 233
5.5 DOS SENHORES DO CAMPO SECO: A DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA 238
5.5.1 Grafias para o fonema /z/ 239
5.5.2 Grafias para o fonema /s/ 241
5.5.3 Grafias para os ditongos 243
5.5.4 Grafias para o fonema /u/ 246
5.5.5 Grafias para o fonema /ʃ/ 247
5.5.6 Grafias para o fonema /ʒ/ 249
5.5.7 Grafias para representar a nasalidade 250
5.5.8 Etimologização gráfica 252
5.6 “ESCREVEMOS O QUE FALAMOS OU O QUE SABEMOS FALAR”: BREVE DESCRIÇÃO DE INDÍCIOS DA REPRESENTAÇÃO DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA 256
5.6.1 Estudo do som em textos escritos 258
5.6.2 A escrita fonetizante dos senhores do campo seco 259
5.6.2.1 Metaplasmo por transposição de fonema: metátese 260
5.6.2.2 Metaplasmo por acréscimo de fonema: ditongação 260
5.6.2.3 Metaplasmo por acréscimo de fonema epêntese e prótese 261
5.6.2.4 Metaplasmo por subtração de fonema: redução de ditongos 262
5.6.2.5 Metaplasmo por subtração de fonema: síncope e aférese 264
5.6.2.6 Metaplasmo por substituição de fonema: anteriorização 266
5.6.2.7 Metaplasmo por substituição: elevação das vogais médias postônicas 266
5.6.2.8 Metaplasmo por substituição: elevação das vogais médias pretônicas 267
5.6.3 **Um olhar reflexivo sobre os dados de escrita fonetizante** 274
5.7 SÍNTESE DA SEÇÃO 278
CONSIDERAÇÕES FINAIS 279
REFERÊNCIAS 283
ANEXO 295

VOLUME II

1	**APRESENTAÇÃO**	322
2	**CRITÉRIOS DA EDIÇÃO**	324
3	**EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO**	326
4	**ÍNDICE ANALÍTICO**	639
5	**OS SCRIPTORES**	658
5.1	ANTÔNIO PINHEIRO PINTO	658
5.1.1	**Ficha biográfica**	658
5.1.2	**Quadro scriptográfico**	659
5.1.3	**As abreviaturas**	662
5.2	INOCÊNCIO JOSÉ PINHEIRO PINTO/ CANGUÇU	687
5.2.1	**Ficha biográfica**	687
5.2.2	**Quadro scriptográfico**	687
5.2.3	**As abreviaturas**	690
5.3	MIGUEL JOAQUIM DE CASTRO MIRANTE	696
5.3.1	**Ficha biográfica**	696
5.4	SÍNTESE DO VOLUME II	697

INTRODUÇÃO

Escolha do tema

É comum pensar em um tema para um projeto de tese durante o período que antecede um processo de seleção. Entretanto, o tema aqui discutido tem sido maturado desde a graduação. Ainda em 2011, atuando como bolsista no Projeto CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*, projeto que faz parte do NELP – *Núcleo de Estudo de Língua Portuguesa* – UEFS, sob orientação da professora Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, desenvolvi a pesquisa com um conjunto de cartas, do segundo quartel do século XX, da cidade de Valente, no semiárido baiano. O trabalho consistia na edição semidiplomática das cartas. Tendo concluído esta etapa, fui informado que a professora Zenaide Carneiro, orientadora de meu mestrado e coorientadora desta tese, tinha um assunto muito importante para conversar comigo. No Departamento de Letras, na sala de orientação, recebi a notícia da existência dos manuscritos do Campo Seco – *Livro do Gado* e *Livro de Razão* – e o convite para editar, inicialmente, o *Livro do Gado*.

Qualquer pesquisador ficaria lisonjeado com um convite para tal tarefa, principalmente por se tratar de documentos tão importantes para a história social linguística do Brasil e pelo fato da etapa da prospecção de arquivos já ter sido executada. Mas minha reação imediata foi não aceitar a tarefa por medo de não conseguir fazer o que estava sendo proposto. Logo depois, a professora Mariana Lacerda me alertou da grande oportunidade que estava deixando passar. Não hesitei, e, então, aceitei o trabalho.

Enquanto a equipe do projeto se organizava para fotografar os manuscritos, começamos um processo de pesquisa sobre os *scriptores*, os contextos diatópico e diacrônico de produção do escrito, elaborando uma caracterização formal. De posse do arquivo digital, no final de 2012, começamos os preparativos da edição e elaboramos um projeto de mestrado, que foi muito bem avaliado na seleção do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, na UFBA.

Após uma análise mais detalhada do documento, durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa do Mestrado, chegamos a um consenso e optamos por adiar a edição para o doutoramento, pois disporíamos de mais tempo de preparação. Assim o tema

desta tese – *Edição semidiplomática do Livro de Razão e o estudo das práticas de escrita no sertão da Bahia oitocentista*–, que se insere na área de concentração *Linguística Histórica*, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, na linha *História da Cultura Escrita no Brasil*, entra em cena, tendo como eixo norteador a reconstituição da história social linguística do Brasil, a partir do "levantamento de fontes que possam revelar os processos linguageiros havidos no Brasil e a reconstituição da história da escolarização nos mais distantes lugares do Brasil" (MATTOS E SILVA, 2004, p.58-59), como é o caso de Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado, foco diatópico desta pesquisa. O estudo proposto, essencial para a compreensão da polarização entre as normas linguísticas do português brasileiro, privilegia os três campos da agenda do PHPB.

O percurso trilhado

A tese, tendo em vista seu eixo norteador – a reconstituição da história social linguística do Brasil – situa-se numa perspectiva interdisciplinar, já que, como bem nos ensina Martin (2003, p. 136) "[...] a história de uma sociedade, de sua cultura, de suas mentalidades, é indissociável da história de sua língua: a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum.".

A língua compartilhada pela vida social carrega consigo os vestígios da história comum dos homens, e os documentos escritos constituem-se como o único recurso para acessar essa língua do passado e a memória social de uma sociedade. Nesse contexto, a Linguística Histórica, que "[...] durante décadas voltou-se quase que exclusivamente para a história interna das línguas" (ABREU, 2011, p. 43), tem dialogado com diferentes áreas do saber, a fim de estabelecer uma metodologia capaz de integrar a história interna e externa da língua (FARACO, 2005, p. 63).

Sob essa perspectiva, o diálogo entre a História Social da Cultura Escrita e os estudos linguístico-filológicos apresenta-se como um viés capaz de garantir a reconstituição de sócio-histórias, de práticas de leitura e escrita em espaços oficiais e extraoficiais, por meio da análise dos usos e funções sociais da escrita. O aporte teórico-metodológico das referidas áreas dá base ao estudo aqui proposto: a Linguística Histórica e a Filologia garantem o tratamento e o estabelecimento do texto através da edição, enquanto a História Social da Cultura Escrita, em associação com aspectos metodológicos da Micro-

História, além de colaborar para a história do texto, fornece bases para a história da escolarização.

Esses elementos são fatores essenciais para a compreensão da mudança linguística, pois trazem para a pesquisa o caráter sócio-histórico da língua, ratificando o fato de que há "uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social que geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudança linguística." (FARACO, 2005, p. 66).

O linguista russo Valentin N. Voloshinov (1895-1936), crítico ferrenho das perspectivas imanentes da língua, segundo Faraco (2005, p. 66), explica que:

> É nessa mesma ordem (isto é, do social para o linguístico) que se dá o processo real da mudança linguística: as relações sociais mudam; a comunicação e a interação verbais mudam no quadro dessas relações sociais; as formas dos atos de fala mudam em consequência das mudanças na interação; e, finalmente, esse processo de mudanças se reflete na alteração das formas da língua. (VALOSHINOV, 1979, p. 110 apud FARACO, 2005, p. 66)

Os fundamentos da Linguística atual de base empírica, descritos anteriormente, já encontravam base de sustentação no século XVI. Basta lembrarmos que, mesmo antes de a Linguística s*tricto sensu* existir, Fernão de Oliveira, em sua Grammatica da Lingoagem Portuguesa, de 1536, afirma que "os homens fazem a língua, não a língua os homens" (cap. IV, l. 2-7) e que "Mui poucas são as cousas que duram por todas ou muitas idades em hum estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juizos e tratos dos homens" (cap. XXXVI, l. 2-7), conforme Torres (2000).

Tendo em vista a discussão apresentada, esta tese tem como objetivo geral colaborar com a reconstituição da história social linguística do Brasil, investigando as histórias parciais, especificamente, no sertão baiano, através da edição semidiplomática do *Livro de Razão,* feita com base na edição fac-similar realizada por Jorge Viana Santos, e do estudo das práticas de escrita do manuscrito do Brejo do Campo Seco, documento de foro privado, representativo do multifacetado quadro linguístico brasileiro, no contexto sócio-histórico da Bahia rural oitocentista, que faz parte do banco de dados do NELP, o DOHS/CE-DOHS, que recebeu a anuência para trabalhar com os materiais do Brejo, sob a guarda de Dr. Lycurgo de Castro Santos Neto, em 2012.

Para alcançar o objetivo geral, pretendemos elaborar a caracterização sócio-histórica da fazenda do Brejo do Campo Seco e da região onde ela se localiza; fazer a descrição extrínseca e intrínseca do *Livro de Razão*; realizar a edição semidiplomática do

manuscrito; caracterizar socioculturalmente os *scriptores* e estudar os fenômenos grafofonéticos presentes na escrita deles, a fim de elucidar as questões norteadoras da tese, discriminadas a seguir:

1. A edição semidiplomática do *Livro de Razão* e a sua caracterização sócio-histórica podem fornecer um microcosmo da realidade sociocultural da Bahia rural oitocentista?

2. A caracterização dos "tempos do escrito" (CASTILLO GÓMEZ, 2003), na Fazenda do Campo Seco, revela indícios de diferentes formas da escolarização no interior da província da Bahia?

3. Santos Filho (2012), no livro *Uma comunidade rural no Brasil antigo*, ao analisar a produção gráfica dos senhores do Campo Seco, afirma que tanto Antônio Pinheiro Pinto como Inocêncio Pinheiro Canguçu seriam pouco instruídos, porque a grafia nos seus registros demonstra ausência de conhecimentos linguísticos elementares. A insegurança da letra e a ausência de conhecimentos linguísticos elementares presentes no *Livro de Razão* representam, de fato, "erros ortográficos", como defende Santos Filho (2012)? Seriam os senhores do Campo Seco pouco instruídos?

4. A análise grafofonética da escrita de Antônio Pinheiro Pinto e de Inocêncio Pinheiro Canguçu apresenta elementos para uma aproximação do português falado no Brasil, especialmente no interior da Bahia, no passado?

5. De que maneira o estudo de histórias parciais e localizadas podem ser úteis para a reconstituição de uma história social e linguística do Brasil?

A organização da tese.

A tese está organizada em dois volumes. O volume I compõe-se de cinco seções. Na primeira seção, intitulada *De muitas histórias para uma história social linguística do Brasil* , oferecemos ao leitor um breve retrospecto dos caminhos já trilhados em busca da reconstituição histórica do português brasileiro, uma das faces da história da língua portuguesa, destacando o conjunto de cinco *corpora* oriundos da Bahia. Ainda nesta seção, apresentamos o *corpus*, objeto de estudo, – O *Livro de Razão* – e a proposta da tese.

Na segunda seção, como bem denuncia seu título – *Percursos teórico-metodológicos trilhados*–, situamos o leitor em relação aos caminhos metodológicos adotados, numa perspectiva interdisciplinar, a fim de alcançar os objetivos pretendidos.

Na terceira seção, *Do fac-símile à edição semidiplomática do Livro de Razão: o corpus, o contexto de produção e os scriptores,* valendo-nos do arcabouço teórico da Filologia e da História Social da Cultura Escrita, descrevemos e contextualizamos o *corpus*, explicamos a formação da Fazenda do Campo Seco , em Bom Jesus dos Meiras, e elaboramos o perfil social dos *scriptores.* Além disso, enfatizamos a importância das humanidades digitais no processo de edição de textos, destacando a criação de um site para a disponibilização das edições do *Livro de Razão*.

Em *O sertão por escrito: do controle de finanças aos fragmentos da vida cotidiana na Bahia rural oitocentista*, quarta seção, por meio da análise da escrita dos senhores do Campo Seco, considerando a instrumentalização do texto (SPINA, 1977), o aparato metodológico da História Social da Cultura Escrita (PETRUCCI, 1999), (CASTILLO GÓMEZ, 2003) e aspectos da Micro-História (GINZBURG, 1987), procuramos apresentar indícios da vivência no sertão da Bahia oitocentista, descrevendo aspectos desde a vida comercial até o processo da penetração e difusão social da escrita no Campo Seco.

Na quinta e última seção, intitulada "*Pelas mãos se faz a escrita": da descrição grafemática aos indícios da oralidade no sertão oitocentista,* temos um estudo descritivo dos índices grafofonéticos identificados na produção gráfica dos senhores do Campo Seco. A seção está dividida em duas partes: na primeira, além da descrição intrínseca do *Livro de Razão*, realizamos um estudo das abreviaturas e da variação grafemática dos "punhos" dos scriptores e, na segunda parte, o foco é a análise das possíveis marcas de oralidade obtidas a partir da escrita fonetizante de cada *scriptor.*

Encerramos o Volume I com as considerações finais, nas quais são sintetizadas, em tópicos, as conclusões alcançadas com o estudo.

No Volume II, o leitor encontrará as edições fac-similar e semidiplomática do *Livro de Razão*. Acompanham, também, as edições uma breve apresentação, os critérios utilizados, a ficha biográfica dos *scriptores*, o conjunto de dados extraídos para a análise e um índice analítico das edições.

1

DE MUITAS HISTÓRIAS PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL

> [...] está ainda por ser reconstruído, com o detalhamento possível, o processo do encontro politicamente assimétrico entre a língua portuguesa, língua de dominação com muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas, primeiro as africanas, depois as línguas de imigrantes, que tornaram esta área americana, multilíngue de origem, ainda mais complexa linguisticamente. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 11)

Iniciamos esta seção com o trecho colhido de Mattos e Silva (2004), pois sua vasta obra, na segunda metade do século XX, como bem lembra Lobo (2015, p. 69), "representa um pensamento vivo e instigante" sobre a história social linguística do Brasil, objetivo de nossa sintética reflexão. No entanto, ciente de que não é tarefa simples executá-la, abordaremos apenas uma vertente dessa história que, por si só, já é demasiadamente densa: o português brasileiro.

Ao afirmar que a composição de nosso quadro linguístico deu-se de forma assimétrica, a autora revela o caráter heterogêneo que impactou a constituição histórica do português brasileiro. Faraco (2018), discorrendo sobre os aspectos da história socioeconômica e linguística do Brasil apresenta, sinteticamente, fatores que caracterizam a heterogeneidade que perpassa a história de nossa língua. A citação, embora longa, merece ser lida, pois amplia os horizontes para a pesquisa sobre o tema. Diz o autor:

> A progressiva unificação territorial que a descoberta do ouro proporcionou; o deslocamento de grandes contingentes populacionais para a região aurífera; a vinda maciça de portugueses metropolitanos; as redes comerciais que se criaram para o abastecimento das Minas Gerais (unindo o Centro, o Nordeste, o Sul, São Paulo e o Rio de Janeiro e, assim, favorecendo o trânsito inter-regional da língua portuguesa); o estabelecimento de uma sociedade urbana em grau até então nunca visto nos espaços coloniais (o que fez surgir e crescer um segmento socioeconômico médio e letrado praticamente inexistente nos séculos anteriores) – todo esse novo quadro econômico e social teve um impacto duradouro na

> história da língua portuguesa no Brasil, seja em sua dimensão dita culta, seja em sua dimensão dita popular. (FARACO, 2018, p. 29)

Sabemos da importância dos fatores elencados pelo autor para a compreensão da história do português brasileiro, por isso faz-se necessário entender, ainda que resumidamente, como eles contribuíram para a passagem de um país de multilinguismo para um país de perfil sociolinguístico polarizado e plural. Para tanto, organizamos esta seção assim: em 1.1 discutimos, brevemente, os perfis sociolinguísticos do Brasil, enfatizando o contexto de passagem do multilinguismo à polarização linguística; as possibilidades de pesquisa para a reconstituição da história do português brasileiro são apresentadas em 1.2; a partir de 1.3, expomos uma pequena amostra de *corpora*, oriundos da Bahia, que ajudam a caracterizar o quadro linguístico brasileiro. No item 1.4, o foco são dois novos documentos – as Declarações de Terras e os Livros da Fazenda, com ênfase no Livro de Razão, *corpus* desta tese, e na proposta de estudo realizado.

1.1 DO MULTILINGUISMO À POLARIZAÇÃO LINGUÍSTICA: FORMAÇÃO E DIFUSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Afirma Houaiss (1985, p. 91) que o "português brasileiro nasce com diversidade." Refletindo sobre essa questão, Mattos e Silva (2004, p. 21) destaca que o português brasileiro não apenas nasce com diversidade, mas vive e convive com ela, tanto regional como social. A discussão apresentada pelos referidos autores abre caminho para se discutir sobre a formação e difusão do português do Brasil ao longo do tempo.

Para entender esses dois aspectos, é importante pensar na ocupação territorial do país e nos "atores" que fizeram parte de nossa cena sociolinguística. Faraco (2018) destaca a importância dos centros propulsores na formação da sociedade brasileira, que resultou de "processos muito heterogêneos e conectados não a um, mas a vários centros propulsores" (FARACO, 2018, p. 24). Conforme o referido autor, a dinâmica colonial estabeleceu ilhas socioeconômicas entre os séculos XVI e XVII, que só estabeleceram conexões regulares no século XVIII. Destaca como os principais centros econômicos responsáveis pela ocupação territorial do Brasil São Vicente, São Paulo, Olinda, Recife, Salvador, São Luís e Belém. (FARACO, 2018, p.25-27).

Nesse contexto mobilizado pelas diferentes atividades econômicas que atraíram o colonizador, houve um constante fluxo migratório interno que fomentou a exploração da mineração, da agricultura e da criação de gado, fato que favoreceu a criação de vilas e,

posteriormente, de cidades, principalmente nos lugares mais distantes, promovendo a chegada de escravizados em diferentes espaços do território brasileiro, principalmente no século XVIII, com a descoberta do ouro.

O desenvolvimento de atividades, que por muito tempo ditaram o ritmo da economia colonial, motivou, para além da ocupação do território, a constituição do multilinguismo generalizado, que predominou no Brasil até a primeira metade do século XVIII, conforme Mattos e Silva (2004).

A partir da segunda metade do século XVIII, de acordo com Mattos e Silva (2004, p. 20-21), a emergência de uma língua nacional é condicionada pela política linguística do Marquês de Pombal, que definiu o português como língua da colônia, além dos aspectos relativos à miscigenação e à presença maciça de "falantes de variedades diatópicas distintas do PB em gestação em contato" (LOBO, 2018, p. 54), em decorrência do auge do ciclo da mineração.

Temos então, nesse período, a passagem de um multilinguismo generalizado para o multilinguismo localizado que se constituiu "a depender da conjuntura histórica local dos séculos anteriores" (MATTOS E SILVA, 2004, p. 20). Esse quadro linguístico contribuiu para a "vitória" da língua do dominador, que se sobrepôs às línguas gerais – paulista ou amazônica – já difundidas em grandes áreas e também a uma possível língua africana veicular, ampliando o seu alcance no território brasileiro (LOBO, 2018).

Um olhar sobre os dados populacionais do Brasil, do século XVI ao XIX, expostos na tabela a seguir, e uma reflexão atenta sobre eles nos ajudam a entender o contexto descrito anteriormente.

Tabela 1- Situação populacional brasileira nos séculos XVI ao XIX

Etnias	**1538-1600**	**1601-1700**	**1701-1800**	**1801-1850**	**1851-1890**
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-----	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-----	10%	19%	34%	42%
Brancos brasileiros	-----	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	0%	4%	2%

Fonte: Mussa (1991, p. 163)

Os dados indicados acima revelam o predomínio de etnias não brancas durante mais de trezentos anos. Embora a população de índios integrados tenha sido brutalmente reduzida ao longo dos séculos, a população composta por africanos, negros brasileiros e

mulatos, ainda representa a maioria da população no século XIX. Diante desse contexto, por quais razões, no processo de transposição do multilinguismo generalizado para o multilinguismo localizado, nenhuma língua africana permaneceu sendo falada.

A não constituição de núcleos linguísticos africanos duradouros foi motivada por vários fatores. Lobo (2018) menciona a separação de escravos pertencentes à mesma etnia e língua durante o processo do tráfico, além da "não constituição plena de famílias de escravos" (LOBO, 2018, p. 57). Para Faraco (2018, p. 27), a convivência no interior do navio com feitores, durante o período de espera para o embarque na costa africana, fazia com que os escravizados, no processo de interação, tivessem acesso à língua portuguesa, ainda que de forma simplificada.

Outros elementos explicam a adoção do português como língua franca por alguns escravizados, mesmo que de forma precária. Segundo Faraco (2018, p. 28), a existência de escravizados-intérpretes nos navios negreiros era um contexto favorável para o uso da língua portuguesa como elo entre os capitães e os escravizados a fim de garantir a comunicação e prevenir possíveis revoltas. Além disso, o comércio interno de escravizados, motivado pelos "deslocamentos dos centros econômicos do Nordeste para Minas e, depois, para o vale do Paraíba do Sul" (FARACO, 2018, p. 28) colaborou para o contato com pessoas diferentes, o que viabilizou a alteração dos usos linguísticos.

Se os escravizados não conseguiram estabelecer o uso de uma língua africana, não significa que foram totalmente silenciados. Para entender, então, como esse grupo populacional conseguiu se fazer "ouvir" nesse processo linguístico, Mattos e Silva (2004), retomando a metáfora "*Uma multidão obscura que jamais teve voz própria*", extraída do livro "*Ser escravo no Brasil*", da historiadora Kátia Mattoso, explica que os negros escravizados, do século XVI, mais precisamente a partir da terceira década, até 1888, não tinham "voz", isto é, não possuíam direitos, nem eram respeitados, pois só existiam socialmente como coisa, mercadoria. Entretanto, como "mercadoria humana", essa multidão, nas palavras de Mattos e Silva (2004) tinha voz – ouvia, falava –, portanto:

> "voz" não mais no sentido metafórico utilizado pela historiadora, e será essa voz a marcar, reformular dar o tom à gramática do vernáculo brasileiro, vernáculo entendido como língua materna de falantes com história de vida familiar e pessoal, sem interferência de escolarização, ou, se quisermos, ao chamado português popular brasileiro ou normas vernáculas que interpenetram o chamado português culto ou normas cultas." (MATTOS E SILVA, 2004, p. 92)

Ao se referir à voz dessa “multidão obscura”, Mattos e Silva (2004) desmistifica a ideia de “influência africana” na história da língua portuguesa e traz do papel de coadjuvante , na cena linguística brasileira, para ocupar o centro do palco, o protagonismo, os africanos e os afrodescendentes como os formadores e difusores da vertente popular do português brasileiro. Formadores porque, em situação de transmissão linguística irregular, adquiriram a língua portuguesa como L2. Faraco (2018, p. 33) detalha o processo dessa aquisição:

> O português, na experiência interacional de milhões de aloglotas (falado, portanto, basicamente como língua segunda) – que viviam em posição socioeconômica subalterna, sem direito à escolarização e, por consequência, sem acesso continuado e frequente a modelos consistentes de prestígio – foi passando por transformações, caracterizadas em especial por simplificação ou eliminação de certas estruturas, em especial da morfologia flexional, que desembocaram no português popular brasileiro. (FARACO, 2018, p. 33)

Some-se a esse contexto de aquisição, no qual não há a formação de uma nova língua, mas o surgimento de variedades da mesma língua (FARACO, 2018, p.33), fatores relacionados à demografia histórica e à mobilidade social dos escravizados no território brasileiro (MATTOS E SILVA, 2004, p. 130) e temos uma explicação para entender porque foram os africanos e os afrodescendentes os principais difusores dessa vertente da língua portuguesa.

Do contato entre línguas e da aquisição irregular do português emerge o português popular brasileiro (LUCKESI, 1994; MATTOS E SILVA, 2004; FARACO, 2018), compondo, conforme Luckesi (1994), a polarização sociolinguística brasileira (português popular e português culto), motivada, sobretudo, pelas questões socioeconômicas predominantes no período colonial.

Enquanto a vertente popular identificava os escravizados e a população pobre, principalmente, no interior, local de maior concentração da maior parte dessa população, no período colonial (LUCKESI, 2004), a vertente culta esteve sob os cuidados de uma elite colonial assim descrita por Faraco (2018):

> O grupo social dominante – a boa sociedade, a elite socioeconômica e letrada, à qual se foram agregando os segmentos médios em crescimento desde a sedimentação dos núcleos urbanos da região mineira no século XVIII – constituiu, como falante de variedades prestigiadas da língua, o polo responsável pela lusofonização por cima da sociedade brasileira, garantindo, por seu turno, a relativa uniformidade do português brasileiro culto. (FARACO, 2018, p. 34)

A relativa uniformidade do português brasileiro culto preconizado pela pequena elite tradicional, a partir do século XIX, começa a ser desenhada com a chegada da corte

portuguesa no Rio de Janeiro e seus desdobramentos para a colônia, a partir de 1808, e posteriormente com "a boa intenção de tornar o ensino universal e obrigatório" a partir da Constituição de 1823 (FARACO, 2018).

Partindo da ideia de que "[...] a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum." (MARTIN, 2003, p. 136), buscar reconstituir a história da língua portuguesa é, sobretudo, entender a diversidade sociocultural que garantiu essa identidade múltipla a nosso país. Como bem lembra Faraco (2018), portanto, "não se pode falar de uma história sociopolítica única da língua portuguesa no Brasil. Numa sociedade polarizada socioeconomicamente desde o início da colonização, a língua caminhou, de fato, por duas grandes trilhas paralelas, cada qual com sua própria dinâmica." (FARACO, 2018, p. 35).

Como, então, seguir as trilhas da história social linguística do Brasil diante desse quadro multifacetado que é a língua portuguesa? Os caminhos já trilhados serão discutidos brevemente a seguir.

1.2 CAMINHOS PARA A RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL

Pelo quadro sócio-histórico que foi apresentado, percebemos que reconstituir a detalhada história social linguística do Brasil é uma tarefa que deve considerar a diversidade populacional, as questões de mobilidade territorial, além das diferentes línguas que aqui se estabeleceram. Entretanto, como já afirmava Mattos e Silva (2004), não é trabalho para poucos nem por pouco tempo. Ciente disso, concentramos nossos esforços em entender uma das faces de nossa língua – o português brasileiro – que, por si só, já garante muitos desafios ao pesquisador, em virtude de sua formação heterogênea.

A respeito da pesquisa sobre a história da língua portuguesa no Brasil, Antônio Houaiss, em 1985, já enfatizava que, àquela época, não tínhamos os requisitos necessários para pesquisar, conhecer e elaborar uma história de nossa língua. Para preencher essa lacuna, propôs o referido autor quatro vias de investigação que tratam da temática, assim descritas: 1ª- *o levantamento de depoimentos diretos e indiretos, 2ª - o mapeamento da dialetologia brasileira, 3ª - o incremento da dialetologia vertical e 4ª - a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias, numa leitura exclusivamente linguística* (HOUAISS, 1985, p. 127-128).

As vias propostas pelo autor serviram de inspiração para diversos grupos e pesquisadores que se organizaram e buscaram criar as condições de pesquisas necessárias para a reconstituição de nossa história linguística. Destacamos aqui o PROHPOR, gestado e liderado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia, em 1990, cadastrado no CNPQ em 1991, pioneiro nos estudos da constituição histórica da língua e, seis anos depois, em 1997, nasce o PHPB, um projeto nacional, liderado por Ataliba de Castilho, com equipes regionais atuando, inicialmente, nos campos:

i) constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de natureza vária, escritos no Brasil, a partir do século XVI;

ii) estudos de mudanças linguísticas depreendidas na análise dos *corpora* constituídos;

iii) reconstrução da história social linguística do Brasil.

Da constatação feita por Houaiss até os nossos dias, muito já foi feito. As vias 2 e 3 têm alcançado maiores êxitos. Em relação à via 2, *o mapeamento da dialetologia, brasileira,* vale destacar a atuação do projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, cuja sede regional situa-se da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que investiga e analisa as questões referentes à dialetologia. A via 3, *o incremento da dialetologia vertical,* desenvolveu-se através de projetos como o da *Gramática do Português Falado (1988-2011)*, na Universidade de Campinas (UNICAMP), o *Programa de Estudo sobre o Uso da Língua (PEUL)*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Projeto Vestígios de Dialetos Crioulos em Comunidades Rurais Afro-Brasileiras Isoladas – Projeto Vertente, além do impacto causado pela Sociolinguística Paramétrica.

A primeira e a quarta vias, segundo Mattos e Silva (2004), diferente do que ocorre com as outras duas, ainda precisam de muitas investigações, pois envolvem dois aspectos: "*fatos das sucessivas distribuições demográfico-linguísticas*" e a " *penetração da língua escrita no Brasil"*. A dificuldade em atender ao que se propõe na primeira via recai sobre outros dois fatores complexos: o primeiro refere-se ao levantamento de fontes escritas representativas de séculos passados e o segundo relaciona-se às questões da demografia histórica.

Quando pensamos em fontes escritas capazes de espelhar a língua pretérita, devemos considerar a representatividade dos grupos populacionais que tiveram acesso à escrita. Nesse contingente populacional, como explica Lobo (2009), "a pena esteve nas

mãos de portugueses, ‘brancos’ brasileiros, africanos, índios e imigrantes – todos, com maior ou menor perícia, escrevendo em português (LOBO, 2009, p. 312)”. Recuar no tempo e recuperar essas fontes é um trabalho árduo, principalmente se considerarmos as condições dos arquivos e, muitas vezes, a falta de preparação do pesquisador, que não tem a formação específica na prospecção desses arquivos.

Entender a complexidade da demografia histórica é outro fator essencial para a execução da primeira via. Mattos e Silva (2004, p. 34) explica que “a história demográfica fornece pistas interessantes e significativas para a história das línguas”. Sabendo que a dinâmica da população brasileira, especialmente no período colonial, foi muito intensa, entende-se por qual razão a autora defende a observação desse aspecto aos se estudar a trajetória do português brasileiro, considerando “[...] o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 34).

A quarta via proposta por Houaiss, *a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias, numa leitura exclusivamente linguística,* é outra vertente muito importante para a compreensão do caráter polarizado e plural do português brasileiro. Nesse campo de pesquisa, temos as políticas linguísticas que perpassaram a história do Brasil – a política dos jesuítas e, mais tarde, a política pombalina, no século XVIII (MATTOS E SILVA, 2004, p. 34). Há um porém! Considerar apenas os espaços institucionais para realizar a história da escolarização no país é sustentar uma política de caráter excludente e concentrador, pois, não é segredo que “o processo de literatização do Brasil foi lento e de má qualidade” (MATTOS E SILVA, 2004, p.59), isto é, a instrução pública foi destinada a um grupo seleto da população. Logo, analisar apenas os dados oriundos desse grupo é elaborar uma história incompleta da escolarização no Brasil. Por essa razão, é necessário considerar as histórias de acesso à escrita pelo viés não institucional. Nesse sentido, alguns estudos no campo da História da Educação e, principalmente, as pesquisas na área da História Social da Cultura Escrita têm sido fundamentais para dar conta dessa outra vertente esquecida pelos estudos que se centram nos dados oficiais.

Do encontro entre a a primeira e quarta vias propostas por Houaiss, Mattos e Silva (2004) apresenta quatro grandes campos de pesquisas para recuperar uma história do português brasileiro. São os seguintes:

> (a) O campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil; (b) O campo que se moverá na reconstrução de uma sócio-história linguística ou de uma sociolinguística histórica; (c) O campo que se moverá na reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro; (d) O campo que se moverá no âmbito comparativo entre o português europeu e o português brasileiro (MATTOS E SILVA, 2004, p. 58).

Focalizamos o campo a, que abarca o levantamento de fontes, a demografia histórica e a escolarização. Para Mattos e Silva (2004), esses fatores são essenciais para a compreensão da coexistência das vertentes polarizadas do PB: a vertente culta e a vertente popular. No entanto, como já foi discutido, não é um trabalho simples contar essa história tão rica e ampla de forma detalhada, embora ela seja importante. Para superar os desafios da pesquisa, propõe a autora que o campo a, "será aquele fundado na história do Brasil. [...] em que o historiador da língua estará mais próximo do historiador *tout court*" (MATTOS E SILVA, 2004, p. 58), ou seja, um diálogo interdisciplinar com pesquisadores da história e de outros campos do saber, como detalha a seguir:

> [...] pelos que fazem história social – ou numa perspectiva antropológica ou numa perspectiva da chamada nova história, que não se reporta apenas aos grandes acontecimentos, mas a evidências de vários aspectos do cotidiano dos diversificados agentes da história – pode-se levantar indícios que permitam fundamentar uma aproximação à história social da linguagem. Pelo que tenho podido observar, os avanços sobre o passado da sociedade brasileira realizados por esses cientistas são essenciais para uma aproximação menos generalizante da história social linguística do Brasil [...].(MATTOS E SILVA, 2004, p. 70)

Aproximação é o termo que melhor define o diálogo sugerido por Mattos e Silva (2004). A autora expõe caminhos que se intercruzam com as mudanças ocorridas no paradigma historiográfico do século XIX, destacando a importância dos estudos sobre os aspectos da vida cotidiana, antes rejeitados pelo viés científico, como elementos capazes de revelar indícios "para uma aproximação menos generalizante da história social linguística do Brasil" [...]. (MATTOS E SILVA, 2004, p.70). Reforçando a defesa do método indiciário como um recurso para auxiliar a reconstituição histórica do nosso multifacetado quadro linguístico, a autora comenta que

> Uso a designação "indícios", não como um termo da nossa linguagem corrente, mas no sentido metalinguístico tal como proposto pelo antropólogo-historiador Carlo Ginzburg, no seu sugestivo estudo, Sinais: raízes de um paradigma indiciário (1989:143-180), em que argumenta e demonstra que a história, e acrescento eu, a história social das línguas, assim como outras áreas do saber organizado, se inserem num paradigma indiciário [...] (MATTOS E SILVA, 2004, p. 70)

O caminho para se estudar a história do PB está bem nítido. Some-se isso à relação mútua entre a Linguística Histórica e a Filologia, fundamental para o estabelecimento de um texto que se aproxime ao máximo do original, as propostas sugeridas por Houaiss (1985) e Mattos e Silva (2004) e temos a possibilidade de contribuir com uma história social linguística do Brasil, investindo nas micro-histórias linguísticas "a fim de abarcar aspectos diversos e particulares do multifacetado quadro linguístico brasileiro, até para que as sínteses generalizantes pudessem, no futuro, ser mais solidamente construídas." (LOBO, 2009, p. 306-307).

1.3 PARA UMA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: "O QUE É QUE A BAHIA TEM?"

A discussão realizada até o momento esclarece que, para a reconstituição da história social linguística do Brasil, é preciso desenvolver estratégias que compreendam os fatores que tornam o país múltiplo e heterogêneo do ponto de vista linguístico e sociocultural. É fato que muito já foi feito nesse sentido ao longo do tempo, basta lembrar que já existe um conjunto de *corpora* editados e uma série de estudos, que contemplam vários fenômenos de língua, em diferentes perspectivas.

Não seria proveitoso indicar aqui todos ou quem sabe uma boa parte dos referidos trabalhos, uma vez que eles são amplamente divulgados, seja por meio de artigos, das próprias teses e dissertações, ou através dos projetos coletivos de pesquisa. No entanto, elencamos a seguir quatro *corpora* que, juntos, atendem à ideia de uma abordagem social e linguística que aborda fatos variados e particulares do português brasileiro (MATTOS E SILVA, 2004; LOBO, 2009; FARACO, 2018), na Bahia, entre os séculos XVIII e XX. São os seguintes:

1. O *corpus* organizador por Carneiro (2005), constituído por cartas pessoais de ilustres nos séculos XIX e XX;
2. O *corpus* editado por Oliveira (2006), constituído por atas escritas por africanos, na Bahia, no século XIX;
3. O *corpus* de Santiago (2019), constituído por cartas pessoais, escritas por sertanejos cujo processo de escolarização ocorreu de forma extraoficial no interior da Bahia, no século XX;

4. O *corpus* de Souza (2019), constituído por documentos referentes à questão da escolarização indígena, nos séculos XVIII e XIX;

Os *corpora* listados apresentam particularidades que, unidas, colaboram para uma visão mais detalhada de nossa história linguística. De forma geral, são gêneros textuais diversificados (cartas pessoais, atas, documentos oficiais), alcançam diferentes grupos que tornam nossa população tão plural (negros, índios, sertanejos pobres e pessoas ilustres do interior e da capital da província), a identificação diatópica com o limite definido (Bahia), a definição temporal (Séculos XIX e XX), o contexto político e social demarcado, a descrição do perfil social da comunidade e dos sujeitos analisados, captando aspectos importantes de nossa língua a partir de uma abordagem que também atende totalmente ou parcialmente a agenda do PHPB, que acrescentou, em sua atual proposta de trabalho, dois novos tópicos, a saber: Tradições discursivas – abordagem diacrônica dos processos constitutivos do texto –, e História do léxico (CASTILHO, 2018) e as vertentes de pesquisa elaboradas por Mattos e Silva (2004).

1.3.1 Os ilustres – *corpus* de Carneiro (2005)

A tese de Carneiro (2005), intitulada *Cartas Brasileiras (1809 - 1904) Um estudo linguístico-filológico,* apresenta a edição fac-similada do *corpus* formado por 500 cartas manuscritas, produzidas por indivíduos brasileiros, entre 1809-1904. O *corpus*, de acordo com a autora, permite opor duas variantes: textos escritos por brasileiros cultos nascidos e/ou educados em regiões urbanas e textos escritos por brasileiros semicultos e não cultos nascidos/radicados no interior.

Atendendo aos critérios do PHPB, Carneiro (2005) organizou a tese em três frentes. Primeiro constituiu o *corpus* e o preparou por meio de uma edição diplomático-interpretativa, já que o objetivo primordial era a extração de dados linguísticos. Além da edição, a autora elaborou uma ficha com o maior número possível de informações sobre os remetentes, a fim de localizá-los no tempo e no espaço, revelando uma identidade que não se restringiu aos dados pessoais, já que se nota a presença de dados complementares sobre a vida dos missivistas. Antes de realizar o estudo linguístico sobre a colocação dos clíticos, há uma caracterização da situação educacional no Brasil, com destaque para a Bahia, nos séculos XVIII e XIX, período em que os autores das cartas tiveram acesso à escolarização.

Sobre o *corpus*, especificamente, Carneiro (2005, p. 79-80) conclui que:

> são documentos relativamente homogêneos. Definem-se, sobretudo, como mensagens particulares escritas por um número relativamente grande de pessoas, ao todo 217, que escrevem sem preocupações estéticas excessivas [...]. Trata-se de cartas fechadas, por oposição às circulares. Prevalecem as correspondências particulares trocadas entre amigos e familiares. São cartas autógrafas, sendo raras as apógrafas, escritas por indivíduos quase todos identificados (CARNEIRO, 2005, p. 79-80).

A respeito da autoria das cartas, Carneiro (2005, p. 90) identifica a existência de uma elite brasileira inserida nas práticas de escrita. Ao organizar a documentação em três partes, assim caracteriza os escreventes que aparecem na 1ª e 2ª partes:

> compõem-se dos nascidos em regiões costeiras, ou descendentes daqueles brasileiros e portugueses que enriqueceram no interior e de lá se deslocaram para estudar em faculdades nacionais ou universidades no exterior, sobretudo, em Coimbra, e por descendentes de portugueses costeiros. Uma gente, sobretudo, branca. São homens que ocuparam os mais altos postos administrativos brasileiros [...].

Em relação às missivistas organizados na 3ª parte do *corpus*, relata Carneiro (2005) que eram homens do interior que não tinham curso universitário, mas que exerciam o domínio regional, por serem grandes proprietários de terras e possuírem patentes da Guarda Nacional, controlando a política local e garantindo a ordem interna. Essa situação também foi confirmada em Campo Largo, na dissertação de Silva (2015), que identificou uma porcentagem de quase metade dos fazendeiros analisados declarando não saber ler e escrever nas Declarações para o registro das terras em 1859.

Embora Carneiro (2005) trabalhe com um corpus constituído por pessoas de diversas partes do Brasil, é possível, considerando a quantidade e a qualidade dos documentos analisados, a construção de um subcorpus a partir da reunião das cartas escritas, por exemplo, por pessoas nascidas ou radicadas no interior da Bahia, já que, entre os 217 remetentes, foram identificados 89 baianos da capital e do interior inseridos numa prática social de escrita nos séculos XIX e XX.

1.3.2 Os africanos – *corpus* de Oliveira (2006)

Mattos e Silva (2004, p. 59) afirma que recuperar os processos linguageiros tendo como foco o contato das línguas africanas com o português seria difícil, pois esse contato está "diluído e entremeado no todo da história social do Brasil.". Não há dúvidas em

relação à dificuldade citada pela autora, entretanto, mesmo em meio essa dificuldade, Klebson Oliveira, saudoso professor da Universidade Federal da Bahia, localizou uma vasta documentação escrita, no século XIX, por africanos e afrodescendentes libertos e livres, preservada na Sociedade Protetora dos Desvalidos, uma irmandade negra de Salvador, fundada em 1832.

Esses documentos são muito importantes para a história da língua portuguesa, pois faz ecoar, de certa forma, a "voz" daqueles que não nasceram escravos, porém foram submetidos a tal condição. Sobre este corpus, Oliveira e Lobo (2009) escreveram:

> São fontes que, se supõe, devam permitir uma reconstrução significativamente mais aproximada das chamadas normas vernáculas do português brasileiro. Desvelam, nas investigações sobre a história da cultura escrita no Brasil, um campo de estudos ainda quase por explorar: o dos caminhos trilhados por negros livres e libertos, integrantes de grupos sociais subalternos, para aprender a ler e escrever. (OLIVEIRA ;LOBO, 2009, p. 36)

As fontes encontradas por Klebson Oliveira são consideradas um achado e constituem-se por documentos, sobretudo as atas de reuniões da Sociedade Protetora dos Desvalidos. O referido autor fez uma edição conservadora, no mestrado, de 111 desses documentos e, no doutorado, ainda estudando a escrita de negros na Bahia do século XIX, editou um total de 290 documentos, com ênfase para as atas, que foram selecionadas da seguinte maneira:

> Elegeram-se, num primeiro momento, os mais antigos escritos na Sociedade, constantes em um livro em cujo rótulo se lê 'Relíquia da Fundação da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Livro de termos do ano de 1832' e que contém documentos escritos ao longo das décadas de 30 e 40 de oitocentos. Mas se quis um corpus que contemplasse textos escritos na SPD desde a sua fundação até a última década do século XIX, por conta disso a seleção foi para outros tempos, além das décadas referidas, mas se fez questão de que, com mais ou menos exemplares, todas fossem contempladas. Teve-se como outros critérios: que todas as décadas se representassem com textos escritos por mais de uma mão – duas, pelo menos – e a legibilidade dos documentos. Isso posto, selecionaram-se 290. (OLIVEIRA, 2006, p. 197)

Verificamos o zelo do autor no que diz respeito à representatividade do *corpus* ao buscar apresentar textos que contemplassem um período de tempo maior e fossem escritos por mais de uma mão. De forma sintética, o *corpus* foi assim organizado:

Quadro-1: Distribuição dos documentos por década

DÉCADA	NÚMERO DE DOCUMENTOS
1830	81
1840	57

1850	00
1860	52
1870	06
1880	61
1890	33
TOTAL	**290**

Fonte: Oliveira (2006, p. 198)

A tese de Klebson Oliveira é considerada um trabalho monumental não só pelo seu tamanho, mas, principalmente, pela qualidade dos dados apresentados. O autor constrói uma história das práticas de escrita por africanos no século XIX, além de enquadrá-la nos três campos da agenda do PHPB e nas propostas de trabalho sugeridas por Mattos e Silva (2004) da seguinte maneira:

> 1. Constitui um corpus ao apresentar a edição dos 290 documentos da SDP.
> 2. Realiza um estudo linguístico sobre os documentos, abordando fenômenos como a segmentação gráfica, grafias para sílabas complexas e as marcas de oralidade na escrita.
> 3. Apresenta dados sobre a escolarização que são essenciais para a reconstituição da história social linguística do Brasil. Neste item, o autor faz um levantamento da situação educacional na Bahia no período em questão e propõe três vias para explicar o fato de esses negros não serem analfabetos. Segundo Oliveira (2006), o acesso à escrita, para esse grupo que foi excluído do processo oficial da escolarização, aconteceu graças às relações afetuosas entre os escravos e a família senhorial, a especialização de certos ofícios, que exigiam conhecimento básico de leitura, escrita e contar; e a representação positiva da alfabetização entre os negros, além do papel das irmandades negras.

Do ponto de vista da representatividade desses documentos no que se refere à língua portuguesa, Charllote Galves (2009, p. 353-354) assim afirma, no Posfácio do livro *África à vista*, que contém dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil, organizado por Tânia Lobo:

> Os documentos estudados nesse livro fogem às expectativas comuns sobre a produção escrita. Encontra-se, com efeito, neles o que nos aparece como uma contradição. Por um lado, [...] a sintaxe das Atas é perfeitamente condizente com a sintaxe portuguesa padrão da época [...]. Por outro lado, observamos, em alguns aspectos, um desempenho profundamente desviante em relação a esse padrão. [...]. Convivem, assim, nas Atas, um domínio da norma quase sem

> falhas, quando consideramos certos aspectos de sintaxe, e um desvio reiterado dessa mesma norma, quando se trata de concordância nominal e verbal. (GALVES, 2019, p. 353-354)

A observação feita por Galves (2009) revela a dupla competência linguística presente nas Atas, o que, nas palavras da autora, contraria a ideia de que os referidos documentos fossem fontes exclusivas do latim vulgar, ou seja, representante de um português popular.

1.3.3 Os sertanejos não ilustres – corpus de Santiago (2019)

O corpus constituído por Huda Santiago insere-se, justamente, no que Oliveira e Lobo (2012) denominaram de "exploração de arquivos", fase dos estudos históricos e diacrônicos marcados pelas seguintes possibilidades: uma reconstrução aproximada do chamado português brasileiro e análise das práticas de leitura e de escrita de indivíduos pertencentes a grupos subalternos, o que os historiadores defensores da nova história nomeiam de história vista de baixo (SHARPE, 1992).

Partindo desse pressuposto, Santiago (2019) localizou o conjunto de cartas, de foro privado, escritas por sertanejos oriundos de três municípios do semiárido baiano, a saber: Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. A autora explica como se deu o processo que garantiu o acesso à documentação:

> Inicialmente, foi localizado, em 2011, um conjunto de 91 cartas, escritas por 43 remetentes, que foi utilizado como corpus da dissertação Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de "mãos cândidas" do sertão baiano (SANTIAGO, 2012). Posteriormente, em 2016, durante as visitas realizadas a alguns desses sertanejos para produção de entrevistas narrativas, localizou-se um acervo com 40 cartas pessoais, datadas, primordialmente, da década de 1970, muitas escritas pelos mesmos redatores do primeiro conjunto de cartas. (SANTIAGO, 2019, p. 60)

Trata-se, portanto, de 131 cartas, redigidas ao longo do século XX, entre os anos de 1906 e 2000. Segundo conta a referida autora, a produção das missivas concentra-se nas décadas de 1950, 1960 e 1970, perfazendo um total de 88 cartas datadas e 43 sem datas (SANTIAGO, 2019, p. 70).

Atendendo a critérios rigorosos, foram realizadas as edições fac-similar e semidiplomática, além da edição digital, com a finalidade de servir, principalmente aos estudos linguísticos. Entretanto, para além das edições, é importante caracterizar os missivistas a fim de garantir a confiabilidade dos dados históricos, sociais e linguísticos. Nesse sentido, os redatores das cartas são lavradores, baianos (53 remetentes – 43 da

primeira parte do corpus e 10 da segunda –, 31 mulheres e 22 homens) com baixas condições financeiras, trabalhadores na agricultura de subsistência e criação de animais, que tiveram contato com as primeiras letras em espaços extraescolares, devido à ausência e/ou precariedade de escolas na zona rural (SANTIAGO, 2019, p. 73).

Após a identificação e caracterização dos missivistas, Santiago (2019) procede na descrição do contexto de produção das cartas, buscando respostas para o que Castillo Gómez (2003, p. 116-122) chama de "os tempos do escrito", ou seja, determinar o período, as condições, contextos e circunstâncias em que os documentos foram produzidos.

Baseando-se em Santos (2000), explica que a região, conhecida outrora como Sertões dos Tocós, foi povoada, inicialmente, por Antônio Guedes de Brito e, em seguida, por João Peixoto Viegas, que adquiriu terras da região, estabeleceu fazendas de gado, depois de combater várias comunidades indígenas, como informa Freire (2011), alertando que não há consenso, entre os estudiosos, sobre os primeiros proprietários das terras do Sertão dos Tocós. (SANTIAGO, 2019, p. 78)

A breve síntese do trabalho de Santiago na composição desse corpus, escrito por pessoas pouco escolarizadas, de uma região semiárida, apresentada aqui, indica a relevância social da pesquisa desenvolvida pela autora que, como se observa, buscou cumprir as agendas do PHBP, formando um corpus por meio de edições baseadas em critérios confiáveis e da identificação sociocultural dos produtores gráficos.

Além desses elementos, na busca por uma reconstrução da penetração da língua escrita na Bahia, isto é, saber como ocorreu o processo de inserção da população estudada nos processos de leitura e escrita, a autora procurou identificar os contextos que possibilitaram a aprendizagem dessas tecnologias. Sobre esse aspecto, relata:

> Não há muitas informações sobre o processo de escolarização formal, nesse espaço, durante o século XIX. Nos Atos do Governo da Província, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, há algumas nomeações de professores de primeiras letras para a região; porém, não foram identificados estudos que comprovem a atuação efetiva de todos esses professores em Riachão do Jacuípe e em Conceição do Coité. As poucas aulas, provavelmente, eram ministradas nas residências, por professores leigos, assim como ocorreu em boa parte do século XX [...] (SANTIAGO, 2019, p. 79)

O quadro educacional descrito não é exclusividade da região estudada pela autora, pelo contrário, representa uma situação muito comum nos demais municípios longínquos de nosso país que, ainda hoje, em menor escala, enfrentam uma série de problemas relativos à educação e em outras áreas. De acordo com Santiago (2019, p. 81), as vias para

recuperar os indícios do processo de aquisição da leitura e da escrita na região não podem ser apenas pelas fontes oficias, mas devem-se buscar outros meios, já que, na primeira metade do século XX, havia poucas escolas, principalmente na zona rural.

No campo linguístico, tendo com uma de suas principais inspiração Oliveira (2006) e outros autores, como Rita Maquilhas, Santiago (2019) elaborou uma proposta de caracterização da morfologia da escrita dos sertanejos, estabelecendo critérios para determinar o grau de habilidade com a escrita a partir da análise da produção gráfica de escreventes de tempos pretéritos.

1.3.4 Os indígenas – *corpus* de Souza (2019)

A tese de Pedro Daniel dos Santos Souza, defendida em 2019, intitulada *Sobre o uso da língua do príncipe: História Social da Cultura Escrita, Reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista,* não tem como objetivo escrever a história do português no Brasil, nem a história do português brasileiro, como bem enfatiza o autor no início de sua discussão. Entretanto, esclarece que as questões que norteiam sua investigação originaram-se justamente nos contextos de estudos da história da língua portuguesa, nos quais muitos aspectos foram silenciados ou esquecidos pela historiografia linguística de nosso país. Desse modo, destaca a emergência da escrita de uma história social linguística do Brasil que considere as muitas histórias a ser construídas, a saber: as línguas autóctones, as línguas africanas de diversos grupos etnolinguísticos e as chamadas línguas de imigração para que, assim, o português brasileiro seja amplamente construído, garantindo uma sócio-história linguística que contemple os agentes formadores e difusores de nosso idioma (SOUZA, 2019, p. 40).

A abordagem de Souza (2019) não contempla, como vimos nos outros *corpora* aqui apresentados, todas as agendas do PHPB. O autor concentra-se em reconstituir "as apropriações da escrita pelos povos indígenas do Brasil e suas formas de participação na cultura escrita, capítulo de nossa história pregressa ainda a ser escrita" (SOUZA, 2019, p. 16). Para tanto explica que, a partir dos silenciamentos da historiografia:

> [...] descortinamos um percurso de pesquisa com vistas a investigar os novos agentes do ensino de língua portuguesa como segunda língua e do letramento das populações indígenas, nas vilas de índios criadas na Bahia setecentista a partir do Diretório e das instruções consequentes. Nesse sentido, buscamos respostas a questões centrais relativamente à história social da cultura escrita no âmbito de uma história social linguística do Brasil e, em específico, da Capitania da Bahia,

> considerando seus limites territoriais na segunda metade dos setecentos, a saber**: em quais aldeamentos indígenas, alçados, na segunda metade do século XVIII, à condição de vilas foram abertas escolas para meninos e meninas indígenas? Qual o perfil social dos agentes de ensino de português como segunda língua e de letramento dessas populações? Como atuaram? Quais foram as formas de apropriação da leitura e da escrita pelas populações indígenas nesse período da história colonial, mais especificamente na Capitania da Bahia da segunda metade do século XVIII, e as consequências de sua imersão no mundo da escrita**? (SOUZA, 2019, p. 21)[1]

Evidencia-se, nas palavras do autor, o caminho trilhado em seu percurso de pesquisa a fim de buscar respostas referentes ao processo de aquisição da tecnologia da escrita, na segunda metade do século XVIII e limiar do século XIX, por parte de indígenas cujos aldeamentos foram elevados à condição de vila na Capitania da Bahia. Além disso, é foco do estudo a identificação dos agentes responsáveis pelo "letramento" e as formas como ocorreu a apropriação da leitura e da escrita por esse grupo social. A respeito da escolha do termo letramento, após uma incursão teórica, Souza (2019, p. 23) comenta que o termo pareceu "ser o mais adequado, na medida em que não se tratava apenas de ensinar a ler e escrever, mas criar as condições para que os indígenas assumissem cargos que demandavam práticas sociais da leitura e da escrita".

Para responder aos questionamentos estabelecidos, Souza (2019) recorreu a uma pesquisa documental, tendo como principal base o acervo do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), consultado através do CD-ROM do Projeto Resgate, criado em 1995 por meio de protocolo assinado entre as autoridades de Brasil e Portugal. Desse CD, o autor utilizou "uma documentação composta por cartas, leis, ordens régias, alvarás, consultas, provisões, requerimentos, instruções, ofícios, avisos, decretos entre outros gêneros próprios da administração e práticas de governar do Império português", organizada por Eduardo Castro Almeida e pela Equipe do Resgate. (SOUZA, 2019, p. 34). Outras fontes consultadas e exploradas foram oriundas do acervo da Seção Provincial e Colonial do Arquivo Público da Bahia assim descritas pelo autor:

> [...] processo de mapeamento das provisões que nomearam os escrivães-diretores para as vilas de índios, bem como das atas de reunião das Câmaras das vilas de índios, com vistas a verificar o cotidiano, os conflitos, entre outros assuntos que pudessem apresentar indícios quanto a questões relativas à escolarização de meninos e meninas nas respectivas vilas criadas na segunda metade do século XVIII. [...] alguns documentos do APEB editados e publicados em *Cartas baianas setecentistas*, sob a organização de Tânia Lobo, em 2001, [...] também localizamos documentos no Arquivo Nacional (ANRJ) e na Biblioteca Nacional (BNRJ), ambos no Rio de Janeiro. (SOUZA, 2019, p. 34-35)

[1] Grifos nossos.

A partir da análise da documentação apresentada, Souza (2019, p. 37-38) faz uma discussão sobre o processo de escolarização de meninos e meninas indígenas nas aldeias elevadas à condição de vilas, tendo como elemento norteador a nomeação e atuação dos escrivães-diretores como agente de letramento indígena.

Como conclusão, além do levantamento e da caracterização das fontes, o autor conseguiu mapear 118 escrivães-diretores nomeados para as 14 vilas de índios, cuja função, conforme todas as provisões analisadas, era "a expressa obrigação a ensinar aos meninos a doutrina cristã, ler, escrever e contar", o que, para Souza (2019, p. 341) fica claro que eram "responsáveis pelo ensino de língua portuguesa como segunda língua e pelo letramento indígena". Outra informação valiosa destacada na pesquisa é a identificação de apenas dois índios exercendo a função de escrivão-diretor, apesar de a legislação indigenista determinar que, nas vilas novas, os cargos referentes às Câmaras deviam ser ocupados por indígenas (SOUZA, 2019, p. 343).

Importante destacar também que, pela análise do *corpus*, o autor percebeu que a política indigenista de D. José I não foi recebida da mesma maneira nas 14 vilas da Bahia setecentista analisadas, uma vez que, pelos conflitos e denúncias entrevistos na documentação, há indícios de que os escrivães-diretores não cumpriam a obrigação de ensinar a leitura e a escrita como previa a legislação. Além disso, enfatiza o autor que o estudo feito revela o glotocídio histórico promovido nas 14 vilas de índios da Capitania da Bahia e o avanço da língua portuguesa em início do século XIX. Por outro lado, vale destacar que esse contexto de "vitória" da língua do dominador, para Souza (2019), não significa o resultado da passividade dos índios vilados, mas um jogo de negociações e resistências marcado pela assimetria de uma língua de cultura escrita, o português, e as diversas línguas indígenas que constituíram o quadro multilíngue da América Portuguesa (SOUZA, 2019, p. 349).

1.4 PARA ALÉM DAS CARTAS, ATAS, LEIS E ALVARÁS: OUTROS *CORPORA* DO SERTÃO BAIANO

1.4.1 Das declarações de Terra em Santana do Campo Largo aos Livros da Fazenda do Campo Seco em Bom Jesus dos Meiras

A tese de Carneiro (2005) identificou a presença de uma elite baiana inserida no mundo da cultura escrita no século XIX. Nesse sentido, motivado pela referida tese e por

outros trabalhos da autora, em 2015, na dissertação intitulada *Nos caminhos da Terra: mensuração dos níveis de alfabetismo no interior da Bahia oitocentista*, localizamos, sob a orientação de Zenaide Carneiro, um conjunto de 328 documentos – as declarações de terras – produzidos por 204 homens e 59 mulheres, no período entre 1858 e 1859, para os chamados Registros Eclesiásticos ou Paroquiais de Terras, na Freguesia de Santana de Campo Largo, escritas no âmbito da regulamentação da "Lei de 1850" ou a "Lei de Terras". A referida lei foi criada com o fim de propiciar ao Estado Imperial Brasileiro o controle sobre as terras devolutas, em um contexto histórico no qual se inserem questões relacionadas à política de terras (SILVA, 1996).

As declarações de terras são documentos escritos e assinados pelo proprietário ou por outra pessoa a pedido do proprietário, caso ele não soubesse ler e escrever, para ser apresentado aos vigários de cada freguesia, durante a realização dos registros das terras. Considerando tal particularidade da documentação, assegurada pelo artigo 93 do Regulamento de 1854, a pesquisa teve como foco o mapeamento dos indivíduos que eram capazes de escrever a própria declaração, aqueles que delegavam a produção do documento por não saber ler e escrever e os que simplesmente assinavam o nome no texto produzido por terceiros.

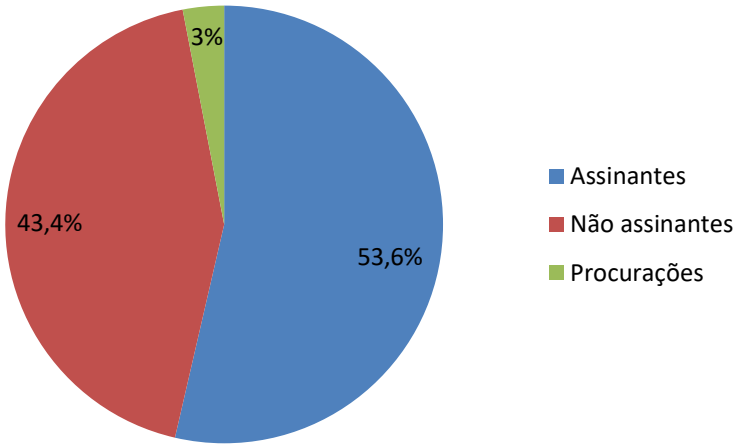
Para embasar o estudo, partimos da aplicação do método "cômputo binário de assinaturas" (MARQUILHAS, 2000). Isto é, a partir da oposição da assinatura alfabética *versus* a assinatura com caracteres não alfabéticos, que podem vir com sinais de identificação pessoal ou de outras maneiras, tal como a delegação para outrem do ato de assinar, como é o caso do tipo de documentação analisada.

Esclarecemos que o uso desse método para o estudo dos níveis de alfabetismo é limitante, conforme orienta Chartier (2004, p. 14), mas defendemos a aplicação, pois de acordo com Brito (2007, p. 20), no século XIX, "as enquetes sobre alfabetização consideravam como alfabetizadas pessoas capazes de escrever o próprio nome.".

Ainda no bojo dessa discussão, Silva (2015, p. 45-46), tomando como referência Rojo (2010, p.24), mostra que, no século XX, segundo pesquisas da referida autora, no Brasil, para ser considerado alfabetizado bastava saber assinar o próprio nome. Comenta que, excetuando as elites que tinham acesso a variados bens culturais e à escolaridade mais longa, até 1950, a maior parte da população brasileira, 52,7%, vivia em situação de analfabetismo e boa parte dos 42,8% sabia apenas assinar o nome e escrever poucas palavras.

Partindo dessas considerações e do controle de variantes como sexo, espaço, fator escolarização na região e mapeamento de outros trabalhos com o mesmo método, foi possível chegar aos seguintes dados, organizados no gráfico 1, que permitiu visualizar a oposição entre *assinantes* e *não assinantes*.

Gráfico 1 - Assinantes *versus* não assinantes



Fonte: Silva (2015, p. 95)

Ao comparar os dados, levando em consideração a variante sexo, os resultados não causaram estranhamento, já que, no período em questão, o acesso de mulheres à escolarização era exceção, como se pode observar na tabela 2 abaixo.

Tabela 2 - Repartição homens *versus* mulheres

	Homens livres	**Mulheres livres**
Assinantes	127 – 48,3%	14 – 5,3%
Assinantes por procuração	05 – 1,9%	03 – 1,1%
Não assinantes	72 – 27,4%	42 – 16%
Total	204 – 77,6%	59 – 22,4%

Fonte: Silva (2015, p. 96)

Os dados da Tabela 2, atrelados ao conjunto de estudos sobre a questão para a Bahia, como o trabalho de Carneiro (2012), intitulado *Lei de terras e ocupação privada: Elementos para avaliação dos níveis de alfabetização no interior da Bahia oitocentista,* trazem informações muito importantes sobre a produção e difusão da escrita no interior da

província, tornando tais estudos essenciais para a identificação de localidades com potencial população produtora de *corpora*. Além disso, o conhecimento dos níveis de alfabetismo colabora para a configuração do texto com o qual o pesquisador pretende estudar os aspectos linguísticos, identificando a autoria e resolvendo outro problema fundamental, nas palavras de Lobo (1998, p. 180) "[...] saber que textos devem ser analisados quando se pretende estudar a constituição histórica do português brasileiro."

1.4.2 Os Livros da Fazenda do Campo Seco

A localização dos Livros do Campo Seco – *Livro de Gado* e *Livro de Razão* – confirma o que os estudos sobre a difusão social da escrita no interior da província nos tempos idos já indicavam: a existência de *corpora* espalhados pelo interior da prpvíncia. As primeiras notícias chegaram através do livro *Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo* de autoria de Lycurgo Santos Filho (2012) e da tese de Zenaide Carneiro (2005).

Os Livros do Campo Seco estão, atualmente, em Campinas, São Paulo, sob a guarda de Lycurgo dos Santos Neto, filho de Lycurgo dos Santos Filho, que recebeu os livros de Marieta Betim Pais Leme Canguçu, em Campinas, e Hermengarda Fraga Canguçu, em Bauru, as viúvas, respectivamente, de Artur Gutierrez Canguçu e Inocêncio Canguçu, os netos de Exupério Pinheiro Canguçu, falecido em 1900, o último senhor do Brejo do Campo Seco (SANTOS FILHO, 2012, p. x).

A versão digital desses manuscritos chegou a nossas mãos através das professoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, coorientadora desta tese, e da professora Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, professoras da Universidade Estadual de Feira de Santana , respectivamente, coordenadora e vice-coordenadora do CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*, projeto que, em 2012, obteve a anuência de Lycurgo dos Santos Neto para fotografar e estudar essa documentação.

1.4.2.1 O *Livro do Gado*

No âmbito do CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão,* Elaine Brandão Santos defendeu, em 2019, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, a dissertação intitulada *O Livro do Gado do Brejo do Campo Seco (Bahia): edição semidiplomática e descrição de*

índices grafofonéticos. Lê-se, na dissertação de Santos (2019, p. 38), a seguinte definição para o manuscrito:

> O *Livro do Gado* é um documento de foro privado [...] representativo dos períodos setecentista e oitocentista, conservado no arquivo do Sobrado do Brejo, na fazenda do Brejo do Campo Seco, no povoado de Bom Jesus dos Meiras, hoje denominado Brumado, Bahia. Tal livro foi escrito por três gerações: o lusitano Miguel Lourenço de Almeida, primeiro senhor do Brejo do Campo Seco, em 1755, com registros até 1785; Antônio Pinheiro Pinto, segundo senhor do Brejo, genro de Miguel Lourenço de Almeida, que lançou apontamentos de 1794 a 1822; e Inocêncio Pinheiro Canguçu, terceiro senhor do Brejo, filho de Antônio Pinheiro Pinto e neto de Miguel Lourenço, que escreveu de 1822 a 1832. (SANTOS, 2019, p. 38)

A leitura atenta de Santos Filho (2012) e de Santos (2019) revela que o documento possui 57 páginas, das quais 22 estão escritas com apontamentos pastoris e assentamentos de recibos de inventários. A autora, além de caracterizar a morfologia das mãos dos *scriptores*, realizou a edição semidiplomática do manuscrito, seguida de um estudo dos aspectos paleográficos e da configuração sociohistórica da região, atendendo as agendas do PHPB.

1.5 O LIVRO DE RAZÃO E A PROPOSTA DA TESE

1.5.1 Sobre o conceito de Livro de Razão

A literatura disponível na área contábil apresenta o conceito e a função dos chamados livros de escrituração contábeis. Pinho e Rocha (2017, p.53) explicam que são livros usados pela empresa para escrituração e podem possuir diversas finalidades. Os autores esclarecem que, a depender da natureza do negócio ou porte da empresa, alguns livros podem ser facultativos e outros são obrigatórios.

Quanto à função, Pinho e Rocha (2017, p.54) especificam que esses documentos são classificados como fiscais, sociais e contábeis. Os Livros Fiscais são aqueles exigidos pelo fisco (Registro de Inventário, Registro de Saídas etc.), são chamados Livros Sociais aqueles exigidos pela Lei das Sociedades por Ações - Lei nº6. 404/76 (Livro de Atas das Assembleias Gerais, Livro de Transferências das Ações Nominativas etc.) e, por fim, os Livros Contábeis, aqueles destinados à escrituração contábil dos atos e fatos administrativos (Livro Diário, Livro Razão, Livro Caixa etc.).

A partir da discussão dos autores, é possível afirmar que um Livro de Razão está inserido no rol dos Livros Contábeis, cuja finalidade é armazenar, de forma padronizada,

informações financeiras necessárias. Consiste em registrar separadamente o movimento de todas as contas analíticas de forma individualizada, indicando os seus saldos atualizados, possibilitando o conhecimento da movimentação de débito e crédito de cada elemento que compõe o patrimônio de uma empresa (PINHO; ROCHA, 2017, p. 55-56). Esse conceito dialoga com Belloto (2002, p. 83) que assim define o Livro de Razão: “documento não-diplomático informativo. Livro contábil padronizado de contas correntes. Também chamado Livro-razão. As operações são aí lançadas por rubricas separadas, ordenadas em débito e crédito.”.

Algumas formalidades são exigidas para a confecção desses livros. A Resolução do (CFC) Conselho Federal de Contabilidade n.º 1.330/11, de acordo com Pinho e Rocha (2017.p. 55), estabelece que, para os livros impressos, devem ser obedecidas as seguintes orientações:

- ser encadernados;
- ter suas folhas numeradas sequencialmente;
- conter termo de abertura e de encerramento assinados pelo titular ou representante legal da entidade e pelo profissional da contabilidade regularmente habilitado no Conselho Regional de Contabilidade.

As particularidades elencadas anteriormente apresentam o que seria um modelo básico de um Livro de Razão impresso, que pode ser sintetizado, seguindo o modelo produzido por Pinho e Rocha (2017, p.58).

Quadro 2 - Modelo Simples de organização do Livro de Razão

Título da conta:				**Código**	
Data	**Histórico**	**Débito**	**Crédito**	**Saldo**	**D/C**

Fonte: (PINHO; ROCHA, 2017, p. 58)

Os itens presentes no modelo acima, de forma resumida, podem ser assim descritos: o título da conta, ou seja, em qual conta vai ser registrada a operação, seguido do plano de contas identificado pelo código. A etapa seguinte é a indicação cronológica da data da operação realizada; no histórico, registra-se a compra; nos campos reservados para débito e crédito, anota-se o valor lançado, enquanto, no saldo, deve-se registrar o valor atualizado da conta.

1.5.2 Para além da escrituração contábil

Foisil (1991) apresenta a seguinte definição para os chamados Livros de Razão que são, para a autora, mais comuns na Europa dos séculos XVII e XVIII do que na América portuguesa:

> [...] em seu aspecto primeiro e mais elementar, são, em geral, um livro de contas; e mesmo quando são mais desenvolvidos, mais elaborados e mais ricos de informações, ainda assim articulam-se e elaboram-se em torno da contabilidade. Escritos do dia-a-dia, na imediata transcrição cotidiana, baseiam-se num esquema simples: o da vida de cada dia em seu ritmo, seus mais prosaicos aspectos materiais, suas atividades mais comuns, registradas numa escritura elementar, em fórmulas que se repetem. (FOISIL, 1991, p. 334)

No bojo dessa discussão, Algranti (1997, p. 133) amplia a definição proposta por Foisil (1991), caracterizando Livro de Razão como resultado de breves exemplares de escritura doméstica, mas envolto no aspecto contábil.

> [...] os Livros de Razão ou de Assentos, uma espécie de memorial que recebia os lançamentos referentes às transações diárias de compra e venda ou troca de produtos, registro de alguns eventos familiares, como nascimento, batizado ou morte dos filhos, de dívidas e prejuízos ocorridos. Enfim, uma espécie de protocolo de escritura, no qual o chefe da casa dirige a ele próprio as informações que considera importantes, principalmente para o controle de suas finanças. (ALGRANTI, 1997, p. 133)

As definições apresentadas revelam que, mesmo predominando o fator contábil, é possível observar aspectos do funcionamento da vida cotidiana em um Livro de Razão por meio dos registros encontrados nele. Porém, tal tarefa não é nada simples, é a própria Foisil (1991, p. 321) que explica como extrair fragmentos das realidades vividas a partir desse tipo de testemunho. Para a referida autora:

> Não é fácil penetrar na vida privada nem na vida íntima situada no interior da vida cotidiana, ou porque se confundem com a vida pública, ou porque, ao contrário, escondem-se atrás do próprio pudor em revelá-las. Pesquisá-las em memórias, diários e *livres de raison* visa não a construir, a partir de incidentes e fatos curiosos, uma vida privada contida no relato — muitas vezes brilhante — de numerosas vidas cotidianas, e sim a entender como as mentalidades a perceberam: portanto, menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios; não só o discurso, mas igualmente sua aridez ou até sua ausência (FOISIL 1991, p. 321).

A leitura que se pode fazer é que os Livros de Razão, pertencentes a famílias de tempos idos, possuíam, como função primordial, o registro contábil, entretanto, esses manuscritos, por sua raridade, em um país pobre de documentos, no qual poucos souberam

ou tiveram a oportunidade de conservá-los (SANTOS FILHO, 2012), tornaram-se fontes para além dos estudos da vida econômica, como é o caso do *Livro de Razão* do Campo Seco, objeto desta tese, revelando aspectos da memória sociocultural e linguística e de um povo.

1.5.3 A proposta de tese

Esta tese tem como ponto de partida reconstituir as práticas de escrita de uma família (Pinheiro Pinto/Canguçu), no Alto Sertão da Bahia rural oitocentista, a partir da edição e análise do *Livro de Razão* do Campo Seco, manuscrito produzido entre 1794 e 1838, por Antônio Pinheiro Pinto, Inocêncio Pinheiro Pinto e Miguel Joaquim de Castro Mirante, em Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado.

Pautamos a proposta de estudo na perspectiva de fornecer, a partir de dados do sertão baiano, elementos social e linguístico que, somados a outros contextos já mapeados, colaborem com informações essenciais para a reconstituição da história social linguística do Brasil. Nesse sentido, assim como os trabalhos precedentes apresentados, a tese busca atender as agendas do PHPB, da seguinte maneira:

1. Constituição de *corpora*: edições fac-similar e semidiplomática do *Livro de Razão*;
2. Estudo linguístico: realização de um estudo descritivo sobre os fenômenos grafemático-fonéticos;
3. Reconstituição da história social linguística: apresentação de dados sobre a realidade social da região (ocupação do território, população, atividades econômicas, fator escolarização) por meio do estudo das práticas de escrita e a caracterização do perfil dos *scriptores*.

O desenvolvimento da tese nos três campos do PHPB descritos acima atende, também, às vias 1 e 4 (O *levantamento de depoimentos diretos e indiretos; 4ª - a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias*, ainda que não seja numa perspectiva exclusivamente linguística) propostas por Houaiss (1985) e ao campo **a** (*O campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil*), do programa de pesquisa elaborado por Mattos e Silva (2004), pois realizamos o levantamento de fontes que mostram, ainda que de forma indiciária, aspectos do português brasileiro no

sertão da Bahia oitocentista , e apresentamos dados sobre a penetração da língua escrita na região estudada, especificamente, na fazenda do Campo Seco, através da análise do processo de instrução facultado aos senhores da fazenda e negado às mulheres da casa.

1.6 SÍNTESE DA SEÇÃO

A discussão realizada nesta seção pautou-se na apresentação de fontes e caminhos capazes de reconstituir uma história do multifacetado quadro linguístico brasileiro. Nesse sentido, refletimos sobre a necessidade de uma agenda dialógica, envolvendo outros campos do conhecimento, além da formação de um banco de textos diversificado, tanto na perspectiva do contingente populacional como na variedade de gêneros, com a intenção de mapear histórias parciais que, juntas, poderão nos aproximar de uma história social linguística brasileira mais inclusiva, conforme o quadro 3 a seguir, que sintetiza os *corpora* identificados e discutidos aqui.

Quadro 3 - A Bahia no cenário da História Social Linguística do Brasil

Corpora	**Público alcançado**	**Marco diatópico**	**Marco temporal**
Cartas (SANTIAGO, 2019)	Sertanejos	Bahia/Interior	Século XX
Atas (OLIVEIRA, 2006)	Africanos	Bahia/Salvador	Século XIX
Cartas (CARNEIRO, 2005)	Fazendeiros	Bahia/ Salvador e interior.	Século XIX
(SOUZA, 2019)	Índios	Bahia	Séculos XVIII e XIX
Declarações de terras (SILVA, 2015)	Fazendeiros	Bahia / Interior – Campo Largo	Século XIX
Livro do Gado (SANTOS, 2019)	Fazendeiros	Bahia/ Interior – Bom Jesus dos Meiras	Séculos XVIII e XIX
Livro de Razão (SILVA, 2020)	Fazendeiros	Bahia/ Interior – Bom Jesus dos Meiras	Séculos XVIII e XIX

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos *corpora* consultados

2

PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS TRILHADOS

A relação entre língua, história e cultura mobiliza saberes a fim de compreender, sobretudo, o homem em seus aspectos mais variados. Considerando esse contexto, a presente seção tem por objetivo discutir os percursos teórico-metodológicos que nortearam este trabalho em uma perspectiva interdisciplinar, enfatizando as vertentes da Linguística Histórica e o uso das fontes históricas, em 2.1, e a importância da Filologia para a preparação da fonte linguística, em 2.2. A partir de 2.3, o foco é justamente a relação entre os estudos históricos da língua e a abertura da História, durante a crise dos paradigmas. A seção será finalizada em 2.4 com uma síntese dos aspectos discutidos

2.1 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA, SUAS VERTENTES E O USO DE FONTES COMO *CORPORA*

Martin (2003, p. 135) defende que a Linguística "tem obrigatoriamente uma dimensão histórica". Quanto a esse aspecto, não se tem dúvida. A pauta que se discute é, justamente, o conjunto das vertentes assumidas pela Linguística Histórica nos diferentes contextos de reflexão sobre a língua. O ponto de partida é o que propõe Paixão de Sousa (2006):

> Nosso fio condutor será a abordagem da linguística histórica como um campo de reflexão onde têm se articulado diferentes concepções de língua, e diferentes concepções de história. Um ponto específico dessa articulação precisa ser salientado: a contingência fundante do fazer histórico, que é a separação entre o tempo da análise e o tempo do objeto analisado. De fato: ao fazer a história das línguas, como ao fazer qualquer história, estamos abordando processos aos quais já não temos acesso direto. Essa impossibilidade dos métodos de "observação imediata" deixa duas alternativas principais aos estudos históricos: o recurso à documentação, e o recurso à reconstrução. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 13)

A discussão acerca da Linguística Histórica mobiliza conceitos diferentes, já que há variadas concepções de língua e diversas concepções de história, que conduzem o pesquisador a pensar na necessidade do refinamento de métodos capazes de suprirem a ausência da "observação imediata". Embora, de início, isso pareça um problema que impossibilita a pesquisa sobre a história da língua, há, na verdade, duas alternativas aos estudos históricos, segundo Paixão de Sousa (2006), como visto: a primeira refere-se ao recurso à documentação; a segunda está relacionada ao recurso da reconstrução.

A necessidade da confluência entre língua e história para os estudos históricos da língua é evidente. Sobre essa questão vale a leitura do que nos ensina Martin (2003, p. 141): "Toda língua é feita de camadas diversas: é necessário um mínimo de cultura histórica para discerni-las. Explicar uma língua é, ao menos em parte, compreender sua história." As palavras de Martin (2003) dialogam com Paixão de Sousa (2006), no que se refere ao fato de que os estudos históricos da língua articulam-se com diferentes perspectivas conceituais de língua e de história, fato que retoma as esferas de análise: documentação e reconstituição. Martin (2003) assume essas diferentes perspectivas, ao entender que toda língua é feita de diversas camadas e que a compreensão de sua história é uma das possibilidades de se explicar essa língua. Desse modo, entende-se que a Linguística Histórica possibilita estudos em dimensões distintas, ou seja, interessa-se pelos estados da língua em diferentes épocas e, por isso, tem como objeto as sincronias antigas; e visa à evolução de um estado sincrônico da língua a outro (MARTIN, 2003, p.142).

Da mesma forma que Martin (2003) e Paixão de Sousa (2006), Mattos e Silva (2008), no livro *Caminhos da linguística histórica – ouvir o inaudível*, ao discutir sobre a mudança linguística, responde a um conjunto de cinco questões básicas, deixando claro que a Linguística Histórica não trata apenas das mudanças das línguas ao longo de seu tempo de uso. A autora explica, então, que os estudos históricos da língua podem ser feitos seguindo duas grandes vertentes: *lato sensu* e *stricto sensu*. (MATTOS E SILVA 2008, p. 8-9).

Entende-se por Linguística Histórica *lato sensu* aquela que trabalha com fontes datadas e localizadas, enquanto a *stricto sensu* se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que são usadas. Essa vertente divide-se em duas orientações: a Linguística Histórica sócio-histórica (vertente assumida nesta tese) e a diacrônica associal. A diferença entre essas duas orientações reside no seguinte contexto: a associal considera apenas fatores intralinguísticos; a sócio-histórica considera fatores

extralinguísticos ou sociais e também fatores intralinguísticos (MATTOS E SILVA 2008, p.9).

O olhar atento e perspicaz de Mattos e Silva e dos demais autores que atuaram e atuam no campo da Linguística Histórica diversificou o modo de se fazer pesquisa nesta área, fato que garantiu uma agenda de trabalho ampla na tarefa de reconstituição da história social linguística do Brasil, através de fontes históricas diversificadas e de diálogos profícuos com outras áreas do saber. Dentre esses diálogos, destacamos a necessidade absoluta de um saber filológico por parte do pesquisador, além da aproximação entre o linguista histórico e o historiador, fato que já tem acontecido de forma muito interessante. Esses aspectos serão discutidos a seguir.

2.2 A FILOLOGIA E A PREPARAÇÃO DAS FONTES PARA O ESTUDO DA LÍNGUA

A Linguística Histórica tem por função primordial buscar explicações, no passado, para fatos linguísticos do presente. Contudo, o único recurso para cumprir tal função é o acesso aos documentos remanescentes, que registram dados de língua, mas nem sempre é tarefa simples e automática. Quando vencida essa etapa, o pesquisador depara-se com a necessidade de preparar o manuscrito, através de edições, para que o acesso aos dados da língua seja viável. Nesse contexto, evidencia-se a estreita relação entre a Linguística Histórica e a Filologia, uma vez que, segundo Cambraia (2012, p. 299), "editar um texto significa estabelecer ou fixar uma forma específica de divulgá-lo", isto é, escolher a melhor forma de tornar um texto acessível a um determinado público.

No âmbito dessa discussão, Mattos e Silva (2008) trouxe para o debate a seguinte questão: "É possível fazer Linguística Histórica ou Diacrônica sem considerar a Filologia?" Responde a referida autora, enfatizando que a "Filologia - A ciência do texto, base dos dados da Linguística Histórica", (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10). Em outras palavras, não se pode fazer nenhum estudo de sincronias pretéritas sem o recurso da documentação escrita, que exige uma infraestrutura filológica e uma sólida preparação do investigador para a interpretação dos fenômenos linguísticos presentes no texto escrito.

No que se refere ao recurso da infraestrutura filológica, sabemos que não é nada fácil o trabalho de quem se debruça sobre textos antigos. Quanto mais se recua no tempo, maior é a complexidade para se acessar as informações contidas nos documentos. Nessas

condições, cabe, como lembra Labov (1982, p. 20) “[...] fazer o melhor uso dos maus dados”, já que, até mesmo, “os documentos escritos que nos parecem, tantas vezes transparentes e de fácil compreensão, nos ameaçam com armadilhas diversas embutidas em cada palavra.” (LOPES et al 2017, p. 96). É nesse contexto que a Filologia se revela como um instrumento muito importante, conforme ensina Telles (2016):

> A Filologia Textual é, cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo linguístico. Assim, é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento para o estudo dos fatos de língua. Para grande parte desses dados, é necessário fazer o estabelecimento do texto [...] (TELLES, 2016, p. 195)

O estabelecimento do texto, enfatizado por Telles (2016), consiste em prepará-lo para divulgá-lo, atendendo aos critérios pré-estabelecidos. Ou ainda, como nos ensina Cambraia (2012, p. 294), “ocupar-se de um texto de forma mais ampla possível, articulando diferentes aspectos em prol de uma compreensão mais ampla e profunda de seu significado”.

Quanto ao recurso da sólida preparação do investigador para a interpretação dos fatos de língua presentes no texto escrito, comenta Maia (2012):

> Por outro lado, o filólogo que pretenda estabelecer uma edição deve possuir boa formação linguística e sólidos conhecimentos da língua e da sua história, a fim de saber tratar as variantes linguísticas oferecidas pelo texto. Se a língua é variável em qualquer momento da sua trajetória no tempo, o editor não pode, na sua transcrição, desprezar a variação manifestada no texto, devendo, também na questão do desdobramento de abreviaturas, ter presente a variação que a língua da época podia apresentar em qualquer nível linguístico. Para que esse texto possa vir a servir de fonte para o estudo e conhecimento da história da língua, a edição deve refletir fielmente a variação linguística presente no manuscrito, uma vez que atualmente no estudo histórico da língua não é possível deixar de considerar os seus efeitos. (MAIA, 2012, p. 540).

A busca por reconstituir o texto em sua forma genuína é o objetivo de quem se propõe a editá-lo, por isso tal atividade exige uma relação de complementaridade entre a Linguística e a Filologia. Entretanto, vale lembrar que “os editores, na prática de seu trabalho, não alcançam o ‘verdadeiro texto’, mas sim aquele que dele mais se aproxima” (SANTOS, 2006, p.38). O caminho para se aproximar do texto em sua forma fidedigna é garantir critérios claros para as edições, através do labor filológico, que, de acordo com Spina (1977) constitui-se das funções substantiva, adjetiva e transcendente. Acerca dessas funções, explica Spina (1977):

> 1ª Função substantiva, em que ela se concentra no texto para explicá-lo e restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para publicação; 2ª Função adjetiva, em que ela deduz do texto aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização); 3ª Função transcendente, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstruir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em uma determinada época. (SPINA, 1977, p.77).

Um caminho metodológico para a prática de edições é evidenciado pelo referido autor. Não podemos olhar o texto como um objeto monolítico, já que este está inserido em contextos diversos, portanto é preciso se ater a um conjunto de informações acerca do texto que se pretende estabelecer. A função substantiva consiste na contextualização da história do texto, no estabelecimento de critérios e no ato da própria edição, a fim de torná-lo acessível para o objetivo estabelecido. A função adjetiva proposta por Spina (1977) dialoga com a orientação de Lobo (2009, p. 312), ao afirmar que "A edição de textos para integrar uma amostra linguística de qualquer sincronia do passado não pode estar circunscrita aos limites da crítica textual *stricto sensu*" (LOBO, 2009, p. 312). Para a referida autora, o linguista-filólogo deve reconstruir a estrutura social da comunidade "de fala" e a identificação da posição social dos que escreveram no passado. Na seção 3 desta tese, mostraremos, na prática, essas duas funções ao tratarmos do *corpus*.

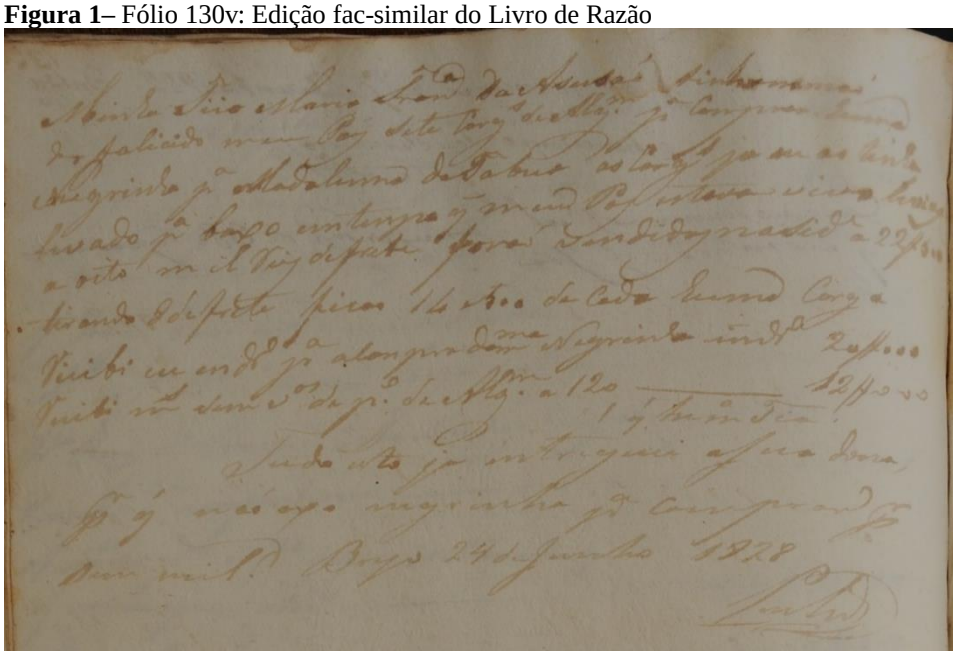
Em relação à função transcendente, estágio em que o texto já estabelecido e caracterizado em seus aspectos formal, social e autoral, é o momento em que o linguista-filólogo instrumentaliza as informações colhidas, associadas ao contexto sócio-histórico, para se aproximar da sociedade, do grupo social ou da comunidade em estudo, a fim de traçar um perfil da época através dos aspectos revelados e silenciados no escrito, como veremos na seção 4 desta tese.

2.2.1 Tipos de edição

Há dois grandes tipos de edição: as edições monotestemunhais (baseadas apenas em um testemunho de um texto) e as politestemunhais (baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos do mesmo texto), de acordo com Cambraia (2012, p. 299). As edições monotestemunhais podem ser de quatro tipos: fac-similar, diplomática, paleográfica (também conhecida como semidiplomática) e interpretativa (CAMBRAIA, 2012). Cada modelo de edição atende a objetivos específicos pré-estabelecidos.

A edição fac-similar, uma das opções adotadas para a divulgação do *Livro de Razão*, cujo nível de intervenção do editor é baixo (LOSE, 2017, p. 74), é a que se faz através da fotografia, da escanerização do texto, como podemos observar no exemplo coletado a seguir.

Figura 1– Fólio 130v: Edição fac-similar do Livro de Razão



Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB

O fac-símile é o resultado desses processos mecânicos que reproduzem com maior nível de fidelidade o documento, se bem feito, já que há fatores externos que podem interferir na qualidade das imagens, nas características do documento original: o formato, o papel, as ilustrações, as margens, e até a cor e o tamanho do original (SPINA, 1977, p. 78).

Quando o editor reproduz cada elemento gráfico do testemunho sem fazer alteração de nenhuma natureza no texto, temos a edição diplomática. Nas palavras de Massini-Cagliari (2012, p. 274), "é a que mais se aproxima, em fidelidade, da materialidade do documento, sem, no entanto, reproduzi-lo." Mantêm-se, nesse tipo de edição, "as particularidades gráficas das formas originais" (MARQUILHAS, 2000, p. 379), como se pode observar na edição do fólio 130v do Livro de Razão.

[f.130 v]

Minha Tiia Maria Fran^{ca} Da Asunsaõ tinhanamaõ
do falecido meu Pay sete Carg^{s} de Alg.^{m} p^{a} Comprar huma
Negrinha p^{a} Madalenna daTabua as Carg^{s} ja eu as tinha
levado p^{a} baixo em tempo q˜ meu Pay estava vivo leveias
a oito m il reys defrete foraõ vendidas nasid^{e} a 22$500
tirando 8 de frete ficao 14e500 de cada huma Carg a
ricibi eu em dr^{o} p^{a} acon pra dam^{ma} Negrinha imd^{ro} 20$000
ricibi m^{s} sem v^{as} de p^{o} de Alg^{m} a 120 _____ 12$000
Tudo isto ja entreguei asua dona <↑ q˜ he m^{a} Tia>
p^{r} q˜não axo negrinha para comprar p^{r}
sem mil. Brejo 24 de Junho 1828
Pinh

A edição semidiplomática, o outro tipo escolhido para a edição do Livro de Razão, – também conhecida como paleográfica, paradiplomática ou diplomático-interpretativa – apresenta o texto com alterações moderadas do editor (LOSE, 2017, p.75), que tem a obrigação de especificar tais intervenções nos critérios adotados (ver volume 2), no que se refere, por exemplo, ao desenvolvimento das abreviaturas em itálico, como é possível observar logo abaixo.

[f.130 v]

Minha Tiia Maria Fran*cis*ca Da Asunsaõ tinhanamaõ
do falecido meu Pay sete Carg***a***s de Alg***oda***m p***ar***a Comprar huma
Negrinha p***ar***a Madalenna daTabua as Carg***a***s ja eu as tinha
levado p***ar***a baixo em tempo q***ue*** meu Pay estava vivo leveias
a oito m il reys defrete foraõ vendidas nasi*da*de a 22$500
tirando 8 de frete ficao 14e500 de cada huma Carg a
ricibi eu em d***inhei***ro p***ar***a acon pra dam***es***ma Negrinha imd***inhei***ro 20$000
ricibi m***ai***s sem v***ar***as de p***an***o de Alg***oda***m a 120 _____ 12$000
Tudo isto ja entreguei asua dona <↑q***ue*** he m***inh***a Tia>
p***o***r q***ue*** não axo negrinha para comprar p***o***r
sem mil. Brejo 24 de Junho 1828
Pinh***eiro***

Embora seja possível a intervenção, tem sido esse tipo de edição muito utilizado nos estudos da história da língua, pois, de acordo com Lose (2017, p. 76), a edição semidiplomática "[...] é aquela que traz uma leitura conservadora do texto, nos aspectos linguísticos".

2.2.2 A edição de textos e as humanidades digitais

A questão da divulgação e preservação de um texto não é uma preocupação exclusiva de nossos dias. Se observarmos atentamente cada fase do desenvolvimento humano, é possível notar que, desde épocas pretéritas, a forma de transmissão dos textos sofre transformações significativas. Por outro lado, é importante frisar que isso não significa que o funcionamento desse texto ocorrerá da mesma maneira, em suportes diferentes. Sobre esse aspecto, Barreiros (2014, p. 34) alerta que "Independentemente da técnica utilizada em sua produção, cada texto é, mais do que um construto linguístico, um evento cultural e histórico com identidade própria." Nesse sentido, percebe-se que a diversidade de espaços de circulação textual provoca exige formas de adaptação e criação de metodologias capazes de garantir as particularidades de cada gênero e dos suportes por onde transitam.

Sendo assim, a necessidade de alcançar um maior público, agregada ao fato de preservação dos aspectos contextuais, bibliográficos e linguísticos das edições (BARREIROS, 2014, p. 34), mobilizou a utilização de suportes digitais com grande capacidade de armazenamento de dados e outras características, como durabilidade e flexibilidade de uso. Ainda assim, Barreiros (2014, p. 38) discute a vulnerabilidade dos primeiros suportes digitais, enfatizando fatores como oxidação e umidade nos casos dos CDs e DVDs que, em menor quantidade e com certas limitações, ainda são utilizados.

Um recurso que tem ganhado maior visibilidade, atualmente, nesse contexto digital é a possibilidade de publicação na internet. Sobre esse aspecto, Almeida (2016) afirma que:

> As aproximações entre as tecnologias digitais e as Ciências Humanas, Letras e Artes têm provocado deslocamentos e ampliações nas concepções teóricas e metodológicas de diversas disciplinas. Se por um lado, a difusão dos computadores, tablets e smartphones tem feito emergir novos produtos que atestam a cultura e a escrita de uma sociedade atravessada pela existência no plano virtual; por outro, o desenvolvimento de novas tecnologias digitais fornece aos pesquisadores ferramentas para tratar e estudar os dados levantados. (ALMEIDA, 2016, p. 100).

A discussão feita até o momento enfatiza, na verdade, o debate sobre o conceito de Humanidades Digitais, doravante HD, que, de acordo com Almeida (2016), comporta uma série de definições. Entretanto, o conceito mais difundido é o diálogo interdisciplinar "a partir da combinação de metodologias consolidadas nas Ciências Humanas, Letras e Artes às inovações tecnológicas e renovações teóricas, explorando seus limites e possibilidades (ALMEIDA, 2016, p. 100)".

Na prática, conforme Gonçalves e Banza (2013, p. 4) consiste no surgimento de

> [...] um novo universo de possibilidades para a preservação, disponibilização e análise de textos antigos, universo em que é possível oferecer ao leitor mais de uma edição do mesmo texto, permitindo que tenha ao seu dispor o texto editado, em diferentes versões, e o seu original. Por outro lado, os acervos ou bibliotecas digitais apresentam-se ao investigador, e bem assim ao público em geral, como verdadeiras bibliotecas globais, possibilitando-lhe o acesso a fontes em qualquer parte do mundo, sem sair do escritório, fontes que podem ser colecionadas numa pen-drive ou partilhar livremente, com a simples mediação do notebook ou de um tablet. (GONÇALVES E BANZA, 2013, p. 4)

Esse novo contexto tem ganhado notoriedade nos espaços acadêmicos para além da divulgação e da preservação das pesquisas. Fatores econômicos e de acessibilidade, além do desafio epistemológico, têm mobilizado as disciplinas de raiz humanística em universidades de diversas partes do mundo. Porém, esse caráter dialógico não é tão recente. Paixão de Sousa (2013, p. 113) comenta que "É possível dizer que o trabalho filológico no meio digital é contemporâneo à própria invenção do computador". Para comprovar tal afirmação, a autora destaca o trabalho de Jesuíta Roberto Busa, a partir de 1942, ao construir um *corpus* da obra de São Tomás de Aquino, no qual reuniu, indexou e fez anotações linguísticas, utilizando inúmeras fichas de papel perfurado, além das recentes tecnologias de difusão virtual de textos. Mas, conforme a autora, "é na virada entre o século XX e o século XXI que veremos multiplicarem-se iniciativas de construção de repositórios e ferramentas para a edição filológica (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 113)", que trouxe consigo um conjunto de procedimentos metodológicos para a constituição de bancos digitais.

A partir da leitura de Barreiros (2014, p. 44), resumimos, no quadro abaixo, os procedimentos necessários para a construção de uma escrita digital, tomando como base qualquer tipo de edição.

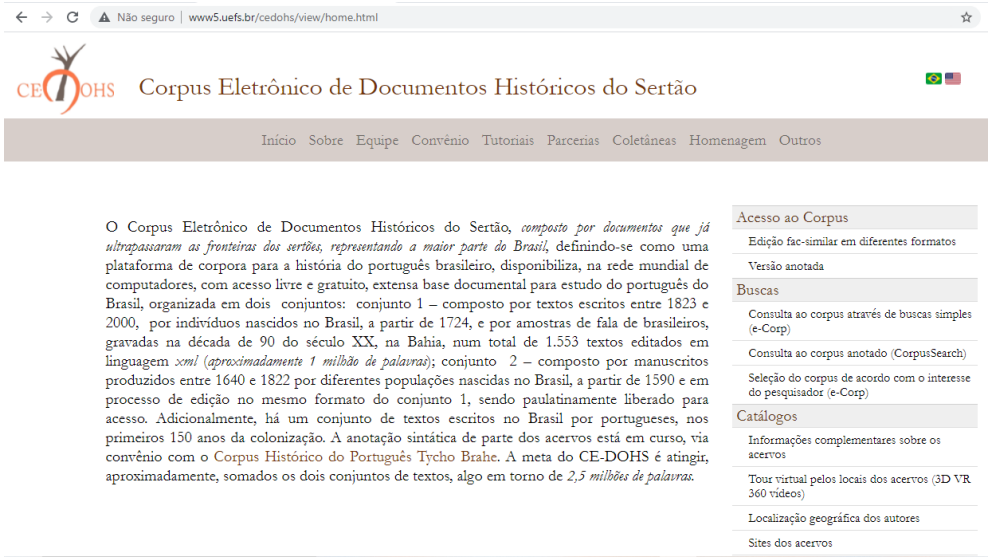
Quadro 4 – Procedimentos para a constituição de uma escrita digital

Procedimentos	Descrição
1º Textos digitados em processadores de textos	a) Digitação ou transcrição de um texto impresso ou manuscrito para o sistema digital b) Criação de um novo texto diretamente na "página" do processador.
2º Textos capturados como imagens através de diferentes dispositivos	Os textos impressos e manuscritos são capturados como imagem digital, através de dispositivos como escâneres e câmeras, e depois transferidos para o computador.
3º Textos editados em aplicativos específicos de editoração de texto, por meio da codificação em linguagem de marcação.	Os textos digitais correspondem ao resultado da manipulação de editores de texto, que elaboraram textos dinâmicos, hipertextos e websites, nos quais o código é estruturado por meio de uma linguagem de marcação.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Barreiros (2014, p. 44-45)

No Brasil, há alguns grupos que têm desenvolvido pesquisas neste viés interdisciplinar. O projeto que serviu de inspiração para muitos outros, na área de linguística, é o *Corpus Tycho Brahe*, com sede na Universidade Estadual de Campinas[2]. Na Bahia, destaca-se a Plataforma *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)[3], corpus eletrônico composto por 1553 textos, do qual faz parte o *Livro de Razão* do Campo Seco, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana – (UEFS).

Figura 2 – Página de acesso ao CE-DOHS



Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/view/home.html

[2] http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html
[3] http://www5.uefs.br/cedohs/view/home.html

O CE-DOHS é um projeto de pesquisa desenvolvido no (NELP) - Núcleo de Estudo em Língua Portuguesa – UEFS, desde 2012, coordenado pela professora Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, que mantém um convênio de mútua cooperação com o projeto *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*. A parceria com a Unicamp é importante para que a construção de *corpora* eletrônicos de textos históricos de gêneros variados alcancem períodos e espaços diversificados, além da transferência de novas tecnologias e o aperfeiçoamento das existentes.

Um passeio atento pelo site revela que há, no projeto, quase 50 acervos de escreventes de diferentes etnias, nascidos no Brasil e em Portugal, oferecendo um banco eletrônico de mais de um milhão de palavras para o estudo da história da língua portuguesa, numa parceria com o Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Ainda tomando como fonte as informações que constam no site, destacamos, entre os diversos subprojetos do CE-DHOS, o subprojeto *Recuando ao Século XVIII: documentos privados do Sobrado do Brejo Seco (1755-1910)*, no qual está inserido o *corpus* desta pesquisa, além do *Livro do Gado*, editado por Elaine Brandão Santos (2019), e os demais documentos que compõem a dissertação de Wellington de Jesus (2019) e a tese de Rui Marcos Moura, que se encontra em andamento.

É nesse contexto do CE-DOHS e tendo como inspiração os trabalhos de Huda da Silva Santiago[4], Patrício Nunes Barreiros[5] e Lívia Borges Magalhães[6], que criaram um banco digital, para divulgar o corpus de suas pesquisas, com informações detalhadas sobre os escreventes, o local, o marco temporal e, sobretudo, os próprios documentos, fornecendo para os demais pesquisadores dados valiosos, que pretendemos divulgar a edição semidiplomática juntamente com a edição fac-similar dos Livros do Campo Seco – *Livro de Gado* e *Livro de Razão,* em parceria com Elaine Brandão Santos.

O processo de preparação do material editado para a escrita digital seguiu o modelo exposto por Barreiros (2014), mas não na ordem sugerida pelo autor. O primeiro passo, após a prospecção e localização dos documentos, foi a edição fac-similar dos manuscritos através do método fotográfico Lapelinc (descrito na Seção 3), em seguida realizamos a edição semidiplomática em processador de texto do Word. Essas versões serão

[4] http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/index.html
[5] https://eulaliomotta.wordpress.com/
[6] http://www.papeisquenarram.com.br/index.htm

disponibilizadas nas formas impressa e em um site, como demonstraremos na seção 3. A edição em linguagem xml encontra-se em andamento, sendo desenvolvida, inicialmente, pelo bolsista de IC Bruno Lopes de Almeida, sob a orientação de professora Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, na UEFS.

2.3 OS ESTUDOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA E A ABERTURA DA HISTÓRIA

Uma das justificativas da linguística histórica é compreender a língua pela sua história. Martin (2003) explica por que o conhecimento histórico é tão importante para a abordagem dessa questão. Diz o autor:

> É difícil imaginar uma sociedade que fizesse pouco caso de sua história: como compreender aonde se vai ignorando de onde se vem? A memória social, a experiência do passado, o enraizamento na história são indispensáveis à consciência que uma sociedade pode ter de si mesma; a história contribui amplamente para fundar a coerência da sociedade; só ela pode criar o sentimento de uma identidade. A cultura mesma é inseparável da história – inclusive a cultura cientifica que não prossegue sem as etapas que a construíram. Ora, a história de uma sociedade, de sua cultura, de suas mentalidades, é indissociável da história de sua língua: a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum. (MARTIN, 2003, p. 136).

O autor é categórico ao destacar que língua e sociedade são indissociáveis porque a vida social exige uma língua compartilhada. É através da língua, por meio desse compartilhamento, que se materializam a cultura e os vestígios da história, elementos essenciais para a compreensão dos fenômenos linguísticos.

A percepção da necessidade de se reconstruir uma história externa para subsidiar os estudos da língua não é recente. Basta lembrar que autores como Mattos e Silva (2004, 2008); Lobo (2009); Fávero e Molina (2006); Orlandi (2006) há muito já discutem essa questão. Um problema que se coloca é como conciliar o fazer histórico, que tem métodos diferentes, e os estudos linguísticos. Oliveira (2001), ao refletir sobre uma epígrafe de Bourdieu - *A História que eu precisaria para o meu trabalho muitas vezes não existe* – aponta o caminho que deve seguir o linguista.

> O fato de "essa história não existir" tem sido responsável pelo pouco sucesso de um dos mais célebres empreendimentos das disciplinas da linguagem: a explicação da mudança linguística concomitantemente por fatores internos e externos ao sistema linguístico. O insucesso desse empreendimento decorre, entre outras coisas, da tentativa de ligar dois quadros já dados: o quadro da História e o quadro da Linguística, cada um deles gerado autonomamente, com interesses específicos e metodologias próprias de trabalho. É nesse sentido que a epígrafe de Bourdieu se refere à História: em nenhum lugar, de fato, estará a História pronta, esperando a mão do linguista para colhê-la. Essa história terá

> que ser escrita pelo próprio linguista concomitantemente aos seus estudos linguísticos. Escrever essa história implica aprender a historicizar os conceitos que utilizamos, implica desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar. (OLIVEIRA, 2001, p. 401).

O caminho apontado por Oliveira (2001) convida o linguista a escrever a história da qual ele precisa, isto é, não ficar preso ao paradigma tradicional, e sim aprender a discutir e historicizar os conceitos, desenvolvendo modos próprios de historicizar o fazer disciplinar. O autor indica a necessidade de inovar e trazer à existência a história que cada pesquisa exige através da reconstituição do tempo histórico, já que não se pode reconstituir o tempo da vivência. Essa discussão dialoga com o que propõe o movimento conhecido como "nova história", ao romper com o modelo historiográfico centrado na história tradicional dos grandes eventos políticos e econômicos, no qual "o fato linguístico raramente é tratado com o rigor científico que necessita de ser tratado, por conta do seu perfil cultural" (ABREU, 2011, p. 28).

2.3.1 A ruptura com o paradigma da historiografia tradicional

Tomamos, como ponto de partida dessa reflexão, a busca por entender o modelo historiográfico vigente no século XIX, já que os historiadores desse período estiveram ligados a uma perspectiva de estudo centrada nos grandes eventos, e o conceito de cultura estava restrito à grande arte e obras literárias, conforme Barros (2005). O paradigma historiográfico seguia o curso da historiografia tradicional, desconsiderando as histórias parciais, localizadas nos eventos cotidianos.

No entanto, inquietações historiográficas fizeram com que esse contexto sofresse alterações significativas, possibilitando uma revisão no paradigma tradicional, gerando novos estudos, propondo novos modelos e métodos de pesquisa, fatores que condicionaram o estabelecimento de novos campos e objetos de estudo, segundo Veiga (2008, p.14). A essa nova perspectiva de análise deu-se o nome de "nova história".

A expressão "nova história", título de uma coleção de ensaios editada por Le Goff, está associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, societés, civilisations,* e tem como base filosófica a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída (BURKE, 1992, p. 9-11). Mesmo a nova história estando associada a Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel, é importante destacar que eles não estavam sozinhos na luta contra o paradigma da história tradicional.

Peter Burke (1992, p. 17) comenta que houve resistência a esse modelo de narrativa dos acontecimentos na Grã-Bretanha dos anos 30 com Lewis Namier e R.H. Tawney; na Alemanha, por volta de 1900, com Karl Lamprecht que se tornou impopular ao expressar-se contra o paradigma tradicional. Destaca ainda o autor que a expressão *histoire evénementielle*, "história centralizada nos acontecimentos", foi inventada nessa ocasião, uma geração antes da época de Braudel, Bloch e Febvre.

A novidade neste movimento é o fato de os profissionais, agora, bastante numerosos, não aceitar serem marginalizados, conforme Burke (1992, p.18). Entretanto, essa história alternativa encontra pioneiros de longa data, como se observa nas citações a seguir.

> 1. No século dezoito houve um movimento internacional para a escrita de um tipo de história que não estaria confinada aos acontecimentos militares e políticos, mas relacionada às leis, ao comércio, à *manière de penser* de uma determinada sociedade, com seus hábitos e costumes, com o "espírito da época".
> 2. Também remontam a um longo percurso as tentativas de escrever uma história mais abrangente que aquela 'dos acontecimentos políticos. Foi na segunda metade do século dezenove que a história econômica se estabeleceu na Alemanha. Em 1860, o estudioso suíço Jacob Burckhardt publicou um estudo de *The Civilization of the Renaissance in Italy*, concentrado na história cultural e descrevendo mais as tendências do que narrando os acontecimentos.
> 3. Os sociólogos do século dezenove, como Auguste Comte, Herbert Spencer - sem mencionar Karl Marx – eram extremamente interessados pela história, mas desprezavam os historiadores profissionais. Estavam interessados nas estruturas, não nos acontecimentos, e a nova história tem um débito para com eles, que frequentemente não é reconhecido. Eles, por sua vez, têm um débito para com seus antecessores, que frequentemente não reconhecem; os historiadores do Iluminismo, entre eles Voltaire, Gibbon (apesar da observação que citei antes), Robertson, Vico, Mõser e outros. (BURKE, 1992, p. 18-19).

Percebemos que, com os fundadores da Escola dos Annales, a nova história ganha projeção como um campo de pesquisa de resistência às práticas históricas tradicionais. Cracco (2009, p. 20) explica, em linhas gerais, o programa dos fundadores dos Annales. Diz o autor:

> o programa dos fundadores dos Annales buscava: praticar uma interdisciplinaridade, alianças com disciplinas vizinhas para desta forma diminuir o isolamento disciplinar das ciências humanas; afirmar novas áreas de interesse para seus estudos, com ênfase principalmente nos aspectos econômicos e sociais; diminuir a importância atribuída à história política, narrativa e acontecimental, para buscar um fundo estrutural da história recusando a história tradicional num esforço para a construção de uma nova história; produzir uma história total, sem determinismos explicativos e reducionismos. Todas estas orientações da pesquisa histórica afirmadas pelos Annales partem da nova concepção de tempo histórico. (CRACCO, 2009, p. 20).

Nesse contexto, o fazer histórico perde o caráter de mera observação, com o intuito de retardar o esquecimento, como era no nascimento da narrativa histórica, e passa a funcionar com outra necessidade: a da compreensão, segundo Batista (2013, p.38). Passa-se do conceito de história como evento/acontecimento para a noção de longa duração, isto é, a possibilidade de analisar a repetição e a permanência, quadros estáveis e de mudança em longo prazo. Nesta nova abordagem, Cracco (2009, p. 35) destaca que a pesquisa histórica "passa a ser guiada pelos problemas postos pelo historiador e é a partir deles que se busca definir a documentação, os fatos que se relacionam com a problemática.", não mais seguindo a narração objetiva.

Essas mudanças propostas pela nova história trazem, também, um novo olhar para o conceito de cultura, pois, segundo Batista (2013, p. 13-14),

> [...] a História é feita pelos membros das sociedades, que elaboram e divulgam saberes, cabe lembrar, que o arranjo social só se dá porque existe um elemento fundamental que permite não só a troca social, mas também a expressão da individualidade. Esse elemento essencial é a linguagem verbal. Dessa forma, a constituição do homem se dá porque temos a linguagem, que recorta espaços sociais, permite a formação e o reconhecimento de identidades em meio aos agrupamentos ideológicos e nos insere no espaço de comunicação, em diferentes situações de interação verbal. (BATISTA, 2013, p. 13-14)

Sob a ótica dessa nova perspectiva, rompe-se com a noção de sociedade "com" e "sem" cultura, dando igual importância aos estudos da cultura "cotidiana" e da chamada "alta" cultura. Trata-se de uma noção de cultura que, segundo Cuche (1996), pode designar um panteão de grandes obras "legítimas", como tomar um sentido mais antropológico, por englobar as maneiras de viver, sentir e pensar próprias de um grupo social, isto é:

> [...] o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendido como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, dos modos da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo em que os sujeitos humanos elaboram signos e símbolos, instituem as práticas e os valores [...] (CHAUÍ, 2009, p. 24)

No âmbito desse frescor teórico-metodológico e polifônico das formas de pensar e fazer a história, houve uma ampliação nos objetos, nas instâncias dos mais variados tipos, que geram e produzem cultura, nos suportes, nos meios de circulação, nos sujeitos produtores e receptores e nos testemunhos escritos de qualquer índole, nas práticas comunicativas e discursivas que, investidos do legítimo caráter de investigação,

possibilitaram novas abordagens historiográficas, ampliando os campos da História. Das diferentes formas de abordagens do conhecimento oriundas da crise do paradigma historiográfico, esta tese utiliza-se de algumas especificidades da *História Social da Cultura Escrita*, subespecialidade da História Cultural, e da *Micro-História*, ao buscar caracterizar os "tempos do escrito" (CASTILLO GÓMEZ, 2003) e os aspectos da vida social no interior da Bahia oitocentista a partir da observação das práticas de escrita dos senhores do Campo Seco.

2.3.1.1 História Social da Cultura Escrita – breve reflexão sobre o que é e a que se propõe esse campo do saber

O objetivo deste tópico, como denuncia o seu título, é entender o que é e a que se propõe o campo da *História Social da Cultura Escrita* – (HSCE). Buscar respostas para tais questionamentos nos direciona, primeiramente, a uma discussão mais ampla: entender o termo "cultura escrita", que tem sentido amplo e, por isso, requer uma definição que se adeque aos fins teórico-metodológicos da pesquisa. Nesse sentido, é de fundamental importância verificar o que diz Galvão (2010, p. 218), que trata a temática do ponto de vista antropológico. Assim diz a autora:

> Mas, afinal, o que é cultura escrita? Certamente, essa não é uma definição simples nem isenta de polêmicas. Neste trabalho, assumimos que, se tomarmos o conceito de cultura em uma acepção antropológica, ou seja, como toda e qualquer produção material e simbólica produzida a partir do contato dos seres humanos com a natureza, com os outros seres humanos e com os próprios artefatos criados a partir dessas relações, podemos considerar que a cultura escrita é o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade. (GALVÃO, 2010, p. 218).

A referida autora, na direção das transformações ocorridas no paradigma da historiografia tradicional, evidencia que a cultura escrita é o lugar "simbólico - e material que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade". Não se trata de uma análise desprovida de implicações sociais, meramente descritiva, sem a devida observação de seus usos e funções, a perspectiva é a abordagem da escrita como prática cultural. Nesse contexto, Viñao Frago (1996) entende que:

> La historia social de la cultura escrita no es ni puede ser, además, un campo acotado por unos investigadores determinados. Nace con vocación interdisciplinar. Todos los que la abordan saben, vengan de donde vengan, sea cual sea su formación que precisan incorporar conocimientos y estudios generados desde varios campos académicos e institucionales. Que su aportación es necesariamente parcial e incompleta. Que, en definitiva, la historia de la

> cultura escrita requiere el concurso de filólogos, lingüistas, epigrafistas, paleógrafos, sociólogos, pedagogos, psicólogos, antropólogos e historiadores socio-culturales, de la literatura o de la educación, entre otros.' (VIÑAO FRAGO, 1996, p. 42-43)[7]

Ensina Viñao Frago (1996) que a HSCE nasce com o caráter interdisciplinar e, por essa razão, exige a contribuição de pesquisadores das diversas áreas, como, por exemplo, linguistas, filólogos etc. para que se possa "[...] reunir, em uma história de longa duração, os diferentes suportes de escrita e as diversas práticas que a produzem ou que dela se apropriam." (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 115).

Para tanto, é preciso compreender a HSCE como uma forma da história cultural focalizada, sobretudo, nos objetos escritos e nos testemunhos, independentemente de sua índole, considerando seus diferentes usos e funções. Além disso, salienta Castillo Gómez (2003, p. 108) que a HSCE representa a conjunção de três histórias paralelas: a história das normas, da capacidade e dos usos da escrita; a história dos livros ou mais amplamente, dos textos manuscritos e impressos, e a história da leitura. A conjunção dessas três histórias ocorre, segundo Petrucci (1993, p. 382), em virtude das mudanças historiográficas ocorridas nos últimos anos. Logo, na visão do referido autor,

> no existe ya la historia de la escritura, sino una historia del escribir, mejor aún de los actos de escritura; no existe ya una historia de la imprenta -o del libro impreso-, sino una historia de la producción y difusión de los testimonios impresos de cualquier naturaleza; no existe ya una historia de la lectura, sino una historia de los modos y prácticas de leer; no existe ya....una historia de la literatura, sino una historia de las prácticas literarias"[8] (PETRUCCI 1993, p. 382)

Nesse sentido, a HSCE busca interpretar as práticas sociais que envolvem o ato de ler e escrever, destacando-se dois pontos essenciais para qualquer tempo histórico, conforme Petrucci (1999 p. 25-26). O primeiro deles é a difusão social da escrita, entendida como pura e simples capacidade de escrever, inclusive em seu nível mais baixo, ou seja, a porcentagem numérica dos indivíduos que são capazes de empregar ativamente

[7]A história social da cultura escrita não é nem pode ser um campo limitado por certos pesquisadores. Nasce com uma vocação interdisciplinar. Todos os que a abordam sabem, venham de onde vier, seja qual for sua formação que precisam incorporar conhecimentos e estudos gerados por vários campos acadêmicos e institucionais. Que sua contribuição é necessariamente parcial e incompleta. Que, em suma, a história da cultura escrita requer a colaboração de filólogos, linguistas, epigrafistas, paleógrafos, sociólogos, pedagogos, psicólogos, antropólogos e historiadores socioculturais, da literatura ou da educação, entre outros. (VIÑAO FRAGO, 1996, p. 42-43) (Tradução nossa)

[8] já não existe a história da escrita, mas sim uma história do escrever, melhor ainda dos atos de escrita, já não existe uma história da impressão - ou do livro impresso -, mas sim uma história da produção e divulgação dos testemunhos impressos de qualquer natureza, já não existe uma história da leitura, mas sim uma história dos modos e práticas de ler, já não existe... uma história da literatura, mas sim uma história de práticas literárias " (PETRUCCI, 1993, p. 382) (Tradução nossa)

os signos do alfabeto e a difusão social passiva dos produtos gráficos. O segundo ponto faz referência à função que a escrita assume no âmbito de cada sociedade, destacando o ambiente cultural de produção e aplicação, o local de origem e o grau do prestígio social dos escreventes na hierarquia social. Viñao Frago (1996, p. 57) alerta que "Un programa mínimo de dicho análisis, en relación con una sociedad determinada, abarcaría el quién y el cómo se escribe y se lee, en qué contextos, con qué medios y con qué fines, así como los significados y representaciones sociales de tales actos y contextos." [9](VIÑAO FRAGO, 1996, p. 57)

A discussão realizada deixou claro que escrita e sociedade estão numa relação de influência mútua. Portanto, os textos escritos configuram tal relação, diversificando as fontes através de gêneros variados, fato que exige métodos capazes de captar os usos e funções do ato de ler e escrever, considerando os fatores diatópicos e diacrônicos, além do contexto de produção. Sobre as variedades de fontes, Castillo Gómez (2003, p.115) afirma que estão situadas em três domínios:

> 1. *Fuentes del discurso*. Comprenden todos aquellos textos socialmente autorizados a través de los cuales se establece y se propaga una determinada concepción de la escritura y de la lectura. Incluyen, por lo tanto, los textos emanados de las diferentes instancias de poder productoras de discursos: la política, el derecho, la iglesia, la academia, las gentes de letras o los profesionales de la escritura y del libro.
> 2. *Testimonios de las prácticas*. Sin duda el *corpus* más extenso y impreciso puesto que comprende la totalidad de los objetos escritos, ya sean de carácter oficial o privado, impresos, manuscritos o electrónicos, pintados, garabateados o incisos. La elección de unos o de otros dependerá siempre de los objetivos planteados en cada investigación.
> 3. *Representaciones*. Se trata de los distintos tipos de imágenes que cada sociedad construye a propósito de los temas y objetos de la cultura escrita. Naturalmente la parte más suculenta del pastel se la llevan tanto las manifestaciones de la escritura y de la lectura, de los escritores y de los lectores, en el arte; pero tampoco faltan las que tienen su espacio en los textos literarios.[10]

[9] Um programa mínimo dessa análise, em relação a uma sociedade determinada, abrangeria o quem e o como se escreve e se lê, em que contextos, com que meios e com que fins, bem como os significados e representações sociais de tais atos e contextos (VIÑAO FRAGO, 1996, p. 57)
(Tradução nossa)

[10]1. Fontes do discurso. Compreendem todos aqueles textos socialmente autorizados através dos quais se estabelece e se propaga uma determinada concepção da escrita e da leitura. Incluem, portanto, os textos emanados das diferentes instâncias de poder produtoras de discursos: a política, o direito, a igreja, a academia, as pessoas de letras ou os profissionais da escrita e do livro [...]

2. Testemunhos das práticas. Sem dúvida o corpus mais extenso e impreciso posto que compreende a totalidade dos objetos escritos, sejam de caráter oficial ou privado, impressos, manuscritos ou eletrônicos, pintados, desenhados ou incisos. A escolha de uns ou de outros dependerá sempre dos objetivos planejados em cada investigação [...]

3. Representações. Trata-se dos distintos tipos de imagens que cada sociedade constrói a propósito dos temas e objetos da cultura escrita. Naturalmente a parte mais suculenta da torta leva tanto as manifestações da

Ganham destaque, segundo o autor, fontes que emanam das esferas públicas, as chamadas fontes autorizadas. São destacadas também as fontes das representações, isto é, como cada sociedade vê as distintas formas de imagens construídas a partir dos temas e objetos da cultura escrita. Entretanto, são os testemunhos escritos que constituem o *corpus* mais numeroso, segundo o autor, pois podem ser encontrados tanto no ambiente privado como no público.

As diversidades das fontes, no âmbito da HSCE, possibilitam investigações que podem ocorrer através de análises e estudos comparativos dos manuscritos de caráter usual e privado, dos processos de produção, circulação e função social de manuscritos e impressos (livros, panfletos etc.) (PETRUCCI, 1999), seguindo as orientações das práticas, dos discursos e das representações de forma individual ou concomitante. O caminho apontado por Petrucci (2003, p.7-8), é ocupar-se da história da produção, das características formais e dos usos sociais da produção da escrita e dos testemunhos escritos em uma determinada sociedade, devendo, para tal, responder, para qualquer tempo histórico, ao seguinte conjunto mínimo de questões:

> Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.
> Cuándo? Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.
> Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.
> Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.
> Quién lo realizo? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.
> Para qué fue escrito ese texto? Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podia ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir (PETRUCCI, 2003, p. 7-8).[11]

---

escrita e da leitura, dos escritores e dos leitores, na arte; mas tampouco faltam as que têm seu espaço nos textos literários. (Tradução nossa)

[11] O quê? Em que consiste o texto escrito, o que precisamos transferir para o código gráfico usual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição.
Quando? Época em que o texto em si foi escrito no testemunho que estamos estudando.
Onde? Zona ou lugar em que se levou ao fim a obra de transcrição.
Como? Com que técnicas, com que instrumentos, sobre quais materiais, segundo que modelos foi escrito esse texto.
Quem o realizou? A que ambiente sociocultural pertencia o executor e qual era em seu tempo e ambiente a difusão social da escrita.
Para que foi escrito esse texto? Qual era a finalidade específica desse testemunho em particular e, além disso, qual podia ser em sua época e em seu lugar de produção a finalidade ideológica e social de escrever (PETRUCCI, 2003, p. 7-8). (Tradução nossa)

Responder a essas questões constitui um processo que procura localizar o texto dentro de seu contexto histórico, material e cultural, a fim de recriar a sócio-história das práticas de escritas em sociedades pretéritas, já que, como explica Barreiros (2017, p. 391):

> A escrita é responsável pelo desenvolvimento de práticas sociais que se constituem como a essência das sociedades complexas, possibilitando o registro do cotidiano e, com isso, inventou a noção de homem histórico, capaz de compor um discurso sobre si mesmo. (BARREIROS, 2017, p.391)

A noção de homem histórico preconizada pelo autor retinge-se às sociedades complexas, o que nos leva a crer que se refere exclusivamente àqueles que têm o domínio da escrita. Entretanto, é importante frisar que os homens e mulheres oriundos das sociedades ágrafas não deixam de ser históricos ou fazer história pelo fato de não terem acesso à escrita. Logo, sendo a escrita elemento importante para o desenvolvimento social de comunidades que detêm o domínio de tal tecnologia, é necessário que a interpretação das fontes textuais, para qualquer tempo histórico, parta da perspectiva do texto como documento cultural. Lewis (2006, p. 35) assim caracteriza o que se entende por documentos culturais. Diz o autor:

> documentos que não podem estar separados das condições e circunstâncias de sua produção e consumo e estão entrançados nas práticas sociais, processos institucionais, na política, na economia, portanto, os significados dos textos não podem ser tratados de maneira independente da corrente e das operações mais amplas da cultura no qual o texto existe (LEWIS, 2006, p. 35).

A análise do texto como um documento cultural permite ao pesquisador ir além da simples descrição, valendo-se da fonte textual não mais como uma realidade concreta de caráter monolítico. Para Barreiros (2017, p. 391):

> o texto escrito exige uma interpretação histórica desde o primeiro momento de sua existência porque ele é testemunho da experiência humana, forjado no cotidiano e se relaciona com práticas sociais peculiares de sujeitos historicamente constituídos. Esses sujeitos, por sua vez, também se inventam a partir das relações estabelecidas com os textos, entendidos como práticas escriturísticas. (BARREIROS, 2007, p. 391)

A escrita, agora vista como objeto sociocultural, não pode mais ser estudada sem considerar as condições de aquisição, produção, circulação e conservação (CASTILLO GÓMEZ, 2003). Esse novo viés apresenta o estudo das práticas de escrita em diferentes dimensões, como propõe Galvão (2010):

> i. estudar as instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais;

> ii. fazer uma história dos objetos que lhe dão suporte;
> iii. estudar os suportes por meio dos quais ela é difundida e ensinada;
> iv. focalizar os sujeitos que, em suas vivências cotidianas, constroem historicamente os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa nos grupos e nas sociedades que os constituem (e que, ao mesmo tempo, ajudam a constituir);
> v. investigar os meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume. (GALVÃO, 2010)

A respeito da primeira dimensão, explica a autora que:

> De modo geral, pode-se afirmar que a família e a escola são as duas instituições que historicamente têm se responsabilizado pelo ensino da leitura e da escrita. Outras instâncias, no entanto, podem assumir um papel também importante no ensino, sobretudo, na difusão e na circulação do escrito, tais como o trabalho; a burocracia do Estado; as Igrejas de diferentes denominações; o comércio; a feira; o cemitério; os movimentos por ocupação da terra; as bibliotecas; as associações e os movimentos sociais e políticos; as sociedades literárias; as manifestações culturais populares; a tipografia; a editora; a farmácia; o teatro; o cinema; o rádio e, mais recentemente, a televisão e o computador/a internet. (GALVÃO, 2010, p. 221-222)

Fica claro que o estudo da cultura escrita deve buscar respostas para uma caracterização formal dos diversos locais que promovem a produção, a circulação e os usos sociais da escrita. A escolarização formal é apenas um viés para se estudar as instâncias responsáveis pelo ensino e difusão da escrita. Não se podem esquecer os diversos espaços extraoficiais que assumiram, por muito tempo, papel importante no ensino. Além disso, é preciso saber quais objetos dão suporte à escrita, desse modo, a segunda possibilidade para apreender o lugar ocupado pelo escrito em outros tempos e lugares é, conforme a autora, fazer uma história dos objetos que lhes dão suporte, logo,

> Nessa perspectiva, a história da cultura escrita é também a história do livro, dos manuais didáticos, das cartilhas, das revistas, dos jornais, dos panfletos, dos folhetins, das folhas volantes, dos bilhetes, das cadernetas, dos telegramas, dos catecismos, dos cartazes, dos documentos civis, dos recibos, dos almanaques, dos cordéis, dos calendários, das histórias em quadrinhos, dos documentos geridos na burocracia estatal, dos diários, das correspondências, dos túmulos, das teses, dos tratados acadêmicos. (GALVÃO, 2010, p. 222)

A segunda dimensão busca elencar os objetos que funcionam como suportes para a escrita. Fazer a história da cultura escrita, nessa perspectiva, é buscar compreender a história dos materiais escritos produzidos na vida cotidiana pelos diversos atores em diferentes contextos sociais.

Quanto à terceira dimensão para se estudar a cultura escrita, Ana Maria Galvão informa que o caminho é o lugar ocupado pelos impressos, pelos manuscritos, pela

oralidade, pelas tecnologias digitais e por formas de estruturação de oralidade secundária, ou seja, fazer a história dos suportes por meio dos quais ocorrem o ensino e a difusão da escrita. Nas palavras de Brandt e Clinton (2002), segundo a autora, busca-se dimensionar a força que ocupa o escrito em determinado grupo social, por meio da análise do suporte que o materializa. Em outras palavras, essa via se preocupa em saber quais as maneiras de apresentação do escrito, como o escrito se materializa nas diversas circunstâncias de comunicação.

Conhecer as instâncias, os objetos e os suportes do escrito, em diferentes lugares, contextos e épocas, é de fundamental importância, mas não se pode esquecer de um elemento chave no processo de produção e recepção do escrito. Trata-se dos sujeitos que constroem historicamente os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa nos grupos e nas sociedades que os constituem. Dessa forma, a quarta dimensão, para se investigar a história da cultura escrita, deve ser (re)construída

> Por meio da análise de histórias individuais, familiares e sociais de sujeitos que viveram na época investigada. Por um lado, julgamos ser importante investigar indivíduos e grupos já estabelecidos na cultura escrita, ou seja, aqueles que pertencem a uma linhagem familiar e/ou social que já tem, há mais de uma geração, intimidade com o ler e o escrever [...]. Na mesma direção, é também relevante focalizar a trajetória de intelectuais, que mesmo quando não são originários de famílias com as características referidas, constroem uma relação de participação intensa na cultura escrita legítima de uma época. Por outro lado tornam-se essenciais também os estudos que enfocam trajetórias de sujeitos analfabetos, semialfabetizados e "novos letrados" – aqueles que representam a primeira geração, na linhagem familiar, a construir relações de intimidade com a leitura e a escrita. Nesse sentido, são importantes os estudos que acompanham os processos de transmissão intergeracional do ler e do escrever em uma mesma família. Destacam-se, ainda, os trabalhos que estudam trajetórias de grupos específicos, como mulheres e negros, ou aqueles que se detêm sobre as trajetórias de autodidatas. (GALVÃO, 2010, p. 223)

O interesse no sujeito e na relação dele com a leitura e com a escrita, analisando-o nas perspectivas individual, familiar e social abre um diálogo intenso com outras áreas do saber, já que a constituição histórica e social do homem é também objeto de estudo da História, da Antropologia e da Sociologia, por exemplo. Registre-se que esse diálogo é muito útil para se compreender as práticas de escrita, ao longo do tempo.

A quinta possibilidade, para se investigar as práticas de escrita de outros tempos, centra-se na observação dos meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume. Diz a autora que, além de investigar o próprio escrito, seus objetos e suportes, é necessário considerar a oralidade. Por isso, as taxas de alfabetização não podem ser consideradas como o único indicador da participação da sociedade nas culturas do

escrito. Agregados a essas taxas, é preciso compreender os modos de ler que predominavam nos grupos e nas sociedades estudadas (GALVÃO, 2010).

É importante salientar que, sob outro ponto de vista, a História Social da Cultura Escrita é aquela responsável por explicar "os tempos do escrito", em cada uma das etapas de sua trajetória. A trajetória do escrito perpassa, conforme Castillo Gómez (2003), por quatro etapas assim definidas: aquisição, produção, recepção e conservação.

O *tempo da aquisição* corresponde ao período em que se tem acesso à competência gráfica, observando as condições sociais nas quais ocorreu a apropriação da capacidade de escrever. Trata-se, conforme o referido autor, do processo de historicizar as práticas de alfabetização. O *tempo de produção* representa as circunstâncias e contextos que intervêm no processo da produção escrita, considerando os aspectos materiais, gráficos e históricos envolvidos em cada contexto. No *tempo da recepção*, há uma mudança de protagonismo: o autor, que antes era sujeito central, cede lugar ao leitor, isto é, a forma material pode orientar as expectativas de significados do texto, mas o sentido dado a estes estará diretamente ligado às circunstâncias que atuam no ato da recepção. E, por fim, no *tempo da conservação*, deve-se investigar a política da memória através dos discursos, dos indivíduos e das instituições que historicamente exercem jurisdição sobre o patrimônio escrito, ou seja, os espaços públicos e privados onde se conservou a memória escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 116-122).

É este arcabouço teórico que utilizaremos para a caracterização da produção escrita dos senhores do Campo Seco. Através da análise do *Livro de Razão*, responderemos ao conjunto de perguntas propostas por Petrucci (2003) e investigaremos os *scriptores* em suas vivências, através das instâncias de acesso, circulação e difusão da leitura e da escrita.

Ainda que o foco da HSCE esteja na materialidade do escrito, o diálogo com a Linguística e com a Filologia torna-se essencial, pois há uma estreita relação entre escrita e oralidade. Sobre a relação com a Filologia, Barreiros (2014, p. 35) afirma que:

> [...] a história da cultura escrita também oferece importante suporte aos estudos filológicos já que o seu foco de interesse, num primeiro momento, concentra-se na história das distintas maneiras encontradas pelas culturas humanas para transmitir mensagens e as consequências sociais, culturais e históricas decorrentes das mudanças no modo de transmissão da escrita. Essas reflexões são necessárias, porque é preciso perceber as continuidades e inovações trazidas pelos novos suportes, principalmente quando se vive no limiar de mudanças e adaptações, como está acontecendo no mundo ocidental nesse início do século XXI, em que convivem a cultura dos impressos e a cultura digital (BARREIROS, 2014, p. 35).

Em relação à Linguística, Telles (2016, p. 195) afirma que o texto é "resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é, sobretudo, um documento de fatos linguísticos capaz de revelar, também, o modo de vida de um povo." Logo, compreendemos que a cultura escrita codifica tudo aquilo que é comunicado, ou seja, é a materialização dos sons e dos discursos usados na fala, portanto, a HSCE, ao tematizar as práticas e a materialidade do escrito, materializa também "vestígios da oralidade". Essa questão fica bem nítida na leitura do relato feito por Telles (2016):

> Jeffiey Kittay (1995), em *Pensando em termos de cultura escrita,* adverte que um dos maiores problemas da compreensão da cultura escrita é a incapacidade de especificar quais de suas propriedades são independentes da escrita. Adverte, entretanto, que qualquer tipo de cultura escrita é inicialmente dependente de um determinado código ou conjunto de códigos gráficos. Pergunta, então, o que a cultura escrita codifica sob a forma de escrita, respondendo simplesmente que "é a oralidade", compreendida como tudo aquilo que é revisto pela cultura escrita, tudo que é comunicado, de viva voz ou não [...] (TELLES, 2016, p. 198).

No bojo dessa discussão, Magalhães (2003) também esclarece que a oralidade é parte constitutiva do escrito, logo:

> É a contribuição atual da linguística ao problema das diferenças entre os modos de comunicação, que busca abordar as complexas relações entre a oralidade e escrita como instâncias que são heterogêneas por si, porque há diversas formas de oralidade e de cultura escrita, que sempre se interpenetram; neste sentido, pode-se definir a oralidade como constitutiva do escrito, que se traduz como produto cultural essencialmente híbrido: o escrito se impõe como instância fundamentalmente dialógica e textual, a um só tempo, que reflete a fusão de gêneros orais e escritos, de temas e práticas de apropriação oriundos da tradição oral e escrita. (MAGALHÃES, 2003 p.15-16)

Sendo o texto um documento de dados de língua e, portanto, também um registro da oralidade, a HSCE contribui com a história social linguística porque procura "localizar o texto dentro de seu contexto histórico, material e cultural", estudando as práticas de escrita como um produto social híbrido e recriando sócio-história de culturas e experiências socialmente localizadas (HANNA; BASTOS, 2014, p. 16).

2.3.1.2 – A Micro-História como recurso metodológico

Neste tópico, não pretendemos fazer uma discussão longa sobre a *Micro-História* italiana. O objetivo é apenas apresentar e discutir alguns aspectos desta abordagem historiográfica que utilizaremos como recurso metodológico para captar, por meio da observação da prática de escrita de dois indivíduos, no sertão da Bahia oitocentista,

aspectos particulares do funcionamento da fazenda, que possam colaborar para a compreensão de um quadro geral da dinâmica social local e, consequentemente, auxiliar na compreensão dos dados de língua da região.

Inicialmente, precisamos compreender como esse movimento ganhou destaque e qual a sua relação com as abordagens historiográficas que atuavam neste mesmo cenário. A leitura atenta de Vainfas (2002) e Burke (2005) esclarece que a Micro-História foi um movimento de reação, com o objetivo de reintroduzir, na História, as experiências concretas, individuais ou locais.

Essa reação historiográfica desenvolveu-se com certo diálogo com os movimentos de renovação historiográfica ocorridos na França, nas décadas de 1970 e 1980, mas não pode ser confundida com a nova história cultural, justamente por apresentar trajetórias e propostas próprias, além de possuir o ponto de origem nas inquietações dos historiadores italianos diante da "crise dos paradigmas" e da "dependência de modelos historiográficos importados, sobretudo franceses e anglo-saxões" (VAINFAS, 2002, p.105). Quanto à fundação precisa do movimento, há discordâncias. Algumas correntes defendem que a proposta do movimento ganhou notoriedade, na década de 1970, de maneira informal, em uma série de artigos publicados nos *Quaderni Storici* como, por exemplo, "Microanalisi e storia sociale", de Edoardo Grendi, 1972; "O nome e o como", 1979, de Ginzburg e Poni ou ainda o artigo considerado por alguns historiadores como o texto-base de todos os debates, de 1979, intitulado "Spie. Radiei di un paradigma indiciário" (*Sinais. Raízes de um paradigma indiciário*) também de autoria de Ginzburg (VAINFAS, 2002, p.105-108).

O movimento guarda algumas semelhanças com a História Regional e a História das Mentalidades, mas tais abordagens não podem e não devem ser confundidas. Barros (2005, p.37) afirma que os historiadores das mentalidades foram os primeiros a investigar temas, como paraíso, medo, purgatório etc., que ficavam à margem da História. Os temas relegados pela História convencional ou pela História Social são também o foco da Micro-História. Entretanto, diferente dos historiadores das mentalidades que realizam a análise em conexão com a história geral das sociedades através de recortes amplos, a análise micro-histórica privilegia o recorte minúsculo, o indivíduo, grupos e comunidades, tramas e enredos aparentemente banais (VAINFAS, 2002, p. 105-106).

Já a diferença entre a História Regional e a Micro-História reside no seguinte fato: o historiador, no âmbito da História Regional tem como interesse um espaço físico, cultural, antropológico a fim de pesquisar as relações que se estabelecem dentro deste

espaço. Para o micro-historiador, embora seja possível estudar o espaço físico reduzido, ao reduzir a escala, o objetivo é analisar, através da comunidade, aspectos da realidade micro para atingir as especificidades de uma realidade ampla (BARROS, 2017, p. 152-153).

Sobre os temas que podem ser objeto de análise da Micro-História, Vainfas (2002, p.136) informa que:

> a micro história pode se interessar por temas ou personagens desconhecidos — como era o Mennochio, antes de Ginzburg — ou por temas bastante célebres, a exemplo da possessão de Salem, na Massachussets do século XVII ou da vida de Galileu, na Itália da Época Moderna.[...] Mas é certo que a micro história tem seus temas preferenciais ou tipos de temas mais passíveis de serem estudados em escala reduzida. Grandes episódios e personagens célebres são, assim, menos usuais e menos bem-vindos à microanálise que, por sinal, desde o início se animou com a possibilidade de inverter a história e reconstruí-la "a partir de baixo". (VAINFAS, 2002, p. 136)

Diferente do que se pode imaginar, a Micro-História, mesmo se interessando preferencialmente por certos temas, como personagens desconhecidos ou pequenos grupos e comunidades, por exemplo, também pode, em escala reduzida, voltar-se para grandes personagens ou acontecimentos grandiosos. Dessa maneira, é possível realizar pesquisas, pelo viés micro-histórico, com ênfase nas vivências de grupos subalternos, verticalizando as fontes e, portanto, fazer uma história “vista de baixo” como também realizar uma micro-história de grandes episódios ou de grupo social da elite, como é o caso dos Senhores do Campo Seco, família abastarda do sertão baiano, cuja produção escrita é analisada nesta tese.

Quanto à metodologia, a Micro-História centra a análise nos estudos na referência à espacialidade, referência histórico-sociológica e, preferencialmente, nas situações-limites perfazendo o seguinte caminho: a redução da escala (o deslocamento do olhar), a observação dos indícios, das pistas e sinais (parte-se do específico para o geral) e posteriormente o estudo do universo micro-histórico (analisa não só o fato ocorrido, mas principalmente os indícios, as imprevisibilidades recolhidos pelo historiador) (VAINFAS, 2002, p. 118-120).

É apoiando-se em algumas especificidades desse aporte metodológico que se pretende examinar a trajetória e as práticas de escrita dos Senhores do Campo Seco, a fim de perceber aspectos específicos relativos ao modo de vida e, assim, propor uma configuração da memória sociocultural de Bom Jesus dos Meiras, Alto Sertão da Bahia, entre 1794 e 1834. (colocar aqui alguma referência ao queijo e vermes).

2.4 SÍNTESE DA SEÇÃO

Ao longo desta seção, expomos a abordagem interdisciplinar que sustenta a elaboração desta tese, destacando o aparato teórico-metodológico e a funcionalidade de cada área no processo de preparação, caracterização e análise do *corpus.* Sob essa perspectiva, entendemos que a Linguística Histórica e o suporte filológico garantem o estabelecimento do texto através da edição e do tratamento dos aspectos extrínsecos do manuscrito, enquanto a História Social da Cultura Escrita fornece bases para a reconstituição dos usos e funções da escrita na sociedade em foco. Sobre os recursos da Micro-História, acreditamos que são de fundamental importância para a realização de estudos sobre as memórias e as vivências de determinado grupo social por meio da análise de elementos específicos observados por meio das práticas de escrita e das trajetórias individuais dos senhores do Campo Seco.

Todo esse processo justifica-se, porque cremos no fato de que há "uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social que geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudança linguística." (FARACO, 2005, p. 66).

Dessa forma, esperamos captar as nuances da vivência dos senhores do Campo Seco, em Bom Jesus dos Meiras, após a edição semidiplomática do *Livro de Razão* e do tratamento de seus aspectos materiais, seguidos da compreensão dos usos e funções das práticas de escrita na fazenda, que servirão de fontes para a observação de indícios da realidade linguística e social da região.

3

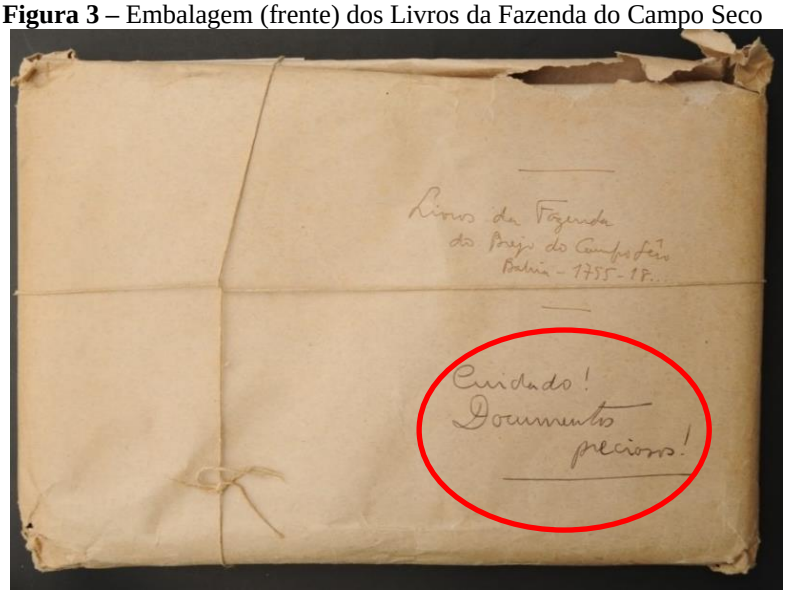
DO FAC-SÍMILE À EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO: O CORPUS, O CONTEXTO DE PRODUÇÃO E OS *SCRIPTORES*

A edição de um texto precisa estar muito bem amparada em um conjunto de informações capazes de fornecer ao leitor o suporte necessário sobre a história da produção e das características formais do documento. Por essa razão, esta seção, a partir do aparato metodológico da História Social da Cultura Escrita e da Filologia, tem como objetivo apresentar a caracterização do *Livro de Razão* do Campo Seco, destacando os aspectos materiais do manuscrito – aspectos extrínsecos – e o contexto sócio-histórico de sua produção, respondendo, para tanto, a questões referentes à autoria, localização e datação do texto. Com esse propósito, a seção está organizada da seguinte maneira: em 3.1, apresentamos o *corpus*, as motivações para a proposta de edição e a descrição dos aspectos físicos e materiais. A partir de 3.2, o objetivo é a configuração dos limites temporal e espacial, com ênfase no processo de conquista, repovoamento da região do Alto Sertão da Bahia e formação de Bom Jesus dos Meiras. Os *scriptores* são caracterizados através de fichas de identificação no item 3.3, seguidas da explicação sobre a criação do site para a disponibilização das edições em 3.4. No item 3.5, há uma retomada da discussão através de uma síntese da seção.

3.1 O *LIVRO DE RAZÃO* DO CAMPO SECO

O *Livro de Razão* do Campo Seco é constituído de um total de 195 folhas, mede 30,5 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, conforme Santos Filho (2012, p. 110). Encontra-se guardado em Campinas, sob os cuidados de Licurgo dos Santos Neto, envolvido em um papel pardo e amarrado com barbante, como mostra a figura 3.

Figura 3 – Embalagem (frente) dos Livros da Fazenda do Campo Seco



Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB

Vale destacar a consciência que Lycurgo Santos Neto[12] tem ao deixar registrado, no pacote, a necessidade do cuidado que se deve ter, por considerá-los preciosos, devido ao caráter histórico que têm as informações contidas nele. Quantos documentos, geralmente, são descartados pela falta de informação dos proprietários acerca do valor histórico e linguístico que possuem?

3.1.1 Sobre a transcrição já realizada e as motivações para uma nova edição

Nesta tese, além da fac-similar, optamos por fazer a edição semidiplomática, cujo objetivo é oferecer um texto transcrito com critérios claros, caracterizando as condições e circunstâncias de produção, mantendo intactos os fenômenos da língua, garantindo, assim, a possibilidade de realização de pesquisas em Linguística Histórica, visto que a transcrição existente do referido texto, de Lycurgo dos Santos Filho, publicada no livro *Uma comunidade rural do Brasil Antigo*, de acordo com a temática de cada capítulo e sem o fac-símile, volta-se, principalmente, para historiadores e profissionais de outras áreas.

Além de ampliar o público-alvo, esperamos que, após a edição do Livro de Razão, algumas afirmações feitas por Santos Filho (2012), no livro *Uma comunidade rural do Brasil Antigo*, sobre os senhores do Brejo Seco, possam ser revistas ou confirmadas. O

[12] Responsável pela guarda dos Livros do Campo Seco em Campinas- SP.

autor, para embasar sua análise sobre os diversos assuntos que aborda em seu livro, afirma, por exemplo, que Miguel Lourenço, o primeiro senhor do Campo Seco:

> [...] possuía melhor caligrafia e, talvez, maior cópia de instrução do que o genro. Ele foi tabelião, como se viu. Pinheiro, entretanto, pela atividade desenvolvida no decorrer da existência, pouco ficou a dever ao sogro em matéria de ilustração. E mesmo a impressão que se tem, nesse sentido, é a de que o filho Inocêncio não se igualou ao pai. Ficou bem aquém. Denotam-no a insegurança da letra, a má caligrafia e grande quantidade de erros ortográficos encontrados na sua escrita, erros que o pai e o avô não cometeram. (SANTOS FILHO, 2012, p. 38-39).

Mais adiante, informa o autor que a horrível letra e a péssima ortografia de Inocêncio Pinheiro Canguçu revelam que seus estudos foram mais deficientes do que os recebidos pelo pai, Antônio Pinheiro Pinto.

Sabemos que o simples fato de possuir caligrafia "feia" não pode ser decisivo para definir o grau de instrução de um indivíduo. Outro fator importante é saber se o que Santos Filho (2012) chama de "erros ortográficos" baseia-se nas normas e convenções atuais ou se o autor se preocupou em verificar as convenções ortográficas dos diferentes momentos em que o manuscrito foi produzido. Tais questões serão dirimidas após análise da edição e do estudo que será realizado na seção 5 desta tese.

3.1.2 Descrição extrínseca

Lose et al (2009), ao tratar da edição do *Dietário do Mosteiro de São Bento*, explana o que se entende por descrição extrínseca da seguinte maneira:

> Entende-se como *descrição extrínseca* a apresentação minuciosa das características físicas da obra: tamanho do suporte e da mancha escrita, quantidade de fólios, tipo de letra, indicação de presença de letras ornadas e descrição das suas características, tinta utilizada, quantidade de linhas escritas por fólio, estado de conservação do documento, indicação da presença de ornamentos e descrição das suas características, em suma, uma descrição detalhada das características externas da obra, deixando-se de fora, neste momento, o seu conteúdo e a sua língua. (LOSE, 2009 et al, p. 34)

É esta a descrição do *Livro de Razão* que pretendemos apresentar. Todavia, é preciso deixar claro que tivemos acesso apenas a sua versão digital, o que limita uma caracterização mais precisa de algumas propriedades físicas.

3.1.2.1 A digitalização do Livro de Razão pelo método fotográfico Lapelinc

O manuscrito do Campo Seco foi fotografado de acordo com o método fotográfico do *Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus* (*Lapelinc*), desenvolvido pelo

professor Jorge Viana Santos com colaboração da professora Cristiane Namiuti Temponi, na Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB). O método, segundo Brito e Santos (2014, p. 422), tem por objetivo fazer a transposição de documentos manuscritos originais em papel para o formato digital através de fotografia, cientificamente controlada, perfazendo as seguintes etapas: "1) Controle: etapa da captura de informações da fonte; 2) Captura fotográfica da imagem do original; 3) Catalogação das folhas-imagens componentes do documento; 4) Edição; 5) Criação de imagens de uso co-indexadas à imagem-original."(SANTOS; BRITO, 2014, p. 424).

Para a execução da etapa 2, os autores explicam o desenvolvimento, no Lapelinc, da Mesa Cartesiana, um equipamento com a finalidade de viabilizar de modo controlado e cientificamente padronizado a fotografia. No que se refere ao layout, a Mesa Cartesiana apresenta-se da seguinte forma (cf. figura 4), conforme Santos e Brito (2014, p. 425)

Figura 4 – Mesa Cartesiana (layout)

Fonte: Santos e Brito (2014, p. 425)

Cada item numerado tem uma função específica na captura da fotografia. Para um melhor entendimento de como ocorre todo o processo, vale a leitura da explicação de Santos e Brito (2014):

> a) Escala de tom (1) e escala de cores (2): sendo escalas científicas elaboradas para o controle fotográfico, possui amostras de tons e cores com parâmetros que podem ser interpretados por programas e *softwares* de edição e leitura de imagem, capazes por isso de, por exemplo, recuperar numa tela de computador

> as tom/cores originais de um documento, independente da leitura que o olho humano faça.
> b) Instrumentos de medição (3, 4, 5): sendo escalas científicas elaboradas para controle milimétrico, do modo como estão dispostas, formam um perfeito plano cartesiano, capaz de matematicamente permitir o cálculo preciso das medidas de quaisquer documentos (livros, folhas...), independente da sua posição.
> c) Informações catalográficas (6), paginação (7), sequenciação (8): garantem um vínculo permanente entre o DF e o DD. (SANTOS; BRITO 2014, p. 425-426)

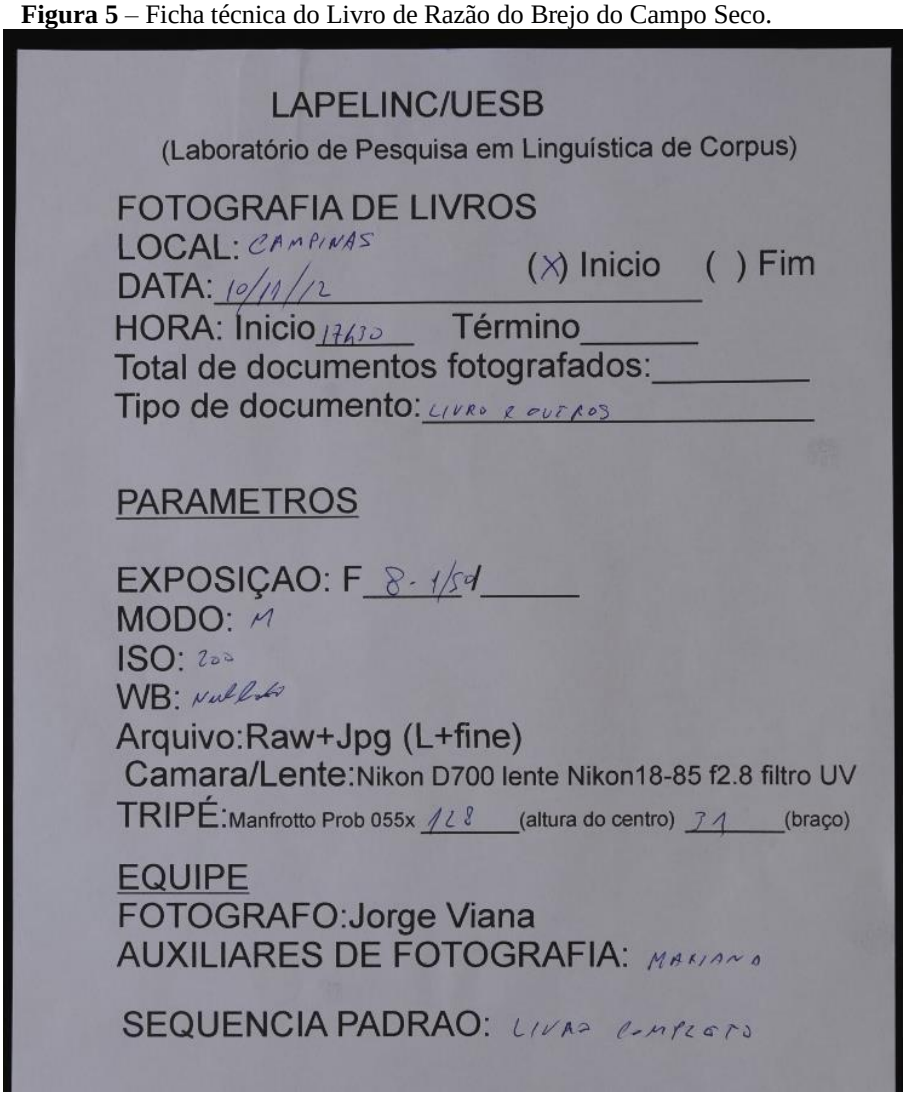
Entretanto, para capturar o fac-símile do *Livro do Razão*, foi utilizado o recurso da placa preta, pois o aperfeiçoamento da Mesa Cartesiana só ocorreu em 2014, como produto da dissertação de Mestrado de Giovane Santos Brito[13], colaborador do Lapelinc, e a digitalização dos manuscritos do Campo Seco (Livro do Gado e Livro de Razão) foi realizada entre os dias 10 e 11 de novembro de 2012, em Campinas-SP, na residência de Sr. Lycurgo Santos Neto, detentor dos livros e papéis da Fazenda do Sobrado do Brejo do Campo Seco, por Jorge Viana, juntamente com as professoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, coordenadoras dos projetos de pesquisas *Vozes do Sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro* e CE-DOHS.

Vejamos como esses critérios foram aplicados ao *Livro de Razão*, observando as figuras seguintes.

Na figura 5 – Ficha técnica do Livro –, constam informações sobre o processo fotográfico do livro. Inicialmente, têm-se os dados sobre o local, a data e início do trabalho. Verificam-se, em seguida, a especificação da tipologia documental, os parâmetros técnicos utilizados no ato e a equipe responsável. Embora constem na ficha a indicação de término do processo e o total de páginas fotografadas, esses dados não foram preenchidos.

[13] Para maiores informações, consultar a dissertação do autor intitulada *Do Texto ao Documento Digital: transposição fotográfica de documentos manuscrito histórico para formação de corpora linguísticos eletrônicos*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2015.

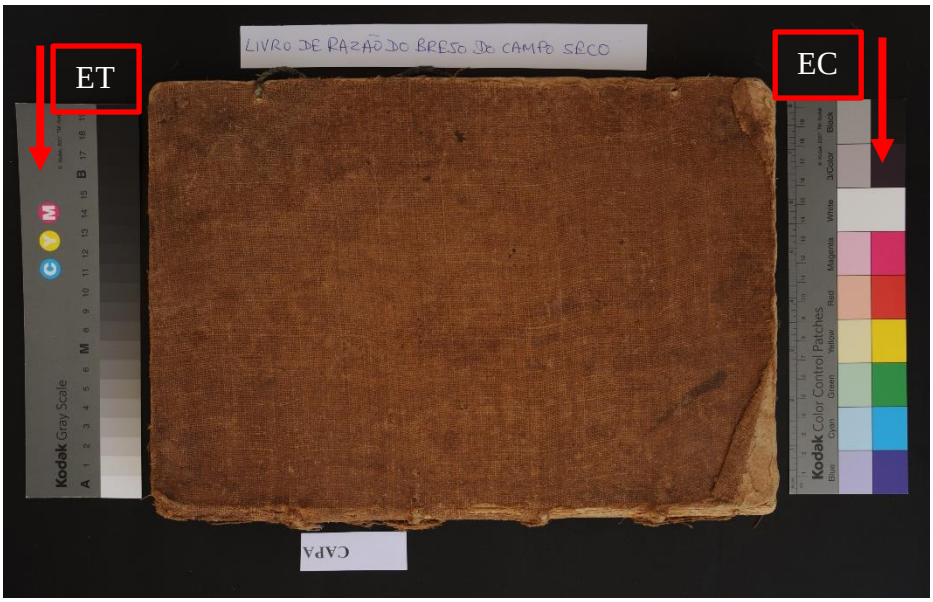
Figura 5 – Ficha técnica do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco.



Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB

Há, na figura 6, a aplicação da escala de tom (ET) e da escala de cores (EC). Esse procedimento é muito importante para garantir que as fotografias sejam trabalhadas com o uso de programas de softwares, sem perder as cores originais.

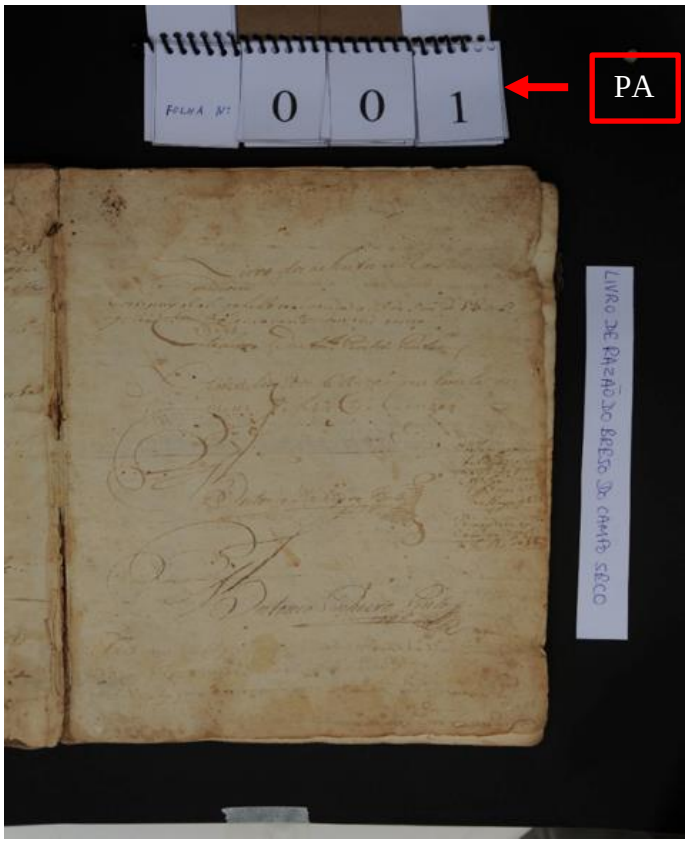
Figura 6– Capa do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Outra etapa do método é denominada de paginação (PA), isto é, uma forma de indicar a ordem da numeração das folhas seguindo a indicação do manuscrito. Na figura 7, a seguir, há um exemplo de como funciona o referido processo.

Figura 7 – Folha 001 do Livro de Razão do Brejo do Campo Seco.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Para as páginas não numeradas (PNN), no original, a numeração deve ser indicada com “000”, caso, por exemplo, de uma capa (SANTOS; BRITO 2014). No entanto, no *Livro de Razão*, optamos por nomear a folha não numerada como folha de guarda, conforme se verá mais adiante.

3.1.2.2 Um passeio pelo Livro de Razão: do suporte à encadernação

Descrevemos, neste item, o suporte físico do *Livro de Razão* do Campo Seco. A encadernação, uma das formalidades exigidas para a confecção de Livros de Razão, está presente no manuscrito do Campo Seco. Para caracterizar a encadernação de um livro, é necessário observar atentamente a obra. Em texto intitulado *Um Panorama sobre a Evolução Histórica da Encadernação* (2015), localizado no site da Biblioteca Nacional, Maria Aparecida de Vries Mársico apresenta um roteiro muito útil para preparar a descrição de uma encadernação, que deve considerar os seguintes elementos: capa, cobertura, lombada, folha de guarda, cortes, cabeceado, tipo e douração.

Verificamos, no manuscrito analisado, a presença de linhas indicando que as páginas foram costuradas e, em seguida, envoltas por capas de papelão cobertas com um tecido pardo grosso (cf. figuras 8 e 9).

Figura 8– Capa do Livro de Razão (Frente)

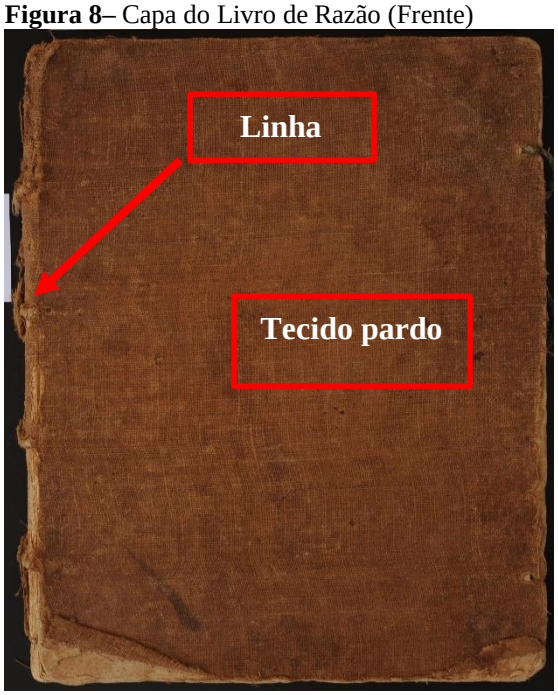
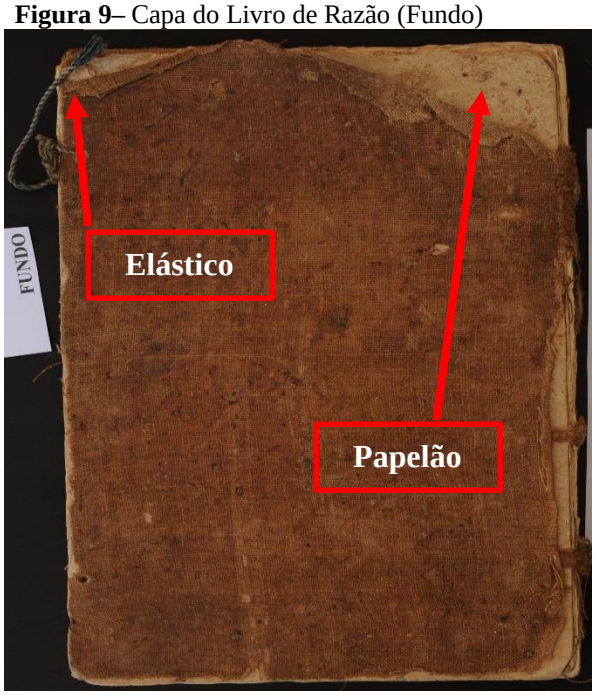


Figura 9– Capa do Livro de Razão (Fundo)

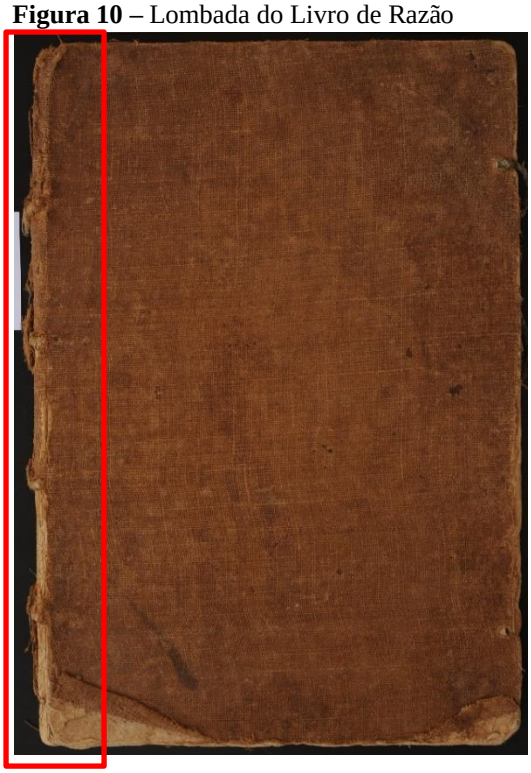


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Notamos, na parte frontal inferior esquerda e direita, que o fixador do tecido perdeu a aderência. O mesmo processo acontece na parte superior e nas extremidades, enquanto, na lombada, há o desaparecimento quase total do tecido pardo.

Nas palavras de Faria e Pericão (2008, p. 473), a lombada é a "[...] parte do livro oposta ao corte dianteiro ou aparo das folhas onde são costurados os cadernos e em que se aplicam o título, o nome do autor ou outros elementos". O melhor fac-símile para representar a lombada do Livro de Razão é o que se apresenta a seguir, na figura 10.

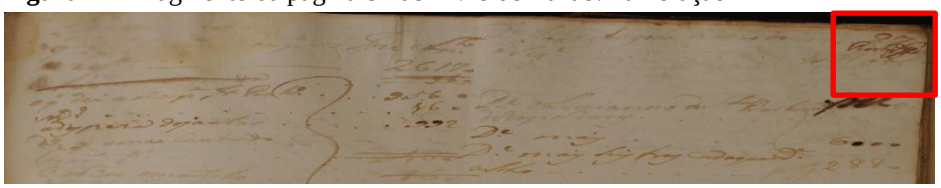
Figura 10 – Lombada do Livro de Razão



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

No *Livro de Razão*, as páginas estão numeradas e rubricadas, frente e verso, até a página 122, por Antônio Pinheiro Pinto, assim: páginas ímpares têm a rubrica e a numeração no ângulo superior direito, enquanto páginas pares apresentam apenas a numeração no ângulo superior esquerdo (cf. figuras 11 e 12).

Figura 11– Fragmento da página 87 do Livro de Razão: numeração



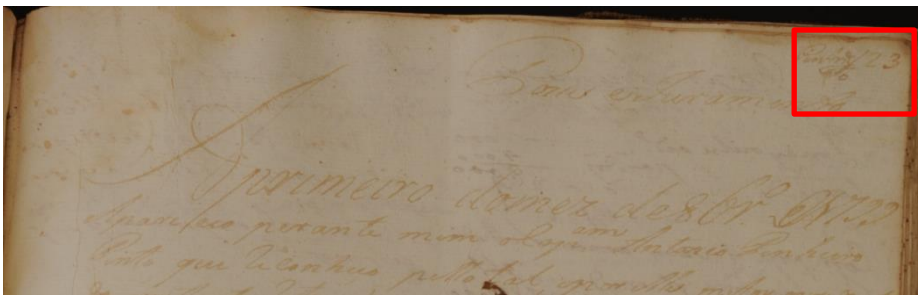
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 12– Fragmento da página 88 do Livro de Razão: numeração

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

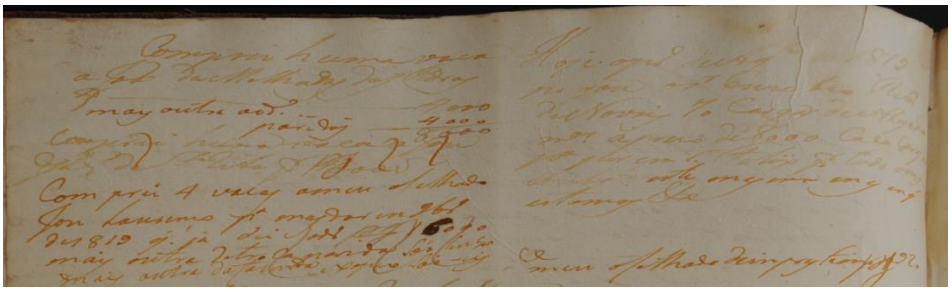
A partir da página 123, a numeração e a rubrica são indicadas apenas no recto, alterando a numeração para fólios, como se observa nos exemplos abaixo (cf. figuras 13 e 14). Registre-se que a numeração no verso desses fólios, na edição, é nossa.

Figura 13– Fragmento do recto do fólio 123 do Livro de Razão: numeração



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 14– Fragmento do verso do recto 123 do Livro de Razão: ausência de numeração

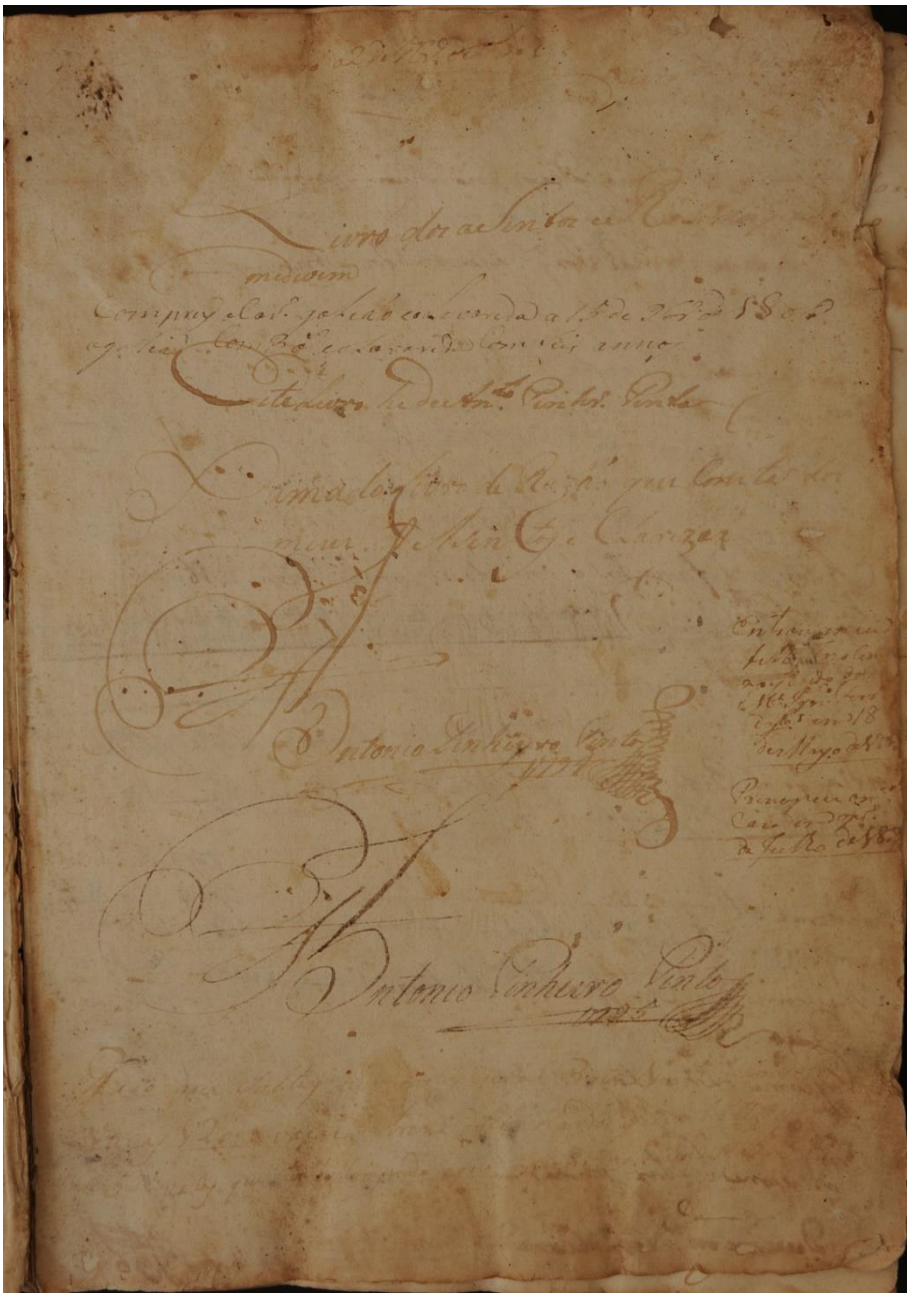


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Faltam, no Livro, determinadas páginas. A numeração salta de 68 para 70, de 70 para 72, de 76 para 78, de 132 para 135, depois de 153 para 155, em seguida de 165 para 182, que salta para o 186. Os fólios 135r até 165v, 182 recto estão em branco. A numeração da página 58 e do fólio 193 está repetida. Além disso, existe um bilhete em anexo na página 54 (cf. edição, volume 2, p. 440).

A página indicada pelo número 0 é, na verdade, uma folha de guarda, embora contenha outras anotações (cf. edição, volume 2, p. 332). Quanto aos termos de abertura e de encerramento, encontramos no *Livro de Razão* do Campo Seco da seguinte forma (cf. figuras 15)

Figura 15– Termo de abertura do Livro de Razão do Campo Seco feito por APP



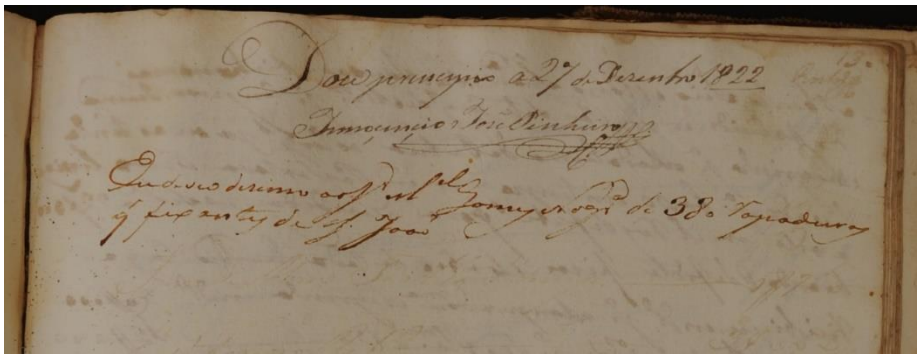
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Observamos, no exemplo da figura 15, informes referentes à função do Livro: “Livro dos aSentos eRol dos que/ Medevem” (linhas 3 e 4). Do mesmo modo, há a identificação do titular responsável: “Este Livro he deAnto*nio* Pinh*ei*ro Pinto” (linha 7); a

nomeação do Livro: “Xamado Livro de Razão que consta dos/ meus Asen tos e Clarezas” (linhas 8 e 9), seguidos da assinatura e ano “Antonio Pinheyro Pinto/ 1795” (linhas 19 e 20).

Inocêncio José Pinheiro, mesmo já tendo escrito em outra folha do Livro, especifica sua autoria – intelectual e material – a partir do fólio 130r (cf. figura 16), que funciona como uma espécie de inauguração de um novo período, com a morte de Antônio Pinheiro Pinto. Isso, porém, não lhe garante exclusividade, uma vez que o 2º senhor tem anotações dispersas em diversas páginas do livro.

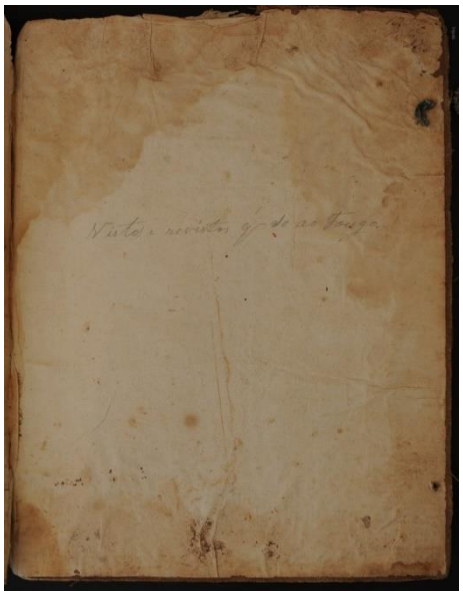
Figura 16– Fragmento do fólio 123r do Livro de Razão: escrita de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Quanto ao que funciona como termo de encerramento, o *Livro de Razão*, que passou por três gerações, apresenta, na última página, a frase escrita a lápis por Miguel Joaquim de Castro Mirante (cf.figura 17).

Figura 17– Fólio 195: Espécie de termo de encerramento



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

É fato que não há a assinatura do responsável como orienta o protocolo contábil, mas a mensagem escrita cumpre o papel de encerrar a utilização do documento, mesmo que se verifique a intenção de lançá-lo ao fogo, medida totalmente diferente do que se convencionou para esse tipo de documentação – arquivar – para consultas posteriores.

Quanto ao papel utilizado pelos senhores do Campo Seco, descreve Santos Filho (2012):

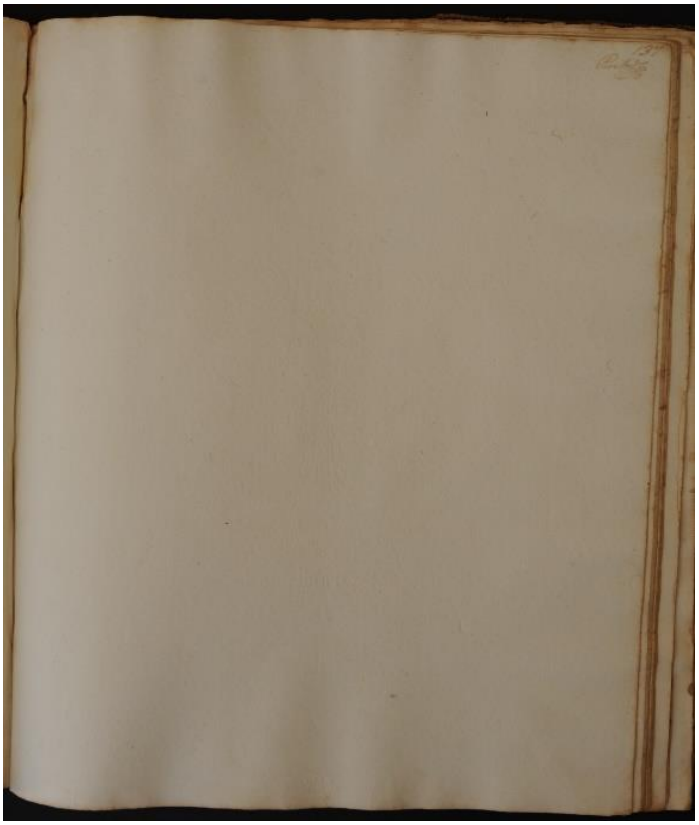
> O papel empregado é, naturalmente, de procedência europeia, sendo que o de um dos livros parece provir de fábrica portuguesa [...]. Dos dois livros do Brejo do Campo Seco, o mais delgado mostra um papel sem marca d'água. O "ordinário", talvez. No outro de papel filigranado, a marca representa, em artístico desenho, as armas de Portugal. Seria do tipo "imperial", da fábrica de Penedo. (SANTOS FILHO, 2012, p. 110-111)

Fica claro, pelo relato acima, que o papel usado no *Livro de Razão* é do tipo filigranado contendo o desenho das armas de Portugal como marca. A esse respeito, Santos (2014) nos ensina que:

> Na linha da tradição portuguesa, quer a nível historiográfico, quer a nível da linguagem corrente usada na indústria do papel, a palavra "filigrana" corresponde à figura formada por finos fios metálicos, bordada ou aplicada sobre a superfície da teia da forma manual ou do rolo filigranador. No processo de produção, aquando da formação da folha de papel, nos espaços ocupados por essa filigrana, verifica-se, necessariamente, uma menor acumulação de fibras, o que ocasiona áreas de uma maior transparência, visíveis à contraluz. Ou seja, a filigrana dá origem a uma marca na folha de papel no momento da sua produção, chamada marca de água. (SANTOS, 2014, p. 2)

Ainda sobre o tipo de papel usado pelos Senhores do Campo Seco, declara Santos Filho (2012, p. 112) que é um artigo resistente e grosso, de superfície pouco polida, com linhas translúcidas deixadas pelo arame das formas. Evidencia-se, para além das descrições de Santos Filho, que se trata de um papel de cor pardecenta, cujas linhas e a marca d'água não podem mais ser vistas sem o auxílio de recursos de ampliação da imagem (cf. Figura 18).

Figura 18– Fólio 137 - Tipo de papel usado no Campo Seco



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

A tinta utilizada para escrever é muito importante. O tipo usado pode dificultar o processo de leitura, pois a sua composição pode causar manchas ou desbotar as folhas. Andrade (2010) comenta que:

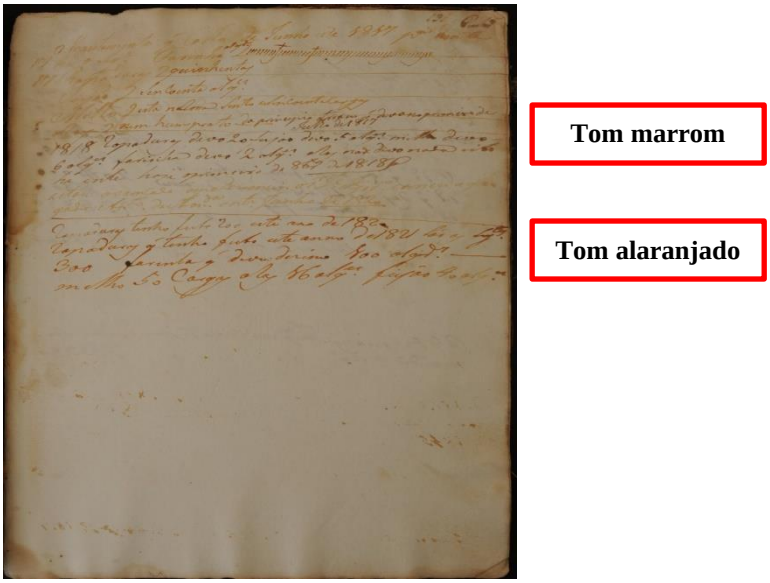
> Na produção de livros manuscritos, a tinta mais usada era negra, ou marrom, mais ou menos carbonada ou ácida. Se é muito ácida, corrosiva, a tinta pode manchar o outro lado do fólio ou até cortar a base da escrita. A tinta sem fixador pode desbotar ou descorar ao longo dos anos sob a ação da luz (ANDRADE 2010, p. 34)

Sobre a tinta usada no Campo Seco, Santos Filho (2012) conclui que:

> Preparada com extratos de vegetais ou de substâncias minerais, ou animais, e também cola para evitar que escorresse no papel, a antiga tinta de escrever continha ainda fixadores minerais. Alguns desses fixadores eram corrosivos e acabaram destruindo as páginas, nos pontos correspondentes à parte escrita, como, aliás, se nota em alguns manuscritos do Sobrado. Os livros de apontamento, no entanto, estão isentos da corrosão. O que se vê em certas páginas é o quase completo desaparecimento da escrita, sinal de tinta destituída de bom fixador. (SANTOS FILHO, 2012, p.111)

No caso do Livro de Razão, a tinta utilizada foi de coloração preta ou vermelha. A ação do tempo provocou, em certas folhas, a alteração da cor original para tons marrons e alaranjados (cf. figura 19).

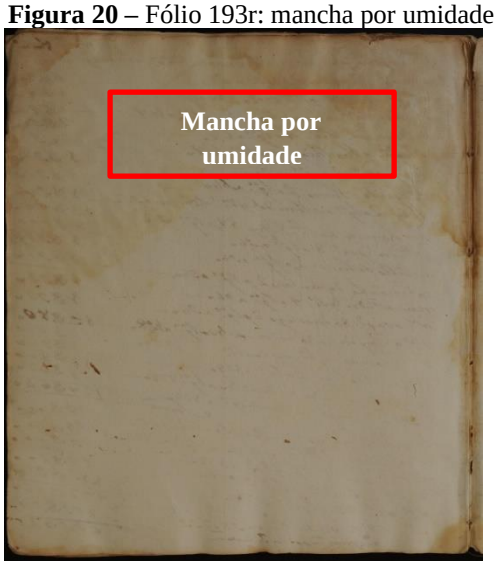
Figura 19– Fragmento da página 11 do Livro de Razão: tinta



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

A descrição minuciosa de Santos Filho é consequência do acesso ao suporte material dos manuscritos, quando ele preparava o livro *Uma comunidade rural do Brasil Antigo*, que foi lançado em 1956. Entretanto, muitos anos se passaram, e o estado de conservação do *Livro de Razão*, no que se refere à tinta utilizada, já não é exatamente como antes. Há um agravamento significativo em alguns fólios em virtude de manchas causadas pela umidade, provocando o desaparecimento da escrita ou dificultando a leitura (cf. figura 20).

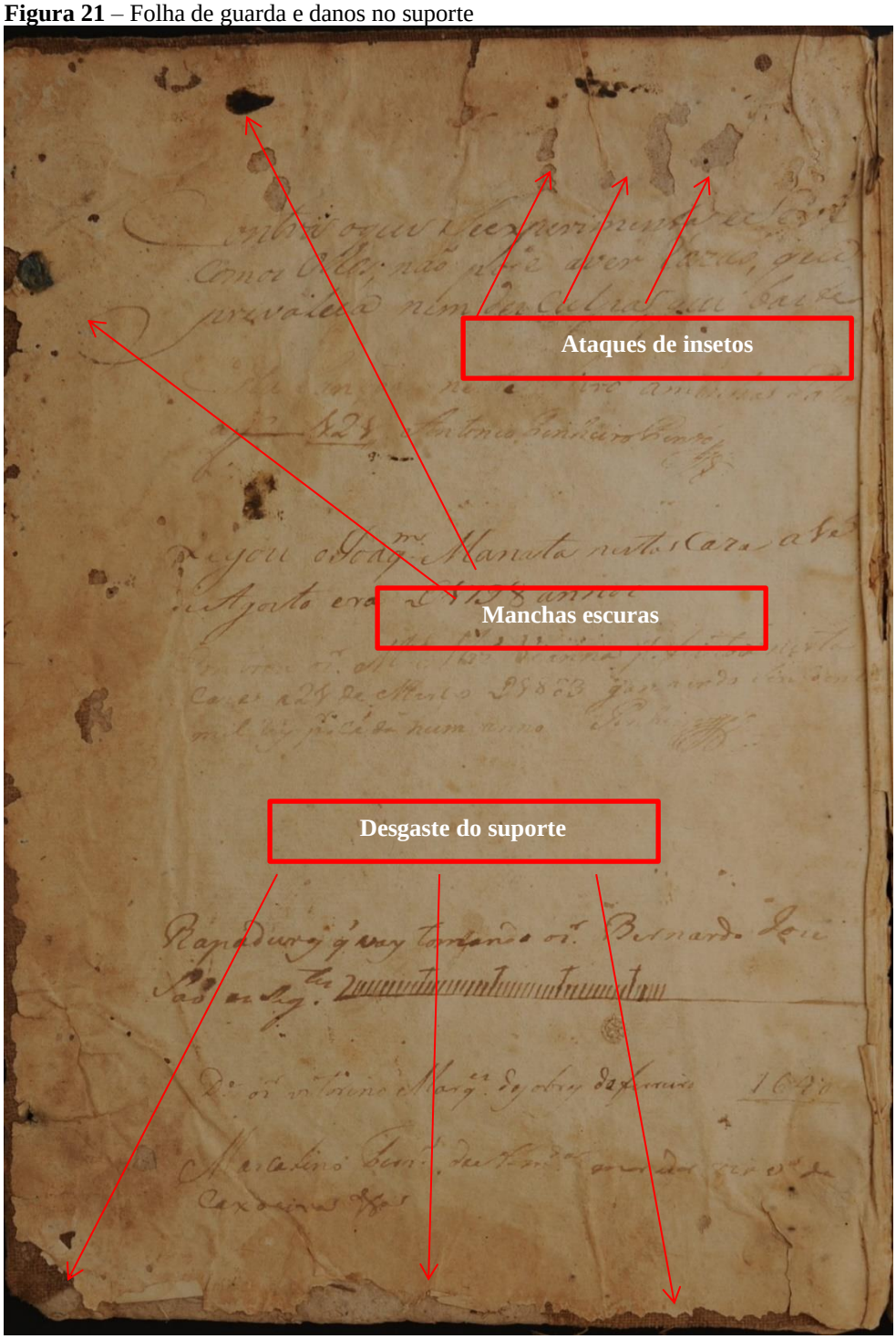
Figura 20 – Fólio 193r: mancha por umidade



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

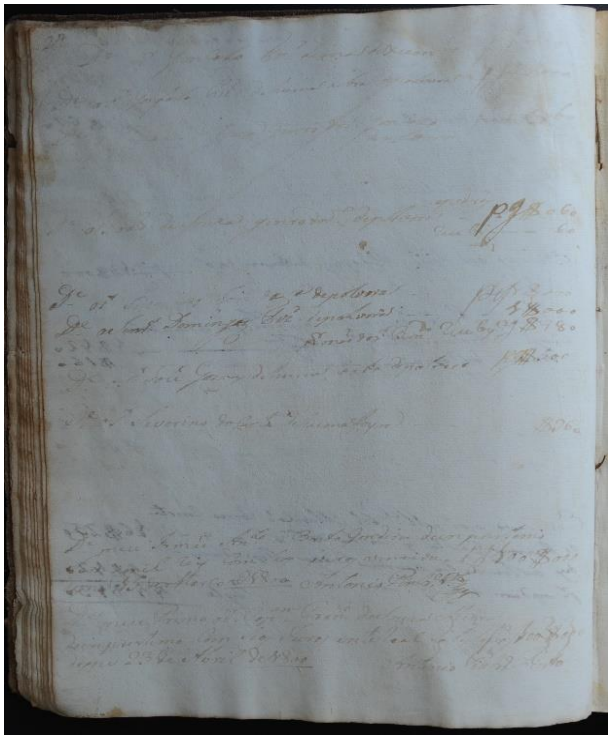
É possível notar ainda ataques de insetos, manchas escuras, clareamento da tinta, manchas oriundas do excesso de tinta da página anterior e desgaste do suporte (cf. figuras 21, 22 e 23).

Figura 21 – Folha de guarda e danos no suporte



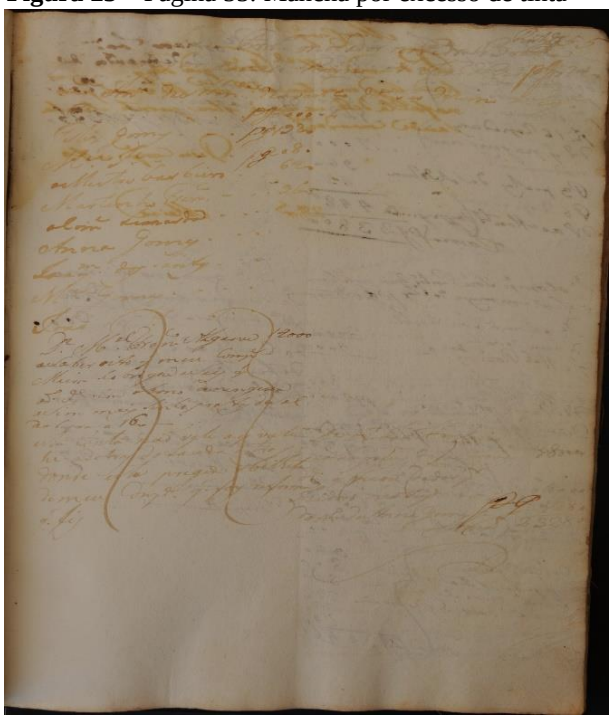
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 22 – Página 24: clareamento da tinta



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 23 – Página 55: Mancha por excesso de tinta



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Para escrever, os senhores do Campo Seco usaram a pena. De acordo com Brito (2010):

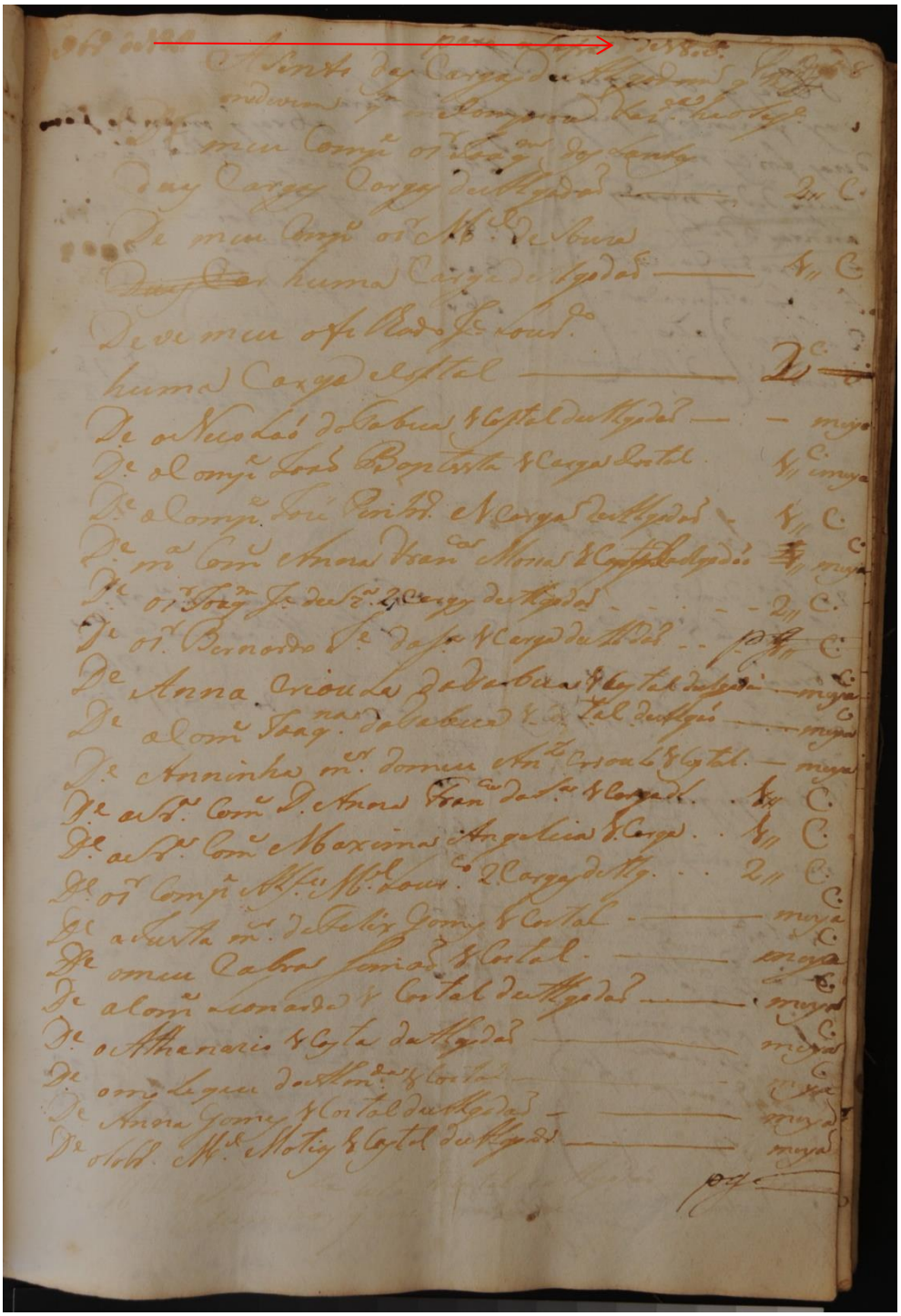
> A pena foi durante mais de dois milênios praticamente o único instrumento de escrita das sociedades civilizadas. [...] a sua utilização é já citada por S. Isidoro de Sevilha no seu tratado enciclopédico "Etimologias", cerca de 600 a.C. As penas preferidas eram as de ganso, de cisne ou de pato, devido à sua cânula larga e oca que se tornava um bom depósito para a tinta. Depois de convenientemente limpas e secas, a ponta era afiada em bisel e levemente fendida para que a tinta escoasse com regularidade. Naturalmente com o uso essa ponta desgastava-se pelo que voltava-se a afiá-la. No sec. XVII inventaram-se uns afiadores próprios. (BRITO 2010, p. 102)

O tipo de pena utilizada pelos *scriptores* do Brejo do Campo Seco foi, segundo Santos Filho (2012, p. 111), a pena de aves, principalmente a de ganso, justamente porque eram mais flexíveis e deslizavam mais facilmente sobre a superfície do papel grosso sem borrá-lo. Só a partir de meados do século XIX que as penas metálicas entraram em uso, acrescenta Santos Filho (2012). Pode parecer pouco comum, no sertão, a presença de um utensílio com este tipo de pena, mas ao verificar os escritos dos senhores, localizamos, por exemplo, a informação sobre a compra de seda inglesa e francesa, fato que justifica prontamente a aquisição da pena de ganso como suporte para a escrita.

No que se refere ao conteúdo do *Livro de Razão*, Foisil (1991) destaca que [...] são informações repetitivas através de uma escrita elementar. Nesse contexto, Algranti (1997, p.134) complementa a caracterização, enfatizando a brevidade e a economia de palavras, sem qualquer preocupação narrativa ou de estilo. O Livro do Campo Seco, apesar de espelhar o conteúdo indicado por Foisil (1991) e Algranti (1997), apresenta outros elementos que vão além das transações comerciais, como os valiosos reflexos do cotidiano da fazenda e de seus ocupantes, que são úteis para a compreensão da vida privada nos períodos colonial e pós-colonial (cf. índice analítico no volume 2).

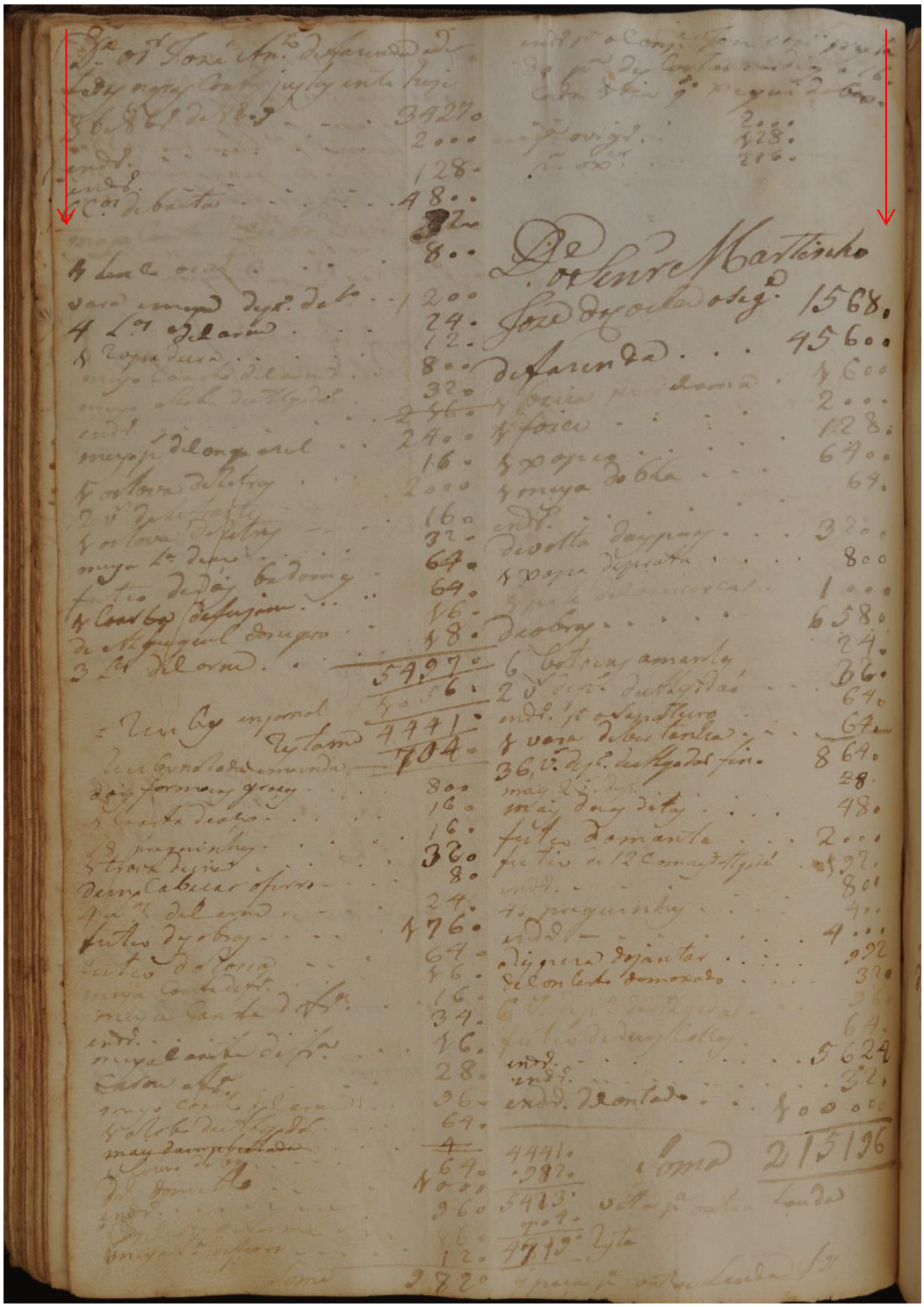
Em relação à estrutura, não há apenas um modelo para registrar os assentamentos. As anotações são feitas em uma única lista ou em duas colunas e de forma mista ao longo da página (cf. figuras 24, 25 e 26).

Figura 24 – Página 58: Anotações feitas em lista por Antônio Pinheiro Pinto.



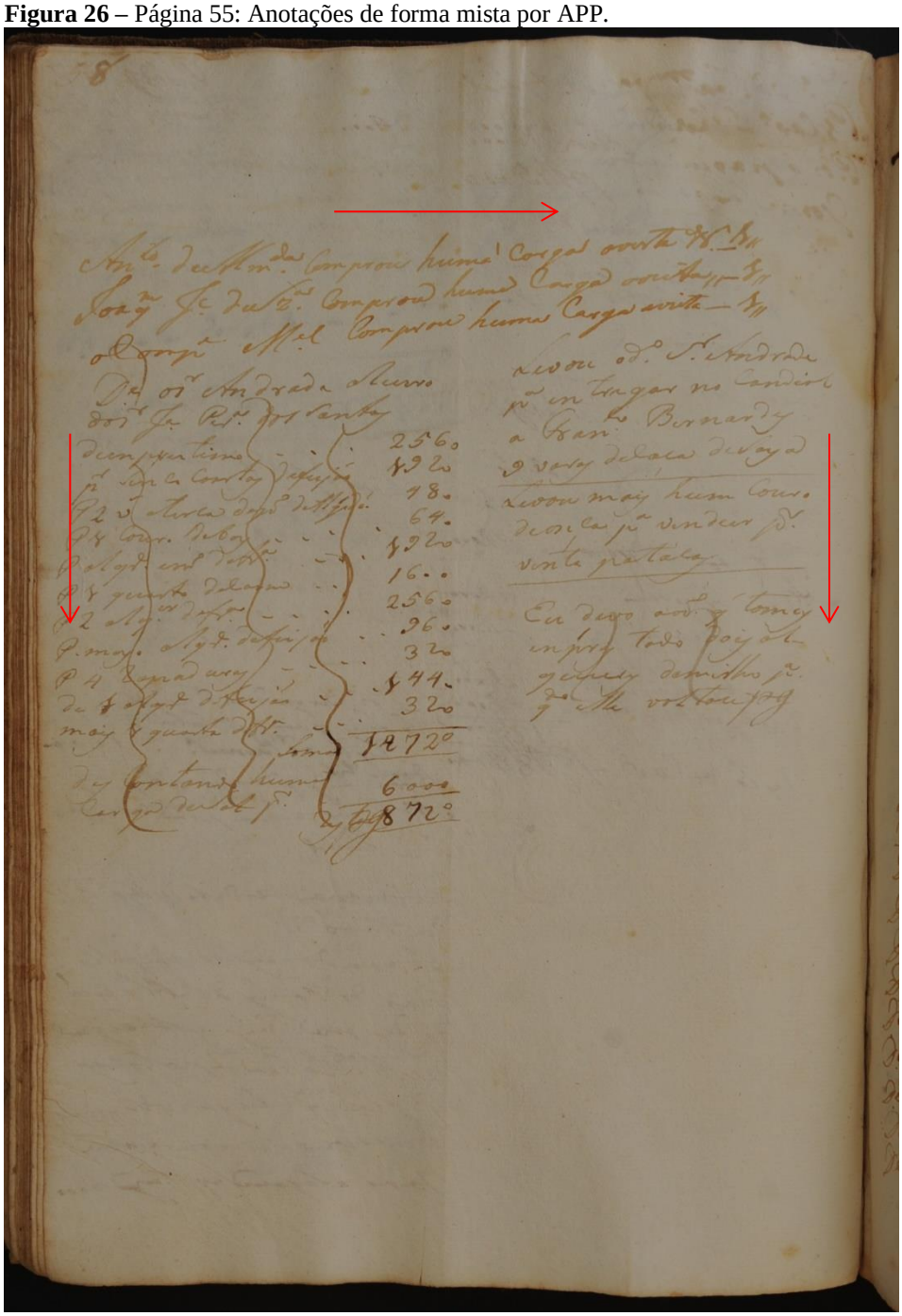
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 25 – Página 80: Anotações feitas em colunas por APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 26 – Página 55: Anotações de forma mista por APP.



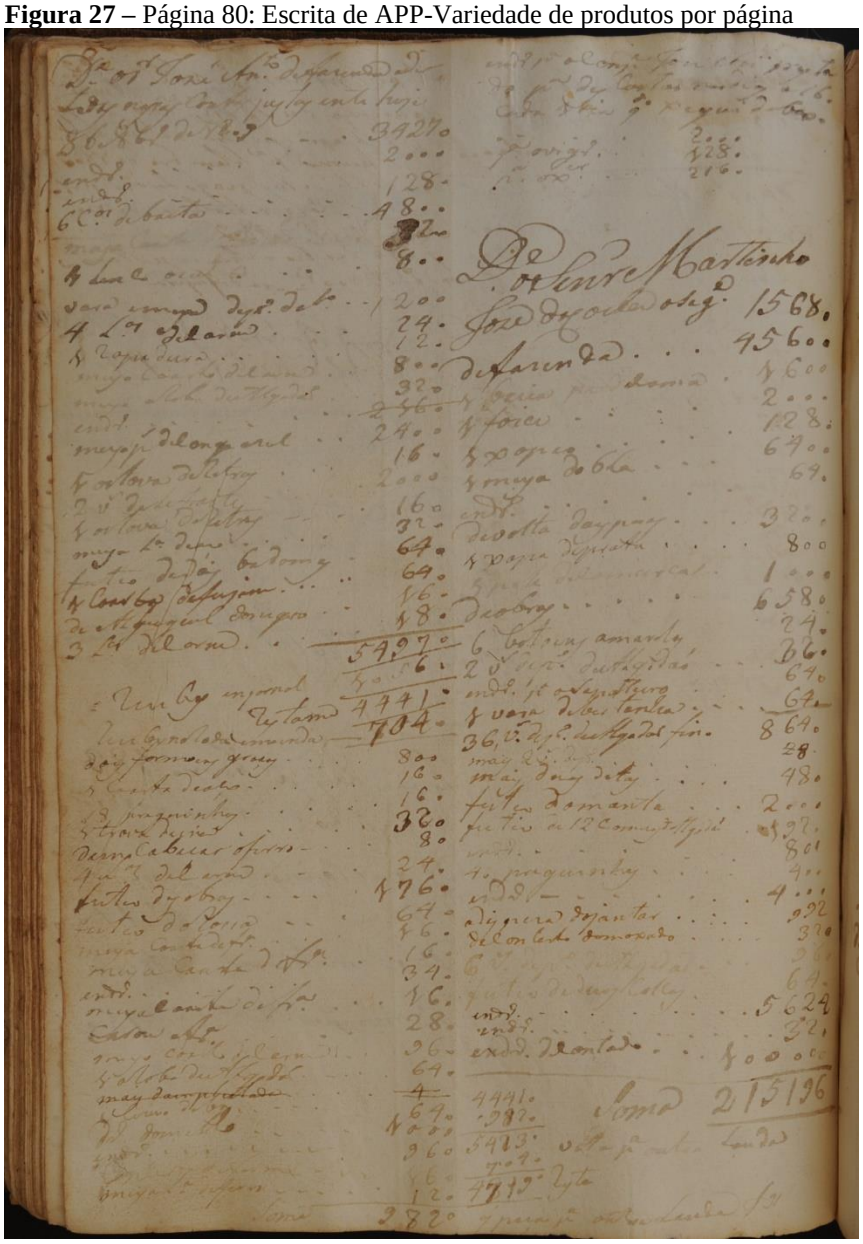
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Devemos nos atentar para o fato de que nem todos os lançamentos apresentam a data. Em alguns casos, há a informação de saldo devedor ou de crédito. Os senhores do Campo Seco eram minuciosos no detalhamento das compras e vendas realizadas, nos pagamentos feitos e nos empréstimos aos diferentes credores.

Percebemos que não havia um padrão para registrar os produtos. Na mesma página em que se anotava a dívida por compras de produtos como rapadura, farinha e carne, há

notícias sobre empréstimos, venda de algodão, pregos, pano, chapéu, foice etc. (cf. figura 27/ ver edição no volume 2, p. 486).

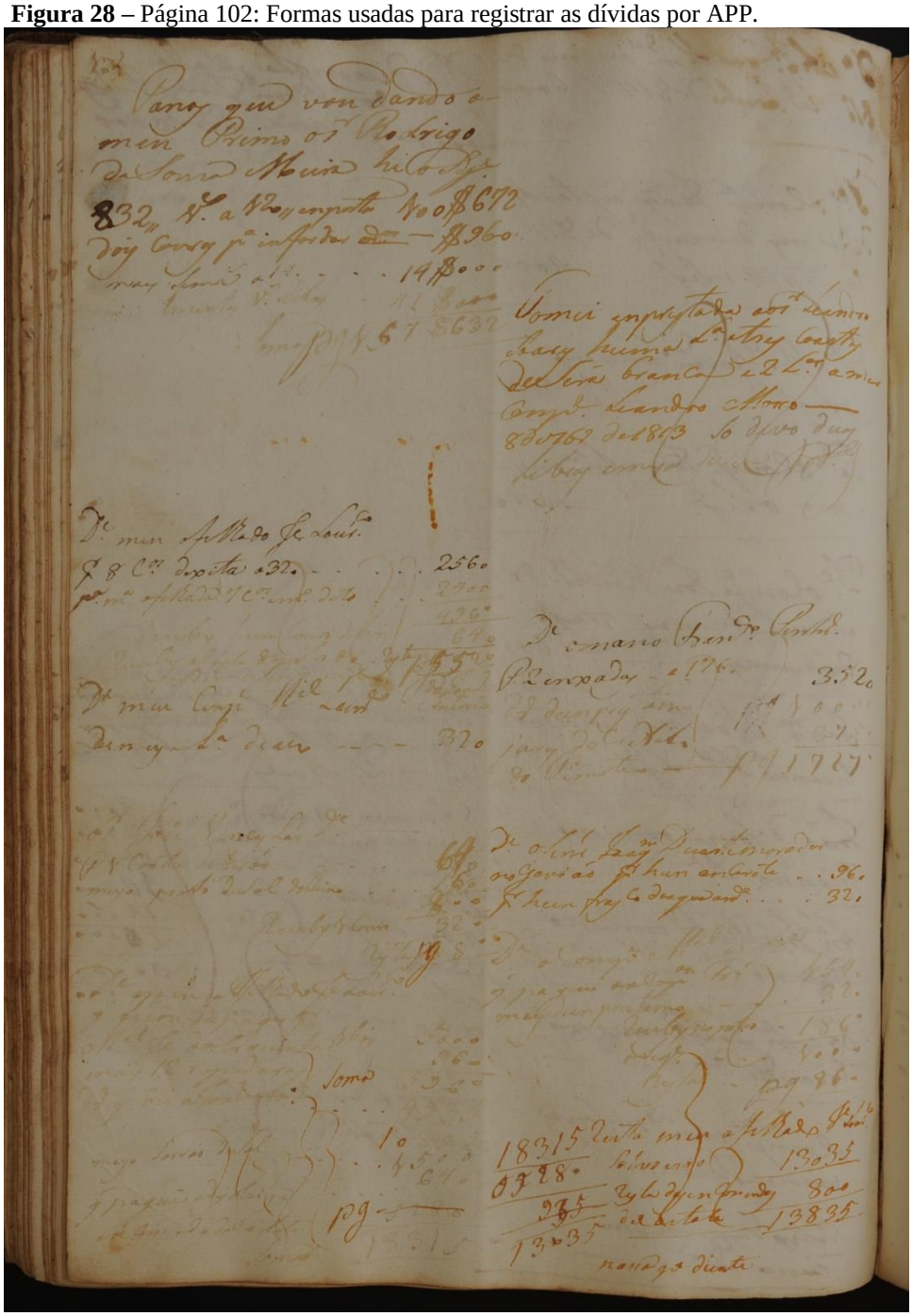
Figura 27 – Página 80: Escrita de APP-Variedade de produtos por página



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Acreditamos que, quando uma conta era liquidada, os senhores do Campo Seco, principalmente, Antônio Pinheiro Pinto, passavam linhas onduladas na vertical. Nas contas pagas em parcelas, o senhor anotava o valor pago seguido dos verbos “Recebi ou Receby”, verificava a diferença devida e a registrava com os verbos “Deve ou Resta”. Da mesma forma procediam quando eles deviam, colocando os verbos na 1ª pessoa “Devo ou Resto”. (cf. figuras 28/ ver edição no volume 2, p. 530).

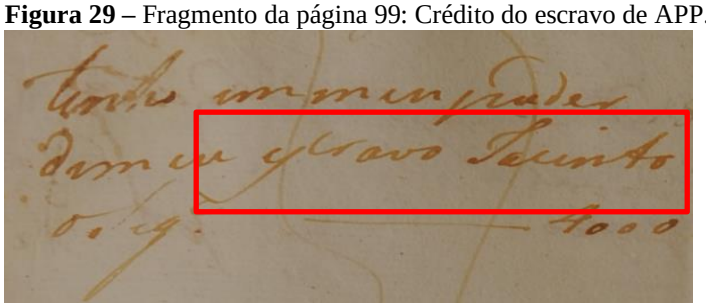
Figura 28 – Página 102: Formas usadas para registrar as dívidas por APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

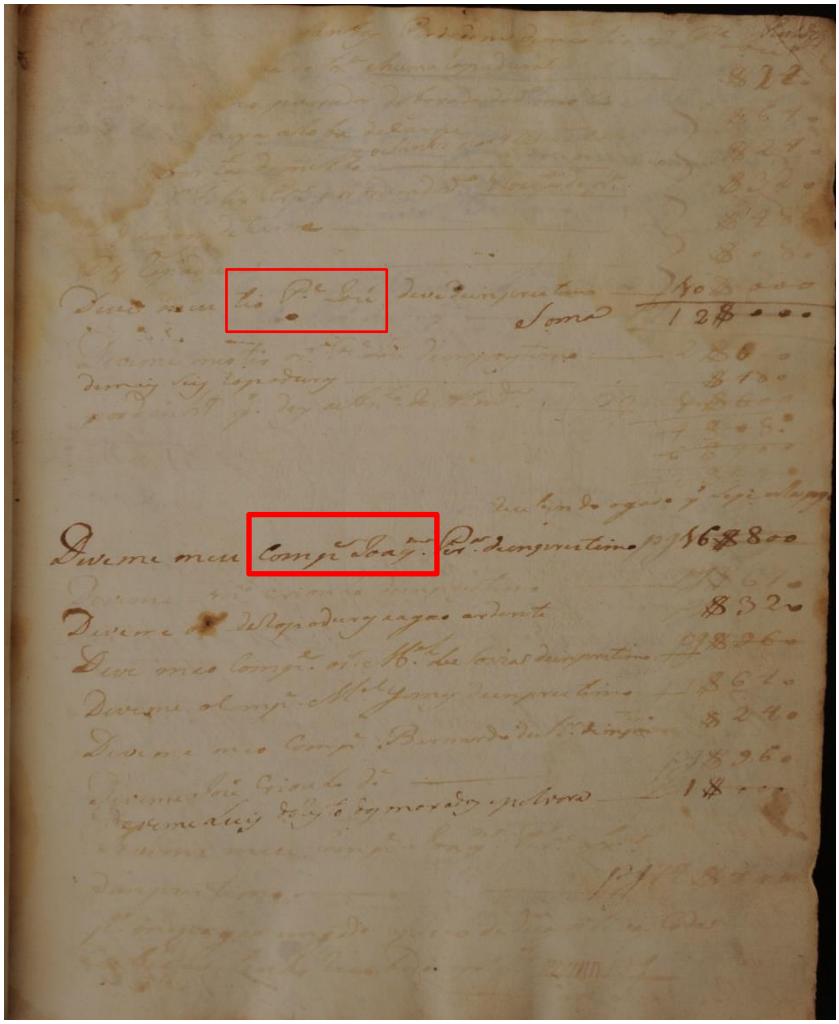
Não havia exceções nem para os familiares. Tudo era devidamente assentado para a prestação de contas posteriormente. Há listas de contas de tios, tias, primos, compadres, comadres, irmãos e até escravos, conforme se observa a seguir.

Figura 29 – Fragmento da página 99: Crédito do escravo de APP.



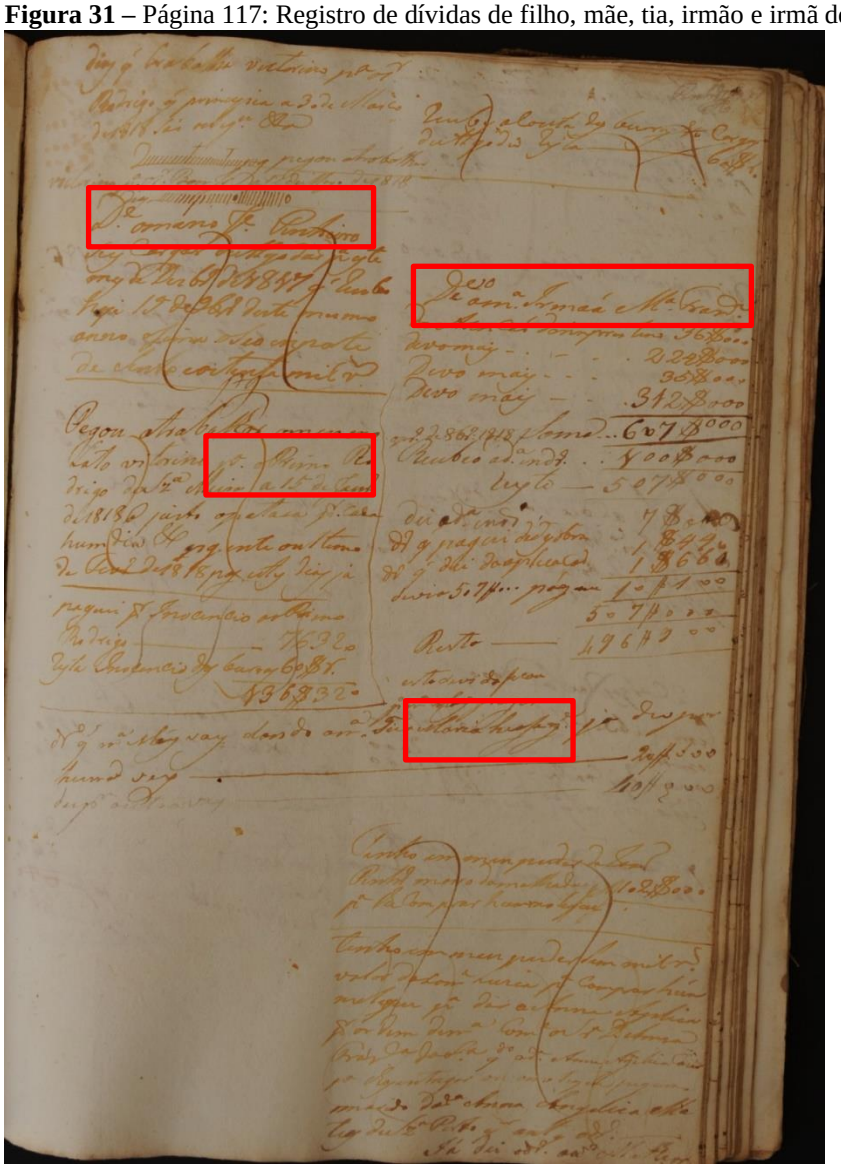
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 30 – Página 11: Registro de dívidas de tio e compadres feito por APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 31 – Página 117: Registro de dívidas de filho, mãe, tia, irmão e irmã de APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

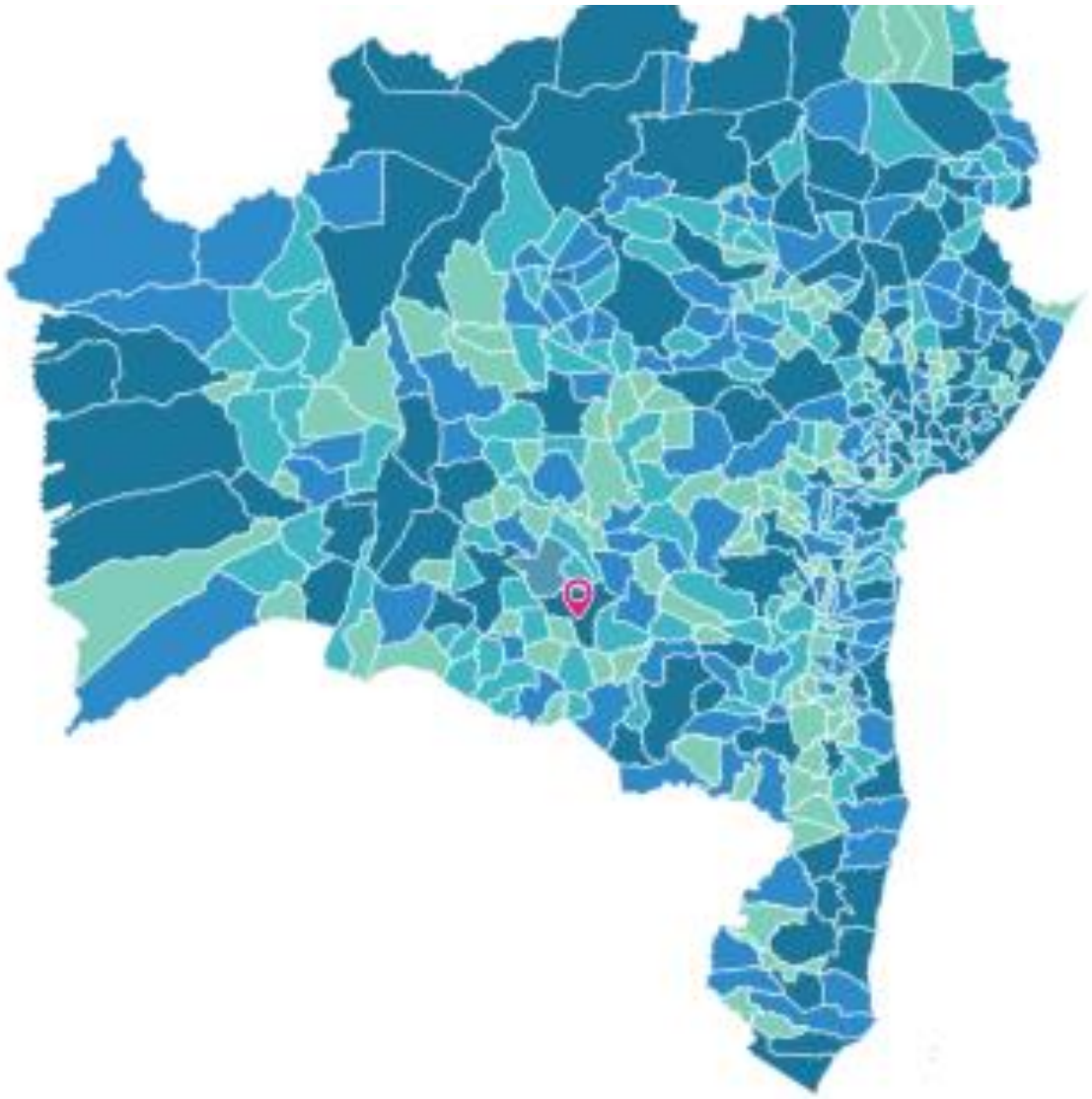
3.2 DO REPOVOAMENTO DO ALTO SERTÃO À CONSTITUIÇÃO DE BOM JESUS DOS MEIRAS: CONHECENDO A REGIÃO DO *CORPUS*

A documentação da fazenda do Campo Seco analisada nesta tese é oriunda de Bom Jesus dos Meiras, atual município de Brumado, produzida entre o final do século XVIII (1794) até a metade do segundo quartel do século XIX (1838). Conhecer a configuração sociohistórica do universo de vivência dos agentes dessas práticas de escrita, no sertão da Bahia, é uma exigência para que se compreenda o funcionamento da comunidade estudada.

Inicialmente, faz-se necessário recuar no tempo e entender como ocorreram a "conquista" e repovoamento da região da qual faz parte o recorte diatópico aqui enfatizado.

Optamos pela utilização do termo repovoamento, pois tal região já era habitada antes da chegada dos “conquistadores”. Entretanto, é preciso refletir, ainda que de forma simplificada, sobre a forma dinâmica como o termo “região” pode ser utilizado. Neves (2008, p. 26-28) relata que o referido termo varia conforme fatores físicos, sociais ou econômicos. Demonstra o autor que, no caso específico, essa parte da Bahia – alvo de nosso estudo – apresenta-se com nomeações diferentes, por exemplo, como Mesorregião Centro-Sul Baiano, para o IBGE, ou região de Planejamento da Serra Geral, para o Governo do Estado da Bahia (cf. figuras 32 e 33).

Figura 32 – Localização de Brumado na Mesorregião Centro-Sul Baiano – IBGE



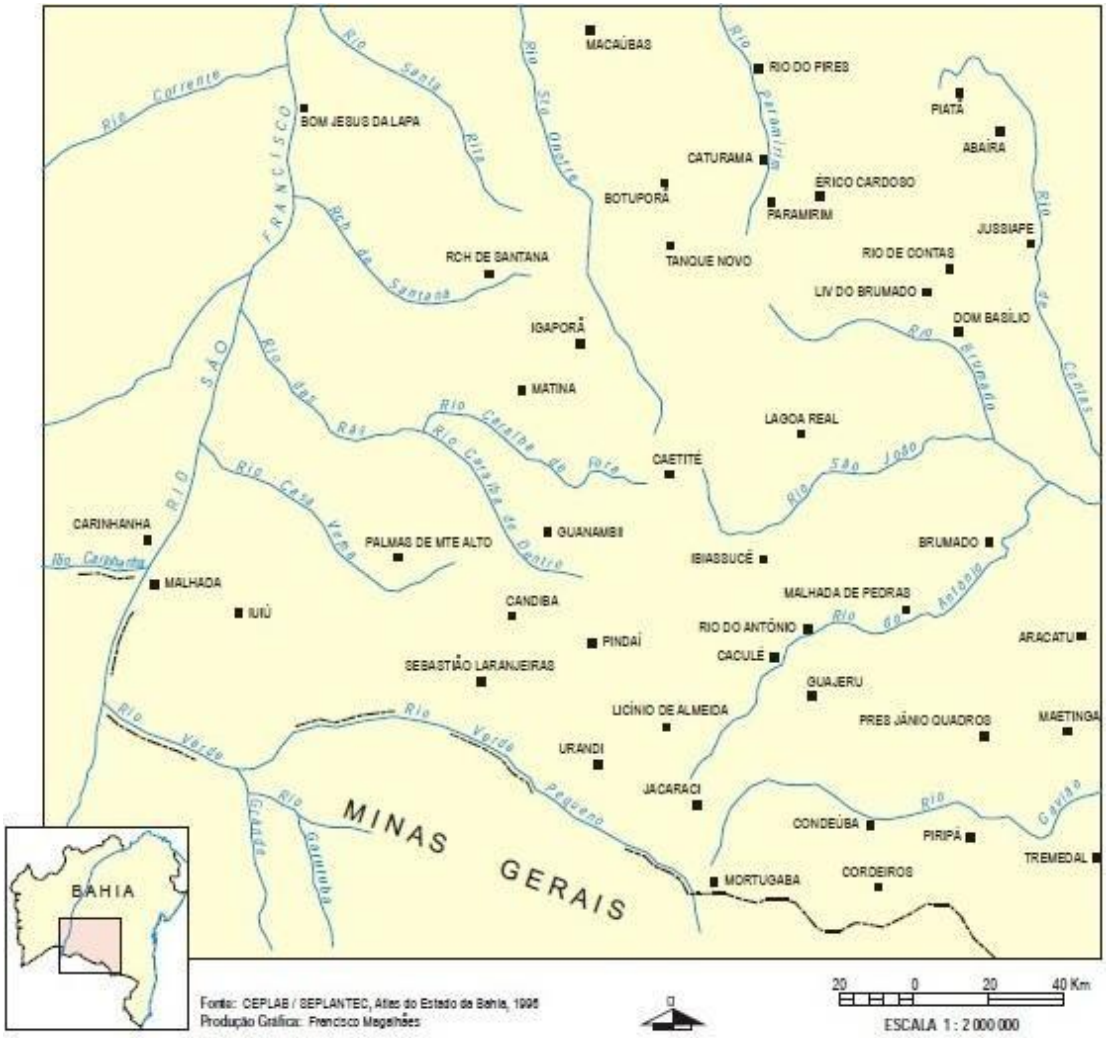
Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/brumado/panorama

Figura 33 – Localização da Região da Serra Geral- Governo do Estado da Bahia

Fonte:http://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/BAHIA_PDRS-SERRA-ERAL.pdf

Reconhecemos a eficácia das nomenclaturas variadas para os fins estabelecidos pelos diferentes órgãos, mas adotaremos a antiga denominação “Alto Sertão da Bahia” (cf. figura 34), pois, assim como Neves (2008, p. 26-28), compartilhamos a ideia de que tal nomeação expressa, pela sua historicidade, “a consciência de pertencimento da sua população” ao distante interior, cercado pelas “faixas semiáridas rústicas e típicas das depressões colinosas de todos ambientes sertanejos”, marcada pelas relações de parentescos e de vizinhança, além das práticas comuns de religião, usos e costumes.

Figura 34 – Mapa do Alto Sertão da Bahia



Fonte: Extraído de Neves (2003, p. 20).

Dito isto, partimos, agora, para uma breve incursão sobre o processo de conquista e reocupação deste espaço. Zorzo (2001, p. 17-30), ao tratar das formações territoriais que antecederam à chegada da ferrovia no Sul do Recôncavo e no Baixo Sudoeste da Bahia, na segunda metade do século XIX, explica que a Coroa portuguesa empregou uma prática de territorialização violenta pautada em invasões de terras, e fixação de senhores portugueses. O autor relata que, para obter o controle dos territórios, foram implementados "dispositivos" capazes de garantir o estabelecimento e a divisão dos poderes, o contato e o domínio dos nativos, a exploração das riquezas, a divisão da terra e comércio. No âmbito desta discussão, Neves (2008, p. 64-67) salienta que o sistema de Sesmaria, dispositivo usado pelo governo português desde o século XIV para estimular o (re)povoamento de áreas conquistadas na Península Ibérica, foi transferido para o Brasil, em 1534, através do

estabelecimento das Capitanias Hereditárias, que permitiu a formação de latifúndios, como os Guedes de Brito (margem direita do Rio São Francisco) e os Garcia d'Ávila (margem esquerda do Rio São Francisco) que, juntos, possuíram quase todo o sertão da Bahia.

Quando se refere ao povoamento colonizador da região, Neves (2008, p. 96) explica que resultou,

> por um lado do alongamento das fazendas de gados de Antônio Guedes de Brito e seus rendeiros no São Francisco, que se estenderam para os planaltos, subindo seus afluentes e tributários; e por outro, da expansão do contingente populacional atraído pela grande exploração aurífera das Minas Gerais e da extração do valioso metal, nas cabeceiras do Rio Itapicuru, em Jacobina e nas serras da Tromba e das Almas, nas nascentes dos rios de Contas e Paramirim. (NEVES, 2008, p. 96).

Temos, pelo que se observa, dois vetores de (re)povoamento da região: um baiano e outro paulista, que tiveram origem "no período de transição do século XVII ao XVIII, quando se estabeleceram fazendas de gados nos vales do São Francisco." (NEVES, 2008, p. 97), colocando na cena do repovoamento do Alto Sertão "gente de várias regiões, que se instalou nas adjacências dos garimpos, e formou os primeiros núcleos populacionais (NEVES, 2008, p. 105). Como a extração do ouro não se manteve produtiva, a partir de 1730, houve a dispersão dos garimpeiros que, em busca de existir economicamente na região, procuraram outras atividades econômicas – as lavouras e as criações –, principalmente nas terras da Casa da Ponte (dos Guedes de Brito), onde compraram ou alugaram sítios, ou exerceram atividades remuneradas como vaqueiros, diaristas ou meeiros, legalizando posses ilícitas por meio da venda ou arrendamento de terrenos ocupados (NEVES, 2008, p. 105).

Com o intuito de administrar a ordem socioeconômica e as instituições da região, Neves (2008, p.108) comenta que o governo português determinou a edificação e a instalação de vilas. Em 1720, executa tal tarefa o coronel Pedro Barbosa Leal, ao instalar a Vila de Santo Antônio da Jacobina, seguida, em 1724, pela instalação da Vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas, local onde se situavam as terras do Campo Seco, que pertenceram à antiga sesmaria atribuída aos Guedes de Brito.

A respeito da aquisição das terras por Miguel Lourenço de Almeida, em 1755, há os seguintes relatos. Santos Filho (2012, p. 5) informa que as terras foram compradas de foreiros dos descendentes dos Guedes de Brito. Entretanto, em nota, o referido autor, a partir da leitura do texto de Antônio Rizério Leite, diz que a fazenda foi herdada pelo Padre André Antunes Maia, que a vendeu para José de Souza Meira, em 1749.

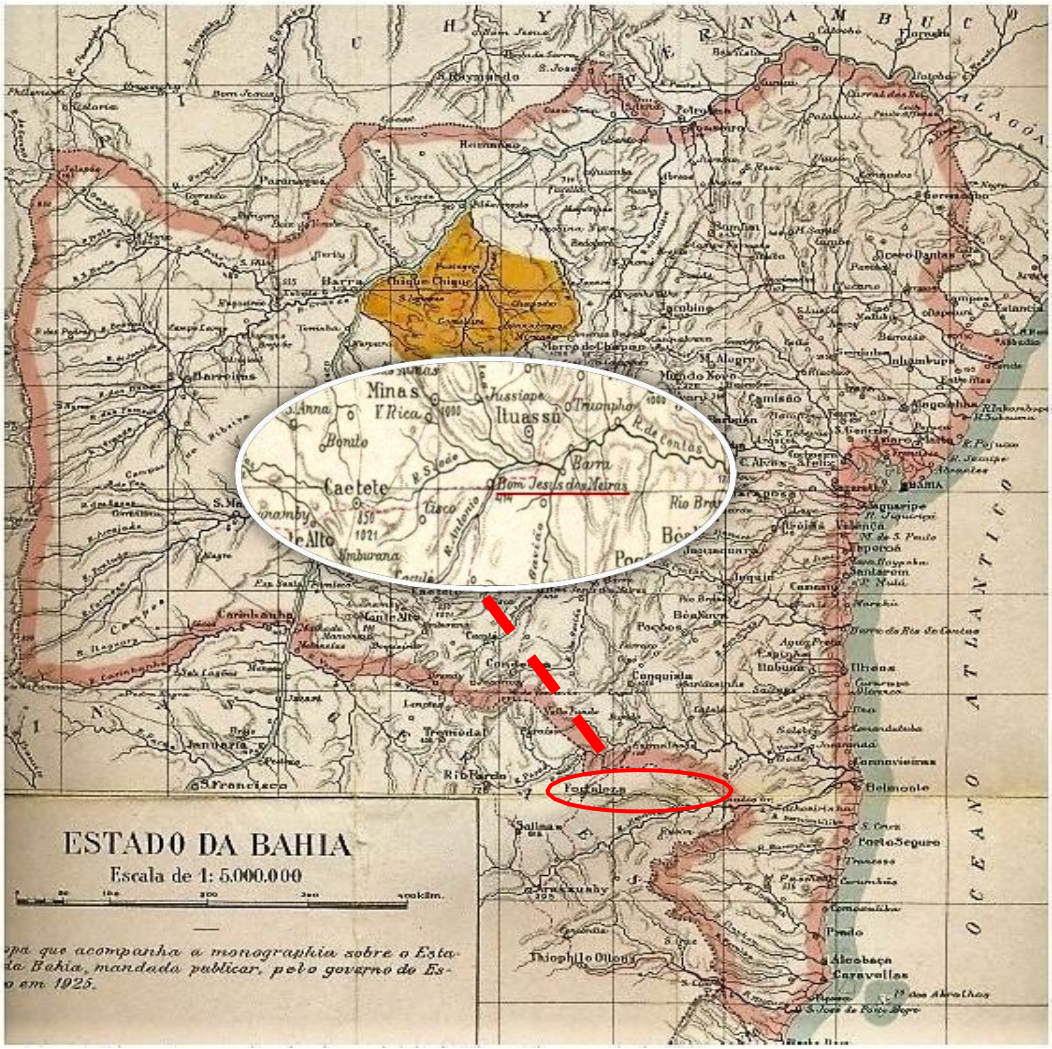
José de Souza Meira era casado com Micaela Maria de Jesus, viúva de José da Silva Ferreira, com quem teve uma filha – Ana Francisca. Após o falecimento de José de Souza Meira e de Micaela Maria de Jesus, Ana Francisca, ainda muito jovem, casa-se com o português Miguel Lourenço de Almeida, que assumiu a compra das terras do Campo Seco (SANTOS FILHO, 2012). Segundo Ribeiro (2019), Ana Francisca tinha 15 anos e Miguel Lourenço, 47, na época em que se casaram.

Entretanto, Marcos Profeta Ribeiro, em estudo que analisa "o trabalho feminino no processo de expansão da colonização e na formação das primeiras fazendas de gado nos sertões baianos, no século XVIII" (RIBEIRO, 2019, p.10), especificamente no recorte temporal de 1704 a 1838, apresenta-nos outra versão para aquisição das terras do Campo Seco, determinando, portanto, um marco temporal anterior a 1755, para a compra e formação da fazenda. Diz o autor, com base em informações do Livro de notas (1747-1752), que a fazenda do Campo Seco foi comprada, em 1749, por Micaela Maria de Jesus, mãe de Ana Francisca, mulher do português Miguel Lourenço, o primeiro senhor do Campo Seco, meses antes de morrer no parto de seu segundo filho, com o dinheiro de suas economias e do que herdou de seu primeiro casamento. Quanto à participação de José de Souza Meira na transação, afirma que foi protocolar, como o "cabeça do casal" (RIBEIRO, 2019, p.153). Para o autor, Micaela Maria de Jesus e Ana Francisca, mãe e filha, foram "as primeiras proprietárias da fazenda do Campo Seco, isto é, a povoaram antes do estabelecimento de Miguel Lourenço de Almeida" (RIBEIRO, 2019, p. 154).

Independente da situação em que se deu a aquisição da fazenda do Campo Seco, o fato é que, a partir de 1810, com o segundo desmembramento de Minas de Rio de Contas e a criação da Vila Nova do Príncipe e Santa Ana do Caetité, que se segmentou várias vezes, o povoado Bom Jesus dos Meiras[14] (cf. figura 35) passou a pertencer ao Município de Caetité.

[14] Povoado originado a partir da junção das terras da fazenda Bom Jesus, de Francisco de Souza Meira e da fazenda do Campo Seco. (SANTOS, 2019, p.100)

Figura 35 – Mapa com a localização de Bom Jesus dos Meiras, Bahia.



Fonte: Extraído de Ferreira (2008, p.20)

Em 19 de junho de 1869, Antônio Ledeslau de Figueiredo Rocha, Vice-Presidente da Província da Bahia, decretou e assinou a lei que elevou Bom Jesus dos Meiras à condição de distrito. Há, no *Livro de Razão*, anotação de Antônio Pinheiro Pinto, segundo Senhor do Brejo, que contribuiu para a construção da Capela Bom Jesus, hoje Igreja Matriz de Brumado (cf. imagem 36), que foi chamada de Igreja Senhor do Bonfim em homenagem ao Padroeiro Bom Jesus, e teve como primeiro vigário o Padre José Mariana Meira Rocha.

Figura 36 – Igreja Matriz Senhor Bom Jesus, Brumado-BA

Fonte: Google. Disponível em: <https://www.google.com.br>.

Em 11 de junho de 1877, Bom Jesus dos Meiras desmembrou-se politicamente de Caetité[15], com a Lei Provincial nº1756, ocorrendo a elevação para Vila e com a criação do seu próprio município.

O contingente populacional da região, como já era de se esperar, dadas às circunstâncias de formação e reocupação territorial, era bem diversificado. Além da forte presença indígena combatida durante todo o processo de repovoamento, os negros escravizados foram a principal mão-de-obra no sertão. Neves (2003, p.77) destaca que, na segunda metade do século XVIII e na primeira do seguinte, muitos escravos crioulos e africanos passaram a trabalhar em atividades pastoris e na agricultura, juntamente com seus donos, quando os rendimentos com a atividade aurífera começaram a declinar.

No terceiro quartel do século XIX, a população da região, segundo os dados do censo de 1872, era composta majoritariamente por etnias não brancas. Neves (2003, p. 24) sintetizou os dados na tabela 3.

[15] Caetité compunha-se, em 1858, de três freguesias: Santana de Caetité, Nossa Senhora do Rosário do Gentio (distrito de Ceraíma) e Santo Antônio da Barra (Condeúba). A primeira subdividia-se em três distritos: Vila de Caitité, Canabrava e Bonito e Bom Jesus dos Meiras. (NEVES, 2008, p. 41).

Tabela 3 – População por freguesias, condição jurídica e classificação étnica, ano 1872.

FREGUESIAS	TOTAL	POPULAÇÃO					
		COND. JURÍDICA		CLASSIFICAÇÃO ÉTNICA			
		Livres	Escravos	Brancos	Pardos	Pretos	Caboclo
Caitité	17.836	16.778	1.058	6.090	7.254	3.955	537
B. J. dos Meiras	9.080	7.935	1.145	2.432	4.313	1.888	447
R. do Gentio	7.722	4.042	3.680	2.233	3.165	1.681	643
S. A. da Barra	21.023	18.903	2.120	5.362	13.405	2.131	125
B. V. e Almas	19.984	18870	1.114	6.783	2.559	10.251	391
TOTAL	75.645	66.528	9.117	22.900	30.696	19.906	2.143

Fonte: Extraído de Neves (2003, p. 20).

Os dados apresentados por Neves (2003) para Bom Jesus dos Meiras, no século XIX, dialogam com a situação de outras partes da província no mesmo período. Silva (2015, p. 99) compilou os resultados do censo de 1872 para Santana do Campo Largo, oeste da província. Os números estão na tabela 4.

Tabela 4 – Configuração populacional de Campo Largo segundo o Censo de 1872.

	População livre – 21.887		**Escravos – 1.062**	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Branco	2.282	1.753	----------	----------
Pardo	4.280	4.968	326	187
Preto	2.998	1.943	284	265
Caboclo	1.683	1.980	----------	----------
Total	11.243	10.644	610	452

Fonte: Silva (2015, p. 99)

Se observarmos atentamente o perfil populacional de Bom Jesus dos Meiras e de Santana do Campo Largo, no século XIX, descritos nas tabelas 3 e 4, constaremos que temos uma província constituída majoritariamente por uma população de etnias não branca, sendo 66% em Bom Jesus dos Meiras e 83% para Santana do Campo Largo. Acreditamos que esse quadro populacional não seja exclusividade do século XIX. Se analisarmos o perfil populacional do Brasil do século XVI ao XIX apresentado por Mussa (1996), e recuarmos, por exemplo, para os séculos XVII e XVIII, verificaremos que a população formada por etnias não brancas continua predominando. Unindo esses elementos ao conhecimento da formação sócio-histórica de Bom Jesus dos Meiras, cremos que a sua diversidade populacional, anterior ao século XIX, sofreu poucas alterações,

dando à região um caráter pluriétnico, fator importantíssimo para verificação do contato linguístico.

No século XX, a partir de 1931, conforme relatório publicado no site Jornal do sudoeste deu-se a mudança do nome de Bom Jesus dos Meiras para Brumado. Em 1935, foi implantada a comarca no Município já denominado Brumado. Dados do IBGE revelam que o município é conhecido como a capital do minério e está situado Região Sudoeste da Bahia, limitando-se com os Municípios de Livramento de Nossa Senhora, Dom Basílio, Aracatu, Rio de Contas, Malhada de Pedras, Caetité, Jânio Quadros e Rio do Antônio. O município está inserido no Polígono das secas, conforme se observa no mapa a seguir.

Figura 37 – Mapa da localização de Brumado, Bahia.

Fonte: IBGE – mapas.

Outros aspectos da região, especificamente da fazenda, serão apresentados na seção 4 como resultado do estudo que será realizado através da análise de práticas de escrita dos senhores do Campo Seco. No próximo item, apresentaremos o perfil dos *scriptores*.

3.3 OS *SCRIPTORES*[16]

O levantamento do máximo de informações sobre quem escreveu, o pertencimento a determinado grupo social, o grau de escolaridade e o envolvimento na vida social da época focalizada é um procedimento fundamental para quem trabalha com documentos do passado, até porque, cada autor, como bem ensina Lopes et al (2017, p. 106):

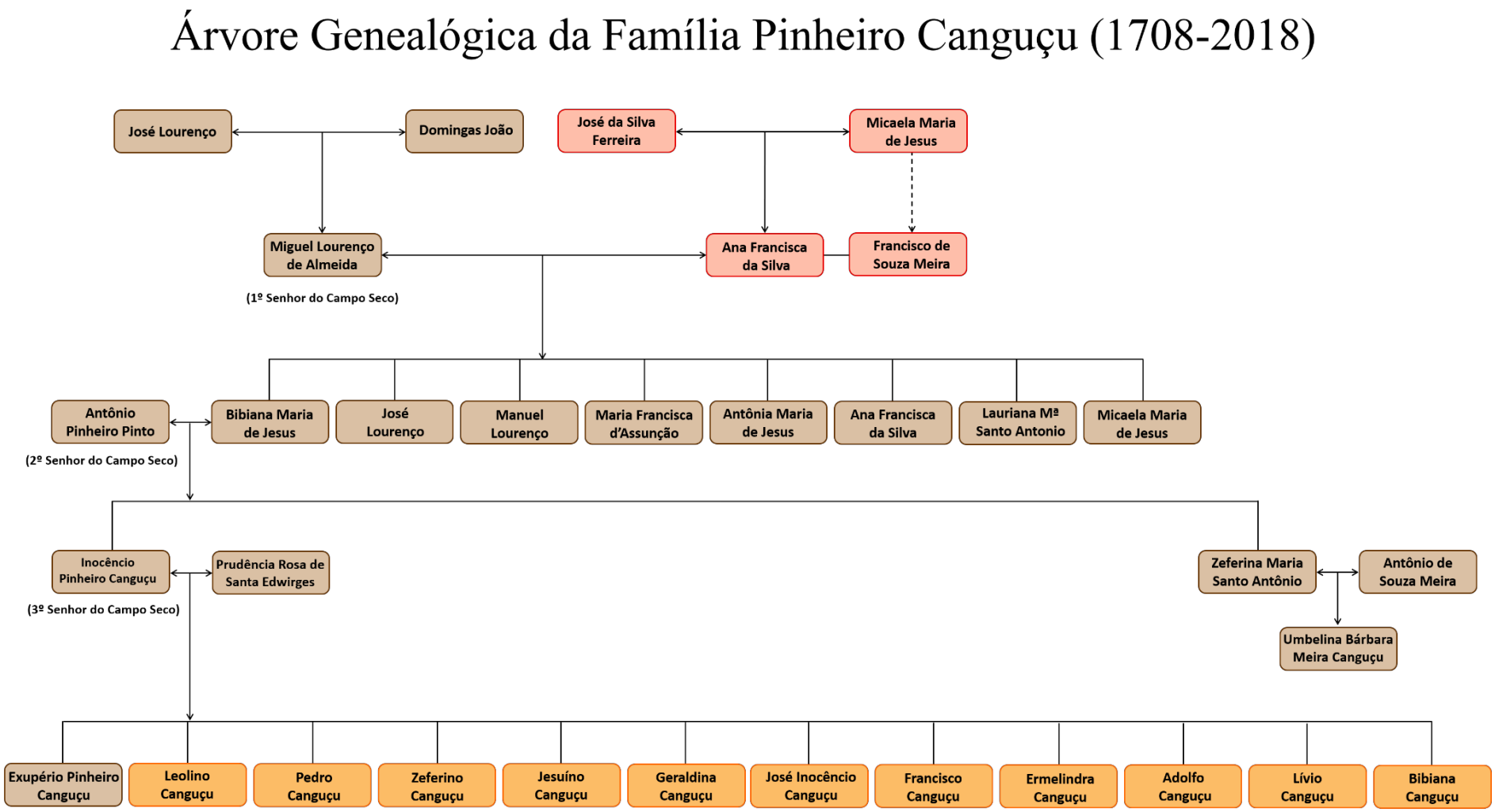
> [...] é porta-voz, caixa de ressonância de um coletivo no qual se insere e que lhe transcende, e que sua individualidade se multiplica e é condicionada por fatores como posição de classe, geração, gênero, etc., de forma que se impõe considerar tais inserções e determinações para que possamos dimensionar de forma critica o próprio teor das mensagens divulgadas pelo texto, a sua ideologia manifesta.

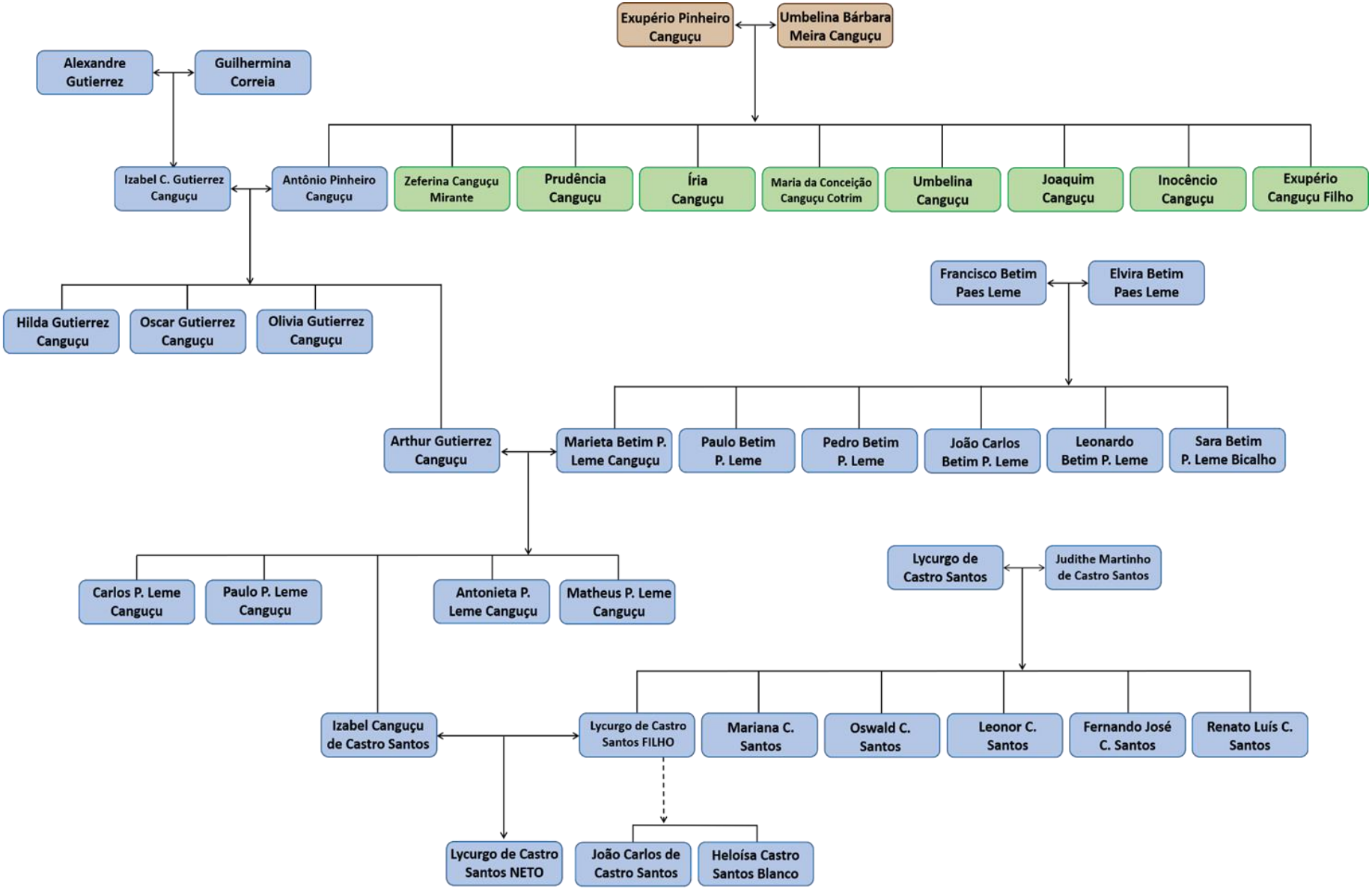
Ciente dessa questão, procuramos levantar o maior número de informações sobre os agentes das práticas de escrita na fazenda do Campo Seco, considerando dados sobre nascimento, casamento, filhos, escolarização, poder aquisitivo, religião, funções desempenhadas na região etc. Para tanto, pautamos nossa pesquisa na leitura de Santos Filho (2012), uma vez que o autor teve acesso a outros manuscritos do espólio da família e, por isso, beneficiou-se de informações que não constam no *Livro de Razão*. Além disso, buscamos materiais em documentos da cidade de Caetité e do Arquivo Público do Estado da Bahia, principalmente para Miguel Joaquim de Castro Mirante, já que não foram encontradas muitas informações sobre ele em Santos Filho (2012).

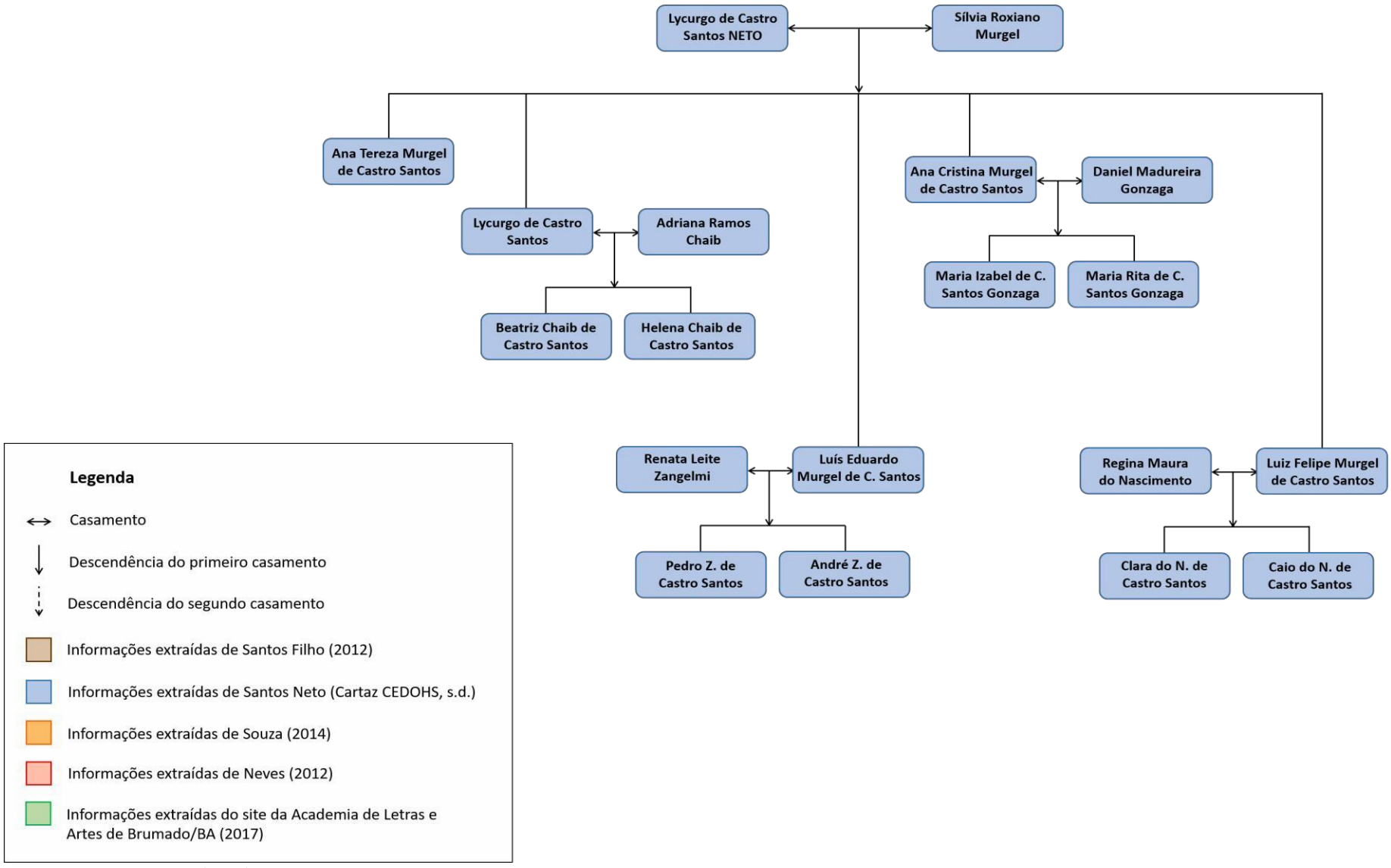
É certo que algumas lacunas não foram preenchidas, porém estamos cientes de que isso não afetará a compreensão sobre a identidade de nossos sertanejos, que apresentaremos a seguir através da árvore genealógica da família, para demostrar todo o seu processo de descendência no sertão da Bahia de tempos pretéritos (cf. figura 38).

[16] Optamos pelo uso do termo scriptor /scriptores (bastante utilizado em trabalhos na área da Filologia) para evitar a confusão com o sentido literário dos vocábulos autor, escritor, escrevente.

Figura 38 – Árvore genealógica da Família Pinheiro Pinto/Canguçu.




Exupério Pinheiro Canguçu
Umbelina Bárbara Meira Canguçu
Alexandre Gutierrez
Guilhermina Correia
Izabel C. Gutierrez Canguçu
Antônio Pinheiro Canguçu
Zeferina Canguçu Mirante
Prudência Canguçu
Íria Canguçu
Maria da Conceição Canguçu Cotrim
Umbelina Canguçu
Joaquim Canguçu
Inocêncio Canguçu
Exupério Canguçu Filho
Hilda Gutierrez Canguçu
Oscar Gutierrez Canguçu
Olivia Gutierrez Canguçu
Francisco Betim Paes Leme
Elvira Betim Paes Leme
Arthur Gutierrez Canguçu
Marieta Betim P. Leme Canguçu
Paulo Betim P. Leme
Pedro Betim P. Leme
João Carlos Betim P. Leme
Leonardo Betim P. Leme
Sara Betim P. Leme Bicalho
Carlos P. Leme Canguçu
Paulo P. Leme Canguçu
Antonieta P. Leme Canguçu
Matheus P. Leme Canguçu
Lycurgo de Castro Santos
Judithe Martinho de Castro Santos
Izabel Canguçu de Castro Santos
Lycurgo de Castro Santos FILHO
Mariana C. Santos
Oswald C. Santos
Leonor C. Santos
Fernando José C. Santos
Renato Luís C. Santos
Lycurgo de Castro Santos NETO
João Carlos de Castro Santos
Heloísa Castro Santos Blanco



Fonte: Santos (2019)

A árvore nos dá uma ampla visão da família com Miguel Lourenço, que inicia a prática de escrita com as anotações apenas no Livro do Gado. No Livro de Razão, escreveram Antônio Pinheiro Pinto, cujos registros vão de 1794 até 1821 e ocupam a maior parte do manuscrito. Após o falecimento de Pinheiro Pinto, mais especificamente a partir de 1822, Inocêncio José Pinheiro, de forma bem restrita, inaugura, a partir da página 130, de maneira assistemática, oficialmente a sua prática de escrita, agora como chefe da família. Miguel Joaquim de Castro Mirante, genro de Inocêncio, é o último a escrever no Livro de Razão. Registrou, logo após revisar as anotações, apenas um comentário, em 1838. As informações sobre cada *scriptor* foram sistematizadas em fichas, dispostas a seguir.

3.3.1 Antônio Pinheiro Pinto[17]

Poderíamos discorrer aqui sobre as inúmeras características do 2º senhor do Campo Seco, entretanto, utilizamo-nos de uma definição de Santos Filho (2012, p. 36) para sintetizar o perfil de Antônio Pinheiro Pinto, que será complementado com as informações da ficha a seguir.

> Retrato de um exímio comerciante, de um perfeito homem de negócios. Perfil de um indivíduo que, para acumular fortuna, não hesitou em exercer, em pessoa, ocupações tais como fornecedor e caixeiro de armazém, funções de certo modo incompatíveis com a posição de fazendeiro, de senhor rural, proprietário de grande domínio territorial, uma espécie de fidalgo colonial. (SANTOS FILHO, 2012, p. 36)

[17] As informações sobre Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Canguçu foram recolhidas majoritariamente de Santos Filho (2012), por essa razão optamos por sintetizá-las nas fichas e não em texto.

Quadro 5 – Ficha biográfica do *scriptor* Antônio Pinheiro Pinto

DADOS PESSOAIS

Nome completo: Antônio Pinheiro Pinto
Filiação: Não localizamos informações.
Avós paternos/maternos: Não localizamos informações.
Naturalidade: Radicado em Caetité/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: Não localizamos informações. **Data de falecimento**: Novembro de 1822
Idade (quando da escrita do documento): Não se pode definir, pois não localizamos a data de nascimento.
Estado civil: Casado com Bibiana Maria de Jesus
Instituição de ensino: Não localizamos informações.
Grau de instrução: Não há informações específicas, mas sabe-se que recebeu a instrução elementar da época: ler, escrever, contar e rudimentos de Religião e latim. Sobre a esposa também não se sabe o grau de instrução.
Profissão por formação: Não localizamos informações.
Principais atividades: Tenente de Milícia da Cavalaria de Minas de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas/BA; Fazendeiro (criador e agricultor) e Comerciante.

Observações: Há referências a quatro irmãos: Joaquim Pinheiro Pinto (casado com Antonia Maria de Jesus); José Pinheiro Pinto (casado com Ana Francisca da Silva), genros de Miguel Lourenço de Almeida; Francisco e Silvério.

Fonte: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

Fonte: Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

3.3.2 Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu

Sobre Inocêncio José Pinheiro Pinto/Canguçu, Santos Filho (2012, p. 49) informa que, a partir de 1830, movido pelo sentimento nativista, excluiu o nome do pai e adotou o nome da feroz onça "canguçu", transmitindo-o para as gerações seguintes. Santos Filho (2012) descreve Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu assim:

> Tipo singular esse filho de Pinheiro Pinto. Revelou-se, em tudo e por tudo, diferente do pai e do avô. De temperamento aventureiro, sua vida pontilhou-se de episódios romanescos e trágicos. Impetuoso, brigador, turbulento, insofrido, gastador, namorador. Tal o seu retrato. As andanças donjuanescas renderam-lhe dez filhos ilegítimos, entre os conhecidos, de mães brancas, pretas e mulatas. (SANTOS FILHO, 2012, p.47)

A ficha a seguir revela outras particularidades sobre "esse tipo singular" que foi o 3º senhor do Campo Seco.

Quadro 6 – Ficha biográfica do *scriptor* Inocêncio José Pinheiro Canguçu

DADOS PESSOAIS

Nome completo: Inocêncio José Pinheiro Canguçu
Filiação: Antônio Pinheiro e Bibiana Maria de Jesus
Avós paternos: Não localizamos informações
Avós maternos: Miguel Lourenço de Almeida e Ana Francisca da Silva
Naturalidade: Bom Jesus dos Meiras/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: Ano de 1795 **Data de falecimento:** Setembro de 1861
Idade (quando da escrita do documento): entre 26 aos 34 anos
Estado civil: Casado com Prudência Rosa de Santa Edewirges, falecida em 1848.
Grau de instrução: Teve acesso ao aprendizado da leitura, escrita, fazer conta e rudimentos de Religião e latim.
Instituição de ensino: Alfabetização na Escola do Mestre Tomás José da Costa/ Aulas com o Padre Ignácio Ferreira da Silva.
Profissão por formação: Não localizamos informações.
Principais atividades: Fazendeiro; Tenente Comandante da Guarda Policial de Rios de Contas/BA e Vereador de Caetité/BA.

Observações: O nome de batismo do scriptor era Inocêncio José Pinheiro Pinto, porém este mudou o sobrenome de "Pinto" para "Canguçu", em 1830, no período Imperial do Brasil. Prudência Rosa de Santa Edwirges nasceu em Bom Jesus dos Meiras, era filha de Francisco de Souza Meira e Rita de Souza Meira.

Fonte: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

Fonte: Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

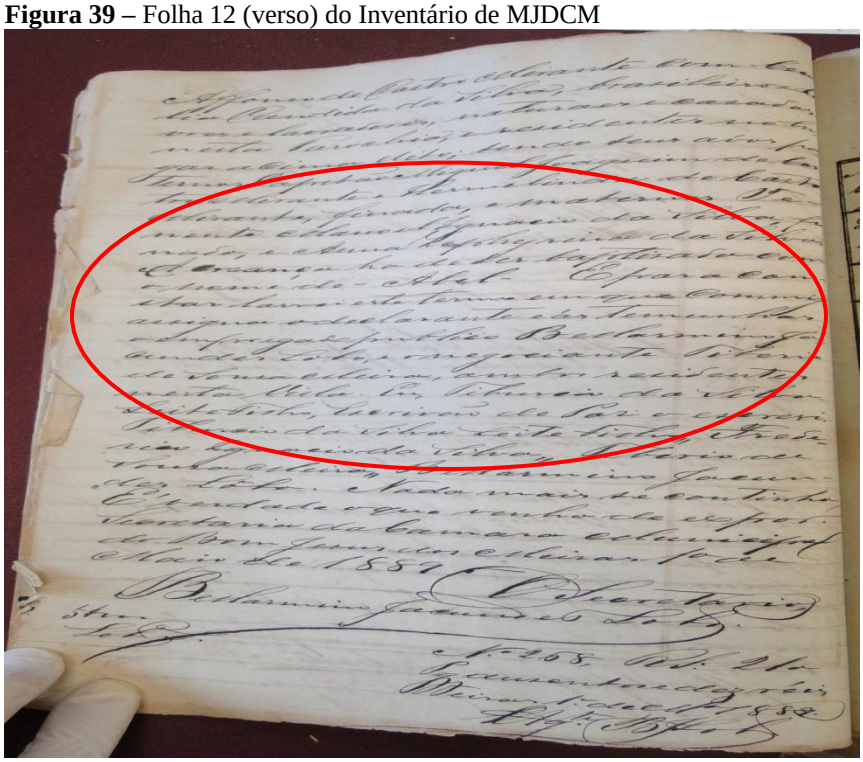
3.3.3 Miguel Joaquim de Castro Mirante.

Diferente de Antônio Pinheiro Pinto e de Inocêncio Pinheiro Canguçu, que, além de possuírem uma maior quantidade de registros no *Livro de Razão* e um conjunto de informações fornecidas por Santos Filho (2012), Miguel Joaquim de Castro Mirante escreveu pouquíssimo nos dois manuscritos do Campo Seco, o que nos levou a consultar fontes complementares para auxiliar na composição de sua ficha.

Assim, seus dados foram constituídos por meio das poucas informações colhidas em Santos Filho (2012), juntamente com a consulta ao seu inventário (cf. figura 39), que nos permitiu identificar o nome de sua esposa, e ao Livro de Notas de Caetité de sua lavra (cf. figura 40), local de onde se retirou a informação sobre sua atividade como tabelião.

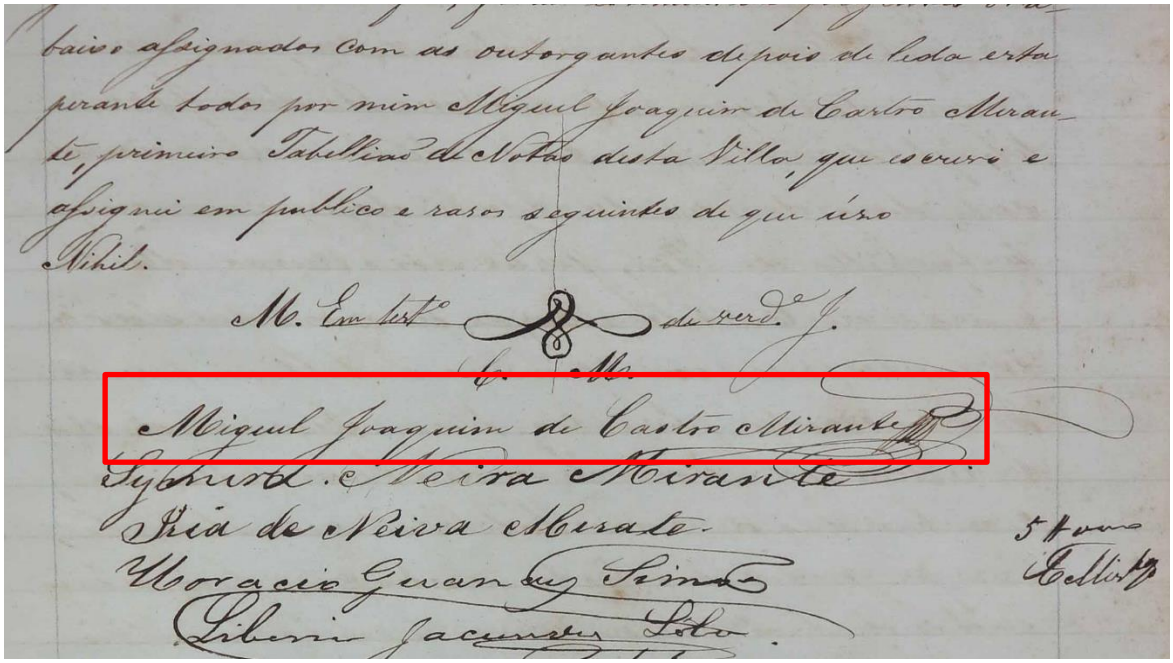
Vale ressaltar que os dois documentos mencionados foram, respectivamente, fotografados pelos pesquisadores Rui Moura e Urano Andrade, no Arquivo Público do Estado da Bahia.

Figura 39 – Folha 12 (verso) do Inventário de MJDCM



Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB/ Foto: Rui Moura.

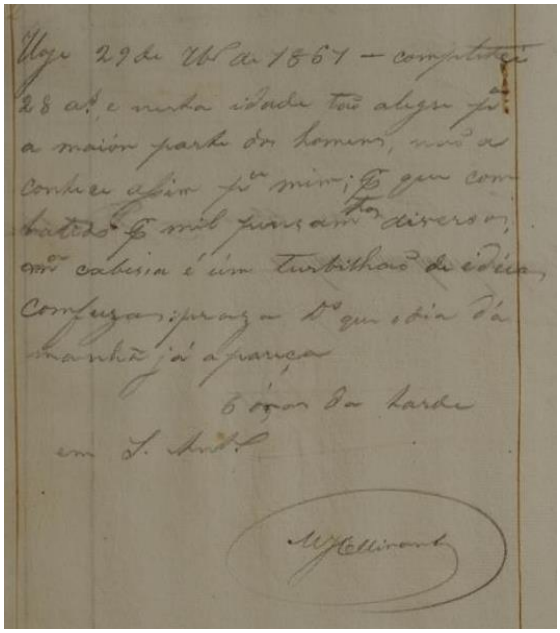
Figura 40 – Folha 5 (recto) do Livro de Notas de Caetité (1877-1878)



Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB/ Foto: Urano Andrade.

Além disso, a edição do fólio 34v do *Livro do Gado* realizada por Santos (2019, p. 221), conforme trecho transcrito a seguir, possibilitou a identificação da data de seu nascimento.

Figura 41 – Trecho do Fólio 34v do Livro do Gado



Hoje 29 de s*etembro* de 1867 – completei
28 a*no*s, e nesta idade tão alegre p*ara*
a maior parte dos homens, não a
conheci [*asim*] pa*ra* mim; p*or* que com
batido p*or* mil pensam*entos* diversos;
m*inh*a cabesia é úm turbilhão de idéias
confusas: praza D*eu*s que o dia dá
manhã já a pareça
6 oras d a tarde
em S*anto* Ant*onio*
Miguel Joaquim de Castro Mirante[148]

Fonte: Santos (2019, p.).

A partir dessas consultas, formulamos a seguinte ficha.

Quadro 7 – Ficha biográfica do *scriptor* Miguel Joaquim de Castro Mirante

DADOS PESSOAIS

Nome completo: Miguel Joaquim de Castro Mirante
Filiação: Adolfo de Castro Mirante e Firma de Castro Mirante
Avós paternos/maternos: Não localizamos informações.
Naturalidade: Bom Jesus dos Meiras/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: 29/09/1833 **Data de falecimento:** Não localizamos informações.
Idade (quando da escrita do documento): 28 anos
Estado civil: Casado com Hermelinda de Castro Mirante **Instituição de ensino:** Alfabetizado por professor leigo do local. **Profissão por formação:** Não localizamos informações.
Principais atividades: Fazendeiro; Capitão; 1º tabelião da Vila de Caetité

Fontes: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.
Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB. Consulta dos documentos (inventário e embargos, livro de notas), pertencentes a Miguel Joaquim de Castro Mirante. Acesso em: 17/01/2020.
TORRES, Antônio Novais. Disponível em: <www.recantodasletras.com.br/biografias>. Acesso em: jan/2018.
Livro do Gado (página 34 verso).

Fonte: Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

3.4 DISPONIBILIZAÇÃO DAS EDIÇÕES

Para alcançar um público maior e facilitar o acesso às edições, idealizamos um site para a publicação dos Livros do Campo Seco – *Livro do Gado* e *Livro de Razão*. O *Livro do Gado* foi editado por Elaine Brandão Santos e, por essa razão, sua participação no processo de concepção e desenvolvimento do site foi fundamental. Igor Leal, responsável técnico, após algumas reuniões, tornou real a nossa ideia.

O produto, em sua primeira versão, pode ser acompanhado no endereço http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/. Decidimos manter as cores que já representam a identidade do CE-DOHS e adaptamos a estrutura seguindo o modelo de Santiago (2019).

Na página inicial, localizam-se o texto de abertura e a imagem do sobrado do Campo Seco. Além disso, na parte superior horizontal, é possível identificar as abas que guiarão o pesquisador em sua consulta (cf. imagem 42).

Figura 42 – Página inicial do site

Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

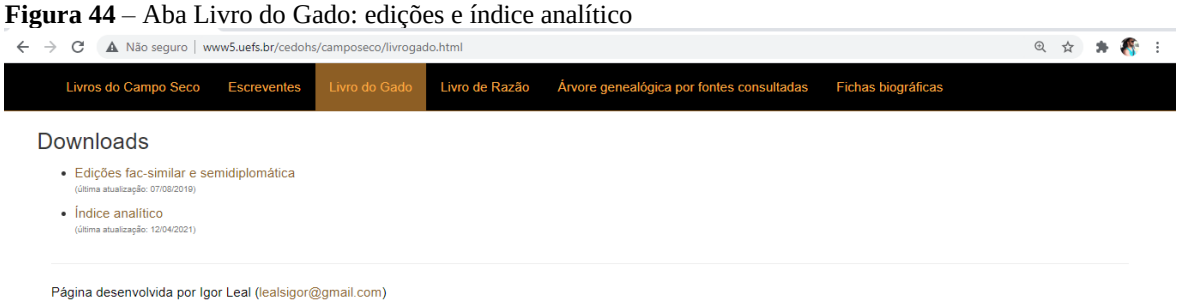
Ao clicar nas abas, o pesquisador será direcionado para as informações referentes aos dois Livros. Na aba Escreventes, são apresentados, sinteticamente, os senhores do Campo Seco (cf. imagem 43).

Figura 43 – Aba Escreventes

Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

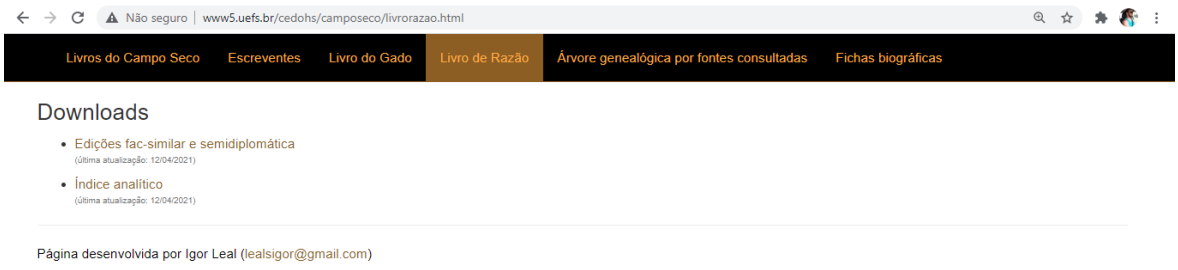
Para acessar as edições e os índices analíticos dos dois livros, o pesquisador deve acessar as abas indicadas nas figuras 44 e 45.

Figura 44 – Aba Livro do Gado: edições e índice analítico



Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

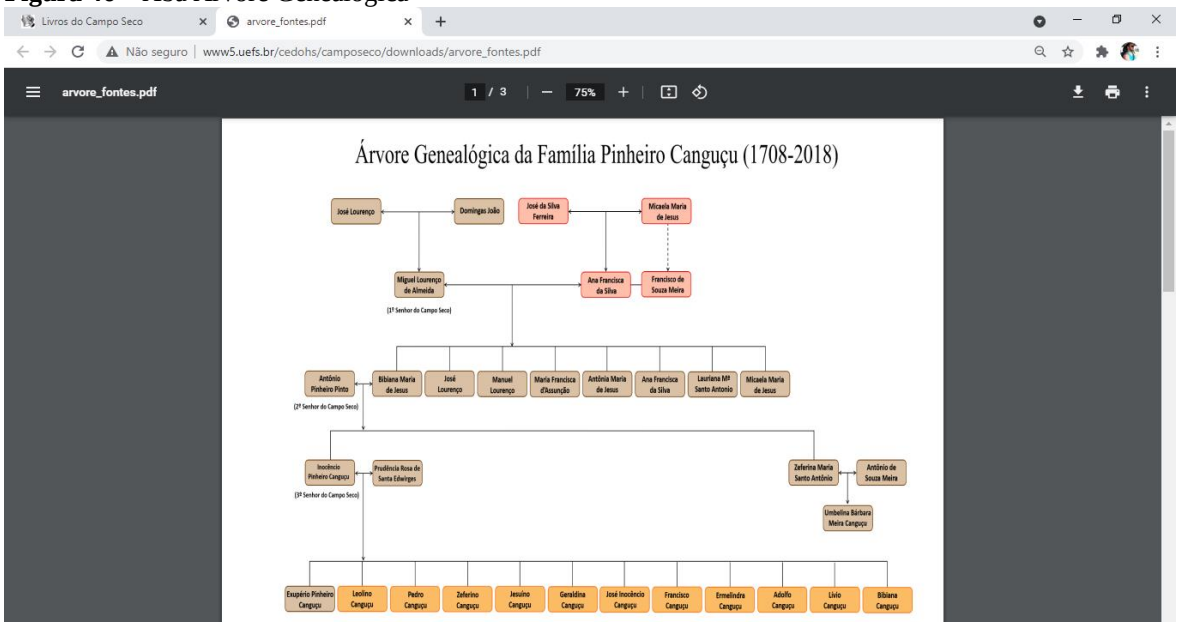
Figura 45 – Aba Livro de Razão: edições e índice analítico



Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

Dados sobre a constituição da família podem ser localizados na aba árvore genealógica, que redirecionará o pesquisador para outra aba (cf. figura 46).

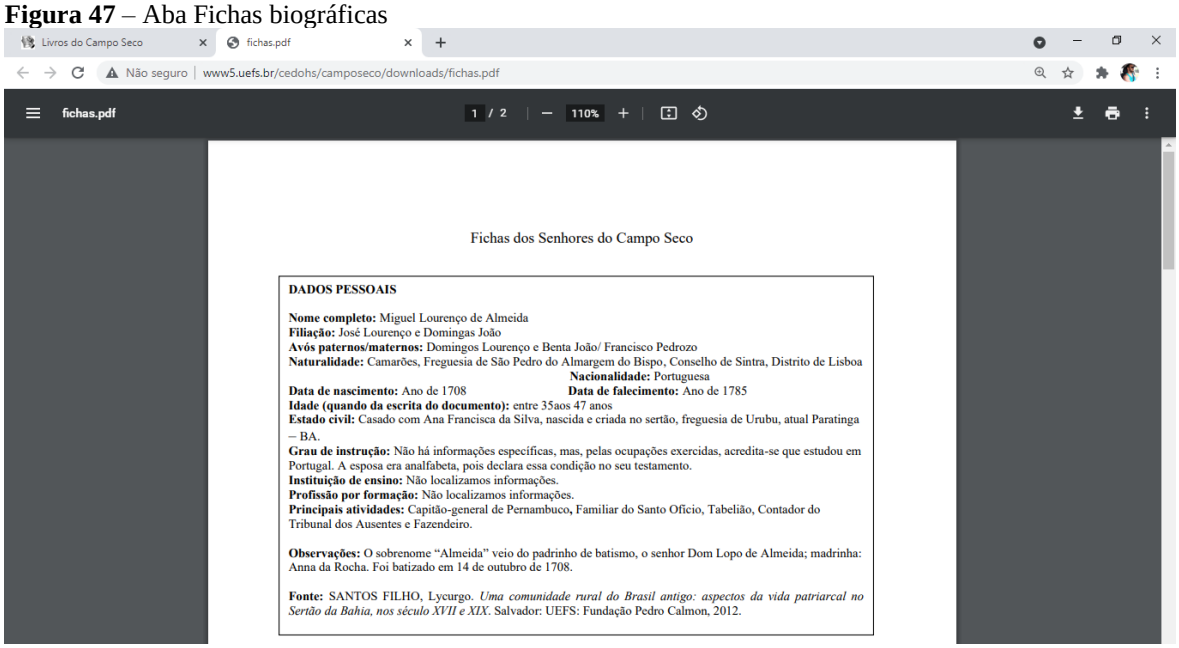
Figura 46 – Aba Árvore Genealógica



Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

Na aba Fichas biográficas, o pesquisador será direcionado para outra aba, onde acessará mais detalhes sobre a vida dos homens do Campo Seco, (cf. imagem 47).

Figura 47 – Aba Fichas biográficas



Fonte: http://www5.uefs.br/cedohs/camposeco/index.html

3.5 SÍNTESE DA SEÇÃO

Apresentamos nesta seção a caracterização física do *Livro de Razão* do Campo Seco através de critérios respaldados no campo dos estudos filológicos e da História Social da Cultura Escrita, identificando os aspectos extrínsecos do manuscrito, bem como os *scriptores* em seus contextos diatópico e temporal. Todo esse processo é necessário, pois o máximo controle dessas informações garante ao texto, que será objeto de estudo de fatos linguísticos do passado, uma maior aproximação de sua forma genuína, fato que dará mais credibilidade aos dados de língua que refletirão as prováveis características da época analisada. Além disso, essas informações garantem, inclusive, dados importantes para a segurança do documento.

4

O SERTÃO POR ESCRITO: DO CONTROLE DE FINANÇAS AOS FRAGMENTOS DA VIDA COTIDIANA NA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

Apresentamos, na seção 3 desta tese, os aspectos referentes ao processo de preparação e restituição do texto, com vistas à sua divulgação e realização de possíveis estudos linguísticos. Além disso, caracterizamos a autoria intelectual e material do testemunho e identificamos o espaço e o marco temporal de sua produção. Isso posto, o objetivo agora é a instrumentalização desse texto a fim de reconstituir os vestígios das vivências, no sertão da Bahia oitocentista, captados pela escrita dos atores dessa cena social e linguística – os senhores do Campo Seco –, valendo-nos de aspectos metodológicos da História Social da Cultura Escrita e da Micro-História. Para tanto, organizamos esta seção da seguinte forma: em 4.1 expomos, de forma resumida, diferentes perspectivas para a abordagem de um documento escrito. A partir de 4.2, buscamos entender o funcionamento da Bahia rural oitocentista, nas áreas social e econômica, a partir dos indícios captados no *Livro de Razão*. A situação da educação e a penetração da língua escrita no Campo Seco encontram-se em 4.3. No último tópico, 4.4, uma síntese encerra a seção.

4.1 PELAS PÁGINAS ESCRITAS, DIFERENTES CAMINHOS...

> O escrever não é outra coisa, mais que suprir com um instrumento por meio da arte e das mãos, o que com a voz se não pode exprimir e alcançar com os ouvidos, ou por distância de lugar, como quem escreve aos ausentes, ou por discurso de tempo, como quem escreve aos vindouros. (ALMADA, 2012, p. 33)

A epígrafe que inaugura esta seção, embora apresente a escrita como técnica artística, leva-nos a crer que tal prática materializa, ao longo do tempo, tudo aquilo que não somos capazes de expressar por meio da oralidade ou captar pelos ouvidos em virtude da distância espacial. Desse modo, o testemunho escrito manifesta-se como elemento constituinte da linguagem que, segundo Burke (1992, p.10), deve ser estudada, pois faz parte da vida cotidiana, portanto "uma instituição social, parte da cultura". Convergindo como Burke (1992), Azevedo Santos (2004, p. 13) vê a escrita (manuscrita, impressa ou digital) como um ato comunicativo, resultante das condições "das sociedades e dos homens que a dominam".

Por esse viés, a escrita, como prática social, conforme Coulmas (2014, p. 25), "ocupa uma posição diferente nos recursos simbólicos das diferentes sociedades e é encarregada de funções diferentes relativas, de diversas maneiras, ao poder". Para Coulmas, a escrita constitui-se como parte do processo comunicativo de uma sociedade que não pode ser ignorada. O autor ainda explica que:

> Quando a língua é estudada do ponto de vista de sua natureza social, incluindo os usos que a sociedade faz de seus recursos linguísticos, todas as razões justificam que se leve em consideração tanto a forma falada quanto a escrita, que variam ao longo de escalas estilísticas de formalidade e dependência contextual bem como em termos de atitudes e potencial de regulação social. (COULMAS, 2014, p. 24).

Diante desse contexto, olhar para o texto como fonte documental não pode ser mais uma prática monolítica, alheia aos aspectos contextuais e sociais. Pelo contrário, tal exercício passou a exigir do pesquisador métodos e abordagens diversificados, valorizando a ampliação dos objetos históricos e de novos campos de pesquisa. Para Karnal e Tatsch (2004, p. 15), essa mudança de perspectiva cumpriu o desejo de Bloch, que almejava "dar o estatuto de 'documento histórico' a tudo que contivesse a possibilidade de vislumbrar a ação humana". Como caixa de ressonância das ações humanas, a escrita funciona como meio para estudos diversificados que visam identificar suas práticas, usos e funções ao longo do tempo, além de estudar as representações de grupos e comunidades por meio de seus registros.

No campo da História Social da Cultura Escrita, há uma série de trabalhos que, retomando as discussões de Petrucci (1999), Castillo Gómez (2003), Vinão Frago (1996) e Galvão (2010), além de outros teóricos, tem a escrita como fio condutor de suas análises. Lobo e Oliveira (2012), a partir da investigação das práticas de leitura e escrita de indivíduos integrantes de grupos subalternos, apresentaram, com base em informações

fornecidas pelo antropólogo Luiz Mott, “a excepcionalidade e a singularidade da trajetória da africana Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz na sua relação com a escrita, dando uma brevíssima notícia da sua produção epistolar” (LOBO; OLIVEIRA, 2012, p. 644). Para tanto, os referidos autores, além de analisaram a produção epistolar do sujeito da pesquisa, perpassaram por questões referentes à alfabetização e letramento de escravos, além do papel dos recolhimentos e conventos no letramento de mulheres.

Também de 2012 é o trabalho de André Luís Alves Moreno sobre as escritas litúrgicas das “gentes de santo”. Nesta pesquisa, Moreno (2012), tendo como suporte produções gráficas de uma iaô do terreiro kêtu Ilê Axé Opô Afonjá, revelou os usos e funções das práticas de escritas no âmbito do candomblé, potencializando documentos como cadernos, anotações avulsas e blocos de anotações, além de trazer informações culturais importantes referentes a tal prática religiosa.

Vartuli (2014, p. 20), ao investigar os usos sociais da escrita na sociedade colonial mineira dos séculos XVIII e XIX, debruçou-se sobre o conjunto de 557 testamentos escritos por mulheres, além de inventários de pessoas que possuíam algum grau de parentesco com elas. A proposta da autora situa-se no campo da história da educação e da história da cultura escrita com vistas a “explicitar como em certa modalidade de uso social da escrita, pessoas, grosso modo denominadas analfabetas, apresentaram uma performance autoral, quando auxiliadas por quem detinha a técnica de escrever” (VARTULI, 2014, p. 13-14).

O já referido trabalho de Santiago (2019), ainda que não tenha sido o foco da autora, é um exemplo de abordagem que contempla a escrita como recurso para se estudar determinada comunidade a partir de seus testemunhos escritos. Vale ressaltar também a pesquisa de Ana Sartori Gandra, que teve como eixo norteador o estudo do alfabetismo nas Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba no século XVI. Gandra (2016) utilizou, para sua análise, três livros produzidos durante a primeira visitação do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil, nos quais os depoentes tinham seus depoimentos registrados e assinados, quando esses eram capazes de assinar. A partir das assinaturas recolhidas e de um controle de informações sobre sexo, idade, naturalidade e condição religiosa do depoente, a autora, considerando as estruturas sociais do Brasil, no período focalizado, realizou um estudo quantitativo e qualitativo das assinaturas e outros sinais alfabéticos deixados nos livros, trazendo dados importantes sobre a difusão social da escrita no Brasil seiscentista.

Os trabalhos mencionados, para alcançar os objetivos pretendidos, realizaram a caracterização formal do texto, contextualizando-o, observando os tipos gráficos produzidos, os usos e as funções que a escrita assume em diferentes grupos, o grau de prestígio de quem escreveu, além do possível nível de escolarização, focalizando as práticas, os discursos e as representações de cada testemunho escrito.

No campo da Micro-História, nossa referência é o livro *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg. Nesta obra, Ginzburg (1987) propõe um estudo sobre um indivíduo chamado Menocchio, um moleiro de 52 anos, nascido em Montereale, uma aldeia nas colinas de Friuli, que exerceu a função de magistrado da aldeia e administrador da paróquia. Era casado, tinha 7 filhos vivos, sabia ler, escrever, somar e, sobretudo, tinha ideias que confrontavam a ordem social da época. Foi denunciado a primeira vez, em 1583, acusado de ofender Jesus Cristo com heresias. Recebeu o perdão, mas em 1599 foi preso e condenado pelo Tribunal da Inquisição por sua forma de entender Deus e não acreditar na pureza da Virgem Maria (GINZBURG, 1987).

No prefácio à edição inglesa, Ginzburg (1987, p.9-10) explica a origem de seu interesse pela história de Menocchio. Conta-nos o autor que, ao analisar uma documentação inquisitorial no Arquivo da Cúria episcopal em Udine, no verão de 1962, deparou-se com uma sentença muito longa que lhe chamou a atenção. Tratava-se do processo inquisitorial contra Domenico Scandella, dito Menocchio. Como seu interesse, na época, era outro tema, limitou-se a anotar o número do processo para uma consulta posterior.

Anos depois, o autor debruçou-se sobre uma vasta documentação, dois processos abertos contra Menocchio pela Inquisição e outros documentos que forneceram informações sobre as atividades econômicas, sobre a vida de seus filhos, além de algumas páginas escritas pelo próprio Menocchio (GINZBURG, 1987, p.11).

De posse dessas informações, Ginzburg reconstituiu, por meio de indícios e comparações, a vida de Menocchio, destacando as leituras que fazia, as discussões que realizava, os seus temores e, principalmente, aspectos do contexto social que o circundava. Dessa análise, o autor concluiu que Menocchio não podia ser considerado um camponês típico da época, configurando-o como um caso limite, mas representativo, pois sua vivência estava marcada por eventos históricos importantes – difusão da imprensa e a Reforma protestante (GINZBURG, 1987, p. 10).

Explicam Tinem e Borges (sd, p. 7):

> A análise de um caso como o de Menocchio é, para Ginzburg, o meio de compreender que forças determinavam o rumo dos acontecimentos e quais elementos contribuíam para a conformação da maneira de pensar dos personagens de uma época. Ele retira, de um processo de um anônimo moleiro da Idade Média, material para uma investigação sobre as fontes que alimentam a formação da 'cultura popular' e sobre a circularidade da cultura. Transforma esse caso obscuro e aparentemente negligenciável em uma história fascinante e em um complexo estudo sobre as origens da forma de pensar dos excluídos na Idade Média. (TINEM E BORGES sd, p. 7)

O estudo empreendido por Ginzburg vai muito além da história de um moleiro italiano da Idade Média capaz de revelar as origens da forma de pensar dos excluídos do período em foco. Na verdade, o autor, ao desenvolver a pesquisa, forneceu ao historiador uma nova possibilidade de se olhar para a fonte escrita em busca de vestígios, fragmentos de realidades vividas a partir de histórias individuais. O autor explica que tal abordagem, em uma época na qual pesquisas seriais e quantitativas estavam no auge, parecia absurda ou paradoxal. Entretanto, esclarece seu posicionamento enfatizando que essas pesquisas, apesar de reconhecerem as classes inferiores, não lhes davam “voz” (GINZBURG, 1987, p. 20).

Ainda a respeito das fontes para se estudar as classes inferiores do passado, Ginzburg (1987) evidencia a dificuldade dos historiadores pelo fato de essa cultura ser predominantemente oral, fato que exige a consulta das fontes escritas, denominada de fontes indiretas, que podem estar maculadas pelas influências dos grupos dominantes. Nesse contexto, o autor enfatiza os problemas dos filtros deformadores, mas é enfático ao defender que “substituir uma estratégia de pesquisa indireta por outra direta, neste tipo de trabalho, é por demais difícil.” (GINZBURG, 1987, p. 15). Alerta também que todas as oportunidades que uma documentação oferece para reconstruir “não só as massas indistintas como também as personalidades individuais” devem ser exploradas (GINZBURG, 1987, p. 20).

Em 1979, no artigo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg reflete sobre o método aplicado à pesquisa sobre o moleiro Menocchio, relacionando a história com outras áreas do saber que já estavam atentas à capacidade de se obter o conhecimento por via indireta. De acordo com Nelci Tinem e Lucia Borges, com o paradigma indiciário, Ginzburg revolucionou a maneira de se fazer História, transgredindo as limitações entre as disciplinas, privilegiando fenômenos que estavam à margem das pesquisas. As referidas autoras caracterizam o método como uma “abordagem capaz de remontar uma realidade

complexa, não experimentável diretamente, que parte da análise de casos bem delimitados, cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral e contesta ideias solidificadas sobre determinados fatos e épocas" (TINEM; BORGES, sd, p.1).

Embora nosso *corpus* seja oriundo de uma família rica da Bahia oitocentista, é com esse olhar indiciário, somado à caracterização formal do texto como prática social, numa abordagem na perspectiva da História Social da Cultura Escrita, que pretendemos apresentar aspectos do funcionamento da vida no sertão, a partir da análise do testemunho escrito deixado pelos senhores do Campo Seco, no *Livro de Razão*, aproveitando todas as possibilidades oferecidas pelo documento, conforme orienta Ginzburg (1987).

4.2 DOS INDÍCIOS À RECONSTITUIÇÃO DAS VIVÊNCIAS: O MICROCOSMO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA A PARTIR DO *LIVRO DE RAZÃO*

A orientação apresentada por Petrucci (2003, p. 7-8) a respeito do trabalho com os testemunhos escritos de qualquer índole é procurar responder a um conjunto de questões capaz de oferecer ao pesquisador uma caracterização formal do documento analisado, o que, consequentemente, constitui um quadro contextual sobre os envolvidos, direta e indiretamente, nas práticas de escrita. Ao longo deste trabalho, algumas dessas perguntas já foram respondidas. Sabemos, por exemplo, quem escreveu, onde e quando o manuscrito foi produzido, além de outras particularidades de sua constituição. Entretanto, entendemos que há uma relação entre escrita e sociedade que excede o simples ato de conhecer como o ato de escrever está difundido em determinadas sociedades. Portanto, é preciso ir além e, como orienta Petrucci (1999 p. 25-26), compreender os usos e funções dessa tecnologia – a escrita – é tarefa essencial para uma abordagem que busca vislumbrar tal relação.

O ponto de partida para a compreensão dos usos e da função social de escrita, na Fazenda do Campo Seco, em Bom Jesus dos Meiras, centra-se na observação das anotações produzidas por Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Pinto Canguçu, no *Livro de Razão*, apesar de ser o português Miguel Loureço de Almeida[18], genro de Antônio e avô de Inocêncio, o agente que inaugura tal prática, ainda no século XVIII, ao fazer seus registros no Livro do Gado.

Sobre o lugar que a escrita assumiu nos domínios da América portuguesa, Vartuli (2014), ao tratar da questão nas Minas Gerais, particularmente, comenta que:

[18] Para maiores informações, consultar Santos (2019) e Santos Filho (2012).

> [...] a escrita assumiu lugar de destaque nas relações socioeconômicas, tanto no âmbito da Colônia, e nas Minas particularmente, quanto entre a Colônia e o Reino. Como partícipes dessas práticas, encontravam-se letrados e iletrados na complexa teia de relações comerciais abarcadora de diferentes atividades. (VARTULI 2014, p. 22-23)

As relações socioeconômicas, segundo a autora, ocupavam lugar de destaque na produção e circulação da escrita na América portuguesa, tanto no contexto da Colônia, quanto em Minas, no período de 1780 a 1822 (VARTULI 2014, p. 23). Para a referida autora, "Numa sociedade na qual grande parte das práticas creditícias ocorria a prazo, o registro no papel era indispensável.".

No caso específico dos senhores do Campo Seco, na Bahia, em finais do século XVIII e início do XIX, o contexto das transações comerciais, da mesma forma que se manifestou em outras colônias de Portugal, influenciou uma prática de escrita de caráter comercial que perdurou por anos, passando por três gerações de uma mesma família.

Constatamos que a necessidade de organização da vida comercial da família impulsionou uma prática de escrita no sertão da Bahia oitocentista que foi além do simples registro de dívidas e créditos. Em virtude disso, a história contada pelas anotações dos Livros do Campo Seco (Livro do Gado e Livro de Razão) não se restringe à história de uma comunidade local que fincou raízes em Bom Jesus dos Meiras. Os escritos desses três homens – Miguel Lourenço de Almeida (Livro do Gado), Antônio Pinheiro Pinto (Livro do Gado e Livro de Razão) e Inocêncio Pinheiro Canguçu (Livro do Gado e Livro de Razão) – representam a oportunidade de conhecermos aspectos da vida sertaneja de tempos idos pela ótica de quem viveu neste período e teve a oportunidade de registrar os fatos nele ocorridos.

4.2.1 Pinheiro Pinto, sua parentela e as vivências de uma época

Apesar de já mencionar os Senhores do Campo Seco em outras seções desta tese, é importante frisar aqui algumas informações específicas sobre eles. Inicialmente, destacamos que esses senhores declaravam-se como homens brancos e praticantes da fé católica. Basta lembrarmos que o primeiro senhor, Miguel Lourenço, era membro do Santo Ofício. Além disso, sua mulher, Ana Francisca da Silva, em seu testamento, que se encontra transcrito por Santos Filho (2012, p. 14), deixa bem claro o seu credo ao declarar: "Em nome de Deus, amém. Eu, Ana Francisca da Silva, estando a pé com saúde e em

perfeito juízo, temendo a morte ordeno este meu testamento na maneira seguinte: **Sou católica romana**, natural da Freguesia do Urubu, Arcebispado da Bahia...".

Pelo que sabemos, a prática da fé católica seguiu na família, pois Santos Filho (2012, p. 104), ao reproduzir, como apêndice de seu livro, a ficha do primeiro recenseamento do Brasil, ocorrido em 1872, traz à baila as respostas fornecidas por Exupério Canguçu, filho de Inocêncio e bisneto do familiar do Santo Ofício. O então senhor do Campo Seco da época declarou-se sendo branco e praticante da religião católica, embora haja indícios de que ele também era maçom.

Foi Miguel Lourenço de Almeida que deu início aos escritos no Campo Seco ao registrar, no *Livro do Gado*, informações pastoris e alguns dados referentes à pecuária. No entanto, não escreveu no *Livro de Razão*, foco desta análise. Após falecer, Antônio Pinheiro assume a administração da fazenda e, de certa forma, os rumos da família. Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu são os atores que estão na cena do sertão da Bahia oitocentista escrita no *Livro de Razão*. Mas o protagonista é Antônio Pinheiro, já que a maior parte das anotações que constam no referido livro é de sua autoria. Por essa razão, são os registros dele que conduzirão, em grande parte, este passeio pelos aspectos da vida sertaneja de outrora.

O primeiro aspecto a se observar é a ascensão do próprio Pinheiro Pinto como chefe da família e dos negócios. Uma análise cautelosa da árvore genealógica de Miguel Lourenço de Almeida, primeiro senhor do Campo Seco, a gênese dessa história de práticas de escrita, na fazenda do Campo Seco, ainda no século XVIII, indica que, dentre os oito filhos que teve, havia dois homens, José Lourenço e Manuel Lourenço, o que naturalmente nos levaria a supor que um deles assumiria a administração da fazenda, quando o pai já não mais estivesse vivo.

Não conhecemos ao certo a razão, mas não foi assim que aconteceu. Antônio Pinheiro Pinto, descendente de português, adentrou no Campo Seco através do casamento com Bibiana Maria de Jesus, uma das filhas de Miguel Lourenço. Conta-nos Santos Filhos (2012, p.53) que os dois irmãos de Antônio, Joaquim e José, também se estabeleceram nos "quinhões herdados de Miguel Lourenço", pois se casaram com outras duas filhas do familiar do Santo Ofício.

Quanto aos dois filhos de Miguel Lourenço, não localizamos informações detalhadas capazes de elucidar os motivos de não assumirem a fazenda. Há, porém, nos registros de Antônio Pinheiro, no *Livro de Razão*, várias menções a José Lourenço como

afilhado. Pinheiro Pinto também menciona Manuel Lourenço em algumas anotações, mas não o identifica como cunhado. Esse contexto sugere, com as devidas ressalvas, as seguintes hipóteses para explicar o controle de Antônio Pinheiro na administração da fazenda e da família: a primeira, a impossibilidade de os herdeiros homens sucederem o pai; a segunda, o fato de ter se casado com a filha mais velha do português.

O que descobrimos concretamente, mesmo sem informações mais robustas sobre os motivos que tornaram Pinheiro Pinto chefe dessa família, é que seus assentamentos, no *Livro de Razão*, apresentam aspectos importantes da organização social e econômica na Bahia rural do século XIX, que serão mencionados a partir dos tópicos a seguir.

4.2.1.1 A vida comercial no Campo Seco

Kátia Lorena Novais Almeida, ao discutir sobre a questão de alforrias em Rio de Contas, no século XIX, traz um panorama da realidade social da região, destacando aspectos relativos à agricultura, pecuária e economia, por exemplo. No que se refere à situação econômica, Almeida (2012, p. 38) assim caracteriza a Vila de Rio de Contas:

> A Vila de Rio de Contas era estreitamente integrada à zona rural do seu entorno, e constituía-se em um centro de comércio e administração, derivando sua renda da agricultura e pecuária. Os produtos cultivados na região eram mandioca, milho, feijão e arroz [...]. Produzia-se ainda o algodão, que era levado pelos tropeiros até o porto de São Félix, e daí para Salvador. A cana-de-açúcar foi outro produto cultivado na região, em pequena escala, mas o suficiente para o consumo local dos seus derivados, como a rapadura e a aguardente. (ALMEIDA, 2012, p. 38)

A análise das anotações de Antônio Pinheiro Pinto, que se transformou em um homem de sucesso nos inúmeros negócios que se propôs a fazer, indica que o 2º senhor era um agente econômico importante, pois, em sua fazenda, foram plantados e comercializados vários produtos agrícolas que movimentaram a economia da região. Para além disso, no empório erguido na fazenda, houve um comércio de outros produtos (animais, tecidos, roupas etc.) e atividades que incluíam desde o aluguel de escravos ao conserto de ferramentas (foice, enxada, machado etc.).

O quadro a seguir sintetiza a relação dos produtos de subsistência que, segundo Santos Filho (2012, p. 329) representa “a lista do essencial na cozinha do homem comum do Nordeste pastoril.”. Essa lista indica que, no Campo Seco, houve a plantação de produtos variados, como feijão, arroz, milho etc.

Quadro 8 – Produtos negociados: compra e venda de produtos de subsistência

Produto	**Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)**
Arroz	**aros/aRos** - 60, 72,74, 82, 189v, 190v,191r, 194v
	arros – 96, 190v
	aroz- p. 194v
Farinha	**Farinha/ farinha** - 2, 6, 8,11, 14, 15, 18, 22, 27, 30, 32, 36, 37, 38, 41, 42, 48, 49, 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 85, 90, 91, 96, 97, 104, 105, 108, 113, 124r, 124v, 189r, 189v, 190v, 191r, 193r, 194v.
	F aria – 56
Milho (forma desdobrada da abreviatura)	**milho** - 2, 18, 28, 30, 46, 48, 49, 53, 55, 57, 60, 61, 96, 100, 104, 105, 118, 189r, 190v, 191r, 194v.
Feijão	**feijaõ** – 18, 33, 36, 37, 38, 42, 51, 58, 60, 61, 68, 70, 72, 75, 94, 97, 102, 105, 124r, 189v, 190v, 191r, 194v
	feijão – 56, 58
	feijam – 36, 37, 38, 68, 80, 190v, 194v.
Açúcar	**aSucar** – 65
	Asucar – 97
	Açúcar – 67, 124v
Mandioca	**mandioca** – 48
Rapadura	**Rapadura(s)/ rapadura(s)** – 2, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 22, 23, 25, 27, 42, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 65, 68, 70, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 102, 105, 113, 114, 116, 128r, 129v, 130r, 189r, 189v, 190v, 191r, 192r, 194v.
	derrapaduras – 99
Tabaco	**tabaco –** 3, 60, 57, 74, 78, 79, 84, 90, 92, 95, 104, 108, 125v
Sal	**Sal/sal –** 8, 14, 16, 25, 33, 37, 38, 54, 55, 56, 58, 61, 67, 58, 74, 76, 83, 87, 94, 96, 105, 106, 109, 110, 113 a 115, 118, 124r, 124v, 125r, 126v, 127r, 127v.

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

Além de servir como alimento para a família, esses produtos foram negociados no Campo Seco em retalhos, em quartas e em menores porções para uma clientela formada pelos próprios parentes de Pinheiro Pinto e também por homens em viagem que, durante a passagem pelo Campo Seco, abasteciam-se com mantimentos (SANTOS FILHO, 2012, p. 311).

A farinha e a rapadura são os produtos que aparecem em maior incidência no *Livro de Razão.* Santos Filho (2012, p. 323) explica que um dos grandes negócios de Pinheiro Pinto foi a produção, a compra e revenda de farinha, que só perdia em valor para o

comércio do gado e de algodão, por ser um mantimento básico na alimentação do nordestino.

O algodão é outro produto que se encontra nas anotações de Pinheiro Pinto. Era negociado em arrobas, carga e costal. Há mais de 100 registros de venda ao longo do *Livro de Razão.* Santos Filho (2012, p. 267) comenta que a região de Rio de Contas possuía terras favoráveis ao cultivo do algodoeiro e que, no Campo Seco, da mesma forma que aconteceu nas fazendas da região, o algodão era plantado, fiado e tecido, fornecendo pano para a vestimenta de escravos e para a gente da casa-grande. No entanto, Santos Filho (2012, p. 270) alerta que Pinheiro Pinto era pequeno plantador e que, na verdade se destacou, como grande comerciante, já que comprava e revendia grandes quantidades em Salvador.

A rapadura está presente em mais de 150 registros no Livro, fato que nos leva a pensar na plantação de cana-de-açúcar, todavia não há menção ao cultivo dessa planta nas anotações de Pinheiro Pinto. Acredita Santos Filho (2012, p. 293) que a falta de anotações não significa que não houve o cultivo. O autor esclarece que, como o imposto só incidia sobre os derivados da cana, Pinheiro Pinto limitou-se apenas a registrar a rapadura, o açúcar e a aguardente.

Existem, entretanto, informações sobre um engenho na Fazenda do Campo Seco, conforme as figuras 48 e 49 abaixo.

Figura 48 – Trecho da página 48

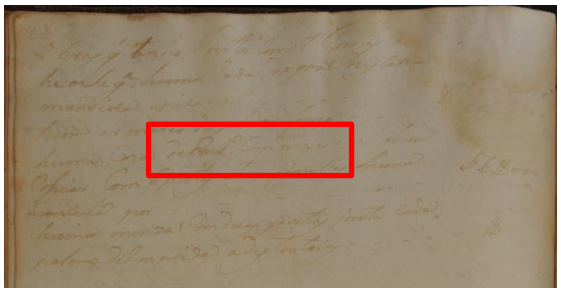
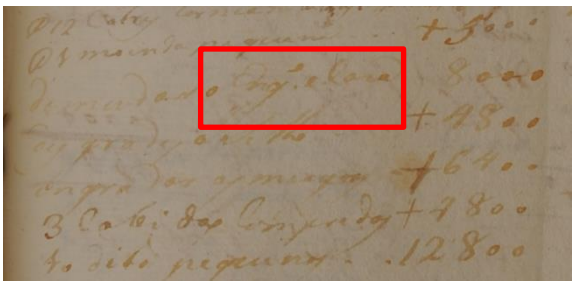


Figura 49 – Trecho da página 93



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Na primeira imagem, figura 48, ao tratar das obras que tem com o senhor de nome Tomás, Pinheiro Pinto faz referência à Casa de Engenho. Na figura 49, menciona, nas obras ajustadas com os compadres José Antônio e Antônio de Souza, valores referentes a uma pequena moenda e a um engenho. Nos escritos de Santos Filho (2012, p. 292), encontramos a informação de que havia um engenho, mas se tratava de uma “engenhoca de rapadura”.

Criaram-se, no Campo Seco, diversos animais, como podemos observar no quadro a seguir.

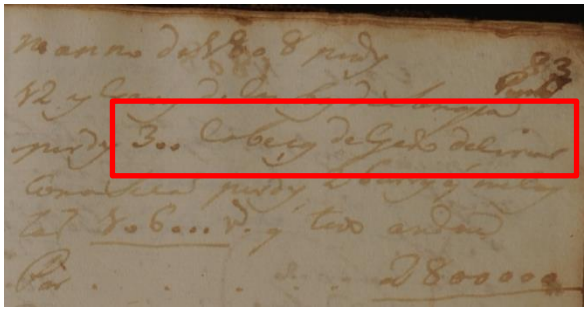
Quadro 9 – Relação de animais presentes no Campo Seco

Animais	**Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)**
Boi	**boi (s)** - 8, 27, 29, 34, 46, 66, 79, 85, 97, 100, 101, 106, 107, 112, 113, 116, 126r, 128r, 193r, 193v, 194r.
	boy (s) – 9, 10, 16, 21, 27, 29, 30, 44, 45, 54, 58, 61, 73, 74, 80, 81, 83, 84, 93, 94, 102, 105, 108, 111, 112, 114, 125r, 125v, 126r, 128v
	boyada (s) – 2, 8, 11, 13, 27, 75, 76.
Vaca	**vaca** - 1, 4, 8, 13, 18,, 34, 42, 49, 51, 57, 66, 73, 76, 86, 90, 92, 93, 100, 101, 105, 107, 112, 113, 114, 115, 119, 123v, 124r, 124v, 125v, 126r, 127v, 128v, 131r, 193r,
Garrote	**garrote** - 4, 13, 40, 47, 48, 49, 83, 85, 91, 95, 108, 119, 120, 126v, 131r.
	garrotinho – 120.
Potro	**potro(s)** - 32, 40, 51, 57, 94, 102, 111, 114, 116.
Besta	**besta** - 32, 76, 89, 105, 125v, 182v, 186r.
Cavalo	**cavalo (s) -** 1, 4, 8, 10, 16, 18, 22, 23, 29, 33, 46, 49, 56, 57, 62, 66, 68, 73, 79, 81, 83, 85, 87, 105, 115, 126v, 127r, 129r, 186r, 191v, 193r.
	cavallo – 49.
Égua	**Egoas** – 132r.
Galinha	**galinha (s)** - 49, 91, 189v.
Peixe	**pexe –** 5 / peixe – 5

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

O quadro 9 revela uma variedade de animais no Campo Seco, que pode indicar um modelo para as demais fazendas da região. Esses animais foram utilizados para o consumo interno, para o trabalho na lavoura e também nas relações comerciais. A respeito do gado, sabemos que Pinheiro Pinto era dono de um rebanho significativo, se considerarmos que, com a seca de 1808, ele anotou que perdeu 300 cabeças de gado, conforme observamos no registro da figura 50 .

Figura 50 – Fragmento da página 83 escrito por APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Além disso, ele presenteou os filhos, Inocêncio e Zeferina, em 1817 e 1818, cada um com 100 cabeças. Há ainda menção a 183 cabeças de gado, na página 79 do *Livro de Razão*, levadas pelo escravo Luís para ser vendida em Salvador em 1809.

A respeito da pecuária na Vila de Rio de Contas, Almeida (2012, p. 39) destaca que foi uma prática importante, sendo "o gado vacum vendido para outros consumidores, fornecendo a carne seca para o consumo local e o couro que servia a diversos fins". A leitura das informações do *Livro de Razão* confirma que a carne de vaca era vendida, no Campo Seco, em pequenas proporções. Encontramos registros da venda de carne seca, por exemplo, nas páginas 37, 74, 96, 100 e 105. Uma observação importante levantada por Santos Filho (2012, p. 207) é a utilização de outros produtos oriundos do gado, como o leite e o couro. Não foi localizado nenhum registro sobre a comercialização do leite no *Livro de Razão*, porém, na página 96, há anotações sobre a venda de requeijão, o que nos faz supor a existência da produção desse derivado no Campo Seco. Quanto ao couro, é importante ressaltar que, além do gado, existem anotações acerca da venda de couro de veado mateiro, nas páginas 30, 43 e 49, por exemplo.

Pelo que observamos, no Campo Seco, Pinheiro Pinto fez o assentamento de dívidas pelo "feitio" de jaleco, calção, vestido etc., e pela compra de sapatos e outras peças do vestuário (cf. quadro 10), indicando uma constante transação comercial de roupas e outras peças como bota, sapato e chinelo.

Quadro 10 – Vestuários e sapatos encontrados no *Livro de Razão*

Vestuário/Sapatos	**Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)**
Jaleco	**jaleco** – 5, 56, 111.
Calça	**calça (s)** – 6, 43, 78, 103, 111.
Calção	**cal çoens** – 63.
Camisa	**camisa (s)** – 37, 38, 78, 92.
Fraque	**fraque** – 17
Vestido	**vis tido** – 35.
Ceroula	**Selouras** – 103
Bota	**bota** – 63, 89.
Sapato	**sapatos de mulher** – 63, 97 **sapato** – 63
Chinelo	**xinellos de mulher** – 63

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

Além de agricultor e pecuarista, notamos, pelos registros, que Antônio Pinheiro foi exímio comerciante de tecidos. Localizamos, nas páginas de seu livro de assentamentos, uma variedade que vai da simples chita ao pano de algodão (cf. quadro 11).

Quadro 11 – Tecidos encontrados no Livro de Razão

Tecidos	**Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)**
Pano	**pano de algodaõ** – 3, 28, 30, 31, 38, 39, 43, 58, 61, 68, 78, 84, 88, 91. **pano azul** – 3, 5./ **pano de azulaõ** – 119, 124r./ **pano largo** – 96, 124r./ **pano de olanda** – 78/ **pano delã** – 86/ **pano riscado** – 7 **pano de linho** – 31, 78, 96, 124r./ **pano de linho de freira** – 31
Baeta	**baeta** – 5, 7, 67, 74, 78, 80, 103, 111, 118. **baetaõ** – 119.
Ganga	**ganga** – 78.
Morim	**morim** – 107, 111.
Chita	**xita** – 4, 34, 90, 94, 100, 102, 107
Durante	**durante** – 35
Surrate	**Surrate** – 67
Bretanha	**bertanha -** 68, 119.

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

Os panos vendidos, no Campo Seco, tinham origem da manufatura portuguesa, inglesa, francesa, flamenga e asiática, todas as variedades dos tecidos de algodão, lã e linho que abasteceram a fazenda e a região (SANTOS FILHO 2012, p. 387). Há, no quadro 12, para uma melhor compreensão tipológica dos tecidos, uma breve caracterização.

Quadro 12 – Caracterização dos tecidos encontrados no Livro de Razão

Tecido	**Caracterização**
Azulão	Tecido grosso de algodão, de cor azul, ordinário, de qualidade inferior.
Baeta	Tecido felpudo de lã, grosso e resistente.
Baetão	Variedade bem mais grossa da baeta e também mais caro.
Bretanha ou bertanha	Denominação dada pelo povo ao tecido de linho fabricado na Bretanha, província Francesa.
Chita	Variedade de tecido de algodão mais inferior.
Durante	Pano lustroso como cetim, variedade de pano de lã.
Ganga	Tecido de algodão, forte, durável, fabricado na China, Índia e Itália.
Morim	Outra variedade de tecido de algodão, geralmente de cor branca, muito utilizado na confecção de roupas intimas.
Pano azul	Seria tecido de lã, de cor azul, de fabricação inglesa.
Pano de algodão	Deve ser tomado como uma das “fazendas grossas de algodão”, superior ao tecido feito em casa para os negros.

Pano de Holanda	Um bom tecido de linho, muito fechado, manufaturado nos Países Baixos.
Pano de linho	Tecido de linho branco ou de cor
Pano de linho de freira	Variedade do pano de linho, de qualidade mais fina, utilizado por freiras e monjas.
Pano largo	Variedade de pano de tecido, lã ou linho mais largo que os demais.
Pano riscado	Outra variedade do tecido de algodão.
Surrate	Pano possivelmente de algodão, proveniente da antiga feitoria portuguesa de Surrate, localizado na Índia.

Fonte: Produzido pelo autor, baseado em Santos Filho (2012, p. 388-396)

As ferramentas e outros utensílios metalúrgicos, que aparecem em quantidade significativa nos assentamentos do *Livro de Razão*, estão relacionados no quadro a seguir.

Quadro 13 – Ferramentas e utensílios metalúrgicos

Produto	**Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)**
Foice	**foice (s)** – 56, 60, 66, 79, 80, 83, 120, 126r.
	foisse (s) – 10, 35.
	foiçe (s) – 84
Aço	**aço** – 35, 56, 60, 62, 66, 68, 72, 73, 76, 78, 80, 82, 84, 85, 90, 94, 96, 102, 109, 120, 126v, 127v, 129r.
	asso – 31, 32, 35, 118, 119.
Martelo	**martelo** – 66, 82, 87.
Machado	**machado** – 84.
	maxado – 9, 10, 11, 13, 30, 35, 38, 48, 56, 60, 62, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 90, 94, 118, 120.
Enxada	**enxada** – 60, 66, 78, 85, 90, 102.
Chave	**xave** – 66, 100.
Dobradiça	**dobradiças** – 126v.
Fechadura	**fechadura** – 66.
	fexadura – 66, 126v.
	fexadora – 84
Fuzil	**fuzil –** p. 62 / **fosil –** pp. 46, 93/ **fozio** – p.84/ **fusis** – p. 60
Ferro	**ferro –** 31, 49, 56, 72, 76, 78, 80, 84, 86, 87, 91, 92 a 96, 109, 111, 118, 119, 126r. **ferraje** – 99, 109
Arma	**arma -** 41, 51, 70, 86, 100, 121.
Veio	**veyo de roda** – 60, 66.
Badame	**badame** – 80.
Espora	**espora(s)** – 38, 66.
Formão	**formaõ** – 84.
Trava	**trava** – 80
Chapa	**xapa –** 66.
Argola	**argola** – 66
Cravo	**cravo(s) –** 46, 51, 62, 94, 126v, 128r, 128v.

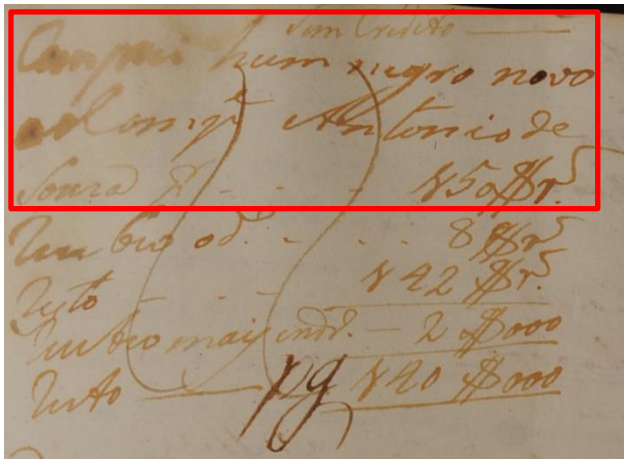
Ferradura	**ferradura (s) -** 62, 126v
Roseta	**rozeta –** 60, 66. **roseta** – 60
Pólvora	**Polvora/polvora** - 4, 5, 7, 9, 11, 12, 15, 22 a 26, 30, 31, 34, 35, 37 a 40, 43, 51, 66, 76, 86, 87, 90, 94, 97, 105, 108, 109, 111, 119, 127v.

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

Sobre a questão da siderurgia nas vilas, povoados e grandes fazendas, Santos Filho (2012, p. 362) menciona que existia o mestre ferreiro que, em sua tenda, trabalhava transformando o ferro em objetos variados, além de fazer pequenos reparos. Não foi diferente no Campo Seco. Lá, pelo que lemos no *Livro de Razão*, os ferreiros Ignácio Vieira e Jerônimo fabricaram os utensílios necessários ao bom funcionamento da fazenda e atenderam às encomendas feitas pelos fregueses de Pinheiro Pinto, com o auxílio de escravos próprios ou alugados.

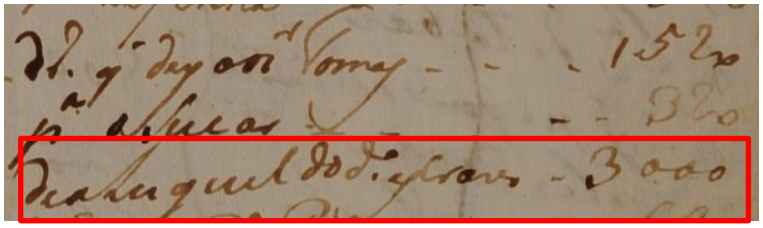
Outra atividade mencionada no *Livro de Razão* é o aluguel, a venda e a compra de escravos e animais (cf. figuras 51,52 e 53).

Figura 51 – Compra de escravo: fragmento da página 83 escrito por APP



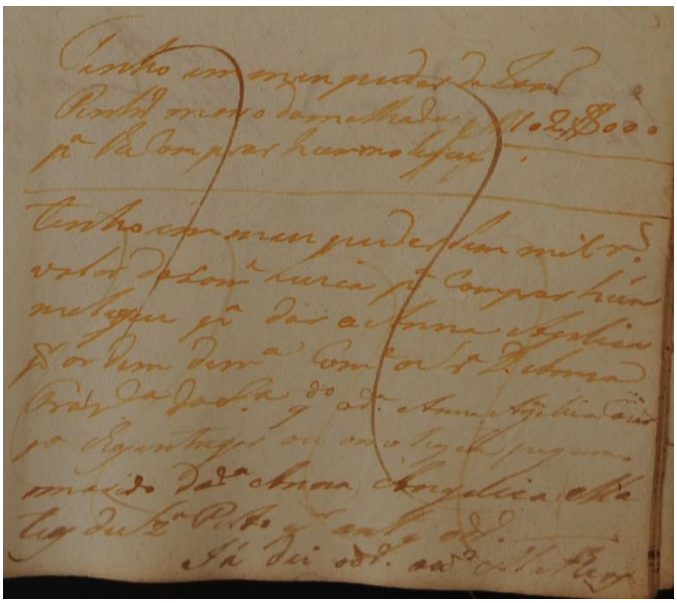
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 52 – Aluguel de escravo: fragmento da página 61 escrito por APP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 53 – Compra de escravos para terceiros realizada por APP

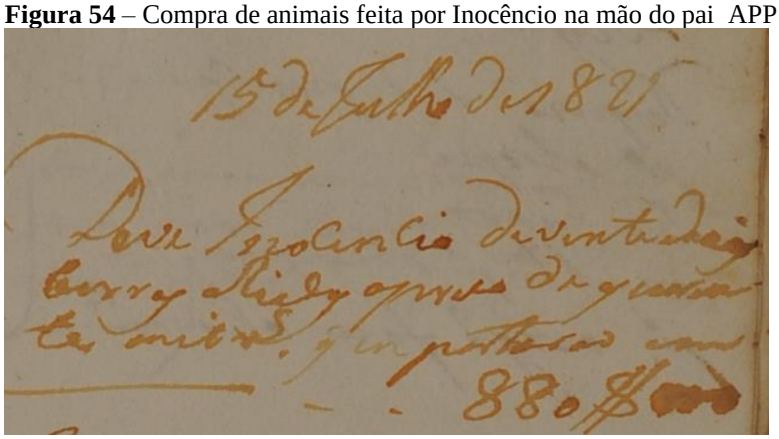


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Informações da figura 53 revelam que Antônio Pinheiro atuou como intermediário na compra de escravos para outras pessoas. A primeira informação menciona que o fazendeiro tinha o valor de 102,000 contos de reis para comprar um moleque que pertenceria a João Pinheiro da fazenda Malhada. A segunda informação refere-se à comadre do fazendeiro – Luzia – de quem possuía 100,000 contos para comprar um moleque que seria dado à comadre Anna Angélica quando se casasse.

Quanto à compra e aluguel de animais no Campo Seco, percebemos que era uma prática muito comum, principalmente, entre os membros da própria família. Em 1825, Pinheiro Pinto registra a dívida que Inocêncio, seu filho, adquiriu ao comprar 22 burros, conforme se observa na figura 54.

Figura 54 – Compra de animais feita por Inocêncio na mão do pai APP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Não bastassem as mercadorias e atividades já mencionadas, há notas de compra e venda de sabão, chapéu, couro, espelho, canivete etc. (cf. quadro 14).

Quadro 14 – Produtos diversos negociados no Campo Seco

Outros produtos	Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)
Couro	**couro** – 16, 25, 30, 35, 39, 43, 46, 49, 50, 51, 53, 58, 64, 72, 80, 84, 86, 94, 95, 102.
Telha	**telha (s)** – 43, 72, 89, 118, 119, 124r.
Chapéu	**xapeo** – 32, 33, 43, 50, 66, 78 a 80, 84, 86, 90, 92, 103, 115, 119, 123.
Tronco	**tronco de prender** – 63.
Porta	**porta (s)** – 43, 46, 48, 63, 93, 103, 126v, 191v.
Espelho	**es pelho** – 66, 95
Aviamentos	**aviamentos** – 128v
Linha	**linha** – 6
Botões	**botoens** – 31, 80.
Caderno	**caderno de papel** – 51, 87, 91
Sabão	**sabão** – 67, 68, 74, 86, 103, 105. **sabam** – 72, 74, 105.
Bacia	**bacia** – 80.
Estojo	**estojo de navalhas** – 95, 103.
Canivete	**canivete** – 95
Vomitório	**vomitorio** - 91

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

A observação das transações comerciais dos senhores do Campo Seco permitiu a identificação de pesos e medidas, que variavam do alqueire à carga, utilizados na época (cf. quadro 15).

Quadro 15 – Pesos e medidas utilizados no Campo Seco

Pesos e medidas	Forma (s) registrada(s) e localização (página ou fólio)
Alqueire	**Alqueire/alqueire** – 8, 18, 28, 32, 36, 38, 41, 42, 49, 50, 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 67, 68, 72, 73, 84, 85, 94, 97, 104, 108, 113, 118, 124r, 189r, 189v, 190v, 191r, 192r, 193r, 194v.
Arroba	**aRoba** – 2, 11, 20, 25, 27, 30, 42, 45, 64, 72, 79, 80, 91, 98, 104, 113, 114, 115, 119, 190v, 192r, 194v
Carga	**carga** – 9, 21, 23, 30, 42, 45, 47, 48, 49, 53, 58, 63, 64, 65, 70, 79, 81, 83, 84, 98, 99, 104, 106, 109, 110 a 118, 120, 123r, 124r, 125v, 126r, 127r, 127v, 128r, 129r, 129v, 130v, 190v, 191r, 194v.
Costal	**Costal/costal –** 58, 63, 64, 79, 81, 98, 104, 112 a 116, 127v.
Côvado	**covado** - 5, 7, 9, 10, 35, 78, 80, 90, 100, 102, 103, 107, 111, 119, 127r.

Libra	**libra (s)** – 5, 7, 11, 15, 22 a 25, 30 a 32, 34, 35, 37, 38, 49, 51, 53, 56, 60, 62, 65 a 68, 72, 73, 74, 76, 78 a 80, 82 a 84, 86, 87, 90 a 92, 94 a 97, 100, 102, 105, 107 a 109, 113, 114, 118 a 120, 124v, 126v, 129v, 189.
	livra (s) – 3, 5, 7, 9, 11, 23, 31.
Prato	**Prato/prato** – 8, 37, 38, 54 a 56, 67, 68, 74, 76, 83, 87, 94, 96, 102, 105, 191r.
Vara	**vara (s) –** 5, 7, 19, 27, 28 , 30, 31, 35, 38, 39, 43, 45, 51, 57, 58, 60, 61, 68, 74, 76, 78, 80, 84, 86, 103, 107, 111, 115, 124r, 125v, 130r.
Mão	**maõs –** 23, 194v
Quarta	**coarta –** 2, 9, 25, 30, 31, 35 a 43, 49, 51, 56, 58, 60, 61, 66 a 68, 70, 72 a 74, 76, 80, 82, 85, 86, 90, 91, 94, 96, 97, 100, 102, 104, 105, 111, 113, 118, 119, 127v, 189r.
	quarta – 22, 58, 61, 74, 105, 113, 189r, 189v.
Oitava	**oitava** – 7, 38, 49, 78, 80, 103, 124v.

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão e Santos Filho (2012)

Compreender a funcionalidade dessas medidas é muito importante, por esse motivo, no quadro 16, elencamos as seguintes informações: a medida, seguida da definição e exemplos de produtos comercializados no Campo Seco.

Quadro 16 – Definição e correspondência entre produtos e medidas no Campo Seco.

Pesos e medidas	Definição	Produtos do Campo Seco
Alqueire	Medida de capacidade que, no Alto Sertão da Bahia corresponde a 160 litros.	Farinha, milho, feijão, arroz, sal.
Arroba	Antiga unidade de peso equivalente a 32 libras ou arreteis. No Alto Sertão da Bahia equivalia a 16 quilos	Carne, algodão, açúcar, lã.
Carga	Medida de volume correspondente à porção de mercadoria carregada por um animal. Equivalia, em peso, no Alto Sertão da Bahia, a 6 arrobas ou 96 quilos. No caso da rapadura, a carga correspondia a 64 rapaduras.	Algodão, rapadura, farinha, sal.
Costal	Fardo de três arrobas que as bestas de carga transportavam um de cada lado da carga.	Algodão, sal, rapadura.
Côvado	Medida de extensão correspondente a três palmos ou a 0,66 metros.	Botões, tecidos.
Libra	Medida de massa inglesa. No Alto Sertão da Bahia, por aproximação,	Carne, pólvora, açúcar, ferro, tabaco, sabão, lã,

	equivalia a meio quilo.	lona, salsa.
Prato	Unidade de medida para cereais correspondente a três litros e um décimo.	Sal, milho.
Vara	Medida de comprimento de cinco palmos.	Pano, algodão, estopa, fumo.
Mão		Papel, milho.
Quarta	Medida de volume equivalente a um quarto do alqueire ou nove litros aproximadamente. No Alto Sertão correspondia a 30 litros.	Farinha, milho, pólvora, pano, feijão, carne e arroz.
Oitava		Mercúrio

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão, Neves (2003) e Santos Filho (2012)

Se havia comércio, era necessário dinheiro. A leitura sobre a historiografia do sistema monetário no Brasil revela que, no início do século XVIII, adotava-se o sistema da América Portuguesa que ainda permanecia com as características do sistema de dois séculos anteriores. Lima e Sousa (2015, p. 4) explicam que "a unidade de conta era o real (réis, no plural) e o meio de pagamento era a moeda de ouro e a de prata e, em menor escala, a moeda de cobre." Segundo os autores, funcionavam, também, como moedas, os meios de troca de mercadorias como o algodão (no Estado do Maranhão e Grão-Pará), açúcar e, principalmente nas regiões mineiras, ouro em pó.

Santos Filho (2012, p. 349) ensina que, no período colonial, a insuficiência de moedas provocou a utilização do escambo, em que mercadoria funcionava como moeda. No Campo Seco, além da prática do escambo, circularam as seguintes moedas: conto de reis, dobra, vintém, selo, tostão e pataca, que Neves (2003) define da seguinte maneira:

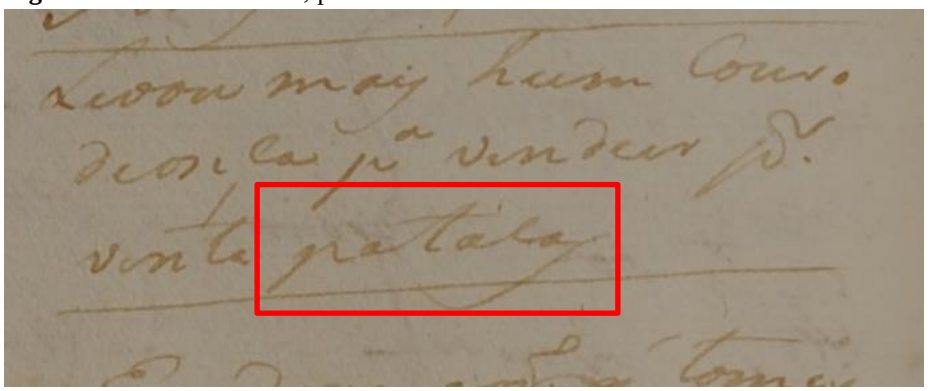
Quadro 17 – Moedas que circularam no Campo Seco

Moeda	Definição
Conto de réis	Moeda portuguesa que permaneceu em uso no Brasil correspondente a um milhar de mil-réis.
Pataca	Moeda espanhola no valor de 420 réis que circulou em Portugal e na América Espanhola durante a União Ibérica (1580-1640). Foi lançada em prata por Portugal, após a restauração, valendo 320 réis. Antiga moeda portuguesa equivalente a 40 réis.
Tostão	Antiga moeda do Reino de Portugal correspondente a 100 réis.
Vintém	Antiga moeda correspondente a 20 réis.

Fonte: Neves (2003, p.15)

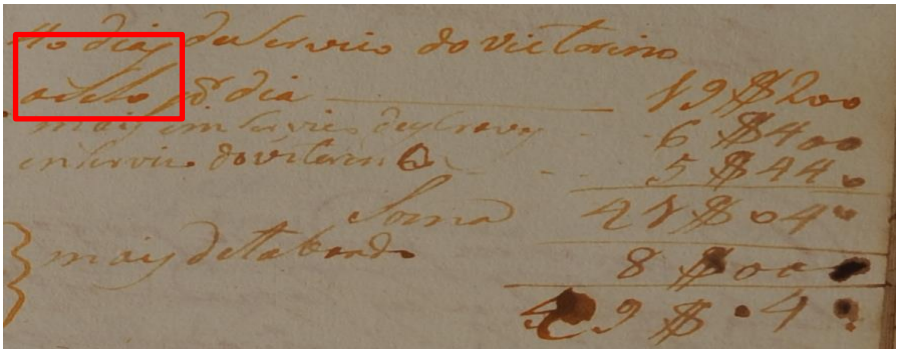
Sobre a “moeda selo” que aparece em algumas transações registradas no *Livro de Razão*, Santos Filho (2012, p. 353) diz que era uma moeda espanhola de prata que já circulava no século XVII. No Brasil, ela era utilizada equivalendo a 600 reis. Entretanto, Santos Filho enfatiza ainda que esse mesmo nome era utilizado em uma moeda colonial de prata do século XVIII equivalendo a 640 reis. A seguir, exemplos de moedas encontrados nos registros retirados do *Livro de Razão*.

Figura 55 – Escrita de APP, p. 58: Patacas



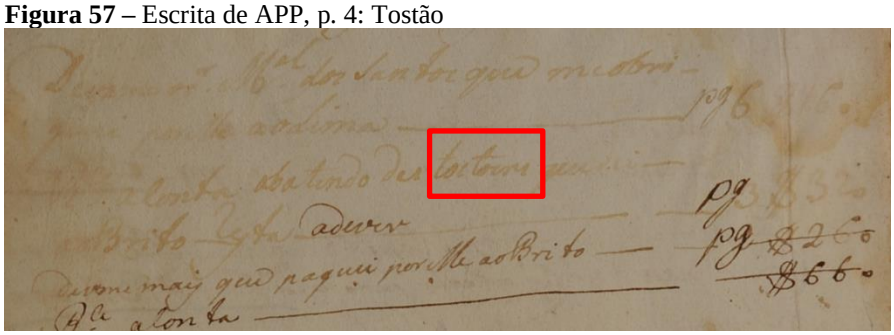
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 56 – Escrita de APP, p. 115: Selo



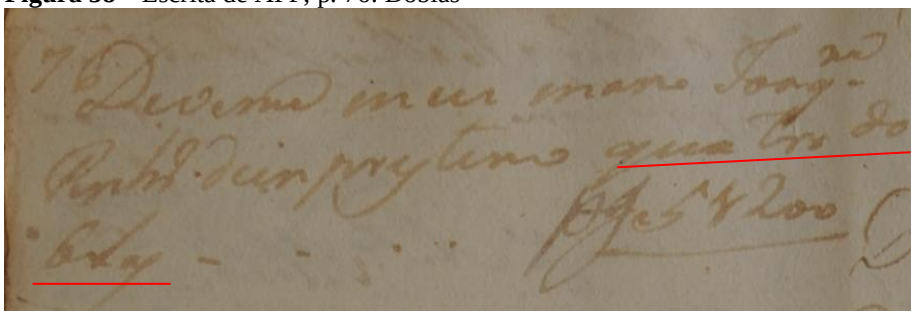
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 57 – Escrita de APP, p. 4: Tostão



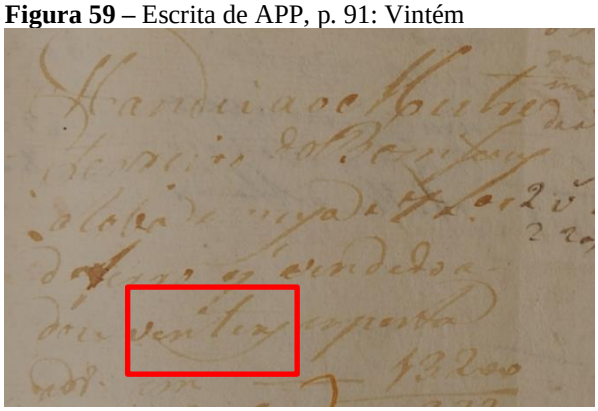
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 58 – Escrita de APP, p. 76: Doblas[19]



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 59 – Escrita de APP, p. 91: Vintém



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Menciona-se, também, no *Livro de Razão*, a presença de tropeiros nas terras do Campo Seco. Almeida (2012, p. 46) explica que tal atividade era um serviço muito importante, no Alto Sertão da Bahia, já que eram os tropeiros os responsáveis por estabelecer a ligação entre as vilas e arraiais da própria região e também de outras províncias. A autora ainda enfatiza que "As tropas de muar tornaram possível a regularidade do comércio de exportação de algodão e gado, do comércio interno de produtos de subsistência e de importados, além da circulação de informações do que ocorria na capital da província e alhures" (ALMEIDA, 2012, p. 46).

Tal atividade aconteceu na fazenda de Pinheiro Pinto e movimentou seu comércio local, conforme os assentamentos abaixo.

25	D*eve* os*enho*r cap*it*am Joaõ Al*vare*s daS*ilv*a da Camgalha q*ue* seos ole-		
	iros que braraõ com Re tran cas doburo ----------		2$000
			$480
	d*eve* mais dacarne ef*arinh*a q*ue* aos d*i*tos dey ----------		2$120
	decarne ef*arinh*a p*ar*a atropa dod*i*to p*o*r ordem domesmo----------		1$280
		soma	6$120

Fonte: Edição do trecho da página 27 feita pelo autor

[19] Antiga moeda portuguesa cujo valor variou nos diferentes reinados; dobra.

D*eve* os*enho*r Anto*nio* Baptista demantim*ento*s p*ar*a a tropa dos*enho*r
Severino dos Santos ose*guinte* p*ago* - - - - - 1$120

Fonte: Edição do trecho da página 44 feita pelo autor

D*eve* aTropa dos*enho*r Joaõ Bras
P*or* 2 alq*ueir*es [*inint.*]. 2560
1 coarta defeijaõ 320
1 coarta de f*arinh*a . . . . . p*ago* 320

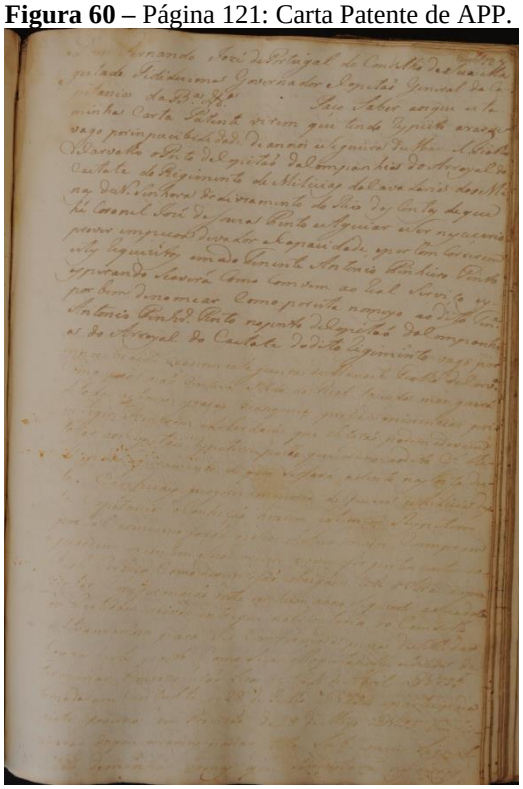
Fonte: Edição do trecho da página 97 feita pelo autor

Tudo nos leva crer que, na fazenda do Campo Seco, como acontecia no Alto Sertão da Bahia, "escravidão, pecuária e policultura articulavam-se, onde também se empregavam escravos e outras atividades" (NEVES, 2012, p. 87).

4.2.1.2 Da militarização à vida religiosa no sertão da Bahia

Sabemos, pela leitura dos relatos de Pinheiro Pinto, um pouco de sua atuação no que Neves (2008, p. 325) nomeia de milícias coloniais sertanejas. Na segunda metade do século XVIII, Antônio Pinheiro Pinto tornou-se capitão da Companhia de Milícias do Arraial de Caetité. Ele transcreveu, nas páginas do *Livro de Razão*, a carta patente, a posse e o juramento no novo cargo (cf. figuras 60, 61 e 62)

Figura 60 – Página 121: Carta Patente de APP.



Dom Fernando Jozé dePortugal do Con selho deSua Ma
gestade Fide Lissima Governador Capitaõ General da Ca
pitania daBahia. Faço saber aos que esta
minha Carta Patente virem que tendo Respeito axar sse
vago por in pucibilidade de an nos eSeguiera deManoel Fialho
deCarvalho oPosto deCapitaõ daCompanhia do Arrayal do
Caetete do Regimento de Milicias deCava Laria das Mi
nas de Nossa Senhora do Livramento do Rio das Con tas de que
hé Coronel Jozé deSouza Pinto eAguiar aSer nes ceçario
prover em peçoa deva Lor eCapacidade epor Com Correrem
estes Requisitos em odito Ten en te An ton io Pin heiro Pinto
es perando Seaverá como com vem ao Real Servi ço es-
por bem denomear como por esta nomeyo ao dito Tenente
An tonio Pinheiro Pinto no posto deCapitaõ daCompanhi
a do Arrayal do Caetete do dito Rigiminto vago por
in poci bi lidade deannos eSegueira deManoel Fialho deCarvalho

Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB

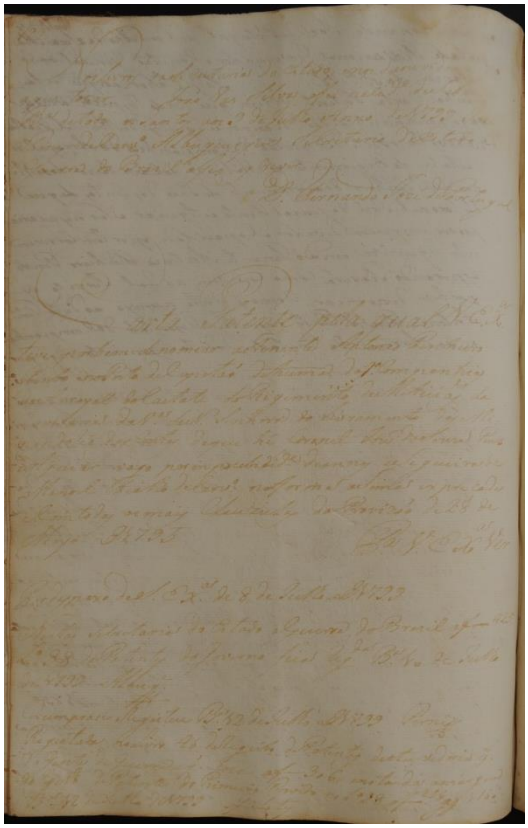
A leitura atenta do trecho da carta patente editado revela que Pinheiro Pinto assume o posto de Capitão em substituição a Manuel Fialho, que estava com a idade avançada e cego. Neves (2003, p. 326) informa que, como era praxe, não havia pagamento ao novo comandante por parte da fazenda real, por outro lado, o nomeado receberia todas as honras e regalias do cargo, conforme lemos no seguinte trecho da carta patente:

> "por bem denomear como por esta nomeyo ao dito Ten*ente*
> An tonio Pinh*ei*ro Pinto no posto deCapitaõ daCompanhi
> a do Arrayal do Caitete do dito Rigimento vago por
> in posi bi li*da*de deannos eSegueira deManoel Fialho deCarv*alh*o
> **Com o qual naõ ven cerá Soldo da Real Fazenda mas gozará**
> **de to das as honras graças Franquesas prehem minencias pri-**
> **viLegios Izen çoens eLiberdades qui lhe to caõ podem edevem**
> **tocar aos Capitães Res petivo pelo que ordeno aodito C*oronel* lhe"**

Fonte: Edição do trecho da página 121 feita pelo autor

Mais adiante, Pinheiro continua a transcrição de sua nomeação. Na página 122, anotou:

Figura 61 – Página 122: Registro da nomeação de APP.



[p. 122]

Nos Livros daSe cretaria do Estado, enos daouvidoria
a que tocar. Joaõ Vas Silva ofes nacidade deSalvador
Bahia detodos os San tos aos 9 de Julho Anno de 1799 Jozé
Pires deCarvalho Albuquerque Secretario deEstado e
Guerra do Brazil ofis es crever
Dom Fernando Jozé dePortugal

Carta Patente pela qual *Vossa Excelência*
teve por bem de nomiar aoTenente Antonio Pinheiro
Pinto noPosto deCapitaõ dehuma das 1ª Companhias
doArrayal doCaetete doRigimento deMilicias da
Cavalaria daVila deNossa Senhora do Livramento das Mi-
nas do Rio das Contas deque hé Coronel Jozé deSouza Pinto
eAguiar vago por in pocibilidade deannos eSegeuira de
Manoel Fialho de Carvalho naforma aSima ex pre çada
eCom todas as mais Clauzulas deProvizaõ de 28 de
Mayo 1795
Para *Vossa Excelencia* Ver

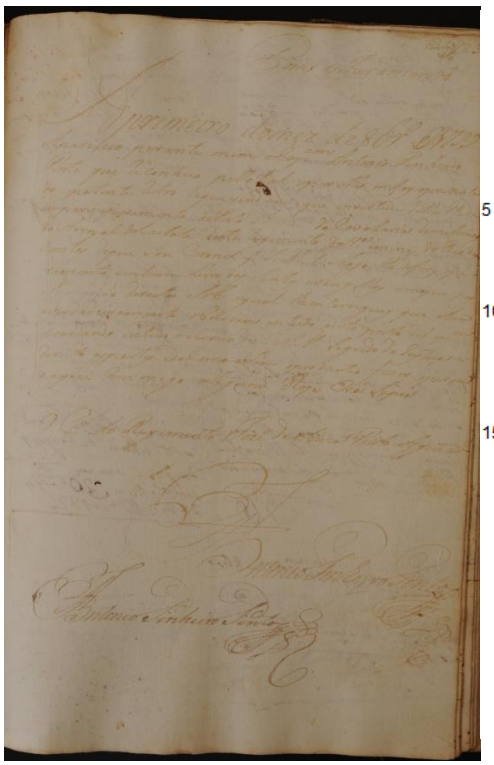
Por despaxo de *Sua Excelência* de 8 de Julho 1799

Nesta Secretaria do Estado eGuerra doBrasil afolha 425
Livro 38 dePatentes do Governo fica Registrada Bahia 10 de Julho
de 1799 Albuquerque
[*inint.*][14.4]
Cumprase eRegistece Bahia 12 de Julho 1799 [*inint.*]
Registada no Livro 43 de Registo dePatentes desta vidoria geral
daGente de guerra eque toca afolha 306 enota da amargem
do Rigisto dePatente do Primeiro Provido no Livro 28 a folha <↑256> [inint.] 1[?]60
Bahia 12 de Julho de1799
[*inint.*][14.5]

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

No recto da folha 123, o comerciante e, agora, Capitão nomeado, registra palavra por palavra do juramento e do termo de posse.

Figura 62 – Fólio 123r: posse e juramento de APP.



[f. 123r]
Posse e Juramento

144A primeiro domez de *Outu*bro 1799
Apare ceo perante mim o Cap*it*am Antonio Pinheiro
Pinto que Reconheço pello tal, epor elle mefoy apresenta
do apatente Retro Requerend ome que investida dela lheda
sse posse ejuramento doPosto decapitam daCavalaria demilicias
do Arrayal deCaetete deste Regimento da*Vil*a eminas do Rio das
contas deque Sou Coronel por S*ua* M*agestade* F*idelissima* elogo lhe defery oju-
ramento em hum Livro dos Santos evangelhos em que pos
Sua maõ direita Sob oqual lhe en carreguey que bem
everdadeiramente observasse en tudo odito posto deCap*it*am
goardando en tudo oServico de S*ua* M*agestade* F*idelissima* Segredo da Justiça e-
direito as partes edecomo assim oprometeo fazer ejurou
e aqui com migo aSignou Hoje Era Supra

O Coron*e*l do Regimento Jozé deSouza Pinto Aguiar

AntonioPinheyroPinto

AntonioPinheiroPinto

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

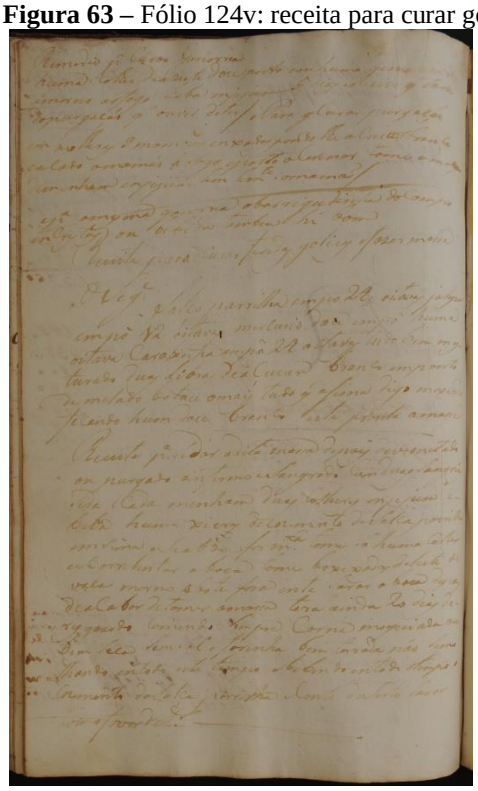
No que se refere às milícias, Neves (2008, p.230) alerta que o objetivo dessas corporações era:

> Servir amplamente os interesses metropolitanos, voltados para a manutenção da posse territorial, da ordem e da lei. Não eram, portanto, um simples instrumento de defesa militar, mas, sobretudo, um importante auxiliar da administração central na tarefa de submeter e disciplinar a população local (NEVES, 2008, p.230).

Foi, então, Antônio Pinheiro capitão de uma dessas milícias, desfrutando de vários privilégios, como já mencionado, porém não "pelejou guerra alguma. Limitou-se apenas a usar o título que lhe conferiu a patente" (SANTOS FILHO, 2012, p. 136).

No campo da medicina, Pinheiro Pinto anotou, no *Livro de Razão*, receitas para curar enfermidades, como gonorreia e todo tipo de inchaço, como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 63 – Fólio 124v: receita para curar gonorreia e outras doenças



[f. 124v]

Remedio para curar Gonorrea
huma colher deazeite doce posto em huma gema deovo
imorno aofogo beba imjejum 5 dias o[*inint.*] q*ue* sara
dapurgaçaõ q*ue* ouver deter/ Para ~~[g]~~ curar purgação
em mulheres 9 mamõens enxados pondo lhe açucar branco
colado omamaõ aofogo eposto acerenar toma amoça
demanham enjejum com seme*n*te omamaõ/[147]
epara amesma gonorrea abarrigudinha docampo
em cristers ou bebida tambem hé bom

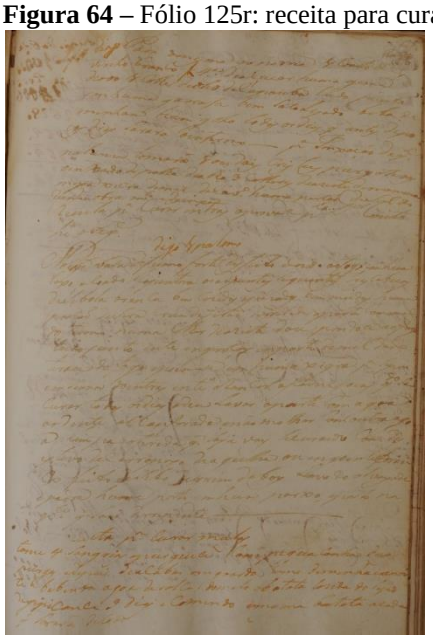
Receita para curar feridas gálicas efazer massa
Oseg*uint*e
Salçaparrilha em po 24 oitavas jalapa
em pó 12 oitavas mercúrio doce em po huma
oitava carobinha em pó 24 oitavos tudo bem mes-
turado duas Libras deaçucar branco em ponto
de melado botou o mais tudo q*ue* asima digo mexendo
ficando um doce branco esta pronta amassa

Receita para sedar adita massa depois devomitado
ou purgado oinfermo eSangrado com duas Sangrias
Seda cada menham duas colheres enjejum e
beba huma xicras decozimento desalca parrilha
em sima esever fer*m*entaçao tome so huma colher
ese arrebentar a boca tome boxexadas deleite de
vaca morno e bote fora inte sarar a boca depois
deacabar detomar amassa tera ainda 20 dias de
resguardo comendo sempre carne moquiada ou
bem seca sal efarinha bem torrada não semo
lhando en todo este tempo ebebendo en todo tempo o
cozimento dasalça parrilha econte deSerto sarar
como favor de De*us*[148]

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

No recto da folha 125, deu continuidade ao registro das receitas, apresentando novas possibilidades para curar a gonorreia e outros males.

Figura 64 – Fólio 125r: receita para curar gonorreia e outros males



[f. 125r]

[*inint.*] Para amesma gonorrea 1 coarto de
vinho branco/ L 4as deaçucar huma gema
deovo 1 colher deoleo decapauba tudo junto
em huma garrafa bem sacolejado beba de
menham hum golo todos os dias q*ue* antes depo
cos dias sarará oinfermo — para Inxação dequal
natureza tomará 1 ou dois cris ters purgativos
oenxado de palha dealho 3 colheres deazeite demamona
meya xicra demel de car*valh*o huma porçaõ desal do
reino obra m*ui*to edesinxa
Receita para curar intras aprovada pelo Do*utor* Couto
hé oseg*uint*e
Meya vara de fumo forte<↑digo um 1 pal[?]> desfeito ecozido aofogo emhum
taxo ecoado seajuntara os adjuntos seguintes tres cabecas
deSebola branca bem cozidas epizadas bem moidas huma
porçaõ desera crua dejitai derretida eposta comomel
do fumo huma colher deazeite doce pondo ce aofogo
tudo junto inte engroçar en ponto de mel [*inint.*]
tiraçi do fogo epoemse em huma xigra para sepor
em sima do entras ente aRan car os carnigoens q*uan*do se
curar todos os dias edeve lavar aparte com agoa
ardente alconforada enão molhar com outra ago
a limpa a ferida q*ue* seja vay securando com dij
estivo decarrapixo deagulha ou engoento bran
co feito desebo derrim deboy lavado olvayado
epedra hume posto em hum parxo, eposto na
pele q*ue* sara derrepente ----------
Receita para curar males
tome 4 sangrias epurgue ce com pequa conha duas
purgas edepois deacabar oresgoardo tome demenhãeanoi
te bebendo agoa de salça domato abatata cozida do [*inint.*]
digipicanca 9 dias e comendo amesma batata açada
q*ue* sarará detodo.

Fonte: CEDOHS/UEFS

Inicialmente, pode causar estranheza um fazendeiro, comerciante, capitão da milícia, anotar receitas de tal natureza em um livro contábil. Todavia, uma leitura atenta sobre as condições da medicina, no século XIX, justifica a atitude do 2º senhor do Campo Seco. Esclarece Guimarães (2005, p. 6) que até fins do século XIX "Havia uma completa carência de médicos nas vastas regiões rurais, por onde se dispersava o grosso da população brasileira.". Nesse período, conta a autora que os manuais foram instrumentos essenciais para a divulgação dos saberes oficiais no quotidiano da população. Sobre a importância desses manuais de medicina, a autora ensina que:

> Escritos por médicos vinculados às instituições acadêmicas imperiais, tanto Chernoviz como outros autores de manuais de medicina popular adaptaram à linguagem leiga os mais atualizados conhecimentos científicos, e constituíram, assim, um dos elos entre a medicina acadêmica e a população, em geral. (GUIMARÃES, 2008. p. 830).

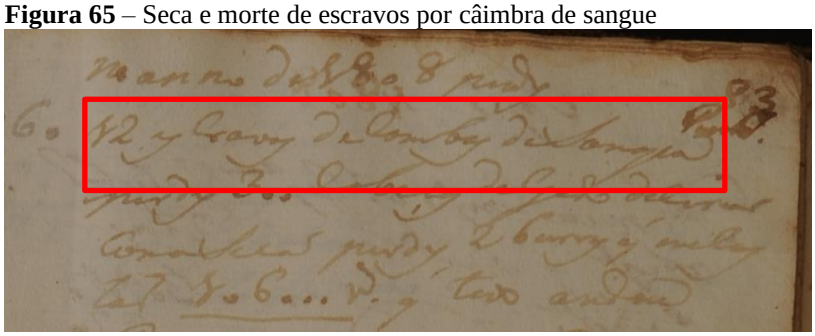
Santos Filho (2012, p.191) destaca que uma das formas encontradas para que as receitas não fossem esquecidas ou alteradas era o costume de escrevê-las e guardá-las para o dia da necessidade. Pelo visto, a medicina chegou ao sobrado do Campo Seco através do segundo senhor, que transcreveu as receitas, prescrições e fórmulas dos livros e almanaques que, conforme Guimarães (2008), se tornaram mais populares com o fim da censura imposta aos livros pela Coroa portuguesa, no final da segunda década do século XIX, favorecendo o aumento do número de livrarias e de impressoras no país.

Alencastro (1997, p. 77) explica que manuais médicos ensinando como tratar as doenças dos escravos foram editados e destinados aos fazendeiros, numa tentativa de unir a "filantropia leiga dos reformistas europeus aos interesses dos escravocratas". Não se trata apenas da benevolência do senhor com os escravos, para Guimarães (2008, p. 834) "Os latifúndios obrigavam os fazendeiros a cuidar de tudo e de todos os que lhe pertencessem – aí se incluem os escravos." O cuidar, no caso específico dos escravos, era, sobretudo, uma questão financeira, afinal um escravo doente era sinônimo de prejuízo para a colheita e outros serviços da fazenda.

Ao analisar inventários, escrituras comerciais e cartas de liberdade em Caetité, entre 1801 e 1888, Neves (2012, p. 103) identificou as enfermidades ocupacionais e as obtidas pelas condições de higienes nas quais viviam os escravos na região. Uma das doenças mencionadas pelo autor é a câimbra de sangue, uma espécie de disenteria provocada por bactérias que pode causar vários sintomas, dentre os quais estão febre, vômito e fezes com sangue. No Campo Seco, há de se observar que, em 1808, o segundo senhor perdeu 12 escravos (cf. figura 65), vítimas da referida morbidade, durante a seca

que perdurou até 1810. Ao que tudo indica, se Pinheiro Pinto usou alguma receita para tentar salvar os escravos moribundos, não obteve o resultado esperado.

Figura 65 – Seca e morte de escravos por câimbra de sangue

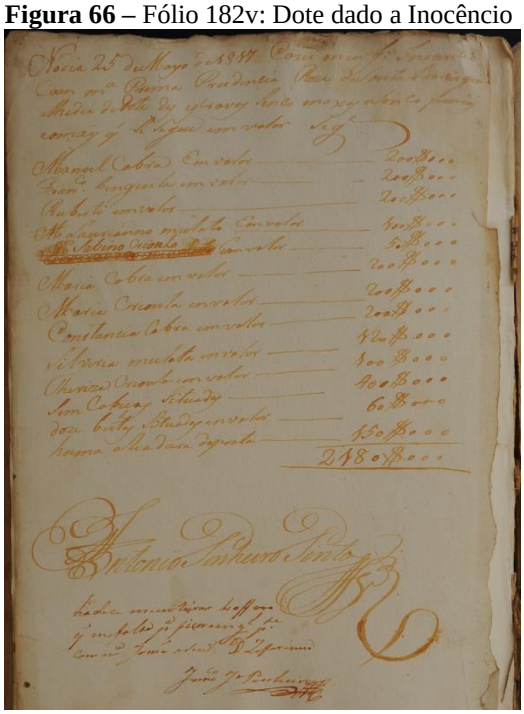


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

A prática de curar, na fazenda do Campo Seco, não se encerrou com a morte de Pinheiro Pinto. Exupério Canguçu, seu neto, era também excelente "curador" e, para consultas, usava o Chernoviz, que, provavelmente, o ilustrou sobre as diversas técnicas cirúrgicas, receitas e sangrias (GUIMARÃES, 2008, p. 835).

Existem, no *Livro de Razão*, também, assentamentos que revelam práticas comuns sobre casamentos e dotes. Pinheiro Pinto, no verso da folha 182 e no recto da 186, escreve, respectivamente, o dote dado aos filhos, Inocêncio e Zeferina, no período do casamento deles (cf. figuras 66 e 67).

Figura 66 – Fólio 182v: Dote dado a Inocêncio



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

[f. 182v][163] [164]
No dia 25 de Mayo de 1817 Cazei meu *filho* Inocencio
Com *minha* Prima Pru dencia Roza deSanta Idevirgem
Ihedei dedote des escravos Sinco maxos eSinco femias
eomais que se segue em valor Seguinte

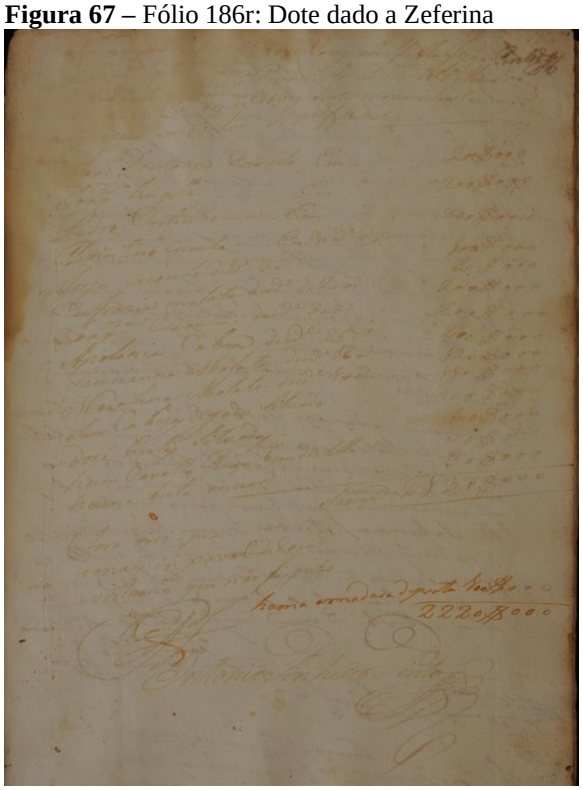
5	Manoel Cabra Em valor	200$000
	Francisco Lenguila em valor	200$000
	Ruberto em valor	200$000
	[M] Laureanno mulato Em valor	100$000
	Sabino crioulo[165] em valor	50$000
10	Maria Cabra em valor	200$000
	Maria Crioula en valor	200$000
	Constacia Cabra em valor	200$000
	Silveria mulata envalor	120$000
	Theriza Crioula em valor	100$000
15	Sem cabeças Situadas	400$000
	doze bestas Situadas em valor	60$000
	huma ariadura deprata	150$000
		2180$000

AntonioPinheiroPinto[166]

20 há dece meenteirar 40$000
que me falta para ficar em *igual* parte
com *minha* Irmã asen*h*ora Dona Zeferina

Innocencio JozéPinheiro

Figura 67 – Fólio 186r: Dote dado a Zeferina



[ilegível][167] 1818 cazey m*inh*a filha Zi
[ilegível] omeu Primo An tonio deSo*uz*a Meira
[ilegível] dedote des es cravos Sinco maxos eSinco
femias em ovalor seg*uinte* [*inint.*] ----------

5	João Damaseno Crioulo ———	Em	200$000
	Joaq*uim* [?]ingella ———————	Em	200$000
	Pedro Costinho ———————	Em	200$000
	Florentino crioulo ———	Em dei*d*ade 8 a*nos*	100$000
	Jorje crioulo dei*d*ade 3 a*nos* Em - - - - - - - - -		50$000
10	Eufrazia molata dei*d*ade de 20 a*nos*- - - - - - - - -		200$000
	Joaq*ui*na crioula dei*d*ade de 30 a*nos* - - - - - - -		200$000
	Apolonia Cabra dei*d*ade de 25 a*nos* - - - - - - -		200$000
	Laurianna Molata dei*d*ade de 12 a*nos* - - - - - -		120$000
	Madalena Molata dei*d*ade de 10 a*nos* - - - - - -		110$000
15	Sem Cabeças de gado Situado - - - - - - - - - -		400$000
	doze bestas Situadas - - - - - - - - - - - - - -		60$000
	hum cavalo Ruço bom de sella - - - - - - - - - -		50$000
	huma besta muar		30$000
		Soma	2120$000
20	Fora ouro eprata [*inint.*]		
	emais in xoval decaza		
	evestuario que não fis presso		
		huma arreadora de prata	100$000
			2220$000
25			AntonioPinheiroPinto

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Inocêncio e Zeferina recebem do pai escravos, gado, bestas, além de outros bens. Uma observação, contudo, merece destaque: a forma que Pinheiro Pinto utilizou para a divisão. Como era costume, o filho mais velho assumia a direção dos negócios do pai, talvez, por isso, o segundo Senhor garantiu à filha, na divisão, um pouco a mais que o irmão que, mais tarde, reclamaria o ressarcimento, como mostra o trecho a seguir: "hadece meenteirar 40$000/q*ue* me falta p*ar*a ficar emig*ua*l p*arte*/ com m*inh*a Irmã asen*hor*a D*ona* Zeferina/ Inno*cenci*o Joz*é*Pinheiro".

A cobrança de Inocêncio não se refere ao ouro, enxoval, nem ao vestuário que o pai deu a Zeferina, porque tal prática era comum na época. Ele apenas queria a igualdade no valor referente ao dote, pois a irmã teve o total de 2220$000, enquanto o futuro terceiro senhor do Campo Seco obteve 2180$000. Santos Filho (2012, p. 44) comenta que, com a diferença de 40 mil reis entre os dotes, na época, era possível comprar 2 burros ou quatro vacas, por essa razão não era dinheiro para ser desconsiderado.

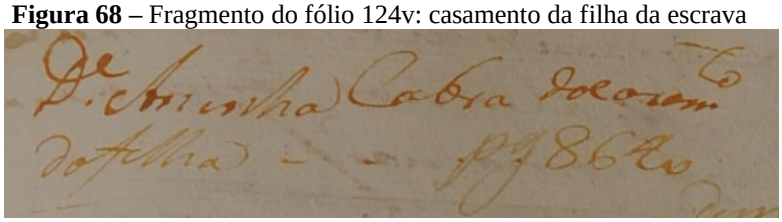
Ao refletir sobre o ato de receber escravos e terras como dote, Oliveira (2000, p. 87) alerta que esse costume constituía como "um suporte fundamental para o desenvolvimento de uma unidade agrícola produtiva, mesmo que fosse voltada para o abastecimento interno e sustento da família". Outra função do dote, relata a autora, era

antecipar parte da fortuna aos filhos, a fim de que ganhassem autonomia e não dependessem da morte dos pais para garantir certa independência.

Ao observar a partilha feita por Pinheiro Pinto entre os filhos, Ortiz (2014, p. 65) comenta que ele pode ter buscado a igualdade de valores ou pensado no equilíbrio dos sexos para a reprodução dos cativos nas propriedades, ou seja, Antônio Pinheiro agiu como um homem de negócios próspero que era. Alerta ainda que muitos desses casamentos, ao envolver dotes em escravos, podiam separar espacialmente parentes cativos.

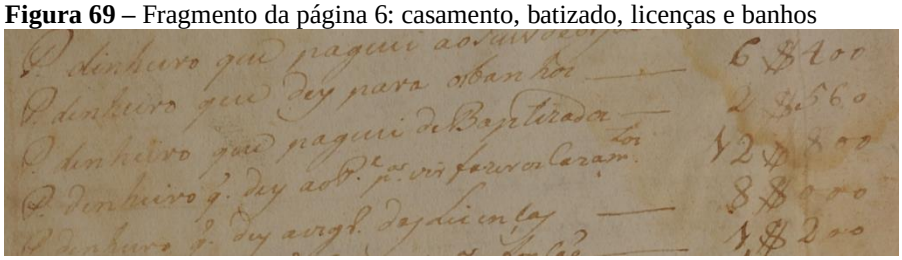
Sobre a vida religiosa, vislumbramos a prática de batizados, casamentos e outras liturgias do culto católico (cf. figuras 68 e 69).

Figura 68 – Fragmento do fólio 124v: casamento da filha da escrava



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

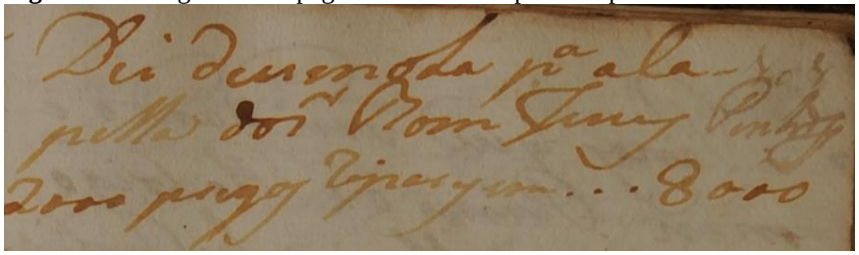
Figura 69 – Fragmento da página 6: casamento, batizado, licenças e banhos



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

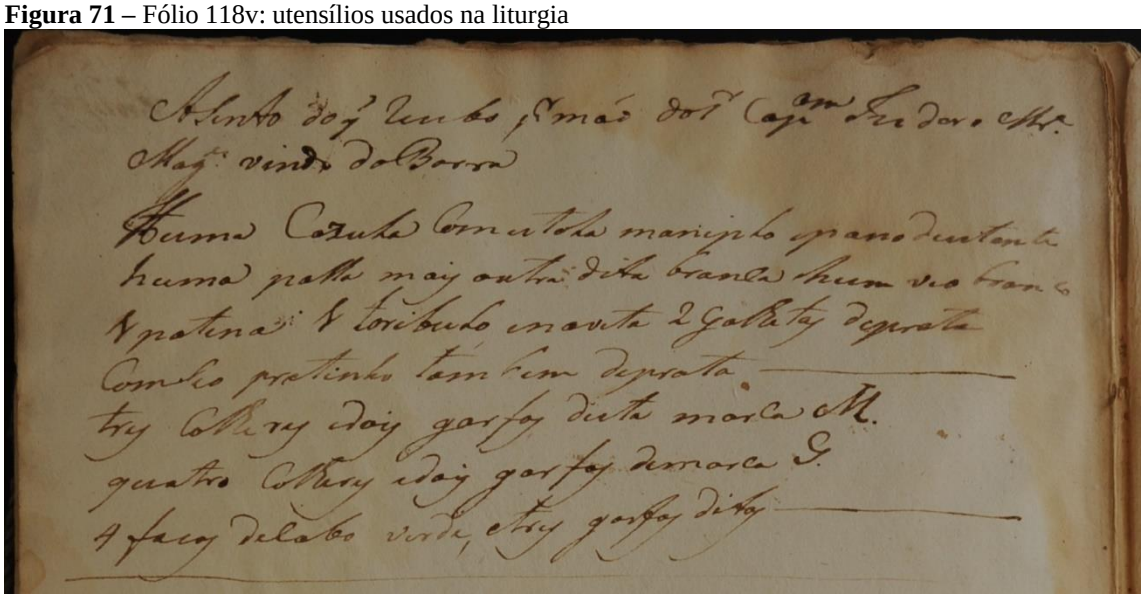
Lemos sobre a construção de um oratório, a doação de esmolas e a encomenda de utensílios utilizados para as celebrações religiosas, respectivamente, (cf. figuras 70 e 71). Santos Filho (2012, p. 186) diz que "Houve senhores de engenho que construíram verdadeiras igrejas em edifícios espaçosos e situados a pouca distância ou então em anexo à casa grande". No caso de Pinheiro Pinto, construiu o oratório em uma sala dentro do sobrado.

Figura 70 – Fragmento da página 101: Esmola para a capela de Bom Jesus



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 71 – Fólio 118v: utensílios usados na liturgia



[f. 188v]

Asento do *que* Recebo por maõ do*senhor* cap*itam* Izi doro Mo*reira* Mag*alhães* vindo daBarra

Huma Cazula Com estola maniplo epano deestante
huma palla mais outra dita branca hum veo bran co
1 patena 1 toribulo enaveta 2 galhetas deprata
ComSeo pratinho tam bem deprata ——————————
tres colheres edois garfos desta marca M.
quatro colheres edois garfos demarca G
4 facas decabo verde, etres garfos ditos ——————————
————————————————————————————————

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Outros fatores chamam a atenção. Na figura 69, menciona-se uma escrava que, para casar a filha, contraiu uma dívida no valor de 8640 contos de reis com Antônio Pinheiro Pinto. Ortiz (2014, p. 72) informa que os escravos da fazenda Campo Seco assumiram gastos com os cerimoniais religiosos. A respeito de como a referida escrava conseguiu o valor para pagar ao seu credor, a autora acredita que "[...] pode ter sido resultado de um longo e difícil período de trabalho ou da colaboração de outros companheiros de cativeiro."

Acerca dos casamentos na família, é importante destacar que geravam uma despesa muito grande, fora todo o trâmite burocrático. Santos Filho (2012, p. 189) expõe que o fato de ser muito comum, nesse tempo, o matrimônio entre pessoas da mesma família (tios, primos, sobrinhos), licença especial da igreja era necessária, por essa razão identificamos no *Livro de Razão* assentamentos sobre "licenças" e "dispensas".

4.2.1.3 A escravidão na fazenda do Campo Seco

Muito recorrente entre os assentamentos de Antônio Pinheiro é a relação com os escravizados. Sabemos que o trabalho desse contingente populacional, que teve sua liberdade usurpada, foi essencial para a economia do Brasil e não foi diferente no Alto Sertão da Bahia. O estudo de Almeida (2012, p. 52) revela que em Rio de Contas, tal como em Caetité, "houve grande número de pequenos proprietários", indicando que a propriedade de escravizados não se concentrou na mão dos senhores mais abastados. Santos Filho (2012, p.117) informa que Antônio Pinheiro Pinto multiplicou a quantidade de escravizados que herdou do português Miguel Lourenço, somando cerca de 80 a 100 negros na fazenda, entre adultos e menores, homens e mulheres.

Pela leitura dos assentamentos no *Livro de Razão*, foi possível localizar o seguinte contingente de indivíduos escravizados no Campo Seco, indicado no quadro a seguir.

Quadro 18 – Escravizados na fazenda do Campo Seco

Nome do escravizado	**Referência no Livro de Razão**	**Página e linha**
Jacinto	Escravo	(61, L.1)
Inês	Minha escrava, cabra	(85, L.25)
Ruberto	Moleque	(182v, L.5)
Luís	Meu Luis	(29, L.11)
Vitorino	Meu molato	(117, L.15)
Não mencionado	Crioulo palheta	(123v, L.22)
Aninha	Cabra	(124r, L.4)
Semião	Cabra	(58, L.23)
Anna	Crioula	(26, L.11)
Manoel	Cabra	(182v, L.5)
Francisco Lenguila	Não há	(182v, L.6)
Laureanno	Mulato	(182v, L.8)
Sabino	Crioulo	(182v, L.9)
Maria	Cabra	(182v, L.10)
Maria	Crioula	(182v, L.11)
Constância	Cabra	(182v, L.12)
Silvéria	Mulata	(182v, L.13)
Theriza	Crioula	(182v, L.14)
João Damaseno	Crioulo	(186r, L.6)
João	Crioulo	(2, L.24)
José	Crioulo	(4, L.25)
Antônio	Crioulo	(11, L.19)
Joaquim	Crioulo	(28, L.5)
Manoel	Crioulo	(67, L.12)
Bino	Crioulo	(116, L.23)
Joaquim	Sem referência	(186r, L.6)

Pedro Costinho	Sem referência	(186r, L.7)
Florentino	Crioulo	(186r, L.8)
Jorje	Crioluo	(186r, L.9)
Eufrazia	Molata	(186r, L.10)
Joaquina	Crioula	(186r, L.11)
Apolonia	Cabra	(186r, L.12)
Laurianna	Molata	(186r, L.13)
Madalena	Molata	(186r, L.14)
Albino	Sem referência	(126v, L.1)

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão

Identificamos no quadro 18 uma pequena amostra dos indivíduos escravizados no Campo Seco, perfazendo um total de 35. Entretanto, assim como defendeu Santos Filho (2012), acreditamos que esse número era bem maior, já que há, ao longo do *Livro de Razão*, outras referências a essa parte da população sem informar o nome.

Não há informações sobre a origem dessa população, porém, a partir da forma como são identificados nos assentamentos de Antônio Pinheiro, e após a análise de dados sobre a distribuição populacional cativa em Caetité (séculos XVIII e XIX) e Rio de Contas (século XIX), apresentada por Neves (2008) e Almeida (2012), respectivamente, podemos sugerir que os escravizados do Campo Seco eram cativos nascidos no Brasil.

No estudo realizado com base em inventários *post mortem* em Caetité, Neves (2008, p. 277) identificou, dos 522 escravos localizados na documentação, 76% como brasileiros e 12% oriundos da África, conforme os dados tabulados na tabela 5 abaixo.

Tabela 5 – Origem, cor e gênero dos escravos 1768-1883.

Origem/cor	Homens	Mulheres	Não identificados	Total
Africanos	**53**	**11**	**-**	**64**
Angolas	21	3	-	24
Minas	6	1	-	7
Benguelas	4	-	-	4
Haucáis	2	-	-	2
Nagôs	2	-	-	2
Congos	1	-	-	1
Rebolos	1	-	-	1
Africanos (sem ident.)	16	7	-	23
Brasileiros	**206**	**186**	**3**	**395**
Crioulos	113	103	1	217
Cabras	52	55	1	108
Mulatos	23	16	1	40
Pardos	16	12	-	28

Mestiços	2	-	-	2
Sem identificação	**34**	**27**	**2**	**63**
Não declarados	25	23	2	50
Pretos	9	4	-	13
TOTAL	293	224	5	522

Fonte: Neves (2008, p. 77)

Em Rio de Contas, Almeida (2012, p. 104-105), para o período compreendido entre 1800 e 1850, mapeou o padrão demográfico dos cativos, destacando que 70% do total dessa população, nas primeiras décadas do século XIX, nasceram no Brasil, tendo uma pequena oscilação apenas na década de 1820, quando os cativos africanos alcançaram a marca de 46% da população, conforme podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 6 – Origem, nação, cor e sexo da população cativa em Rio de Contas, 1800-1850.

Origem	**Homem N**	**%**	**Mulher N**	**%**	**Total N**	**% do Grupo**	**% do Total**
África Ocidental							
Mina	48	5,6	30	4,8	78	22,6	5,3
Calabar	19	2,2	18	2,9	37	10,7	2,5
Huassá	25	2,9	8	1,3	33	9,6	2,2
Nagô	19	2,2	4	0,6	23	6,6	1,6
Tapa	2	0,2			2	0,6	0,1
Benin	1	0,1	1	0,2	2	0,6	0,1
Jeje			1	0,2	1	0,3	0,1
África Centro-Ocidental							
Angola	64	7,5	22	3,5	86	24,9	5,8
Congo	11	1,3			11	3,2	0,7
Cabinda	6	0,7	1	0,2	7	2,0	0,5
Benguela	5	0,6			5	1,4	0,3
Monjolo	3	0,4			3	0,9	0,2
Cassange	1	0,1			1	0,3	0,1
África Oriental							
Moçambique	2	0,2			2	0,6	0,1
Não identificado	36	4,2	18	2,9	54	15,7	3,7
Total África	**242**	**28,2**	**103**	**16,6**	**345**	**100**	**23,3**
Brasil							
Crioulos	340	39,7	259	41,8	599	57,8	40,6
Cabras	134	15,6	103	16,6	237	22,9	16,1
Pardos	44	4,7	56	9,0	100	9,7	6,8
Mulatos	36	4,2	52	8,4	88	8,5	6,0

Mestiços	5	0,6	6	1,0	11	1,1	0,7
Total Brasil	**559**	**65,2**	**476**	**76,8**	**1035**	**100**	**70,1**
Sem informação	56	6,6	41	6,6	97		6,6
Total geral	**857**	**100**	**620**	**100**	**1047**		**100**

Fonte: Almeida (2012, p.105)

Os dados apresentados por Neves (2008) e Almeida (2012) nas tabelas 5 e 6 são diversificados, no entanto, destacaremos aqui algumas nuances que julgamos importante para o nosso estudo. O primeiro aspecto que enfatizaremos é o fato de os senhores da região de Caetité e Rio de Contas não dependerem exclusivamente do comércio de escravos, fator que justifica a proporção de escravos de origem africana na região ser menor que os de origem brasileira. Outro elemento importante aludido por Almeida (2012, p.108), para justificar o predomínio de cativos brasileiros, nesse período, relaciona-se com a mudança do cenário econômico pela qual passou a região. Explica que, com a crise do ouro e a diversificação das atividades com a agricultura e a pecuária, que reduziram o lucro dos senhores, não era possível a renovação das escravarias com cativos oriundos da África.

Apesar de serem muito interessantes os dados sobre os cativos oriundos da África, centraremos a análise nas informações da categoria cor da população nascida em Caetité e Rio de Contas. Almeida (2012, p. 113) inicia a discussão explicando que "No Brasil, além da origem e nação, a cor foi outro critério utilizado para classificar o escravo. Enquanto o termo *preto* indicava o natural da África, a expressão *crioulo* era utilizada para o preto nascido no Brasil." Ainda sobre designações para cativos descendentes de africanos, Almeida (2012, p. 114) menciona os termos *cabra*, *pardo*, *mulato* e *mestiços*, especificando tais nomenclaturas com base no Dicionário da língua portuguesa, de Antonio de Moraes e Silva, da seguinte maneira:

> [...] **cabra** era "o filho ou filha, de pai mulato e mãe preta, ou às avessa"; **pardo** era a pessoa "de cor entre o branco e o preto, como a do pardal". Já **mulato** era atribuído ao filho, ou filha de preto com branca, ou às avessa, ou de mulato com branca"; e os **mestiços** eram o "filho do europeu com índia, de branco com mulata". (ALMEIDA, 2012, p.114)[20]

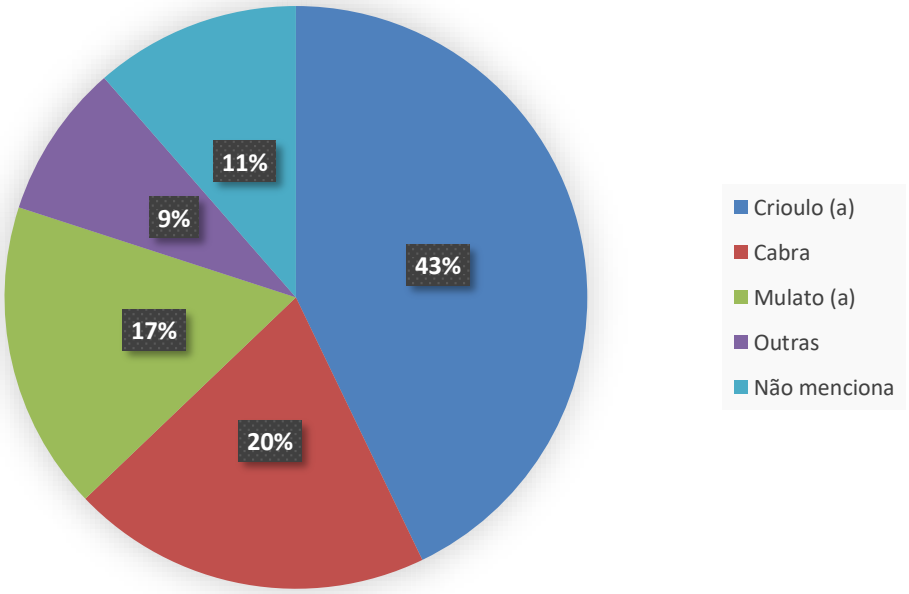
As designações, para os cativos nascidos no Brasil, em Caetité e Rio de Contas, localizadas na documentação explorada por Neves (2008) e Almeida (2012), coincidem com as nomenclaturas usadas por Pinheiro Pinto ao se referir aos escravizados do Campo

[20] Grifos nossos.

Seco. Na documentação de Caetité estudada por Neves (2008, p. 277), os *crioulos* aparecem no topo da lista, seguidos pelos *cabras*, *mulatos*, *pardos* e *mestiços*. De igual modo, na documentação estudada por Almeida (2012, p.114), "os crioulos representavam mais da metade, com 57,8%; os cabras formavam o segundo grupo mais representativo, com 22,9%, seguidos de pardos (9,7%), mulatos (8,5%) e mestiços (1,1%)".

No *Livro de Razão*, na pequena parcela identificada na fazenda de Pinheiro Pinto, os cativos estão representados da seguinte forma:

Gráfico 2 – Designações usadas para identificar os negros no Campo Seco.

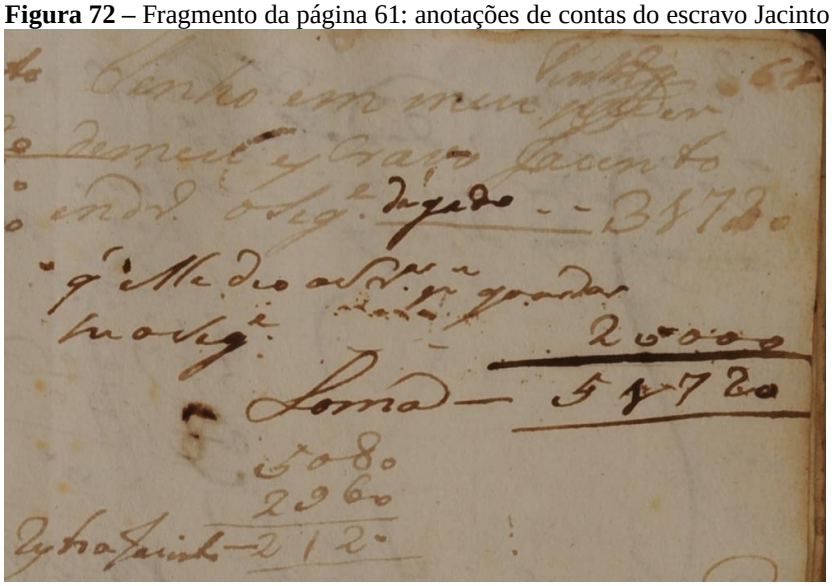


Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão

Apesar de ser uma comparação assimétrica, visto que os dados apresentados por Neves (2008) e Almeida (2012) são oriundos de um conjunto de fontes mais numeroso, as designações usadas por Pinheiro Pinto representam um microcosmo da situação da região, na fazenda em Bom Jesus dos Meiras, onde os *crioulos* constituem quase a metade do contingente localizado, com 43%, e o segundo grupo, também como ocorreu em Rio de Contas e Caetité, representado por 20% da designação *cabra*. A diferença reside na ausência do termo *pardo*, no *Livro de Razão*, e o grupo formado pelos *mulatos* na terceira posição, com 17.

Outros aspectos mencionados nos escritos de Antônio Pinheiro fazem referência a transações comerciais com os escravos. É muito comum encontrar registros como os que são apresentados a seguir.

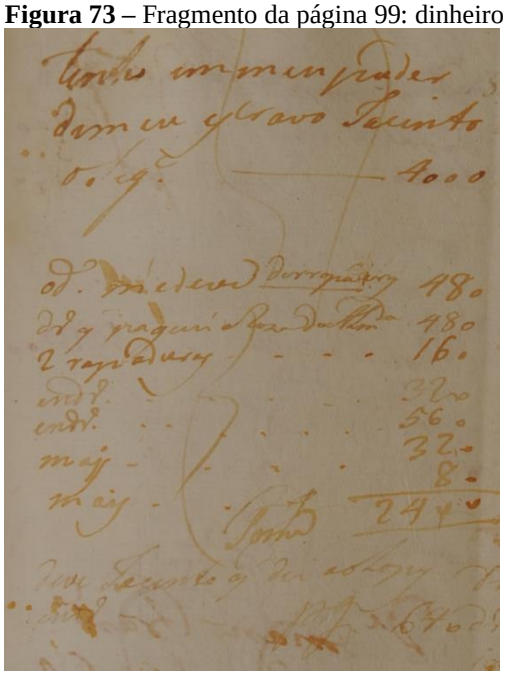
Figura 72 – Fragmento da página 61: anotações de contas do escravo Jacinto



Tenho em meu puder
demeu es cravo Jacinto
end*inheiro* ose*guinte* do gado - - 31720
que elle deo aSenhora *para* goardar
he ose*guinte*: 20000
Soma 51720
5080
2960
Resta Jacinto 2120

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 73 – Fragmento da página 99: dinheiro e outras dívidas do escravo Jacinto



tenho em meu puder
domeu escravo Jacinto
oSe*guinte* ——— 4000

odito medeve derrapaduras 480
dinheiro que paguei oRoxa doAlme*ida* 480
2 rapaduras - - - - - - - - - - - - - - 160
end*inheiro* 320
end*inheiro* 560
mais 320
mais 80
Soma 2400

Deve Jacinto *que* dei aoLopes
end*inheiro* - - - - - - - - pago 640

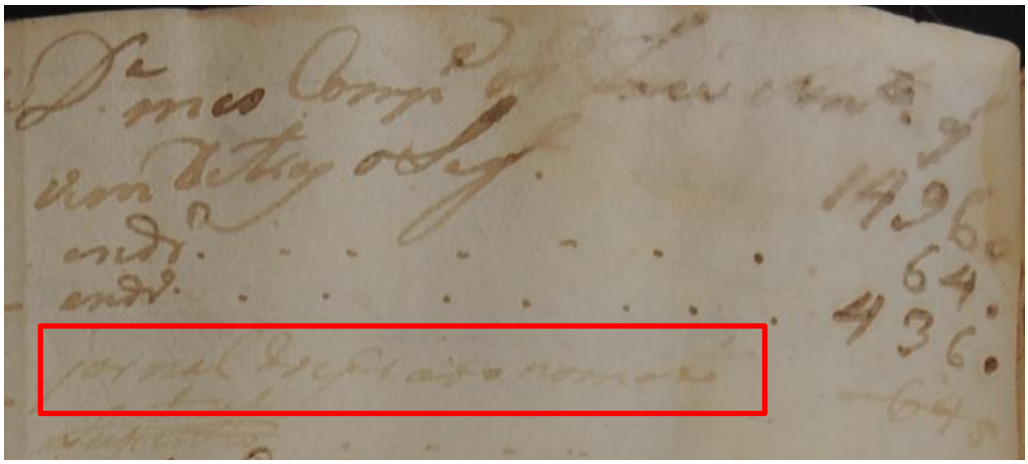
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Nas figuras 72 e 73, seguidas da edição, percebemos que Pinheiro Pinto estabeleceu negócios com o escravo Jacinto. Verificamos, na imagem 72, que o escravo entrega certa quantia ao seu senhor para que seja guardada. Na imagem 73, notamos que o escravo gasta boa parte do dinheiro guardado, pois fez dívida com o senhor. Santos Filho (2012, p.122) caracteriza o escravo Jacinto como "um negro esperto e diligente" que, mesmo tendo gastado muito do dinheiro, conseguiu a sua liberdade, conforme podemos ler na página 104 (volume 2, p. 534), linha 31 do Livro de Razão "dinh*ei*ro daliberdade deJacinto 80$000".

Outros negros aparecem mencionados por Pinheiro Pinto, no *Livro de Razão*, como devedores. Por exemplo, na página 22(volume 2, p. 374), linha 25, o crioulo Antonio tem uma dívida no valor de 500 reis pela compra de pólvora, "D*e*ve ocrioulo Anto*nio* depolvora_____$500". De igual modo, encontramos, na página 26 (volume 2, p. 382), linha 11, a dívida de 640 reis que foi paga por Anna crioula "Deve Anna Crioula dos taxos ---------- p*a*go 640". Para Santos Filho (2012, p. 123), essas anotações revelam que o segundo senhor do Campo Seco permitiu que alguns escravos realizassem atividades remuneradas em benefício próprio.

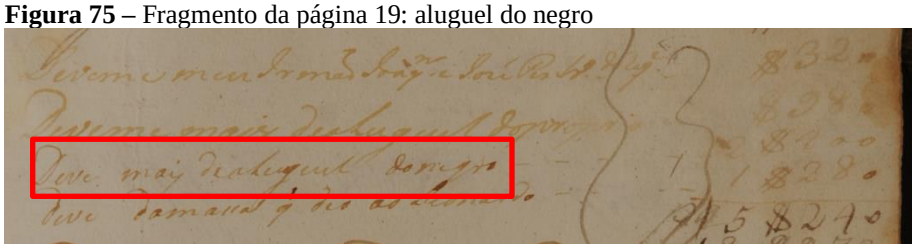
O aluguel de escravos, conforme lemos no *Livro de Razão*, foi uma prática comum no Campo Seco, durante a administração de Pinheiro Pinto. Semelhante ao "negro de ganho" das cidades, na fazenda, em Bom Jesus dos Meiras, os parentes e fazendeiros vizinhos utilizavam a mão de obra remunerada daqueles cativos, como observaremos nos exemplos a seguir.

Figura 74 – Fragmento da página 90: Jornal do escravo no mato



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

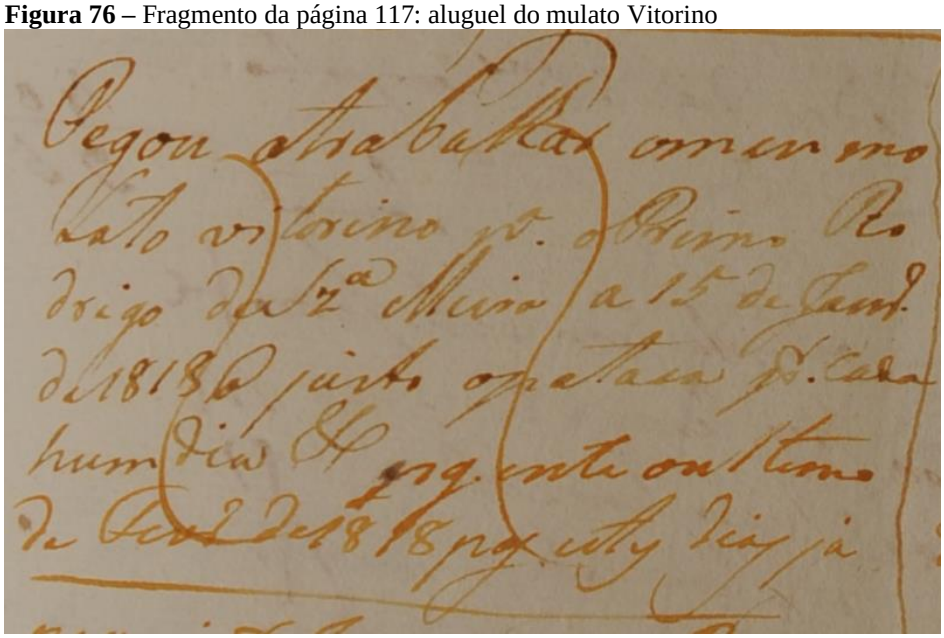
Figura 75 – Fragmento da página 19: aluguel do negro



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Na figura 74, o compadre José Antônio tem registrado, entre as diversas dívidas, o valor da jornada do trabalho realizado pelo escravo que Pinheiro Pinto o alugou. Pinheiro Pinto também anota a dívida que o irmão, Joaquim José Pinheiro, adquiriu ao alugar um negro e dar um moço a Leonardo. Em alguns casos, o negro era alugado por um tempo maior. Localizamos o caso do mulato Vitorino que foi alugado por Rodrigo de Souza Meira, primo de Antônio Pinheiro, por mais de um mês, como se evidencia na imagem a seguir.

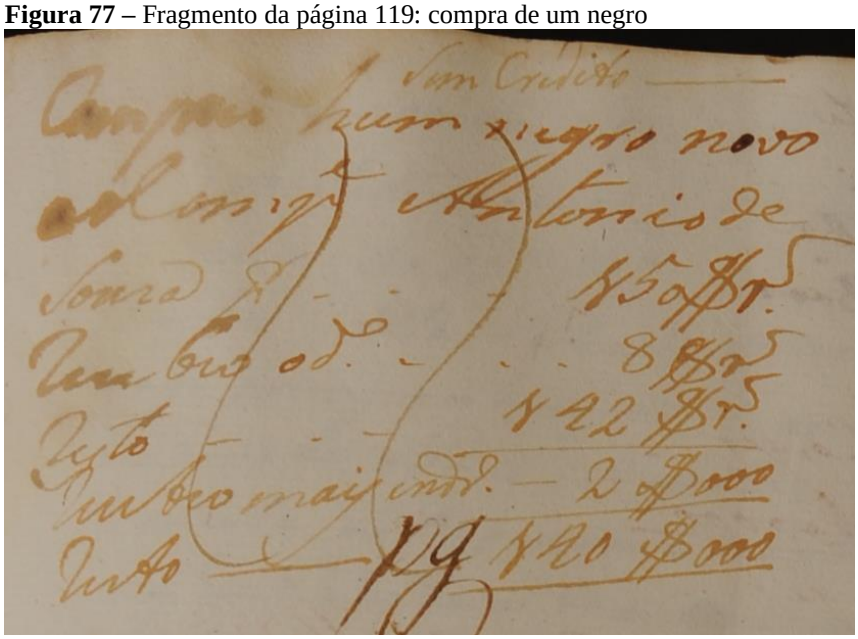
Figura 76 – Fragmento da página 117: aluguel do mulato Vitorino



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

A prática de compra e venda de negros também está registrada no *Livro de Razão*. Na página 119, Antônio Pinheiro faz o lançamento da encomenda de um negro na mão de seu compadre Antônio de Souza. Ele faz os registros do valor total do escravo e do que já tinha pagado, informando quanto ainda restava da dívida, conforme a imagem a seguir.

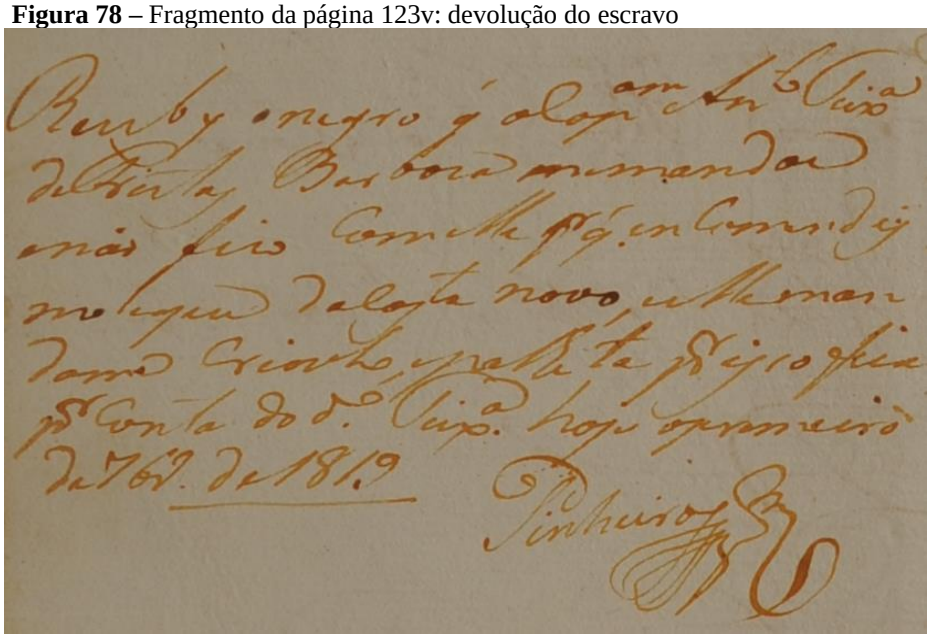
Figura 77 – Fragmento da página 119: compra de um negro



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Mais adiante, no fólio 123v, encontramos novo assentamento de Pinheiro Pinto sobre o resultado da compra de outro escravo. O segundo senhor do Campo Seco informa que recebeu o negro, mas afirma que não ficaria com ele, pois o capitão Antônio Teixeira de Freitas Barbosa teria lhe enviado um crioulo palheta (negro nascido no Brasil e com fama de "fujão"), quando, na verdade, tinha encomendado um moleque da costa novo (Costa da África), segundo Santos Filho (2012, p. 119), (cf. figura 78).

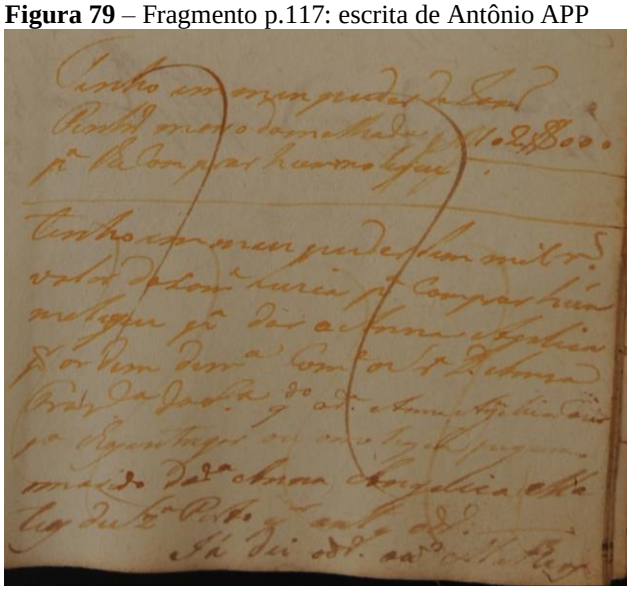
Figura 78 – Fragmento da página 123v: devolução do escravo



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Ainda sobre a comercialização de escravizados na fazenda de Pinheiro Pinto, Santos Filho (2012, p. 119) menciona outras transações nas quais o segundo senhor aparece como intermediário na compra de negros para terceiros. Vejamos, a seguir, alguns exemplos dessa prática, extraídos do *Livro de Razão*, que mostram João, da fazenda Malhada, a comadre Luzia e Ana Quitéria, irmã de Pinheiro, como a outra parte envolvida no comércio de negros.

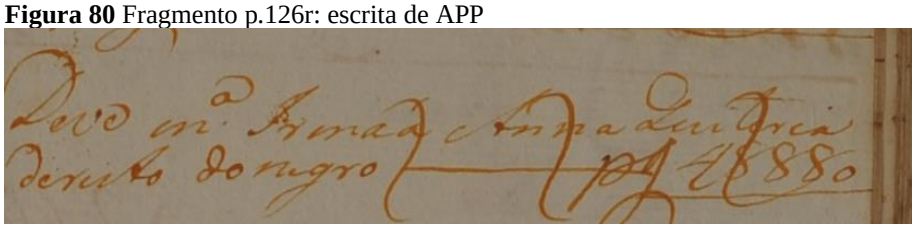
Figura 79 – Fragmento p.117: escrita de Antônio APP



Tenho em meu puder do Joaõ
Pinheiro mosso damalhada pago 102$000
para lhe comprar hummo leque
_____
tenho em meu puder Sem milreis
valor dacomadre Luzia para comprar hum
moleque para dar a Anna Angelica
por or dem deminha comadre aSenhora
[Dona Anna
Franciſca daSilva quando adita Anna
A<↑n>gelica cazar
para lhes entregar ou omo leque pequeno
marido dadita Anna Angelica Ma
tias deSouza Porto [inint.] odinheiro _____
Já dei odinheiro aodito Mathias

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 80 Fragmento p.126r: escrita de APP



Devo minha Irmaã Anna Quiteria
deresto fo negro ——————— ~~pago~~ 48880

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

No que se refere à alforria e liberdade, Antônio Pinheiro realizou outros lançamentos em seu livro contábil, que nos conduziram a ver como a tal questão acontecia na região. Almeida (2012, p. 62), ao abordar o assunto, no século XIX, afirma que a alforria, em Rio de Contas, era executada de duas maneiras, a saber: onerosa ou gratuita. Esclarece a autora que a alforria sem ônus, geralmente, ocorria com certas condições, como, por exemplo, após a morte do senhor ou prestação de serviço pelo escravo. Já a

alforria onerosa só era possível através do pagamento, sobretudo, em dinheiro ou podia ser realizada com mercadorias, como predominou na primeira metade do século XIX.

Das formas de pagamento de alforria, em Rio de Contas, especificamente no período entre 1800 e 1850, mapeadas por Almeida (2012, p. 64), sintetizamos, abaixo, quatro que dialogam com situações similares no Campo Seco. São as seguintes:

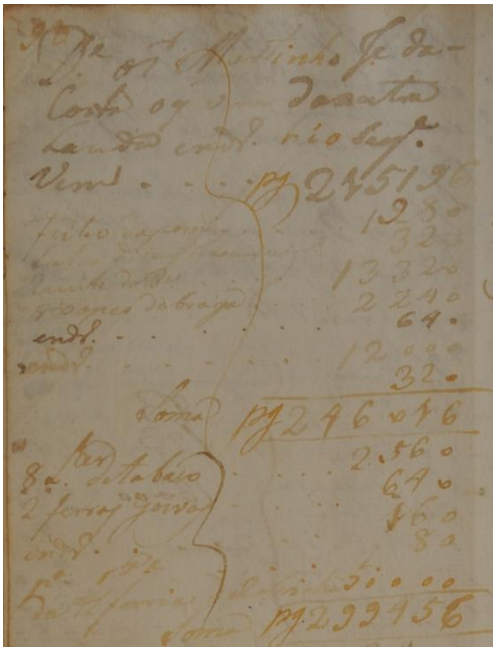
Quadro 19 – Formas de pagamento de alforria em rio de Contas

Formas de pagamento	Especificação
Dinheiro	Pagamento apenas em dinheiro.
Dinheiro/Obrigação	O pagamento era feito em dinheiro, mas de forma parcelada ou o pagamento foi ajustado em dinheiro, em forma de uma obrigação a ser quitada futuramente.
Dinheiro/Espécie	Pagamento feito em dinheiro e espécie como algodão, gado ou outro escravo.
Espécie	Pagamento feito em espécie como ouro, algodão, gado etc.

Fonte: Produzido pelo autor a partir de Almeida (2012, p.64)

A leitura dos escritos de Pinheiro Pinto, na página 92, do *Livro de Razão*, revela, entre as dívidas de Martinho José da Costa, um valor de 50000 contos de reis, pela alforria de "um cabrinha", conforme observamos abaixo, na figura 81. Percebemos, neste caso, que Martinho José, certamente, parcelou o pagamento, que estava anotado para quitação posterior, fato que pode ser enquadrado na forma de pagamento dinheiro, descrita no quadro 19.

Figura 81 – Fragmento da página 92: compra de alforria dinheiro



Deve o senhor Martinho Joze da-
Costa oque vem daoutra
Lauda endinheiro hé oseguinte
vem . . . . . pago 215196
feitio das camisas 1980
feitio [ilegível] 320
Receita daBarra. 13320
1 xapeo debraga 2240
endinheiro 640
endinheiro 12000
320

Soma pago 246016
8 Libras detabaco 2560
2 ferros goivos 640
endinheiro 160
para o Padre 80
da Alforria docabrinha 50000
Soma pago 299456

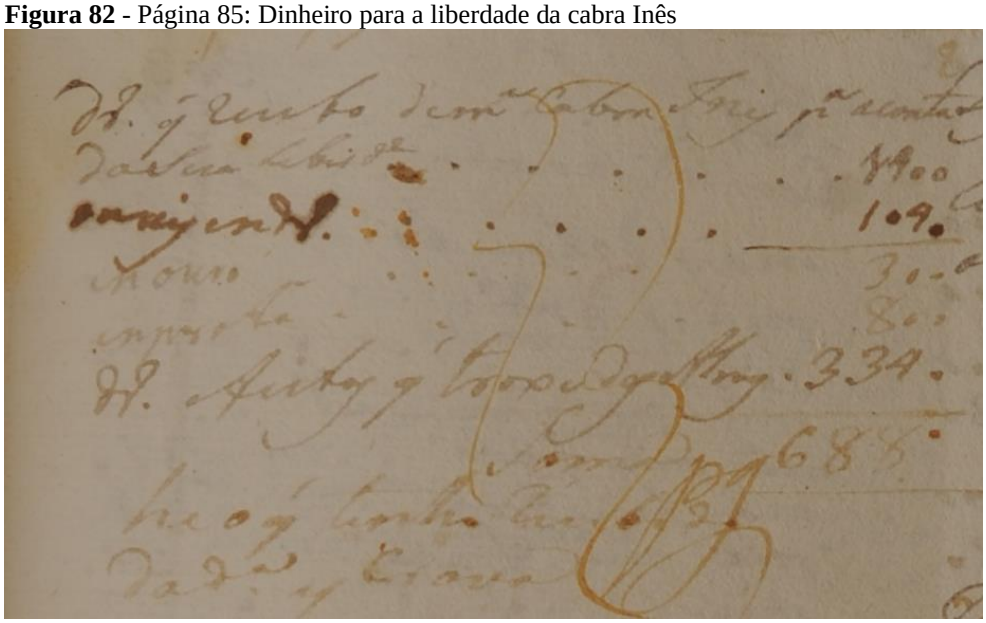
Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Há outro caso, no *Livro de Razão*, dessa prática, quando Antônio Pinheiro anota, na página 97 (cf. volume 2, p. 520), o dinheiro que recebeu de sua comadre Luzia para compar a liberdade de um moleque, um claro exemplo de compra de alforria para terceiro.

Entretanto, há casos nos quais os escravizados aparecem juntando dinheiro para comprar sua própria alforria, como o exemplo do escravo Jacinto já mencionado. Em Rio de Contas, pelo que se lê em Almeida (2012, p. 65), "Os escravos pagavam por sua liberdade com um pecúlio", isto é, com economias guardadas para uma eventualidade futura. A discussão em pauta, nesse contexto, é saber como conseguiam dinheiro. Sobre o tema, Almeida (2012, p. 43-49) informa que identificar a ocupação desempenhada pelos escravos é crucial para compreender como eles obtinham os recursos para compor a poupança e pagar pela liberdade. Diz a autora que os escravos de Rio de Contas exerciam atividades em diferentes setores da economia, como artesãos, tropeiros, sapateiros, alfaiates, costureiras, serviços de casa etc.

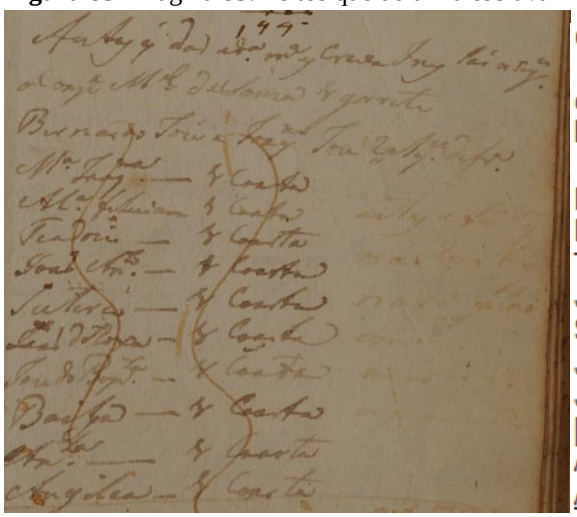
Na fazenda do Campo Seco, pelos assentamentos de Pinheiro Pinto, identificamos, como já mencionamos, alguns escravos desempenhando funções remuneradas, fato que justifica a fonte para a compra da tão sonhada liberdade. Porém, nem sempre o pecúlio obtido era a garantia da alforria. Um caso registrado no *Livro de Razão* merece ênfase. Trata-se da escrava Inês que entregou a Antônio Pinheiro Pinto dinheiro, ouro, prata e feitos (garrote e farinha) que obteve, certamente, por serviços realizados, conforme figuras 82 e 83.

Figura 82 - Página 85: Dinheiro para a liberdade da cabra Inês



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Figura 83 – Página 85: Feitos que deram à escrava Inês



efeitos *que daõ adita minh*a es crava Ines
[são os seguintes
ocompadre Manoel deSouza 1 garrote
Bernardo Jozé e Joaquim Joze 2 alqueires
[defarinha
Maria Joaquina __1 coarta
Maria feliciana 1 coarta estes efeitos
Teodozio __ 1 coarta naõ Rece by
João Antonio __1 coarta nada estaõ
Sutereo ___ 1 coarta em [*inint.*] na
João daRoxa __1 coarta maõ [ilegível.]
Joze doBaptista __1 coarta os prometeo
[*inint.*] ___ 1 coarta
Antonia ___ 1 coarta
Angelica ___ 1 coarta

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Notamos que a forma utilizada pela escrava Inês para a compra de sua liberdade enquadra-se no modelo de pagamento dinheiro/espécie mapeado por Almeida (2012) para a região de Rio de Contas. No entanto, a negociação estabelecida entre a escrava e o seu senhor parece que não obteve sucesso. Localizamos, na página 85, figura 83, um registro, cuja leitura foi dificultada pelo desgaste da tinta, com a seguinte informação "estes efeitos naõ Rece by nada estaõ em [*inint*] na maõ [ilegível] os prometeo". Apesar de haver trechos em que não foi possível a leitura, fica evidente que a escrava não recebeu os pagamentos prometidos, fato que a obrigou a continuar juntando dinheiro para a alforria, como lemos no trecho da página 108 do *Livro de Razão* "Receby dem*inh*a cabra Ines p*ar*a goardar 2000".

4.2.1.4 Indicadores sociais no Alto Sertão

A fazenda do Campo Seco desenvolveu-se como importante área comercial no sertão baiano oitocentista. Basta uma leitura atenta nos escritos do *Livro de Razão* para percebermos que havia uma relação de dependência estabelecida entre os trabalhadores assalariados e o fazendeiro, além das transações com outros fazendeiros da região e da capital da província. Para entendermos como esse processo foi constituído, é necessário lembrar-se do repovoamento da região que, segundo Neves (2008, p. 262), deu origem a um pequeno comércio regional, ainda no século XVIII, para o autoabastecimento, devido à grande distância de Salvador. Nesse contexto, diz ainda o autor que o desenvolvimento da

escravidão articulada com a meação e o crescimento da população livre garantiu aos senhores de engenho mão de obra para as mais diversas funções necessárias às atividades relacionadas à agricultura e pecuária.

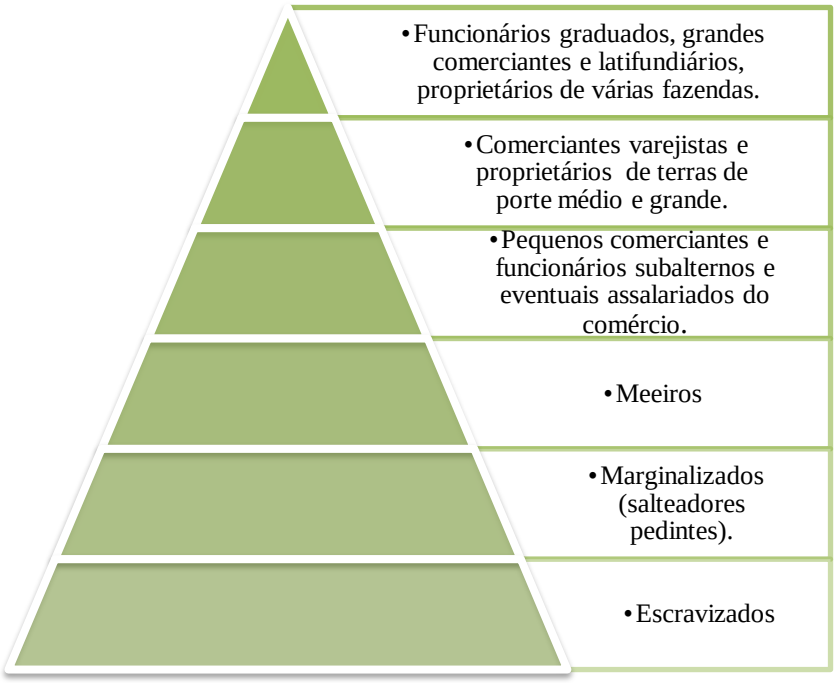
Quanto ao desenvolvimento social do Alto Sertão da Bahia, vale a leitura da afirmação de Almeida (2012, p. 52) para Caetité e Rio de Contas, eixos diatópicos de nossa pesquisa.

> O município de Rio de Contas era, em alguma medida, semelhante ao de Caetité, que se desenvolveu, em grande parte, com ex-mineradores empobrecidos pela decadência das minas, que passaram a arrendar pequenos lotes de terras [...]. Ao longo do tempo as propriedades maiores se dividiam por sucessão hereditária, fracionando-se as propriedades e os titulares, e, por outro lado, por meio da comercialização, outros proprietários também adquiriam e concentravam a propriedade de terra [...]. Entretanto, as pequenas propriedades também eram intercaladas, em menor número, pelas médias e grandes propriedades onde concentrava a maior parte dos escravos do município [...]. Em Rio de Contas, tal como Caetité, houve um grande número dos pequenos proprietários [...]. Contudo esses escravistas possuíam menos escravos que seus pares abastados. (ALMEIDA, 2012, p. 52)

Apresenta-nos Almeida (2012) alguns elementos essenciais para se mensurar os indicadores sociais na região aqui estudada. Primeiro, a existência de pessoas que, em busca do ouro, viram-se obrigadas a trabalhar em pequenos lotes de terras arrendadas para sobreviver e, automaticamente, estabeleciam uma relação de dependência com os grandes proprietários, movimentando, em muitos casos, o comércio local, ao dependerem de alimentos como carne seca, farinha, sal etc. O segundo elemento é o processo de divisão de terras que acontecia em virtude da sucessão hereditária, dando origem a um grande número de pequenos proprietários. Essa fragmentação de terras por sucessão hereditária aconteceu no Campo Seco, mas como era muito comum o casamento entre primos, essas propriedades voltavam a se unir, formando grandes extensões com a maior parte da concentração de escravos.

Nesse contexto, vislumbramos, na região, além dos escravos e dos trabalhadores livres, base da pirâmide social, grandes, médios e pequenos proprietários de terras em uma teia de dependência socioeconômica. Contudo, lembra-nos Neves (2012, p.94) que “a estratificação social do Alto Sertão da Bahia, durante a colonização portuguesa, não se limitava apenas a senhores e escravos”. Para o autor, a distribuição social da população organizava-se, “da base escravista ao vértice oligárquico", conforme a representação a seguir.

Gráfico 3 – Estratificação social no Alto Sertão da Bahia – Séculos XVIII e XIX.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Neves (2012, p. 94-95)

Antônio Pinheiro Pinto, de acordo com Santos Filho (2012, p. 117), encontrava-se entre os grandes senhores de escravo, com cerca de 80 a 100 indivíduos e as anotações dele, no Livro de Razão, revelam uma teia de relações econômicas existentes no Campo Seco, por meio da circulação, na fazenda, de indivíduos oriundos de diversos grupos sociais, atuando em diferentes setores. Esse quadro indica que o segundo senhor desempenhou um importante papel na economia local, através de seu armazém e demais atividades comerciais desenvolvidas em sua fazenda, que fornecia, por exemplo, alimentação para os tropeiros e comercializava algodão para diversas partes da província. Há de se mencionar ainda a construção do sobrado que demandou a contratação de mão de obra. O quadro a seguir identifica os perfis profissionais remunerados que trabalharam na fazenda do Campo Seco.

Quadro 20 – Perfis profissionais atuantes no Campo Seco

Profissões	**Profissionais do Campo Seco**	**Localização no Livro de Razão**
Canteiro	Domingos Pereira	(p.103, l.2 e 3)
Capitão do mato	Não menciona o nome	(p.94,14; 105, l3,7,11)
Carpinteiro	Martinho José da Costa	(p.91, l.32 a 37; p.93, l.31 e 32)
Ciência	Desenhista	(p.99, l.15)
Feitor	Manoel Alves Vianna Manoel Martins Viana Manoel Matias Francisco Antônio - Italiano	(Folha de guarda, l.8 a 10; p.52. l.2,4; p.63, l.15; p.89, l.12)

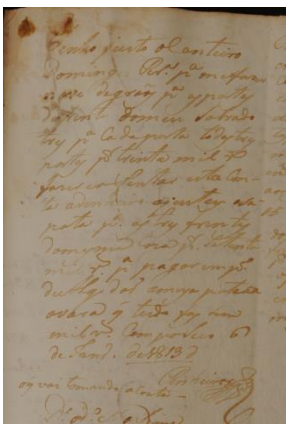
Ferreiro	Vitorino Marques Tomas Rocha Ignacio Vieira Jerônimo	(Folha de guarda, l.13 p.38, l.1; p.46, l.1; p.60, l.1)
Letrado/ advogado	Luis	(193r, l.6)
Marceneiro	Francisco Rocha Manoel Matias	(p.43, l.22 e 23; p.93, l.3)
Oleiro	Mestre Ignacio Lopes	(p.43, l.20; p.70, l.13)
Pedreiro	Mestre Ignacio	(p.70, l.13)
Pintor	José Antônio Pinto	(p.103, l.1)
Professor	Ignacio Ferreira Tomas José da Costa	(p.189v, l.17)
Serrador	Antônio de Souza Manoel Rodrigue João Pereira	(p.70, l.19; p.88, l.13 e 14)
Tabelião	Luis	(193r, l.6)
Tirador	José Antônio	(p.90, l.13)

Fonte: Produzido pelo autor com base nas anotações do Livro de Razão

Das profissões elencadas por Antônio Pinheiro, destacamos três que chamaram a nossa atenção: canteiro, ciência, letrado.

A cantaria consiste, segundo Silva e Porto (2016, p. 190), no trabalho técnico com pedra em diferentes "formas geométricas e figurativas amplamente usadas no século XVIII, com a finalidade de ornamentar e estruturar edificações". Pela descrição de Pinheiro Pinto, na página 103 do Livro de Razão, conforme imagem e transcrição a seguir, o canteiro que atuou no Campo Seco responsabilizou-se em fazer os degraus para a porta e assentar a sapata. Merece destaque a forma de pagamento acertada, que não foi em dinheiro, mas em pano de algodão, configurando a prática do escambo.

Figura 84 – Trecho da página 103: Profissionais que aturam no Campo Seco- o canteiro.

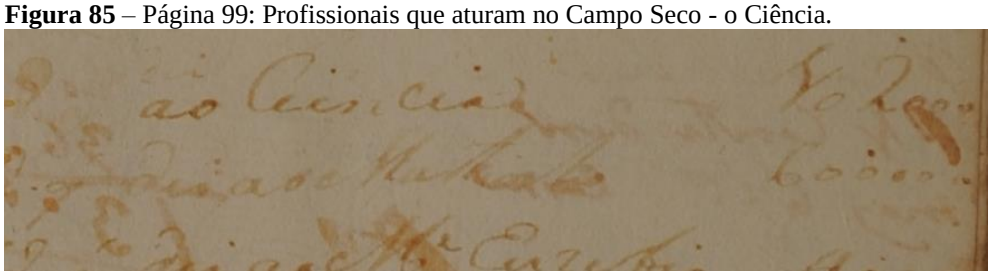


Tenho justo ocanteiro
Domingos Pereira para m efazer
nove degraõs para as portas
dafrente domeu Sobrado
tres para ca daporta todas tres
portas por trinta mil reis
fazer eaSentar esta con-
ta adinheiro a justei asa
pata para as tres frentes
damesma caza por setenta
mil reis para pagar em pano
deAlgo daõ ameya pataca
avara que tudo faz sem
mil reis Cam poSeco 6
de Janeiro de1813
Pinheiro

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Outra profissão que merece destaque encontra-se mencionada na página 99 do Livro de Razão, como podemos ver na figura 85. Trata-se do "ciência" que, segundo Santos Filho (2012, p. 79), seria um desenhista de Minas Gerais, responsável por fazer a planta do sobrado do Campo Seco, conhecido como Francisco Antônio dos Santos. Na edição realizada, temos Francisco Antonio Borges, Francisco Antonio, afilhado de Pinheiro e Francisco Antonio, genro de Anna Gomes. O quarto Francisco Antonio localizado na edição pode ser o mestre de obra, o "ciência", mencionado por Licurgo Santos Filho. Notamos, entre as anotações dele, valores de pagamento alto (cf imagem 85), além de várias compras realizadas no empório, anotadas em diferentes páginas, e, posteriormente, descontadas.

Figura 85 – Página 99: Profissionais que aturam no Campo Seco - o Ciência.

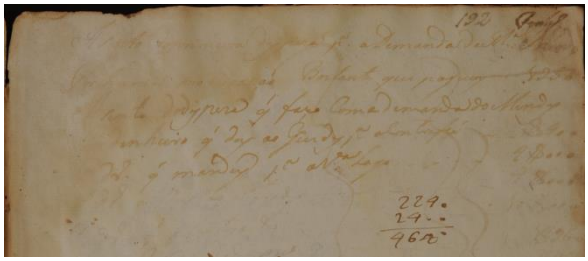


ao Cien cia 102000
que deoao Martinho 600000
dinheiro que dei ao Mestre Euzebio 40000

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

A última profissão destacada – letrado – é identificada pelas anotações sobre pagamento por uma procuração e, também, possíveis honorários ocasionados por uma despesa do que Pinheiro denominou de "demanda dos Mendes". Não se sabe ao certo de que se trata tal questão, mas, certamente, estava na área judicial, pois o capitão das milícias desembolsou dinheiro para pagar um advogado.

Figura 86 - Fólio 192r: Profissionais que aturam no Campo Seco - o letrado.



Asento da primeira dispeza para aDemanda de Manoel [*inint.*]
Por huma pro curaçaõ Bastante que paguey 1950
Asento dadispeza que faço com a demanda do Mendes
Por dinheiro que dey ao Guedes para acon traf[?]- - - - $400
Por dinheiro que mandey para [*inint.*] - - - - - - - - - - - - - - 4$000
Por dinheiro que dey ao Letrado - - - - - - - - - - - - - - - - - 4$000
Por dinheiro que ao Letrado - - - - - - - - - - -2240 10$000
Por dinheiro que ao Letrado - - - - - - - - - - 2400
Por 1 aRoba decarne 4640 $960

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Pelo que observamos até aqui, no sertão da Bahia oitocentista, circularam profissionais de diversas áreas, revelando uma prática intensa de comércio e outros serviços que movimentam a economia de um lugar. Esses dados trazem informações que ajudam não apenas a pensar na identificação dos perfis sociais que atuaram nos mais distantes lugares do Brasil rural oitocentista, como na fazenda do Campo Seco, mas também apresentam elementos para a compreensão do que significava ser senhor de terras no interior, no século XIX.

Ao analisar a atuação dos senhores de terra, no exercício da vida pública, no trabalho *Terra e poder nos sertões dos Tocós*, Rios (2014, p. 6), a partir do estudo dos Registros Eclesiásticos de Terras da Freguesia de Conceição do Coité, 1858, afirma que o senhor de terras era o responsável pelo estabelecimento de relações e também pelo desempenho de atividades que direcionavam a trajetória política e econômica da Freguesia. Nessa perspectiva, a autora esclarece o significado de ser senhor e proprietário de terras em uma Freguesia destacando quatro funções básicas que elencamos no quadro a seguir:

Quadro 21 – Papéis desempenhados pelos proprietários de terras em uma Freguesia

Papeis exercidos	Descrição
Senhor de terras e de escravos	Direcionava e controlava a produção agrícola
Negociante	Realizava empreendimentos comerciais e mantinha relações escravistas de produção
Eleitor da Freguesia	Tinha o poder de participar das decisões políticas e um prestígio que afetavam não só a esfera local, mas todo território Imperial.
Possuir patente da Guarda nacional	Significava ser detentor de um poder privado, transposto para a esfera pública, garantindo a manutenção da ordem e a reprodução das estruturas locais de poder,

Fonte: Adaptado de Rios (2014, p. 7)

Embora o quadro tenha sido elaborado com informações referentes à Freguesia de Conceição do Coité, podemos inferir que tal contexto não era diferente na região de atuação dos Pinheiro Pinto – Rio de Contas e Caetité. A análise empreendida até agora mostra que os senhores do Campo Seco, em maior ou menor grau, desempenharam os papéis acima descritos.

Miguel Lourenço de Almeida, primeiro senhor, por opção, manteve-se distante da política, mas seu título de Familiar do Santo Ofício conferiu-lhe poder e prestígio, de acordo com Santos Filho (2012). Antônio Pinheiro Pinto, o segundo senhor do Brejo do

Campo Seco, é quem melhor se enquadra em muitos desses papéis, pois foi grande senhor de terras e de escravos, exímio comerciante e possuía o título de Capitão. Além disso, suas anotações no *Livro de Razão* indicam que teve muito prestígio, pois, ao administrar a fazenda, demonstrou domínio sobre seus parentes, profissionais livres e escravizados.

Quanto a Inocêncio, o terceiro senhor, sabemos que, diferente do pai e do avô, era mais aventureiro e mais esbanjador. Ao assumir a função outrora exercida pelo pai, não manteve o armazém, além de se enveredar pela política e desavenças trágicas.

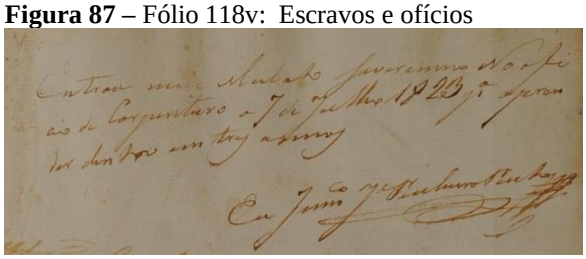
4.2.2 Inocêncio Pinheiro Pinto/Canguçu: o que revelam suas anotações

As anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu ocupam uma pequena parte *do Livro de Razão*. O terceiro Senhor do Campo Seco inicia, oficialmente, seus registros, no fólio 130r, em 27 de dezembro de 1822, porém é possível identificar sua produção gráfica, antes, no fólio 129v. Santos Filho (2012, p. 47) relata que, após a morte de Antônio Pinheiro, Inocêncio assumiu a direção da família e dos negócios da fazenda, dando continuidade aos negócios empreendidos pelo pai, exceto o comércio do armazém, o que pode ser o motivo de tão poucos assentamentos no Livro de assentos.

Destacam-se, entre os escritos de Inocêncio, informações referentes a alguns empréstimos, devolução de uma quantia em dinheiro à sua tia, Maria Francisca, que havia negociado a compra de uma escrava com o falecido pai de terceiro senhor, compra de animais e demarcações de terras. É também da lavra do terceiro senhor, no fólio 182v, logo abaixo do registro do dote cedido por seu pai à sua irmã Zeferina, o registro de uma dívida para posterior ajuste de contas. Inocêncio relata que, para ficar em igual parte com sua irmã, seria necessário ser ressarcido em 40$000.

Um registro que merece destaque é o fato de o senhor colocar um cativo para aprender o ofício de carpinteiro, como se observa na figura 87.

Figura 87 – Fólio 118v: Escravos e ofícios



Entrou meu Mulato Juveranno No ofi
cio de Carpinteiro a 7 de Julho 1823 para apren
der dentro em tres annos

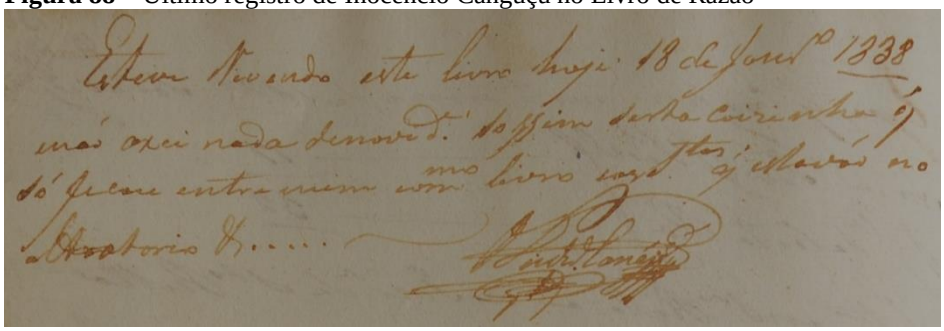
Eu Innocencio JozéPinheiro

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Permitir que o escravizado aprendesse a profissão não significa afirmar que Inocêncio fosse generoso. Ao tratar de escravidão e trabalho manual na cultura brasileira, Cunha (2000, p. 16) afirma que "[...] sempre que podiam, os mestres faziam os escravos aprenderem ofícios para pô-los a trabalhar em suas tendas, dispensando-se a pagar salários a obreiros (livres)". No caso do Campo Seco, como era comum o aluguel de escravos para diversos serviços, acreditamos que tal prática e o desenvolvimento da atividade na própria fazenda justificam a atitude de Inocêncio com o seu negro.

Em 18 de janeiro de 1838, o terceiro senhor escreveu, no verso do fólio 132:

Figura 88 – Último registro de Inocêncio Canguçu no Livro de Razão



[f. 132v][160] [161]

Estive revendo este livro hoji 18 de Janeiro 1838
enaõ axei nada denovidade so ssim desta coizinha que
só ficou entre mim eomesmo livro eosSantos que eslavaõ no
olratorio [?] ..... PinheiroCanguçu

5 e eu ainda nada vi[162]

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

O que estaria pensando o sertanejo impulsivo que foi Inocêncio é impossível saber. O que se pode fazer é conjecturar, especular sobre a "coisinha" que apenas ele e os santos do oratório souberam. Nesse ano, encerrou-se a produção gráfica de Inocêncio no *Livro de Razão*. Depois dele, apenas Miguel Joaquim de Castro Mirante, seu genro, fez uma pequena anotação sentenciando o manuscrito ao fogo. Ainda bem que não o fez.

4.3 A REFORMA POMBALINA NA COLÔNIA: BREVES NOTAS SOBRE A APLICAÇÃO E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS

Nosso objetivo aqui não é fazer um percurso detalhado da história da escolarização no Brasil, o que pretendemos é elaborar uma contextualização do tema, para que possamos entender melhor a situação da Bahia, especificamente, Bom Jesus dos Meiras, local de origem do *corpus* e dos senhores apresentados nesta tese.

Inicialmente, sabemos que a educação, no Brasil, esteve, quase que exclusivamente, aos cuidados da Companhia de Jesus, e voltava-se aos indígenas e aos filhos dos colonos, sobretudo com o ideal civilizador. Esse sistema de ensino, já no século XVII, segundo Oliveira (2006, p.36), sofreu "mudanças no que toca à população a ser por ele contemplada", pois as escolas jesuíticas passaram a privilegiar os filhos das elites agrárias. O sistema educacional dos jesuítas vigorou no Brasil até 1759, quando o Marquês de Pombal promoveu diversas mudanças na administração, sendo a educação uma área que sofreu sérias transformações. A principal alteração foi justamente a expulsão dos jesuítas, o que ocasionou graves problemas para o Brasil, já que, nesta época, os padres tinham organizado um sistema de ensino que possuía:

> 36 missões, escolas de ler e escrever, em quase todas as povoações e aldeias onde se espalharam 25 residências, além de dezoito estabelecimentos de ensino secundário, entre colégios e seminários localizados na Bahia, São Vicente, Rio de Janeiro, Olinda, Espírito Santo, São Luís, Ilhéus, Recife, Paraíba, Santos, Pará, Colônia do Sacramento, Florianópolis (Desterro), Paranaguá, Porto Seguro, Fortaleza, Alcântara, Vigia. (PILETTI; PILETTI, 2002, p. 135).

Substituir esse sistema organizacional não era tarefa simples, entretanto, como medida imediata o Marquês, por meio do Alvará Régio de 28 de junho de 1759, instituiu as chamadas aulas régias, que eram praticadas por professores leigos e mal preparados, de forma fragmentada, como mostra Chagas (1982):

> Cada aula régia constituía uma unidade de ensino, com professor único, instalada para determinada disciplina. Era autônoma e isolada, pois não se articulava com outra e nem pertencia a qualquer escola. Não havia currículo, no sentido de um conjunto de estudos ordenados e hierarquizados, nem a duração prefixada se condicionava ao desenvolvimento de qualquer matéria. (CHAGAS, 1982, p. 9)

Vale destacar, porém, que a nova legislação não foi implantada de forma homogênea no país, além de apresentar lacunas quanto à sua imediata aplicação. Destaque-se ainda o fato de muitas ordens religiosas, em algumas partes do Brasil, como São Paulo,

Rio de Janeiro e Pernambuco, manterem as aulas em suas instituições (FONSECA, 2009, p. 49-62). O governo, diante desse contexto, teve muita dificuldade em substituir as aulas ministradas pelos jesuítas, o que o levou a conviver, em boa parte do tempo, com outros religiosos exercendo o ensino na colônia. Sobre essa questão, Fonseca (2009, p. 62) comenta:

> Mesmo havendo orientações restritivas à atuação educacional dos religiosos, em diversas situações a administração dos estudos teve que aceitar a manutenção dos mestres dessas ordens, como única opção para garantir o funcionamento das aulas, tanto de primeiras letras como, e sobretudo, de gramática latina. Embora contrariado e pressionado pela falta de professores – desestimulados pelas indefinições quanto ao estatuto da carreira, aos ordenados que seriam pagos, e quanto às dificuldades para abertura e manutenção das aulas – D. Tomás de Almeida, o Diretor Geral dos Estudos, nomeado por D. José I, reconhecia que os interessados em estudar procuravam os padres regulares, e alertava os governadores das capitanias para que fizessem o possível para atrair os mestres leigos. Caso aquela situação se apresentasse inevitável, fossem rigorosos no controle das atividades dos padres mestres, submetendo-os, assim como os leigos, aos exames de ingresso na carreira, e que os bispos também cuidassem da obediência a esse princípio legal. (FONSECA, 2009, p. 62)

O trecho anterior revela as fragilidades da legislação pombalina, uma vez que a falta de perspectiva de estabilidade para o professor, a incerteza do pagamento, além da dificuldade para abertura e manutenção das aulas, dificultaram ainda mais a instalação desse novo sistema educacional na colônia. Por essas razões, só a partir da lei de 6 de novembro de 1772 que "efetivamente se estabeleceram no Rio de Janeiro e nas principais cidades do Brasil, as Aulas Régias" (CARDOSO, 1999, p. 107). Para solucionar a questão, a referida lei também criou o subsídio literário por meio da Carta Régia. Esse recurso serviria para o pagamento dos professores e tinha sua origem em impostos cobrados sobre produtos como aguardente, vinho e carne.

Para termos uma breve noção de como a reforma educacional de Pombal foi executada no Brasil, apresentamos, no quadro a seguir, uma síntese de sua aplicação nas capitanias de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco, a partir dos dados coletados por Fonseca (2009, p. 53-61)

Quadro 22 – Aplicação da Reforma Pombalina em algumas Capitanias do Brasil

Capitanias	Fontes	Situação
São Paulo (1759-1801)	Fragoso (1972)	Ocorreu um processo profundamente marcado pela presença de ordens religiosas.
Rio de Janeiro	Cardoso (2002)	Observou-se uma movimentação mais evidente das autoridades civis e religiosas sobre as reformas e o processo de implantação e funcionamento do sistema de aulas régias, por ser o Rio de Janeiro sede do Vice-Reinado (1808-1821).

Mato Grosso (1714-1864)	Alves (1984)	Constatou a implantação tardia das aulas régias na capitania, uma vez que só foi considerada a instrução inscrita no âmbito da reforma pombalina, além de algumas características de arrecadação do subsídio literário e esparsas indicações sobre as atividades dos professores régios.
Bahia	Silva (2006)	A implantação inicia foi limitada a poucas localidades, Salvador e Cachoeira, estendendo-se, acanhadamente, por outras nos anos seguintes. Teve forte influência das ordens religiosas com a importante participação de sacerdotes na concorrência e ocupação das cadeiras que foram criadas a partir de 1759.
Minas Gerais	Carrato (1968) Silva (2004)	Os autores apresentaram as falhas no sistema de financiamento da educação na Capitania de Minas Gerais, decorrentes tanto da situação econômica local como dos problemas e deformações verificados na arrecadação e distribuição dos recursos do subsídio literário.
Pernambuco	Silva (2008)	Houve uma difícil relação entre os professores régios e o grau de interferência que as relações políticas entre os poderes secular e eclesiástico tinha na configuração desse quadro profissional.

Fonte: Produzido a partir da leitura de Fonseca (2009, p. 53-61)

Além dos problemas já mencionados, explica Cardoso (1999, p. 107) que a oferta educacional preconizada pelo Estado português não era destinada a todos. Para a autora, o acesso ao conhecimento da leitura, escrita e contas mantinha o caráter discriminatório e excludente existente na legislação de 1759. Essa e outras razões apontam a Reforma pombalina, para alguns autores, como o início da decadência do ensino público no país. Barbosa (1999, p. 64-73), ao tratar do ensino no Brasil, no século XVIII, salienta que a baixa remuneração dada aos professores, as tensões entre o ensino eclesiástico e laico, a não obrigatoriedade da presença nas aulas de alguns segmentos sociais, como os militares, além de querelas pessoais, foram motivos apresentados, em uma carta enviada à metrópole, em 1793, por dois professores, João Marques Pinto e Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, para justificar a decadência do ensino público na cidade do Rio de Janeiro.

No caso específico da Bahia, é o português Luís dos Santos Vilhena, que veio para o Brasil, em 1787, atuar como professor de grego, que nos relata alguns detalhes através das 24 cartas escritas para amigos. Essas cartas foram editadas em 1969 com o título *A Bahia no século XVIII*. Interessa-nos aqui a Carta Oitava, dirigida ao amigo Filipono, que

trata exclusivamente da educação. O conteúdo da carta é apresentado da seguinte maneira por Vilhena (1969, p. 272):

> [..] uma breve noção dos estudos na cidade da Bahia, tanto antes, e no tempo da extinção dos jesuítas, como no tempo presente; mostra-se a causa da decadência, o número das Aulas que há na cidade e Capitania, com o ordenado dos respectivos professores, fazendo ver o como é quase impossível a subsistência, principalmente dos que nada mais têm que os seus ordenados, e o mais que no breve contexto dela se verá. (VILHENA, 1969, p. 272)

A leitura atenta da introdução da carta de Vilhena mostra que os problemas na educação colonial não foram resolvidos com as medidas adotadas pelo governo português. Pelo contrário, o autor deixa clara a decadência do ensino, expondo, dentre suas causas, as dificuldades que também estavam presentes em outras partes do país: o número de aulas e a questão do pagamento dos professores. É importante destacar que os aspectos apresentados por Vilhena são posteriores à lei de 1772 que determinava o subsídio literário, o que nos faz crer que tal recurso não era recolhido adequadamente, já que Lages (2013, p. 117) comenta que os donos de alambiques e proprietários de açougues fraudavam a declaração devida, o que reduzia o imposto cobrado.

Outros problemas também são mencionados por Oliveira (2006, p. 43) ao consultar o acervo intitulado *Coleção Instrução Pública da Bahia*, pertencente ao Setor de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia, que possui documentos escritos ao longo do século XIX, e verificar muitos pedidos de aposentadorias, convocação de novos professores substitutos, além de aumento salarial. Para Oliveira (2006), “Seriam esses pedidos sinais de insatisfação, indignação por parte dos lentes baianos”.

O contexto apresentado mostra que o esforço da metrópole para melhorar o sistema formal de ensino do Brasil esteve restrito a uma pequena parcela da população, fator que estimulou o surgimento de outros meios de se aprender e ensinar as primeiras letras. A respeito do processo de escolarização informal, que foi responsável pela penetração da leitura e da escrita nas localidades onde o Estado não alcançou ou atuou de forma tímida, Monti (2018, p. 86) descreve que:

> No que se refere à localidade, com base na Lei 6 de novembro de 1772 [...], os professores deveriam atuar, preferencialmente, nas povoações maiores, locais que atraiam um maior quantitativo de jovens, que muitas vezes abandonavam suas vilas e lugarejos para capitanias mais urbanizadas e desenvolvidas. Sendo assim, havia outros mestres, nos interiores, que atuavam informalmente por falta de representação da coroa. E, nos grandes centros, além dos professores régios, atuavam professores particulares de ofícios. (MONTI, 2018, p. 86)

O trabalho de professores em situação de informalidade foi uma prática muito comum, principalmente, nas longínquas regiões interioranas do país, sem representação da coroa ou com atuação restrita dela. Monti (2018, p. 86) ainda comenta que parte da elite colonial, inconformada com a expulsão dos jesuítas, resistiu às determinações do Alvará de 1759, e optou por educar seus filhos através de aulas particulares ministradas por professores autônomos. O autor ensina que "Estes professores, geralmente, ministravam suas aulas nas casas dos próprios alunos ou então em lugares pelos quais eram responsáveis. Utilizam suas casas para ensinar e compravam e produziam materiais específicos para o ensino." (MONTI, 2018, p. 86).

Esse contexto educacional, no início dos oitocentos, ainda era muito presente na sociedade, por essa razão houve, segundo Farias Filho (2010, p.144-145), indícios de uma rede de escolarização cujas "escolas", chamadas, às vezes, de particulares, outras vezes de domésticas, atendiam um número de pessoas bem superior ao da rede pública estatal (escolas régias ou escolas públicas de primeiras letras herdadas do período colonial) e eram custeadas pelo chefe da família que contratava esses mestres.

Ao estudar a educação doméstica como uma prática da elite brasileira oitocentista, Vasconcelos (2004, p. 38-39) explica que tal prática não era uniforme e destaca que podia ser executada através de professores particulares, preceptoras e aulas domésticas. A autora explica que os professores particulares eram mestres itinerantes de primeiras letras e outros conhecimentos, que visitavam as casas ou fazendas ministrando aulas aos membros das famílias ou agregados em horários pré-definidos. O pagamento era feito pelo chefe da família ou o fazendeiro. A preceptora morava na residência da família, cuidava da educação das crianças e jovens e, em alguns casos, atuava como governanta. Quando as aulas eram ministradas no espaço da casa por um membro da família ou um padre capelão, sem custos, eram denominadas de aulas domésticas (VASCONCELOS, 2004, p. 38-39).

Além desses três modelos elencados, Vasconcelos (2004) mapeou outras formas de difusão social da leitura e da escrita que se aproximam da educação doméstica, em seus métodos e práticas, mas aconteciam em espaços diferentes, como na casa do professor (Mestre-escola) ou nos colégios particulares. O Mestre-escola era um professor que ensinava, em sua casa, em horário determinado, português, latim e outros conhecimentos a alunos de diferentes idades. O pagamento era feito pelos pais dos alunos, que podiam contratar aulas específicas. Por outro lado, os colégios particulares eram adaptados em espaços improvisados, podendo ser, muitas vezes, na casa do diretor ou do mestre, em

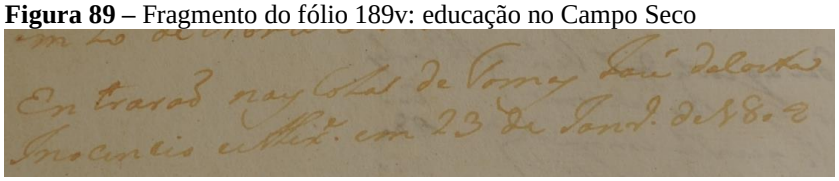
sobrados, conventos etc. Esse modelo é o que mais se aproxima da escola estatal na qual os professores são contratados pelo diretor (VASCONCELOS, 2004, p. 39-40).

4.4. DA PRODUÇÃO À CIRCULAÇÃO DO ESCRITO NO CAMPO SECO

4.4.1 A penetração da língua escrita na fazenda

O nosso ponto de partida para entender a forma como a leitura e a escrita penetraram no Campo Seco e o que tal prática pode nos revelar sobre a alfabetização na região interiorana da Bahia nos oitocentos são as informações fornecidas por Pinheiro Pinto. O segundo senhor faz sua primeira anotação sobre o tema em 1802, conforme podemos ler na figura abaixo.

Figura 89 – Fragmento do fólio 189v: educação no Campo Seco



En traraõ naes cola de Tomas Jozé daCosta
Ino cen cio e Alexandre em 23 de Janeiro de1802

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Inocêncio e seu primo, Alexandre, entraram na escola do Mestre Tomas José da Costa. Nesse período, tinha o filho de Pinheiro Pinto 7 anos de idade, e o registro feito era justamente para depois efetuar o pagamento ao mestre. Anotação envolvendo a questão educacional só volta a aparecer, no livro, 8 anos depois, em 1810, quando Inocêncio já tinha 15 anos, e passou a frequentar o estudo do Mestre Ignácio Ferreira da Silva (cf. figura 90).

Figura 90 – Fragmento da página 1: educação no Campo Seco

Entrou meu
filho Inocencio
no es todo do
Mestre Ignacio Ferreira
da Silva em 18
deMayo de1810

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Sobre a questão educacional no Campo Seco, Santos Filho (2012) ressalta que, quando Inocêncio começou a estudar, no ano de 1802, já havia professores régios, na região da fazenda, porém não foi com esses professores que o filho do segundo senhor aprendeu as primeiras letras. Entretanto, o referido autor não apresenta outros dados a respeito do assunto abordado, o que nos levou a investigar o perfil dos dois mestres citados por Antônio Pinheiro e os possíveis processos de escolarização coexistentes na região.

Os assentamentos de Pinheiro Pinto indicam uma prática muito comum entre a elite no século XIX, mas também revelam a ineficiência da Coroa em atender as localidades mais distantes do interior com aulas régias. Sobre esse aspecto, Silva (2006, p.131), ao descortinar a constituição do magistério régio baiano, explica que, após a realização do primeiro exame para a ocupação das cadeiras régias criadas a partir do Alvará de 1759, foi comum a solicitação individual ou coletiva de abertura de escolas nas localidades onde só existiam os professores particulares, pois a concentração de tais aulas era nas vilas do Recôncavo.

Ao verificar uma lista elaborada por Vilhena contendo informações sobre professores, cadeiras e salários, na Bahia, em finais do século XVIII, identificamos o professor de Gramática Latina, Francisco Moniz Barreto de Aragão, residente na Vila do Rio de Contas, que foi preso em dezembro de 1798 por sua ativa participação na conjuração baiana, segundo Silva (2006, p. 102). No entanto, em 1801, um ano antes de o filho de Antônio Pinheiro iniciar seus estudos, Rio de Contas não contava com um professor de primeiras letras, pois Jozé Caetano Simplicio Gomes, morador da referida vila, que exercia a função de pedreiro, enviou à Câmara o pedido para se empregar no cargo de professor dos meninos da vila, avisando às autoridades a existência da vaga, explicando, em sua solicitação, não existir “naquele mesmo lugar hum homem, que se queira sujeitar a ensinar ao numero de meninos, que ali há, a ler, escrever econtar e ainda a Sta. Doutrina...” (SILVA, 2006, p. 133).

Acerca do pleito de Jozé Simplicio, Silva (2006, p. 134) esclarece:

> Deve-se assinalar que a própria Câmara para quem ele pedia o provimento atestou as suas qualidades para o exercício do ensino das primeiras letras e da doutrina cristã, demonstrando que a deficiência do atendimento escolar, já no primeiro ano do século XIX, era a tônica, principalmente naqueles locais mais distantes da capital e do recôncavo. Além disso, cabe ressaltar que essa era a mesma vila de Rio de Contas na qual o professor régio Francisco Moniz Barreto de Aragão ensinara Gramática Latina, poucos anos antes. (SILVA, 2006, p. 134)

Pelo que nos apresenta Silva (2006) sobre a situação educacional, na Bahia, no primeiro ano do século XIX, principalmente, nos locais mais longínquos, entende-se por que profissionais de diversas áreas – pedreiros, militares, religiosos (SILVA, 2006, p. 134) – buscavam ocupar as vagas existentes na área: o primeiro motivo era a deficiência no atendimento escolar, já o segundo, a garantia de uma sobrevivência com um salário fixo.

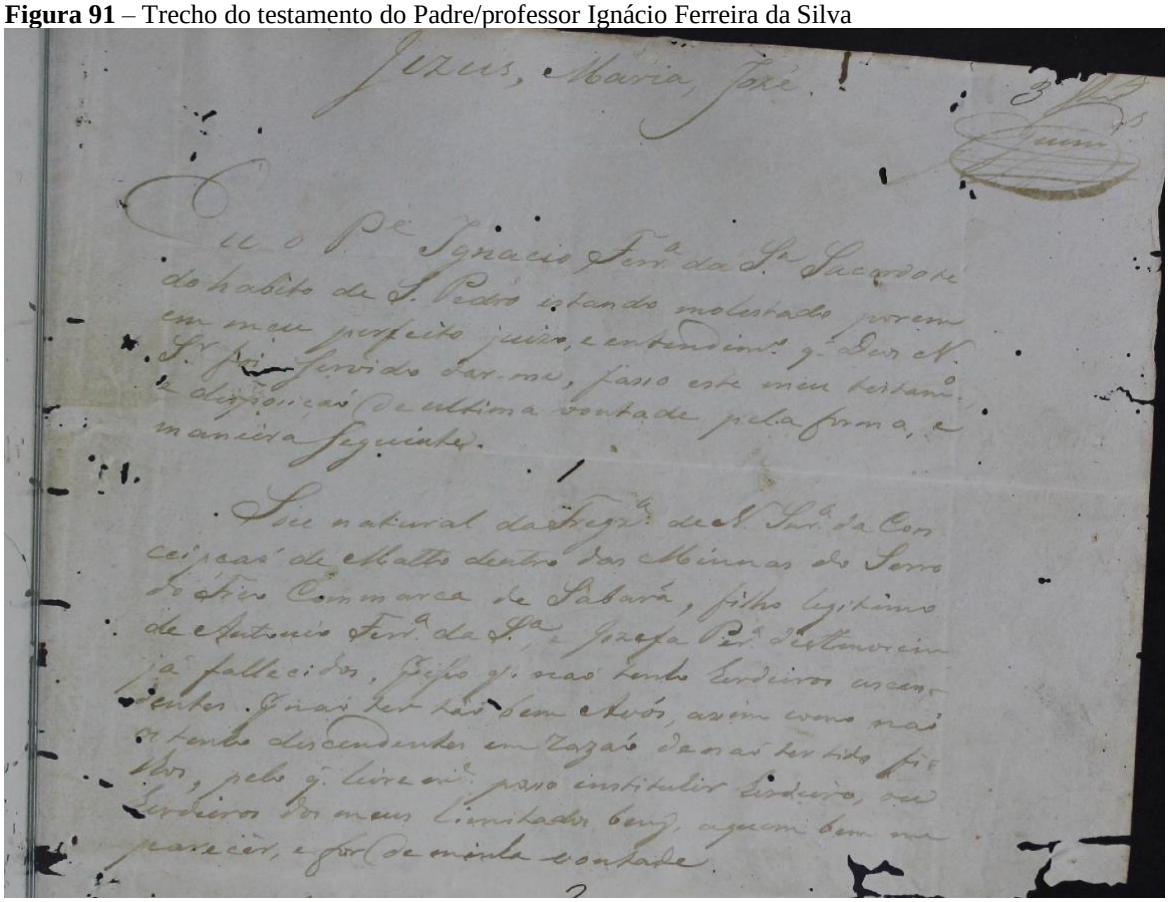
O fato é que coexistiram, na Bahia, da mesma forma que no resto do Brasil, conforme Vasconcellos (2004) e Farias Filho (2011, p. 58), a rede de escolarização estatal e as aulas particulares, que aconteceram de diferentes maneiras. Sabendo que Inocêncio Pinheiro teve sua inserção no mundo das letras por meio de aulas particulares, é importante reconstituir a vida dos professores, como e onde essas aulas eram ministradas e o que se aprendia.

Rastrear pistas que nos conduzissem à elaboração do perfil dos mestres de Inocêncio não foi tarefa simples. Sobre o primeiro professor – Tomás José da Costa –, sabemos, por Santos Filho (2012, p. 38), que era um professor particular e que devia morar em Caetité. A partir dessa informação, partimos para o Arquivo Público da referida cidade, e tentamos, pelo nome, localizar novos dados, mas não obtivemos sucesso. Procedemos de igual forma no Arquivo Público do Estado da Bahia, consultando inventários e processos, porém sem êxito. Como última tentativa, sabendo que, na época, muitos padres foram agentes da alfabetização na colônia, realizamos uma consulta no livro *Os Segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia,* de Cândido da Costa e Silva, com o intuito de verificar se Tomás José da Costa não era um sacerdote que ministrava aulas particulares e mais uma vez não obtivemos resposta. O que descobrimos, portanto, é que Inocêncio e Alexandre frequentaram sua escola, e o assentamento de Pinheiro Pinto, no *Livro de Razão*, era, certamente, para posterior acerto de contas.

Em relação ao segundo professor – Ignácio Ferreira da Silva – mencionado no Livro de Razão, Santos Filho (2012, p. 38) diz que, provavelmente, residia no povoado de Bom Jesus do Campo Seco, mais tarde renomeado para Bom Jesus dos Meiras. Como o povoado pertenceu, inicialmente, a Rio de Contas e, a partir de 1810, a Caetité, começamos a busca, pelo nome, no Arquivo Público de Caetité. As primeiras informações obtidas coincidiam com os dados fornecidos por Santos Filho (2012), por essa razão continuamos o processo de investigação com o foco em teses e dissertações sobre a região do Alto Sertão.

Nesse percurso, localizamos a dissertação de Moisés Amado Frutuoso que estudou as manifestações antilusitanas, entre 1822 e 1823, na vila de Rio de Contas, durante o processo de ruptura entre o Brasil e Portugal. Frutuoso (2015, p. 61) apresenta informações muito importantes que colaboraram para ampliar o perfil desse professor citado por Antônio Pinheiro. Tomamos, então, conhecimento que Ignácio Ferreira era residente em Rio de Contas, tinha uma atuação política intensa na vila, além de ministrar aula de Gramática Latina. Com esses dados, concentramos a pesquisa no Arquivo Público de Rio de Contas, localizamos o inventário e o testamento do mestre Ignácio Ferreira da Silva que, mesmo apresentando dificuldade para a leitura de muitas páginas, em virtude da tinta fraca, nos permitiu descobrir que ele era natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Matto Dentro das Minas, Comarca de Sabará, era filho de Antônio Ferreira da Silva e Jozefa Pereira de Amorim e faleceu em 1836, como podemos ler nos trechos extraídos do seu testamento abaixo (cf. figura 91).

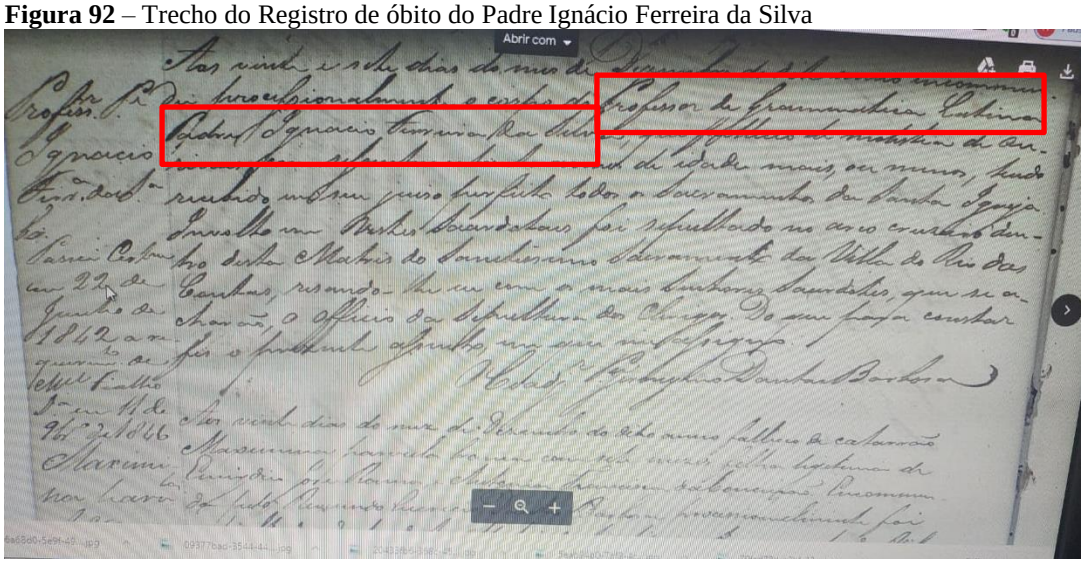
Figura 91 – Trecho do testamento do Padre/professor Ignácio Ferreira da Silva



Fonte: Arquivo Público de Rio de Contas/ Foto: Gardênia Chaves

Não foi possível precisar a data de nascimento do padre Ignácio, porém a consulta feita no registro de óbito da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, em Rio de Contas, por Gardênia Maria da S. Chaves, funcionária do Arquivo da cidade que, gentilmente, fotografou e nos enviou o fac-símile do documento, indica que o referido padre morreu com “sessenta e tantos anos de idade, mais ou menos” (cf. figura 92).

Figura 92 – Trecho do Registro de óbito do Padre Ignácio Ferreira da Silva



Fonte: Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento Foto: Gardênia Chaves

De posse dessa informação e sabendo que o sacerdote faleceu em 1836, vitimado por uma moléstia, foi possível inferir que o seu nascimento se deu entre 1770 e 1775.

Caracterizado o perfil dos professores do terceiro senhor do Campo Seco, ainda que algumas lacunas tenham ficado em aberto, o passo seguinte é apresentar os indícios sobre onde e como as aulas aconteciam. Inocêncio teve aulas com professor particular itinerante, com o chamado mestre-escola ou com preceptor?

As informações do *Livro de Razão* não são específicas em relação a esse aspecto. Nas duas ocorrências, Antônio Pinheiro escreve “En traraõ naes cola de Tomas Jozé daCosta” e “Entrou meu filho no estodo do Mestre Ignácio Ferreira da Silva”. Observe que o segundo senhor emprega o verbo “entrar” na escola e no estudo, não dá mais detalhes se os meninos iam à casa dos mestres ou se os metres iam até a fazenda.

Se interpretadas, literalmente, as palavras de Pinheiro, poderíamos afirmar que o modelo adotado no Campo Seco era o do Mestre-escola, contexto no qual o aluno ia a casa ou ao local onde o professor ministrava as aulas. Entretanto, diante do poder econômico de Pinheiro, parece mais aceitável que o professor particular foi contratado para dar aulas, na fazenda do Campo Seco, reproduzindo uma prática muito comum da elite, no período em

análise, que continuou com Exupério Pinheiro, filho de Inocêncio, anos mais tarde. Relata Santos Filho (2012, p. 59) que o neto de Antônio Pinheiro, para garantir a educação de seus 9 filhos, contratou um professor e um sacerdote, que iam à fazenda, pela manhã, ministrar as aulas aos meninos e meninas, indistintamente, em um quarto do sobrado que foi transformado em sala de aula.

Outro aspecto importante é refletir sobre os conteúdos que eram ensinados na época. Ao discutir sobre o letramento em sua família, Anna Ribeiro Goes Bittencourt (1992) nos oferece informações sobre o assunto, quando escreve sobre seu avô, Pedro Caetano. Diz a autora:

> Aos dez anos foi que Pedro Caetano determinou dar aos sobrinhos um mestre de primeiras letras, a quem foi recomendado não tocasse no menino. Imagino quanto isso não custou àquele mestre, costumado, como era então usual, a fazer entrar o alfabeto à força de palmatoadas na cabeça das pobres crianças! Dotado de entendimento claro e memória fácil, **o menino em pouco tempo aprendeu a ler, escrever e contar – as quatro espécies de conta –, o quanto era necessário a um moço rico que não precisava viver do que aprendera. Tal era a teoria em voga entre os proprietários rurais** (v. 1, p. 24-25)[21]

O relato evidencia não só as práticas metodológicas de ensino empregadas na época, mas também o conteúdo ensinado aos primos de Anna Ribeiro pelo mestre de primeiras letras contratado por Pedro Caetano. Fica claro, pelos registros da autora, que aprender a ler, escrever e contar eram os conhecimentos necessários a uma pessoa rica que não precisaria viver do que aprendeu, na perspectiva dos grandes proprietários rurais, no século XIX.

No Campo Seco, pelo que descobrimos sobre os professores que por lá atuaram, inferimos que Inocêncio teve acesso aos estudos de primeiras letras aos 7 anos com o professor Tomas Jozé da Costa, aprendendo, nesta primeira etapa, leitura, escrita e contas. Posteriormente, aos 15 anos, ingressou nas chamadas Aulas de humanidades com o Padre e professor de Gramática Latina Ignácio Ferreira da Silva, momento em que teve acesso aos conhecimentos de Latim, concluindo, então, o período dos Estudos Menores, conforme Stephanou e Bastos (2005, p. 182).

Acreditamos que Antônio Pinheiro, apesar de não identificar informações específicas sobre seu processo de escolarização, estudou tanto quanto o seu filho, já que, conforme Santos Filho (2012), o segundo senhor do Campo Seco permitiu que Inocêncio aprendesse os mesmos conhecimentos a que ele teve acesso, na infância, “conhecimentos

[21] Grifos nossos.

então em voga e ministrados à maioria dos jovens estudantes: ler, escrever, contar, rudimentos de religião e latim" (SANTOS FILHO, 2012, p. 38). Porém, cabe aqui uma inferência: pelo que se conhece de Antônio Pinheiro e as particularidades que o tornam um homem singular, no sertão da Bahia oitocentista, é mais viável acreditar que tais conhecimentos eram o que ele considerava necessários para que o filho conseguisse administrar os negócios da família, e não o fato de serem descartáveis à sobrevivência de um menino rico, como pensava a maioria dos proprietários rurais da época.

Não há, entre as anotações de Pinheiro Pinto, referências ao ensino de primeiras letras à sua filha, Zeferina. Santos Filho (2012, p. 38) comenta que, "como antigamente a mulher não recebia instrução, nem mesmo a mais elementar, permanecendo sem saber ler e escrever, dedicada somente aos deveres e às obrigações domésticas", somente ao menino foi concedido o direito de estudar. A pesquisa sobre as mulheres da família ainda revelou que, anos antes, Ana Francisca da Silva, avó de Inocêncio e Zeferina, não teve acesso à escolarização. A condição de analfabeta da mulher do primeiro senhor do Campo Seco está registrada em seu testamento, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

> "[...] Por esta forma tenho feito o presente testamento que quero que valha e tenha força de Lei; vai escrito por Manuel Germano da Mota, que depois de lido aliás depois de escrito foi lido pelo Reverendo Vigário Sabino Gomes de Azevedo e pelo achar na forma que ditei **pedi ao mesmo Reverendo Vigário por mim assinasse por eu não saber escrever**. Bom Jesus do Campo Seco, 17 de Agôsto de 1834. **Assina a rogo de Ana Francisca da Silva, o vigário Sabino Gomes de Azevedo**." (SANTOS FILHO, 2012, p.15)[22]

A delegação da assinatura materializa a condição de Ana Francisca enquanto mulher analfabeta no sertão. A respeito desse assunto, Coulmas (2014, p. 94) destaca que, historicamente e em todos os lugares, as mulheres sempre estiveram em grande desvantagem em relação aos homens, e esse contexto também se repete quando o assunto é o letramento. O autor explica que essa desigualdade se acentua mais ainda em regiões menos desenvolvidas, com maior predominância nas áreas rurais. A constatação de Coulmas (2014) é ratificada pelo contexto não só do Campo Seco, mas também por dados de outras regiões da Bahia, no século XIX.

Ao estudar os níveis de alfabetismo em Santana do Campo Largo, oeste da Bahia, entre os anos de 1858 e 1859, Silva (2015) mapeou o conjunto de 324 declarações de terras, produzidas no âmbito da Lei de 1850, por 263 pessoas. Desse total, 56 mulheres

[22] Grifos nossos.

aparecem declarando suas posses, sendo que apenas 14 assinam o próprio nome, indicando um total de 75% de analfabetas pela análise dos dados da documentação.

A discussão acerca da educação na região do Campo Seco revelou que, na Bahia, aconteceram os mesmos problemas que ocorriam nas demais províncias: a falta de professores e aulas, a coexistência de aulas régias e particulares, falta de investimento no ensino elementar de meninas, os problemas com o subsídio literário e o atraso nos ordenados de professores, além da demora em nomear substitutos para as cadeiras vagas. Esses fatores contribuíram para não se estabelecer uma educação verdadeiramente inclusiva, capaz de promover mudanças significativas na vida de uma população que pouco tinha para sobreviver e, portanto, não poderia investir, como os grandes proprietários rurais, no acesso ao conhecimento. Tal contexto garantiu, então, que a população pobre permanecesse presa a um sistema que se acostumou a perpetuar permanências, para garantir a continuidade de ciclos injustos, marcados pela dependência nas diversas esferas do poder, seja na área rural ou na área urbana.

4.4.2 A difusão da escrita nos domínios do Campo Seco

Além dos registros de dívidas que motivaram a escrita no Campo Seco, a observação dos assentamentos de Pinheiro Pinto, que registra o contexto das diversas áreas em que atuava, fornece outras pistas sobre a circulação do escrito na fazenda, indicando, também, o que se lia neste espaço.

Nas páginas 121, 122 e 123, Pinheiro Pinto copiou integralmente os textos de sua nomeação no posto de Capitão do Regimento de Milícias de Rio de Contas, além dos termos de posse e juramento. Esses registros revelam a presença de textos oficiais na fazenda, destacando, ainda, a importância do 2º senhor, na região. Outros textos que fizeram parte do contexto rural do Campo Seco foram os manuais médicos.

Pinheiro Pinto anota no Livro de Razão algumas receitas para curar doenças como gonorreia “Remedio p*ar*a curar Gonorrea ”e feridas gálicas “Receita para curar feridas gálicas” (fólio 124v). Tais assentamentos indicam que podem ter circulado na fazenda manuais médicos, que serviram de base para as anotações de Pinheiro Pinto.

O comércio realizado pelo 2º senhor, as transações financeiras e a construção do sobrado, que durou 4 anos, também revelam que outros gêneros textuais circularam no espaço da fazenda. Em relação ao comércio, Pinheiro Pinto vendia fiado para os

funcionários que moravam na fazenda, a exemplo dos feitores, e para os tropeiros, que pernoitavam no Campo Seco, e tinham as contas ajustadas pelos patrões posteriormente. Além disso, Pinheiro Pinto atuava como fiador e emprestava dinheiro. Anotações desse tipo são encontradas frequentemente no Livro de Razão, o que pode sugerir a produção de recibos, listas de compras e bilhetes.

Outros contextos captados nos assentamentos de Pinheiro Pinto sugerem a existência de textos jurídicos e textos técnicos no Campo Seco. A construção do sobrado requisitou a contratação de profissionais de áreas diversificadas. Destaca-se, entre eles, o "Ciência", mencionado na página (99, l.15) do *Livro de Razão*. Certamente, da lavra desse profissional, surgiram textos técnicos. Encontramos duas anotações sobre o pagamento de um advogado (193r, l.6) e um tabelião (90, l.13), responsáveis por uma demanda judicial, o que pode ter provocado a circulação de textos como procurações, intimação etc.

Os professores que atuaram no Campo Seco, certamente, foram responsáveis pela difusão de textos de cunho didático na fazenda. Embora não tenham sido encontrados registros nesse sentido, acreditamos que, através desses agentes da escolarização, um conjunto de textos variados tenha circulado na fazenda, ainda que o acesso fosse restrito às dependências do sobrado ou ao local específico onde aconteciam as aulas. Para além dos exemplos mencionados, é possível falar dos textos litúrgicos, já que, no *Livro de Razão*, são encontrados registros de realização de batizados, casamentos e missas, contextos que mobilizam o uso desses textos e da Bíblia.

Santos Filho (2012), nos apêndices do livro *Uma comunidade Rural do Brasil antigo*, apresenta exemplos de outros documentos encontrados no arquivo dos senhores do Campo Seco. Há o testamento de Ana Francisca da Silva, avó de Inocêncio, o traslado dos privilégios concedidos aos Familiares do Santo Ofício, cargo ocupado por Miguel Lourenço de Almeida, 1º senhor do Campo Seco, cartas de políticos eminentes, certidão de batismos, receitas de doces e vinhos, a lista de família do recenseamento do censo de 1872 etc.

4.5 SINTESE DA SEÇÃO

Apresentamos, nesta seção, um conjunto de informações com a intenção de revelar os aspectos da vivência, no sertão da Bahia oitocentista. O percurso adotado, para isso, foi a instrumentalização do texto editado, que nos ofereceu indícios do microcosmo do sertão

pela escrita dos senhores do Campo Seco, pois acreditamos, assim como nos ensina Barreiros (2017, p. 391), que o texto "[...] é testemunho da experiência humana, forjado no cotidiano e se relaciona com práticas sociais peculiares de sujeitos historicamente constituídos."

O texto escrito pelos senhores do Campo Seco representa um testemunho de vários aspectos do sertão baiano. Por ele e pelas relações comerciais realizadas na fazenda, foi possível vislumbrar alguns perfis sociais que, certamente, compunham a estratificação social da região, onde fazendeiros, como Antônio Pinheiro Pinto, desempenhavam funções de grande relevância.

Foi possível verificar que o segundo senhor do Campo Seco assumiu papel de destaque em diversas áreas, pois administrava a fazenda e os bens de outros membros da família, realizando empréstimos e pagamentos, controlando o comércio de seu armazém, além de se envolver com questões de caridade, dando esmolas para a construção da igreja da matriz, por exemplo. Além disso, preocupou-se com questões familiares, ao realizar o casamento dos filhos e garantir-lhes o dote para a continuidade de sua parentela.

A vida comercial da fazenda também revela dados valiosos para se conjecturar tal prática no Alto Sertão da Bahia. O segundo senhor foi um exímio comerciante, vendeu produtos variados – de mercearia a tecidos e botões –, abastecendo os empregados assalariados, tropeiros e moradores próximos.

A relação com a escravidão é outro aspecto da fazenda do Campo Seco que serve para uma visão microcósmica da região. Pinheiro Pinto tinha uma quantidade de escravos que o colocava entre os grandes senhores, conforme Santos Filho (2012). Ele comprou e alugou escravos, permitindo-nos, pelos seus escritos, compreender as possíveis origens dos cativos de sua fazenda e fornecendo pistas para a compreensão do comércio que vigorou na região, com base em estudos sobre o assunto já existentes. Notamos também como a questão da liberdade foi tratada na fazenda, com destaque para a compra de alforria pelo próprio escravo, que se utilizava do pecúlio, obtido por meio de trabalho remunerado, do qual tinha direito a uma parte ou, ainda, pela compra da liberdade por terceiros.

Na área educacional, Pinheiro Pinto não fugiu à regra do que era comum à época. Preocupou-se em garantir ao seu filho – Inocêncio – o acesso aos conhecimentos básicos da época, contratando professores para executar tal função. Seus escritos abriram caminhos para uma abordagem sobre a situação das aulas régias na Bahia, ao se buscar construir o perfil dos mestres contratados para atuar na fazenda, indicando a coexistência de diferentes

formas de penetração e difusão da língua escrita no interior da província, da mesma forma que ocorria em outros locais do país.

Isso posto, concluímos que as fontes escritas oriundas de classes dominantes, quando lastreadas por uma base teórica capaz de dialogar com outras áreas do conhecimento, podem representar uma oportunidade de se aproximar a "lupa" para experiências individuais e localizadas, como é o caso dos senhores do Campo Seco, com o objetivo de se vislumbrar as vivências de uma época.

5

"PELAS MÃOS SE FAZ A ESCRITA": DA DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA AOS INDÍCIOS DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA

Iniciamos a discussão desta seção retomando a explicação de Gladis Massini-Cagliari que, no primeiro volume do livro *Ciência da linguagem*: o fazer científico?, organizado por Adair Vieira Gonçalves e Marcos Lúcio de Sousa Góis, é convidada a responder a seguinte pergunta: o que é fazer pesquisa em Linguística Histórica? Ao longo da resposta, a autora específica que o objetivo principal do especialista em Linguística Histórica é:

> [...] a busca, no passado, de evidências que possam explicar os fatos presentes da língua. Não se trata apenas de hedonismo, de ficar em êxtase, descobrindo e contemplando como soavam as consoantes, as vogais, qual era a cadência de nosso ritmo, imaginando "ecos sonoros do passado". (MASSINI-CAGLIARI, 2012, p. 272).

A resposta da autora, no início de sua fala, revela, ainda que de forma implícita, meios para quem deseja explicar os fatos presentes da língua espelhando-se no passado. A partir de sua afirmação, dois aspectos importantes são postos em destaque: o primeiro leva-nos a refletir sobre o fato de que somente através de textos escritos de tempos pretéritos é possível vislumbrar a materialização da língua de nossos antepassados. Desse modo, o pesquisador precisará de um texto, cuja edição seja a mais conservadora possível. Digo vislumbrar, porque é importante ter a consciência de que, como bem lembra Silva Neto (1979, p. 77), "a língua falada não se deixa fotografar, móvel e flutuante que é." Logo, o que se faz com a análise dos testemunhos escritos de épocas passadas é entrever os vestígios de uma possível realização linguística. Pode parecer, a partir dessa ótica, que tal abordagem, portanto, não teria muita utilidade. Ledo engano, quando não se tem outro

recurso para se recuar e capturar “flashes” sincrônicos de nossa língua, no tempo e no espaço.

O segundo aspecto recai sobre a necessidade de se conhecer a história da língua com a qual se está trabalhando, a fim de não se cometer leituras equivocadas no processo de preparação do texto, de onde se extrairão os dados linguísticos. Quando mencionamos a ideia de conhecer a história da língua, significa entender o funcionamento de sua estrutura interna e as suas possíveis mudanças ao longo do tempo, mas também compreender os fatores socioculturais e os vestígios da história que essa língua compartilhada pela vida social carrega consigo. Essa interface justifica-se, pois, conforme ensina Martin (2003, p. 136) “[...] a história de uma sociedade, de sua cultura, de suas mentalidades, é indissociável da história de sua língua: a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum.”.

Se a vida social supõe o compartilhamento de uma língua, e se essa língua é vista como a representação da história de seus utentes, o texto escrito oferecerá importantes e variadas informações sobre as realidades vividas em diferentes momentos do tempo e do espaço. Nesse contexto, explica Lass (1997, p. 45) que a escrita de um texto pode revelar:

> [...] the nature of writing systems in general and their representational possibilities, direct phonetic and other kinds of evidence for the meaning of hraphs in early texts, the historical implications of the general conservatism of writing systems in the face of change, the use of metrical and rhyme evidence, the testimony of premodern grammarians and photeticians, the problems raised by word-division and other conventions, and the use of certain source-types like glossaries and interlinear translations. (LASS, 1997, p. 45)[23]

Dos itens elencados por Lass (1997), esta seção apresentará uma descrição indiciária das representações grafemáticas e dos aspectos fonéticos do século XIX, presentes na produção gráfica dos senhores do Campo Seco. Para referendar a descrição proposta, utilizaremos gramáticas, dicionários, periódicos e um conjunto de cartas produzido por quatro ilustres letrados, três baianos e um carioca. Acreditamos que o confronto dos dados, oriundos dos punhos dos senhores do Campo Seco, no sertão da Bahia oitocentista, com os modelos de escrita que circulavam nas esferas de prestígios da

[23] [...] a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação; o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos; a implicação histórica do conservantismo dos sistemas de escrita face às mudanças, o uso das evidências métrica e rítmica, o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos, os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções, o uso de algumas fontes como glossários e transcrições interlineares (LASS, 1997, p. 45). Tradução nossa.

época, pode nos indicar o alcance dessas normas nos locais mais afastados dos centros urbanos.

Considerando esses fatores, dividimos esta seção em duas subseções: na primeira, apresentamos a descrição grafemática dos punhos dos senhores do Campo Seco, seguida de uma comparação com textos modelares da época, bem como um breve estudo das abreviaturas. Na segunda subseção, descrevemos os índices grafofonéticos encontrados no *corpus* e os comparamos com os modelos metalinguísticos da época, além de estabelecer um paralelo com resultados obtidos por outros autores, que também se dedicaram ao estudo de fatos de língua por meio da análise de textos escritos de sincronias passadas.

5. 1 A MORFOLOGIA DAS "MÃOS" DOS *SCRIPTORES*: DESCRIÇÃO INTRÍNSECA

Antes de partir para a coleta de dados sobre quaisquer aspectos referentes aos produtos dos punhos de quem escreveu no passado, é necessário confirmar se o texto que se está analisando é, de fato, de autoria material dos indivíduos selecionados. O percurso, para isso, é a realização da descrição intrínseca de cada *scriptor*. Sobre esse procedimento, ensina Lose et al (2009, p. 47):

> Características intrínsecas são definidas aqui como aquelas características ainda não ligadas à "língua", mas sim às peculiaridades "ortográficas" de cada scriptor. É importante fazer uma ressalva para o fato de que "ortografia", neste contexto, não deve ser pensada como a escrita correta, mas sim como a forma de escrever e de dispor e combinar os grafemas, criando, desta forma, fatos linguísticos a serem analisados. (LOSE et al, 2009, p. 47)

Nesta etapa, fica evidente que o foco é a descrição dos grafemas utilizados pelos *scriptores*, as diferentes maneiras de organizá-los, as flutuações gráficas e os pormenores da execução caligráfica, pois são esses fatores que constituirão os fatos linguísticos (LOSE et al, 2009, p. 47). Devem-se, portanto, ser observados os seguintes elementos constituintes da escrita que nos interessam para este estudo: morfologia, ângulo, *ductos*, módulo, peso e ligaduras.

A morfologia representa a forma, o aspecto exterior das letras. O ângulo está relacionado à posição do instrumento de escrita em relação à linha. Chamamos de *ductus* a ordem de sucessão e o sentido de execução dos traços que formam a letra. Quando a análise busca informar a altura e a largura das letras, temos o módulo, ou seja, a dimensão da forma. O peso, dependendo do suporte e do instrumento utilizado para escrever, indica se o traçado da escrita tem a natureza grossa ou fina. Por fim, temos as ligaduras, que são

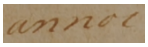
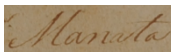
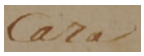
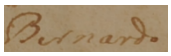
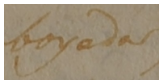
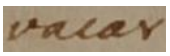
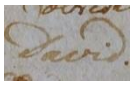
os traços que ligam as letras (CONTRERAS, 1994, p. 47-53).

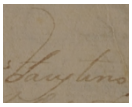
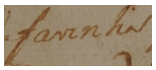
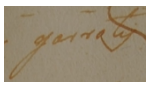
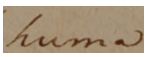
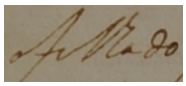
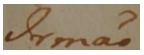
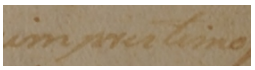
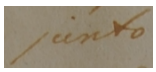
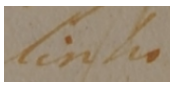
5.1.1 Configuração da "mão" de Antônio Pinheiro Pinto

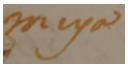
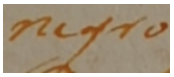
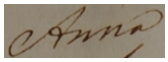
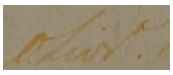
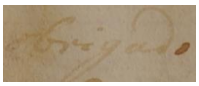
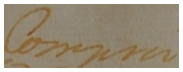
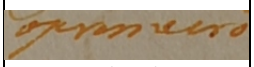
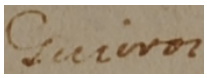
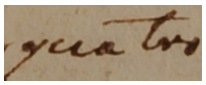
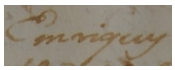
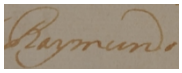
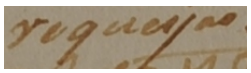
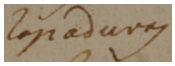
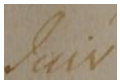
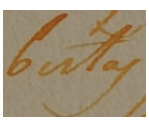
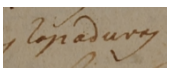
O *Livro de Razão* do Campo Seco foi iniciado por Antônio Pinheiro Pinto em 1795. Trata-se de um manuscrito, cuja mancha gráfica apresenta uma estrutura variada, tendo fólios/páginas com até 47 linhas organizadas linearmente, em colunas ou em forma mista, como já demonstramos na seção 3.

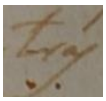
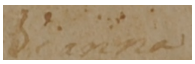
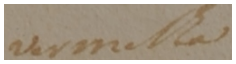
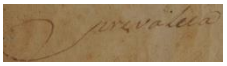
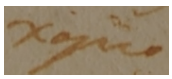
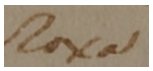
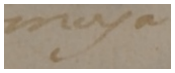
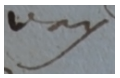
Da lavra de Antônio Pinheiro Pinto, foi possível elaborar o quadro scriptográfico a seguir.

Quadro 23 – Quadro scriptográfico de Antônio Pinheiro Pinto

Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	**A**gosto [p.0, L. 7]	 **a**nnos [p.0, L. 7]	 Ma**na**ta [p.0, L. 6]	 caz**a** [p.0, L. 6]
B	 **B**ernardo [p.0, L. 11]	 **b**oyada [p.8, L. 12]	o**br**as [p.0, L. 13]	Sem ocorrências
C	**C**oartas [p.2, L.10]	**c**redito [p.13, L.7]	 va**c**as [p.4, L.15]	Sem ocorrências
D	**D**eve [p.11, L.9]	**d**uas [p.4, L.15]	ALgo**d**aõ [p.21, L.3]	 Davi**d** [p.7, L.18]
E	**E**uzebio [p.16, L.12]	**e**stao [p.50, L.10]	P**e**dro [p.21, L.9]	Joz**é** [p.21, L.1]

F	 **F**eLix [p.5, L.6]  **F**aus tino [p. 79, L.19] **F**arinha [f.193r, L.1]	 **f**arinha [p.2, L.12]	 AL**f**eres [p.29, L.10]	Sem ocorrências
G	 **G**omes [p.33, L.5]	 **g**arrotes [p.40, L.4]	 obri**g**ou [p.29, L.11]	Sem ocorrências
H	 **H**onofre [p.111, L.25]	 **h**uma [p.7, L.13]	 Pin**h**eiro [p.13, L.1]  afil**h**ado [p.102, L.14]	Sem ocorrências
I	 **I**rmaõ p.13, L.1	 **i**m pres timo [p.7, L.22]	 P**i**nto [p. 13. L.1]	 hoj**i** [p. 79, L.8]
J	 **J**ozé [p. 79, L.1]	 **j**unto [p. 32, L.2]	 ad**j**untos [f.125r, L14]	Sem ocorrências
K	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
L	 **L**ourenco [p. 79, L.2]	 **l**inho [p. 31, L.24]	 ca**l**ças [p. 11, L. 27]	 Abri**l** [f.125v, L.18]

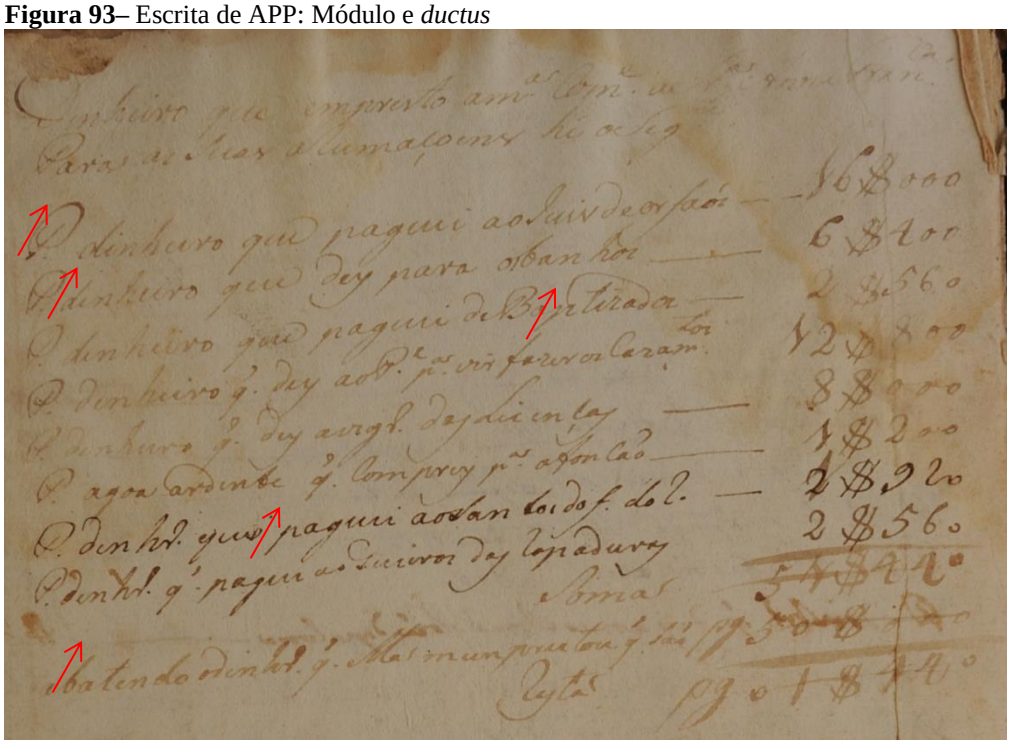
M	 **M**eira [p.31, L.23]	 **m**eya [p. 31, L.9]	 Pri**m**o [p.31, L.23]	 Bo**m** [p. 101, L.3]
N	 **N**asci**m***en*to [p.118, L.20]	 **n**egro [f.123v, L.18]	 A**nn**a [p.110, L.2]	 hu**n** [p. 67, L.26]
O	 **O**Liv*ei*ra [p.52, L.21]	 **o**brigado [p.7, L.2]	 C**o**mprei f.123v, L.1]	 oprimeir**o** [f.123v, L.1]
P	 **P**intor [p. 103, L.1]	 **p**intar [p. 103, L.2]	 Cam**p**o [p.107, L.4]	Sem ocorrências
Q	 **Q**ueiros [p.6, L.10]	 **q**ua tro [p.7, L.14]	 Emri**q**ues [p. 68, L.1]	Sem ocorrências
R	 **R**aymundo [p. 15, L.17]	 **r**equeijao [p.96, L.15]	 Rod**r**igo [p.102, L.2]	 pinta**r** [p. 103, L.2]
	 **R**apaduras [p.6, L.10			
S	 **S**obrado [p. 103, L.5]	senhor	 e**s**cravos [f.182v, L.3]	 Jui**s** [p.6, L.3]
	 Saber [p.103, L.7]		 b e**s**tas [p.182v, L.16]	 Rapadura**s** [p.6, L.10]

T	**T**heriza [f.182v, L.14] p.116	 **t**rás [p.56, L.2]	mula**t**a [f.182v, L.13]	Sem ocorrências identificadas
U	Sem ocorrências identificadas	Sem ocorrências identificadas	**Ju**nho [f.191r, L.1]	me**u** [p.50, L.1]
V	 **V**ianna [fg, L.8]	 **v**ermelha [p.51, L.7]	 pre**v**aleça [fg, L.3]	Sem ocorrências
W	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
X	**X**aves [p.18, L.1]	 **x**apeo [p.33, L.7]	 Ro**x**a [p. 27,L.23]	Feli**x** [p.5, L.6]
Y	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 me**y**a [p.49, L.21]	 va**y** [p.60, L.2]
Z	**Z**efirina [p.61, L.17]	Sem ocorrências	Eu**z**ebio [p.99, L.17]	F*ernande***z** [p.30, L.1]

Fonte: Produzido pelo autor

Em relação à morfologia das letras e aos *ductus*, percebemos que as letras de Antônio Pinheiro Pinto são, em geral, pequenas e bem executadas (cf.figura 93). Os traçados (ductus↗) são levemente inclinados para a direita, com algumas particularidades nas hastes de grafemas específicos como <d>, <j>, <s> longo, que serão mencionadas adiante.

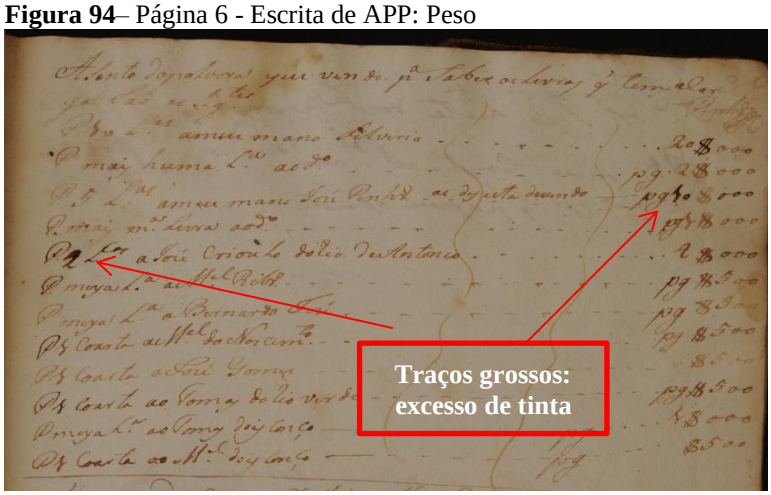
Figura 93– Escrita de APP: Módulo e *ductus*



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

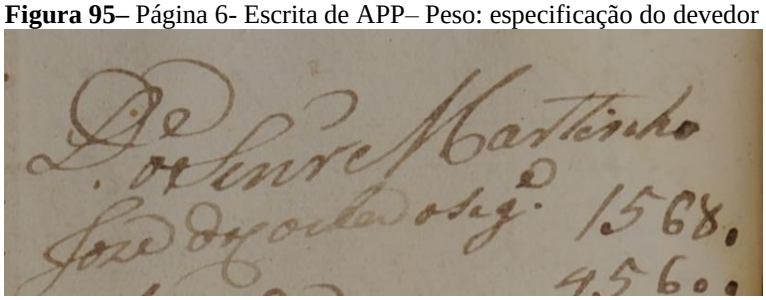
Quanto à análise do peso, os grafemas de Pinheiro Pinto apresentam, de forma majoritária, traços finos, mas, a depender da qualidade do instrumento utilizado para a escrita e da quantidade de tinta utilizada, é possível encontrar traços mais grossos (cf. figura 94). Outra possibilidade de localizarmos grafemas com traços grossos é quando o scriptor os executa assim propositalmente para demarcar assentamentos de pessoas específicas (cf. figura 95).

Figura 94– Página 6 - Escrita de APP: Peso



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

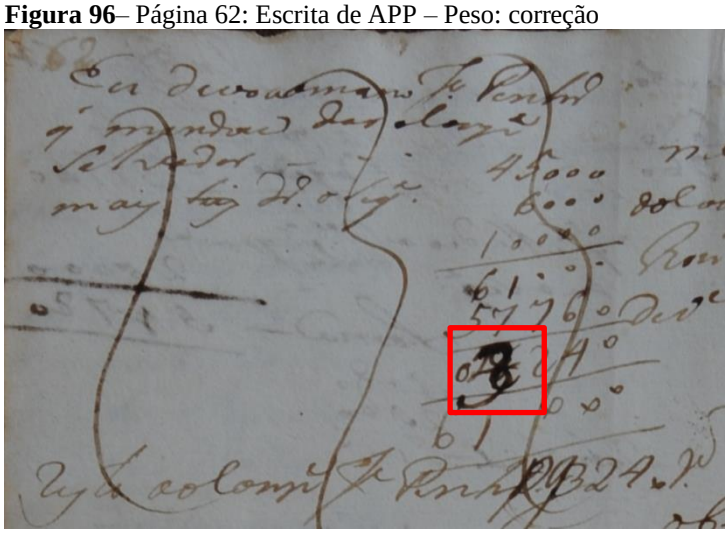
Figura 95– Página 6- Escrita de APP– Peso: especificação do devedor



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Alguns módulos se mostram mais grossos, também, quando há a tentativa de fazer a correção de informações ao longo do texto.

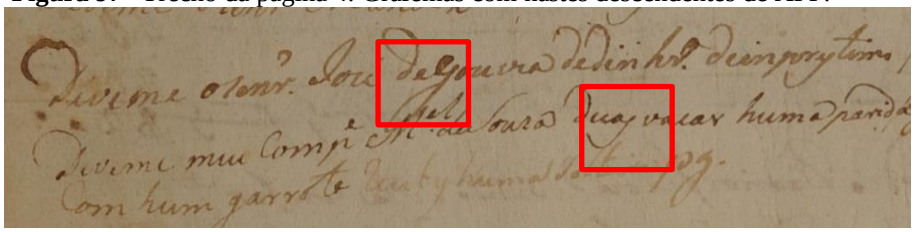
Figura 96– Página 62: Escrita de APP – Peso: correção



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

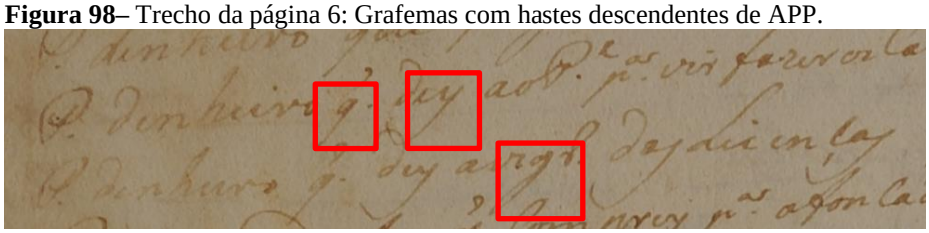
Quanto ao ângulo, é preciso atenção em relação aos grafemas minúsculos com hastes descendentes (<j>, <y>, <g>, <f>, <q>, <p>) e ao <s> longo para que se evite a leitura equivocada dos trechos que estão na parte inferior (cf. figuras 97 e 98).

Figura 97– Trecho da página 4: Grafemas com hastes descendentes de APP.



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

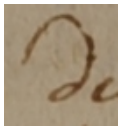
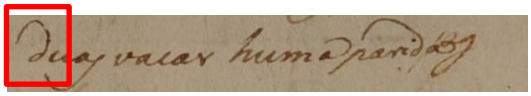
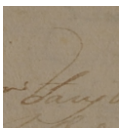
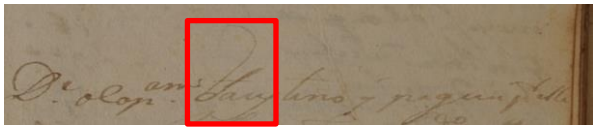
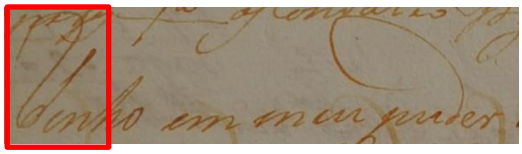
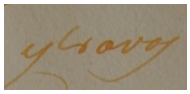
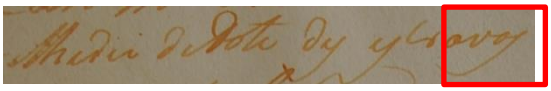
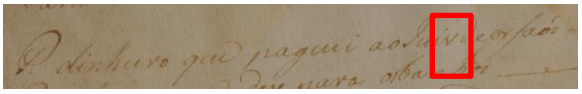
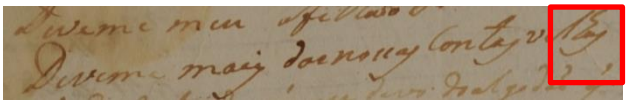
Figura 98– Trecho da página 6: Grafemas com hastes descendentes de APP.

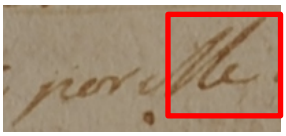
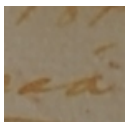
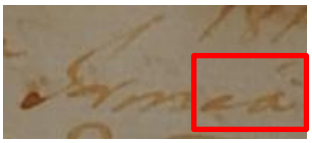
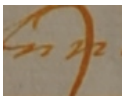
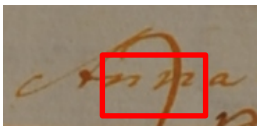


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Outras particularidades na execução grafemática de Antônio Pinheiro merecem destaque. São as seguintes

Quadro 24 – Particularidades da execução caligráfica de APP.

Grafema	Comentário	Exemplos
<d> 	A haste aparece inclinada para a esquerda.	 [p.4, L.9]
<F> 	O traçado do grafema é bem diferente, lembra um <A> maiúsculo de cabeça para baixo.	 [p.79, L.19]
<T>	O traçado do grafema lembra o grafema <F> exemplificado anteriormente. O contexto é essencial para a leitura adequada.	 [p.116, L.23]
 <s>	Há uma variação no emprego do <s> minúsculo. O <s> longo aparece com frequência em diferentes posições nos vocábulos. Em alguns contextos pode ser confundido com o <y>.	 [f.182v, L.3]  [p.6, L.3]
<h>	No dígrafo <lh>, o grafema <h> aparece, na maioria das ocorrências, com esse formato que lembra um <E> maiúsculo cursivo.	 [p.10, L.9]

<ss>	O dígrafo , quando representado por grafemas minúsculos, lembra o grafema <u> minúsculo.	[p.10, L.9]
<ll>	O grafema <l>, quando duplicado, lembra o grafema <M> maiúsculo.	 [p.4, L.8]
<aa> 	A duplicação do grafema <a> ocorre 6 vezes na palavra irmã, o que pode indicar uma dificuldade de marcar a nasalidade nesse contexto.	 [f.124r, L.1]
<nn> 	Duplicação do grafema <n> em algumas palavras.	 [f.126r, L.9]

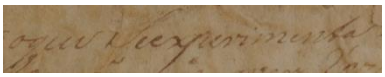
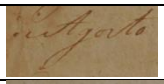
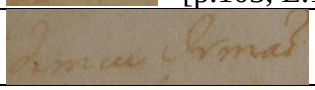
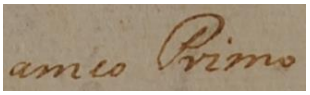
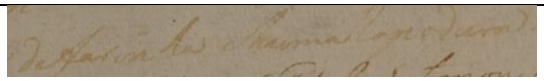
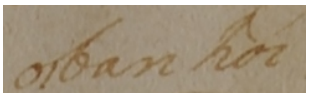
Fonte: Produzido pelo autor

Em relação à segmentação gráfica, há, na escrita de Pinheiro Pinto, trechos grafados separados (hipersegmentação), mas que deveriam estar juntos e trechos unidos (hipossegmentação), que, pela convenção da escrita, deveriam ser separados. Tal contexto indica que, embora o emprego da segmentação gráfica não canônica seja mais recorrente em textos escritos por crianças, em fase inicial de aprendizagem da escrita, é possível verificar tais vestígios em textos de adultos. Marquilhas (2000) e Santiago (2019), por exemplo, comprovaram que as ocorrências da hipersegmentação e da hipossegmentação não convencional em textos de adultos podem ser um indício representativo de que esses sujeitos estão "estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita" (MARQUILHAS, 2000, p. 235), ou seja, são "mãos inábeis".[24]

A amostra que apresentamos aqui, para os casos do uso da hipersegmentação e da hipossegmentação gráfica não convencional dos senhores do Campo Seco está indicada a seguir.

24 É importante lembrar que as referidas autoras, para chegarem a esta conclusão, realizaram estudos mais amplos e lastreados por uma série de fatores.

Quadro 25 – Exemplos de hipossegmentação de APP.

Hipossegmentação	Fac-símile
oque Seexperimenta	 [verso da capa, L.1]
deAgosto	 [p.103, L.10]
demeu Irmaõ	 [p.2, L.5]
Ameo Primo	 [p.2, L.11]
defarinha ehumaRapadura	 [p.2, L.8]
osbanhos	 [p.6, L.4]

Fonte: Produzido pelo autor

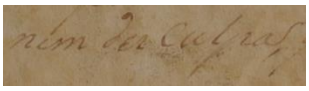
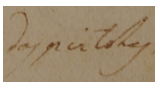
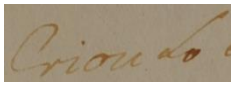
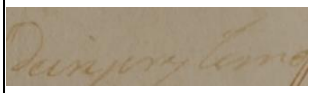
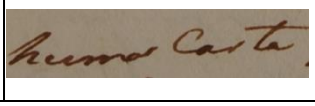
Os dados de hipossegmentação de Antônio Pinheiro ocorrem em contextos de clíticos, ou seja, termos sem força fonética que, em uma estrutura linguística, dependem da palavra vizinha. Bisol (2005, p. 164) explica que, em português, são clíticos os pronomes átonos, os artigos, as preposições e algumas conjunções. Nas ocorrências de Pinheiro Pinto, predominam os casos com preposição e suas contrações. Ao analisar documentos do século XIX, Battisti (2013, p. 19) explica que a hipossegmentação:

> pode ser um indício de que o escrevente não percebe a presença do clítico, a sequência sendo usada como um a unidade lexical (porisso, detarde); ou de que perceba o clítico, mas assinale a dependência (prosódica) do clítico em relação ao hospedeiro (oBarão) (BATTISTI, 2013, p.19).

Pelos exemplos colhidos de Pinheiro Pinto e as ocorrências que se repetem ao longo do *corpus*, identificamos dados que se enquadram nas duas possibilidades apontadas por Battisti (2013). Entretanto, pela frequência das ocorrências ao longo da edição, supomos que Pinheiro Pinto guia-se pela oralidade ao realizar o assentamento das estruturas com a presença dos clíticos. Tal característica pode ser um indício de inabilidade com a escrita, porém, não podemos nos esquecer de que a hipossegmentação também está presente na carta dos remetentes cultos do interior da Bahia (CARNEIRO, 2005). Por esse fenômeno, ainda constatamos a existência de ligaduras em locais específicos na composição estrutural das sentenças.

Os dados de hipersegmentação colhidos do segundo senhor do Campo Seco estão expostos no quadro 26. Pelo que identificamos ao longo da edição, eles podem ser consequência de uma escrita com pouca cursividade, isto é, o escriba levanta a pena várias vezes ao redigir o texto (LOSE; SANTOS, 2018).

Quadro 26 – Exemplos de hipersegmentação de APP.

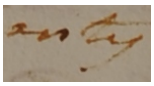
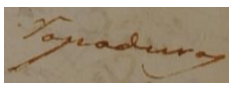
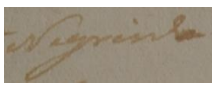
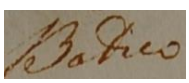
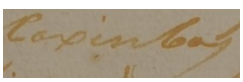
Hipersegmentação	Fac-símile
nem des culpa	 [verso da capa, L.2]
das pis tolas	 [p.7, L.24]
Criou lo	 [p.16, L.9]
deinpres timo	 [p.16, L.12]
huma car ta	 [p.23, L.19]

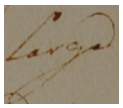
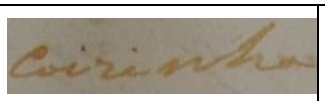
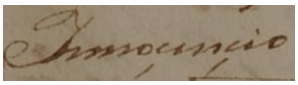
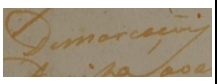
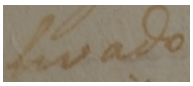
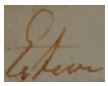
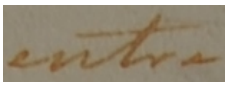
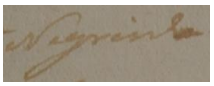
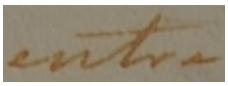
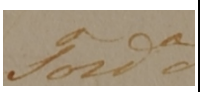
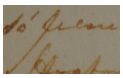
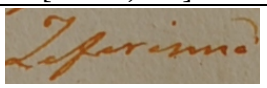
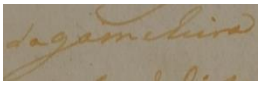
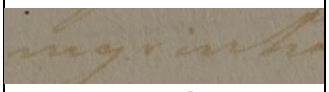
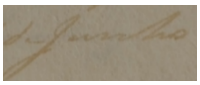
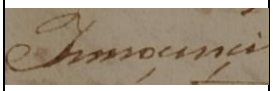
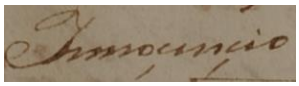
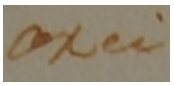
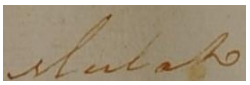
Fonte: Produzido pelo autor

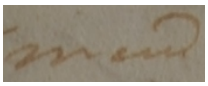
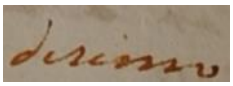
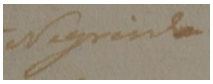
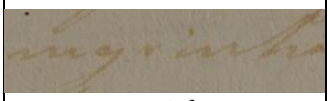
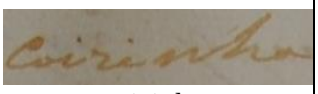
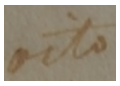
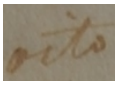
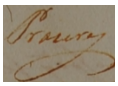
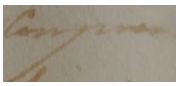
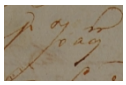
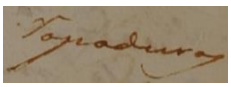
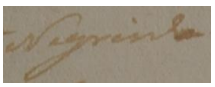
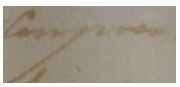
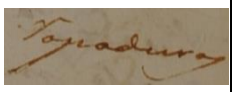
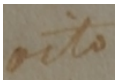
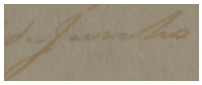
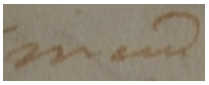
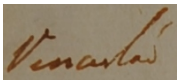
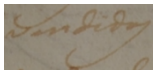
5.1.2 Configuração da "mão" de Inocêncio José Pinheiro Pinto/Canguçu

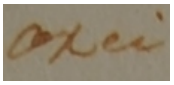
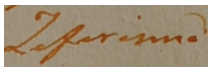
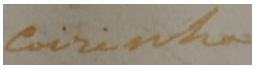
Inocêncio José Pinheiro Pinto, mais tarde conhecido como Inocêncio Canguçu, diferente do pai, Antônio Pinheiro, escreveu bem pouco no *Livro de Razão*. De seu punho, encontramos menos de dez páginas com as anotações que embasam o quadro scriptográfico a seguir.

Quadro 27 – Quadro scriptográfico de Inocêncio José Pinheiro Pinto.

Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	**A**susaõ [f.130v, L.1]	 **a**n tes [f.130r, L.4]	 r**a**p**a**duras [f.130r, L.3]	 Negrinh**a** [f.130v, L.3]
B	 **B**ot[?]co [f.129v, L.4]	**b**aixo [f.130v, L.4]	 Caxin**b**as [f.186v, L.23]	Sem ocorrências

C	 **C**arga [f.129 v, L.5]	 **c**oizinha [f.132v, L.2]	 Inno**ç**en**ç**io [f.130r, L.2]	Sem ocorrências
D	 **D**emarcaçõis [f.182v, L.3]	**d**ona [f.130v, L.9]	 leva**d**o [f.130v, L.4]	Sem ocorrências
E	 **E**steve [f.132v, L.1]	 **e**ntre [f.132v, L.3]	 N**e**grinha [f.130v, L.3]	 entr**e** [f.132v, L.3]
F	 **F**az*en*da [f.132r, L.4]	 **f**icou [f.132v, L.3]	 Ze**f**erinna [f.182v, L.22]	Sem ocorrências
G	**G**omes [f.130r, L.3]	 **g**ameleira [f.186v, L.3]	 ne**g**rinha [f.130v, L.10]	Sem ocorrências
H	Sem ocorrências	**h**oji [f.132v, L.1]	 Jun**h**o [f.130v, L.11]	Sem ocorrências
I	 **I**nnoçençio [f.130r, L.2]	Sem ocorrências	 **I**nnoçen**ç**i**o** [f.130r, L.2]	 axe**i** [f.132v, L.2]
J	**J**oze [f.130r, L.2]	**j**a [f.130v, L.3]	Bre**j**o [f.132r, L.15]	Sem ocorrências
K	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
L	**L**oure*n*co [f.129v, L.4]	**l**ivro [f.132v, L.1]	 Mu**l**ato [f.186v, L.30]	mi**l** [f.130v, L.11]

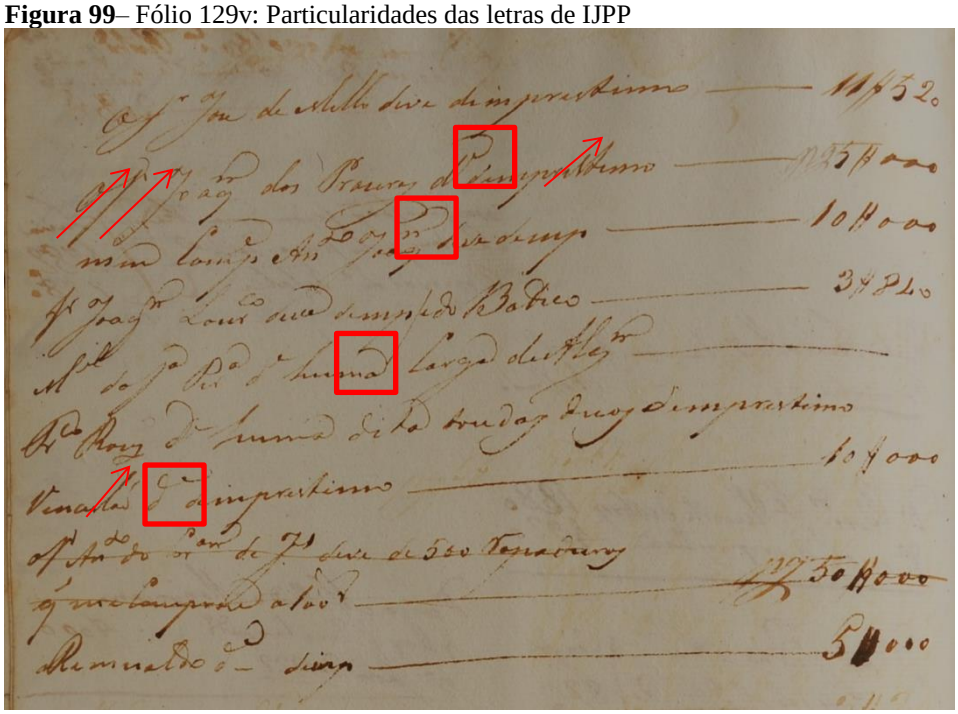
M	**M**ello [f.129v, L.1]	 **m**eu [f.130v, L.2]	 dizi**m**o [f.130r, L.3]	se**m** [f.130v, L.11]
N	 **N**egrinha [f.130v, L.3]	 **n**egrinha [f.130v, L.10]	 coizi**n**ha [f.132v, L.2]	Sem ocorrências
O	Sem ocorrências	 **o**ito [f.130v, L.5]	past**o**r [f.132r, L.9]	 oit**o** [f.130v, L.5]
P	 **P**razeres [f.129v, L.2]	**p**ripiri [f.132r, L.9]	 com**p**rar [f.130v, L.2]	Sem ocorrências
Q	Sem ocorrências		 Joa**q***u*im [f.129v, L.2]	Sem ocorrências
R	**R**itta [f.132r, L.4]	 **r**apaduras [f.130r, L.3]	 Negr**r**inha [f.130v, L.3]	 compra**r** [p.130v, L.2]
S	**S**oltei [f.132r, L.5]	se**m** [f.130v, L.11]	[f.132v, L.1]	 rapadura**s** [f.130r, L.3]
T	**T**iio [f.129v, L.14]	tempo [f.130v, L.4]	 oi**t**o [f.130v, L.5]	Sem ocorrências
U	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 J**u**nho [f.130v, L.11]	 me**u** [f.130v, L.2]
V	 **V**enceslaõ [f.129v, L.7]	 vendidas [f.130v, L.5]	le**v**ado [f.130v, L.4]	Sem ocorrências

W	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
X	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 a**x**ei [f.132v, L.2]	Sem ocorrências
Y	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Pa**y** [f.130v, L.2]
Z	 **Z**eferinna [f.182v, L.22]	Sem ocorrências	 coi**z**inha [f.132v, L.2]	Sem ocorrências

Fonte: Produzido pelo autor

As letras de Inocêncio Pinheiro Pinto são, em geral, menores que a de seu pai e bem executadas (cf.figura 99). Os traçados (ductus) são inclinados para a direita, com algumas particularidades nas hastes de grafemas específicos como <d>, <m>,<a>, <e>, que possuem o traçado inclinado para a esquerda.

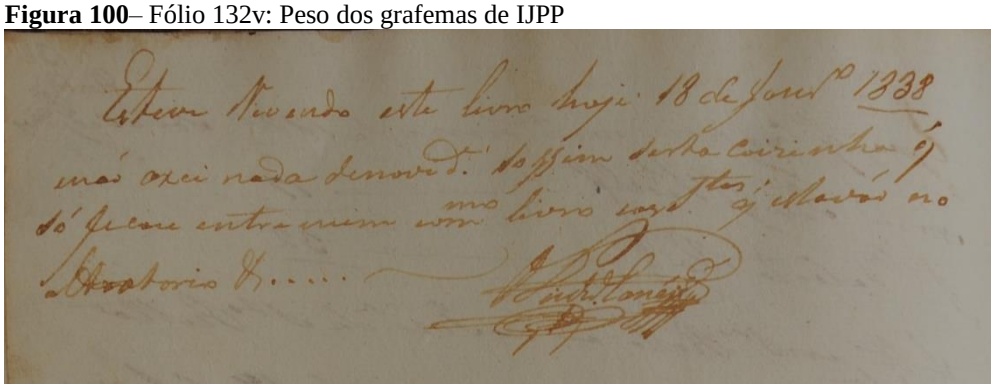
Figura 99– Fólio 129v: Particularidades das letras de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Os traços das letras de Inocêncio Canguçu são mais finos que o de seu pai, Antônio Pinheiro (cf.figura 100).

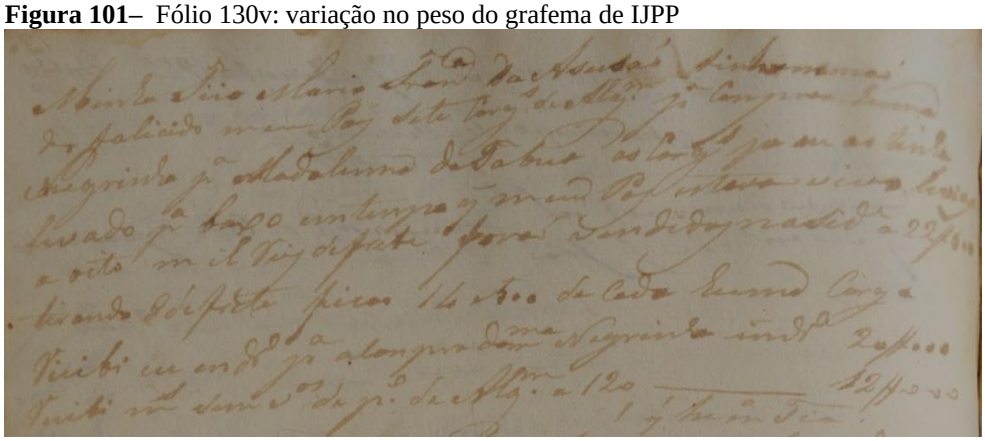
Figura 100– Fólio 132v: Peso dos grafemas de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Encontramos uma variação no traçado apenas quando há excesso de tinta ou em virtude do estado de conservação do documento, como se pode observar a seguir (cf.figura 101).

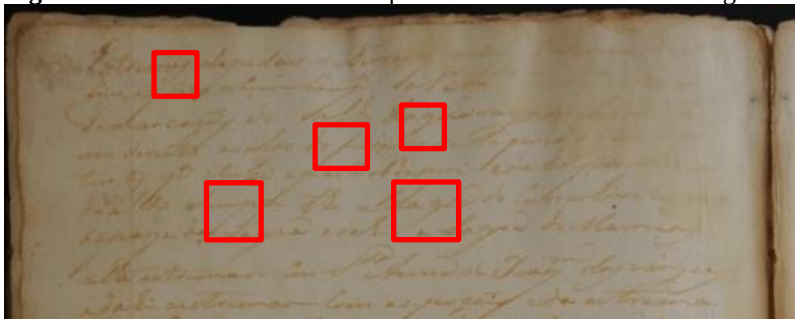
Figura 101– Fólio 130v: variação no peso do grafema de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

No tocante ao ângulo, é preciso ficar atento à execução dos grafemas minúsculos descendentes (<j>, <y>, <g>, <f>, <q>, <p>, ao <s>), pois apresentam hastes bem mais alongadas que o normal. Comparando esse aspecto com o punho do pai, Antônio Pinheiro, é perceptível a diferença entre os punhos (cf.figura 102).

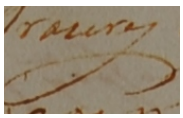
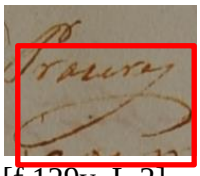
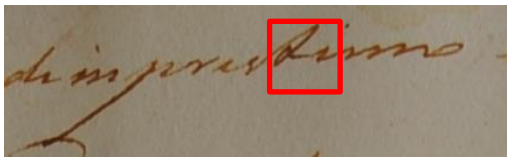
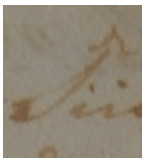
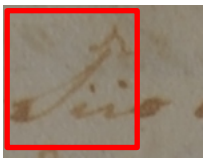
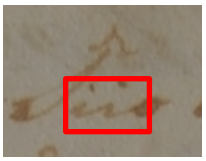
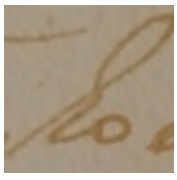
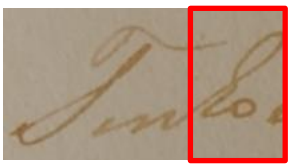
Figura 102– Trecho do fólio 186v: particularidades das hastes dos grafemas de IJPP

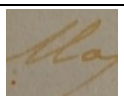
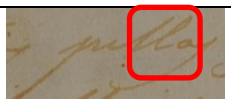
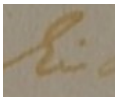
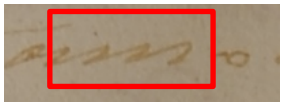


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Do punho de Inocêncio Pinheiro Canguçu, foi possível observar algumas particularidades na execução grafemática. São as seguintes.

Quadro 28 – Particularidades da execução caligráfica de IJPP.

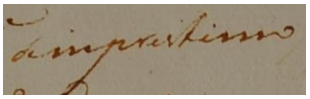
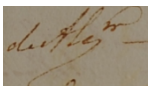
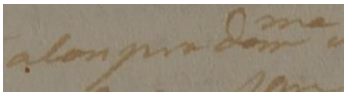
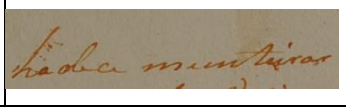
Grafema	Comentário	Exemplo
 <s> longo	O <s> longo, além de possuir o traçado descendente longo, pode ser confundido, numa leitura desatenta, a um <j> ou <y>.	 [f.129v, L.2]
<t>	O <t> tem um formato que pode ser confundido com o grafema <d> minúsculo.	 [f.129v, L.1]
<T> 	A execução do grafema <T> lembra o formato do grafema <F> maiúsculo.	 [f.130v, L.1]
<ii>	A duplicação do grafema <i> ocorre na palavra tio.	 [f.130v, L.1]
<h> 	O grafema <h> lembra o grafema <E>.	 [f.132r, L.17]
<tt>	Duplicação do grafema <t>.	[f.132r, L.17]

<ll> 	A duplicação do grafema <l> pode ser confundida com a execução do <M> maiúsculo.	 [f.186, L.10]
<h> 	A presença do <h> em vocábulos como dahi, the.	[f.186, L.6,7]
<nn>	Duplicação do grafema <n>.	

Fonte: Produzido pelo autor

Quanto à segmentação gráfica, predominam, na escrita de Inocêncio José Pinheiro Pinto, os casos de hipossegmentação não convencional, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 29 – Exemplos de hipossegmentação de IJPP.

Hipossegmentação	**Fac-símile**
deinprestimo	 [f.129v, L.7]
deAlg*oda*m	 [f.129v, L.5]
tinhanamaõ	[f.130v, L.1]
acompra dam*es*ma	 [f.130v, L.7]
há dece meenteirar	 [f.182v, L.20]

Fonte: Produzido pelo autor

Assim como acontece na escrita do segundo senhor, os dados de hipossegmentação de Inocêncio Pinheiro também ocorrem em clíticos, com predomínio da preposição *de*, e revelam a presença de ligaduras nos contextos específicos. Em relação à hipersegmentação, não foi possível constituir uma amostra mínima capaz de indicar a possibilidade da falta de cursividade na escrita de Inocêncio. Pelo que se lê em seus

registros, aparentemente, ele levantava a pena, durante o processo de escrita, apenas nos momentos específicos de fronteira entre as palavras.

Após a edição e a análise dos quadros scriptográficos elaborados para cada scriptor, além da observação dos aspectos relacionados à segmentação gráfica, foi possível constatar que há, no texto, o emprego da escrita cursiva, já que predomina uma escrita corrente, embora exista a segmentação gráfica não convencional em determinadas partes do texto. Segundo Acioli (1994), a letra cursiva originou-se da escrita humanística, que teve destaque no período renascentista, no século XV, como reação ao estilo gótico. Porém, ainda de acordo a autora, entre os séculos XVIII e XIX, a escrita humanística perde espaço, e passa-se a usar a cursiva, de leitura fácil e corrida (ACIOLI, 1994, p. 62).

5.2 AS ABREVIATURAS

O nosso objetivo, neste tópico, é fazer uma contextualização das abreviaturas, já que os senhores do Campo Seco, Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Canguçu, utilizam muito este recurso nas anotações do Livro de Razão.

Poderia iniciar a discussão apresentando, de imediato, uma série de conceitos importantes, mas, antes, quero compartilhar a leitura de um texto de Maria Cecília Jurado de Andrade, que atraiu minha atenção para o trecho reproduzido a seguir, pois, além de ser uma imagem muito bela do processo árduo que é o trabalho com textos antigos, oferece, também, uma reflexão para o pesquisador que se aventura nesta jornada. Diz a autora sobre os manuscritos históricos:

> Gosto de lembrar de manuscrito como sal *terrae* que é derramado no fólio pelo escrivão através de traços há muito refletidos como se fosse pela primeira vez. O pesquisador criterioso há de entrar no texto e decifrá-lo, como se navegasse sem nenhuma cartografia, como se reescrevesse o que já foi escrito, já que vai conhecendo uma história como se fosse pela primeira vez numa reinterpretação do há muito já vivido e interpretado. (ANDRADE, 2010, p. 21-22)

Há, neste trecho, para além da imagem que ele representa, princípios basilares para quem se dedica ao ofício da edição de textos. Andrade (2010) menciona termos e expressões como, por exemplo, “pesquisador criterioso”, “entrar no texto”, “decifrá-lo” e “cartografia”, para indicar que o processo de interpretação do passado, derramado como “sal terrae”, no fólio pelo escrivão, exigirá do “pesquisador-navegante” a busca por

mecanismos capazes de ajudá-lo a desvendar as histórias ali registradas. Nesse contexto, o pesquisador precisará estar preparado para superar as condições de conservação do papel e a qualidade da tinta, mas também compreender as convenções de escrita vigentes na época, além da caligrafia dos scriptores (FLEXOR, 2008, s/p). Entretanto, as dificuldades que se apresentam neste turbulento processo de reconstituição do que já foi escrito não se esgotam nestas mencionadas. Aqui apresentamos mais um elemento que, sem a cautela do pesquisador, pode se tornar um empecilho no processo de leitura de um texto antigo: as abreviaturas.

Não é uma prática atual o ato de abreviar. Uma análise cautelosa da literatura que aborda o tema mostra, por exemplo, que as abreviaturas estavam presentes em textos gregos e latinos e que seu uso foi proibido no Império Romano (SPINA, 1977). Mas, afinal, o que é uma abreviatura e quais fatores condicionam o seu uso? Esses e outros questionamentos são motivações que habitam trabalhos que se propõem a discutir o tema.

O ato de abreviar pode ser definido em diversas perspectivas. Seixas (2020, p. 52-54), ao abordar as abreviaturas como pistas gráficas subsidiárias para a caracterização sociolinguística dos escreventes em textos setecentistas, conceitua abreviatura nas perspectivas lexicográfica, linguística e etimológica. Seguindo a abordagem da autora, apresentamos a seguir um quadro que caracteriza tais perspectivas.

Quadro 30 – Conceito do ato de abreviarem diferentes perspectivas.

Lexicográfica	**Linguística**	**Etimológica**
“ABREVIATÚRA, s. f. Modo de escrever, em que faltão algumas letras, que o autor suppre. § Cifras, signaes que representam as lettras, ou as palavras mais curtamente”. Moraes Silva (1789, p. 13) “forma encurtada ou contraída de uma palavra resultante da omissão de algumas sílabas no interior da mesma ou da omissão de parte dela” Faria e Pericão (1988)	As abreviaturas são língua, significam linguisticamente. Cohen (2016, p.19) “Em essência, as abreviaturas são compostas por um significante linguístico que carrega conteúdo semântico e um significante destinado a indicar a condição de uma palavra abreviada, semanticamente mutável. Juntos, os dois dão à palavra abreviada seu significado linguístico.” Núñez Contreras (1994, p.109)	No que diz respeito à etimologia do termo abreviatura, conforme Cunha (2010), a sua entrada no léxico do português deu-se no século XVI e tem como origem o termo breve, oriundo do lat. brevis, o qual significava “de pouca duração, ou de pouca extensão ou tamanho” (op. cit., p. 101).[...] Posteriormente, no latim tardio, tem-se a formação do termo abbreviationem, advindo da junção do lat. ad ‘para’ + breviare ‘encurtar’, sendo este originado de brevis, de acordo com o Online Etymology Dictionary (HARPER, 2001).[...] a braquigrafia. A

		entrada desse vocábulo no léxico do português ocorreu no século XIX, devido à introdução de várias palavras na linguagem científica nacional, as quais eram formadas pela união de elementos gregos, e tem como origem a junção do gr. brachýs ‘curto, breve’ + gr. gráphein ‘escrever, descrever, desenhar’ (CUNHA, 2010, p. 100). Seixas (2020, p.54)

Fonte: Produzido pelo autor com base em Seixas (2020, p. 52-54)

A análise das definições do quadro acima revela que o ato de abreviar está relacionado a processos que se relacionam e envolvem a transformação na estrutura do vocábulo que, segundo Núñez Contreras (1994, p. 109), é constituído por um componente semântico e o outro simbólico, que, juntos, garantem o significado linguístico da palavra. Para Sobral (2007, p.22), “A classificação das abreviaturas é realizada normalmente baseando-se nos elementos usados para abreviar a palavra, os princípios e os sinais abreviativos”. Em outras palavras, as abreviaturas não são elaboradas de modo aleatório, ou seja, são realizadas atendendo aos princípios que indicam em qual parte da palavra a letra ou as letras serão suprimidas. São esses princípios, aplicados aos componentes semântico e simbólico de uma palavra, que nos permitem entender as abreviaturas enquanto componente linguístico do texto, desdobrá-las e classificá-las.

A literatura sobre a classificação de abreviaturas é bem vasta, como bem lembra Gonçalves (2018, p. 137) “São encontradas diversas propostas para a classificação das abreviaturas, que coexistem até hoje, sem termos, por vezes, uma unanimidade entre os autores”. A não existência de unanimidade mencionada por Gonçalves (2018) não é um problema para o pesquisador, até porque, geralmente, as propostas existentes utilizam os princípios e sinais abreviativos mencionados por Sobral (2007, p. 22). Sobre esses dois elementos, explica a autora:

> Os princípios abreviativos correspondem aos procedimentos usados para omitir as letras. Estes podem ocorrer pela suspensão das letras finais, podendo a palavra ficar reduzida apenas à sua letra inicial, pela supressão de letras mediais, pela supressão de letras finais e mediais, colocação de uma letra de tamanho menor, geralmente no final da palavra ou pela substituição de parte da palavra por um número. Os sinais usados podem ser simplesmente um indicativo de uma palavra abreviada, sendo chamado, nesses casos, de sinais gerais, ou podem ter um valor

> convencional, próprio ou relativo, indicando dessa forma qual a letra, ou grupo de letras, que foi omitida.(SOBRAL. 2007, p. 22).

Nesta tese, as abreviaturas foram organizadas e classificadas no volume 2. Para cada palavra abreviada pelos dois scriptores, foi coletado o recorte do fac-símile que ocupa a primeira coluna. Na segunda coluna, desdobramos a abreviatura seguindo o modelo indicado nas normas de edição, porém, no quadro, optamos por colocar também em negrito. A classificação foi indicada na terceira coluna. Acrescentamos ao quadro duas linhas. Na primeira, informamos a quantidade de ocorrências da abreviatura e, na segunda, identificamos a localização na página, fólio e linha do manuscrito, conforme o modelo indicado a seguir.

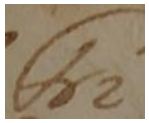
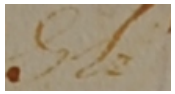
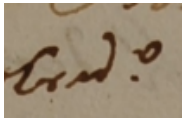
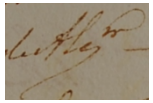
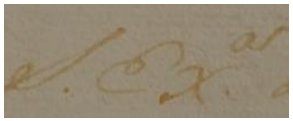
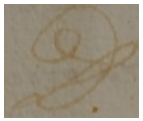
Quadro 31 – Organização das abreviaturas identificadas no Livro de Razão.

Abreviatura - Imagem	**Abreviatura desdobrada**	**Classificação**
	Abatim***en***to	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(92,L.23)		

Fonte: Produzido pelo autor

A classificação de cada abreviatura foi realizada observando os princípios e sinais abreviativos, de acordo com os autores elencados no quadro 32 a seguir.

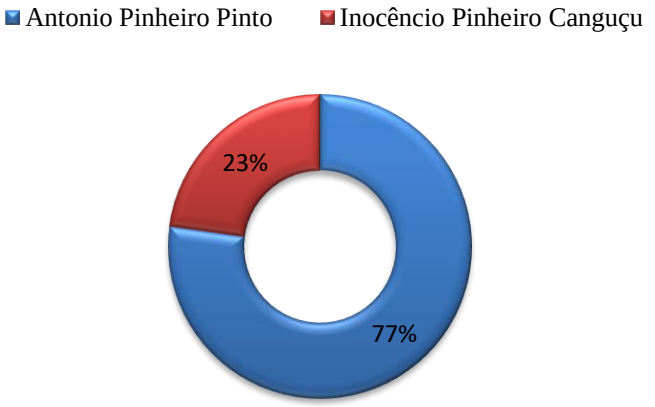
Quadro 32 – Critérios usados para a classificação das abreviaturas do Livro de Razão.

Classificação	Definição	Definição	Exemplo do Livro de Razão (APP)	Exemplo do Livro de Razão (IPC)
Contração ou síncope	"[...] quando faltam letras no meio do vocábulo" (FLEXOR, 2008, p. 12).	"consiste na supressão, no interior da palavra, de uma ou várias letras, podendo, às vezes, aparecer somente no final da palavra". (PROU, 1910)	 F***er******nande***z [p.24,L.1]	 G***onçal******ve***z [f.129v,L.5]
Letra sobreposta ou sobrescrita.	"em geral, é colocada a letra inicial ou prefixo da palavra, e, em suspensão, a última ou as últimas letras da palavra" (FLEXOR, 2008, p. 12).	"[...] classificam-se as abreviações por letra sobrepostas, exclusivamente vogais, que têm valores fixos em relação às letras que servem de expoentes." (ACIOLY, 1994, p.47)	 Crédi***t***o [p.4, L.10]	 Alg***oda***m [f.129v,L.5]
Mista	"[...] aquela em que a palavra sofre a supressão de algumas sílabas e de outras não." (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 26) Nesse tipo de abreviatura ocorre a junção de outros tipos de abreviatura, por exemplo, contração e letra sobreposta.	Apresenta concomitantemente letra e número, sendo os números arábicos; abreviaturas e siglas quando se referem às designações dos religiosos, e contração e letra sobrescrita. Há também formas abreviadas apenas com siglas, contrações ou sobreposições. (LOSE ET AL, 2009)	 S***ua*** Ex***celênci***a [p.122,L.18]	Não identificamos ocorrências.
Suspensão ou apócope	"[...] quando falta o final da palavra." (FLEXOR, 2008, p. 14)	Quando desaparece quase toda a palavra permanecendo somente a letra inicial ou a sílaba inicial. Esse sistema deriva-se das siglas [...]. (ACIOLY, 1994, p.46)	 D***ona*** [p.6, L.14]	Q***ue*** [f.129v,L.9]

Fonte: Produzido pelo autor

No *Livro de Razão* do Campo Seco, identificamos 171 palavras que aparecem em um total de 6201 abreviaturas. Vale destacar que, desse total, as ocorrências são majoritariamente de Antônio Pinheiro Pinto, já que ele escreve bem mais que o filho, Inocêncio Pinheiro Canguçu, como podemos observar no gráfico a seguir.

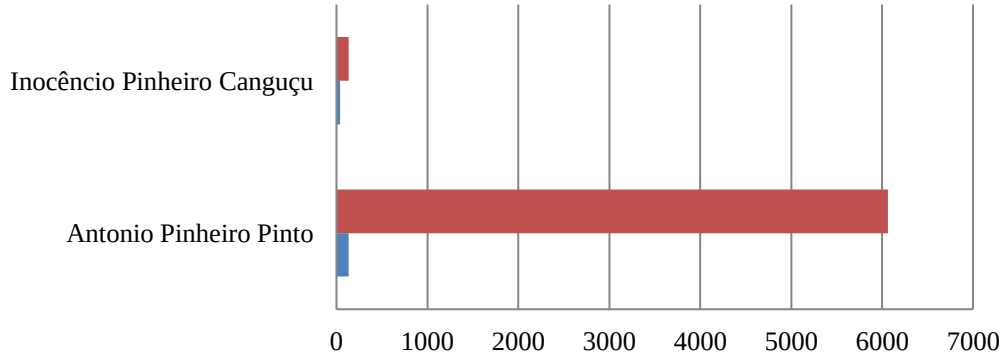
Gráfico 4 – Total de palavras abreviadas no Livro de Razão



Fonte: Produzido pelo autor

Os 77% de abreviaturas de Antônio Pinheiro Pinto equivalem a um total de 132 palavras. Inocêncio Pinheiro Canguçu abreviou apenas 39 palavras, perfazendo um total de 23%. O gráfico a seguir mostra a quantidade de vezes que essas palavras identificadas foram abreviadas ao longo do texto.

Gráfico 5 – Distribuição geral de abreviaturas por *scriptor*.



	Antonio Pinheiro Pinto	Inocêncio Pinheiro Canguçu
Ocorrências de abreviaturas	6067	134
Palavras abreviadas identificadas	132	39

Fonte: Produzido pelo autor

As 6067 abreviaturas da lavra de Antônio Pinheiro Pinto foram classificadas e organizadas na tabela a seguir para uma melhor compreensão.

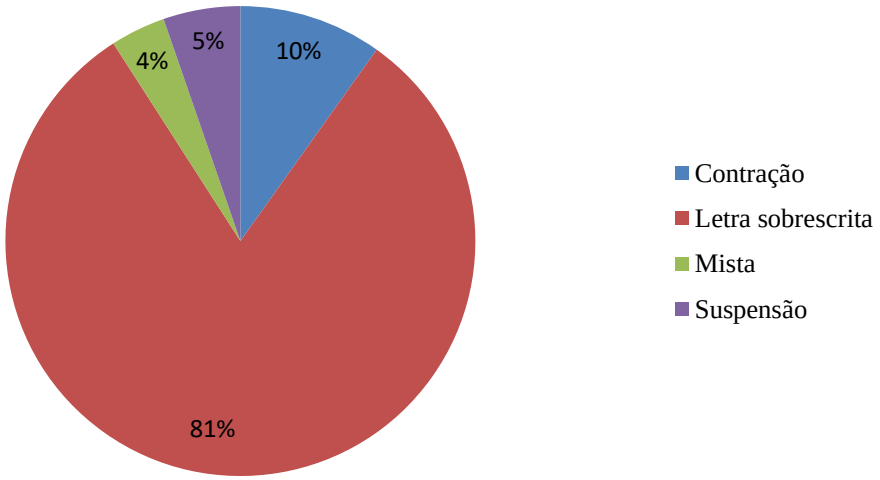
Tabela 7– Abreviaturas de APP: distribuição por classificação

Classificação da abreviatura	Quantidade de palavras abreviadas	Total geral de ocorrências
Contração	13	822
Letra sobrescrita	107	3994
Mista	05	47
Suspensão	07	1204
Total geral	**132**	**6067**

Fonte: Produzida pelo autor

Considerando o total de palavras abreviadas e classificadas, temos a seguinte distribuição:

Gráfico 6 – Classificação das abreviaturas oriundas do punho de APP.



Fonte: Produzido pelo autor

As 134 abreviaturas produzidas por Inocêncio Pinheiro Canguçu também foram classificadas e organizadas na tabela a seguir.

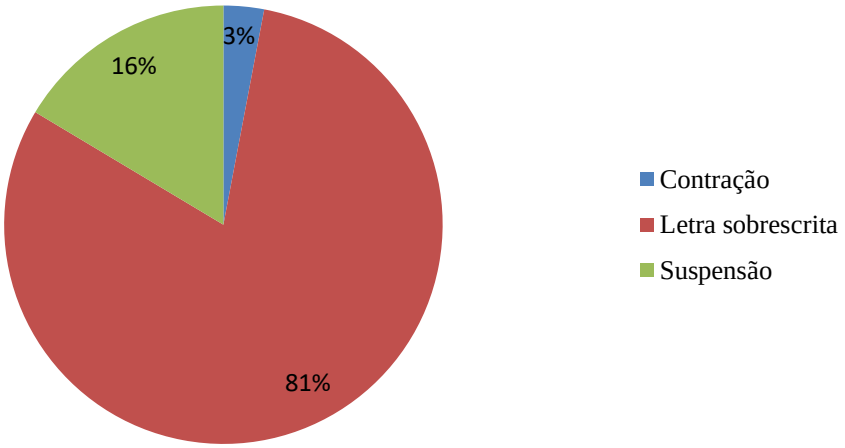
Tabela 8 – Abreviaturas de IJPP: distribuição por classificação

Classificação da abreviatura	Quantidade de palavras abreviadas	Total geral de ocorrências
Contração	02	04
Letra sobrescrita	33	108
Suspensão	04	22
Total geral	**39**	**134**

Fonte: Produzida pelo autor

A distribuição do total de palavras abreviadas e classificadas está sintetizada no gráfico 7.

Gráfico 7 – Classificação das abreviaturas oriundas do punho de IJPP.



Fonte: Produzido pelo autor

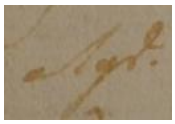
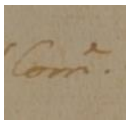
Uma análise inicial dos gráficos nos mostra alguns dados importantes. Constatamos que não foram identificadas abreviaturas mistas na produção gráfica de Inocêncio Pinheiro Canguçu. Predominam, na produção gráfica dos dois *scriptores*, as abreviaturas por letra sobrescrita, sendo 81% o total das ocorrências. Embora o percentual seja igual para os dois, é preciso ficar atento, pois não há uma comparação simétrica em relação ao uso dessas abreviaturas (ocorrências), já que o volume de dados de Pinheiro Pinto é bem superior ao de Pinheiro Canguçu. Um olhar pormenorizado na íntegra dos dados ratifica essa constatação: Antônio Pinheiro Pinto, das 132 palavras que abrevia, faz, em 107 delas, o uso de letra sobrescrita, perfazendo um total de 3994 ocorrências. Em contrapartida, Inocêncio Pinheiro Canguçu emprega a letra sobrescrita em 33 das 39 palavras que abrevia, totalizando 108 ocorrências.

Independente da classificação das abreviaturas identificadas em determinado manuscrito, é importante refletir sobre as motivações que justificam o emprego delas. Entre a maioria dos pesquisadores há o entendimento de que o uso das abreviaturas está relacionado a razões de economia de tempo e de material utilizado para a escrita, além do emprego de menor esforço para tal prática (FLEXOR, 2008; GONÇALVES, 2018). Entretanto, Núñez Contreras (1994, p.107) acredita que tais explicações não são plenamente satisfatórias, porque, para ele, "[...] em muitos casos, a realidade mostra que

escrever uma palavra abreviadamente pode levar mais tempo e exigir mais atenção do que se a escrevesse com todas as suas letras [...]".

A crítica apresentada por Núñez Contreras (1994) é, de fato, pertinente, mas não se aplica em todas as palavras. Há palavras com três ou mais sílabas, como exemplificamos no quadro 33, que, quando abreviadas, economizam tempo e espaço.

Quadro 33 – Exemplos de abreviaturas que economizaram espaço no Livro de Razão.

Abreviatura - Imagem	Abreviatura desdobrada	Ocorrências
	Alex***andr***e	16
	Alq***uei***re	49
	Com***adr***e	32

Fonte: Produzido pelo autor

As três palavras elencadas no quadro são produtos do punho de Antônio Pinheiro Pinto, que se repetem, ao longo de suas anotações no *Livro de Razão*, respectivamente, 16, 49 e 32 vezes. Na primeira ocorrência, há a omissão de 4 letras; na segunda e terceira ocorrências, 3 letras são suprimidas. Façamos, agora, o exercício de imaginar que as letras suprimidas estivessem presentes em todas as ocorrências dos vocábulos mencionados. Certamente, haveria a ocupação de um espaço maior do suporte e gastaria mais tinta e tempo no processo de execução gráfica. Há de se considerar também que a forma de abreviar escolhida pelo scriptor, para representar cada palavra, obedece ao princípio da manutenção do elemento semântico, fazendo a omissão no interior da palavra e colocando em forma sobrescrita a última letra, o que, para os casos específicos, não se constitui como um modelo que exija mais tempo e atenção por parte do autor material. Outro fator importante é o fato da reincidência das abreviaturas ao longo do manuscrito, pois uma vez abreviada, a repetição garante a agilidade na execução do processo.

Especificamente, no Campo Seco, não acreditamos que o uso de tantas abreviaturas seja motivado exclusivamente pela economia de material para a escrita. Se considerarmos que o *Livro de Razão* começou a ser utilizado em 1794 e a última anotação é de 1838,

temos um período de 44 anos de uso, claro que não de forma ininterrupta. Ainda assim, são muitos anos de uma prática de escrita, e o Livro apresenta uma quantidade significativa de folhas em branco. Por essa razão, para além da economia de papel e tinta, o fator tempo pode ser considerado o elemento motivador principal das abreviaturas no contexto da fazenda da família Pinheiro Pinto/Canguçu, uma vez que estamos falando de um local onde houve diversas operações financeiras que exigiam agilidade no registro de compras, vendas e dívidas variadas para posteriores acertos e pagamentos. Além disso, grande parte dos produtos, bem como o nome dos credores e devedores registrados, fazia parte do contexto e do convívio rural, o que facilitava a compreensão posterior desses assentamentos abreviados.

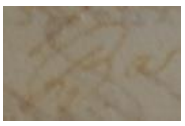
Se tais abreviaturas não ofereciam problemas de compreensão para seus autores, quando foram elaboradas, para quem se debruça sobre elas, muito tempo depois, a situação é bem diferente. Sobral (2013, p. 88) comenta sobre as dificuldades de compreensão do sistema abreviativo que estão atrelados aos seguintes fatores:

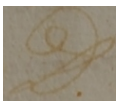
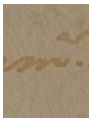
> a) o ducto da escrita contribui para que o amanuense não levante a mão do suporte, o que favorece a ligação entre as palavras, a formação de nexos entre as letras e o uso de traços que envolvem toda a palavra abreviada. Esses traços podem partir da última letra da palavra ou da letra sobreposta, prejudicando a identificação das letras que compõem a abreviatura, já que torna difícil distinguir os traços pertencentes a cada letra; b) polissemia (várias equivalências para uma mesma forma abreviada; c) para-sinonímia (diferentes formas usadas para abreviar uma mesma palavra; d) formas especiais de abreviação (SOBRAL, 2013, p. 88).

Na edição do *Livro de Razão*, a dificuldade de leitura das abreviaturas esteve atrelada, principalmente, à polissemia e à sinonímia, o que nos obrigou a observar atentamente o contexto de uso.

O quadro 34 a seguir exemplifica os casos de polissemia identificados nos assentamentos de Antônio Pinheiro Pinto.

Quadro 34 – Polissemia nas abreviaturas de APP.

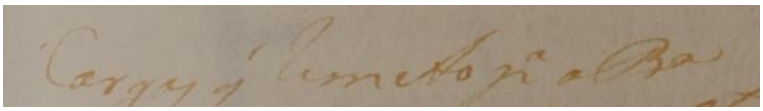
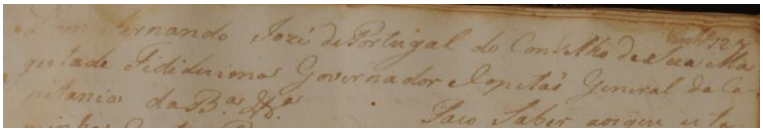
Fac-símile	Transcrição	Ocorrências	Fac-símile	Transcrição	Ocorrências
	B***arr***a	16		B***ahi***a	05

	D***ona***	07		D***om***	01
	L***ivr***o	02		L***inh***o	04
	m***ei***a	05		m***inh***a	40
	S***an***ta	24		S***an******t******an***a	01

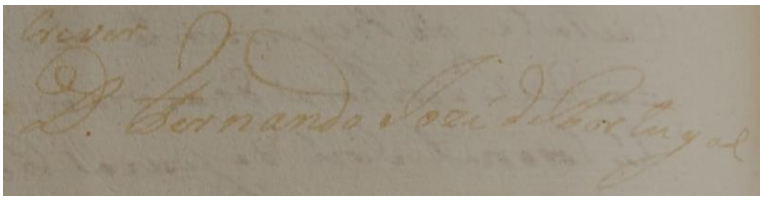
Fonte: Produzido pelo autor

A polissemia, como bem explica Sobral (2013), consiste na utilização de uma mesma abreviatura para diferentes palavras. As ocorrências desse tipo de abreviatura no *Livro de Razão*, oriundas da produção gráfica de Pinheiro Pinto, só foram desenvolvidas após a observação do contexto de uso de cada uma, conforme os exemplos presentes no quadro 35.

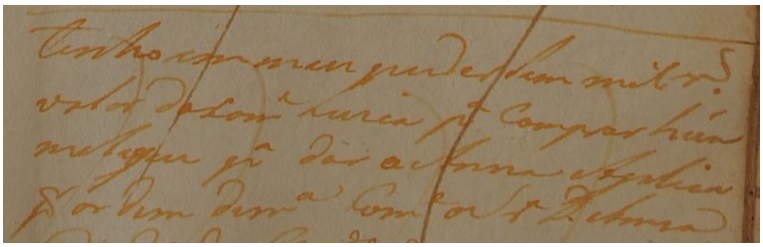
Quadro 35 – Exemplos contextualizados da polissemia na escrita de APP.

 Cargas q***ue*** Remeto p***ar***a **aB*arr*a** [f.127r, L.19] Antonio Pinheiro Pinto tem outras anotações fazendo referência a transações comerciais realizadas na Barra. Essa informação facilitou a compreensão da abreviatura.
 Dom Fernando Jozé dePortugal do Con selho deSua Ma gestade Fide Lissima Governador Capitaõ General da Ca

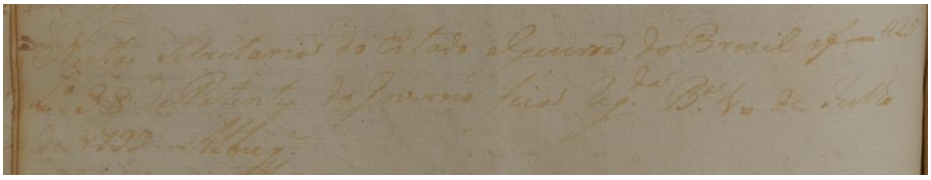
pitania **da*B**ahi**a***. [p.121, L.1-3]



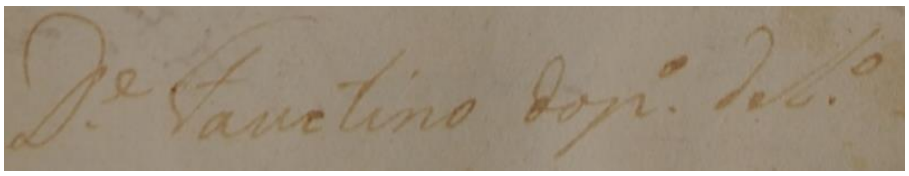
Dom Fernando Jozé dePortugal [p.122, L.6]



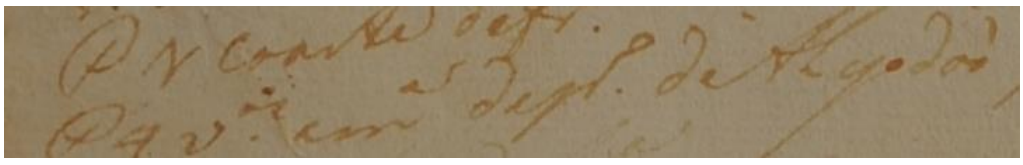
tenho em meu puder Sem milr*eis*
valor dacom*adr*e Luzia p*ar*a comprar hum
moleque p*ar*a dar a Anna Angelica
p*o*r or dem dem*inh*a com*adr*e aSenhora
Dona Anna [p.117, L.33-37]



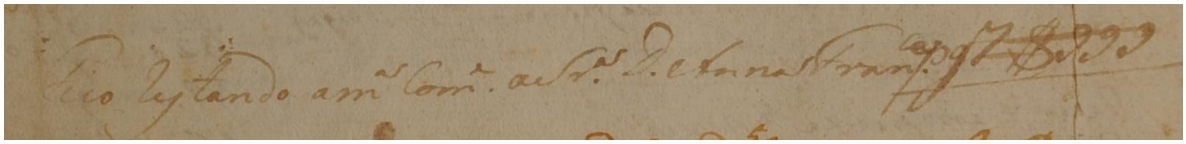
Nesta Secretaria do Estado eGuerra doBrasil af*olha* 425
L*ivro* 38 dePatentes do Governo fica Reg*istra*da B*ahi*a 10 de Julho
de 1799 Albu*quer*qu*e*



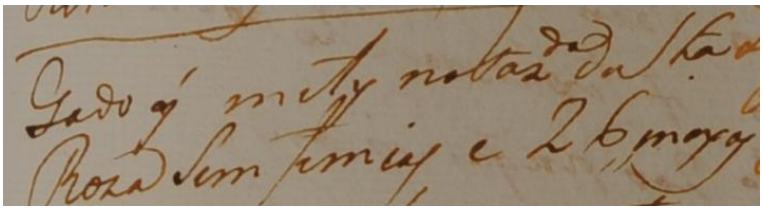
D*ev*e Faustino dop*an*o deL*inho* [p.15, L.24]



P*o*r 4 v*ar*as **em*e*ya** dep*an*o deAlgodaõ [p.38, L.31]



Fico Restando **am*inha*** com*adr*e a*Senho*ra D*ona* Anna Franc*isca* p*ago* ~~7$999~~



Gado q*ue* mety naFaz*en*da **deS*an*ta**
Roza Sem femias e 26 maxos [f.126r, L.13-14]

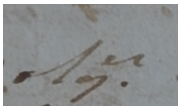
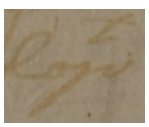
Deveme meu Irmaõ Joaq*u*im **deS*anta**na** deResto doCredito [p.3, L.1]

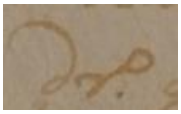
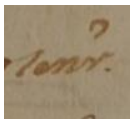
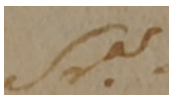
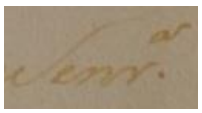
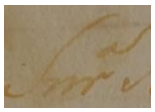
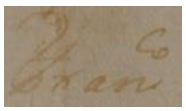
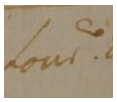
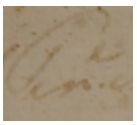
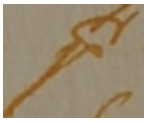
Fonte: Produzido pelo autor

Apesar de os casos de polissemia ocorrerem em menor quantidade na escrita de Pinheiro Pinto, apresentaram maior dificuldade durante o processo de edição, já que, para cada ocorrência, era necessária a comparação dos exemplos nas situações nas quais foram empregados e todo esse processo demandava maior tempo e cautela.

Diferente da polissemia, a sinonímia acontece quando uma palavra é abreviada de formas diferentes. No quadro 36 exemplificamos os casos identificados, também, nos assentamentos de Antônio Pinheiro Pinto.

Quadro 36 – Sinonímia nas abreviaturas de APP.

Transcrição	Fac-símile	Ocorrências	Transcrição	Fac-símile	Ocorrências
Alq***uei***res		11	Alq***ueir***es		48
Cap***it***am		29	Cap***itam***		01

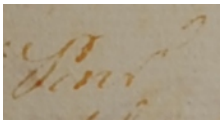
d***inhei***ro		431	dinh***ei***ro		29
f***a***r***inh***a		140	far***inh***a		04
s***enho***r		317	sen***ho***r		21
S***enh***or		01	S***enho***ra		15
Sen***ho***ra		03	S***e***n***ho***ra		01
Fran***cis***co		68	Fr***ancis***co		04
Lour***en***co		14	L***ou***r***en***co		01
T***enent***e		01	Ten***ent***e		02
P***or***		467	p***o***r		116

Fonte: Produzido pelo autor

Na produção gráfica de Pinheiro Pinto, há uma maior produtividade de abreviaturas por sinonímia. Diferente da polissemia, o grau de dificuldade para identificar e desenvolver tais abreviaturas foi menor, o contexto também é considerado essencial, mas o processo é distinto. Enquanto na polissemia, a abreviatura é igual para duas ou mais palavras, o que nos obriga a uma nova interpretação em cada caso, na sinonímia estamos diante de abreviaturas diferentes para uma mesma palavra. Uma vez identificadas a palavra e a primeira forma de abreviá-la, a percepção de outras formas fica mais fácil, pois já temos um modelo de observação que nos indica a quantidade de elementos suprimidos e facilita a comparação.

Diante do número reduzido de abreviaturas produzido por Inocêncio Pinheiro Canguçu, não identificamos casos de polissemia. Há um caso de sinonímia para a palavra Pinheiro, como observamos a seguir.

Quadro 37 – Sinonímia nas abreviaturas de IJPP.

Pinh***eiro***		Pin***hei***ro	

Fonte: Produzido pelo autor

Pelo que expomos e exemplificamos, não é possível olhar para um manuscrito e desconsiderar as abreviaturas, porque existe uma relação antagônica entre eles. Se, no passado, as abreviaturas agilizaram a escrita, no presente retarda a leitura (SOBRAL, 2007, p. 13). Diante desse contexto, é necessário perceber que entender as "abreviaturas é uma das chaves para desvendar o segredo dos manuscritos antigos" (LOSE et al. 2009, p. x). Como é do conhecimento geral, desvendar segredos não é tarefa simples, requer estratégias variadas, persistência e paciência. Em se tratando de manuscritos antigos, não desvendar esse segredo é menos prejudicial que o desvendar equivocadamente e acabar prejudicando a preservação da cultura escrita, já que o texto é, como bem lembra Sobral (2007, p.13), "[...] registro de civilizações em um dado momento da história, capaz de fazer compreender sua evolução e suas diferentes formas de expressão [...] no que tange ao estudo de uma língua, elemento importante para compreensão da formação cultural."

5.3 ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE GRÁFICA DE TEMPOS PRETÉRITOS

Durante o processo de edição, além das abreviaturas, notamos, também, a existência recorrente de diferentes maneiras para se representar determinados fonemas na escrita. Tais manifestações gráficas são muito importantes para a compreensão do texto como fonte de informações e para o entendimento dos usos sociais da escrita em uma determinada época. Ao destacar os usos sociais da escrita, acreditamos que, através dos produtos gráficos em um determinado manuscrito, é possível vislumbrar as diferentes convenções de escrita vigentes em cada período, para que sejam evitadas constatações equivocadas.

Nesse sentido, explica Marquilhas (2000, p. 230) que "antes de submeter qualquer texto a uma análise gráfica é importante definir bem o que se entende por escrita e ortografia". Em outras palavras, o que a referida autora ensina é que não se deve olhar para textos do passado a partir de normas ortográficas da atualidade, pois a análise fica enviesada e, como uma das consequências, por exemplo, neutralizar a variação da língua de tempos idos, que só pode ser observada através do estudo desses textos.

A língua escrita, de acordo com Marquilhas (2000), é constituída por duas vertentes: a abstrata, que se relaciona à aquisição; e a ortográfica, que tem o caráter institucional e, portanto, determina a uniformidade. Porém, é a própria Rita Marquilhas que informa que "A ortografia uniforme da língua portuguesa é republicana" (MARQUILHAS, 2000, p. 233).

Sendo assim, a pluriortografia identificada nos documentos oficiais e manuscritos de séculos passados não deve ser vista como falta de rigor ortográfico dos scriptores. Para Barbosa (2008, p.196), "Haver mais de uma grafia nos manuscritos coloniais em função da pluriortografia – e não uma única como hoje – não é falta de rigor, é uma diferença na história social da cultura escrita." É justamente nessa diferença que percebemos o reflexo social do emprego da língua no que se refere aos grafismos não pronunciados, ou seja, variações gráficas que não indicam possíveis reflexos da oralidade (BARBOSA, 2008, p. 195) e às variações grafofonéticas, isto é, os indícios de marca de oralidade presentes na escrita.

No sertão baiano oitocentista, contexto do manuscrito aqui analisado, os dois scriptores – Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Canguçu – apresentam variações gráficas nos assentamentos realizados no Livro de Razão, por isso entender o contexto

norteador das convenções ortográficas, entre o final do século XVIII e durante o século XIX, é essencial para a análise da produção escrita desses senhores do Campo Seco.

5.3.1Um breve olhar para a história da ortografia portuguesa

A história da ortografia da língua portuguesa geralmente é dividida em três momentos, conforme o quadro 38.

Quadro 38 - Períodos da história da ortografia portuguesa

Períodos	Duração	Características
Fonético	Século XII até o século XVI.	• Caracteriza-se pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com sua pronúncia, não havia sistematização.
Etimológico	Século XVI até o início do XX.	• Caracteriza-se pela preocupação com a etimologia, com a origem das palavras; • Acentuavam-se a falta de uniformidade na grafia e o desacordo entre a língua falada e a escrita – cada escritor tinha suas ideias e sua maneira de ortografar. Assim, a grafia das palavras complicava-se e multiplicava-se.
Histórico-científico	1911 com a reforma ortográfica em Portugal.	• Marcado pelo desejo de normatizar e simplificar a grafia das palavras, e de aproximar as normas ortográficas de Brasil e Portugal e, mais recentemente, de todos os países de língua portuguesa; • Período das reformas e dos acordos ortográficos; • Busca orientar-se pela pronúncia, assim como o sistema fonético, mas leva em conta também a etimologia;

Fonte: Produzido pelo autor a partir de Silva (2009 p. 58-59)

A análise das informações presentes no quadro revela, aparentemente, que a abordagem sobre a ortografia da língua portuguesa aconteceu de forma organizada e definida. Pelo contrário, essa divisão é uma tentativa de sistematizar as diferentes perspectivas que permearam a temática ao longo do tempo, considerando, para cada período, a característica mais determinante. No caso do período fonético, buscava-se uma

escrita que representasse a oralidade; já no etimológico, o foco estava na origem das palavras, que, em muitos casos, acabou gerando grafias em desacordo com a etimologia, por isso ficou conhecido como pseudoetimológico. No período histórico-científico, conhecido por período simplificado, começam a surgir os acordos ortográficos com o objetivo de normatizar e simplificar a grafia, considerando, para tanto, aspectos dos dois períodos anteriores.

É importante considerar que, nesta divisão da história da ortografia portuguesa, o início de uma nova fase não encerrava a grafia oriunda da anterior. Na verdade, as características gráficas de um momento coexistiam nos outros, basta observarmos o marco temporal de cada um para constatarmos isso, por exemplo, o período fonético vai até o século XVI, quando também temos o início do período etimológico.

O *Livro de Razão* do Campo Seco contém registros do final do século XVIII até meados do terceiro quartel do século XIX, logo a produção gráfica de Pinheiro Pinto e Pinheiro Canguçu estaria localizada no período etimológico. Seria ingenuidade considerar esta conclusão, sem levarmos em conta uma análise um pouco mais apurada dos materiais que funcionavam como modelos normatizadores em um século cujos autores tinham preferências ortográficas tão divergentes.

As gramáticas, que estão presentes como material de ensino da língua portuguesa desde o século XVI com Fernão de Oliveira, possuem esse caráter normatizador. No século XIX, não foi diferente, Franco (2004, p. 92) afirma que no período entre 1800 a 1807, a gramática de Reis Lobato continuava sendo usada no Brasil, como consequência da imposição do rei de Portugal, D. José I, mais propriamente em função da política pombalina. Sobre a questão da ortografia, o próprio Lobato assim se posiciona na introdução:

> Advertindo porém que em matérias de ortografia se me apartar das regras, que alguns seguem, ninguém repute isto por erro por serem nesta matéria tantas opiniões quanto os Escritores. Com justa razão julguei que devia seguir a Ortografia, que vejo usada pela Corte, reservando para o tratado desta, que brevemente darei ao público o dizer o que sinto nesta matéria. (LOBATO, 1770, p. xxii)

A observação de Reis Lobato em uma gramática, representativa da reforma pombalina nos estudos menores, que foi usada no Brasil, por um bom período do século XIX, enfatizando que seguirá a Ortografia usada na Corte revela a existência de diferentes modelos normativos vigorando tanto em Portugal como no Brasil. Assim, havia a norma

prescrita pelas gramáticas, manuais e dicionários e a norma usada pelos escritores e periódicos de prestígio da época. Em sua tese de doutorado, Lima (2014, p. 32-33), ao estudar a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas, apresenta a descrição da ortografia portuguesa, considerando como recorte temporal a década de 70, tanto no Brasil como em Portugal. Para tanto, o autor analisou os conteúdos gráfico-normativos de cinco gramáticas de autores brasileiros da segunda metade do século XIX e o periódico *Gazeta de Noticias* (1877-1878), para uma caracterização do que ele denominou de norma subjetiva (prescrita pelas gramáticas) e norma objetiva (os conteúdos gráficos que circulavam nos periódicos e nos textos de escritores renomados da época).

O quadro a seguir, elaborado a partir de Lima (2014), sintetiza a visão de autores brasileiros a respeito da norma ortográfica subjetiva, no século XIX.

Quadro 39 – Síntese do sistema ortográfico brasileiro do século XIX.

Francisco Sotero dos Reis (1877)	Silva Jr. e Andrade (1877)	Julio Ribeiro (1881)	João Ribeiro (1888 e 1894)	Alfredo Gomes (1897)
Reconhece a existência de três sistemas ortográficos: fonético, etimológico e misto, **mas prefere o sistema misto**. Assim é possível utilizar uma representação etimológica que se aproxime da pronúncia praticada.	Para os autores, seguir apenas o sistema fonético impossibilita a existência de uma ortografia, pois a pronúncia está sujeita a variação diafásica, diatópica e de estilo. Por outro lado, o uso simplesmente adotando o sistema etimológico resulta em um número significativo de homônimos e de enganos de origem. Por isso, optam pelo que é	Prefere o uso etimológico, mas combate uso sem que haja fundamento. **A variação gráfica é a evidência da coexistência de normas**, mas ao mesmo tempo revela a preocupação em resolver os problemas gráficos.	Seu testemunho sobre os sistemas ortográficos explicita a falta de base segura. Em relação à ortografia fonética, a variação da pronúncia torna impraticável uma ortografia. Quanto à ortografia etimológica, a evolução das formas dos vocábulos e a obscuridade e o desconhecimento da origem dos vocábulos criam formas variantes que apesar de serem decisões gráficas etimológicas não possuem fundamento. **Já a**	Será a consciência da existência de outros modelos gráficos que se constituirá a abordagem do autor. Reconhece a existência de 3 sistemas (phonetica, etymologica e usual). Também por preferir **o sistema usual que é a relação dos sistemas fonético e etimológico.**

	usual, ou seja**, pelo sistema misto**, que tenta dosar os dois sistemas anteriores.		**ortografia mista,** por não dispor de limite preciso da colaboração de cada sistema anterior, também expõe abertura à variação.	

Fonte: Elaborado a partir de Lima (2014, p.160,179,202,218,236)

A análise do quadro 39 indica que, mesmo com a diferença temporal entre as gramáticas analisadas, há um consenso entre a maioria dos autores pela utilização do sistema usual, isto é, misto. Lima (2014, p. 510), em sua conclusão acerca da norma subjetiva, explica que a utilização do referido sistema é a "consequência da inexistência de regras fixas".

Tal constatação, obtida a partir de estudos das três últimas décadas dos oitocentos, não é exclusividade do período, mas uma continuidade do que acontecia, na primeira metade do século XIX e em séculos anteriores. Em estudo sobre a variação gráfica em documentos do século XVII, Ximenes e Santiago-Almeida (2017, p. 505) relatam que havia uma suposta liberdade de registro ao gosto do escrevente. Segundo os autores, a maneira de grafar as palavras, considerando os aspectos fonético ou etimológico, era uma prática "comum independentemente do grau de instrução de quem escrevia até, pelo menos, no início do século XX." A respeito dessa pluriortografia, Barbosa (2008, p. 196), em sua reflexão sobre as fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil do século XVIII, é categórico ao afirmar que:

> Grafar coração ou curaçao, semelhante ou similhante não estava vinculado ao grau de erudição. Tudo isso era normal aos olhos de redatores que não viviam, como nós, sob ortografia única. Assim, portanto, um redator do Setecentos considerado culto, no Brasil e em Portugal, varia conforme variam os textos impressos e manuscritos que serviam de referência de escrita culta em sua época. Barbosa (BARBOSA, 2008, p.196)

Para além das gramáticas como exemplos de textos-modelares, Barbosa (2008), apesar de tratar do século XVIII, oferece ao pesquisador uma metodologia que permite uma comparação entre textos impressos e manuscritos que serviam de referência de escrita em determinada época. Essa perspectiva foi aplicada por Lima (2014, p. 385) ao verificar, no periódico carioca *Gazeta de Notícias*, na segunda metade do século XIX, a partir do princípio etimológico, como essa norma gráfica estava empregada nos textos-modelares do período.

Seguindo, com os devidos ajustes o modelo aplicado por Barbosa (1999) e Lima (2014), faremos uma descrição referente à produção gráfica de Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Canguçu, confrontando os exemplos dos grafismos não pronunciados, colhidos de seus textos com dados de textos-modelares que circularam no Brasil na época em estudo. Adotamos, como textos-modelares aqui, três periódicos, três dicionários e o conjunto de cartas escritas por remetentes cultos. Realizado esse processo, verificaremos se os dados do Campo Seco refletem a realidade gráfica das referências metalinguísticas confrontadas e dos resultados de Lima (2014) em relação às gramáticas analisadas.

5.4 REFERÊNCIAS METALINGUÍSTICAS PARA O ESTUDO DESCRITIVO DA VARIAÇÃO GRAFEMÁTICO-FONÉTICA DO LIVRO DE RAZÃO

Neste item, apresentamos as fontes metalinguísticas que serão utilizadas como parâmetro para estabelecer uma comparação com a amostra da variação grafemático-fonética colhida no *Livro de Razão*. Trata-se de três jornais do século XIX, três dicionários e um conjunto de cartas de quatro redatores ilustres, sendo três baianos e um do Rio de Janeiro, também do século XIX.

Os jornais escolhidos estão identificados a seguir:

Figura 102– Jornal Gazeta do Rio de Janeiro

N.° 1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

Dilecta sit vox grammati lectori,
Res quæ vultus pectora rebreat.
Horat. Ode III. Lib. IV.

London 11 de Junho de 1808.

Noticias vindas por via de França.

Amsterdã 30 de Abril.

Os dous Navios Americanos, que ultimamente arribáraõ ao Texel, não só deraõ desembarque ás suas mercadorias, e deverão immediatamente largar-se á vela sob pena de confiscação. Isto tem influido muito nos preços de varias generos, sobre tudo por se terem recebido cartas de França, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos serão detidos logo que chegarem a qualquer porto da França.

Noticias vindas por Gutenberga.

Chegárão-cem esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona até 17 do corrente. Estas ultimas comunicão que os Inglezes em Cuxhaven se declarárão contra a França, e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto se tinha apaziguado. — Hamburgo está tão exhaurido pela passagem de tropas que em muitos dias não se acha já huma oitava de pão, nem huma vaca. Quasi todo o Honover se acha nesta deplorável situação. — pouco tempo de tropas Francezas, que estão em Italia, tinhão ordem de marchar para Hespanha.

Londres 12 de Junho.

Extracto de huma Carta escrita á bordo da Statira.

" Segundo o que nos disse o Official Hespanhol, que levamos a Lord Cambier, o Povo Hespanhol faz todo o possivel para sacudir o jugo Francez. As Provincias de Asturias, Leão, e outras adjacentes armarão perto de 60 mil homens, em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé, como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes, e o Ferrol se acha igualmente sublevado a não ser hum Governador do partido Francez. Os Andaluzes, nas visinhanças de Cadiz, tem pegado em armas, e dizem ha já escrito, que não pela menor parte Tropas de Lisboa, e commandadas por hum habil General. Toda esta sublevação se originou de Bonaparte se declarado a favor Regente de Hespanha. Os espiões de Bonaparte chegão a Carthagena, e não duvido que em pouco seja senhor de toda a parte. Espero que nos acudam ao Porto de Gaya, que fica pouco distante de Oviedo, com huma sufficiente quantidade de polvora, &c. pois do soccorro de Hamburgo depende o bem de Portugal. A receita he tão geral, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas não pela maior parte não reunem-se nas montanhas com os seus Camaradas sublevados. "

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pagfis=7500

Figura 103– Jornal Idade D'Ouro do Brasil

Num. 1.

IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 14 de Maio de 1811.

Fallai em tudo verdade
A quem em tudo as deveis.

Sá, e Miranda.

GRAMBRETANHA.

Londres 10 de Fevereiro de 1811.

Quarta feira 6 do corrente teve lugar a Ceremonia da installação do Principe de Galles em Regente da Gram-Bretanha por virtude de hum acto do Parlamento, que em consequencia do estado de molestia do Rei seu Pai Declarou que aquelle Principe pertencia a Regencia dos Reinos Unidos em Nome, e com o consentimento de SUA MAGESTADE BRITANICA.

Na folha = *The Courier* = de Sabbado 16 de Fevereiro se lem dois interessantes artigos da tomada de *Batavia*, e da *Ilha de Banda* estabelecimento Holandezes na *Asia*, que ainda perturbavão a sinquilidade absoluta da *Gram-Bretanha* naquelles mares. O primeiro he huma conjectura deduzida de hum Officio do General *Abercromby* o Conquistador da *Ilha de França*; mas o segundo he Official confirmado até pela sahida do Governador, e Magistrados da *Ilha do Principe de Galles* para a conquistada *Ilha de Banda*.

HESPANHA.

Cadiz 5 de Março.

Nas Gazetas extraordinarias da Regencia deste dia vem insertos hum Officio de *D. Manuel La peña* General em Chefe interino do quarto Exercito, em que participa ao Chefe do Estado Maior General a tomada pelo Exercito do seu Commando do interessante ponto de *Casas Viejas*, e a de *Beguer* pelo Coronel *Aymerich*; Hum aviso do Telegrapho de *Sancti Petri* de se ter tomado sem disparar hum tiro; E a participação verbal da derrota do Exercito Francez com perda de 5 peças d'artilheria, bastantes prizioneiros, e hum General, mandada pelo General em Chefe *D. Manuel La peña* ao Conselho da Regencia.

Em huma Carta fidedigna da mesma Cidade com data de 6 de Março se endividulo algumas circunstancias deste successo, entre

Figura 104– Jornal O Patriota

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

N. 1.º

JANEIRO.

Reservado da Secção Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis por semestre.

Fonte: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=749940&pagfis=1

O jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, segundo informações do site da Biblioteca Nacional Digital, foi lançado em 10 de setembro de 1808, sendo o órgão oficial do governo português, enquanto D. João VI permaneceu no Brasil. Circulava duas vezes na semana, dias de quarta e sábado. Inicialmente, foi editado pelo frei Tibúrcio José da Rocha e, posteriormente, pelo jornalista Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Ainda de acordo com o site, o *Gazeta do Rio de Janeiro* é o segundo jornal da história da imprensa brasileira e o primeiro a ser redigido e publicado totalmente no Brasil pela Impressão Régia.

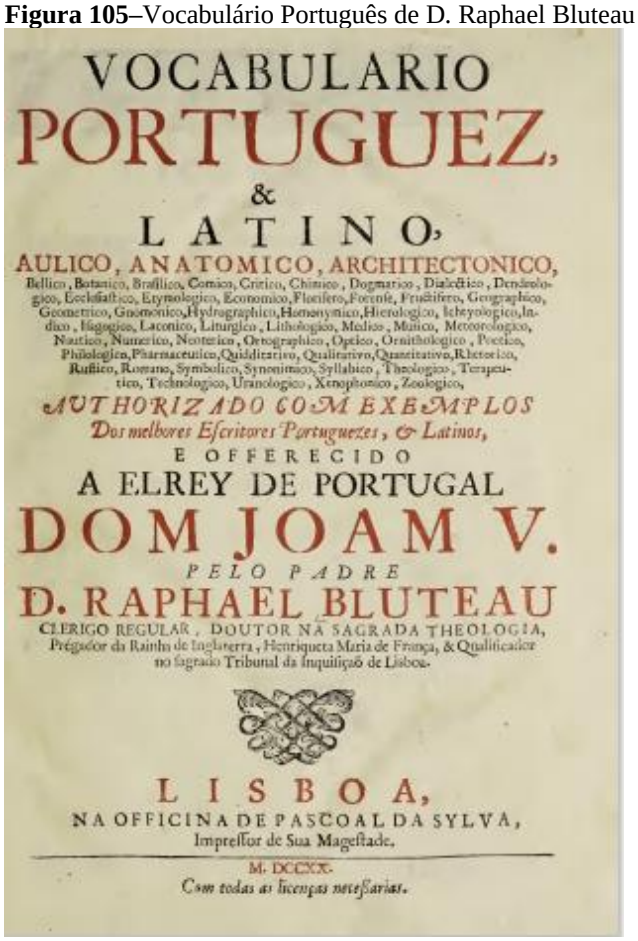
O periódico *Idade D'Ouro do Brasil*, também conhecido como *Gazeta da Bahia*, conforme Oliveira (1999), era um jornal composto por quatro páginas que circulava duas vezes na semana, às terças e sextas. Era impresso na Província da Bahia, entre maio de 1811 e junho de 1823. Tratava-se de um periódico com uma linha editorial conservadora, implantado por Manuel Antônio de Castro, que funcionava como uma espécie de diário oficial da época, divulgando e defendendo os interesses da Coroa portuguesa no Brasil, conforme informações do site da Biblioteca Nacional Digital.

Sobre o jornal *O Patriota*, Freitas (2006, p. 58) relata que era impresso pela Imprensa Régia mensalmente em 1813, e bimensal em 1814, quando foi extinto, com um total de 18 edições, abordando temas variados como, por exemplo, mineralogia, química, literatura etc. Ainda de acordo com o referido autor, *O Patriota* foi fundado e dirigido por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838), na época redator da *Gazeta do Rio de Janeiro.* Registre-se ainda que, assim como o fundador, os colaboradores do periódico foram importantes estudiosos brasileiros "todos formados fora do país, e a maioria na Universidade de Coimbra" (FREITAS, 2006, p. 58).

Esses três periódicos foram escolhidos, pois possuem uma quantidade razoável de publicações, além de divulgarem informações de cunho oficial e do fazer científico no Brasil. Acreditamos que as representações gráficas identificadas neles são exemplos da norma ortográfica subjetiva que circulou no Brasil durante o século XIX.

Sobre os dicionários, escolhemos os três indicados a seguir.

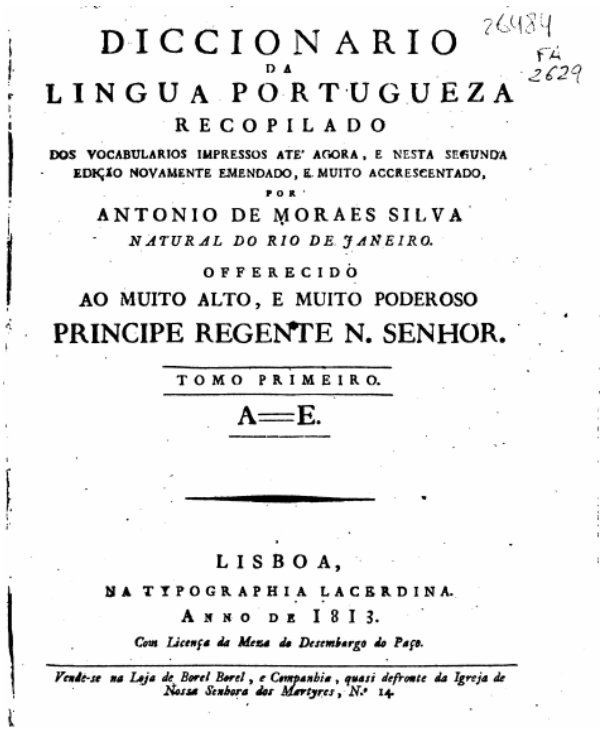
Figura 105–Vocabulário Português de D. Raphael Bluteau – Século XVIII



VOCABULARIO
PORTUGUEZ,
&
LATINO,
AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO,
Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Mistico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neotherico, Orographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Ruſtico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico,
AUTHORIZADO COM EXEMPLOS
Dos melhores Eſcritores Portuguezes, & Latinos,
E OFFERECIDO
A ELREY DE PORTUGAL
DOM JOAM V.
PELO PADRE
D. RAPHAEL BLUTEAU
CLERIGO REGULAR, DOUTOR NA SAGRADA THEOLOGIA,
Prégador da Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no ſagrado Tribunal da Inquiſição de Lisboa.
LISBOA,
NA OFFICINA DE PASCOAL DA SYLVA,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
M. DCCXX.
Com todas as licenças neceſſarias.

Fonte: https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/

Figura 106– Dicionário de Antonio Moraes Silva



DICCIONARIO
DA
LINGUA PORTUGUEZA
RECOPILADO
DOS VOCABULARIOS IMPRESSOS ATE' AGORA, E NESTA SEGUNDA EDIÇÃO NOVAMENTE EMENDADO, E MUITO ACCRESCENTADO,
POR
ANTONIO DE MORAES SILVA
NATURAL DO RIO DE JANEIRO.
OFFERECIDO
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO
PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.
TOMO PRIMEIRO.
A=E.
LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA LACERDINA.
ANNO DE 1813.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.
Vende-se na Loja de Borel Borel, e Companhia, quasi defronte da Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 14.

Fonte: www.google.com.br/books/edition

Figura 107– Dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto

DICCIONARIO
DA
Lingua Brasileira
POR
LUIZ MARIA DA SILVA PINTO
Natural da Provincia de Goyaz.
OURO PRETO
NA TYPOGRAPHIA DE SILVA.
1832.

Fonte: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414

A opção por utilizar esses dicionários se justifica pelo fato de apresentarem registros do léxico de períodos distintos, nos séculos XVIII e XIX, sob a perspectiva lexicográfica de brasileiros e europeu. Além disso, a observação dos verbetes poderá fornecer pistas sob o alcance dessa norma objetiva ao confrontá-la com os assentamentos de Antônio Pinheiro e Inocêncio.

Da tese de Zenaide Carneiro de Oliveira Novais, escolhemos as cartas escritas por Jozé da Silva Liboa, o Visconde de Cairu; Luiz Paulo Araujo Basto, Visconde de Fiais; João Mauricio Wanderley, Barão de Cotegipe e Antonio Pinheiro Canguçu, neto de Inocêncio Pinheiro Canguçu, o 3º senhor do Campo Seco. O quadro 40 a seguir caracteriza brevemente o perfil desses indivíduos, a quantidade de cartas analisadas e o período compreendido. Os fac-símiles e a edição das cartas podem ser conferidos no anexo.

Quadro 40 – Perfil dos redatores ilustres

	Data de nascimento	Local de nascimento	Escolarização	Ocupações	Quantidade de cartas	Período das cartas
Jozé da Silva Lisboa	16/07/1756	Salvador	Bacharel em Leis e Direito Canônico e em Matemática. Universidade de Coimbra	Senador do Império pela Bahia, Desembargador. Jornalista, Escritor, Professor etc.	05	1809,1810,1812
Luiz Paulo Araujo Basto	30/01/1797	Rio de Janeiro	Doutor em Direito Canônico - Universidade de Coimbra	Juiz de Órfãos. Auditor de Guerra, Corregedor da Câmara, Presidente da província da Bahia	03	1825, 1828
João Mauricio Wanderley	23/10/1815	Vila de São Francisco das Chagas, BA.	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais- Academia de Direito de Olinda, PE	Magistrado. Desembargador. Deputado Presidente da província da Bahia, Ministro da Fazenda (1853), da Marinha (1868),	05	1877
Antonio Pinheiro Canguçu	04/06/1854	Bahia	Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas - Escola Politécnica de Salvador.	Trabalhou na empresa de Ferrovia Leste Brasileira (2), no Rio de Janeiro onde foi morar depois de formado.	01	1890

Fonte: Produzido pelo autor a partir da leitura de Carneiro (2005) e Santos Filho (2012)

A escolha de cartas escritas por esses quatro homens, considerados ilustres, justifica-se pelo fato de todos serem brasileiros, terem a escolarização comprovada e ocuparem cargos que, de certa forma, mobilizaram uma prática de escrita constante. Há de se observar ainda que os remetentes escolhidos são naturais da Bahia e o do Rio de Janeiro, mesmos locais dos periódicos escolhidos, e a produção das cartas ocorreram em diferentes momentos, isto é, durante o período de circulação e após extinção dos jornais.

O critério utilizado para colher as palavras nos periódicos e nas cartas dos ilustres foi o seguinte: inicialmente, pesquisamos as palavras retiradas do *Livro de Razão*, quando não identificadas, buscamos vocábulos cujos contextos exigiriam a flutuação gráfica para a representação do fonema. Para os dicionários, consideramos apenas os vocábulos colhidos do *Livro de Razão*.

Analisamos os fonemas /z/, /s/, /u/, /ʃ/, /ʒ/ , pois eles foram representados no corpus por diferentes formas, o que nos possibilitou descrever um número maior de oscilações gráficas. Descrevemos também a representação das vogais, dos ditongos, da nasalidade e a escrita etimologizante, produtos dos punhos dos senhores do Campo Seco.

5.5 DOS SENHORES DO CAMPO SECO: A DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA

A proposta que será desenvolvida neste item consiste em descrever as oscilações na escrita dos Senhores do Campo Seco. Se a escrita é o foco da análise, é importante discutir, ainda que de forma sintética, a escolha do termo grafema para representar as unidades mínimas da língua escrita.

No estudo realizado sobre a representação dos fonemas sibilantes em documentos setecentistas, Monte (2007, p. 2548) relembra que o termo "grafema", cunhado pelo linguista Jan Baudouin de Courtenay, passou a ser utilizado, ao longo do tempo, com significados diferentes e explica que:

> As diferentes significações que lhe são atribuídas variam de acordo com a posição teórica dos estudiosos da língua sobre o sistema escrito e o oral. Se a língua escrita define-se como representação visual da língua oral, a concepção de grafema tende a se restringir ao paralelismo com o fonema (unidade mínima fônica). Se, por outro lado, toma-se a escrita como sistema quase autônomo de uma língua, o conceito de grafema amplia-se, tornando-se uma face abstrata da letra, com funções que alcançam maior significação do que meros caracteres. Quando se toma, todavia, os sistemas oral e escrito como complementares e passíveis de interações importantíssimas, o grafema surge como unidade polivalente, correspondendo ao fonema no nível linguístico de base de uma escrita alfabética, mas passando a abranger as escritas ideográficas, ou analíticas, — nas quais se propõe o termo pictogramas, como espécie de subgrafema —, e as unidades suprasegmentais, como os sinais de pontuação. (MONTE, 2007, p. 2548)

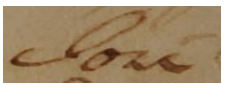
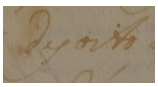
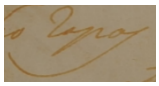
Da reflexão proposta pela autora, adotamos, nesta tese, o uso do termo grafema como unidade polivalente que corresponde a um fonema no nível linguístico, variando conforme as convenções de escrita utilizadas em diferentes sociedades e contextos, sem

considerar, portanto, a ideia de falta de rigor nessas representações, já que estamos analisando exemplos de textos produzidos em período de ortografia pendular.

5.5.1. Grafias para o fonema /z/

A grafia do fonema /z/ no corpus apresenta-se com flutuações, como acontece ainda hoje nos exemplos de escrita de alunos do ensino fundamental. Da lavra de Antônio Pinheiro Pinto, extraímos a seguinte amostra.

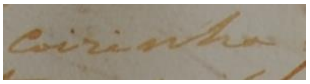
Quadro 41 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /z/.

<s>	**<z>**
 Jui<**s**> [p.6, L.3]	 Jo<**z**>é [p.4,L.4/ p.5, L.2,11]
 de<**s**>oito [p.29, L.4/ p.30, L.9]	 Bapti<**z**>ados [p.6, L.5]
 Rapa<**s**> [p.48, L.13/f.189v, L.10]	 ca<**z**>a [p.70, L.20/ p.103, L.11,13]
 aRo<**s**> [p.72, L.28,29,30,35]	 Ro<**z**>a [p.4, L.1/ p.13, L.18]

Fonte: Produzido pelo autor

A amostra extraída da lavra de Inocêncio José Pinheiro Pinto, embora seja menor, em virtude da pouca produção gráfica dele, também indica a intercambialidade no uso dos grafemas <s> e <z> para representar o fonema /z/, conforme os exemplos a seguir.

Quadro 42 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /z/.

<s>	<z>
 ve<**s**> [p.131r, L.4]	 ca<**z**>a [f.131r, L.1]
	 coi<**z**>inha [f.132v, L.2]

Fonte: Produzido pelo autor

Nos periódicos do século XIX analisados, pesquisamos palavras semelhantes às encontradas no Livro de Razão ou equivalentes ao contexto em que o fonema /z/ possibilitasse a variação gráfica <s> e <z>. Colhemos as seguintes informações presentes no quadro (x) a seguir.

Quadro 43 – Representação para grafias do fonema /z/ em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822	O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814	IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823
Ca<**s**>o	x	x	x
Ca<**z**>o	x	x	x
Ca<**z**>a	x	x	
Ca<**s**>as	x	x	x
Jo<**s**>é	x	x	x
Jo<**z**>é	x		x
Ro<**z**>a	x	x	x
Ro<**s**>a	x	x	x
De<**s**>oito	x	x	x
De<**z**>oito	x	x	x
Cau<**s**>a	x	x	x
Cau<**z**>a	x	x	x
Atravé<**s**>	x	x	x
Atravé<**z**>	x	x	x

Fonte: Produzido pelo autor

Fica nítido, no quadro, que os periódicos materializam o uso da pluriortografia no século XIX e, com certeza, funcionaram como uma "caixa de ressonância" dessas diferentes normas que circularam no país.

Os exemplos extraídos das cartas dos ilustres baianos, para o caso da variação grafemática <s> e <z> também indicam a presença da pluriortografia entre os letrados da

época. As palavras foram colhidas nas missivas obedecendo ao mesmo princípio utilizado nos periódicos e comparadas com exemplos oriundos dos punhos dos senhores do Campo Seco. Os dados estão apresentados no quadro 44 a seguir.

Quadro 44 – Comparando os dados: a grafia do fonema /z/ em cartas de letrados brasileiros- Século XIX

APP	IJPP	JSL	LPAB	JMW	APC
de<**s**>oito Bapti<**z**>ados ca<**z**>a Ro<**z**>a Jui<**s**>	coi<**z**>inha ca<**z**>a ve<**s**> Jo<**z**>é	po<**s**>a affectuo<**z**>o	France<**z**> u<**z**>o	Feli<**s**>mente	fa<**s**>endo go<**s**>ado

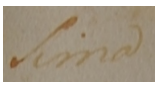
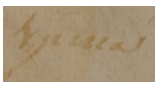
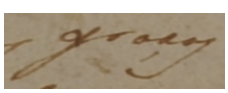
Fonte: Produzido pelos autores

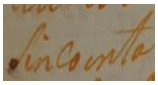
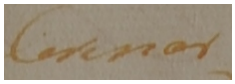
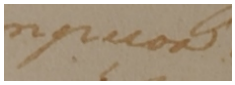
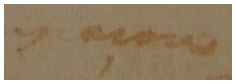
As duas primeiras colunas são alguns exemplos colhidos do *Livro de Razão*, enquanto, nas colunas seguintes, temos dados extraídos das missivas dos letrados, pessoas com nível superior e atuantes em cargos importantes, como José Wanderley, o Barão de Cotegipe. A amostra, ainda que muito restrita, revela que, assim como ocorrem nos periódicos, a variação <s> e <z> fazia parte do universo daqueles que tiveram acesso ao ensino superior. Embora exista a flutuação, tanto na escrita dos senhores do Campo Seco como na escrita dos ilustres letrados, notamos um predomínio do emprego do grafema <z> na maioria das palavras identificadas, fato que comprova uma tendência iniciada ainda no século XVIII em posição intervocálica, conforme Toniolo (2007, p. 106).

5.5.2. Grafias para o fonema /s/

A respeito do fonema /s/, lembra Aguilera (1997, p. 36) que, na escrita, pode ser representado por nove grafemas e/ou dígrafo. No corpus analisado, identificamos, do punho de Antônio Pinheiro, os grafemas <s>, <ss>, <c> e <ç> , como podemos observar na amostra presente no quadro a seguir.

Quadro 45 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /s/.

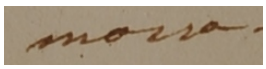
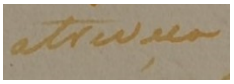
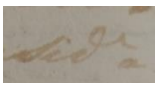
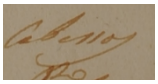
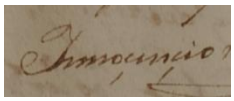
<s>	<ss>	<c>	<ç>
 <**S**>ima p.18, L.2/ p.103,L.3]	 pe<**ss**>a [p.7, L.4]	 <**C**>eca [p.53, L.5]	 gro<**ç**>os [p.73, L.25]

 <**S**>inocenta [p.116, L.15]	 a<**ss**>o [p.31, L.18]	 <**C**>erenar [f.124v, L.6]	 pe<**ç**>oa [p.121, L.10]
 <S>erto [f124v, L.30]	 Mo<**ss**>a [p.32, L.6]	 a<**C**>entar [p.108, L.25]	 pa<**ç**>ou [p.9, L.27

Fonte: Produzido pelo autor

Localizamos, da lavra de Inocêncio José Pinheiro Pinto, exemplos dos grafemas <s>, <ss> e <ç> para indicar o fonema /s/. No quadro 46 constam os exemplos colhidos.

Quadro 46 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /s/.

<s>	**<ss>**	**<ç>**
 <**S**>em [f.130v, L.5,12]	 mo<**ss**>a [f.131r, L.13]	 atreve<**ç**>a [f.186v, L.22]
 <**s**>i*da*de [p.130v, L.5]	 cabe<**ss**>as [f.132r, L.6]	 Inno<**ç**>en<**ç**>io [f.130r, L.2]

Fonte: Produzido pelo autor

A observação da representação grafemática do fonema /s/ nos periódicos possibilitou a identificação dos exemplos especificados no quadro 47 a seguir.

Quadro 47 – Representação para grafias do fonema /s/ em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	**JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822**	**O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814**	**IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823**
ro<**ss**>a	x		x
ro<**ç**>a	x		x
a<**ss**>o	x		x
a<**ç**>o	x		x
a<**ss**>ucar	x	x	
a<**ç**>ucar	x		x
<**s**>incoenta	x	x	
<**c**>incoenta	x	x	x

gro<**ç**>os	x		x
gro<**ss**>os	x		x

Fonte: Produzido pelos autores

A análise empreendida nos periódicos do século XIX mostrou, para a representação do fonema /s/, a mesma variação gráfica encontrada nos punhos dos senhores do Campo Seco. Apesar de as palavras selecionadas aparecerem com menos ocorrências no jornal *O patriota*, não podemos afirmar que a variação <ç> não ocorria neste periódico, apenas não identificamos tal ocorrência nos contextos analisados. A situação de uso desses grafemas foi identificada assim, na escrita dos remetentes ilustres do século XIX:

Quadro 48 – Comparando os dados: a grafia do fonema /s/ em cartas de letrados brasileiros- Século XIX

APP	IPC	JSL	LPAB	JMW	APC
pe<**ç**>ao <**S**>erto <**C**>eca con <**c**>erto nove<**s**>entos a<**ss**>o	<**S**>em <**s**>i*da*de atreve<ç>a mo<**ss**>a	lan<**s**>ar preten<**ç**>ão extor<**ç**>ão	so<**c**>ego	<**c**>errar con<**c**>ertos	Sem ocorrências

Fonte: Produzido pelo autor

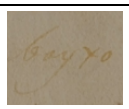
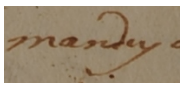
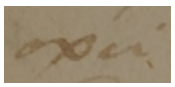
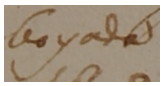
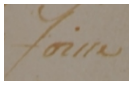
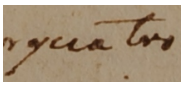
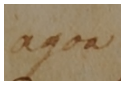
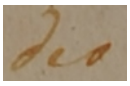
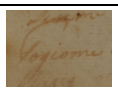
Nas duas primeiras colunas, apresentamos alguns exemplos dos punhos de Antônio Pinheiro e Inocêncio. Nas outras, com exceção de Antonio Pinheiro Canguçu, neto de Inocêncio, há uma amostra das ocorrências identificadas nas cartas dos remetentes ilustres. Embora não represente um conjunto de dados exaustivos, a amostra presente nas cartas revela a circulação de três variações para a representação do fonema /s/ entre os ilustres com nível superior e essas mesmas variações são encontradas no *Livro de Razão*, na escrita dos dois senhores.

5.5.3 Grafias para os ditongos

Antes de mencionar como ocorre a representação dos ditongos, no corpus, é importante destacar os grafemas que representam os sons vocálicos, que são seis: <a>, <e>, <i>, <y>, <o> e <u>. Há uma variação muito pequena no emprego dos grafemas <i> e <y>, com a forte predominância para o grafema <i> nos dois punhos analisados.

Os dados colhidos de Pinheiro Pinto estão explícitos no quadro 49.

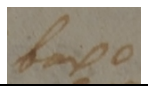
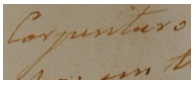
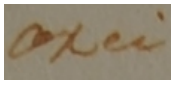
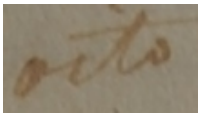
Quadro 49 – Representação grafemática do punho de APP para os ditongos

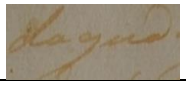
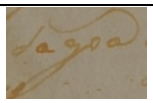
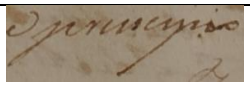
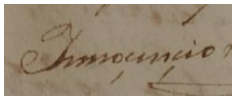
/ay/	 b<**ay**>xo [p.34, L.22/ p.61]	
/ey/	 mand<**ey**> [p.17, L.7/ p.18, L.3]	 ax<**ei**> [p.65, L.17/ p.78]
/oy/	 b<**oy**>ada [p.2,L.9/ p.8, L.10,12]	 f<**oi**>sse [p.35, L.30]
/wa/	 q<**ua**>tro [p.7, L.14]	 ag<**oa** > [p.6, L.8/ p.9, L.24]
/ew/	 M<**eu**> [p.35, L.1]	 d<**eo**> [p.3, L.6/ p.10, L.3]
/iw/		 Fog<**io**>me [p.2, L.24]

Fonte: Produzido pelo autor

Nos escritos de Inocêncio, encontramos os exemplos a seguir.

Quadro 50 – Representação grafemática do punho de IJPP para os ditongos

/ay/	 b<**ai**>xo [p.130v. L.2]	P<**ay**> [p.130v. L.2]
/ey/	 Carpint<**ei**>ro [f.186v, L.29]	 ax<**ei**> [p.132v. L.2]
/oy/	 c<**oi**>zinha [f.132v, L.2]	 <**oi**>to [f.130v, L.5]

/wa/	 dag<**ua**> [f.186v, L.3]	 dag**<oa >** [f.186v, L.12]
/ew/	m**<eu>** [p.130v, L.2]	d**<eo>** [f.186v, L.2]
/iw/	 princip**<io>** [p.130r, L.1]	 Innoçenç<**io**> [p.130r, L.2]

Fonte: Produzido pelo autor.

Os ditongos identificados nos punhos de Antônio e Inocêncio apresentam flutuação gráfica para a representação das semivogais. São usados os grafemas <i>, <y> e <e> para a semivogal /i/ e os grafemas <o> e <u> para representar o /u/. As mesmas representações foram localizadas nos periódicos analisados, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 51 – Representação para grafias do dos ditongos em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822	O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814	IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823
part<**io**>	x		x
ag<**oa**>	x	x	x
ag<**ua**>	x		x
dez<**oi**>to	x	x	x
ger<**ae**>s	x	x	x
ger<**ai**>s	x		x
P<**ay**>	x		
p<**ai**>	x		x
morr<**eo**>	x	x	x
morr<**eu**>	x	x	x
d<**eo**>	x	x	x
d<**eu**>	x		x

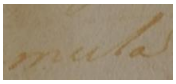
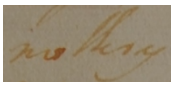
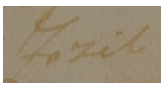
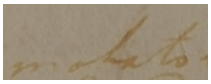
Fonte: Produzido pelo autor

Nas cartas dos ilustres, foram localizados poucos exemplos para a representação dos ditongos. Encontramos para o /iw/ as ocorrências ov<**io**>,receb<**eo**> e, para /ew/ o exemplo escrev<**eo**> da lavra de Jozé da Silva Lisboa, João Maurício Wanderley e Antonio Pinheiro Canguçu, respectivamente.

5.5.4 Grafias para o fonema /u/

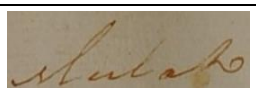
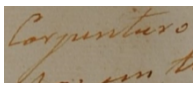
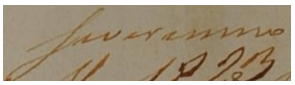
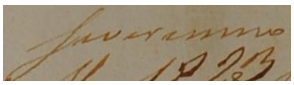
O fonema /u/ está representado no corpus pelos grafemas <o> e <u>. Em alguns contextos, como os exemplos das palavras *fugiu* e *mulato*, há uma variação gráfica <o> ~ <u>, conforme os exemplos presentes nos quadros 52 e 53 a seguir.

Quadro 52 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /u/.

<u>	**<o>**
 m<**u**>la [p.18, L.6]	 F<**o**>giome [p.2, L.24]
 m<**u**>lheres [f.124v, L.5]	 f<**o**>zil [p.46, L.9/ p.53, L.14]
 m<**u**>lato [f.182v, L.8]	 m<**o**>lat<**o**> [p.106, L.24]

Fonte: Produzido pelo autor

Quadro 53 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /u/.

<u>	**<o>**
 M<**u**>lato [f.186v, L.30]	 Carpinteir<**o**> [f.186v, L.29]
 J<**u**>veranno [f.186v, L.30]	 Juverann<**o**> [f.186v, L.30]

Fonte: Produzido pelo autor

A oscilação gráfica localizada na produção escrita dos senhores do Campo Seco para o fonema /u/ também está presente nos três periódicos analisados. No quadro 54, elencamos alguns exemplos.

Quadro 54 – Representação para grafias do fonema /u/ em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822	O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814	IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823
groç<**o**>s	x		x
h<**u**>ma	x	x	x
ass<**o**>	x		x
f<**o**>zil	x		
f<**u**>zil	x		x
sac<**o**>dir	x	x	x
sac<**u**>dir	x		x
m<**u**>lato	x	x	x
m<**o**>lato	x		x

Fonte: Produzido pelo autor

É importante destacar que, no caso específico das palavras f<**o**>zil e m<**o**>lato, as ocorrências foram localizadas na seção de anúncios dos periódicos *Gazeta do Rio* e *Idade D'ouro*, fato que revela que tais formas escritas circulavam na produção gráfica de parte de um público que escrevia nas distantes regiões rurais da Bahia oitocentista.

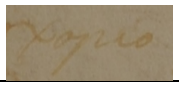
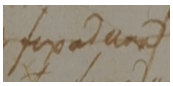
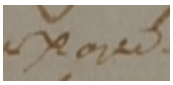
Por outro lado, nas cartas produzidas pelos ilustres letrados, as ocorrências da representação do fonema /u/ são poucas e seguem o padrão das palavras groç<**o**>s, ass<**o**> e f<**u**>zil, não localizamos exemplos como os casos de m<**o**>lato ,f<**o**>zil e sac<**o**>dir.

A alternância da representação gráfica para o fonema [u] identificada no *Livro de Razão* e nos periódicos, ainda que se trate de poucas ocorrências, retoma a hipótese de Barbosa (1999, p. 203), que, para o final do século XVIII, tais dados representariam uma prática grafológica e não marcas de oralidade.

5.5.5 Grafias para o fonema /ʃ/

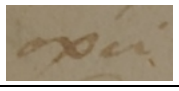
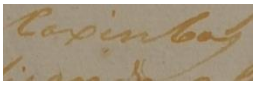
No *Livro de Razão* do Campo Seco, há dois grafemas para representar o fonema /ʃ/**.** Trata-se do <x> e do dígrafo <ch>. No entanto, há, nas ocorrências exemplificadas no quadro 55, que indicam, na produção de Pinheiro Pinto, um predomínio quase que absoluto do grafema <x>>, só localizamos uma flutuação gráfica nas palavras fe**<x>**adura e fe**<ch>**adura. Tal contexto, com exceção da representação <ch>, ocorre nos dados oriundos da escrita de Inocêncio, identificados no Quadro 56.

Quadro 55 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /ʃ/

		Localização
	<**x**>inellos	[p.63, L.11,15/ p. 86, L.12]
	<**x**>umbo	[p.111, L.29]
	<**x**>apéo	[p.32, L.14/ p.33, L.7/ p.43, L.11]
	fe<**x**>adura	[p.63, L.30/ p.84, L.10/ f.126v,, L.12]
	<**x**>ave	[p.63, L.31/ p.100, L.26]

Fonte: Produzido pelo autor

Quadro 56 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /ʃ/

		Localização
	a<**x**>ei	[f.132v, L.2]
	a<**x**>o	[f.130v, L.2]
	ca<**x**>inbas	[f.186v, L.23]

Fonte: Produzido pelo autor

Como ocorreu no *Livro de Razão*, nos jornais analisados, quadro 57, encontramos dois grafemas representando o fonema /ʃ/: o dígrafo <ch> e o <x>, porém, diferente do que aparece no *Livro de Razão*, há o predomínio do emprego do <ch>. Nas cartas dos ilustres, a representação do fonema /ʃ/ não foi minimente produtiva. Localizamos, do punho do Barão de Cotegipe, apenas o vocábulo *puxando* grafado com o dígrafo <ch>.

Quadro 57 – Representação para grafias do fonema /ʃ/ em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	**JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822**	**O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814**	**IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823**
Ro<**x**>a	x		x
Ro<**ch**>a	x	x	
fe<**ch**>adas	x	x	x
<**ch**>umbo	x	x	x

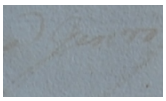
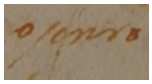
<**ch**>ave	x	x	x
<**ch**>apeo	x	x	x
a<**ch**>ar	x	x	x
abai<**x**>o	x	x	x

Fonte: Produzido pelos autores

5.5.6 Grafias para o fonema /ʒ/

A representação do fonema /ʒ/, no corpus, é feita pelos grafemas <g> e <j>>, com uma variação gráfica nas ocorrências diante de <e> e <i>, como revelam os vocábulos <j>enro e g<e>nro, da lavra de Pinheiro Pinto (cf. quadro 58).

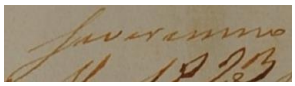
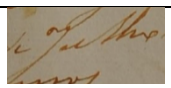
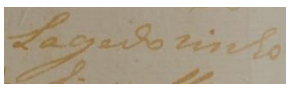
Quadro 58 – Representação grafemática do punho de APP para o fonema /ʒ/

<j>	**<g>**
 di<**j**>estivo [f.125r, L.23-24]	 <**g**>enro [p.18, L.3,5]
 <**j**>enro [p.111, L.30]	

Fonte: Produzido pelo autor

Na produção de Inocêncio Pinheiro, para o fonema /ʒ/, as ocorrências são prototípicas e, nos casos diante de <e>, não identificamos flutuação gráfica.

Quadro 59 – Representação grafemática do punho de IJPP para o fonema /ʒ/

 <**J**>uveranno [f.186v, L.30]	 vir<**g**>es [f.186v, L.8]
 <**J**>ulho [f.186v, L.29]	 La<g>edozinho [f.186v, L.21]

Fonte: Produzido pelo autor

Nos periódicos analisados, os exemplos colhidos, conforme o Quadro 60 também

seguem um padrão representativo, havendo flutuação gráfica apenas nos vocábulos via<**g**>em e via<**j**>em que, nos dois casos, foram empregados como substantivos.

Quadro 60 – Representação para grafias do fonema /ʒ/ em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822	O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814	IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823
<**G**>enro	x	x	x
<**g**>enio	x	x	x
vir<**g**>em	x	x	x
<**g**>eneral	x	x	x
via<**j**>em	x	x	x
via<**g**>em	x	x	x

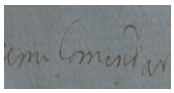
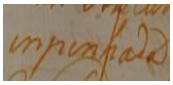
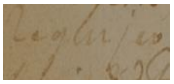
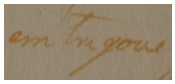
Fonte: Produzido pelo autor

Nas cartas dos ilustres, identificamos três exemplos, <**G**>iraldo, <**J**>ornaes e ob<**j**>ecto, que estão de acordo com os modelos identificados nos periódicos.

5.5.7 Grafias para representar a nasalidade

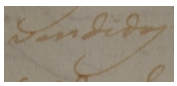
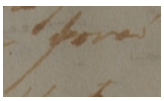
Pinheiro Pinto (Quadro 61) e seu filho, Inocêncio (Quadro 62), para representar a nasalidade, empregaram , assim como ocorrem nos exemplos dos periódicos (Quadro 63) e nas cartas dos ilustres (Quadro 64), os grafemas <m>, <n> e o <ão>.

Quadro 61 - Representação grafemática da nasalidade do punho de APP.

<m>	**<n>**	**<aõ>**
 e<**m**>Comendar [p.26, L.16]	 e<**n**>penhada [f.126r, L.4]	 Requej<**aõ**> [p.76, L.27]
 e<**m**>tregou [p.45, L.25]	 hu<**n**> [p.64, L.10,20]	 rezoluç<**aõ**> [p.121, L.31]

Fonte: Produzido pelo autor

Quadro 62 – Representação grafemática da nasalidade do punho de IJPP.

<m>	**<n>**	**<aõ>**
 Alg*oda*<**m**> [f.130v, L.2,8]	 ve<**n**>didas [f.130v, L.5]	 m<**aõ**> [f.130v, L.1]
		 for<**aõ**> [f.130v, L.5]

Fonte: Produzido pelo autor

A observação dos dados expostos nos quadros anteriores revela as seguintes constatações: na produção dos senhores do Campo Seco, a nasalidade no <ao> é indicada sempre no <o>; nos casos de verbos, na 3ª pessoa do plural do presente e do pretérito, nos punhos dos senhores do Campo Seco, predomina a representação <aõ>, por exemplo, for<**aõ**> [p.116, L.9,19 e 21] e fic<**aõ**> [p.109, L.6; f.130v, L.5].

Exemplos semelhantes foram encontrados nos três periódicos (Quadro 63), especificamente, para o pretérito for<**aõ**>, e na carta do ilustre senador do Império, Jozé da Silva Liboa, na flexão do verbo recomendar, grafado recomend<**ão**>>, (Quadro 64)

Quadro 63 –Representação para grafias da nasalidade em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	**JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822**	**O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814**	**IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823**
algod<**ão**>	x	x	x
for<**ão**>	x	x	x
hu<**m**>	x	x	x
ve<**n**>der	x	x	x

Fonte: Produzido pelos autores

Quadro 64 – Comparando os dados: a representação da nasalidade em cartas de letrados brasileiro do século XIX

APP	**IPC**	**JSL**	**LPAB**
Cals<**aõ**> hu<**n**> capita<**m**>	Alg*oda*<**m**> m<**aõ**> for<**aõ**>	t**ão**bem prete**nção** recome**n**d**ão**	Parab**ẽ**s h**ũ m**a

Fonte: Produzido pelos autores

Ainda em relação à representação da nasalidade, em se tratando dos ilustres,

notamos o emprego do (~) sobre a vogal <e>, sem a presença da consoante nasal <m> ou <n> (Parab**ẽ**s), e sobre o <u>, mesmo acompanhado da nasal <m>, como em (h**ũ m**a).

5.5.8 Etimologização gráfica

Entre os séculos XVI e início do XX, predominou, entre as fases da história da ortografia portuguesa, a escrita etimológica, isto é, período em que as palavras eram grafadas buscando manter aspectos da etimologia. No entanto, como já mencionado, a simples definição de uma fase da escrita não anula a outra. Barbosa (1999, p. 178) explica, por exemplo, que no século XVIII vivia-se um contexto de pluriortografia, fato que se estendeu até o século XIX. Nesse contexto, na busca por uma escrita que se aproximasse das formas latinas e até mesmo gregas, houve um aumento na grafia das palavras "que buscavam recuperar o componente etimológico" (TONIOLLO, 2007, p. 64).

Empregar a escrita etimológica era sinônimo de erudição e encontrava respaldo em muitos tratados ortográficos. João de Moraes Madureira Feijó, no livro *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, publicado a primeira vez em 1734, conforme Toniolo (2007, p. 65), difundiu, por mais de um século, um modelo etimológico de escrita que influenciou obras de outros diversos autores.

Ainda no século XVIII, Barbosa (1999, p.190) comenta que, mesmo não havendo imprensa, os homens da sociedade colonial do Brasil tinham acesso a um padrão de escrita, importado da metrópole através dos livros e impressos, buscando, por meio das "etimologizações espelhadas nas grafias dos impressos" produzirem um texto manuscrito, seguindo um modelo de prestígio.

No século XIX, com o advento da imprensa, os periódicos, auxiliando os impressos importados, serviram como modelo de escrita padrão para seus leitores. Os exemplos a seguir revelam como a etimologização gráfica estava presente nos jornais selecionados.

Quadro 65 –Representação para a etimologização gráfica em periódicos do século XIX.

EXEMPLOS	JORNAL GAZETA DO RIO – 1808-1822	O PATRIOTA- JORNAL POLÍTICO LIBERAL RJ 1813-1814	IDADE D'OURO DO BRAZIL BAHIA -1811-1823
a<**nn**>o	x	x	x
<**h**>um	x	x	x
e<**ll**>e	x	x	x
a<**tt**>ção	x	x	x
vi<**ct**>oria	x	x	x
<**h**>ontem	x	x	x

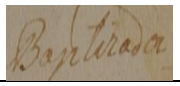
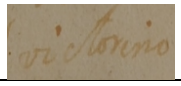
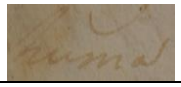
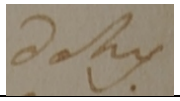
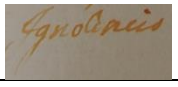
assi<**gn**>atura	x	x	x
sa<**h**>ida	x	x	x
ba<**pt**>izado	x		

Fonte: Produzido pelos autores

O emprego do <h> na representação do hiato, as consoantes geminadas, os grupos consonânticos <**ct**>, <**pt**>, <**gn**> são alguns exemplos identificados. O problema que se discute, entretanto, é que a influência exercida por esse modelo de escrita, em um contexto de ortografia pendular (BARBOSA, 1999), na busca por representar uma escrita com marca de prestígio, gerou a etimologização gráfica de muitas palavras que não tinham a origem no latim, fato que faz alguns autores denominar essas grafias de pseudoetimológicas.

No Campo Seco, listamos os exemplos a seguir (Quadro 66), da lavra de Pinheiro Pinto.

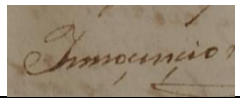
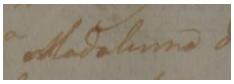
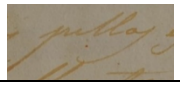
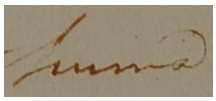
Quadro 66 – Representação grafemática da nasalidade do punho de APP.

Exemplo	Transcrição	Localização
	Se<**ll**>a	[p.49, L.17/ p.111, L.37/ f.127r, L.6]
	ca<**ll**>çar	[p.120, L.28]
	Ba<**bt**>izado	[p.6, L.5]
	<**Th**>imoteo	[p.17, L.6]
	vi<**ct**>orino	[p.17, L.9/ p.106, L.24]/ p.117, L.1,5]
	<**h**>uma	[f,129v, L.5,6/ f.130v, L.2,6/ f.182v, L.17]
	<**h**>obras	[p.43, L.21, 27]
	da<**hy**>	[p.86, L.6]
	<**Ig**>nocencio	[f.129r, L.31]

Fonte: Produzido pelos autores

Os dados oriundos de Pinheiro Pinto, que escreveu no *Livro de Razão* de 1794 a 1821, indicam uma aproximação com os exemplos colhidos nos periódicos quanto ao uso das consoantes geminadas, dos grupos consonantais e do emprego do <h> na representação dos hiatos. Os produtos gráficos do punho de Inocêncio são mais escassos, pois ele escreveu bem menos que o pai no Livro de assentos, entretanto também mostram a presença da etimologização, principalmente, pelo uso das consoantes geminadas, conforme o Quadro 67.

Quadro 67 – Representação grafemática da nasalidade do punho de IJPP.

Exemplo	Transcrição	Localização
	I<**nn**>oçençio	[f.130r, L.2]
	Madale<**nn**>a	[f.130v, L.3]
	Ri<**tt**>a	[f.132r, L.4, 13]
	pe<**ll**>as	[f.186v, L.10]
	<**h**>uma	f.129 v, L.5,6]

Fonte: Produzido pelos autores

É importante frisar que os dados representativos da escrita etimologizante dos senhores do Campo Seco não exaurem todas as ocorrências do corpus. Há ocorrências, em menor quantidade, de palavras grafadas com <y> , como Receb<y>, vend<y>, compre<y> etc. Porém, tais ocorrências não foram encontradas, de forma significativa, nos periódicos confrontados.

Além da comparação com os jornais da época, verificamos, na produção epistolar dos quatro ilustres letrados, um carioca e três baianos, a ocorrência de fenômenos etimologizantes na escrita. No quadro 68 a seguir, tabulamos as informações.

Quadro 68 – Comparando os dados: a representação a etimologização gráfica em cartas de letrados brasileiro do século XIX

APP	IPC	JSL	LPAB	JMW	APC
ca<**ll**>çar I<**nn**>oçençio	<**h**>uma Madale<**nn**>a	es<**cr**>ipto sa<**h**>ido	assi<**gn**>ar le<**tt**>ras	Contra<**h**>ir di<**ct**>ado	a<**h**>i cava<**ll**>o

Ri<**tt**>a Ba<**bt**>izado vi<**ct**>orino <**Ig**>nocencio <**Th**>imoteo	pe<**ll**>as da<**h**>i a<**th**>e Ri<**tt**>a	<**Ig**>nacio Inspe<**ct**>or o<**ff**>icial	<**H**>ontem permi<**tt**>a da<**h**>i en<**th**>usiasmo obje<**ct**>o	ca<**nn**>as cava<**ll**>o	vi<ll>a

Fonte: Produzido pelos autores

A observação dos produtos gráficos dos punhos dos ilustres letrados, assim como aconteceu com os senhores do Campo Seco, sugere a reprodução de uma escrita que espelha as grafias etimologizantes dos impressos nos textos manuscritos, da mesma forma que aconteceu, no século XVIII, com os homens que escreviam, no Brasil, naquele período.

Analisado o comportamento da oscilação grafemática dos senhores do Campo Seco em relação aos periódicos e aos ilustres letrados, sintetizamos, no quadro 69, os vocábulos que os dicionários consultados registram da mesma maneira que encontramos no *Livro de Razão*.

Quadro 69 – Variação grafemática do *Livro de Razão* dicionarizada

Exemplos do Livro de Razão	**Grafia(s) encontrada(s) no Bluteau, Vocabulario,**	**Grafia(s) encontrada(s) no Diccionário de Antonio Moraes Silva**	**Grafia(s) encontrada(s) no Dicionário Luiz Maria da Silva Pinto**
agoa	Agoa/ agua	Agoa/agua	Agoa/ agua
Algodam/algodão	Algodam	Algodão	Algodão
anno	Anno	Anno	Anno
Baptizado	Baptizado	Baptizado	
hum	Hum	Hum/um	Hum/um
pressa	Pressa	Préssa	Pressa
Sella	Sella	Sélla	Sella

Fonte: Produzido pelos autores

Percorrido esse percurso descritivo-comparativo, foi possível perceber que a variação grafemática dos senhores do Campo Seco apresenta-se de forma pendular, oscilando entre grafias encontradas nos periódicos e dicionários analisados, e na escrita de alguns ilustres. Esse resultado também dialoga com as percepções dos gramáticos da segunda metade do século XIX que foram estudados por Lima (2014). Da análise das gramáticas, Lima (2014) constatou que a maioria dos autores reconhecem três sistemas ortográficos em vigor nos oitocentos, o fonético, o etimológico e o misto, reunião de aspectos dos dois primeiros sistemas. Os dados *do Livro de Razão* espelham justamente essa realidade mista que o autor chama de sistema ortográfico brasileiro.

Em relação ao grau de instrução dos senhores do Campo Seco, não é possível afirmar, com base exclusiva neste estudo grafemático, um nível de letramento, entretanto podemos, sim, desconstruir dois aspectos mencionados por Santos Filho (2012) ao abordar a questão da alfabetização desses indivíduos.

Primeiro: não podemos avaliar as construções gráficas de um período de pluriortografia, como é o caso aqui descrito, utilizando como parâmetros modelos ortográficos consolidados de sincronias atuais, pois a comparação seria assimétrica e, portanto, macularia os resultados, já que tratados ortográficos são resultantes de políticas e jogos de interesses que vão além do aspecto linguístico. Ressalte-se, ainda, que a variação grafemática foi identificada nos periódicos e nas cartas dos ilustres, além de registros dicionarizados, fato que identifica evidências metalinguísticas para muitos dados de escrita dos fazendeiros, caracterizados, equivocadamente, como "erros" por Santos Filho (2012).

O segundo aspecto a desmistificar é a ideia de que caligrafia feia é sinônimo de pouco letramento. Santos Filho (2012) afirma que a péssima caligrafia de Inocêncio indica que ele era menos instruído que seu pai, Pinheiro Pinto. Fosse isso verdade, os autores das missivas usadas para estabelecer a comparação com a produção gráfica dos senhores do Campo Seco, ilustres letrados comprovadamente, seriam enquadrados facilmente nesse conceito, basta conferir os fac-símiles das cartas no anexo.

5.6 "ESCREVEMOS O QUE FALAMOS OU O QUE SABEMOS FALAR": BREVE DESCRIÇÃO DE INDÍCIOS DA REPRESENTAÇÃO DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA

A parte que introduz o título desta subseção, "Escrevemos o que falamos ou o que sabemos falar.", é de autoria de Cagliari (2019, p. 382). Embora o foco de sua análise seja a maneira como ocorrem as reformas ortográficas ao longo do tempo, que, em sua perspectiva, são resultados de uma prática sem teorias, alertou-nos para uma reflexão sobre o papel dos textos escritos como fontes documentais capazes de espelhar fatos de língua reforçando a ideia de que, com as devidas ressalvas, é possível ouvir a "voz" de tempos pretéritos através dos textos, "ouvir o inaudível" (MATTOS E SILVA, 2008).

A respeito desse assunto, Monaretto (2005, p. 121) explica que:

> As letras poderiam representar variações da fala de um típico membro de uma comunidade de fala. Contudo é essencial saber o que é previsível na escrita e o que pode representar um evento de fala. Um variacionista que pretende resgatar a

> fala original por meio de registros escritos deve remover este filtro para tentar reconstruir a fala. (MONARETTO, 2005, p.121)

Embora não seja um estudo variacionista, pretendemos descrever aqui determinados exemplos que podem ser indícios de marca de oralidade no sertão da Bahia oitocentista através de registros escritos pelos senhores do Campo Seco. Temos consciência da importância de se retirar os filtros mencionados por Monaretto (2005), para que o estudo empreendido não apresente dados falseados. Para tanto, foi necessário estabelecer a distinção entre o que poderia ser um registro com potencial indício de oralidade e os exemplos de grafismos não pronunciados, conforme Barbosa (1999), oriundos da variação gráfica pendular que perdurou por muito tempo nos séculos que antecederam as reformas ortográficas.

Na subseção 5.5 descrevemos algumas ocorrências dos grafismos não pronunciados e verificamos como eram registradas em textos modelares da época (periódicos, cartas de homens ilustres e dicionários), mas não indicavam possíveis eventos de fala, como, por exemplo, casa/caza, fechadura/fexadura.

Estabelecida essa taxonomia da pluriortografia da época, o próximo passo é a identificação e a descrição dos registros que podem ser significativos do ponto de vista fonológico. Monaretto (2005, p.121) revela que é necessário ficar atento ao fato que algumas marcas escritas podem ser exclusivas de determinado escriba ou de certos dialetos, contexto que nos conduz a outra preocupação: a representatividade da fonte. No *Livro de Razão*, temos assentamentos do punho de três *scriptores*, o que nos leva a pensar até que ponto os resultados encontrados na análise serão capazes de representar uma determinada época ou região.

Fosse esse um estudo quantitativo, a representatividade da fonte, com certeza, seria um entrave para dar prosseguimento à análise. Entretanto, como defendemos ao longo desta tese, não é nosso objetivo mapear a realidade sócio-histórica e linguística do sertão baiano oitocentista por meio da análise do *Livro de Razão*, seria uma pretensão descabida. Pelo contrário, nossa finalidade é apresentar um microcosmo descritivo dessa realidade que, somado a outros já realizados ou que estão por vir, poderá ampliar o conhecimento sobre os aspectos da expressão sonora que caracteriza a fala atual, que já estavam representados no século XIX, no interior da Bahia, o que nos leva a concordar que é possível ouvir os ecos do passado replicados no presente.

5.6.1 Estudo do som em textos escritos

Em sua tese de doutoramento, Klebson Oliveira, ao tratar da questão da análise de marcas de oralidade na escrita, assim introduziu o tema:

> Dos assuntos mais discutidos, ao contrário do que se viu para os fenômenos gráficos, é aquele sobre a relação entre fala e escrita, sob múltiplos aspectos, enfocando-se suas condições de uso e produção, dentre outras coisas, e, para o meio dos debates, achegando-se posturas que advogam muito mais similaridades ou vice-versa entre ambas as modalidades, além, é claro, de posições bastante moderadas. (OLIVEIRA, 2006, p. 323)

A discussão empreendida pelo autor revela que a relação fala e escrita mobiliza diferentes abordagens e aspectos. Ao focalizar o tempo em que predominavam na cena linguística os estudos de língua oral, Oliveira (2006, p.323) apresenta-nos os trabalhos de Mattoso Câmara Jr. (1994b) e o de Pinto (1996). Diz o autor sobre os referidos trabalhos:

> [...] o trabalho pioneiro de Mattoso Câmara Jr. (1994b, p. 87- 95), em que analisou os 'erros' fonéticos cometidos por escolares, transpostos da oralidade para a escrita, e o de Pinto (1996), em que buscou também, mas só, nos letreiros, nos panfletos etc, traços fônicos típicos da fala. Ambos os autores flagrando e denominando os aspectos fonéticos tão somente. (OLIVEIRA, 2006, p. 323)

Para além desses estudos, enfatiza Oliveira (2006) um conjunto de autores que se detiveram na análise de sincronias mais remotas da língua portuguesa e buscaram, por meio da representação ortográfica, uma aproximação do sistema fonológico de uma época. Para ilustrar esses trabalhos sincrônicos, cita Maia (1986), Mattos e Silva (1989) e Telles (2002b, 2003a, 2003b e 2005), por exemplo.

Ainda discutindo aspectos do tema que pretendia desenvolver, menciona o contexto da pluriortografia que vigorava no século XIX, deixando claro que, para a análise que realizaria, ao se debruçar sobre os fenômenos localizados nas Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos "não se procedeu a um estudo dos modelos ortográficos em convívio no século XIX, nem mesmo nos documentos constantes do corpus" (OLIVEIRA, 2006, p. 324).

Tal contexto pode parecer controverso, pois estudos desse tipo, geralmente, buscam evidências metalinguísticas em textos modelares do período, como fizemos ao analisar os fenômenos gráficos não pronunciados localizados no *Livro de Razão*. No entanto, a justificativa do autor para essa escolha elucida seu ponto de vista, como podemos ler a seguir:

> Dessa maneira, como se pode flagrar grafias fonetizantes, que, por conseguinte, estariam a dizer sobre fenômenos fônicos, característicos da oralidade, nos oitocentos? Mas não é este o objetivo aqui: arrolar e interpretar traços fonéticos/fonológicos típicos da linguagem oral do século XIX, só em um segundo plano. Primordialmente, quer-se mostrar que muito do que caracteriza a fala atual, na sua expressão sonora, encontrava já representantes no século referido e, muitas vezes, sob os mesmos condicionamentos, daí a referência a uma numerosa bibliografia que trata dos fenômenos nos tempos atuais. (OLIVEIRA, 2006, p. 324-325)

Do mesmo modo que Oliveira (2006), como já mencionado, nossa finalidade principal neste microestudo, para além de estudar os traços fonetizantes identificados no *Livro de Razão*, é mostrar que muitos fenômenos presentes na fala atual são ecos de um passado linguístico. Por outro lado, diferente do que fez Oliveira (2006), buscaremos evidências metalinguísticas dos fenômenos que descreveremos nos periódicos, cartas de ilustres letrados e dicionários já referidos.

5.6.2 A escrita fonetizante dos senhores do campo seco

Da análise dos punhos de Antônio Pinheiro Pinto e Inocêncio José Pinheiro Pinto catalogamos 223 ocorrências de traços fonetizantes na escrita para a análise. O quadro 70 a seguir sintetiza e especifica os dados levantados.

Quadro 70– Traços fonetizantes identificados na escrita dos senhores do Campo Seco

Fenômenos	APP	IJPP
Aférese	01	04
Anteriorização [a]> [e]	01	01
Anteriorização [u]> [i]	02	
Ditongação	02	
Elevação da vogal média postônica [e] >[i]	05	
Elevação da vogal média pretônica [e]> [i]	148	12
Elevação da vogal média pretônica [o]> [u]	18	
Epêntese	01	
Metátese	02	
Prótese	01	
Redução de ditongo	21	
Síncope	03	01
Total	205	18

Fonte: Produzido pelo autor

Tais fenômenos são modificações no som de uma determinada parte da palavra que, segundo Coutinho (1976, p. 142), recebem o nome de metaplasmos. Ainda de acordo com

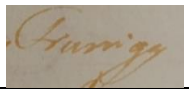
o referido autor, essas evoluções fonéticas são motivadas obedecendo aos seguintes padrões: metaplasmos por permuta, metaplasmos por acréscimos, metaplasmos por subtração e metaplasmos por transposição.

Os exemplos colhidos no *Livro de Razão* estão descritos e organizados na seguinte ordem: metaplasmos por transposição (metátese); metaplasmos por acréscimos (ditongação, epêntese e prótese); metaplasmos por subtração (redução de ditongo, síncope e aférese); e metaplasmos por permuta ou substituição (anteriorização e alçamento ou elevação das vogais médias). Vale destacar que daremos maior ênfase aos dados sobre elevação das vogais médias pretônicas e reduções de ditongos, devido ao maior número de ocorrências no *corpus*.

5.6.2.1 Metaplasmo por transposição de fonemas: metátese

A metátese é um processo que consiste na transposição do fonema de uma posição para outra na mesma palavra. Só localizamos 2 exemplos no *Livro de Razão*, apresentados no quadro 71, oriundos do punho escrita de Antônio Pinheiro.

Quadro 71– Metaplasmo por transposição na escrita de APP.

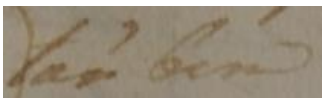
Metátese	**Transcrição**	**Ocorrências**
	pe[r]cizar (precisar)	01
	F**[r]u**nigas (Formigas)	01
	Total	**02**

Fonte: Produzido pelo autor.

5.6.2.2 Metaplasmo por acréscimo de fonemas: ditongação

Mattoso Câmara Jr. (2004, p. 100) define ditongação como uma "Mudança fonética que consiste na formação de um ditongo sistemático a partir de uma vogal simples.", isto é, no acréscimo de uma vogal assilábica em determinados contextos. São poucos os itens lexicais que representam o fenômeno da ditongação no corpus. Trata-se de dois dados oriundos da escrita de Antônio Pinheiro Pinto, já que não identificaramos exemplos na escrita de Inocêncio Pinheiro Pinto.

Quadro 72– Metaplasmo por acréscimo de fonema na escrita de APP: ditongação.

Ditongação	**Transcrição**	**Ocorrências**
	t**[aõ]**bem	01
	tr**[ei]**s	01
	Total	**02**

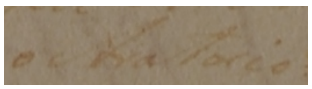
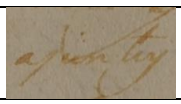
Fonte: Produzido pelo autor.

O primeiro caso, na palavra t**[aõ]**bem, temos a inserção da vogal assilábica no contexto de uma consoante bilabial. Já no segundo caso, o fator motivador da criação do ditongo foi a inserção da semivogal [y] na palavra tr**[ei]**s.

5.6.2.3 Metaplasmos por acréscimo de fonemas: epêntese e prótese

Processos de acréscimos de fonemas localizados apenas na produção gráfica de Antônio Pinheiro Pinto. Como podemos observa no quadro abaixo, temos (1) caso para a epêntese, pois o acréscimo é feito no interior da palavra e (1) ocorrência para a prótese, já que a inserção aconteceu no início do vocábulo.

Quadro 73 – Metaplasmos por acréscimo de fonema na escrita de APP: epêntese e prótese.

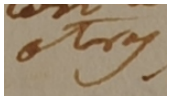
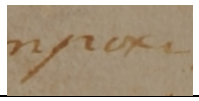
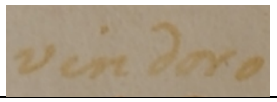
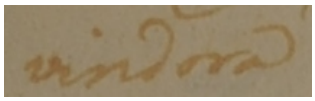
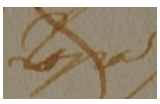
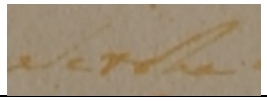
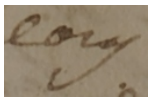
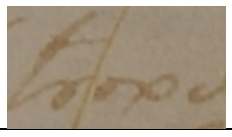
Epêntese		**Ocorrências**
	o**[l]**ratorio	01
	Total	**01**
Prótese		**Ocorrências**
	**[a]**juntey	01
	Total	**01**

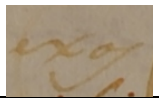
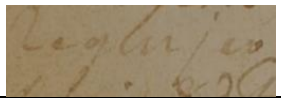
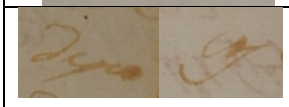
Fonte: Produzido pelo autor.

5.6.2.4 Metaplasmo por subtração de fonemas: redução de ditongos

A tendência de reduzir ditongos na língua é antiga. Oliveira (2006, p. 386) explica que tal fenômeno remonta ao latim e encontra-se presente no âmbito da fonética portuguesa, comprovadamente, por meio de estudos sincrônicos, nas variedades europeias, brasileira e angolana. Explica Barbosa (1999, p. 165), ao analisar o fenômeno nas cartas de comércio e nos documentos oficiais, que Luis F. L. Cintra se referiu à monotongação como elemento presente na linguagem culta da primeira metade do século XVII e, explicitamente, confirmado por gramáticos do século XVIII. Na escrita de Antônio Pinheiro Pinto, no Alto Sertão da Bahia oitocentista, foram identificadas 23 ocorrências do referido fenômeno, que estão organizadas no quadro a seguir.

Quadro 74– Metaplasmo por subtração de fonema na escrita de APP: redução de ditongos

Redução de ditongos		
Fac-símile	**Transcrição**	**Ocorrências**
	**[o]**tras (Outras)	01
	p[**e]**xe (peixe)	03
	vind**[o]**ro (vindouro)	02
	vind**[o]**ra (vindoura)	02
	R**[o]**pa (Roupa)	03
	Ser**[o]**la (Seroula)	01
	c**[o]**ros (couros)	02
	Tr**[o]**xe (Trouxe)	02

	**[e]**xos (eixos)	01
	Requ**[e]**jaõ (Requeijão)	01
	milh**[e]**ros (milheiros)	01
	Cri**[o]**la (Crioula)	01
	p**[o]**cos (poucos)	01
	Total	**21**

Fonte: Produzido pelo autor.

Como é possível observar, a pequena amostra do punho de Pinheiro Pinto exemplifica a redução dos ditongos [ey] e [ow]. Sobre a simplificação de [ey] para [e], explica Oliveira (2006, p. 391) que

> já foi fartamente estudada em diversos dialetos brasileiros e que algum consenso há no sentido de atribuir ao contexto fonológico seguinte papel determinante na redução. Desse modo, é generalizada a afirmação de que o simplificar do ditongo em causa está diretamente relacionado com a presença da vibrante [|] e das fricativas palatais [S] e [Z].

Alguns fatores motivadores da simplificação de [ey] para [e] foram comprovados por Oliveira (2006) ao estudar o fenômeno oriundo dos punhos de africanos e afrodescendentes do Brasil oitocentista, conforme no trecho acima. No Campo Seco, os casos de redução de [ey] para [e] são motivados pelo mesmo contexto exposto por Oliveira (2006), como podemos perceber em p[**e**]xe (peixe), **[e]**xos (eixos), Requ**[e]**jaõ (Requeijão), milh**[e]**ros (milheiro). Apesar de ter localizado apenas exemplos nos contextos mencionados, concordamos com o autor com a ideia de que o fenômeno pode ocorrer em outros segmentos.

A redução de [ow] para [o], conforme Oliveira (2006, p. 397), "apresenta-se, ao que parece, independentemente de qualquer contexto". O referido autor conclui, a partir de análise de estudos para o português brasileiro atual, que o fenômeno representa os últimos estágios de uma mudança em progresso. Do punho de Pinheiro Pinto, encontramos casos diante de [t], [v], [p], [x], [l] e [r].

Em Barbosa (1999, p. 165), nos documentos oficias e nos particulares, a simplificação de [ow] para [o] também foi identificada, porém com superioridade no

número de ocorrências nas cartas. Nas cartas dos quatro baianos ilustres, retiradas de Carneiro (2005), localizamos apenas duas ocorrências da redução de ditongos, são os casos das palavras **[o]**vio (ouvio) e p**[o]**sa (pousa), da lavra de Jozé da Silva Lisboa, Bacharel em Leis e Direto Canônico e senador do Império.

Para o século XX, nos dados identificados por Santiago (2019) nos punhos dos sertanejos baianos, a simplificação [ey] para [e] e [ow] para [o] acontece em contextos semelhantes aos indicados por Oliveira (2006). Nos casos de redução [ey] para [e], predominam exemplos diante da vibrante e das fricativas como comprovam os vocábulos elencados a seguir: *dexe* (deixe) *feverero* (fevereiro), *dinhero* (dinheiro), *entero* (inteiro), *bejinho* (beijinho). Já a redução [ow] para [o] acontece em segmentos variados, mas há predominância diante de <t> e <c>, a saber: *otubor* (outubro), *utros* (outros), *pôco* (pouco) *pocas* (poucas).

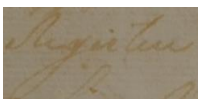
Pelo o exposto, percebemos que o fenômeno está presente na língua, na escrita de camadas da população de esferas sociais e níveis de letramento diferentes, pelo menos, desde o século XVII, como bem mostrou Barbosa (1999). A reflexão feita a partir da análise dos dados leva-nos a entender que não se pode usar apenas a ocorrência desse fenômeno para se estabelecer o nível de letramento de um indivíduo. Podemos, sim, pensar em indícios do funcionamento da língua oral em tempos passado e constatar o espelhamento desse funcionamento ainda hoje.

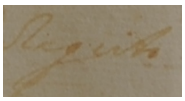
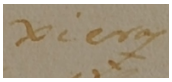
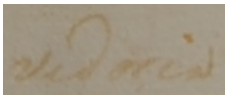
5.6.2.5 Metaplasmos por subtração de fonemas: síncope e aférese

Os casos de metaplasmos motivados por subtração foram identificados na escrita dos dois senhores do Campo Seco. Trata-se de exemplos de aférese, supressão do fonema no início da palavra; e de síncope, quando o fonema é subtraído no meio do vocábulo.

Antônio Pinheiro Pinto tem 4 ocorrências de síncope e 1 de aférese, conforme indica quadro 75.

Quadro 75– Metaplasmos por subtração de fonema na escrita de APP: síncope e aférese.

Síncope	**Transcrição**	**Ocorrências**
	Regis**[te]**ce (Registre-se)	01

	Regis**[to]** (Registro)	01
	xi**[c]**ras (xicaras)	01
	Total	**03**
Aférese	**Transcrição**	**Ocorrências**
	**[]** vidoria (Ouvidoria)	01
	Total	**01**

Fonte: Produzido pelo autor.

Inocêncio Pinheiro Pinto também tem 5 ocorrências, mas, diferente do pai, ele suprimiu em 4 ocorrências da mesma palavra, no início, e 1 no interior do vocábulo, de acordo como o quadro 76.

Quadro 76– Metaplasmos por subtração de fonema na escrita de IJPP: síncope e aférese.

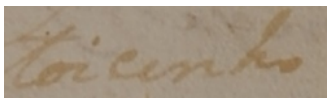
Síncope	**Transcrição**	**Ocorrências**
	P[]ripiri (Piripiri)	01
	Total	**01**
Aférese	**Transcrição**	**Ocorrências**
	[]the (athe)	04
	Total	**04**

Fonte: Produzido pelo autor.

5.6.2.6 Metaplasmo por substituição de fonemas: anteriorização

A utilização de vogais anteriores no lugar da vogal central ou das vogais posteriores provoca o fenômeno da anteriorização. Os dados colhidos no *Livro de Razão* na escrita de Antônio Pinheiro resumem-se nas três ocorrências listadas no quadro 77.

Quadro 77– Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: anteriorização

Anteriorização [a]> [e]		**Ocorrências**
	m**[e]**nham	01
	Total	**01**
Anteriorização [u]> [i]		**Ocorrências**
	to**[i]** cinho	02
	Total	**02**

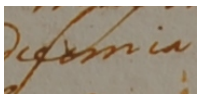
Fonte: Produzido pelo autor.

A busca por exemplos de fenômeno na produção gráfica de Inocêncio Pinheiro Pinto foi ainda bem menos produtiva. Apenas uma ocorrência foi identificada, trata-se da palavra atr**[e]**veça, localizada no fólio 186v.

5.6.2.7 Metaplasmo por substituição de fonemas: elevação das vogais médias postônicas

Para a elevação das vogais médias postônicas, localizamos, apenas nos assentamentos de Antônio Pinheiro Pinto, 05 ocorrências de alçamento [e] postônico final > [i], conforme os dados no quadro 78. Tal fenômeno indica, segundo Oliveira (2006, p. 362), uma prática grafológica que pode traduzir o encontro da fala com a escrita. Se pensarmos na sincronia atual, essa realização é prototípica na fala, independente do nível de escolaridade e da classe social do falante.

Quadro 78– Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias postônicas

Elevação da vogal média postônica [e] >[i]		**Ocorrências**
	Trox**[i]**	01
	Gom**[i]**s	01
	hoj**[i]**	01
	tiraç**[i]**	01
	fem**[i]**a	01
	Total	**05**

Fonte: Produzido pelo autor.

5.6.2.8 Metaplasmo por substituição de fonemas: elevação das vogais médias pretônicas

Dos dados colhidos, no *Livro de Razão*, localizamos um total de 161 ocorrências para os casos de elevação das vogais médias pretônicas, sendo 149 dados produzidos por Antônio Pinheiro e 12 da lavra de seu filho, Inocêncio. Por ser mais recorrente no *corpus* e pelo fato também de ser muito estudado em trabalhos sociolinguísticos sobre o português brasileiro em sincronias mais recentes, julgamos importante apresentar algumas considerações sobre tal fenômeno.

Nasi e Monaretto (2019, p. 968), ao estudarem o alçamento das médias pretônicas no português brasileiro sul-rio-grandense, no século XIX, revisaram trabalhos sobre o tema em diferentes estados e concluíram que, apesar das particularidades, o alçamento das médias pretônicas é “uma regra que ocorre, em maior ou menor grau, em todas as regiões do Brasil”. Para exemplificar as ocorrências e as possíveis motivações, os autores apresentam o quadro que reproduzimos a seguir.

Quadro 79–Registros de Indícios de Alçamento em Vogais Médias Pretônicas em Estudos sobre o Português Brasileiro Oitocentista

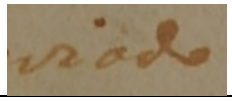
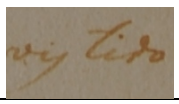
Barbosa (1999)	Monaretto (2005)	Oliveira (2006)	Magalhães (2013)	Keller e Costa (2014)	Bençal e Altino (2015)
milhor, sirtificamos, discuberta, anticipação, piqueno	ligítimu, custume, acustumados, piquena	falicida isclaricido, imenda, nomiada, milhor absuluta, custume guverno	discuidarei repitir chigada pruduto imprego	refirido, virificadas mutivo, descubrir	atriviria, cimiterio custume, inchuvia

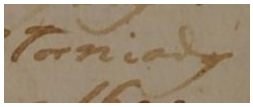
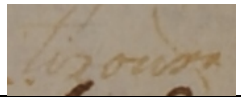
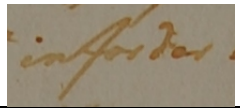
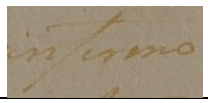
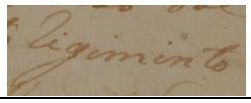
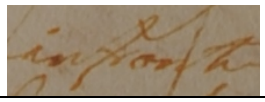
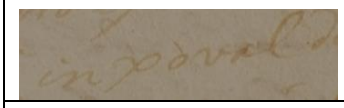
Fonte: Nasi e Monaretto (2019, p. 971)

Os dados presentes no quadro acima demonstram um predomínio da elevação da vogal <e> em relação à vogal <o>. Além disso, segundo os autores, há exemplos de elevação condicionados pela harmonia vocálica (pruduto, custume, falicida, repitir), elevação sem motivação aparente (guverno), elevação em hiato (nomiada) e em contextos inicial de sílabas travadas por nasal (imprego) e sibilante (isclaricido) (NASI; MONARETTO, 2019, p. 971).

No Campo Seco, as médias pretônicas **[e]> [i]** alçadas na escrita de Antônio Pinheiro Pinto estão representadas no quadro 80 a seguir.

Quadro 80 – Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias pretônicas **[e]> [i]**

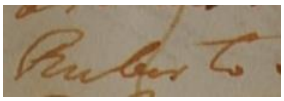
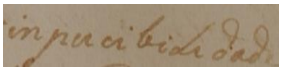
Elevação da vogal média pretônica [e]> [i]	**Transcrição**	**Ocorrências**
	[i]nprestimo	105
	[i]spingarda	01
	p**[i]**dy	01
	v**[i]**ado	06
	v**[i]**s tido	01
	D**[i]**s peza	20

	torn**[i]**ados	03
	t**[i]**zoura	01
	**[i]**nfardar	01
	**[i]**nfermo	02
	moqu**[i]**ada	01
	nom**[i]**ar	01
	R**[i]**giminto	01
	**[i]**nfronte	01
	d[i]s contando	01
	B**[i]**zeros	01
	**[i]**nxoval	01
	Total	**148**

Fonte: Produzido pelo autor.

Os casos de elevação da pretônica <o>, assim como ocorreram nos dados apresentados por Nasi e Monaretto (2019), são bem menores também na produção de Pinheiro Pinto. O quadro a seguir detalha esses casos.

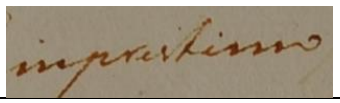
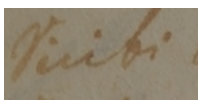
Quadro 81– Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de APP: elevação das vogais médias pretônicas **[o]> [u]**

Elevação da vogal média pretônica [o]> [u]		**Ocorrências**
	R**[u]**berto	02
	p**[u]**der	13
	S**[u]**alho	01
	Fr**[u]**nigas	01
	inp**[u]**cibilidade	01
	Total	**18**

Fonte: Produzido pelo autor.

Os assentamentos de Inocêncio Pinheiro Pinto indicam os seguintes exemplos para a elevação da vogal média pretônica **[e]> [i].**

Quadro 82– Metaplasmos por substituição de fonema na escrita de IJPP: elevação das vogais médias pretônicas **[e]> [i]**

Elevação da vogal média pretônica [e]> [i]		**Ocorrências**
	**[i]**nprestimo	09
	v**[i]**ado	01
	r**[i]**c**[i]**bi	02
	Total	**12**

Fonte: Produzido pelo autor

Não foram identificados casos de elevação da média pretônica [o] > [u] nos registros de Inocêncio, fato que também indica o predomínio do alçamento da vogal <e>. Os dados expostos anteriormente apresentam exemplos que podem se distribuídos da seguinte maneira, considerando os possíveis fatores condicionantes levantados por Nasi e Monaretto (2019) em estudos sobre o fenômeno no português brasileiro.

Tabela 9 – Elevação das vogas médias pretônicas no Campo Seco – possíveis fatores condicionantes

Fatores condicionantes	Antônio Pinheiro Pinto	Inocêncio Pinheiro Pinto
Harmonia vocálica (contexto de vogal média seguida por alta)	R**[i]**giminto, v**[i]**s tido	ric**[i]**bi
Sem motivação fonética aparente (elevação sem a presença de vogal alta na palavra)	R**[u]**berto, B**[i]**zeros	-----
Hiato	v**[i]**ado, nom**[i]**ar, S**[u]**alho	v**[i]**ado
Sílaba travada (nasal/sibilante)	**[i]**nprestimo,**[i]**spingarda, **d[i]**s contando D**[i]**s peza	**[i]**mprestimo

Fonte: Produzido pelo autor

No caso específico de Antônio Pinheiro Pinto, as maiores ocorrências incidem sobre os contextos de sílabas travadas por nasal e sibilante, enquanto os dados de Inocêncio são predominantemente de sílaba travada por nasal, sendo 9 dos 12 dados localizados.

Ao observar os dados dos trabalhos de Barbosa (1999), Carneiro (2005), Oliveira (2006) e Santiago (2019), é possível ter uma breve noção de que o fenômeno espelhado no *Livro de Razão* não é exclusividade de um determinado grupo de informantes. A tabela a seguir apresenta uma amostra com alguns exemplos retirados dos trabalhos mencionados.

Tabela 10 – Amostra da elevação das vogas médias pretônicas – Século XVIII ao XX

Fatores condicionantes	Barbosa (1999)	Barbosa (1999)	Carneiro (2005)	Oliveira (2006)	Santiago (2019)
Harmonia vocálica	S**[i]**ntirei,	ant[**i**]cipação int[**i**]ligência		fal**[i]**cida c**[u]**stume	p**[i]**dir m**[i]**ninos
Sem motivação fonética aparente	P[**i**]queno	p[**u**]der	G**[i]**raldo am**[i]**aça	m**[i]**lhor g**[u]**verno	r**[i]**al cand**[i]**al

Hiato	nom[**i**]ado	-----		nom**[i]**ada	
Sílaba travada (nasal/sibilante)	C[**u**]mforme, d[**i**]speza	**[i]**mprego	d**[i]**spesso	**[i]**sclaricido,	**[i]**ndereço d**[i]**smanxa

Fonte: Produzido pelo autor

A amostra indicada na tabela 10 não exaure todos os dados colhidos pelos autores, é apenas uma exemplificação de caráter descritivo cujo objetivo é atestar a presença do fenômeno e dos possíveis fatores condicionantes em outros períodos e em diferentes públicos.

A escolha desses corpora para se retirar exemplos e comparar com os dados dos senhores do Campo Seco se deu por alguns motivos: os textos são de séculos diferentes, alcançam um público diversificado (sertanejos, escravizados, ilustres), com níveis de letramento também variados. Basta lembrar que no estudo sobre os sertanejos (SANTIAGO, 2019) e os escravizados (OLIVEIRA, 2006) os autores discutem o nível de habilidade que os redatores têm com a escrita, estabelecendo um contínuo. No caso dos ilustres letrados, Carneiro (2005) conseguiu levantar um conjunto de informações que nos garante com certeza a escolaridade superior completa, além dos cargos ocupados na vida pública. Todas essas informações, associadas aos exemplos, comprovam que o fenômeno da elevação das vogais médias pretônicas circula no Brasil independente da escolarização, da origem institucional e social de quem o produz em diferentes momentos da evolução da língua, motivado por fatores que perpassam os séculos.

As evidências metalinguísticas do alçamento das vogais médias pretônicas e dos outros fenômenos de escrita fonetizante identificados nos punhos dos senhores do Campo Seco mostraram-se distintas nos dicionários e periódicos da época. Nos dicionários, os registros foram majoritariamente diferentes dos casos de escrita fonetizante localizados no *Livro de Razão*. Apenas a palavra *toicinho* foi identificada com alternância no registro, nos dicionários de Luiz Maria da Silva Pinto(1832) e Antonio Moraes Silva (1813). Também, no dicionário de Moraes e Silva, localizamos a entrada *tizoura*. Já, nos periódicos, a variação de escrita fonetizante foi maior, como explicitada na tabela a seguir.

Tabela 11 - Amostra de evidências metalinguísticas de escrita fonetizante em periódicos do século XIX

	Gazeta do Rio (1808-1822)	Idade D'ouro da Bahia (1811-1823)	O Patriota (1813-1814)
Anteriorização	--------	toicinho	--------
Ditongação	tãobem	tãobem	tãobem
Elevação da vogal média pretônica	impréstimo Rigimento tizoura viado	dispeza impréstimo puder Similhante viado	priguiça Similhante tizoura
Redução de ditongo	criolo pexe	criolo ropa	--------

Fonte: Produzida pelo autor

Ainda que restrita aos vocábulos selecionados do *Livro de Razão*, a evidência metalinguística dos fenômenos fônicos nos periódicos levou-nos a uma reflexão sobre o alcance da escrita fonetizante no século XIX. Partindo da ideia de que alguns documentos oficiais, como os casos apresentados por Barbosa (1999), contêm tais marcas, os periódicos da época não fugiriam à regra. É importante lembrar que, independente da origem do documento – público ou privado, das esferas de poder ou não – quem o escreve não está isento de levar para o texto as oscilações gráficas de um tempo, além de possíveis marcas individuais de oralidade, mesmo tendo o máximo de monitoramento. Por essa razão, generalizações devem ser evitadas.

Por outro lado, os dados de escrita fonetizante encontrados nos periódicos alertaram-nos para outra questão. Ao observar o local de origem dos exemplos pesquisados, percebemos que a maioria situava-se em seções de avisos, ou seja, anúncios oferecendo serviços de escravos, aluguel de imóveis, listas de compras marítimas, venda de produtos diversos e, principalmente oferecendo recompensa para quem soubesse informações sobre escravos que tinham fugido.

Esse contexto justifica a presença de tais fenômenos na escrita e amplia o público para além da gente do Campo Seco, já que revela os vestígios de oralidade em textos escritos em espaços diferentes da fazenda e, possivelmente em centros urbanos, já que a Gazeta do Rio era um periódico do Rio de Janeiro. Não estamos com isso afirmando que se trata de um contexto geral, mas que é possível pensar em indícios mais robustos através de uma análise quantitativa em jornais de diferentes locais, como fizeram Nasi e Monaretto (2019), ao estudarem o alçamento das vogais médias pretônicas em jornais do Rio Grande

do Sul do século XIX e constataram o fenômeno como fonologicamente significativo, isto é, como possíveis marcas de oralidade ouvidas no passado.

5.6.3 Um olhar reflexivo sobre os dados de escrita fonetizante

De forma geral, os dados de escrita fonetizante encontrados no *Livro de Razão* revelam um continuum, quando comparamos com os resultados de outros estudos que se debruçaram sobre a análise do texto escrito como documento de dados de língua. O quadro geral a seguir mostra a presença de cada fenômeno, entre os séculos XVIII e XX.

Quadro 83– Comparando dados de escrita fonetizantes – Séculos XVIII ao XX.

Livro de Razão (Fazendeiros – Bahia- Sec.XIX)	**Cartas de Comércio (Sec.XVIII) Barbosa (1999)**	**Documentos oficiais - Sec.XVIII Barbosa (1999)**	**Escravizados Séc. XIX Oliveira (2006)**	**Jornais do Rio Grande do Sul - Sec XIX – Nasi e Monaretto (2019)**	**Cartas dos ilustres Letrados Sec.XIX Carneiro (2005)**	**Santiago (2019) Século XX**
Aférese	**x**		**x**			**x**
Anteriorização	**x**	**x**	**x**		**x**	**x**
Ditongação	**x**	**x**	**x**		**x**	**x**
Elevação das vogais médias postônica			**x**			**x**
Elevação das vogais médias pretônica	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**
Epêntese	**x**	**x**	**x**			**x**
Metátese	**x**	**x**	**x**			**x**
Prótese			**x**			**x**
Redução de ditongo	**x**	**x**	**x**		**x**	**x**
Síncope	**x**	**x**	**x**			**x**

Fonte: Produzido pelo autor

Lançando um olhar sobre os expostos no quadro 83, notamos que a variação dos fenômenos colhidos no *Livro de Razão*, produtos das mãos dos senhores do Campo Seco, com exceção dos dados de Nasi e MONARETTO (2019), que analisaram especificamente o alçamento das vogais médias pretônicas, estão presentes, com raras exceções, na escrita de sertanejos, escravizados, senhores da elite e em documentos oficiais. Ante o exposto, ficam as seguintes questões: os fenômenos fônicos observados no Livro de Razão podem ser considerados como indícios do português brasileiro? Quanto vale essa variação no "mercado cambial linguístico"? (MACHADO FILHO, 2008). Teriam esses dados os mesmos valores, independente da representação de seus utentes na sociedade?

Temos consciência de que a representação fonética obtida por meio do estudo de dois informantes não é suficiente para se construir uma afirmação generalizante em relação à caracterização de fenômenos do português brasileiro. Por essa razão, defendemos, no decorrer da tese, a ideia de que apresentaríamos indícios, devidamente lastreados por outros estudos, com a finalidade de colaborar com informações para a compreensão do nosso multifacetado quadro linguístico.

Como comprovamos, ao comparar os dados com outros estudos, muitos fenômenos presentes no interior da Bahia, no século XIX, oriundos dos punhos dos senhores do Campo Seco, já foram estudados e identificados na constituição histórica do português popular brasileiro, vejam-se, por exemplo, os casos de Oliveira (2006), Santiago (2019) e, recentemente, Silva (2021), que publicou uma proposta de descrição das vogais pretônicas no Brasil a partir da fala de Salvador.

Os estudos empreendidos comprovam o caráter plural e polarizado do português (LUCCHESI, 1994). Plural, pois se constituiu a partir do contingente populacional diversificado que formou a população brasileira e polarizado porque, no esteio dessa segregação populacional, configurou-se em português popular e português culto.

Sobre a dicotomia acerca da formação e difusão do português brasileiro, explica Lucchesi (2004, p. 77) que a vertente culta esteve sob os cuidados de uma elite colonial que buscava preservar os modelos de cultura e de língua vindos da Metrópole. Já a vertente popular, formatada e difundida por africanos e afrodescendentes, "fincou suas raízes no interior, para onde se dirigiu a maior parte da população no período colonial."

Como então explicar que, no interior da Bahia oitocentista, na escrita de dois senhores, representantes de uma elite local, há vestígios de registros prototípicos da vertente popular do português brasileiro? Lucchesi (2007, p. 76) comenta que "as

longínquas e espacejadas povoações do interior" não sofriam influências dos centros urbanos onde se situavam a administração colonial e a elite que zelava pelos valores europeus. Além disso, a título de comparação, Silva (2015), ao apresentar níveis de alfabetismo em Santana do Campo Largo, oeste da Bahia, estudando Declarações de Terra escritas por grandes proprietários da região, na segunda metade do século XIX, constatou que quase metade dos fazendeiros, 43,4%, declarou não saber ler e escrever. Essa porcentagem indica que, nas longínquas regiões interioranas do Brasil, o analfabetismo, que se alastrava entre as camadas pobres, era também alto entre os representantes da elite local.

Apesar de os fenômenos, como o alçamento das vogais pretônicas e a redução de ditongos, não ocorrerem especificamente pela falta de escolarização, já que foram localizados na escrita de escravos, sertanejos pobres com pouca ou sem escolarização e sertanejos com nível superior comprovadamente (CARNEIRO, 2005), o fator escolarização é também determinante para a compreensão do predomínio do português popular no sertão oitocentista.

Em estudo voltado para o interior da Bahia no século XIX, a partir da análise de relatórios e falas dos presidentes de províncias, coleção de leis e resoluções da Assembleia Legislativa da Bahia, Carneiro e Almeida (2006, p. 649) apresentam um panorama sobre o processo de escolarização no interior da Província e sobre alguns aspectos da "estandardização", difusão e consolidação da língua portuguesa nessa região.

Sobre as vertentes do português brasileiro, as autoras defendem que predominou, na região do semiárido baiano, o português popular brasileiro, por não acreditarem que o ensino de primeiras letras que, na maioria das vezes, era precário, pudesse influenciar a variedade linguística usada pela geral da população que permanecia excluída do sistema escolar.

Quando o assunto é a difusão do português brasileiro, Carneiro e Almeida (2006, p.666) acreditam que a população de origem africana tenha exercido maior papel na zona de mineração e, a partir do século XIX, na zona de agropecuária, contexto da região onde se localiza Bom Jesus dos Meiras e a fazenda do Campo Seco. Para as autoras, a implantação da variante do português brasileiro culto, no interior da Bahia, é um fato recente, resultado de um maior contato da classe média rural com a escolarização nas décadas iniciais do século XX, quando o Brasil se torna um país urbano, além dos avanços nas vias de comunicação com a chegada de jornais e compêndios ao interior.

A questão que se coloca para refletir ao olhar esses dados na escrita de uma população tão diversificada é saber se teriam o mesmo valor no "mercado cambial linguístico" (MACHADO FILHO, 2008). Marurizio Gnerre, em seu livro *Linguagem, Escrita e Poder*, afirma "Uma variedade linguística "vale" o que "valem" na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais" (GNERRE, 1998. p. 5-6). A afirmação de Gnerre (1998) evidencia que o valor de uma determinada variedade da língua está associado ao papel que o falante ocupa na sociedade. Essa situação, embora se constitua uma prática excludente, da mesma maneira que ocorre em outros contextos sociais, se dá porque o compartilhamento da língua pela sociedade é atravessado pelos discursos de poder que não deviam, mas se perpetuam ao logo do tempo.

Pensando nisso e retomando as questões acerca das variedades localizadas nos documentos estudados, parece-nos razoável acreditar que no "mercado cambial linguístico", tais fenômenos não teriam a mesma valoração, já que a posição socioeconômica dos indivíduos dos quais se extraíram os exemplos analisados não é a mesma. Será que os escravizados (século XIX) e sertanejos pobres (século XX) teriam um tratamento, em uma escala de valoração, semelhante aos ilustres letrados, que têm em suas cartas fenômenos que indicam a mesma variação linguística? Não é necessário fazer uma pesquisa mais detalhada para saber que a resposta é negativa. Basta lembrarmos que, ainda hoje, a noção de legitimidade da variação linguística perpassa, infelizmente, por essas questões e o "local" de fala determina a dosagem do preconceito e do estigma em relação ao falante.

Nesse contexto, cabe aos responsáveis por ensinar a língua, os professores de português, pensar um ensino que supere a ideia restrita ao ensino de uma norma – a norma-padrão– e auxiliem os alunos na busca por se tornarem competentes nas várias normas, em suas modalidades escrita e oral. Por essa razão, defendemos a perspectiva de uma formação mais eficiente do professor de português em relação à constituição histórica da língua. Assim, estarão mais preparados para desmistificar as práticas segregadoras de ensino de língua que, infelizmente, ainda predominam na atualidade.

5.7 SÍNTESE DA SEÇÃO

Nesta seção, realizamos uma descrição grafemático-fonética dos dados oriundos do Livro de Razão. Ao finalizar o estudo proposto, algumas conclusões colaboraram para a compreensão da produção gráfica e dos fenômenos de escrita fonetizante oriundos dos punhos dos senhores do Campo Seco.

Em relação ao processo de configuração dos "punhos" dos scriptores, foi possível constituir um quadro sintético sobre a execução caligráfica de Antônio Pinheiro e de seu filho, Inocêncio. Além disso, mostramos os aspectos da segmentação gráfica não convencional presentes nos assentamentos dos senhores e identificamos o tipo de letra usado por cada um em seus registros. Todo esse processo mostrou-se muito importante para identificar o texto produzido por cada scriptor.

Apresentamos ainda um breve estudo sobre as abreviaturas localizadas nos assentamentos, classificando-as e identificando aquelas que foram constituídas por sinonímia e por polissemia, destacando a importância de conhecê-las para uma leitura adequada do texto.

No estudo grafemático, foi realizado o levantamento das representações dos fonemas mais produtivos no corpus (/z/, /s/, /u/, /ʃ/, /ʒ/) e buscamos evidências metalinguísticas em periódicos, dicionários e cartas escritas por ilustres letrados da época. Da análise feita, concluímos que Antônio Pinheiro e Inocêncio Pinheiro espelhavam em seus textos marcas das convenções de escrita que estavam presentes na ortografia pendular do período.

A análise grafofonética revelou indícios típicos do português popular brasileiro, o que nos levou a uma reflexão sobre a presença dos fenômenos na escrita dos senhores do Campo Seco, bem como nos textos de outros grupos analisados – os escravizados, os sertanejos pobres e os ilustres letrados. Da análise feita, concluímos que fatores sócio-históricos e a questão da escolarização explicam o predomínio do português popular brasileiro no interior da Bahia oitocentista. Por essa razão, defendemos uma formação mais ampla desse professor em relação à história da língua, para que os preceitos segregadores, que ainda dominam a cena do ensino de português no Brasil, sejam definitivamente combatidos e extintos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória seguida nesta tese buscou contribuir com a história social linguística do Brasil a partir da edição do *Livro de Razão* e do estudo das práticas de escrita realizadas no ambiente rural da Bahia oitocentista – a Fazendo do Brejo do Campo Seco, em Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado. O manuscrito, um livro predominantemente contábil, escrito por três pessoas da família Pinheiro/Canguçu, entre 1794 e 1838, revelou-se como uma rica fonte de informações da realidade sócio-histórica e linguística do sertão baiano, fato que o torna essencial para a reconstituição do multifacetado quadro linguístico brasileiro. Feita a edição semidiplomática e o estudo descritivo sócio-histórico e linguístico, apresentamos, a seguir, os principais resultados obtidos.

- Do ponto de vista filológico, o principal resultado desta tese reside no fato de disponibilizar o manuscrito do Campo Seco – *Livro de Razão* – através de uma edição semidiplomática de caráter conservador, já que só se tem notícia da transcrição realizada por Santos Filho ([1956] 2012). A edição apresentada possibilitará a realização de outros estudos, principalmente linguísticos, e alcançará, também, um público maior, contribuindo para o campo 1 do PHPB – *constituição de corpora diacrônicos de documentos de natureza vária, escritos no Brasil, a partir do século XVI, recurso essencial para se vislumbrar os vestígios da língua do passado.*

- Em relação aos aspectos sócio-históricos, a análise das práticas de escrita, guiada pelo diálogo entre a História Social da Cultura Escrita e a Micro-História, descortinou as vivências no sertão da Bahia. Os escritos dos Senhores do Campo Seco retratam o modo de vida do homem do campo – do senhor da terra ao escravizado– fornecendo informações essenciais sobre a região, os perfis sociais que circularam na fazenda, os agentes de letramento e os processos de penetração e difusão social da escrita nos longínquos espaços da colônia. Para o pesquisador da história da língua,

essas informações são importantes, pois são as mudanças na organização de uma sociedade "que geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudança linguística." (FARACO, 2005, p. 66). A região estudada nesta tese mostrou-se como um espaço de intenso contato linguístico, basta observarmos o contingente populacional variado que circulou na Fazenda do Campo Seco – tropeiros, professores, padres, dentre outros –, que, certamente, tinham contato com pessoas de diferentes lugares, dando uma amostra do que acontecia na totalidade da região.

- A identificação dos "tempos do escrito" (CASTILLO GÓMEZ, 2003), na Fazenda do Campo Seco, ao caracterizar o período, as condições, contextos e circunstâncias em que o *Livro de Razão* foi produzido, possibilitou a identificação de indícios de diferentes processos da penetração e difusão da escrita no mundo rural da Província da Bahia. No caso específico do Campo Seco, em Bom Jesus dos Meiras, a pesquisa identificou dois professores que atuaram na educação de Inocêncio Pinheiro Canguçu, que teve acesso aos estudos de primeiras letras aos 7 anos com o professor Tomas Jozé da Costa, aprendendo, nesta primeira etapa, leitura, escrita e contas. Posteriormente, aos 15 anos, ingressou nas chamadas Aulas de humanidades com o Padre e professor de Gramática Latina, Ignácio Ferreira da Silva, momento em que teve acesso aos conhecimentos de Latim, concluindo, então, o período dos Estudos Menores, conforme Stephanou e Bastos (2005, p. 182). Ao que tudo indica, Antônio Pinheiro Pinto facultou ao filho os "conhecimentos então em voga e ministrados à maioria dos jovens estudantes: ler, escrever, contar, rudimentos de religião e latim" (SANTOS FILHO, 2012). Em relação à educação das mulheres da família, não localizamos informações sobre Zeferina, irmã de Inocêncio. Identificamos o testamento de Ana Francisca da Silva, sogra de Pinheiro Pinto, no qual se declara analfabeta. Além disso, os escritos dos senhores do Campo Seco, lastreados por fontes bibliográficas, abriram caminhos para uma abordagem sobre a situação das aulas régias na Bahia, ao se buscar construir o perfil dos mestres contratados para atuar na fazenda e confrontar tal situação com documentos que indicam a solicitação de um professor de primeiras letras

para a região de Rio de Contas, em 1801, um ano antes de Inocêncio iniciar seus estudos, indicando, portanto, coexistir na Bahia rural processos de escolarização diferentes.

- No que se refere ao aspecto linguístico, o estudo mapeou a variação grafemático-fonética dos senhores do Campo Seco e o emprego das abreviaturas. Da análise feita, identificamos dos punhos de Antônio Pinheiro Pinto e de Inocêncio José Pinheiro Canguçu um conjunto significativo de variações. Ao realizar uma comparação com textos modelares da época, percebemos que, diferente do que afirma Santos Filho (2012), tais "desvios" não podem ser rotulados como problemas ortográficos, mas como uma oscilação gráfica pendular, que era muito comum no período, como ficou constatado ao buscarmos evidências metalinguísticas em periódicos, em cartas escritas por letrados e dicionários da época. Em relação à escrita fonetizante, os fenômenos analisados indicam que, no século XIX, tanto na escrita de letrados ou daqueles com pouca ou nenhuma escolarização, há indícios, na oralidade, do português popular brasileiro, que ainda predominam na fala da sincronia atual em diversas regiões do Brasil e em diferentes estratos sociais. Essa constatação alertou-nos para a necessidade de uma formação mais aprofundada do professor de português, no tocante à história da língua para que, dessa forma, preceitos segregadores que ainda vigoram no ensino das normas de nosso idioma sejam definitivamente combatidos.

- Reconstituir uma história social linguística do Brasil não é tarefa simples, pois, como bem lembra Martin (2003, p. 136) "[...] a história de uma sociedade, de sua cultura, de suas mentalidades, é indissociável da história de sua língua: a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum.". Por essa razão, torna-se necessária a reconstituição das histórias parciais do diversificado contingente populacional que habita esse mosaico linguístico e sociocultural, que é o nosso país. É nesse contexto que o microcosmo sócio-histórico e linguístico da vida social compartilhado no *Livro de Razão* do Campo Seco,

apresentado, nesta tese, busca contribuir para a história da língua portuguesa no Brasil.

Vale ressaltar que os resultados apresentados não exaurem as possibilidades que o manuscrito do Campo Seco pode oferecer. Muito ainda pode ser feito, e a edição semidiplomática do *Livro de Razão* pode servir de base para outros estudos, como, por exemplo:

i) a investigação de aspectos linguísticos não abordados na tese, como um estudo do léxico, a colocação pronominal, os topônimos e antropônimos;

ii) a realização de uma edição modernizada e a produção de anotação morfossintática;

iii) aspectos sócio-históricos e econômicos da região;

iv) a edição na linguagem xml.

Ciente do que ainda pode ser feito, para encerrar esta pesquisa, recorro, mais uma vez, às sábias palavras de Mattos e Silva: “Termino como terminavam copistas medievais ao findarem seus manuscritos – LAUS DEO, que Deus seja louvado: porque o trabalho, a meu ver, será muito, de muitos e não será por pouco tempo” (MATTOS e SILVA, 2002, p. 462).

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. **A escolarização linguística como projeto de civilização:** o ensino de língua portuguesa na província de Sergipe, na primeira metade do século XIX, através do método lancasteriano. 2011. 250f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). − Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ACCIOLI, Vera Lúcia. Costa. **A escrita no Brasil Colônia***:* um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: FUNDAJ Editora Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **Diversidade fonética no Brasil**. Londrina: Editora UEL, 1997.

ALENCASTRO, L. F. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. A. **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2, p. 67-78.

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. de M. e (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-154.

ALMADA, Márcia. **Das artes da pena e do pincel**: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ALMEIDA, Isabela Santos de; SANTOS, Rosa Borges dos; DUARTE, Rosinês de Jesus (Org). **Estudos Filológicos** – Linguística Românica e Crítica Textual. Salvador: EDUFBA, 2016.

ALMEIDA, Kátia Lorena Novais. **Alforrias em Rio de Contas** - Bahia, Século XIX. 1. ed. Salvador: Edufba, 2012. 204 p.

ANDRADE, Maria Cecília Jurado de. Paleografia. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **Paleografia, documentação e metodologia histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 9-27.

ANDRADE, Marla Oliveira. **Uma porta para o passado**: edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. 2010. 344f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) − Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. *Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil*: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (org.).

História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial**: aspectos linguísticos em cartas do comércio. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARREIROS, Patrício Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. **Filologia e Linguística Portuguesa**: São Paulo, v. 16, p. 31, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. **ALEA**: Rio de Janeiro , vol. 19/2 . p. 389-414 | mai-ago. 2017.

BARROS, José d´Assunção. **O Campo da História** - Especialidades e Abordagens.São Paulo: Vozes, 2005.

BATISTA, Ronaldo Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BATTISTI, E. Aspectos prosódicos do português brasileiro: Hipossegmentação de sequências com clíticos em documentos do século XIX. **Revista do GELNE** (UFC), v. 15, p. 13-30, 2013.

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 183-202, 2002.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, v. 8, 2002.

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, v.40, n.3, set.2005. p.163-184.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. **Longos serões do campo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2 v, 1992.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v

BRITO, Armando A. de Sousa e. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores atuais. **Ciência e Tecnologia dos Materiais**: São Paulo, v. 22, p.102, 2010.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Alfabetismo e educação escolar. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas: Vozes, 2007.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.). **A**

Escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 7-37.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorial, 1992.

CAGLIARI, L. C.. Reformas ortográficas: práticas sem teorias. In: Carrilho, Ernestina Martins, Ana Maria Pereira, Sandra Silvestre, João Paulo. (Org.). **Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro**. 1ed. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, v. 1, p. 381-392.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2003.

CAMBRAIA, César Nardelli. Crítica textual. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico? Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 293-319

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Rio de Janeiro: do projeto à prática (1759-1834). **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 3, n. 6, p. 105-130, out. 1999.

CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. **As luzes da educação**: fundamentos, raízes históricas e práticas das aulas régias no Rio de Janeiro: 1759- 1834. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas brasileiras (1809-1904):** um estudo linguístico-filológico. 2005. 4 v. 2.329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Lei de terras e ocupação privada: Elementos para avaliação dos níveis de alfabetização no interior da Bahia oitocentista. In: **II Congresso Internacional de Linguística Histórica. Estudos de História Social**, São Paulo, 2012.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. A criação de escolas a partir de critérios demográficos na Bahia do século XIX: uma viagem ao interior. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 2. p. 649- 673.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio . Historia de la cultura escrita - ideas para el debate. **Revista brasileira de história da educação**. n. 5, p. 93-124, jan/jun. 2003.

CHAGAS, Valnir**. Educação brasileira**: o ensino de 1º e 2º graus: antes, agora e depois? São Paulo: Saraiva, 1982.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita, In: ARIÈS, Philippe / Roger Chartier (Org.), **História da vida privada**. Da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras,2004. p.113-161.

CHAUÍ, Marilena . **Cultura e democracia**. Fundação Pedro Calmon. 2009.

COHEN, M. A. M. **Pelos caminhos de Minas**: o português nos manuscritos da Estrada Real. Caletroscópio. v. 4. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. p. 8-26.

CORPUS CE-DOHS. **Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão** (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda(UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009)

COULMAS, Florian. **Escrita e Sociedade**. Trad. Marcos Bagno. São. Paulo: Parábola, 2014.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Fraudel: de sua tese o mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II até o artigo história e ciências sociais**: a longa duração (1949-1958). Dissertação (Mestrado em História).UNESP, São Paulo,.2009.

CUCHE, D. **La notion de culture dans les sciences socilales.**La Découverte.1996.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, Luiz Antônio**. O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. Brasília: FLACSO, São Paulo: Ed. UNESP, 2000. 189 p

DUARTE, Luiz Fagundes. As mãos da escrita. In: DUARTE, Luiz Fagundes; OLIVEIRA, Antônio Braz de (org.). **As mãos da escrita**: 25º aniversário do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2007, p. 17-28.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos da história socioeconômica e linguística do Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 23-52, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane; FARIA FILHO, Luciano; VEIGA, Cynthia. (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

FARIA FILHO, Luciano. Representações da escola e do alfabetismo no século XIX. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.). **Leitura:** práticas, impressos, letramentos. 2011.

FARIA, Maria Isabel; PERICÂO, Maria da Graça. **Dicionário do Livro**: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc. Lisboa:

Guimarães, 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. **As concepções linguísticas no século XIX**: a gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem e sociabilidade na América portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. Primeira metade do século XIX: em busca da identidade nacional: Frei Joaquim do Amor Divino e Caneca. In BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Versaro. **História Entrelaçada**: a construção de gramáticas e o Ensino da Língua Portuguesa no Brasil do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

FREITAS, M. H. A. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação,** v. 35, p. 54-66, 2006.

FRUTUOSO, M. A. **"Morram marotos**!": antilusitanismo, projetos e identidades políticas em Rio de Contas (1822-1823). 2015. Dissertação (Mestrado em História)– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira . Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: CARVALHO, Gilcinei Teodoro; MARILDES, Marinho (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 218-248.

GALVES, C. M. C. Posfácio. In: Tânia Lobo; Klebson de Oliveira. (Org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por Africanos no Brasil do Séc. XIX. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 352-367.

GANDRA, A. S. **Pela pena do Santo Ofício**: difusão social da escrita nas capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba em finais Quinhentos. 2016. 3 v. 885f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GAZETA do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – 1808-1822. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pagfis=1. Acesso em: mar. 2021.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GNERRE, Maurízio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 115 p.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A Paleografia na leitura da documentação histórica sobre a Bahia. In: LOSE, Alícia Duhá.; SOUZA, Arivaldo S. de (Orgs). (Org.). **Paleografia e suas interfaces**. 1ª ed. Salvador: Memória & Arte, 2018, v. , p. 125-142.

GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. In limine - Património textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova filologia. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Org.). **Património textual e Humanidades Digitais**: da antiga à nova filologia. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 3-9.

GUIMARÃES, M. R. C. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

GUIMARÃES, M. R. C. **Civilizando as artes de curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. 2003. 104f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). PPGHCS - COC/Fiocruz, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, M.R.C. Os manuais de medicina popular do Império e as doenças dos escravos: o exemplo do "Chernoviz" **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** vol. 11, núm. 4, diciembre, 2008, pp. 827- 840

HANNA, Vera Lúcia Harabagi; BASTOS, Neusa Barbosa. Entrelaçando historiografia linguística, história do presente, estudos culturais: um desafio. In: **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, 2014.

HARPER, D. **The Online Etymology Dictionary. Etymonline**. Disponível em: http://www.etymonline.com. Acesso em 05 de maio de 2017.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE. 1985.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Brumado, Bahia**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/brumado/historico.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Mapas**. Disponível em: https://ibge.gov.br/mapas.

IDADE D'Ouro do Brasil. Salvador – 1811-1823. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=749940&pagfis=1. Acesso em: mar. 2021.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia G. A Memória Evanescente: Documento e História. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de; TATSCH, Flávia Galli (coord. edit.). **A Escrita da Memória**: interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann; Y. Malkiel (Eds.). **Perspectives in Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 17-82, 1982.

LASS, Roger. Written records: evidence and argument. In: **Historical linguistics and language change**. Cambridge: CUP. p. 44-103, 1997.

LEWIS, Jeff**. Cultural Studies.** The Basics. London, SAGE Publications Ltd, 2006.

LIMA, Alexandre Xavier. **Descrição da ortografia portuguesa**: a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas. 2014. 525f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LOBATO, António dos Reis. **Arte da grammatica da língua portugueza**: 15ª impressão. Porto. Imprensa na rua de Stº Antonio, 1824. 1ª ed. 1770.

LOBO, Tânia Conceição Freire. A linguística histórico-diacrônica no Brasil pós-década de 1980 e a questão do contato. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 64-80, 2018.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão Fernandes; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA. 2009.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Depoimento sobre a constituição de um *corpus* diacrônico do português brasileiro – Bahia. In: CASTILHO, A. T. de**. Para a história do português brasileiro: Primeiras idéias**.V. 1. São Paulo: Humanitas, p. 171-195,1998.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil. **Estudos de Linguística galega**, v. 7, p. 69-82, 2015.

LOBO, Tânia Conceição Freire.; OLIVEIRA, K. **História da cultura escrita no Brasil**: um programa de investigação/HISCULTE.2012. Inédito.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. **Olhares sobre o português medieval**: Filologia, História e Língua. Rio de Janeiro: Editora Vermelho Marinho, 2017.

LOSE, Alícia Duhá et al. **Edição diplomática do Dietario das vidas e mortes dos Monges, q‟ faleceráo neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Príncipe dos Patriarchas S. Bento**. Salvador: Mosteiro de São Bento; Eudfba, 2009.

LOSE, Alícia Duhá; PAIXÃO, Gregário; OLIVEIRA, Anna Paula Sandes de; SANCHES, Gérsica Alves.TELLES, Célia Marques. col. **Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia**: edição diplomática [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 380 p.

LOSE, Alícia Duhá; SANTOS, Libânia Silva. Revolta de Búzios: 220 anos de memória. Os registros do Arquivo Público do Estado da Bahia. **REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁPHICO E HISTÓRICO DA BAHIA**, v. 113, p. 331-341, 2018.

LOSE,Alícia Duhá .Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam? **Revista da ABRALIN**, v.16, n.2 p. 71-86, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.

LUCCHESI, Dante . Norma Linguística e Realidade Social. In: BAGNO, Marcos

(Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, p. 63-92, 2004.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa** p.17-28, 1994.

MACHADO FILHO, Américo V. L.. História da língua e a formação do professor de português. In: Edleise Mendes; Maria lúcia Castro. (Org.). **Saberes em português**: ensino e formação docente. Campinas: Pontes, 2008, v. , p. 45-50.

MAGALHAES, Lívia Borges Souza. **Papéis que narram**: uma história do mosteiro de São Bento da Bahia contada pelos documentos do acervo da abadia baiana. 2019. 130 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

MAGALHÃES, Suzana Marly da Costa. Oralidade e Cultura Escrita na Abordagem da História da Alfabetização. **O público e o privado** - Nº2 - Julho/Dezembro – 2003

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In*:* **Rosae linguística histórica, história das línguas e outras histórias** / Tânia Lobo... [et al.],Organizadoras. - Salvador: EDUFBA, 2012. p. 533-541.

MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras**. Leitura e escrita em Portugal no século XVII. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MÁRSICO, M. A. de V. Um panorama sobre a evolução histórica da encadernação. **PLANOR**: [S.l], 2015. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/panorama_evolucao_historica_encadernacao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016. (Curso Biblioteca Nacional).

MARTIN, Robert. **Para entender a linguística**: epistemologia elementar de uma disciplina. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2003, p.135-159.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. O que é fazer pesquisa em Linguística Histórica. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Org.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico? Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 267-292.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica** – "ouvir o inaudível*"*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. **Para a história do português brasileiro**: novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP/ FAPESP,2002. v. 2 p. 443-464.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. Erros de escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, Carlos E. Falcão (Org.).

Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 87-95, 2004.

MONARETTO, V. N. O. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. **Letras de Hoje**, v. 40, n. 3, 6 maio 2005.

MONTE, Vanessa Martins do. Os fonemas sibilantes e a variedade de sua representação em documentos setecentistas. In: **XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL),** 2007, Uberlândia - MG. Múltiplas perspectivas em Linguística. Uberlândia: Ileel, 2007. v. 1. p. 2947-2958.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. Aulas régias: luz que emana do trono. **Quaestio**: Sorocaba, n.1, p.73-89, 2018.

MORAES SILVA, A. **Diccionario da língua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2.

MORENO, André Luiz. A.. Segredos revelados, mas não violados: as escritas litúrgicas das. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva; José Amarante Sobrinho; Klebson Oliveira. (Org.). **Várias Navegações**: Português arcaico, Português brasileiro, Cultura escrita no Brasil, Outros estudos. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, p. 246-282.

MUSSA, Alberto. 1991. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

NASI, Roberto Francisco; MONARETTO, Valéria Neto Oliveira. Alçamento de vogais médias pretônicas no português brasileiro sul-rio-grandense: comportamento variável e retrato oitocentista. In: Carrilho, Ernestina Martins, Ana Maria Pereira, Sandra Silvestre, João Paulo. (Org.). **Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro**. 1ed. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, v. 1, p. 961-987.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Escravidão, Pecuária e Policultura**: Alto Sertão Baiano, século XIX. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Posseiros, Rendeiros e Proprietários**: Estrutura Fundiária e Dinâmica Agro-Mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja***:* da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local). 2. ed. ver. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: Editora UEFS, 2008.

NUÑEZ CONTRERAS, Luis. **Manual de Paleografía**: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Cátedra, 1994.

O PATRIOTA: Jornal literário, político, mercantil. Rio de Janeiro – 1813-1814. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700177&pagfis=1. Acesso em: mar. 2021.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680-1830. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**: Primeiros Estudos. 1 ed. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2001, v. 2, p. 401-422.

OLIVEIRA, Klebson ; LOBO, Tânia Conceição Freire . Introdução (ou sobre como a África, no Brasil, avista a escrita). In: Tânia Lobo; Klebson Oliveira. (Org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 6-49.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX**: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico. 2006. 3 v. 1144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia Conceição Freire. O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII. In: LOBO, Tânia C. F.; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais et al. (Org.). **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 623-646

ORLANDI, Eni Puccinelli. **História das idéias lingüísticas**: construção do saber metalingüístico e constituição da Língua Nacional. Cáceres: UNEMAT Editora, 2006.

ORTIZ, Ivanice Teixeira Silva. **Trabalho escravo, laços de família e liberdade no Alto Sertão da Bahia. Caetité (1830 – 1860).** 2014. 150 f. (Dissertação de mestrado). Departamento de Ciências Humanas. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2014.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística histórica. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos; NUNES, José Horta (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem:** linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes. 2006.

PERICÃO, Maria da Graça; FARIA, Maria Isabel. **Dicionário do Livro: livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

PETRUCCI, Armando , **Inlroduzione alie pratiche di scrittura**, "Annali della Scuoia Nórmale Superiore di Pisa", serie III, vol. XXIII-2 (1993) pp. 549-562.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

PETRUCCI, Armando. Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere. **Scrittura e Civiltá,** Roma, n. 3. p. 163-207, 1978.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da educação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

PINHO, Lorena de Andrade; ROCHA, Joséliton Silveira da. **Contabilidade Introdutória I**. Salvador: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis, 2017.

PROU, Maurice. **Manuel de Paléographie**: latine et française. Paris: Alphonse Picard et Fils, 1910.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres sertanistas: transmissão e sedimentação cultural do trabalho feminino na formação das primeiras fazendas de gado dos sertões baianos (1704-1838)**. 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Terra e poder no Sertão dos Tocós**.In: www.uesb.br/anpuhba.,2010. Acesso em 26/03/2019

ROJO, Roxane . Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: OLIVEIRA, Ergom; ROJO, Roxane HelenaLíngua portuguesa: **Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

SANTIAGO, Huda da Silva. **As mãos inábeis**. 2019. 2v. 722 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS FILHO, L. **Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX**. Feira de Santana e Salvador: UEFS Editora e Fundação Pedro Calmon. 2012.

SANTOS, Elaine Brandão. **O livro do gado do brejo do Campo Seco (Bahia): edição semidiplomática e descrição de índices grafo-fonéticos**. 2019. 314 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

SANTOS, Jorge Viana; BRITO, Giovane Santos. Fotografia técnica de documentos para a formação de corpora digitais eletrônicos: o método desenvolvido no Lapelinc. **Letras & Letras**, v. 30, n. 2, p. 421, 30 jul./dez. 2014.

SANTOS, Rosa Borges dos. A Filologia Textual e a Linguística. **Revista Cadernos do CNLF,** v. 10, n. 9. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2006. p. 37-50. Disponível em:< http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/04.htm>.

SANTOS. Maria José Ferreira dos. Marcas de água e historia do papel. **Cultura** [Online], Vol. 33 | 2014. P. 1-17. Disponível em: < http://journals.openedition.org/ cultura/2334>

SEIXAS, Vivian Canella. **As abreviaturas na escrita setecentista**: pistas gráficas como recurso subsidiário de caracterização sociolinguística do escrevente. 2020. 246f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**:

novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/Presença, 1979.

SILVA PINTO, L. M. da. Diccionario da Lingua Brasileira. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2.

SILVA, Ana Paula Araújo. Breve história da ortografia portuguesa: períodos, reformas e acordos. **Revista de Villegagnon**, p. 58-62, 2009.

SILVA, J. C. A. **As aulas régias da Capitania da Bahia (1759-1827)**: pensamento, vida e trabalho de "nobres" professores. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SILVA, Ligia Osório. **Terras devolutas e latifúndio**: efeitos da lei de 1850. Campinas, Unicamp, 1996.

SILVA, Marco Aurélio Todorov; PORTO, Thiago Bomjardim. Ascensão e declínio da arte da cantaria: Estudo de caso Ponte da cadeia. **Geonomas**: Minas Gerais. v.24, p. 190-201, 2016.

SILVA, Myrian Barbosa. **Vogais pretônicas no Brasil**: uma proposta de descrição a partir da fala de Salvador. São Paulo: Blucher, 2021.

SILVA. Adilson. **Nos caminhos da terra**: mensuração dos níveis de alfabetismo no interior da Bahia oitocentista. 2015. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. **Abreviaturas**: uso e função nos manuscritos. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. **Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**: edição semidiplomática e um olhar sobre os documentos quinhentistas. 2013. 175f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. **Sobre o uso da Língua do Príncipe**: história social da cultura escrita, reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista. 2019. 530f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil:** século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 2.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; ALMEIDA, Isabela Santos de; SANTOS, Rosa Borges dos; DUARTE, Rosinês de Jesus (Org). **Estudos Filológicos** – Linguística Românica e Crítica Textual. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 195-214.

TINEM, Nelci; BORGES, Lúcia. **Ginzburg e o paradigma indiciário**. s/d. Disponível em http://www.lppm.com.br. Aceso em 28/05/2020.

TONIOLO, Ênnio José. **Manuscritos da Vila Nova de Castro**: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX. 2007. 431f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. *A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira*: edição crítica, semidiplomática e anastátia. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história**. Os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VARTULI, Sílvia Maria Amâncio Rachi. **Por mãos alheias**: usos sociais da escrita na Minas Gerais colonial. Tese (Doutorado Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e os seus mestres**: a educação doméstica como prática das elites no Brasil de oitocentos. 2004. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

VILHENA, Luís Santos (1969). **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Itapuã, 3v, 1969.

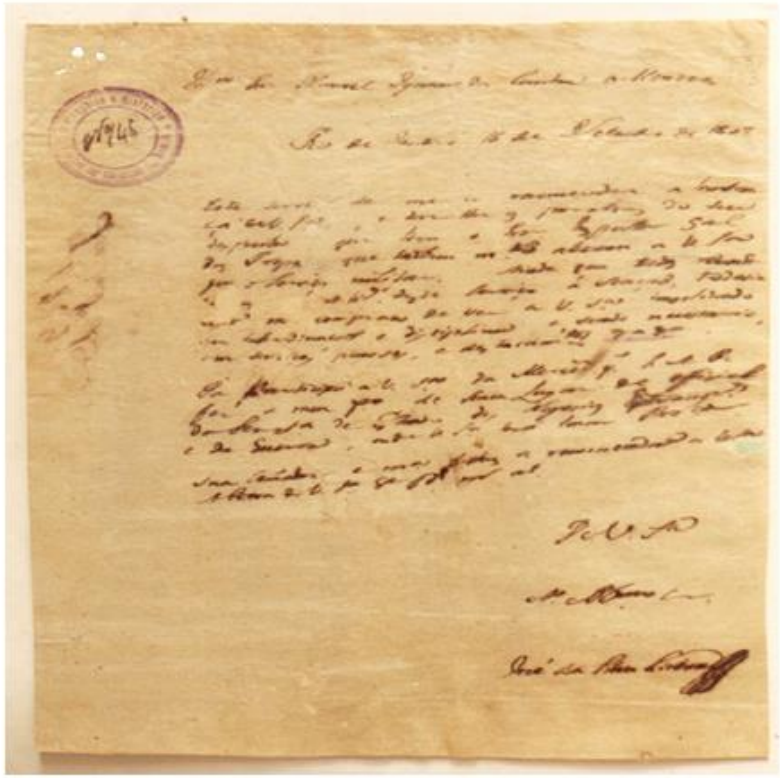
VIÑAO FRAGO, Antonio .Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones,"**SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita**" 3 (1996) Universidad de Alcalá de Henares

XIMENES, E. E. ; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Variações gráficas em um documento do século XVII. **Revista da Abralin**, v. 16, p. 503-520, 2017.

ZORZO, F. A. **Ferrovia e Rede Urbana na Bahia**: Doze cidades conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930). Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana. 264p, 2001.

ANEXO

CARTAS DE JOZÉ DA SILVA LISBOA



Carta 2

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço amarelado sem pautas. Trechos ilegíveis por corrosão. Fólio protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB com a anotação em tinta, "Nº 146" e na margem superior esquerda anotações a lápis, "5/2/33/733".

Illustrissimo Senhor Manuel Ignacio da Cunha eMenezes |

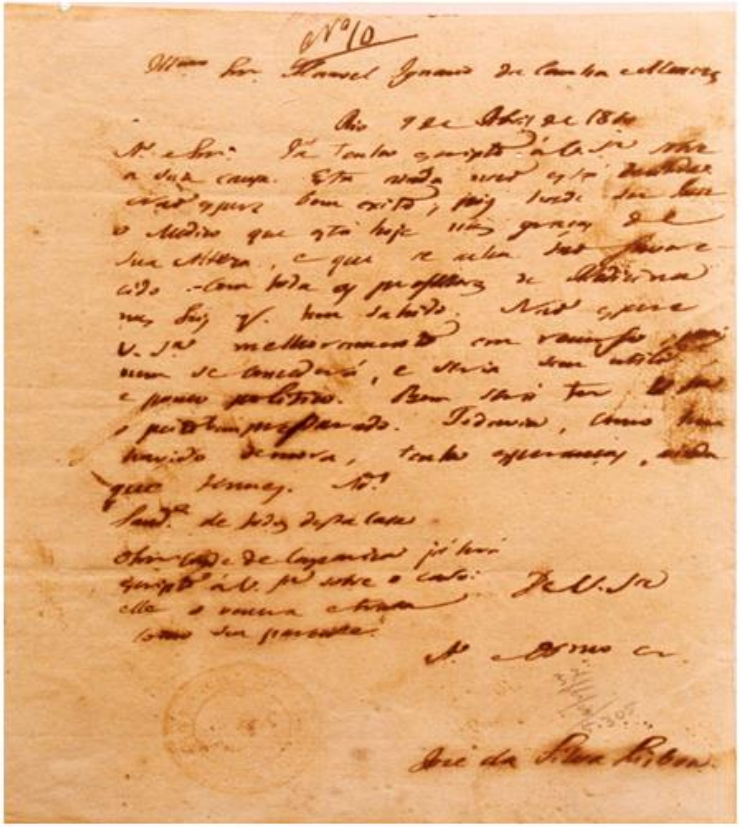
Rio de Janeiro 16 de Setembro de 1809. |

Esta serve de me ir recomeindar a lembran- | ça de Vossa Senhoria, e dar lhe os parabens do seu | despacho que leva o Senhor Inspector geral | das Tropas, que tãobem muito abonou a Vossa Senhoria | para o Serviço militar. Ainda que todos reconhe- | [cão][2] [u]tilidade deste Serviço á Nação, todavia | não m[e][3] comprazo de ver a Vossa Senhoria implicado | em subordinação e disciplina e, sendo necessario | em serviços penosos, e destacamentos etc etc. |
Já Participei a Vossa Senhoria da Mercê que Sua Alteza Imperial | fez a meu filho de hum Lugar de official | da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros | e de Guerra, onde Vossa Senhoria deve lansar Procuraçam. |
Sua Comadre e minhas filhas se recomendão a Vossa Senhoria. |
A Pessoa de Vossa Senhoria Guarde Deus muitos anos |

De Vossa Senhoria |

Amigo Obrigadissimo Criado |

Jozé da Silva Lisboa | [4]



Carta 3

AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo um fólio com algumas manchas de tinta na margem direita. Papel almaço amarelado sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB com anotação "Nº 10", na margem superior esquerda. Outras anotações a lápis na margem inferior direita, "37/5/8/5.305" precedidas do carimbo do IGHB.

Illustrissimo Senhor Manuel Ignacio da Cunha eMenezes|

Rio 9 de Abril de 1810|

Amigo eSenhor. Já tenho escripto áVossaSenhoria sobre| a sua causa. Esta ainda não está decidida| Não espero bom exito; pois hade ser Juiz| o Medico que está hoje nas graças de| sua Alteza, e que se acha tão favore-| cido. Como fala os professores de Medicina| nas Leis *que* tem sahido. Não espere| *Vossa Senhoria* melhoramento em remisso; pois| nem se concederá, e seria sem utilidade| e pouco politico. Bom será ter *Vossa Senhoria*| o peito bem preparado. Todavia, como tem| havido demora, tenha esperanças, ainda| que tenues. Adeus.|

Saudades de todos desua casa|
O senhor conde de Taparica já terá|
escripto á *Vossa Senhoria* sobre o caso:|
elle o venera e trata|
como seu parente|

De *Vossa Senhoria*|

Adeus eobrigadissimo criado.|

Jozé da Silva Lisboa.|

Carta 4

AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo um fólio. Papel almaço amarelado sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB com anotação, em tinta, na margem superior esquerda, "N 140".

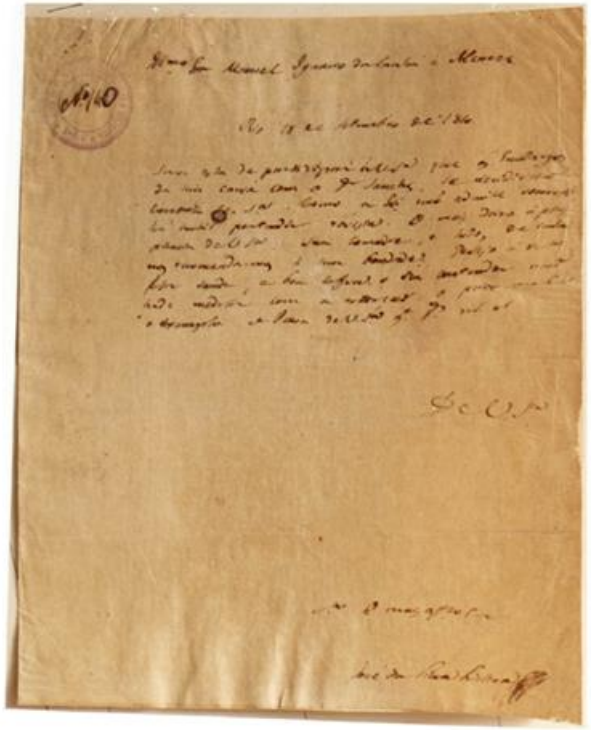
Illustrissimo Senhor Manoel Ignacio da Cunha e Menezes |

Rio 9 de Julho de 1810. |

O portador desta Jozé Joaquim da Costa he | o Procurador a quem confiei para maior se- | gurança a demanda deVossa Senhoria com o Sanches: | elle informará sobre o estado em que | se acha. Nenhuma esperança tenho de | melhoramento, quando Medico decide causa | de companheiro. Não lho fiz gratifi | cação: porque ora parte para a Bahia, onde | espero que VossaSenhoria o remunere como merece, | pois nesta terra de calmas e lamas, todo | o serviço he penoso. |
Meu primo agora parte outra vez para a | Comarca dos Ilheos. Desejo que elle possa | prestar á Vossa Senhoria algum obsequio |
Sobre a pretenção de Vossa Senhoria no pósto, já | escrevi que o Senhor Conde de Taparica não | se interessava nisso com o Ministro da | Repartição, porque lhe parece fora da | ordem, e receou comprometter o seu de- | coro com a negativa. Ainda que receba | muito favor do dito Ministro, jamais o incomo- | do em causa de seu Ministerio. |
Aqui fico ao dispor deVossa Senhoria a Sua Comadre | e minhas filhas se recomendao á sua bondade |

De Vossa Senhoria |
Amigo doCoraçao eObrigado Criado |

Jozé da Silva Lisboa. |



Carta 5

AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo dois fólios. Papel almaço amarelado sem pautas, corrosão a tinta. Manchas em alguns lugares. Marca d' água ilegível. Fólio protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB com anotação em tinta, "Nº 140" na margem superior direita e outras anotações a lápis, "5/2/54/123 na margem esquerda". Anotações de terceiros "5/2/52/122" invertido no segundo fólio. Reutilização do papel, em tinta, "750/7/5250/6210/" e 2[...]/[...]1040/520/6240/240/6480". No último fólio, as informações foram escritas na vertical.

Illustrissimo Senhor Manoel Ignacio daCunha e Menezes |

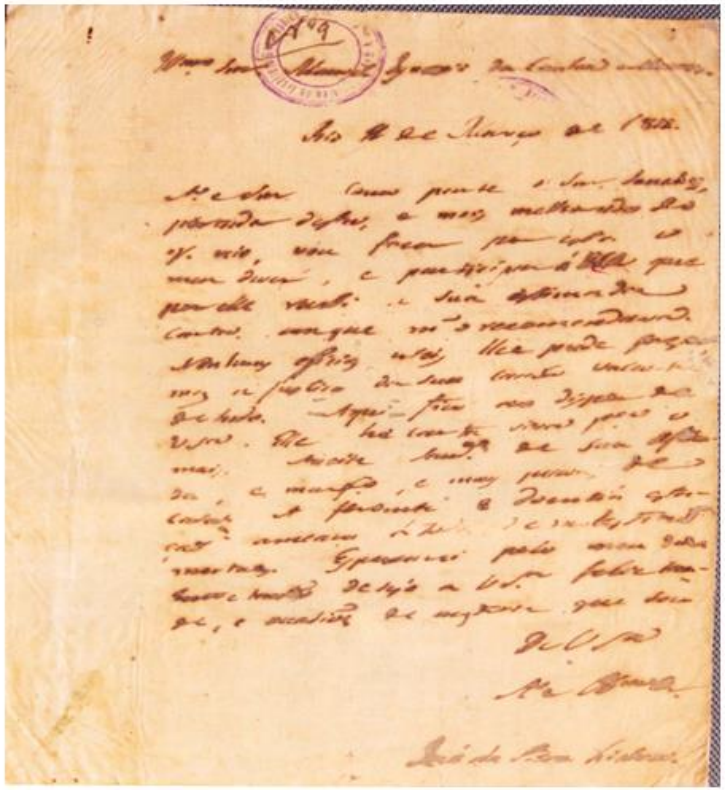
Rio 15 de Setembro de 1810. |

Serve esta de participar aVossa Senhoria que os Embargos, | da sua causa com o Dr Sanches, se decidirão | contra Vossa Senhoria. Como a Lei naó admitte recurso, | he inutil pretender revista. O mais deixo á pers- | picacia deVossa Senhoria. Sua Comadre, e todos de casa | nos recomenda-mos á sua bondade. Desejo á Vossa Senhoria | feliz saude, e boa s[?]fra, o seu contendor não | hade medrar com a extorçao: o peior mal he | o exemplo. A Pessoa deVossa Senhoria guarde Deus muitos anos |

De Vossa Senhoria |

Amigo e mais affectuozo Criado |

Jozé da Silva Lisboa | [6]



Carta 6

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço sem pautas. Fólio protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com anotação, "N° 9", em tinta e anotação do arquivo, a lápis, "5/1/9/598".

Illustrissimo Senhor Manoel Ignacio da Cunha e Menezes.|

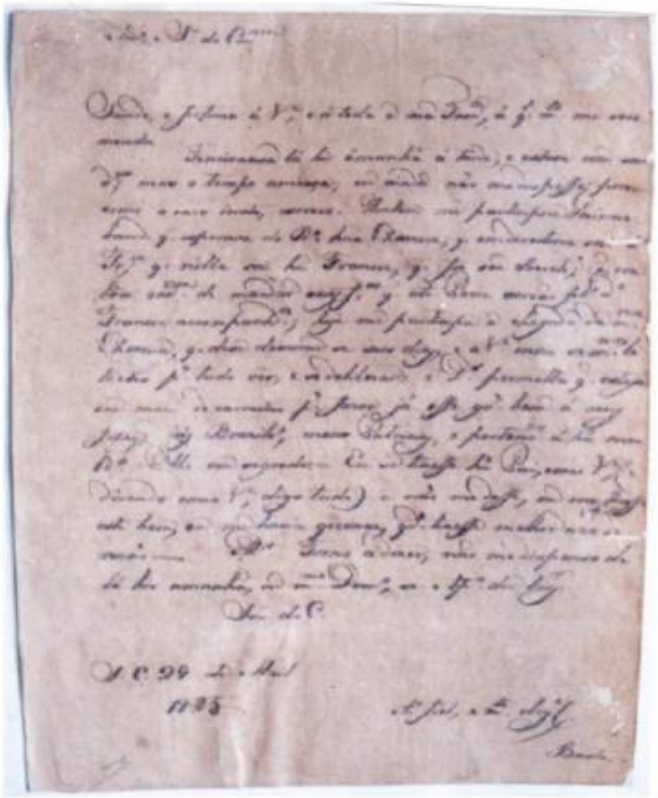
Rio 16 de Março de 1812.|

Amigo eSenhor. Como parte o Senhor Sanches,| portador desta, e mais melh[?]rando do| que ovio, vou fazer por esta o| meu dever, e participar á Vossa Senhoria que| por elle recebi a sua estimada| carta em que m'o recomendava.|
Nenhuns officios [??] lhe pode pagar| mas a justiça da sua conta valeo-lhe| de todo. Aqui fico ao dispor de| Vossa Senhoria. Elle he carta viva para o| mais. Aceite saudades de sua afilha-| da, e meu filho, e mais pessoas de| casas. A fervente e doentia esta-| cão ameaça á todos de morte, ficando| mortaes. Esperarei pelo meu da[...][8].| Escreve [...][9]desejo a Vossa Senhoria feliz sau-| de[10], e occasiões de mostrar que sou|

De Vossa Senhoria|
Amigo Coração Obrigadissimo Criado|

Jozé da Silva Lisboa|

CARTAS DE LUIZ PAULO ARAUJO BASTO



Carta 7

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fólios. Papel almaço sem pautas. Fólio protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda sob marca d'água ilegível. No último fólio, as informações relativas ao destinatário foram escritas na vertical.

Amigo, e Sr. do Coraçam|

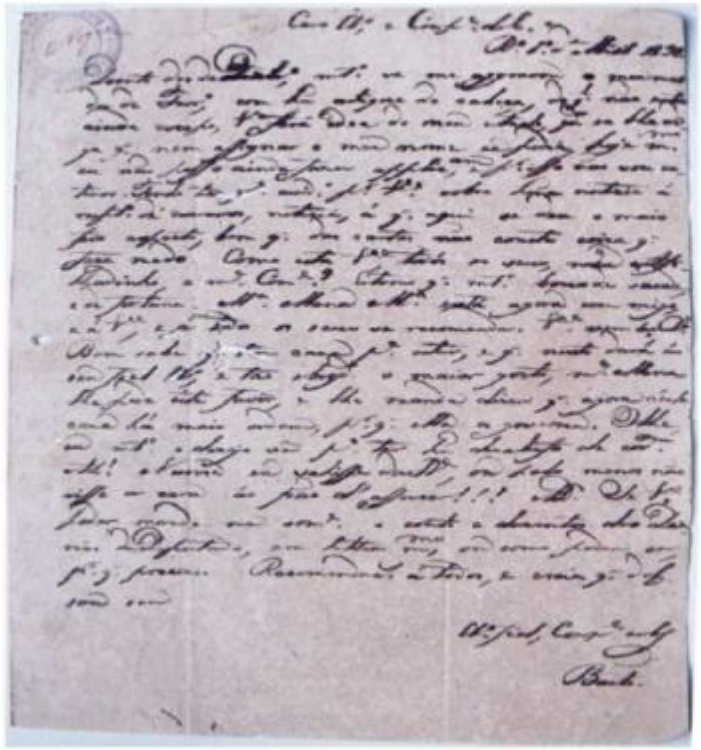
Saude e fortuna á Vosmiçe e á toda a sua Familia, a qual muito me reco|mendo.|

Tencionava lá hir amanhã á tarde, e estava com sau|dades; mas o tempo amiaça; eu ainda não me dispesso; porem| como o caso insta, escrevo. Hontem me participou Guinae|baud que esperava do Rio hu)a Charrua, que endireitara vai á| França, que n'ella vai hu) Francez, que foi seu secretario; porque era| bôa ocaziam de mandar seus filhos, que ate Paris serião pelo dito:| Francez acompanhados; hoje me participa a chegada da mesma| charrua, que deve demorar se seis dias, e a Vosmiçe envio os mesmos bi|lhetes para tudo vêr, e se deliberar: e Deus permitta que esteja| em maré de carvoeiro para fazer já esse grande bem á seus| filhos dois Brazileiros, meus Patricios, e pertecendo á hu) meu| Amigo. Olhe em segredo: = Eu se Tivesse hu)m Pai, como Vosmiçe, (e| dizendo como Vosmiçe, digo tudo) e não me desse, ou me fizesse| este bem eu não havia queixar, quando tivesse melhor uzo da| razão= Adeus. Torno a dizer, não me dispenso de| lá hir amanhã, ou mesmo Domingo, se o tempo der lugar.|

Sou do Coraçam|

S. C. 29 de Abril|
1825| Amigo fiel, e muito obrigado Criado|

Basto.|



Carta 8

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço sem pautas protegido por papel manteiga. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação "N" 8" em vermelho.

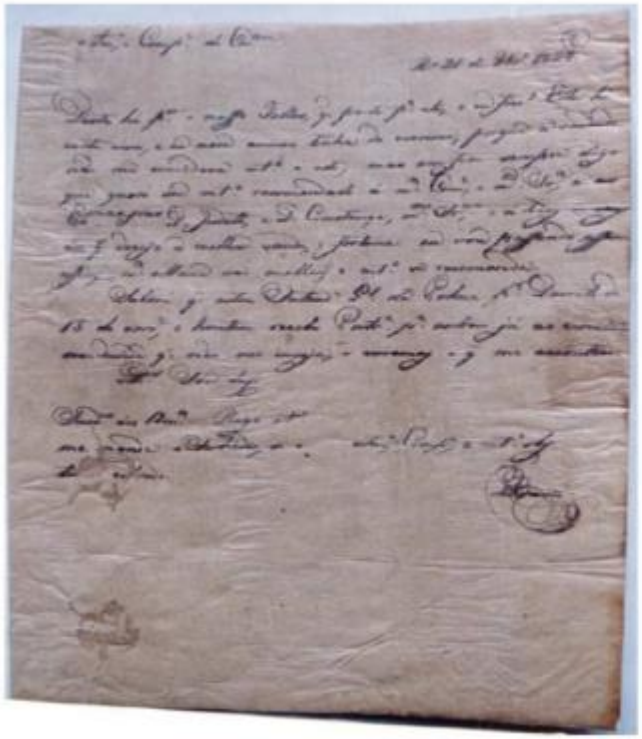
Caro Amigo, e Compadre do Coraçam|

Rio 1º de Abril 1828.|

Doente desde Dezembro[13], muito se me aggravou o mau mas| desde Fevereiro, com hu) ataque de cabeça, do qual não estou| ainda escasso, Vosmice fará idea do meu estado, quando eu lhe di|ga que nem assignar o meu nome eupodia, hoje mesmo| eu não posso ainda fazer applicaçam, e por isso não sou ex|tenso. Tenho sempre ouvido por Vosmice sobre hu)ma noticia á| respeito de escravos, noticia, á que aqui se deu o mais| feio aspecto, bem que das cartas não consta coisa que| faça medo. Como está Vosmice todós os seus, meu Affi-|lhadinho, e minha Comadre? Estimo que muito bons de saude,| e de fortuna. Minha Mana Maria está agora com migo,| e á Vosmice, e á todos os seus se recomenda. Vosmice vem áo Rio?| Bem sabe[14] que tem casa para estar, e que nisto dará áo| seu fiel Amigoe tão obrigado o maior gosto, minha Mana| lhe pede este favôr, e lhe manda dizer que agora n'esta| casa há mais ordem, por que ella a governa. Olhe,| eu muito o desejo vêr para ter hu) desabafo de coraçam| Ah! Nunca eu sahisse da Bahia, ou pelo menos não| visse a cara áo pão d'assucar !!! Adeus. Se Vosmice| poder mande-me somente o conto e duzentos das Dia|rias deDeputado, em lettras mesmo, ou como poder ser,| por que preciso.| Recomendacoes á todos, e creia que doCoraçam| sou seu|

Amigo fiel, Compadre eobrigado|

Basto.|



Carta 9

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo dois fólios. Papel almaço sem pautas. Fólio protegido por papel manteiga. No último fólio, as informações relativas ao destinatário foram escritas na vertical. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação, "N 8", em vermelho.

Amigo e Compadre do Coraçam|

Rio 21 de Outubro[15] 1828|

Desta hé portador o nosso Telles, que parte para ahi, e eu fico! Elle hé| carta viva, e eu nem animo tinha de escrever, porque a vontade| não me convidava muito á isto; mas em fim sempre digo| que quero ser muito recomendado á minha Comadre, e minha Senhora, e as| Excelentissimas Senhoras Dona Judith, e Dona Constança, minha Senhora, e á todos os seus| áos quais desejo a melhor saude, e fortuna: eu vou passando assim| assim; minha Mana vai melhor, e muito se recomenda.|

Saberá que estou Intendente Geral da Bahia por Decreto de| 15 do corrente, e hontem recebi Portaria para entrar já no exercicio| sem duvida que não me inveja, e veremos o que me accontesse|[16]

Adeus. Sou do Coraçam|

Saudades áos Amigos- Rogo a Vosmice|
me mande o Subsidio, se o|
tiver entrado.|[17]

Amigo Compadre, e muito obrigado|

Basto.|[18]

Carta 10

AIGHBA. Ant. pasta 5. Documento contendo um fólio. Papel almaço sem pautas. Carimbo do IGHB na margem superior esquerda com a anotação, "Nº 8", em vermelho.

Amigo e Compadre do Coraçam|

Rio 30 novembro[21] 1828.|

Esta vai entregue ão Exselentissimo Sr. Arcebispo com outra, que o nosso Telles| aqui deixou, e com as Gazetas; eu nada tenho a dizer, se não| que saudades, e mais saudades, e não há remedio, se não curalas| com o mal de Vosmice, isto hé, e esperar que Vosmice se aparte dos seus,| e de sua casa, e venha aqui ter. Muitas recomendações á todos| os seus, e de minha Mana Maria, que continua á sofrer: Meu| Mano, e Mana aSenhora Dona Emilia vão bem, e elle se recomenda.|

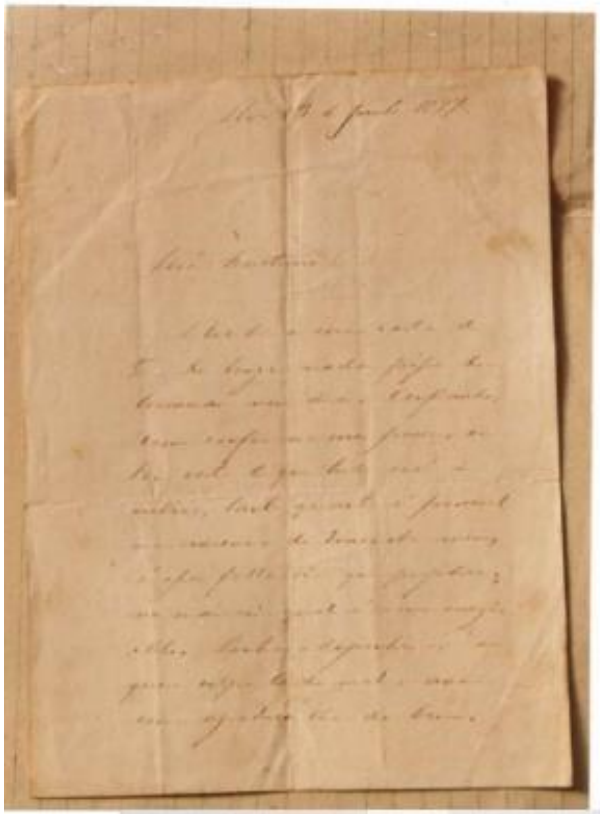
O seu socego, e bem, em companhia de todos os seus hé para| mim objecto de todo o desejo. Adeus. Não há novidade; fazem| se as Eleições, em que os Liberaes tem mostrado sua influencia,| e tem em geral havido enthusiasmo; queira Deus tenhamos bons| Deputados com a mira na Constituiçam, e no Bem do Brasil.|

Saudades á todos. Sou doCoraçam|

Parabe)s, o nosso Telles está| CriadoAmigo, cobrigado|
Chanceler dahi.|

Basto.|

CARTAS DE JOÃO MAURICIO WANDERLEY



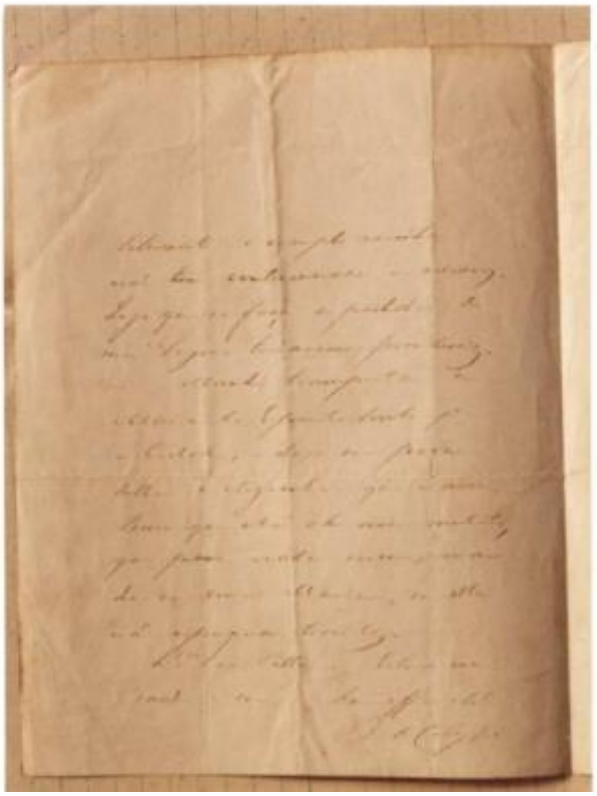
Carta 143

AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo quatro fólios. Papel almaço pardo com pautas. Marcas de dobras. Estampilha de 200 réis, na cor verde, do Império do Brasil com anotações e rubrica sobre a assinatura do remetente, no quarto fólio.

Rio 23 de Junho 1877.|

Sen*hor* Fructuoso|

Recebi a sua carta de| 5. De longe nada posso de-|terminar meu dizer. Confiando,| como confio na sua pessoa, es-|tou certo de que tudo irá o melhor, tanto quanto é possivel| na ausencia do dono. Ao menos| é essa falta só que prejudica;| no mais sei qual é a sua energia| e zelo. Ponha e disponha-; eu| quero culpa-lo do mal, assim| como agradecer-lhe do bem.|



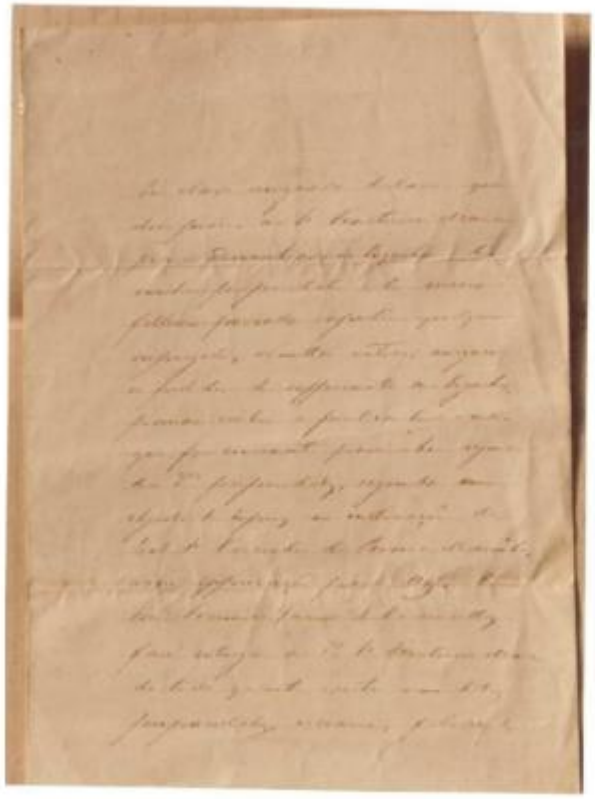
1v.

Felismente o exemplo vizinho| não tem contaminado os escravos.| Logo que se faça a partilha do| meu Sogro - tomaremos providencias.|

- Mande transporta[r] a| Maria do Espirito Santo para| a Cidade, e deixe em poder| della a Negrinha que a serve.| Penso que está ahi uma mulata,| que para nada serve; man|de-as com Maria, se ella| não repugnar trazê-las.|

Lembranças ao Pitta. Estimo sua|
saúde .

sou seu affectuoso e obrigado|
B. de Cotegipe|



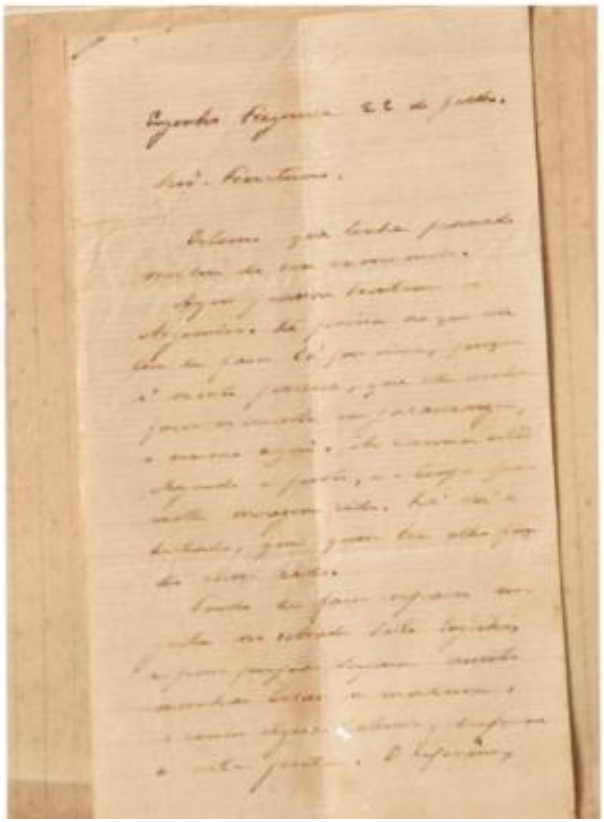
2r.

Eu abaxo assignado declaro que| dou poderes ao *Senhor* Fructuoso Maia| para administrar os Engenhos de| minha propriedade e de meus| filhos – podendo despedir qualquer| empregado, admittir outros; assignar| os pedidos de supprimento aos Engenhos,| passar recibos e praticar tudo e mais| que for conveniente para o bom regimen[to]| das d*itas* propriedades, seguindo sem| objecto de despesas as instrucções do| E*xcelentissi*mo Sr. Visconde de Pereira Marinho,| a sua approvação para ellas. O| Sr. Francisco Xavier de Vasconcellos| fará entrega ao d*ito* Sr. Fructuoso Maia| de tudo quanto existir nas ditas| propriedades, escravos, fabricas x|

2v.

por uma relação em duplicata.| E os Feitores, Caxeiros, e quaisquer| outros empregados cumprirão as ordens| do Sr. Fructuoso Maia, como se| de mim emanassem. Recommendo| a meus Escravos que lhe obedeção| da mesma forma. Esta procuração,| porem, poderá ser cassada pelo| Ex*celentissi*mo Sr. Visconde de Pereira Marinho| sempre que o haja por conveniente,| conferido a outrem os mesmos po-|deres.

Rio 29 de fevereiro|
1877|
Barão de Cotegipe.|



Carta 144

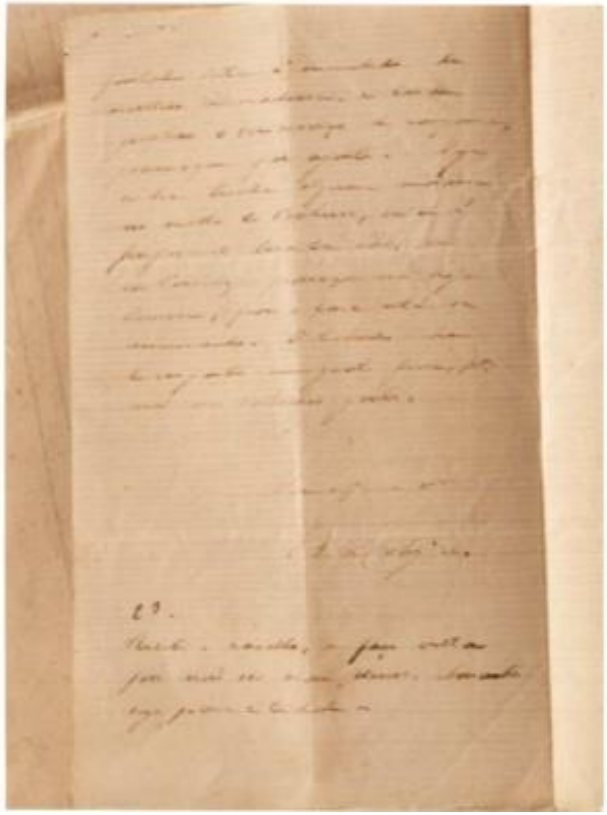
AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo dois fólios. Papel almaço pardo com pautas.

Engenho Freguesia 22 de Julho.|

Sen/hor Fructuoso.|

Estimo que tenha passado| melhor do seu incommodo.|
Aqui passou hontem o| Argemiro. Dê pressa no que elle| tem de fazer lá por cima, porque| é muito preciso, que elle venha| fazer os concertos em Jacaracanga,| e mesmo aqui. As cannas estão| chegando á ponto, e o tempo pro-|mette moagem cêdo. Lá diz o| dictado, que quem tem olho fun-|do chora cêdo.|

Tendo de fazer reparos ur-|gentes no sobrado deste Engenho,| e para poupar despesa assento mandar tirar a madeira,| e cerrar algum taboado, conforme| a nota junta. O Ziferino,|



1v.

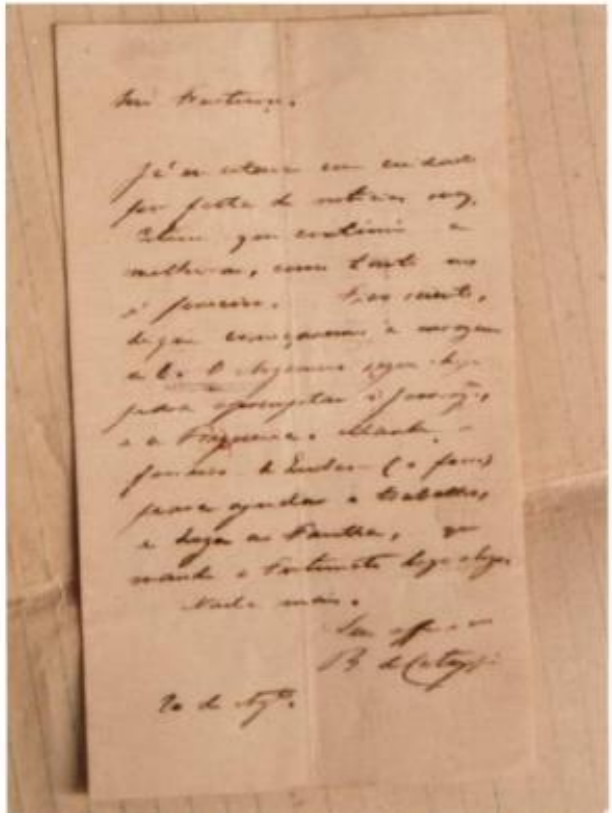
portador desta é incumbido de| escolher a madeira, e tão bem| prestar o seu serviço de carapina,| para o que foi ajuste. Veja| se ha tirada alguma madeira| no matto do Pinheiro, ou se é| perferivel tira la alli, ou| em Pindobas – para que não haja| demora, pois a casa está-se| arruinando. O taboado ha| de ser feito com gente forra, para| não nos contrahir gente.|

Seu affectuoso e Venerador|

B. de Cotegipe.|

P.S.|

Recebi o cavallo, e faço voltar| por não ser mais preciso. Amanhã| sigo para a cidade –|



Carta 145

AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo um fólio. Papel almaço pardo sem pautas.

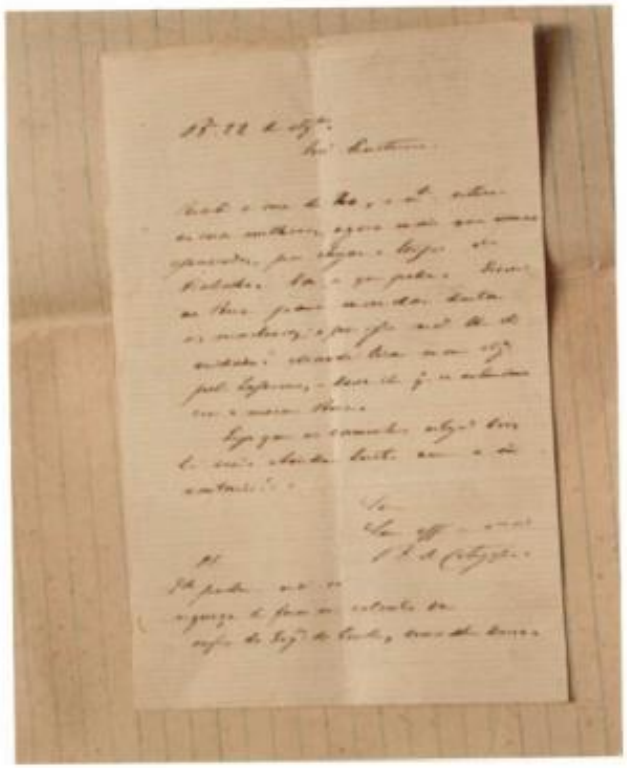
Amigo Fructuoso.|

Já eu estava com cuidado| por falta de noticias suas.|
Estimo que continúe a| melhorar, como tanto nos| é preciso. Fico sciente,| de que começaremos a moagem| a 8. O Argemiro segue hoje| para apromptar a Jacara*anga*,| e a Freguesia. Mande o| ferreiro. e Quiboca (o forro)| para ajudar o trabalho,| e diga ao Favilla, que| mande o Fortunato logo e logo.|

Nada mais.|

Seu aff*ectuoso* e v*enerad*or|
B. de Cotegipe|

20 de Ag*os*to.|



Carta 146

AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo um fólio. Papel almaço pardo com pautas.

Bahia 22 de Agosto|

Amigo Fructuoso.|

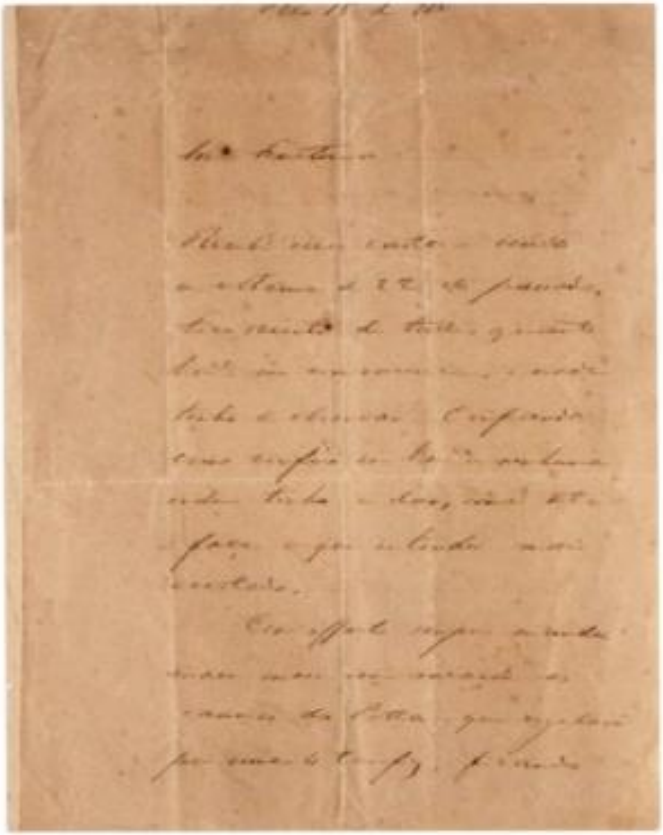
Recebi a sua de 20[3], e muito estimo| as suas melhoras, agora mais que nunca| apreciados, por chegar o tempo do| trabalho. Vai o que pede. Escrevi| ao Rosa para mandar deitar| as madeiras; e por isso não lhe dê| cuidado. Mandei tirar mais alguma| pelo Zeferino, e disse-lhe que se entendesse| com o mesmo Rosa.|

Logo que os caminhos estejão bons| lá irei. Ainda lucto com o in-|ventario!.|

Sempre|
Seu affectuoso e venerador criado|
B. de Cotegipe.|

P.S.|
Quando puder não se|
esqueça de fazer um calculo de|
safra dos Engenhos do Conde, como lhe disse.|

[3] Rasurado



Carta 147

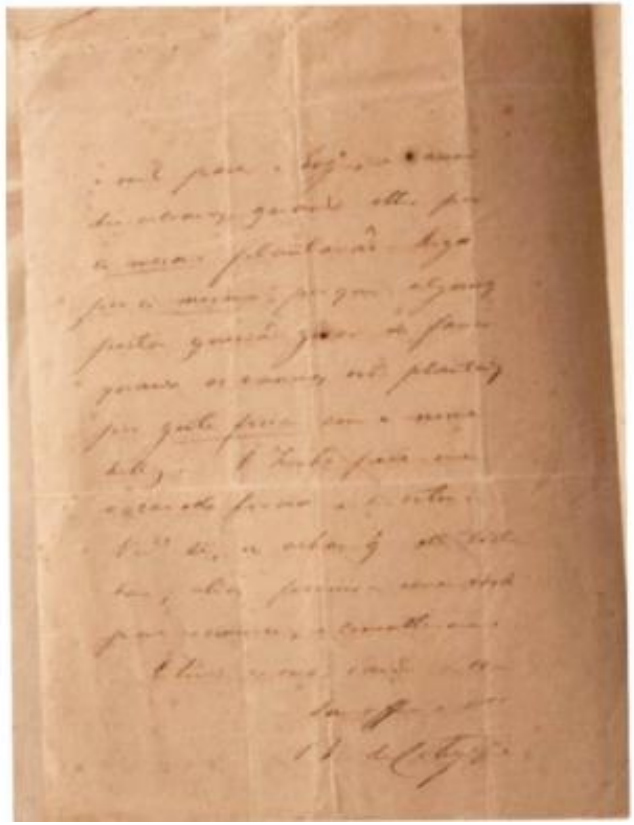
AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo dois fólios. Papel almaço pardo sem pautas. Marcas de dobras.

Rio 15 de *setem*bro[4]|

Sen*hor* Fructuoso|

Recebi sua carta – sendo| a ultima de 22 do passado.| Fico sciente de tudo, quanto| V*ossa*mice me communica, e nada| tenho a observar. Confiando| como confio em V*ossa*mice – nenhuma| ordem tenho a dar, sinão esta| - faça o que entender mais| acertado.|

Com effeito sempre mandei| moer moer sem meação as| cannas do Pitta – que regulava| por umas 4 tarefas, ficando|



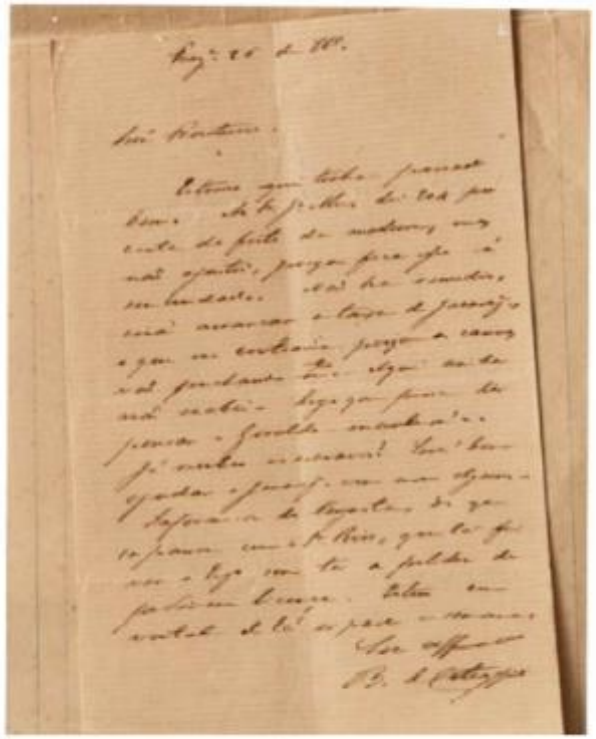
1v.

mel para o Engenho, e acucar| dos escravos, quando elles por| si mesmo plantavão – Diga| por si mesmo, por que algumas| pretas querião gosar do favor| quando as cannas erão plantadas| por gente forra com o nome| dellas. O Zinho pede-me| o cavallo foreiro e o outro.| Vossmicê dê, se achar que elle trata| bem, aliás procure uma razão| para eximir-se, e consulte-me.|

Estimo a sua saude e sou|

Seu affectuoso e veneradOr|

B. de Cotegipe|



Carta 149

AIGHBA. Ant. pasta 78. Documento contendo um fólio. Papel almaço pardo sem pautas.

Fregnesia 25 de *setembro*|[7]

Amigo Fructuoso.|

Estimo que tenha passado| bem. Ao Sr. Jose Alves dei 20 *réis* por| conta do frete da madeira; mas| não ajustei, porque fica isso á| seu cuidado. Não ha remedio,| sinão arrancar a taixa de Jacara*anga*,| o que me contraria – porque as cannas| vão puchando m*uito*. – Aqui ainda| não acabei – Logo que possa dis-|pensar o Giraldo – mande-m'o.|

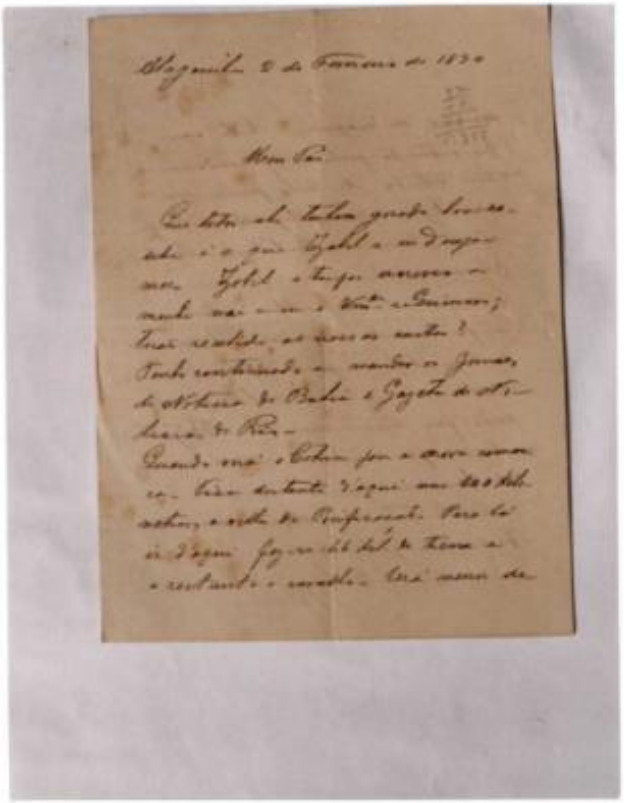
Já recebeo os escravos? Será bom| ajudar o Jacara*anga* com mais alguns -|

Informe-se do Vergastas do que| se passou com o Sr. Rios, que lá foi| ver o Engenho sem ter a polidez de| pedir me licença. Estou com| vontade de lá ir para a semana,|

Seu aff*ectuoso*|
B. de Cotegipe.|

[7] No original está grafado "7bro".

CARTA DE ANTONIO PINHEIRO CANGUÇU



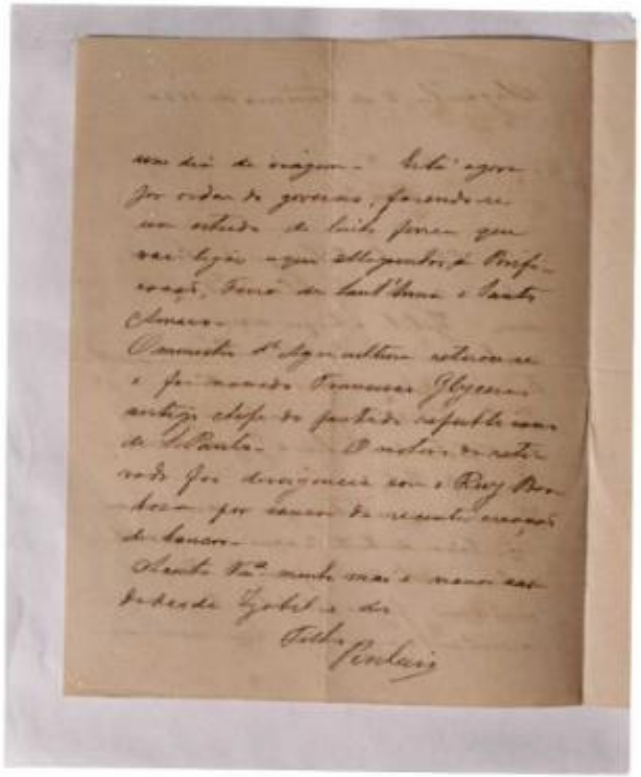
Carta 127

AIGHBA. Ant. pasta 37. Documento contendo dois fólios. Papel almaço pardo com pautas. Anotação do arquivo na margem superior direita, "37/11/17/5.358".

Alagoinhas 2 de Fevereiro de 1890|

Meu Pai:|

Que todos ahi tenham gosado boa sa-|ude é o que Izabel e eu deseja-|mos_ Izabel a tempos escreveo a| minha mai e eu a Vomice e a Quincas;| terão recebido as nossas cartas?|
Tenho continuado a mandar os jornaes| de Noticia da Bahia e Gazeta de No-|ticias do Rio _|
Quando virá o Cotrim para a nova comar-|ca - Fica distante d'aqui uns 100 kilo-|metros, a villa da Purificação. Para lá| ir d'aqui faz-se 66 kilo*metros* de trem e| o restante a cavallo - Será menos de|



1v.

um dia de viagem - Está agora| por ordem do governo, fasendo se| um estudo de linha ferrea que| vai ligar aqui Alagoinhas, á Purifi-|cação, Feira de Sant'Anna e Santo| Amaro - |
O ministro d'Agricultura retirou-se| e foi nomeado Francisco Glycerio| antigo chefe do partido republicano| de S*ã*o Paulo - O motivo da reti-|rada foi divergencia com o Ruy Bar-|bosa por causa da recente creação| de bancos -|
Aceita V*o*sm*ê*ce minha mai e manos sau-|dades de Izabel e do|
Filho|
Pinheiro[56]|

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

ADILSON SILVA DE JESUS

O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO:
UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

VOLUME II

Salvador
2021

ADILSON SILVA DE JESUS

O SERTÃO POR ESCRITO NO LIVRO DE RAZÃO:
UM MICROCOSMO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA

VOLUME II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Dra. Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Coorientadora: Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Salvador
2021

SUMÁRIO

VOLUME I

	INTRODUÇÃO	21
	Escolha do tema	21
	O percurso trilhado	22
	A organização da tese	25
1	**DE MUITAS HISTÓRIAS PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL**	27
1.1	DO MULTILINGUISMO À POLARIZAÇÃO LINGUÍSTICA: FORMAÇÃO E DIFUSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	28
1.2	CAMINHOS PARA A RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL	32
1.3	PARA UMA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: "O QUE É QUE A BAHIA TEM?"	36
1.3.1	**Os ilustres – *corpus* de Carneiro (2005)**	37
1.3.2	**Os africanos – *corpus* de Oliveira (2006)**	38
1.3.3	**Os sertanejos não ilustres – *corpus* de Santiago (2019)**	41
1.3.4	**Os indígenas – *corpus* de Souza (2019)**	43
1.4	PARA ALÉM DAS CARTAS, ATAS, LEIS E ALVARÁS: OUTROS CORPORA DO SERTÃO BAIANO.	45
1.4.1	**Das declarações de Terra em Santana do Campo Largo aos Livros da Fazenda do Campo Seco em Bom Jesus dos Meiras**	45
1.4.2	**Os Livros da Fazenda do Campo Seco**	48
1.4.2.1	O Livro do Gado	48
1.5	O LIVRO DE RAZÃO E A PROPOSTA DA TESE	49
1.5.1	**Sobre o conceito de Livro de Razão**	49
1.5.2	**Para além da escrituração contábil**	51
1.5.3	**A proposta de tese**	52
1.6	SÍNTESE DA SEÇÃO	53
2	**PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS TRILHADOS**	54
2.1	A LINGUÍSTICA HISTÓRICA, SUAS VERTENTES E O USO DE FONTES COMO *CORPORA*	54
2.2	A FILOLOGIA E A PREPARAÇÃO DAS FONTES PARA O ESTUDO DA LÍNGUA	56
2.2.1	**Tipos de edição**	58
2.2.2	**A edição de textos e as humanidades digitais**	61
2.3	OS ESTUDOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA E A ABERTURA DA HISTÓRIA	65
2.3.1	**A ruptura com o paradigma da historiografia tradicional**	66
2.3.1.1	História da Cultura Escrita – breve reflexão sobre o que é e a que se propõe esse campo do saber	69
2.3.1.2	A Micro-História como recurso metodológico	77
2.4	SÍNTESE DA SEÇÃO	80

3 DO FAC-SÍMILE À EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO: O *CORPUS*, O CONTEXTO DE PRODUÇÃO E OS *SCRIPTORES* 81
3.1 O LIVRO DE RAZÃO DO CAMPO SECO 81
3.1.1 Sobre a transcrição já realizada e as motivações para uma nova edição 82
3.1.2 Descrição extrínseca 83
3.1.2.1 A digitalização do Livro de Razão pelo método fotográfico Lapelinc 83
3.1.2.2 Um passeio pelo Livro de Razão: do suporte à encadernação 85
3.2 DO REPOVOAMENTO DO ALTO SERTÃO À CONSTITUIÇÃO DE BOM JESUS DOS MEIRAS: CONHECENDO A REGIÃO DO CORPUS 105
3.3 OS *SCRIPTORES* 115
3.3.1 Antônio Pinheiro Pinto 118
3.3.2 Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu 119
3.3.3 Miguel Joaquim de Castro Mirante. 120
3.4 DISPONIBILIZAÇÃO DAS EDIÇÕES 123
3.5 SÍNTESE DA SEÇÃO 126

4 O SERTÃO POR ESCRITO: DO CONTROLE DE FINANÇAS AOS FRAGMENTOS DA VIDA COTIDIANA NA BAHIA RURAL OITOCENTISTA 127
4.1 PELAS PÁGINAS ESCRITAS, DIFERENTES CAMINHOS... 127
4.2 DOS INDÍCIOS À RECONSTITUIÇÃO DAS VIVÊNCIAS: UM MICROCOSMO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA A PARTIR DO LIVRO DE RAZÃO 132
4.2.1 Pinheiro Pinto, sua parentela e as vivências de uma época. 133
4.2.1.1 A vida comercial no Campo Seco 135
4.2.1.2 Da militarização à vida religiosa no sertão da Bahia 149
4.2.1.3 A escravidão na fazenda do Campo Seco 158
4.2.1.4 Indicadores sociais no Alto Sertão 170
4.2.2 Inocêncio Pinheiro Pinto/ Canguçu: o que revelam suas anotações 176
4.3 A REFORMA POMBALINA NA COLÔNIA: BREVES NOTAS SOBRE A APLICAÇÃO E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS 178
4.4 DA PRODUÇÃO À CIRCULAÇÃO DO ESCRITO NO CAMPO SECO 183
4.4.1 A penetração da língua escrita na fazenda 183
4.4.2 A difusão da escrita nos domínios do Campo Seco 190
4.5 SINTESE DA SEÇÃO 191

5 "PELAS MÃOS SE FAZ A ESCRITA": DA DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA AOS INDÍCIOS DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA 194
5.1 A MORFOLOGIA DAS "MÃOS" DOS *SCRIPTORES*: DESCRIÇÃO INTRÍNSECA 196
5.1.1 Configuração da "mão" de Antônio Pinheiro Pinto 197
5.1.2 Configuração da "mão" de Inocêncio José Pinheiro Pinto/Canguçu 206

5.2 AS ABREVIATURAS 213
5.3 ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE GRÁFICA DE TEMPOS PRETÉRITOS 228
5.3.1 Um breve olhar para a história da ortografia portuguesa 229
5.4 REFERÊNCIAS METALINGUÍSTICAS PARA O ESTUDO DESCRITIVO DA VARIAÇÃO GRAFEMÁTICO-FONÉTICA DO LIVRO DE RAZÃO 233
5.5 DOS SENHORES DO CAMPO SECO: A DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA 238
5.5.1 Grafias para o fonema /z/ 239
5.5.2 Grafias para o fonema /s/ 241
5.5.3 Grafias para os ditongos 243
5.5.4 Grafias para o fonema /u/ 246
5.5.5 Grafias para o fonema /ʃ/ 247
5.5.6 Grafias para o fonema /ʒ/ 249
5.5.7 Grafias para representar a nasalidade 250
5.5.8 Etimologização gráfica 252
5.6 "ESCREVEMOS O QUE FALAMOS OU O QUE SABEMOS FALAR": BREVE DESCRIÇÃO DE INDÍCIOS DA REPRESENTAÇÃO DA ORALIDADE NO SERTÃO OITOCENTISTA 256
5.6.1 Estudo do som em textos escritos 258
5.6.2 A escrita fonetizante dos senhores do campo seco 259
5.6.2.1 Metaplasmo por transposição de fonema: metátese 260
5.6.2.2 Metaplasmo por acréscimo de fonema: ditongação 260
5.6.2.3 Metaplasmo por acréscimo de fonema epêntese e prótese 261
5.6.2.4 Metaplasmo por subtração de fonema: redução de ditongos 262
5.6.2.5 Metaplasmo por subtração de fonema: síncope e aférese 264
5.6.2.6 Metaplasmo por substituição de fonema: anteriorização 266
5.6.2.7 Metaplasmo por substituição: elevação das vogais médias postônicas 266
5.6.2.8 Metaplasmo por substituição: elevação das vogais médias pretônicas 267
5.6.3 **Um olhar reflexivo sobre os dados de escrita fonetizante** 274
5.7 SÍNTESE DA SEÇÃO 278
CONSIDERAÇÕES FINAIS 279
REFERÊNCIAS 283
ANEXO 295

VOLUME II

1 APRESENTAÇÃO 322
2 CRITÉRIOS DA EDIÇÃO 324
3 EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO 326
4 ÍNDICE ANALÍTICO 639
5 OS SCRIPTORES 658
5.1 ANTÔNIO PINHEIRO PINTO 658
5.1.1 Ficha biográfica 658
5.1.2 Quadro scriptográfico 659

5.1.3 As abreviaturas 662
5.2 INOCÊNCIO JOSÉ PINHEIRO PINTO/ CANGUÇU 687
5.2.1 Ficha biográfica 687
5.2.2 Quadro scriptográfico 687
5.2.3 As abreviaturas 690
5.3 MIGUEL JOAQUIM DE CASTRO MIRANTE 696
5.3.1 Ficha biográfica 696
6 SÍNTESE DO VOLUME II 697

1

APRESENTAÇÃO

Da vasta documentação, oriunda do sobrado do Brejo do Campo Seco, produzida e recebida pelos fazendeiros, em Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado, no interior da Bahia, no período compreendido entre a segunda metade do século XVIII e o terceiro quartel do século XIX, o *Livro de Razão* do Campo Seco chegou a nossas mãos, através do CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão,* sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana, no NELP – Núcleo de Estudo em Língua Portuguesa, do DLA – Departamento de Letras e Artes. Trata-se de um manuscrito baiano, escrito por três pessoas da mesma família, entre 1795 a 1838, que registra, principalmente, informações das atividades contábeis praticadas na fazenda do Campo Seco, no distante sertão de tempos idos.

O manuscrito do Campo Seco contém, pela numeração encontrada, 195 páginas, que estão numerdas e rubricadas, frente e verso, até a página 122. A partir da página 123, existe numeração só no recto, alterando a indicação de página para fólio até a 195. As anotações de dívidas dos clientes do armazém, que existia na fazenda, são predominantes nos assentos feitos por Antônio Pinheiro Pinto e pelo seu filho, Inocêncio José Pinheiro Pinto/Canguçu. No entanto, há outros assentamentos referentes a receitas médicas, a patentes militares, à disputa judicial, ao processo de construção do sobrado, que mobilizou uma série de professionais na região, além dos agentes de letramento responsáveis pela instrução de Inocêncio José Pinheiro Pinto/ Canguçu.

Os fenômenos linguísticos identificados nos escritos do livro são variados. Há desde fenômenos grafofonéticos a um rico acervo lexical. As variações gráficas e as abreviaturas apresentam-se em grande quantidade. São essas características que tornam o *Livro de Razão* um documento muito valioso para o estudo dos aspectos históricos, socioculturais e linguísticos da Bahia oitocentista.

Essa síntese apresentada é apenas um “cardápio” a respeito do que pode ser encontrado nesse manuscrito tão importante para a história da língua portuguesa no sertão da Bahia. Fica aqui o convite para se conhecer um pouco mais do sertão escrito nas páginas do *Livro de Razão* do Campo Seco.

2

CRITÉRIOS DA EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

A edição de um texto considera, prioritariamente, o público a que se destina esse texto, pois é esse público que determina a finalidade e o tipo de edição.

Uma das finalidades da edição semidiplomática do *Livro de Razão* é que seja útil para o estudo da história da língua, uma vez que, conforme Telles (2016), o texto é, sobretudo, um documento de fatos linguísticos e não pode ser tratado fora desse contexto. No bojo dessa discussão, é preciso estabelecer critérios de edição que respeitem as especificidades do documento, garantindo uma transcrição conservadora, especialmente, no tocante aos dados linguísticos.

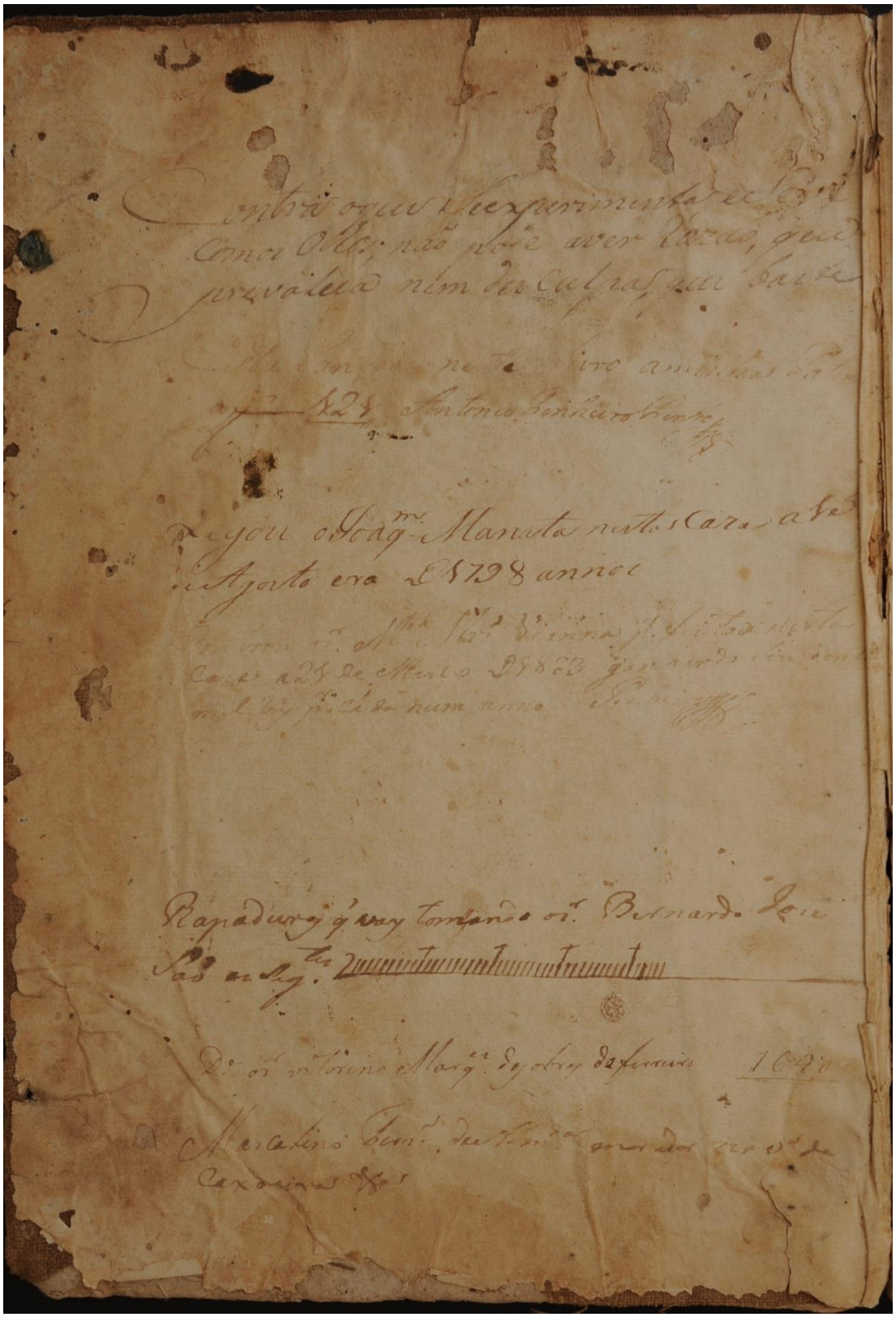
É nessa direção que concentramos as preocupações com os critérios aqui adotados, já que cada documento tem características próprias e, por isso, não podemos aplicar, aleatoriamente, critérios em um manuscrito produzido em determinada sincronia. É preciso considerar o tipo de manuscrito, o gênero textual, o suporte, os autores e os contextos diacrônico e diatópico do documento que pretendemos editar. Nesse caso, é necessária uma pesquisa cautelosa, verificando o conjunto de normas existentes, para a escolha e adaptações daquelas possíveis de serem utilizadas como critérios específicos, além da criação de novos critérios.

Considerando esse contexto, e a leitura de manuais de paleografia, além da consulta a trabalhos de grupos de pesquisas consolidados na área como, por exemplo, o *Nova Studia Philológica*, grupo liderado pela professora Dra. Célia Marques Telles, sediado na Universidade Federal da Bahia e, principalmente, o PHPB, que determinamos os seguintes critérios usados nesta edição.

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo.
4. A pontuação e a acentuação original serão mantidas.
5. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como apresenta o original.
6. [ ] dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto em colchetes e em itálico.
7. [.] letra ilegível por deterioração ou rasura.
8. [ilegível] vocábulo ilegível por deterioração ou rasura.
9. [ilegível + nº linhas] extensão de trechos maiores ilegíveis por deterioração ou rasura.
10. [*inint*] palavras não decifradas sem deterioração.
11. [alinhado à direita indica continuação da linha anterior.
12. [?] letras não decifradas sem deterioração.
13. [*inint* + nº linhas] extensão de trechos maiores não decifrada sem deterioração.
14. <↑> Escrito na entrelinha.
15. Supressões feitas pelo *scriptor* serão tachadas, a exemplo, ~~sahiram~~.
16. As linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta, à margem esquerda da mancha escrita.
17. Utiliza-se em toda transcrição a fonte *Arial*, tamanho 11, e nas notas de rodapé tamanho 10.
18. Informações complementares serão indicadas em nota de rodapé, a critério do editor.

3

EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO DE RAZÃO



[verso da capa]

Contra oque Seexperimenta eSe ve
com os olhos; naõ pode aver Razao, que
prevaleça nem des culpa, que baste

Esta lançado neste Livro a minha Paten
a f*olha* „*121*„Antonio Pinheiro Pinto

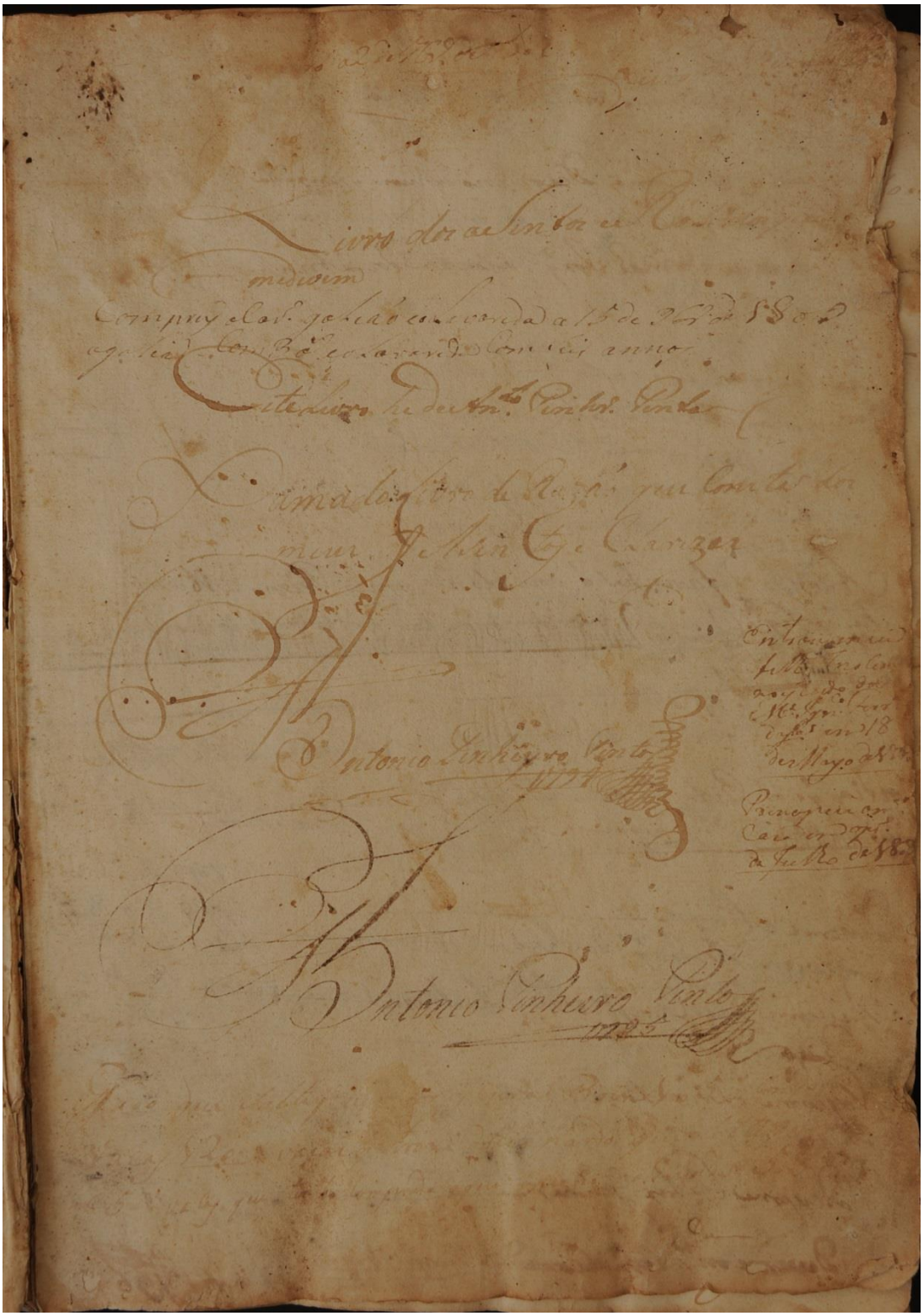
Xegou o Joaq*ui*m Manata nesta Caza a 13
deAgosto era 1798[25] annos

Emtrou os*enho*r M*ano*el Alv*e*z Vianna p*or* feitor nesta
caza a 21 de Março 1823 ganhando sin coenta
mil Reis por cada hum anno Pinheiro[26]

Rapaduras q*ue* vay tomando os*enho*r Bernardo Joze
Saõ as seg*uin*tes) ıııııııı†ıııııııı†ıııııııı†ıııııııı†ıııı

D*eve* os*enho*r vitorino Marq*ue*s das obras do ferreiro 1640
Marcelino Ferr*eir*a deAlm*ei*da morador na v*il*a da
caxa[?]ina [*inint.*]

[25] Há uma laçada no algarismo <1>.
[26] Presença de arabescos na assinatura.



[p. 1]

[ilegível] a 2 de*setem*bro [ilegível]
Livro da [ilegível]

[27]Livro dos aSentos eRol dos que
Medevem
Comprey oca*val*o goleaõ eo Lavareda a 15 de *novem*bro de 180[?]
ogoleaõ com 3 [*inint.*] eoLavareda com seis anos
[28]Este Livro he deAnto*ni*o Pinh*ei*ro Pinto

Xamado Livro de Razão que consta dos
meus Asen tos e Clarezas

Entrou meu
filho Inocencio
no es todo do
M*estr*e Ign*aci*o Ferr*eir*a
da S*ilv*a em 18
Antonio Pinheyro Pinto[29] deMayo de1810
1794

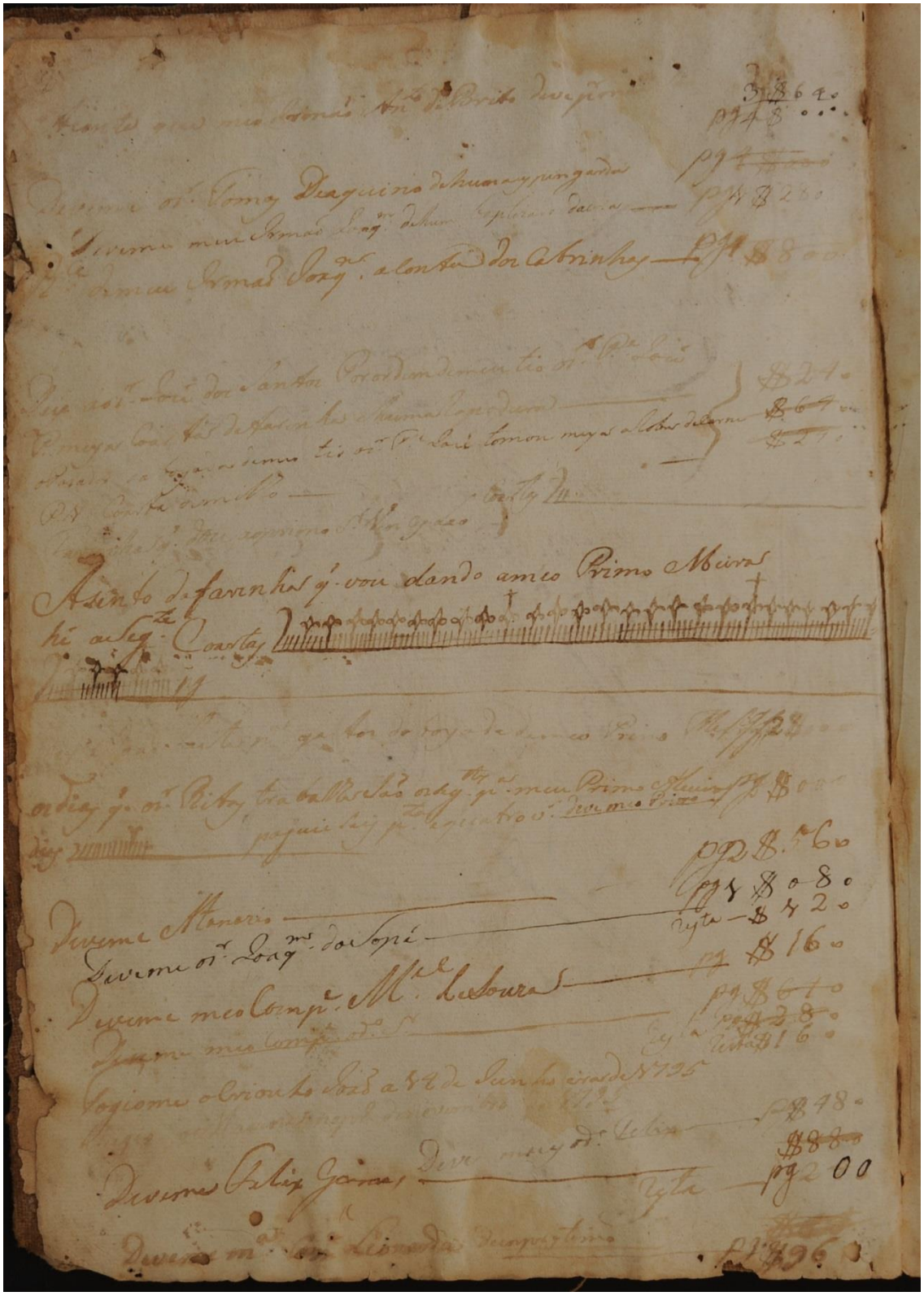
Principiei am*inh*a
caza em opr*imeir*o
de Julho de 1808

[30]Antonio Pinheiro Pinto
1795

Gado que soltey [ilegível]

Vacas 1200 vacas q*ue* troxi doRio pardo [ilegível]
[*inint.*] 5 vacas que tenho comprado [ilegível]

[27] <l> maiúsculo com traçado longo ocupando mais de uma linha.
[28] <e> maiúsculo com traçado longo ocupando mais de uma linha.
[29] Há várias laçadas ao final da assinatura que passam por cima do ano.
[30] <a> maiúsculo é bem elaborado, toma um espaço que corresponde a várias linhas.



[p. 2]

Aconta que meo Irmaõ Ant*oni*o deBrito deve p*o*r mim 3$690

p*ago* 4$0000

Deveme os*enho*r Tomas Deaquino dehumaes pingarda p*ago* ~~4$000~~

Deveme meu Irmaõ Joaq*ui*m dehum babtizado dacria ______ p*ago* 1$280

R*ece*bi demeu Irmaõ Joaq*ui*m aconta dos cabrinhas _______ p*ago* 4$800

Dey ao s*enho*r Jozé dos Santos Por ordem demeu tio o*senho*r P*adr*e Jozé

P*or* meya coarta defarinha ehumaRapadura _______________ ~~$24~~0

oPasador da boyada demeo tio osenhor P*adr*e Jozé tomou meya aRoba decarne ~~$64~~00

~~$24~~0

P*or* *1* Coarta demilho _______ Coartas) ıı______________________________________

Farinha q*ue* dou ao primo os*enho*r Ven ceslao

Asento da farinha q*ue* *vou* dando ameo Primo M eira

hé oSeg*uin*te Coantas[31])~~ııı&ııı~~

~~&ııı&ııı&ııı&ııı&ııı&ııı&ııı&)ııı&ııı&ııı&ııı&ııı&ııı&ııı~~ p*ago*_____________________________

dey aJoaõ Leite p*ar*a gastos da boayada demeo Primo [*inint.*] pago 2$000

os dias q*ue* os*enho*r Ribas trabalha são os seg*uin*tes p*ar*a meu Primo Meira p*ago* 2$000

dias)ıııııııı&ııı___________paguei seis [*inint.*] equatro [?]. deve meo Primo

Deveme Atanazio____ p*ago* 2$560

Deveme os*enho*r Joaq*ui*m do Sapé ________________________________ p*ago* 1$080

resta __ $120

Deveme meo Comp*adr*e M*ano*el deSouza ___________________________p*ago* $160

Deveme meo Comp*adr*e od*it*o *senho*r______________________________p*ago* ~~$64~~0

Resta p*ago* ~~$280~~

resta $160

Fogiome ocrioulo Joaõ a 14 de Junho era de1795

Fugio o [*inint.*] nop*rime*iro denovembro de1795

Deve mais od*ito* Felix ____________________________ p*ago* $480

Deveme Felix Gomes____ ~~$880~~

resta_____ p*ago* 200[32]

Deveme[33] m*inh*a com*adr*e Leonarda deinprestimo_____________________ [ilegível]

~~pago~~ $96[.][34]

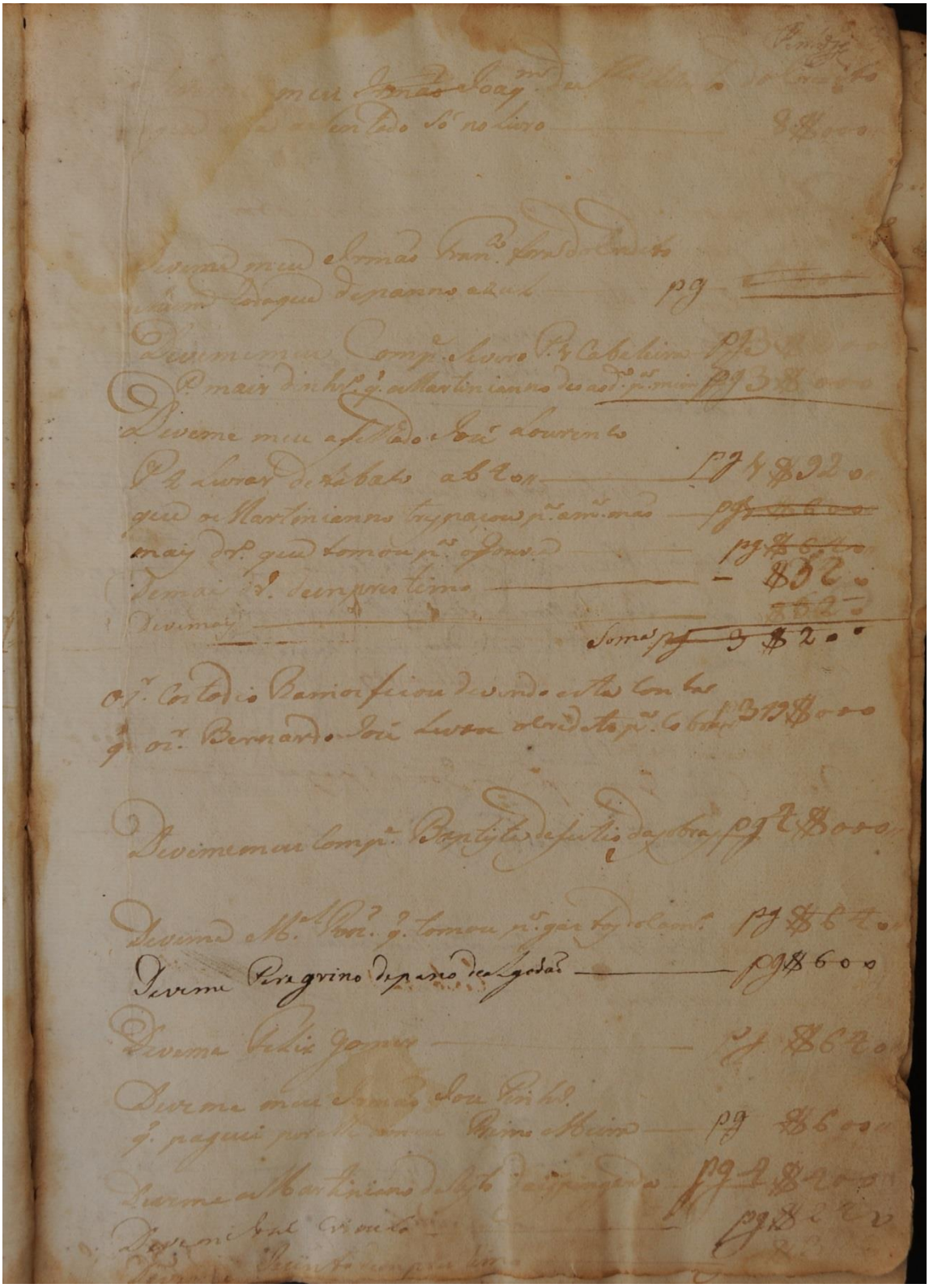
---

[31] Os símbolos em negrito representam a dezena na forma de contar adotada por Antonio Pinheiro Pinto (SANTOS FILHO, 2012)

[32] Há outra anotação embaixo, aparentemente 240 ou 280. Houve uma correção no valor.

[33] Há sobre a letra <m> um borrão.

[34] Há um furo no local.



[p. 3]

Deveme meu Irmaõ Joaq*ui*m de*Santana* deResto doCredito
Pagou esta asentado só no Livro _____ 8$000

Deveme meu Irmaõ Fran*cis*co [*inint.*] doCredito
hum Rodaque[35] depanno azul _____ p*ago* ~~5$000~~

Devem emeu comp*adr*e Severo P*or* 1 cabeleira p*ago* 3$200
P*or* mais dinhe*i*ro q*ue o*Martinianno deo ao d*i*to p*ara* mim p*ago* 3$000
Deveme meu afilhado Jozé Louren co
P*or* 2 Livras de tabaco a640 _____ p*ago* 1$920
que oMartinianno trespaçou p*ar*a am*inh*a maõ _____ ~~*pago*~~ ~~1$600~~
mais d*inhei*ro que tomou p*ar*a oGouvea _____ p*ago* ~~$640~~
Demais d*inhei*ro deinpres timo _____ $320[36]
Devemais _____ ~~$620~~[37]
soma ~~*pago*~~ ~~3$200~~

os*enho*r Costodio Ramos ficou devendo esta com ta
q*ue* os*enho*r Bernardo Jozé levou ocredito p*ar*a cobrar 349$000

Deveme meu Comp*adr*e Baptista dofeitio das obras _____ p*ago* 4$000,,

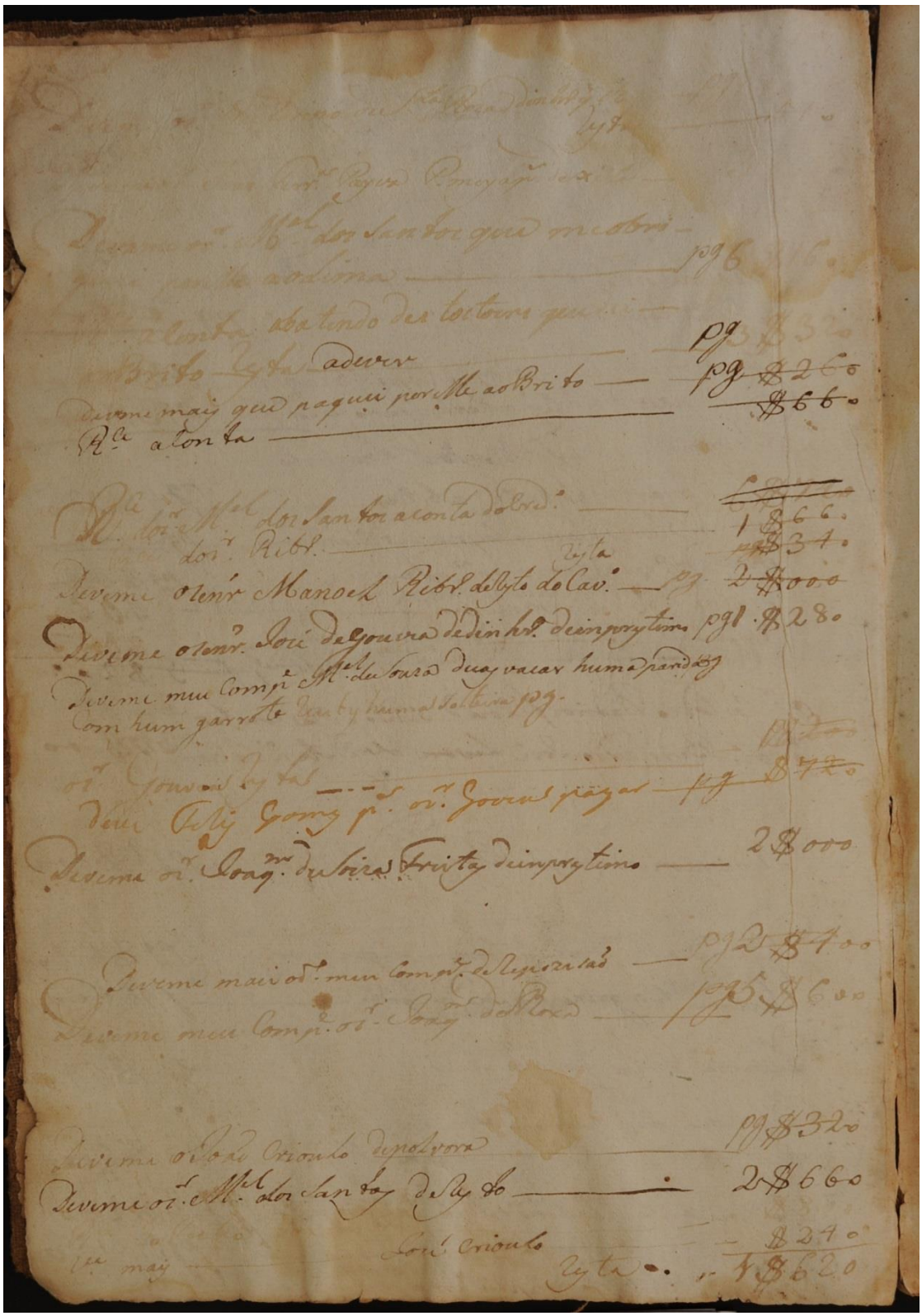
Devema M*ano*el [*inint.*] q*ue* tomou p*ar*a gas tos docomp*adre* p*ago* ~~$640~~,,
Deveme Peregrino depano dealgodaõ _____ ~~$600~~

Deveme Felix Gomes _____ $640

Deveme meu Irmaõ Jose Pinh*ei*ro
q*ue* paguei por elle ameu Primo Meira _____ p*ago* $600,,

Deveme oMar tiniano doResto daispingarda _____ p*ago* ~~4~~$400
Deveme [*inint.*] cri oulo _____ p*ago* $240
Deveme Jacinto deinpres timo _____ [*inint*.]

[35] Tipo de tecido
[36] Presença de rasura no valor.
[37] O algarismo <6> está rasurado.



[p. 4]

Deveme osenhor Venceslao de S*an*ta Roza dinh*ei*ro que lhe [ilegível]
resto [ilegível]
[ilegível] Ferr*eir*a Pay va P*or* meya [*inint.*] dexita _____

Deveme os*enho*r M*ano*el dos Santos que meobri-
guei por elle ao Lima _____ p*ago* 6$[.][38]60
R*ec*e*bi* aconta abatendo des tostoens que dei__
ao Brito_ Resta adever _____ ____p*ago* 3$320
deveme mais que paguei por elle aoBrito_____ ____~~pago~~ ~~$260~~
R*ec*e*bi* aconta_____ ~~$660~~

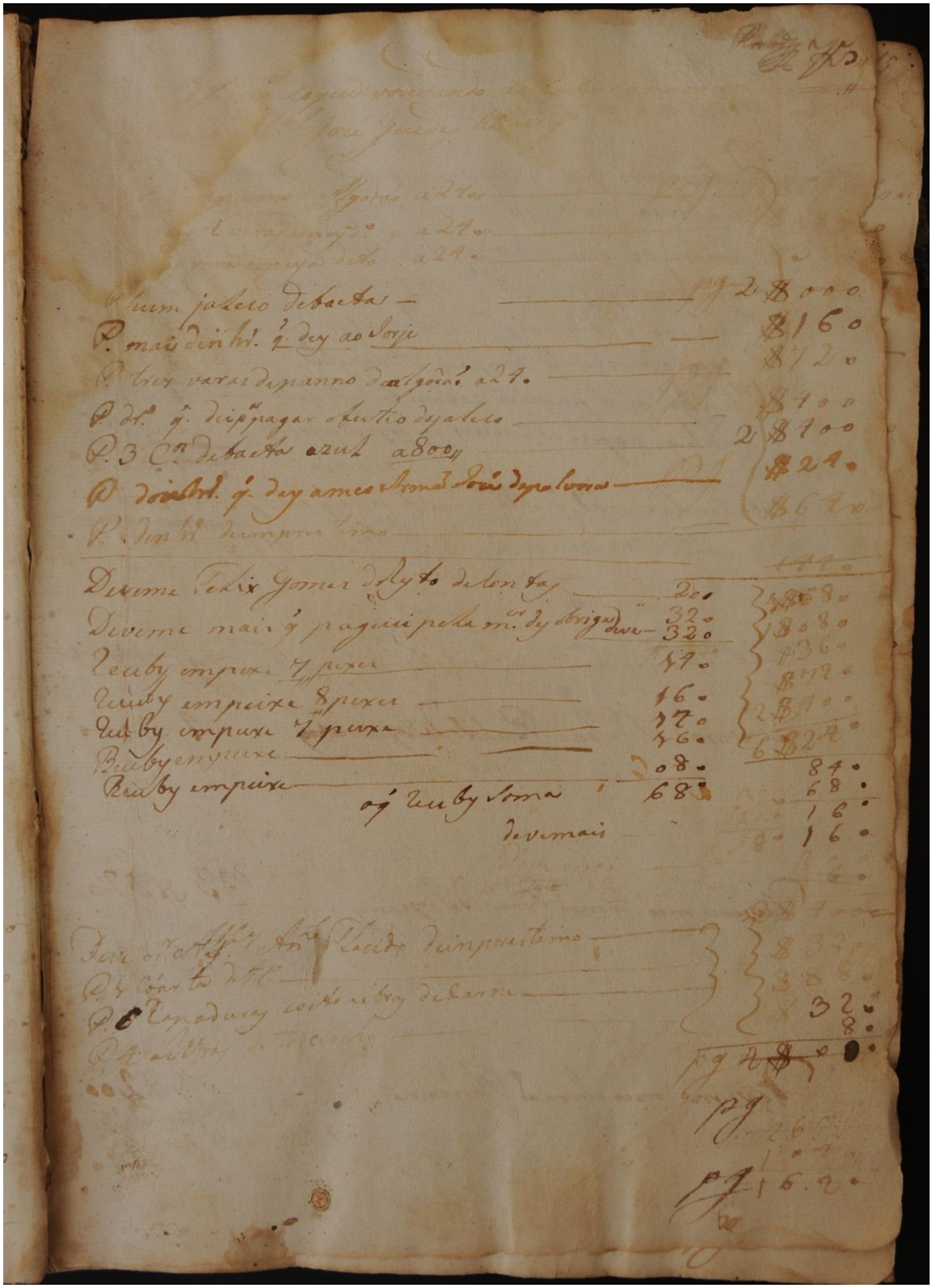
R*ec*e*bi* dos*enho*r M*ano*el dos Santos aconta docred*it*o _____ ~~6$740~~
R*ec*e*bi* dos*enho*r Rib*ei*ro _____ ~~1$660~~
resta ~~pago~~ ~~$340~~
Deveme osen*h*or ManoeL Rib*ei*ro deresto do cav*al*o_____ p*ago* ~~2$000~~
Deveme osen*h*or Jozé deGouvea dedinh*ei*ro deinprestimo p*ago* 1$280
Deveme meu comp*adr*e M*ano*el deSouza duas vacas huma parida p*ago*
com hum garrote receby huma solteira p*ago.*

os*enho*r Gouvea res ta_____ p*ago* ~~200~~
devi Felis Gomes p*ar*a os*enho*r Govea pagar _____ p*ago* ~~$720~~
Deveme os*enho*r Joaq*ui*m deSouza Freitas deinprestimo _____ 2$000

Deveme mais od*it*o meu comp*adr*e derepozisaõ _____ p*ago* ~~2$400~~
Deveme meu comp*adr*e os*enho*r Joaq*ui*m daRoxa _____ _____p*ago* 5$600

Deveme o Joaõ crioulo depolvora _____ p*ago* ~~$320~~
Deveme os*enho*r Manoel dos Santos deres to_____ 2$660
R*ec*e*bi* [ilegível] $ 800
[*inint.*] mais_____ Jozé crioulo _____ $2400
Resta 1$620

[38] Manchado.



[p. 5]

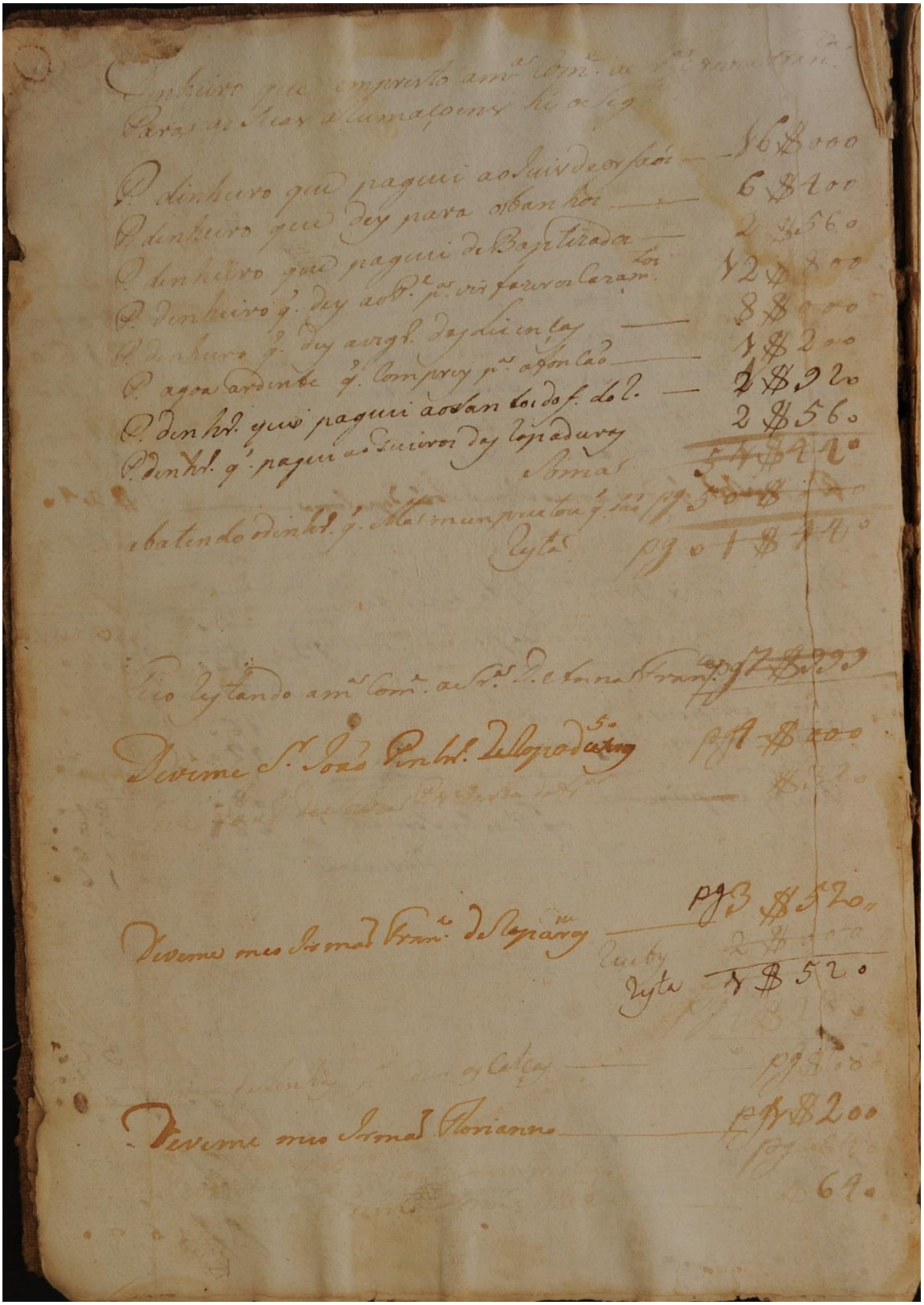
[ilegível] que vou dando [ilegível] [ilegível]
[ilegível] Jozé Guedes hê oseg*uin*te [ilegível] [ilegível]

[ilegível] panno deAlgodaõ a 240 _____ p*ago* [ilegível][39]
[ilegível] 4 varas emeya d*it*o a 240_____ [ilegível]
[ilegível] vara emeya dito a 240 _____ [ilegível]
P*or* hum jaleco debaeta __ _____ p*ago* ~~2$000~~
P*or* mais dinh*ei*ro q*ue* dey ao Jorje _____ $160
P*or* tres varas depanno dealgodaõ a 240 _____ p*ago* $720
P*or* d*inhei*ro q*ue* dei p*ar*a pagar ofeitio dojaleco _____ $ 400
P*or* 3 C*ovad*os baeta[40] azul a 800_____ 2$400
P*or* dinh*ei*ro q*ue* dey ameo Irmaõ Jozé depolvora _____ p*ago* *$240*
P*or* dinh*ei*ro deinpres timo_____ $640

_____ ~~1440~~
Deveme Felix Gomes doResto decontas _____ 200 1$680
Deveme mais q*ue* paguei pela mes*ma* des obriga 320 1$080
deve - 320
Receby em pexe 7 pexes _____ 140 $360
Receby em peixe 8 pexes _____ 160 $720
Rece by em peixe 7 peixe_____ 170 2$400
Receby empeixe _____ 160 6$240
Receby empeixe_____ [?]080 840
oq*u*e Receby soma 680 320 680
devemais _____ 160 160
580 160
Devemais_____ 200
~~Resto~~ 60

Deve os*enho*r Alferes Ant*oni*o Placido deinprestimo _____ 3$4000
P*or* 1 coarto de [*inint*.]_____ $320
P*or 6* Rapaduras eoito Libras decarne _____ $880
P*or* 4 Livras de toscinho_____ $320
[ilegível + 4 linhas] 80
p*ago* ~~4$000~~
p*ago*
~~866~~
1020
p*ago* ~~1620~~

[39] A tinta, por estar muito clara, dificulta a identificação dos valores. Além disso, há perda de suporte.
[40] Tipo de tecido.



[p. 6]

Dinheiro que empresto am*inh*a com*adr*e a S*enho*ra Anna Fran*cis*ca
Para as suas aRumaçoens hé oSeg*uin*te

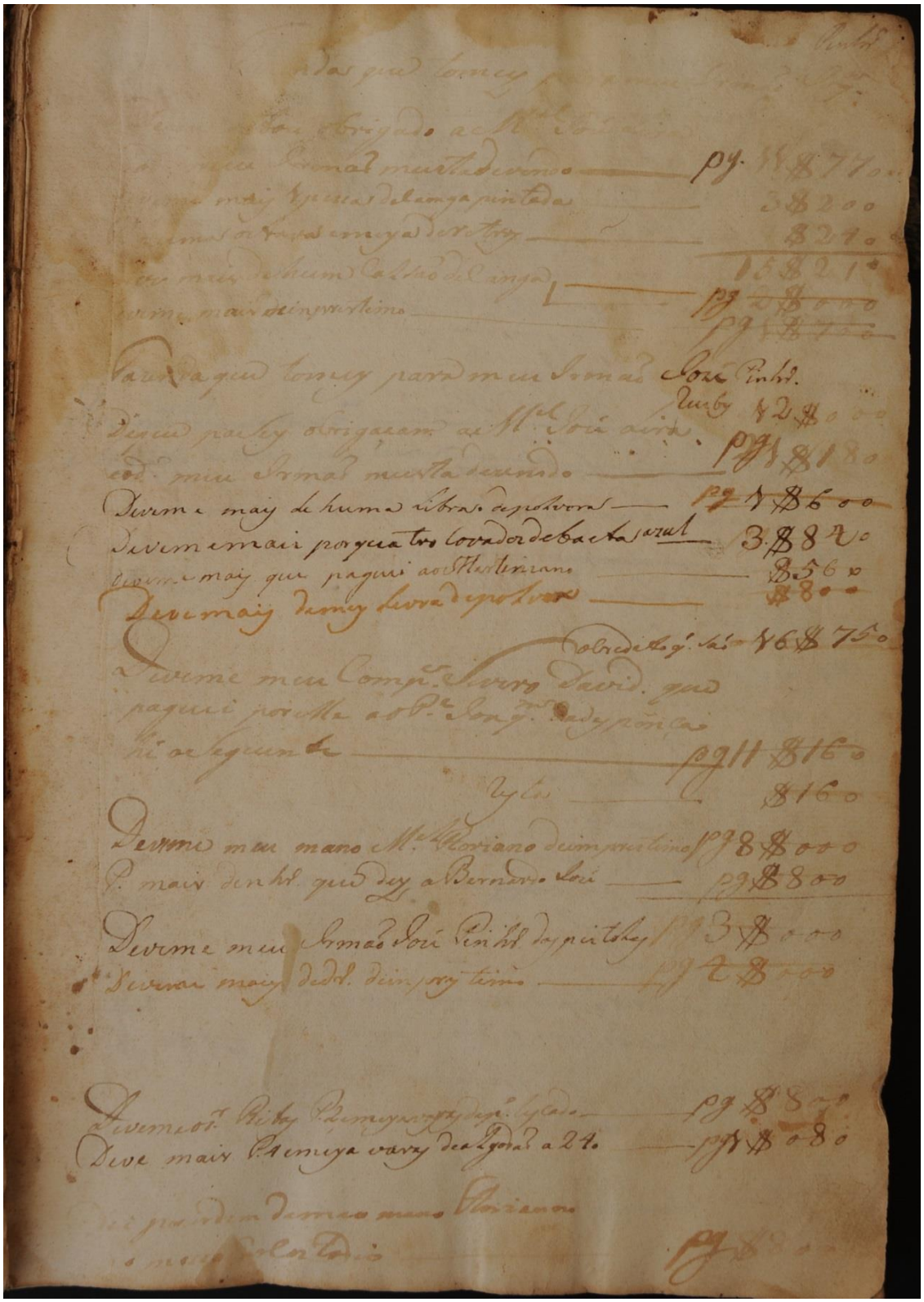
P*or* dinheiro que paguei ao Juis de orfaõs _____ 16$000
P*or* dinheiro que dey para os ban hos _____ 6$400
P*or* dinheiro que paguei deBaptizados _____ 2$560
P*or* dinheiro q*ue* dey aoP*adr*e p*ara* vir fazer os cazam*en*tos 12$800
P*or* dinheiro q*ue* dey ovigario das Licen ças _____ 8$000
P*or* agoa ardente q*ue* comprey p*ara* afoncaõ _____ 1$200
P*or* dinh*ei*ro q*ue* paguei aoSan tos do f. do R. _____ 2[41]$920
P*or* dinh*ei*ro q*ue* paguei ao Queiros das Rapaduras 2$560
Soma ~~51$440~~
abatendo do dinh*ei*ro q*ue* ella meenprestou q*ue* saõ p*ago* ~~50$000~~
Resta p*ago* ~~1$440~~

Fico Restando am*inh*a com*adr*e a S*enho*ra D*ona* Anna Fran*cis*ca p*ago* ~~7$999~~

Deveme s*enho*r Joaõ Pinh*ei*ro deRapaduras <↑50> p*ago* 4$000
Deve [ilegível] deSouza P*or* 1 defar*inh*a_____ $320

Deveme meo Irmaõ Fran*cisc*o deRapaduras _____ 3$520
Receby ~~2$000~~
Resta 1$520
p*ago* $280
Deve de linhas para cozer as calças _____ p*ago* $ [?][42]80
Deveme meo irmaõ Florianno _____ 1$200
[ilegível] [?]640
[ilegível] $640

[41] Rasurado
[42] Há uma mancha que atrapalha a leitura do algarismo.



[p. 7]

Fazenda que tomey para o meu Irmaõ Jo*qui*m

[ilegível] estou obrigado a M*ano*el Jozé Lira
[ilegível] meu Irmaõ meestadevendo _____ p*ago* 11$7700
Deveme mais 1 pessa dacanga pintada_____ 3$200
P*or* huma oitava emeya deretros _____ $240
15$210

deve mais dehum cal saõ decanga _____ p*ago* ~~2$000~~
Deveme mais deinprestimo _____ p*ago* ~~1$700~~
Fazenda que tomey para meu Irmaõ Jozé Pinh*ei*ro

Receby 12$000

Deque paSey obrigaçam aM*ano*el Jozé Lira
eod*ito* meu Irmaõ meesta devendo _____ p*ago* 1$180
Devem e mais de huma Libra depolvora _____ ~~pago~~ 1$180
Devem e mais por quatro covados debaeta azul _____ p*ago* ~~3$840~~
deveme mais que paguei ao Martiniano _____ ~~$560~~
Deve mais demey Livra depolvora[43] _____ ~~$800~~

ocredito q*ue* saõ ~~16$750~~

Deveme meu Comp*adr*e Severo David. que
paguei por elle ao P*adr*e Joaq*ui*m dadespença
hé oSeguinte _____ p*ago* ~~11$160~~
Resta _____ ~~$160~~

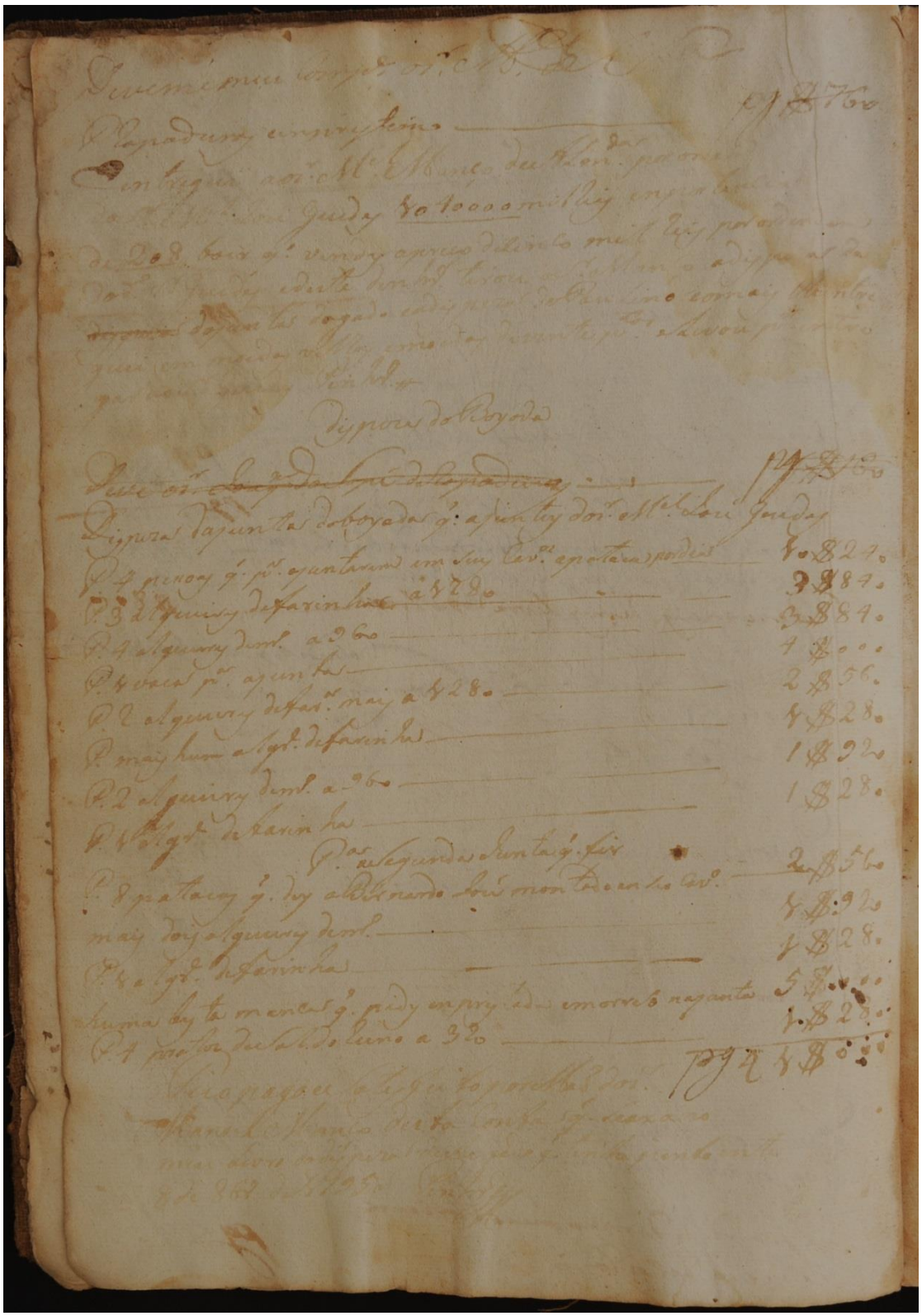
Deveme meu mano M*ano*el Floriano deimprestimo p*ago* ~~8$000~~
P*or* mais dinh*ei*ro que dey aBernardo Jozé _____ p*ago* ~~$800~~

Deveme meu Irmaõ Jozé Pinh*ei*ro das pis tolas p*ago* ~~3$000~~
Deveme mais ded*inhei*ro deinpres timo_____ p*ago* ~~4$000~~

Deveme os*enho*r Ribas P*or* 2emeyavaras dep*an*o Riscado _____ pago $800
Deve mais P*or 4* emeya varas dealgodaõ a 240_____ p*ago* *1*$080

Dei por ordem domeo mano Floriano
[i*nint*.] Cos todio _____ p*ago* $800

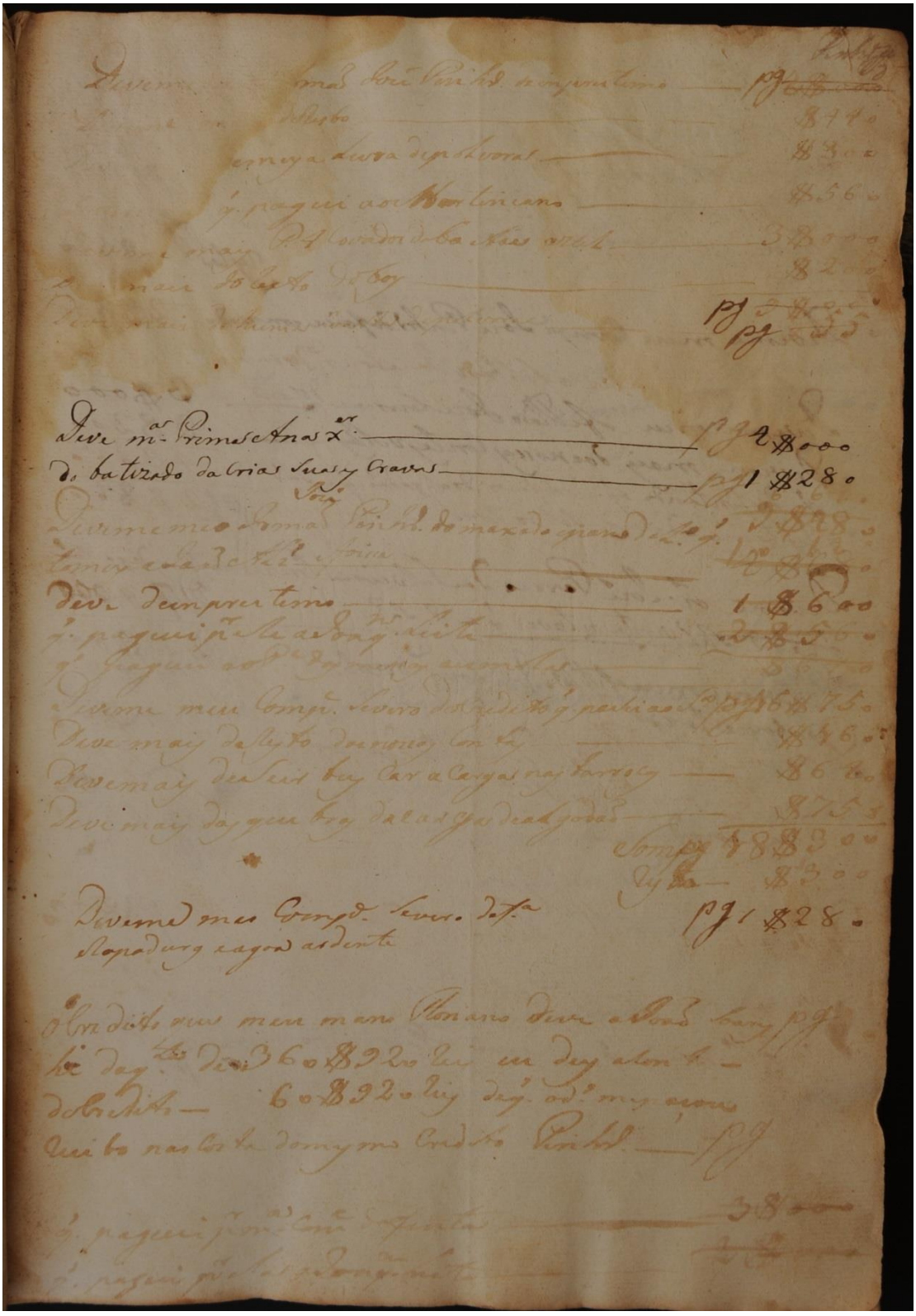
[43] Tinta carregada.



[p. 8]

Deveme meu comp*adr*e os*enho*r [*inint.*]
P*or* Rapaduras einprestimo _____ p*ago* ~~$760~~
Entreguei aos*enho*r M*ano*el Alonço deAlme*i*da por [ilegível]
do [*inint*.] Jozé Guedes 10 40000 mil reis importância
de 208 bois q*ue* vendy apreço decinco mil reis por ordem
do [*inint.*] Guedes edeste din*hei*ro tirou o [*inint.*] Alonço adispeza da
[~~dispeza~~] das contas dogado eadis peza dePaulino eomais lheentre
guei em moedas velhas emoedas devinte [*inint*.] elevou p*ar*a entre
gar ao [*inint.*] Guedes Pinh*ei*ro
dispeza daBoyada
Deve os*enho*r Joaq*ui*m da Sapé da Rapaduras[44] _____ ~~pago~~ ~~$160~~
Dispeza dajunta daboyada q*ue* ajuntey dos*enho*r M*ano*el Jozé Guedes
P*or* 4 pessoas q*ue* p*ar*a ajuntarem em seus cav*al*os apataca por dia _____ 10$240
P*or* 3 a[45]lqueires dafarinha a 1280 _____ 3$840
P*or* 4 alqueires din*hei*ro a 960 _____ 3$840
P*or* 1 vaca p*ar*a ajunta _____ 4$000
P*or* 2 alqueires defar*ainh*a mais a 1280 _____ 2$560
P*or* mais hum alq*uei*re defarinha _____ 1$280
P*or* 2 alqueires din*hei*ro a 960 _____ 1$920
P*or* 1 alq*uei*re defarinha _____ 1$280
P*ar*a aSegunda Junta q*ue* fis
P*or* 8 patacas q*ue* dey aBernardo Jozé montado em seo cav*al*o _____ 2$560
mais dois aqueires din*hei*ro _____ 1$920
P*or* 1 alq*uei*re defarinha _____ 1$280
huma bes ta manca q*ue* pidy enprestada emorreo najunta 5$000
P*or* 4 pratos desal do reino a 320 _____ 1$2800
p*ago* 41$000
Fico pagace Setescento por [*inint*.] dos*enho*r
Manoel Alonço desta conta q*ue* seaxa no
meu Livro da dispeza [*inint.*] que tinha ficando este
8 de *outu*bro de 1795 Pinh*ei*ro

[44]A informação encontra-se riscada no manuscrito.
[45] Anotado sobre o início da palavra o algarismo <8>.



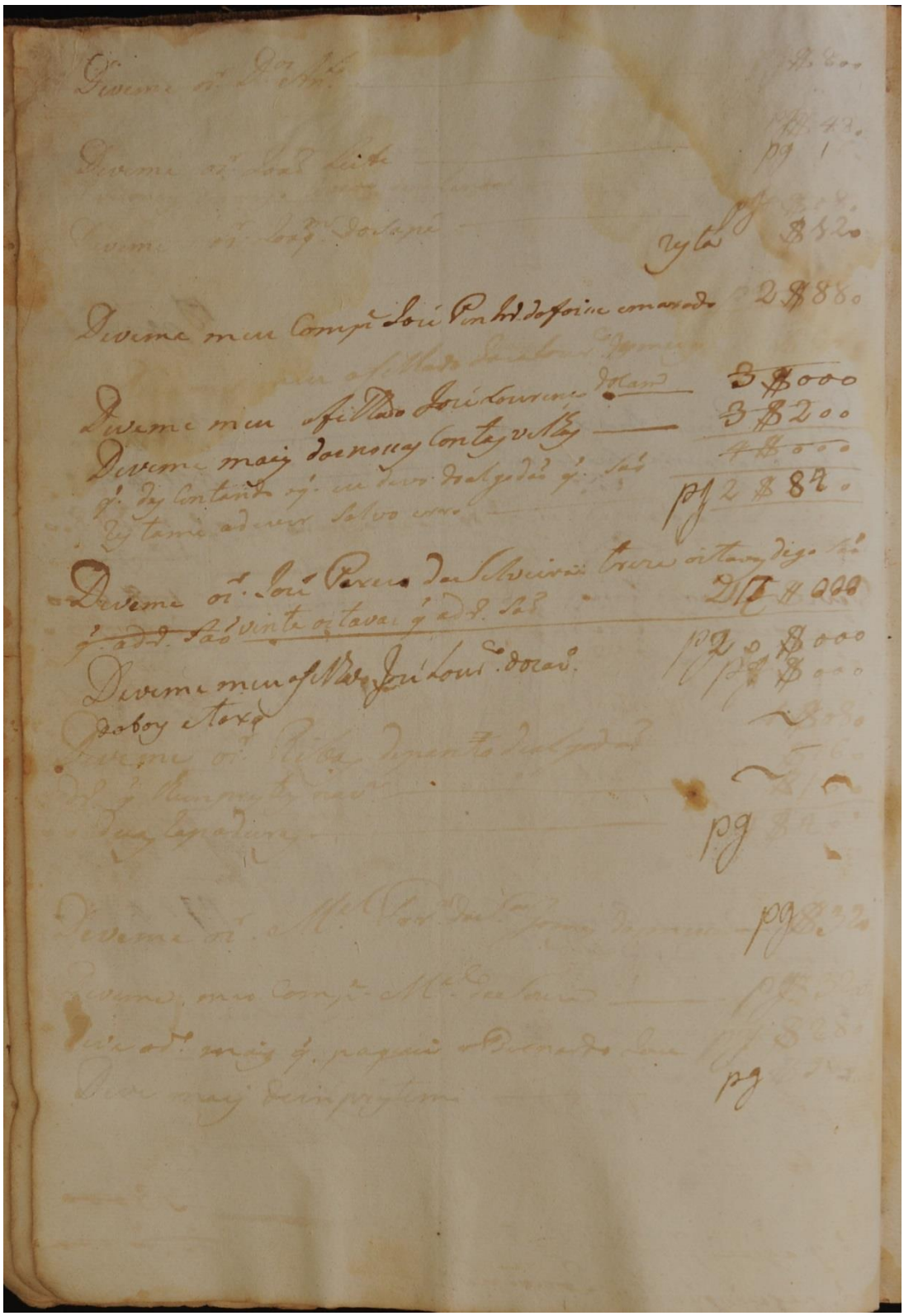
[p. 9]

Deveme [ilegível] Irmaõ Jozé Pinh*ei*ro de inprestimo _____ p*ago* ~~4$000~~
Deveme deResto _____ $440
Deve [ilegível] demeya Livra depolvora _____ $300
[ilegível] q*ue* paguei ao Martiniano _____ $560
Deveme mais P*or* 4 covados debo toes azul _____ 3$000
Deve mais do resto do boy _____ $200
p*ago* ~~9$000~~
Deve mais de huma coarta depolvora _____p*ago* ~~55~~

Deve m*inh*a Prima Ana X*avi*er_____ 4$000
do batizado da cria sua es crava _____p*ago* 1$280[46]
~~2$980~~

Deveme meo Irmaõ <↑Jozé> Pinh*ei*ro do maxado epano do[*inint.*] q*ue*
tomey a Joaõ Alves [*inint.*]_____ ~~4$680~~
deve deinpres timo _____ ~~1$600~~
q*ue* paguei p*or* ele a Joaq*ui*m Leite _____ ~~2$560~~
q*ue* paguei ao P*adr*e das nossas esmolas_____ $ 640
Deveme meu comp*adr*e Severo docredito q*ue* paSei ao S*ilv*a p*ago* *1*6$750
Deve mais doResto das nossas con tas_____ $1600
Devemais deseis *[inint.]* con a carga nas [*inint.*] _____ $6400
Deve mais das que bras dacarga dealgodaõ_____ $ 753
Som*a* p*ago* 18$300
Resta __ $300
Deveme meo comp*adr*e Severo *[inint.]* p*ago* 1$280
eRapadura eagoa ardente
oCredito que meu mano Floriano deve aJoaõ Soares p*ago*
he daq*uanti*a de 360$920 Reis eu dey acon ta-
deCredito _ 60$920 reis deq*uando* od*ito* mepaçou
recibo nas cos ta domesmo Credito Pinh*ei*ro p*ago*
q*ue* paguei p*or* m*inh*a com*adr*e dajunta _____ 3$000
q*ue* paguei p*or* ela a Joaq*ui*m Leite _____ 3$000

[46] Há, logo abaixo, a anotação do seguinte valor <60600>



[p.10]

Deveme os*enho*r D*oming*os Ant*oni*o _____ $800

Deveme os*enho*r Joaõ Leite _____ $480
[ilegível] deo meyo covado [ilegível] p*ago* $160
Deveme os*enho*r Joaq*ui*m doSapé _____ p*ago* $080
Res ta $120

Deveme meu comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro dafoisse emaxado ~~2$880~~

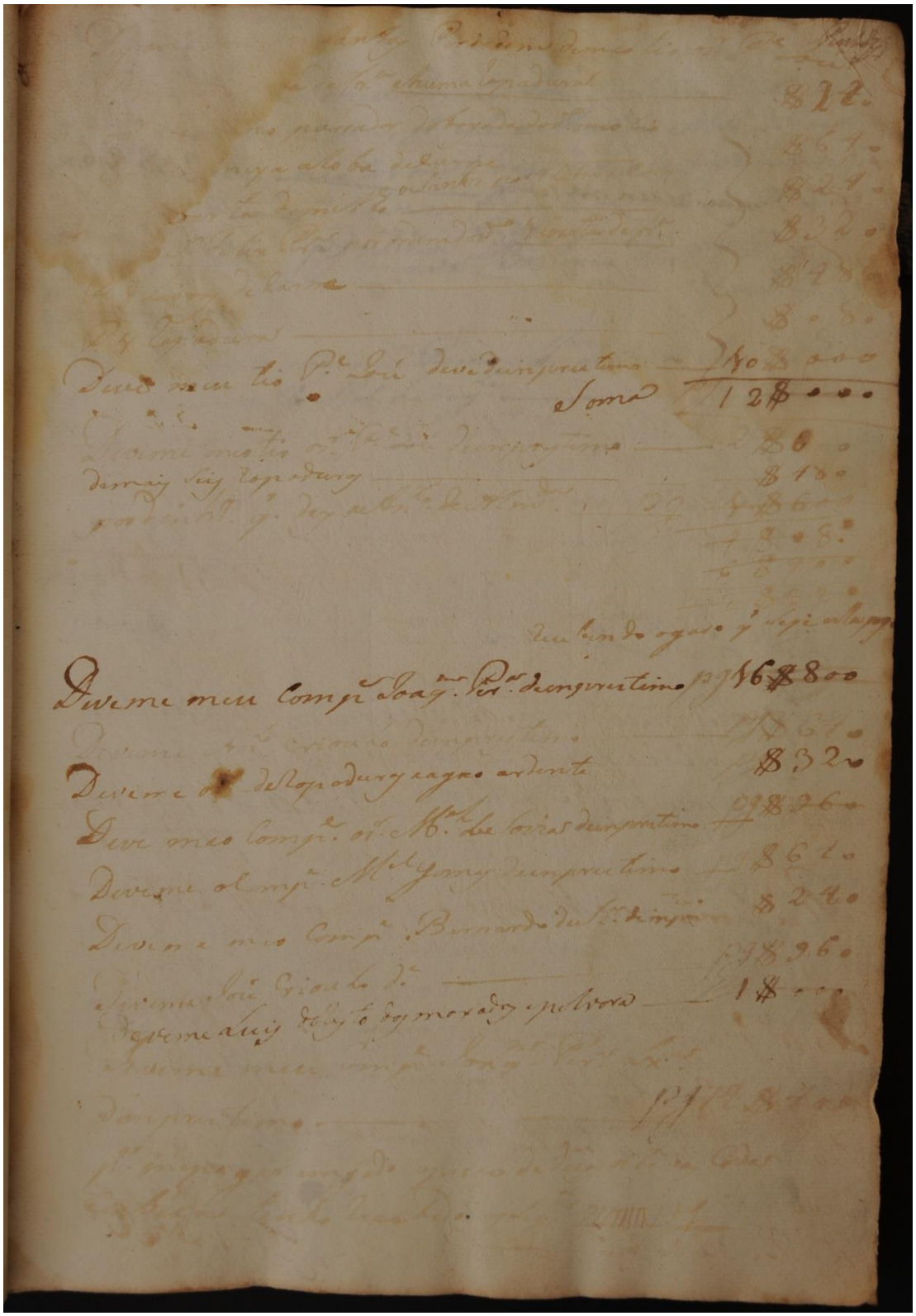
Deveme meu afilhado Jozé Lour*en*co [*inint*.] [ilegível]
Deveme meu afilhado Jozé Lourenço do[*inint.*]_____ ~~3$000~~
Deveme mais das nossas contas velhas _____ ~~3$200~~
q*ue* des contando oq*ue* eu devo do algodaõ q*ue* saõ ~~4$000~~
Res tame adever salvo erro _____ p*ago* 2$840[47]

Deveme os*enho*r Jozé Paxeco daSilveira treze oitavos digo saõ
[~~q*ue* od*inheiro*~~] Saõ vinte oi tavos que od*inhei*ro Saõ _____ 2[]$000[48]
Deveme meu afilhado Jozé Lour*en*co doca*val*o p*ago* 20~~$000~~
doboy etaxo p*ago* [?]$000[49]
Deveme os*enho*r Ribas depano[50] dealgodaõ 1$080[51]
di*nheir*o q*ue* lheinprestey [*inint.*] _____ $160
duas Rapaduras _____ p*ago* $460

Deveme os*enho*r M*ano*el *[inint.]* deS*ouz*a Gomes da *[inint.]* _____ p*ago* $320

Deveme meo comp*adr*e M*ano*el deSouza _____ p*ago* $320
Deve od*it*o mais q*ue* paguei aBernardo Jozé p*ago* $320
Deve mais deinprestimo _____ p*ago* $ [*inint.*]

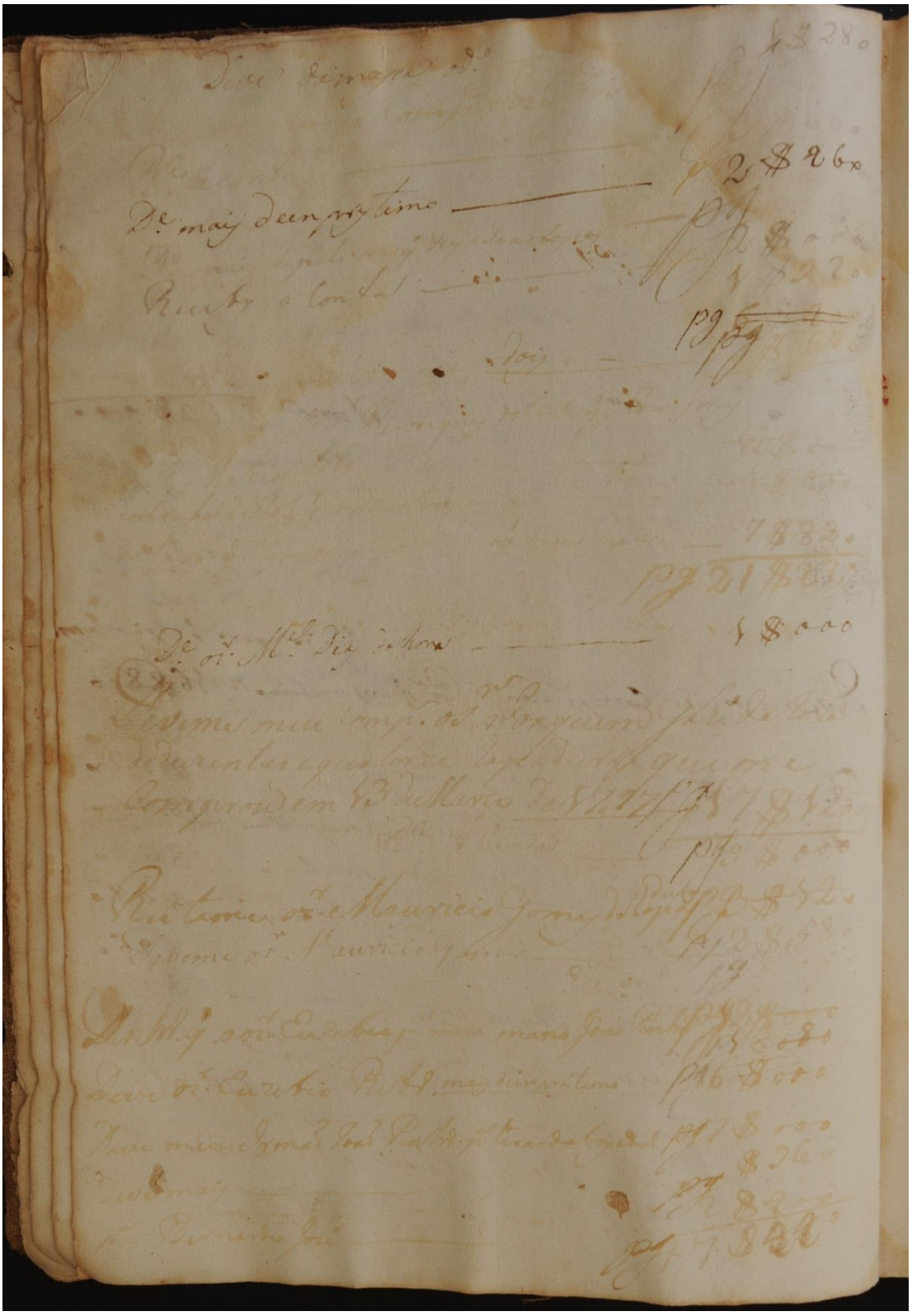
[47] Os algarismos <8> e <4> cobrem outros números.
[48] O segundo algarismo foi alterado.
[49] O valor está coberto pelo <g> da abreviatura <pg>.
[50] Escreveu panho, passou três traços na horizontal transformando o <h> em um <n>.
[51] Há, sobre o valor, um traço ondulado.



[p. 11]

Dey aos*enho*r Jozé dos Santos Por ordem demeo tio os*enho*r P*adr*e Jozé
[ilegível] ehuma Rapadura _____ $240[52]
os*enho*r [*inint.*] passador daboyada do d*it*o meo tio
[ilegível] meya aRoba decarne _____ $640
[ilegível] demiho <↑ Santos por [?] libras [*inint.*]> $240
[ilegível] Felix Per*eir*a por ordem dod*it*o 1 coarto de far*inh*a $320
P*or* 8 Livras decarne _____ $480
P*or* 1 Rapadura _____ $080
Deve meu tio P*adr*e Jozé deve deinprestimo _____ 10$000
Soma p*ago* ~~12$000~~
Deveme meu tio os*enho*r P*adr*e Jozé deinprestimo _____ 2$0[53]00
demais seis Rapaduras _____ ~~$480~~
por dinh*eir*o q*ue* dey aAnt*oni*o deAlm*ei*da _____ ~~pago~~ ~~1$600~~
~~4$080~~
~~6$400~~
~~2$820~~
Recebendo agora q*ue* segi esta pago
Deveme meu comp*adr*e Joaq*ui*m Per*eir*a deinprestimo p*ago* ~~16$800~~
Deveme Anto*ni*o crioulo deinprestimo _____ p*ago* $640
Deveme [ilegível] deRapaduras eagoa ardente p*ago* $320
Deveme meo comp*adr*e os*enho*r M*ano*el [i*nint.*] Souza deinprestimo _____ p*ago* ~~$960~~
Deveme ocomp*adr*e M*ano*el Gomes deinprestimo_____ p*ago* $640
Deveme meo comp*adr*e Bernardo deS*ouz*a deinpres<↑timo> $240
Deveme Jozé crioulo [*inint.*] _____ p*ago* $960
Deveme Luis deResto dos maxados epolvora _____p*ago* ~~1$000~~
Deveme meu comp*adr*e Joaq*ui*m Per*eir*a [*inint*.]
deinprestimo _____ p*ago* 14$400
p*ar*a mepagar emgado opreço de [*inint.*] oitavos cada
cabeça tenho Recebido oseg*uinte*)ıııııı p*ago*

[52] Rasurados os dois primeiros algarismos.
[53] Há uma alteração no algarismo.

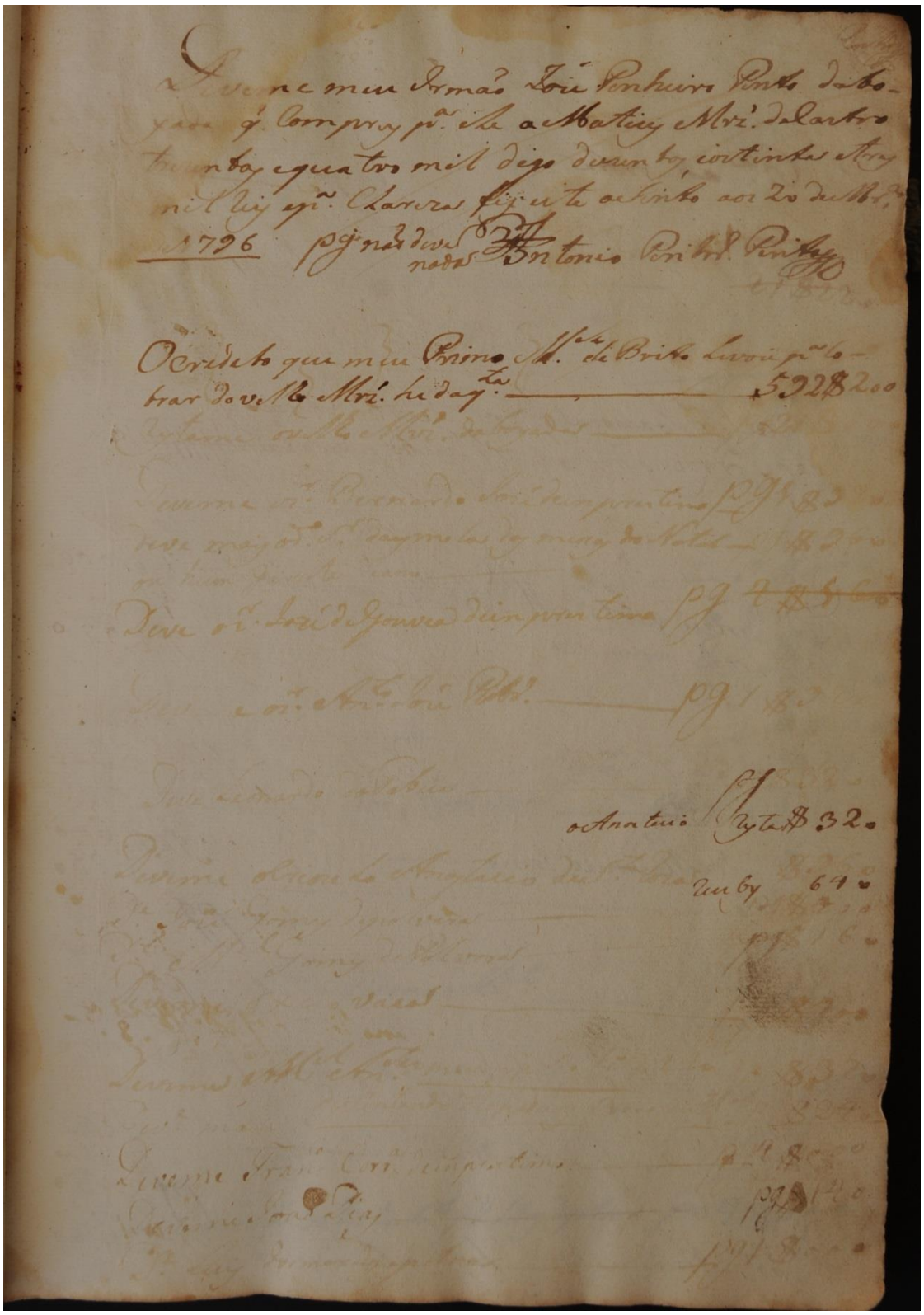


[p. 12]

Deve *[inint.]* odito _____ 1$280
[ilegível] Compadre Jozé Pinheiro pago
Recebi aconta _____ 3$000
Deve mais deinprestimo _____ pago 2$460
Deve mais depolvora que dey a Joao [inint.]_____ pago 2$000
Receby a conta _____ 1$920
pago ~~6$200~~
[ilegível] dois pago *$640*
[ilegível]
[ilegível] Matias Lobo _____ 12$000
[ilegível] _____ 1$0[54]00
[*inint.*] taxo que comp [ilegível] _____ ~~7$820~~
pago 21$220
Deve osenhor Manoel Dias dahora_____ 1$000

Deveme meu compadre osenhor Joaquim Gonçalves daRoxa
de duzentas e quatorze Rapaduras que me
comprou em 13 deMarço de 1797 pago 17$120
Recebi a conta _____ pago 9$000
Res tame osenhor Mauricio Gomes darapa<↑dura> pago ~~3$120~~
Deveme osenhor Mauricio Gomes _____ 2$580
Resto pago $800
Dinheiro que aosenhor Euzebio para meu mano Joaõ Pinheiro pago ~~12$000~~
pago ~~1$080~~
Deve osenhor Euzebio Ribeiro mais deinprestimo pago ~~6$000~~
Deve meu Irmaõ Joaõ Pinheiro para tirar daboayda pago 7$000
Deve mais _____ $960
[ilegível] pago 2$400
para Bernardo Jozé _____ pago 17$440[55]

[54] Rasurado. Pelo resultado da soma, pode ser um 4.
[55] Rasurado



[p. 13]

Deveme meu Irmaõ Jozé Pinheiro Pinto dabo_
yada q*ue* comprey p*ar*a ele a Matias M*ar*t*ins* deCastro
trezentos equatro mil digo duzentos eoitenta etres
mil reis ep*ar*a Clareza fis este aSento aos 20 de M*ar*ço
de1796 p*ago* não deve
nada Antonio Pinhe*i*ro Pinto[56]
~~21$220~~

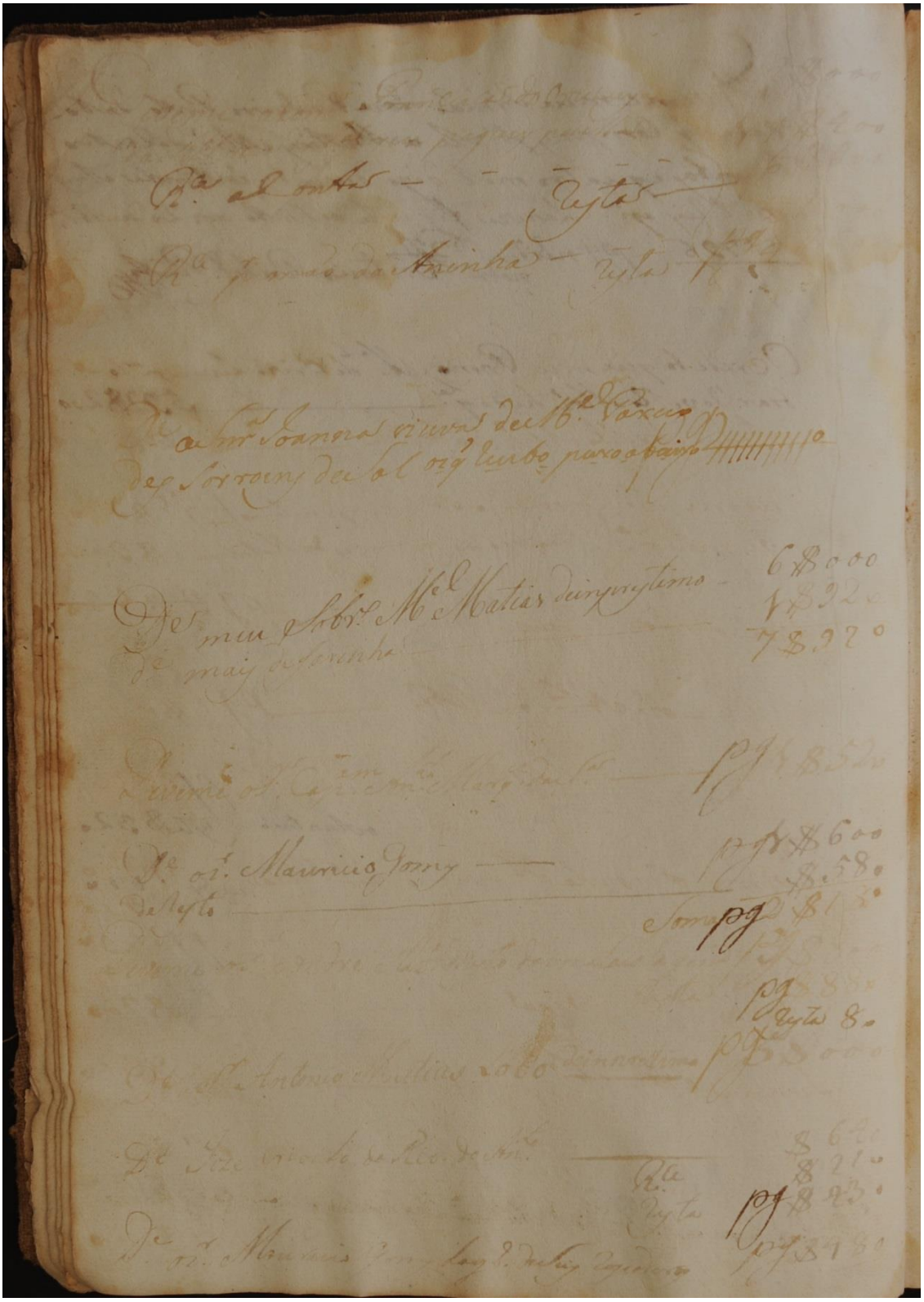
O credito que meu Primo M*ano*el de Brito levou p*ar*a co-
brar do velho M*ar*t*ins* he daq*uanti*a _____ 592$200
restame ovelho M*ar*t*ins* daboyada _____ p*ago* 21$000

Deveme o s*enho*r Bernardo Jozé deinprestimo_____p*ago* 1$[*inint*.]
Deveme mais od*ito* s*enho*r daesmo la das missas do Natal _____ p*ago* $960
ou hum garrote de ano_____[.][57]
Deve o s*enho*r Jozé de Gouvea deinpres timo p*ago* ~~4$160~~

Deveme o s*enho*r Ant*oni*o Jozé Rib*ei*ro p*ago* 1$9[?][?]

Deve Leonardo daTaboca _____p*ago* $320
oAnostario resta $320
Deveme ocrioulo Anostario deS*an*ta Roza $960
Rece by 640
D*eve* Jozé Gomes depolvora _____ [inint.]
D*eve* M*ano*el Gomes dePolvora _____p*ago* $160
Deveme [*inint.*] vaca _____ [ilegível][58]
8 [ilegível]
Deveme M*ano*el Anto*nio* [ilegível]_____ $320
Deve mais [ilegível]_____ p*ago* $240
Deveme Fran*cis*co Corre*i*a deinprestimo_____ p*ago* 4$000
Deveme Joaõ[59] Dias _____ p*ago* [.][60]140
D*eve* Luis dos maxados epolvora _____ p*ago* 1$000

[56]Presença de laçadas no início do nome e no sobrenome.
[57] Manchado
[58] Há uma mancha que dificulta a leitura do valor.
[59] Sobre o til há uma mancha.
[60] Manchado



[p.14]

Deve a com*adr*e Francisca do [*inint.*] [ilegível][61]
[ilegível] paguey por ella [ilegível]
R*ecebi* aconta __ __ __ __ __ 6$600
Resta _____

5

R*ecebi* por maõ da Aninha __ __ __ __ __ __ __ __ __ __ __ __ 4[ilegível]
Resta p*ago*

D*eve* aS*enho*ra Joanna viuva deM*ano*el Paxeco
des Sorroens desal os q*ue* Recebo paxo abaixo)~~IIIIIIIII~~[0]

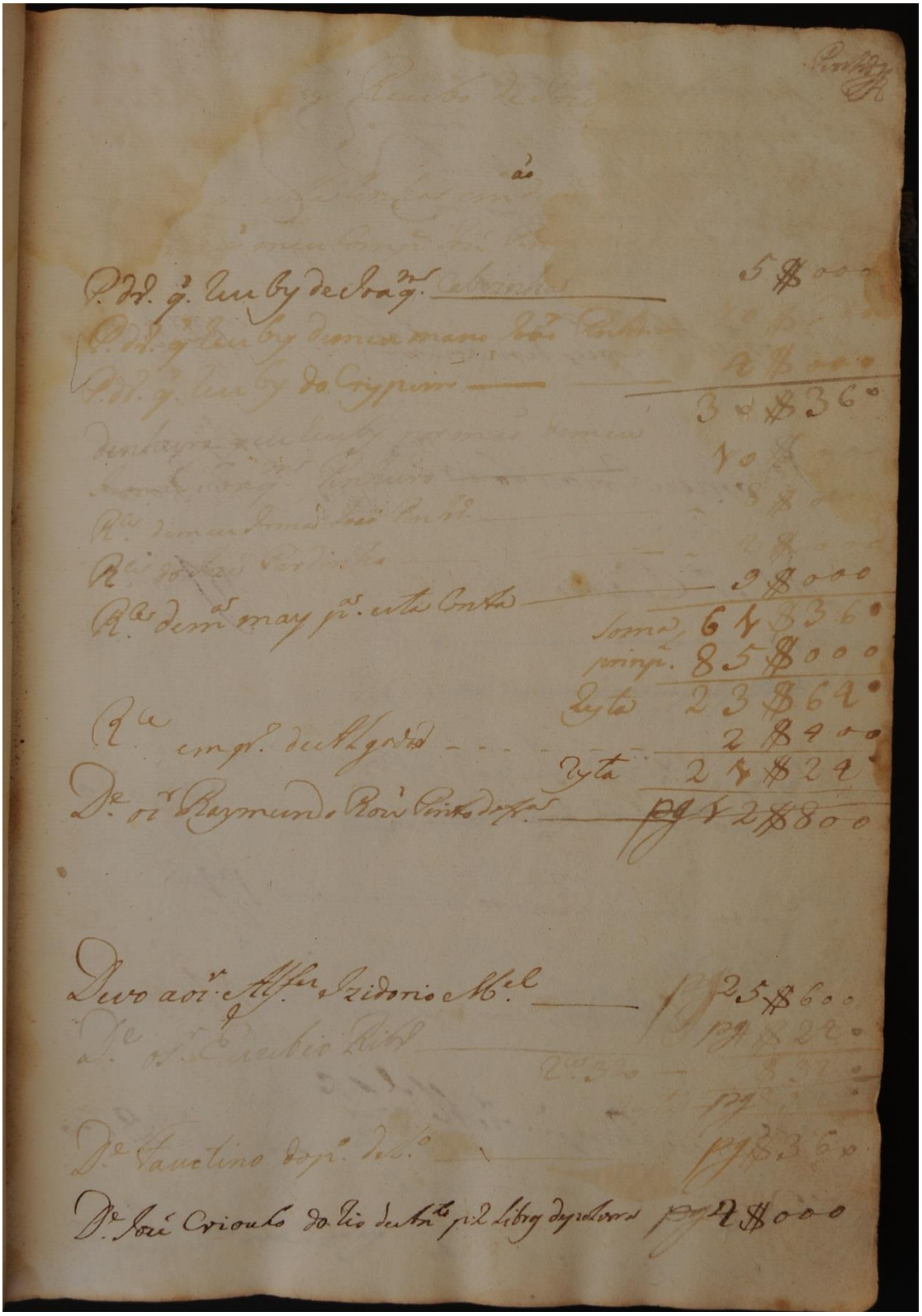
10 D*eve* meu sobr*inho* M*ano*el Matias deinpestimo _ 6$000
d*eve* mais defarinha _____ 1$920
7$920

Deveme os*enhor* Cap*it*am Ant*oni*o Marq*ue*s daS*ilva* _____ p*ago* 1$520

Deve os*enho*r Mauricio Gomes _____ 1$600
15 deResto_____ $580
Soma p*ago* 2$180
Deveme osenhor Andre [*inint.*] de resto [ilegível] p*ago* $800
Resta p*ago* $880
Resta 80
20 Deve os*enho*r Antonio Matias Lobo deinprestimo p*ago* 5$000

Deve Joze crioulo do Rio de Ant*oni*o _____ $640
R*ecebi* $210
Resta p*ago* $430
Deve osenhor Mauricio Gomes da[*inint.*] deSeis Rapaduras p*ago* $480

[61] Mancha cobrindo os valores.



[p. 15]

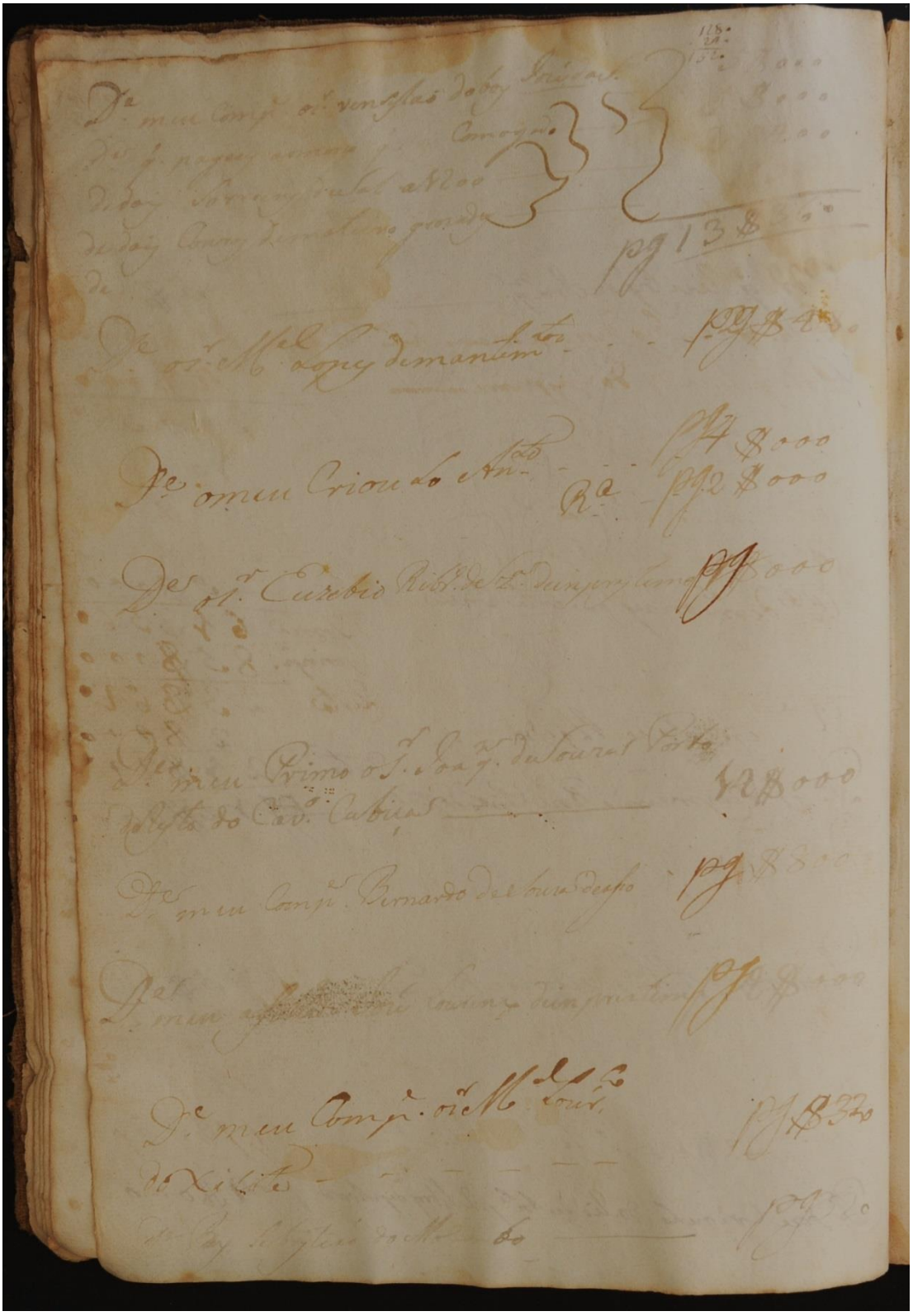
[ilegível] Recibo de Joze [ilegível][62]
[ilegível] [*inint.*] [*inint.*] [ilegível]
[ilegível] meu comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro [ilegível]
Por d*inhei*ro que Receby de Joaquim cabrinhas _____ 5$000
[63]Por d*inhei*ro que Receby demeu mano Joaõ Pinh*ei*ro $10$600
Por dinheiro que Receby do Cryspim _____ 4$000
30$360

dinheiro que receby por maõ demeu
Irmaõ Joaq*ui*m Pinh*ei*ro _____ 10$000
R*ecebi* demeu Irmaõ Joaõ Pinh*ei*ro _____ 8$000
R*ecebi* do Jozé por dinh*ei*ro _____ 4$000
R*ecebi* dem*inh*a may p*ar*a esta conta _____ 9$000
Soma 61$360
princ*ip*al 85$000
Res ta 23$640
R*ecebi* em p*an*o deAlgodaõ _ 2$400
Res ta 21$240
Deve os*enho*r Raymundo Rodrigues Pinto def*arinh*a _____ p*ago* ~~12$800~~

Devo aos*enho*r Alfer*es* Izidorio M*ano*el _____ p*ago* 25$600
Deve osenhor Euzebio Rib*ei*ro _____ p*ago* 9$240
Rece*bi* 320 – $320
p*ago* $320
Deve Faustino dop*an*o del*inho* _____ p*ago* $360

Deve Jozé Crioulo do Rio deAnt*oni*o p*or* 2 Libras depolvora p*ago* 4$000

[62] Mancha longa que atrapalha a leitura no início e no final do texto até a linha 3.
[63] Há, no início, das linhas 5 e 6, um traço na vertical.



[p. 16]

1280
240

D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r venceslaõ do boy Jozé daS*ilv*a 1520 5 $000[64]
[*inint.*] q*ue* paguey [*inint.*] com ogado ________________ [.]$000
dedois Sorroens deSal a1200 ________________ [ilegível]
de dois Couros demateiro grozados [ilegível]
de p*ago* 13$360

D*ev*e os*enho*r M*ano*el Lopes demantim*en*tos ---------------- p*ago* 2$480

D*ev*e omeu Criou lo Ant*onio* - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 4$000
R*ecebi* pago 2$000

D*ev*e os*enho*r Euzebio Rib*ei*ro de S*ou*za deinpres timo p*ago* 4$000

D*ev*e meu Primo os*enho*r Joaq*ui*m deSouza Porto
doResto do cavalo cabiça ________________ 14$0000

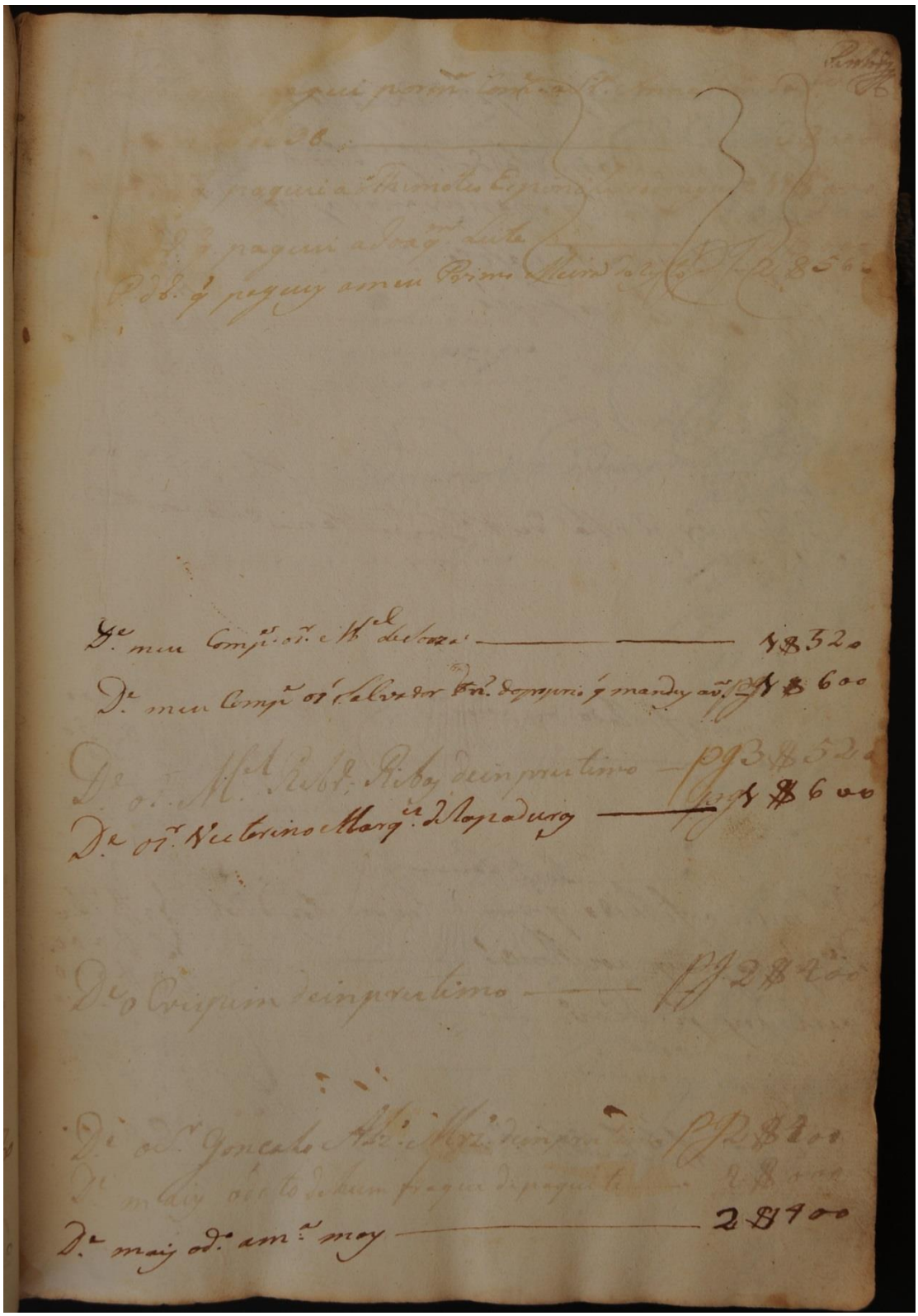
D*ev*e meu comp*adr*e Bernardo deSouza [*inint.*] pago $800

D*ev*e meu afilhado[65] Jozé Lourenço dein prestimo pago 4$000

D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r M*ano*el Lour*en*ço
doxicote _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _pago ~~$320~~

D*ev*e Boy Sebastiaõ do Mocambo________________ p*ago* 320

[64] Traços ondulados separam os valores dos itens.
[65] Rasurado



Pinhoy

[illegible] paguei por m.ª Com.ª [illegible]

[illegible] 36 [illegible]

[illegible] paguei a Thimoteo Espinosa [illegible]

[illegible] paguei a Joaq.m Leite

P. d.º q. paguey a meu Primo Meira [illegible] 2$560

D.e meu Comp.e o S.r M.el de Souza ——— 1$320

D.e meu Comp.e o S.r Salvador [illegible] do proprio q. mandey av.r pg 1$600

D.e o S.r M.el Rebr.º Ribas de imprestimo — pg 3$520

D.e o S.r Veterino Marq.es de Lapaduras ——— pg 1$600

D.e o Crispim de imprestimo ——— pg 2$400

D.e o S.r Gonçalo Alz.º Mrz.º de imprestimo pg 2$400

D.e maiz o dito de hum fraque de paquete ——— 2$000

D.e maiz o d.º a m.ª moy ——— 2$400

[p. 17]

[ilegível] aqui por m*inh*a com*adr*e a s*enho*ra Anna [*inint.*] [66]
[ilegível] 96 _____ 3$000
[ilegível] q*ue* paguei a Thimoteo Espinola do [*inint.*] 11$000
[ilegível] dinheiro q*ue* paguei a Joaq*ui*m Leite_____ 2$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* paguey ameu Primo Meira doresto p*ago* 2$560

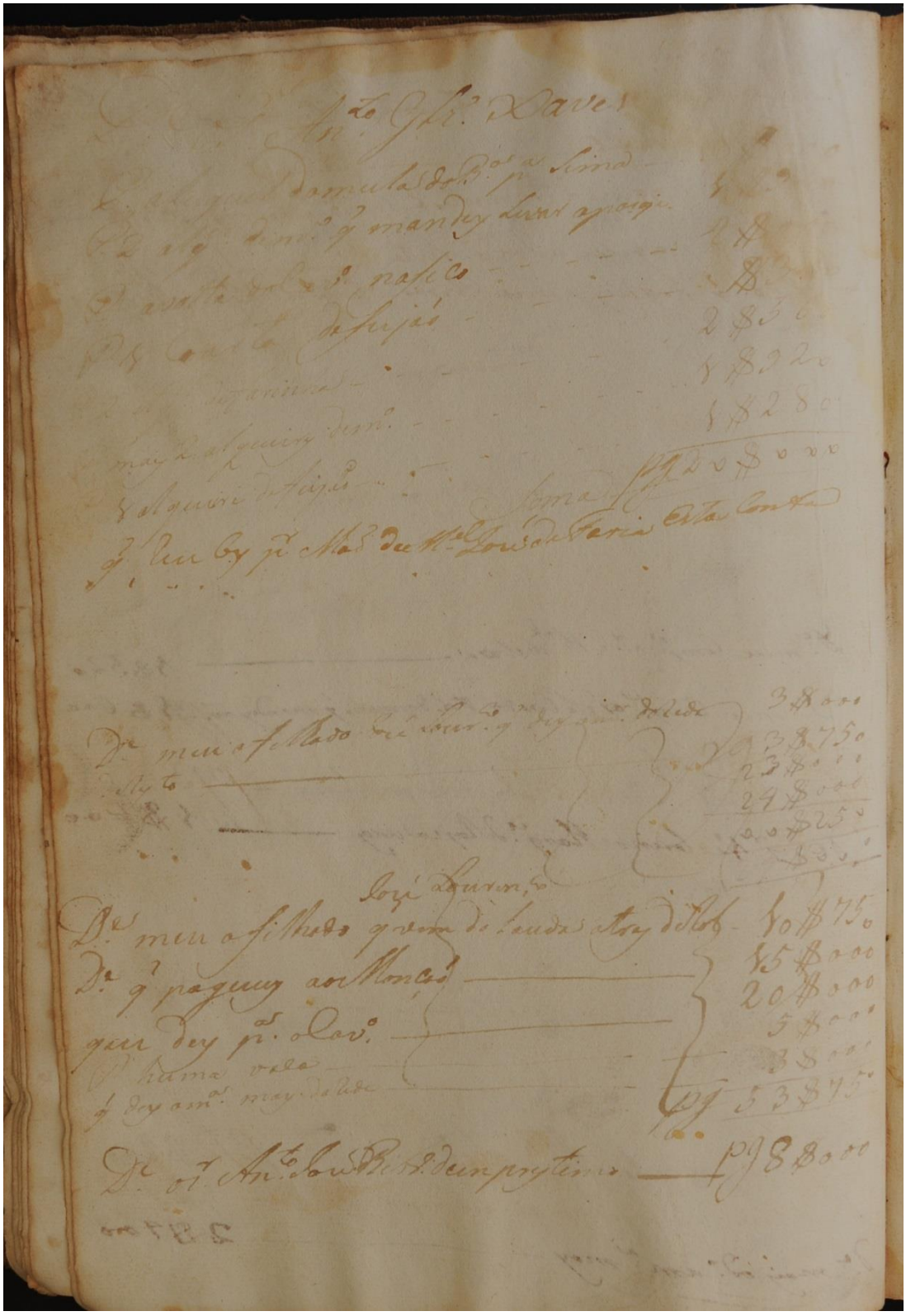
D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r M*ano*el deSouza _____ 1$320
D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r Salvador [i*nint.*] doproprio que mandey [*inint.*] pago 1$600

D*ev*e os*enho*r M*ano*el Rib*ei*ro Ribas dein pres timo _____ p*ago* 3$520
D*ev*e os*enho*r Victorino Marq*ues* deRapaduras _____ p*ago* 1$600

D*ev*e o Crispim deinpres timo _____ pago 2$400

D*ev*e osenhor Gonçalo Al*vare*s M*artin*s deinprestimo p*ago* 2$400
D*ev*e mais odito dehum fraque de paquite _____ 4$ 000
D*ev*e mais od*inhei*ro am*inh*a may _____ 2$$400

[66] Três traços ondulados na vertical separando os valores dos itens que vão da linha 1 até a linha 5.

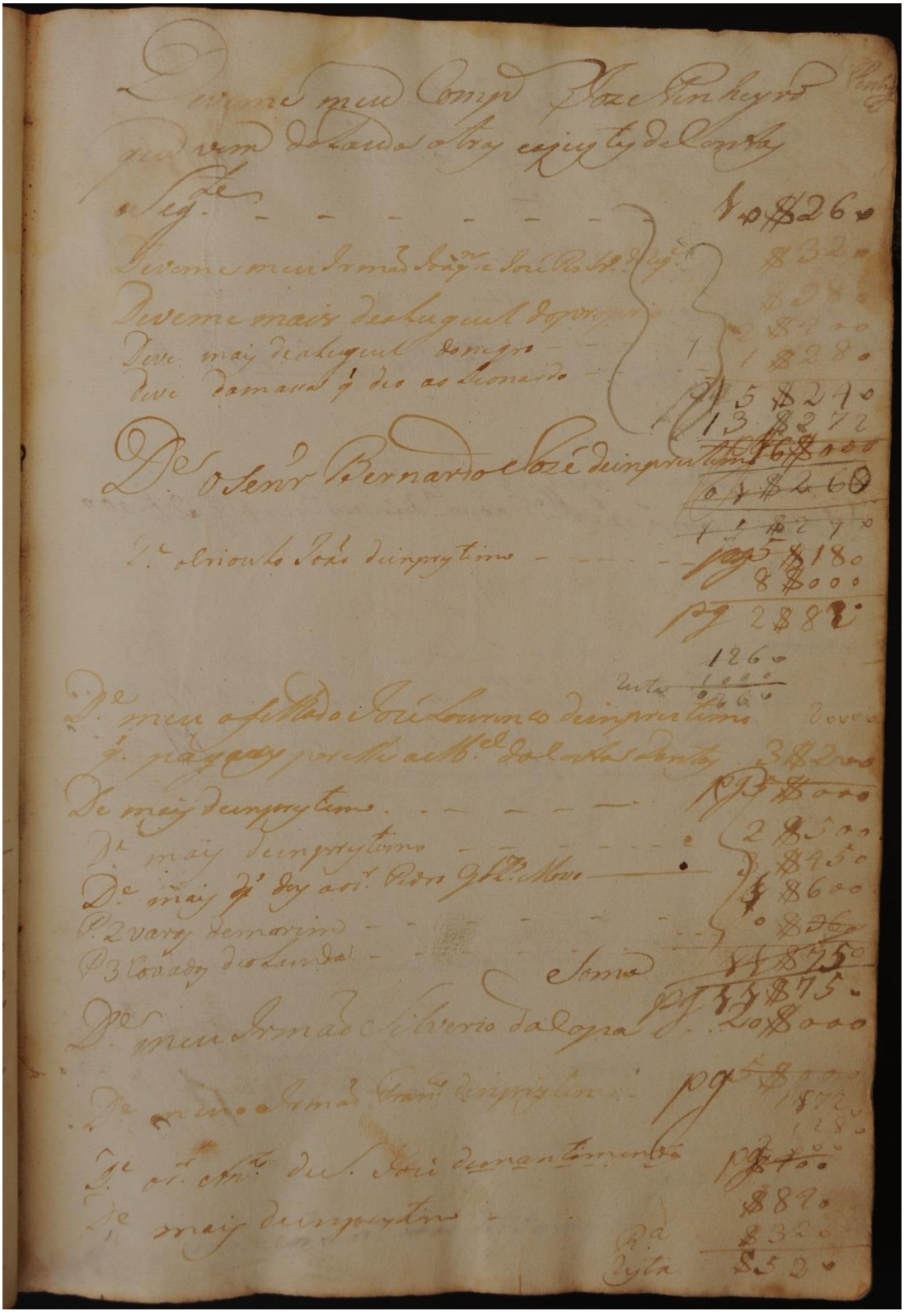


[p. 18]

Deve os*enho*r Ant*oni*o G*onçalve*s Xaves
P*or* aluguel damula do [*inint.*] para sima ---------- 8$000
P*or* 2 alq*ueir*es dem*ilh*o que mandey Levar [*inint.*] 1$320
P*or* avolta docav*al*o nafico ---------- 4$000
P*or* 1 coarta defeijaõ ---------- [.]$300
P*or* 2 alq*ueir*es defarinha ---------- 2$560
P*or* mais 2 alqueires dem*ilh*o ---------- - 1$920
Por 1 alquiri defeijaõ ---------- 1$280
soma p*ago* 20$000
q*ue* Rece by p*o*r Maõ de M*ano*el Jozé deFaria Esta conta

D*eve* meu afilhado Jozé Loure*n*co q*ue* dey *[inint.]* daRede[67] 3$000
deRes to _____ [68]p*ago* 3$750
deRes to 23$000
24$000
00$250
Jozé Lourenço [*inint.*] [69] [*inint*.]
D*eve* meu afilhado que vem do saudo atras d eResto 10$750
D*eve* que paguey aoMonçaõ _____ 15$000
que dey p*ar*a oCav*al*o _____ 20$000
P*or* huma vaca _____ 5$000
q*ue* dey am*inh*a may da Rede _____ 3$000
p*ago* ___ 53$750
D*eve* os*enho*r Ant*oni*o Joze Ribe*i*ro deinprestimo _____ p*ago* 8$000

[67] Três traços ondulados na vertical separam os valores dos itens. Começam na linha 11 e terminam na linha 16.
[68] A abreviatura <pg> começa na linha 11 e vai até a 15.
[69] Dois traços ondulados na vertical separam os valores dos itens. Começam na linha 16 e terminam na linha 22.

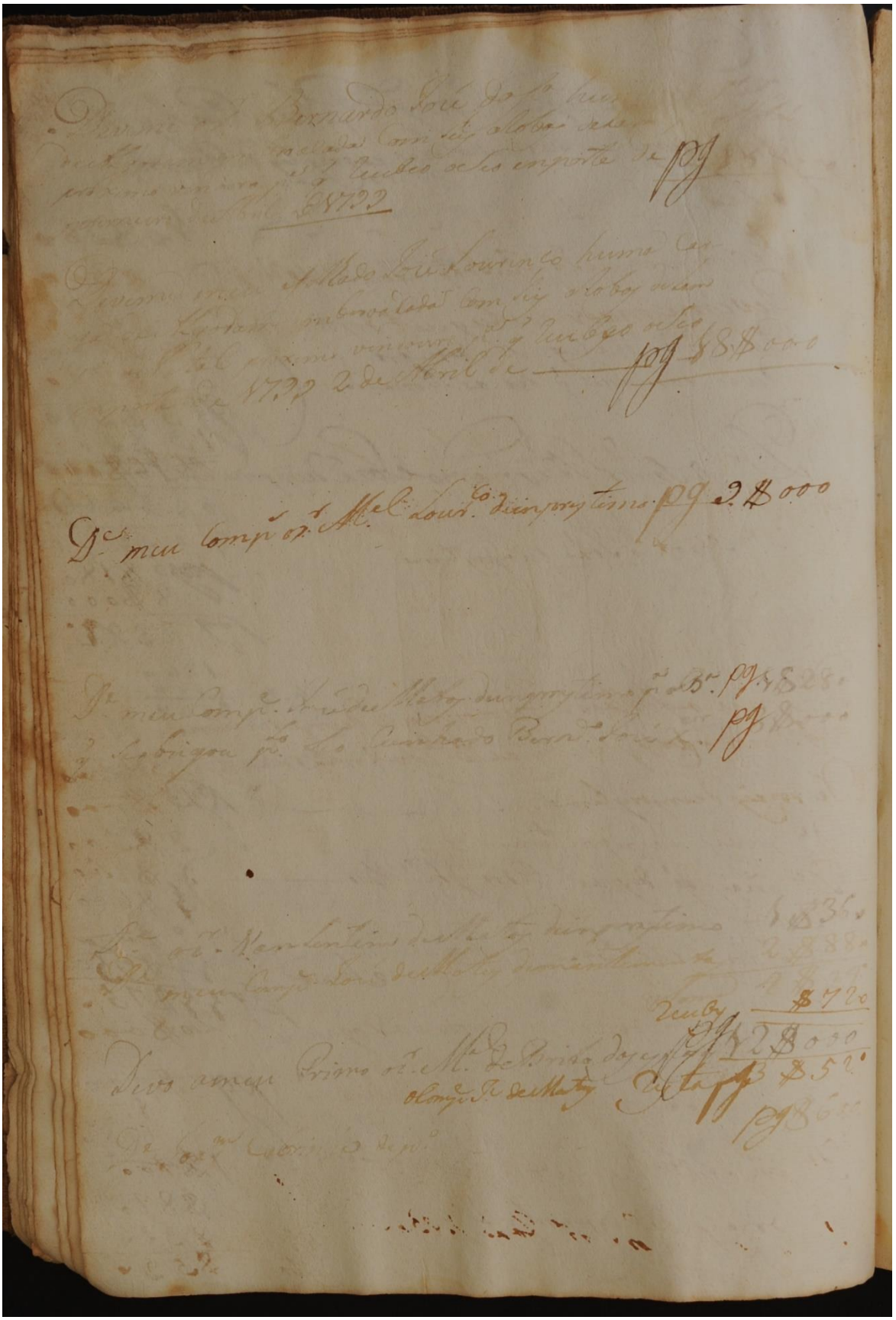


[p.19]

Deveme meu comp*adr*e Joze Pinheyro
que vem dalauda atras eajustes decontas
oseguinte ---------- 10$260
Deveme meu Irmaõ Joaq*ui*m Jozé Pinh*ei*ro do seguinte $320
Deveme mais dealuguel doproprio $980
Deve mais dealuguel donegro ---------- 2$400
Deve do[*inint.*] que deo ao Leonardo---------- 1$280
p*ago*[70] 15$240
13$270
D*eve* osen*h*or Bernardo Jozé deinprestimo p*ago* ~~6$000~~
~~1$260~~[71]
~~15$290~~
D*eve* ocrioulo Joaõ deinprestimo ---------- p*ago* ~~5$180~~
8$000
p*ago* 2$8[.][72]0
1260
1000
resta 0260
D*eve* meu afilhado Jozé Lourenco deinprestimo 20000
q*ue* paguey por elle ao M*ano*el daCosta Dantas 3$2000
D*eve* mais deinprestimo----------p*ago* ~~5$000~~
D*eve* mais deinprestimo ---------- 2$850
D*eve* mais q*ue* dey aos*enho*r Pedro G*onçalve*s [*inint.*] 3$450
P*or* 2 varas de[inint.]---------- [.][73]$600
Por 3 cavados de[*inint.*] ---------- ~~0$960~~
Soma ~~11$750~~
p*ago* 11$750
D*eve* meu Irmaõ Silverio dacapa---------- -20$000

D*eve* meu Irmaõ Fran*cis*co deinpres timo ---------- pago ~~5$000~~
18720
1280
pago 2000
D*eve* osenhor Antô*nio* deSão Jozé demantimento pago 400
D*eve* mais deinprestimo ---------- $840
R*eceb*i $320
Resta $520

[70] O g da abreviatura <pg> está sobre o algarismo <1>.
[71] Algarismo <8> coberto pelo <0>.
[72] Borrado.
[73] Número borrado e alterado.



[p. 20]

Deveme os*enho*r Bernardo Jozé d[*inint.*] hum [ilegível]
de [*inint.*] [*inint.*] ecada com Seis aRobas decarne [ilegível]
[*inint.*] p*ar*a q*ue* Recebeo oSeo enparte de p*ago* 18800
primeiro deAbril [74]1799

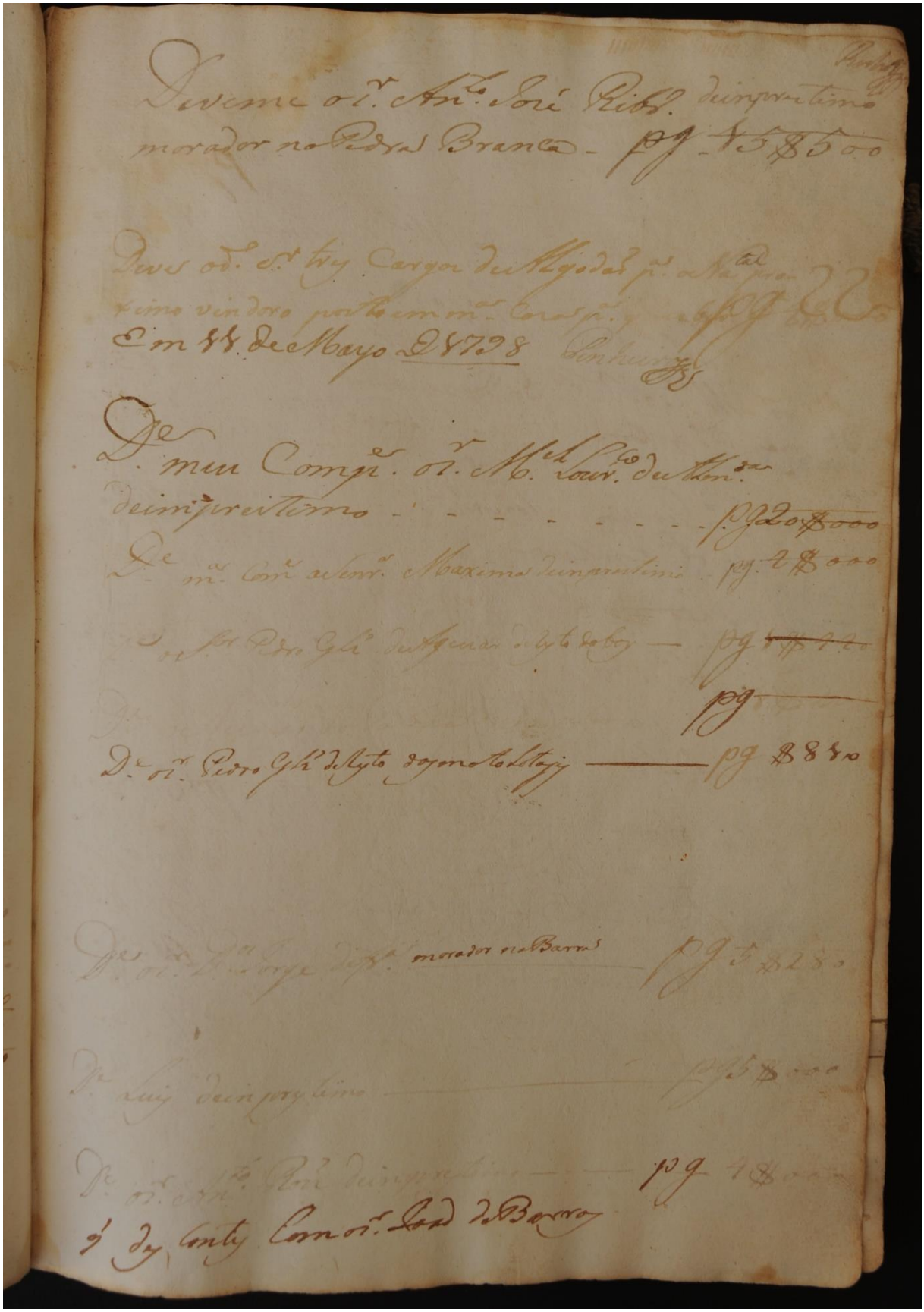
Deveme meu afilhado Jozé Lourenço huma car-
ga deAlgodam [*inint.*] cada com Seis aRobas delam
[ilegível] Natal proximo vindouro p*ar*a q*ue* recebeo[75] oSeo
enparte de 1799 2 de Abril de _____ pago 18$000

D*eve* meu comp*adr*e os*enho*r Manoel Lour*en*ço deinpres timo. pago 9$000

D*eve* meu comp*adr*e Jozé deMatos deinprestimo p*ar*a [*inint.*] p*ago* 1$280
q*ue* seo brigou pelo Seo Cunhado Bernardo Jozé X*avi*er p*ago* 3$000

D*eve* os*enho*r Vonlentino deMatos deinprestimo 1$360
D*eve* meu comp*adr*e Jozé deMatos demantimento 2$880
Soma 4$240
Receby $720
Devo ameu Primo os*enho*r M*ano*el deBrito dos es[*inint.*] p*ago* 12$000
ocomp*adr*e J*oz*é deMatos Resta p*ago* 3$520
pago $600
Deve Joaq*ui*m cabrinha de p*an*o

[74] Laçada antes do algarismo <1>.
[75] Foi feita uma correção, escreveo y no lugar do e antes.



[p.21]

Deveme osenhor Anto*ni*o Jozé Rib*ei*ro deinprestimo
morador naPedra Branca ~~pago~~ ~~15$500~~

Deve od*it*o s*enho*r tres cargas deAlgodaõ para o Natal pro
ximo vindo ro posto em minha caza para [*inint*.] p*ago* 4$0000[76]
Em 11 deMayo [?]1798 Pinheiro[77]

D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r M*ano*el Lour*en*ço de Alme*i*da
deinprestimo ---------- ~~pago~~ ~~20$000~~
D*ev*e m*inh*a com*adr*e asen*ho*ra Maxima deinprestimo ~~pago~~ ~~4$000~~

D*ev*e oS*enh*or Pedro G*onçalve*s deAguiar deResto doboy _____ pago ~~1$440~~

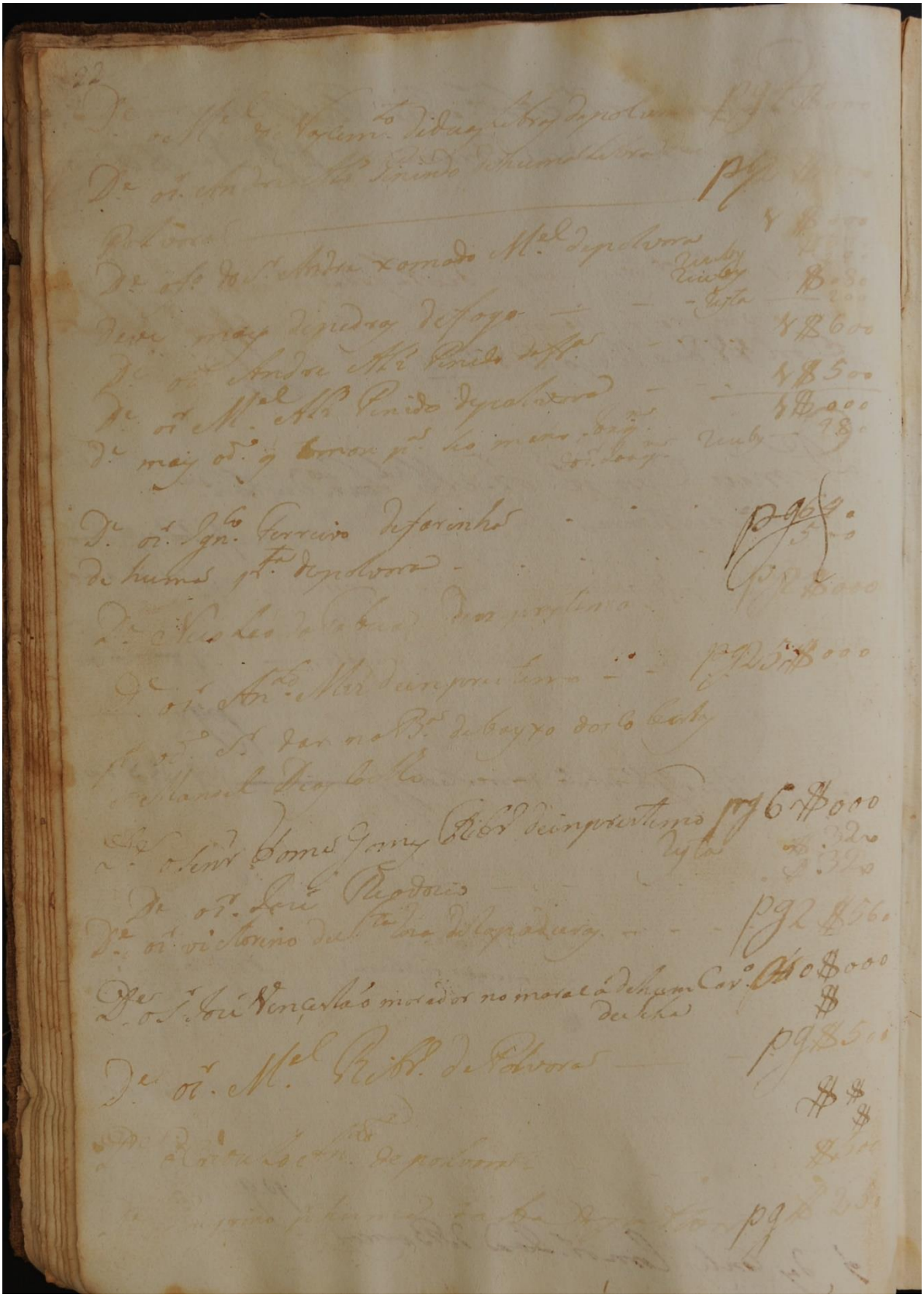
D*ev*e [ilegível] ~~pago~~ ~~1$200~~
D*ev*e os*enho*r Pedro G*onçalve*s deresto dos motolotajis _____ pago $810

D*ev*e os*enho*r D*oming*os Jorge de[*inint.*] morador naBarra_____pago ~~5$280~~

D*ev*e Luis deinprestimo _____ pago 5$000

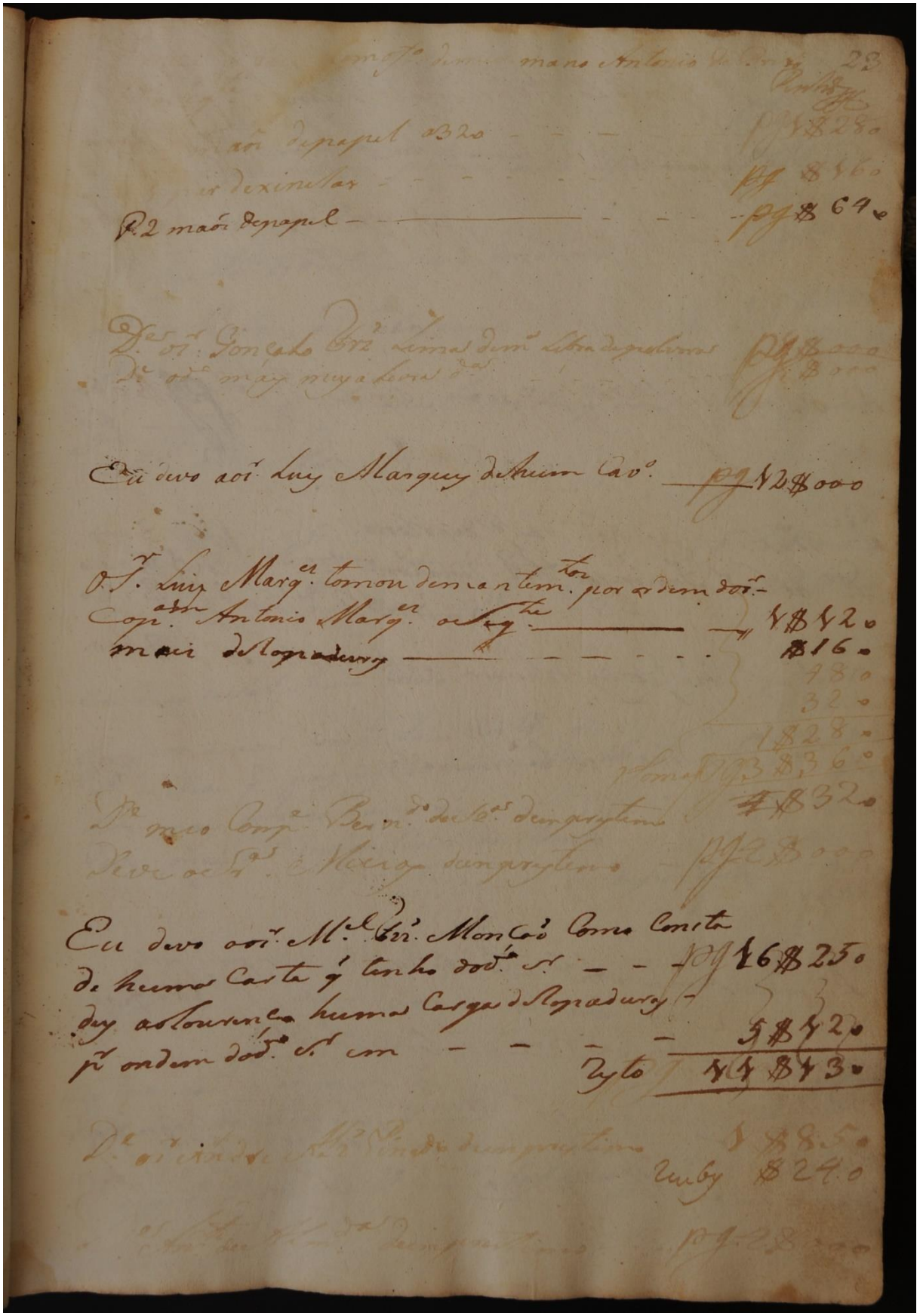
D*ev*e os*enho*r Anto*nio* Ro*drigue*s deinprestimo _____ _ _____ pago 4$000
q*ue* des Contey Com os*enho*r Joaõ deBarros

[76] Mancha e dois traços ondulados sobre o valor.
[77] Laçadas na assinatura.



[p.22]

	Deve o Manoel do Nascimento deduas libras depolvora pago	[*inint*.]
	Deve osenhor Andre Alvares Pinindo dehuma Libra Polvora _____ pago	[ilegível]
	Deve o filho dosenhor Andre xamado Manoel depolvora	1$000
	Receby	[*inint*.]
	Receby	280
		$080
5	Deve mais depedras defogo---------- resta__	200
	Deve osenhor Andre Alvares Penido dafarinha ----------	1$600
	Deve osenhor Manoel Alvares Penido depolvora ----------	1$500
	Deve mais odito que tomou para seu mano Joaquim	1$000
	dosenhor Joaquim Receby_____	980
10	Deve osenhor Ignacio Ferreiro defarinha ---------- pago	640
	de huma quarta depolvora ----------	500
	Deve Nico Laõ daTabua deinprestimo pago	2$000
	Deve osenhor Antonio Martins deinprestimo ---------- pago	25$000
	para odito senhor dar no[*inint.*] de bay xo dos co bertos	
15	[?] Manoel Dias Coelho ----------	
	Deve osenhor Tomas Gomes Ribeiro deinprestimo pago	6$000
	resta	$320
	Deve osenhor Jozé Theodozio ----------	$320
	Deve osenhor vi ctorino deSanta Roza deRapaduras---------- pago	2$560
20	Deve osenhor Jozé Vençeslaõ morador no maracá dehum cavalo pago	40$00
	deSela	$
	Deve osenhor Manoel Ribeiro dePolvora---------- pago	$500
		$$
		$
25	Deve ocrioulo Antonio depolvora ----------	$500
	[ilegível] Primo por huma [*inint.*] pago	$250



[p. 23]

[ilegíve]] demeo mano Antonio de Brito
[ilegível] seg*uin*te
[ilegível] maõs depapel a320 ---------- pago 1$280
P*or* 1 par dexinelos ---------- pago $160
P*or* 2 maõs[78] depapel ---------- pago $640

D*eve* os*enho*r Gonçalo F*ernande*z Lima dem*ey*a Libra depolvora 1$000
pago
D*eve* od*it*o mais meya Livra da ---------- 1$000

Eu devo aos*enho*r Luis Marques dehum cav*al*o _____ pago 12$000

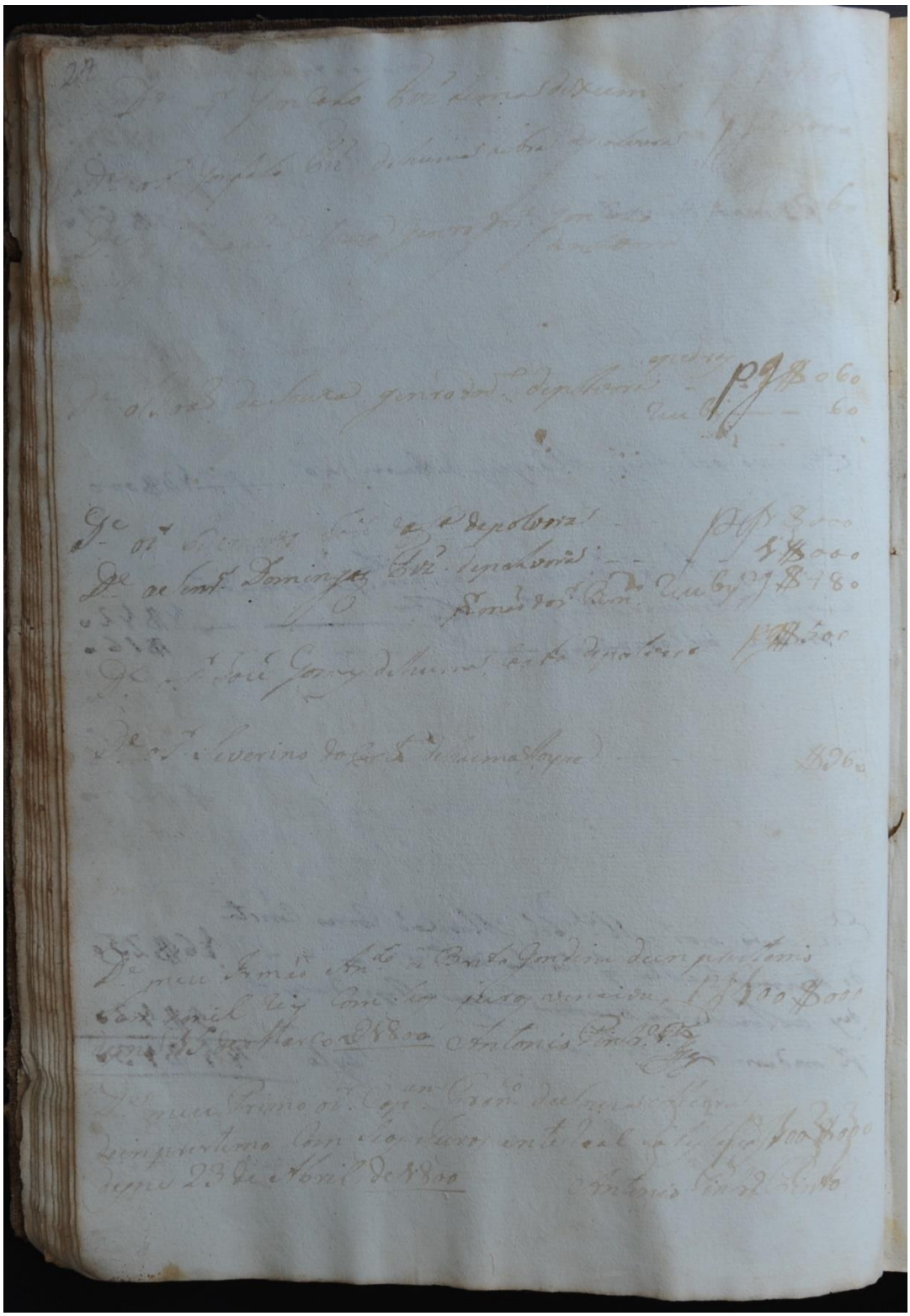
os*enho*r Luis Maq*u*es tomou demantim*en*tos por ordem dos*enho*r [79]
cap*it*am Antonio Marq*u*es oSeg*uin*te _____ 1$120
mais deRapaduras _____ $160
480
320
1$280
Soma pago 3$,360
D*eve* meo comp*adr*e Bern*ar*do deSouza deinprestimo 4[80]$320
Deve as*enho*ra Meiros deinprestimo pago 4$000

Eu devo aos*enho*r M*ano*el F*ernande*z Monçaõ como consta
de huma car ta q*ue* tenho dod*it*o s*enho*r---------- pago 16$250[81]
dey aoLoureço huma carga deRapaduras
p*or* ordem dod*it*o s*enho*r em ---------- 5$120
Resto pago 11$130

D*eve* os*enho*r Andre Al*vare*s Pinido deinprestimo 1$850
Receby $240

D*eve* Anto*nio* deAlm*ei*da deinprestimo pago 4$000

[78] Santos Filho (2012, p.411) explica que a "mão" de papel correspondia a 5 cadernos ou a vigésima parte da resma.
[79] Uma linha ondulada vertical separa os valores dos itens.
[80] Dois traços na horizontal sobre o algarismo.
[81] Três linhas onduladas na vertical separam os valores até a linha 21.



[p. 24]

D*ev*e os*enho*r Goncalo F*ernande*z Lima dexumbo [ilegível]

D*ev*e os*enho*r Gonsalo F*ernande*z dehuma Libra depolvora [ilegível]

D*ev*e [ilegível] Joaõ de Souza genro dos*enho*r Goncalo depolvora [ilegível]

D*ev*e os*enho*r Joaõ de Souxa genro dod*it*o depolvora <↑epedras> p*ago* $060
Receby _____ 60

D*ev*e os*enho*r Bernardo Jozé da [*inint.*] depolvora ----------p*ago* 1$800
D*ev*e osen*ho*r Domingoz F*ernande*z depolvora ---------- 1$000
por maõ dos*enho*r Bern*ar*do Receby p*ago* $480

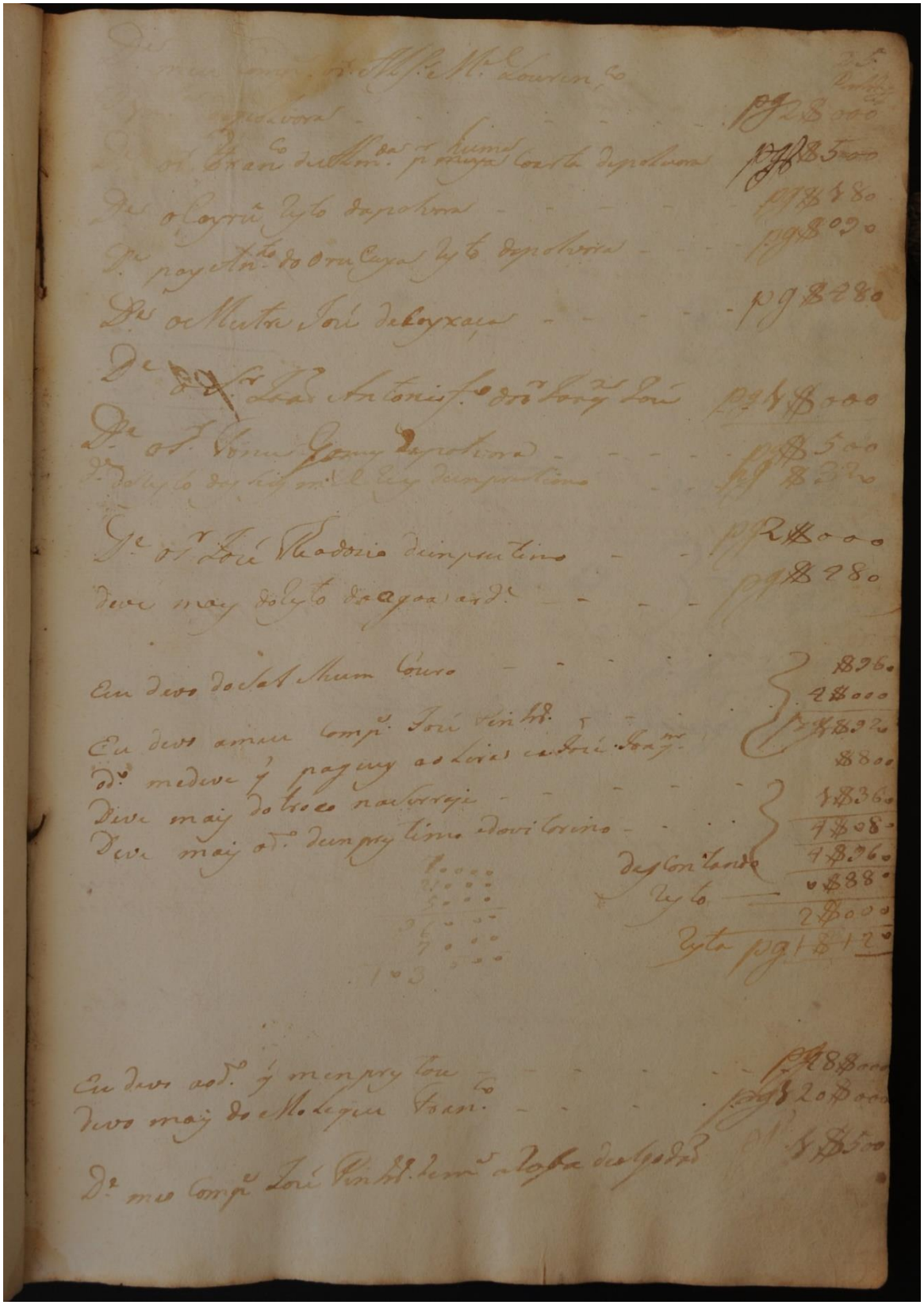
D*ev*e os*enho*r Jozé Gomes dehuma coarta depolvora p*ago* $50,0

D*ev*e os*enho*r Severino daCosta dehuma foysse ---------- $960

D*ev*e meu Irmaõ Anto*nio* de Brito Gondim dein prestimo
Sem mil Reis com seos juros vencidus pago 100$000
[*desne*] 15 de Marco 1800 Antonio Pinh*ei*ro[82]

D*ev*e meu Primo os*enho*r Cap*it*am Franc*is*co deSouza Meira
deinprestimo com Seos Juros inte*[g]*ral satisfaça pago[83] 100$000
[*desne*] 23 de Abril de1800
Antônio Pinh*ei*ro Pinto

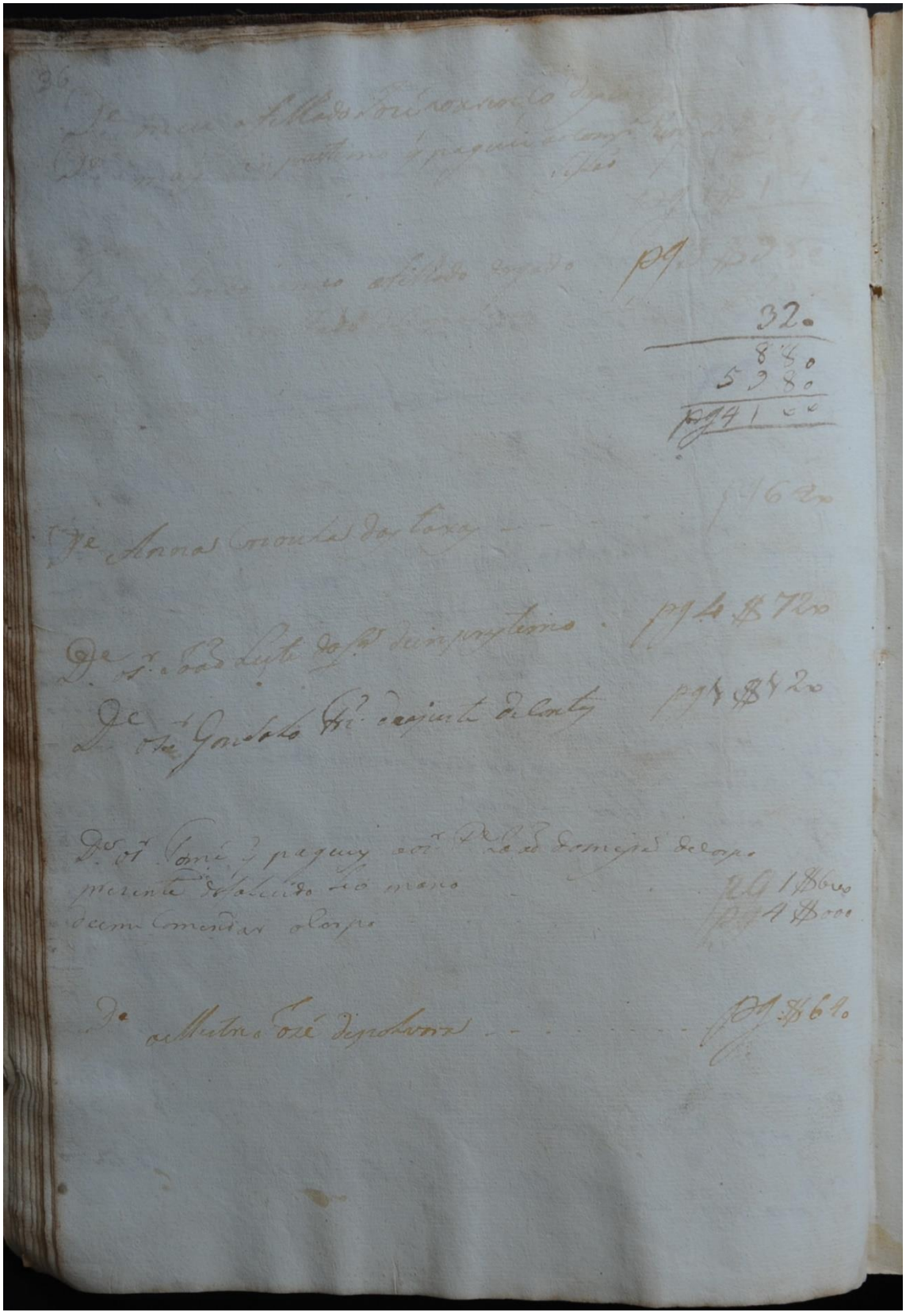
[82] Há laçadas na assinatura
[83] A abreviatura <pg> encontra-se sobre o vocábulo satisfaça.



[p. 25]

	Deve meu Compadre osenhor *[inint.]* Manoel Lourenço		
	[*inint*.]		
	Deve 1libra depolvora----------	pago	2$000
	Deve osenhor Francisco deAlmeida por [~~meya~~] <↑huma> coarta depolvora	pago	8$500
5	Deve oCayru Resto da polvora ----------	pago	$180
	Deve pois Antonio do oru cuya Resto dapolvora ----------	pago	$090
	Deve oMestre Jozé decayxaça ----------	pago	$480
	Deve osenhor Joaõ Antonio filho dosenhor Joaquim Jozé	pago	1$000
	Deve osenhor Tomas Gomes depolvora ----------	pago	$500
10	deve doresto dos Seis mil Reis deinpres timo ----------	pago	$320
	Deve osenhor Jozé Theodozio deinprestimo ----------	pago	2$000
	deve mais do Resto deagoa ardente ----------	pago	$480
	Eu devo do Sal ehum Couro ----------		$960[84]
	Eu devo ameu compadre Jozé Pinheiro ----------		4$000
15	odito medeve que paguey ao Lira eoJozé Joaquim	pago	1$920
			$800
	Deve mais do troco naSerraji ----------		1$360[85]
	Deve mais odito deen pres timo edovi torino ----------		4$080
	70000	descon tando	4$960
20	21000	Res to__	0$880
	5000		2$000
	96000	Res ta pago	~~1$120~~
	7000		
	10300		
25	Eu devo aodito que menpres tou ----------	pago	48$000
	Devo mais do Moleque Francisco ----------pago		120$000
	Deve meu compadre Jozé Pinheiro huma aRoba dealgodaõ	pago	1$500

[84] Um traço ondulado na horizontal que separa os valores dos itens das linhas 13 a 15.
[85] Um traço ondulado na horizontal que separa os valores dos itens das linhas 16 e 17.



[p. 26]

	D*ev*e meu afilhado Jozé Lourenço desta		640
	D*ev*e mais dein prestimo q*ue* paguei ao comp*adr*e [*inint.*]		2$610
	[*inint.*]		[ilegível]
		p*ago*	[ilegível]
5	Fico restando omeo afilhado dogado	p*ago*	3$980
	[ilegível] afilhado deRapadura		[ilegível]
			320
			880
			5980
10		p*ago*	4100

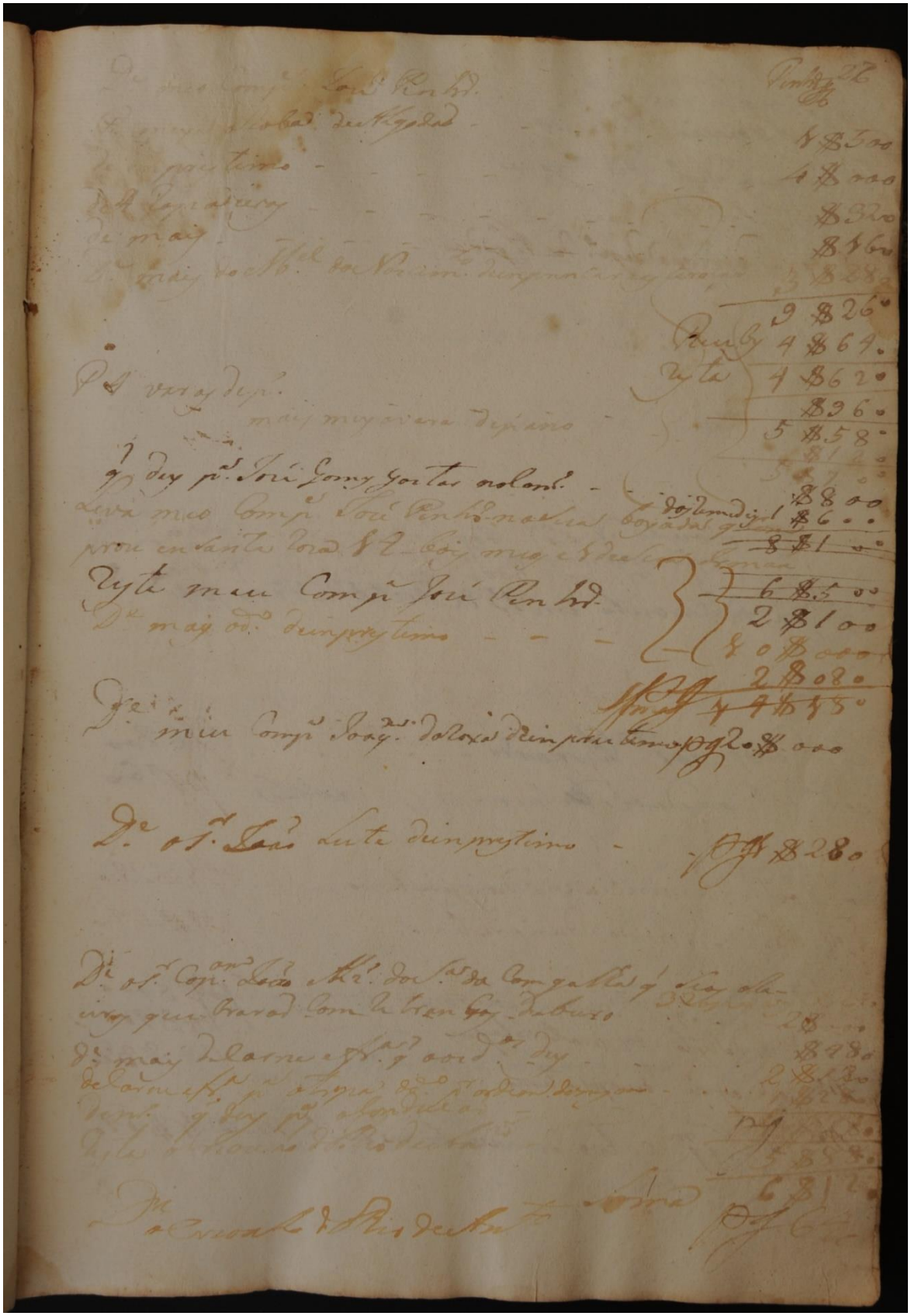
D*ev*e Anna Crioula dos taxos ---------- p*ago* 640

D*ev*e os*enho*r Joaõ Leite do [*inint.*] deinprestimo p*ago* 4$720

D*ev*e os*enho*r Gonsalo F*ernadez* deajuste decontas p*ago* 1$120

D*ev*e osenhor Tomé q*ue* paguey aos*enho*r P*adr*e Joaõ damisa decorpo
presente dofalecido Seo mano ---------- p*ago* 1$600
deem Comendar ocorpo ---------- p*ago* 4$000

D*ev*e oMestre Jozé depolvora ---------- p*ago* $640



[p.27][86]

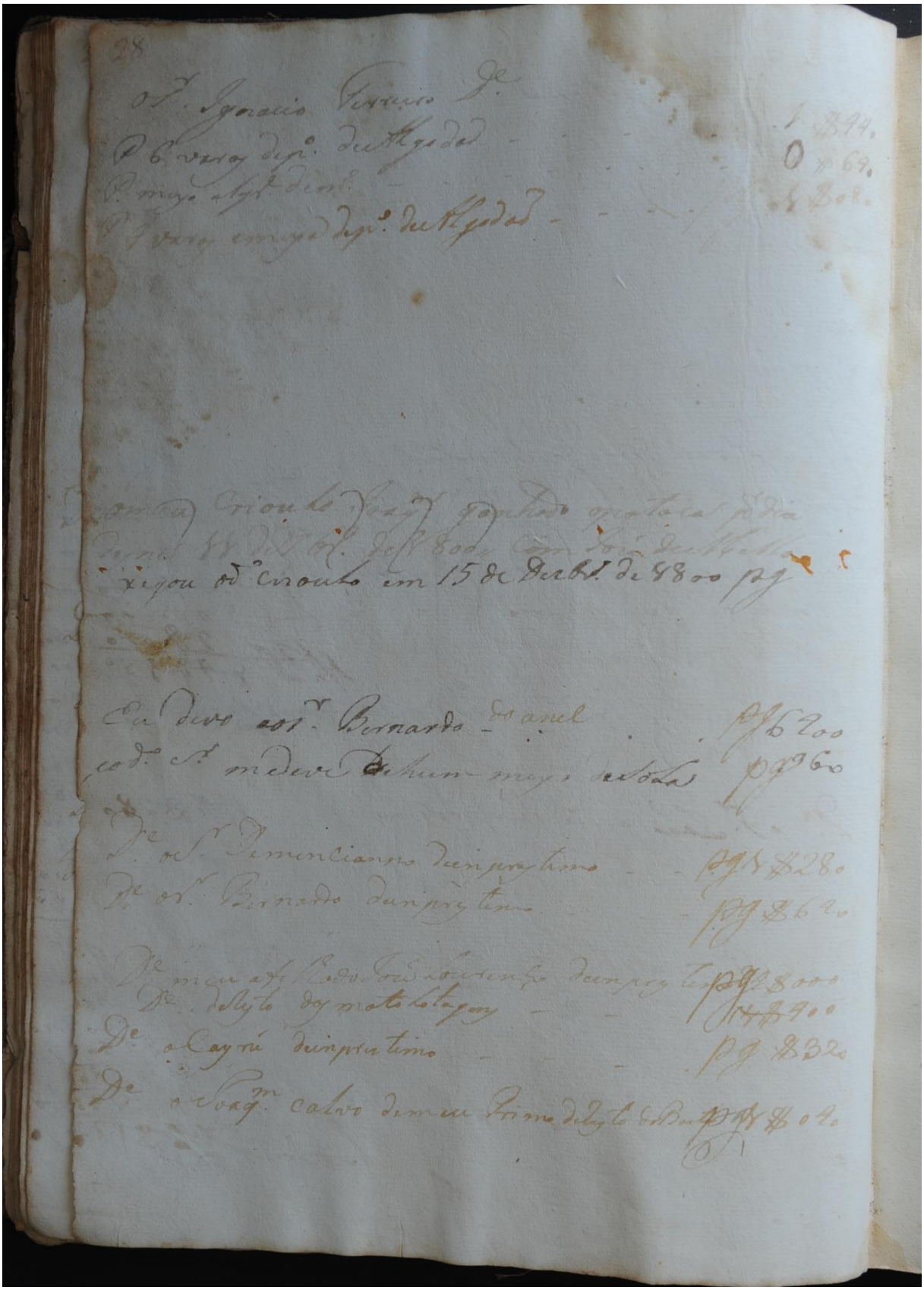
Deve meo compadre Jozé Pinheiro
Por meya aRoba deAlgodaõ ---------- 1$500
de em prestimo ---------- 4$000
de 4 Rapaduras ---------- $320[87]
de mais ---------- $160
Deve mais do Manoel do Nascimento deinpren car eas Ceraçaõ 3$280
9$260
Receby 4$640
res ta 4$620
Por 4 varas de pano $960
mais mey avara depano - - - 5$580
$120
5$700
que dey para Jozé Gomes gastar na [*inint.*] ---------- $800
dosremedeis 1$600
Leva meo compadre Jozé Pinheiro nasua boyada que com ~~8$100~~
prou en Santa Roza 14 – bois meos e 1 deSeo Irmaõ
~~6$500~~
Resta meu compadre Jozé Pinheiro 2$100
Deve mais odito deinprestimo ---------- 10$000
pago 2$080
Soma ~~14$180~~

Deve meu compadre Joaquim daRoxa deinprestimo pago 20$000

Deve osenhor Joaõ Leite deinprestimo ---------- pago 1$280

Deve osenhor capitam Joaõ Alvares daSilva da Camgalha que seos oleiros que braraõ com Re tran cas doburo ---------- 2$000
$480
deve mais dacarne efarinha que aos ditos dey ---------- 2$120
decarne efarinha para atropa dodito por ordem domesmo---------- 1$280
[*inint.*] que dey para [*inint.*] ----------pago $[*inint*.]
Res ta ocrioulo doRio deAntonio 5$880
soma 6$120
Deve ocrioulo doRio deAntonio pago 640

[86] Rasurado. O Scriptor errou colocando o número seis e, em seguida, acrescentou o sete.
[87] A partir da linha 4 até até a 20, há quatro linhas onduladas separando os valores do itens.



[p.28]

osenhor Ignacio Ferreiro deve
Por 6 varas depano deAlgodaõ ---------- 1$440
Por meyo alqueire de milho ---------- 0$640
Por 7 varas emeya depano deAlgodaõ ---------- 1$080

omeu crioulo Joaquim ganhado apataca por dia
[desna] 11 desetembro de 1800 com Jozé de Mello
xegou odito crioulo em 15 de Dezembro de 1800 pago

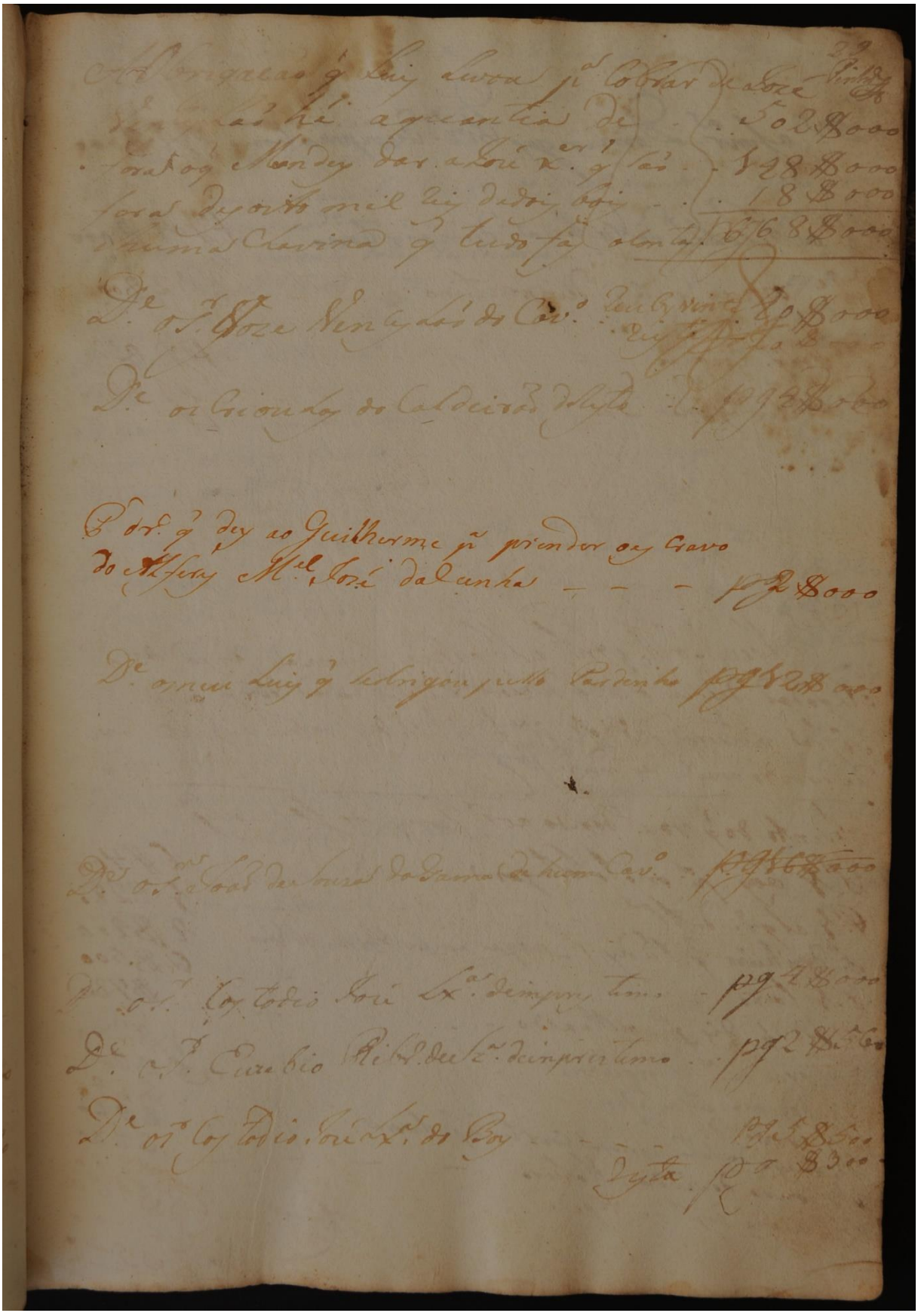
Eu devo aosenhor Bernardo - do anel ----------pago 6400
eodito senhor medeve [88]dehum meyo de Sola pago 960

Deve osenhor Demencianno dein pres timo ---------- pago 1$280
Deve osenhor Bernardo dein pres timo ---------- pago $640

Deve meu afilhado Jozé Lourenço dein pres timo ----------pago 2[89]4$000
Deve deResto dos motolotagens ---------- ~~1$400~~
Deve oCay rú dein pres timo ---------- pago $320

Deve oJoaquim calvo demeu Primo deResto [*inint.*] pago 1$040

[88] Rasurado.
[89] A abreviatura <pg >está sobre o algarismo <2>.



[p. 29]

A Obrigaçaõ que Luis Levou para cobrar de Jozé [90]
VencesLaõ hé aquantia de ---------- 502$000
fora oque Mandey dar a Jozé Xavier que saõ ---------- 148$000
fora des oito mil Reis dedois bois ---------- 18$000
ehuma cLavina que tudo foi aconta pago 668$000

Deve osenhor [91]Jozé Ven cesLaõ do cavalo Rece by vinte 40$000
Res ta pago[92] 20$000
Deve os crioulos do cadeiraõ deResto pago 8$000

Por dinheiro que dey ao Guilherme para prender oes cravo
do Alferes Manoel Jozé daCunha ----------pago 2$000

Deve omeu Luis que seobrigou pello Par din ho pago 12$000

Deve osenhor Joaõ deSouza daGama de hum cavalo---------- ~~pago~~ ~~16$000~~

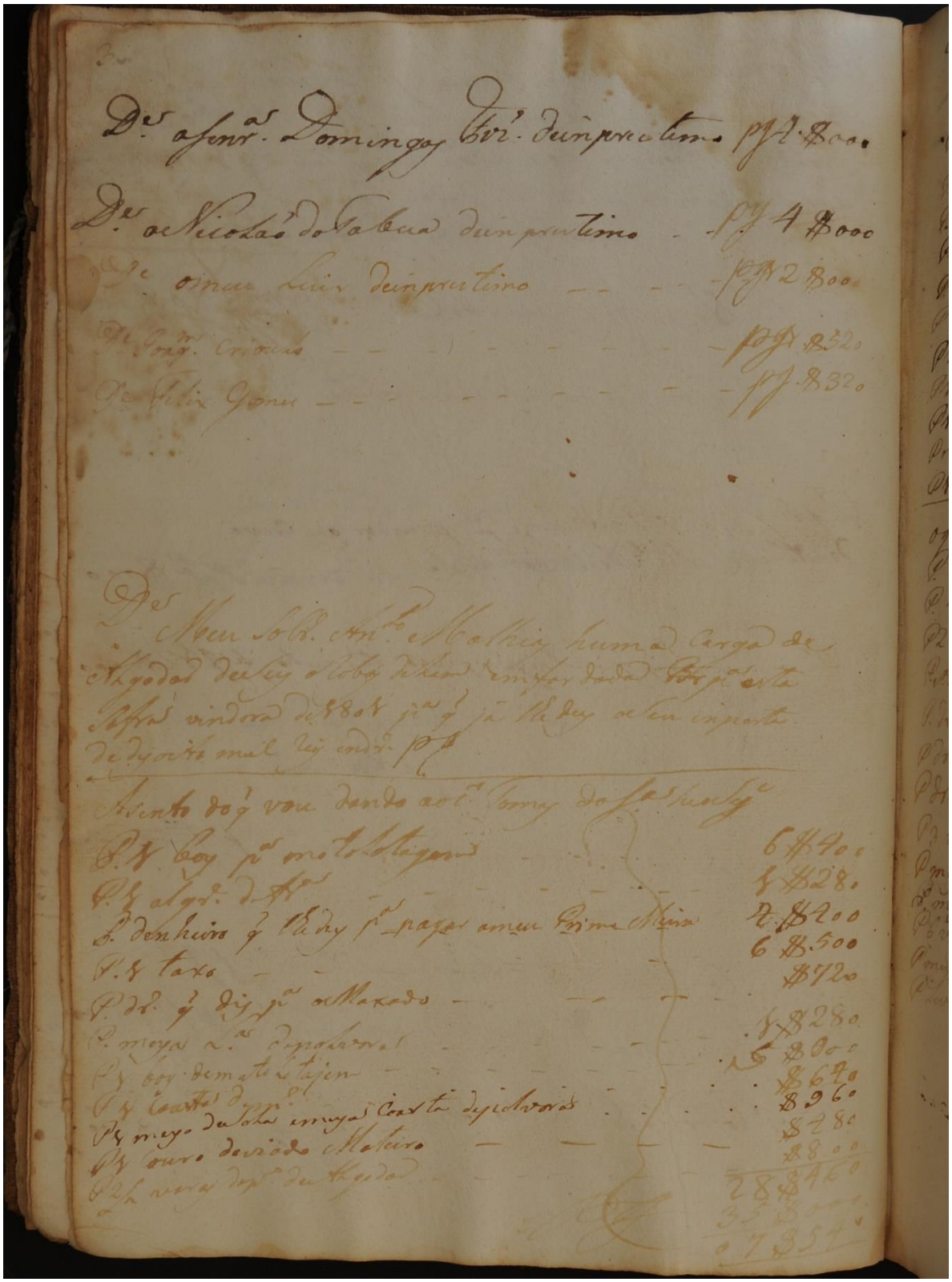
Deve osenhor Cos todio Jozé Lisboa deinpres timo ---------- pago 4$000

Deve osenhor Euze bio Ribeiro de Souza deinprestimo --------pago 2$560

Deve osenhor Cos todio Jozé Lisboa do Boy ----------pago 5$500

Res ta pago $300

[90] Duas linhas onduladas na vertical separam os valores dos itens da linha 1 até a linha 6.
[91] Há sobre o <J > a letra <V>.
[92] O <g> da abreviatura <pg> tem um traçado que vai da linha 5 até a linha 8.



[p. 30]

De*v*e aSen*h*ora Domingas F*ernande*z deinprestimo p*ago* 4$000

De*v*e oNicolaõ daTabua dein prestimo - -- - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 4 $000

De*v*e omeu Luis deinprestimo - - - - - - - -- - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 2 $000

De*v*e Joaq*ui*m crioulo - -- p*ago* $520

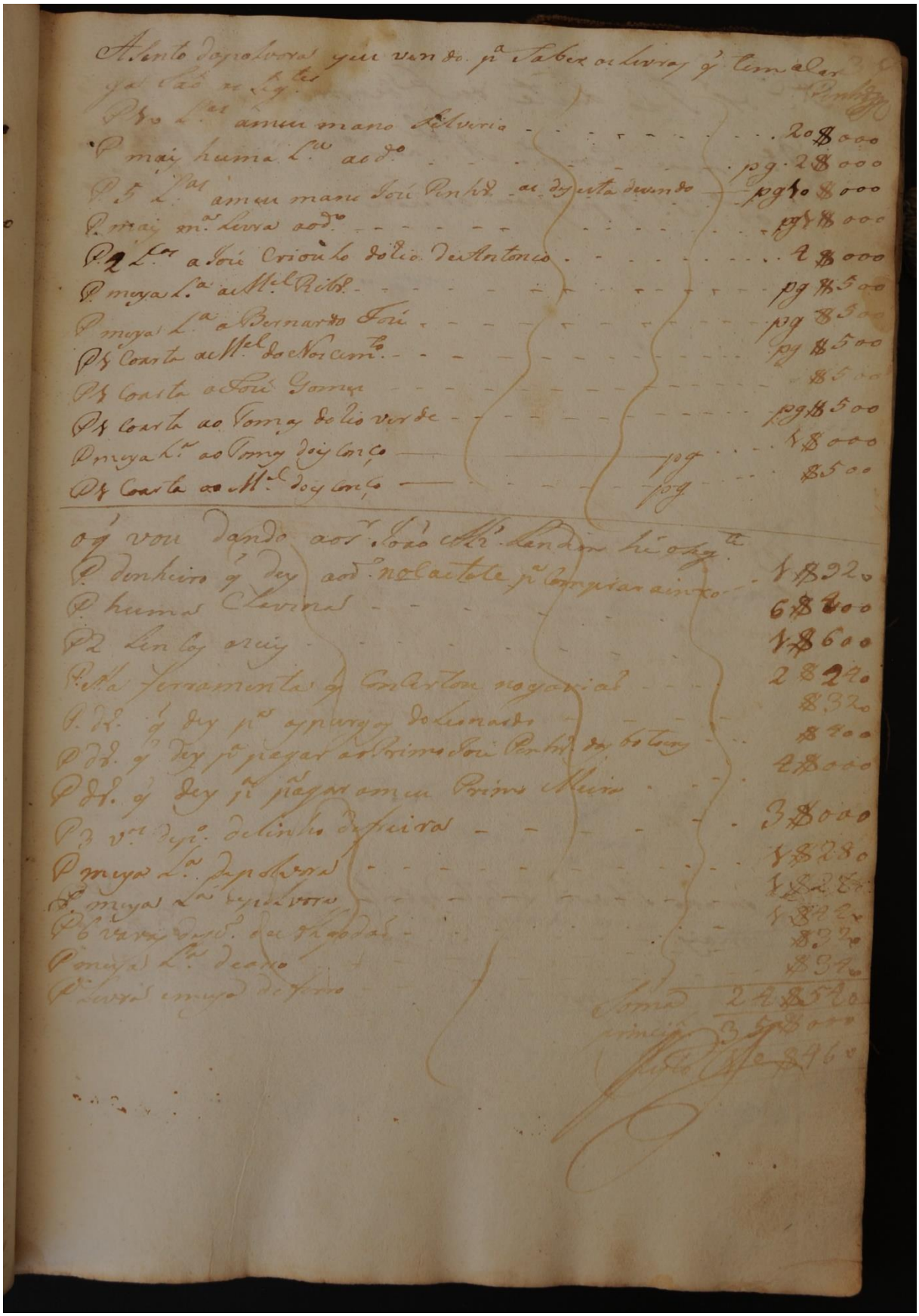
5 De*v*e Felix Gomes - -- p*ago* $320

De*v*e Meu sobr*inh*o Anto*nio* Molhias[93] huma carga de
Algodaõ deSeis aRobas delam em far dado [*inint.*] p*ar*a esta
Safra vindora de 1801 p*ar*a q*ue* ja lhe dey o seu inposto
de des oito mil Reis end*inhei*ro p*ago*

---

10 Asento do que vou dando aos*enho*r Tomas do [*inint.*] heoSeg*uint*e
P*or* 1 boy p*ar*a motolotagem - 6$400
P*or* 1 alq*uei*re defar*inh*a - 1$280
P*or* denheiro q*ue* lhe dey p*ar*a pagar ameu primo Meira 4$400
P*or* 1 taxo - - - $500
15 P*or* d*inhei*ro q*ue* diy p*ar*a o Maxado - $720
P*or* meya L*ibr*a depolvora - 1$280
P*or* 1 boy de matolotajem - 6$000[94]
P*or* 1 coarto dem*ilh*o - $670
P*or* 1 meyo da sola e meya coarta depolvora $960
20 P*or* 1 couro deviado Mateiro - $480
P*or* 2 [*inint.*] varas depano deAlgodaõ - $800[95]
28$460
p*ago* 35$000
07$540

[93] Antônio Mathias é o nome do sobrinho.
[94] Borrão no numeral <6>
[95] Linhas onduladas na vertical separando os itens dos preços.



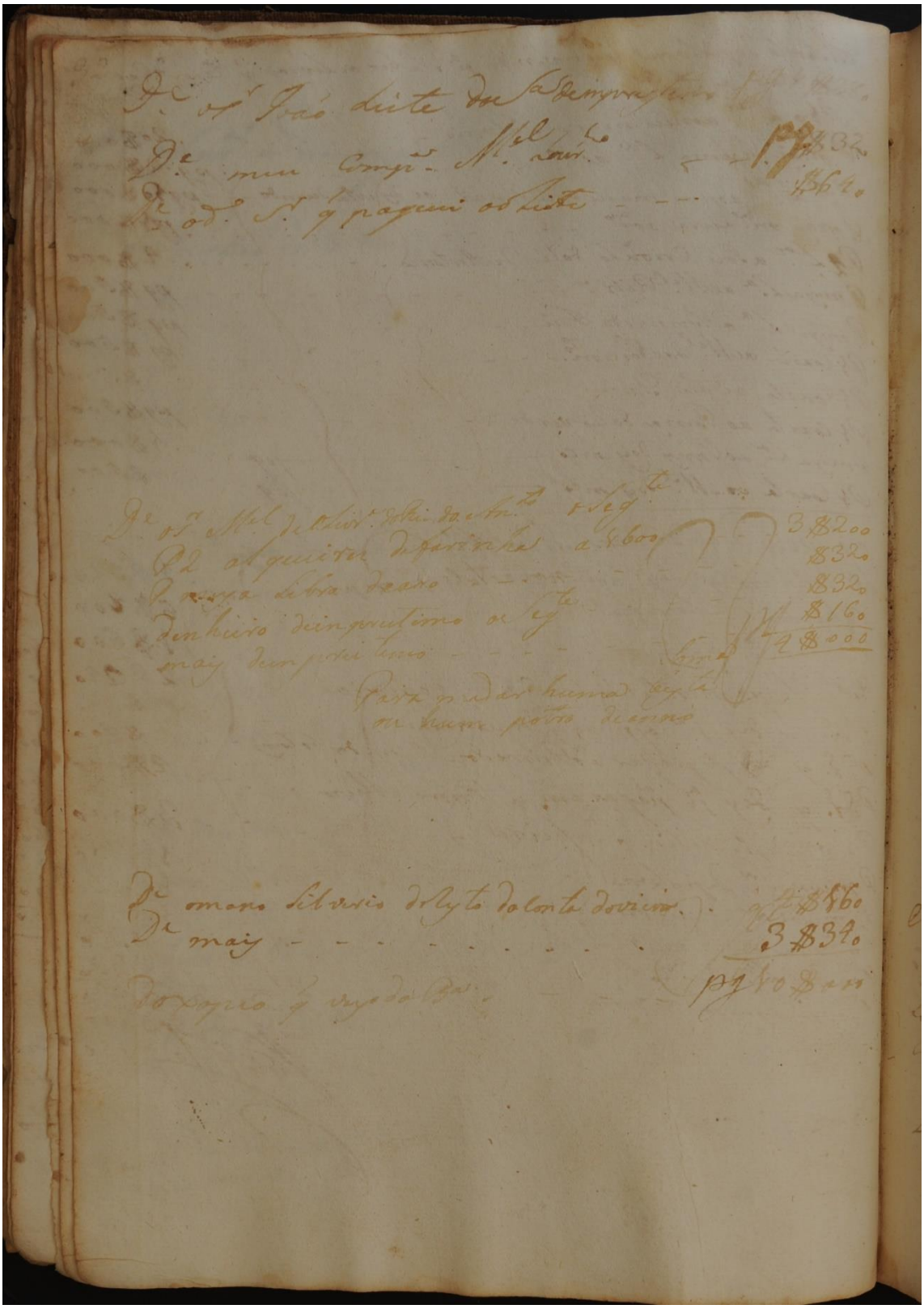
[p. 31]

Asento do polvora que vendo p*ar*asaber os livros que tem acar
ga são os seg*uin*tes

P*or* 10 l*ibras* ameu mano Slverio - - - - - - . . . . . 20$000
P*or* mais huma l*ibr*a ao [*inint.*] - - - - - - - - - - p*ago* 2$000
P*or* 5 l*ibr*as ameu mano Jozé Pinh*ei*ro – as des esta devendo --- - -- p*ago* 10$000
P*or* mais m*ey*a libra aod*it*o - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 1$000
P*or* 2 L*ibr*as a Jozé CriouLo do Rio dei Antonio - - - - - - - - - - - - - 4$000
P*or* meya l*ibr*a aM*an*oel Rib*ei*ro - - - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* $500
P*or* meya l*ibr*a a Bernardo Jozé - - - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* $500
P*or* 1 coarta aM*an*oel do Nascim*ent*o - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* $500
P*or* 1 coarta aJozé Gomes - - - - - - - - - - - - - - - $500
P*or* 1 coarta Coarta ao Tomas do Rio verde - - - - - - - - - - - - - p*ago* $500
P*or* meya L*ibr*a ao Tomas dois conço ____ _____ p*ago .. . .* 1$000
P*or* 1 coarta ao M*an*oel dois conço p*ago . . . . .* $500

oq*ue* vou dando aos*enhor* João Alv*ez* Landim hé oseg*uin*te
P*or* denheiro q*ue* dey aod*it*o nocaetete p*ar*a comprar ainxo ---- - - - - - - - 1$920
P*or* huma Clavina - 6$400
P*or* 2 len cos azuis - 1$600
Pella ferramenta q*ue* concertou no gavião - - - - - - - - - - - - - - - 2$240
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey p*ar*a os purgos do Leonardo - - - - - - - - - $320
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey p*ar*a pagar aoPrimo Jozé Pinh*ei*ro dos botoens - -- $400
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey p*ar*a pagar omeu Primo Meira - - - - - - - - - 4$000
P*or* 3 v*ar*as dep*an*o delinho de freira - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 3$000
P*or* meya L*ibr*a depolvora - 1$280
P*or* meya L*ibr*a depolvora - 1$280
P*or* 6 varas dep*an*o deAlgodão - 1$820
P*or* meya l*ibr*a deasso - $340
P*or* Livra e meya de ferro - $340
Soma 24$540
[*inint.*] 35$000
Resto p*ago* 10$460[96]

[96] Linhas onduladas, na vertical, separando os itens dos preços.



[p. 32]

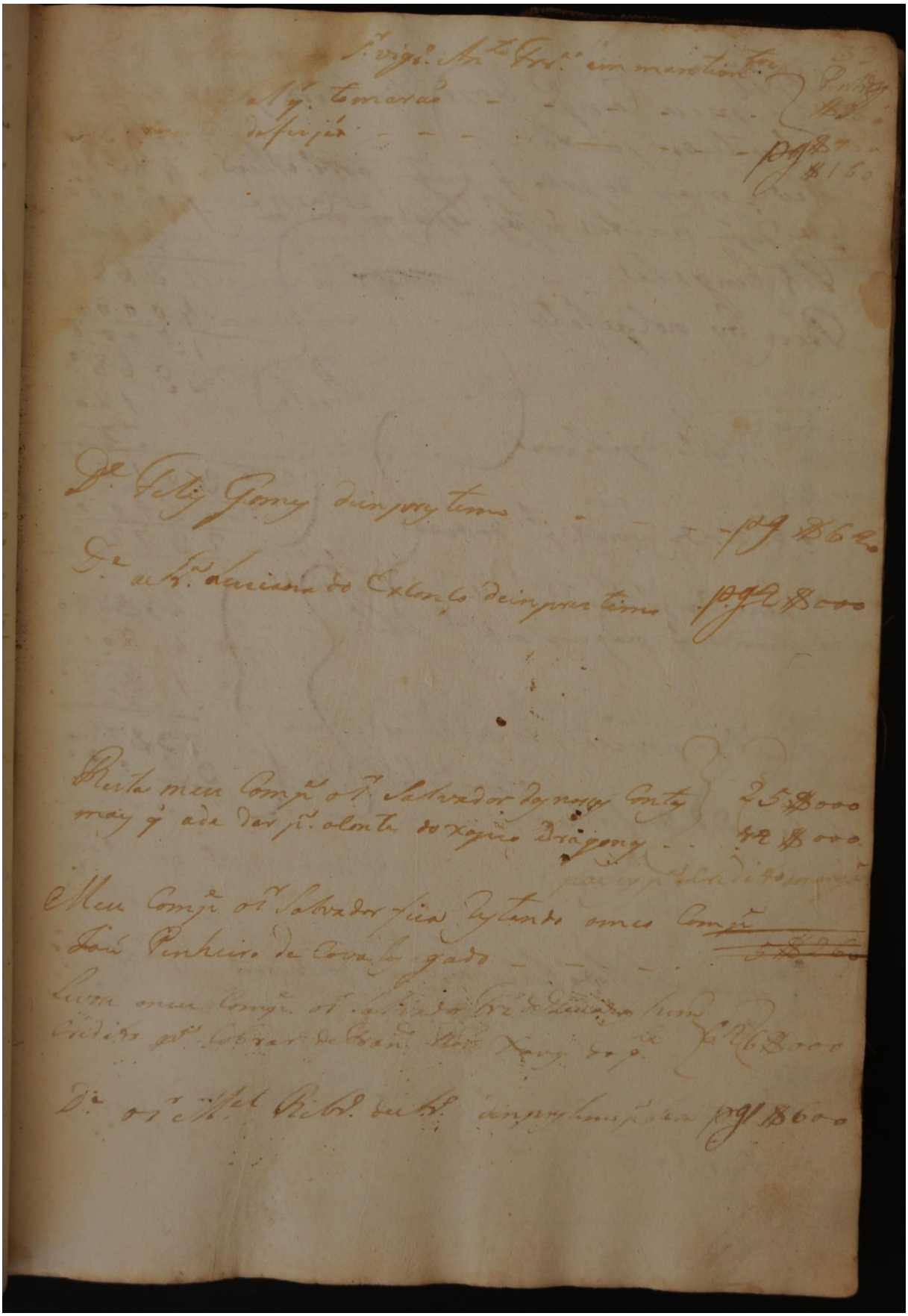
D*eve* os*enho*r João Leite deS*ouz*a deinprestimo p*ago* 1$280

D*eve* meu Comp*adr*e Manoel Loure*n*ço p*ago* $320
D*eve* od*i*to s*enho*r q*ue* paguei aoLeite - - - - - - - - - - - - - - - $640

D*eve* o s*enho*r Manoel deOli*veir*a do Rio do Ant*oni*o oSeg*uin*te
P*or* 2 alqueires defarinha a 1600 - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 3$200
P*or* meya Libra deasso - $320
dinheiro deinprestimo oSeg*uin*te - $320
mais dein pres timo - $160
Soma p*ago* 4$000

Para medar huma besta
ou hum potro deanno

D*eve* omano Silverio doResto da conta dovieira - - - - - - - p*ago* [?]$160
D*eve* mais - 3$340
doxapeo q*ue* veyo da B*arr*a p*ago* 10$000



[p. 33]

[ilegível] S*enho*r viga*ri*o Anto*nio* F*errei*ra em mantim*ento*s
[ilegível] Sal q*ue* tomarão - - - - - - - -- - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* $960
[ilegível] defeijaõ - - - -- p*ago* $480
$160

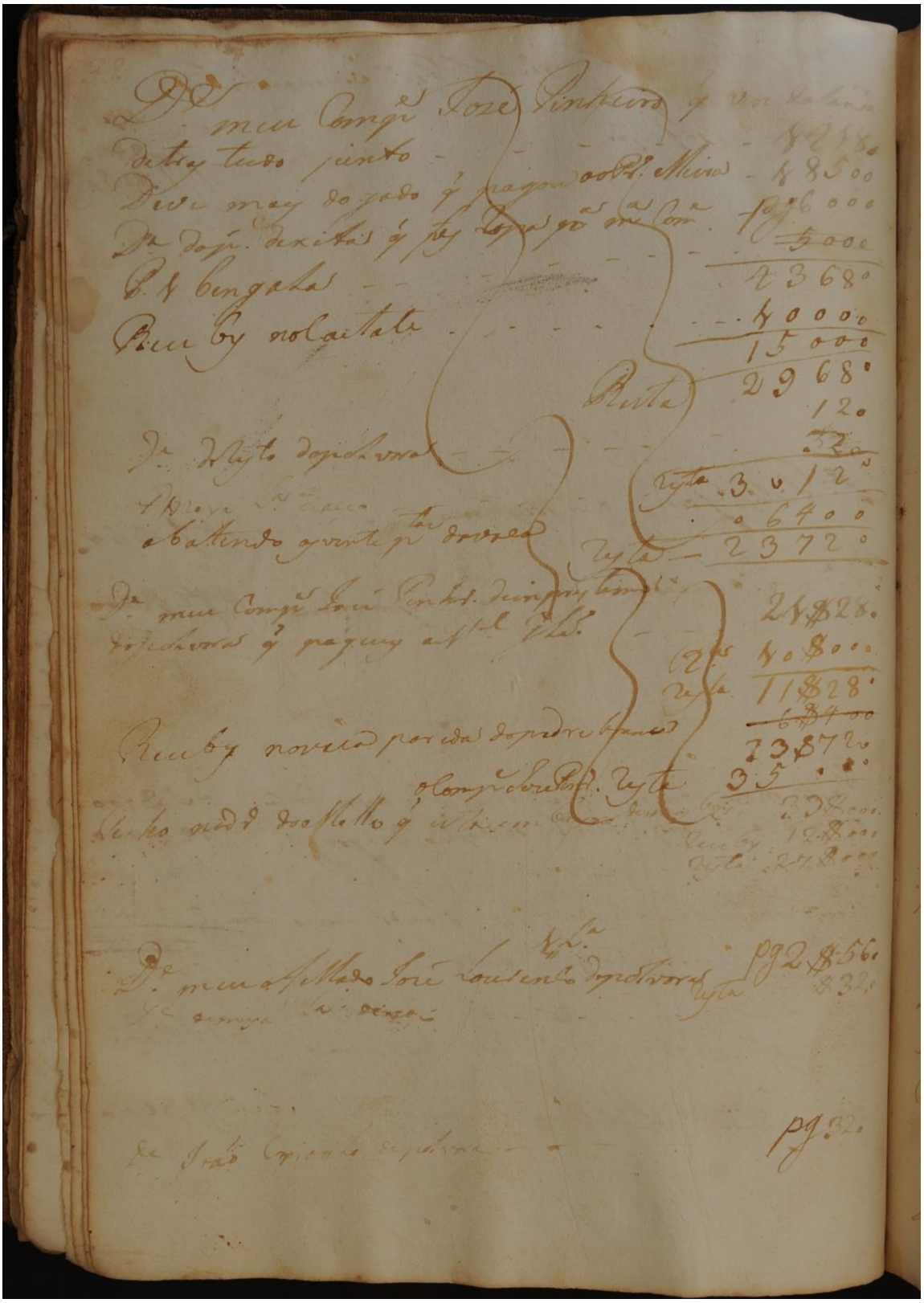
5 D*eve* Felis Gomes dein pres timo - - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* $640

D*eve* a S*enhora* Luciana do Excanço deinpres timo - - -- - - - - - p*ago* 4$000

Resta meu Comp*adr*e os*enho*r Salvador das nossas contas 5$000
mais q*ue* od*it*o dar p*ara* aconta do xapeo dragonas- - - - - - - - - - - - - - 14$000
paSey p*ar*a ocredito
[*inint*.]
10 Meu Comp*adr*e os*enho*r Salvador fica Restando omeo com<u>p*adr*e</u>
Jozé Pinheiro de cavalos e gado - - - - - - -- - - - - - - - ~~5$260~~

Leva meu Comp*adr*e os*enho*r Salvador F*ernande*z de [*inint.*] hum
credito p*ar*a cobrar de Fran*cis*co [i*nint.*] Xaves da q*uanti*a 646$000

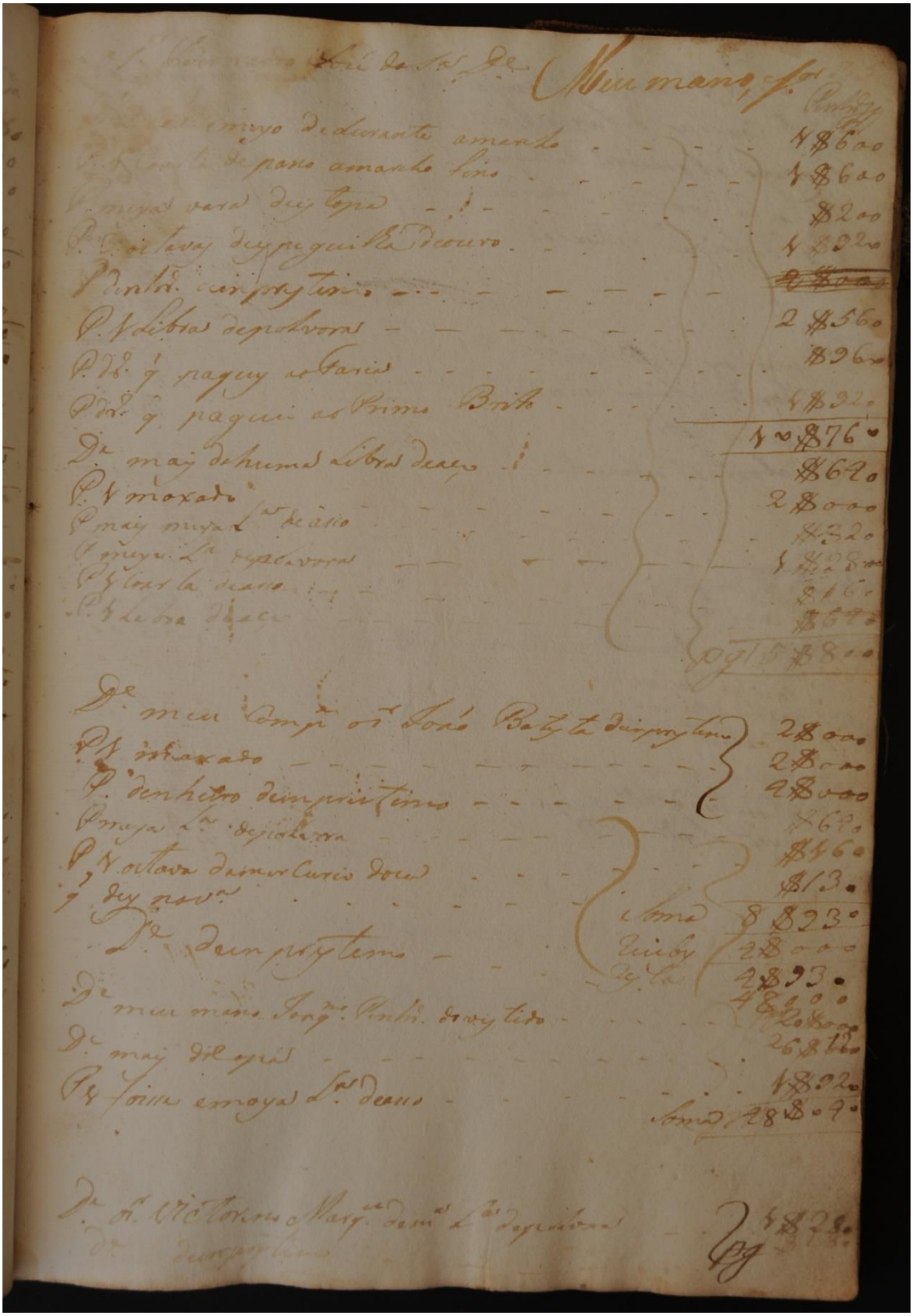
D*eve* os*enho*r M*ano*el Ribe*i*ro de [*inint.*] deinpres timo p*ar*a o [*inint.*] p*ago* 1$600



[p. 34]

	D*ev*e meu Comp*adr*e Jozé Pinheiro[97] q*ue* vem daLauda		
	detras tudo junto -		14180
	Deve mais do gado q*ue* pagou ao Pr*im*o Meira - - - - - - - - -		18500
	D*eve* dop*an*o dexita q*ue* fes Ropa p*ar*a m*inh*a com*adr*e - p*ago*		6000
5	P*or* 1 bengala -		~~5000~~
			43680
	Rece by noCaitete -		10000
			15000
		Resta	29680
10			120
	d*ev*e doResto dopolvora - - - - - - - - - - - - - - - - - -		320
	P*or* meya l*ibr*a [*inint.*] - - - - - -	Resta	30120
	abatendo os vinte p*orcen*tos davaca		06400
		Res ta	- 23720
15	D*ev*e meu Comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro deinpres timo		
	depolvora q*ue* paguey aM*ano*el [*inint.*] - - - -		21$280
		Rec*eb*i	10$000
		Res ta	11$280
	Receby navaca par ida dopadre branca		~~6$400~~
20			73$720
	oComp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro	Resta	35 000
	Tenho [*inint.*] do Mello q*ue* esta em bayxo [*inint.*] bois		39$000
		Receby	12$000
		Res ta	27$000
25	D*eve* meu afilhado Jozé Lourenco <↑1 L*ibr*a> depolvora	p*ago*	2$566
	D*ev*e demeya l*ibr*a [*inint.*]	Res ta	$320
	d*eve* Joaõ Crioulo depolvora	p*ago*	320

[97] Traços ondulados separam os os valores dos itens.



[p. 35]

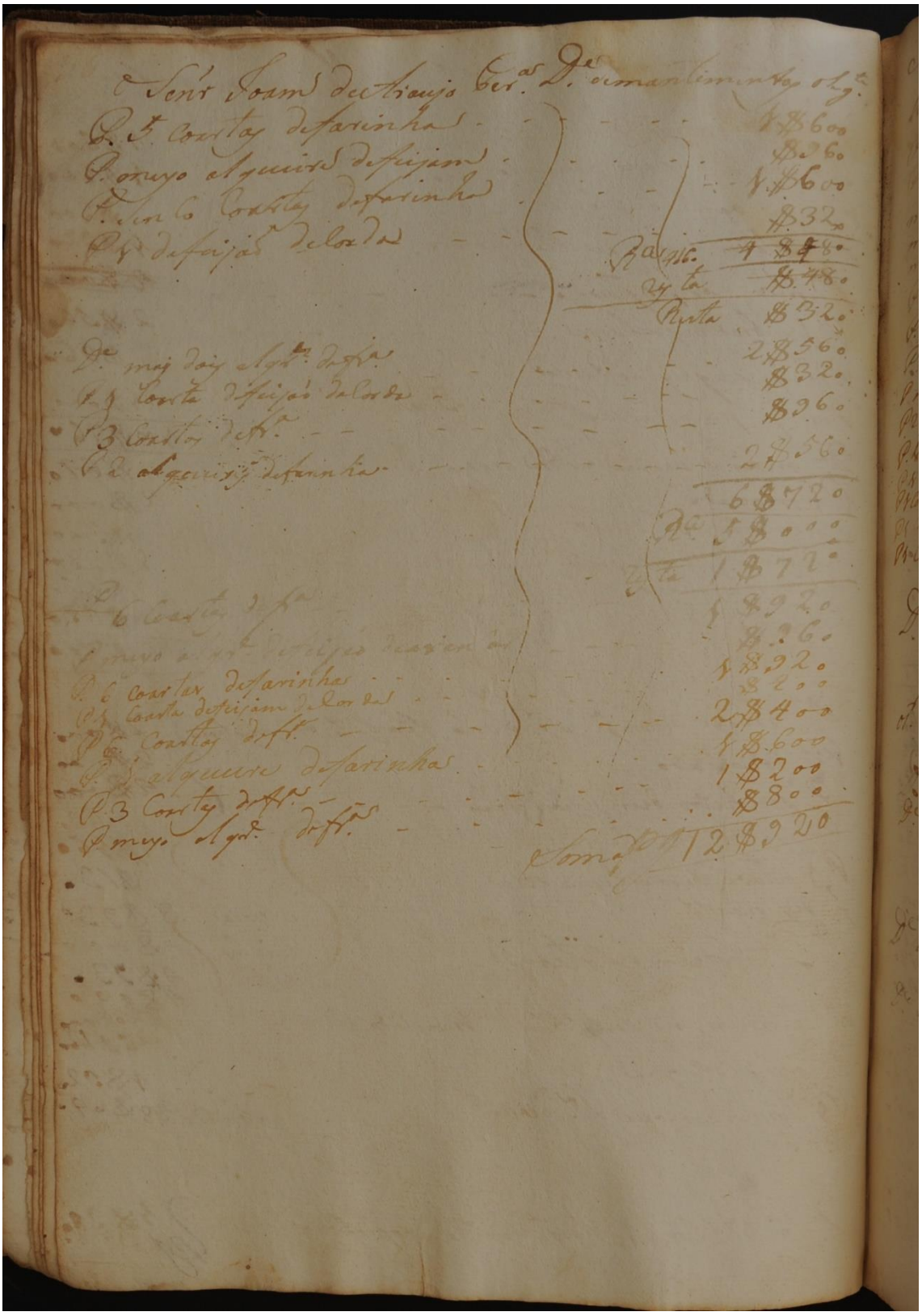
os*enho*r Bernardo Jozé des*ouz*a D*eve* Meu mano, *[inint.]*

	P*or* 2 co*vado*s emeyo de durante amarelo - - - - - - - - - - - - - - -	1$600
	P*or* 1 Coarta de pano amarelo fino -	1$600
	P*or* meya vara dees topa -	$200
5	P*or* 3 oitavos despe guilha d couro - - - - - - - - - - - - - - - -	1$920
	P*or* dinhe*i*ro deinprestimo -	~~4$000~~
	P*or* 1 Libras depolvoras -	2$560
	P*or* dinhe*i*ro q*ue* paguey ao [*inint.*] - - - - - - - - - - - - - - - -	$960
	P*or* dinhe*i*ro q*ue* paguei aoPrimo Brito - - - - - - - - - - - - - - -	1$920
10		10$760
	D*eve* mais dehuma Libra deaço -	$640
	P*or* 1 maxado -	2$000
	P*or* mais meya L*ibr*a de asso -	$320
	P*or* meya L*ibr*a depolvora -	1$280
15	P*or* coar la[98] deasso -	$160
	P*or* 1 Libra deaço -	$690
	p*ag*o	15$800

	D*eve* meu Comp*adr*e o s*enho*r Joaõ Batis ta deinprestimo	2$000
	P*or* 1 maxado -	2$000
20	P*or* dinheiro deinprestimo -	4$000
		$640
	P*or* meya l*ibr*a depolvora -	$160
	P*or* 1 oitavo domer curio doce - - - - - - - - - - - - - - - - - - -	$130
	que dey nova - Soma	8$930
25	Receby	4$000
	D*eve* deinprestimo - Res ta	4$930
		48000
	D*eve* meu mano Joaq*ui*m Pinh*ei*ro dovis tido - - - - - - - - p*ag*o	20$000
	Deve mais [*inint.*] -	26$160
30	P*or* 1 foisse emeya l*ibra*s deasso - - - - - - - - - - - - - - - - - -	1$9
		20
	So<u>ma p*ag*o</u>	48$040

Deve os*enho*r Vi ctorino Marq*ue*s dem*ey*a Li*br*a depolvora - - - - -	1$280
d*eve* deinprestimo _____p*ag*o	1$280

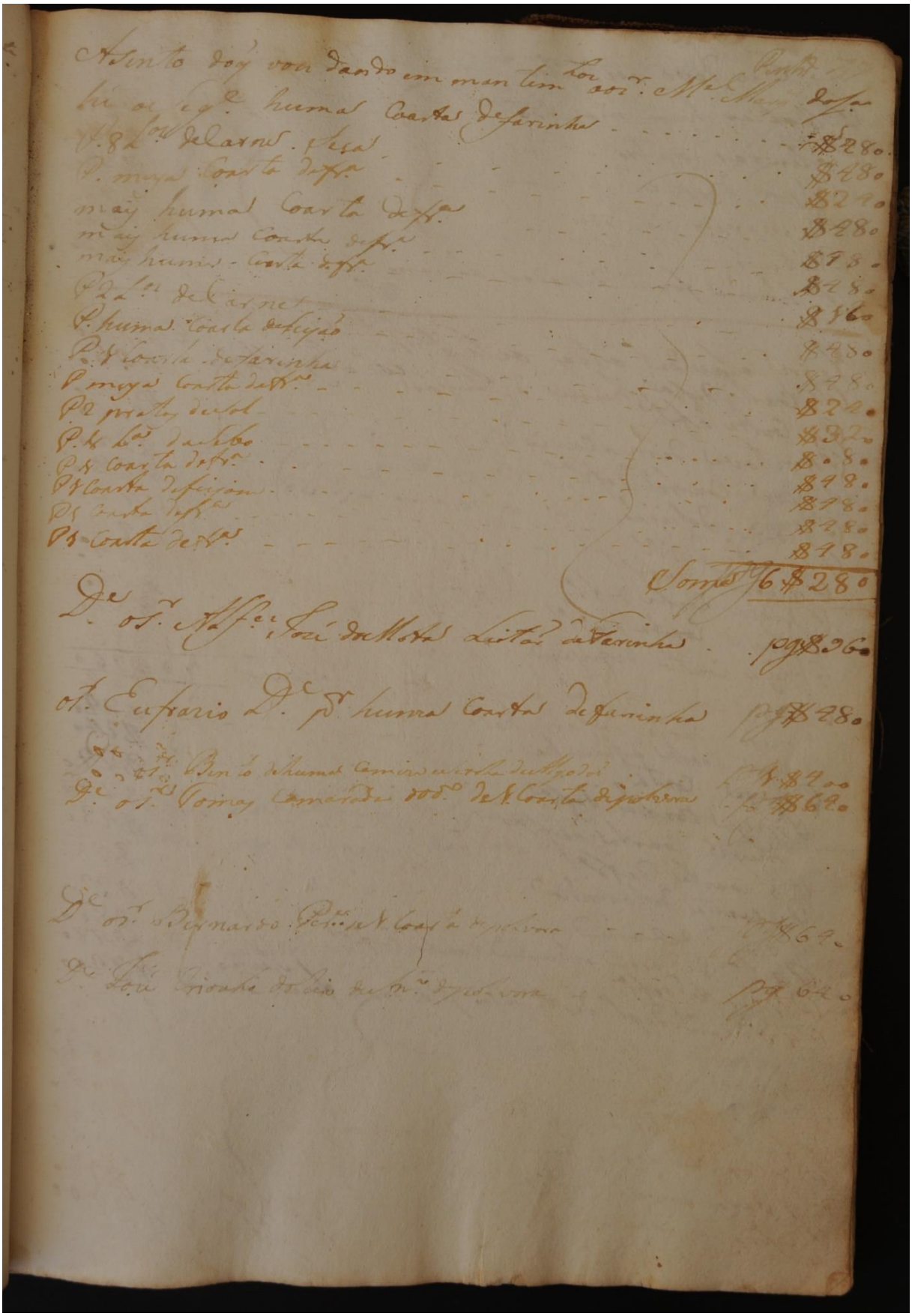
[98] Trata-se de um lapso do Scriptor, a palavra seria coarta.



[p. 36]

oS*enho*r Joam de Araujo [*inint.*] D*eve* demantimentos oSeg*uin*te

	P*or* 5 coartos defarinha -	1$600
	P*or* meyo al queire defeijam -	$960
	P*or* sin co coartos defarinha -	1$600
5	P*or* 1 defeijaõ decorda -	$320
	R*ece*b*i* 4160	~~4$480~~
	Res ta	~~$480~~
	Resta	$320
	D*eve* mais dois alq*uei*res defar*inh*a - - - - - - - - - - - - - - - - -	2$560
10	P*or* 1 Coarta defeijaõ decorda -	$320
	P*or* 3 Coartos de far*inh*a -	$960
	P*or* 2 alqueires defarinha -	2$560
		6$720
	R*ece*b*i*	5$000
15	Res ta	1$720
	P*or* 6 Coartos de far*inh*a	1$920
	P*or* meyo alq*ue*ire defeijaõ [i*nint.*] - - - - - - - - - - - - - - - - -	$960
	P*or* 6 coar tas defarinha -	1$920
	P*or* 1 coarta defeijam decor da -	$400
20	P*or* 6 coartos defar*inh*a -	2$400
	P*or* 1 alqueire defarinha -	1$600
	P*or* 3 Coar tas defar*inh*a -	1$200
	P*or* meyo alq*uei*re defar*inh*a -	$800
	Soma p*ago*	12$920



[p.37]

Asento doq*ue* vou dan do em man tim *en*tos aos*enho*r M*ano*el Marq*u*es do[*inint*.]
hé oSeg*uint*e huma coarta defarinha - $480
P*or* 8 L*ibr*as decarne seca - $480
P*or* meya Coarta def*arinh*a - $290
mais huma Coarta de f*arinh*a - $480
mais huma coarta de f*arinh*a - $480
mais huma coarta de f*arinh*a - $480
P*or* 2 L*ibr*as deCarne $160
P*or* huma coarta defeijaõ - $480
P*or* 1 Coarla defarinha - $480
P*or* meya coarta def*arinh*a - $240
P*or* 2 pratos de sal - $320
P*or* 1 L*ibr*a deSebo - $080
P*or* 1 coarta de f*arinh*a - $480
P*or* 1 coarta de feijam - $480
P*or* 1 coarta de f*arinh*a - $480
P*or* coarta de f*arinh*a - $480
Soma p*ago* 6$280

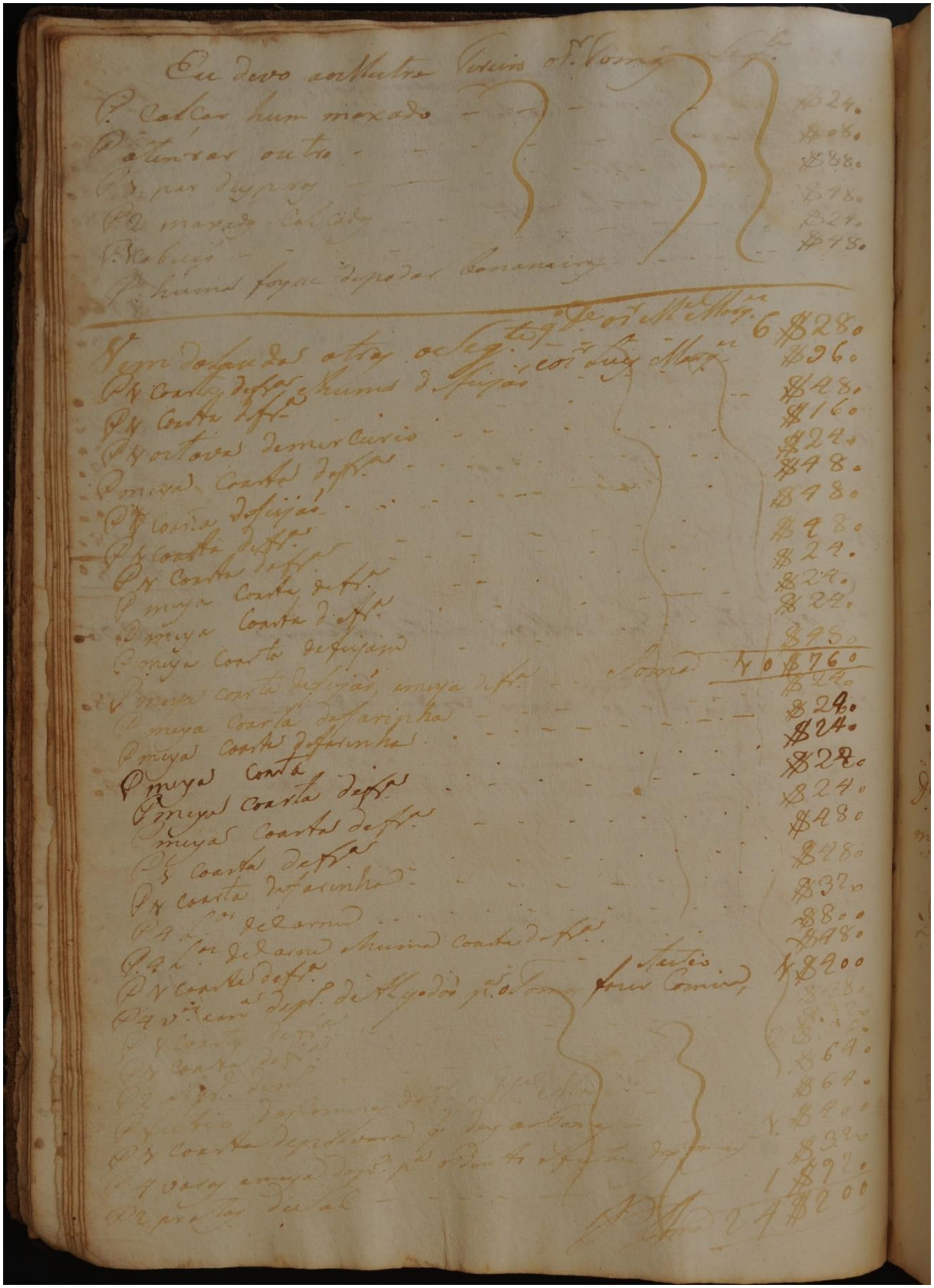
D*eve* o*senho*r Alfe*r*es Jozé daMota Leitaõ deFarinha p*ago* $960

os*enho*r Eufrazio D*eve* por huma coarta defarinha p*ago* $480

D*eve* os*enh*or Ben to dehuma camisa eSerola deAlgodaõ p*ago* 1$400
D*eve* os*enho*r Tomas camarada dod*it*o de1 coarta depolvora p*ago* $640

D*eve* os*enho*r Bernardo Pere*ir*a de1 coarta de polvora - - - - - - - - - - - - - - -p*ago* $640

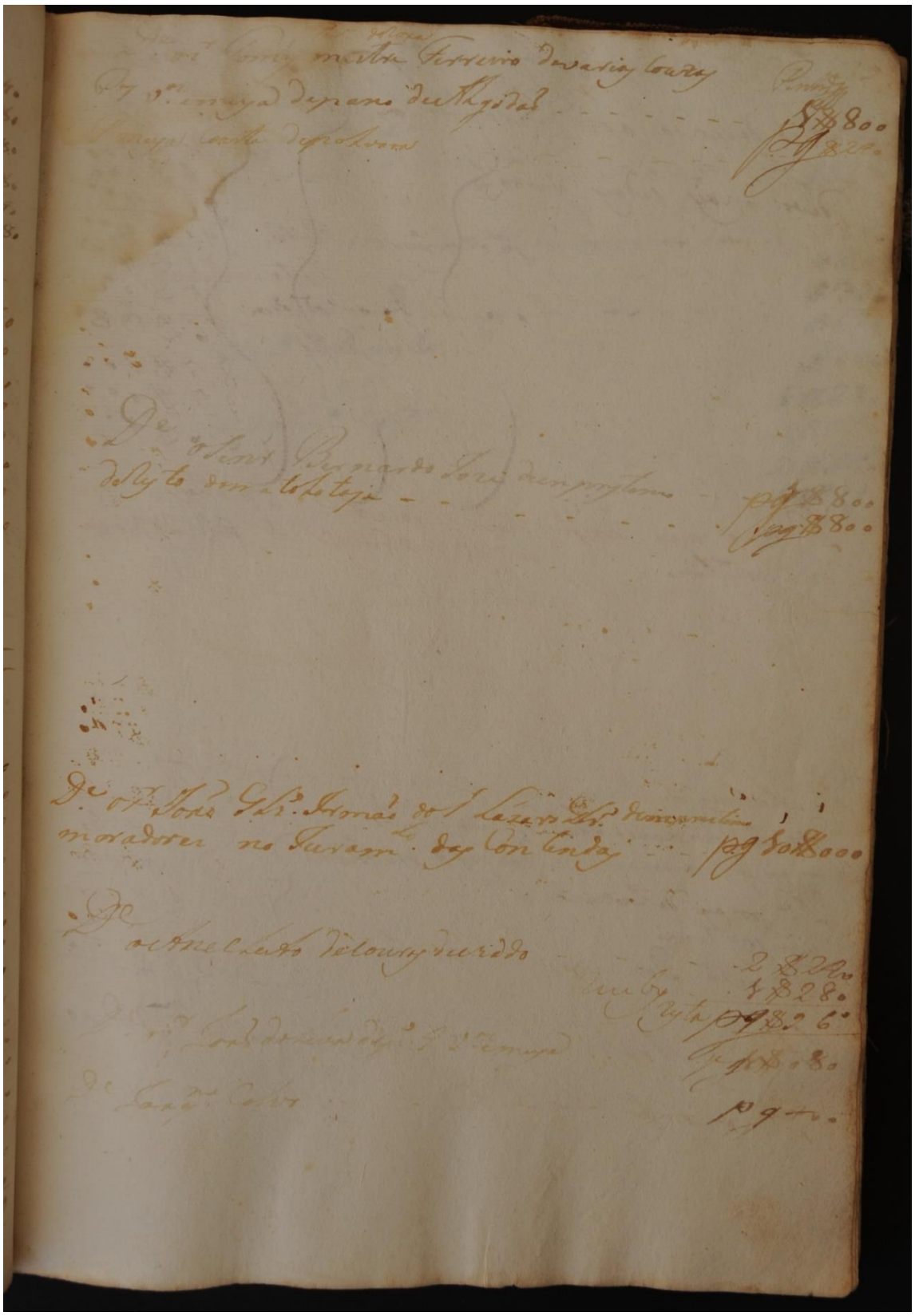
D*eve* Jozé Crioulo doRio deAnt*oni*o depolvora p*ago* $640 $640



[p. 38]

Eu devo ao Mestre Fereiro os*enho*r Tomás oseg*uin*te

P*or* calçar hum maxado	$240
P*or* atenrar outro	$080
P*or* 1 par d esporas	$880
P*or* 2 maxados calcados	$480
P*or* 1 cabeçaõ	$240
P*or* huma foysse de podar bananeiras	$480
Vem da lauda atras o seg*uin*te <↑ que D*ev*e o s*enho*r M*ano*el Marq*u*es>	6$280
P*or* 1 coarta def*arinh*a ehuma defeijaõ <↑ [*inint.*] Luis Marq*u*es>	$960
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* 1 oitava demercurio	$160
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* 1 coarta defeijaõ	$480
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* meya coarta defeijam	$240
P*or* meya coarta defeijaõ emeya def*arinh*a	$480
Soma	10$760
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* meya coarta	$240
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* meya coarta def*arinh*a	$240
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* 1 coarta defarinha	$480
P*or* 4 l*ibr*as de carne	$320
P*or* 4 l*ibr*as de carne ehuma coarta de def*arinh*a	$800
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* 4 v*ar*as em*ey*a dep*an*o deAlgodaõ p*ar*a o Tomás fazer <↑[*inint.*]> camisa	1$400
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$480
P*or* 1 coarta def*arinh*a	$320
P*or* 2 al*quei*re de [*inint.*]	2$560
P*or* feitio das camisas dos*enh*or M*ano*el Marq*u*es	$640
P*or* 1 coarta depolvora q*ue* dey ao Gomes	1$400
P*or* 4 varas e meya dep*an*o p*ar*a os Brito e feitio dos Gomes	$320
P*or* 2 pratos deSal	1$920
p*ago* soma	24$200



[p.39]

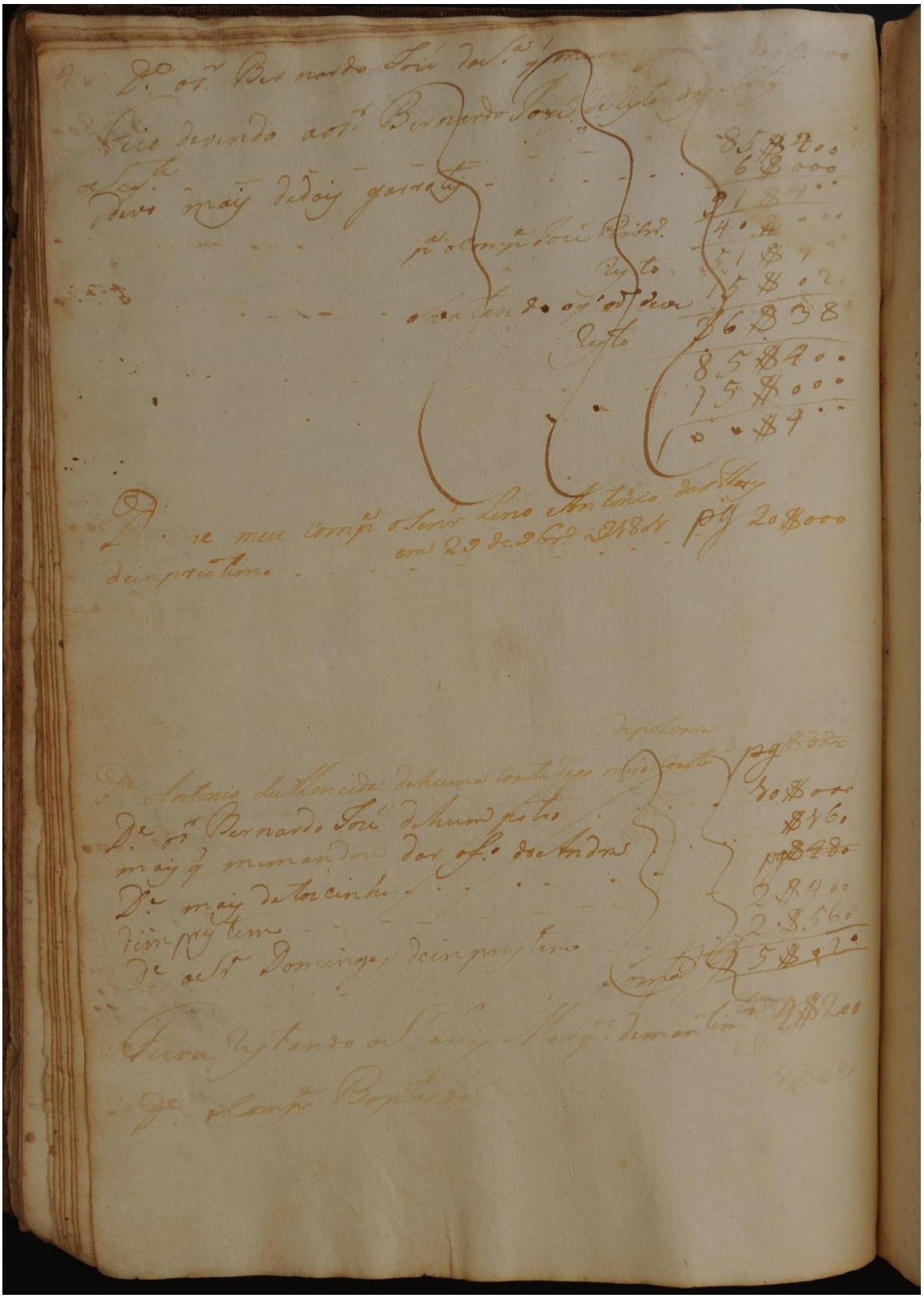
D*ev*e os*enh*or Tomás Mestre <↑daroxa> Ferreiro devarias [*inint.*]
P*or* 7 v*ar*as e meya dep*an*o deAlgodaõ - p*ago* 1$800
P*or* meya Coarta depolvora -p*ago* $240

D*ev*e o sen*hor* Bernardo Jozé deenprestimo - - p*ago* 1$800
doresto da matolotaji - p*ago* $800

D*ev*e os*enh*or João G*onçalv*es Irmaõ dos*enh*or Lazaro G*onçalv*es deinprestimo
moradores no Juram*en*to das Con tendas p*ago* 10$000

D*ev*e o Anecleito decouros [*inint.*] - 2$240
Receby 1$280
Resta p*ago* $960
D*ev*e os*enh*or Joaõ [*inint.*] depano 4 v*ar*as emeya p*ago* 1$080

D*ev*e Joaq*ui*m Calvo p*ago* [*inint*.]



[p.40]

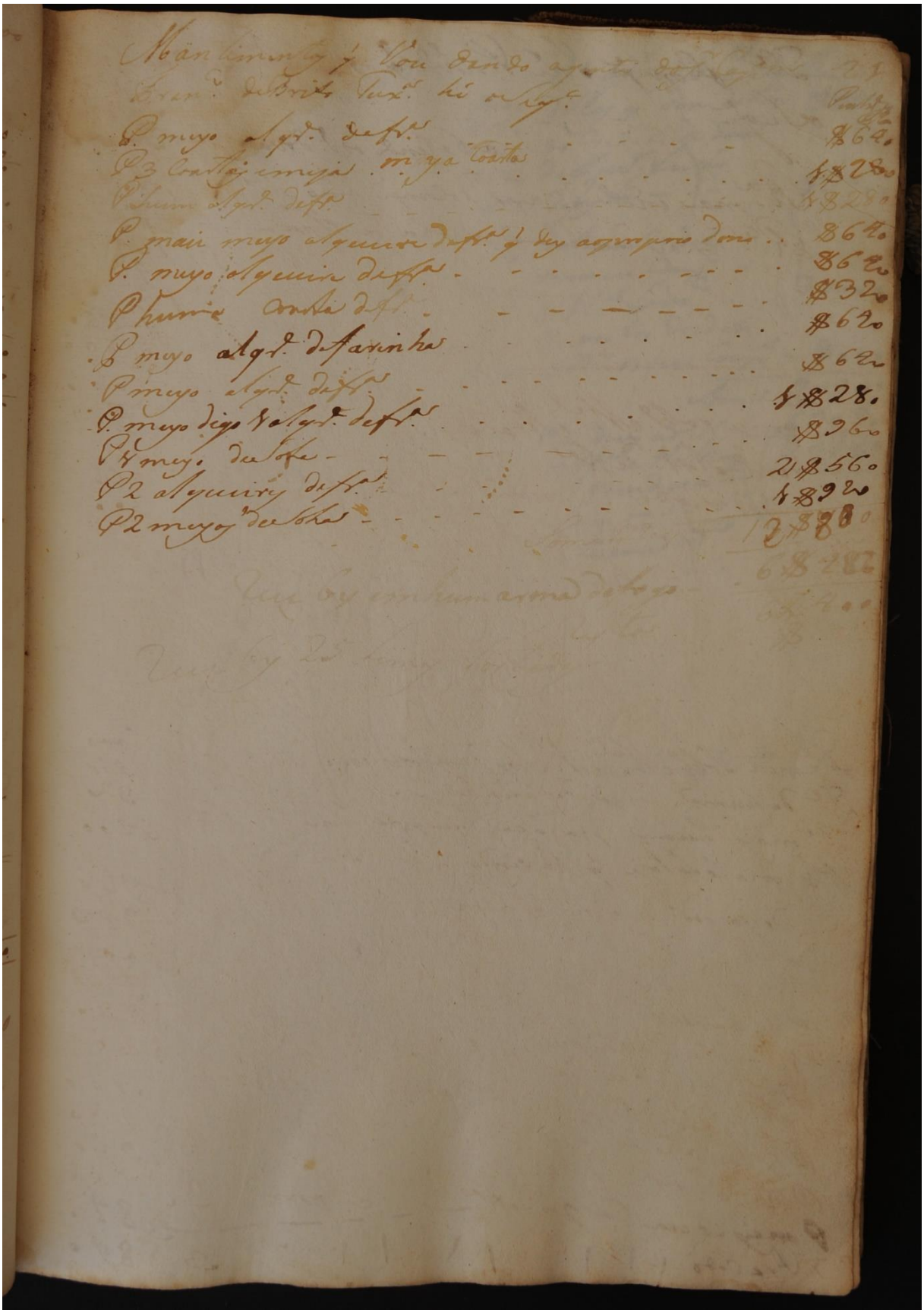
D*ev*o os*enho*r Ber nardo Jozé de*Souz*a q*ue* [*inint*.][99] 100$000

Fico devendo aos*enho*r Bernardo Jozé de Resto das Sortes
oSeg*uint*e - 85$400
devo mais dedois garrotes - 6$000
p*ar*a ocomp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro 91$400
40$000
Res to 51$400
abatendo o q*ue* od*it*o deve 15$020
Res to 36$380
85$400
15$000
100$400

Deveme meu comp*adr*e oSen*ho*r Lino An tonio das Flores
deinprestimo . . . . .em 29 de *novem*bro 1801 p*ago* 20$000

D*ev*e Antonio deAlmeida dehuma coarta digo meya coarta <↑depolvora> p*ago* ~~$320~~
D*ev*e os*enho*r Bernardo Jozé dehum potro - 10$000
mais q*ue* memandou dar of*ilh*o do Andre - $160
D*ev*e mais detoi cinho - p*ago* ~~$480~~
deinpres timo - 2$400
D*ev*e aS*enho*ra Domingas deinprestimo - 2$560
Soma p*ago* 5$020
Ficou Restando oS*enho*r Luis Marq*ue*s demantim*ent*os p*ago* 4$200
D*ev*e oComp*adr*e Baptista - 1$280

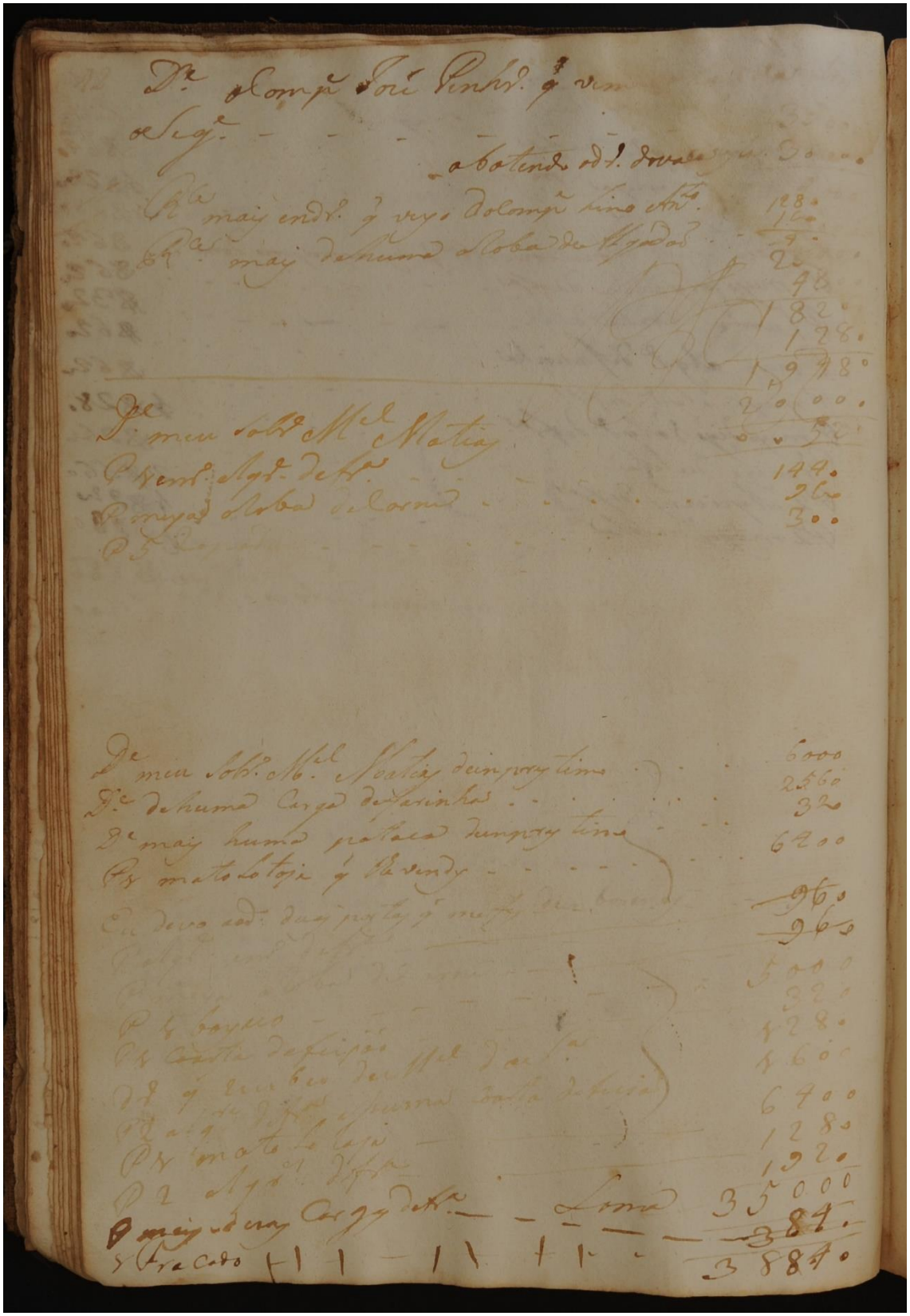
[99] A umidade comprometeu parte do papel.



[p.41]

Mantimentos q*ue* vou dando aju[100]nta dos*enho*r Cap*it*am
Fran*cis*co deBrito Teix*eir*a he oseg*uint*e
P*or* meyo alq*uei*re defar*inh*a - $640
P*or* 3 coartas emeya meya coarta - 1$280
P*or* hum alq*uei*re defar*inh*a - 1$280
P*or* mais meyo alqueire defar*inh*a q*ue* dey aoproprio dono - - - - - - - - $640
P*or* meyo alqueire defar*inh*a - $640
P*or* huma coarta defar*inh*a - $320
P*or* meyo alq*uei*re defarinha - $640
P*or* meyo alq*uei*re defar*inh*a - $640
P*or* meyo digo 1 alq*uei*re defar*inh*a - 1$280
P*or* 1 meyo desola - $960
P*or* 2 alqueires defar*inh*a - 2$560
P*or* 2 meyos desola - - - - - - - - - - - <u>1$920</u>
Soma [ilegível] [*inint.*][101]
Rece by em hum arma de fogo <u>6$48[.]</u>
Res ta 6$400
Rece by 25 Limas Sortidas . . . . . [ilegível]

[100] Há uma mancha preta sobre as letras.
[101] O valor da soma está rasurado.

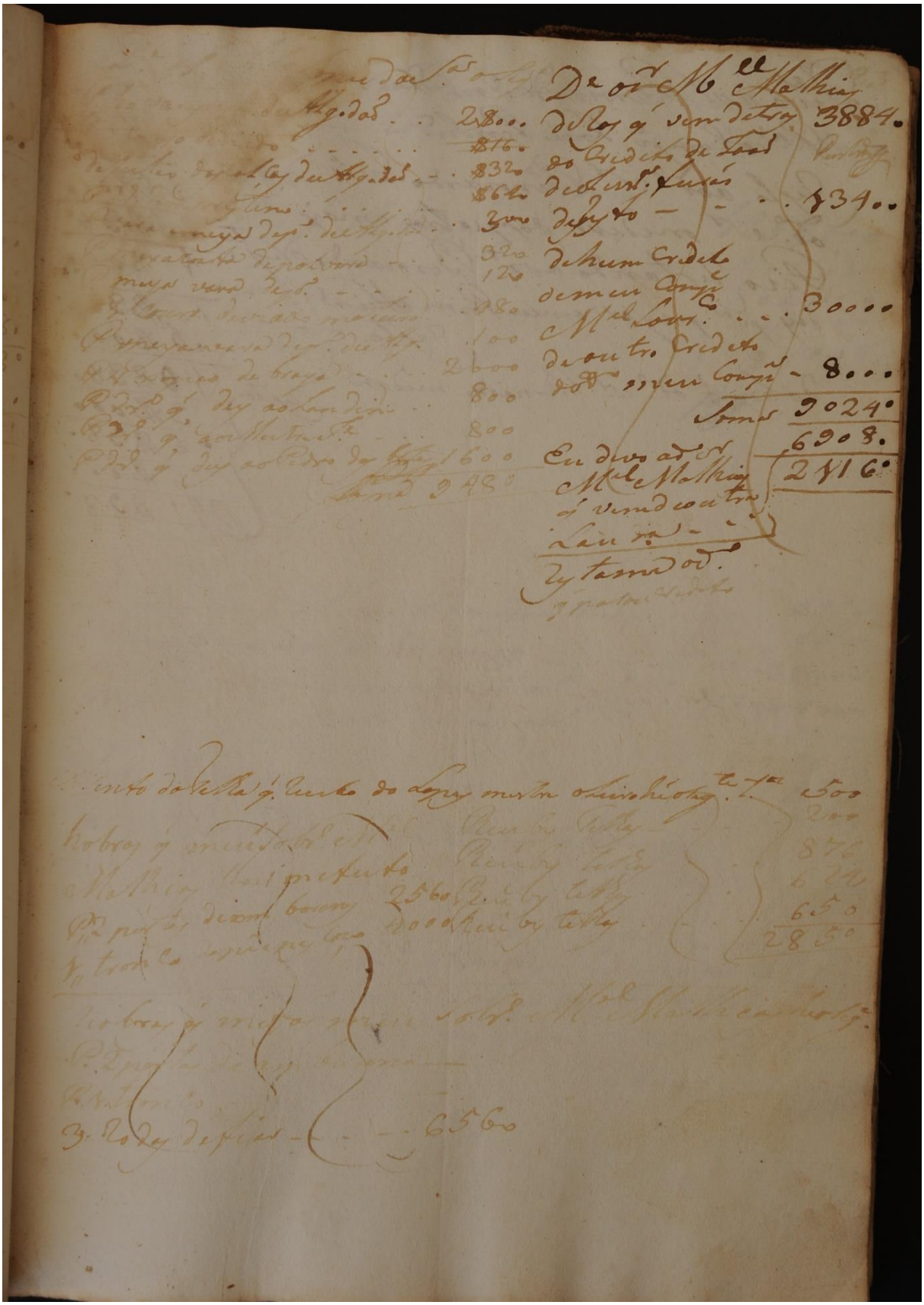


[p.42]

	D*ev*e o comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro q*ue* vem da lauda atras	
	oseg*uint*e - - - - - - - -	30000
	abatendo od*inhei*ro davaca Resta.	30000
		4000
5	R*ecebi* mais end*inhei*ro que vey o docomp*adr*e Lino Ant*oni*o	1480
		120
	R*ecebi* mais dehuma aRoba deAlgodaõ - - -	[.]40
		23000
		4800
10	pago[102]	18200
		1280
	_____	19480
		20000
	D*ev*e meu sobr*inh*o M*an*oel Matias	00520
15	P*or* 1 [*inint.*] alq*uei*re defar*inh*a -	1440
	P*or* meya[103] aRoba decarne -	960
	-	
	P*or* 5 Rapaduras -	300

	D*ev*e meu sobr*inh*o M*an*oel Matias deinpres timo - - - - - - - - - - - - -	6000
	D*ev*e dehuma carga defarinha -	2560
20	D*ev*e mais huma pataca deinpres timo - - - - - - - - - - - - - - - - - - -	320
	P*or* 1 mato lo toji q*ue* lhe vendy - - - - - - - - -	6400
	Eu devo [*inint.*] duas por tas q*ue* [*inint.*] [*inint.*] [*inint.*] - - - - - - - - - - -	
	P*or* alq*uei*re eme*i*o defar*inh*a _____	~~960~~
	P*or* meya aRoba decarne _____	~~960~~
25	P*or* 1 [*inint.*] -	5000
	P*or* 1 coarta defeijaõ __ __ __ __	320
	d*inhei*ro q*ue* rece beo deM*ano*el deS*ou*za	1280
	P*or* 2 alq*uei*res defar*inh*a e huma coarta de feijaõ	1600
	P*or* 1 [i*nint*.] _____	6400
30	P*or* 2 alq*uei*res defar*inh*a _____	1280
		1920
	Soma	35000
	P*or* mais duas car gas defar*inh*a -	~~3840~~
	1 Fracado I - I - I - - -I - I - - I I -	38840

[102] A sigla está em tamanho maior.
[103] Há um pequeno traço na vertical após a palavra.



[p.43]

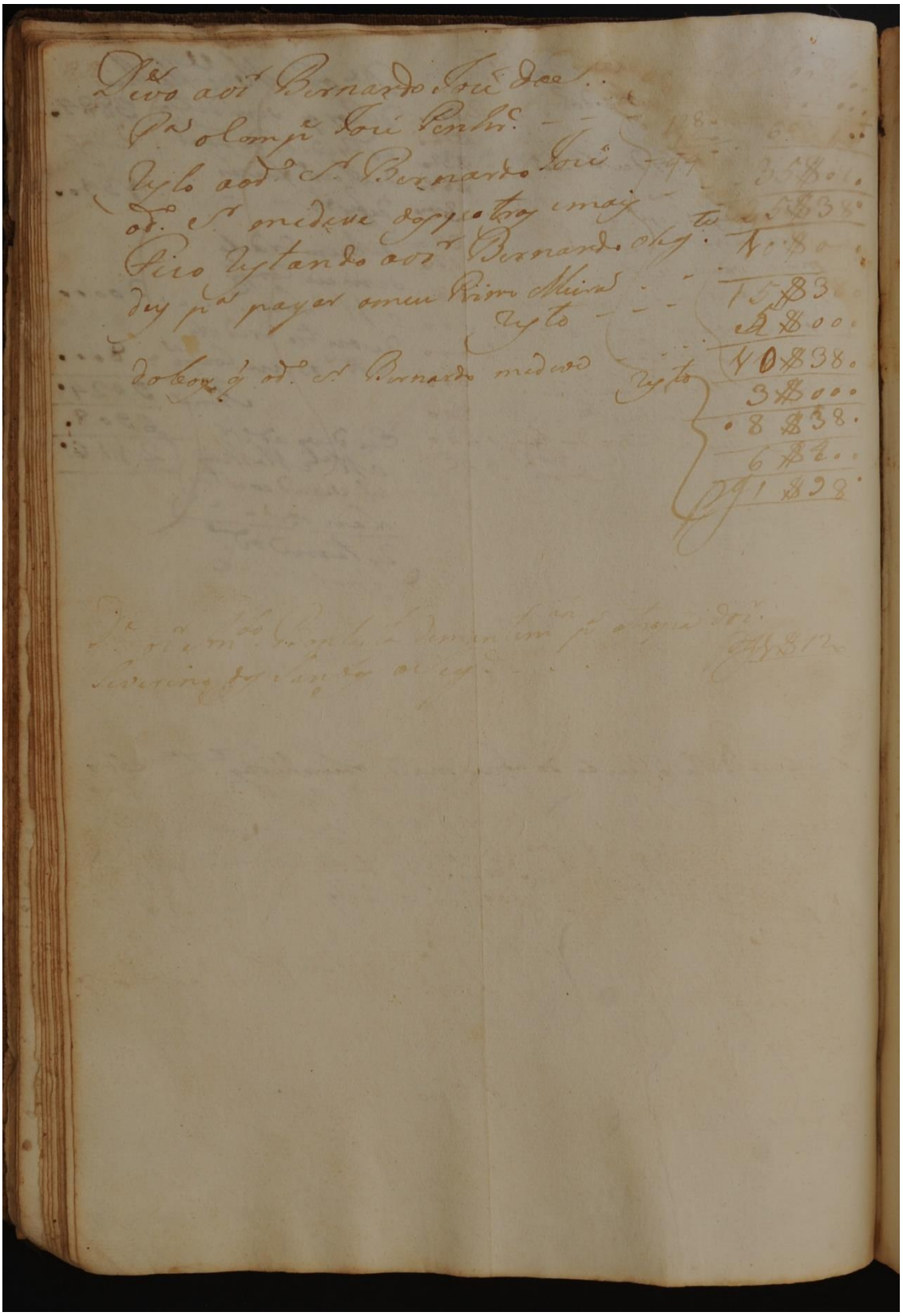
	D*eve* [*inint.*] Lopes de S*ou*za oseg*uin*te		D*eve* osenhor M*ano*el Mathias		
	P*or* 10 varas dep*an*o deAlgodaõ – –	2$000	[*inint.*] q*ue* vem detras		38840
	[ilegível] couro diviado - - - - - -	~~$160~~	do credito de Joaõ		
	dofeitio das calças deAlgodaõ ---	$320	[*inint.*] + linha		
5	P*or* d*inhei*ro deinpres timo - - - - -	$640	deResto - - - -		13400
	P*or* vara emeya dep*an*o deAlgodaõ	300	dehum credilo		
	P*or* mey acoarta depolvora - - - -	320	demeu comp*adr*e		
	P*or* meya vara dep*an*o - - - -	120	M*ano*el Loure*n*co - - - -		30000
	[.] 1 couro deviado mateiro - - - -	480	deoutro credito		
10	P*or* meya vara dep*an*o deAlgo*daõ*	400	[*inint.*] meu comp*adr*e		8000
	P*or* 1 xapeo de braga - - - -	2000		Soma	90240
	P*or* d*inhei*ro q*ue* dey ao Lan din	800			69080
	P*or* d*inhei*ro q*ue* aoMestre J*oz*é	800			21160
	P*or* d*inhei*ro q*ue* dey aoPedro dos[*inint*]	1600	Eu devo od*inhei*ro [?]		
15	Soma[104]	9480	M*ano*el Mathias		
			q*ue* vendeoutra		
			Lau da[105]		
			restame od*inhei*ro		
			q*ue* pasou credito		

20	Asento da telha q*ue* recebo do Lopes mestre oleiro hé oseg*uin*te [*inint.*]			500
	hobras q*ue* meu sobr*inh*o M*ano*el	Rece by telhas -		200
	Mathias [*inint.*]	Receby telhas -		876
	P*or* 2 portas deem boranas 2560	Receby telhas -		624
	1 tron co [*inint.*] pes coço 4000	Receby telhas -		650
25				2850

---

hobras q*ue* mefas meu sobr*inh*o M*ano*el Mathias heoseg*uin*te
P*or* 2 portas de em burana __
P*or* 1 tron co ___
3 Ro dos defiar _ _ _ _ _ 6560

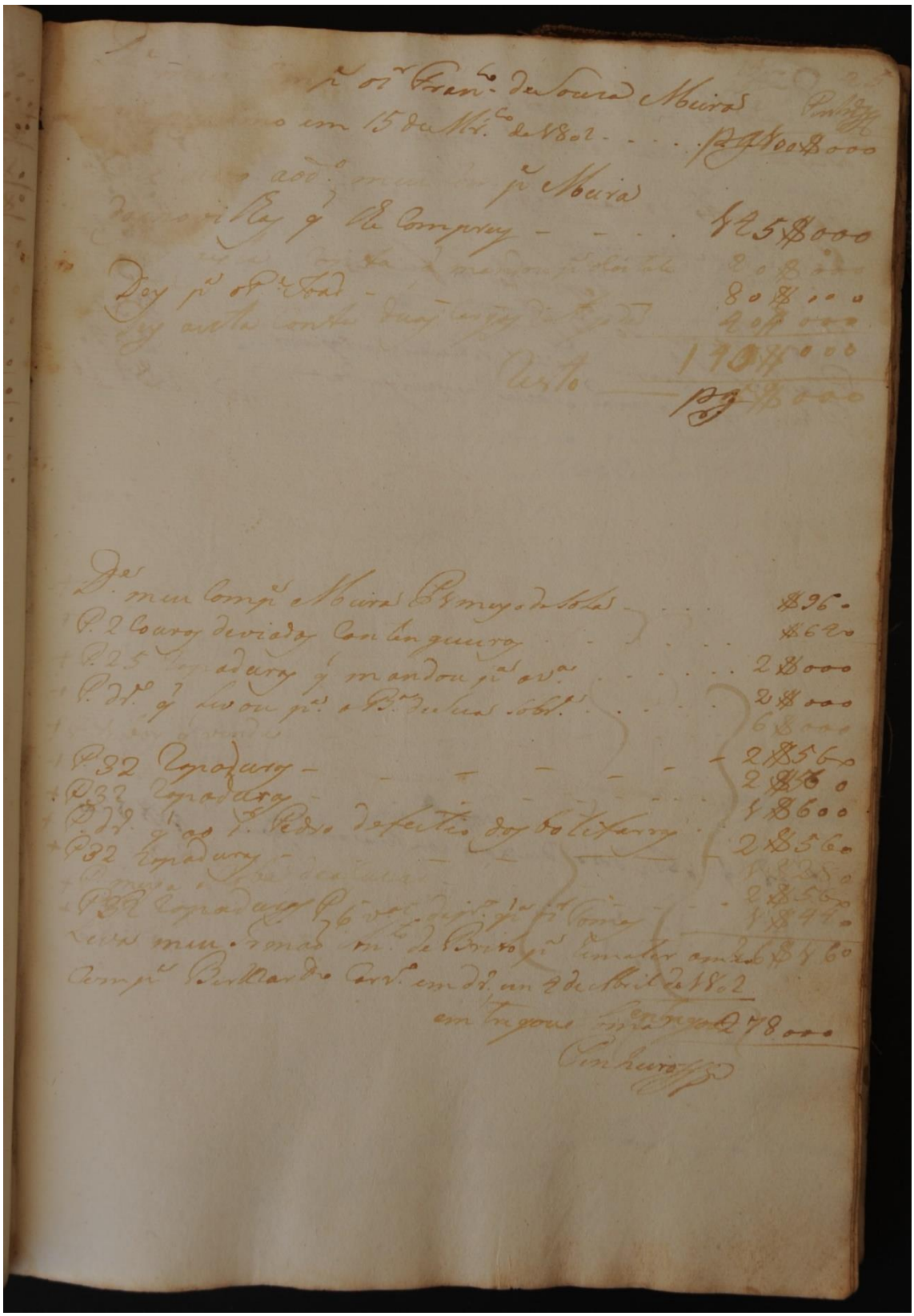
[104] A sigla <pg> aparece sobre a palavra soma.
[105] Há uma linha em direção ao valor <69080>.



[p.44]

	Devo aose*nho*r Bernardo Jozé do[*inint.*]			[ilegível]
	P*ara* o comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro -----			[ilegível]
	Res lo aod*ito* s*enho*r Bernardo Jozé - - - -	1280		
			160	
			440	60$000
	od*ito* s*enho*r medeve dos potros emais _ _ _ _			35$020
5	Fico Restando aose*nho*r Bernardo oSeg*uin*te			25$380
	dey p*ara* pagar omeu Primo Meira _ _ _			10$000
			Res to - - -	15$380
	doboy q*ue* od*inheiro* [*inint.*] Bernardo medeve_ _ _			5$000
			res to	10$380
				3$000
				08$380
				6$400
			pago	1$980

	D*eve* os*enho*r Anto*nio* Baptista demantim*ent*os p*ara* a tropa dos*enho*r	
	Severino dos Santos oseg*uint*e pago - - - - -	1$120

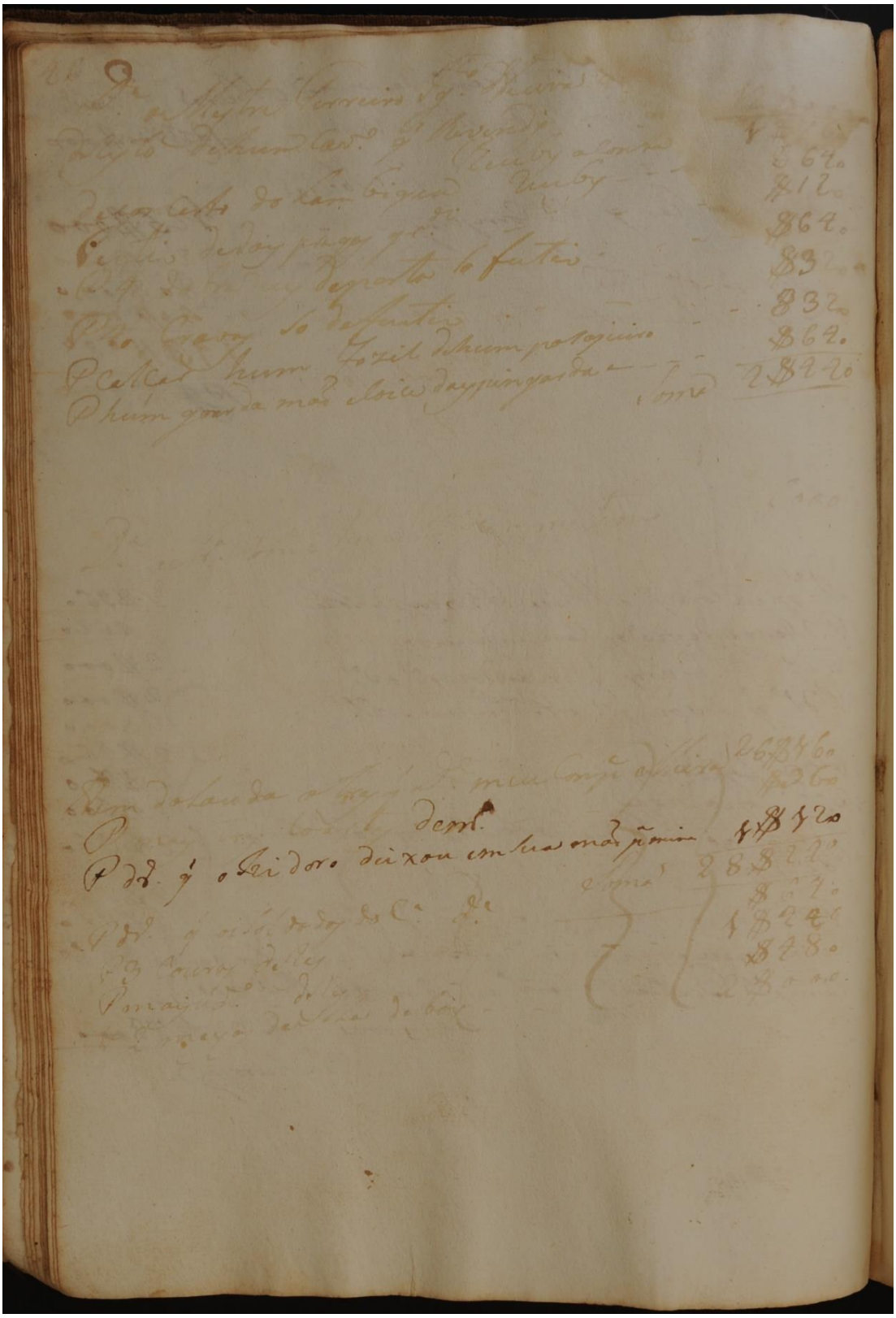


[p.45]

	Deve meu compadre osenhor Francisco deSouza Meira	
	[ilegível] em 15 deMarço de1802 - pago	100$000
	Eu devo ao[*inint.*] meu compadre Meira	
	dos novi lhos que lhe comprey -	145$000
5	[ilegível] esta conta que mandou para oCaitete	20$000
	Dey para oPadre Joaõ - - - - - -	80$000
	Dey aesta conta duas cargas deAlgodaõ	40$000
		140$000[106]
	Resto___ pago	5$000

10	+ Deve meu compadre Meira Por 1 meyo desola - - - - - - - - - - - - - - - - -	$960
	+ Por 2 co uros deviados con ten guei ros -	$640
	+ Por 25 Rapaduras que mandou para o[*inint.*] - - - - - - - - - - - - - - - - -	2$000
	+ Por dinheiro que levou para o [*inint.*] desua sobrinha -	2$000
	+ Por 1 boy que vendeo	6$000
15	+ Por 32 Rapaduras -	2$560
	+ Por 32 Rapaduras -	2$560
	+ Por dinheiro que ao senhor Pedro defeitio dos [*inint.*]	1$600
	+ Por 32 Rapaduras -	2$560
	+ Por meya aRoba deaçucar -	1$280
20	+ Por 32 Rapaduras Por 6 vara depano para osenhor Tomas	2$560
		1$440
		26$160
	Leva meu Irmaõ Antonio de Brito para remeter omeo	
	compadre Bernardo Carvalho em dinheiro em 4 deAbril de1802	
25	em tregou soma <↑entregou>	278000
	Pinheiro	

[106] O valor parece ter sido alterado.

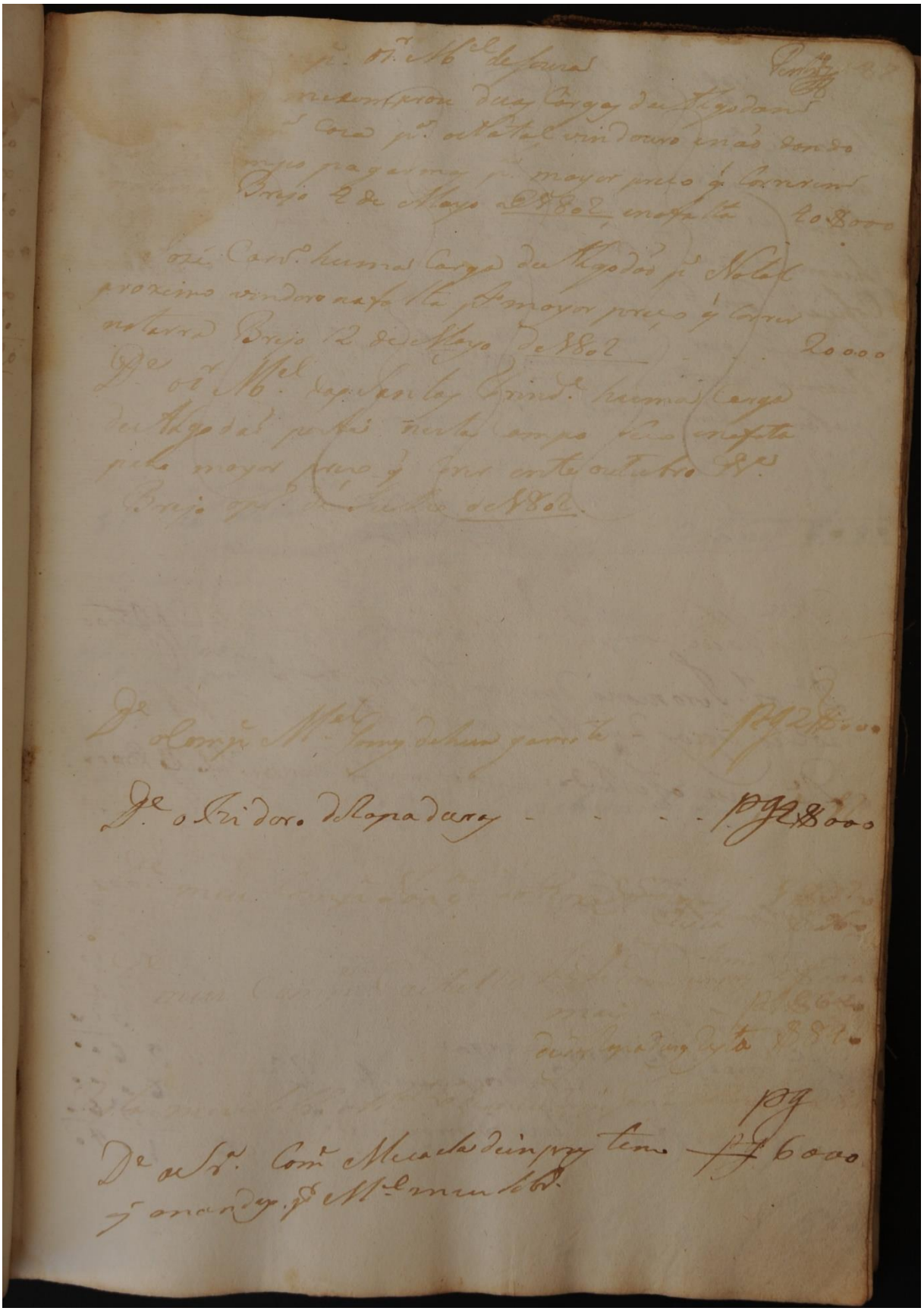


[p.46]

	D*ev*e oMestre Ferreiro Ig*nacio* Vieira		[ilegível]
	doresto dehum cav*al*o q*ue* lhevendy - - -		12$000
		Receby aconta	1$760
	deconcerto do lam bique receby _ _ _		$640
5	Feitio dedois [*inint.*] [*inint.*] _ _ _ _ _		$120
	P*or* 4 do bra dicas deporta so feitio _ _ _ _		$640
	P*or* 40 cravos so feitio _ _ _ _		$3200
	P*or* calçar hum fozil dehum [inint] _ _ _ _		$320
	P*or* hum goarda maõ e[?]oice daespingarda _ _ _ _		$640
10		Soma	4$440

	D*ev*e aSenhora [ilegível]	6000

	Vem dalauda outras q*ue* d*ev*e meu comp*adr*e Meira	26$160
	P*or* mais tres coartos dem*ilh*o	$960
	P*or* d*inhei*ro q*ue* o Izidoro deixou em sua maõ p*ar*a mim	1$120
15	Soma	28$240
	P*or* d*inhei*ro q*ue* os soldados do c*apitam* d*ev*e _____	$640
	P*or* 3 couros deres - - - - - -	1$440
	P*or* mais d*inhei*ro dores - - - - -	$480
	P*or* 2 meyos de sola de bois - - - - -	2$000



[p.47]

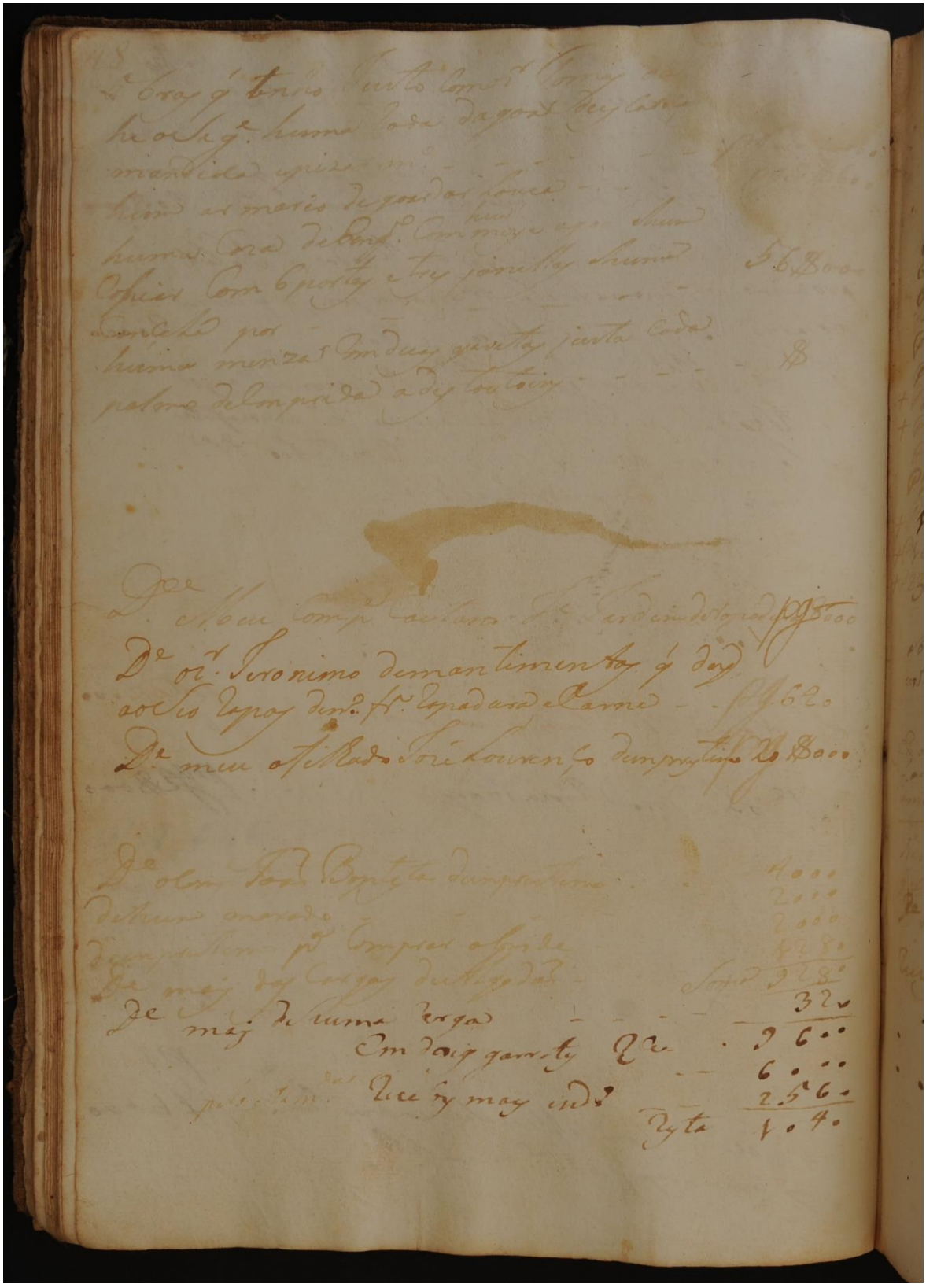
[ilegível][107] os*enho*r M*ano*el deSouza
[ilegível] mecomprou duas cargas deAlgodam
[ilegível] m*inh*a caza p*ar*a oNatal vin douro enaõ dan do
[ilegível] [*inint.*] pa gou mais pelo mayor preço q*ue* Correr em
[ilegível] Brejo 4 de Mayo [?]1802 enafalta 40$000
[ilegível] Jozé Carv*alh*o huma carga deAlgodaõ p*ar*a Natal
proximo vindoro na falta pelo mayor preço q*ue* correr
naterra Brejo 12 de Mayo de1802 _ _ _ _ 20000

D*ev*e os*enho*r M*ano*el dos Santos [*inint.*] huma carga
deAlgodaõ [*inint.*] neste Campo Seco enafalta
pelo mayor preço q*ue* corer ente outubro [?]
Brejo op*rimei*ro de Julho de1802.
D*ev*e ocomp*adr*e M*ano*el Gomes de hum garrote _ _ _ p*ago* 2$000

D*ev*e o Izi doro deRapa duras _ _ _ _ 4$000
p*ago*
D*ev*e meu comp*adr*e Joaq*ui*m da Roxa [ilegível]
resta $960

D*ev*e meu comp*adr*e [*inint.*] J*oz*é deinpres<↑timo> 2$000
mais p*ago* $640
duas Rapaduras resta $840
Resta meu sobr*inh*o M*ano*el [ilegível] p*ago* [ilegível]
D*ev*e as*enho*ra com*adr*e Micaela deinprestimo p*ago* 6000
q*ue* mandey [*inint.*] M*ano*el meu sobr*inh*o

[107] O início das linhas 1 a 6 encontra-se ilegível em virtude de uma mancha que se encontra no documento.



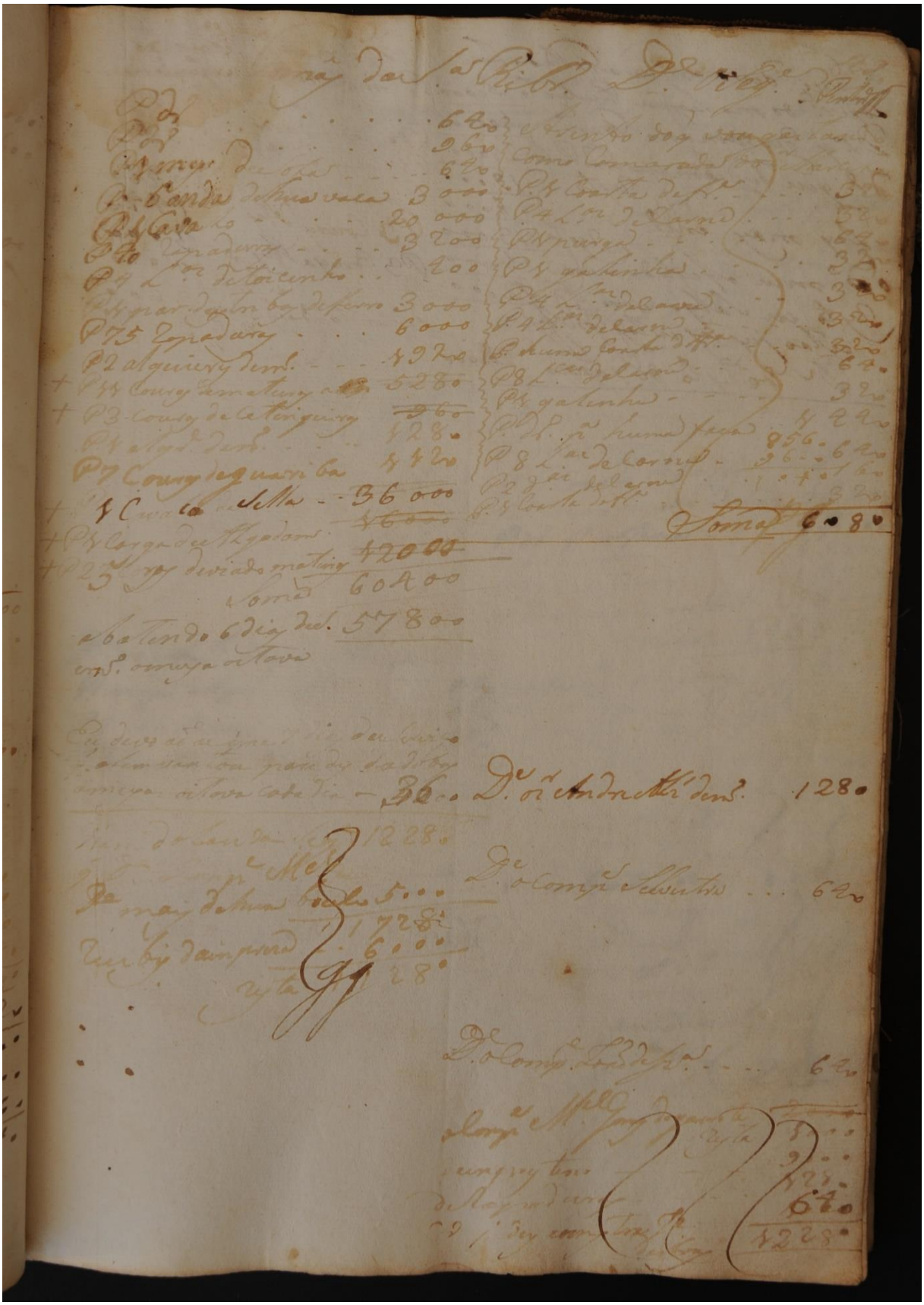
[p. 48]

Obras q*ue* tenho Junto comos*enho*r Tomas da [ilegível][108]
he oseg*uint*e huma roda dagoa dees caroçar
mandioca e pisar m*ilh*o -p*ago* [*inint*.]
hum armario de goardar louça - p*ago* 9$600
huma Caza de Eng*enh*o Com <↑hua> meya [*inint*.] huma
[*inint.*] com 6 portas e tres janellas ehuma
Cançela por - 56$000
huma menza com duas gavetas justa cada
palmo deconprada a des tos toens - $

D*ev*e Meu comp*adr*e Caetano J*oz*é Jer*onimo* Jardim derapadura p*ago* 8000
D*ev*e os*enho*r Jeronimo deman timentos q*ue* dey
aoSeo Rapas dim*ilh*o far*inh*a Rapaduras ecarne - - - - - - - p*ago* 640
D*ev*e meu afilhado Jozé Lourenço deinprestimo p*ago* 20$000

D*ev*e ocomp*adr*e Joaõ Baptista deinprestimo - - 4000
dehum maxado - - - - 2000
deinprestimo para comprar [*inint.*] 2000
D*ev*e mais das cargas deAlgodaõ - - - 1280
Soma 9280
D*ev*e mais de uma carga - - - - 320
Em dois garrotes rec*ebi* 9600
6000
pelo [*inint.*] Receby mais end*inhei*ro 2560
Resta 1040

[108] A mancha dificulta a leitura dos valores até a linha 3.



[p. 49]

[ilegível] Tomas deSouza Ribeiro [*inint*.] oseguinte

P*or* dinheiro 640
P*or* dinheiro..... 960
P*or* 1 meyo deSola..... 640
P*or* 5 anda dehuma vaca 3000
P*or* 1 cavalo 20000
P*or* 40 Rapaduras 3200
P*or* 4 L*ibr*as detoi cinho..... 400
P*or* 1 par de es tri bos deferro... 3000
P*or* 75 Rapaduras 6000
P*or* 2 alquieres dem*ilh*o..... 1920
+P*or* 11 couros demateiros a [?] ~~5280~~
+P*or* 3 couros de catin gueiras ~~960~~
P*or* 1 alq*uei*re dem*ilh*o 1280
P*or* 7 couros deguariba..... 1120
+P*or* 1 cavallo de sella - - 36000
+P*or* 1 carga de Algodam 16000
+P*or* 25 coros deviado mateiros 12000
Soma 60400
abatendo 6 dias de S*erviço* 57800
em*ilh*o ameya oitava
Eu devo od*it*o de uma 7 dias de serviço
q*ue* o [*inint*]voltou para des dadodoy
ameya oitava cada dia 3600[109]

vem dosaudo seg*uint*e 12280
q*ue* deve [*inint.*] M*ano*el
D*ev*e mais dehuma [*inint.*] 5000
17280
Receby dainpresa 6000
Resta 11280[110]

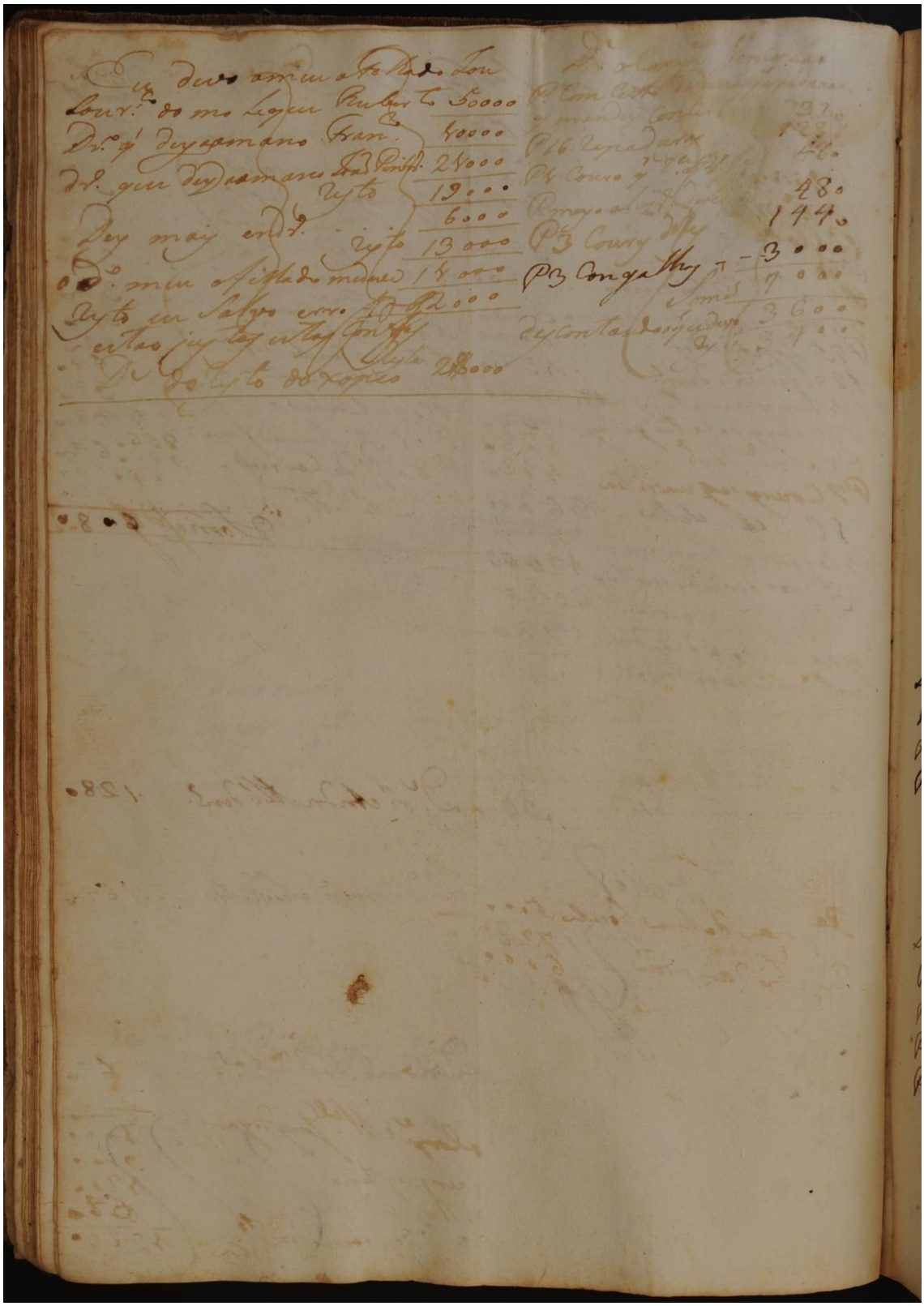
Asento doq*ue* vou gastando como camarada dos*enho*r Marcelo
P*or* 1 coarta de f*arinh*a 320
P*or* 4 L*ibr*as decarne 320
P*or* 1 purga 640
P*or* 1 galinha 320
P*or* 4 L*ibr*as decarne 320
P*or* 4 L*ibr*as decarne 320
P*or* huma coarta de f*arinh*a ... 320
P*or* 8 L*ibr*as decarne 640
P*or* 1 galinha 320
14400
Por d*inhei*ro p*ar*a huma faca 8560640
P*or* 8 L*ibr*as decarne 9600160
P*or* 2 [*inint.*] decarne 1040
P*or* 1 coarta de f*arinh*a 320
Soma p*ago* 6080

D*ev*e os*enho*r Andre Al*v*es 1280
dem*ilh*o

D*ev*e ocomp*adr*e Silvestre.... 640

D*ev*e ocomp*adr*e Joaõ 640
deS*ouz*a
ocomp*adr*e M*ano*el Gomes ~~2000~~
dogarrote
resta 1000
deinpresti mo 9000
deRapaduras 640[111]
d*inhei*ro q*ue* dey [*inint*]
de obras 12280

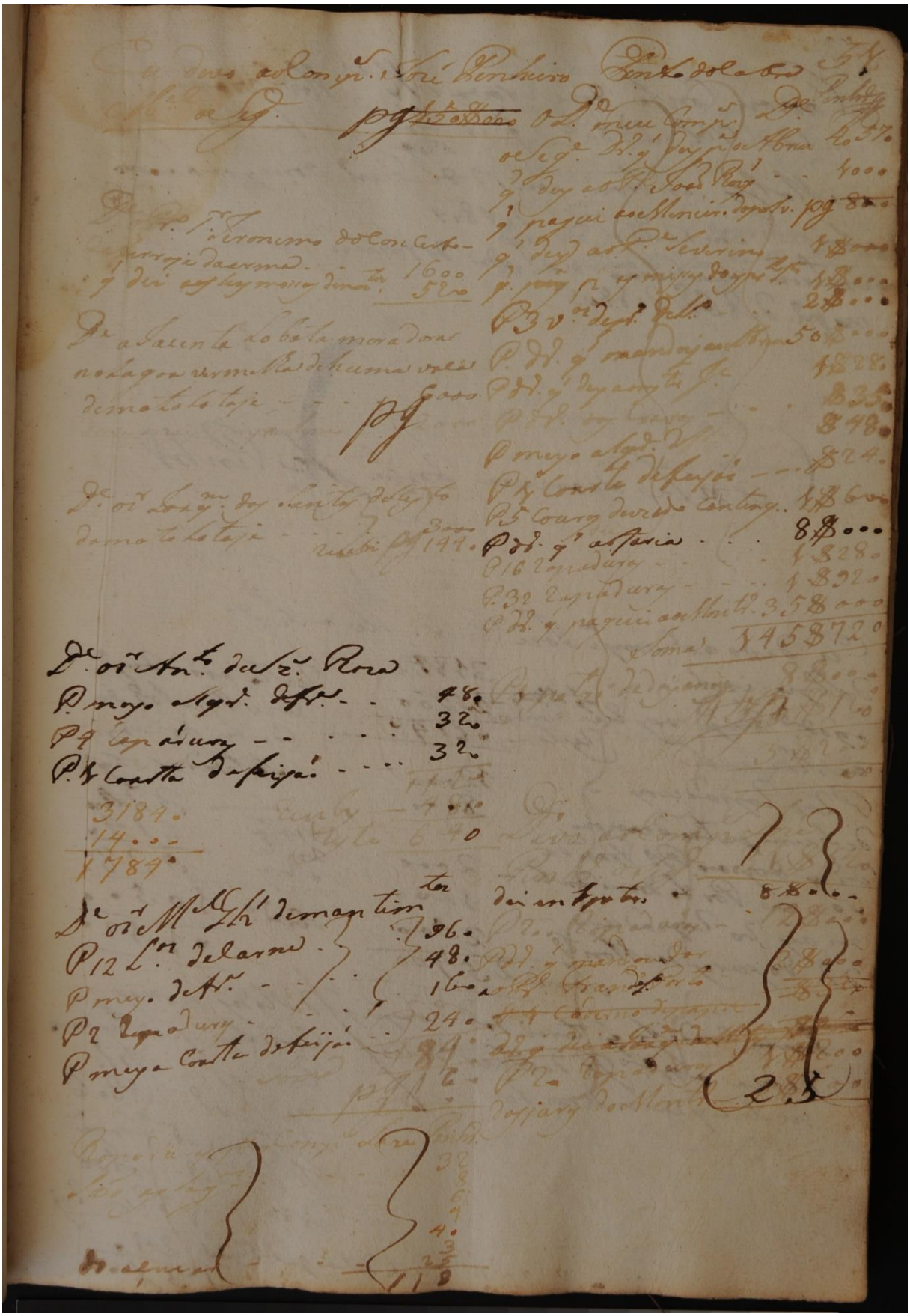
[109] O valor foi alterado.
[110] A sigla <pg >está sobre o número <11>.
[111] Valor rasurado



[p. 50]

	Eu devo ameu afilhado Joze			D*ev*e o comp*adr*e Venceslao	
	Loure*n*ço do mo leque Ruber to		5000	Por com certo [*ilegível*]	
	D*inhei*ro que dey aomano Fran*cis*co		1000	q*ue* mandey concer[ilegível]	[?]320
	d*inhei*ro que dey aomano Joaõ Pinh*ei*ro		21000	P*or* 16 Rapaduras	1280
5		Res to	19000	P*or* 1 couro q*ue*[ilegível]	480
	Dey mais end*inhei*ro		6000	P*or* meyo alq*uei*re defeijao	480
		Res to	13000	P*or* 3 couros deRes	1440
	o d*it*o meu afilhado medeve		11000	P*or* 3 cangalhas ----------	3000
	resto eu salvo erro	p*ago*	2000	Soma	7000
10	estao jus tas estas contas			descontado o q*ue* eu devo	3600
		resta	2$000	resta	3400

Deve de resto do xapeo



[p. 51]

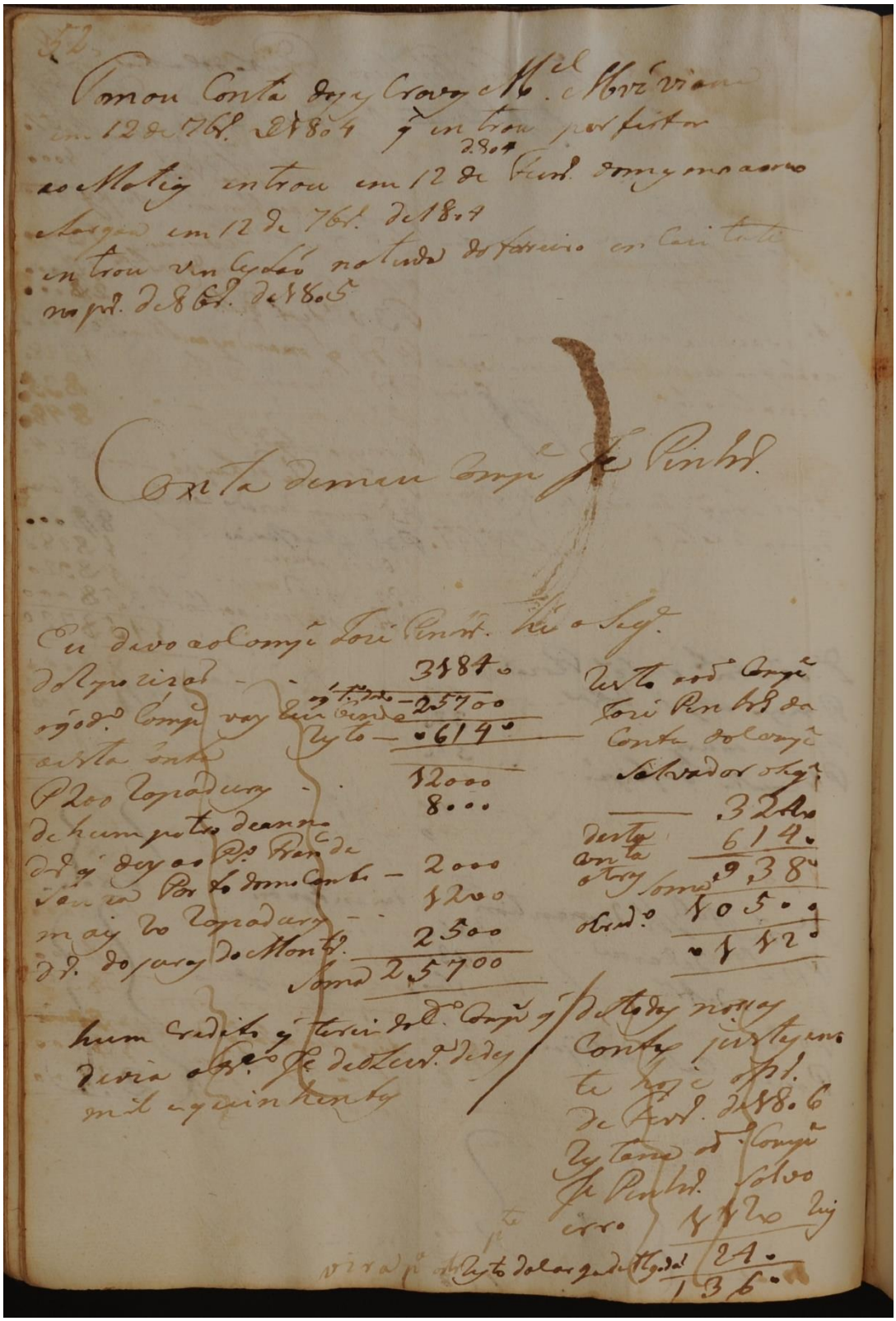
Eu devo aocompadre Jozé Pinheiro Pinto
Manoel oSeguinte ~~pago 150$000~~
Deve oPrimo senhor Jeronimo docon certo-
daferraje daarma — — — 1600
que dei aos seos mossos demantimentos 520
Deve o Jacinta Lo bato mora dora
naLagoa vermelha de huma vaca
demotolo taje - - - 6000
deve mais de inprestimo pago 2000
Deve o senhor Joaquim dos Santos deResto
domoto lo taje - - - - 3000
Recebi pago 1440

Deve o senhor Antonio de Souza Roza
Por meyo alqueire defarinha — 480
Por 4 Rapaduras —— 320
Por 1 coarta defeijaõ —— 320
1120
31840 rece by - 480
14000 resta 640
17840

Deve osenhor Manoel Gonçalves
demantimentos
Por 12 Libras decarne - - - 960
Por meyo defarinha - - - - 480
Por 2 Rapaduras 160
Por mey a coarta defeijaõ 240
Soma 1840$
pago 160
Rapaduras que ocompadre Jozé Pinheiro
saõ as seguintes ——
32
8
6
4
40
3
de açucar 25
118

docabra
oDeve meu compadre Deve
oSeguinte dinheiro que dey para o [inint]
40570
que dey ao Padre Joaõ Rodrigues 1000
que paguei ao [*inint.*] depolvora pago ~~800~~
que dey ao Padre Severino 1$000
que [ilegivel] para as missas do [*inint.*]
1$000
Por 3 varas de pano [*inint.*] — - 2$000
Por dinheiro que mandey ao [*inint.*]
50$000
Por dinheiro que dey ao mes tre Jozé
1$280
Por dinheiro dos cravos— $350
Por meyo alqueire defarinha - $480
Por 1 coarta de feijaõ- $240
Por 5 couros deviado contin[?] .. 1$600
Por dinheiro que [*inint.*] . . . 8$000
Por 16 Rapaduras— 1$289
Por 32 Rapaduras— 1$920
Por dinheiro que paguei ao [*inint.*]
35$000
Soma 145$720
Por 1 potro de dois anos 8$000
pago 153$720
3$200
Devo aocompadre Jozé
Pinheiro oseguinte 31$340
dei en 1 potro 8$

Por 200 Rapaduras 12$000
Por dinheiro que mandou dar 2$000
aoPadre Francisco deSouza Porto $320
~~Por 1 caderno depapel~~
~~dinheiro que dei a Joaquim deMatos~~
[ilegivel]
Por 20 Rapaduras 1$800

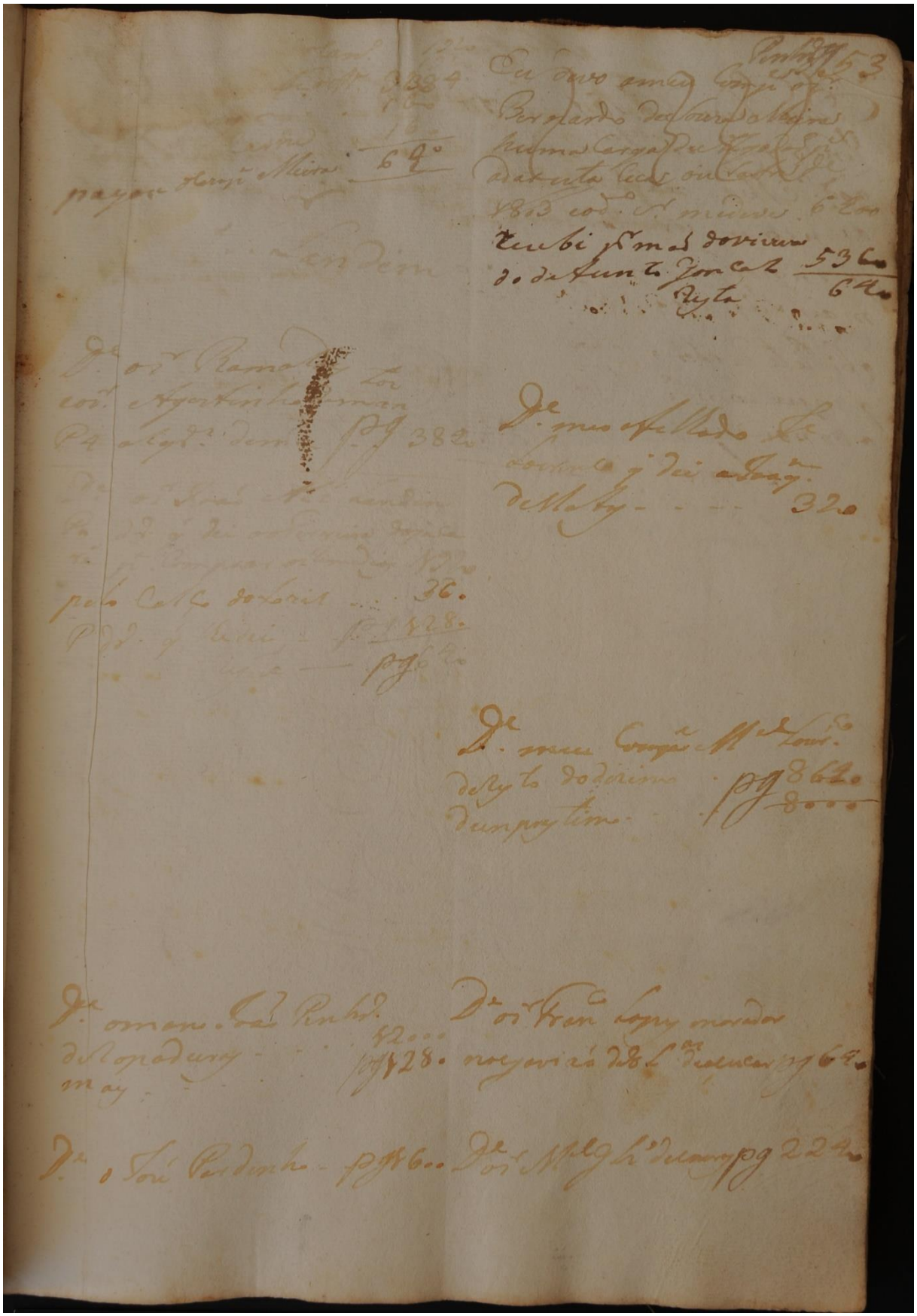


[p.52]

Tomou conta dos es cravos M*ano*el M*artins* viana
em 12 de *setem*bro 1804 q*ue* en trou por feitor
[?]804
eoMatias entrou em 12 de Fev*erei*ro domesmo anno
elargou em 12 de *setem*bro 1804
en trou ven ceslaõ natenda doferreiro en Caitite
no pr*imeir*o de*outu*bro de1805

Conta de meucomp*adr*e Jozé Pinhe*iro*

Eu devo ao comp*adr*e Jozé Pinhe*iro* hé o seg*uint*e
do Repozi são - - - 31840 resto dod*it*ocomp*adr*e
ogado comp*adr*e vay rece bendo <↑o que[*inint.*] dado> -25700 Jozé Pinhe*iro* da
aesta conta resto -06140 conta do comp*adr*e
P*or* 200 Rapaduras - - - 12000 Salvador oseg*uint*e
de hum po tro deanno 8000 - 3240
d*inhei*ro q*ue* dey ao P*rim*o Franc*is*co de desta conta 6140
Souza Por to dam*inh*a conta - 2000 otras soma 9380
mais 20 Rapaduras - - 1200 ocred*it*o 10500
d*inhei*ro do [*inint.*] Mont*ei*ro 2500 01120
Soma 25700
hum credito q*ue* terei dod*it*o comp*adr*e q*ue* detodas nossas
devia o Fr*ancis*co J*ozé* deOli*veir*a dedes contas justas en
mil e quinhentos te hoje op*rimei*ro
de F*evereir*o de 1806
res tame od*it*o comp*adr*e
Jozé Pinhe*iro* salvo
erro 1120 reis
vira p*ar*a outra p*ar* <↑te> resto dacar gadeAlgodaõ 240
1360



[p. 53]

[ilegível] [*inint*.] 1920
[ilegível] 1920
[ilegível] defar*inh*a 3384
[ilegível] 160
[ilegível] decarne 160
pagou o comp*adr*e Meira 640
[ilegível] Lan dim

D*ev*e os*enho*r Romo[ilegível]

e os*enho*r Agostin ho man*timen*tos
P*or* 4 alq*uei*res dem*ilh*o - - - p*ago* 3820
D*ev*e os*enho*r Joaõ Al*ve*s Landin
P*or* dinheiro q*ue* dei aoFerreira [*inint.*]
[*inint.*] para comprar os remedios 1920
pelo cal ço do fozil.... 360
P*or* dinheiro q*ue* lhe dei p*ago* 1280
resta p*ago* 640

D*ev*e omano Joaõ Pinhe*ir*o
deRapaduras - - - - 12000

mais -------- p*ago* 1280

D*ev*e o Jozé Pardinho p*ago* 1600

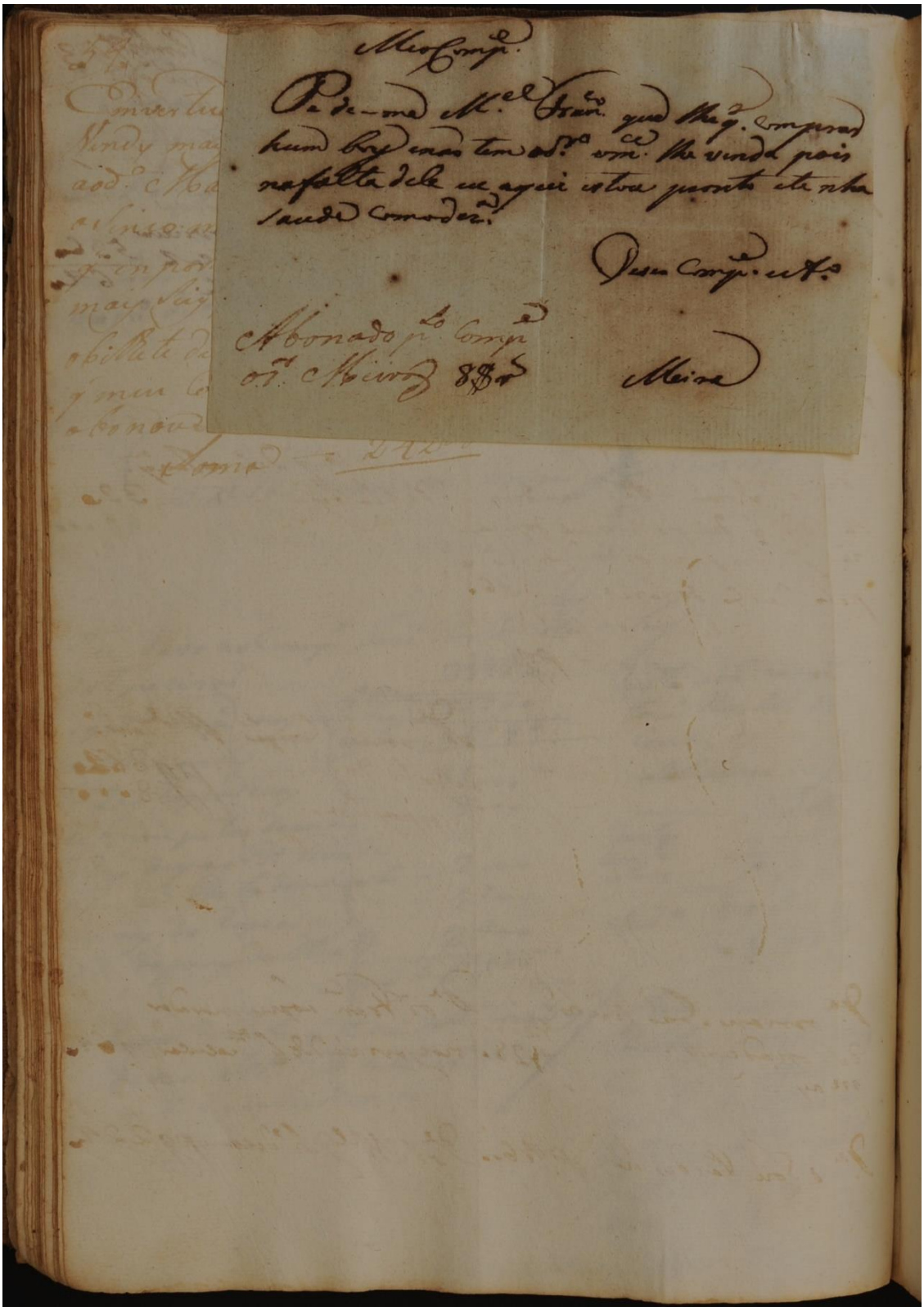
Eu devo ameu comp*adr*e os*enho*r
Bernardo deSouza Meira
huma carga deAlgodaõ p*ar*a
odar esta Ceca ou sobra de
1803 eod*it*o s*enho*r medeve 6400
Recebi p*or* maõ daviuva
do defunto Gon çalo 5360
Resta 640

D*ev*e meo afilhado J*oz*é
Loureco q*ue* dei aJoaq*ui*m
deMatos ---- 320

D*ev*e meu comp*adr*e M*ano*el Loure*n*ço
dores to do disimo p*ago* 8640
deinpres timo ~~8000~~

D*ev*e os*enho*r Fran*cis*co Lopes morador
nogaviaõ de[?] L*ibr*as deaçucar p*ago* 640

D*ev*e os*enho*r M*ano*el G*onçalves* decouros
p*ago* 2240

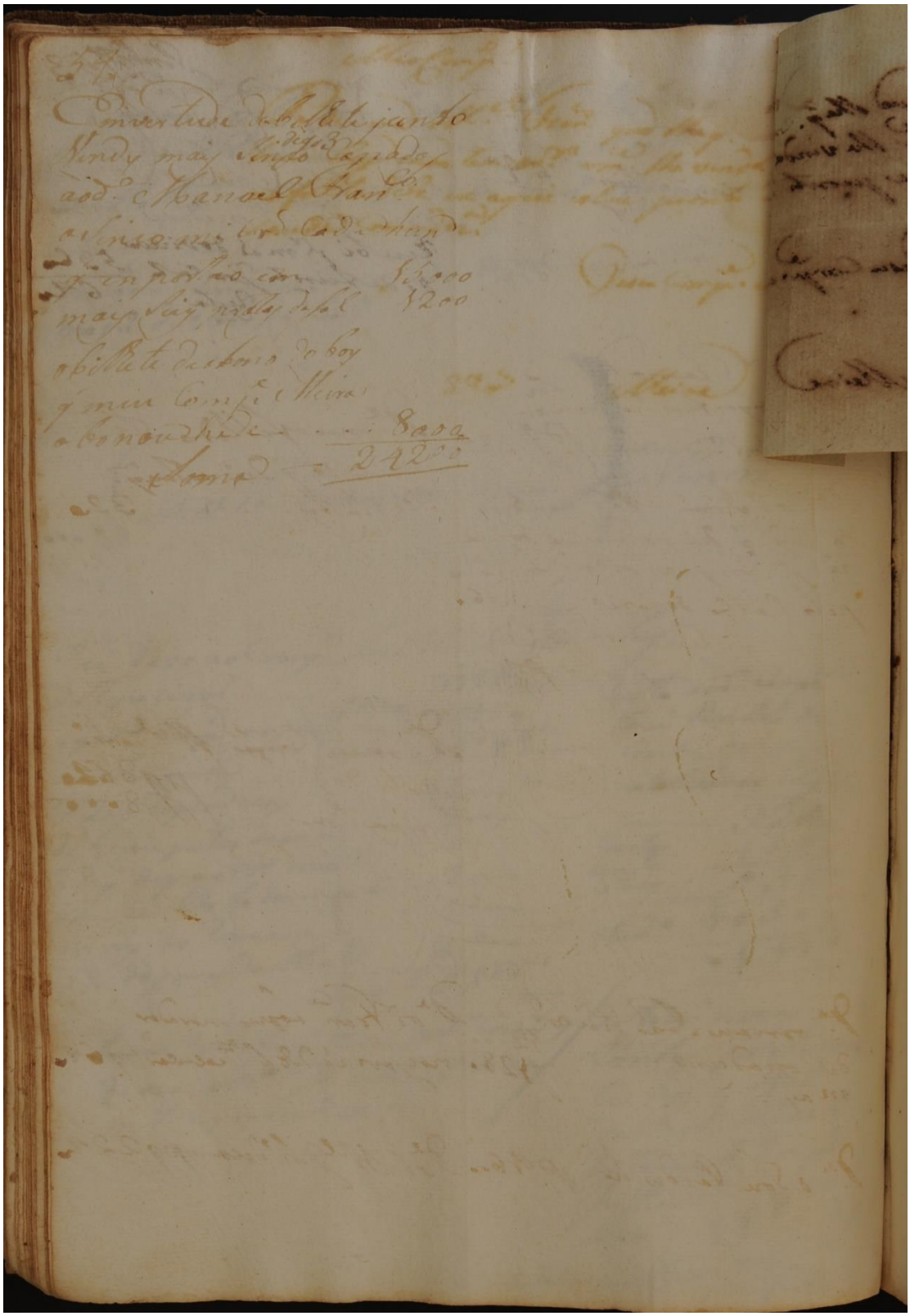


[p. 54] MeoComp*adr*e[112]
Pede-me M*ano*el Franc*is*co que lhe q*uer* comprar
hum boy enão tem od*inhei*ro [*inint*.] lhe venda pois
nafalta dele eu aqui estou pronto ete nho
saudo como[*inint*.]

Deseo Comp*adr*e [*inint*.]

Abonado p*e*lo Comp*adr*e
os*enho*r Meira 8$ r*eis* Meira

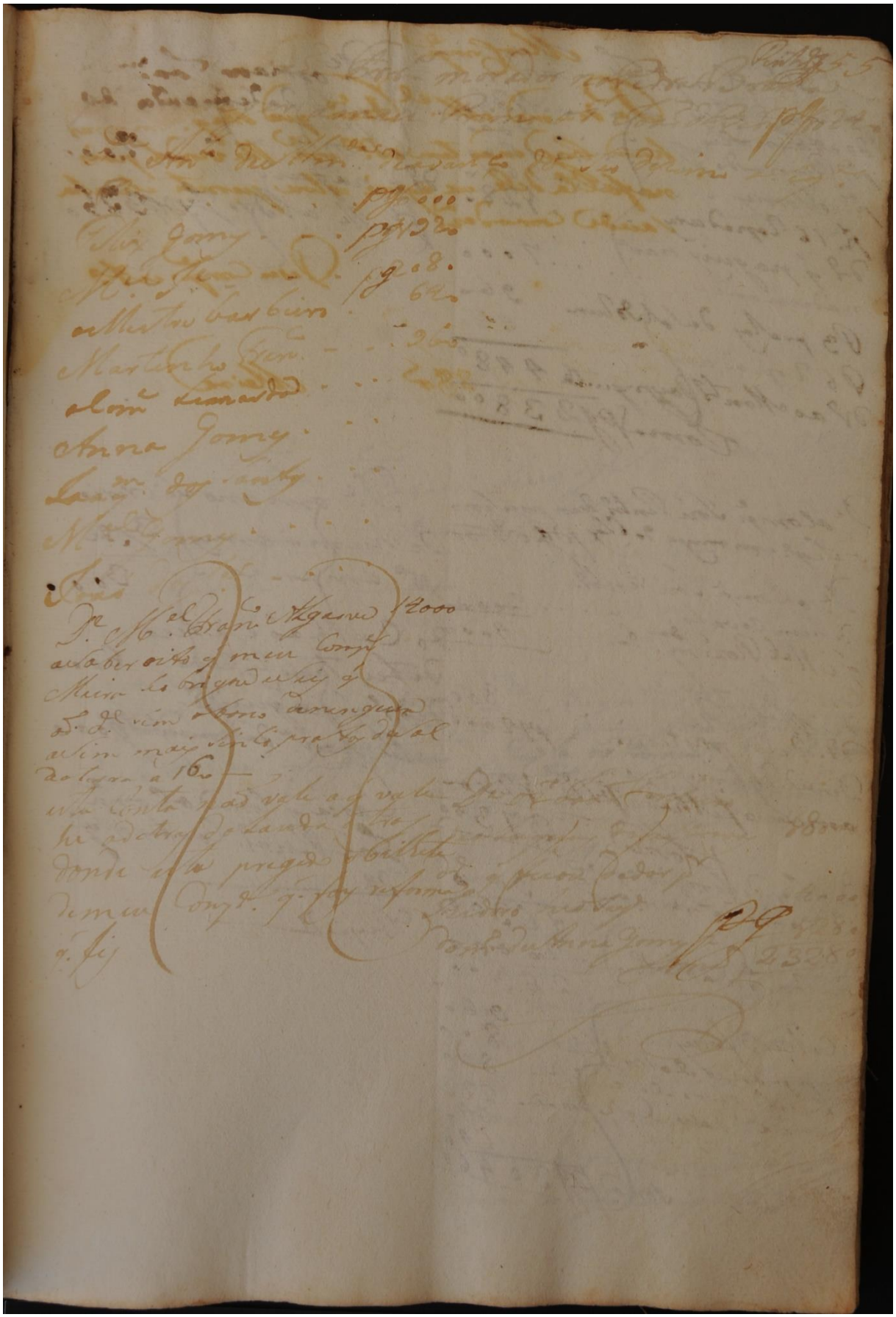
[112] Bilhete escrito pelo compadre Meira fixado na página.



[p. 54][113]

	Em vir tude dobilhe te junto	
	Vendy mais Sinco <↑digo 3> [*inint*.]	
	aod*it*o Manoel Fran*cis*co	
	aSinco mil r*eis* cada hun	
5	q*ue* enpostaõ em	15000
	mais Seis pratos desal	1200
	o bilhe te deabono do boy	
	q*ue* meu comp*ad*re Meira	
	abonou he de - - - -	8000
10	Soma --	24200

[113] Há um bilhete colado junto à página. A tinta utilizada no bilhete mancha a página, dificultando a leitura.

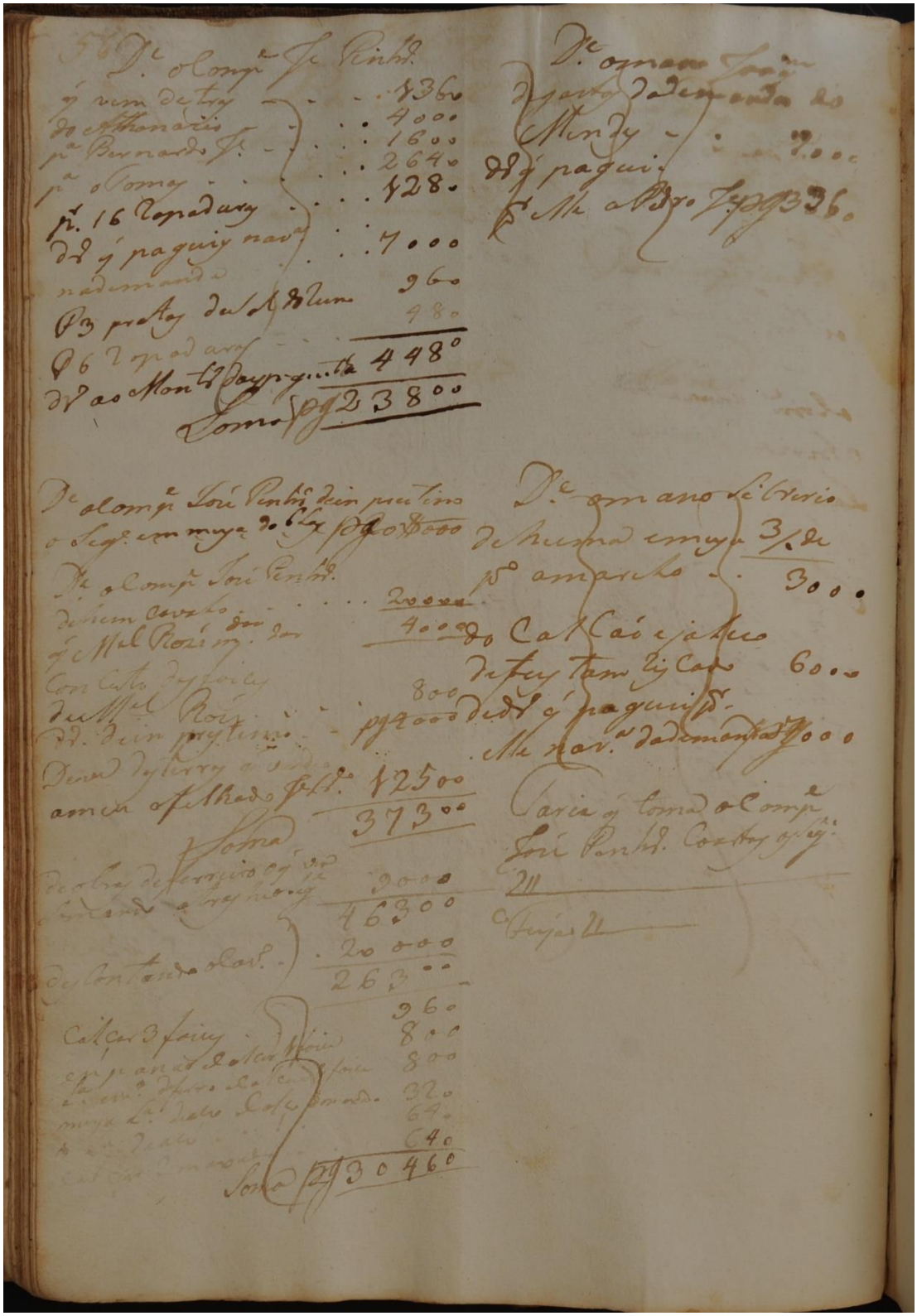


[p. 55]

[ilegível] morador na Pedra Branca[114]
[ilegível]
D*ev*e Antô*nio* deAlm*ei*da deavan ço e o dizimo
[ilegível] p*ago* 6000
Felix Gomes--- p*ago* 1920
M*ano*el Jozé p*ago* 2080
oMestre bar beiro - - 640
Martinho Fran*cis*co - - - 960
acom*adr*e Leonarda... [*inint.*]
Anna Gomes - - -
Joaq*ui*m dos Santos - - -
M*ano*el Gomes - - - -
Joaq*ui*m dos Santos
Deve M*ano*el Fran*cis*co Algarve 1400
aSaber oito q*ue* meu comp*adr*e
Meira seo brigou eSeis q*ue*
od*it*o d*ev*e sem abono deninguen
esim mais sin co pratos desal
da terra a 160 -
esta conta naõ vale a q*ue* vale
he adetras dalauda a tras
donde esta pregado o bilhete
demeu comp*adr*e
q*ue* foi reforma
q*ue* fis

D*ev*e os*enh*or Joaõ [ilegível]
[ilegível] 18000
d*inhei*ro que ficou dedar p*ara*
Izidoro heoseg*uint*e 4000
dom*ilh*o deAnna Gomes p*ago* 1080
Soma 23280

[114] A tinta, nas quatro primeiras linhas, está muito borrada em virtude do bilhete fixado na página anterior, dificultando a leitura.



[p. 56]

Deve ocompadre Jozé Pinheiro
que vem de tras ----- 1360
do Athanazio ----- 4000
para Bernardo Jozé ----- 1600
para o Tomas ---- 2640
por 16 Rapaduras 1280
dinheiro que paguiy novamente
nademanda ----- 7000
Por 3 pratos desal do reino 960
Por 6 Rapaduras 480
dinheiro ao Monteiro dois [*inint.*] 4480
Soma pago 23800

Deve omano Joaquim
degastos dademanda do
Mendes--- - - - 7000[115]
dinheiro que paguei
por elle aPedro Jozé pago 3360

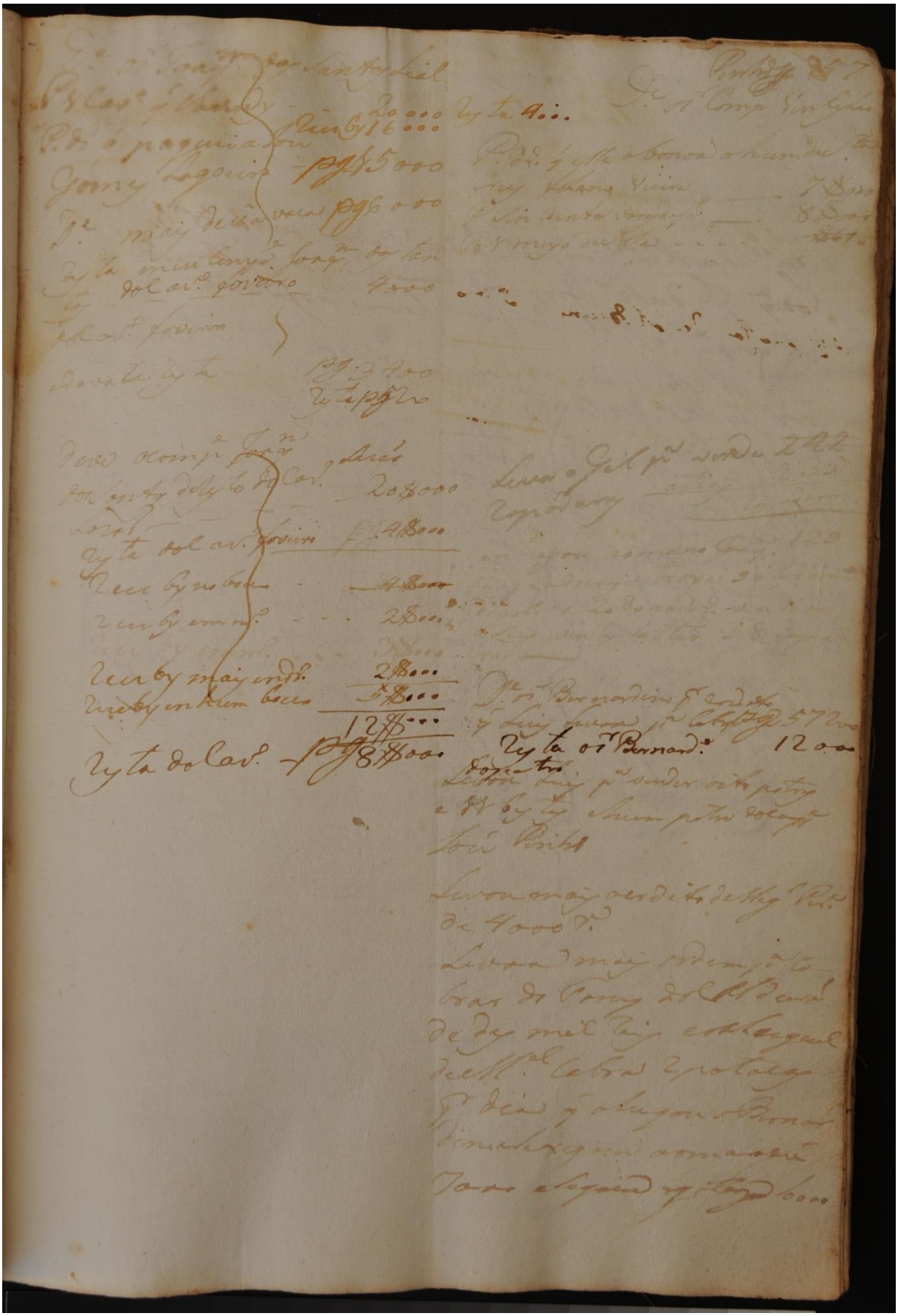
Deve ocompadre Jozé Pinheiro dein prestimo
oseguinte em meya de 6 las pago ~~20$000~~
Deve ocompadre Jozé Pinheiro
dehum cavalo --------- 20000
que Manoel [*inint*.] <↑dos> dos 4000
con certo das foi ces 800
dinheiro dein pres timo --- pago 4000
Deve das terras que vendeo
ameu afilhado Jozé Lourenço 12500
Soma 37300
deobras de ferreiro o que vem
somando atras heoseguinte 9000
46300
descontando o cavalo- - - 20000
26300
calçar 3 foices 960
[*inint.*] ecalçar 1 foice 800
Libra e meya deferro ecalçar 1 foice 800
meya Libra deaço ecalço domaxado 320
1 Libra deaço ------ 640
cal çar 2 maxados 640
Soma pago 30460

Deve omano Si lverio
dehuma emeya 3/ [?] de
pano amarelo ---- 3000

cal çaõ ejaleco defes tam ris cado 6000
dedinheiro que paguei por
elle novamente dademanda pago 7000

F aria que toma ocompadre
Jozé Pinheiro coartas oseguinte
)II
C[?] Feijão)I

[115] Uma questão judicial.



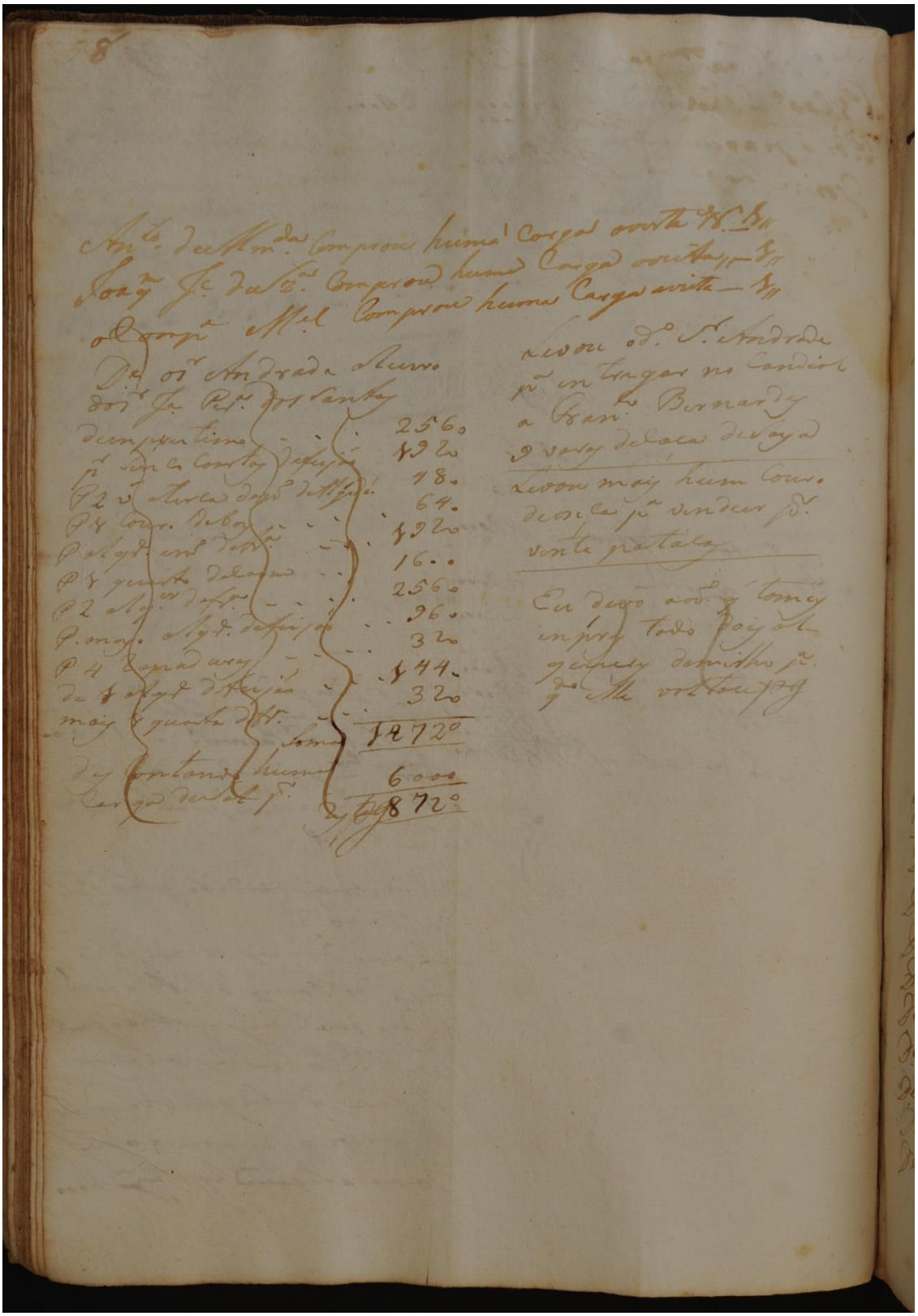
[p. 57]

Deve os*enho*r Joaq*ui*m dos Santos Leal
P*or* 1 cav*al*o q*ue* lhevendy 20000
receby 16000
P*or* d*inhei*ro q*ue* paguei a Jozé
Gomes Lagoeiro pag*o* 15000
Deve mais de [*inint.*] vaca pag*o* 6000
Res ta meu comp*adr*e Joaq*ui*m dos San
tos do cav*al*o foveiro 4000
docav*al*o foveiro
Edava ca Res ta pag*o* 3400
res ta pag*o* 520
devo o comp*adr*e Joaq*ui*m
dosSantos deres to do cav*al*o <↑Lazaõ>
Lasaõ - - - - 20$000
res ta docav*al*o fo<u>veiro pag*o*</u> <u>4$000</u>

Rece by no [*inint.*] ~~4$000~~
Rece by em m*ilh*o 2$000
Rece by em m*ilh*o 3$000
Rece by mais end*inhei*ro <u>2$000</u>
Receby em hum [*inint.*] <u>5$000</u>
<u>12$000</u>
Res ta docav*al*o pag*o* 8$000

Deve os*enho*r comp*adr*e Venceslao
Res ta 4000
P*or* d*inhei*ro q*ue* elle abonoa ahum
de S*an*ta
crus folana Vieira___ 7$000
P*or* sin coenta varas dep*an*o 8$000
P*or* 1 meyo desola - - - - ~~$640~~

Leva o Gil p*ar*a venda ~~242~~
Rapaduras <u>alias 235</u>
<u>Rapaduras</u>
en tregou ao mano Joaq*ui*m 129
Rapaduras etroxe 9 [*inint.*] [*inint.*]
[*inint.*] 20 80 end*inhei*ro ven [*inint.*]
eseis [*inint.*] faltaõ 38 Rapaduras
[*inint.*]_____
Deve os*enho*r Bernardino p*or* credito
q*ue* Luis levou p*ar*a cobrar p*ago* 57200
Res ta os*enho*r Bernard*in*o 12000
dopratro
Levou Luis p*ar*a vender oito potros
e 11 bes tas ehum potro docomp*adr*e
Jozé Pinh*eir*o
Levou mais ocredito de Mi*guel* Pere*ir*a
de 4000 r*eis*
Levou mais ordem p*ar*a co-
brar do Tomas docaldeiraõ
de dez mil reis eoMiguel
deM*ano*el cobrar 2 patacas
p*or* dia q*ue* alugou aBernar
dino [*inint.*] aomaneu
Joao [*inint.*] [*inint.*] 1000



58

Ant.º de Almeida Comprou huma Carga avista 8 — 8

Joaq.m J.e da S.a Comprou huma Carga avista — 8

o Comp.e M.el Comprou huma Carga avista — 8

De o S.r Andrade a Lucro
do S.r J.e Per.a dos Santos

de em prestimo	2560
p.r sinco Cartas de fejão	1920
P 2 v.s a terça de ag.o de Alg.de	48
P 1 Cour. de boy	64
P alg.de em d.ta	1920
P 1 quarto de lavra	160
P 2 alg.es de fr.a	2560
P. mayo alg.de de fejão	96
P 4 Capadures	320
de 1 alg.de de fejão	144
mais 1 quarta de fr.a	320
Soma	1272
Des contando huma Carga de sal p.r	6000
Des	872

Levou o d.o S.r Andrade p.a entregar no Candiol a Fran.co Bernardes 9 varas de laça de saya

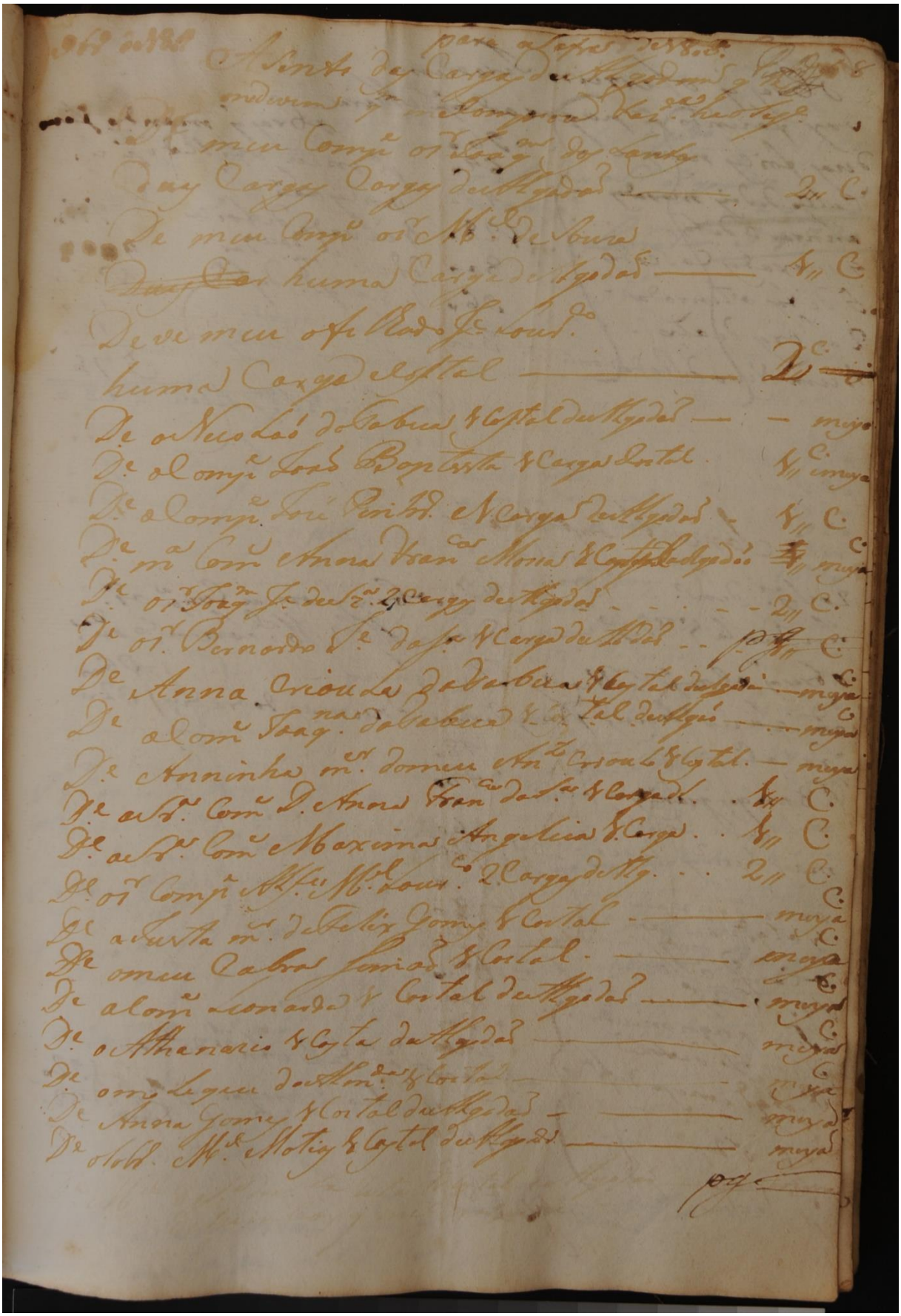
Levou mais hum Couro de onça p.a vendeer p.r vinte patacas

Eu devo a o d.o q tomes em p.ra todo dois alqueires de milho p.a q.do elle voltou p.g

[p. 58]

Anto*nio* deAlm*ei*da comprou huma carga avista [*inint.*] — 1„
Joaq*ui*m J*oz*é deS*ou*za comprou huma carga avista „ — 1„
ocomp*adr*e M*ano*el comprou huma carga avista — 1„

D*ev*e os*enho*r Andrade [*inint.*]		Levou od*inheir*o os*enho*r Andrade
dos*enho*r J*oz*é Per*eir*a dos Santos		p*ar*a en tregar no candial
deinprestimo - - -	2560	a Fran*cis*co Bernardes
p*or* sin co coartas defeijaõ	1920	9 varas decaça de(inint)
P*or* 2 v*ara*s eterca dep*an*o deAlgodaõ	480	Levou mais hum couro
P*or* 1 couro deboy- - -	640	deon ça p*ar*a vender p*or*
P*or* alq*uei*re em*ei*o defar*inh*a - - - -	1920	vinte patacas
P*or* 1 quinto decarne - - -	1600	
P*or* 2 alq*uei*res defar*inh*a - - - -	2560	
P*or* meyo alq*uei*re defeijaõ - - -	960	Eu devo od*inheir*o q*ue* tomey
P*or* 4 rapad uras - - - -	320	inpres tado do is al-
de 1 alq*uei*re defeijaõ - - -	1440	queires demilho p*ar*a
mais 1 quarta defar*inh*a - - - -	320	q*uan*do elle voltou p*ago*
Soma	14720	
des contando huma carga desal p*or*	6000	
res ta p*ago*	8720	



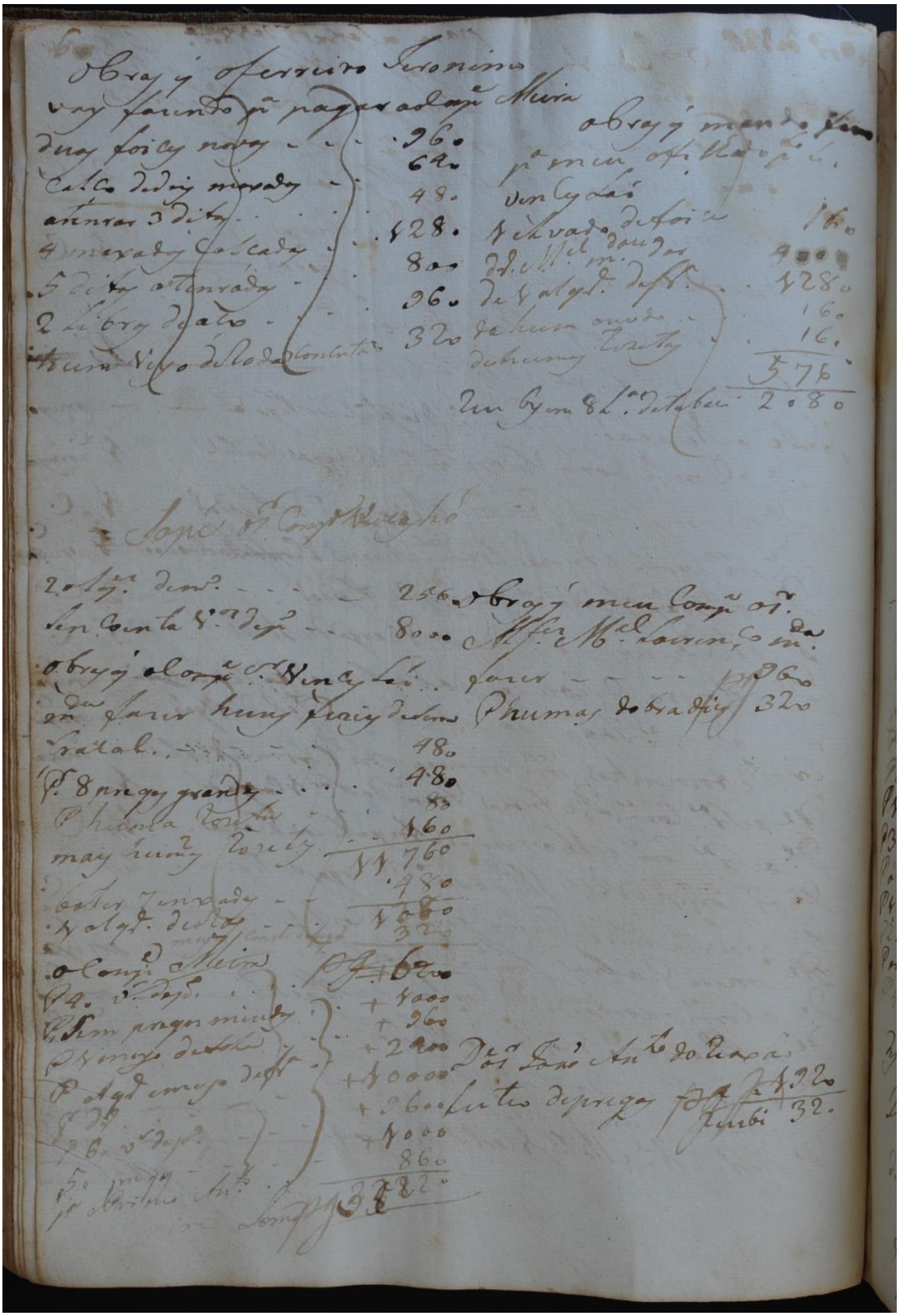
[p. 58][116]

*novem*bro de 1804 para aSafra de1805

A sento das cargas de Algodam q*ue* [*inint.*]
medevem q*ue*m mecomprou [*inint.*] heoseg*uint*e

D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r Joaq*ui*m dos Santos
duas cargas cargas deAlgodaõ _____ 2„ C.
D*ev*e meu comp*adr*e os*enho*r M*ano*el de Souza
[~~Duas car~~] huma carga de Algodaõ _____ 1„ C.
D*ev*e meu afilhado Jozé Lour*en*ço
huma carga ecostal _____ [117]2c. [~~meyo~~]
D*ev*e oNeco Laõ daTabua 1 costal deAlgodaõ_____ _ meyo
D*ev*e ocomp*adr*e Joaõ Baptista 1 carga costal 1c„ emeya
D*ev*e ocomp*adr*e Jozé Pinhe*ir*o 1 carga deAlgodaõ - 1„ C.
D*ev*e m*inh*a com*adr*e Anna Franc*is*ca Mossa 1costalalgodaõ [118]1„ meya c.
D*ev*e os*enho*r Joaq*ui*m J*oz*é deS*ouz*a 2 cargas deAlgodaõ ------ 2„ C.
D*ev*e os*enho*r Bernardo J*oz*é deS*ouz*a 1 carga deAlgodaõ p*ago* 1„ C.
D*ev*e Anna crioula daTabua 1 cos tal deAlgodaõ _____ meya c.
D*ev*e acom*adr*e Joaq*ui*na daTabua 1 cos tal deAlgodaõ_____ meya c.
D*ev*e Anninha m*ulhe*r domeu Ant*oni*o criou lo 1 cos tal _____ meya
D*ev*e aS*enho*ra com*adr*e D*ona* Anna Francisca deS*ouz*a 1 cargade 1„ C.
D*ev*e aS*enho*ra com*adr*e Maxima Angelica 1 carga . . . . 1„ C.
D*ev*e os*enho*r comp*adr*e Alf*e*res M*ano*el Lour*en*co 2 cargas de Algodaõ 2„ C.
D*ev*e aJusta m*ulh*er deFelix Gomis 1 costal _____ meya c.
D*ev*e omeu cabra Semiaõ 1 costal _____ meya c.
D*ev*e acom*adr*e Leonarda 1 Costal deAlgodaõ _____ meya c.
D*ev*e o Athanozio 1 Cos tal deAlgodaõ _____ meya c.
D*ev*e Anna Gomes 1 Cos tal deAlgodaõ _____ meya
D*ev*e o sob*rinh*o M*ano*el Matias 1 Costal deAlgodaõ _____ meya
D*ev*e M*ano*el [*inint.*] deS*an*ta Rita [*inint.*] cos tal deAlgodaõ p*ago* [*inint.*]
de hum boy q*ue* [*inint.*] [*inint.*]

[116] A numeração está repetida e pula para a página 60.
[117] O valor foi alterado.
[118] O valor está riscado.



[p. 60]

obras q*ue* oferreiro Jeronimo
vay fazendo p*ar*a pagar aocom*padr*e Meira
duas foi ces novas - - - - - 960
cal ço dedois maxados - - 640
atenrar 3 ditos - - - - 480
4 maxados cal çados - - - 1280
5 ditos atenrados - - - 800
2 Libras de aço - - - - 960
hum veyo deRoda concertado 320

obras q*ue* mando fazer
para meu afilhado p*e*lo [*inint.*]
Vem ces Laõ
1 elevado defoice 160
dinheiro M*ano*el m*an*dou dar 4000
de 1 alq*uei*re defar*inh*a - - 1280
de hum ma*xa*do - - - 160
dehumas Rosetas - - 160
5760
rece by em 8 L*ibr*as detabaco 2080

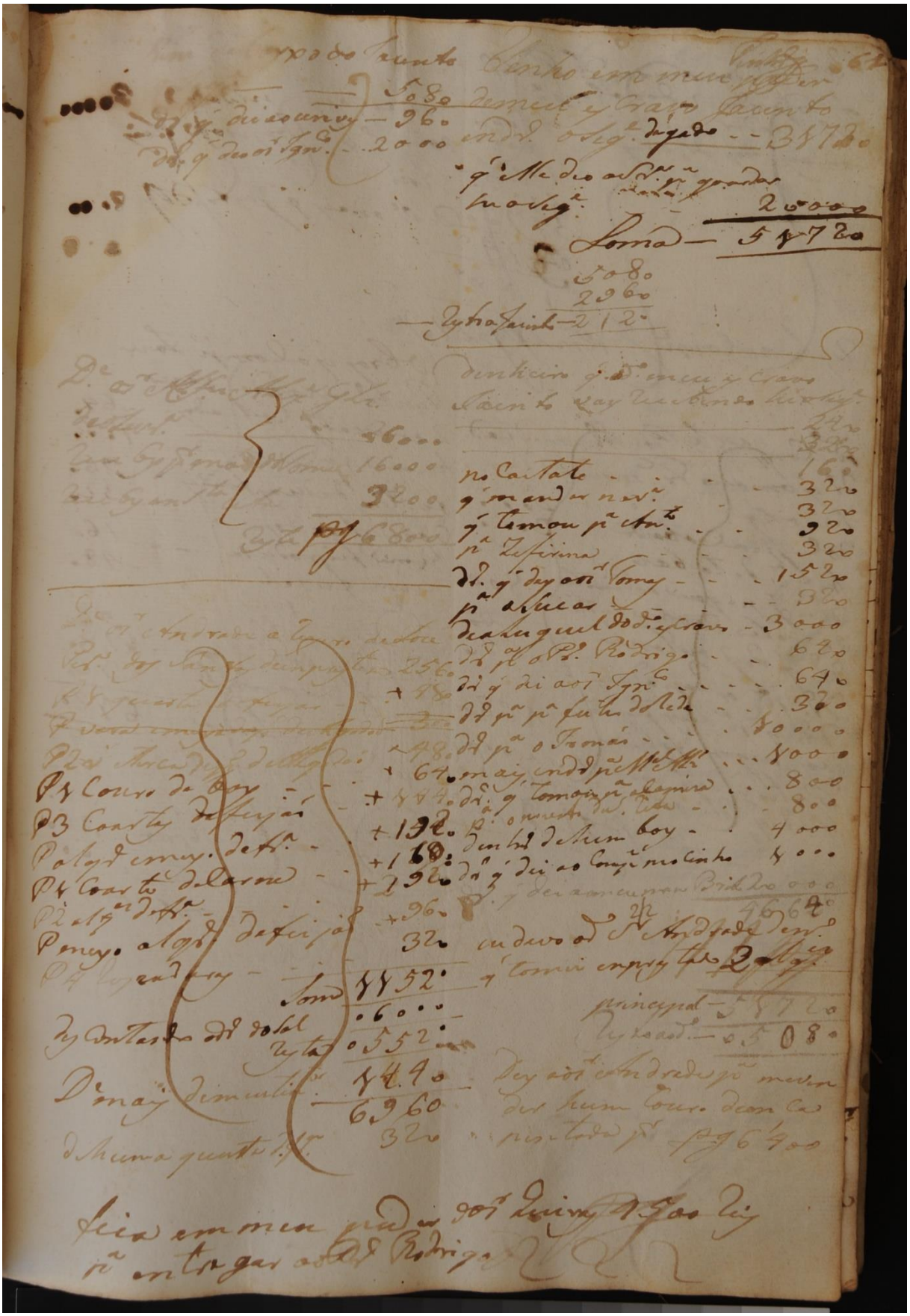
Sapé os*enho*r comp*adr*e Venceslaõ

2 alq*ueir*es dem*ilh*o - - - - 2560
sen coenta v*ar*as dep*an*o - - 8000
obras q*ue* o comp*adr*e os*enho*r Vences laõ
m*an*da faser huns fusis deSerra
bracal - - - - - - 480
P*or* 8 pre gos grandes 480
P*or* hum a roseta . . . 80
mais humas<↑2> ro zetas - - 160
11760
bater 7 enxadas - - 480
1 alq*uei*re dearos 1000[119]
meya coarta defeijaõ 320
ocomp*adr*e Meira p*ago*
P*or* 40 v*ar*as dep*an*o . . . .
+620[120]
P*or* Sem pregos miúdos . . . +1000
P*or* 1 meyo desola . . . +960
P*or* alq*uei*re emeyo defar*inh*a +2400
por d*inhei*ro - - - - +10000
P*or* 6 v*ar*as dep*an*o +9600
50 pre gos - - - - - - +1000
p*ar*a oPrimo Ant*oni*o . . . 860
[ilegível] Soma p*ago* 32220[121]

obras q*ue* meu comp*adr*e os*enho*r
Alf*er*es M*ano*el Lour*en*co m*an*da
fazer - - - - p*ago* 960
P*or* humas do bradiças 320

D*eve* os*enho*r Joaõ Ant*oni*o da Roxa
feitio depregos p*ago* 1920
recebi 320

[119] O valor está rasurado.
[120] Valor está rasurado.
[121] Valor rasurado



[p. 61]

Vem debayxo do Jacinto
oseg*uinte* __ __ 5080
d*inhei*ro q*ue* dei ao[*inint.*] __ 960
d*inhei*ro q*ue* deo os*enho*r Ign*aci*o 2000

D*eve* os*enho*r Alfe*r*es
deoLiveira _____ 26000

rece by p*o*r maõ doTomas 16000
rece by en S*ant*a Rita 3200[122]
res ta p*ago* 6800

D*eve* os*enho*r Andrade o [*inint.*] deJozé
Pere*ir*a dos San tos deinprestimo 2560
P*or* 1 quarta de feijaõ - - - +480
~~P*or* vara e meya deAlgodaõ~~ ~~300~~
P*or* 2 [inint] de p*an*o de Algodaõ +480
P*or* 1 couro de boy - - - +640
P*or* 3 coartas defeijaõ - - +1440
P*or* alq*uei*re emeyo defar*inh*a - - - - +1920[123]

P*or* 1 coarta decarne - - - +1680[124]

P*or* 2 alq*uei*res defar*inh*a +1960[125]

P*or* meyo alq*uei*re defeijaõ +960

P*or* 4 Rapaduras - - - - 320
Soma 11520
des contar do d*inhei*ro do sal 06000
resta 05520
D*eve* mais demantim*en*to 1440
6960
dehuma quarta defar*inh*a 320

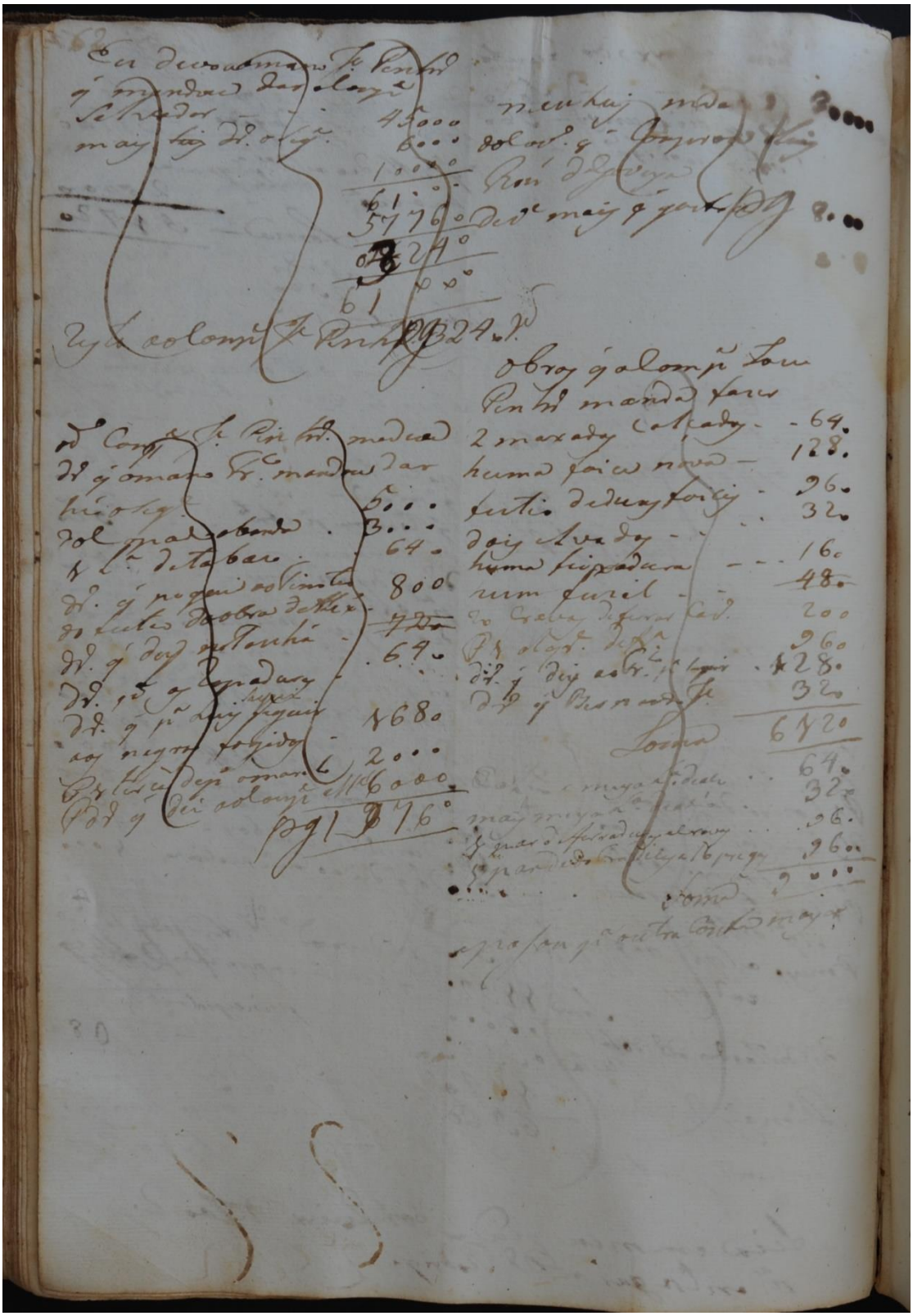
Tenho em meu puder
demeu es cravo Jacinto
end*inhei*ro oseg*uinte* do gado - - 31720
q*ue* elle deo aSenhora p*ar*a goardar
he oseg*uinte*: 20000
Soma 51720
5080
2960
Resta Jacinto 2120
dinheiro q*ue* od*it*o meu es cravo
Jacin to vay recebendo he oseg*uinte*
_____ 240
_____ 320
160
no Cait[?]te - - - - 320
q*ue* mandou nova*mente* - - - 320
q*ue* tomou p*ar*a Antônio - - - 320
p*ar*a Zeferina - - - - 320
d*inhei*ro que dey aos*enho*r Tomas 1520
p*ar*a a Sucar - - - - 320
dealuguel do d*it*o escravo - 3000
d*inhei*ro p*ar*a oPr*imo* Rodrigo - - - 680
d*inhei*ro q*ue* dei aos*enho*r Ign*aci*o 640
d*inhei*ro p*ar*a p*ar*a fei tio darede 320
d*inhei*ro p*ar*a o Irmaõ - - - - 10000
mais end*inhei*ro p*ar*a M*ano*el Al*ve*s 1000
d*inhei*ro q*ue* tomou p*ar*a acamisa - - 800
p*ar*a [*inint.*] - - - - - - - - - 800

din h*ei*ro dehum boy - - 4000

d*inhei*ro q*ue* dei ao comp*adr*e mo cinho 1000
d*inhei*ro q*ue* dei aomeu mano Brito 20000
46640
eu devo o d*it*o s*enho*r Andrade dem*ilh*o
q*ue* tomei enpres tado 2 alq*ueires*[126]
principal - 51720
resta ao [*inint.*] - 05080
Dey aos*enho*r Andrade p*ar*a meven
der hum couro deon ça
pintada p*or* p*ago* 6400

fica em meu puder dos*enho*r Quiros 4500 reis
p*ar*a entregar aoPr*imo* Rodrigo p*ago*

[122] Valor rasurado.
[123] Valor alterado.
[124] Valor alterado.
[125] Valor alterado.
[126] O valor está rasurado, e a sigla <pg> está sobre a anotação.



[p. 62]

Eu devo aomano J*oz*é Pinh*ei*ro
q*ue* mandou dar ocompa*dr*e
Salvador - - - - 45000
6000
10000
61000
57000
03240[127]

61000
Res to aocompa*dr*e J*oz*é Pinh*ei*ro 3240[128]

od*it*o compa*dr*e J*oz*é Pin h*ei*ro medeo
d*inhei*ro q*ue* omano Fr*ancis*co mandou dar
he oseg*uint*e 5000
do[*inint.*] 3000
1 L*ibr*a detaboa 640
d*inhei*ro q*ue* pa guei ao Timoteo 800
do feitio daobra deAlex*andr*e
d*inhei*ro q*ue* dey no[?]onhá ~~72~~[?]~~0~~
d*inhei*ro por as Rapaduras 640
d*inhei*ro q*ue* par*a* Luis seguir

aos negros fogidos 1680
P*or* 1 ter ço dep*an*o amarelo 2000
P*or* d*inhei*ro q*ue* dei aocompa*dr*e M*ano*el 6000
p*ago* 19[129]76
0

meu Luis med*ev*e 30000
docav*al*o q*ue* comprou Luis
Ro*drigue*s deGoveya

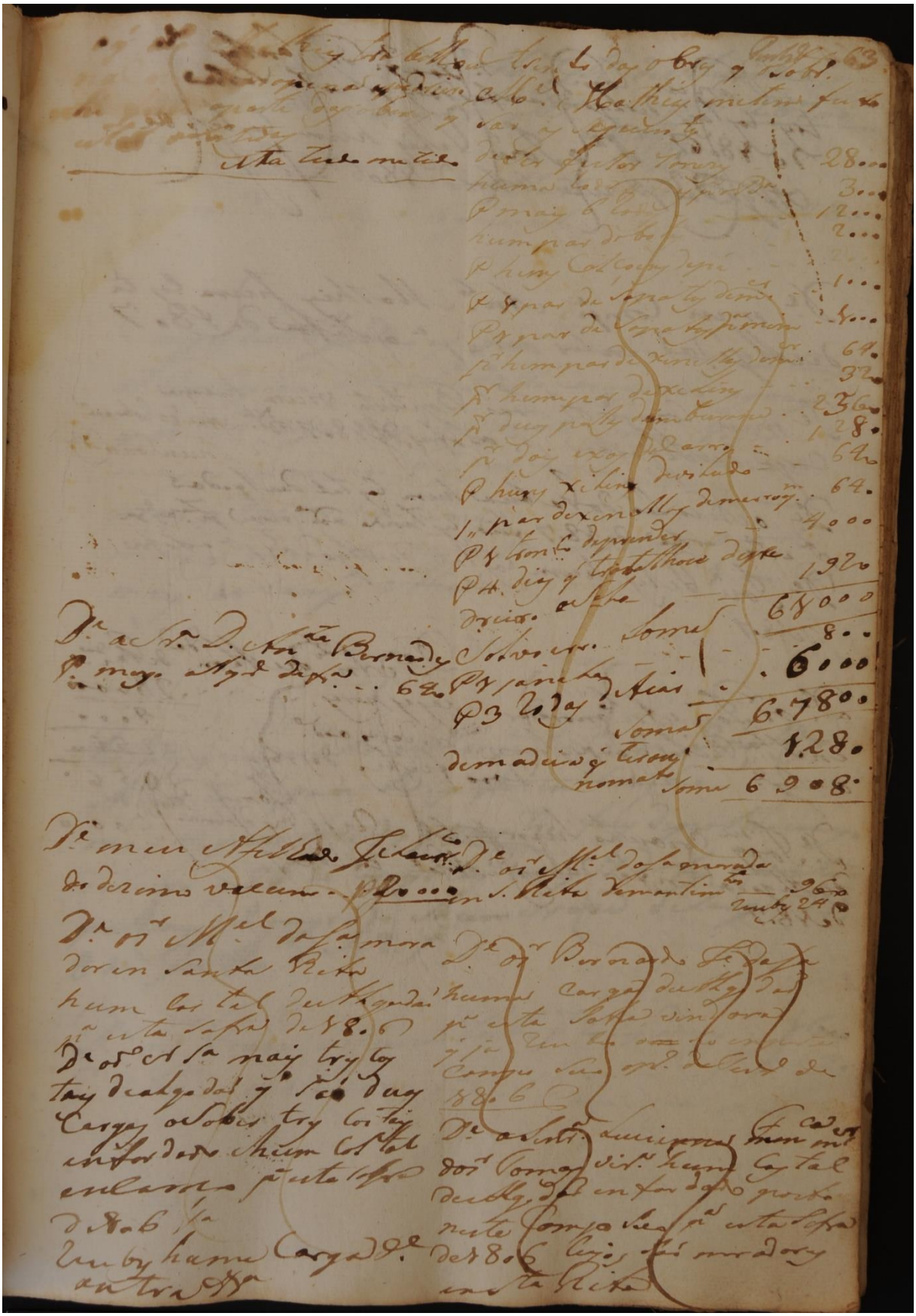
deve mais q*ue* gasto p*ago* 8000

obras q*ue* ocompa*dr*e Jozé
Pinheiro m anda fazer
2 maxados cal çados - - - - 640
huma foi ce nova - 1280
feitio deduas foi ces - 960
dois [*inint.*] - - - 320

huma feixadura - - - - 160
hum fuzil - ~~480~~
20 cravos de ferrar cav*al*o 200
P*or* 1 alq*uei*re de far*inh*a 960
d*inhei*ro q*ue* dey ao Fr*ancis*co
par*a* [*inint.*] 1280
d*inhei*ro q*ue* Ber n ado Jozé 320
Soma 6120
calço e meya L*ibr*a deaço- - - 640
mais meya L*ibr*a de deaço- - 320

1 par deferraduras ecravos- 960
1 par dedo bradicas e 16 960
pregos
Soma 9000
epasou p*ar*a outra conta mayor

[127] Há uma correção no valor da conta.
[128]Há sobre o valor a abreviação <pg>.
[129] O algarismo anterior era <6>.



[p. 63]

o q*ue* od*it*o Mathias trabalhou
[ilegível] [*inint.*] [*inint*]dreiro
he [ilegível] aparte das obras q*ue*
estaõ [*inint.*]
esta tudo anotado

D*ev*e a S*enho*ra D*ona* Ant*oni*a Bernardes
p*or* meyo alq*uei*re defar*inh*a -- 640

D*ev*e meu Afihado Jozé Lour*en*ço
do dizimo vacum --- p*ago* 2000

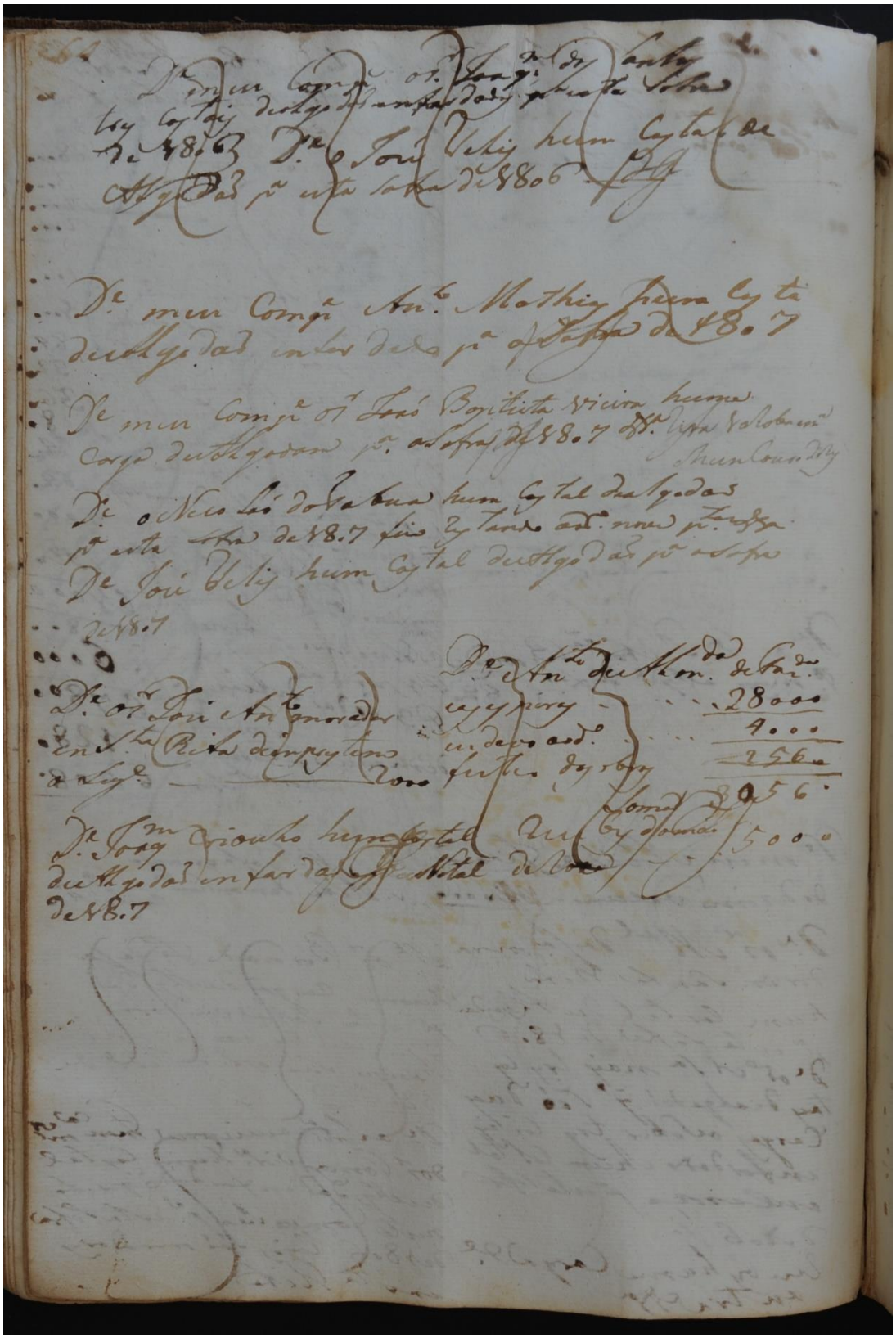
D*ev*e os*enho*r M*ano*el da S*ilv*a mora
dor em Santa Rita
hum cos tal deAlgodaõ
p*ar*a esta safra de 1806
D*ev*e od*it*o s*enho*r so mais tres cos
tais dealgodaõ q*ue* saõ duas
cargas asaber tres cos tais
enfardado hum costal
encaroço p*ar*a esta safra
de806
Rece by huma carga de
outra [*inint.*]

Asen to das obras q*ue* osob*rinh*o
M*ano*el Mathias metem feito
saõ as seguin tes
deSer feitor 7 meses 28000
huma ro da q*ue* tras p*ar*a a B*arr*a 3000
P*or* mais 6 rodas - - - - 12000
hum par debotas - - - 2000
P*or* huns cal çoens depa*no* - - - - 2000
P*or* 1 par de sapatos de m*ulh*er - - 1000
P*or* 1 par de sapatos p*ar*a mim - - 1000
Por hum par de xinellos de m*ulh*er 640
p*or* hum par dexelins - - - 320
p*or* duas portas de imburana - - 2360
p*or* dois exos decarro - - 1280
P*or* huns xelins deviludo - - 640
1ª par dexinellos demarroq*ui*m 640
P*or* 1 tronco deprender - - 4000
P*or* 4 dias q*ue* trabalhou depe
dreiro oSelo 1920
Salvo erro Soma 61000
P*or* 1 janela - - - - 800
P*or* 3 ro das de fiar - - 6000
Soma 67800
demadeira q*ue* tirou 1280
nomato Soma 69080

D*ev*e os*enho*r M*ano*el da S*ilv*a morado
S*anta* Rita demantim*en*tos ____ 960
Receby 240

D*ev*e os*enho*r Bernardo J*oz*é da S*ilv*a
huma carga deAlgo daõ
p*ar*a esta safra vindora
q*ue* já rece beo

1806
D*ev*e aSen*ho*ra Lucianna Fran*cis*ca m*ulh*er
dos*enho*r Tomas Vie*i*ra hum cos tal
deAlgodaõ en far dado posto
neste Campo Seco p*ar*a esta Safra
de 1806 cujos são moradores
enS*an*ta Rita



[p. 64]

Deve meu compadre osenhor Joaquim dos Santos[130]
tres cos tais dealgodaõ enfar dados para esta safra
de 1806

Deve o Jozé Relis hum cos tal de
Algodaõ para esta safra de 1806 pago

Deve meu compadre Antonio Mathias hum cos ta
deAlgodaõ enfar dado para asafra de 1807

Deve meu compadre osenhor Joaõ Baptista Vieira huma
carga deAlgodam para aSafra de 1807 [*inint.*] rista 1 aRoba minha
hunCouro deRes

Deve o Nico laõ daTabua hum cos tal dealgodaõ
para esta Safra de 1807 fico Res tando aodito nove patacas

Deve Jozé Felis hum cos tal deAlgodaõ para esta safra
de 1807

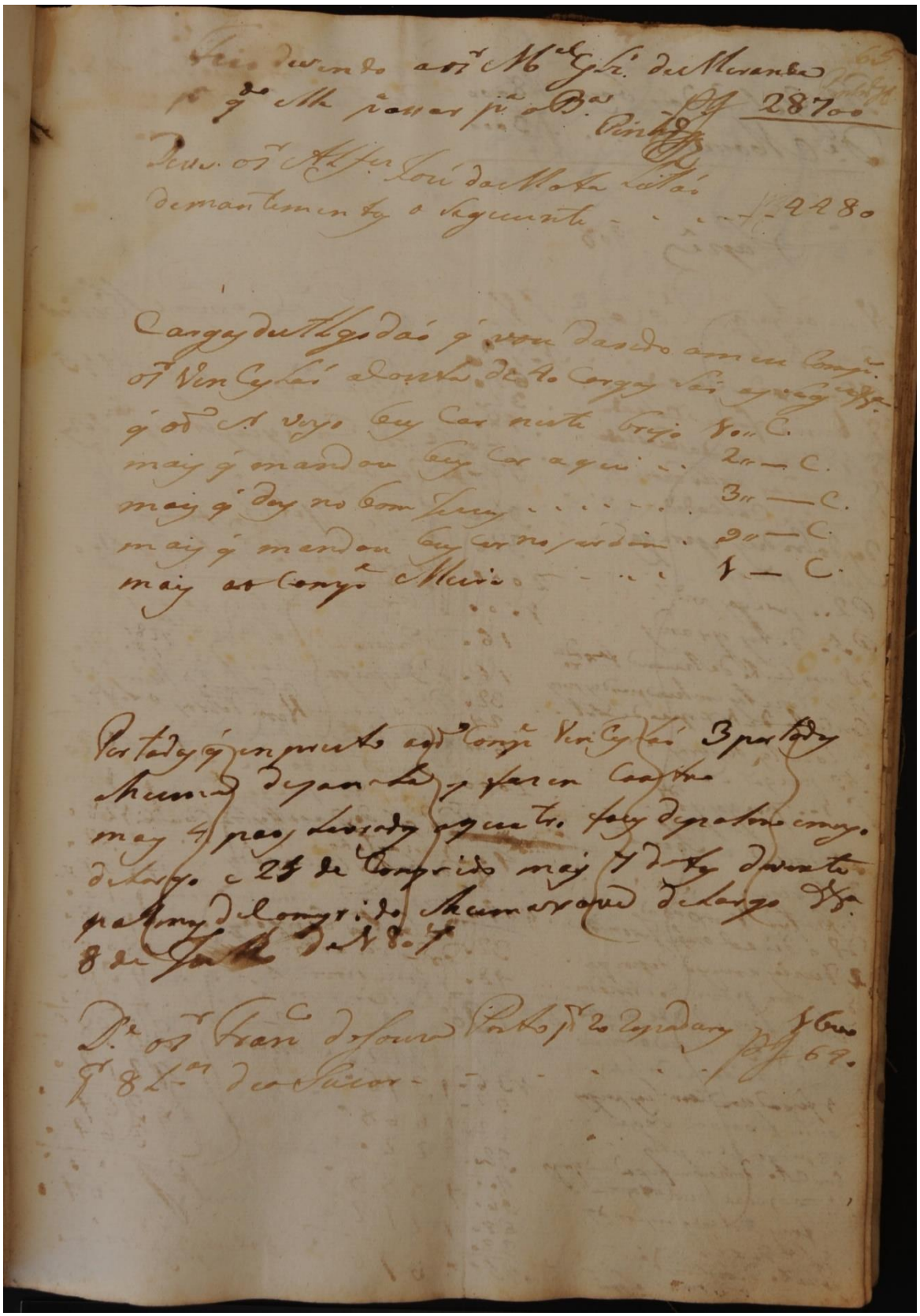
Deve osenhor Jozé Antonio morador
enSanta Rita deinprestimo
oseguinte _____2000

Deve Joaquim crioulo hun costal
deAlgodaõ enfar dado para o Natal
de 1807

Deve Antonio deAlmeida de Fardos
eas esperas - - - - - - 28000
eu devo aodito - - - - 4000
feitio das obras 2560
Soma 30[131]560

Rece by da mão
doRoxa - - - - 5000

[130] Há linhas onduladas na horizontal sobre as informações entre as linhas <1 e 5>.
[131] Valor alterado.



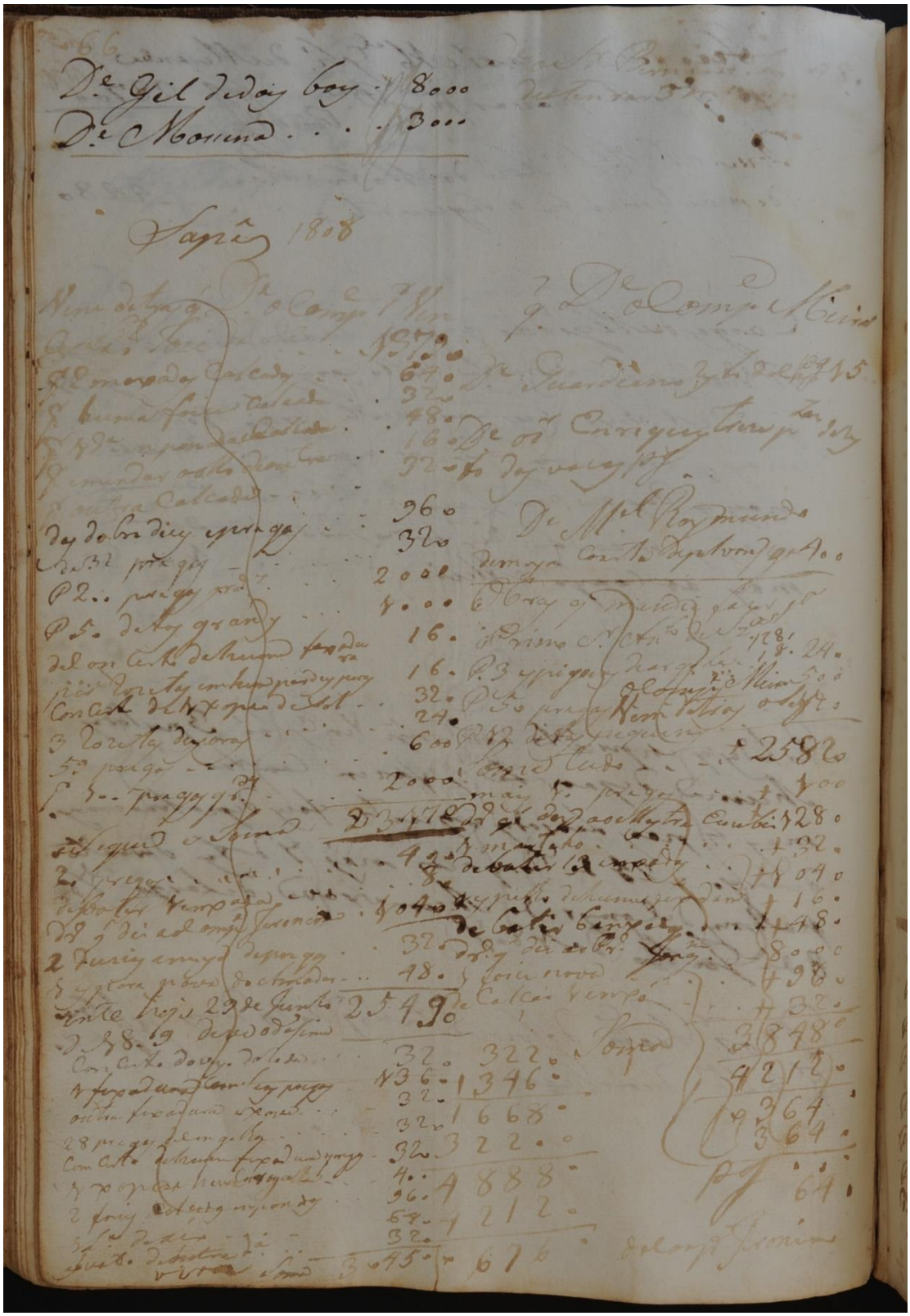
[p. 65]

Fico devendo aos*enho*r Manoel G*onçalve*s de Miranda
p*ar*a q*uan*do elle passar p*ela* [*inint*.] - pag*o* 28700
Pinh*ei*ro
D*eve* os*enho*r Alfer*es* Jozé daMotaLeitaõ
deman tim en tos o seguinte - - - - - - pag*o* 4480

Cargas deAlgodaõ q*ue* vou dando ameu comp*adr*e
os*enho*r Ven ceslaõ aconta de 40 cargas saõ os seg*uintes* [*inint.*]
q*ue* od*it*o s*enho*r veyo bus car neste brejo 10" C.
mais q*ue* mandou bus car aqui - - - 2" __ C.
mais q*ue* dei no bom Jesus - - - - - - - 3" __ C.
mais q*ue* mandou bus car no jardim - 9" __ C.
mais aocomp*adr*e Meira - - - - 1" __ C.

Por toras q*ue* en presto aod*it*o comp*adr*e Ven ceslaõ 3 por todas
huma de[inint.] q*ue* fazen coa tro
mais 4 paos Levrados equatro [*inint*.] de [*inint*.] emeyo
delargo e 21 de comprido mais 7 [*inint*.]
[*inint*.] de comprido hum [*inint*.] delargo
8 de Julho de1807

D*eve* os*enho*r Franc*is*co deSouza Porto p*or* 20 Rapaduras 1600
p*or* 8 L*ibr*as deaSucar - - - - - - - - pag*o* 640

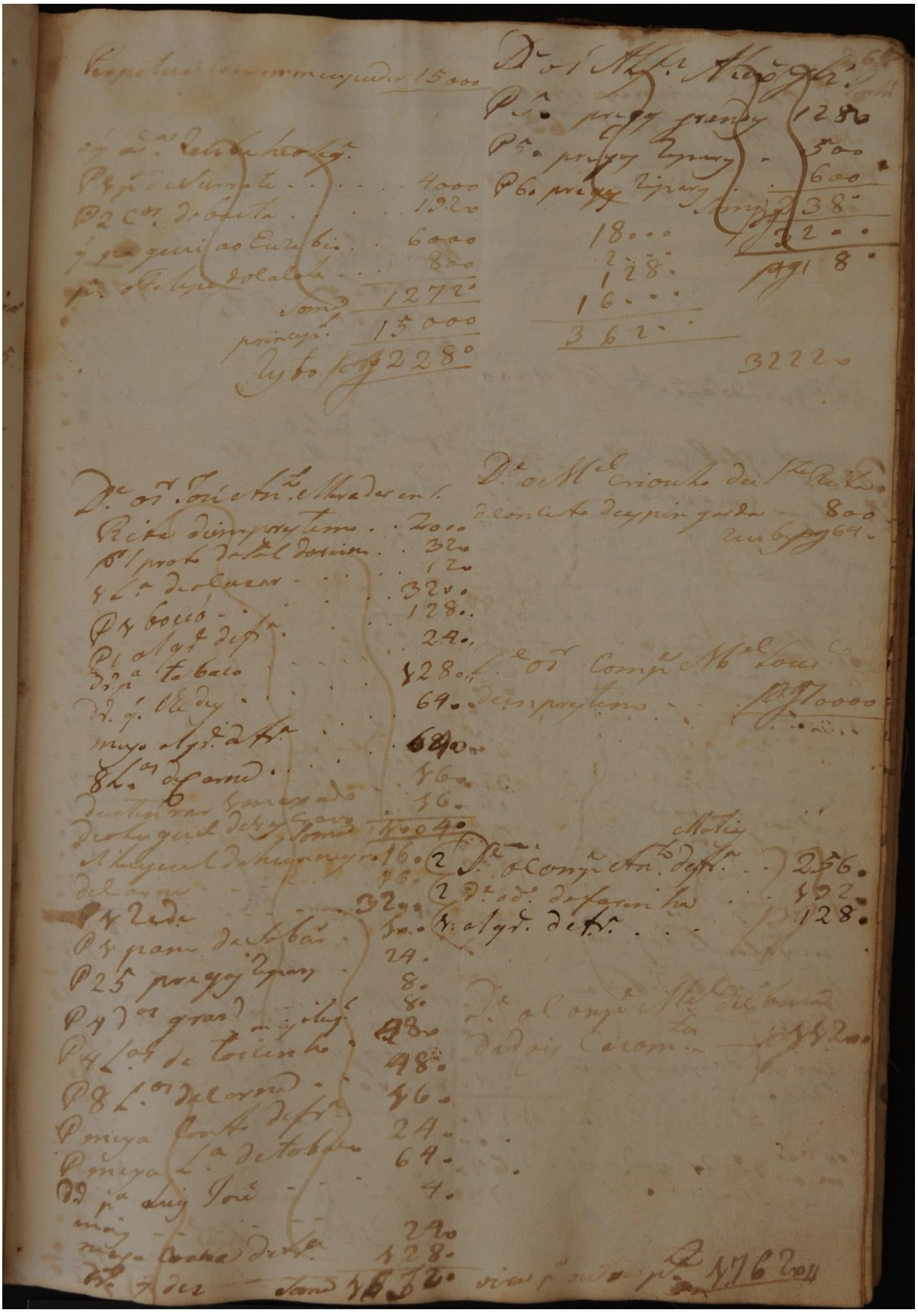


[p. 66]

				q*ue* D*ev*e o*Senho*r Bernardo Jozé 480
	D*ev*e Gil dedois bois	p*ago*	8000	detenrar 3 enxadas
	D*ev*e Masseno. .	p*ago*	3000	

Sapês 1808

5	Vem detras q*ue* D*ev*e ocomp*adr*e Ven			q*ue* D*ev*e ocomp*adr*e Meira
	ces laõ Jozé da [ilegível]		13790	
	p*or* 2 maxados cal cados . . .		640	D*ev*e Guardeano Resto doca*val*o p*ago*1500
	p*or* huma foice cal cada . . .		320	
	p*or* 1 [*inint.*] enpanadacalcada . .		480	
10	p*or* emendar oolho deoutra . .		160	D*ev*e os*enho*r Enriquy treze pat*ac*as deRes
	p*or* outra calcada		320	to das vacas p*ago*
	das dobra diças eprego . .		960	D*ev*e M*ano*el Raymundo demeya coarta
	de32 pre gos - -		320	demeya coarta depolvora p*ago* 400
	P*or* 200 pregos gr*an*des . . .		2000	———————————————
15	P*or* 50 ditos grandes . . .		1000	Obras que mandei fazer p*ar*a
	decon certo dehuma ferradu		160	oPrimo os*enho*r Anto*ni*o de S*ouz*a
	ra			1280
				180
	por rozetas em hum pardeesp poras		160	P*or* 3 es pi goens deargolas 240
				ocomp*adr*e Meira 500
	Con certo de 1 xapeo d esol . .		320	P*or* 50 pregos Vem detras oseguinte 80
	3 Ro zetas deesporas		240	
20	59 pregos		600	P*or* 12 ditos pequenos ———————
				Soma tudo - - - - 25820
	p*or* 100 pregos gr*an*des , , , ,		2000	mais 10 pregos - - - +100
	segue a Soma		23170	d*inhei*ro q*ue* dey ao Mestre Euzebio +1280
	20 pregos.		400	1 martelo . . . . . +320
				de bater 13 enxadas . . . . +1040
	debater 1 enxada		80	
25	d*inhei*ro q*ue* dei aocomp*adr*e Jeronimo		1040	[.] espelho dehuma [*inint*] + 160
				de bater 6 enxadas - - - + 480
	2 duzias emeya depregos . . .		320	d*inhei*ro q*ue* dei ao Primo Joaq*ui*m 8000
	1 es pora nova do Amador . . .		480	1 foi ce nova . . . . +960
	vinte tres e 29 de Junho		25490	de calçar 1 enx*ad*a . . . . +320
	de 1809 devo desimo			
	con certo do veyo daroda		320	3220 Soma 38480
30	1 fexadura com seos pregos		1360	13460 42120
	outra fechadura exave		320	——— ———
	28 pregos de emgelha		320	16680 93640
	con certo dehuma fechadura epregos		320	32200 3640
	1 xapa e huma cangalha- - - -		400	———
35	2 foices cal çadas empanados . .		960	48880 p*ago* [.]000
	1L*ibr*a deaço - - - -		640	
	[*inint.*] deoutra L*ibr*a . . .		320	42120 640
	[ilegível] Soma		30450	06760 docomp*adr*e Jeronimo



[p. 67]

Perpetua tem em meu puder 1500

o q*ue* [*inint.*] Recebe heoseg*uint*e
P*or* 1 p*an*o deSurrate 4000
P*or* 2 co*vad*os de baeta 1920
q*ue* paguei ao Euzebio 6000
para o Felipe do cacole 800
Soma 12720
principal 15000
Res to p*ago* 02280

D*ev*e os*enho*r Jozé Anto*ni*o Morador en*Santa* Rita deimprestimo .. 2000
p*or* 1 prato desal doreino . . 320
1 L*ibr*a de açucar 120
P*or* 1 baceo 3200
P*or* 1 alq*uei*re de fa*rinh*a. 1280
d*inhei*ro p*ar*a tabaco 240
d*inhei*ro q*ue* lhe dey 1280
meyo alq*uei*re de fa*rinh*a 640
8 L*ibr*as decarne . . . . . 640[132]
deatenrar 1 maxado . . 160
dealuguel de1 es cravo 160
Soma 10040

A luguel dehun negro 160

decarne 160
P*or* 1 rede 3200
P*or* 1 [*inint.*] desabaõ 100
P*or* 25 pregos ripas 240
P*or* 4 d*it*os grandes 80
[*inint.*] oseg*uint*e 80
P*or* 4 L*ibr*as de tos cinho .. 480[133]
P*or 8* L*ibr*as decarne . . 480
P*or* meya coarto de fa*rinh*a 160
P*or* meya 4 L*ibr*a detabaco 240
d*inhei*ro p*ar*a Luis Jozé 640
mais 40
meya coarta de f*arinh*a 240
d*inhei*ro q*ue* des 1280
Soma 16720[134]

D*ev*e os*enho*r Alfe*r*es Alex*andr*e G*onçalv*es
P*or* 50 pregos grandes 1280
P*or* 50 pregos reparos 500
P*or* 60 pregos riparos 600
Soma p*ago* 2380
3200
18000 p*ago*1180
2000
1280
16000
36200
32220

D*ev*e oM*ano*el crioulo de*San*ta Rita doconcerto deespingarda 800
Rece by p*ago* 640

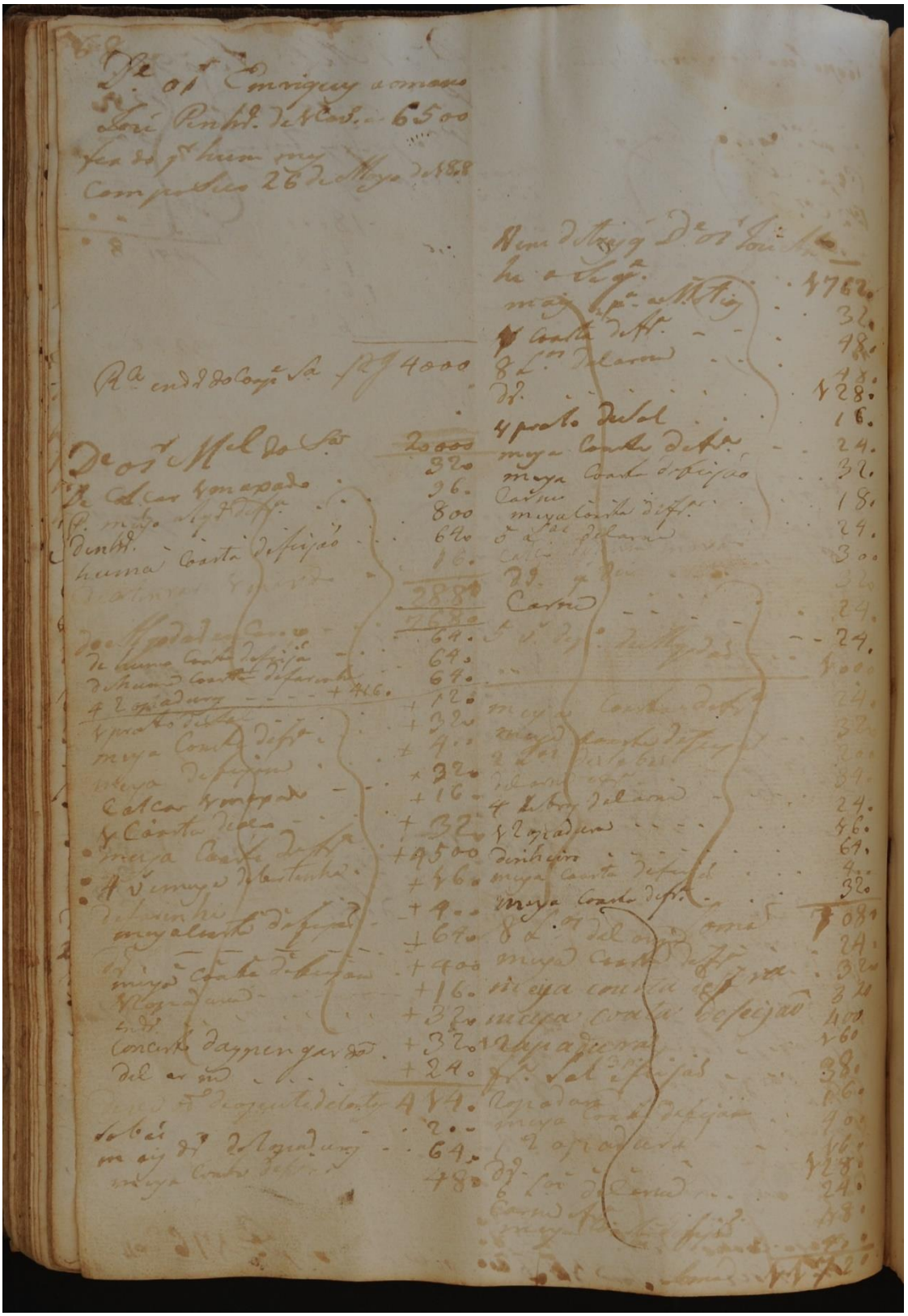
D*ev*e os*enho*r comp*adr*e M*ano*el Loure*n*ço deimprestimo - - - pago 70000

Mathias
2D*ev*e o comp*adr*e Antônio de fa*rinh*a.. 2560
2d*ev*e od*it*o de farin ha 1920
1 alq*uei*re de fa*rinh*a p*ago* 1280

D*ev*e ocomp*adr*e M*ano*el deSouza dedois cazam*en*tos p*ago* 11200

vira para outra pag*ina* 17620

[132] Valor rasurado.
[133] Valor rasurado.
[134] Valor rasurado.



[p. 68][135]

Deve os*enho*r Emriques eomano
Jozé Pinhe*i*ro de1 cav*al*o 6500
fea do p*o*r hum mes
cam poSeco 26 de Mayo de 1808

R*ecebi* end*inhei*ro docompadre S*ouz*a 4000

D*eve* os*enho*r M*ano*el deS*ouz*a 2000
De cal çar 1 maxado 320
P*or* meyo alq*uei*re defar*inh*a 960

dinhe*i*ro 800
huma coarta defeijaõ 640
deatenrar 1 maxado 160
2880

deAlgodaõ em caroço 7680
dehuma coarta defeijão 640
huma coarta defarinha 640
4 Rapaduras - - - - +4160 640
1 prato deSal - - - - +120
meya coarta defar*inh*a . . . . +320
meya defeijam . . . . . +400
cal ça 1 maxado . . . . . +320
1 coarta de aço . . . . . +160
meya coarta defar*inh*a . . . . +320
4 v*ar*a emeya debertanha - - +4500
defar*inh*a +160
mey acoarta defeijaõ - - +400

dinhe*i*ro - - - - - - +640
meya coarta defeijaõ - - +400
1Rapadura - - - - - - - +160
endinhe*i*ro - - - - - - - +320
concerto daespingarda +320
dec ar vaõ - - - - - +240

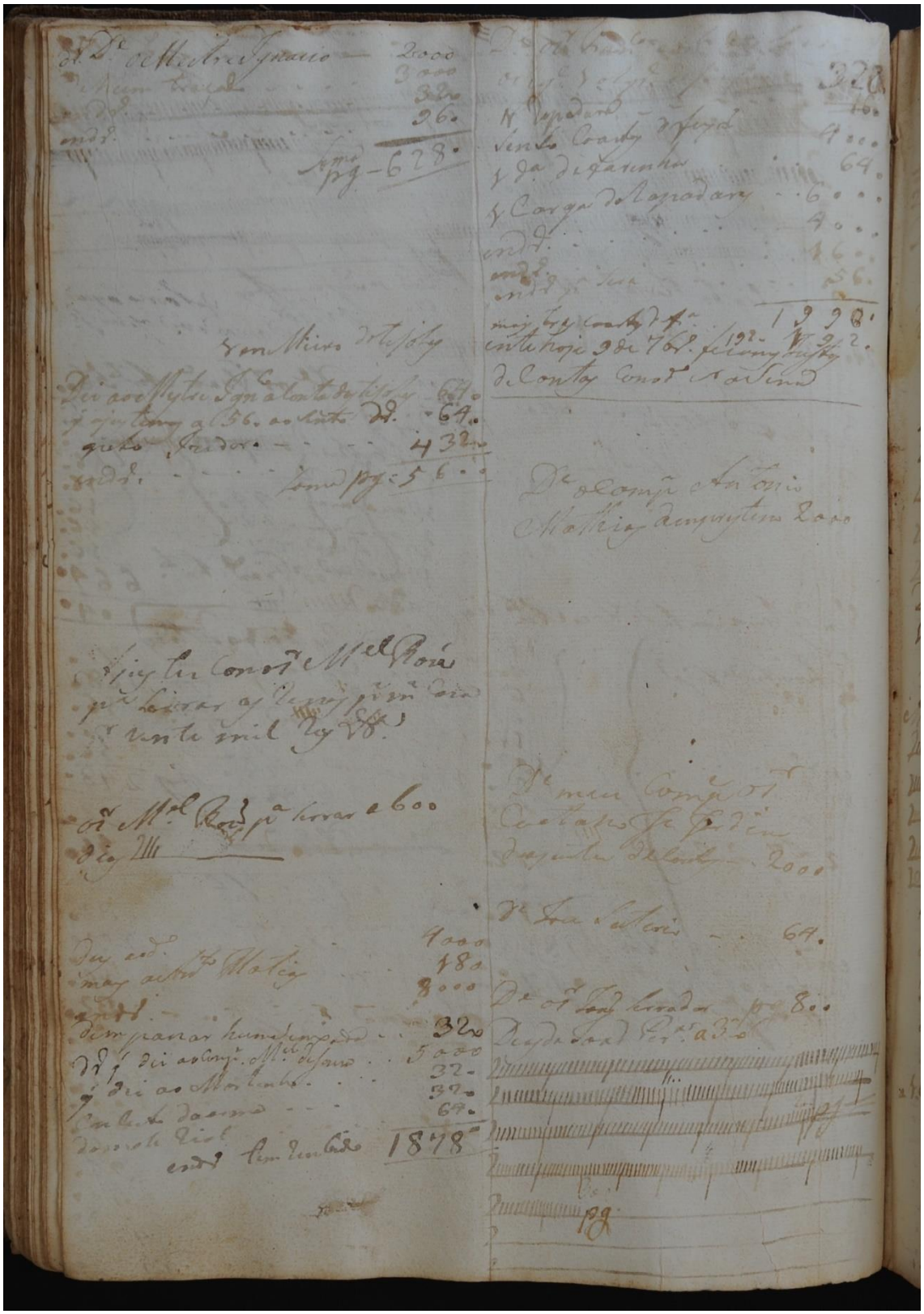
deve odinhe*i*ro deajuste decontas 4140
Sabaõ - - 200
m ais dinhe*i*ro deRapaduras - - 640
meya coarta de[*inint.*] 480

Vem detras q*ue* d*eve* os*enho*r Jozé Anto*ni*o
he oseg*uint*e - - - - 17620
mais p*ar*a Matias - - 320
1 coarta defar*inh*a 480
8 L*ibr*as decarne 480
dinhe*i*ro - - - - - - - 1280
1 prato desal 160
meya coarta defar*inh*a 240
meya coarta defeijaõ 320
carne
meya coarta defar*inh*a 180
5 L*ibr*as decarne 240
calço dehum maxado 300
dinhe*i*ro q*ue* dei 320
carne - - - - - - - 240
5 v*ar*a dep*an*o deAlgodaõ - - - 1000

mey a coarta defar*inh*a 240
meya coarta defeijaõ . . . 320
2 L*ibr*as desabaõ 200
decarne e far*inh*a 340
4 Libras decarne 240
1 Rapadura 160
dinheiro - -- - - - - - - - 640
meya coarta defeijaõ 400
meya coarta defar*inh*a 320
Soma [.]080[136]

8 L*ibr*as decarne 240
meya coarta defar*inh*a 320
meya coarta defar*inh*a 320
meya coarta defeijaõ 400
1 Rapadura 160
far*inh*a Sal 3^{p} feijaõ 380
Rapadura 160
meya coarta defeijaõ . . . 400
Rapadura 160
d*inhei*ro 1280
6 L*ibr*as decarne 240
carne far*inh*a 180
meya coarta defeijaõ 400
Soma 11720

[135] A numeração pula para a p. 70.
[136] O valor está rasurado



[p. 70][137]

d*inhei*ro Deve o Mestre Ignacio - 2000
hum traçado - - - - 3000
d*inhei*ro - - - - - - - - - 320
en d*inhei*ro - - - - - - - - - 960
soma
pa*go* - 6280

1 milleiro detijolos

Dei aoMestre Ign*aci*o aconta dos tijolos 640
q*ue* ajus tamos a 560 ao sento d*inhei*ro 640
pelo Izidoro - - - - 4320
end*inhei*ro - - - - - - - - -
Soma p*ago* 5600

Ajustei com os*enho*r M*ano*el Rod*rigue*s
p*ara* Levar as Ripas p*ara* minha Caza
a vinte mil Reis

os*enho*r M*ano*el Rod*rigue*s p*ara* serrar a 600
dias)III

dey aod*it*o - - - - - - - - 4000
mais aAnto*ni*o Matias . . . 180
end*inhei*ro - - - - - - - - - 8000
dein panar huma enxada . - - 320
d*inhei*ro q*ue* dei ao comp*adr*e M*ano*el deSouza 5000
q*ue* dei ao Martinho 320
com certo daarma 320
[*inint.*] rial 640
end*inhei*ro tem Recebido 18780

Deve os*enho*r Franc*is*co Ant*oni*o
os seg*uint*e 1alq*uie*re de f*arinha* 32[.]
1 Rapadura 160
Sento coartas defeijaõ 4000
1 [*inint.*] defarinha 640

1 carga deRapaduras ... 6000
end*inhei*ro 4000
end*inhei*ro 1600
end*inhei*ro p*ara* sera 560
19960
mais tres coartas de f*arinha*
ente hoje 9 de *setem*bro 1920
ficamos Justos
decontas como d*it*o s*enho*r aSima

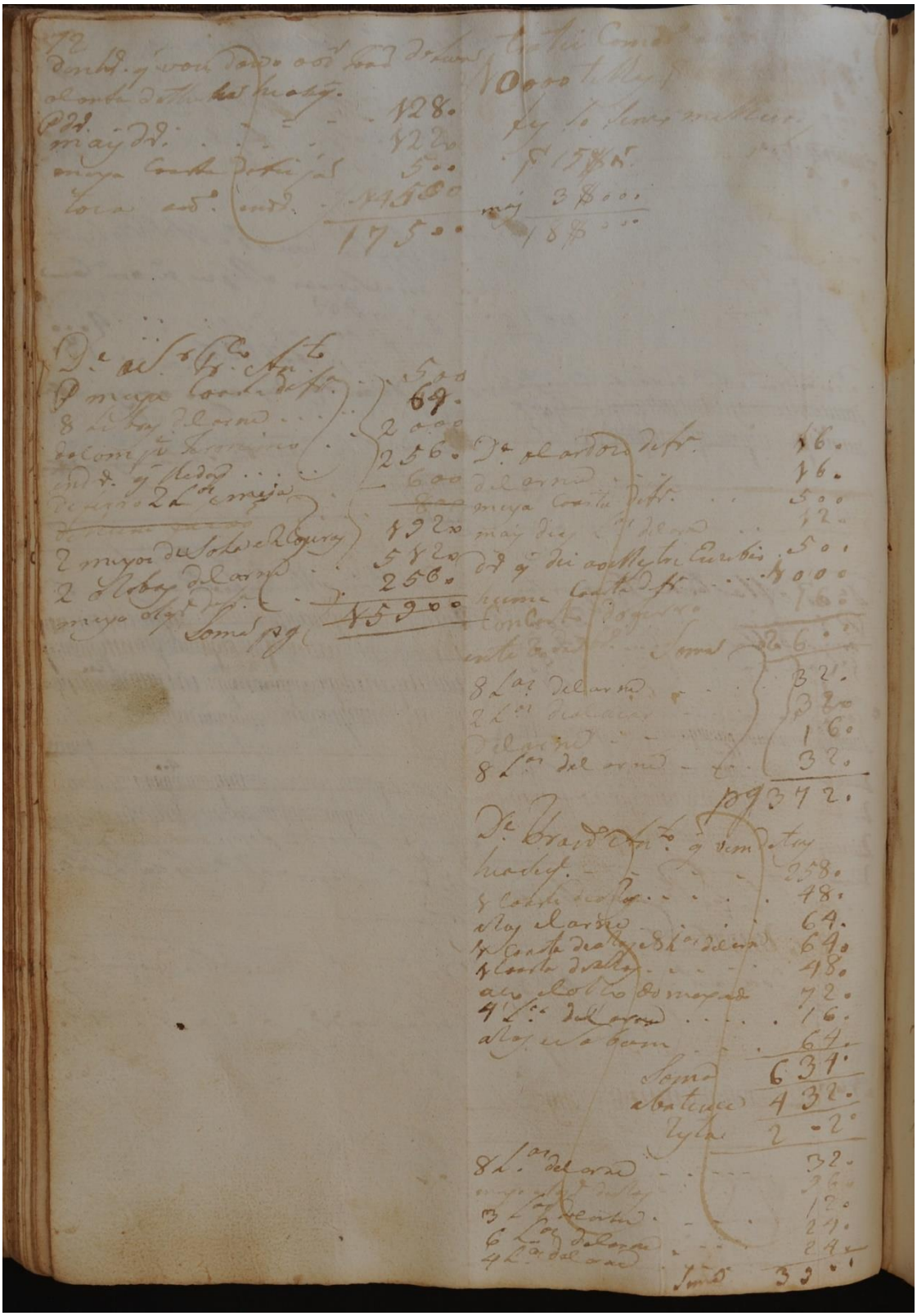
Deve ocomp*adr*e Antonio
Matias deinprestimo 2000

D*eve* meu comp*adr*e os*enho*r
Caetano J*oz*é Jardim
deajuste decontas 2000

d*eve* Jozé [*inint.*] - - - 640

D*eve* os*enho*r Joaõ serrador p*ago* 800
Dias do Joaõ Per*eir*a a 30

[137] A numeração pula para a p. 72.



[p. 72]

dinh*ei*ro q*ue* vou dando aos*enho*r Joaõ deOliv*eir*a

aconta da[*inint.*] he oseg*uint*e

P*or* d*inhei*ro - - - - - - - 1280

mais d*inhei*ro - - - - - - 1220

meya coarta defeijaõ 500

toca aod*it*o end*inhei*ro 14500

17500

tratei com [*inint.*]

10000 telhas [ilegível]

fes so Sinco milheiros

p*or* 15$00

mais 3$000

18$000

D*eve* os*enho*r Fr*ancis*co Anto*nio*

P*or* meya coarta defar*inh*a . . . 500

8 Libras decarne 640

docomp*adr*e Jeronimo . . 2000

end*inhei*ro q*ue* lhedey 2560

deferro 2 L*ibr*as emeia __ 600

~~dehuma [*inint.*]~~ ~~800~~

2 meyos desola e2 couros 1920

2 aRobas decarne . . . 5120

meyo alq*uei*re defar*inh*a 2560

Soma p*ago* 15900

Deve ocardozo defar*inh*a 160

decarne - - - 160

meya coarta defar*inh*a 500

mais 2 L*ibr*as decarne . . 120

dinheiro que dei aoMestre Euzebio 500

huma coarta defar*inh*a 1000

Com certo doferro 160

ente [*inint.*][*inint.*] .... Soma 2600

8 L*ibr*as decar ne 320

2 L*ibr*as decarne 320

decar ne 160

8 L*ibr*as decar ne 320

p*ago* 3720

D*eve* Franc*is*co Anto*nio* q*ue* vem detras

heoseg*uint*e - - - - - 2580

1 coarta deaRos 480

aros ecarne 640

1 coarta deaRos e8 L*ibr*as decarne 640

1 coarta de [*inint.*]. 480

aço ecalco do maxado 720

4 L*ibr*as decarne 160

aros e Sabam . . . 640

Soma 6340

abateuce 4320

Res ta 2020

8 L*ibr*as decarne - - - - - 320

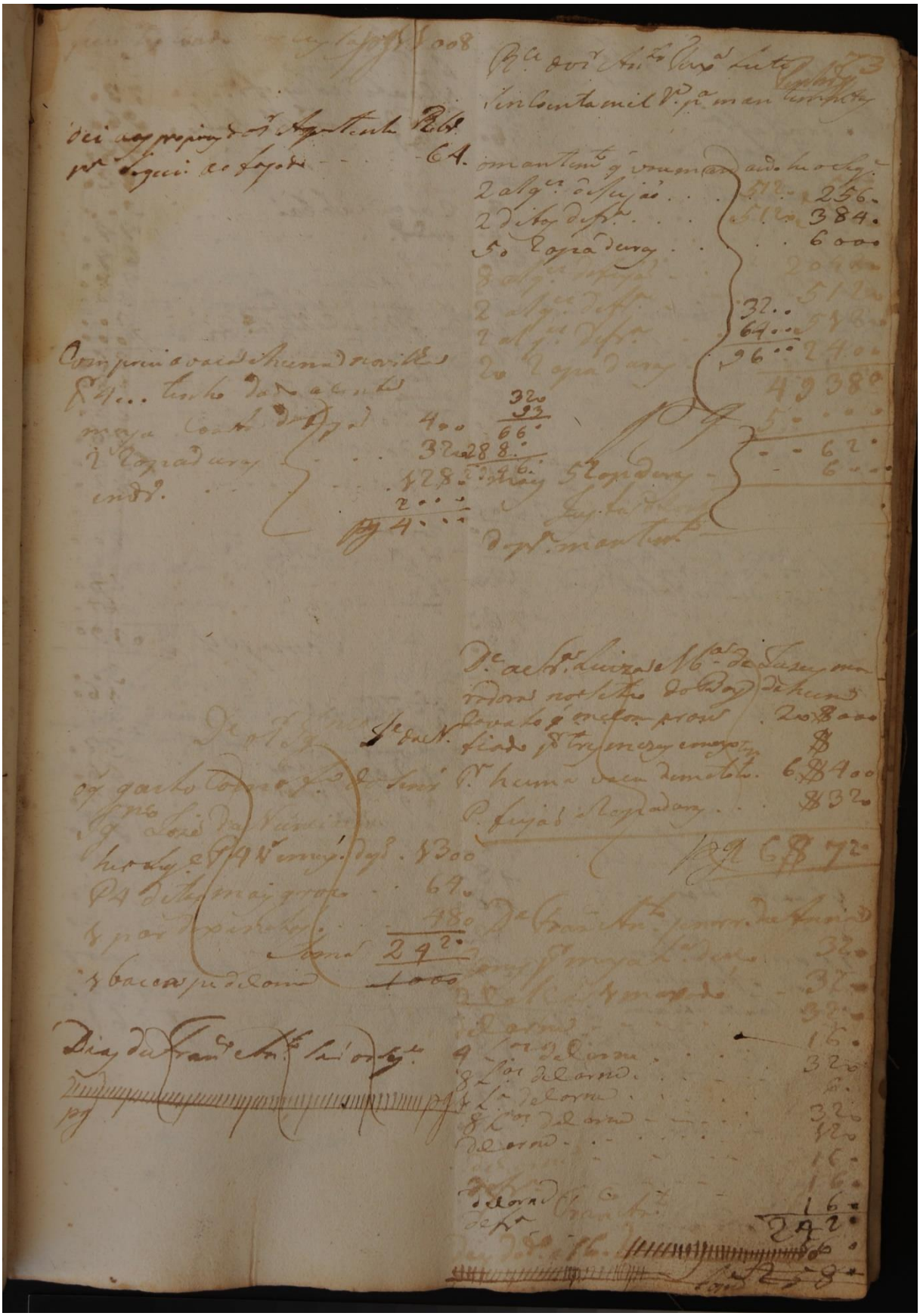
meyo alq*uei*re dearos . . . 360

3 L*ibr*as de [*inint.*]. 120

6 L*ibr*as decarne - - - - 240

4 L*ibr*as decarne - - - - 240

Soma 3300



[p. 73]

fica res tando dar res ta pago 11008

dei aos proprios dosenhor Agostinho Ribeiro
pro segui: ao [*inint.*] 640

Comprei a vaca ehuma novilha
por 4000 tenho dado a conta
meya coarta [*inint.*] 400
2 Rapaduras 320
endinheiro 1280
2000

pago 4000

Resta dosenhor Antonio Ferreira Leite
sin coenta mil [*inint.*] para man timentos
omantimento que vou man dando he
oseguinte

2 alqueires de feijaõ .	5120	e	2560
2 ditos defarinha . . .	5120	e	3840
50 Rapaduras			6000
8 alqueires de feijaõ.			20480
2 alqueires defarinha	3200		5120
2 alqueires defarinha	6400		5120
20 Rapaduras . .	9600		2400
	320		49380
	93	pago	50000
	660		00620
	2880	mais 52 Rapaduras	600
	29460	jus tas daconta	

doprimeiro mantimento

Deve os enhor Ignacio Jozé daNunciaçaõ
oque gaslo com ofilho dosenhor
Ignacio Joze daNunciaçaõ
heoseguinte Por 4 Libra emeya depano 1300
Por 4 ditos mais groço . . . 640
1 par dexinelos 480

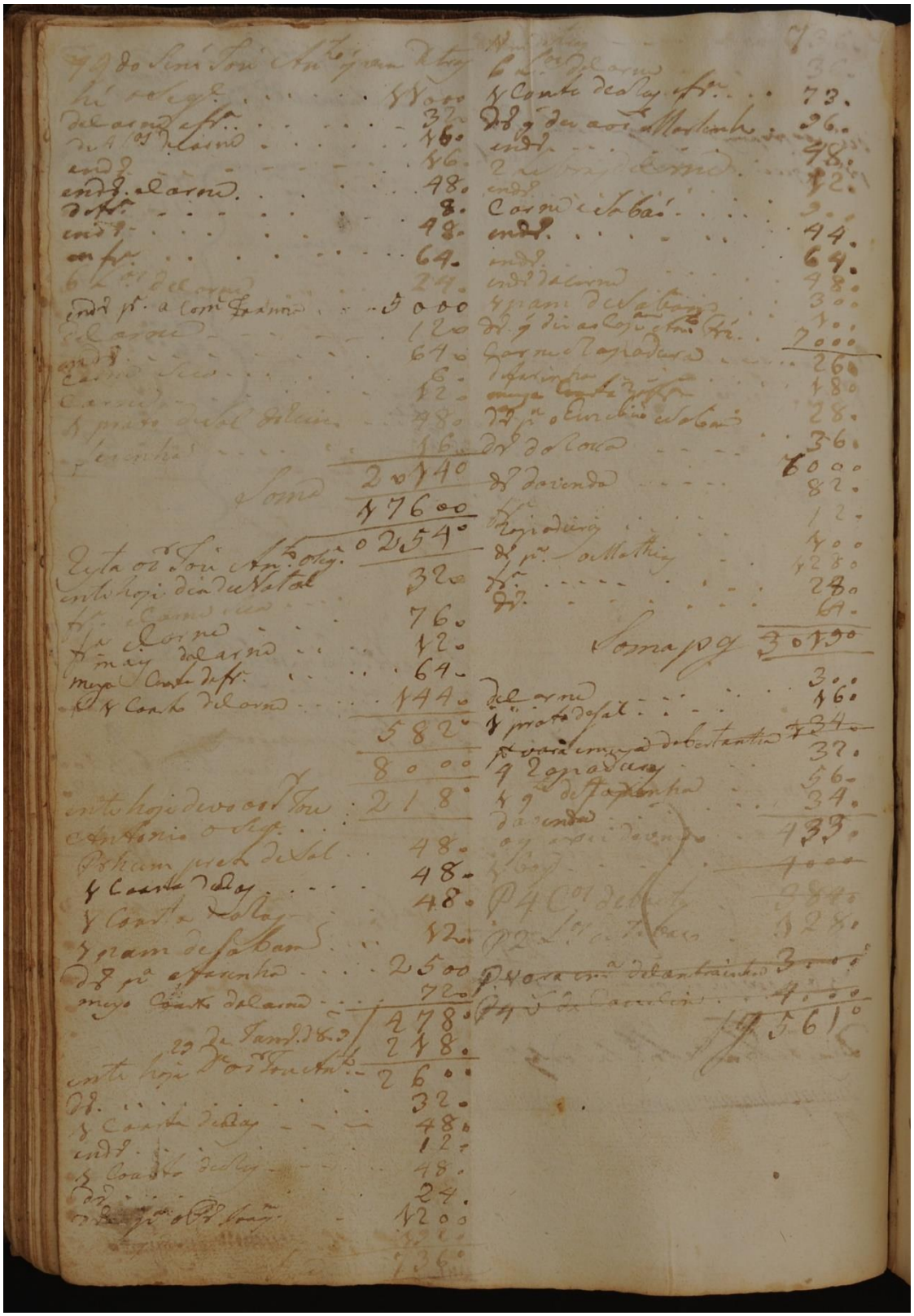
Soma 2420
1 [*inint.*] de [*inint.*] ~~1000~~

Dias de Francisco Antonio saõ os
seguintes

Deve aSenhora Luiza Maria de Jesus mo
radora nositio doBoy de hum
cavalo que mecomprou 20$000
fiado por tres meses emeyo $
por huma vaca demotolotagem 6$400
Por feijaõ erapaduras . . . $320
pago 6$720

Deve osenhor Francisco Antonio genrro
deAnna
Gomes por meya Libra deaço 320
calçar 1 maxado - - - 320
decarne - - - - - - 320
4 Libras decarne 160
8 Libras decarne 320

1 Libra decarne 60
8 Libras decarne 320
decarne 120
[ilegível] - - - - 160
defarinha - - - - - 160
[*inint.*] 160
defarinha Francisco Antonio 2420



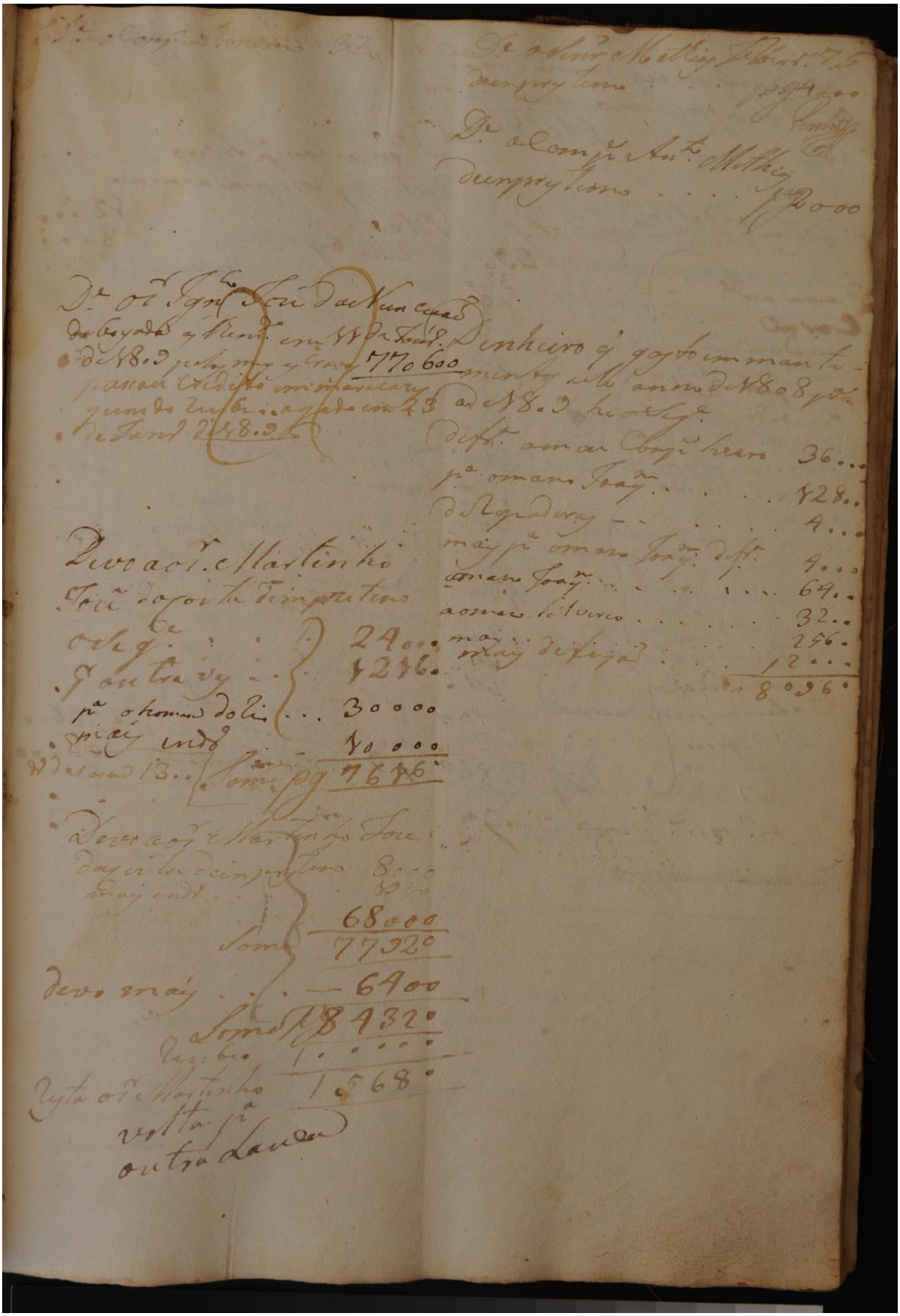
[p. 74]

do Sen*hor* Jozé Anto*ni*o q*ue* vem detras
hé oseg*uint*e 11000
decarne ef*ar*i*nh*a 320
de 4 L*ibr*as decarne 160
end*inhei*ro 160
end*inhei*ro ecarne. 480
defar*inh*a 80
end*inhei*ro 480
en far*inh*a 640
6 L*ibr*as decarne 240
end*inhei*ro para a com*adr*e Joanna 5000
decarne - - - - - - - - 120

end*inhei*ro - - - - - - - - - 640
carne seca. 60
carne 120
1 prato deSal doreino - - 480
farinha 160
Soma 20140
 17600
Resta osenhor Jozé Antonio oseg*uint*e 02540
ente hoje dia deNatal
f*ar*i*nh*a ecarne seca 320
f*ar*i*nh*a ecarne 760
mais decarne. 120
meya coarta defar*inh*a 640
p*o*r 1 coarto decarne 1440
 5820
 8000
ente hoje devo o S*enho*r Joze 2180
Antônio oseg*uint*e . . .
P*o*r hum [*inint*] desal . . . 480
1 coarta dearos 480
1 coarta dearos . . . 480
1 pam desabam . . . 120
d*inhei*ro p*ar*a afarinha 2500
meyo coarto decarne . . . 720
 4780
29 de Janeiro 1809 2189
ente hoje Deve osenhor Joze Antonio 2600
d*inhei*ro 320
1 coarta dearos - - - 480
end*inhei*ro 120
1 coarto dearos 480
d*inhei*ro 240
d*inhei*ro p*ar*a oPrimo Joaq*ui*m - - 1200
[ilegível] 1920
soma 7360

Vem de tras - - - - - 7360
6 Libras decarne . . . 360
1 coarto dearos ef*ar*i*nh*a 730
d*inhei*ro q*ue* dei ao s*enho*r Martinho 960
end*inhei*ro 480
2 Libras decarne 120
end*inhei*ro 900
car ne e sabaõ 440
end*inhei*ro 640
end*inhei*ro 480
end*inhei*ro decarne 300
1 pam desabam 100
d*inhei*ro q*ue* dei aocap*it*am Antonio 7000
[Fer*nande*z
carne eRapadura 260
defarinha 180
meya coarta defar*inh*a 280
d*inhei*ro p*ar*a Euzebio esabam 360
d*inhei*ro darossa - - - - [.]000
d*inhei*ro davenda - - - - 820
far*inh*a 120
Rapaduras. . . . 100
d*inhei*ro p*ar*a oMatias - - 1280
far*inh*a - - - - - - - - - - - - - - 280
d*inhei*ro - - - - - - - - - - - - - - 640
Soma p*ago* ~~30190~~

decarne 300
1 prato desal 160
~~por vara emeya debertanha~~ ~~1340~~
4 Rapaduras - - - 320
1 q*uar*ta defarinha 560
davenda . . 340
oq*ue* [*inint*] davenda . . 4330
1 boy . . . . . ~~4000~~
P*or* 4 c*ovad*os debaetas ~~3840~~
P*or* 2 L*ibr*as detabaco 1280
~~P*or* vara emeya decombrainho~~ ~~3000~~
~~P*or vara* de [*inint*]~~ ~~4000~~
p*ago* 5610



[p. 75]

Deve ocompadre J[?]ronimo 320

Deve osenhor Mathias Jozé Ferreira
deenpres timo - - - pago 4000
Pinheiro

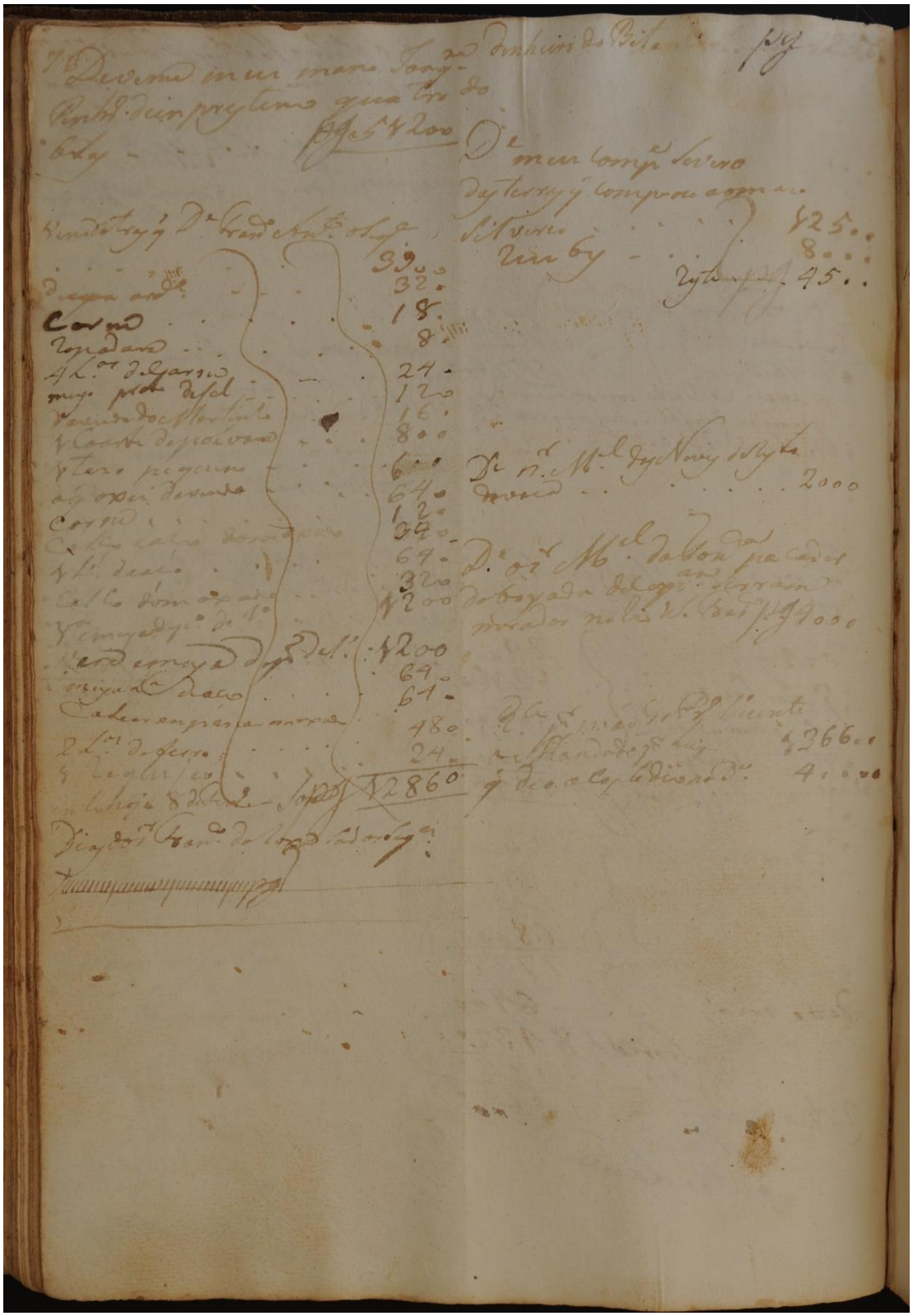
Deve ocompadre Antonio Mathias
deenpre timo - - - pago 2000

Deve osenhor Ignacio Jozé daNun ciaçaõ
daboyada que lhemando em 11 de Janeiro
de 1809 pelos meos es cravos 770600
passou credito em maracares
quando recebeo ogado em 23
de Janeiro de1809

Dinheiro que gas to em man ti-
mentos este anno de 1808 para
ode1809 he oSeguinte
defarinha ameu compadre [*inint.*] 36000
para omano Joaquim 12800
d eRapaduras -- 4000
para omano Joaquim defarinha. . 4000
mano Joaquim 6400
aomano Silverio 3200
mais 2560
mais defeijaõ 12000
80960

Devo aosenhor Martinho
Jozé daCosta deinprestimo
oSeguinte 24000
por ou tra ves 12160
para ohomem doRio . . . 30000
mais endinheiro 10000
dinheiro dacarne 1300 Soma pago 76160

Devo aosenhor Martinho Joze
daCosta deinprestimo 8000
mais endinheiro 1920
[ilegível] 68000
Soma 77920
devo mais . . .. -6400
Soma pago 84320
Recebeo 100000
Resta osenhor Martinho 15680
volta para
outra Lauda



[p. 76][138]

Deveme meu mano Joaq*ui*m
Pinh*ei*ro deinprestimo qua tro do
blas - - . . . p*ago* 51200

Vemdetras q*ue* D*eve* Franc*is*co Anto*ni*o
[...]**o**seg*uint*e
- - - - -- - - - -- 3900
[*inint*] - - - - 320
Carne 180
Rapadura 80
4 L*ibr*as decarne - - - 240
meyo prato desal - - - - 120
[*inint*] do Martinho- - - 160
1 coarta depolvora - - - 800
1 taxo pequeno - - - 600

oq*ue* axei davenda. . . . 640
carne 120
calço eaço domaxado 340
1 L*ibr*a deaçõ.. 640

calço domaxado 320
[*inint.*] de 10 1200

vara emeya dep*an*o de[*inint.*] 1200
meya L*ibr*a deaçõ.. 640
calçar enpanar maxado 640
2 L*ibr*as deferro 480
1 Requejao 240
ente hoje 8 deFev*erei*ro Soma p*ago* 12860
Dias dos*enho*r Franc*is*co daroxa saõ os
seg*uint*es

dinheiro do [*inint*.] p*ago* 1256

D*eve* meu comp*adr*e Severo
das terras q*ue* comprou aomano

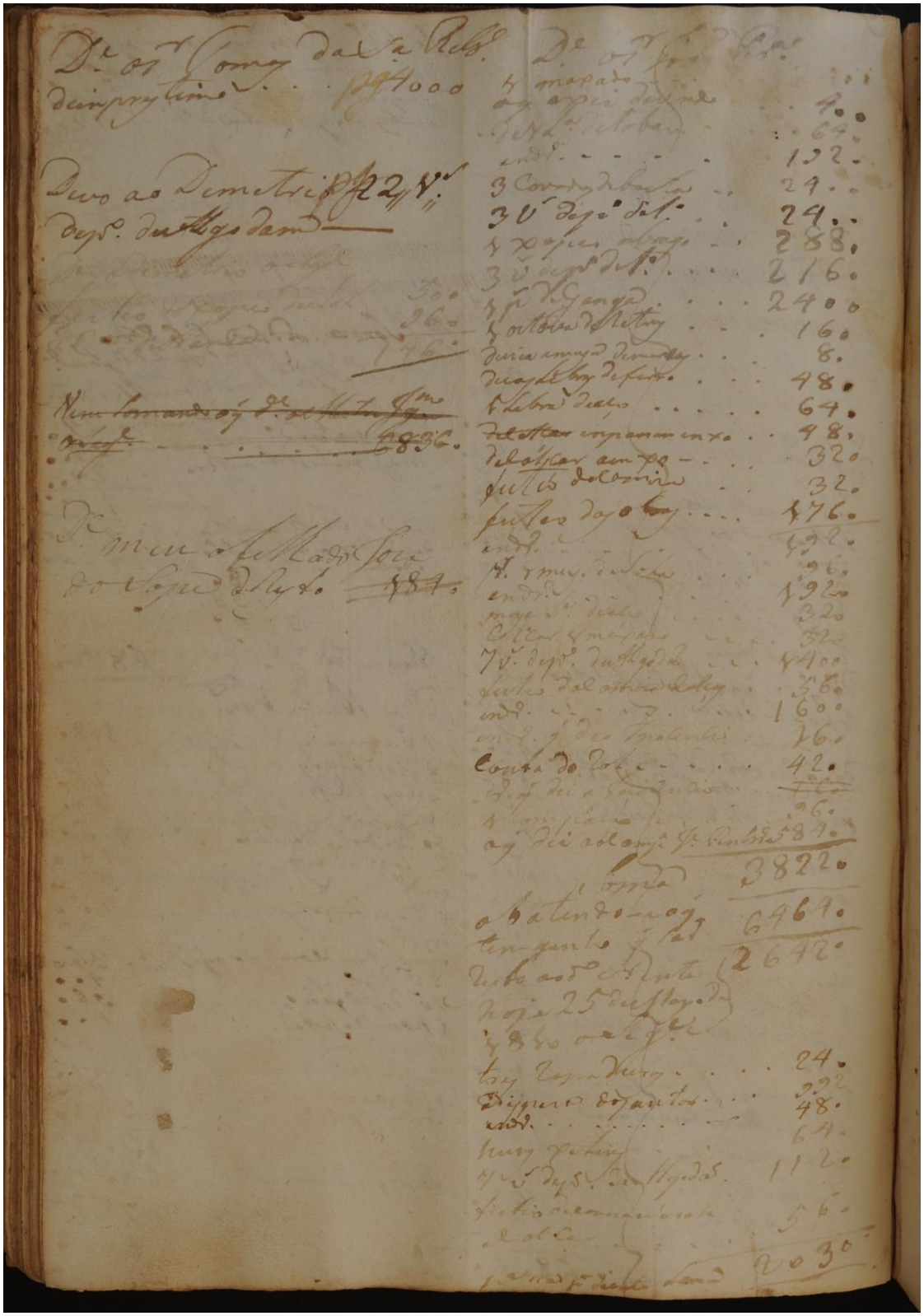
Silverio 12500
rece by - 8000
resta p*ago* 4500

D*eve* os*enho*r M*ano*el dasNevis
[...]deresto
davaca 2000

D*eve* os*enho*r M*ano*el daFons*e*ca
[...]por cuidar
daboyada docap*it*am Serram
morador no Rio Saõ Franc*is*co p*ago*
4000

Rece*bi* p*o*r mão doPrimo Vicente
oMandado p*o*r Luis.. 136600
q*ue* deo oCos todio na B*arra* 40000

[138] A numeração pula para a p. 78.



[p. 78]

Deve osenhor Tomas daSilva Ribeiro deinprestimo . . . . pago 4000

Devo ao Demetrio pago 42 varas depano deAlgodam____

Devo odemetrio oseguinte

feitio doxapeo desol 500

3 covados deolanda 960

1460

Vem somando o que deve OMestre Joaquim

oseguinte 68360

Deve meu afilhado Joze doSape doresto ~~1840~~

Deve osenhor Joaõ Pereira

1 maxado 2400

oque axei davendo 400

de 1 Libra de tabaco 640

endinheiro - - - - - 1920

3 covados debaeta 2400

3 varas depano delinho 2400

1 xapeo debraga - - 2880

3 varas depano delinho 2160

1 pano deganga 2400

1 oitava [*inint*] 160

dusiaa emeya [*inint*]. 80

duas Libras deferro. 480

1 Libra deaço. 640

~~decalçar~~ enpanar enxada 480

decalçar enxada. . . . 320

feitio dacamisa , , , 320

feitio das obras - - - - 1760

endinheiro - - - - - 1920

por 1 meyo deSola 960

endinheiro - - - - - 1920

meya Libra deaço 320

calçar 1 maxado 320

7 varas depano deAlgodaõ 1400

feitio dacamisa ecalças . . . 560

endinheiro - - - - - - - - - 1600

endinheiro que deo Inocencio 160

conta do Rol 420

dinheiro que dei a Inocencio ~~160~~

1 [*inint*] 960

oque dei aocompadre Joze Pinheiro 5840

Soma 38220

abatendo oque 64640

tem ganho que saõ

Resto ao dito senhor ente 26420

hoje 25 deMayo de

1810 oseguinte

tres Rapaduras 240

a dispeza do[*inint*] 992

endinheiro 480

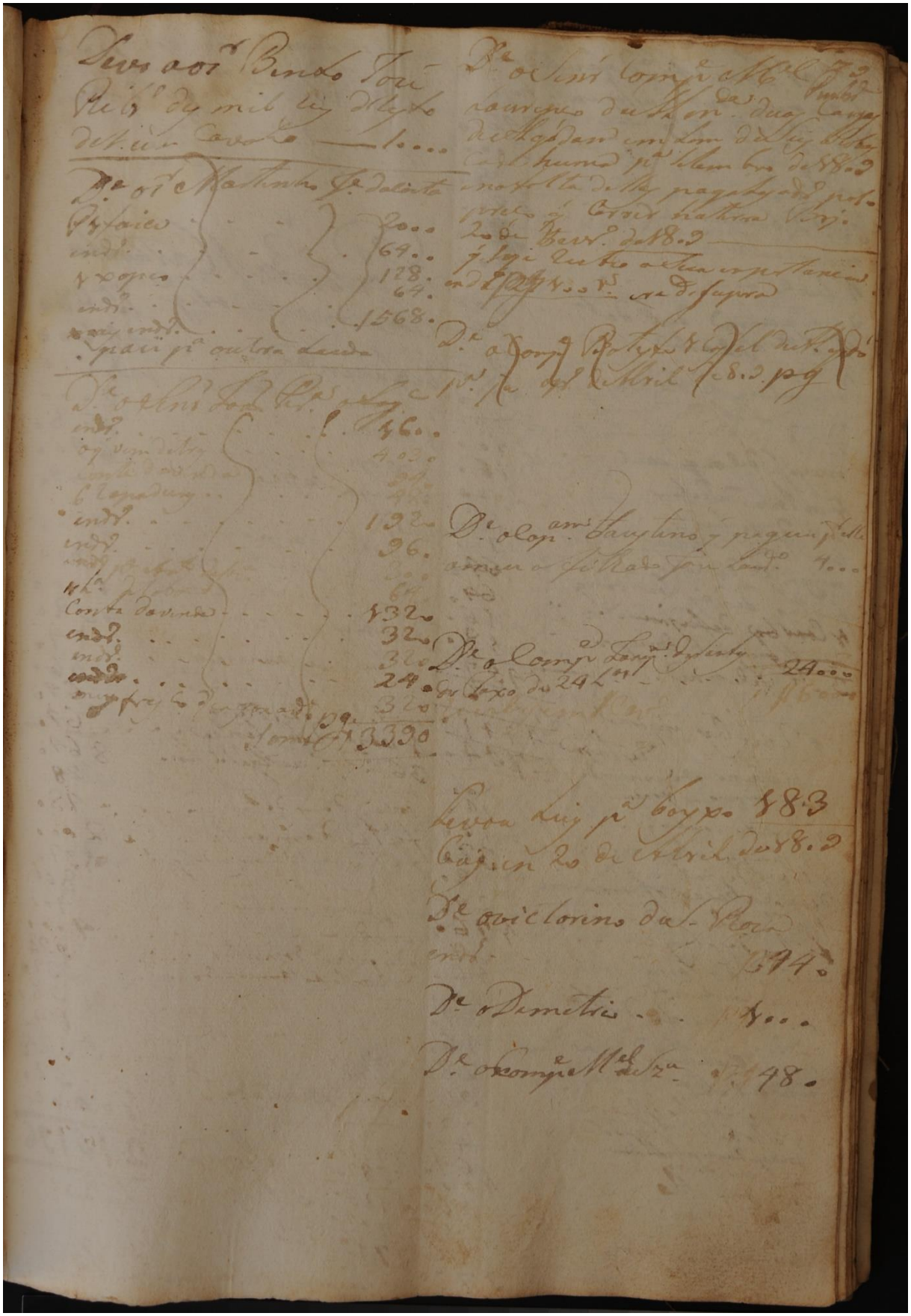
huns xelins . . . 640

7 vara depano deAlgodaõ 1120

feitio [*inint*]

ecalças 560

pa sso para diante Soma 4030



[p. 79]

Devo aos*enho*r Bento Jozé
Rib*ei*ro des mil reis deResto
dehum cavalo ____ 1000

D*eve* os*enho*r Martinho Jozé daconta
P*or* 1 foice - - - 2000
end*inhei*ro - - - - - - 6400
1 xapeo 1280
end*inhei*ro - - - - - - 640
mais end*inhei*ro - - - - - - 15680
pasi p*ar*a outra Lauda

D*eve* osen*ho*r Joaõ Pere*ir*a oseg*uin*te
end*inhei*ro - - - - - - 1600
oq*ue* vem detrás. 4030
conta davenda. 940
6 Rapaduras. 480
end*inhei*ro - - - - - - - - 1920
end*inhei*ro - - - - - - - - 960
end*inhei*ro [*inint.*] defar*inh*a 300
1 L*ibr*a detabaco 640
conta davenda 1320
end*inhei*ro - - - - - - - - 320
end*inhei*ro - - - - - - - - 320
end*inhei*ro - - - - - - - - 240
mais [*inint.*] 320
Soma p*ago* 13390

D*eve* osen*ho*r comp*adr*e M*ano*el
Lourenço deAlm*ei*da duas cargas
deAlgodam em Lam de Seis aRobas
cada huma p*ar*a setem bro de1809
enafalta dellas pagoles od*inhei*ro pelo
preço q*ue* correr na terra Brejo
20 de Fev*erei*ro de1809
q*ue* hoje recebeo aSua inportancia
en d*inhei*ro pago 27100 reis era deSupra

D*eve* ocomp*adr*e Batista 1 costal deAlgodaõ
p*ar*a [*inint*] op*rimei*ro deAbril de 809 p*ago*

D*eve* ocap*it*am Faustino q*ue* paguei p*or* elle
a meu afilhado Joze Lou*ren*ço 4000

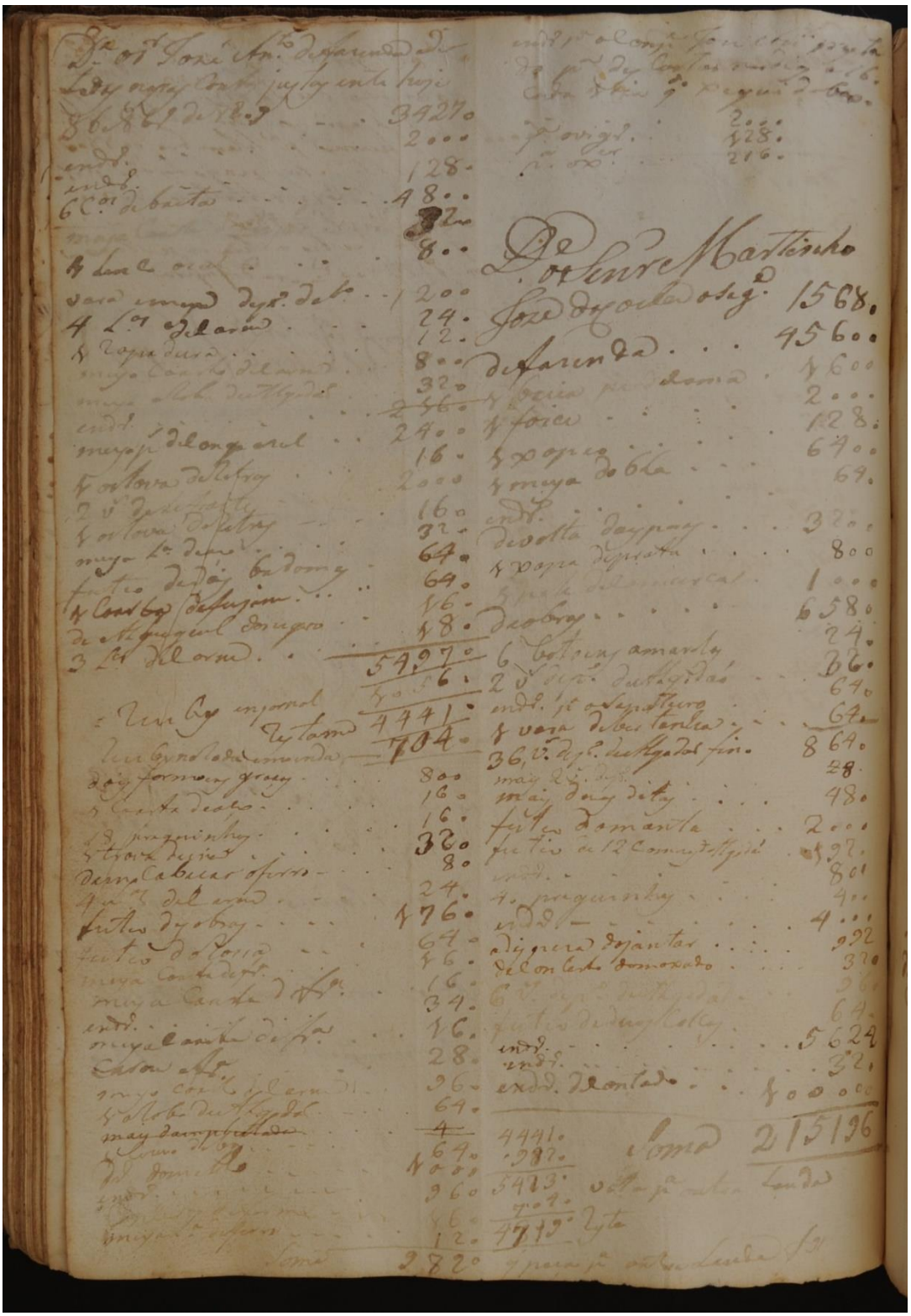
D*eve* ocomp*adr*e Joaq*ui*m dosSantos
do Faxo de 24 L*ibr*as - - - - ~~24000~~
receby em 1 cav*al*o p*ago* 160000

Levoa Luis p*ar*a bayxo 183
bois em 20 de Abril de 1809

D*eve* ovitorino deS*anta* Roza
end*inhei*ro - - - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 440

D*eve* oDemetrio - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 1000

D*eve* ocomp*adr*e M*ano*el deS*ou*za p*ago* *480*



[p. 80]

D*eve* osen*h*or Jozé Anto*ni*o defazenda

todas [*inint.*] coartas justas ente hoje
8 de*outu*bro de1809 - - - - 34270

end*inhei*ro - - - - - - - - 2000
end*inhei*ro - - - - - - - - 1280
6 c*ovad*os debaeta - - - - - 4800
meya coarta [ilegível] [.]20
1 Len co azul - - - - - - - - 800
vara emeya de [*inint.*] 1200
4 L*ibr*as decarne - - - - 240
1 Rapadura - - - - - 120
meyo coarlo decarne - - - 800
meya aRoba deAlgodaõ - - - 320
end*inhei*ro - - - - - - - - ~~2160~~
meyo p*an*o deconga azul 2400
1 oitava deRetros - - - 160
2 v*ar*as delefraste - - - 2000
1 oitava deRetros - - - 160
meya L*ib*ra deaço - - - - 320
feitio dedois badames - - 640
1 coar ta defeijam - - - - 640
deALguigeul dosnegros - - 160
3 L*ibr*as decarne - - - - 180
54970
Rece by enjornal 10560
Res tame 44410
Rece by no Roda emoenda_____ 7040
dois formo ens groços 800
1 coarta deaço - - - - - - 160
18 preguinhos 160
1 trava deinox 320
desns cabeçar oferro - - - - 80
4 L*ibr*as decarne - - - - 240
feitio das obras - - - - - 1760
feitio darossa - - - 640
meya coarta de f*arinh*a - - - 160
mey acoarta de f*arinh*a - - - 160
end*inhei*ro - - - - - - - - - - 340
meyacoarta de f*arinh*a - - - 160
[inint] a f*arinh*a - - - - 280
1 meyo coarto decarne - - 960
1 aRoba deAlgodaõ - - - - - 640
~~mais doinplrestado - - - - -~~ ~~4~~
1 couro deboy - - - - 640
d*inhei*ro domello - - - - 1000
end*inhei*ro - - - - - - - - - - 960
Concerto [*inint.*] -- - - - - - -- 160
meya L*ibr*a deferro 120
Soma 9820

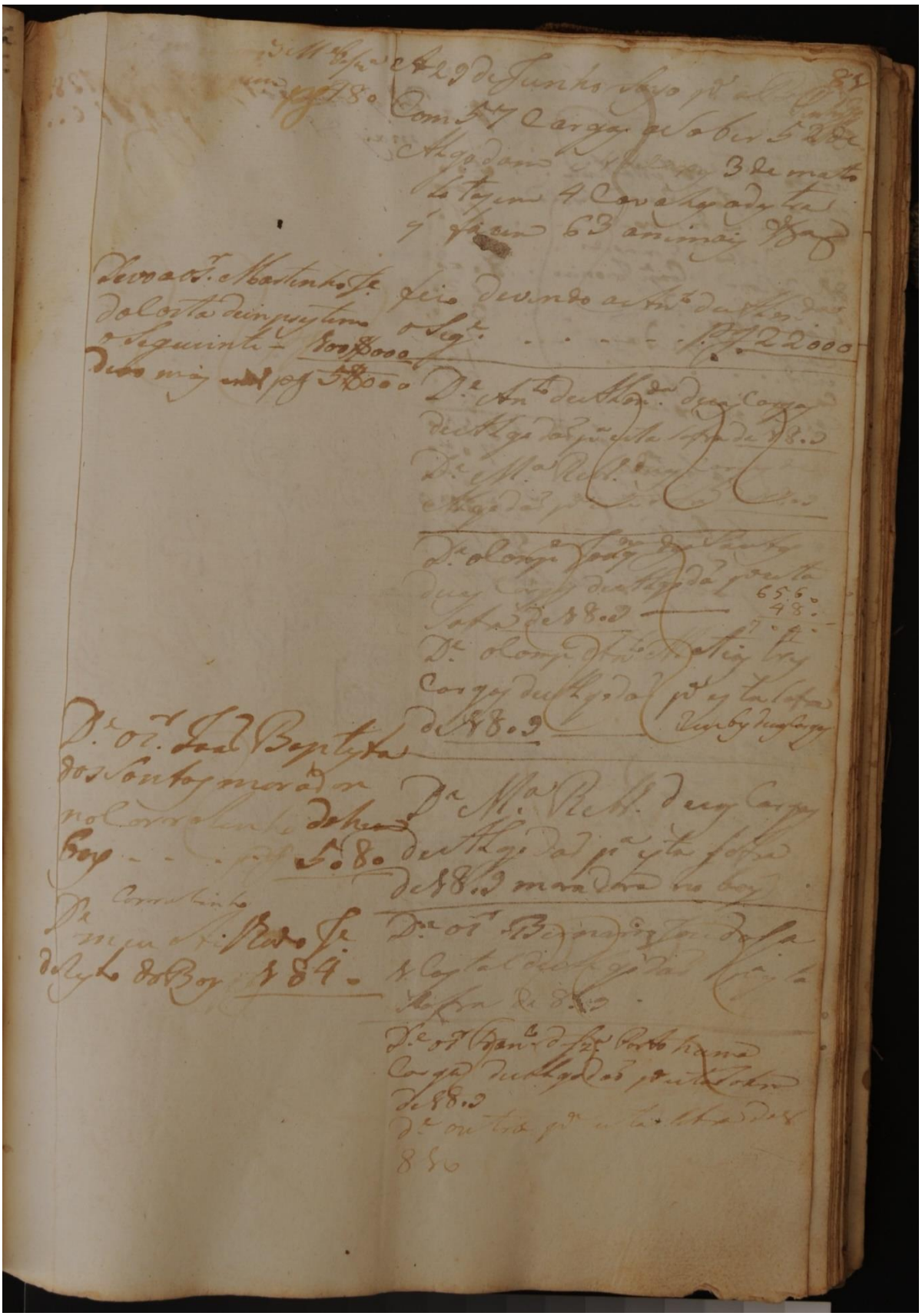
end*inhei*ro p*ar*a ocomp*adr*e Joze Ant*oni*o [...]restan do p*ar*a des contar nos dias a 160 cada 1 dia quando xeguei deb[*inint.*] 2000
p*ar*a ovigar*io* 1280
p*ar*a ox*avi*er 2160

D*eve* oSen*h*or Marttinho
Joze daCosta oseg*uint*e 15680
defazenda. . . 45600

1 bacia [*inint.*] dacama . . 1600

1 foice 2000
1 xapeo 1280
1 meya do [*inint*.] 6400
end*inhei*ro 640

devolta daes poras 3200
1 xopa deprata 800
1 pale decamurca . . . 1000
deobras 6580
6 botoens amarelos 240
2 v*ar*as dep*an*o deAlgodaõ . . . 160
end*inhei*ro p*ar*a osapateiro. . . . 640
1 vara deber tanha 640
36 v*ara* dep*an*o deAlgodaõ fino 8640
mais 2 v*ara* dep*an*o.. 480
feitio demanta 2000
fei tio de 12 camizas deAlgodaõ 1920
end*inhei*ro 800
40 preguinhos 400
end*inhei*ro 4000
adispeza dojantar. 992
decon certo domaxado 320
6 v*ar*as dep*an*o deAlgodaõ 960
feitio deduas cal ças. 640
end*inhei*ro 5624
end*inhei*ro 320
end*inhei*ro decontado. . . . 100000
——————————————— ———
44410 Soma 215126
9820
———
54230 volta p*ar*a outra Lauda
7040
47190 res ta
q*ue* paça p*ar*a outra Lauda 91



[p. 81]

Deve meu compadre Manoel deSouza dinheiro deinprestimo pago 480

Devo aosenhor Martinho Joze daCosta deinprestimo oseguinte – 100$000
devo mais endinheiro pago ~~5$000~~

Deve osenhor Joaõ Baptista dos Santos morador noCorralinho dehum boy - - - - - - - - - - - - - pago 5080
Corralinho

Deve meu afilhado Joze deResto doBoy pago *1840*

A 29 de Junho Sayo para a Barra com 57 cargas asaber 52 de Algodam e [*inint.*] 3 de moto lo tajem 4 cavalos ades tra que fazem 63 animais [*inint.*]

fico devendo aAntonio deAlmeida oseguinte - - - - - - - - -- - - - pago 22000

Deve Antonio deAlmeida duas cargas deAlgo daõ para esta safra de 1809
Deve Maria Ribeiro duas cargas de Algo daõ para esta safra de 1809

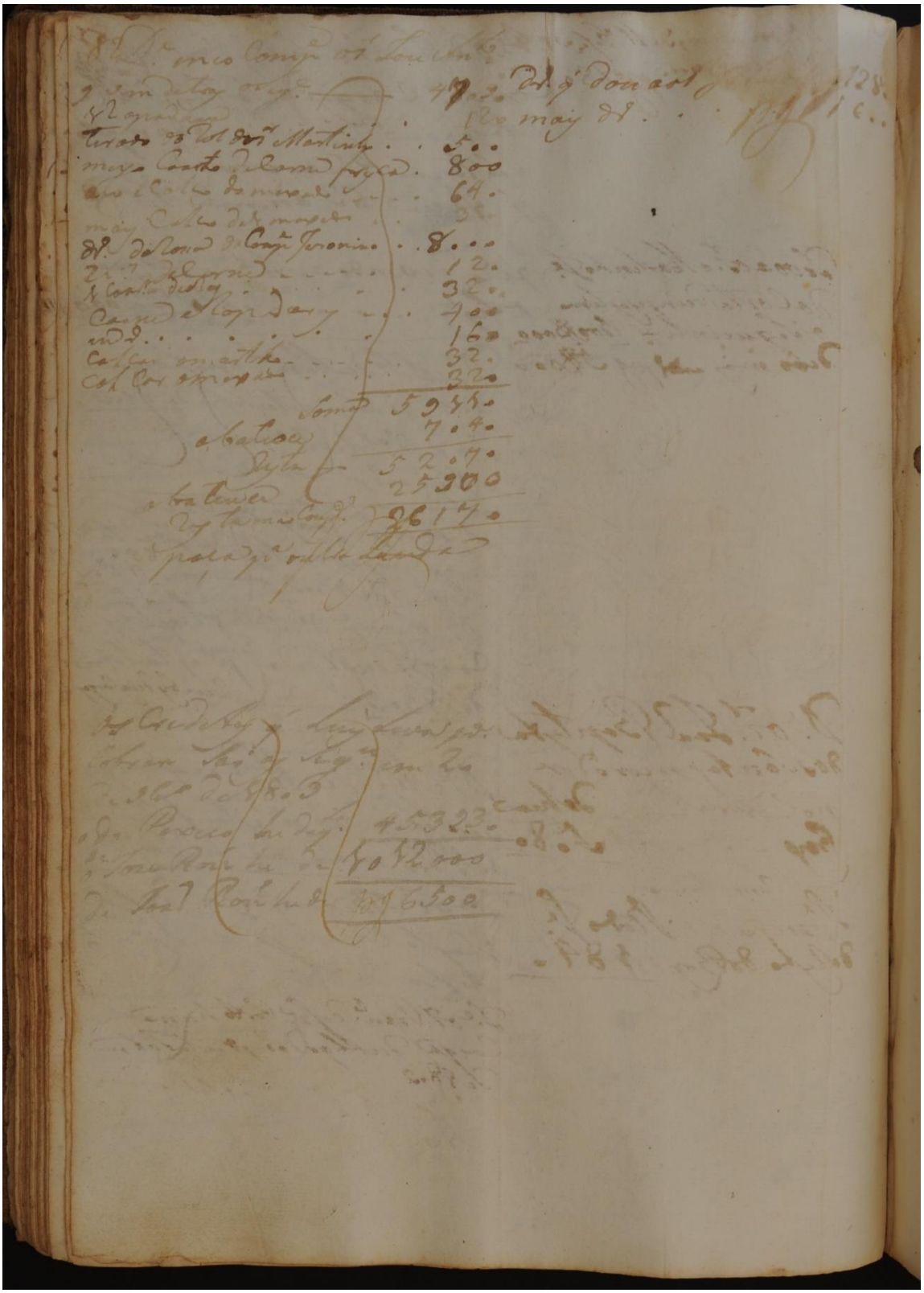
Deve ocompadre Joaquim dos Santos duas cargas deAlgo daõ paraesta safra de 1809 ------- 6560
480
7040
Deve ocompadre Antonio Matias três car gas deAlgodaõ para es ta safra de1809 receby duas cargas

---

Deve Maria Ribeiro duas cargas de Algo daõ para esta safra de 1809 moradora no boy

Deve osenhor Bernardo Joze deSouza 1 costal deAlgo daõ para esta safra de 809

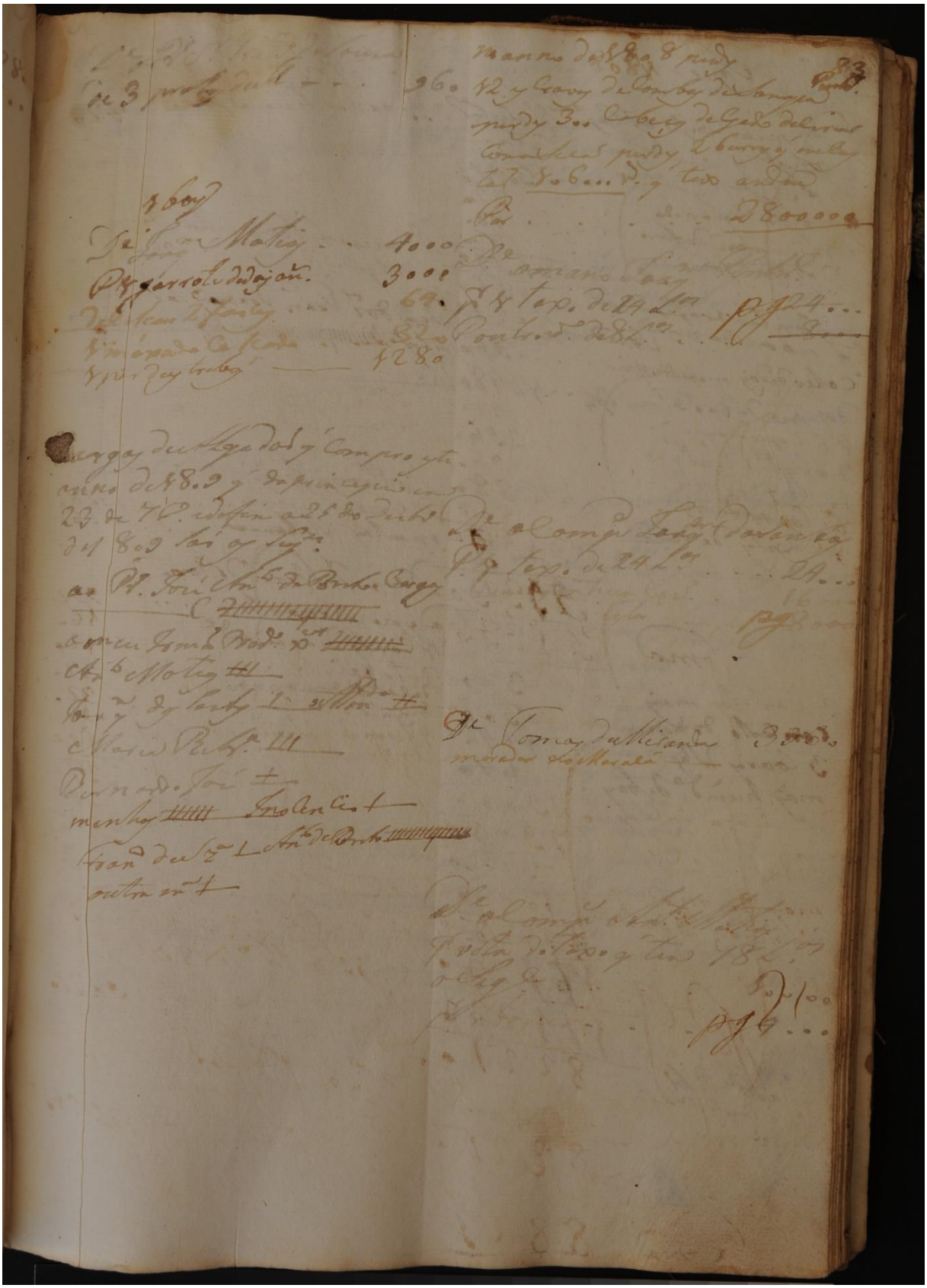
Deve osenhor Francisco de Souza Porto huma car ga deAlgodaõ para estasafra de1809
deve outra para estasafra de1 810



[p. 82]

	D*ev*e meo comp*adr*e Joze Anto*ni*o		
	que vem de tras oSeguinte___	47090	d*inhei*ro q*ue* dou aos*enhor* [inint.] pa*go* 1280
	12 Rapaduras	120	mais d*inhei*ro . . . . .pa*go* 1600
	tirado do rol dos*enho*r Martinho. . .	500	
5	meyo coarto decarne fresca. . .	800	
	aço e cal ço de1 maxado	380	
	*dinhei*ro daRossa do comp*adr*e Jeronimo	8000	
	2 L*ibr*as decarne.	120	
	1 coarta dearos	320	
10	carne eRapaduras	400	
	end*inhei*ro	160	
	calçar omartelo	320	
	cal çar omaxado.	320	
	Soma	59110	
15	abateoce	7040	
	Res ta	52070	
	aba teuce	25900	
	Res ta meo comp*adr*e paça p*ar*a outra lauda	26170	

20	os creditos q*ue* Luis Leva p*ar*a cobrar saõ os seg*uint*es em 20 de *novem*bro de 1809	
	o do Paxeco hé daq*uanti*a	45393
	o de Joze Ro*drigue*z he de	1012000
25	De Joaõ Ro*drigue*z he de pa*go*	6500



[p. 83]

D*ev*e oPr*im*o s*enho*r Fran*cis*co deSouza
de 3 pratos desal - - - - 960

1 boy
D*ev*e o Joaq*ui*m Matias - - - - 4000
P*or* 1 garrote dedois ano*s* - - - 3000
decalçar 2 foices - - - - 640
1 maxado calçado - - - - - 320
1 par dees tribos_____ 1280

[140]Cargas deAlgodaõ q*ue* compro este
anno de 1809 q*ue* da prin cipio em
23 de *setem*bro edofim a25 do Dez*em*bro
de1809 saõ os seg*uint*es
ao Pr*im*o Jozé Ant*oni*o deBrito Cargas
_____C ~~)IIIIIIII|IIIII~~
o meu Irmaõ [*inint*] X*avi*er ~~)IIIIII~~
Ant*oni*o Matias~~II~~
Joaq*ui*m dos Santos _I_ Alm*ei*da _~~II~~_
Maria Rib*ei*ro _III_
Bernardo Jozé _~~I~~_
menlios ~~IIIII~~ Ino cen cio _~~I~~_
Fran*cis*co deS*ou*za _I_ Antonio deBrito ~~IIIIIIII|IIIII~~
outra m*inh*a _I_

no an no de 1808 perdy
12 es cravos de cainbas deSangea[139]
perdy 300 cabeças deGado decriar
comaSeca perdy 2 burros q*ue* mecus
taõ 10600 reis q*ue* tudo andou
Por 2800000

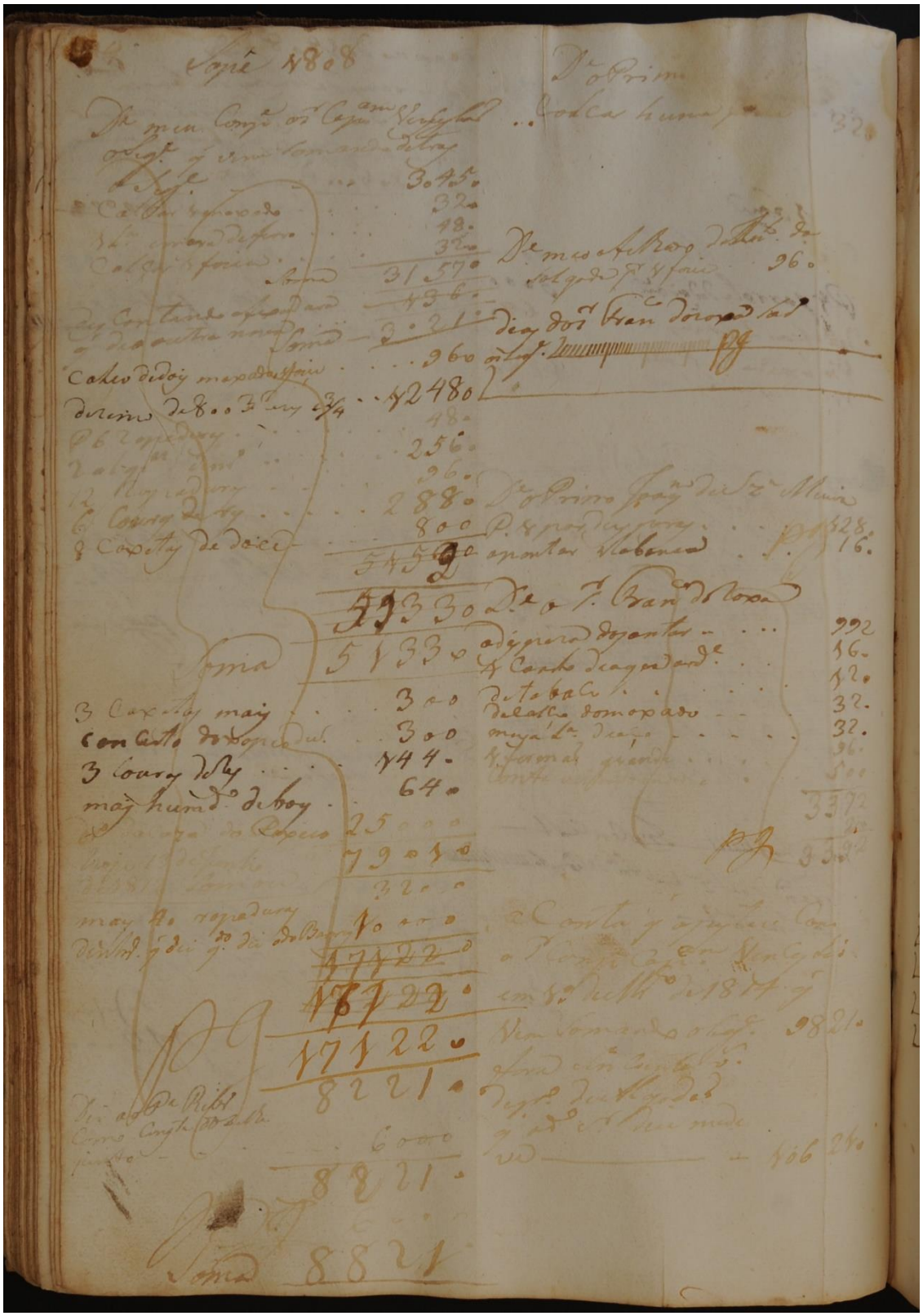
D*ev*e omano Joaq*ui*m Pinh*ei*ro
p*or* 1 taxo de 24 L*ibr*as . . . . ~~pago 24000~~
P*or* outro d*it*o de 8 L*ibr*as ~~8000~~

D*ev*e ocomp*adr*e Joaq*ui*m doSantos
P*or* 1 taxo de 24 L*ibr*as . . . . p*ago* 24000
Receby em hum Cav*al*o 16000
Resta .. . . . p*ago* 8000

D*ev*e Tomas deMiranda 3960
morador no Maracá _____

D*ev*e ocomp*adr*e Ant*oni*o Matias
q*ue* volta do taxo q*ue* ten 18 L*ibr*as
oSeg*uint*e 10000
p*or* 1 boy ..... p*ago* 4000

[139] Cãimbra de sangue
[140] Há uma mancha sobre o grafema.

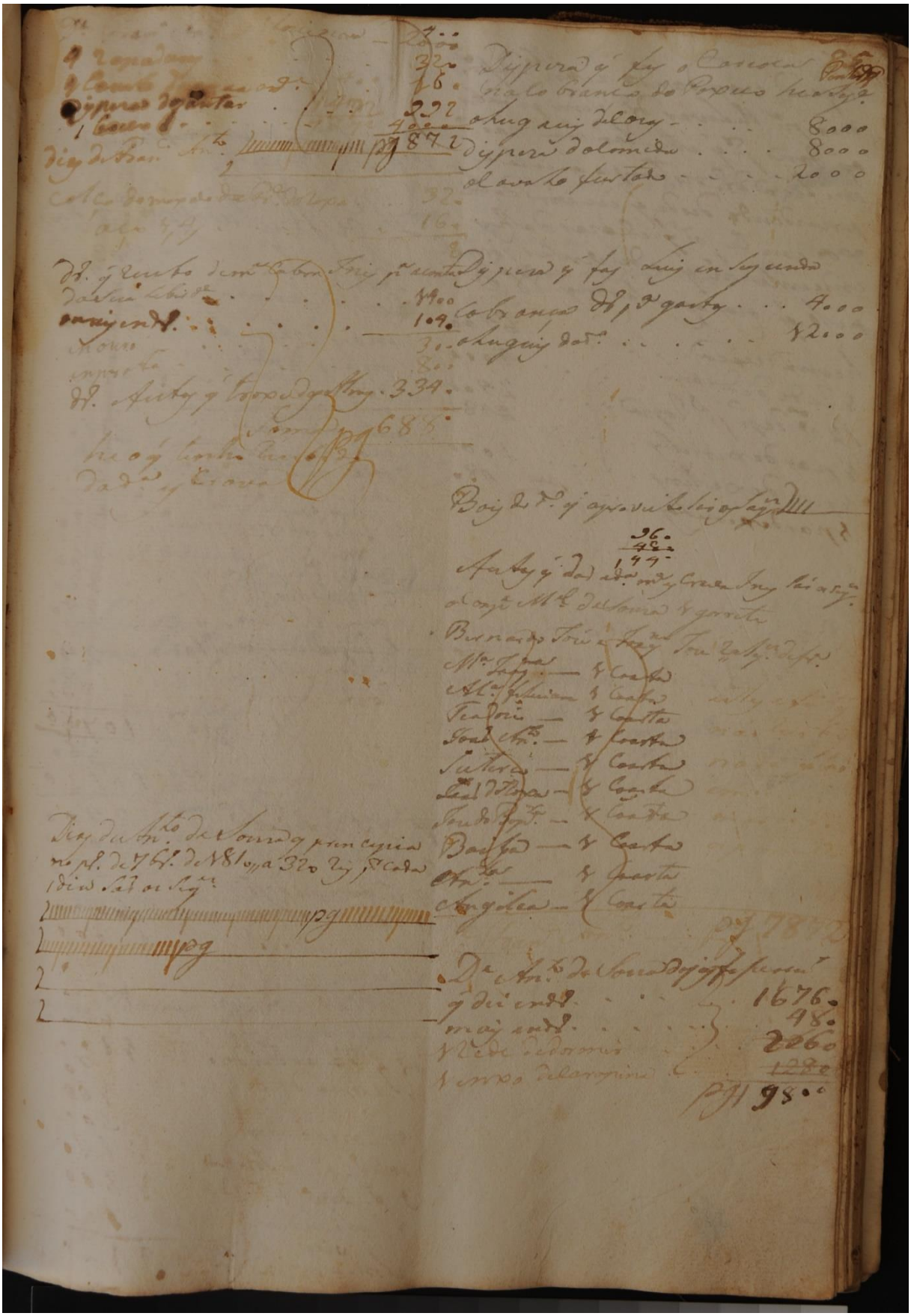


[p. 84]

Sapê 1808

			D*eve* oPrimo [ilegível]	
	D*eve* meu compadre os*enho*r		calca huma [ilegível]	320
	Cap*it*am Venceslaõ			
	oSeg*uint*e q*ue* vem somando detras			
5	oSeg*uint*e - - - - -	30450		
	calçar 1 maxado	320		
	1 L*ibr*a emeya de ferro	480		
	calçar 1 foziu	320	D*eve* meo afilhado [*inint.*] Anto*ni*o da	
	Soma	31570	Salgada p*or* 1 fozio . .	960
10	des contando afexadura	~~1360~~		
	q*ue* deo outra nova . . .			
	Soma	30210	dias dos*enho*r Fran*cis*co daroxa saõ	
	calço dedois maxados 1 foiçe	960	os Seg*uint*es)IIIIIIIII|IIIIIIIII|IIIIIIIII|IIIIIIIII|IIII	
	dizimo de800 3 [*inint*] e ¾ . . .	12480	)_____	
	P*or* 6 Rapaduras	480		
15	2 alq*uei*res Jan*ei*ro	2560		
	12 Rapaduras	960	D*eve* oPrimo Joaq*ui*m deS*ou*za Meira	
	6 cargas deres	2880	P*or* 1 par de es poras . . .	p*ago* 1280
	8 caxotes de doce	800	apontar [*inint.*]	160
		5152[141]0	D*eve* os*enho*r Fran*cis*co daRoxa	
20		51[142]330	adispeza dojantar	992
	Soma	51330	1 coarto deagoa ard*ent*e . . .	160
	3 caxotes mais	300	detabaco	120
	con certo do xapeo des*ol*	300	decalço domax ado	320
	3 couros deRes	1440	meya L*ibr*a deaço	320
25	mais hum d*it*o deboy . . .	640	1 formaõ grande	960
	d*inhei*ro da caza do Paxeco	25000	conta [*inint.*] [*inint.*]	500
	hoje 13 de Junho	79010		3372
	de1812 Somou	3200		20
	mais 40 rapaduras			p*ago* 3392
30	dinh*ei*ro q*ue* dei q*uan*do dei od*it*o	10000	aconta q*ue* ajustei com	
	[...]Barros			
		171220	os*enho*r cap*it*am Venceslaõ	
	p*ago*	171220[143]	em 1º deMarçode 1814 q*ue*	
		171220	vem Somando oseg*uint*e	98210
	Dei ao [*inint.*] Rib*ei*ro	82210	fora sin coenta v*ara*s	
35	como consta dofilho		dep*an*o deAlgodaõ	
	jacinto - - -	6000	q*ue* od*it*o s*enho*r dei mede	
		88[144]210	ve _____ _	106210
	p*ago*	6000		
	Soma	88210		

[141] O algarismo <6> está sobre o algarismo <2>.
[142] O valor <51> está rasurados.
[143] Valor alterado.
[144] O valor <88> está rasurado.



[p. 85]

400
D*ev*e Fran*cis*co [ilegível] [*inint.*] __ 2000
4 Rapaduras- - - - - - - - 320
[*inint*]coarto[*inint.*] 400 160
Dispeza dojantar 7472 992
1 [ilegível] - - - - - - 7872 4000
dias deFran*cis*co Anto*nio*)ıııııııı|ıııııııı|ıııı p*ago*872
)_____
calço do maxado de Fra*ncis*co da Roxa . . 320
aço ¼ 160
8
d*inhei*ro que Recebo dem*inh*a cabra Inis p*ara*
[...]aconta
deSua Liber*da*de 1400
mais end*inhei*ro 1040
houro 300
enprata 800
d*inhei*ro efeitos q*ue* troxe dos [*inint.*] 3340
Soma p*ago* 6880
he o q*ue* tenho Recebido
dad*it*a es crava

Dias de Ant*oni*o deSouza q*ue* prin cipia
no pr*imei*ro de *setem*bro de1810 a 320 Reis por cada
1 dia saõ os Seg*uint*es
)ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıııııpagoıııııııı|ıııı
)ıııı|ıııııııı|pago .
)_____
)_____

Dispeza q*ue* fes o Careoca
naco brança do Paxeco heoseg*uint*e
alugueis decoros -. 8000

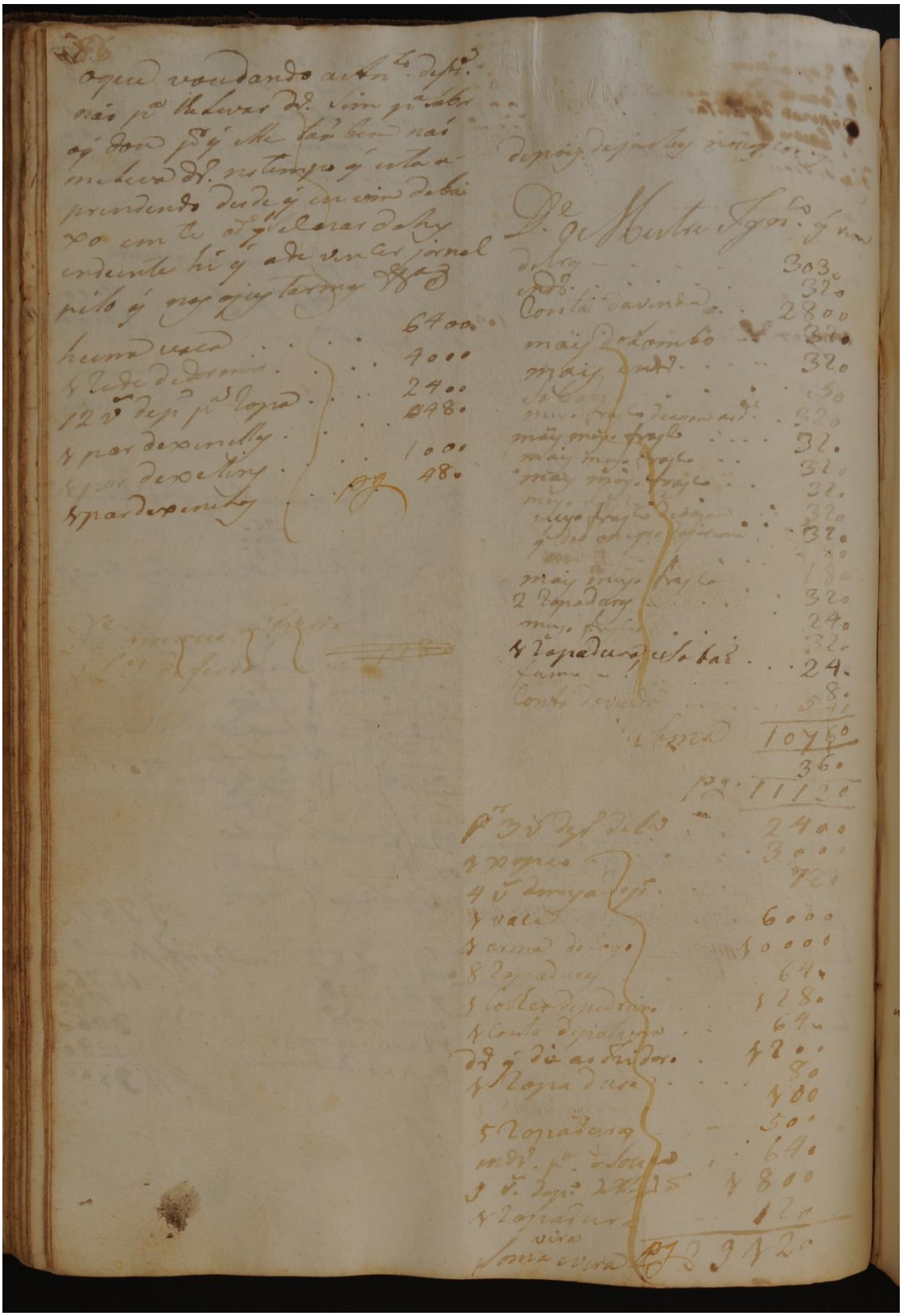
dispeza dacomida 8000
ocavalo furtado - - - - - - 2000

Dispeza q*ue* faz o Luis en seg unda

cobrança d*inhei*ro p*or* gastos . . . 4000
alugueis dod*it*o 12000

Bois dod*it*o q*ue* aproveito são os
[seg*uint*es)ııı .
960
480
1440
efeitos q*ue daõ a*d*it*a m*inh*a es crava Ines
[são os seg*uint*es
ocomp*adr*e M*ano*el deSouza 1 garrote
Bernardo Jozé e Joaq*ui*m Joze 2 alq*ueir*es
[def*arinh*a
M*ari*a Joaq*ui*na __1 coarta
M*ari*a feliciana 1 coarta estes efeitos
Teodozio __ 1 coarta naõ Rece by
Joaõ Ant*oni*o __1 coarta nada estaõ
Sutereo ___ 1 coarta em [*inint.*] na
Joaõ daRoxa __1 coarta maõ [ilegível.]
Joze doBapt*is*ta __1 coarta os prometeo
[*inint.*] ___ 1 coarta
Ant*oni*a ___ 1 coarta
Angelica 1 coarta .
Fran*cis*co Ant*oni*o p*ago* 7872
D*ev*e Ant*oni*o deSouza dos [*inint.*]
q*ue* dei end*inhei*ro 16760
mais end*inhei*ro 480
1 Rede dedormir . . . . . ~~2560~~
1 enx*ad*a decarapina . . . . . ~~1280~~
p*ago* 9[145]800

[145] Valor rasurado



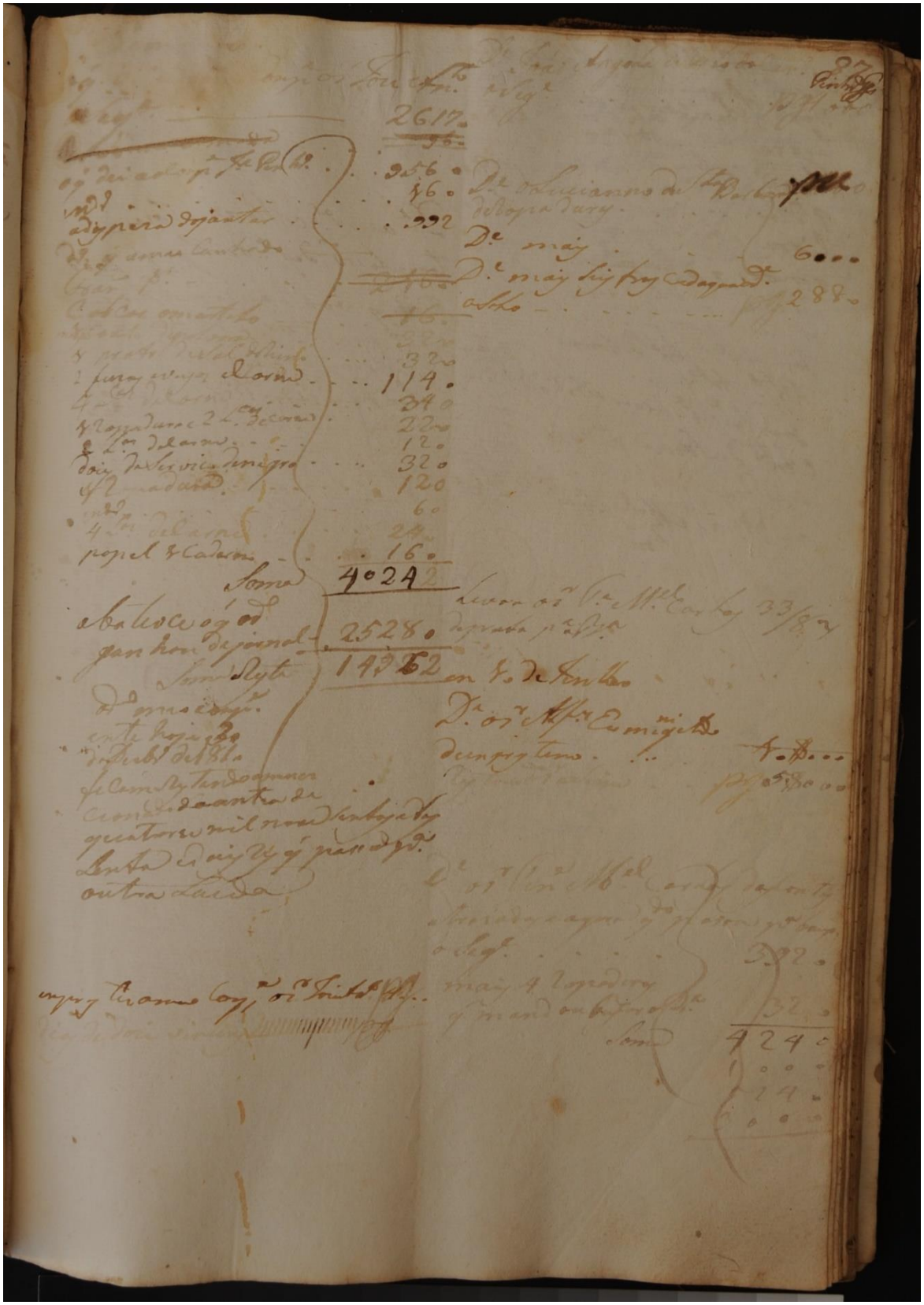
[p. 86]

oque voudando aAnt*oni*o deS*ouz*a
naõ p*ar*a lhe Levar d*inhei*ro Sim p*ar*a saber
oq*ue* dou p*o*r q*ue* elle taõ bem naõ
meleva d*inhei*ro no tempo q*ue* esta a-
prendendo desde q*ue* eu vim debai
xo em te od*it*o q*ue* secazar dahy
endeinte hé q*ue* ade ven cer jornal
pelo q*ue* nos ajus tarmos [*inint.*]
huma vaca. 6400
1 Rede de dormir 4000
12 v*ar*as dep*an*o para Ropa 2400
1 par dexinellos 0480
1 par de xelins 1000
1 par dexinelos . . . . . .p*ago* 480

D*ev*e omano Silverio
8 L*ibra*s de ferro ~~1280~~

depois dejustas nossas contas

D*ev*e o Mestre Ign*aci*o q*ue* vem
de tras 3030
end*inhei*ro 320
conta davenda 2800
mais doLombo 320
mais end*inhei*ro 320
sabão 50
meyo fras co deagoa ard*ent*e 320
mais meyo frasco 320
mais meyo frasco 320
mais meyo frasco 320
meyo frasco 320
meyo frasco deagoa 320
q*ue* deo onegro dajerema 80
[*inint.*] 180
mais meyo fras co 320
2 Rapaduras 240
meyo frasco 320
1 Rapadura Sabaõ 240
fumo 80
Conta davenda 540
Soma 10760
360
p*ago* 11120
p*o*r 3 v*ar*as dep*an*o delã . . . 2400
1 xapeo 3000
4 varas emeya dep*an*o 720
1 vaca 6000
1 arma defogo 10000
8 Rapaduras 640
1 colher depedreiro 1280
1 coarta depolvora 640
d*inhei*ro que dei ao Izidoro . . . 1200
1 Rapa dura 80
1 Rapa dura 100
5 Rapaduras 500
end*inhei*ro p*ar*a oSouza . . . 640
1 v*ar*a dep*an*o deAlgodaõ . . 1800
1 Rapadura 120
vira
Soma evira p*ago* 29120



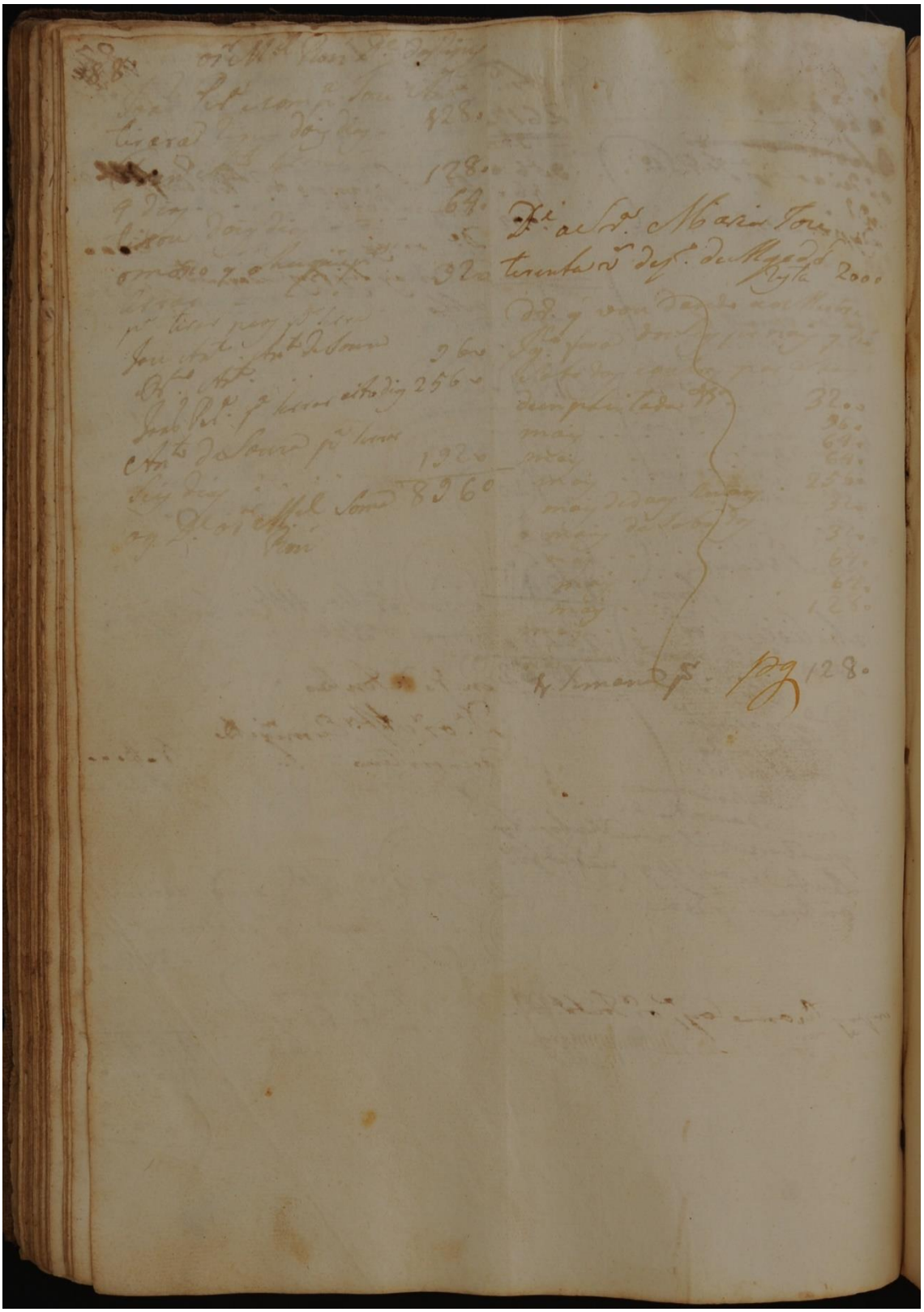
[p. 87]

[ilegível] Deve Joaõ Angola deResto docavalo
[ilegível] oSeguinte . . . . . pago 4000
oque [ilegível] compadre osenhor
Joze Antonio
oseguinte _____ 26170
[ilegível] ~~960~~
oque dei aocompadre Joze Pinheiro 9560 Deve oLucianno de Santa Barbara [*inint.*]
endinheiro . . . . . 160 deRapa duras . . . . . .
adispeza dojantar 992
dinheiro que omeo cunhado_____ Deve mais 6000
Francisco por . . . . . ~~2160~~ Deve mais seis fras cosdagoardente
calcar omartelo . . . . . ~~160~~ aSelo . . . . . pago 2880
1 coarta depolvora 320
1 prato deSal doReino 320
2 ferros [*inint*] carne 1140
4 Libras decarne 340
1 Rapadura e 2 Libras decarne 220
2 Libras decarne 120
dois doServico donegro 320
1 Rapadura 120
endinheiro 60
4 Libras decarne 240
papel 1 caderno 160
Soma 40242
abateoce o que odito Levou osenhor Tenente Manoel Carlos

33/84
ganhou dejornal 25280 deprata para a Fazenda
Soma Resta 1496[146]2 en 10 de [*inint*.]
odito meo compadre Deve osenhor Alferes [*inint.*]
ente hoje 30 dein pres timo . . . . ~~10$000~~
deDezembro de1810 Resta odito senhor aSima pago 5$000
ficam Restando o [*inint.*]
cionado daconta de
quatorze mil novesentos e Ses
senta edois Rés que pasa para
outra Lauda Deve osenhor Manoel Carlos dascontas
atrasadas e agora quando pasou para
baixo
oseguinte 3920

empres tei ameo compadre osenhor
Izidoro pago 4000 mais 4 Rapaduras
dias de Jozé vintens)ıılıılıılıı|ıılıılıı pago que mandou buscar o[*inint*.] 320
Soma 4240
1000
5240
3000

[146] O valor está rasurado.

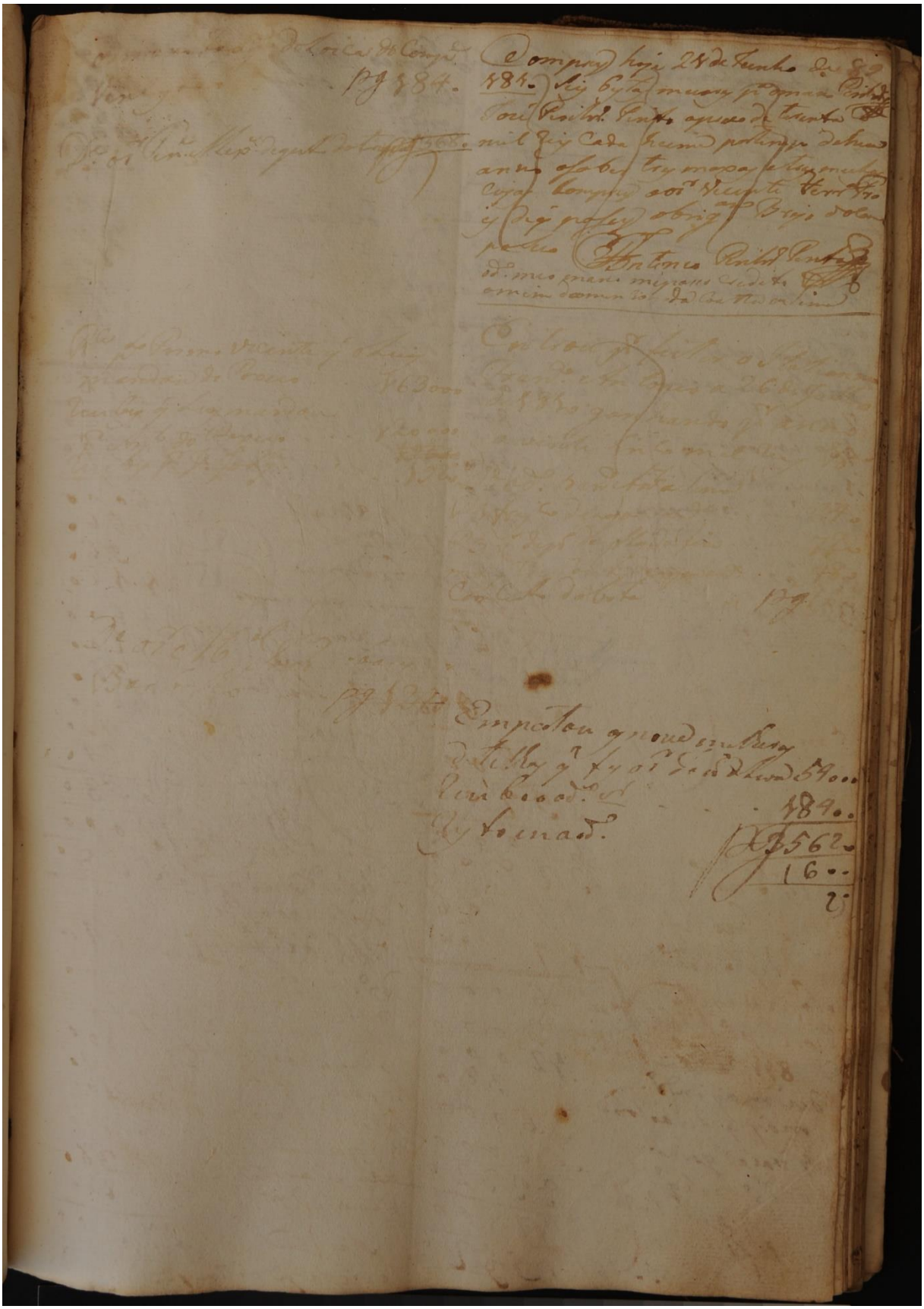


[p. 88]

os*enho*r M*ano*el [*inint.*] D*ev*e das
[...] Ripas
Joaõ Per*ei*ra comp*adr*e Joze Ant*oni*o
tiraraõ Ripas dois dias 1280
Fran*cis*co Ant*oni*o [ilegível]
4 dias 1280
lixou dois dias 640
omosso q*ue* aLuguei p*ara*
cerrar 320
p*ara* tirar paos p*or* serra
Joze Ant*oni*o Ant*oni*o deSouza
[*inint.*] Ant*oni*o 960
Joaõ P*ere*ira p*or* serrar oito dias 2560
Ant*oni*o deSouza p*ara* serrar
seis dias 1920
oq*ue* D*ev*e os*enho*r M*ano*el Soma 8960
[*inint.*]

D*ev*e aS*enho*ra Maria Jozé
trinta v*ar*a dep*an*o deAlgodaõ
Resta 2000
d*inhei*ro q*ue* vou dando aoMestre
Ig*naci*o fora dos seos por mais q*ue* saõ
saba dos eoutros por q*ue* [*inint.*]
dein pleitada [*inint.*] 3200
mais 960
mais 640
mais 640
mais deduas semanas. 2560
mais de saba dos 320
mais 640
mais 640
mais 1280

1 semana p*or* . . . . . p*ago* 1280



[p. 89]

omano Joaq*ui*m [*inint.*] docomp*adr*e
Vences Lao . . . . . p*ago* 1840

D*eve* os*enho*r Ten*ente* Alex*andr*e dogasto
do[*inint.*] p*ago* 3680

R*ecebi* pelo Primo Vicente q*ue* oLuis
mandou do Paxeco 163000

Receby q*ue* Luis mandou
p*or* Ant*oni*o do Paxeco. 12000

[ilegível]
Receby p*or* J*oze* Joaq*ui*m 198000

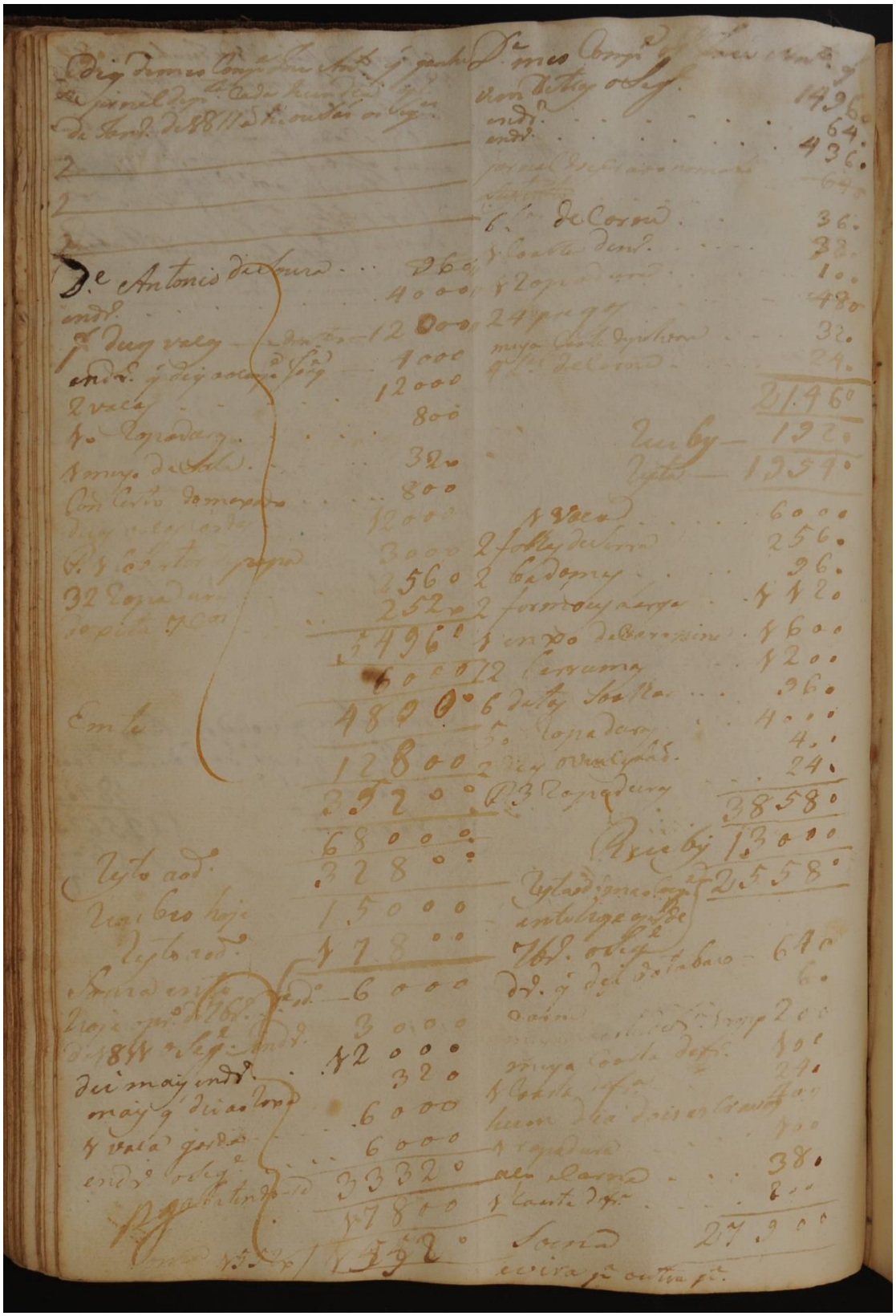
D*eve* os*enho*r M*ano*el Joaõ Somas
Bortelho p*ago* ~~1280~~

Comprey hoje 21 de Junho de
1810 seis bestas muares p*ar*a omano
Jozé Pinh*ei*ro Pinto apreco de trinta
mil Reis cada huma portempo dehum
anno aSaber tres maxos etres mulas
cujas compras aos*enho*r Vicente Ferr*ei*ra Fro
es deq*ue* paSey obrig*a*çam Brejo docam
poSeco
Antonio Pinh*ei*ro Pinto
od*it*o meo mano mepassa credito
amim [*inint.*] da conta aSima

Entrou p*or* feitor o ItaLianno
Fran*cis*co An tonio a 26 de Julho
de 1810 gan hando p*or* anno
a vinte cinco mil Reis

od*it*o [*inint.*] [*inint.*] aSima
P*or* 1 fras co deagoaard*ent*e 640
P*or* 3 v*ara*s dep*an*o deAlgodaõ [*inint.*] . . . 720
mais [*inint*] deagoaard*ent*e 480
Com certo dabota .. . . p*ago* 160

Emprestou os nove milheros
detelhas q*ue* fes os*enho*r Joaõ Oliv*ei*ra 54000
Rece beo od*it*o s*enho*r - 18400
Res to en aod*it*o p*ago* 35620
1600
20



[p. 90]

dias demeo comp*adr*e Joze Ant*oni*o q*ue* ganh
ou jornal dep***a***ta***ca*** cada hum dia op*rimei*ro
de Jane*i*ro de1811 o hé ouSaõ os Seg*uint*es
)_____
)_____
)_____

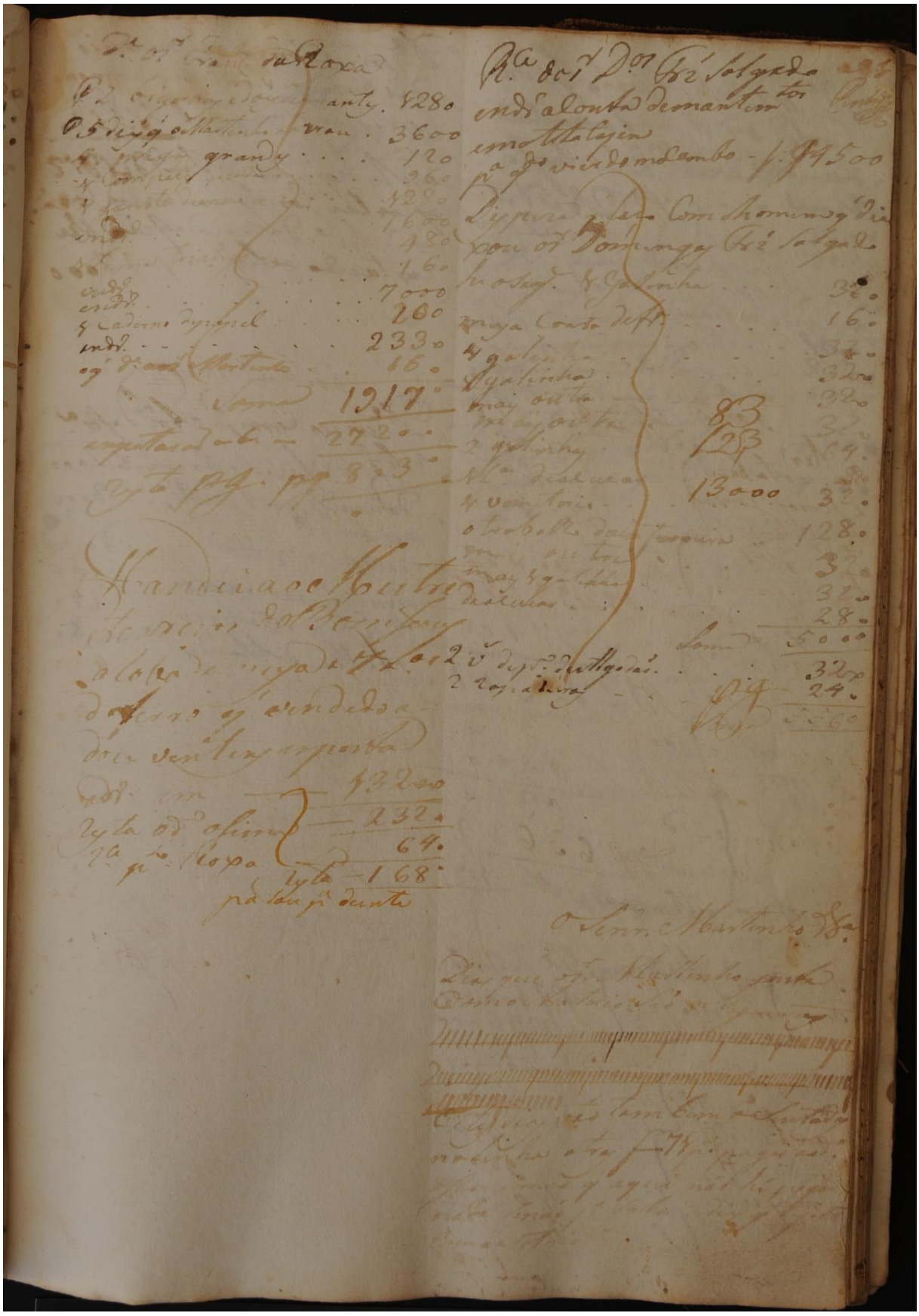
D*ev*e Antonio deSouza	~~960~~
end*inhei*ro	4000
por duas vacas____ [*inint.*] _	12000
end*inhei*ro q*ue* dei aocomp*adr*e	4000
Joaq*ui*m	
2 vacas - - - - -	12000
10 Rapaduras	800
1 meyo deSola	320
Con certo do maxado	800
duas vacas Cor das	12000
P*or* 1 cobertor depopa	3000
32 Rapaduras	2560
dexita 7 c*ovad*os	2520
	54960
	6000
Em te	48000
	12800
	35200
	68000
Resto ao d*it*o	32800
Rece beo hoje	15000
Resto ao d*it*o	17800
Soma ente	
hoje p*rimei*ro de *setem*bro D*ev*e od*it*o	6000
de1811 oSeg*uint*e end*inhei*ro	3000
dei mais end*inhei*ro . . .	12000
mais q*ue* dei ao Roxa	320
1 vaca gorda	6000
end*inhei*ro oSeg*uint*e	6000
p*ago* abatendo-se	33320
	17800
Soma 15580/	15520[147]

D*ev*e meo comp*adr*e Joze Ant*oni*o q*ue*

vem detrás oSeg*uint*e	14960
end*inhei*ro	640
end*inhei*ro	4360
jornal doescravo nomato	~~640~~
~~Sustento~~	
6 L*ibr*as de carne	360
1 coarta de[*inint.*]	380
1 Rapadura	100
24 pregos	480
meya coarta depolvora . . .	320
4 L*ibr*as de carne	240
	21460
Receby__	1920
Resta	19540
1 vaca	6000
2 folhas de Serra	2560
2 badames.	960
2 formoes Largos . . .	1120
1 enxada decarapina . .	1600
12 barrumas	1200
6 ditos soalhos.	960
50 Rapaduras	4000
2 dias ovencesLao . . .	400
Por 3 Rapaduras	240
	38580
Receby	13000
Resta do meo comp*adr*e	
ente hoje op*rimei*ro de	
*setem*bro oSeg*uint*e	
d*inhei*ro q*ue* dei do tabaco	640
carne	60
[ilegível] 1 xapeo	200
meya coarta de f*arinh*a	100
1 coarta defa*rinh*a	240
hum dia dois escravos	400
1 rapadura	100
aço carne.	380
1 coarta defa*rinh*a.	200
Soma	27900

evira p*ar*a outra p*agin*a

[147] Valor rasurado



[p. 91]

Deve osenhor Francisco daRoxa
Por 2 bigornas e dois [*inint.*] 1280
Por 5 dias que o Martinho Lavrou. 3600
4 pregos grandes. 120
1 com paço grande. 960
1 garrote deanno. 1280
endinheiro 1600
1 Lima triango. 480
endinheiro 160
endinheiro 7000
1 caderno depapel. . . . . 100[148]
endinheiro 2330
oque [*inint*] aosenhor Martinho . . . 160
Soma 19170
[*inint*] 27200
Resto pago pago 8030

Mandei ao Mestre
Ferreiro doBom Jesus
aRoba e meya e 7 Libras
d ferro que vendido a
doze vintens enposta
odinheiro em _____ 13200
Res ta odito aSima_____ 2320
Recebi pelo Roxa ____ 640
Resto 1680
pa sou para diente

Recebi dosenhor Domingos Fernandez Salgado
endinheiro aconta demantimentos
emotolotajen
para quando vier do mocambo pago 4500

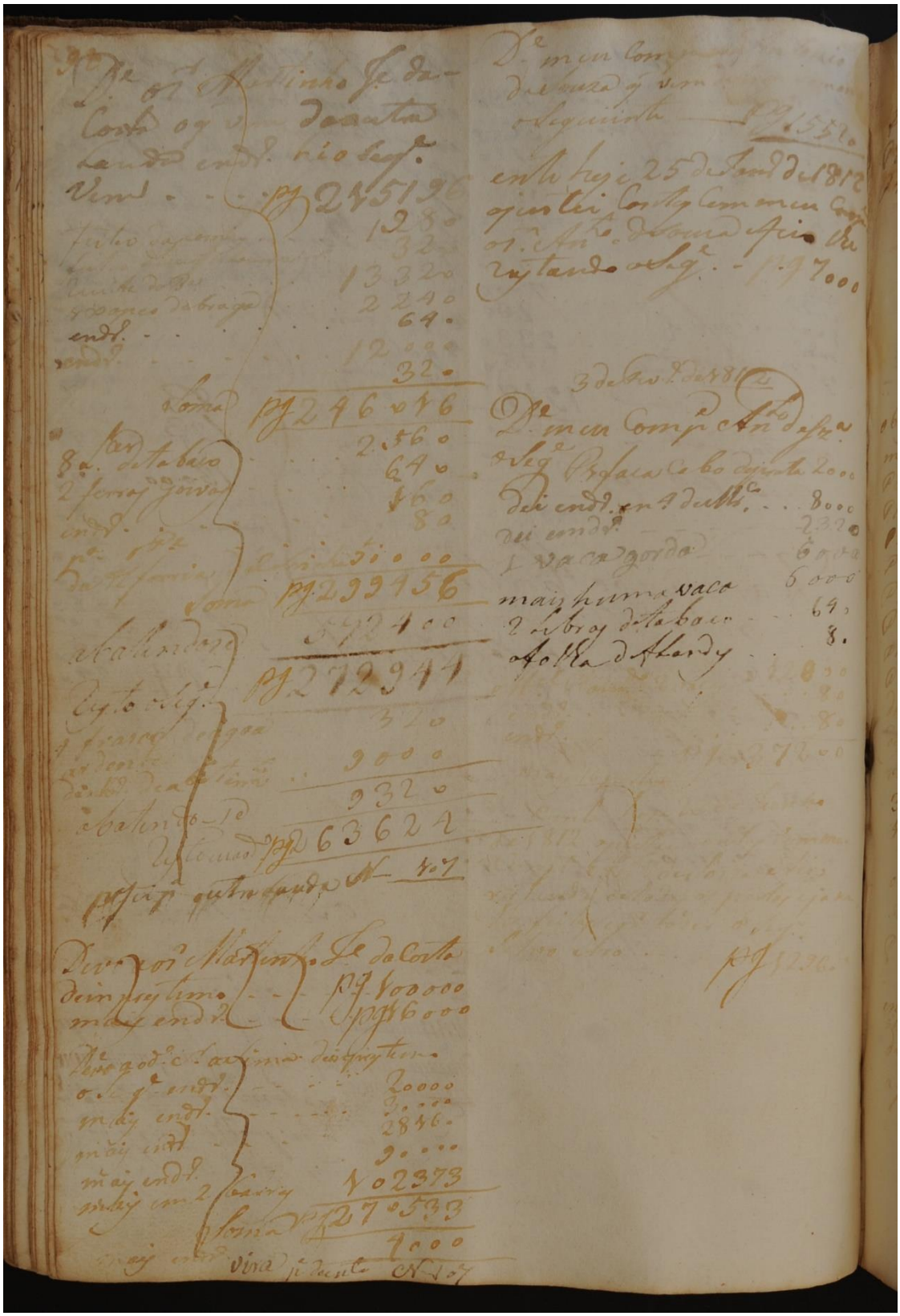
Dis peza que faço com ohomem que dei
xou osenhor Domingos Fernandez Salgado
he oseguinte 1 galinha 320
meya coarta defarinha 160
1 galinha 320
1 galinha 320
mais outra 320
mais outra 83. 320
2 galinhas . . . . . /23. 640
1 Libra deacucar
1 vomitorio 1300. 320
o trabalho dos [*inint*] 1280
mais ou tra 320
mais 1 galinha 320
deacucar 280
Soma 5000
2 varas depano deAlgodaõ 320
2 Rapaduras . . . . .pago 240
Soma 5560

oSenhor Martinho [*inint*]

Dias que osenhor Martinho junta
com o Lratorio Saõ os Seguintes

Estes dias vão tam bem aSentados
na Linha atras folha 71 para pagar ao dito
oseo [*inint*] que aqui naõ hé [*inint*]
nada Senaõ para sa ber dias que gasto
com o oratorio

[148] Valor rasurado.



[p. 92]

De*v*e os*enho*r Martinho J*oz*e da-
Costa oq*ue* vem daoutra
Lauda end*inhei*ro hé os*eguint*e
vem . . . . . p*ago* 215196
feitio das camisas 1980
feitio [ilegível] 320
Receita daB*arr*a. 13320
1 xapeo debraga 2240
end*inhei*ro 640
end*inhei*ro 12000
320

Soma p*ago* 246016
8 L*ibr*as detabaco 2560
2 ferros goivos 640
end*inhei*ro 160
p*ar*a o P*adr*e 80
da Alforria docabrinha 50000
Soma p*ago* 299456
abatendose 572400
Resto oseg*uint*e p*ago* 272944
4 frasco deagoa ardente 320
dinheiro deabatim*en*to . . 9000
abatendo-se 9320
Resto eu aod*it*o p*ago* 263624
pasei p*ar*a outra Lauda N 107

De*v*e os*enho*r Martinho J*oz*e daCosta
dein pres timo . . . . p*ago* 100000
mais end*inhei*ro. . . . . .. p*ago* 16000

Devo ao d*it*o s*enho*r asima deinpres timo
o Seg*uint*e end*inhei*ro 20000
mais end*inhei*ro 30000
mais end*inhei*ro 28160
mais end*inhei*ro 90000
mais em 2 borros 102372
Soma p*ago* 270533
mais end*inhei*ro 4000
vira p*ar*a deinte Nº 107

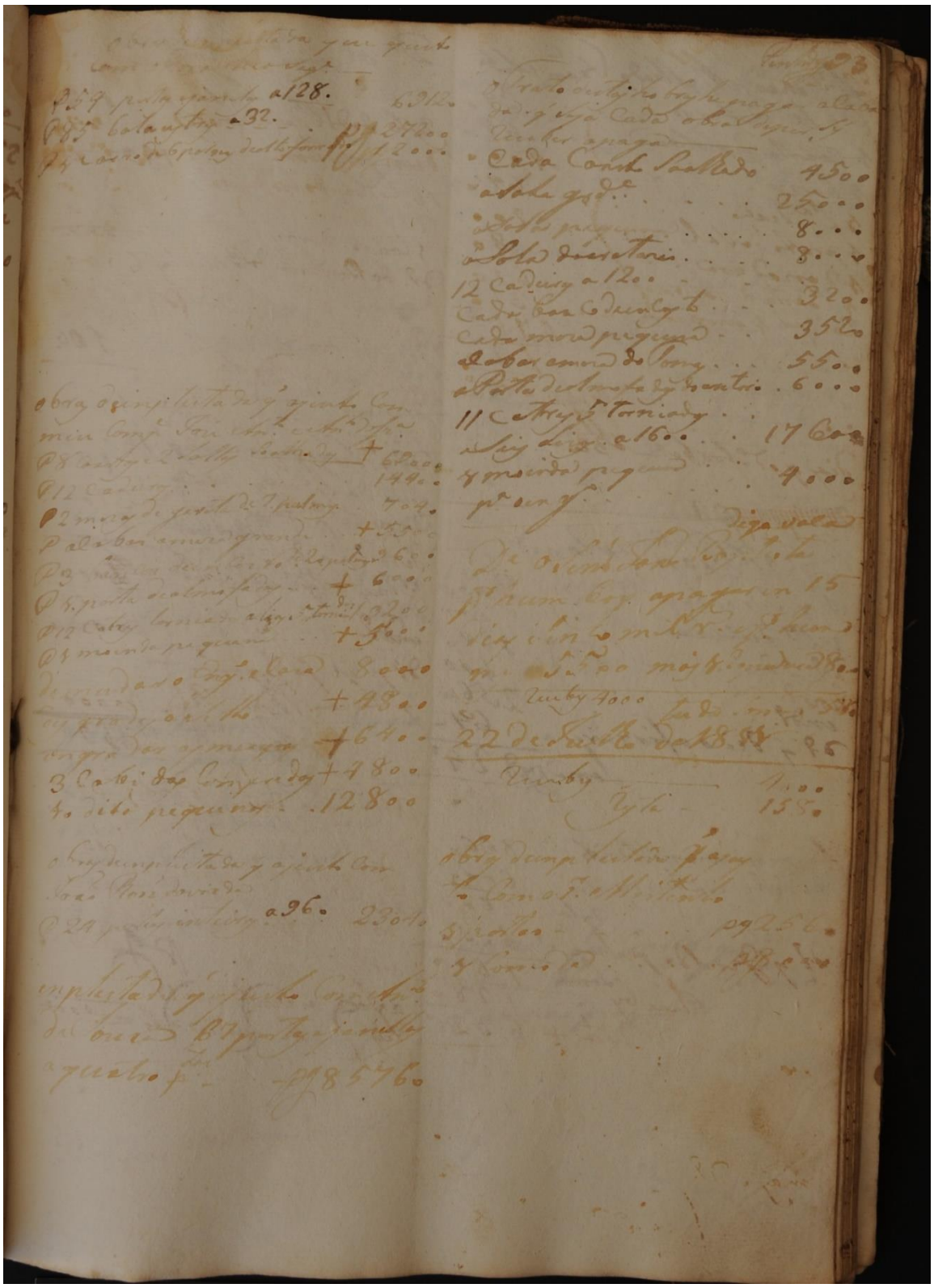
De*v*e meu compadre An tonio
deSouza q*ue* vem detras somando
oSeguinte_____ p*ago* 15590

ente hoje 25 deJan*ei*ro de 1812
ajustei contas com meu comp*adr*e
os*enho*r Antonio deSouza fico lhe
Res tando oSeg*uint*e. . . . . p*ago* 7000

3 deFev*erei*ro de1812

De*v*e meu comp*adr*e Ant*oni*o deS*ouz*a

oSeg*uint*e P*or* 1 faca cabo de prata 2000
dei end*inhei*ro em 4 deM*ar*ço 8000
dei end*inhei*ro - - - - - - - - - - 2320
1 vaca gorda - - - - - - - - 6000
mais huma vaca 6000
2 Libras detabaco 640
folha deflandes 80
M*ano*el Raim*un*do 2 vacas 12800
end*inhei*ro. 80
end*inhei*ro 80
p*ago* 37200
mais 16 [ilegível]
[inint] 20 de Junho
de 1812 ajustei [*inint.*] [*inint.*] meo
comp*adr*e [*inint*] deSouza e [*inint.*]
[*inint.*] detodas as partes e [*inint.*]
[*inint.*] feitos e p*or* fazer o seg*uint*e
salvo erro . . . p*ago* 12960



[p. 93]

obras [*inint.*] que quito
com o Roxa heoSeg*uinte*
P*or* 59 portas ejanelas a128 69120
P*or* 85 cola estras a 320 . . . .p*ago* 27200
P*or* 1 carro de 6 poloes de [inint.] forrado 12000

obras deinpleitada q*ue* ajusto com
meu comp*adr*e Jozé Ant*oni*o e Ant*oni*o
S*ou*za
P*or* 8 coartos e 2 sollos soalhodos +69000
P*or* 12 cadeiras 1440
P*or* 2 mez as de gaveta de 7 palmos 7040
P*or* acabar ameza grande . . . . . +5500
P*or* 3 ban cos de em cos to de 20 palmos 9600
P*or* 1 porta dealmofadas . . . . . +6000
P*or* 12 catres torniado alias 5 tornia^{dos}/ 3200
P*or* 1 mo enda pequena. . . . . +5000
demudar o Eng*enh*o ecaza 8000
[.]oes gra des [.] Sello . . . +4800

en gra dar os mesmos +6400
3 cabides comprados +4800
10 [*inint*] pequenos 12800

obras deinpleitada q*ue* ajusto com
Joaõ Rod*rigue*z [*inint*]
P*or* 24 [*inint*] inteiros a 960 23040

enpleitada q*ue* ajusto com Ant*oni*o
deSouza 67 portas ejanellas
a quatro pat*aca*s . . . . . .p*ago* 85760

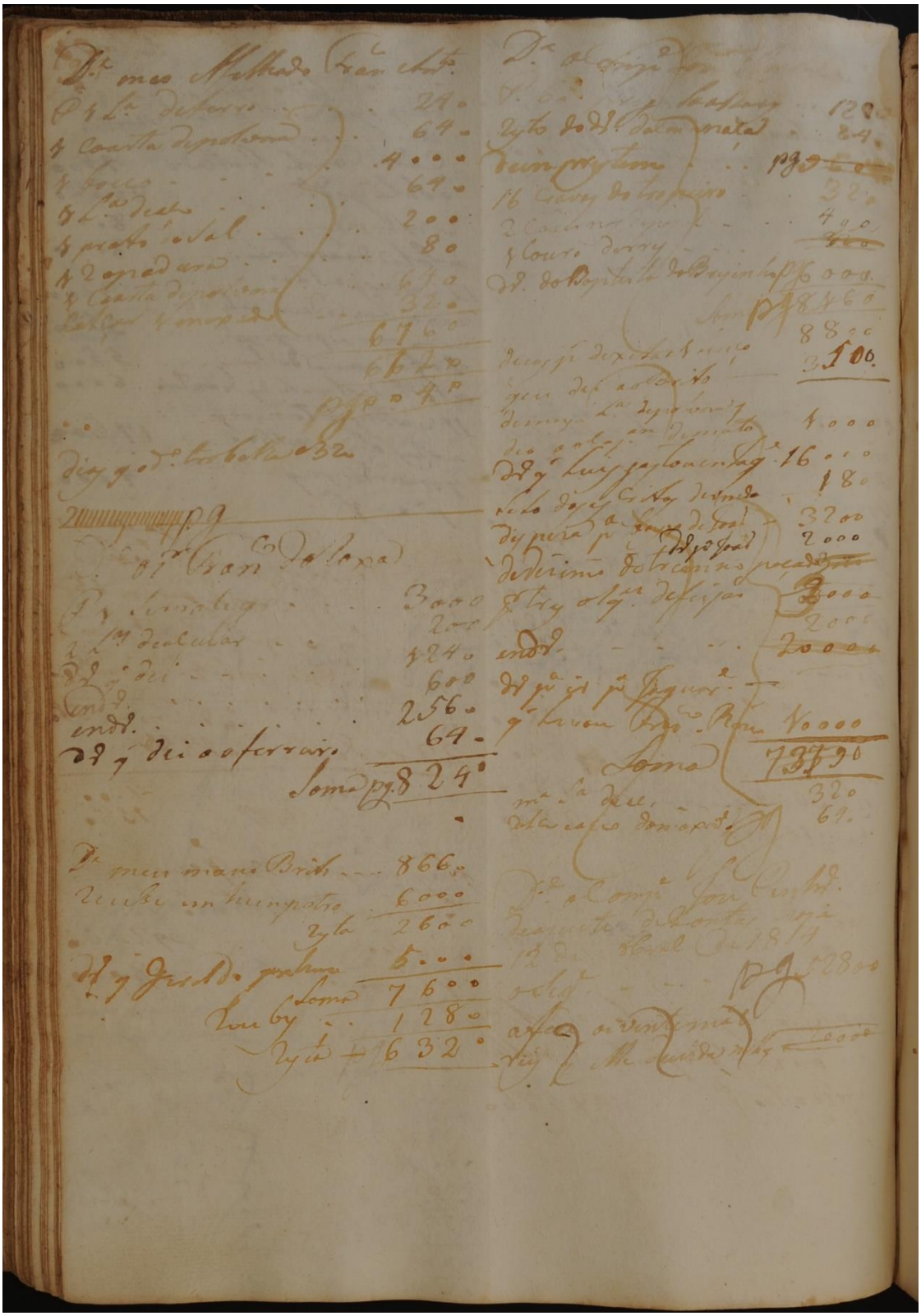
oTrato destas h obras he pagar acaba
da q*ue* seja cada obra [*inint.*]
Receber apaga _____
cada conta Soalhado 4500
aSola gr*an*de 25000
aSola pequena 8000
aSola dooratorio 8000
12 cadeiras a 1200. . . . . .
cada banco deencosto 3200
cada meza pequena 3520
acabar ameza do Tomas 5500
aPorta dealmofadas do ora toro 6000
11 catres 5 torniados
eseis Lisos a 1600 17600

1 moenda pequena 4000
p*ar*a o eng*enh*o
_____

Deve o Senhor Joaõ Baptista <↑digo vaca>
p*or* hum boy apagar em 15
dias Sin co mil r*es* ep*or* hum
mês 5500 mais 1 Rapadura 2800
_____

Receby 4000
tudo soma [inint]
22 de Julho de 1811
Receby _____ 4000
Resta - - - 1580

obras deinpleitada q*ue* ajus
to com os*enho*r Martinho
1 portao . . . . . p*ago* 2560
1 comoda . . . . . p*ago* 8000



[p. 94]

De*v*e meu Afilhado Fran*cis*co Ant*oni*o
P*or* 1 L*ibr*a deferro. 240
1 coarta depolvora 640
1 barco 4000
1 L*ibr*a deaço 640
1 prato de Sal 200
1 Rapadura 80
1 coarta depolvora 640

calçar 1 maxado 320
6760
6760
p*ago* 0040

dias q*ue* od*it*o trabalha a320

)ıııııııı|ıııııııı|ı p*ago*
De*v*e os*enho*r Fran*cis*co daRoxa 3000
P*or* 1 Serrote gr*an*de 200
2 L*ibr*as deaçucar 1240
d*inhei*ro q*ue* dei 600
end*inhei*ro 2560
end*inhei*ro 640
d*inhei*ro q*ue* dei o o ferreiro 8240
Soma p*ago*

De*v*e meu mano Brito 8660
Recebi em humpotro 6000
Res ta 2600

d*inhei*ro q*ue* Geraldo [*inint*] 5000
Soma 7600
Rece by 1280

Resta p*ago* 6320

De*v*e ocomp*adr*e Joaq*ui*m [ilegível]
P*or* 60 [*inint.*] 1280
Resto do d*inhei*ro da [*inint*]. . 240
deinprestimo . . . . . p*ago* ~~960~~[149]
16 cravos do tropeiro. 320
2 cadernos depapel. 400
1 couro derres. . . . . ~~320~~
d*inhei*ro doBaptista do Brejin ho p*ago* 6000

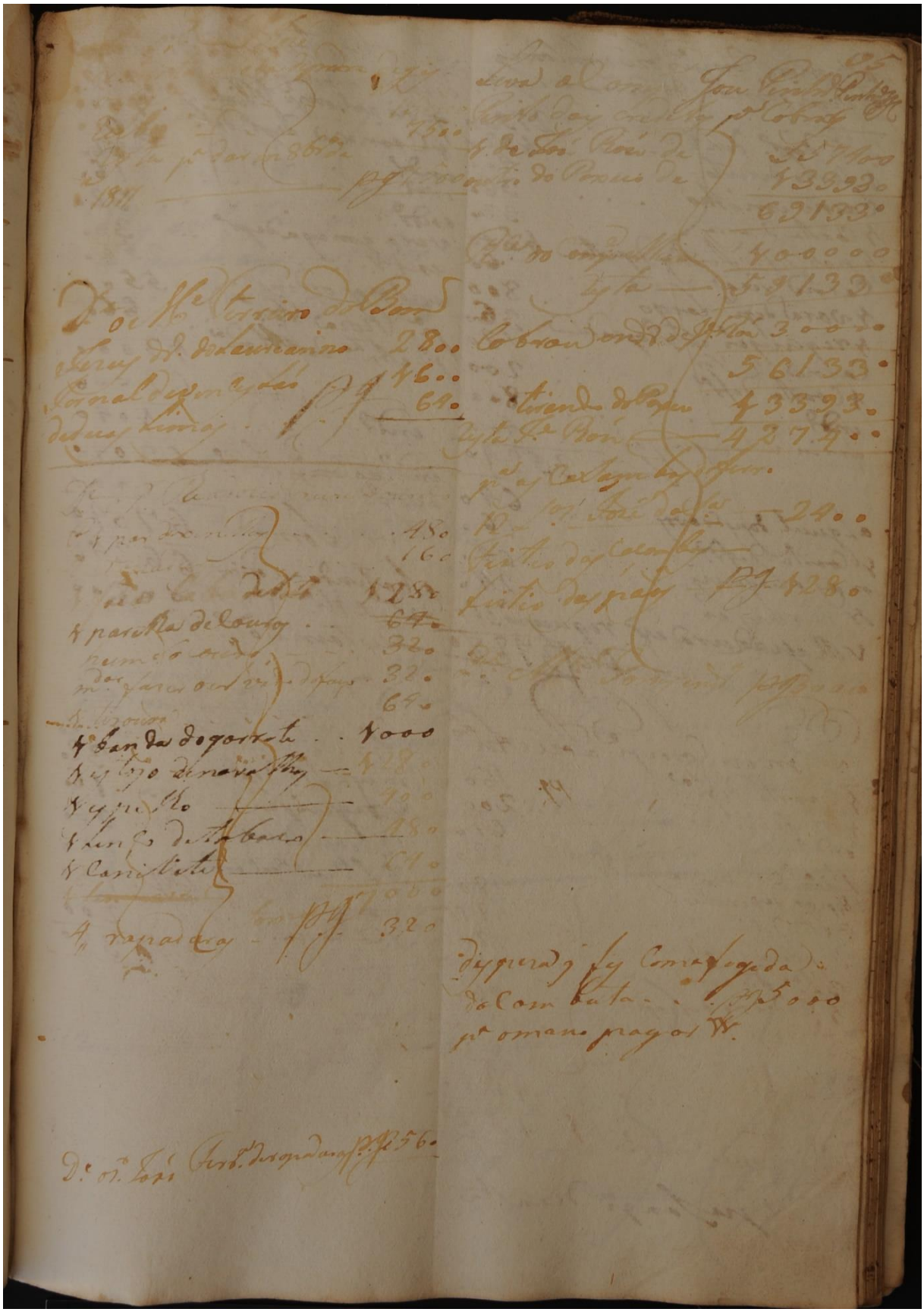
Soma p*ago* 8160

[*inint.*] p*an*o dexita e 1 Lenço 8800
que dei aoBrito _____ 3500
demeya L*ibr*a depolvora q*ue*
deo aocap*it*am demato 1000
d*inhei*ro q*ue* Luis gastou em [*inint*] 16000
Selo dos es critos de [*inint*] 180
dis pesa p*ar*a boys deJoaõ 3200
d*inhei*ro [*inint*] deJoaõ 2000
dedisimo do treanno paçado 3000
p*o*r tres alq*ueir*es defeijaõ [.]000
2000
end*inhei*ro . . . . . ~~20000~~
d*inhei*ro p*ar*a [*inint.*] p*ar*a Jaguar
q*ue* Levou Fran*cis*co Rod*rigue*s 10000
Soma ~~73790~~[150]

me*y*a L*ibr*a [*inint*] 320
calço eaço domaxado p*ago* 640

De*v*e o comp*adr*e Joze Pinhe*i*ro
deajuste decontas hoji
12 de Abril de 1814
oSeg*uint*e . . . . . p*ago* 52800
[inint] vintemil
reis q*ue* elle [*inint*] [*inint*] ~~20000~~

[149] Valor rasurado
[150] Valor rasurado



[p. 95]

[ilegível] Jozé
[ilegível depedra degis
[ilegível
oseg*uint*e 15000
Receby - - - - - - - -- - - - - 7500
Resta p*ar*a dar em *outu*bro de
1817 _____ pago7500

D*ev*e o M*estr*e Ferreiro deBom
Jesus d*inhei*ro doLaureanno 2800
Jornal devencesLaõ 1600
deduas Limas . . . . . pago 640
_____

D*ev*e os*enh*or Theodozio [*inint*.]
P*or* 1 par dexinellos 480
[*inint.*]. 160
[*inint.*]. 1280
1 parelha decouros . . . . ~~640~~
hum [*inint.*] couro 320
m*an*dar faser o eLvado [*inint.*] 320
1 tizoura 640
1 ban da do garrote. . . 1000
1 es tojo denavalhas _____ 1280
1 es pelho _____ 400
1 Len ço detabaco _____ 480
1 canivete _____ 640
1[ilegível]
Soma pago 7000
4 rapad uras 320

D*ev*e os*enh*or Jozé Ferreira derapaduras
pago 560

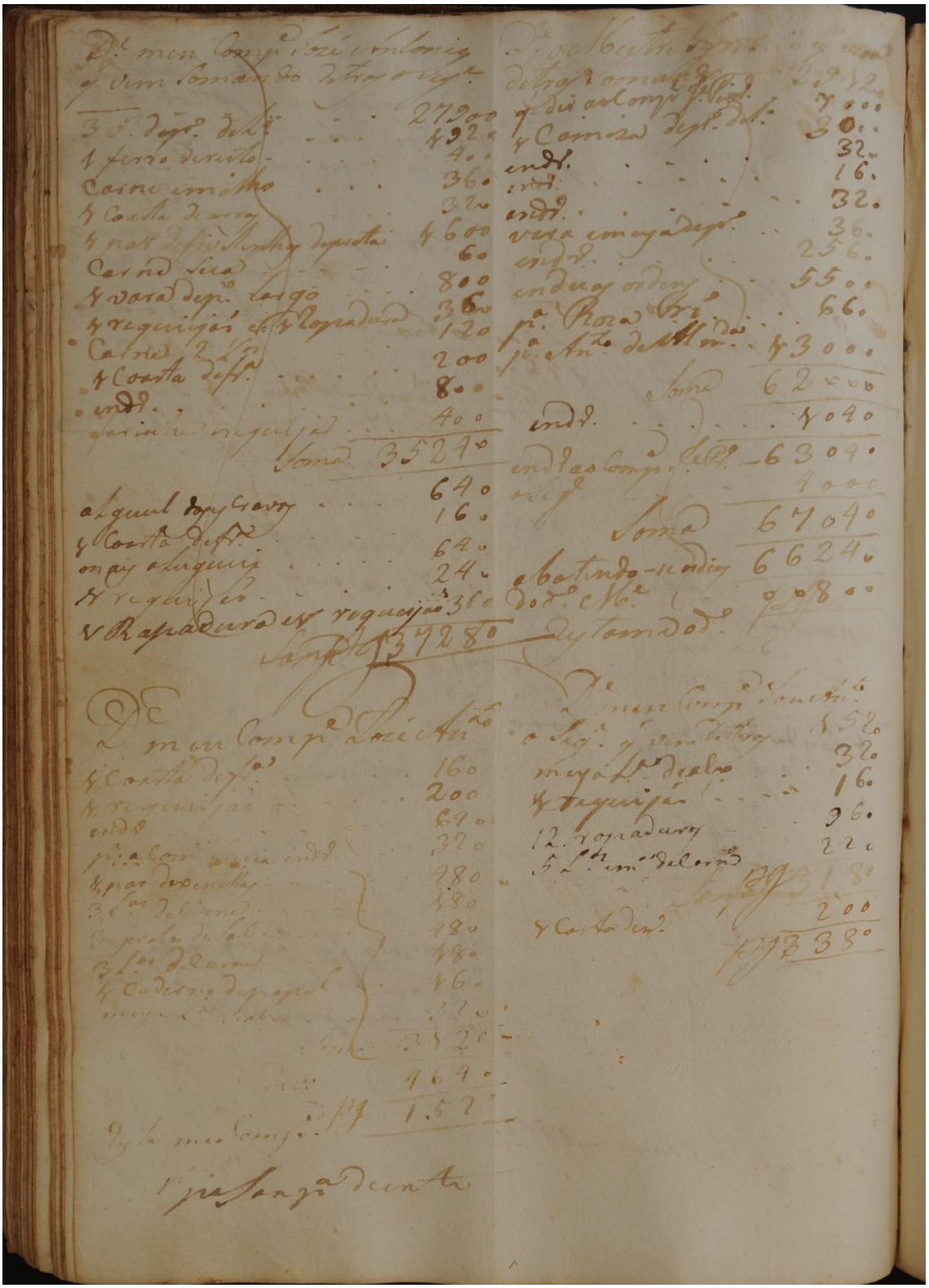
Leva ocomp*adr*e Joze Pinhe*ir*o

Pinto dois creditos p*ar*a cobrar
1 de Jozé Rod*rigue*z de 557400
outro do Paxeco 133930
691330
Rec*ebi* do comp*adr*e Meira 100000
Res ta_____ 591330

Cobrou end*inhei*ro de Joze Rod*riguez* 30000
561330
tirando doPaxeco 133930
Res ta Joze Rod*riguez* _____ 427400
para as caçambas deferro
12 L*ibr*as Joze deS*ouz*a _____ 2400
Feitio das caçambas ____
feitio dos paos pago 1280

D*ev*e o M*ano*el Gomes en d*inhei*ro p*ago* 3000

dispesas q*ue* fis coma xegada
do[*inint.*] . . . . . pago 5000
p*ar*a omano pagar [*inint.*]



[p. 96]

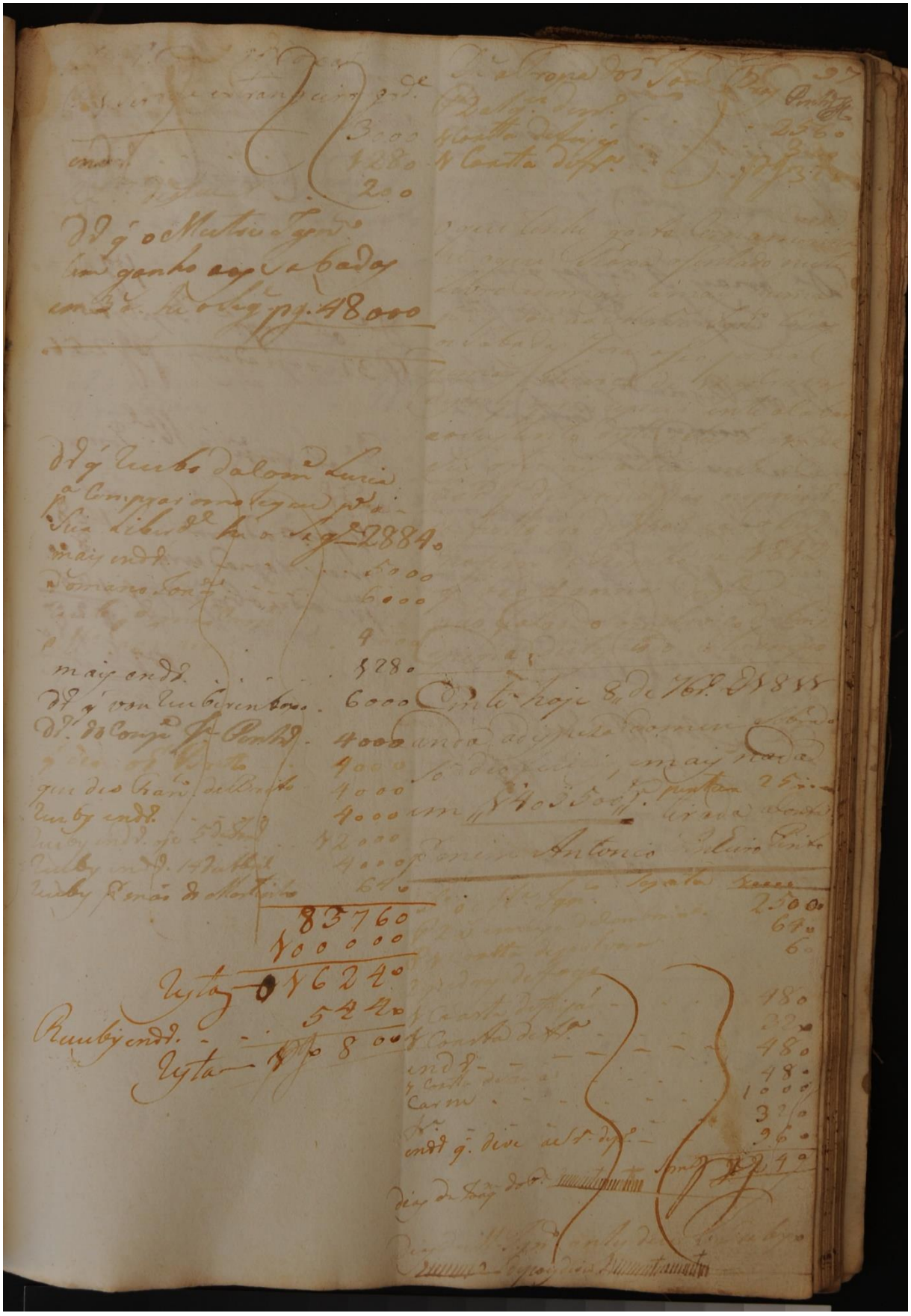
	Deve meu compadre Jozé Antonio	
	que vem Somando detras oseguinte	
	_____ _ _	27900
	3 varas depano deLinho	1920
5	1 ferro deresto	400
	carne emilho	360
	1 coarta dearros	320
	1 par defivelinhas deprata	1600
	carne seca - - - - - -	60
10	1 vara depano Largo - - -	800
	1 requeijaõ e/ 1 Rapadura	360
	Carne 2 Libras	120
	1 coarta defarinha	200
	endinheiro	800
15	farinha erequeijaõ	400
	Soma	35240
	aLuguel doses cravos	640
	1 coarta defarinha	160
	mais alugueis	640
20	1 requeijaõ	240
	1 Rapadura e1 erequeijaõ	380
	Soma pago	37280

	Deve meu compadre Jozé Antonio	
25	1 coarta defarinha	160
	1 requeijaõ	200
	endinheiro	640
	para a comadre Luzia endinheiro	380
	1 par dexinellos	480
30	3 Libras decarne	180
	3 pratos deSal	480
	3 Libras decarne	180
	1 caderno depapel	160
	meya Libra deaço.	320
35	Soma	3120
	devo	4640
	Resta meo compadre pago	1520

para passar para diante

Deve o Mestre Ignacio que vem	
detras somando	29120
que deo aocompadre Jozé Pinheiro	7000
1 camiza depano delinho	3000
endinheiro.	320
endinheiro.	160
endinheiro.	320
vara emeyadepano	360
endinheiro.	2560
em duas ordens.	5500
para Roza Fernandez	660
para Antonio deAlmeida	13000
Soma	62000
endinheiro.	1040
endinheiro aocompadre Jozé Pinheiro	63040
oseguinte - - - - - - - - - -	4000
Soma	67040
abatendo-se os dias	66240
do dito Mestre	
Res tame odito pago	00800

Deve meu compadre Jozé Antônio	
oseguinte que vem detras	1520
meya Libra deaço	320
1 requeijaõ.	160
12 rapaduras	960
5 Libras decarne	220
Soma pago	3180
1 coarta demilho	200
pago	3380



[p. 97]

De*v*e os*enho*r Fran*cis*co daRoxa
P*or* 1 Serrote estrangeiro gr*an*de
——————————————— 3000
end*inhei*ro 1280
2 L*ibr*as deAsucar 200
d*inhei*ro q*ue* o Mestre Ign*a*cio
tem ganho aos sábados
em 3 [*inint.*] hé oSeg*uint*e p*ago* 48000
———————————————

d*inhei*ro q*ue* Recebo dacom*adr*e Luzia
p*ar*a comprar omo leque p*or* a-
Sua Liberdade he oSeg*uint*e _____ 28840
mais end*inhei*ro 5000
domano Joaq*ui*m 6000
Recebi demeo comp*adr*e
o M*ano*el [ilegível] 4000
mais end*inhei*ro 1280
d*inhei*ro q*ue* vouRecebere[*inint*.] 6000
d*inhei*ro do comp*adr*e Joze Pinh*ei*ro 4000
q*ue* deo os*enho*r Brito. 4000
q*ue* deo Fran*cis*co deBrito. 4000
Receby end*inhei*ro - - - - - - - - - 4000
Receby end*inhei*ro [*inint*] 5 de Jan*ei*ro 12000
Receby end*inhei*ro 14 deAbril 4000
Receby p*or* maõ do Martinho 640
83760
100000
Resta ——— 016240
Receby end*inhei*ro - - - - - - 5440
Resta—— p*ago* 0800

De*v*e aTropa dos*enho*r Joaõ Bras
P*or* 2 alq*ueir*es [*inint.*]. 2560
1 coarta defeijaõ 320
1 coarta de f*arinh*a . . . . . p*ago* 320

o que tenho gasto com aminha (caza)
hé o que Seaxa asentado neste
Livro edemais amais huma
p*ataca* q*ue* dou ao Mestre Ign*aci*o todos
os Sabados para oseo jornal
edemais Servi ço de 12 es cravos
desde q*ue* prin cipiei ente acabar
eosus tento destes e sustento de
seis oficiais atuais inte aca
bar q*ue* dei prin cipio noprim*ei*ro
de Julho [*inint.*] de 1808 eacabey
nofim deJulho de1812
q*ue* vaõ 4 annos [*inint.*]
naõ falando emServiço de bois
aperda destes [*inint.*] tempo

———————————————

Emte hoje 8 de *setem*bro 1811
anda adispeza domeu Sobrado
So deoficiais emais nada
pintura 25000
em 1409500 tirada aconta

por mim Antonio Pinheiro Pinto

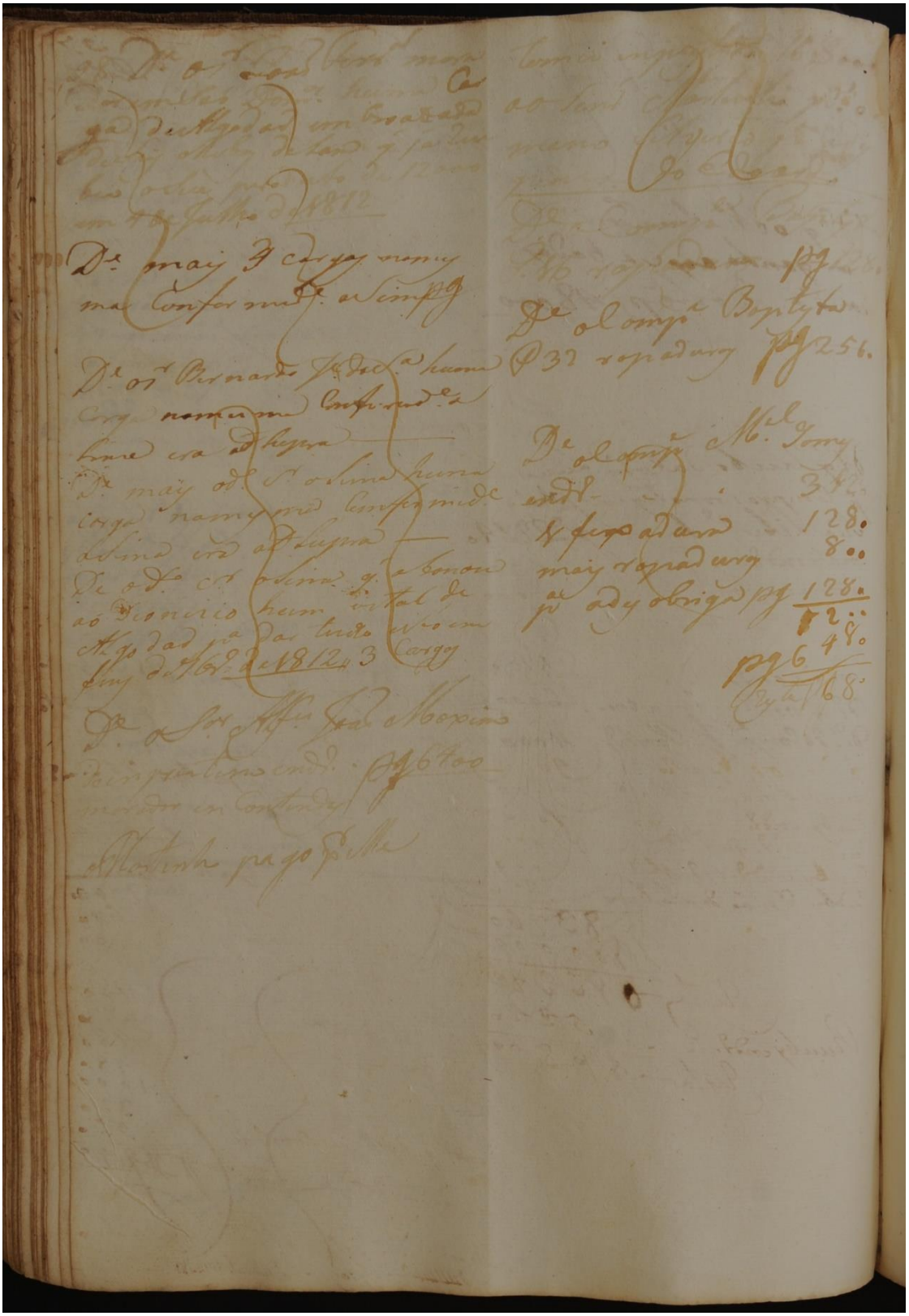
sapata 10000

De*v*e o M*estr*e Ign*aci*o
P*or* 2 v*ar*a emeya [*inint*] 25000
P*or* 1 coarta depolvora 640
2 pedras defogo 60

1 coarta defeijaõ - 480
1 coarta def*arinh*a - - - - - 320
end*inhei*ro - - - - - - - - - - - - 480
1 coarta de [*inint.*] 480
carne 1000
f*arinh*a - - - - - - - - - - - - -- - - - - - - - - 320
end*inhei*ro q*ue* deve aS*enho*ra dep*an*o -- 960
Soma p*ago* [.][.]240

dias de Joaq*ui*m [*inint.*])ıııııııı|ıııııııı|ıııı

Dias doM*estr*e Ign*aci*o antes [*inint.*]
)ıııııııı| depois dias)ıııııııı|ıııııııı|ıı



[p. 98]

D*ev*e osenhor João Ferr*ei*ra mora dor emSaõ Dom*ing*os huma car ga deAlgodaõ em broacada deSeis aRobas deLam q*ue* ja Rece beo oseu produto de 12000 em 4 de Julho de1812
D*ev*e mais 4[151] cargas names ma confir mada aSima p*ago*

D*ev*e os*enho*r Bernardo J*oz*é de*Souz*a huma carga namesma confi rmada a Sima era adSupra ———————
D*ev*e mais od*it*o s*enho*r aSima huma carga namesma confirmada aSima era aDSupra———————
D*ev*e od*it*o s*enho*r aSima q*ue* abonou ao Dionisio hum costal de Algo daõ p*ar*a dar tudo isto em fins de*setem*bro de1812 3 cargas

D*ev*e o*Senh*or Alf*er*es Joaõ Moximo deinprestimo end*inhei*ro p*ago* 6400 morador en Contendas

oMartinho pago p*or* elle

tomei enprestado 16$000

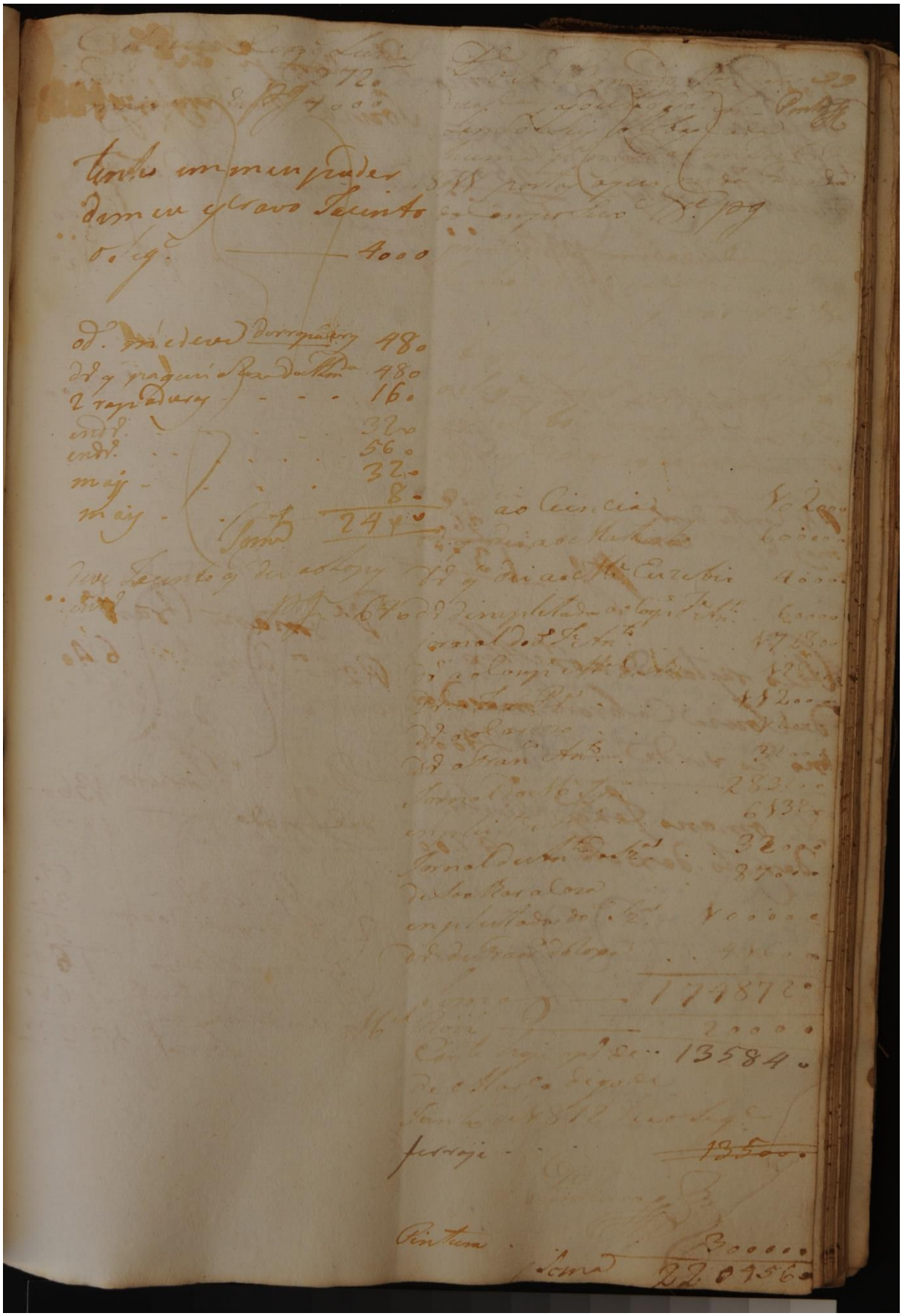
aosen*ho*r Martinho p*ar*a o

mano Silverio p*ar*a adis

pesa do Eduardo
D*ev*e ocomp*adr*e Baptista
P*or* 16 rapaduras p*ago* 1280
D*ev*e ocomp*adr*e Baptista
P*or* 32 rapaduras p*ago* 2560

D*ev*e ocomp*adr*e M*ano*el Gomes
end*inhei*ro 3120
1 fex adura - 1280
mais rapadura 800
p*ar*a ades obriga p*ago* 1280
[.]200
p*ago* 6480
Resta p*ago* 680

[151] Valor rasrado



[p. 99]

Eu devo acom*adr*e Luzia
end*inhei*ro 2720
mais end*inhei*ro 4000

tenho em meu puder
domeu escravo Jacinto
oSe*guinte* ——— 4000

od*it*o medeve derrapaduras 480
d*inhei*ro q*ue* paguei oRoxa doAlme*i*da 480
2 rapaduras - - - - - - - - - - - - - - - 160
end*inhei*ro 320
end*inhei*ro 560
mais 320
mais 80
Soma 2400

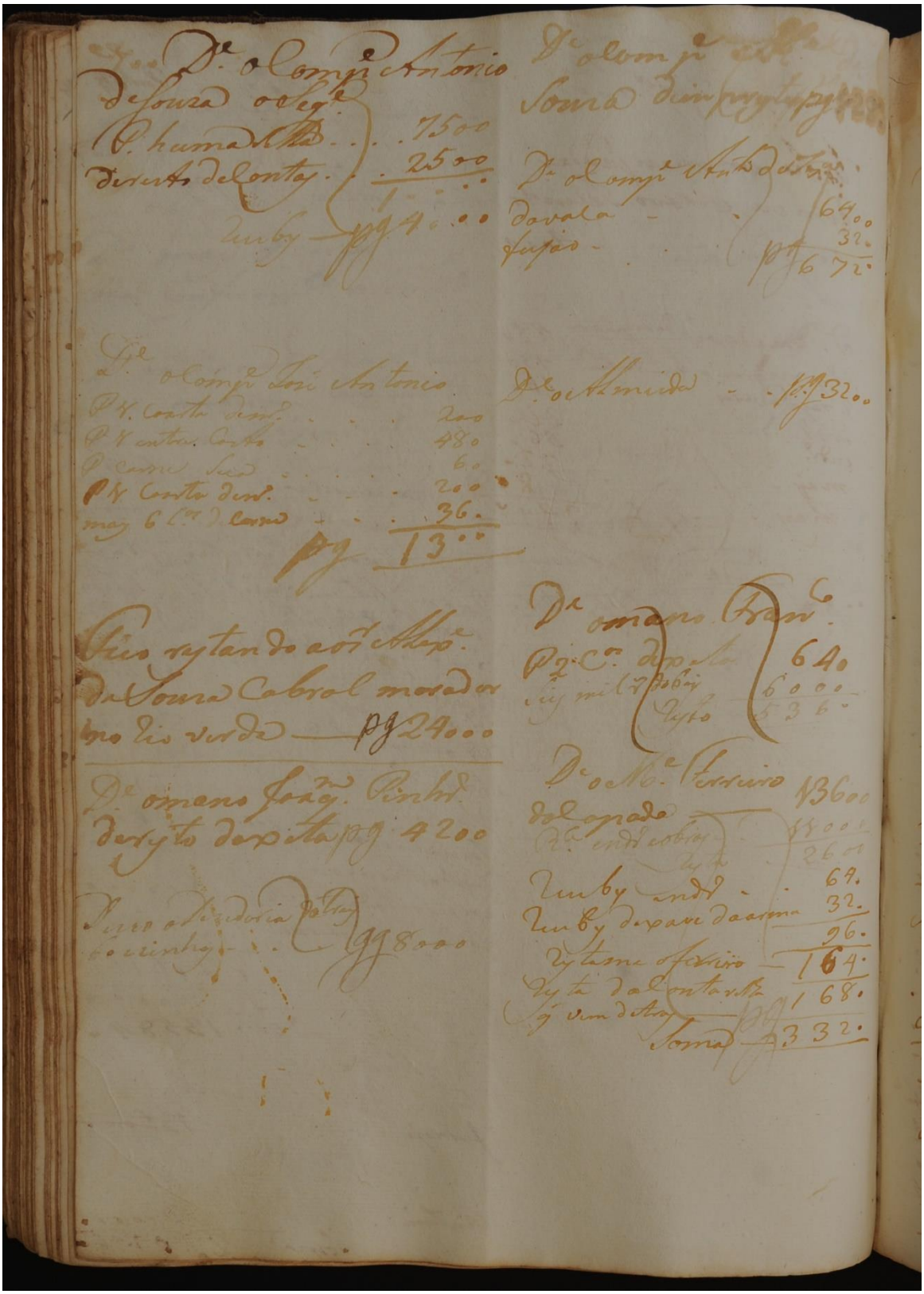
Deve Jacinto q*ue* dei aoLopes
end*inhei*ro - - - - - - - - p*ago* 640

D*eve* oS*enho*r Bernardo Joze [*inint.*]
duas cargas deAlgodaõ em
soma deSeis aRobas cada
huma p*ara* [*inint.*] dar em Deze*em*bro
de1811 postas aqui nesta Fzaenda
doCampoSeco [*inint.*] p*ago*
[ilegível + 9 linhas]

ao Cien cia 102000
q*ue* deoao Martinho 600000
d*inhei*ro q*ue* dei ao M*estr*e Euzebio 40000
d*inhei*ro dimpleitada ao comp*adr*e J*oze*
[Antônio 60000
jornal dod*it*o J*oze* Ant*oni*o 172800
d*inhei*ro aocomp*adr*e [*inint*] . . . 12800
[*inint.*] [*inint.*] Per*eir*a 112000
d*inhei*ro aoCardoso 12000
d*inhei*ro aoFran*cis*co Ant*oni*o 32000
Jornal doM*estr*e 283200
enpleitada [ilegível] 61320
Jornal deAnt*oni*o deS*ouz*a 32000
deSoalhar acaza. 87000
enpleitada do d*it*o S*ouz*a 100000
d*inhei*ro deFran*cis*co daRoxa 41600
Soma — 1748720
Manoel Rodrigues ———— 20000
Ente hoje op*rimei*ro de . . . 135840
de Março digo de
Junho de 1812 [*inint.*] oseg*uint*e
ferraje . . . . . ~~135000~~

Pinheiro

Pintura 300000
Soma 2204660



[p. 100]

Deve oCompadre Antonio deSouza oSeguinte
Por huma [*inint.*]. 7500
deresto decontas 2500
10000
Receby —— pago 4000

Deve ocompadre [ilegível]
Soma deinprestimo pago 1280

Deve ocompadre Antonio de [*inint.*]
davaca - - - - - 6400
feijao 320
pago 6720

Deve ocompadre Jozé An tonio
Por 1 coarta demilho 200
Por 1 entre Casto 480
Por carne Seca 60
Por 1 coarta demilho 200
mais 6 Libras de carne 360
pago 1300

Deve oAlmeida - - - pago 3200

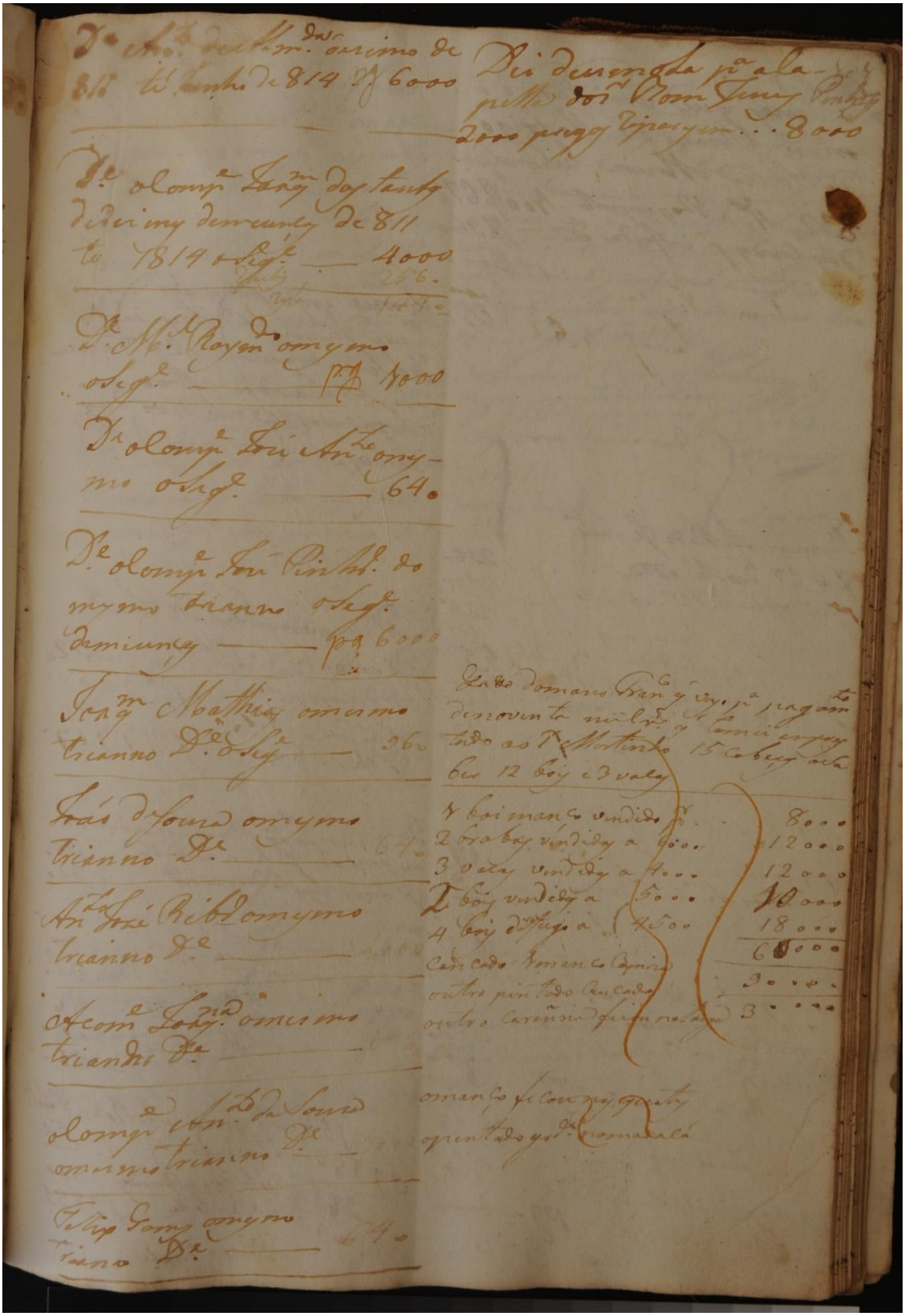
Fico res tan do aosenhor Alexandre deSouza Cabral morador no Rio verde ———— pago 2400

Deve omano Franciscо
Por 2 covados dexita 640
seis mil reis do bois 6000
Resto 5360

Deve omano Joaquim Pinheiro deresto daxita pago 4200

Deve oMestre Ferreiro [*inint.*] ———— 13600
Recebi endinheiro eobras 11000
Resta 2600
Receby endinheiro . . . 640
Receby daxave daarma 320
960
Res tame oferreiro ———— 1640
Resta daconta velha 1680
que vem detras ——— pago
Soma 3320

Devo oDeziderio de treis Gorrinhos. . .. . pago 8000



[p. 101]

Deve Antonio deAlmeida dizimo de outubro té Junho de 814 pago 6000

Dei deesmola para aCa pella dosenhor Bom Jesus 2000 pregos Reparajem 8000

Deve ocompadre Joaquim dos Santos de[*inint.*] demeunças de 811 te 1814 oSeguinte———— 4000

Receby 2560

Resta 1440

Deve Manoel Raymundo omesmo oSeguinte———— pago 1000

Deve ocompadre Jozé Antonio omesmo oSeguinte———— 640

Deve ocompadre Jozé Pinheiro do mesmo trianno oSeguinte demiunças ———— pago 6000

Gado domano Franciscо que veyo para pagamento denoventa mil reis que tomei impres tado ao senhor Martinho 15 cabeças aSa ber 12 bois e 3 vacas

Joaquim Mathias omesmo trianno Deve oSeguinte———— 960

1 boi man ço vendido por 8000
2 brabos vendidos a 6000 12000
3 vacas vendidas a 4000 12000
2 bois vendidos a 5000 10[152]000
4 bois de<↑re>fugo a 4500 18000
60[153]000

Joaõ deSouza omesmo trianno Deve ———— 640

Antonio Jozé Ribeiro omesmo trianno Deve ———— 2000

can cado 1 manco [*inint*]
outro pintado can cado 90000

Acomadre Joaquina omesmo trianno Deve ———— 640

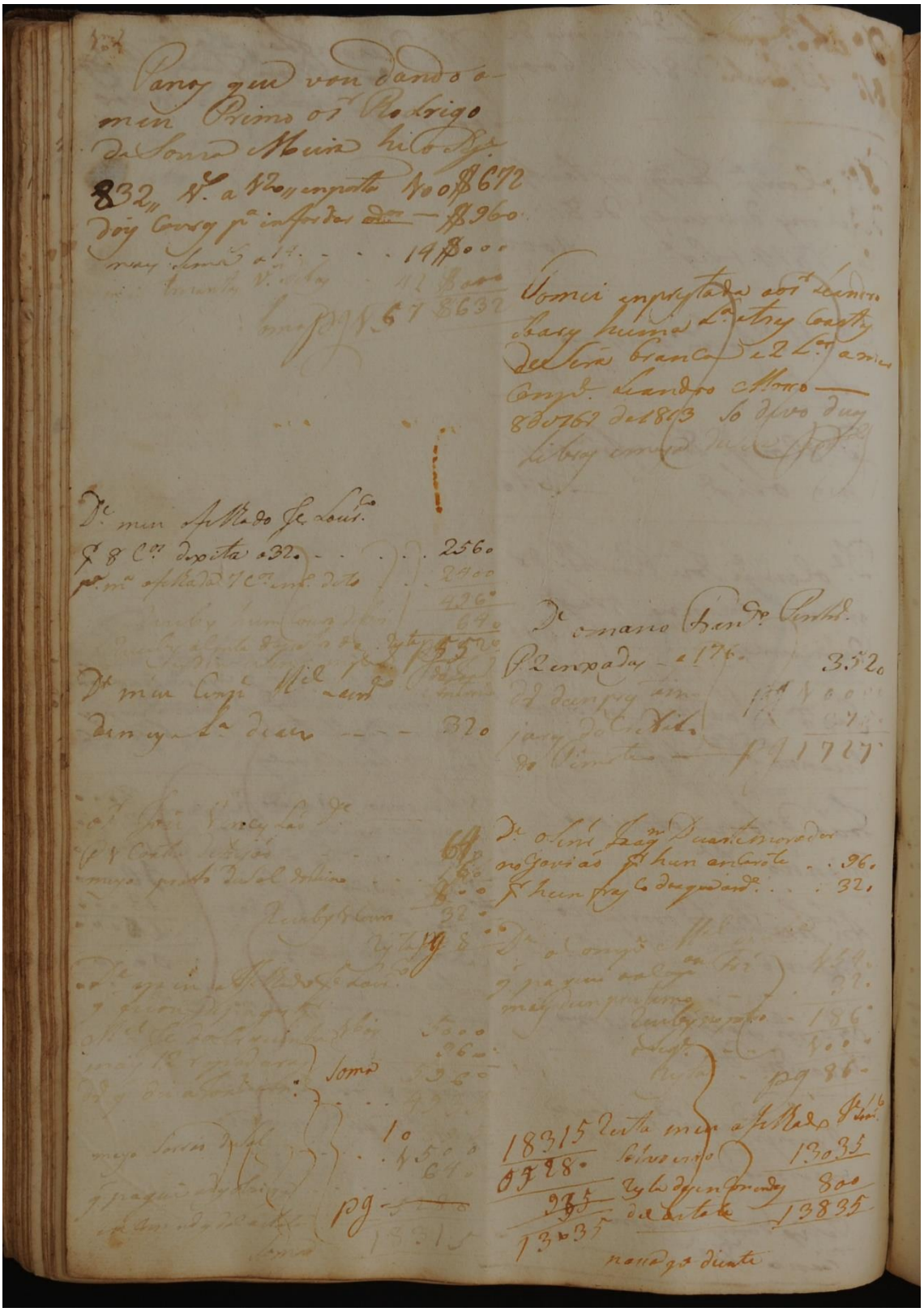
outro carauna ficou noLargo 30000

ocompadre Antonio deSouza o mesmo trianno Deve ————4000

omanço ficou nos quatos ajuntado grande nomaracá

Felix Gomes omesmo trianno Deve ———— 640

[152] Valor corrigido. O valor anotado antes era de 15000.
[153] Valor também alterado em virtude da correção feita anteriormente.



[p. 102]

Panos que vou dando o meu Primo os*enho*r Rodrigo deSouza Meira he oSeg*uint*e
832 v*ara*s a 120 enposta 100$672
dois couros p*ar*a infardar [*inint.*] 960
mais [*inint.*] a 140 . . . . . 14$000
mais trezentas v*ara*s ditos 42$632
Soma p*ago* 1[.][154]7$632

Tomei enprestada aos*enho*r Leandro Soares huma L*ibr*a etres coartas deSera branca e 2 L*ibr*as ameo comp*adr*e Leandro Mosso ———
8 de*setem*bro de1813 So devo duas Libras emeya deSera p*ago*

D*ev*e meu afilhado J*oz*e Loure*n*ço
por 8 c*ovad*os dexita a320 2560
p*ar*a m*inh*a afilhada 7 c*ovad*os [inint] dito.. 2400
4960
Receby hum couro [*inint.*] 640
Receby aconta [*inint.*] Resta p*ago* 5520[155]

D*ev*e omano Franc*is*co Pinhe*i*ro
P*or* 2 enxadas a 1760 3520

[ilegível] do Joaõ Antonio
D*ev*e meu comp*adr*e M*an*oel Loure*n*ço
demeyaL*ibr*a deaço - - - - - - -
320

dinheiro deinprestimo p*ago* 10000
juros do credito 3750
do Timoteo ——————— p*ago* 17270

os*enho*r Jozé VencesLaõ D*ev*e ———
P*or* coarta defeijaõ . . . . . 640[156]
meyo prato deSal doReino. 160
800
Receby 1 couro 320
Resta p*ago* 800

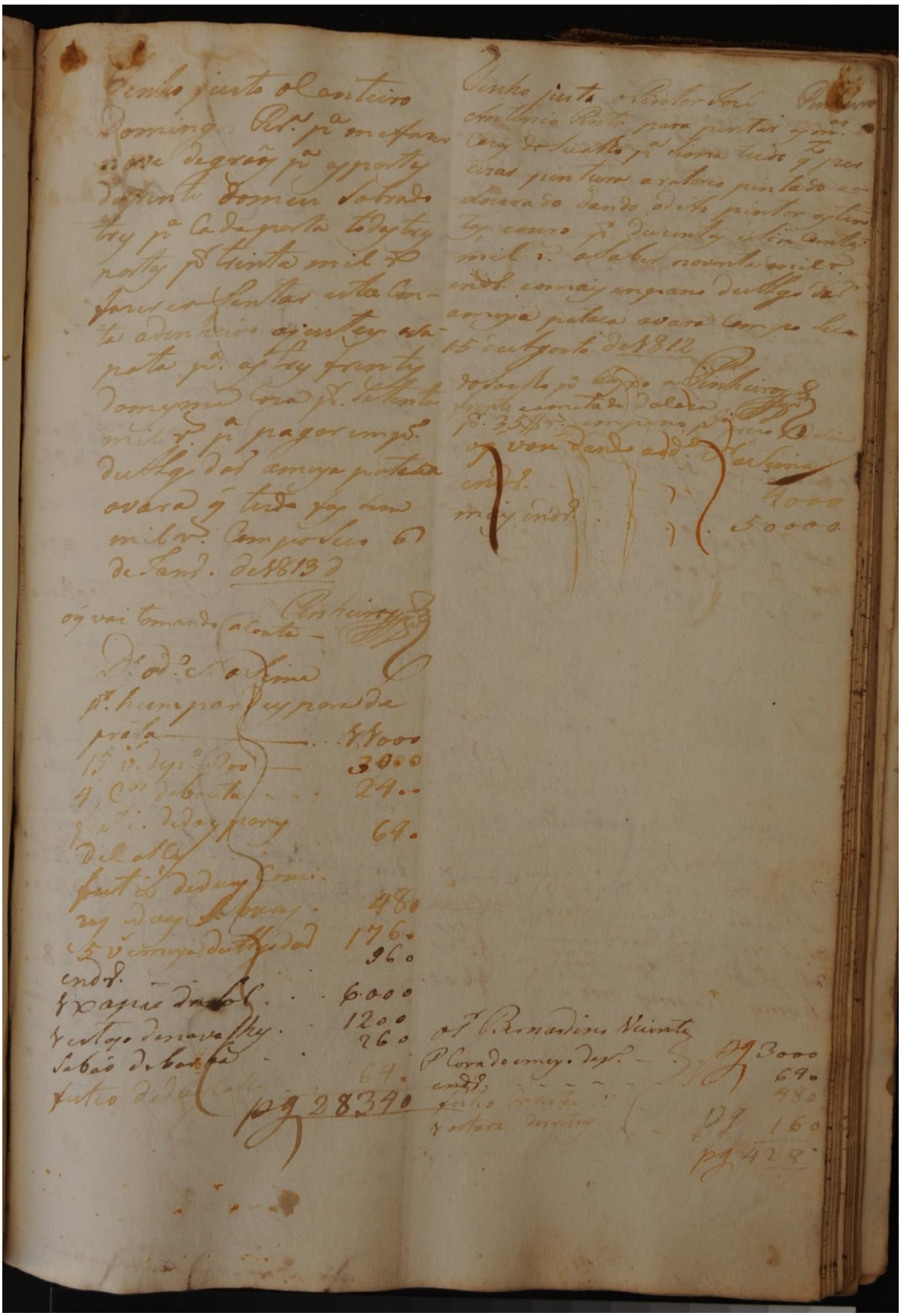
D*ev*e oS*enho*r Joaq*ui*m Duartemorador no Gaviaõ p*or* hun ancarote 960
p*or* hun fras co deagua ard*ent*e 320

D*ev*e ocomp*adr*e M*an*oel deS*ouz*a
q*ue* paguei aocap*it*am Fern*and*ez . . 1540
mais deinprestimo 320
Receby no potro .. 1860
oSeg*uint*e 1000
Resta . . . . . p*ago* 860

D*ev*e meu afilhado Joze Loure*n*ço
q*ue* ficou depagar p*or*
M*an*oel Joze [*inint.*] 1 boy 5000
mais 12 rapaduras 960
Soma 5960
d*inhei*ro q*ue* dei a Joze [*inint.*] 4935
10895
meyo Sorraõ deSal 1500
q*ue* paguei odesobriga 640
pago ~~5280~~
[ilegível]
Soma 18315

18315 Resta meu afilhado J*oz*e Loure*n*ço
05280 Salvo erro 13035
~~935~~ Res ta das en comendas 800
13035 [*inint*.] 13835
passa por diante

[154] Valor rasurado
[155] Rasurado
[156] Valores rasurados

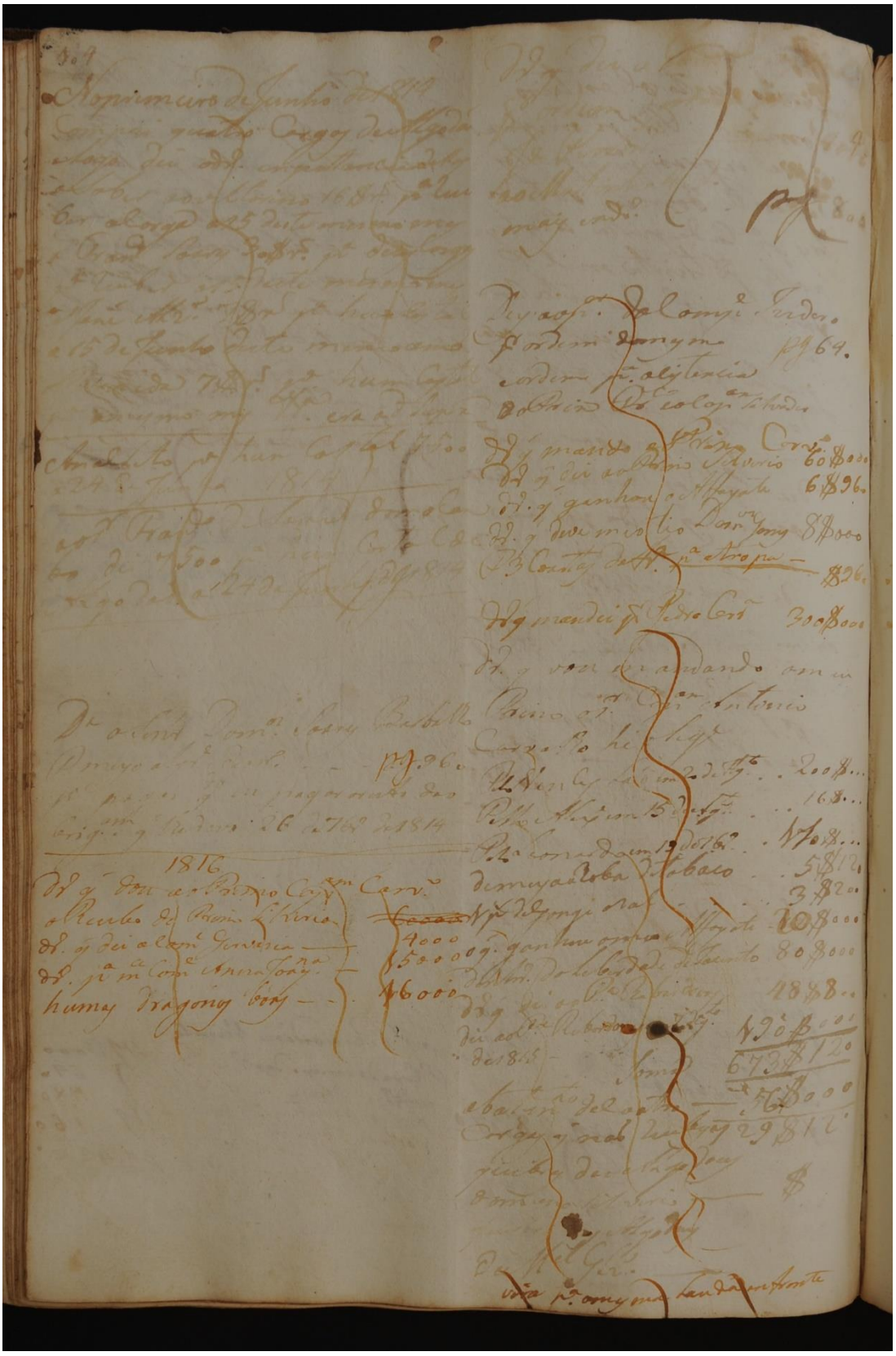


[p. 103]

Tenho justo ocanteiro
Domingos Pere*ir*a p*ar*a m efazer
nove degraõs p*ar*a as portas
dafrente domeu Sobrado
tres p*ar*a ca daporta todas tres
portas p*o*r trinta mil r*ei*s
fazer eaSentar esta con-
ta adinheiro a justei asa
pata p*ar*a as tres frentes
damesma caza p*o*r setenta
mil r*ei*s p*ar*a pagar em p*an*o
deAlgo daõ ameya pataca
avara q*ue* tudo faz sem
mil r*ei*s Cam poSeco 6
de Jan*ei*ro de1813
Pinheiro
oq*ue* vai tomando aconta——
D*ev*e od*it*o s*enho*r aSima
p*o*r hum par dees pora de
prata ———————— 11000
15 v*ara*s dep*an*o [*inint.*]—— 3000
4 c*ovad*os debaeta 2400
feitio dedois pares
decalças 640
feitio deduas cami
zas eduas Selouras 480
5 varas emeya deAlgodaõ 1760
end*inhei*ro _. 960
1 xapeo deSol 6000
1 estojo denavalhas 1200
Sabaõ debarba 260
feitio deduas calças. 640
p*ago* 28340

Tenho justo oPintor Jozé
Antonio Pinto para pintar as m*inh*as
cazas doSualho p*ar*a Sima tudo q*uan*to per
cizar pin tura oratorio pin ta do e
doura do dando odito pintor as tin
tas eouro p*o*r duzentos eSin coenta
mil aSaber noventa mil r*ei*s
end*inhei*ro eomais em pano deAlgo daõ
ameya pataca avara campo Seco
15 deAgosto de1812
Pinheiro
doSoalho p*ar*a bayxo a
frente eametade dacaza
p*o*r 35$ r*ei*s empano p*o*r preço aSima
oq*ue* vou dando ao d*it*o s*enho*r aSima
end*inhei*ro - - - - - - - - 4000
mais end*inhei*ro. 50000

os*enho*r Bernardino Vicente
P*or* Covado emeyo dep*an*o - - - p*ago* 3000
end*inhei*ro - - - - - - - 640
feitio [inint] - - - - - - - - 480
1 oitava der[?]tros - - - p*ago* 160
p*ago* 4280



[p. 104]

Noprimeiro de Junho de1814
Comprei quatro cargas deAlgodaõ
elogo dei od*inhei*ro inpotancia [*inint.*]
aSaber aoviltorino 16$ r*ei*s p*ar*a Rece
ber aCarga a15 deste mesmo mes
a Franc*is*co Soares 30$ r*ei*s p*ar*a duas cargas
Receber a15 deste mes
Jozé Al*ve*s [*inint.*] p*o*r hum cos tal
a 15 de Junho deste mesmo anno
[*inint.*] 7$ r*ei*s p*o*r hum costal
[*inint.*] mesmo mês [*inint.*] era ad Supra

Anecleto p*o*r hum cos tal 7500
a 24 de Junho de 1814

---

aos*enho*r Franc*is*co deSouza domoCam

bo dei 7500 p*o*r hum costal de
Algo dam a 24 de Junho p*ago* 1814

D*eve* oSen*ho*r Dom*ing*os Soares Barbalho
P*o*r meyo alq*uei*re dem*ilh*o - - - - p*ago* 960
p*ar*a pagar q*uan*do eu pagar oresto dao
brig*aç*am q*ue* lhedevo 26 de *setem*bro de1814

1816

d*inhei*ro q*ue* dou aoPrimo Capitam Carv*alh*o
oRecibo de Primo Silverio ~~6000~~

d*inhei*ro q*ue* dei a com*adr*e Gervasia —— 4000
d*inhei*ro p*ar*a a m*inh*a com*adr*e Anna
[Joaq*ui*na —— 15000
humas dragonas boas - - - 16000

d*inhei*ro q*ue* dei a [*inint.*]
p*o*r ordem domano
Joze Pinh*ei*ro ———————— [inint.]
ao Martinho [*inint.*]
mais end*inhei*ro - - - - - - - - - - - - p*ago* [inint.]

Dey ao p*ortad*or doCompadre Izidoro
p*o*r ordem domesmo p*ago* 640
eordem p*ar*a acis tencia
doPrimo Franc*is*co eocap*it*am Salvador

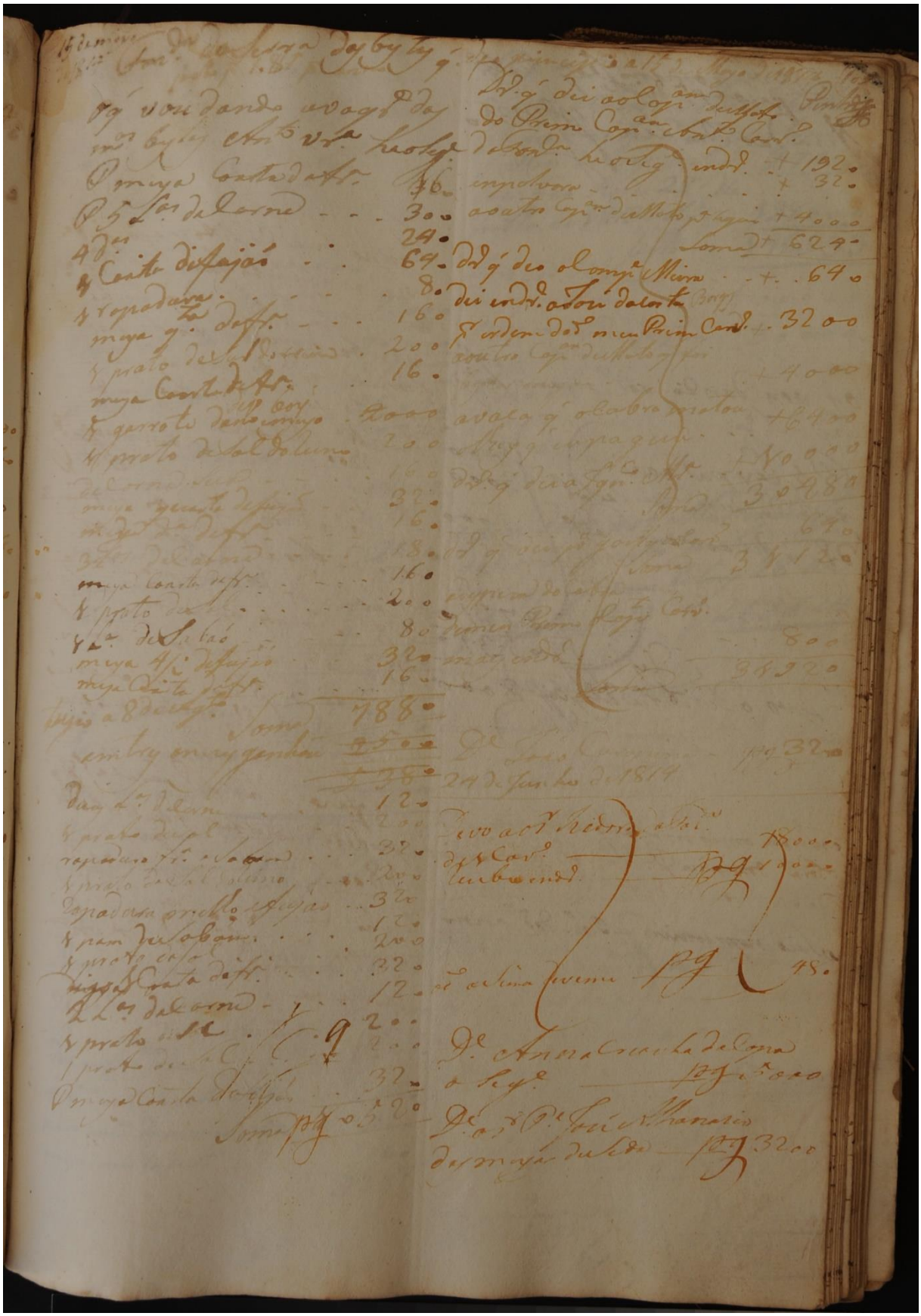
d*inhei*ro q*ue* mando oPrimo Carv*alh*o
d*inhei*ro q*ue* dei aoPrimo Silverio 60$000
d*inhei*ro q*ue* ganhou o Alfayate 6$960
d*inhei*ro q*ue* deve meo tio Dom*ing*os Gomes
8$000
P*or* 3 Coartas de f*arinh*a <u>para a tropa</u> $960

d*inhei*ro q*ue* mandei p*o*r Pedro [*inint.*] 300$000

d*inhei*ro q*ue* vou mandando ameu
Primo os*enho*r Cap*it*am Antonio
Carvalho hé oSeg*uint*e
PeloVen ces Laõ em 20 deAg*os*to . . 200$000
Pello Alex*andr*e em 15 deAg*os*to . . . . 16$000
Pelo Leonardo em 13 de *setem*bro ... 170$000
demeyaaRoba detabaco. . . . . 5$120
1 p*an*o deGongi [*inint.*] . . . . . 3$200
o q*ue* ganhou omeu Alfayate
[157]20$000
dinh*ei*ro daliberdade deJacinto 80$000
dinheiro que dei aoP*adr*e [*inint.*] 48$800

dinheiro que dei aoP*adr*e [*inint.*] [ilegível]
7 deag*os*to
de 1815 - - - - - - <u>190$000</u>
Soma <u>673$120</u>
Abatim*en*to decoatro ——— <u>56$000</u>
cargas q*ue* naõ receby as 29$120
quebras dos Algodoens
domano Silverio ———— $
quebras [.]s Algodoens ——
[*inint*] Manoel G*onçal*v*es* ——
vira p*ar*a amesma Lauda em frente

[157] Valor rasurado.



[p. 105]

15 de mayo
de1814 Faz*en*da daSerra das bes tas
[*inint.*]
oq*ue* vou dando ovaq*ueir*o das
m*inh*as bestas Ant*oni*o v*ieir*a heoseg*uint*e
P*or* meya coarta defar*inh*a
[158]160
P*or* 5 L*ibr*as decarne - - - - 300
4 [*inint.*] 240
1 Coarta defeijaõ 640
1 rapadura 80
meya q*uar*ta de far*inh*a 160
1 prato desal dorreino. . . . 200
Meya Coarta de far*inh*a 160
1 garro te dano <↑digo boy> emeyo - 2000
1 prato desal do Reino 200
decarne Seca 160
meya quarta defeijaõ. 320
meya [*inint.*] de far*inh*a - - - - - 160
3 L*ibr*as decarne - - - - - - - - 180
meya Coarta de far*inh*a 160
1 prato desal 200
1 L*ibr*a deSabaõ - - - - - - 80
meya 4/a defeijaõ -- - - - - 320
Meya Coarta de far*inh*a 160
feijaõ a 8 de Ago*st*o Soma 7880

em tres annos ganhou ~~2500~~
~~5380~~
duas L*ibr*as decarne 120
1 prato desal 200
Rapadura far*inh*a e Sabaõ 320
1 prato de Sal do Reino 200
Rapadura milho efeijaõ 320
1 pam deSabam 120
1 prato deSal 200
[*inint.*]1Coarta de far*inh*a . . . 320
2 L*ibr*as decarne - - - - - - - - 120
1 prato deSal 200
1 prato deSal 200
P*or* meya Coarta defeijaõ. 320
Soma p*ago* 10520

q*ue* deo principio a 15 de Mayo de1814

D*inhei*ro q*ue* dei aoCap*it*am doMato
do Primo Cap*it*am Ant*oni*o Carv*alh*o
daFons*e*ca he oSeg*uint*e end*inhei*ro + 1920
enpolvora - + 320

ao utro Cap*it*am doMato p*or* seguir + 4000
Soma + 6240
d*inhei*ro q*ue* deo ocomp*adr*e Meira . . . + .. 640
dei end*inhei*ro aJozé dacosta Borges
p*or* ordem do d*it*o meu Primo Carv*alh*o +3200
aoutro Cap*it*am doMato q*ue* foi
buscar [*inint.*]. . . . . + 4000
avaca q*ue* ocabra matou
[*inint.*]que eu paguei. . . . . + 6400
d*inhei*ro q*ue* dei a Ign*aci*o M*orei*ra . . . . +10000
Soma 30480

d*inhei*ro q*ue* dei p*ar*a gastos [*inint.*] 640
Soma 31120
adispeza do cabra
demeu Primo oCap*itam* Carv*alh*o
mais end*inhei*ro - - - - - - - - 800
Soma 31920

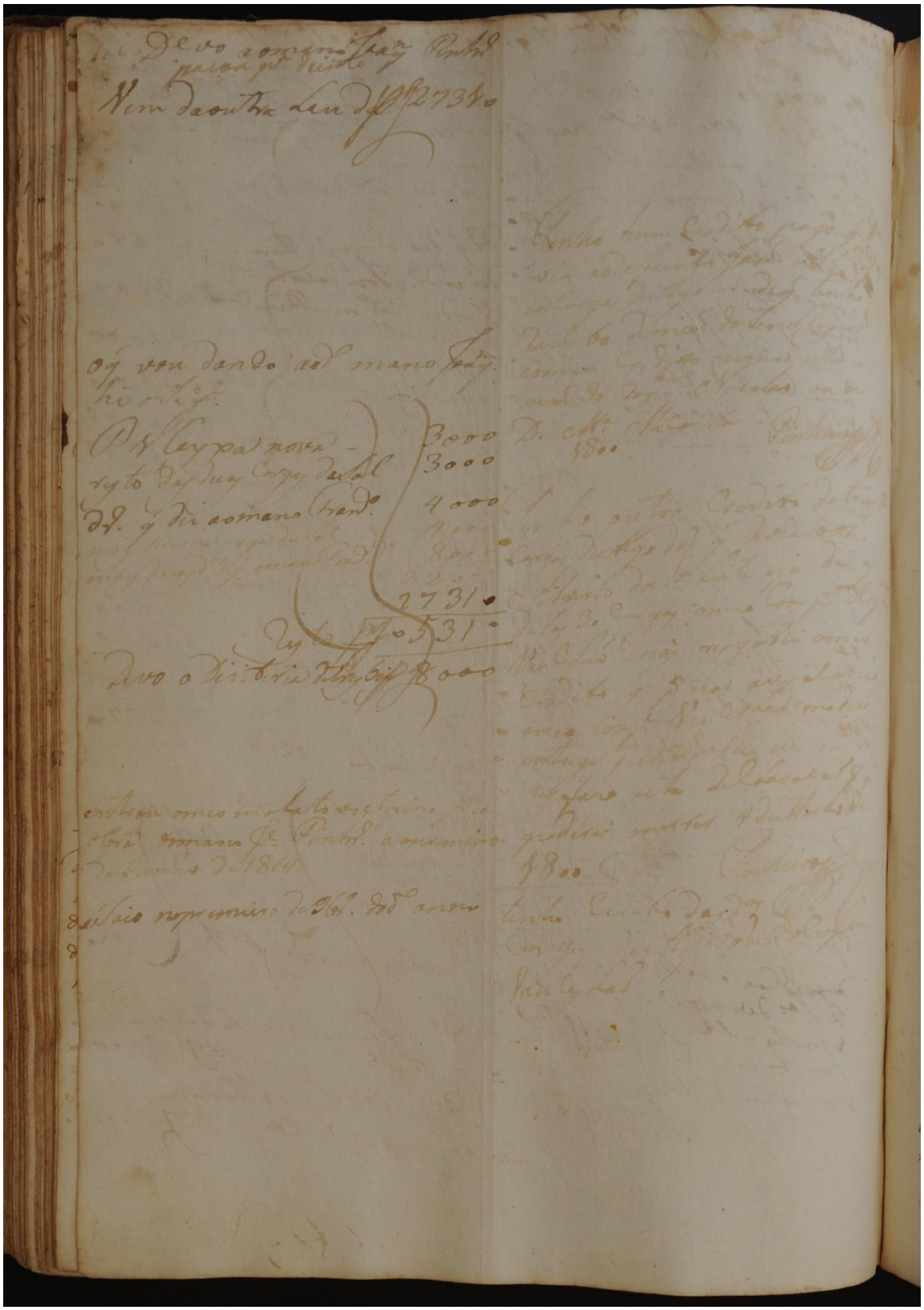
D*ev*e Joaõ Cerqueira - - pag*o* 320
24 deJunho de1814

Devo aos*enh*or Izidoro daFaz*en*da
de 1 cav*al*o ——————— 18000
Recebo end*inhei*ro ——————— pag*o* 10000

os*enh*or aSima deveme pago 480

D*ev*e Anna Crioula daCopa
oSeg*uint*e pag*o* 5000
Deve os*enh*or Jozé Athanazio
das meyas deSeda pag*o* 3200

[158] Valor rasurado



[p. 106]

Devo aomano Joaq*ui*m Pinh*ei*ro
pacou p*ar*a deinte
Vem deoutra Lau da p*ago* 27310

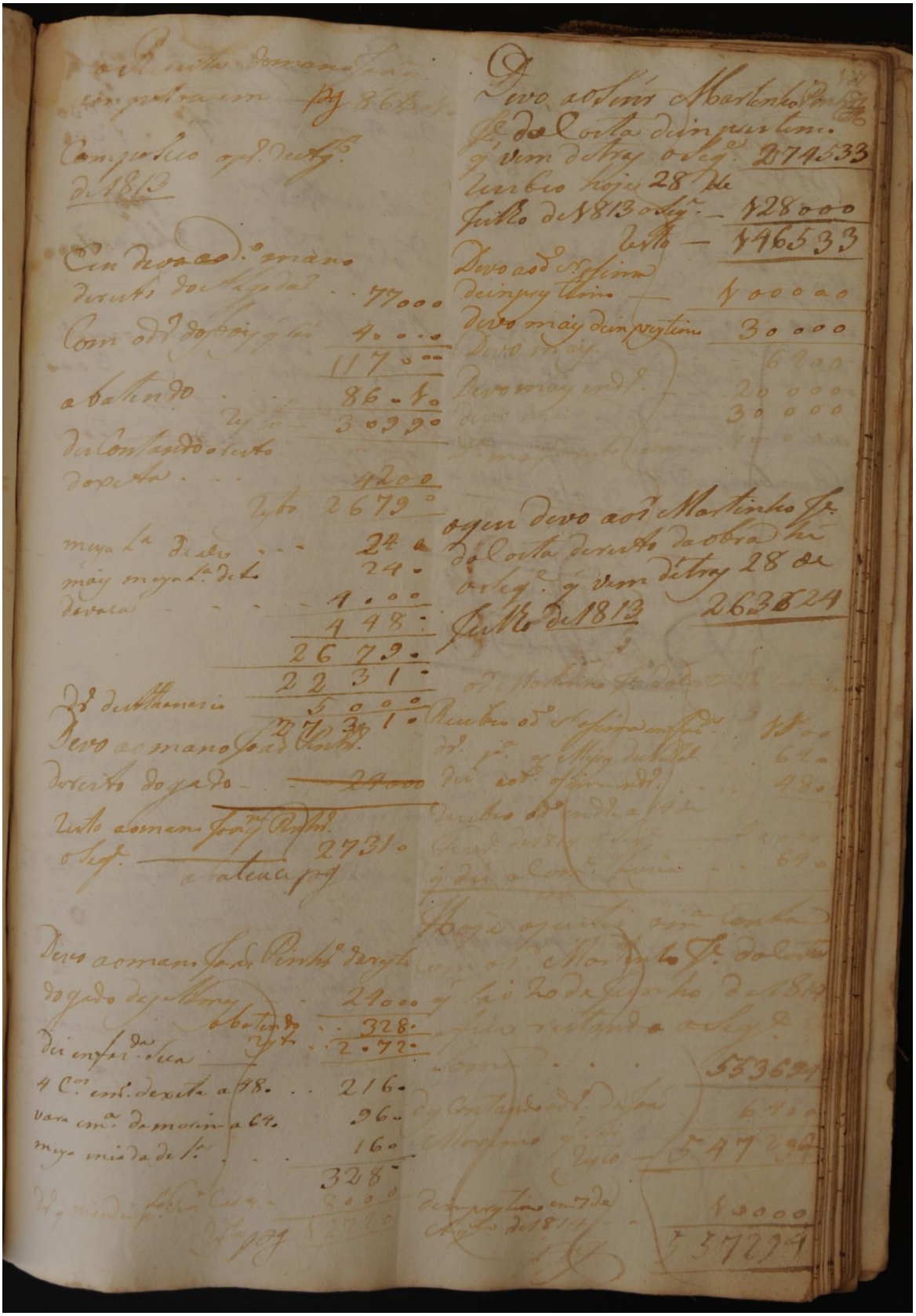
oq*ue* vou dando ao d*it*o mano Joaq*ui*m
hé oSeg*uint*e
P*or* 1 cay xa nova - 3000
resto das duas cargas deSal 3000
d*inhei*ro q*ue* dei ao mano Fran*cis*co 4000
mais huma carga desal 4000
mais [*inint.*][*inint.*]omano Fran*cis*co[*inint.*] 8000
22000
27310
Res to p*ago* 05310
Devo oDeziderio de tres bois p*ago* 8000
entrou omeo molato victorino p*ar*a a
obra domano J*oz*é Pinh*ei*ro a oprimeiro
de Junho de 1814

Saio noprimeiro de*novem*bro do d*it*o anno

Tenho hum Credito pago q*ue* de
via aodefunto Joaõ Al*ve*s [*inint.*]
en Cargas deAlgodaõ de q*ue* tenho
Recibo damaõ doSeo oleyero
eomeu credito ainda estaõ em
maõ do Cap*it*am Nicolao ou de
D*ona* M*ari*a Micaella
1800 Pinheiro

Tenho outro Credito detrinta
cargas deAlgodaõ q*ue* devia aos*enho*r
Silverio deS*ouz*a Leite eja dei as
ditas 30 cargas ameo Comp*adr*e oCap*it*am
Ven cesLaõ enaõ resgatei omeu
credito q*ue* p*o*r naõ aver ocaziaõ
meu Comp*adr*e Vem cesLaõ me [*inint.*]
entrega pedindo lhe eu [*inint.*] vi
Res [*inint.*] esta decLaraçaõ p*o*r q*ue*
poderia morrer 4 deMarço de
1800 Pinheiro

tenho Recibo das d*it*as
cargas de Algodaõ do Cap*it*am
Ven ces Laõ



[p. 107]

aReceita domano Joaq*ui*m
em portou em— pag*o* 86$010

CampoSeco op*rimei*ro deAg*os*to
de1813

Eu devo ao d*it*o mano
deresto do Algodaõ .. 77000
Com od*inhei*ro dos bois q*ue* saõ 40000
117000
abatendo . . 86010
Res to — 30990
descontado o resto 30990
daxita . . . 4200
Resto 26790
meya L*ibr*a deaco 240
mais meya L*ibr*a de aco 240
davaca - - - - - 4000
4480
26790
22310
dinheiro de Athanazio 5000
27310

Devo ao mano Joaõ Pinh*ei*ro
deresto do gado - - - ~~24000~~
Resto aomano Joaq*ui*m Pinh*ei*ro
oSeg*uint*e ——————— 27310
abateuce pag*o*

Devo aomano Joaõ Pinh*ei*ro doresto
do gado das Almas - - - 24000
abatendo . . 3280
Res to . . 20720
dei enfaz*en*da Seca ————
4 c*ovad*os eme*i*o dexita a 480 2160
vara eme*y*a demorim a 640 960
meya [inint] 160
3280
dinheiro que mandei p*e*lo Ten*ent*e [*inint*.]
8000
Res to pag*o* 12720

Devo aoSen*ho*r Martinho
Jozé daCosta deinprestimo
q*ue* vem detrás oSeg*uint*e 274533
Recebeo hoje 28 de
Julho de1813 oSeg*uint*e — 128000
Resto — 146533
Devo ao d*it*o s*enho*r aSima
deinpres timo —— 100000
devo mais dein préstimo 30000
Devo mais 6400
Devo mais end*inhei*ro - - - - - 20000
devo mais 30000
D*eve* mais oresto deobras . . . 100000

oque devo aos*enho*r Martinho Jozé
daCosta deresto daobra hé
oSeg*uint*e q*ue* vem detrás 28 de
Julho de1813 263624

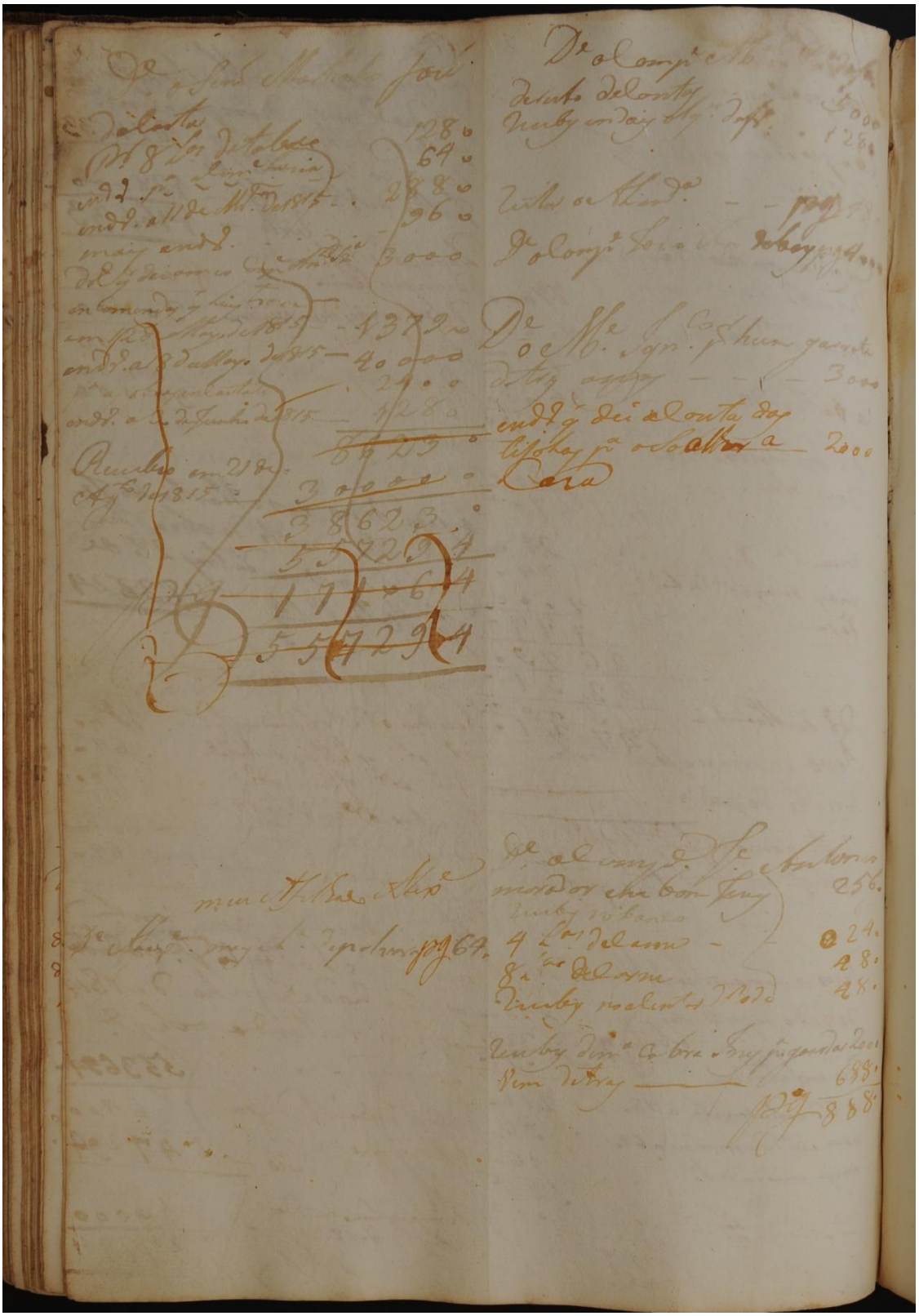
oSen*ho*r Martinho J*o*zé daCosta [*inint*]

Recebeo o d*it*o s*enho*r aSima enfaz*en*da 1[.]00
d*inhei*ro p*ar*a os [*inint*] deNatal . . . 640
dei ao d*it*o aSima end*inhei*ro 480
Recebeo o d*it*o end*inhei*ro a 14 de
Fev*erei*ro de1814 oSeg*uint*e ———— 50000
q*ue* dei acom*adr*e Luzia 640

———————————————————

Hoje ajusto am*inh*a conta
com oSen*ho*r Martinho Jozé daCosta
q*ue* saõ 20 de Junho de1814
efico restando oSeg*uint*e
Soma 5536654

dis contando od*inhei*ro doJoaõ
Maximo q*ue* saõ 6400
Res to — 547294
deinprestimo em 7 de
Ag*os*to de1814 - - - 10000
pag*o* 557294



[p. 108]

Deve oSenhor Martinho Jozé daCosta
Por 8 Libras detabaco 1280
end*inhei*ro para a com*adr*e Luzia 640
end*inhei*ro a 11 de Março de1815 2880
mais end*inhei*ro 960
do que dei ameo comp*adr*e Ant*oni*o Souza 3000
en comendas que Luis [*inint.*] ——
em 12 deMayo de1815 - - - 13720
end*inhei*ro a 18 deMayo de1815 —— 40000
para as obras em Caitete 2400
end*inhei*ro a 30 deJunho de1815 —— 1280
~~86230~~
Recebeo em 21 de
Agosto de1815 —— ~~300000~~
386230
557294
pago ~~171064~~
~~557294~~

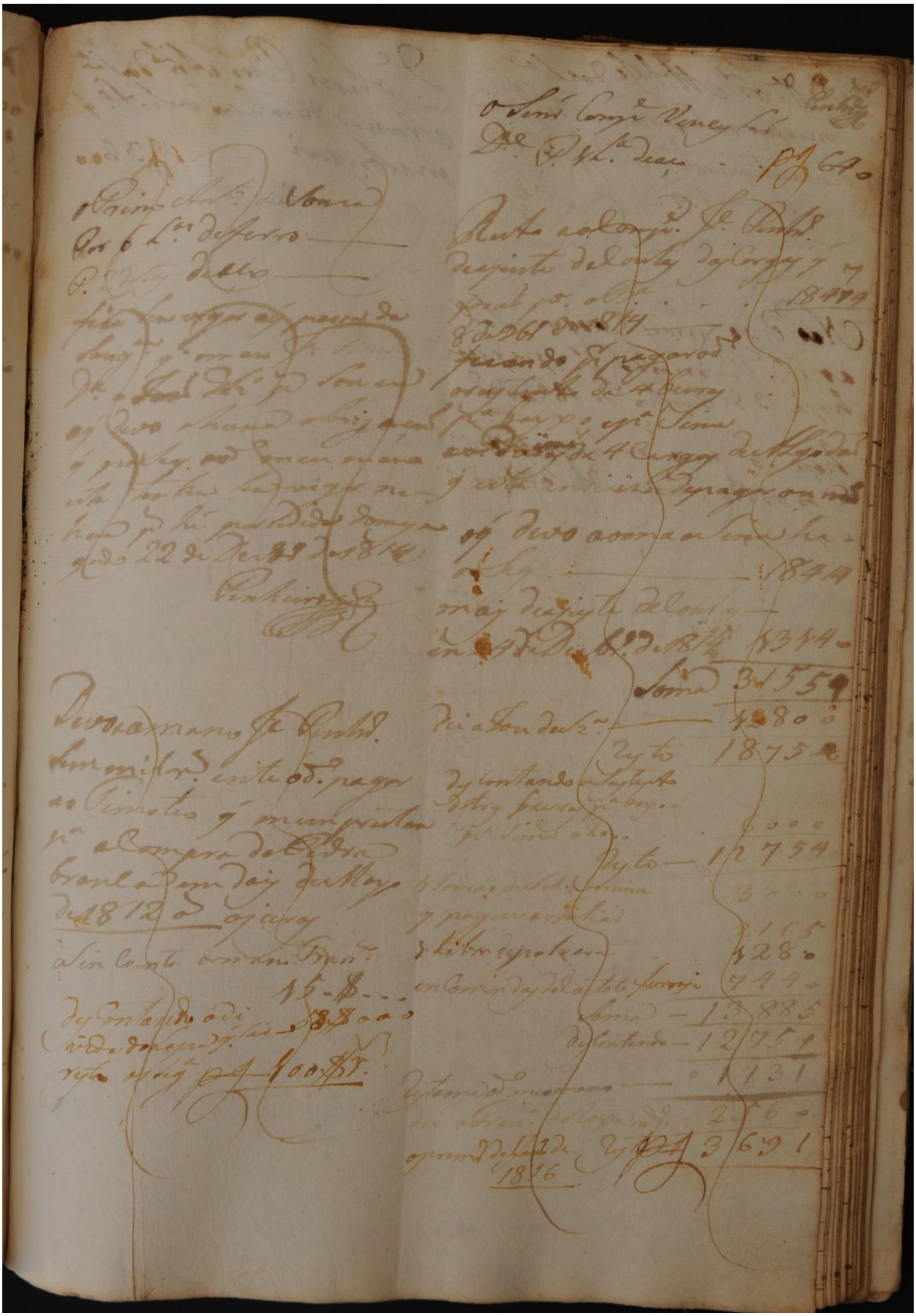
Deve ocomp*adr*e M*ano*el Per*eir*a de*Souz*a
deresto decontas 5000
Receby en dois alq*ueir*es defar*inh*a .. 1280
Resta o Alme*i*da pago - - - - - 1480
Deve ocomp*adr*e Joze [inint] doboy pago 4000
Deve o Mestre Ignacio por hum garrote
detres anos - - - - - 3000
end*inhei*ro que dei aconta dos
tijolos para oSoalhar a 2000
Caza

meu afilhado Alex*andr*e
Deve Alex*andr*e meya Libra depolvora pago 640

Deve ocomp*adr*e Joze Antonio
morador no bom Jesus 2560
Receby nobanco 640
4 Libras decarne- - [159]0240
8 Libras decarne 480
Receby no acentar daRoda 480

Receby dem*inh*a cabra Ines para goardar 2000
Vem detras ———————— 6880
pago 8880

[159] Valor rasurado



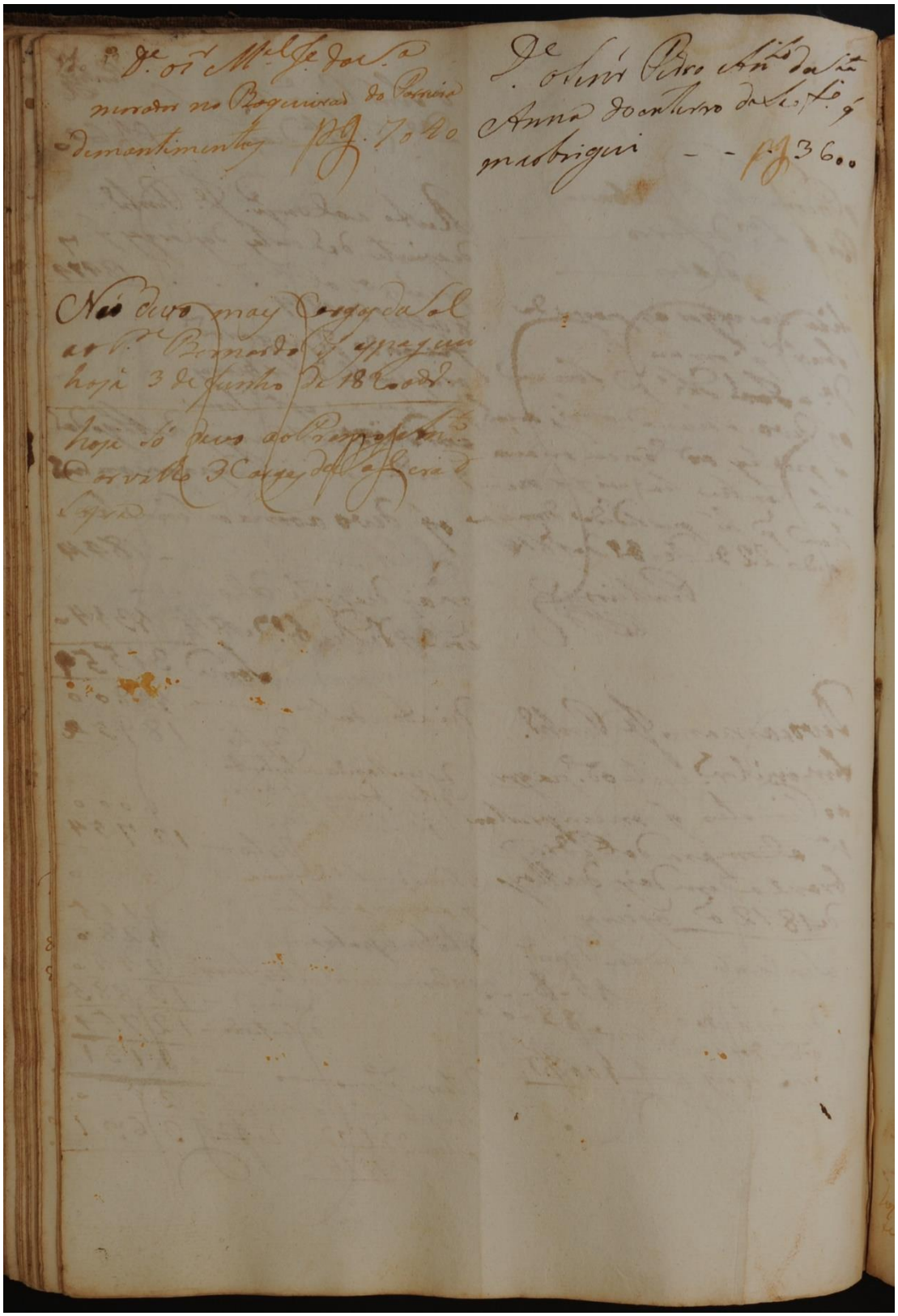
[p. 109]

oSen*hor* Vences Laõ
D*eve* P*or* 1 L*ibr*a deaço p*ago* 640

oPrimo Ant*oni*o de Souza
Por 5 L*ibr*as deferro———
Por 2 ditos deaço ———
fica Sem vigor oq*ue* passa da
obrig*aça*m que omano Jozé Pinh*ei*ro
D*eve* o Joaõ G*onçalve*s que sou eu
oq*ue* devo ehuma obrigação
q*ue* paSey ao d*it*o meu mano
Esta tanbem sem vigor ne-
hum [*inint.*] hé pros sedida domesmo
gado 22 de Dez*em*bro de1814
Pinheiro

D*ev*o aomano J*oz*é Pinh*ei*ro
Sem mil r*ei*s ente od*it*o pagar
ao Timoteo q*ue* mein prestou
p*ara* a compra daPedra
branca em dois deMayo
de1812 a ojuros
Sin coenta domano Fran*cis*co
150$000
des contando adi
vida do Lapa q*ue* Saõ 58$000
resto os Seg*uint*e p*ago* 100$ r*ei*s

Resto aocomp*adr*e J*oz*é Pinh*ei*ro
deajuste decontas das cargas q*ue*
foraõ p*ara* oPer*eir*a 18474
8 de*novem*bro de1814 ————————
ficando p*or* pagar od*it*o
osus tento de 4 burros
p*ara* bay xo e p*ara* Sima
[ilegível] da 4 cargas de Algodaõ
q*ue* esta indeciso depagar ou naõ
oq*ue* devo aoma aSima hé -
oSeg*uint*e ———————————— 18414
mais deajuste decontas —
en [.] 4 de*novem*bro de1814 13140
Soma 31554
dei a Joze deS*ou*za ———————— 12800
Res to 18754
des contando osus tento
detres bezerros p*ara* bay o
p*ara* Sima a 2000 . . . 6000
Res to ——— 12754
1 Sorraõ deSal doreino 3000
q*ue* paguei ao Juliaõ 2165
1 Libra depolvora 1280
en comendas deCaetete ferraje 7440
Soma —— 13885
descontando—— 12754
Restame od*it*o meo mano ——— 01131
dei aFran*cis*co daRoxa end*inhei*ro 2560
oprem*ei*ro deJan*ei*ro de 1816 Res ta p*ago* 3691



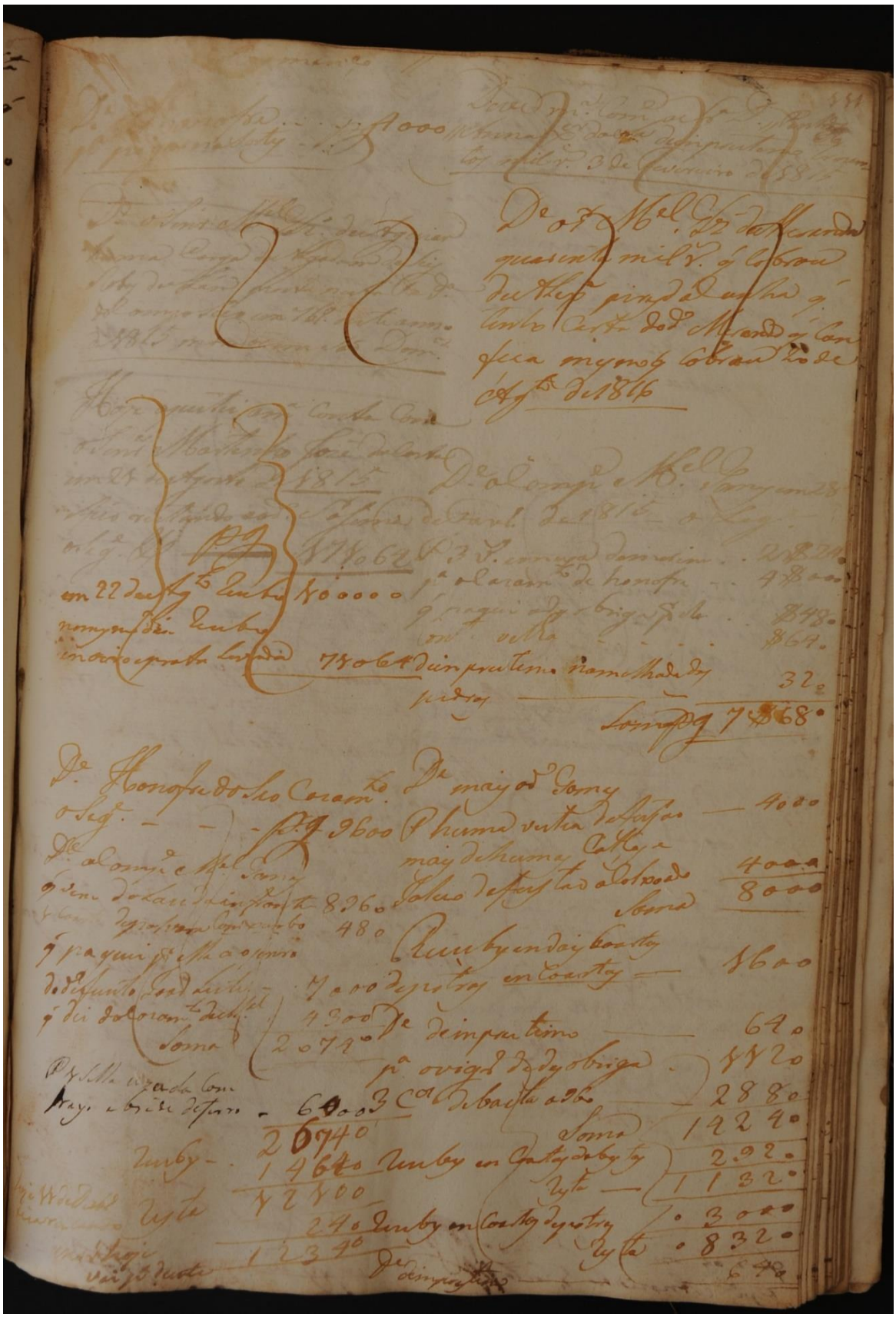
[p. 110]

D*ev*e os*enho*r M*ano*el J*oz*e da S*ilv*a morador no Boqueirañ do Parreira demantimentos pago 7040

D*ev*e oSen*ho*r Pedro Ant*oni*o de S*an*ta Anna do enterro doSeo f*ilh*o q*ue* meobriguei - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 3600

Naõ devo mais cargas deSal
aoP*adr*e Bernardo que as paguei
hoje 3 de Junho de 1820 od*inhei*ro
_____

hoje Só devo aoPrimo Ant*oni*o
Carvalho 3 cargas deSal era
Supra



[p. 111]

[.]Boy manço //

Deve minha comadre aSenhora Dona Anna Xavier daSilva deinprestimo trezentos mil reis 3 de Fevereiro de 1815

Deve Honofre . . . . . pago 4000
para pagar naSortes . . . .

Deve oSenhor Manoel Gonçalves deAguiar huma Carga deAlgodam deSeis aRobas deLam nesta nesta Fazenda doCampoSeco em setembro neste anno de 1815 morador em Saõ Domingos

---

Deve osenhor Manoel Gonçalves deMiranda

quarenta mil reis que cobrou de Alexandre pires daCunha que tenho carta do dito Miranda que con feça mesmo que cobrou 20 de Agosto de1816

Hoje ajustei aminha conta com oSenhor Martinho Jozé daCosta em 21 deAgosto de1815 fico restando aodito senhor aSima

oSeguinte [*inint.*] pago	171064
em 22 deAgosto Recebo	100000
nomesmo dia recebo en ouro eprata Lavada	71064

Deve oCompadre Manoel Gomes em 28 deFevereiro de1815 oSeguinte

Por 3 varas emeya demorim	2$240
para oCazamento de honofre . .	4$000
que paguei adita obriga por ele . .	$480
Conta velha	$640
deinprestimo namalhadadas pedras ———	320
Soma paga	7$680

Deve Honofre doSeo cazamento oSeguinte - - - - - pago 9600
Deve ocompadre Manoel Gomes que vem da Lau dainfronte 8960
1 coarta depolvora com xumbo 480
que paguei por ella ao jenro do defunto Joaõ Leite - 7000
que dei do cazamento deManoel 4300
Soma 20740

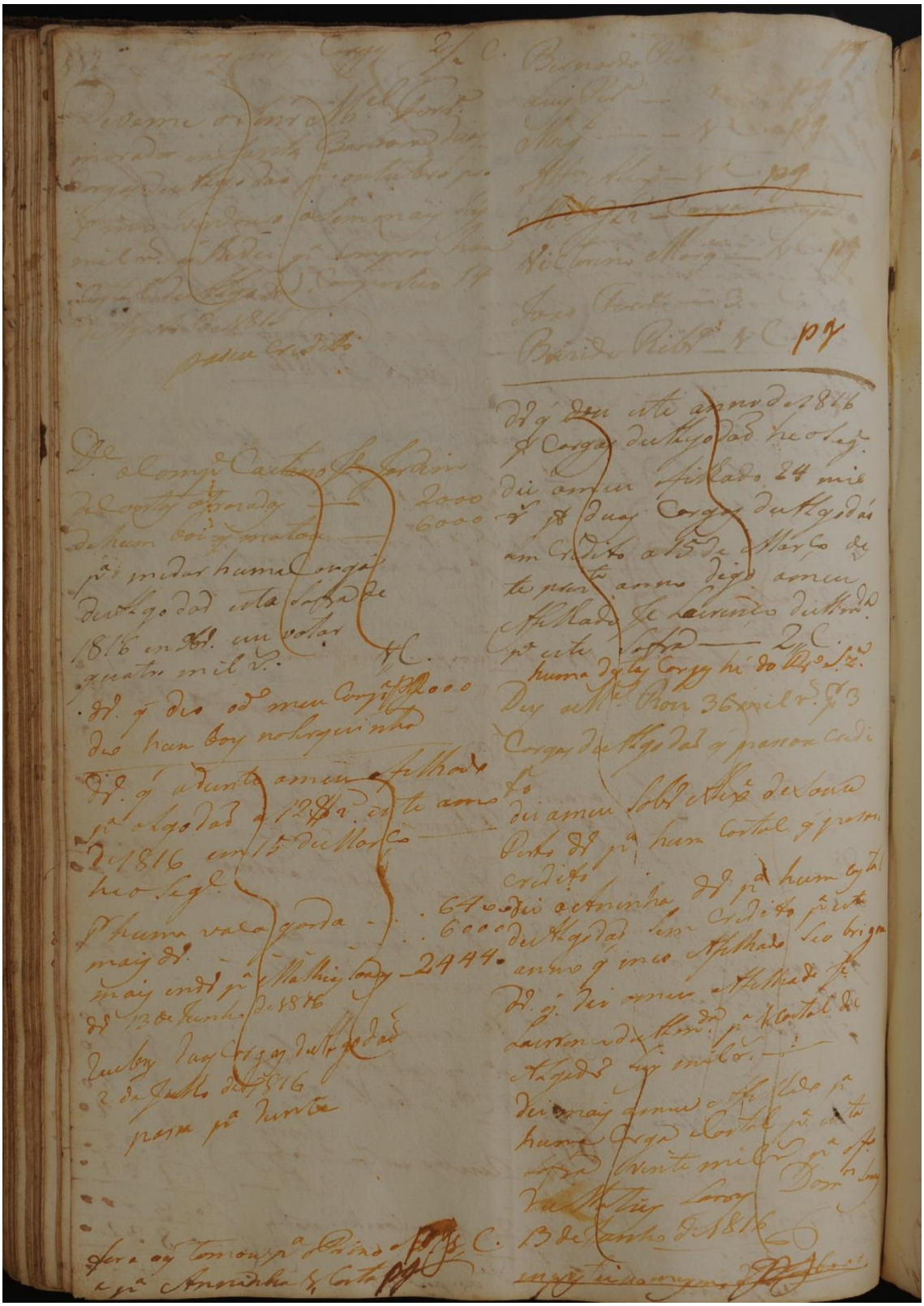
Por 1 Sella usada com [*inint.*] e bride deferro 60[160]00
26740
Receby 14640
hoje 11 deDezembro Res ta 12100
[*inint.*] 240
[*inint.*] hoje 12340
vai para diante

Deve mais odito Gomes
Por 1 vestea defustao ——— 4000
mais dehumas calças e Jaleco defus tao acol xoado 4000
Soma 8000

Receby endois coartos depotros en coartos ——— 1600
Deve deinprestimo ——— 640
para ovigario dades obriga - 1120
3 covados debaeta a960 ——— 2880
Soma 14240
Receby en coartas debes tas 2920
Res ta —— 11320
Receby en coartas depotros 03000
Res ta 08320

Deve deinprestimo 640

[160] Anotou antes um 4 e, em seguida, colocou um zero.



[p. 112]

dias [*inint.*] Cargas 2/a C.

Deveme oSen*hor* M*ano*el Ferre*ira*
morador enSanta Barbara duas
Cargas deAlgodaõ p*ar*a outubro pro
ximo vindouro aSem mais Seis
mil r*ei*s q*ue*lhedei p*ar*a comprar hum
cos tal deAlgodaõ. CampoSeco 14
deAgosto de1815
pasou credito

D*eve* ocomp*adr*e Caetano J*oze* Jardim
decontas atrasadas ———— 2000
dehum boi q*ue* matou ———— 6000
p*ar*a medar huma Carga
deAlgo daõ esta Safra de
1816 en *novem*bro em valor
quatro mil r*ei*s 1C.
d*inhe*iro q*ue* deo od*it*o meu comp*adr*e p*ago* 2000
deo hun boy naSerqui nha
———————————————————

d*inhe*iro q*ue* adianto ameu afilhado
p*ar*a algodaõ a 12$ r*ei*s este anno
de1816 em 15 deMarço ————
heoSeg*uint*e
p*or* huma vaca gorda 6400
mais end*inhei*ro 6000
mais end*inhei*ro p*ar*a Mathias Soares - 24440
d*inhei*ro 13 de Junho de 1816
Receby duas cargas deAlgodaõ
2 deJulho de 1816
passa p*ar*a diente

fer a oq*ue* tomou p*ar*a oPrimo p*ago* 1 C.
e p*ar*a Anninha 1 Costap*ago*

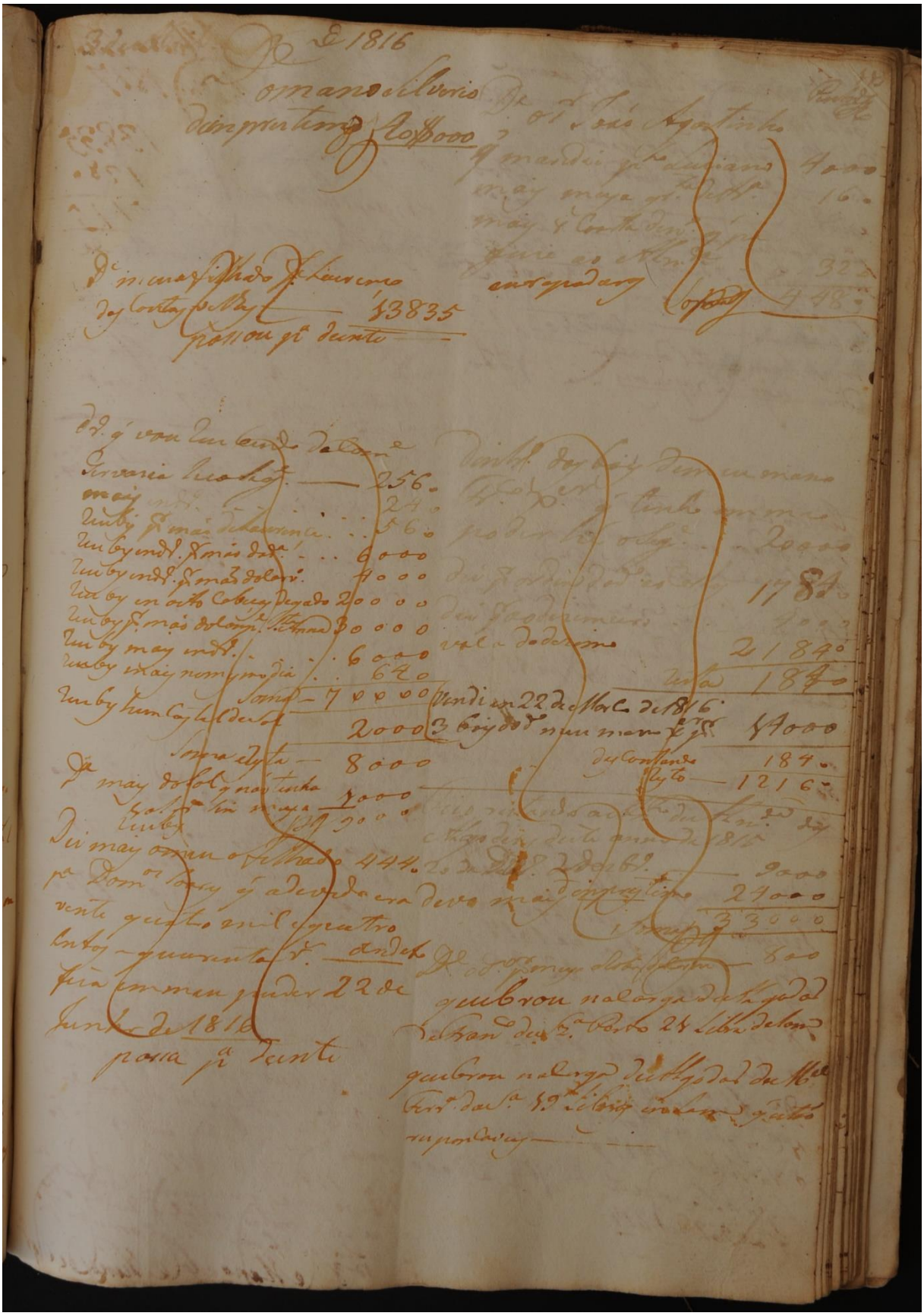
Bernardo Per*eir*a [*inint.*] p*ago*

Luis Per*eir*a ___ 1 C. p*ago*
Mi*gue*l ____ __ 1 C. p*ago*
oAlf*er*es Alex*andr*e __ 1 C. p*ago*
M*ano*el G*onçalv*es __ Carga emeya
Vctorino Marq*ues* __ 1 C. p*ago*

Joao Ferr*eir*a __ 3 C.
B[.]zido Rib*ei*ro __ 1 C. p*ago*
———————————————————

d*inhe*iro q*ue* dou este anno de1816
p*or* cargas deAlgodaõ heoSeg*uint*e

dei ameu afilhado 24 mil
r*ei*s p*or* duas cargas deAlgodaõ
em credito a 15 de Março des
te *prezente* anno digo ameu
Afilhado Jozé Lourenço deAlm*ei*da
p*ar*a esta Safra _____ 2 C.
huma destas cargas hé doPr*im*o So*uz*a
Dey aM*ano*el Ro*drigue*s 36 mil r*ei*s p*or* 3
Cargas deAlgodaõ q*ue* passou credi
to
dei ameu Sob*rinh*o Alex*andr*e deSouza
Pinto d*inhei*ro p*ar*a hum costal q*ue* pasou
Credito
dei a Anninha d*inhei*ro p*ar*a hum costal
deAlgodaõ sem credito p*ar*a este
anno q*ue* meo Afilhado Seo briga
d*inhei*ro q*ue* dei ameu Afilhado Jozé
Lourenço deAlm*ei*da p*ar*a 1 costal de
Algodaõ Luis mil r*ei*s _____
dei mais ameu Afilhado p*ar*a
huma carga Costal p*ar*a esta
Safra vinte mil r*ei*s p*ar*a of*ilh*o
deMathias Soares Dom*ing*os Soares
13 de Junho de1816
enpres tei no mesmo de pago 6000



[p. 113]

3 deAbril 1816

Deve omano Silverio
deinprestimo pago 40$000

Deve meu afilhado Jozé Lourenço
das contas velhas ——— 13835
passou para diante

Deve osenhor Joaõ Agostinho
que mandei pelo Luciano 4000
mais meya quarta defarinha 160
mais 1 Coarta de [*inint*] que pa
guei ao Almeida 320
enrapaduras Soma pago 4480

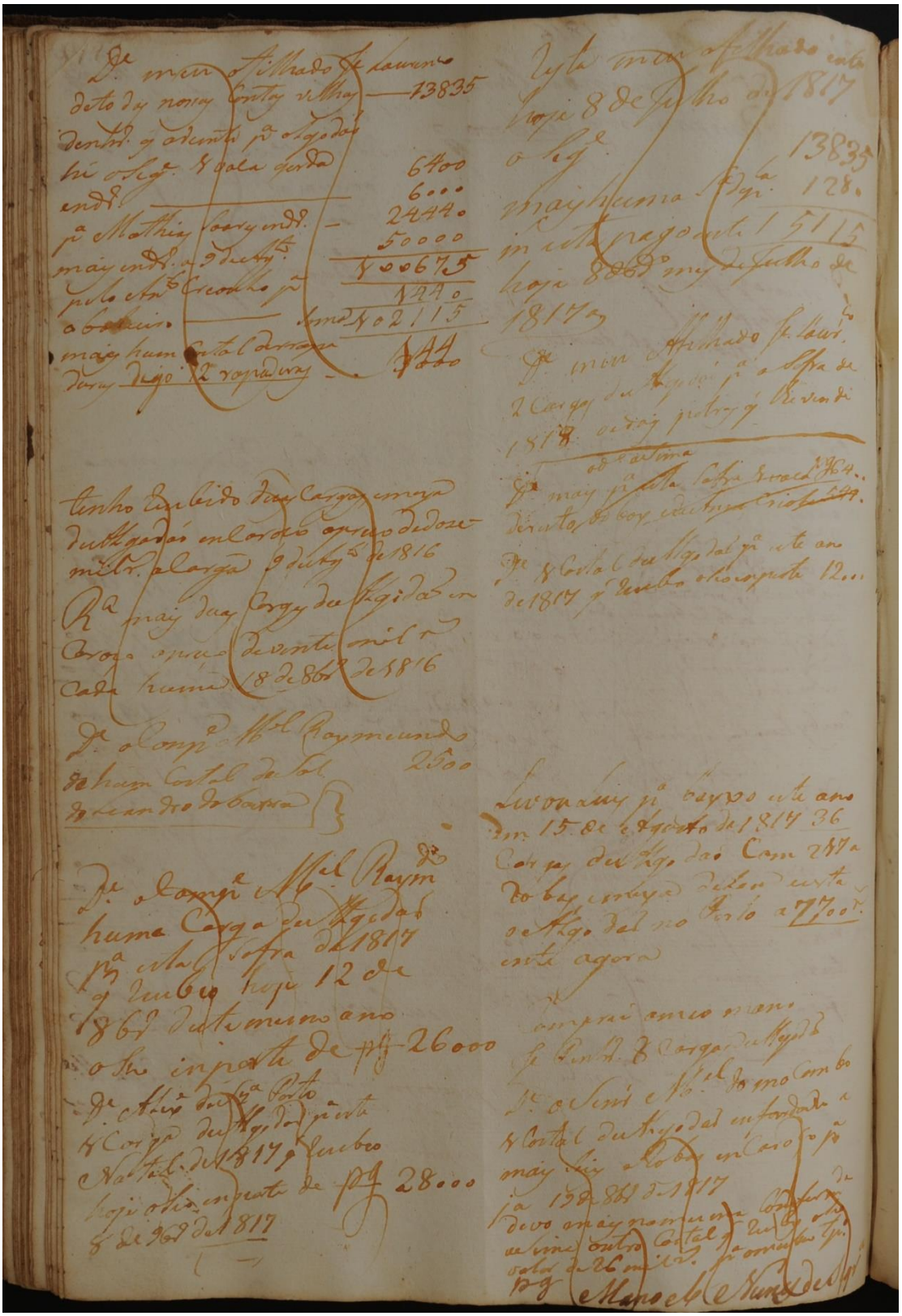
dinheiro que vou Rece bendo dacomadre
Gervasia heoSeguinte ——— 2560
mais endinheiro 240
Rece by por maõ deLourenço .. 560
Rece by endinheiro por maõ dadita 6000
Rece by endinheiro por maõ docarvalho 4000
Rece by en oito cabeças degado 20000
Rece by por maõ docompadre
SantaAnna 30000
Rece by mais endinheiro 6000
Receby mais nomesmo dia 640
Soma 70000
Rece by hum costal deSal 2000
Soma eResta —— 8000
Deve mais doSal que naõ tinha
1 alqueire sim meyo —— 1000
Receby pago 9000
Dei mais ameu afilhado 4440
para Domingos Soares que adivida era
vinte quatro mil equatro
sentos a quarenta reis credito
fica em meu puder 22 de
Junho de1816

passa para deinte

dinheiro dos bois demeu mano
Francisco Xavier que tenho em meo
po der hé oSeguinte - - - - 20000
dei por ordem dodito ao Carlos 17840
dei por ao dizimeiro 4000
vaca do dizimo 21840
Resta 1840
vendi em 22 deMarco de1816
3 bois do dito meu mano Xavier por 14000
descontando 1840
Res to —— 12160

Fico restando aAntonio deAlmeida dos
Algo dons deste anno de 1815
20 deDezembro dedezembro —— 9000
devo mais d einpres timo 24000
Soma pago 33000
Deve odito por meya aRoba decarne — 800
quebrou nacarga deAlgodaõ
deFrancisco deSouza Porto 21 Libra delona

quebrou nacarga deAlgodaõ de Manoel
Ferreira daSilva 19 Libras en Lam que estaõ
responcaveis ———————



[p. 114]

Deve meu afilhado Jozé Lourenco
deto das nossas contas velhas — 13835
dinheiro que [*inint.*] para algodaõ
hé oSeguinte 1 vaca gorda 6400
endinheiro ———————— 6000
para Mathias Soares endinheiro – 24440
mais endinheiro a 9 deAgosto 50000
pelo Antonio Creoulo para 100675
o boleeiro ———————— 1440
Soma 102115
mais hum costal derrapa
duras digo 12 rapaduras .. . [161]1440

Resta meu afilhado ente
hoje 8 de Julho de1817
oSeguinte 13835

mais huma Libra [*inint.*] 1280
in esta pagao enti 15115

hoje 8 do dito mes de Julho de
1817

Deve meu Afilhado Jozé Lourenço
2 cargas deAlgodaõ para aSafra de
1818 dedois potros que lhe vendi
———————————————————
odito Asima
Deve mais para esta Safra 1 vaca pago 6400
deresto do boy deAnna Criola 5440

Deve 1 costal deAlgodaõ para este ano
de 1817 que Recebo oSeo en [*inint.*] 1200

tenho Recebido duas cargas emeya
deAlgodaõ encaroço apreço dedoze
mil reis acarga 9 deAgosto de1816
Recebi mais duas cargas deAlgodaõ en
caroço apreço devinte mil reis
cada huma 18 de outubro de1816

Deve ocompadre Manoel Ray mundo
de hum Costal deSal 2500
do Lean dro dabarra/ }

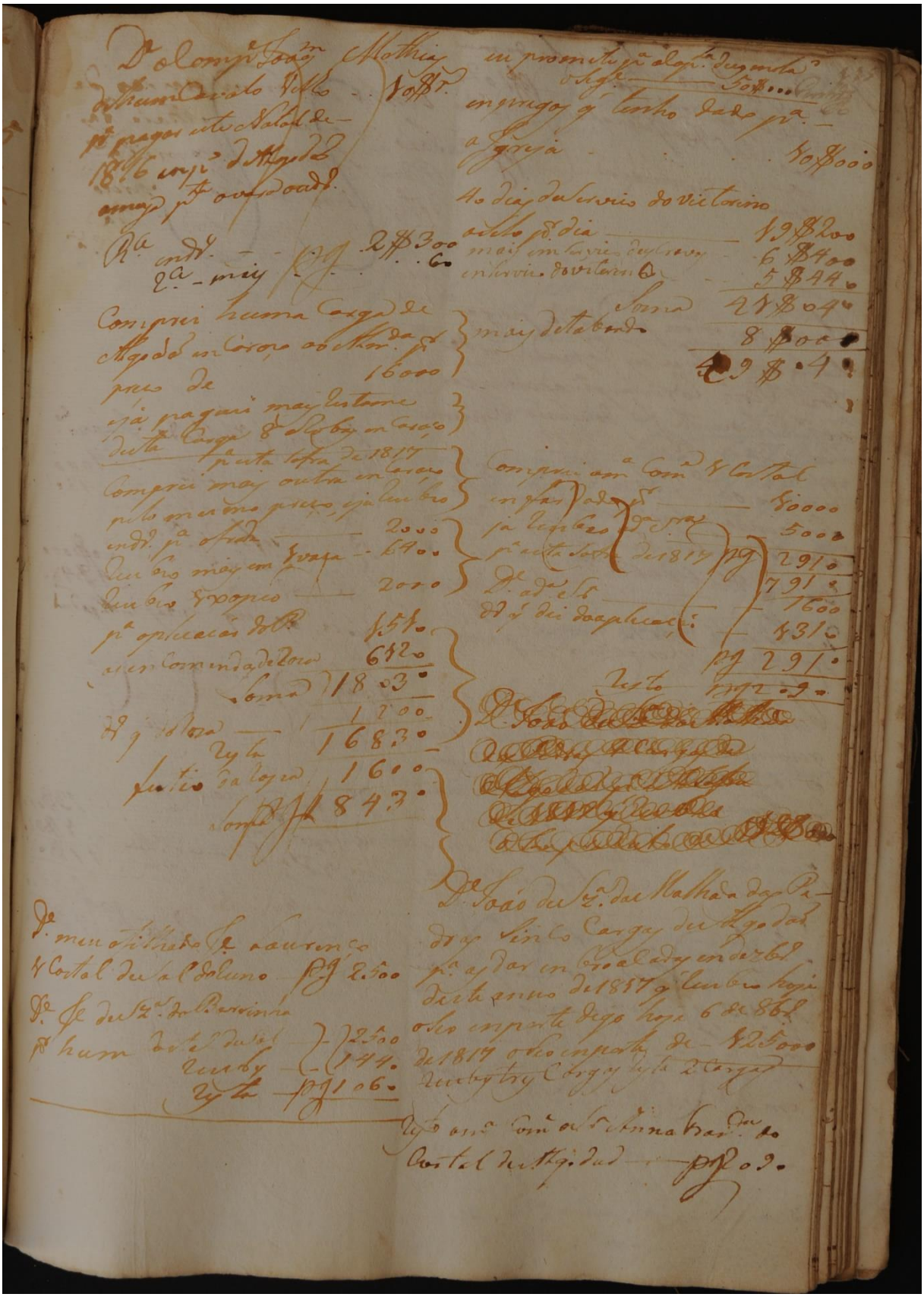
Deve ocompadre Manoel Raymundo
huma carga deAlgodaõ
para esta Safra de1817
que Recebeo hoje 12 de
outubro deste mesmo ano
oSeo inparte de ~~pago~~ 26000
Deve Alexandre deSouza Porto
1 carga deAlgodaõ para este
Natal de 1817 que Recebeo
hoje oSeo en parte de ~~pago~~ 28000
8 de Novembro de1817

Levou Luis para bayxo este ano
em 15 de Agosto de1817 36
cargas deAlgodaõ com 217 a
Robas emeya deLan eesta
o Algodaõ no Porto a 7700 reis
ente agora

Comprei ameo mano
Jozé Pinheiro 8 cargas deAlgodaõ
Deve oSenhor Manoel do mo cam bo
1 costal deAlgo daõ enfardado e
mais Seis aRobas encaroço para
ja 19 de outubro de1817
devo mais namesma conferem
aSima outro costal que Receby [*inint.*]
valor de 26 mil reis para [*inint.*] [*inint.*]
Pago

Manoel Nunes de Siqueira

[161] Ele faz a correção do valor. Antes anotou 3000.



[p. 115]

Deve ocompadre Joaquim Mathias dehum cavalo velho 10$ reis para pagar este Natal de 1816 enpano deAlgodaõ
ameya pataca avara eodinheiro
Recebi endinheiro - - - - pago 2$300
Recebi mais 60

Comprei huma Carga de Algodaõ en Caroço ao Almeida por preço de 16000
ejá paguei mais Res tame desta Carga 8 aRobas en Caroço ~~para esta Safra de 1817~~

Comprei mais outra en Caroço pelo mesmo preço eja Rece beo endinheiro para ofrade ——— 2000
Rece bo mais em 1 vaca 6400
Rece bo 1 xapeo ——— 2000
para aplecação do [inint.] 1510
as em comendas de Roza 6120
Soma 18030
dinheiro que deRoza ——— 1200
Res ta 16830
feitio da Ropa 1600
Soma pago 18430

eu prometi para aCapela deesmola oSeguinte ——— 50$000
en pregos que tenho dado para a Igreja . . . . . 10$000
40 dias deServico do vic torino oSelo por dia ——— 19$200
mais enservico deescravos - - - 6$400
enServico dovitorino - - - - - - - 5$440
Soma 41$040
mais detaboado 8$000
49$040

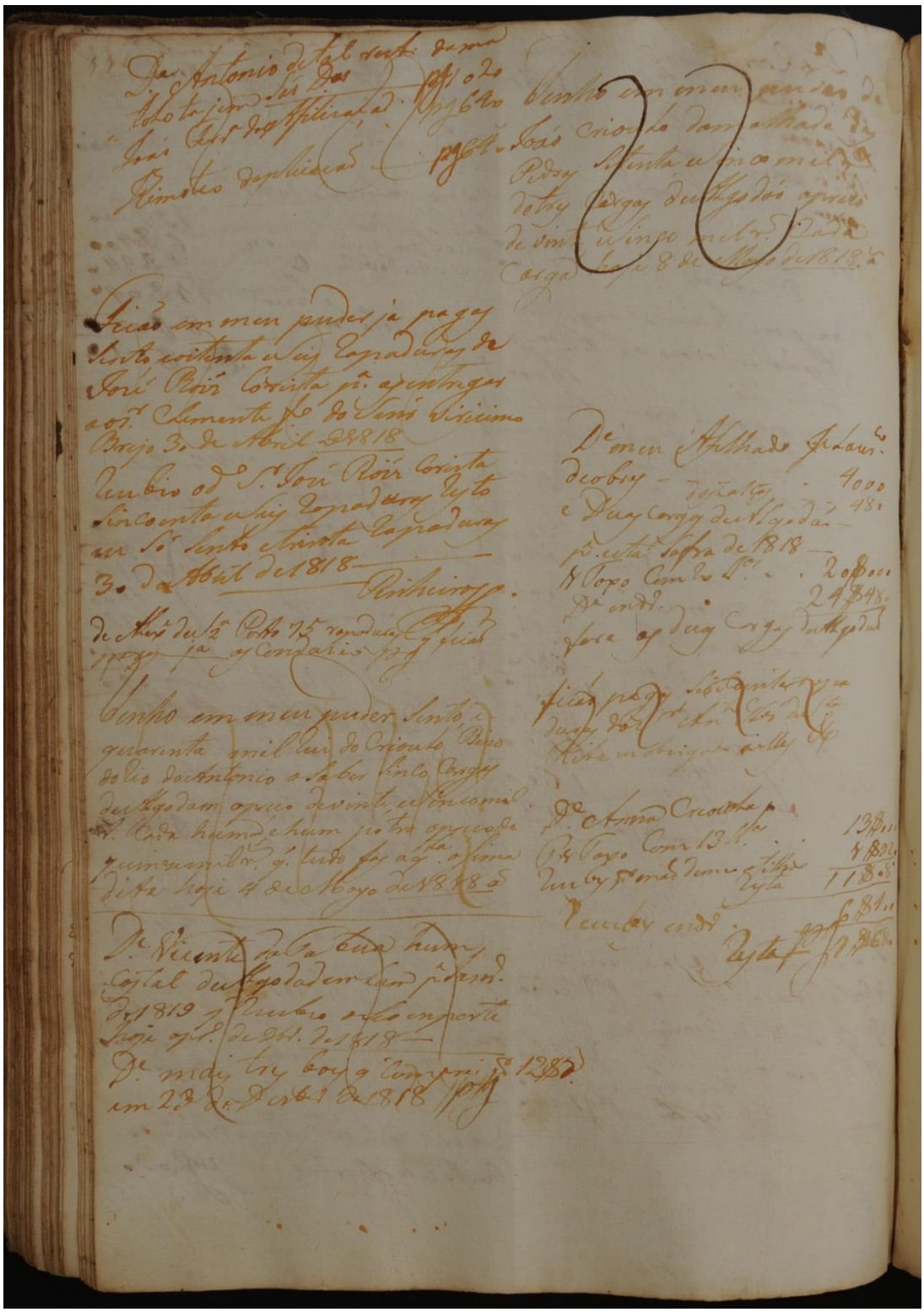
Comprei aminha Comadre 1 costal em far dado por ——— 10000
ja Recebeo adita senhora ——— 5000
para esta Safra de1817 pago 2910
7910
Deve adita Senhora ——— 1600
dinheiro que dei daaplicaçaõ ——— 1310
pago 2910
Res to pago 2090
[ilegível + 4 linhas][162]

Deve meu afilhado Jozé Loureço 1 costal deSal do Reino —— pago 2500
Deve Jozé deSouza daBarrinha por hum [?]ostal deSal ——— 2500
Receby ——— 1440
Res ta ——— pago 1060

Deve Joaõ deSouza daMalhada das Pedras Sinco cargas deAlgodaõ para as dar en broacadas en dezembro deste anno de 1817 que Recebo hoje oSeo en parte digo hoje 6 de outubro de1817 oSeo en parte de —12500
~~Receby tres cargas Resta 2 cargas~~

Resto aminha Comadre aSenhora Anna Francisca do Costal deAlgodaõ ——— pago 2090

[162] Há uma anotação que toma 5 linhas e foi totalmente riscada. Aparentemente fez a anotação nas linahs seguintes.



[p. 116]

Deve Antonio detal resto damo
tolo tajem Saõ [*inint.*] pago1020
Joaõ Ferreira daAplicaçaõ pago 640
Timoteo daplicaçaõ ——— pago 640

Ficaõ em meu puder ja pagos
Sento eoitenta eSeis Rapaduras de
Jozé Rodriguiz Corista para as entregar
aosenhor Clemente filho do Senhor viricimo
Brejo 30 de Abril 1818
Recebio odito senhor Jozé Rodrigues Corista
Sincoenta eSeis Rapaduras Res to
eu Só Sento etrinta Rapaduras
30 de Abril de1818 ———
———————Pinheiro
de Alexandre deSouza Porto 75 Rapaduras que ficaõ
pagos— ja— os conduzio pago

Tenho em meu puder sento e-
quarenta mil Reis do Crioulo Bino
do Rio do Antonio aSaber Sin co cargas
deAlgodam apreço devinte eSinco mil
reis cada huma ehum potro apreço de
quinzemil reis que tudo faz a quantia aSima
dita hoje 4 deMayo de1818 [.]
———————————————————————

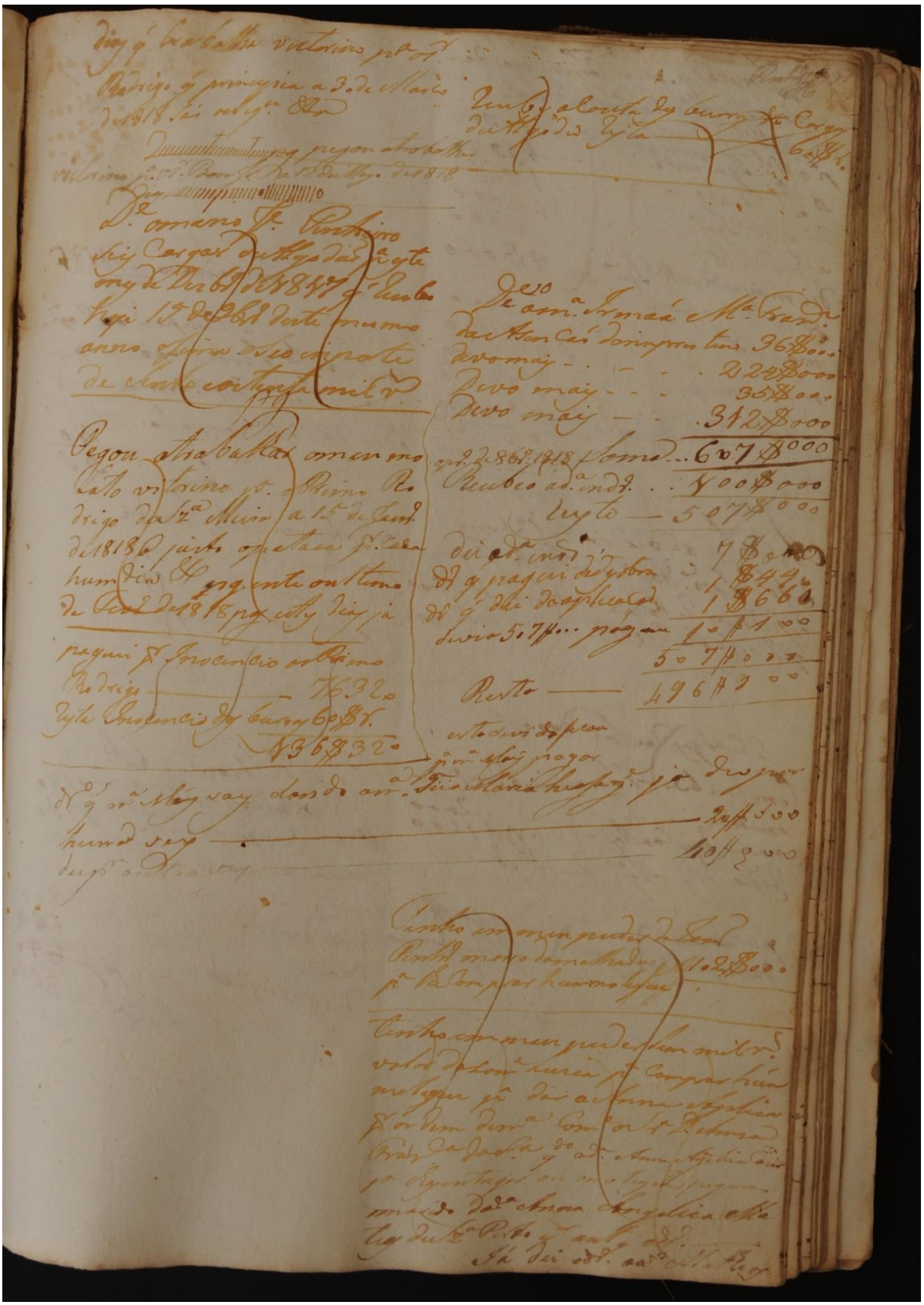
Deve Vicente daTabua hum
costal deAlgodaõ emLam para Janeiro
de1819 que Recebeo oSeo enparte
hoje oprimeiro de Novembro de1818———
Deve mais tres bois que comprei por 12$ reis
em 23 de Dezembro de 1818 pago

Tenho em meu puder de
Joaõ Crioulo damalhada das
Pedras Setenta eSinco mil
de tres cargas deAlgodaõ apreço
de vinte eSinco mil reis cada
carga hoje 8 deMayo de1818

Deve meu Afilhado Jozé Lourenço
deobras - - - - - - - - - - -- 4000
dos calços - - - - - - 480
e Duas cargas deAlgodaõ
para esta Safra de 1818
1 Taxo com 20 [*inint.*] 20$000
Deve endinheiro 24$480
fora as duas cargas deAlgodaõ

ficaõ pagos Sincoenta rapa
duras dosenhor Anitonio Gonçalves deSanta
Rita eu obrigado aelles

Deve Anna Crioula
Por 1 Taxo com 13 [*inint.*] 13$000
Rece by por maõ de meo afilhado 1$920
Res ta 11$080
Receby endinheiro 6$400
Res ta pago 4$680



[p. 117]

dias q*ue* trabalha victorino p*ar*a os*enho*r

Rodrigo q*ue* principia a 30 deMarco
de1818 saõ osSeg*uint*es [*inint.*]
)ıııııııı|ıııııııı|ıııı*pago* pegou otrabalho
victorino p*ar*a os*enho*r Bom Je*sus* a 12 deMayo
de 1808
dias)ıııııııı|ııııııııoıııııııo

Receby aConta dos burros 12 Cargas
deAlgodaõ Resta ——— 60$ r*eis*

D*eve* omano J*oz*é Pinh*ei*ro
Seis cargas deAlgodaõ p*ar*a este
mes de Dez*em*bro de 1817 que Recebo
hoje 15 de *novem*bro deste mesmo
anno aSima oSeo enparte
de Sento eoitenta mil r*eis*

Pegou atrabalhar omeu mo
Lato vitorino p*ar*a oPrimo Ro
drigo deS*ou*za Meira a 15 de Jan*ei*ro
de1818 a justo apataca p*or* cada
hum dia [*inint.*] p*ago* ente oultimo
de Fever*ei*ro de1818 p*ago* estes dias ja

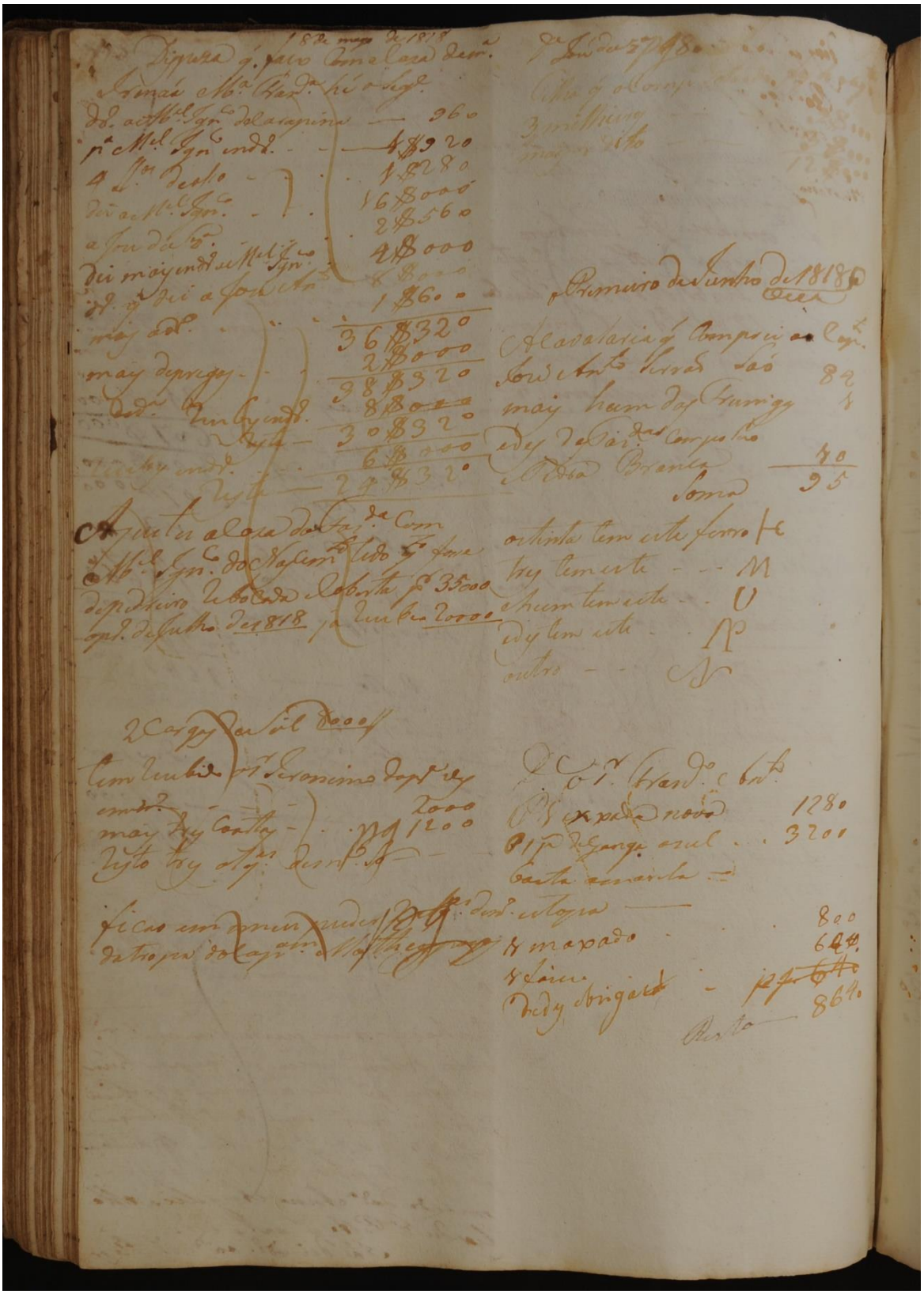
paguei p*or* Inocencio aoPrimo
Rodrigo ——— 76320
Resta Inocencio dos burros 60$ r*eis*
136$320

Devo aminha Irmaã M*ari*a Fran*cis*ca
daAsen caõ doinpres timo 36$000
devomais - - - - - - - 224$000
Devo mais - - - - - - 35$000
Devo mais - - 312$000
op*rimei*ro de*outu*bro de 1818 607$000
Recebeo ad*it*a end*inhei*ro 100$000
Res to —— 507$000

dei ad*it*a [*inint.*] 7$000
d*inhei*ro q*ue* paguei de des obra 1$440
d*inhei*ro q*ue* dei daaplecação 1$660
devio 507$000 pagou 10$100
507$000
Resto ——— 496$300
esta divi da ficou
p*ar*a m*inh*a Mãy pagar
d*inhei*ro q*ue* m*inh*a Mãy vay dando am*inh*a Tia Maria heoSeg*uint*e ja deo por
huma veis ——— 20$000
deop*or* outra ves ——— 40$000

Tenho em meu puder do Joaõ
Pinh*ei*ro mosso damalhada p*ago* 102$000
p*ar*a lhe comprar hummo leque

tenho em meu puder Sem milr*eis*
valor dacom*adr*e Luzia p*ar*a comprar hum
moleque p*ar*a dar a Anna Angelica
p*or* or dem dem*inh*a com*adr*e aSenhora
[D*ona* Anna
Fran*cis*ca daS*ilv*a q*uan*do ad*it*a Anna
A<↑n>gelica cazar
p*ar*a lhes entregar ou omo leque pequeno
marido dad*it*a Anna Angelica Ma
tias deS*ou*za Porto [*inint.*] od*inhei*ro _____
Já dei od*inhei*ro aod*it*o Mathias



[p. 118]

18 de mayo de1818

Dispeza q*ue* faço com acaza dem*inh*a Irmaã M*ari*a Franc*is*ca hé oSeg*uint*e d*inhei*ro a M*ano*el Ign*aci*o dacarapina — 960
para M*ano*el Ign*aci*o end*inhei*ro - - —— 1$920
4 L*ibra*s deasso - - - - - - 1$280
dei a M*ano*el Ign*aci*o -- - - - - - - 16$000
a Joze deS*ou*za - - - - - - - 2$560
dei mais end*inhei*ro aM*ano*el Ign*aci*o 4$000
d*inhei*ro q*ue* dei a Jozé Ant*oni*o 8$000
mais od*inhei*ro . . . . . 1$600
36$320
mais depregos - - - - - - 2$000
cada 38$320
Rece by end*inhei*ro 8$000
Resta—— 30$320
Receby end*inhei*ro - - - - - - - 6$000
Resta —— 24$320

Ajustei acaza da Faz*en*da com
M*ano*el Ignac*i*o do Nascim*en*to tudo q*uan*to fosse depedreiro Rebocada eCoberta p*or* 3500 oprimeiro de Julho de1818 já Recebeo 2000

2 cargas deSal 8000

tem Recebido os*enho*r Jeronimo dap*rimei*ra ves end*inhei*ro - - - - - - - - 2000
mais tres coartas - - - - - pago 1200
Resto tres alq*ueir*es dem*ilh*o So- - - -------

ficao em meu puder pago [*inint*] dem*ilh*o datropa docap*it*am Mathias pagos

D*eve* Jozé deS*ou*za pago 80 00
Telha q*ue* ocomp*adr*e [ilegível]
3 milheiros - - - -- 2$000
mais 1 dito - - - - - 3$000
12$000

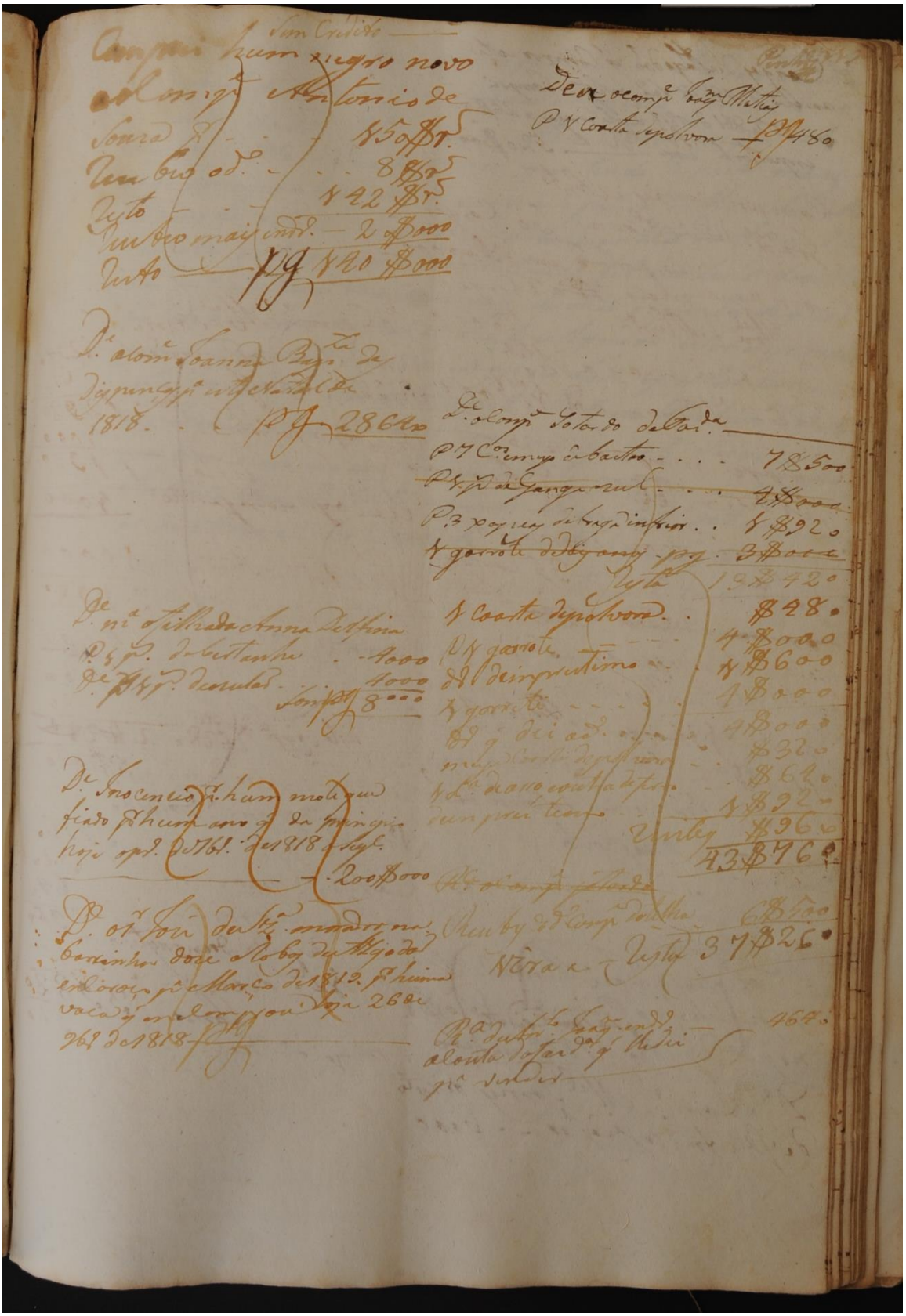
oPrimeiro deJunho de1818

Acavalaria q*ue* comprei ao Cap*itam*
Joze Ant*oni*o Serrão Sañ 84
mais hum das Frunigas 1
estes daFaz*en*da Campo Seco
ePedra Branca 10
Soma 95

oitenta tem este ferro ├
tres tem este - - - M
hum tem este - - - U
estes tem este - - Ꝑ
outro - - N

D*eve* os*enho*r Franc*is*co Antônio
P*or* en[163]xada nova 1280
P*or* 1 p*an*o deGonga azul . . . 3200
baeta amarela -
estopa ————
1 maxado - - - - - - 800
1 foziu 640
dedes obrigar - pago ~~640~~
Resta ———8640

[163] Há sobre a letra n um x.



[p. 119]

Sem Credito ———

Comprei hum negro novo
aoCompadre Antonio de
Souza por - - - - - 150$reis
Recebeo odito - -- - - 8$reis
Res to - - - - - - -- - - - 142$ reis
Recebeo mais endinheiro — 2$000
Resto ——————— pago 140$000

Deve acomadre Joanna Baptista das
dis penças para este Natal de
1818 . . . . pago 28640

Deve minha afilhada Anna Delfina
Por 1 pano debertanha ------ 4000
Deve por 1 pano deazulaõ 4000
Soma pago 8000

Deve Inocencio por hum moleque
fiado por hum ano que da principio
hoje oprimeiro de Setembro de1818 oseguinte
——————————————— -200$000

Deve osenhor Jozé deSouza morador na
barrinha doze aRobas deAlgodaõ
encaroço para Março de1819 por huma
vaca que mecomprou hoje 26 de
Novembro de1818 pago

Deve ocompadre Joaquim Matias
Por 1 coarta depolvora ——— pago 480

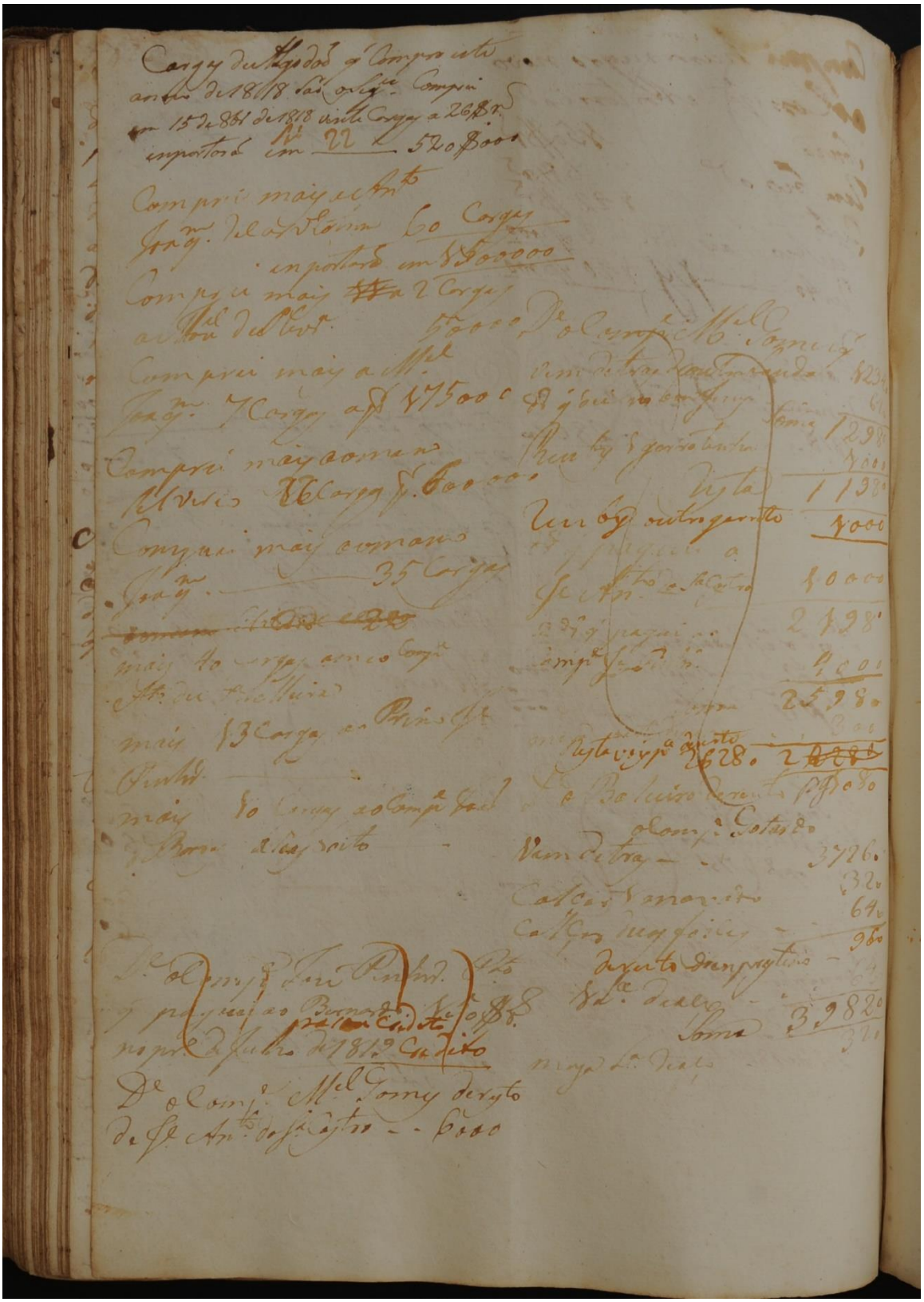
Deve ocompadre Gotardo daFazenda ———
Por 7 covados debaetao. . . . . 7$500
~~Por 1 pano de Gange azul. . . .~~ ~~2$000~~
Por 3 xapeos debraga infrior . . 1$920
~~1 garrote dedois anos pago. . . .~~ ~~3$000~~
Res ta 13$420
1 coarta depolvora $480
Por 1 garrote - - - - - - 4$000
dinheiro deinprestimo . . . 1$600
1 garrote - - - - - - - - - 4$000
dinheiro que dei odito - - - - 4$000
meya coarta depolvora - - - - $320
1 Libra deasso eoutra de ferro . . $640
dein pres timo 1$920
Receby $960
43$760

~~Resta ocompadre Gotardo~~

Receby dodito compadre datelha 6$500

Vira e — Resta 37$260

Resta deAntonio Joaquim endinheiro — 4640
aconta dofardo que lhedei
para vender ———————



[p. 120]

Car gas deAlgodaõ q*ue* compro este
anno de1818 Saõ osSeg*uint*es Comprei
em 15 de *Outu*bro de1818 vinte Cargas a 26$ r*eis*
inportaraõ em —22— 520$000

Comprei mais Antônio
Joaq*ui*m decarv*alh*o Soma 60 Cargas
in portaraõ em 1500000
Comprei mais [~~11~~] a 2 Cargas
a[*inint.*] deOliv*ei*ra 50000
Comprei mais a M*ano*el
Joaq*ui*m 7 Cargas a p*o*r 175000

Comprei mais aomano
Silverio 22 cargas p*o*r 600000[164]

Comprei mais aomano
Joaq*ui*m ———— 35 cargas
~~[omano Silverio [*inint.*]]~~
mais 40 Cargas ameo comp*adr*e
Ant*onio* deS*ouz*a Meira

mais 13 Cargas ao Primo J*oz*e
Pinh*ei*ro ————

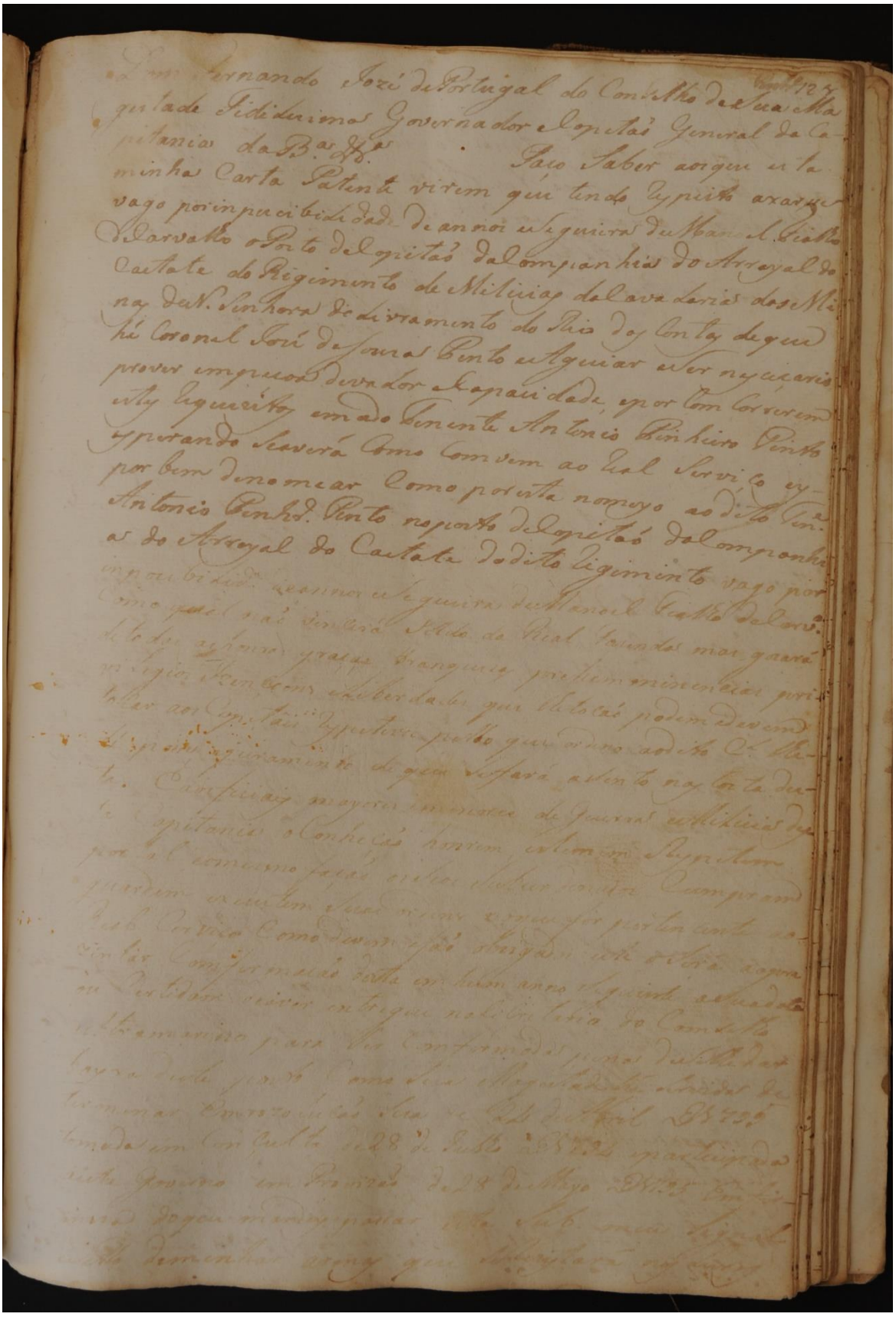
mais 10 Cargas ao comp*adr*e Joaõ
deBarros a seos oito ————

D*ev*e o comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro P*in*to
q*ue* paguei ao Bernardo 150$ r*eis*
nop*rimei*ro de Julho <↑passou credito> de1819 credito
D*ev*e o comp*adr*e M*ano*el Gomes deresto
de J*oz*e Ant*oni*o deS*ouz*a Castro - - 6000

D*ev*e o comp*adr*e M*ano*el Gomes q*ue*
vem detras deoutra Lauda 12340
d*inhei*ro q*ue* dei no bom Jesus 640
Soma 12980
Rece by 1 garrotinho 1000
Res ta 11980
Rece by outro garrote 1000
d*inhei*ro q*ue* paguei o
J*oz*e Ant*oni*o deS*ouz*a Castro 10000
[?] d*inhei*ro q*ue* paguei ao 21980
Comp*adr*e Jozé Pinh*ei*ro 4000
Soma 25980
[ilegível] 300
Resto vay p*ar*a diente 26280 [~~28280~~]
D*ev*e oBolceiro deresto p*ago* 1080

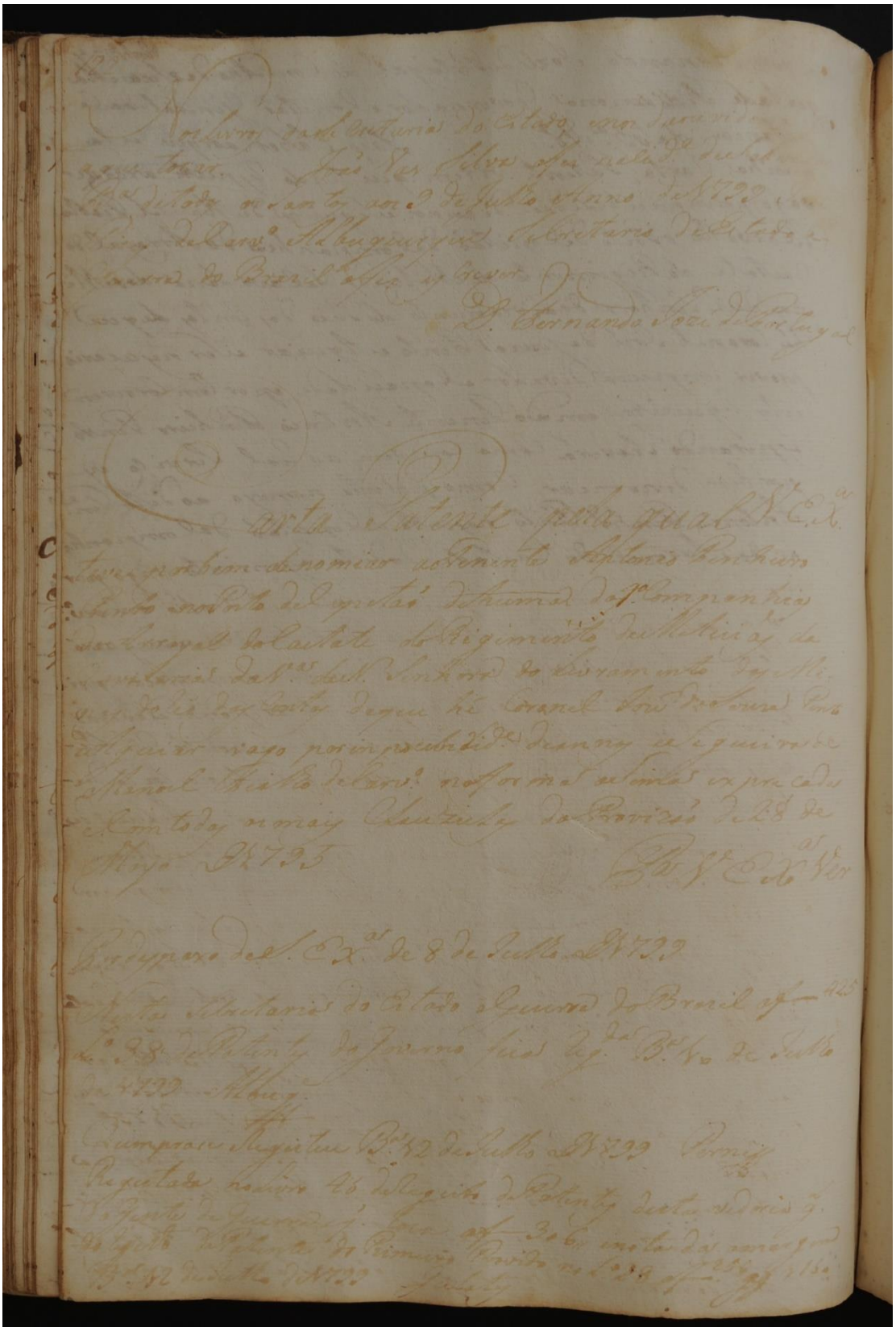
ocomp*adr*e Gostardo
Vem detras - - - - 37260
Cal çar 1 maxado 320
callçar duas foices - - - 640
deresto doenprestimo - 960
1 L*ibr*a deaço 640
Soma 39820
meya L*ibr*a deaço 320

[164] A quantidade e o valr da cargar form alterados.



[p. 121]

Dom Fernando Jozé dePortugal do Con selho deSua Ma
gestade Fide Lissima Governador Capitaõ General da Ca
pitania daBahia. Faço saber aos que esta
minha Carta Patente virem que tendo Respeito axar sse
vago por in pucibilidade de an nos eSeguiera deManoel Fialho
deCarvalho oPosto deCapitaõ daCompanhia do Arrayal do
Caetete do Regimento de Milicias deCava Laria das Mi
nas de N*ossa* Senhora do Livramento do Rio das Con tas de que
hé Coronel Jozé deSouza Pinto eAguiar aSer nes ceçario
prover em peçoa deva Lor eCapacidade epor Com Correrem
estes Requisitos em od*it*o Ten en te An ton io Pin heiro Pinto
es perando Seaverá como com vem ao Real Servi ço es-
por bem denomear como por esta nomeyo ao dito Ten*ent*e
An tonio Pinh*ei*ro Pinto no posto deCapitaõ daCompanhi
a do Arrayal do Caetete do dito Rigiminto vago por
in poci bi li*da*de deannos eSegueira deManoel Fialho deCarv*alh*o
Com o qual naõ ven cerá Soldo da Real Fazenda mas gozará
de to das as honras graças Franquesas prehem minencias pri-
viLegios Izen çoens eLiberdades qui lhe to caõ podem edevem
tocar aos Capitães Res petivo pelo que ordeno aodito C*oron*el lhe
dé posse ejuramento de que sefará Asen to nas cos ta des-
ta. Eaoficiais mayores emenores de Guerra e Milicia des-
ta Capitania oConheçaõ honrem , estimem eRespetem
por tal eomesmo façaõ os Seos Subor dinados Cumpram
guardem executem Suas ordens e oque for pertin ente ao-
Real Cer viço Como devem eSão obrigados este oSerá a apre
zentar Comfirmaçaõ desta em hum anno Seguinte aSuadata
ou Certidam deaver entregue naSi cri taria do Com selho
ultramarino para Ser Com firmada pena deSelhe dar
bayxa deste posto como Sua Magestade hé Servida de-
terminar Em rezoluçaõ Sua de 24 deAbril 1795
tomada em Con çulta de 28 de Julho 1792 epar ticipada
aeste Governo em Provizaõ de 28 deMayo 1795 Em fir-
mesa do que mandey passar esta Sub meu Signal
eSello deminhas armas que SeResistará nos Livros



[p. 122]

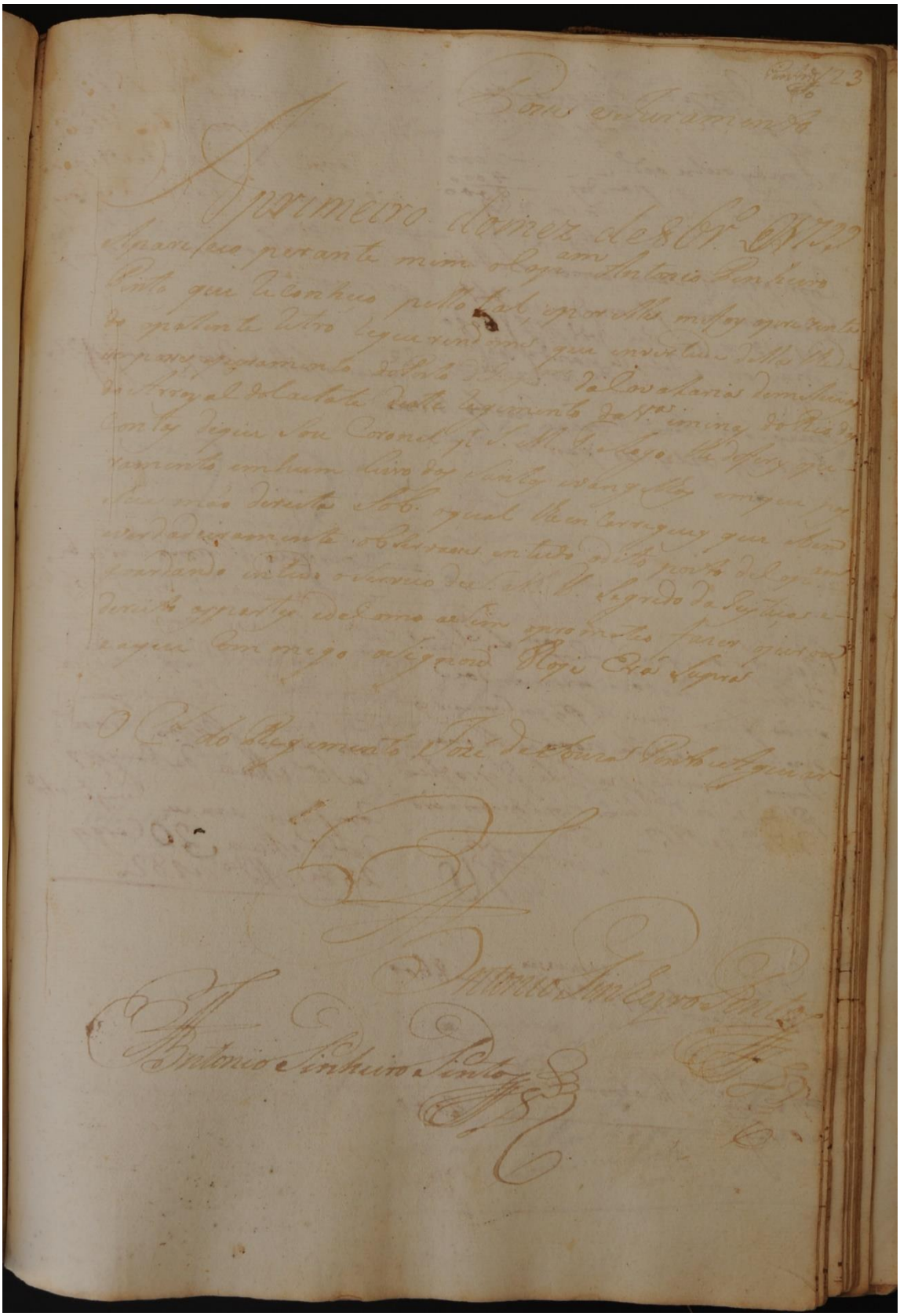
Nos Livros daSe cretaria do Estado, enos daouvidoria
a que tocar. Joaõ Vas Silva ofes naci*dad*e deSalvador
B*ahi*a detodos os San tos aos 9 de Julho Anno de 1799 Jozé
Pires deCarv*alh*o Albuquerque Secretario deEstado e
Guerra do Brazil ofis es crever
D*om* Fernando Jozé dePortugal

Carta Patente pela qual V*ossa* Ex*celênci*a
teve por bem de nomiar aoTenente Antonio Pinheiro
Pinto noPosto deCapitaõ dehuma das 1ª Companhias
doArrayal doCaetete doRigimento deMilicias da
Cavalaria daV*il*a deN*ossa* Senhora do Livramento das Mi-
nas do Rio das Contas deque hé Coronel Jozé deSouza Pinto
eAguiar vago por in pocibilidade deannos eSegeuira de
Manoel Fialho de Carv*alh*o naforma aSima ex pre çada
eCom todas as mais Clauzulas deProvizaõ de 28 de
Mayo 1795
P*ara* V*ossa* Ex*celenci*a Ver

Por despaxo de S*ua* Ex*celênci*a de 8 de Julho 1799

Nesta Secretaria do Estado eGuerra doBrasil af*olha* 425
L*ivr*o 38 dePatentes do Governo fica Reg*istra*da B*ahi*a 10 de Julho
de 1799 Albu*quer*q*u*e
[*inint.*][165]
Cumprase eRegistece B*ahi*a 12 de Julho 1799 [*inint.*]
Registada no Livro 43 de Registo dePatentes desta vidoria g*eral*
daGente de guerra eq*ue* toca af*olha* 306 enota da amargem
do Rigisto dePatente do Primeiro Provido no L*ivr*o 28 a f*olh*a <↑256> [inint.] 1[?]60
B*ahi*a 12 de Julho de1799
[*inint.*][166]

[165] Trata-se de uma rubrica.
[166] Assinatura



[f. 123r]
Posse e Juramento

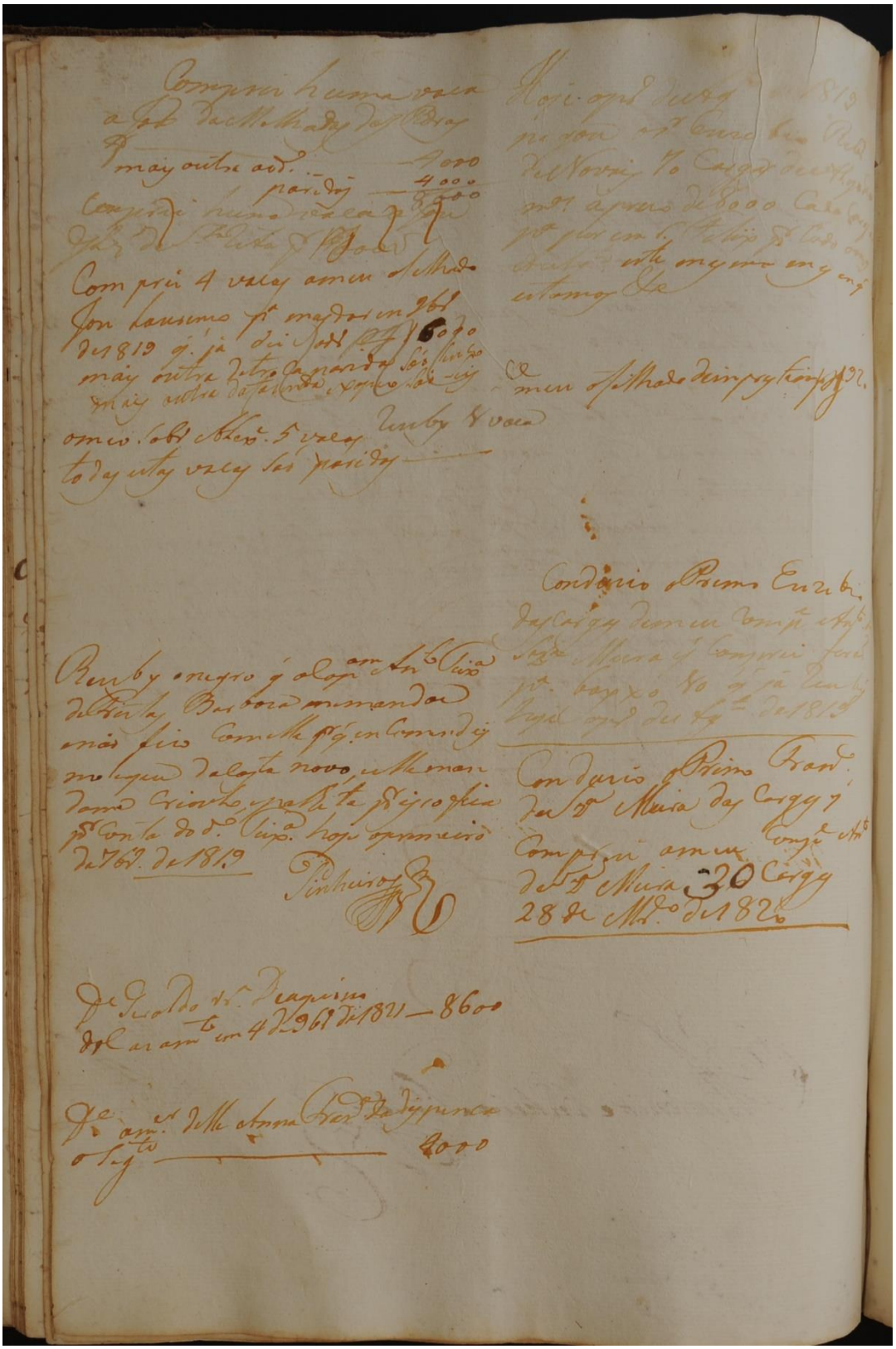
[167]A primeiro domez de *Outu*bro 1799
Apare ceo perante mim o Cap*it*am Antonio Pinheiro
Pinto que Reconheço pello tal, epor elle mefoy apresenta
do apatente Retro Requerend ome que investida dela lheda
sse posse ejuramento doPosto decapitam daCavalaria demilicias
do Arrayal deCaetete deste Regimento daV*il*a eminas do Rio das
contas deque Sou Coronel p*or* S*ua* M*agestade* F*idelissima* elogo lhe defery oju-
ramento em hum Livro dos Santos evangelhos em que pos
Sua maõ direita Sob oqual lhe en carreguey que bem
everdadeiramente observasse en tudo odito posto deCap*it*am
goardando en tudo oServico de S*ua* M*agestade* F*idelissima* Segredo da Justiça e-
direito as partes edecomo assim oprometeo fazer ejurou
e aqui com migo aSignou Hoje Era Supra

O C*oron*el do Regimento Jozé deSouza Pinto Aguiar

AntonioPinheyroPinto

AntonioPinheiroPinto

[167] A primeira linha encontra-se escrita com letras maiores.



[f. 123v]

Comprei h uma vaca
aJoaõ daMalhadas das Pedras
por _____ 4000
mais outra ao d*it*o . . . _ _ _ 4000
paridas 8000
Comprei huma vaca a Joze
G*onçalve*s de*San*ta Rita por p*ago* 4000 r*eis*
Com prei 4 vacas ameu afilhado
Joze Lourenço p*ara* mas dar en *novem*bro
de1819 q*ue* já dei od*inhei*ro p*ago* 16000[168]
mais outra dafazenda exapeo Saõ Seis
Receby 1 vaca
omeo Sobr*inh*o Alex*andr*e 5 vacas
to das estas vacas Saõ paridas _____

Hoje opr*imeir*o deAg*os*to de1819
pa gou os*enho*r Euzebio [*inint.*]
deNovais 70 cargas de Algoda
m apreco de8000 cada carga
p*ar*a por em S*ão* Felix por tudo omes
[*inint*] este mes mo mes en q*ue*
estamos [*inint.*]

D*eve* meu afilhado deinprestimo p*ago* 920

Receby onegro que oCap*it*am Ant*oni*o Teix*eir*a
deFreitas Barboza memandou
enaõ fico comelle p*orq**ue* en comendey
moleque dacosta novo, elleman
dame crioulo palhe ta p*or* is so fica
p*or* conta do d*it*o Teix*eir*a hoje oprimeiro
de *setem*bro de1819
Pinheiro[169]

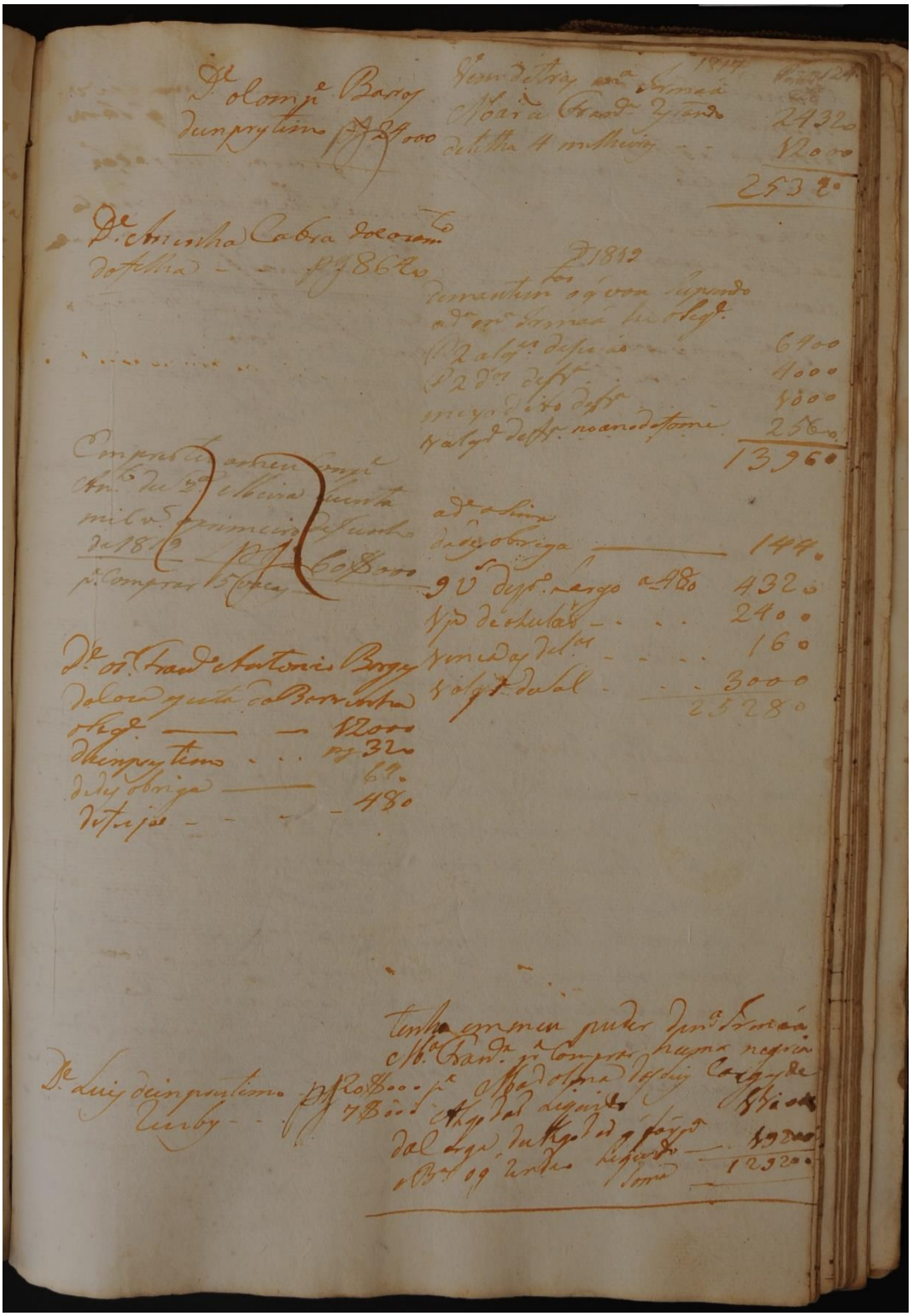
Conduzio oPrimo Eu ze bio
das cargas demeu comp*adr*e Ant*oni*o de
S*ouz*a Meira q*ue* comprei seraõ
p*ar*a bayxo 10 q*ue* já Receby
hoje opr*imeir*o de Ag*os*to de1819

Con duzio oPrimo Francisco
de S*ouz*a Meira das cargas q*ue*
comprei ameu comp*adr*e Ant*oni*o de
des*ouz*a Meira 30 cargas
28 de Marco de1820

D*eve* Geraldo vieira Deaquino
docazam*en*to em 4 denovembro de1821__8600

D*eve* am*ulh*er delle Anna Franc*is*ca da dispenca
oSeg*uint*e _____ 4000

[168] O algarismo 6 está com a tinta borrada. Foi corrigido.
[169] Há muitas laçadas na assinatura.



1817 **[f. 124r]**

D*ev*e ocomp*adr*e Barros
deinprestimo p*ago* 2400

Vem detras m*inh*a Irmaã
Mara Fran*cis*ca Res tando 24320
detelha 4 milheiros 12000
25320

D*ev*e Aninha Cabra docazam*ent*o
dafilha - - - - - - p*ago* 8640

1819
demantim*en*tos o q*ue* vou Suprindo
a d*it*a m*inh*a Irmaã he oSeguinte
P*or* 2 alq*ueir*es defeijaõ - - - - - - - 6400
P*or* 2 [*inint.*] defar*inh*a 4000
meyo dito defar*inh*a 1000
1 alq*uei*re defar*inh*a no anodefome 2560
13960

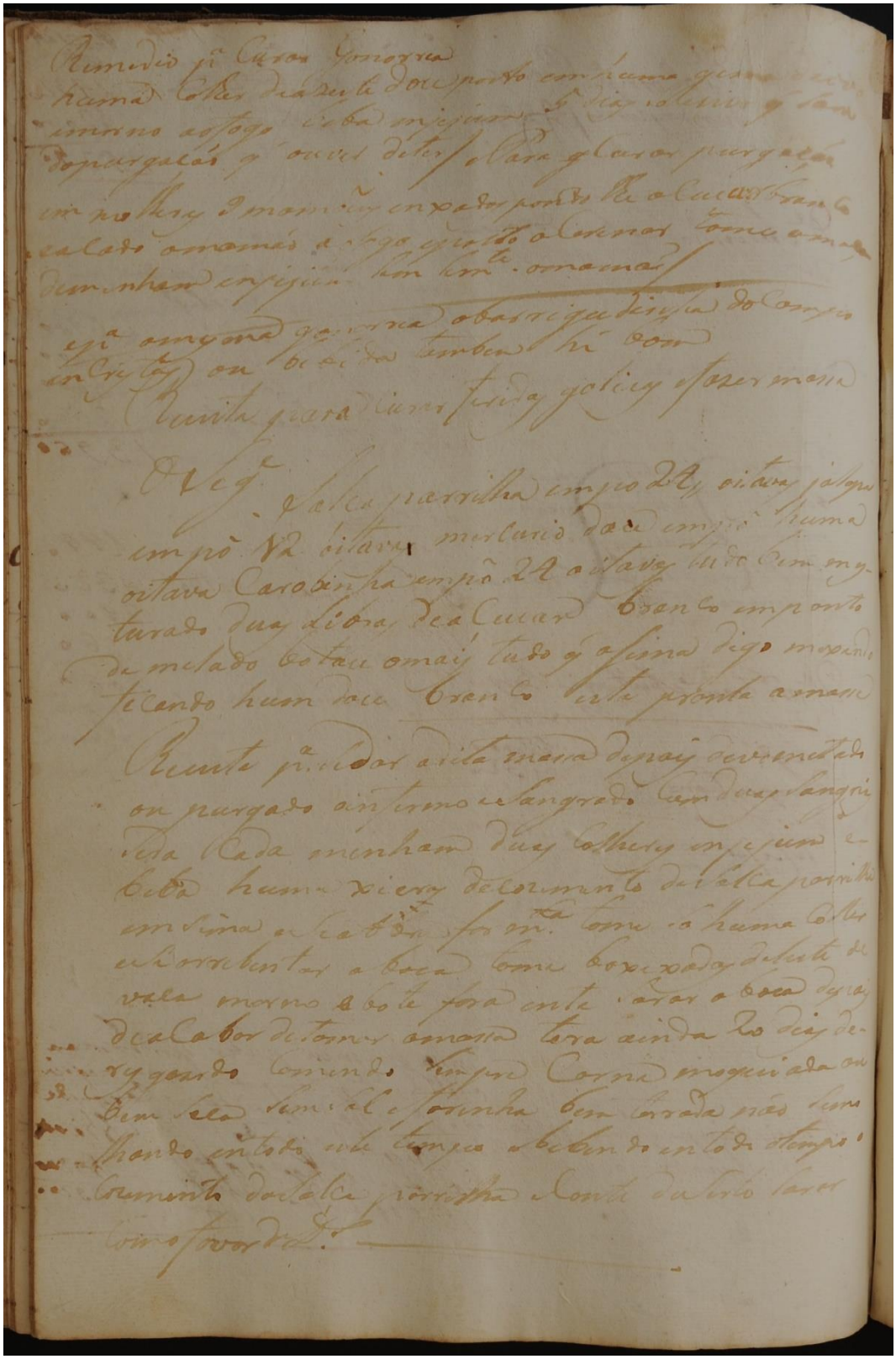
Em prestei ameu comp*adr*e
Ant*oni*o de*Sou*za Meira trinta
mil r*eis* oprimeiro deJunho
de1819 p*ago* 60$000
p*ar*a comprar 5 vacas —

ad*it*a aSima
dadesobriga ——————— 1440
9 v*ara*s dep*an*o Largo a480 4320
1 p*an*o de azulaõ - - - - - 2400
1 [*inint.*] del*inh*os - - - - - 160
1 alq*uei*re deSal - - - - 3000
25280

D*ev*e os*enh*or Francisco Ant*oni*o Borges
dacaza [*inint*] daBarrinha
oseg*uint*e ——————— — 12000
deinprestimo . . . p*ago* 320
dedes obriga ——————— 640
de feijao - - - - - - - - - - - - - - 480

tenho em meu puder dem*inh*a Irmaã
M*ari*a Franc*is*ca p*ar*a compar huma negria
p*ar*a [*inint.*] dos Luis cargas de
Algodaõ Liquido 110000
dacarga deAlgodaõ q*ue* foy p*ar*a
aB*arr*a o q*ue* rendeo Liquido 19200
Soma 129200

D*ev*e Luis deinprestimo p*ago* 20$000
Receby - - - 7$000



[f. 124v]

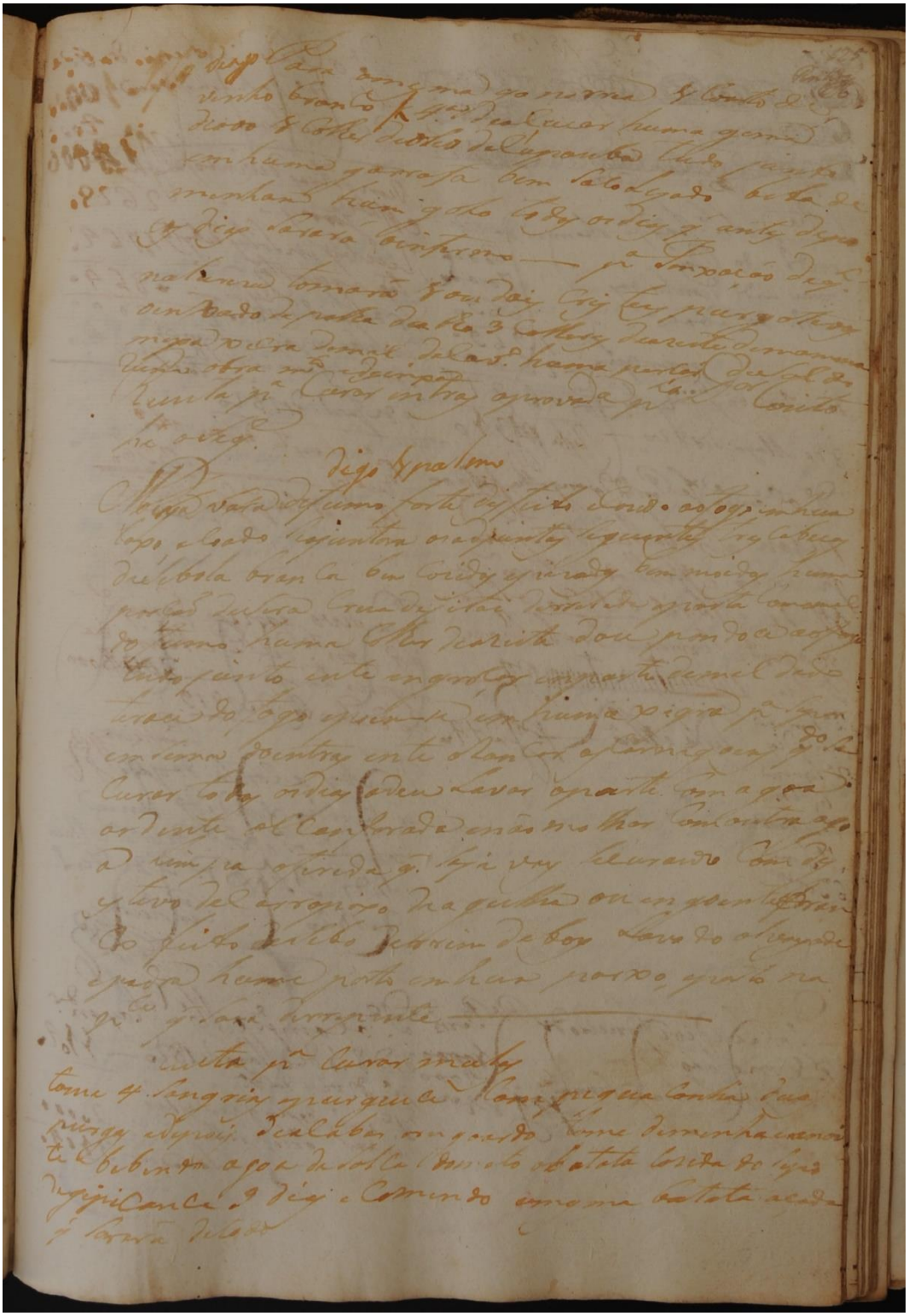
Remedio p*ar*a curar Gonorrea
huma colher deazeite doce posto em huma gema deovo
imorno aofogo beba imjejum 5 dias o[*inint.*] q*ue* sara
dapurgaçaõ q*ue* ouver deter/ Para [~~g~~] curar purgação
em mulheres 9 mamõens enxados pondo lhe açucar branco
colado omamaõ aofogo eposto acerenar toma amoça
demanham enjejum com seme*n*te omamaõ/[170]
ep*ar*a amesma gonorrea abarrigudinha docampo
em cristers ou bebida tambem hé bom

Receita para curar feridas gálicas efazer massa
Oseg*uint*e
Salçaparrilha em po 24 oitavas jalapa
em pó 12 oitavas mercúrio doce em po huma
oitava carobinha em pó 24 oitavos tudo bem mes-
turado duas Libras deaçucar branco em ponto
de melado botou o mais tudo q*ue* asima digo mexendo
ficando um doce branco esta pronta amassa

Receita p*ar*a sedar adita massa depois devomitado
ou purgado oinfermo eSangrado com duas Sangrias
Seda cada menham duas colheres enjejum e
beba huma xicras decozimento desalca parrilha
em sima esever fer*m*enta*çao* tome so huma colher
ese arrebentar a boca tome boxexadas deleite de
vaca morno e bote fora inte sarar a boca depois
deacabar detomar amassa tera ainda 20 dias de
resguardo comendo sempre carne moquiada ou
bem seca sal efarinha bem torrada não semo
lhando en todo este tempo ebebendo en todo tempo o
cozimento dasalça parrilha econte deSerto sarar
como favor de D*eu*s[171]

---

[170] Há um traço separando as receitas
[171] Há um traço na horizontal que passa por cima da informação e vai até próximo o final da página.

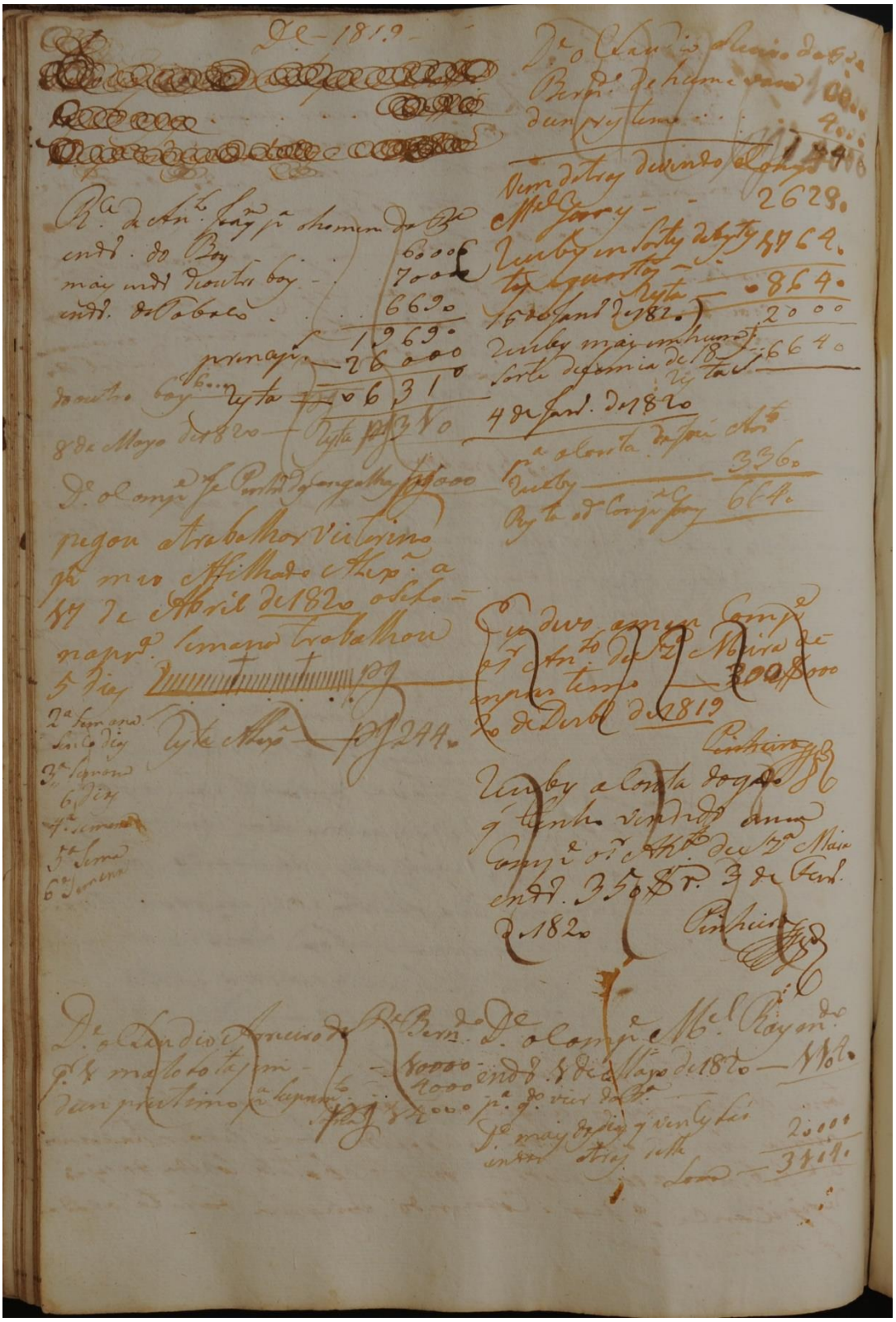


[f. 125r]

[*inint*.] Para amesma gonorrea 1 coarto de
vinho branco/ L 4as deaçucar huma gema
deovo 1 colher deoleo decapauba tudo junto
em huma garrafa bem sacolejado beba de
menham hum golo todos os dias q*ue* antes depo
cos dias sarará oinfermo — p*ar*a Inxação deq*ua*l
natureza tomará 1 ou dois cris ters purgativos
oenxado de palha dealho 3 colheres deazeite demamona
meya xicra demel de ca*rvalh*o huma porçaõ desal do
reino obra m*ui*to edesinxa
Receita p*ar*a curar intras aprovada pelo Do*ut*or Couto
hé oseg*uint*e
Meya vara de fumo forte<↑digo um 1 pal[?]> desfeito ecozido aofogo emhum
taxo ecoado seajuntara os adjuntos seguintes tres cabecas
deSebola branca bem cozidas epizadas bem moidas huma
porçaõ desera crua dejitai derretida eposta comomel
do fumo huma colher deazeite doce pondo ce aofogo
tudo junto inte engroçar en ponto de mel [*inint*.]
tiraçi do fogo epoemse em huma xigra p*ar*a sepor
em sima do entras ente aRan car os carnigoens q*uan*do se
curar todos os dias edeve lavar aparte com agoa
ardente alconforada enão molhar com outra ago
a limpa a ferida q*ue* seja vay securando com dij
estivo decarrapixo deagulha ou engoento bran
co feito desebo derrim deboy lavado olvayado
epedra hume posto em hum parxo, eposto na
pele q*ue* sara derrepente ———————————

Receita p*ar*a curar males

tome 4 sangrias epurgue ce com pequa conha duas
purgas edepois deacabar oresgoardo tome demenhãeanoi
te bebendo agoa de salça domato abatata cozida do [*inint*.]
digipicanca 9 dias e comendo amesma batata açada
q*ue* sarará detodo.



[f. 125v]

De – 1819 ——
[ilegível + 2 linhas][172]

Recebi de Antonio Joaquim para ohomem daBarra
endinheiro do Boy 60000
mais endinheiro deoutro boy - - 70000
endinheiro deTabaco 6690
19690
principal 26000
deoutro boy 6000 Resta pago 06310
8 de Mayo de 1820 —— Resta pago 310

Deve ocaompadre Jozé Pinheiro dascangalhas
pago 5000
pegou otrabalhador victorino
para meo Afilhado Alexandre a

17 de Abril de1820 oSelo
naprimeira semana trabalhou
5 dias)ıııııııı†ıııııııı†ıııııııı pago
2ª semana
Sinco dias Resta Alexandre —— pago 2440
3ª semana
6 dias
4ª semana
5ª semana
6ª semana

Deve oClaudio ferreiro de [inint.] Bernardo
por 1 moto lo tajem - - - - - - - - - - - - - 10000
dein prestimo para suprimento - - - - - - 4000
Soma pago 14000

Deve oClaudio [inint.]
Bernardo de huma vaca 6000
dein prestimo 4000
——————————pago
[inint][173]

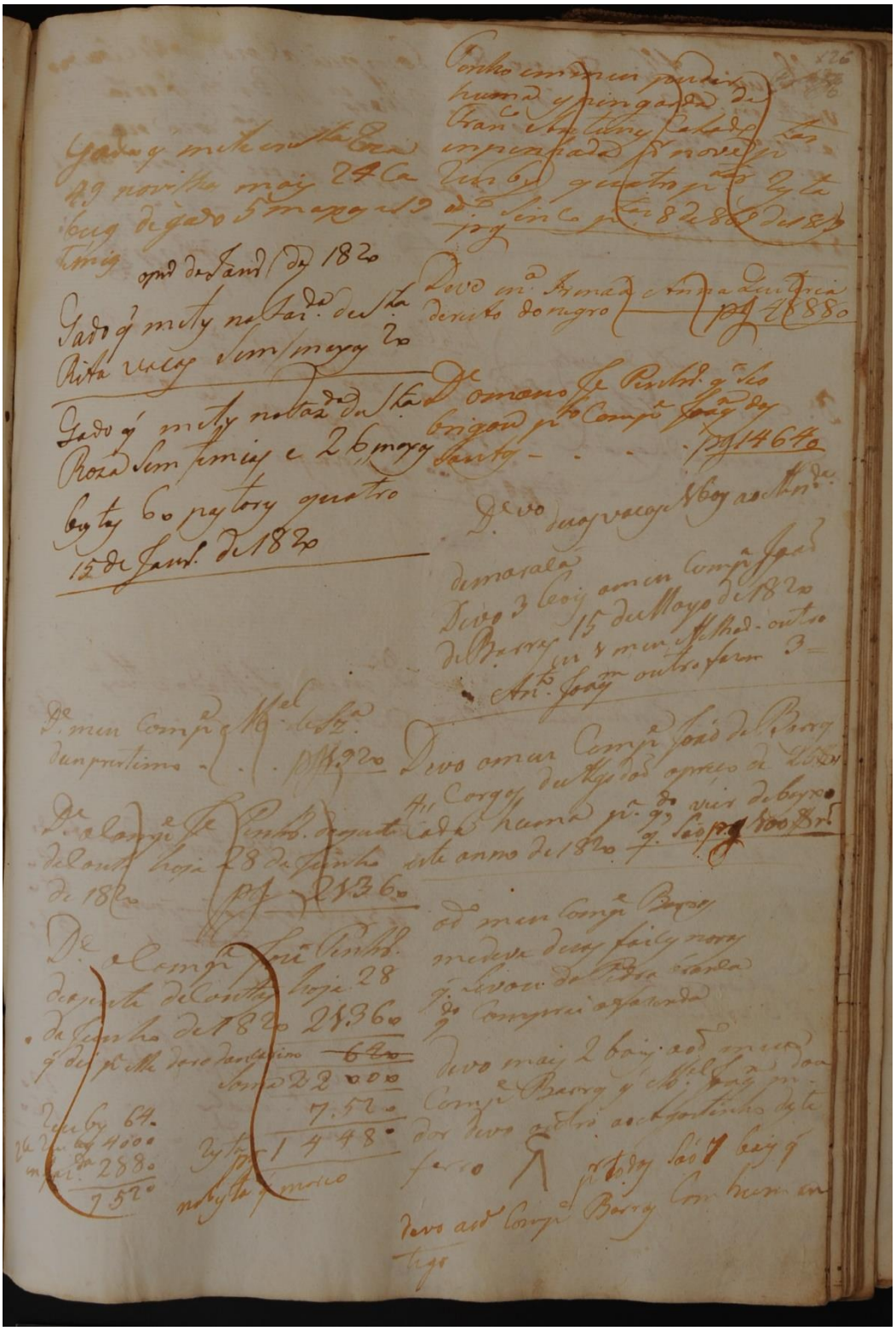
Vem detras devendo carga
Manoel Gomes - - - - - - - - 26290
Receby en Sortes debestas
[inint.] quartos - - - - - - 17640
Resta— 08640
15 de Janeiro de 1820 2000
Receby mais em huma
sorte defemia de18 6640
Res ta
4 de Janeiro de1820
para aconta deJozé Antonio

Receby ———————— 3360
Res ta o dito compadre Gomes 6640

Eu devo ameu compadre
osenhor Antonio deSouza Meira de
inpres timo ———— 300$000
20 de Dezembro de1819
Pinheiro
Receby aconta dogado
que tinha vendido ameu
Compadre osenhor Antonio deSouza Meira
endinheiro 350$ reis 3 de Fevereiro
de1820 Pinheiro

Deve ocompadre Manoel Raymundo
endinheiro 1 deMayo de1820 —— 11040
para quando vier daBarra ——
Deve mais dos dias que vences laõ
[inint.] atras dele 20000
Soma —— 31040

[172] Nas três primeiras linhas há anotações que foram anuladas, estão riscadas.
[173] Valores rasurados.



[f. 126r]

Gado q*ue* meti en*San*ta Roza
49 novilhos mais 24 ca
beças de gado 5 maxos e 19
femias
opr*imeir*o deJan*ei*ro de 1820

Gado q*ue* mety naFaz*en*da de*San*ta
Rita vacas Sem / maxos 20

Gado q*ue* mety naFaz*en*da de*San*ta
Roza Sem femias e 26 maxos

bes tas 60 pas tores quatro
15 de Jan*ei*ro de 1820

D*ev*e meu comp*adr*e M*ano*el de*Sou*za
deinprestimo . . . . . pago 1920

D*ev*e ocomp*adr*e J*oz*e Pinh*ei*ro deajuste
daconta hoje 28 de Junho
de 1820 pago 21360

D*ev*e ocomp*adr*e J*oz*e Pinh*ei*ro
deajuste decontas hoje 28
de Junho de1820 21360
q*ue* dei p*ar*a elle dar o dancarino ~~640~~
Soma 22000

Receby	640		7520
2ª Receby	4000	Resta p*ago*	14480
Em faz*en*da	2880	noresto q*ue* marco	
	7520		

Tenho em meu puder
huma es pingarda de
Franc*is*co An tunes Calado
enpenhada p*or* nove p*atac*as
Rece by quatro p*atac*as Res ta
od*it*o Sinco p*atac*as 8 de *Outu*bro de1819
~~pago~~

Devo m*inh*a Irmaã Anna Quiteria
deresto fo negro ~~pago~~ 48880

D*ev*e omano J*oz*e Pinh*ei*ro q*ue* seo
brigou p*e*lo comp*adr*e Joaq*ui*m dos
Santos - - - - - - - - - - - - - - - - - pago 14640

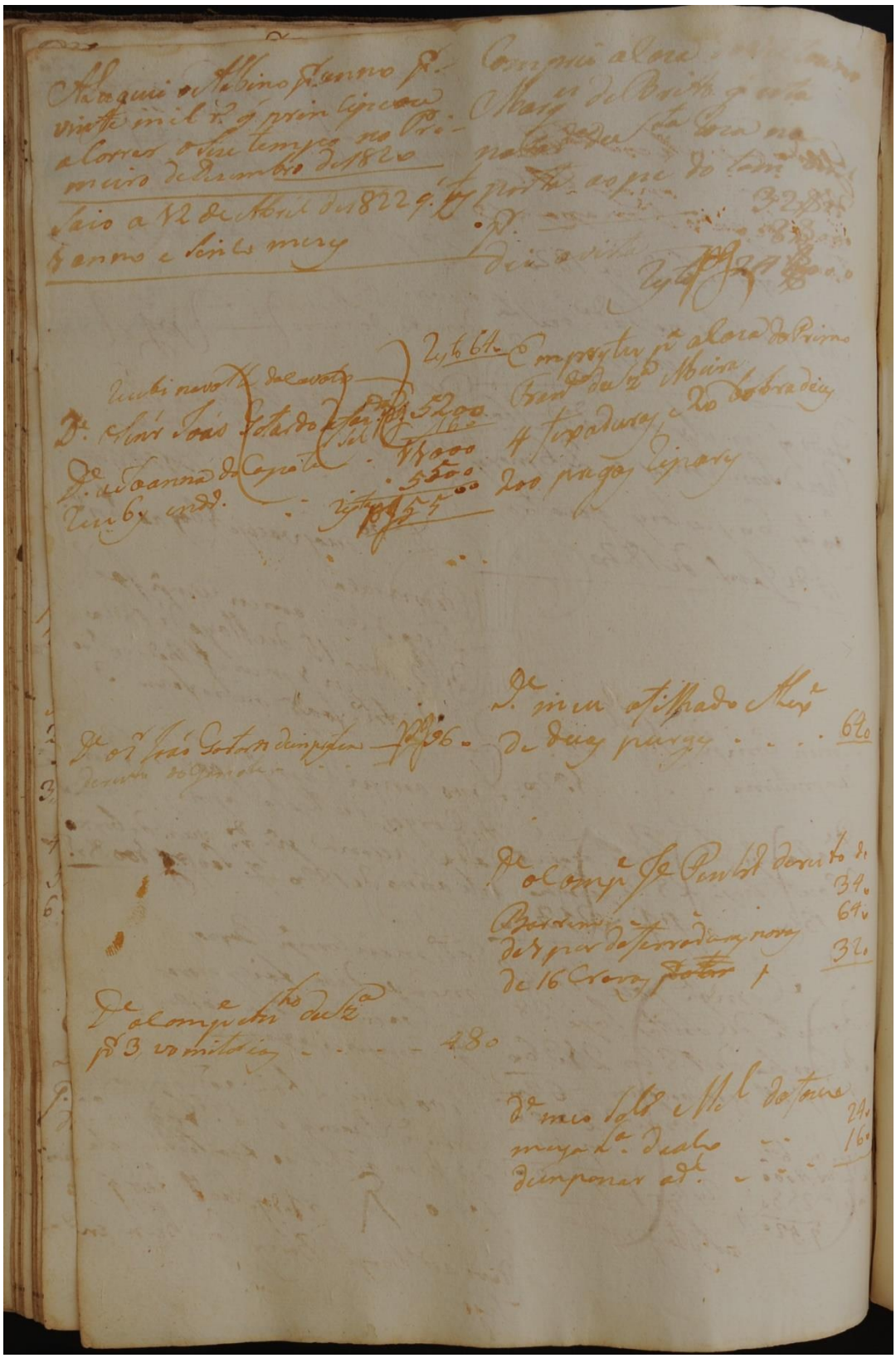
Devo duas vacas e1boy ao Alm*ei*da
demaracá
Devo 3 bois ameu comp*adr*e Joaõ
deBarros 15 deMayo de1820
[*inint.*] 1 meu Afilhado outro
Ant*oni*o Joaq*ui*m outro foram 3

Devo omeu Comp*adr*e Joaõ deBarros
4 cargas deAlgodaõ apreço de 25$ r*eis*
cada huma p*ar*a q*uan*do vier debayxo
este anno de1820 que saõ pago 100$ r*eis*

---

od*it*o meu Comp*adr*e Barros
medeve duas foices novas
q*ue* levou daPedra branca
q*uan*do comprei afazenda

devo mais 2 bois ao d*it*o meu
Comp*adr*e Barros q*ue* M*ano*el Joaq*ui*m [*inint.*]
devo outro aoAgostinho des te
ferro Λ p*or* todos Saõ 7 bois q*ue*
devo ao d*it*o Comp*adr*e Barros Com hum an
tigo



[f. 126v]

Aluguei o Albino por anno por vinte mil r*eis* q*ue* prin cipiou acorrer oSeu tempo no Pri - meiro deDezembro de1820 ——————————————————

Saio a 12 de Abril de1820 q*ue* faz 1 anno e Sinco meses ——————————————————

Comprei acaza do Victorino Marq*ue*s deBrito q*ue* esta naFaz*en*da deS*ant*a Roza na porta ao pe do [*inint.*]
por ———————— 32$ reis
dei avista ———————— 8$000
Resto p*ago* 24$000

Receby navolta docavalo ——— Resto 640
De*v*e osen*h*or Joaõ Gotardo dafaz*en*da p*ago* 5200
Sal 160
De*v*e Joanna doCapote 11000
Rece by end*inhei*ro - - - - - - - - - - - 5500
Resta p*ago* 5500

Emprestei p*ar*a acaza do Primo Fran*cis*co de S*ouz*a Meira

4 fexaduras e 20 dobradiças

200 pregos Ripares

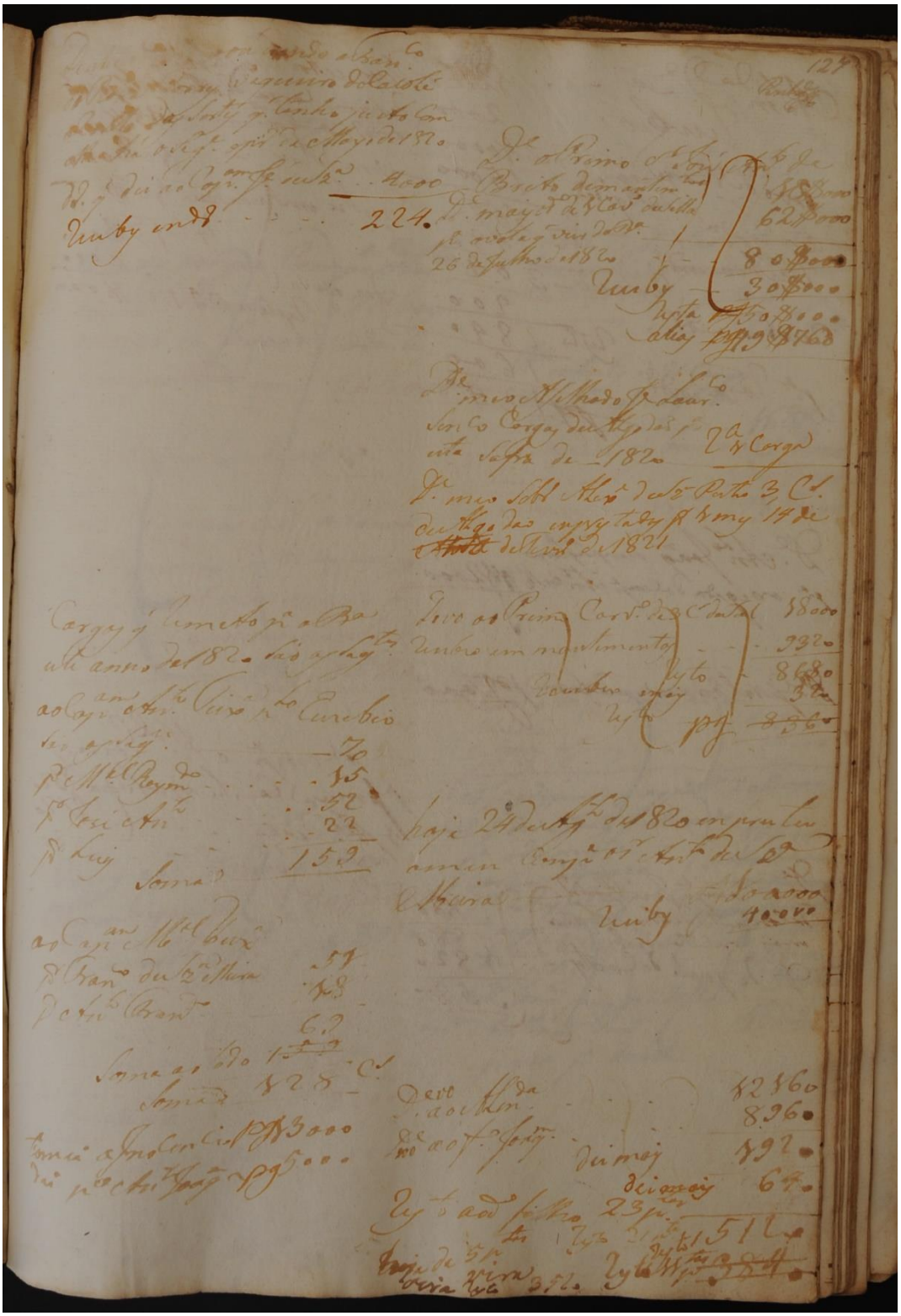
De*v*e osen*h*or Joaõ Gotardo deinprestimo — p*ago* 960 deresto do garrote - - - - -

De*v*e meu afilhado Alex*andr*e de duas purgas 640

De*v*e ocomp*adr*e J*oz*é Pinheiro deres to de Barrim 340
de1 par deferraduras novas 640
de 16 cravos [*inint.*] 320

De*v*e ocomp*adr*e Ant*oni*o deS*ouz*a por 3 vo mitorios - - - -- - - - - - - - - - - - - - -- - - - - - --- 480

de*v*e meo Sobr*inh*o Manoel do [*inint.*]
meya L*ibr*a deaço - - - 240
deinpanar ad*it*a - - - - - - - - - - - - 160



[p. 127r]

Dinheiro q*ue* vou dando a Franc*is*co
[*inint.*] Torres vaqueiro doCacolé
oResto das Sortes q*ue* tenho junto com
elle hé oSeg*uint*e op*rimei*ro de Mayo de1820
d*inhei*ro q*ue* dei ao Cap*it*am J*oz*é de S*ouz*a.. 4000
Receby end*inhei*ro - 2240

D*ev*e oPrimo os*enh*or Józé Ant*oni*o de
Brito demantim*en*tos 18$000
D*ev*e mais odito de 1 cavalo deSella 62$000
p*ar*a vota q*ue* vier daB*arr*a
26 de Julho de1820 - - - - - - - - - 80$000
Rece by 30$000
Resta p*ago* 50$000
alias p*ago* 49$760

D*ev*e meo Afilhado J*oz*é Loure*n*co
Sin co cargas deAlgodaõ p*ar*a
esta Safra de __ 1820 Recebi 1 carga
D*ev*e meo Sobr*inh*o Alex*andr*e deSouza Pinto
3 C*arga*s
deAlgodaõ enpres tados po*r* 1 mês 14 de
[~~Abril~~] deFev*erei*ro de1821

Cargas q*ue* Remeto p*ar*a aB*arr*a
este anno de1820 saõ as seg*uint*es
ao Cap*it*am Ant*oni*o Teix*eir*a pelo Euzebio
saõ as seg*uint*es ——————————— 70
p*or* M*an*oel Raym*un*do 15
p*or* Józé Antonio 52
p*or* Luis 22
Soma 159

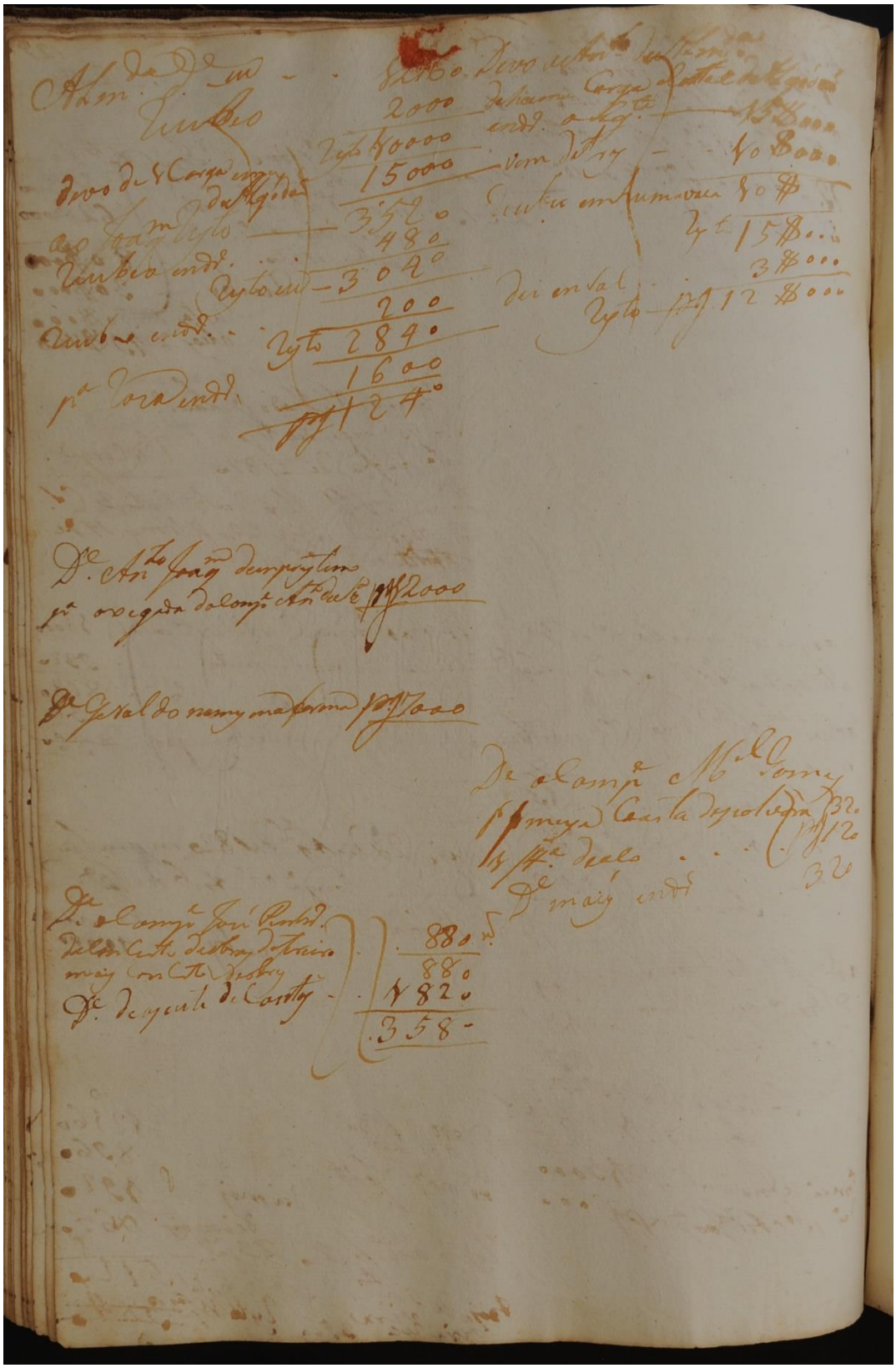
ao Cap*it*am M*an*oel Teix*eir*a
p*or* Franc*is*co deS*ouz*a Meira 51
p*or* Antônio Franc*is*co 18
69
Soma ao todo ~~159~~
Soma 128

tomei a Inocencio p*ago* 13000
dei pelo Ant*oni*o Joaq*ui*m p*ago* 5000

Devo aoPrimo Carv*alh*o de 3 c*ovad*os deSal
18000
Recebeo em mantimentos - - - - - - - - 9320
Res to 8680
Recebeo mais 320
Res to p*ago* ~~8360~~

hoje 24 deAg*os*to de1820 enprestei
ameu comp*adr*e os*enh*or Ant*oni*o de Souza
Meira ——————————— p*ago* 100000
Receby 40000

Devo ao Alm*ei*da - - - - - -- - - 12160
Devo ao f*ilh*o Joaq*ui*m - - - - - 8960
dei mais 1920
dei mais 640
Resto ao d*it*o filho 23 p*atac*as
Resto 21 p*atac*as 5120
hoje de 5 p*atac*as
Resto 11 p*atac*as ~~3840~~
vira
vira resto 3520



[f. 127v]

Almeida [*inint.*] eu - - - - 12160
Recebeo 2000
Resto 10000
devo de 1 carga emeya
deAlgodaõ 15000
ao Joaq*ui*m Resto ———— 3520
Recebeo end*inhei*ro 480
Res to eu 3040
Recebeo end*inhei*ro 200
Res to 2840
p*ar*a Roza end*inhei*ro 1600
p*ago* ~~1240~~

Devo aAntonio deAlm*ei*da
de huma carga eCostal de Algodam
end*inhei*ro oSeg*uint*e ———————— 15$000
vem detrás - - - - - 10$000

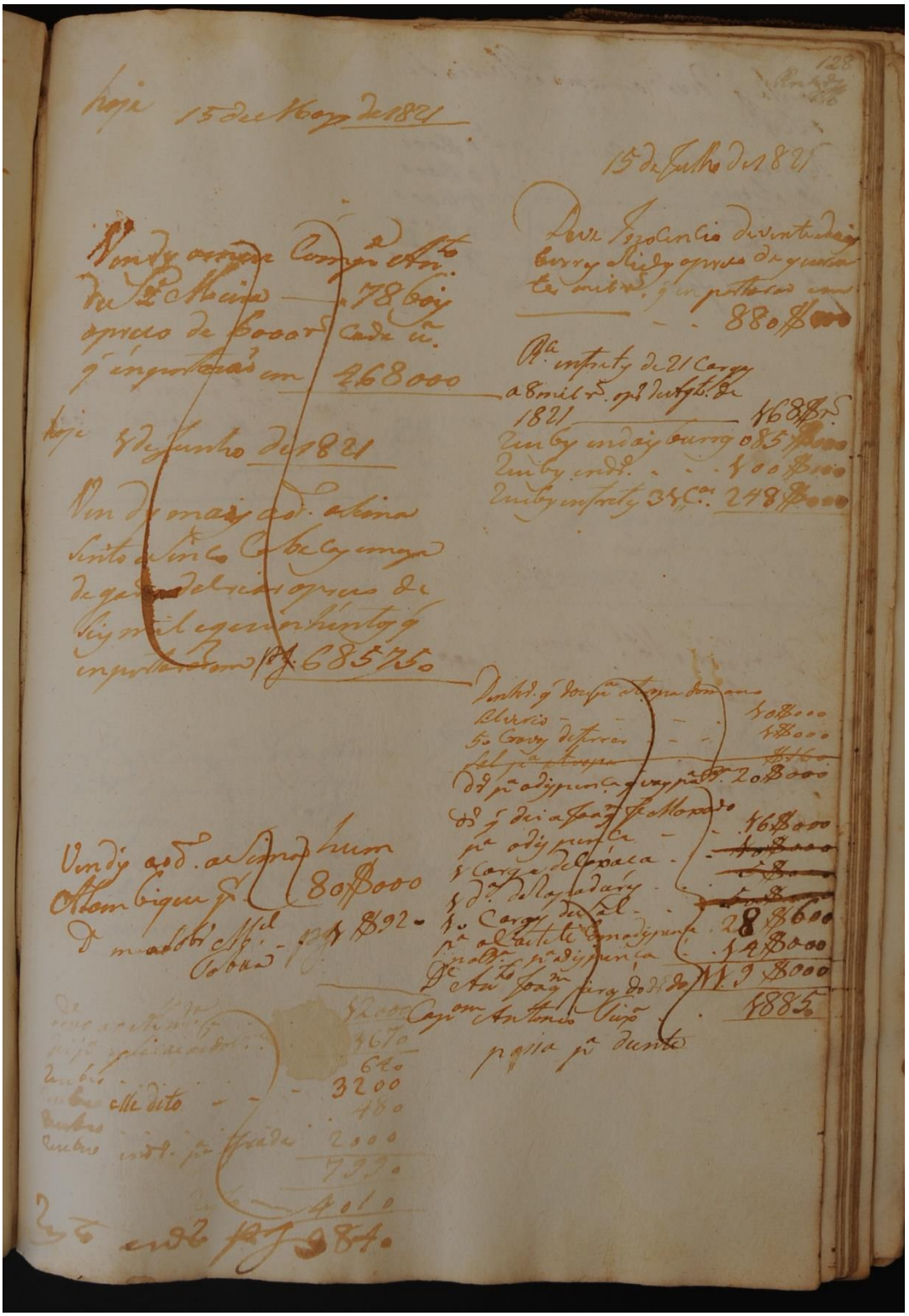
Recebeo emhuma vaca 10$
Resto 15$000
dei en Sal . . . . 3$000
Res to —— p*ago* 12000

D*eve* Ant*oni*o Joaq*ui*m deinprestimo
p*ar*a axegada do compadre Ant*oni*o deSo*uz*a
p*ago* 12000

D*eve* Geraldo names ma forma p*ago* 7000

D*eve* ocompadre Jozé Pinh*ei*ro
deconcerto deobras defereiro . . . 880
mais concerto deobras 880
D*eve* deajuste decontas - - - 1820
3580

D*eve* ocomp*adr*e M*anoe*l Gomes
por [.] meya Coarta depolvora 320
¼ª deaço . . . . . p*ago* 120
D*eve* mais end*inhei*ro 320



[f. 128r]

hoje 15 deMayo de1821

Vendy ameu compadre Antonio deSouza Meira ————78 bois apreço de 6000 reis cada um que enportaraõ em 468000

hoje 1 de Junho de1821

Ven dy mais ao dito aSima Sento eSinco cabeças emeya de gado decriar apreço de Seis mil equinhentos que enportaraõ em pago 685750

Vem dy ao dito aSima hum Alam bique por 80$000

Deve meoSobrinho Manoel pago 1$920

Tabua

Devo ao Almeida	12000
dei para aplicação do [*inint*] . . .	1670
Recebeo - - - - - - - - - - - - - - - -	640
Recebeo elle dito - - - - - - - - --	3200
Recebeo - - - - - - - - - - - - - - - -	480
Recebeo endinheiro para [*inint*]	2000
	7990
Resto ——	4010
Res to endinheiro pago	[?]840

15 de Julho de1825

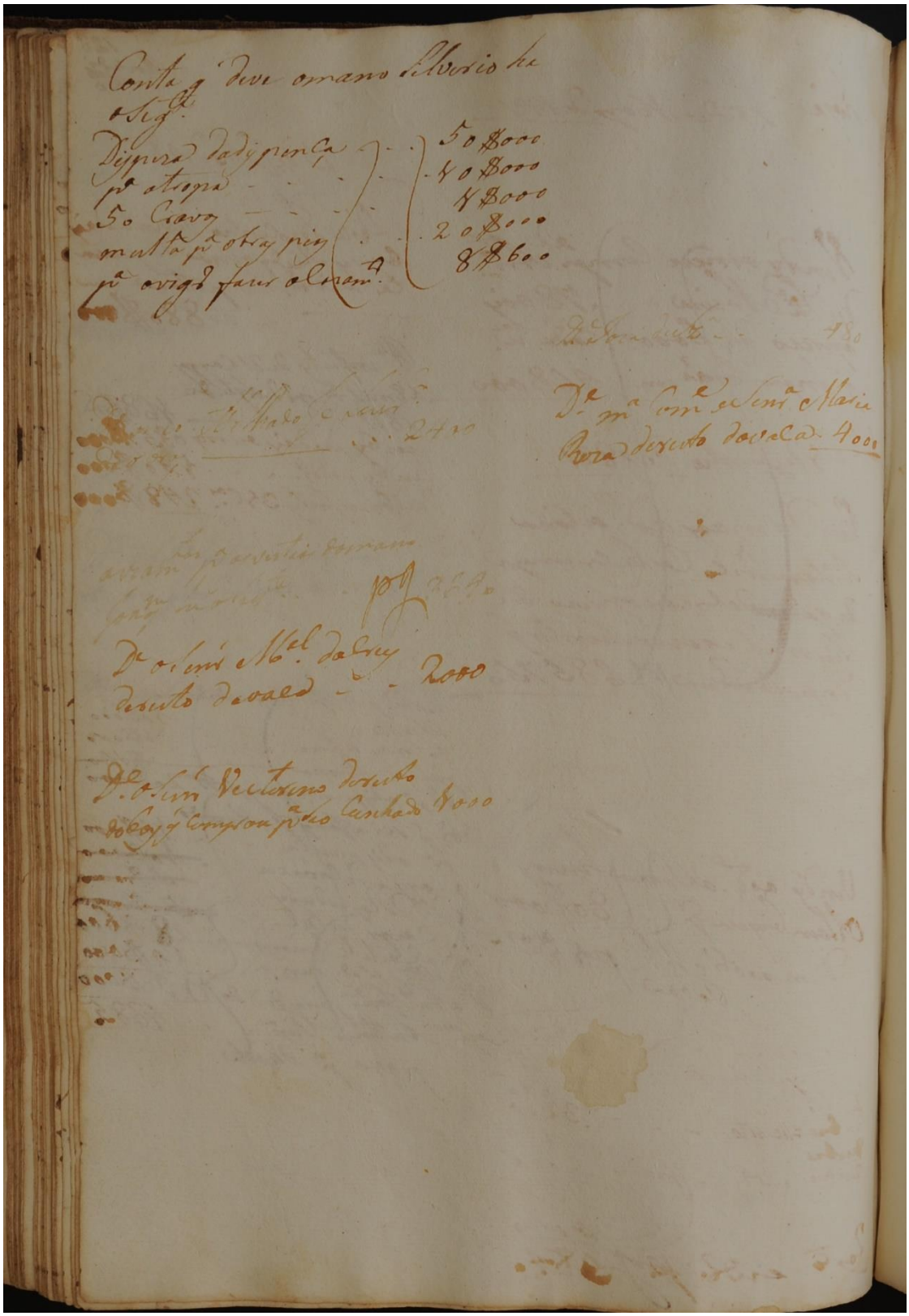
Deve Inocen cio devinte edois burros aRiados opreço de quaren ta mil reis que enportaraõ em ———————— — – 880$000

Recebi enfretes de 21 cargas a 8 mil reis oprimeiro deAgosto de 1821 ———————————— 168$ reis

Rece by endois burros	085$000
Rece by endinheiro - - - - -	100$000
Receby enfretes 31 Cargas	248$000

Dinheiro que dou para atropa domano Silverio - - - - - - - - - - - - - - - - - -- 10$000

50 cravos deferrar - - - - -- -- --	1$000
~~Sal para atropa~~	~~$160~~
dinheiro para adis pença que vay para aBahia	20$000
dinheiro que dei a Joaquim Jozé Maxado para adis pença - - - - - - - - - -	16$000
1 carga decaxaça - - - - - - - - - -	~~10$000~~
1 [*inint.*] deRapaduras - - - - - -	~~5$000~~
10 cargas deSal - -	~~50$000~~
para oCaetite comodispença -	28$600
[?] [*inint.*] para adispença - - - -	14$000
Deve Antonio Joaquim juros do dinheiro	119$000
Capitam Antonio Teixeira passa para deente	18850



[f. 128v]

Conta q*ue* deve omano Silverio he
oSeg*uint*e
Dispeza da dis pença - - - - - 50$000
p*ar*a atropa - - - - - - - - - - 10$000
50 Cravos - - - - - - - - - - - - 1$000
multa p*ar*a obras pias - - - 20$000
p*ar*a ovig*ari*o fazer ocazam*ento* 8$600

D*ev*e Jozé deS*ou*za - - - - - -- - - - - 480

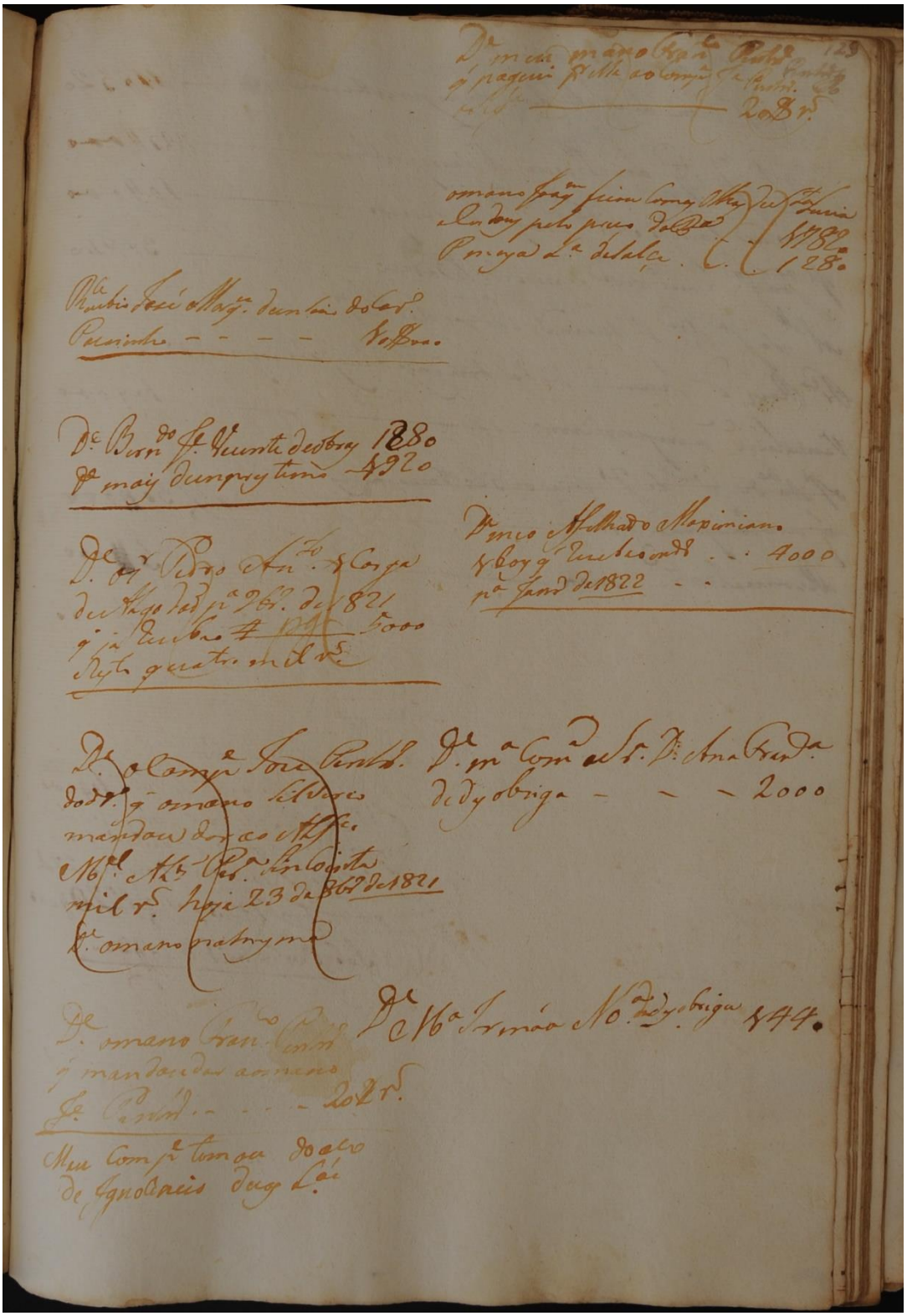
D*ev*e meo Afilhado J*oz*é Lour*en*ço
deobras ———————————— 2400

D*ev*e m*inh*a Com*adr*e aSen*hor*a Maria
Roza deresto davaca 4000

aviam*en*tos p*ar*a as [*inint.*] domano
Joaq*ui*m hé oSeg*uint*e - - - p*ago* 3640

D*ev*e osen*hor* M*ano*el dacrus
deresto davaca - - - - -- 2000

D*ev*e oSen*hor* Victorino deresto
do boy q*ue* comprou p*ar*a Seo cunhado 1000



[f. 129r]

Deve meu mano Francisco Pinheiro
que paguei por elle ao compadre Joze Pinheiro
oSeguinte ——————————————— 20$ reis

omano Joaquim ficou com os Olhos deSanta Luzia
[*inint*] pelo preço da [*inint.*] - - - - - - - - - - -17820
Por meya Libra desalça - - - - - - - - - - - - - - - - 1280

Recebio Jozé Marques dein[*inint*] do Cavalo
Pasarinho — ——————————————— 10$000
———————————————————————

Deve Bernardo Joze Vicente deobras 12[174]80
Deve mais deinprestimo —— 1920
———————————————————————

Deve osenhor Pedro Antonio 1 carga
deAlgodaõ para *Novem*bro de 1821
que já Recebeo pago 5000
Resto quatro mil reis
———————————————————————

Deve meo Afilhado Maximiano
1 boy que Recebeo endinheiro - - - 4000
para Janeiro de1822 - -
———————————————————————

Deve ocompadre Joze Pinheiro
do dinheiro que omano Silverio
mandou dar ao Alferes
Manoel Alves Pereira Sincoenta
mil reis hoje 23 de *Outu*bro de1821
Deve omano namesma

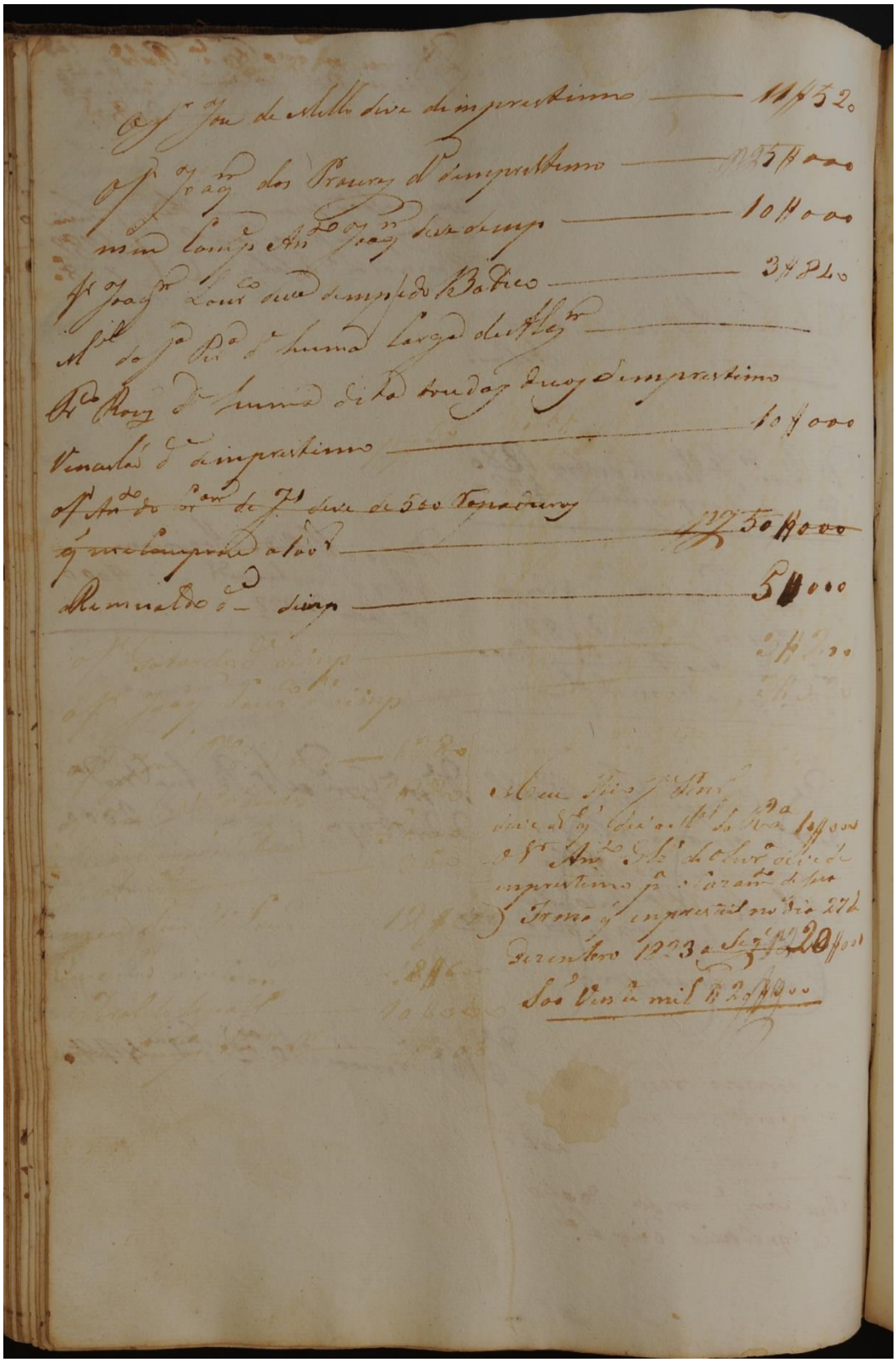
Deve minha comadre Dona Ana Franciscа
de des obriga - - - - - - - - - - - -- - - - - - - - - 2000

Deve omano Francisco Pinheiro
que mandou dar aomano
Joze Pinheiro - - - - - - - - - - - -- 20$ reis
———————————————————————

Deve Minha Irmãa Maria dadesobriga 1440

Meu compadre tomou do aço
de Ignocencio duas Libras

[174] Valor alterado. Antes havia um 8.



[f. 129v][175]

os*enho*r Joze de Mello deve de inprestimo ——————————————— 11$520

os*enho*r Joaq*ui*m dos Prazeres d*eve* deinprestimo ——————————— p*ago* 5$000

meu Comp*adr*e Ant*oni*o Joaq*ui*m deve deinp*restimo* ——————————— 10$520

s*enho*r Joaq*ui*m Lour*en*co deve [*inint.*] edo Botico ——————————— 3$840

M*ano*el [*inint.*] Per*eir*a d*eve* huma Carga deAlg*oda*m ———————————

Fr*ancis*co Rois D*eve* huma [*inint.*] [*inint.*] duas dimprestimo

Venceslaõ d*eve* deinprestimo ——————————————— 10$000

~~os*enho*r Antônio [*inint*] de J*esus* deve de 500 rapaduras~~

q*ue* me comprou a100 r*eis* ——————————————— p*ago* 50$000

Remualdo d*eve* deinp*restimo* ——————————— 5$000

os*enho*r Gotardo d*eve* deinp*restimo* ——————————— 3$200

os*enho*r Joaq*ui*m Lour*en*co demp*restimo* ——————————— 3$520

osenhor Joaõ [*inint.*] ——————— 1380

[ilegível] ——————— 2880 Meu Tiio Jozé Pin*hei*ro

[ilegível] ——————— 5000 deve d*inhei*ro q*ue* dei a M*ano*el [*inint.*] 10$000

[ilegível] ——————— 360 os*enho*r Ant*oni*o G*onçalve*s de Oliv*ei*ra deve de inprestimo p*ar*a ocazam*en*to desua

meu [*inint.*] Lour*en*ço ——————— 12$000 Irmã q*ue* enprestei no dia 27 de

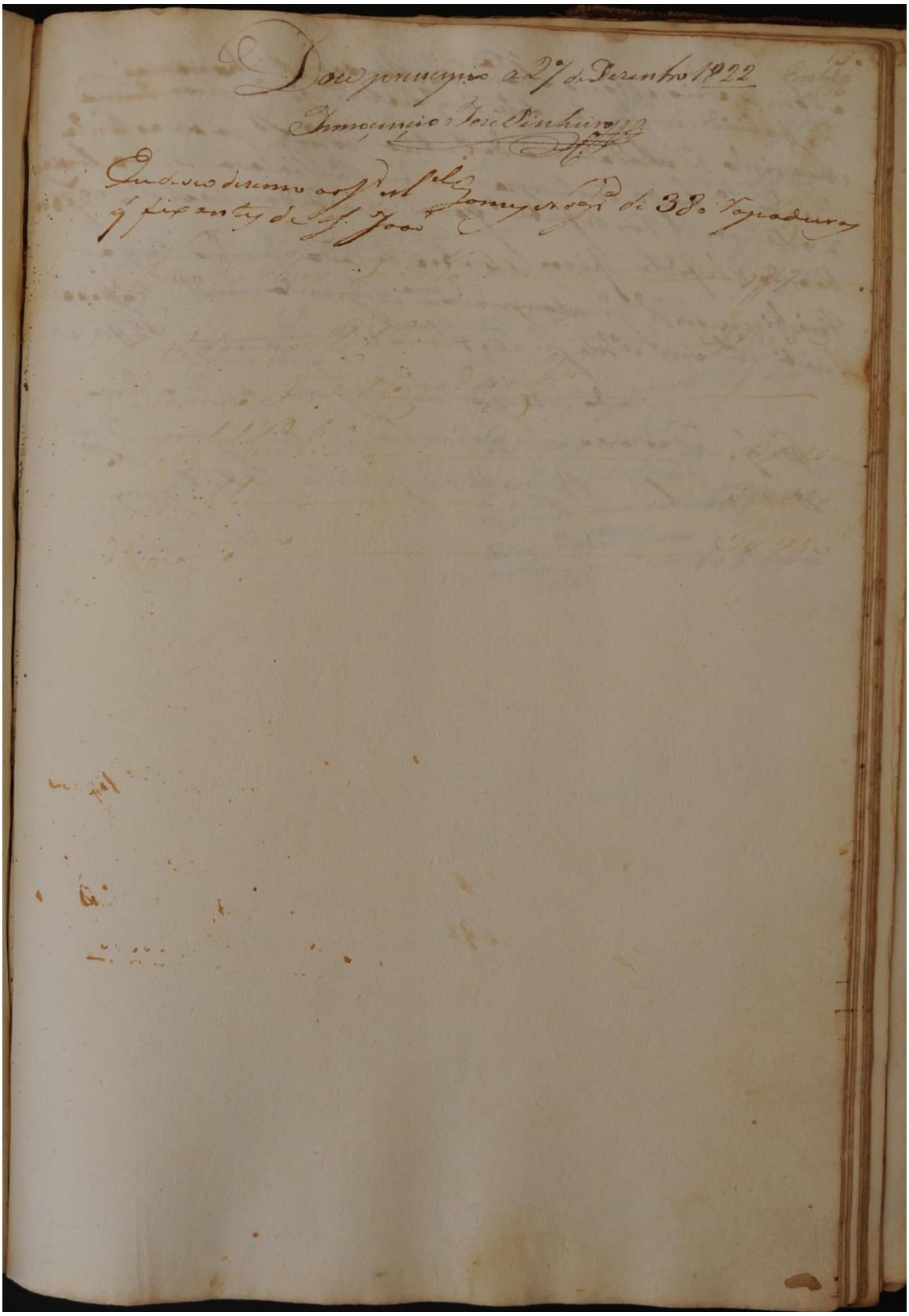
Venceslaõ [ilegível] 8$600 Dezenbro 1823 <u>oseg*uinte* pago 20</u>$000

Jeraldo [*inint.*] ——————— 10$000 <u>Saõ vinte mil 20$000</u>

[ilegível]

meu comp*adr*e [ilegível] ——— 2$000

[175] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.



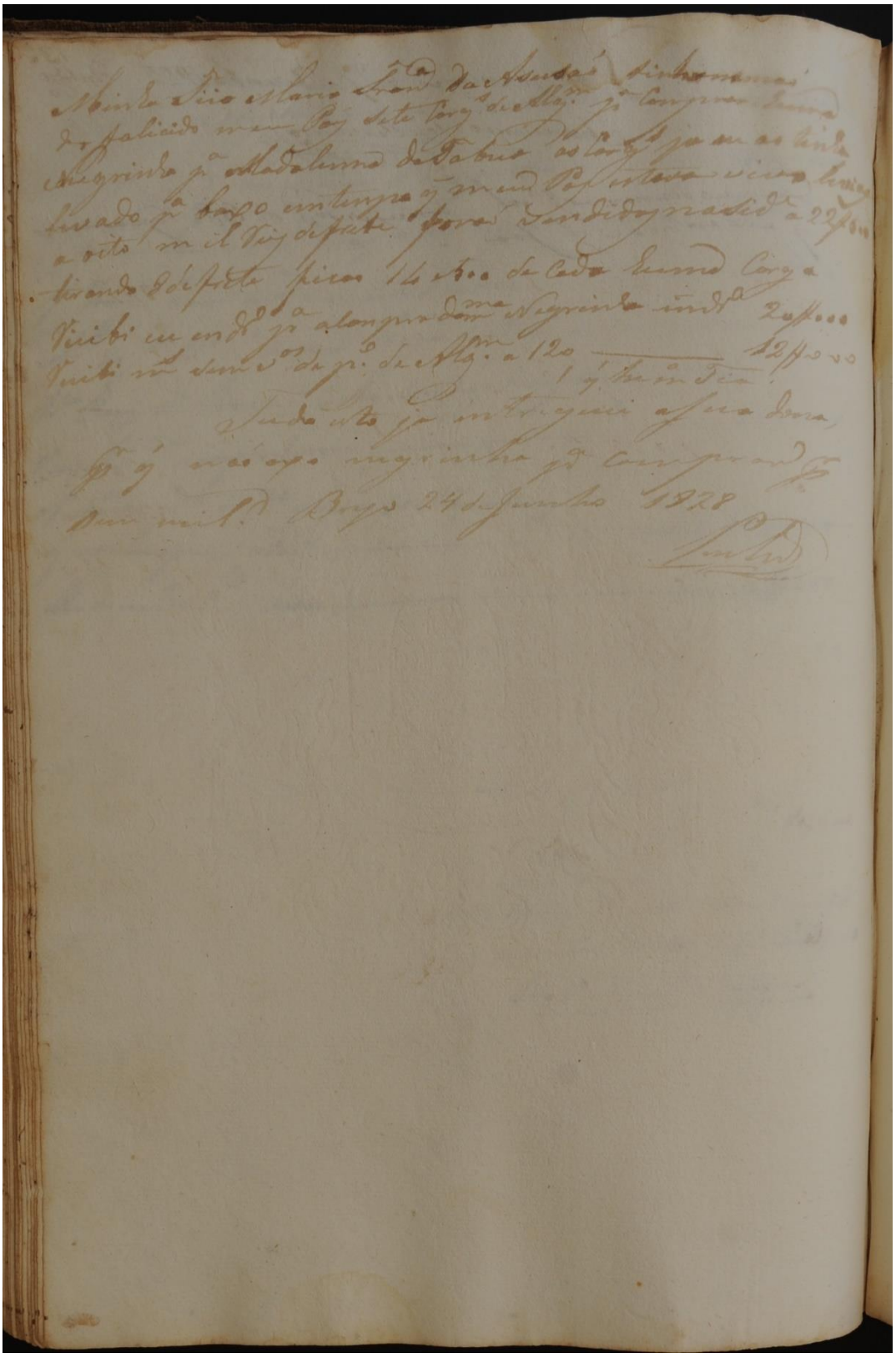
[f. 130r][176]

Dou principio a 27 de Dezembro 1822

Innoçençio JozéPinheiro[177]

Eudevi[?] dizimo aos*enhor* M*ano*elGomes [*inint.*] de 380 rapaduras
q*ue* fi[?] antes de os*enhor* Joaõ
[ilegível + 6 linhas]

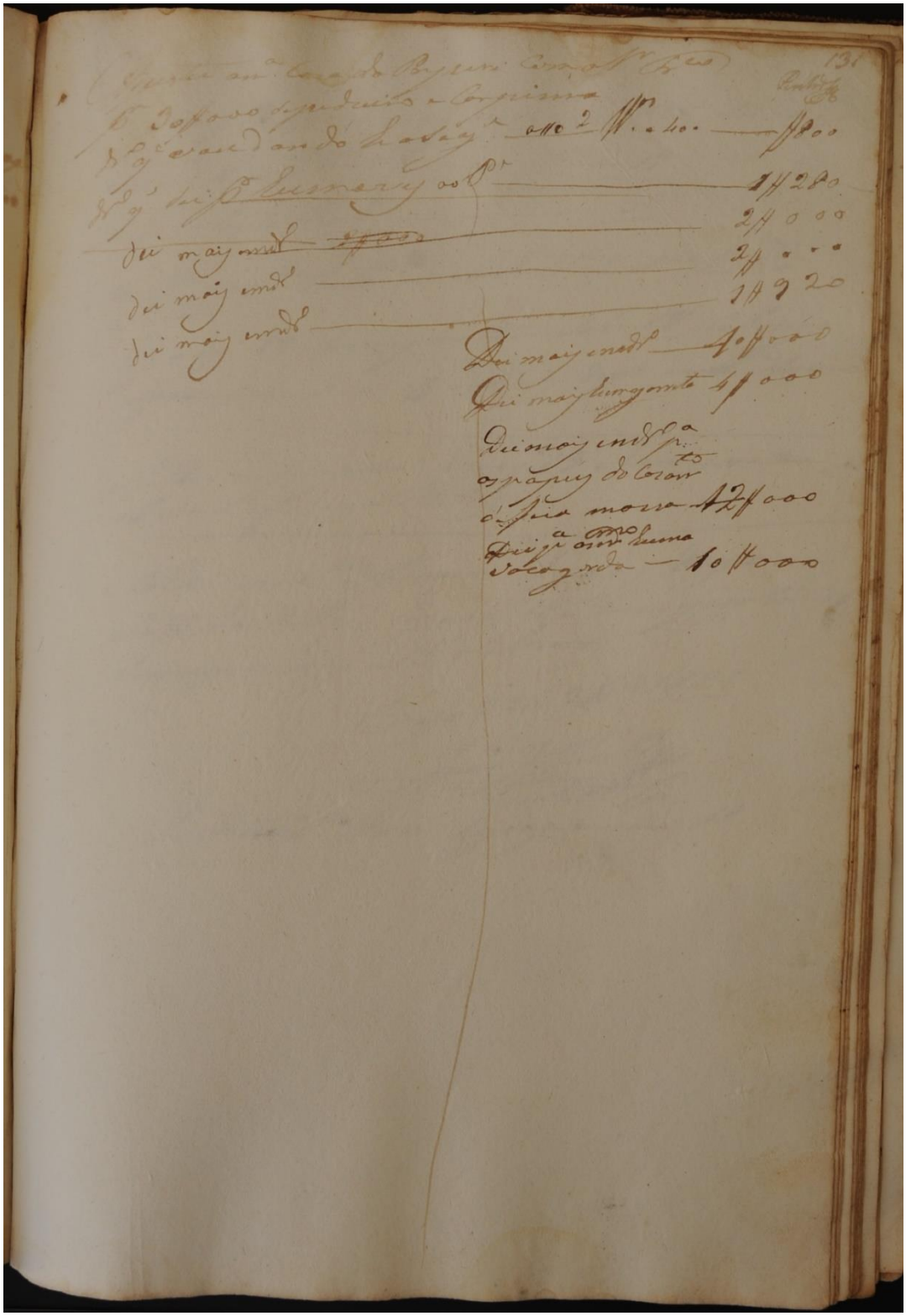
[176] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.
[177] Laçadas no final da assinatura.



[f. 130v][178]

Minha Tiia Maria Fran*cisc*a da Asunsaõ tinhanamaõ
do falecido meu Pay sete Carg*as* de Alg*oda*m p*ar*a comprar huma
Negrinha p*ar*a Madalenna daTabua as cargas ja eu as tinha
levado p*ar*a baixo em tempo q*ue* meu Pay estava vivo leveias
a oito mil reys defrete foraõ vendidas naSi*da*de a 22$500
tirando 8 de frete ficao 14e500 de cada huma carga
ricibi eu em d*inhei*ro para acompra dame*s*ma Negrinha imd*inhei*ro 20$000
ricibi m*ai*s sem v*ar*as de p*an*o de Alg*oda*m a 120 _____ 12$000
Tudo isto já entreguei asua dona <↑q*ue* he m*inh*a Tia>
P*orque* não axo negrinha para comprar p*or*
sem mil. Brejo 24 de Junho 1828
Pinh*eiro*

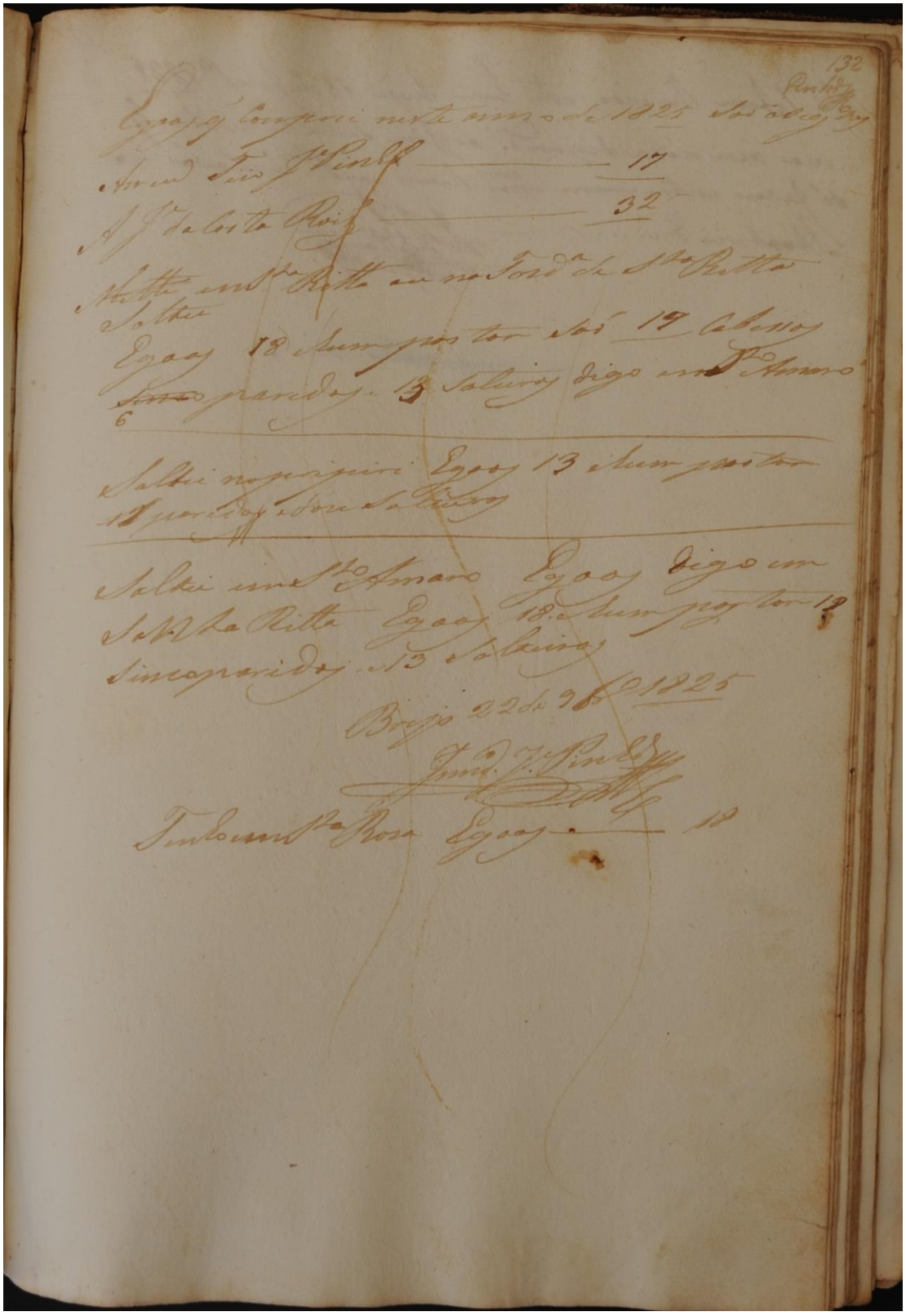
[178] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.



[f. 131r][179]

Ajustei am*inh*a caza do P[?]r[?]piri com os*enho*r Fra*ncis*co
por 30$000 de [*inint.*] e [*inint.*]
d*inhei*ro q*ue* vou dando he oseg*uinte* aII0 2 [*inint.*] a 400 ——— $800
d*inhei*ro q*ue* dei por humaves ao P*adre* ——— 1$280
~~dei mais emd*inheiro* 2$000~~ ——— 2$000
dei mais emd*inhei*ro ——— 2$000
dei mais emd*inhei*ro ——— 1$920
Dei mais emd*inhei*ro ——— 40$000
Dei mais humgarrote 4$000
Dei mais emd*inhei*ro p*ar*a
os papeis do cazam*en*to
desua mossa ~~12~~$000
Dei p*ar*a om*es*mo huma
vacagorda ——— 10$000

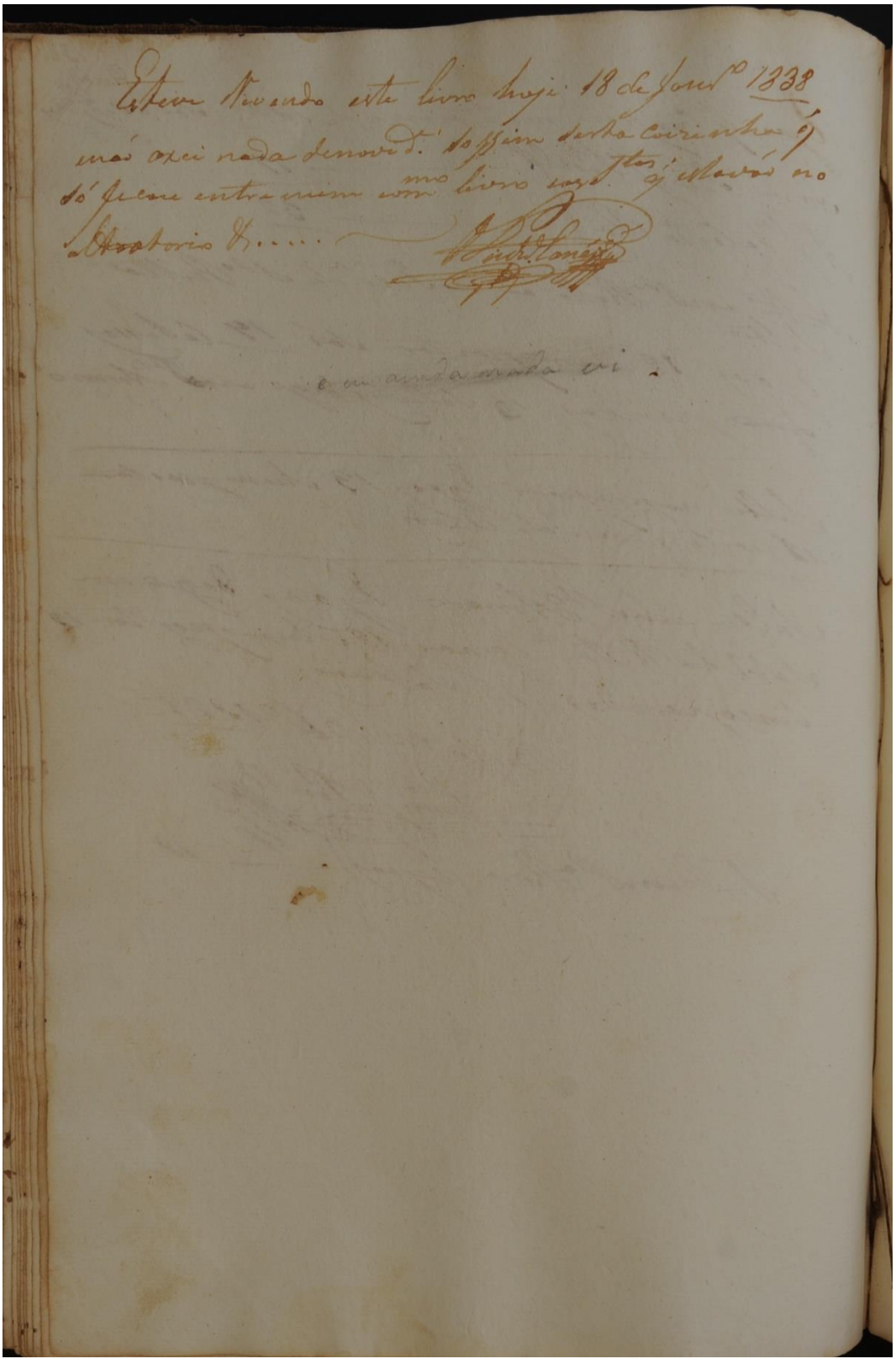
[179] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.



[f. 132r][180]

Egoas q*ue* comprei neste anno de 18<u>25</u> saõ oseg*ue* lhes
Ameu Tio J*oz*é Pinh*ei*ro ———————— <u>17</u>
A Jozé da Costa Ro*drigue*z ———————— <u>32</u>
Metti enS*an*ta Ritta ou naFaz*en*da de S*an*ta Ritta
Soltei
Egoas 18 ehumpas tor saõ <u>14</u> cabessas
[S~~inco~~] paridas e 13 soteiras digo emS*an*to Amaro
<u>6</u>_____
Soltei noperipiri Egoas 13 ehum pastor
11[181] paridas e doze solteiras
_____
Soltei emS*an*to Amaro Egoas digo em
Santa Ritta Egoas 18 e humpastor 18
Sincoparidas e 13 Solteiras
Brejo 22 de *Novem*bro <u>1825</u>
Inn*ocenci*o J*oz*éPinh*ei*ro[182]
Tenho emSanta Roza Egoas ———————— 18

[180] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.
[181] O total foi corrigido. Antes, escreveu <12>.
[182] Assinatura com várias laçadas.



Esteve revendo este livro hoje 18 de Janr.º 1838
mas asci nada de novid.e so ffim serta coirinha q
só fecou entre mim com mo livro e as ftas q estavão no
Arrotorio &.....

[illegible]

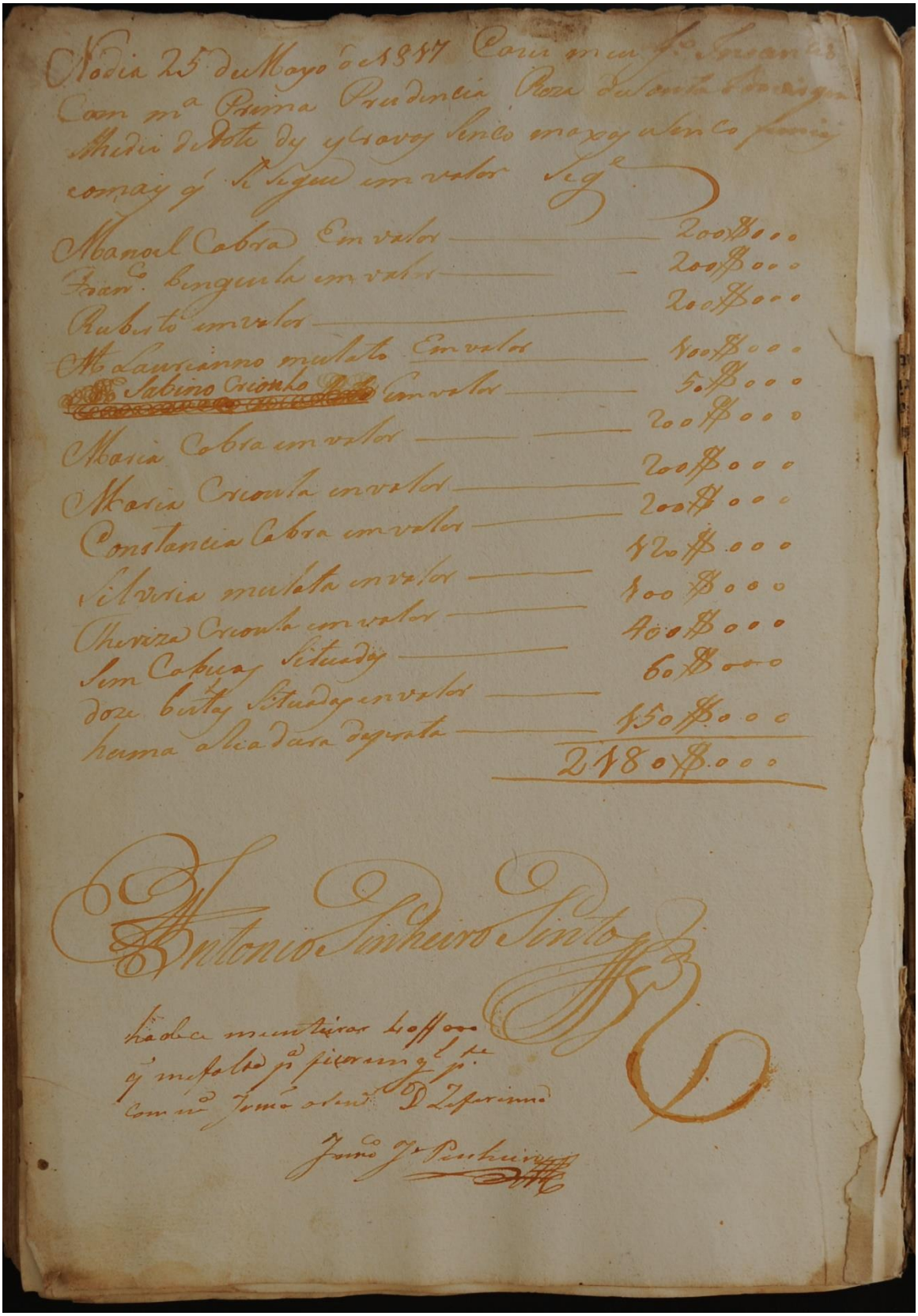
e eu ainda nada vi

[f. 132v][183] [184]

Estive revendo este livro hoji 18 de Jan*ei*ro 1838
enaõ axei nada denovi*da*de so ssim desta coizinha q*ue*
só ficou entre mim eome*s*mo livro eosS*ant*os q*ue* eslavaõ no
olratorio [?] ..... Pinh*ei*roCang*uçu*

5 e eu ainda nada vi[185]

[183] Anotação de Inocêncio Pinheiro Canguçu.
[184] Fólios em branco até o número 182r.
[185] Escrita atribuída a Miguel Joaquim de Castro Mirante, genro de Inocêncio Pinheiro Canguçu.



No dia 25 de Mayo de 1847 Casei meu f.º Inocencio
Com m.ª Prima Prudencia Roza de Santa Maria
Medio de dote dez escravos sinco maxos e sinco femias
com as q. se segue em valor seg.e

Manoel Cabra Em valor	200$000
Fran.co Cingula em valor	200$000
Ruberto em valor	200$000
M. Laurianno mulato Em valor	400$000
Sabino Crioulo em valor	50$000
Maria Cabra em valor	200$000
Maria Crioula em valor	200$000
Constancia Cabra em valor	200$000
Silveria mulata em valor	120$000
Theriza Crioula em valor	400$000
Sem Cabeças Situadas	400$000
doze bestas Situadas em valor	60$000
huma alia dura de prata	150$000
	2180$000

Antonio Sinheiro Sinto

ha de ser mentiras 40$000
q. me falta p.a ficar em q.l p.te
com m.a Irmã o Sen.r D. Zeferinho

Jo.ão J.e Pinheiro

[f. 182v][186] [187]

No dia 25 de Mayo de 1817 Cazei meu f*ilh*o Inocencio
Com m*inh*a Prima Pru dencia Roza deSanta Idevirgem
lhedei dedote des escravos Sinco maxos eSinco femias
eomais q*ue* se segue em valor Seg*uint*e

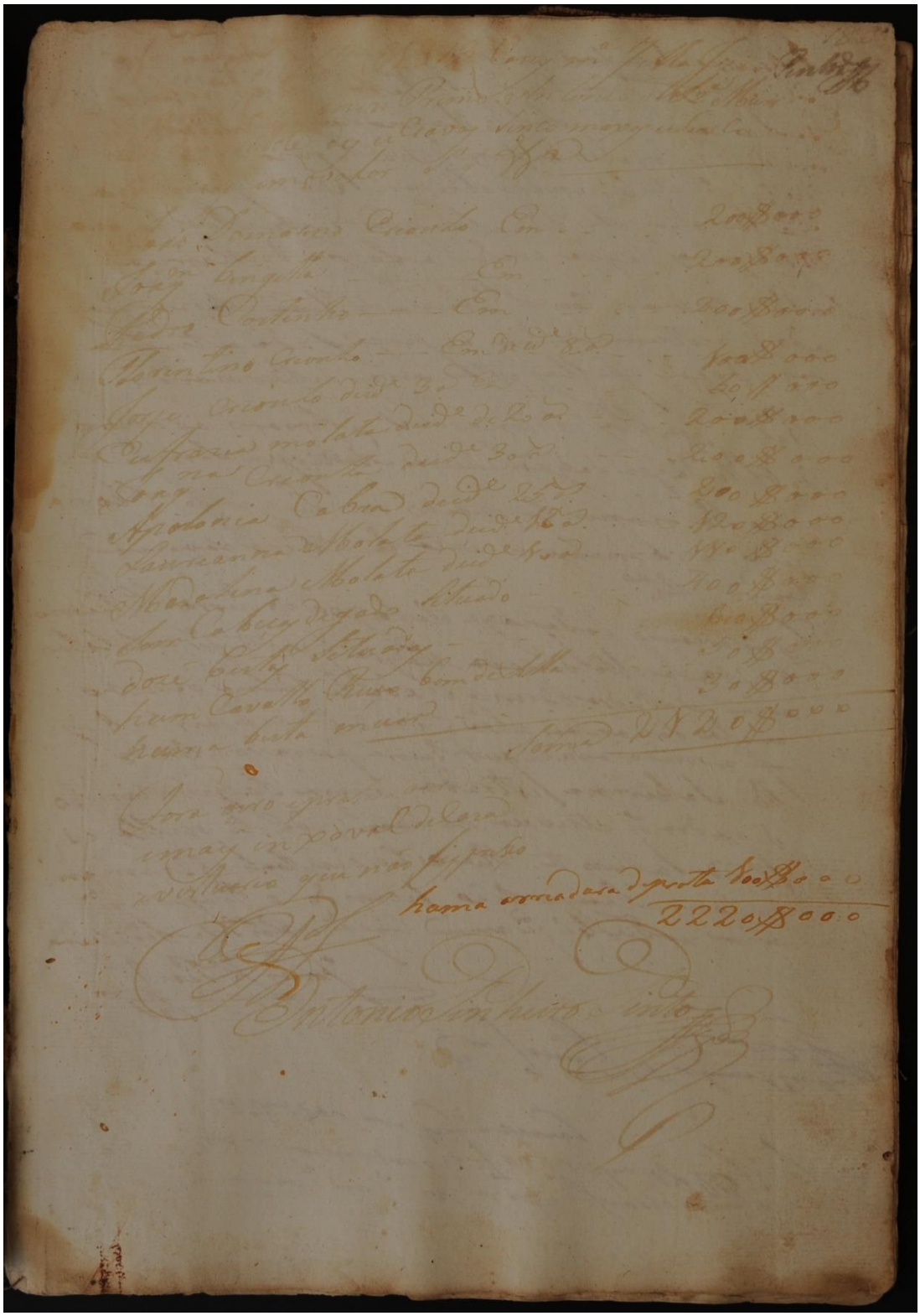
5	Manoel Cabra Em valor ———————————	200$000
	Fran*cis*co Lenguila em valor ———————————	200$000
	Ruberto em valor ———————————	200$000
	[~~M~~] Laureanno mulato Em valor ———————————	100$000
	Sabino crioulo[188] em valor ———————————	50$000
10	Maria Cabra em valor ———————————	200$000
	Maria Crioula en valor ———————————	200$000
	Constacia Cabra em valor ———————————	200$000
	Silveria mulata envalor ———————————	120$000
	Theriza Crioula em valor ———————————	100$000
15	Sem cabeças Situadas ———————————	400$000
	doze bestas Situadas em valor ———————————	60$000
	huma ariadura deprata ———————————	150$000
		2180$000

AntonioPinheiroPinto[189]

20 há dece meenteirar 40$000
q*ue* me falta p*ar*a ficar em *igu*al p*art*e
com m*inh*a Irmã asen*ho*ra D*ona* Zeferina

Inno*cenci*o Jo*z*éPinheiro

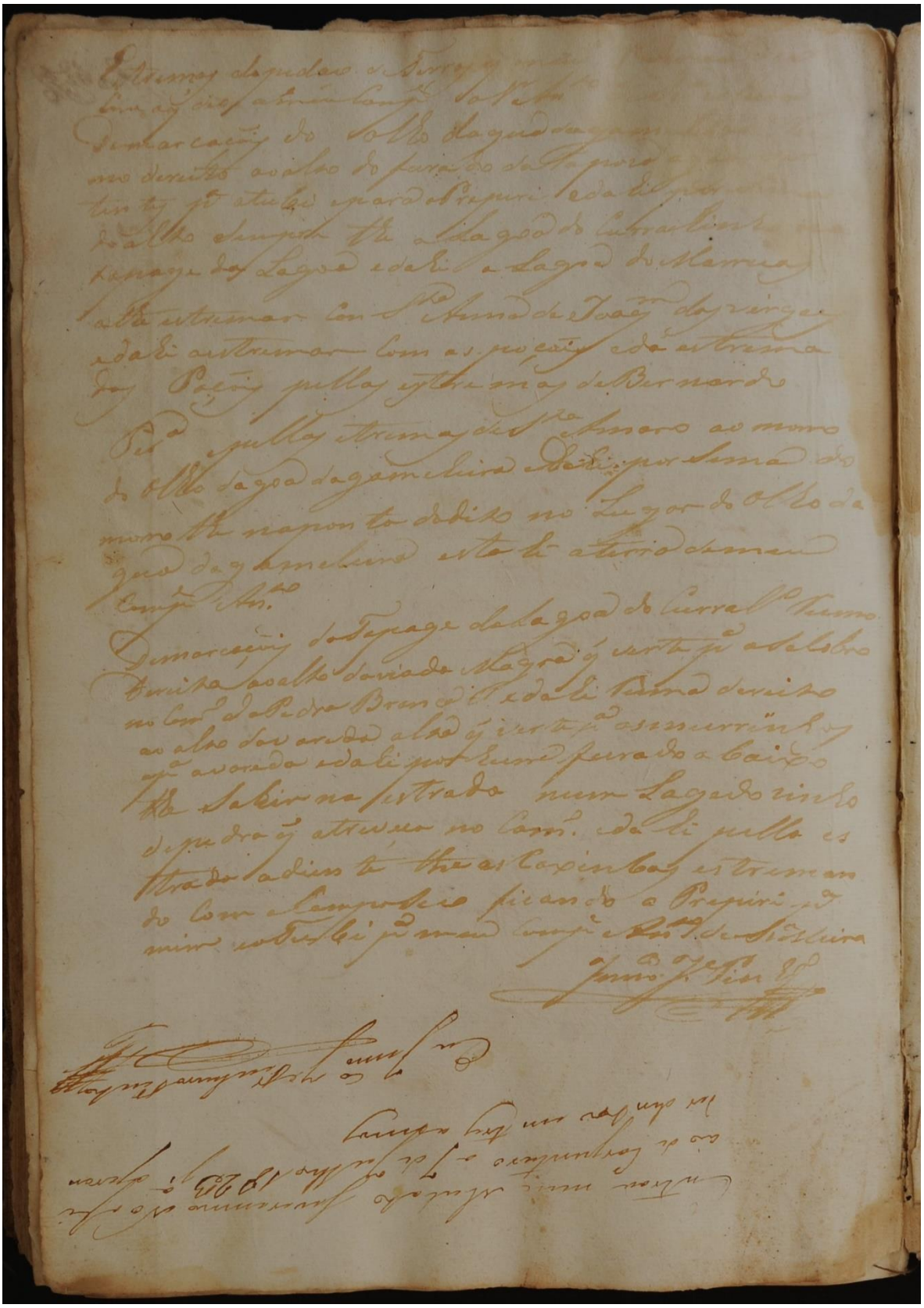
[186] Anotações de Antonio Pinheiro Pinto e Inocêncio Pinheiro Canguçu.
[187] Fólios em branco até o número 185v.
[188] Trecho escrito sobre uma informação anulada, riscada.
[189] A assinatura é feita em tamanho maior e tem muitas laçadas no final



[f. 186r]

[ilegível][190] 1818 cazey m*inh*a filha Zi
[ilegível] omeu Primo An tonio de*Sou*za Meira
[ilegível] dedote des es cravos Sinco maxos eSinco
femias em ovalor seg*uint*e [*inint.*] ———————————
Joaõ Damaseno Crioulo ——— Em . . . . . 200$000
Joaq*ui*m [?]ingella ——————— Em . . . . . 200$000
Pedro Costinho ——————— Em . . . . . 200$000
Florentino crioulo ——— Em dei*da*de 8 a*nos* 100$000
Jorje crioulo dei*da*de 3 a*nos* Em - - - - - - - - - - 50$000
Eufrazia molata dei*da*de de 20 a*nos*- - - - - - - - - - 200$000
Joaq*ui*na crioula dei*da*de de 30 a*nos* - - - - - - - - - 200$000
Apolonia Cabra dei*da*de de 25 a*nos* - - - - - - - - - 200$000
Laurianna Molata dei*da*de de 12 a*nos* - - - - - - - - 120$000
Madalena Molata dei*da*de de 10 a*nos* - - - - - - - - 110$000
Sem Cabeças de gado Situado - - - - - - - - - - - - 400$000
doze bestas Situadas - - - - - - - - - - - - - - - - - - 60$000
hum cavalo Ruço bom de sella - - - - - - - - - - - - 50$000
huma besta muar 30$000
Soma 2120$000
Fora ouro eprata [*inint.*]
emais in xoval decaza
evestuario que não fis presso
huma arreadora de prata 100$000
2220$000
AntonioPinheiroPinto

[190] Na transcrição localizada no livro Uma Cominidade Rural do Brasil Antigo, de Lycurgo Santos Filho, lê-se: “No dia 3 de Debro de 1818...”



[f. 186v][191]

Estremos dopedaço deTerras q*ue* meu Pay me deo
Com oq*ue* deo ameu comp*adr*e ose*nho*r Ant*oni*o deS*ouz*a Meira
Demarcaçõins do olho dagua da gameleira [ilegível]
mo direito ao alto do serado da Tapera agoas [ilegível]
tentes p*ar*a otuci ep*ar*a oPripiri edali por Sima
do alto sempre the a Lagoa do Curralinho na
tapage da Lagoa e dali aLagoa da Marrecas
athe estremar com S*an*ta Anna de Joaq*ui*m das virges
edali aestremar com os poçõis eda estrema
dos Poçõis pellas estremas deBernardo
Pere*ir*a pelas estremas de S*an*to Amaro ao morro
do olho dagoa da gameleira edali por Sima do
morro the naponta dodito no Lugar do olho da
gua da gameleira esta hé aterra demeu
comp*adr*e Ant*oni*o
Demarcaçõis daTapage daLagoa do Curral*inh*o rumo
direito ao alto doviado Magro q*ue* verte p*ar*a osalobro
no cam*inh*o daPedra Branca eda li ruma direito
ao alto davareda alta q*ue* verte p*ar*a asmurrinhas
ep*ar*a avareda edali por rumo serado abaixo
the Sobir na estrada num Lagedozinho
depedra q*ue* atreveça no cam*inh*o eda li pella es
trada adian te the asCaximbas estreman
do com oCampoSeco ficando o `Pripiri p*ar*a
mim eoTuci p*ar*a meu comp*adr*e Ant*oni*o deSouza Meira
Inno*cenci*o JozéPinh*ei*ro [192]

Entrou meu Mulato Juveranno No ofi
cio de Carpinteiro a 7 de Julho 1823 p*ar*a apren
der dentro em tres annos

Eu Inno*cenci*o JozéPinh*ei*ro

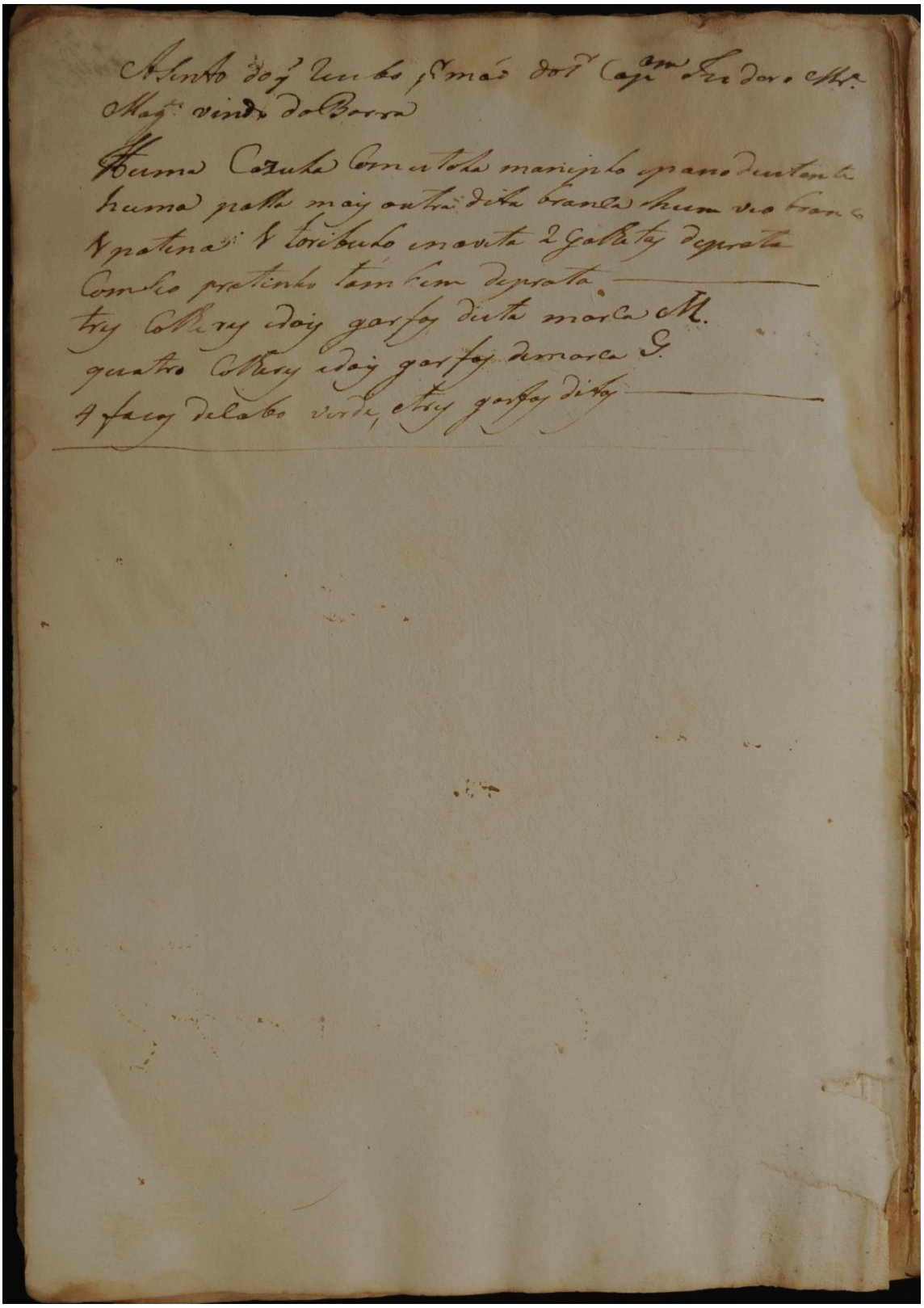
---

[191] Anotações de Inocêncio Pinheiro Canguçu.

[192]

Entrou meu Mulato Juveranno No ofi
cio de Carpinteiro a 7 de Julho 1823 p*ar*a apren
der dentro em tres annos

Eu Inno*cenci*o JozéPinh*ei*ro



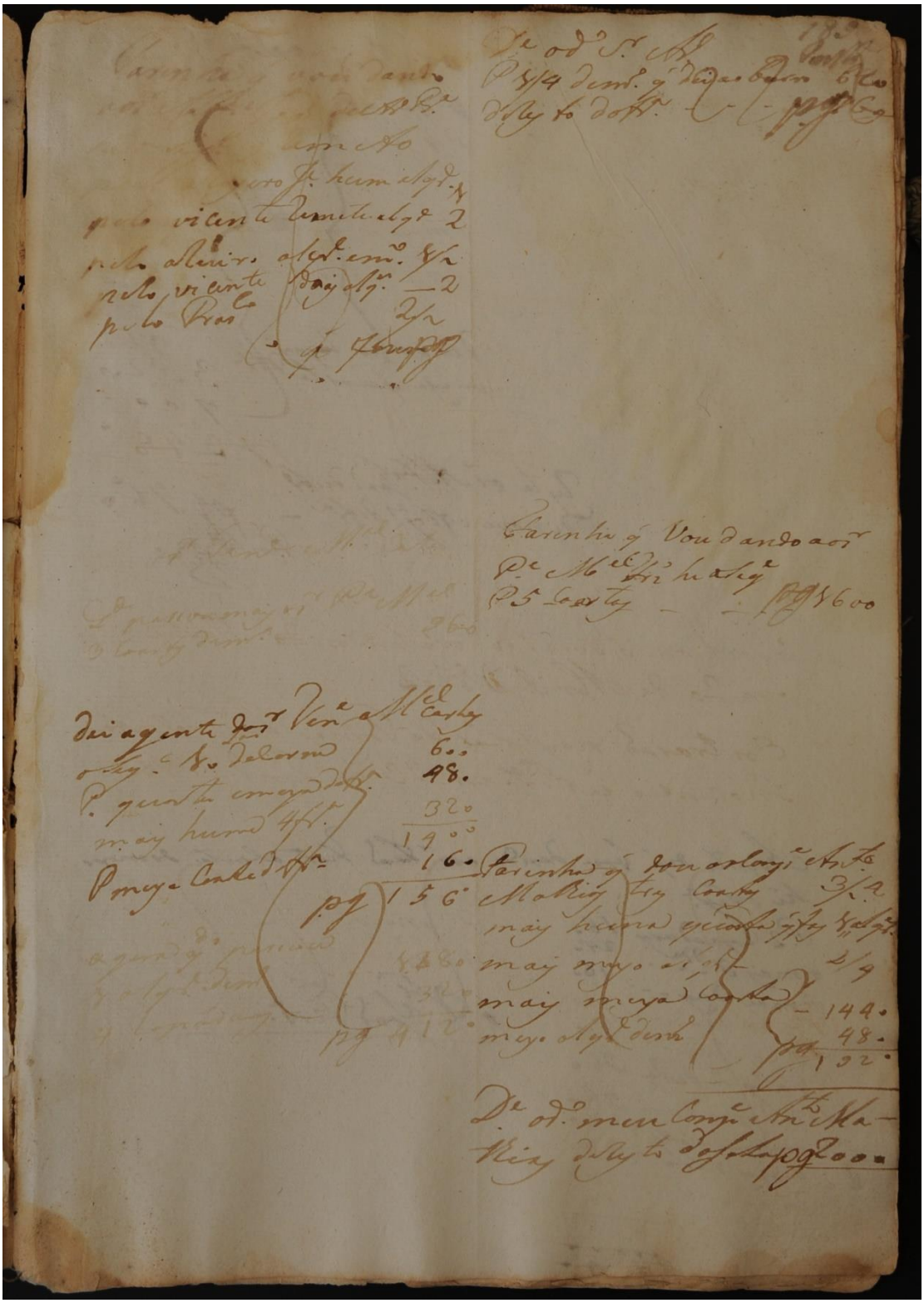
Asento do q̃ recebo p.r mão do S.r Cap.am Isidoro Mr.e
Mag.e vindo da Barra

Huma Cazula com estola manipulo e pano de estante
huma palla mais outra dita branca e hum veo branco
1 patena 1 toribulo e naveta 2 Galletas de prata
Com seo pratinho tambem de prata ——
tres Colleres e dois garfos desta marca M.
quatro Colleres e dois garfos de marca G.
4 facas de cabo verde, e tres garfos ditos ——

[f. 188v]

Asento do q*ue* Recebo por maõ dos*enho*r cap*it*am Izi doro M*orei*ra Mag*alhã*es vindo daBarra

Huma Cazula Com estola maniplo epano deestante
huma palla mais outra dita branca hum veo bran co
1 patena 1 toribulo enaveta 2 galhetas deprata
ComSeo pratinho tam bem deprata ———————————
tres colheres edois garfos desta marca Ṁ.
quatro colheres edois garfos demarca ɠ
4 facas decabo verde, etres garfos ditos ———————————
———————————————————————————————————



[f. 189r]

Farinha q*ue* vou dando
aos*enho*r [ilegível] Joaõ de[*inint.*] P*ereir*a
[ilegível] seg*uint*e q*ue* Remeto
[ilegível] J*oz*e hum alq*uei*re 1
pelo vi cente Remete alq*uei*re 2
pelo [*inint.*] alq*uei*re em*ei*o 1/[?]
pelo vi cente 2 alq*uei*res — 2
pelo Fran*cis*co 2/[?]
q*ue* [*inint.*] pag*o*

D*ev*e od*it*o s*enho*r [*inint.*]
P*or* ¼ dem*ilh*o q*ue* dei ao burro 640
deresto defar*inh*a - - - - - - - - - - - - - - - - - pag*o* 760

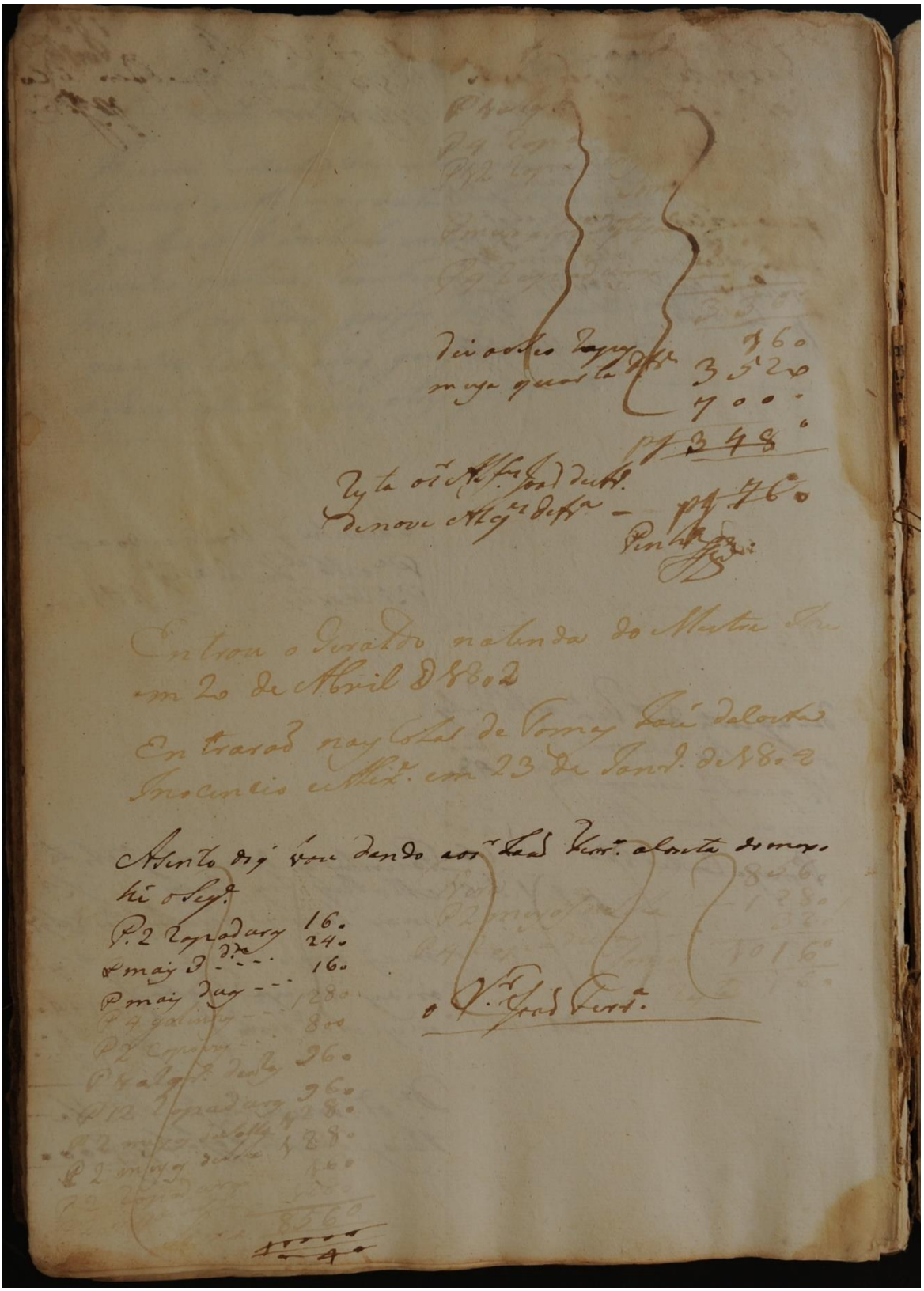
Os*enho*r [*inint.*] M*ano*el [*inint.*]

quando passou mais os*enho*r [inint.] M*ano*el
3 coartas demi*lh*o - - - - - - 960

Farinha q*ue* vou dando aos*enho*r
P*adr*e Manoel F*ernandez* he oseg*uint*e
P*or* 5 coartas - pag*o* 1600

dei a gente dos*enho*r [*inint.*] M*ano*el carlos
oSeg*uint*e 10 L*ibras* decarne 600
P*or* quarta emeya defar*inh*a 480
mais huma 4 far*inh*a 320
1400
P*or* meya coarta defar*inh*a 160
pag*o* 1560
agora q*uan*do passou
1 alq*uei*re dem*ilh*o 1280
4 Rapaduras 320
pag*o* 4120

Farinha q*ue* dou aocomp*adr*e Ant*oni*o
Mathias tres coartos ¾
mais huma quarta q*ue* fas 1 al*quei*re
mais meyo al*quei*re 2/4
mais meya coarta 1440
meyo al*quei*re dem*ilh*o 480
pag*o* 1920
D*ev*e od*it*o meu comp*adr*e Antônio Mathias deresto dasola p*ago* 2000



[f. 189v]

[ilegível]
P*or* 1 alqueire - - - - - - - - - - - - - [ilegível]
P*or* 4 Rapaduras - - - - - - - - - - [ilegível]
P*or* 12 Rapaduras e - - - - - - - - - [ilegível]
Soma - [ilegível]
P*or* meyo alq*uei*re defeijaõ [ilegível]
[ilegível]
P*or*4 Rapaduras [ilegível]
3360
dei aoseo Rapas 160
meya quarta defar*inh*a 3520
7000
pago ~~3480~~

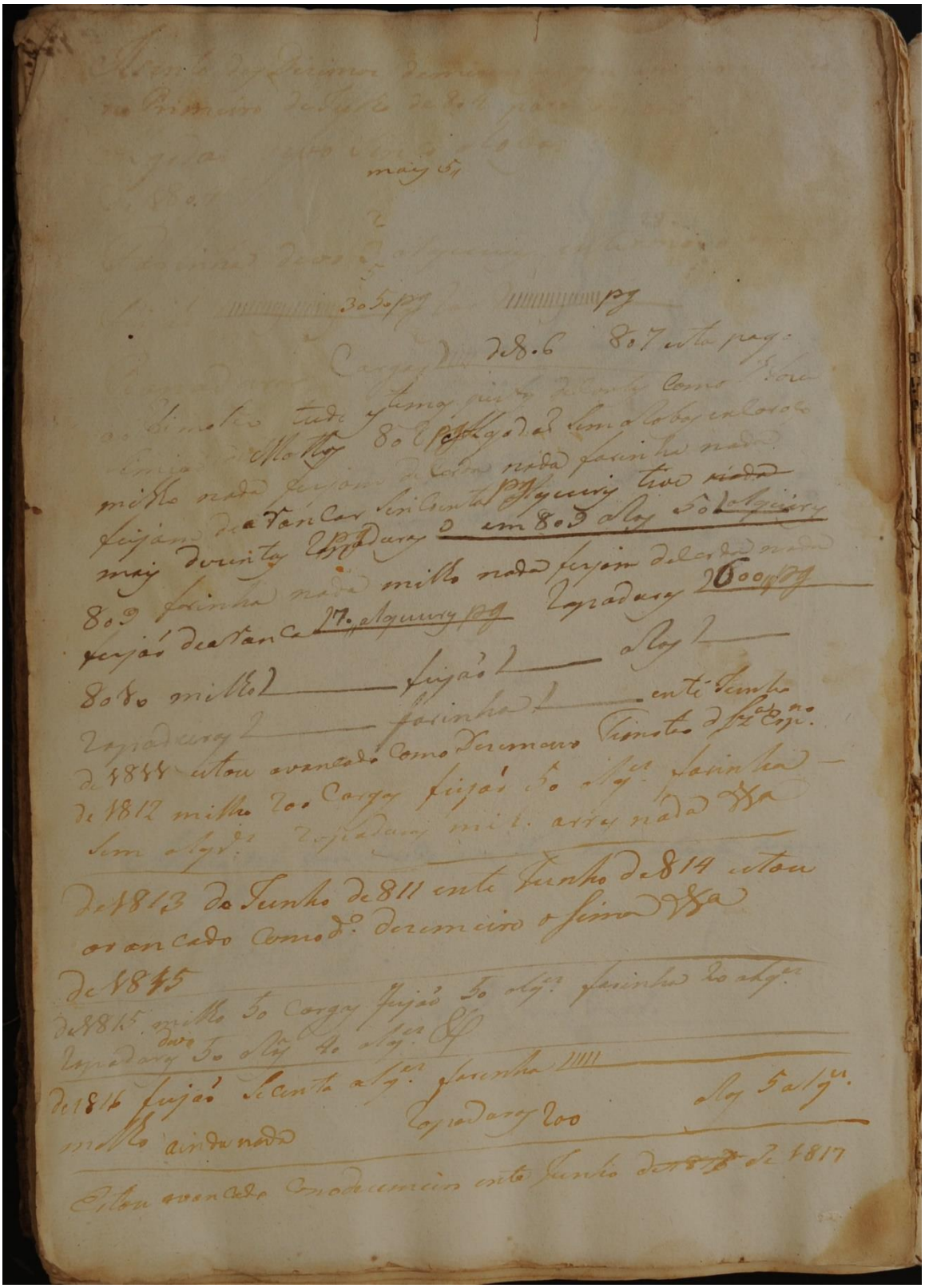
Res ta os*enho*r Alfe*r*es Joaõ de[*inint.*]
denove Alq*uei*res defar*inh*a - pago 760
Pinh*ei*ro

Entrou o Geraldo natenda do mestre Joze
em 20 de Abril 1802

En traraõ naes cola de Tomas Jozé daCosta
Ino cen cio e Alex*andr*e em 23 de Jan*ei*ro de1802

Asento doq*ue* vou dando aos*enho*r Joaõ Ferre*ir*a aconta do maxo
hé oseg*uint*e
P*or* 2 Rapaduras 160
P*or* mais 3 [*inint.*] - - - 240
P*or* mais duas - - - 160
P*or* 4 galinhas - - - - 1280
Por 2 [*inint.*] - - - - 800
P*or* 1 alq*uei*re deaRos 960
P*or* 12 Rapaduras 960
P*or* 2 meyos deSolla 1280
P*or* 2 meyos deSolla 1280
P*or* 2 Rapaduras 160
P*or* 2 meyos deSolla 1280
Soma 8560
~~10000~~
[?] 40

Vira 8560
P*or* 2 meyos [?] Sola — 1280
P*or* 4 Rapaduras —— 320
Soma 10160
oS*enho*r Joaõ Ferre*ir*a Resta 160



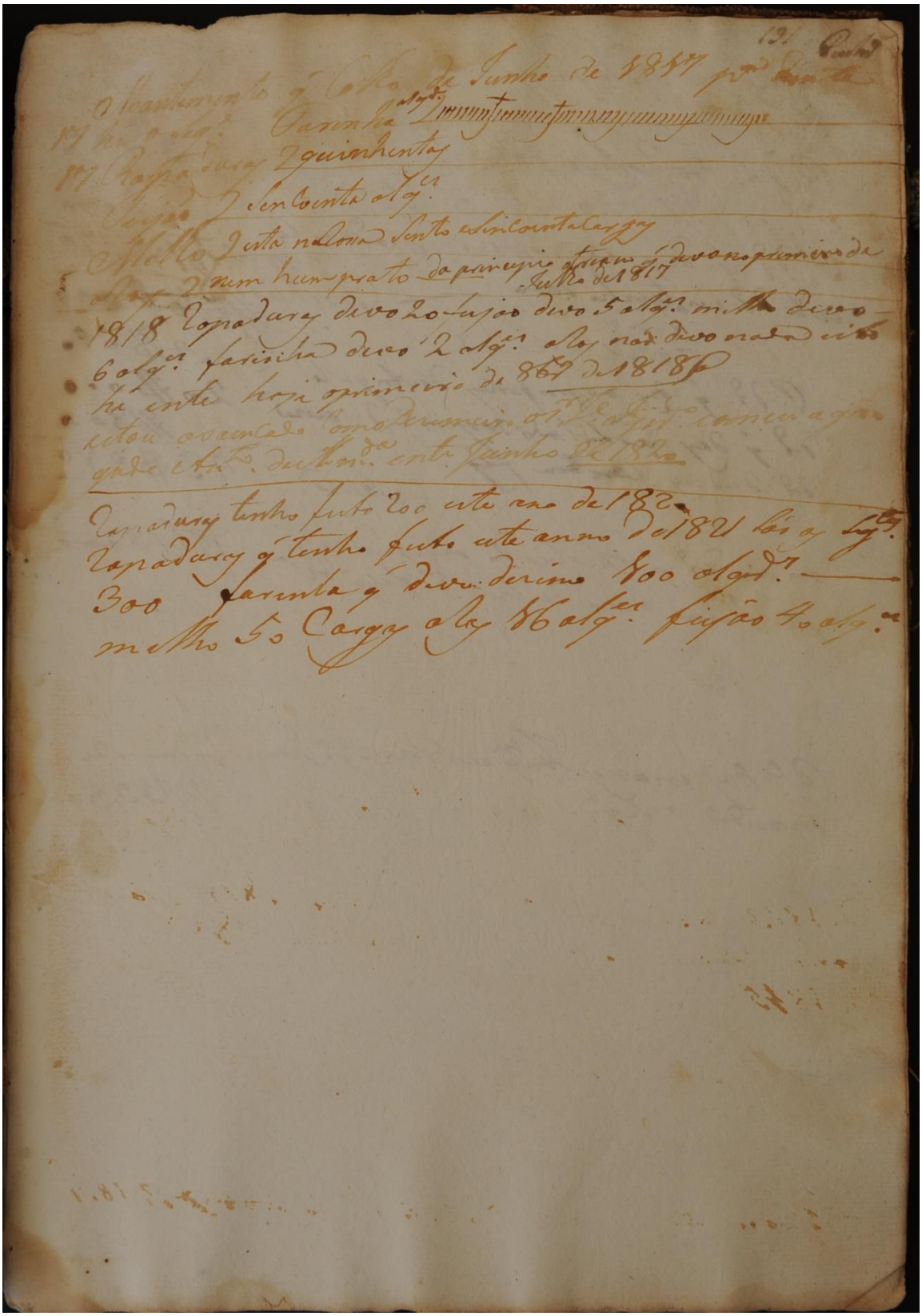
[f. 190v]

Asento dos Dizimos [ilegível]
no Primeiro deJulho de 804 [ilegível]
[*inint.*] devo Sinco aRobas [ilegível]
mais 5
De 1804
2 28
Farinha devo 3 alqueires [*inint.*] [ilegível]
Feijaõ)ıııııııı|ıııııııı| 3050 p*ago* Ros)ıııııııı|ıııı p*ago*
Rapaduras Cargas)ııı de[?]06 807 está pago
ao Timoteo tudo estamos quites decontas como [?] Joze
[*inint*] Mattos 808 p*ago* Algodaõ Sem aRobas encaroço
milho nada feijam de corda nada farinha nada
feijam de a rancar Sin coenta p*ago* alqueires tive ~~nada~~
mais de[*inint*] Rapaduras 0 em 809 aRos 50 alqueires
809 farinha nada milho nada feijam decorda nada
feijaõ dearanca 270 alqueires p*ago* Rapaduras 2000 p*ago*
8010 milho) feijaõ) aRos)
Rapaduras) farinha) enté Junho
de1811 estou avançado como Dizimeiro Timoteo deS*ouz*a [*inint.*]
de1812 milho 200 cargas feijaõ 50 alq*ueir*es farinha —
Sem alq*ueir*es Rapaduras mil arros nada [*inint.*]

---

de1813 do Junho de 811 ente Junho de814 estou
avancado como d*it*o desemeiro aSima [*inint.*]
de1815
de1815 milho 50 cargas feijaõ 50 alq*ueir*es farinha 50 alq*ueir*es
Rapaduras <↑devo> 50 aRos 40 alq*ueir*es [*inint.*]
de1816 feijaõ Secenta alq*ueir*es farinha)ıııı
milho ainda nada Rapaduras 200 aRos 5 alq*ueir*es

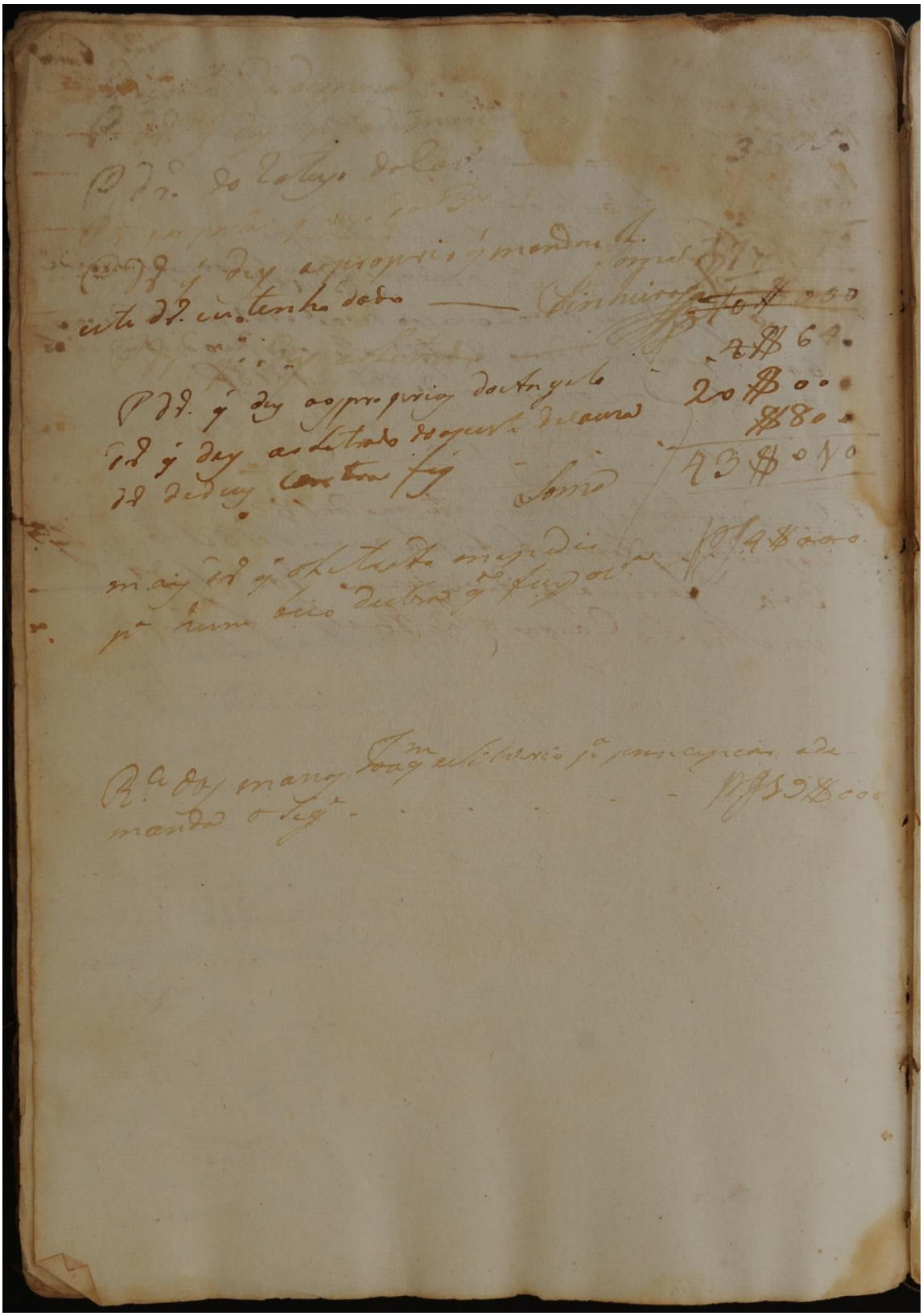
Estou avançado comodezemeiro ente Junho [~~de1816~~] de 1817



[f. 191r]

Mantimento q*ue* Colho de Junho de 1817 p*ar*a diante
[*inint.*] he oSeg*uint*e Farinha alq*uei*re)ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıııııııı|ıı
17 Rapa duras) quinhentas
Feijaõ) Sin coenta alq*uei*res
Milho) esta naRossa Sento eSencoentacargas
aRos) nem hum prato do principio atreano q*ue* devo no primeiro de
Julho de1817
1818 Rapaduras devo 20 feijaõ devo 5 alq*uei*res milho devo —
6 alq*uei*res farinha devo 2 alq*uei*res aRos naõ devo nada isto
he ente hoje oprimeiro de *outu*bro de1818
estou avançado como Dezimeiro os*enho*r J*oz*e Ign*aci*o eomeu a[*inint*]
[*inint.*] Ant*oni*o deAlm*ei*da ente Junho de 1820

Rapaduras tenho feito 200 este ano de 1820
Rapaduras q*ue* tenho feito este anno de 1820 saõ os Seg*uin*tes
300 farinha q*ue* devo dizimo 100 alq*uei*res ——————————
milho 50 cargas aRos 16 alq*uei*res feijaõ 40 alq*uei*res

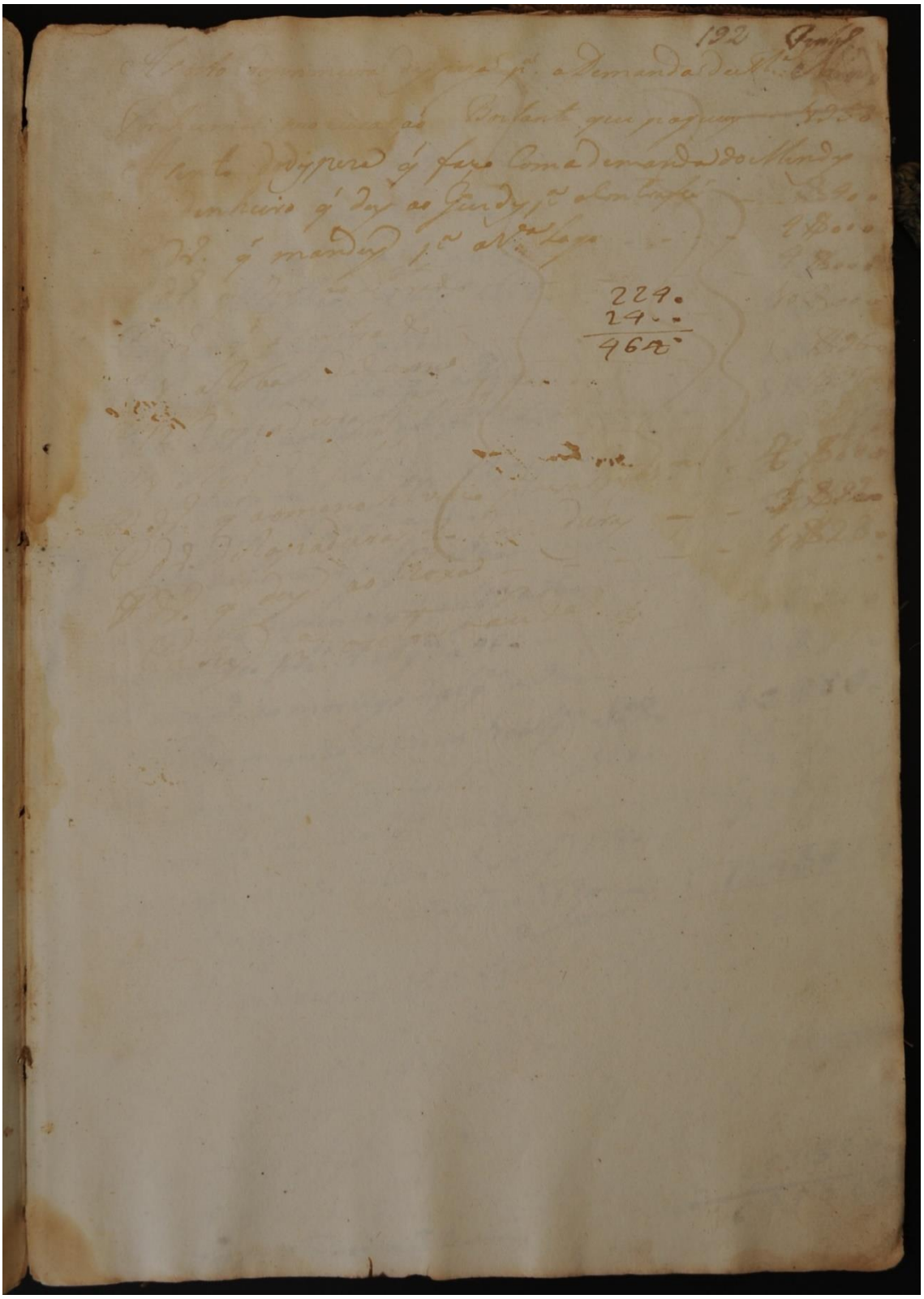


[f. 191v]

Asento da dispeza [ilegível] [ilegível]
P*or* d*inhei*ro q*ue* dei p*ar*a [ilegível] [ilegível]
P*or* d*inhei*ro do Rateyo doCav*al*o - 33750
P*or* 1 por porta q*ue* veyo da Barra- [ilegível]
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey aoproprio q*ue* mandou [ilegível]
Soma 17[?] [?]70
este d*inhei*ro eu tenho dado ———————————————— Pinheiro 10$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey aoLetrado ————————————————
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey aos próprios doAngelo -- 4$640
d*inhei*ro q*ue* dey ao Letrado do ajuste decauza 20$000
d*inhei*ro deduas contas fis - $800
Soma 43$010

mais d*inhei*ro q*ue* oLetrado mepedio p*ago* 4$000
p*ar*a hum bico deobra q*uan*do feis av*il*a

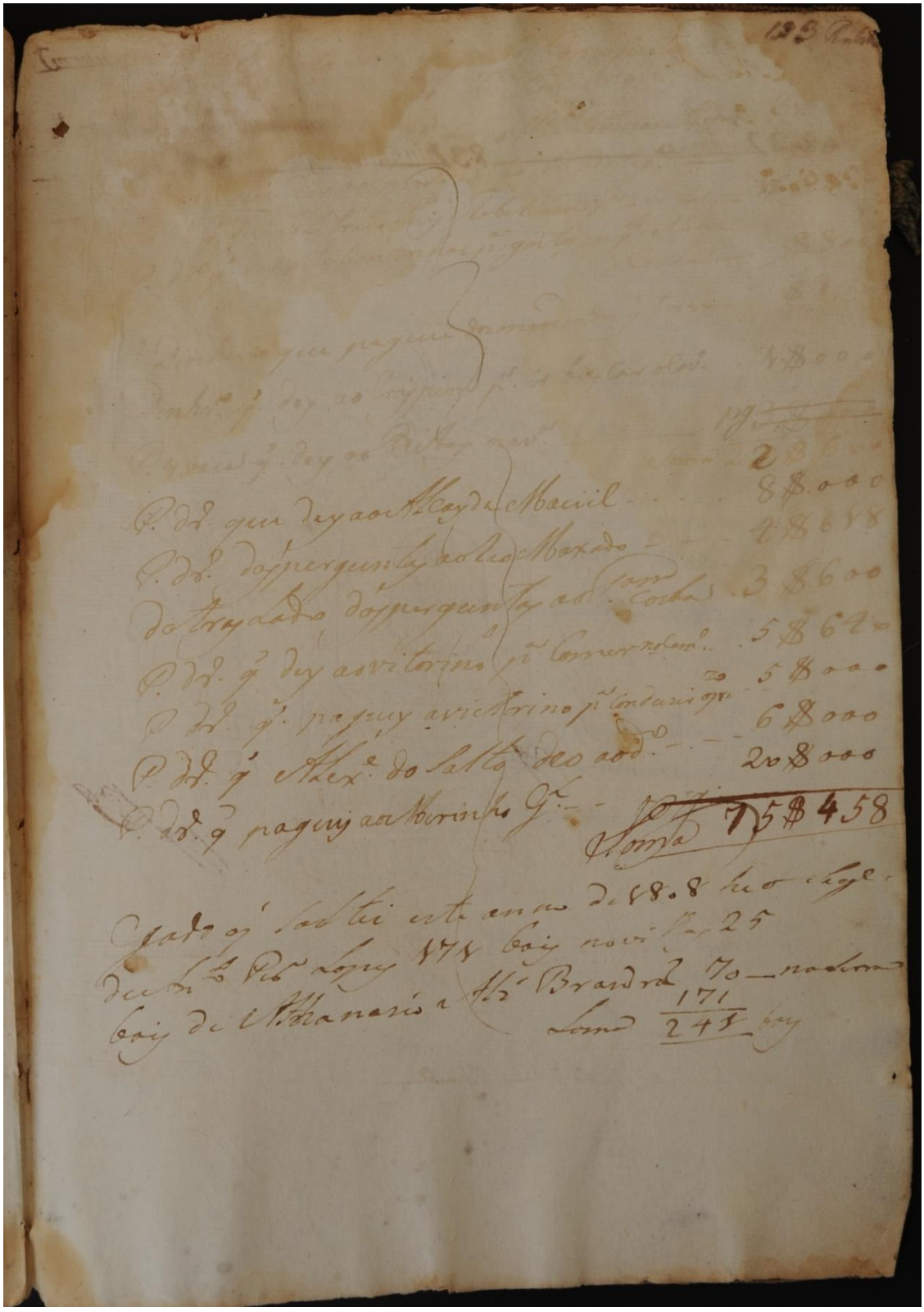
Rece*bi* dos manos Joaq*ui*m eSilverio p*ar*a principiar ade-
manda oSeg*uint*e - p*ago* 19$000



[f. 192r]

Asento da primeira dispeza p*ar*a aDemanda de M*ano*el [*inint.*]
Por huma pro curaçaõ Bastante que paguey 1950
Asento dadispeza q*ue* faço com a demanda do Mendes
P*or* dinheiro q*ue* dey ao Guedes p*ar*a acon traf[?]- - - - - $400
P*or* d*inhei*ro q*ue* mandey p*ar*a [*inint.*] - - - - - - - - - - - - - - 4$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey ao Letrado - - - - - - - - - - - - - - - - - 4$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* ao Letrado - - - - - - - - - - -2240 10$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* ao Letrado - - - - - - - - - - 2400
P*or* 1 aRoba decarne 4640 $960
P*or* 12 Rapaduras [ilegível]
P*or* 1 alq*uei*re de [ilegível] [ilegível]
P*or* d*inhei*ro q*ue* aomano Silverio [ilegível] 4$160
P*or* d*inhei*ro deRapadura [?] Rapa duras - - - - - - - - - 1$200[193]
P*or* dinheiro q*ue* dey ao Roxa - - - - - - - - - - - - - - - - - - 1$280
PaS ey p*ar*a outra Lauda

[193] O valor está rasurado, pode ser 3$220.

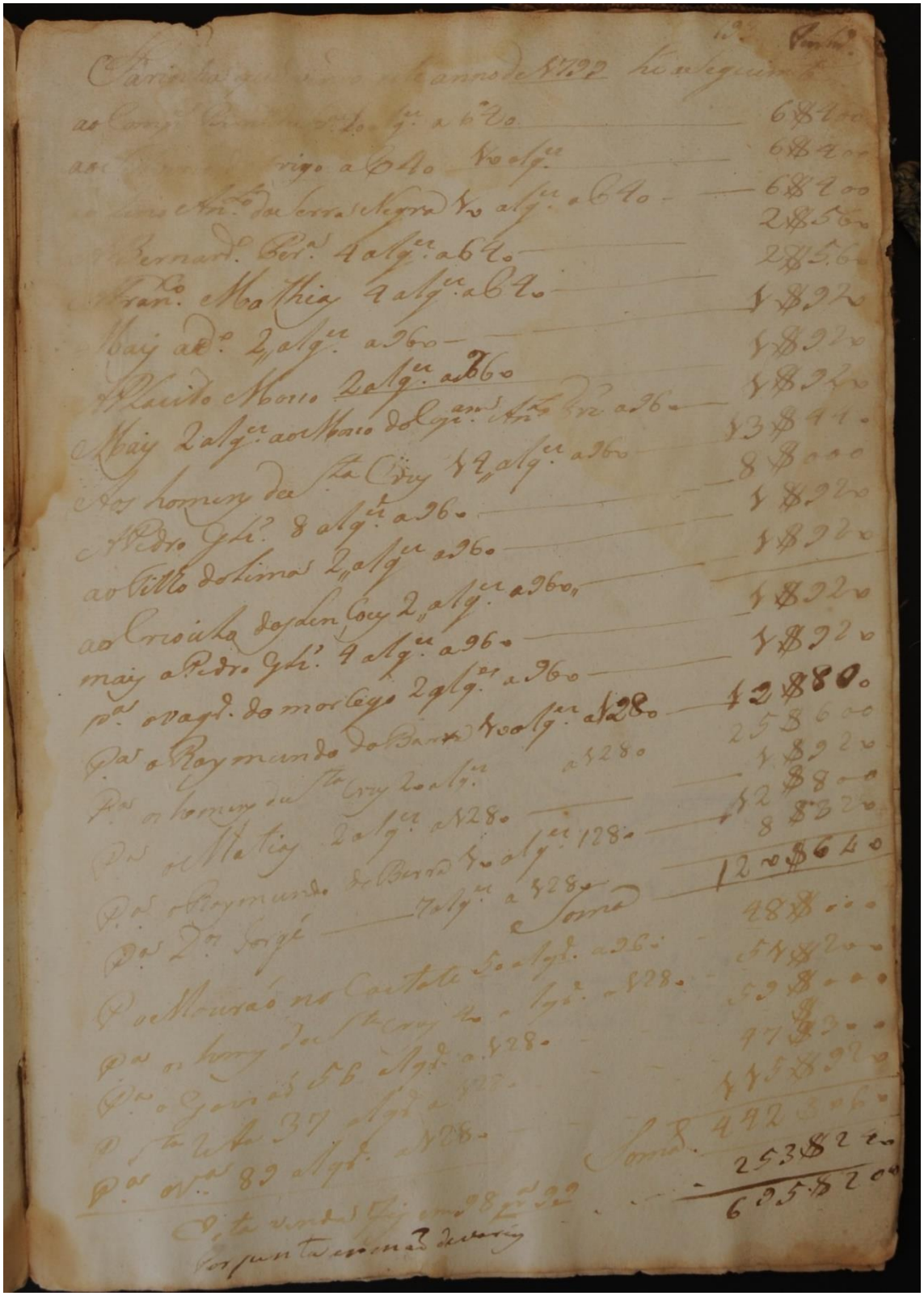


[f. 193r]

[ilegível] [*inint.*]
[ilegível] [*inint.*] [ilegível]
[ilegível] [inint] M*ano*el [ilegível] [ilegível]
——————————————— 128 ——————————————— [ilegível]
[ilegível] [ilegível]
[ilegível] ao Letrado Luis etabeliam [ilegível] [ilegível]
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey [*inint.*] p*ar*a gastos [ilegível]
[ilegível] $800
Dinheiro que paguei dos [*inint.*] $[*inint.*]
Dinhe*i*ro q*ue* dey ao Crispino p*ar*a ir buscar ocav*al*o 1$000

P*or* 1 vaca q*ue* dey aoBitos nav*il*a ——————————— p*ago* ~~3$000~~
Soma 22$600
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey ao Alcoyda Maciel - - - - - -- - - - - - - - - - - - -- - - - - - 8$000
P*or* d*inhei*ro das perguntas ao Reo Maxado - -- - - - - - - - - - - - - - -- - - - - - 4$618
dotras Lado das perguntas ao [*inint.*] costa 3$600
P*or* d*inhei*ro q*ue* dey aovitorino p*ar*a Comer no Cam*inh*o 5$640
P*or* d*inhei*ro q*ue* paguey avitorino p*ar*a conduzir opre<↑to> 5$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* Alex*andr*e do Salto deo aod*it*o - - - - - - - -- - - - - - - - - - - 6$000
P*or* d*inhei*ro q*ue* paguey ao Merinho G*onçalves* - - - - - - - - - - - - - - - - - - p*ago* 20$000
Soma 75$458

Gado q*ue* Soltei este an no de 1808 heoSeg*uint*e
deAnt*oni*o Per*eir*a Lopes 171 bois novilhos 25
bois de Athanasio Al*ve*s Brandaõ 70 —— naSerra
171
Soma 241 bois

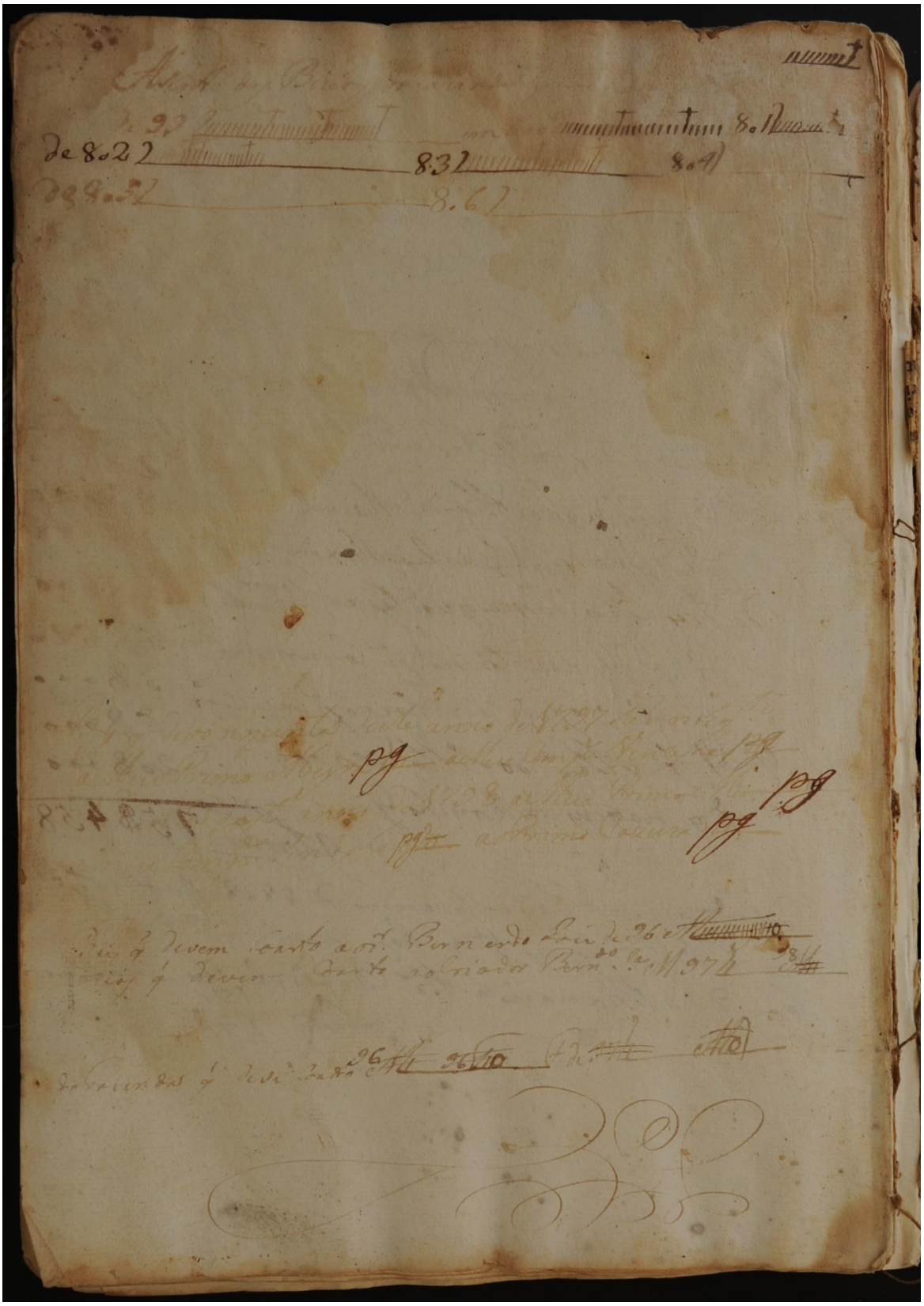


[f. 193r][194]

Farinha que vendo neste anno de1799 he oSeg*uint*e

aoComp*adre* Bern*ar*do deS*ouz*a 10 alqueires a 640 ———————————	6$400
aoSilverio do [*inint.*] a 640 10alq*ueir*es ______________________	6$400
ao [*inint.*] Antônio daSerra Negra 10alq*ueir*es a 640 ______________	6$400
A Bernardo Per*eir*a 4 alq*ueir*es a640______________________	2$560
AFran*cis*co Mathias 4 alq*ueir*es a640 ______________________	2$560
Mais ad*it*o 2 alq*ueir*es a960 ____________________________	1$920
APlacido Mosso 2 alq*ueir*es a960 __________________________	1$920
Mais 2 alq*ueir*es aoMosso doCap*it*am Ant*onio* F*e*r*nande*z a960 _______	1$920
Aos homens deS*an*ta Crus 14 alq*ueir*es a960 __________________	13$440
APedro G*onç*al*ve*s 8 alq*ueir*es a960 ______________________	8$000
aoFilho doLima 2 alq*ueir*es a960 __________________________	1$920
aoCriouLo dos Len çoes 2 alq*ueir*es a960 ____________________	1$920
mais aPedro G*onç*al*ve*s 4 alq*ueir*es a960 ____________________	1$920
p*ar*a ovaq*uei*ro do morcego 2 alq*ueir*es a960 _________________	1$920
P*ar*a oRay mundo daBarra 10 alq*ueir*es a1280 _________________	12$800
P*ar*a os homens deS*an*ta Crus 20 alq*ueir*es a1280 _____________	25$600
P*ar*a oMatias 2 alq*ueir*es a1280 __________________________	1$920
P*ar*a oRay mundo daBarra 10 alq*ueir*es a1280 _________________	12$800
P*ar*a D*oming*os Jorgé ____________________ 7 alq*ueir*es a1280	8$320
Soma	120$640
P*ar*a o Mouraõ no Caetete 50 alq*uei*re a960	48$000
P*ar*a os homens deS*an*ta Crus 40 alq*uei*re a1280	51$200
P*ar*a o Gaviaõ 56 alq*uei*re a1280 -	59$000
P*ar*a S*an*ta Rita 37 alq*uei*re a1280 - - - - - - - - - - - - - - - - - - -	47$300
P*ar*a [*inint*] 89 alq*uei*re a1280 -	115$920
Soma	442$060
Esta venda fis em 98 p*ar*a 99 -	253$240
Por junta em maõ devarios	695$200

[194] A numeração está repetida.



[f. 193v]

)ıııııııı†

Asento dos Bizeros daFazenda [ilegível]
de 99)ıııııııı†ıııııııı†ıııııııı† em [*inint*])ıııııııı†ıııııııı†ıııı 801)ıııııııı†
de 802)ıııııııı†ıııııııı†ıı 803)ıııııııı†ıııııııı†ı 804)
de 805) 806)

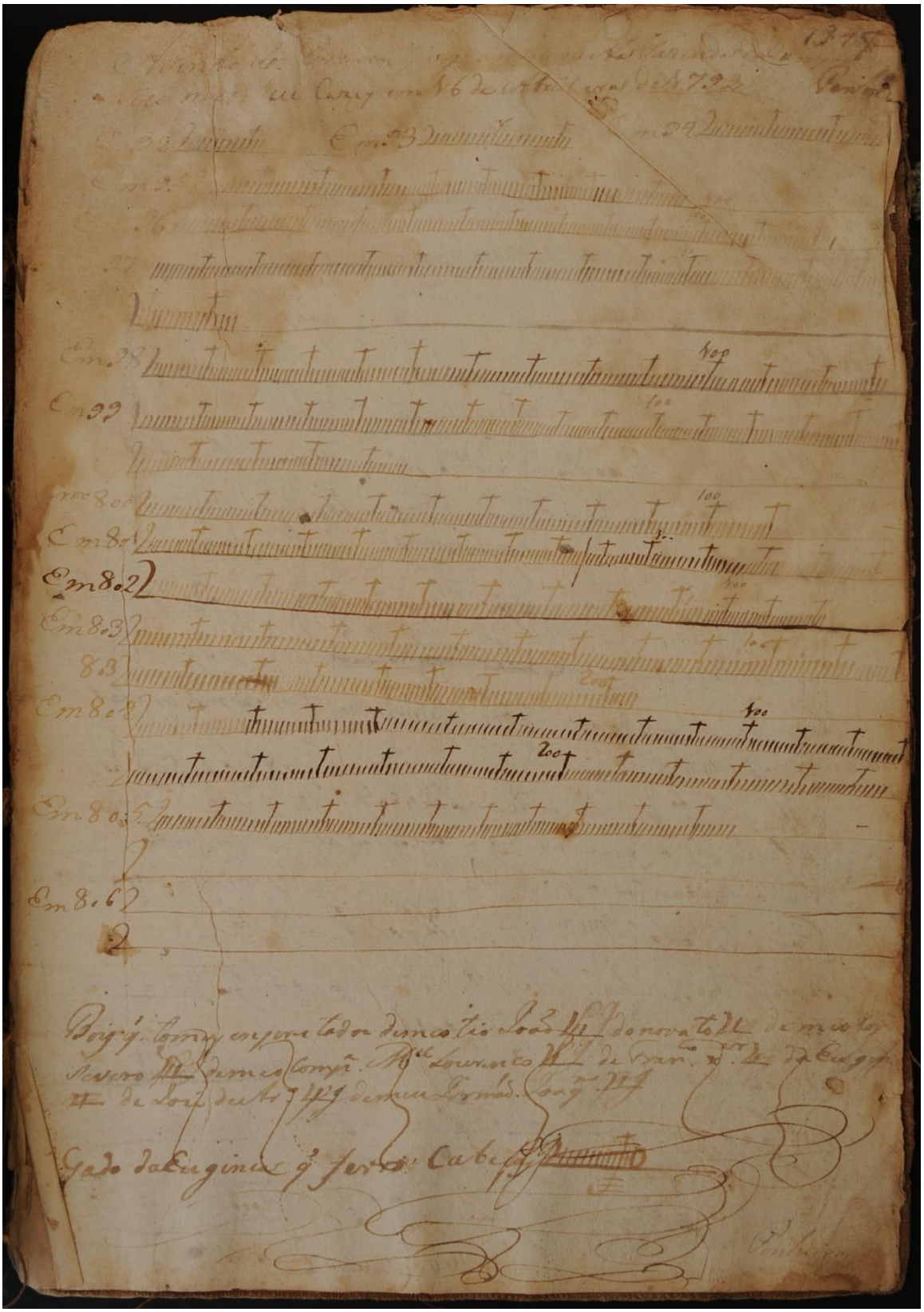
[*inint.*] q*ue* devo najunta deste anno de1797 saõ os Seg*uint*es
aMeu Primo Meira p*ago*)ıı a Meu Comp*adr*e VencesLao p*ago*)ıı
[ilegível] deste anno de 1798 aMeu Primo Meira p*ago*)ıı
a meu Comp*adr*e VencesLao p*ago*)ıı aoPrimo Cazuza p*ago*)ıı

Bois q*ue* devem Coarto aos*enhor* Bernardo [*inint*] de 96 ~~Ṁıııııı|ıı0~~
dias q*ue* devem coarto aocriador Bern*ar*do [*inint*] Ṁ 97)ıı 98 ~~Mıı~~

daFazenda q*ue* devi Coarto ~~96Ṁı 96F10~~ F de97)ı [*inint.*]

195

[195] Laçadas encerram as anotações



[f. 194r]

Asento de Bizerros [*inint.*] anno nesta Fazenda docampo

Seco [*inint*] meos [*inint*] em 16 de Abril era de1792

Em 92)ıııııııııı†ııı Em 93 ıııııııııı†ıııııııııı†ıı Em 94 ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııı

Em 95)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııı 100

Em 96)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı† ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı

Em 97)ıııııııııı†ııı

Em 98)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı

Em 99)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı

)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı

Em 800)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†

Em 801)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııı

Em 802)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıı

Em 803)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†

803)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııı

Em 804)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııı†

)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııı

Em 805)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııı

)

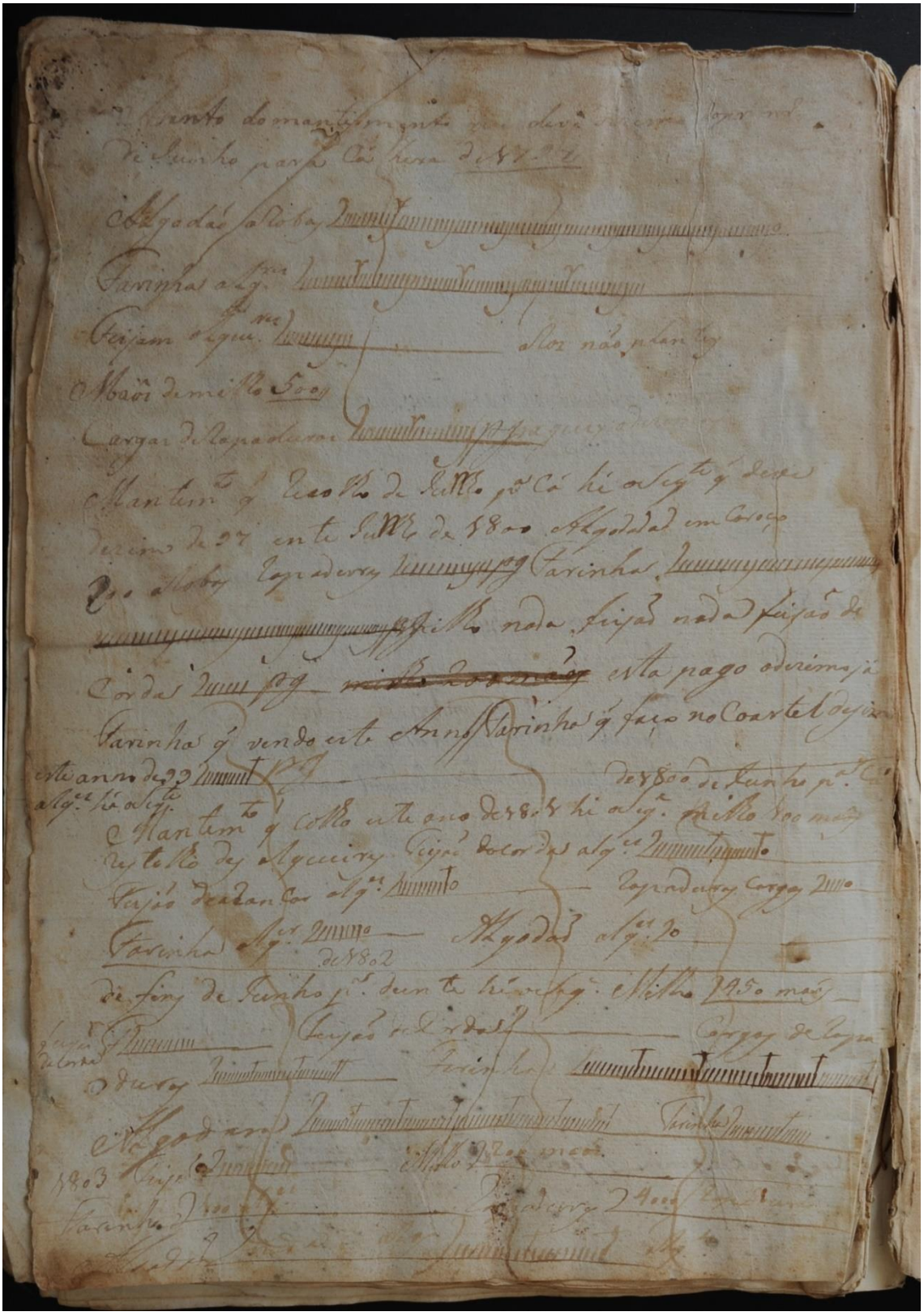
Em 806)

)

Bois q*ue* tomey enprestados demeo tio Joaõ)ıı p*ago* donovato)ı p*ago* demeo comp*adr*e Severo)ıı p*ago* demeo comp*adr*e M*ano*el Lourenço)ı p*ago* de Fran*cis*co X*avi*er)ı p*ago* da Eugenia)ıı de Jozé de [*inint.*])ı p*ago* demeo Irmaõ Joaq*ui*m)ı p*ago*

Gado daEugenia q*ue* levou cabeças p*ago*)ıııııııııı†ıı

Pinheiro



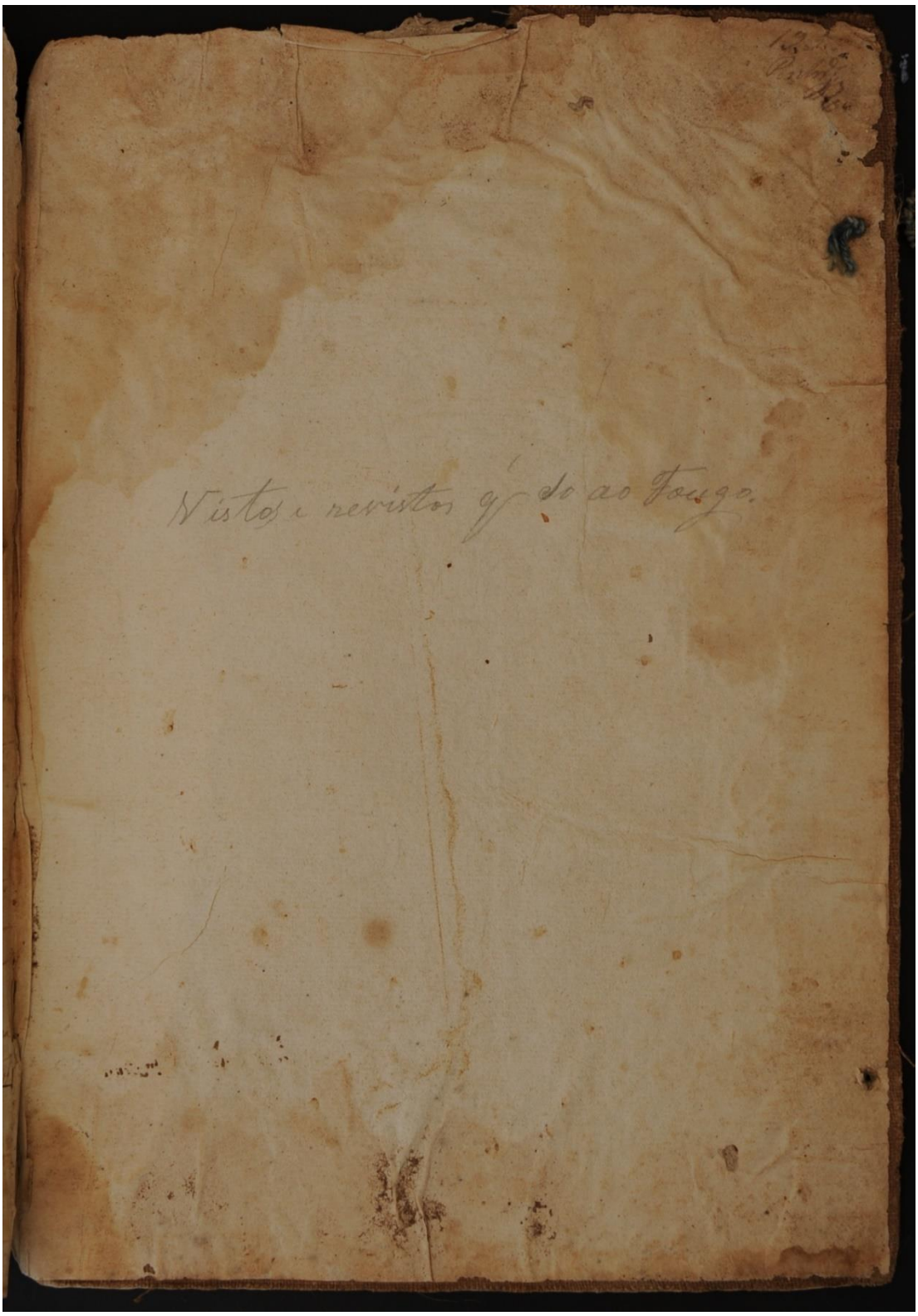
[f. 194v]

Asento do mantimento que devo dizimo doprim*ei*ro
de Junho para cá hera de1794

Algodaõ aRoba)ıııııııııYıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)0
Farinha alq*uei*res)ıııııııııYıııııııııı)ıııııııııYıııııııııı)ıııııııııYıııııııııı)ııı
Feijam alquires)ıııııııııı)ıı aroz naõ plantey
Maõs demilho 500
Cargas deRapaduras)ıııııııııYıııııııııı) pago paguey odizimo [ilegível]
Mantim*en*to q*ue* Recolho de Julho p*ar*a cá hé oSeg*uin*te que devo
dizimo de 97 en te Junho[196] de 1800 Algodaõaõ em caroço
200 aRobas Rapaduras)ıııııııııı)ıı*pago* Farinha)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)
)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı)ıııııııııı) *pago* milho nada feijaõ nada feijaõ de
corda)ıııııı *pago* ~~[milho 200 maõs]~~ esta pago odizimo já
Farinha q*ue* vendo este Anno // Farinha q*ue* faço no coartel desima
este anno de 99)ıııııııııı† *pago*
alq*uei*res hé oSeg*uin*te de1800 deJunho p*ar*a cá
Mantim*en*to q*ue* colho este ano de1801 hé oSeg*uin*te milho 100 maõs
Res tolho des alqueires Feijaõ decorda alq*uei*res)ıııııııııı†ıııııııııı†0
Feijaõ deaRan car alq*uei*res)ıııııııııı0 Rapaduras cargas)ıııı0
Farinha alq*uei*res)ıııııııııı0 Algodaõ alq*uei*res)0
de 1802
de [*inint.*] de Junho p*ar*a deen te héoSeg*uin*te Milho)450 maõs
feijaõ)ıııııııııı Feijaõ decorda) Cargas de Rapa
decorda
duras)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı Farinha)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†
Algodam)ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı†ıııııııııı† Farinha)ıııııııııı†ıııı
1803 Feijaõ)ıııııııııı Milho)200 maõs
Farinha)100 alq*uei*res Rapaduras)400 Rapaduras
Algodaõ)nada aRos)ıııııııııı†ıııııııııı† alq*uei*res

[196] Anotou ,primeiro, Julho.

Vistos e revistos q̃ so ao Fogo.



[f. 195r]

Vistos e revistos q*ue* do ao Fougo

4

ÍNDICE ANALÍTICO DOS REGISTROS DO LIVRO DE RAZÃO DO BREJO DO CAMPO SECO

Verso da capa
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresentam-se, nesta página, uma reflexão inicial, anotações contábeis, indicação do registro da patente recebida, a contratação de um feitor, em 1823, com a indicação do salário anual, e a chegada de um homem por nome Joaquim Manata.

Página 01
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Funciona como o termo de abertura do livro, informado a função e a quem pertence, em 1794. Além disso, é possível encontrar informações sobre o início da construção do sobrado, em 1808, e o começo dos estudos de Inocêncio Pinheiro com o professor Ignácio Ferreira da Silva, em 1810.

Página 02
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas com o irmão Antônio de Brito, além de anotações de venda de farinha, rapadura e a fuga do crioulo João em 14 de junho de 1795.

Página 03
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro de dívidas e pagamentos feitos pelos irmãos, Francisco e Joaquim, pelos compadres, Severo e Batista, além de outros devedores, inclusive o afilhado José Lourenço.

Página 04
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de acertos de contas e outras dívidas oriundas da venda de pano de chita, de vaca e um garrote, e empréstimos realizados e quitados.

Página 05
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas de empréstimos, vendas de tecidos e pólvora. Há também registros de valores recebidos em peixes.

Página 06
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registros de empréstimo à comadre Anna Francisca, dinheiro dado ao Juiz de órfãos e ao padre para os casamentos e batizados, além de outras anotações de dívidas diversas.

Página 07
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registros de dívidas referentes à venda de tecidos, pólvora, pistola, além de empréstimos feitos.

Página 08
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações contábeis sobre a venda de farinha, bois, sal e outras despesas.

Página 09
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Informações sobre a venda de machado, pólvora, botões, algodão, além de empréstimos e pagamento de crédito.

Página 10
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registros de empréstimos feitos e venda de foice, machado, tecidos e cavalo.

Página 11
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de empréstimos e vendas de carne, farinha, rapadura, aguardente e pólvora.

Página 12
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Informações sobre empréstimos e vendas de rapadura e pólvora.

Página 13
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Dívida feita pelo irmão José Pinheiro Pinto, em 1796, e outros empréstimos feitos ao primo Manuel de Brito, a Bernardo José, entre outros.

Página 14
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas e pagamentos recebidos.

Página 15
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registros de pagamentos recebidos de alguns de seus irmãos e venda de farinha, tecido e pólvora.

Página 16
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas de mantimentos e de empréstimo.

Página 17
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registros de pagamentos realizados e dívidas da venda de rapaduras e de um fraque.

Página 18
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro do aluguel de uma mula e da venda de feijão, farinha e milho.

Página 19
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro do aluguel de um negro, de empréstimos e de outros mantimentos.

Página 20
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Informações sobre a venda de carne, lã, algodão e empréstimos feitos.

Página 21
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve dívidas de empréstimos feitos, venda de algodão e resto de um boi.

Página 22
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Lista os nomes dos devedores pela compra de pólvora, farinha e empréstimos feitos.

Página 23
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresenta relação de devedores pelas seguintes compras: papel, chinelos, pólvora, rapadura e mantimentos. Além disso, registra também sua dívida a Luís Marques.

Página 24
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Relaciona as pessoas que lhe devem dinheiro de empréstimo e anota também a venda de chumbo, pólvora e uma foice.

Página 25
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra uma dívida que tem com o compadre José Pinheiro do moleque Francisco. Anota também a relação de pessoas que lhe devem pelos empréstimos feitos e pela venda de pólvora, cachaça, aguardente e algodão.

Página 26
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Lista os nomes dos devedores pelos empréstimos feitos e pelos ajustes de contas. Menciona também a dívida que fez por pagar ao padre uma missa de corpo presente.

Página 27
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra as dívidas dos compadres: José Pinheiro e Joaquim da Rocha, do capitão João Álvares de Souza e de outros senhores.

Página 28
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota a relação de pessoas a quem emprestou o dinheiro. Registra também a venda de algodão e milho e a chegada de um crioulo em dezembro de 1800.

Página 29
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra empréstimos feitos, a venda de bois e cavalos, além de um pagamento feito para prender um escravo.

Página 30
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresenta relação de devedores pelas seguintes compras: algodão, lã, farinha, machado, pólvora, milho, sola, veado mateiro e pano.

Página 31
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota a relação de pessoas a quem vendeu pólvora, indicando a efetuação do pagamento. Além disso, informa o dinheiro que deu para compras e pagamentos.

Página 32
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro de empréstimos realizados e da venda de farinha, aço, chapéu, potro e uma besta.

Página 33
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Lista os devedores de empréstimos realizados e acertos de contas.

Página 34
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresenta dívidas do compadre José Pinheiro e do afilhado José Lourenço.

Página 35
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Relaciona as dívidas do senhor Bernardo José de Souza, o empréstimo de João Batista e a dívida do irmão Joaquim Pinheiro de um vestido, uma foice e meia libra de aço.

Página 36
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve a dívida e o pagamento do senhor João Araújo pela compra de farinha e feijão de corda.

Página 37
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra a venda dos seguintes itens: carne seca, farinha, feijão, sal, sebo, pólvora e algodão ao senhor Manuel Marques, José da Mota Leitão, Bernardo Pereira, Eufrásio e José Crioulo.

Página 38
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com o mestre ferreiro Tomás.

Página 39
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Lista as dívidas do mestre ferreiro Tomás, do senhor Bernardo José e de outros senhores.

Página 40
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Informa dívidas que tem com Bernardo José e o compadre José Pinheiro. Menciona também a dívida de Lino Antonio das Flores, Antonio de Almeida, Luís Marques e da senhora Domingas.

Página 41
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresenta a relação de mantimentos vendida ao capitão Francisco de Brito.

Página 42
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve a dívida do compadre José Pinheiro e do sobrinho Manuel Matias.

Página 43
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Relaciona a venda de tecidos, roupas, couro, chapéu, telhas, portas e tronco.

Página 44
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Apresenta dívida que tem com Bernardo José e a venda de mantimentos para Antonio Batista.

Página 45
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota transações comerciais com Francisco de Souza Meira, dinheiro dado ao padre João e dinheiro entregue ao irmão Antonio de Brito para remeter ao compadre Bernardo Carvalho, em 1802.

Página 46
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra dívida que tem o mestre ferreiro Inácio Vieira e outras dívidas com capitão Meira. Anotadas na lauda anterior.

Página 47
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Lista dívidas de Manuel dos Santos, Isidoro, Joaquim da Rocha e da comadre Micaela.

Página 48
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve as obras que tem com o senhor Tomás e a dívida com os compadres Caetano e João Batista.

Página 49
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro de informações de dívidas diversas, desde os gastos com um camarada do senhor Marcelo, até empréstimos feitos a uma série de pessoas.

Página 50
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com o afilhado José Lourenço por causa do moleque Ruberto. Lista a conta do senhor Venceslau, especificando os seguintes produtos comprados por ele: rapadura, couro, feijão, cangalha.

Página 51
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Especifica uma série dívidas e acertos de contas oriundos de vendas de mantimentos e de outras transações comerciais.

Página 52
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve as dívidas que tem com o compadre José Pinheiro e outras anotações contábeis.

Página 53
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com o compadre Bernardo de Souza Meira e lista o nome de pessoas que lhes devem.

Página 54
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra a dívida feita com Manuel Francisco, atendendo a um pedido do seu compadre Meira em um bilhete.

Página 55
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Discrimina em uma lista o nome de pessoas que lhe devem.

Página 56
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra informações da venda de sal, rapaduras, foices, terras e aço. Menciona também uma dívida da demanda dos Mendes.

Página 57
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas, créditos e pagamentos recebidos.

Página 58
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra a venda de feijão, pano de algodão, couro de boi, carne, farinha e rapadura, além de outros mantimentos.

Página 59
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Assento das cargas de algodão vendidas em 1804/1805.

Página 60
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro das obras do ferreiro Jerônimo e dos compadres Venceslau e Manuel Lourenço.

Página 61
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota o dinheiro que recebeu para guardar do escravo Jacinto. Faz registro também de outras dívidas oriundas da venda de mantimentos.

Página 62
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra as dívidas do compadre José Pinheiro e pagamento de obras. Além disso, anota o dinheiro pago a Luís para seguir os escravos que fugiram, entre outras contas.

Página 63
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Assento das obras feitas pelo sobrinho Manuel Matias e outras anotações contábeis.

Página 64
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Discrima os nomes dos compradores de algodão dos anos 1806 e 1807. Anota ainda empréstimos feitos a José Antônio.

Página 65
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Especifica a venda de algodão, rapadura, mantimentos e empréstimo que ele fez aos outros.

Página 66
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Descreve a venda de pregos, pólvora, esporas, martelo, enxada, foice, fechadura e outros instrumentos.

Página 67
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anota as dívidas de José Antônio, Manuel Crioulo, Alexandre, Manuel referentes a mantimentos, outros materiais pregos, panos, machado e o aluguel de um escravo.

Página 68
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra as dívidas de Enriques, José Pinheiro, José Antônio referentes a compra de mantimentos, animais, pano e outros instrumentos.

Página 70
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Controle de pagamentos e recebimentos.

Página 72
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações referentes à venda de mantimentos como carne, farinha e outros produtos como: machado, ferros e telhas.

Página 73
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registro de informações referentes a venda de mantimentos como farinha, feijão, rapadura. Anota ainda a divida da compra de uma vaca e uma novilha e os gastos com o filho de Ignácio da Nunciação.

Página 74
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações contábeis referentes a venda de carne, farinha, sabão e outros produtos como tecido.

Página 75
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Informa os empréstimos realizados a Martinho José e o valor que gastou com mantimentos nos anos e 1808 e 1809.

Página 76
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Registra a dívida do irmão Joaquim Pinheiro, do compadre Severo e do senhor Manoel das Neves. Além disso, anota, também, o pagamento que recebeu de Luís pelas mãos do primo Vicente.

Página 78
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações referentes à venda de tecidos de vários tipos. Há ainda registros de venda de chapéu, enxada, aço, camisas, calça e outros produtos.

Página 79
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve a dívida que tem com Bento José no valor dez mil pela compra de um cavalo. Além disso, anota dívidas referentes à venda de diversos produtos.

Página 80
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de despesas e pagamentos recebidos.

Página 81
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Especifica o empréstimo feito ao compadre Manoel de Souza. Anota também a despesa que fez a partir de um empréstimo a José da Costa e outras informações contábeis.

Página 82
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antonio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas e ajustes de contas do compadre José Antônio e outras informações contábeis.

Página 83
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas referentes à venda de produtos variados, como cargas de algodão, foices, machado. Registra ainda a perda de 12 escravos e 300 cabeças de gado com a seca de 1808.

Página 84
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Assento das dívidas do capitão Venceslau, do afilhado Antônio e do primo Joaquim de Souza Meira. Anota também dividas da venda de diversos produtos.

Página 85
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de diversas dívidas. Há também anotações referentes à escrava Inês que juntava dinheiro para comprar a liberdade.

Página 86
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Assesto das despesas que teve com Antônio de Souza e registro de dívidas do mestre Ignácio, oriunda da compra de diversos produtos na venda.

Página 87
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de diversas despesas e pagamentos.

Página 88
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registros de despesas com o mestre Ignácio e outros. Anotações variadas sobre a retirada de ripas e aluguel de um moço.

Página 89
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve a compra de seis bestas para seu irmão José Pinheiro em 1810. Anota também o acerto de contas com o primo Vicente e outras transações comerciais.

Página 90
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de diversas transações comerciais com o compadre José Antônio.

Página 91
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de dívidas do senhor Francisco Rocha e acertos de contas com Domingos Fernandes. Anota ainda a venda de ferro, ao mestre ferreiro de Bom Jesus e outras despesas.

Página 92
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações da venda de diversos produtos como: vaca, tabaco, aguardente. Além disso, registra empréstimos feitos a Martinho José e acerto de contas com o compadre Antônio de Souza.

Página 93
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota o acerto de contas das obras feitas pelo Rocha e outras transações comerciais.

Página 94
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Específica a dívida do afilhado Francisco Antônio, dos compadres Joaquim e José Pinheiro e outras transações comerciais.

Página 95
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra as despesas e acertos de contas.

Página 96
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota as dívidas do compadre José Antônio e do mestre Inácio.

Página 97
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra as dívidas de Francisco Rocha e João Brás. Além disso, anota o dinheiro recebido da comadre Luzia para comprar um moleque e outras transações comerciais.

Página 98
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Relaciona as dívidas de João Ferreira, Bernardo José de Souza, João Máximo e do compadre Manoel Gomes. Registra ainda o empréstimo que tomou ao senhor Martinho para o irmão Silvério.

Página 99
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra o valor que guarda do escravo Jacinto. E outras dívidas do senhor Bernardo José em 1811. Anota ainda outras transações referentes a construção do sobrado.

Página 100
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota dívidas e acertos de contas com os compadres Antônio de Souza e José Antônio, o irmão Francisco e o mestre ferreiro.

Página 101
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve dívidas e pagamentos diversos do período de 1811 a 1814. Anota ainda o recebimento de 15 cabeças de gado como pagamento de empréstimo feito para o irmão.

Página 102
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra dívidas e acertos de contas diversos.

Página 103
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra, em 1812, o acerto com o pintor José Antônio Pinto para pintar o sobrado. Anota ainda o acerto com o canteiro para fazer os degraus e outros ajustes no sobrado, em 1813, juntamente com outras anotações contábeis.

Página 104
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Específica a venda e a compra de cargas de algodão e milho entre 1814 e 1816.

Página 105
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de diversas transações comerciais envolvendo os seguintes produtos: carne, sal, feijão, farinha. Registra ainda o dinheiro dado ao capitão do mato.

Página 106
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com o irmão Joaquim Pinheiro e os créditos de cargas de algodão que possuía em 1800. Registra ainda a entrada do mulato Vitorino para trabalhar na obra do irmão José Pinheiro.

Página 107
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra as despesas e os pagamentos que fez em 1813 e 1814.

Página 108
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota as dívidas e os pagamentos recebidos em 1815.

Página 109
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Lista as dívidas do primo Antônio de Souza e do senhor Venceslau. Anota ainda o empréstimo de cem mil réis que fez ao irmão José Pinheiro para a compra da fazenda Pedra Branca.

Página 110
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota diversas transações comerciais.

Página 111
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra diversas transações comerciais.

Página 112
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve as dívidas de Manuel Ferreira em 1815 e do compadre Caetano José Jardim em 1816, além de outras transações comerciais.

Página 113
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota transações comerciais feitas com o irmão Silvério, o afilhado José Lourenço e outras pessoas da região em 1816.

Página 114
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra transações comerciais feitas com o afilhado José Lourenço e outras pessoas da região em 1817 e 1818.

Página 115
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com o compadre Joaquim Matias e a esmola que prometeu dar para a capela. Além disso, registra outras dívidas do afilhado José Lourenço, João de Souza e sua comadre.

Página 116
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra diversas dívidas e transações comerciais do ano de 1818.

Página 117
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota a dívida que tem com a irmã Maria Francisca e o aluguel do mulato Vitorino ao primo Rodrigo de Souza Meira. Além disso, registra pagamento da dívida de Inocêncio ao primo Rodrigo e o dinheiro que pagou pela mãe a sua tia Maria.

Página 118
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra as despesas que fez com a casa da irmã Maria Francisca em 1818 e outras transações comerciais.

Página 119
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota a compra de um negro novo e outras dívidas da afilhada Ana Delfina, da comadre Joana Batista e dos compadres Joaquim Matias e Gotardo. Relata ainda a dívida de Inocêncio que alugou, por um ano, um moleque fiado.

Página 120
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de compra e venda de cargas de algodão.

Página 121
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota a carta patente de sua nomeação de capitão da Companhia do Arraial de Caetité.

Página 122
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Continuação do registro da carta patente de sua nomeação de capitão da Companhia do Arraial de Caetité.

Fólio 123r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra o termo de posse e juramento no cargo de capitão da Companhia do Arraial de Caetité.

Fólio 124v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anota receitas para curar gonorreia e feridas gálicas.

Fólio 125r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra novas receitas para curar gonorreia e outros males.

Fólio 125v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de diversas transações comerciais nos anos de 1819 e 1820.

Fólio 126r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de gados distribuídos em Santa Rosa e Santa Rita. Além disso, registra dividas diversas.

Fólio 126v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Informa o tempo e o valor do aluguel de um escravo chamado Albino e a compra da casa pertencente a Vitorino, em Santa Rosa. Anota ainda outras transações comerciais.

Fólio 127r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve as dívidas do afilhado José Lourenço e outras transações comerciais realizadas com Antônio de Souza, Antônio Teixeira e outros.

Fólio 127v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de acertos de contas (pagamentos) e outras transações realizadas

Fólio 128r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de vendas de gado realizadas nos anos de 1821 e 1825. Há também informações de pagamentos recebidos.

Fólio 128v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de contas dos irmãos Silvério e Joaquim, do afilhado José Lourenço, da comadre Maria Rosa e de outros devedores.

Fólio 129r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de várias transações comerciais realizadas com o irmão, afilhado e ouros devedores.

Fólio 129v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Registro de empréstimos realizados a várias pessoas.

Fólio 130r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor:: Inocêncio Pinheiro Pinto

Anotação de 27 de dezembro de 1822. Funciona como uma espécie de termo de abertura, indicando o início dos registros de Inocêncio Pinheiro Pinto.

Fólio 130v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Descreve um acordo que Antônio Pinheiro tinha com Maria Francisca de Assunção para comprar uma escrava e como essa situação foi resolvida após a morte do pai.

Fólio 131r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Anotações sobre um ajuste de uma casa que fez com Francisco, além disso, registra o valor pago pelos papeis de um casamento e outras dívidas.

Fólio 132r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Informa as éguas que comprou no ano de 1825, especificando o nome dos vendedores e os locais onde as soltou.

Fólio 132v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptors: Inocêncio Pinheiro Pinto.
Miguel Joaquim de Castro Mirante.

Registro de 18 de janeiro de 1838 de Inocêncio Pinheiro Pinto. Trata-se de uma reflexão a partir da análise do Livro de Razão. Logo após essa reflexão, tempos depois, Miguel Joaquim de Castro Mirante conclui, também, que não viu nada de interessante no livro.

Fólio 182v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptors: Antônio Pinheiro Pinto.
Inocêncio Pinheiro Pinto.

Antônio Pinheiro Pinto registra informações sobre o casamento de Inocêncio Pinheiro Pinto com a prima Prudência Rosa de Santa Edwiges e descreve o dote dado ao filho. Na parte de baixo, Inocêncio anota o que precisa receber para igualar o valor do dote dado a irmã.

Fólio 186r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Antônio Pinheiro Pinto registra informações sobre o casamento de sua filha Zeferina com o primo Antônio de Souza Meira e descreve o dote dado, além de ouro, prata e do enxoval.

Fólio 186r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Registra a demarcação de terras que recebeu do pai juntamente com o cunhado Antônio de Souza Meira. Anota, também, a data de entrada do mulato Juverano no ofício de carpinteiro.

Fólio 188v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Inocêncio Pinheiro Pinto.

Lista os utensílios para o oratório recebidos da mão do capitão Isidoro Moreira Magalhães

Fólio 189r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de diversas dividas oriundas da venda de carne, farinha e milho.

Fólio 189v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de algumas dividas e da data de entrada de Inocêncio e Alexandre na escola do mestre Tomas José da Costa em 23 de janeiro de 1802. Registra também a entrada de Geraldo na tenda do mestre José.

Fólio 190v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Descreve o dizimo pago, em 1804, e diversas dividas e acertos de contas envolvendo produtos como farinha, milho, algodão e feijão nos períodos de 1804 a 1816.

Fólio 191r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de diversas dívidas acertos de contas envolvendo produtos como farinha e rapadura nos anos de 1817 e 1820.

Fólio 191v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de dívidas e acertos de contas com o letrado por obras feitas.

Fólio 192r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações de dívidas que fez com a demanda dos Mendes e outas despesas.

Fólio 193r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Informa diversas dívidas e acertos de contas.

Fólio 193r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registro de dívidas feitas em 1798 e 1799.

Fólio 193v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações sobre a quantidade bezerros da fazenda entre os anos de 1799 e 1806. Registra também outras transações envolvendo gados.

Fólio 194r
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Registra a quantidade bezerros da fazenda entre os anos de 1792 e 1806. Anota também outras transações envolvendo gados.

Fólio 194v
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Antônio Pinheiro Pinto.

Anotações diversas sobre dízimos e mantimentos colhidos e negociados entre 1794 e 1802.

Fólio 195
Livro de Razão do Brejo do Campo Seco
Scriptor: Miguel Joaquim de Castro Mirante

Única anotação de Miguel de Castro Mirante. Encerra o livro informando que o jogaria no fogo.

5

OS *SCRIPTORES*

5.1 ANTÔNIO PINHEIRO PINTO

5.1.1 Ficha biográfica

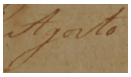
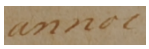
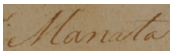
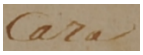
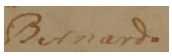
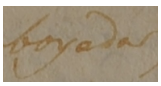
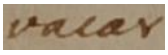
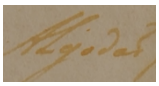
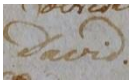
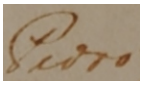
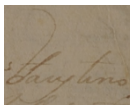
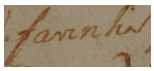
Nome completo: Antônio Pinheiro Pinto
Filiação: Não localizamos informações.
Avós paternos/maternos: Não localizamos informações.
Naturalidade: Radicado em Caetité/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: Não localizamos informações. **Data de falecimento**: Novembro de 1822
Idade (quando da escrita do documento): Não se pode definir, pois não localizamos a data de nascimento.
Estado civil: Casado com Bibiana Maria de Jesus
Instituição de ensino: Não localizamos informações.
Grau de instrução: Não há informações específicas, mas sabe-se que recebeu a instrução elementar da época: ler, escrever, contar e rudimentos de Religião e latim. Sobre a esposa também não se sabe o grau de instrução.
Profissão por formação: Não localizamos informações.
Principais atividades: Tenente de Milícia da Cavalaria de Minas de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas/BA; Fazendeiro (criador e agricultor) e Comerciante.

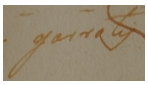
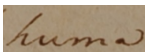
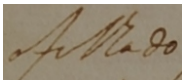
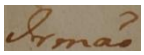
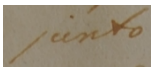
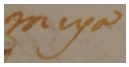
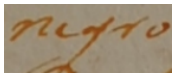
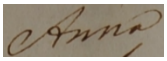
Observações: Há referências a quatro irmãos: Joaquim Pinheiro Pinto (casado com Antonia Maria de Jesus); José Pinheiro Pinto (casado com Ana Francisca da Silva), genros de Miguel Lourenço de Almeida; Francisco e Silvério.

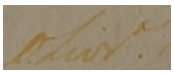
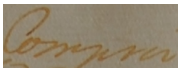
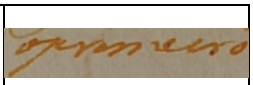
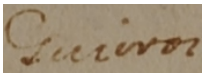
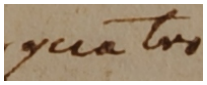
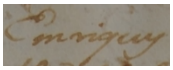
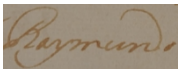
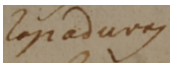
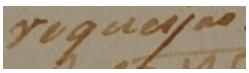
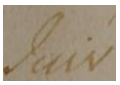
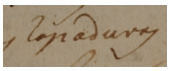
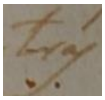
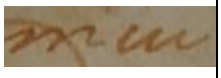
Fonte: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

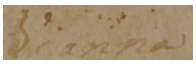
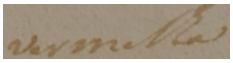
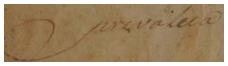
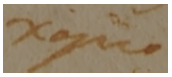
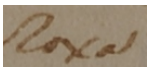
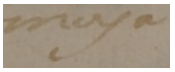
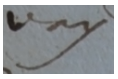
Fonte: Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

5.1.2 Quadro scriptográfico

Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	 **A**gosto [p.0, L. 7]	 **a**nnos [p.0, L. 7]	 M**a**n**a**ta [p.0, L. 6]	 caz**a** [p.0, L. 6]
B	 **B**ernardo [p.0, L. 11]	 **b**oyada [p.8, L. 12]	o**b**ras [p.0, L. 13]	Sem ocorrências
C	**C**oartas [p.2, L.10]	**c**redito [p.13, L.7]	 va**c**as [p.4, L.15]	Sem ocorrências
D	**D**eve [p.11, L.9]	**d**uas [p.4, L.15]	 ALgo**d**aõ [p.21, L.3]	 Davi**d** [p.7, L.18]
E	**E**uzebio [p.16, L.12]	**e**stao [p.50, L.10]	 P**e**dro [p.21, L.9]	Joz**é** [p.21, L.1]
F	**F**eLix [p.5, L.6]  **F**aus tino [p. 79, L.19] **F**arinha [f.193r, L.1]	 **f**arinha [p.2, L.12]	AL**f**eres [p.29, L.10]	Sem ocorrências

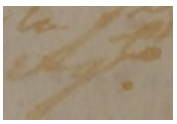
G	**G**omes [p.33, L.5]	 **g**arrotes [p.40, L.4]	obri**g**ou [p.29, L.11]	Sem ocorrências
H	**H**onofre [p.111, L.25]	 **h**uma [p.7, L.13]	Pin**h**eiro [p.13, L.1]  afil**h**ado [p.102, L.14]	Sem ocorrências
I	 **I**rmaõ p.13, L.1	**i**m pres timo [p.7, L.22]	P**i**nto [p. 13. L.1]	hoj**i** [p. 79, L.8]
J	**J**ozé [p. 79, L.1]	 **j**unto [p. 32, L.2]	ad**j**untos [f.125r, L14]	Sem ocorrências
K	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
L	**L**ourenco [p. 79, L.2]	**l**inho [p. 31, L.24]	ca**l**ças [p. 11, L. 27]	Abri**l** [f.125v, L.18]
M	**M**eira [p.31, L.23]	 **m**eya [p. 31, L.9]	Pri**m**o [p.31, L.23]	Bo**m** [p. 101, L.3]
N	**N**asci*m*en*t*o [p.118, L.20]	 **n**egro [f.123v, L.18]	 A**nn**a [p.110, L.2]	hu**n** [p. 67, L.26]

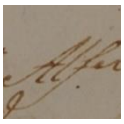
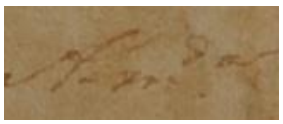
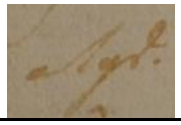
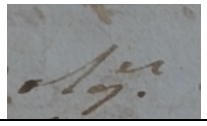
O	 **O**Liv*ei*ra [p.52, L.21]	 **o**brigado [p.7, L.2]	 C**o**mprei f.123v, L.1]	 oprimeir**o** [f.123v, L.1]
P	 **P**intor [p. 103, L.1]	 **p**intar [p. 103, L.2]	 Cam**p**o [p.107, L.4]	Sem ocorrências
Q	 **Q**ueiros [p.6, L.10]	 **q**ua tro [p.7, L.14]	 Emri**q**ues [p. 68, L.1]	Sem ocorrências
R	 **R**aymundo [p. 15, L.17]  **R**apaduras [p.6, L.10	 **r**equeijao [p.96, L.15]	 Rod**r**igo [p.102, L.2]	 pinta**r** [p. 103, L.2]
S	 **S**obrado [p. 103, L.5] **S**aber [p.103, L.7]	senhor	 e**s**cravos [f.182v, L.3] b e**s**tas [p.182v, L.16]	 Jui**s** [p.6, L.3]  Rapadura**s** [p.6, L.10]
T	 **T**heriza [f.182v, L.14] p.116	**t**rás  [p.56, L.2]	 mula**t**a [f.182v, L.13]	Sem ocorrências identificadas
U	Sem ocorrências identificadas	Sem ocorrências identificadas	 J**u**nho [f.191r, L.1]	 me**u** [p.50, L.1]

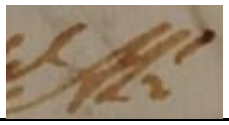
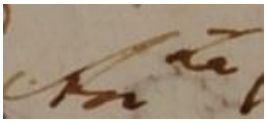
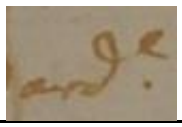
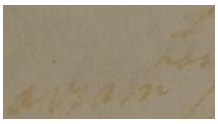
V	 **V**ianna [fg, L.8]	 **v**ermelha [p.51, L.7]	 pre**v**aleça [fg, L.3]	Sem ocorrências
W	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
X	**X**aves [p.18, L.1]	 **x**apeo [p.33, L.7]	 Ro**x**a [p. 27,L.23]	Feli**x** [p.5, L.6]
Y	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 me**y**a [p.49, L.21]	 va**y** [p.60, L.2]
Z	**Z**efirina [p.61, L.17]	Sem ocorrências	Eu**z**ebio [p.99, L.17]	F*ernande***z** [p.30, L.1]

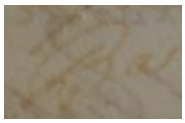
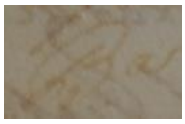
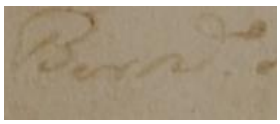
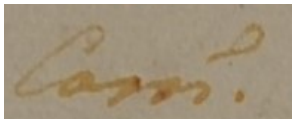
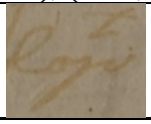
Fonte: Elaborado pelo autor.

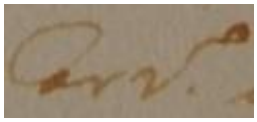
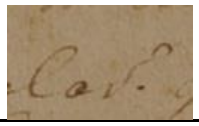
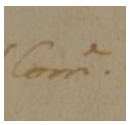
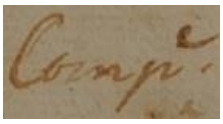
5.1.3 As abreviaturas

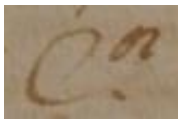
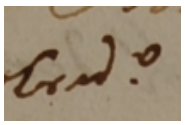
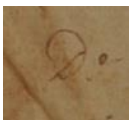
Abreviatura - Imagem	**Abreviatura desdobrada**	**Classificação**
	Abatim***en***to	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(92,L.23)		
	Ag***os***to	Contração
12 ocorrências		
(104, L.33); (107, L.4e41); (108, L.15); (111, L.13e19); (114, L.7e19); (123v, L.1e19); (127r, L.25); (128r, L.9)		
	Albu***quer*****q*****u***e	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(122,L.21)		

	Alex***andr***e	Letra sobrescrita
16 ocorrências		
(67, L.1); (89, L.4); (100, L.17); (104, L.26); (108, L.21,22); (111, L.10); (112, L.14,24); (114, L.34); (116, L.19); (123v, L.13); (125v, L.17,22); (126r,L.15); (127r, L.16)		
	Alf***er***es	Contração
10 ocorrências		
(15,L.17); (58,L.21); (60, L.15); (61, L.12); (65, L.4); (67, L.1); (87, L.27); (98, L.22); (112, L.4); (129r, L.22)		
	Alm***ei***da	Letra sobrescrita
25 ocorrências		
(Folha de guarda, L.14); (8, L.3) ; (11, L.14) ; (21, L.6) ; (23, L.19) ; (55, L.3) ; (58, L.1) ; (64, L.15) ; (79, L.2) ; (81, L.6 e 9) ; (83, L.21) ; (96, L.12) ; (99, L.10) ; (101, L.1) ; (108, L. 6) ; (112, L.18) ; (113, L. 6) ; (113, L.25) ; (115, L.10) ; (126r, L.17) ; (127r, L.33); (127v, L.1) ; (128r, L.29) ; (191r, L.11)		
	Alq***uei***re	Letra sobrescrita
49 ocorrências		
(8, L.18, 20 e 24); (28, L.3); (30, L.12); (36, L.17 e 23); (38, L.34); (41, L.3, 5, 9, 10 e 11); (42, L.15); (49, L.14); (50, L.6); (51, L.13 e 16); (58, L.10,13 e 15); (60, L.8, 24 e 30); (61, L.27 e 30); (62, L.21); (63, L.21); (67, L.18,21 e 28); (68, L.12); (72, L.17); (104, L.19); (113, L.24); (124r, L.10 e 18); (189r, L.5,6 e 7); (189v, L.6 e 28); (191r, L.2); (192r, L.11); (193r, L.22, 23, 24, 25 e 26)		
	Alq***uei***res	Letra sobrescrita
11 ocorrências		
(36, L.9); (53, L.10); (58, L.12); (61, L.29); (73, L.6, 9, 10 e 11); (94, L.20); (189r, L.8); (194v, L.4);		
	Alq***ueir***es	Letra sobrescrita

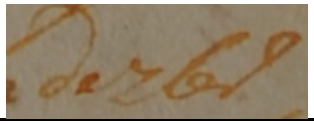
48 ocorrências		
(18, L.3 e 6); (60, L.14); (61, L.32); (84, L.15); (85, L.27); (97, L.2); (108, L.3); (118, L.29); (124r, L.7); (189v, L.15) ; (190v,L.20,21, 26 e 26, 27, 28 e 29); (191r, L.4,7,8e8,15 e 16e16); (193r, L.3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19 e 20); (194v, L.15,17,18,19e19)		
	Al***ve***s	Contração
6 ocorrências		
(53, L.12); (61, L.25); (104, L.9); (106, L.5); (129r, L.22); (193r, L.23)		
	Ant***oni***a	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(63, L.20); (85, L.36)		
	Ant***oni***o	Letra sobrescrita
118 ocorrências		
(1, L.7); (2, L.1); (5, L.27); (10, L.1); (11, L.14 e 20); (13, L.15e 24); (14, L.12); (16, L.7); (18, L.23); (19, L.25); (21, L.1 e 14); (22, L.12); (22, L.20); (23, L.19); (24, L.12); (25, L.6); (27, L.22 e 23); (30, L.6); (32, L.4); (33, L.1); (37, L.24); (42, L.4); (44, L.8); (45, L.19); (51, L.16); (55, L.3); (58, L.1); (64, L.6 e 16); (66, L.16); (67, L.13); (68, L.4); (69, L.1); (70, L.27); (72, L.8 e 26); (73, L.2); (73, L.26 e 31); (74, L.2); (75, L.4); (76, L.7); (80, L.1); (81, L.6,9 e 17); (82, L.1); (83, L.19 e 25); (84, L.8); (85, L.7,31,35,38 e 39); (86, L.1); (87, L.3); (88, L.2,4,10,11e13); (89, L.16); (90, L.1); (92, L.13,15e15); (93, L.33); (94, L.1); (96, L.12e24); (99, L.19,23e26); (101, L.1,13,29e36); (105, L.3 e 4); (108, L.7); (109, L.3); (110, L.1 e 8); (113, L.25); (114, L.8); (118, L.10 e 14); (119, L.33); (120, L.17,20 e 34); (123v, L.16,18 e 23); (124r, L.13e19); (125v, L.6,20e26); (126r, L.22); (127r, L.21,26e36); (127v, L.12 e 13); (128r, L.4,30 e 31); (129r, L.14); (189r, L.20); (191r, L.11); (193r, L.9 e 22		
	Ard***ent***e	Letra sobrescrita
7 ocorrências		
(25,L.12); (84, L.21); (86, L.13); (87, L.10); (89,L.18e20); (102, L.26)		
	Aviam***en***tos	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(128v, L.11)		

	B***arr***a	Letra sobrescrita
16 ocorrências		
(32,L.14) (63,L.5); (76, L.28); (81, L.1); (92, L.8); (124r, L.30); (125v, L.6, 9); (127r, L.7,19)		
	B***ahi***a	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(121, L.3); (122, L.3,20,23,27)		
	Bap***tis***ta	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(85,L.34); (119,L.9)		
	Bern***ar***do	Letra sobrescrita
7 ocorrências		
(23, L.12); (24, L.9); (125v, L.2 e 29); (129r, L.10); (193r, L.2); (193v, L.11)		
	Cam***inh***o	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(193r, L.16)		
	Cap***it***am	Letra sobrescrita
29 ocorrências		
(14,L.12); (23, L.10); (24, L.15); (27, L.17); (41, L.1); (74, L.13); (79, L.19); (84, L.31); (94,L.14);(104,L.12,23e29);(105,L.2,3,6e11);(106,L.9,18e28);(118,L.13e33); (123r, L.3e11); (123v, L.18); (127r, L.5,21e28); (128r, L.31); (193r, L.9)		
	Cap***it******am***	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(105,L.21)		

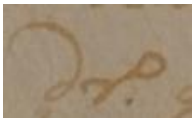
	Carv***alh***o	Letra sobrescrita
12 ocorrências		
(104,L.14,29); (105, L.3,10,21); (113, L.15); (120, L.6); (121, L.16); (122, L.4,14); (125r, L.9); (127r, L.19)		
	Cazam***en***to	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(6,L.6); (128v, L.7) (111,L.25); (123v, L.27); (124r, L.4)		
	Cav***al***o	Letra sobrescrita
28 ocorrências		
(1, L.5); (4, L.13); (8, L.13 e 22); (10, L.14); (18, L.4 e 19); (22, L.18); (23, L.8); (29, L.6); (46, L.2); (56, L.26); (57, L.2,8,9,13,15 e 22); (62, L.4 e 20); (66, L.7); (68, L.2); (79, L.27); (87, L.1); (105, L.29); (129r, L.7); (191v, L.3); (193r, L.10)		
	Com***adr***e	Letra sobrescrita
32 ocorrências		
(2, L.27); (6, L.1,14); (9, L.28); (14, L.1); (17, L.1); (21, L.8); (34, L.4); (47, L.21);(55, L.9); (58, L.13,17,19,20 e 24); (74, L.12); (96, L.28); (97, L.15); (99, L.1); (101, L.33); (104, L.31 e 32); (107, L.28); (108, L.4); (111, L.2); (113, L.10); (115, L.15); (117, L.34 e 36); (119, L.9); (128v, L.9); (129r, L.19)		
	Comp***adr***e	Letra sobrescrita
255 ocorrências		
(2, L.18 e 19); (3, L.5,16 e 17); (4, L. 15, 20 e 21); (7, L.18); (8, L.1); (9, L.17 e 22); (10, L.6 e 20); (11, L.19,22,23,24 e 27); (12, L.2 e 15); (15, L.3); (16, L.1, 12 e 14); (17, L. 6 e 7); (19, L.1); (20, L.9,10, 13 e 15); (21, L.6); (23, L.12); (25, L.1,14 e 20); (26, L.2); (27, L.1,10,13e15); (32, L.2); (33, L.7,10 e 12); (34, L.1,14 e 20); (35, L.18); (40, L.5,11 e 21); (42, L.1 e 4); (43, L. 7 e 10); (44, L.2); (45, L.1, 3, 8 e 20); (46, L.11); (47, L.13,15 e 17); (48, L.10 e 14); (49, L.27,31 e 32); (50, L.1); (51, L.1,2,23 e 32); (52, L.8,9,10,11,12, 20 e 24); (53, L.1,2,6 e18); (54, L.8); (55, L.15 e 23); (56, L.1,13,15 e 22); (57, L.1,7,12 e 26); (58, L.3,4,6,11,12e21); (60, L.2,13,14,16e26); (61, L.29); (62, L.2,10,11,13e25); (64, L.1,6 e 8); (65, L.6,12 e 13); (66, L.5 e 5,17,25 e 38); (67, L.18,26 e 32); (70, L.17,22 e 30); (72, L.11); (75, L.1,4e10); (76, L.5); (78, L.31); (79, L.1,12,25e34); (80, L.1); (81, L.1,14 e 17);		

(82, L.1,7e18); (83, L.14e25); (85, L.26); (87, L.3,6,27e37); (88, L.2); (89, L.1); (90, L.1e1, 10 e 27); (92, L.6,13 e 29); (93, L.15); (94, L.1 e 29); (95, L.2 e 8); (96, L.1,3,16,23,24 e 37); (97, L.20 e 24); (98, L.8,10 e 14); (99, L.18 e 20); (100, L.1e1,4e9); (101, L.5,13,16e36); (102, L.11,21e28,); (105, L.8); (106, L.18e21); (108, L.1,7e7e20); (109, L.4); (111, L.16); (112, L.13 e 20); (113, L.17); (114, L.23e28); (115, L.1); (118, L.3); (119, L.3e3,11,28e29); (120, L.9,19e19,24,25,30e33); (123v, L.16e23); (124r, L.1e12); (125v, L.17,19,26e29); (126r, L.14,18,19,22,23,24,27,29,30,35e38); (127r, L.26); (127v, L.15); (128r, L.4); (129r, L.2,19e29); (189r, L.20e27); (193r, L.2); (193v, L.7e9); (194r, L.21 e 22)		
	C***orone***l	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(121, L.20); (123r, L.15)		
	c***ovad***os	Letra sobrescrita
13 ocorrências		
(67,L.6); (74, L.35); (78, L.7e9); (80, L.6); (90, L.18); (100, L.17); (102, L.16e16); (103, L.23); (107, L.36); (111, L.34); (119, L.12) .		
	créd***it***o	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(4, L.10) ; (52, L.17).		
	D***ev***e	Letra sobrescrita
532 ocorrências		
(Termo de abertura, L.13);(12,L.4,5,14,24);(13,L.20,21,28);(14,L.8,10,11);(16, L.3,8,9,11,13,14,15,17,19);(17,L.6,7,8,9,10,11,12,13);(18,L.12,17,18,23);(19, L.10,13,19,22, 23,28,29,33,34);(20,L.9,10,12,13);(21,L.6,8,9,10,11,12,13,14);(22, L.1,2,4,6,7,8,10,12,13,16, 18,19,20,22,25);(23,L.6,7,16,23,25);(24,L.1,2,3,5,7,8,10,11,12,15);(25,L.1,3,4,5,6,7,8,9,10, 11,12,27);(26,L.1,2,11,12,13,14,17);(27,L.1,6,20,23,24,25,28,33);(28,L.1,10,11,12,13,14,15); (29,L.6,8,11,12,13,14,15);(30,L.1,2,3,4,5,6);(32,L.1,2,3,4,12,13);(33,L.5,6,14);(34,L.1,4,11, 15,25,26,27);(35,L.1,11,18,26,28,34);(36,L.1,9);(37,L.19,20,21,22,23,24);(38,L.8);(39,L.1,4, 7,9,11,12);(40,L.15,16,18,20,23);(42,L.1,14,18,19,20);(43,L.1,1);(44,L.14);(45,L.1,10);(46, L.1,11,12,16);(47,L.9,12,13,15,17,21);(48,L.10,11,13,14,17,19);(49,L.24,27,27,30);(50,L.1); (51,L.2,2,3,10,25);(53,L.8,9,11,17,20,20,23,23);(55,L.3,17,20);(56,L.1,1,13,13,15);(58,L.4,6,8,10,11, 12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25,26,27,28);(60,L.31);(61,L.11,21,35);(62, L.3);(63,L.20,28,28,30,30,34,36);(64,L.1,4,6,8,11,13,15,16,20);(65,L.4,19);(66,L.1,2,3,5,5,7,10,12);(67,L.1,12,13,18,26,27,32);(68,L.4,10);(70,L.22,25,28);(72,L.8,26);(73,L.18,21,26); (75,L.1,1,4,6);(76,L.4,6,16,20);(78,L.1,1,13,18);(79,L.1,6,12,14,19,25,30,31,33,34);(80,L.1,9);(81,L. 1,9,11,14,17,20,21,25,25,28,31);(82,L.1);(83,L.1,7,8,14,21,25);(84,L.2,3,8,16,19);(85, L.2,39);(86,L.6,23);(87,L.1);(88,L.1,7,15);(89,L.3,22);(90,L.1,7,29);(91,L.1);(92,L.1,2,13,29);(93,L.2 0);(94,L.1,1,17,26,29);(95,L.10,15,21,34);(96,L.1,1,23,24);(97,L.1,1,31);(98,L.1,7,8, 10,11,14,14,17,22);(99,L.2);(100,L.1,1,4,9,9,16,21,21);(101,L.1,5,10,13,16,22,26,30,34,37,40);(102,		

L.14,18,21,23,24,28,29);(103,L.19);(104,L.23);(105,L.25,37);(107,L.13);(108,L.1,1,7,10,20,22);(109, L.2,8);(110,L.1,1);(111,L.4,7,8,16,25,25,27,32,41);(112,L.13);(113,L.2,2,7,23,30);(114,L.1,12,17,20, 23,28,34,34);(115,L.1,20,30,31,33);(116,L.13,19,26,30,33);(117,L.7); (118,L.2,26);(119,L.9,18,20,25,29);(120,L.9,23,30,33);(123v,L.11,27,29);(124r,L.2,4,19,27); (125v,L.1,15,29,29,32);(126r,L.13,23,27,30);(126v,L.10,12,15,16,18,22,24);(127r,L.4,6,13); (127v,L.11,14,15,18,18,21);(128r,L.3,26,30);(128v,L.8,9,9,13,15);(129r,L.1,11,12,14,15,20, 20,25,26,27);(189r,L.1,27)

	dez***em***bro	Letra sobrescrita

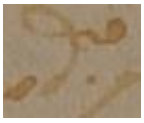
10 ocorrências
(83,L.14); (87, L.29); (99, L.5); (109, L.16); (111, L.39); (113, L.27e27); (115, L.32); (116, L.35); (117, L.9)

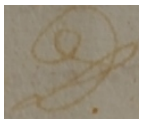
	d***inhei***ro	Letra sobrescrita

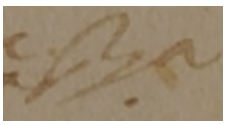
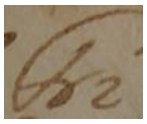
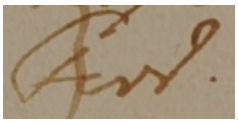
431 ocorrências
(3,L.10,11); (4, L.20); (5, L.9); (7, L.12, 23, 25); (8, L.15,23); (9, L.26); (10, L.13,17,21); (12, L.1);(13,L.12);(15,L.4,5); (17,L.5,13); (18,L.3); (21,L.3); (22,L.8,13); (23,L.7); (25, L.15,17); (27,L.14,21);(28,L.10);(30,L.9,16);(31,L.6,20,21,22);(37,L.22);(42,L.3,4,20);(43,L.5,10,12,13 13,14); (44, L.4,7); (45, L.11,15,20); (46, L.13,15,17); (48, L.12,20); (49, L.14,22,24,36); (50, L.3,4,6,8); (51, L.3,9,10,11,15,18,27,30); (52, L.15,18); (53, L.6,25); (55, L.22); (56, L.4, 7, 11,18,19);(57,L.3,4,18,19);(58,L.4,13);(60,L.31); (61,L.3,3,4,18,21,22,23,25,26,29,30,31,33); (62,L.14,18,20,21,22,22,23,25);(66,L.22,25,26);(67,L.19,20,27,37,40);(68,L.8,9);(70,L.1,3,4,7,8,9,14 ,16,28,30,34);(72,L.4,6,12);(74,L.4,5,6,7,7,9,9,10,11,12,13,14,17,18,19,22,24,36,36, 40,42,44,45);(75,L.21,22,25);(78,L.5,19,21,26,27,29,39);(79,L.5,8,9,10,11,15,19,20,24,25,26,32);(80, L.1,4,5,14,18,26,32,34,38,39,40,41,45,46);(81,L.9);(82,L.2,3,7,11);(84,L.26,30); (85, L.12,14,14,17,40,41);(86,L.2,4,8,11,38,42);(87,L.7,9,20);(88,L.10);(90,L.3,4,8,10,29,29,30); (91,L.2,7,9,10,12,26); (92,L.4,10,11,16,16,17,23,24,31,35,36,37,40); (94,L.3,8,15,18,20,21, 22,22,23,23,30);(95,L.11,11,21);(96,L.5,6,7,9,14,15,16,27,28);(97,L.4,6,15,18,22,23,24,27,2829,34,3 8,42);(98,L.15,23);(99,L.2,3,10,12,13,17,18,18,20,22,23,29);(100,L.25);(102,L.34); (103,L.8,16,17,19,29,34);(104,L.1,4,14,15,1617,19,29,34);(104,L.1,4,14,15,16,17,21,22,29,31,31,32) ;(105,L.2,4,8,9,15,18,22,30);(106,L.13);(107,L.9,11,24,25,26,37);(108,L.4,5,6,10,12,12);(112,L.11,2 0,23,25,27,28,29,30,30);(113,L.10,14,15,18);(114,L.5,6,7);(115,L.5,6,17,23); (116,L.19,30);(117,L.15,19,20,26,40,41);(118,L.4,5,9,10,11,15,17,27);(119,L.7,19,21,33); (120,L.11,16,18);(123v,L.10);(125v,L.7,8,9,27,30);(126r,L.13);(127r,L.5,6);(127v,L.2,6,8,10,18);(12 8r,L.12,18,22,23,30,34,37);(129r,L.14,20);(191v,L.2,3,5,7,8,9,10,11,13);(192r, L.5,6,7,8,12,13);(193r,L.7,13,14,16,17,18,19)

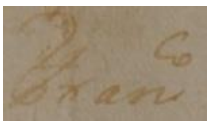
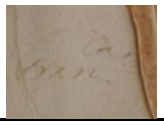
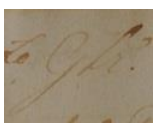
	dinh***ei***ro	Contração

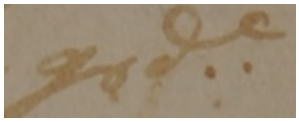
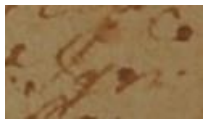
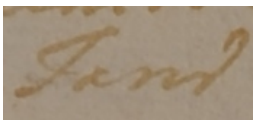
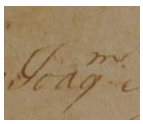
29 ocorrências
(3,L.6); (4,L.1,14); (5,L.7,11,12); (6, L.9,10,12); (7,L.23,25); (8, L.6,15,19,23); (11, L.14); (12, L.22); (15, L.10); (35, L.6,8,9); (68, L.13,16,30,33,36,38,39); (193r,L.10)

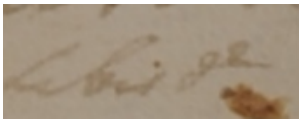
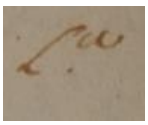
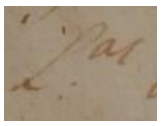
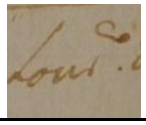
	d***it***o	Letra sobrescrita

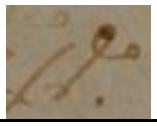
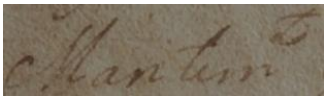
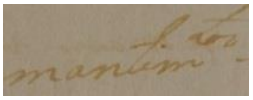
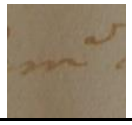
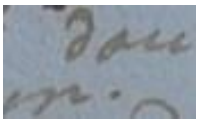
126 ocorrências		
(2, L.21,26); (3, L.6); (4, L.10,20); (5, L.9); (7, L.12); (9, L.27); (10, L.21); (11, L.3,6); (12, L.1); (13, L.12); (22, L.8,14); (23,L.7,19,21); (24, L.5); (25, L.15,18,25); (27, L.20,28,29); (28, L.7,9); (31, L.17); (32, L.3); (33, L.8); (37, L.22); (40, L.8); (49, L.22); (50, L.8); (52, L.10,20,24); (53, L.6); (54,L.3); (55, L.17); (61, L.10,20,31); (62, L.13); (63, L.1,34); (64, L.12,17); (65, L.8,13); (67, L.27,31); (70, L.13,26); (72, L.6); (78, L.34); (83, L.10); (84, L.25,30,36); (85, L.15,20); (86,L.6); (87, L.24,27,29); (89, L.10,17,25,26); (90, L.25,27,28); (91, L.27,35); (92, L.25,33); (94, L.14); (96, L.20,21); (98, L.14,17); (99, L.9,19,28); (103, L.15,19); (105, L.10); (106, L.9,27); (107, L.7,7,23,25,26); (109,L.8,10,19,30); (111, L.11,17,25); (112, L.20); (113, L.15,21,30); (114, L.9,15); (116, L.14); (117, L.41); (119, L.5,21,29); (123v, L.4,23); (125v, L.17); (126r, L.6,29,33,38); (127r, L.37); (128r, L.13,24); (189r, L.1,27); (190v,L.24); (193r, L.18); (193r, L.7)		
	D***om***	Suspensão
1 ocorrência		
(122,L.6)		
	D***oming***os	Letra sobrescrita
10 ocorrências		
(10,L.1); (21, L.12); (91, L.1); (98, L.2); (104, L.17 e 23); (111, L.12); (112, L.36); (113, L.27); (193r, L.20)		
	D***ona***	Suspensão
7 ocorrências		
(6, L.14); (58, L.19); (63, L.20); (106, L.10); (111, L.2); (117, L.36); (129r, L.19);		
	Eng***enh***o	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(93,L.17,24)		
	enx***ad***a	Suspensão
3 ocorrências		
(66, L.28); (78, L.15,16)		
	F***a***r***inh***a	Letra sobrescrita
140 ocorrências		

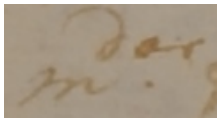
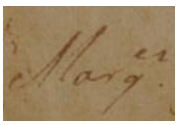
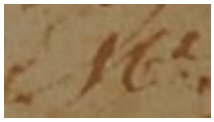
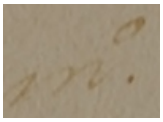
(11,L.7);(22,L.6);(27,L.19,20);(30,L.13);(36,L9,11,16,20,22,23); (37, L.4,5,6,7,11,14,16,17); (38, L.9,10,12,14,15,16,17,19,20,21,23,24,25,28,29,31,32);(41,L.3,5,6,7,8,9,10,11,13); (42, L.9,17,21,23,24);(48,L.12);(49,L.4,10,17);(51,L.12,17,27);(53,L.3);(60,L.8,30); (61,L.27,29, 37);(62,L.21);(63,L.21);(67,L.18,21,26,28,35,39);(68,L.7,11,12,13,21,22,24,26,28,29,31,32, 35,41);(70,L.2);(72,L.9,12,14,17,18);(73,L.7,10,11,36,37);(74,L.3,4,8,10,16,20,23,24,26);(79, L.21);(80,L.36,37,39,40);(85,L.27);(90,L.32,33,37);(91,L.10);(96,L.13,18,25);(97,L.4,37,41); (104,L.18);(105,L.5,10,12,17,19,23,29,34);(108,L.3);(113,L.4);(124r,L.8,9,10);(189r,L.3,17, 18,20)		
	Far***inh***a	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(58, L.10,12,16); (70, L.11)		
	F***azend***a	Contração
13 ocorrências		
(87,L.25); (105, L.1); (107, L.23,35); (111, L.10); (118, L.16,19); (119, L.11); (126r, L.3, 10,10,13); (132r, L.4)		
	F***er******nande***z	Contração
14 ocorrências		
(23, L.6,14); (24,L.1); (24, L.2,8); (30, L.1); (33, L.12); (74, L.13) (91, L.1,8); (96, L.11); (102, L.29); (189r,L.12); (193r, L.9)		
	Ferr***ei***ra	Letra sobrescrita
14 ocorrências		
(Folha de guarda, L.14); (1, L.13); (4, L.3); (33, L.1); (73, L.2); (75, L.1); (89, L.6); (98, L.1); (112, L.2 e 8); (113, L.35); (116, L.3); (189v, L.21 e 26)		
	Fev***erei***ro	Letra sobrescrita
11 ocorrências		
(52, L.4e23); (76, L.28); (79, L.7); (92, L.12); (107, L.27); (111, L.17e19); (117, L.19); (125v, L.27); (127r, L.18)		
	f***ilh***o	Contração
5 ocorrências		
(73,L.22); (110, L.2); (112, L.35); (127r, L.34); (182v, L.1).		

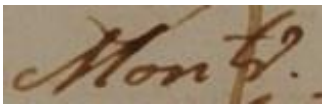
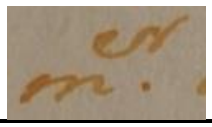
	f***olha***	Suspensão
8 ocorrências		
(Folha de guarda, L.5); (91, L.35); (122, L.19,25e25,26,26e26)		
	Fran***cis***co	Letra sobrescrita
68 ocorrências		
(3,L.3); (6, L.17); (13, L.26); (19, L.24); (24, L.15); (25, L.4e19); (33,L.13); (41,L.2); (45, L.1); (50, L.3); (51, L.28); (52,L.15); (53, L.22); (54, L.3); (55, L.8e14); (58, L.6); (65, L.19); (70, L.1); (72, L.26); (73, L.26,31e37); (76, L.7,22e29); (81, L.28); (83,L.1e24); (84, L.11e19); (85, L.2,7e9); (87, L.10); (88, L.4); (89, L.13); (91, L.1); (94, L.1,17e24); (97, L.1); (99, L.23e29); (100, L.16); (101,L.19); (102, L.18); (104, L.7,12e17); (106, L.13e15); (109, L.24e31); (113, L.32); (118, L.26); (126r, L.3e10); (127r, L.1,29e30); (129r, L.1e25); (182v, L.6); (189r, L.9); (193r,L.6); (194r, L.22)		
	Fons***e***ca	Contração
1 ocorrência		
(76, L.20)		
	Fr***ancis***co	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(62,L.14e22); (72, L.8); (113, L.12)		
	Fran***cis***ca	Letra sobrescrita
11 ocorrências		
(6,L.1e14); (58, L.13); (63, L.36); (117, L.9e37); (118, L.3); (123v, L.28); (124r, L.2e26); (129r, L.19)		
	g***era***l	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(122v,L.24).		
	G***onça***l***ve***s	Contração
21 ocorrências		
(12,L.15); (18, L.1); (19, L.23); (21, L.9 e 11); (39, L.6e6); (51, L.25); (53, L.23); (65, L.1);		

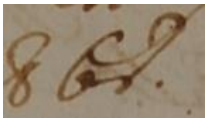
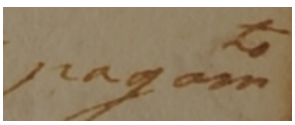
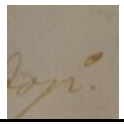
(67, L.2); (104, L.41); (109, L.8); (111,L.7 e 8); (112, L.6); (116, L.22); (123v, L.7); (193r, L.19); (193r, L.11 e 14)		
	gr***an***de	Letra sobrescrita
23 ocorrências		
(1,L.13); (22, L.10); (46, L.1); (61, L.4 e 22); (70, L.13); (73, L.21 e 23); (75, L.6); (86, L.6); (88, L.11); (97, L.6 ,9, 31 e 45); (105, L.15); (108,L.10); (118, L.4,5,7 ,9 e 20); (191r, L.10)		
	Ign***ac****i*o	Letra sobrescrita
23 ocorrências		
(1,L.13); (22, L.10); (46, L.1); (61, L.4 e 22); (70, L.13); (73, L.21 e 23); (75, L.6); (86, L.6); (88, L.11); (97, L.6 ,9, 31 e 45); (105, L.15); (108,L.10); (118, L.4,5,7 ,9 e 20); (191r, L.10)		
	Jan***ei***ro	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(58,L.17); (85, L.28); (101, L.33); (104, L.32); (186r, L.11)		
	Joaq***ui***m	Letra sobrescrita
95 ocorrências		
(Folha de guarda, L.6); (2, L.4, 5 e 19); (3, L.1); (4, L.19 e 21); (7, L.19); (8, L.12); (9, L.15 e 30); (10, L.4); (11, L.18 e 26); (15, L.9); (16, L.12); (17, L.4); (19, L.4); (20, L.17); (22, L.8 e 9); (25, L.8 e 15); (27, L.23); (28, L.5 e 15); (30, L.4); (35, L.28); (39, L.12); (47, L.15); (51, L.10 e 30); (53, L.10); (55, L.11 e 13); (56, L.1); (57, L.1,7,12 e 16); (58, L.2); (58, L.4 e 14); (64, L.1 e 20); (66, L.26); (74, L.45); (75, L.11,13e14); (76, L.1); (78, L.13); (79, L.25); (81, L.14); (83, L.7,8,14 e 20); (84, L.16); (85, L.27); (89, L.1e17); (90, L.10); (94, L.1); (97, L.19 e 44); (100, L.21); (101, L.5 e 21); (102, L.24); (106, L.1 e 9); (107, L.1 e 26); (115, L.1); (119, L.3); (120, L.6,11 e 17); (125v, L.6); (126r, L.14 e 22); (127r, L.34 e 36); (127v, L.5 e 12); (128r, L.23 e 30); (128v, L.12); (129r, L.4); ; (186r, L.6); (186v, L.8); (191v, L.15); (194r, L.23)		
	Joaq***ui***na	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(58,L.17); (85, L.28); (101, L.33); (104, L.32); (186r, L.11)		

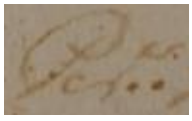
	Liber***da***de	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(85,L.13)		
	L***ibr***a	Letra sobrescrita
56 ocorrências		
(25, L.3); (30, L.16); (31, L.3,4,8,9,13,24,25 e 27); (34, L.11,24 e 25); (35, L.13,14,22,30 e 32); (37, L.13); (62, L.17,25 e 26); (66, L.36 e 37); (67, L.16, 36); (73, L.24, 27 e 32); (76, L.20, 24); (78, L.4 e 22); (79, L.22); (80, L.19 e 48); (84, L.7 e 24); (91, L.16); (94, L.2, 5,13 e 26); (96, L.25); (102, L.9 e 22); (105, L.21,); (107, L.16 e 17); (108, L.22); (109, L.1); (119, L.23); (120, L.30 e 32); (126r,L.25); (129r, L.6)		
	L***ibr***as	Letra sobrescrita
73 ocorrências		
(31, L.5 e 7); (37, L.3 e 8); (38, L.27 e 28); (49, L.5,8,9,11 e 15); (51, L.26); (65, L.20); (67, L.22); (68, L.8,14,23,30 e 40); (72, L.13,15,21,22,24,30,33,38,40,41 e 42); (73, L.30,31 e 33);(74, L.5,11 e 36); (76, L.12 e 26); (79,L. 26); (80, L.10 ,23 e 33); (82, L.8); (83, L.9,10,15 e 26); (87, L.15,16,17 e 21); (90, L.6 e 11); (91, L.23); (92, L.17); (94, L.19); (95, L.16); (96, L.12, 28 e 30); (100, L.24); (102,L.10); (105, L.6,18,27,35); (108, L.3,23 e 24); (109, L.4); (118, L.6); (129r, L.30); (189r, L.16)		
	L***inh***o	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(15,L.24); (96, L.4,4); (124r, L.17)		
	L***ivr***o	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(122, L.20e26)		
	Loure***n***ço	Letra sobrescrita
14 ocorrências		
(16, L.14); (20, L.9); (21, L.6); (32, L.2); (50, L.2); (53, L.18); (58, L.8); (63, L.28); (67, L.18); (79, L.20); (102, L.14,29e36); (114, L.12); (116, L.13); (128v, L.9)		

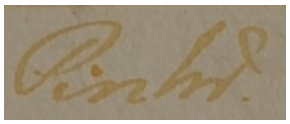
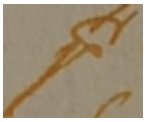
	L***ou*****r*****en***ço	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(56,L.21)		
	M***a***rço	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(92, L.16)		
	Mantim***en***to	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(61,L.35); (73, L.5e17); (194v, L.8e16)		
	Mantim***en***tos	Letra sobrescrita
11 ocorrências		
(16, L.6); (23, L.9); (33, L.1); (37, L.1); (40, L.20); (44, L.8); (51, L.25); (63, L.29); (91, L.2); (124r, L.5); (127r, L.5)		
	Mig***ue***l	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(57,L.28); (112, L.3)		
	m***ey***a	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(23, L.6); (35, L.32); (38, L.30); (74, L.37); (94, L.26).		
	m***an***dou	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(60,L.7).		
	m***an***da	Letra sobrescrita
2 ocorrências		

(60,L.15e17).		
	M***an***dar	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(95,L.21).		
	M***ano***el	Letra sobrescrita
126 ocorrências		
(3,L.17); (4, L.4,10,15); (7, L.2,11,22); (8, L.3,12); (10, L.19,20); (11, L.22,23); (12, L.14); (15, L.17); (16, L.6,14); (17, L.6.8); (18, L.10); (19,L.16); (20, L.14); (21, L.6); (22, L.1,4,7,19); (23, L.14); (25, L.1); (27, L.6); (29, L.10); (31, L.10,14); (33, L.14); (34, L.15); (38,L.8,34); (42, L.8,12,20); (43, L.1,8,10,16); (47, L.1,9,13,20,22); (55, L.6,12,14); (56, L.17); (57, L.33); (58, L.3,6,21,27,28); (60, L.7,15); (61, L.25); (62, L.25); (63,L.2,28,30); (66, L.12); (67, L.12,18,32); (68, L.10); (69, L.7); (70, L.19,30); (76, L.16,20); (79, L.1,34); (85, L.26); (87, L.24,34); (88, L.1,15) ; (89, L.22); (92, L.22); (95, L.21); (97, L.21); (98, L.14) ; (102, L.21,28,31); (108, L.1); (110, L.1); (111, L.7,8,16,32); (112, L.2,5,21) ; (113, L.34); (114, L.23,28,34); (118, L.4,5,7,9,20); (120, L.9,10,33); (125v, L.6,29) ; (126r, L.23,35); (127r, L.23,28); (127v, L.15); (128r, L.26); (128v, L.13) ; (129r, L.22); (189r, L.13,15); (192r, L.1) ; (193r, L.3)		
	M***ari***a	Letra sobrescrita
10 ocorrências		
(73,L.18); (81, L.11e21); (85, L.28e29); (106, L.10); (117, L.9); (118, L.3); (124r, L.26); (129r, L.25).		
	Marq***u***es	Letra sobrescrita
12 ocorrências		
(14,L.12); (17, L.9); (23, L.10); (35, L.32); (37, L.1); (38, L.8,9,34); (40, L.20); (112, L.6); (126r, L.2); (129r, L.7)		
	M***estr***e	Letra sobrescrita
9 ocorrências		
(1,L.13); (95, L.10); (96, L.20); (97, L.31e45); (99, L.17e24); (100, L.21); (108, L.10).		
	m***ilh***o	Letra sobrescrita
12 ocorrências		

(18, L.7); (28, L.3); (46, L.13); (100, L.10e13); (104, L.24); (118, L.29e32); (189r, L.2,14,23e25)		
	m***inh***a	Letra sobrescrita
40 ocorrências		
(1, L.16); (2, L.27); (3, L.9); (6, L.1e14); (9, L.9e28); (15, L.11); (17, L.1e13); (18, L.21); (21, L.8); (34, L.4); (47, L.3); (58, L.13); (64, L.9); (83, L.25); (85, L.12); (102, L.16); (104, L.32); (105, L.4); (107, L.30); (108, L.26); (111, L.2e14); (115, L.15); (117, L.25,26e26e36); (118, L.2); (119, L.18); (124r, L.2,6e25); (126r, L.9); (128v, L.9); (129r, L.19e25); (186r, L.1)		
	M***orei***ra	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(105, L.15)		
	Mont***ei***ro	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(52,L.18); (56, L.11)		
	m***ulh***er	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(58,L.18e22); (63, L.9,11e36).		
	Nascim***en***to	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(22,L.1); (27, L.6); (31, L.10); (118, L.20)		
	N***ossa***	Suspensão
2 ocorrências		
(121, L.8); (122, L.11).		
	Novembro	Mista: numeração arábica e letra sobrescrita
13 ocorrências		
(1,L.5); (40, L.12); (58, L.1); (82, L.22); (106, L.27); (109, L.7); (112, L.18); (114, L.38); (117, L.10); (119, L.33); (123v, L.9); (129r,L.15); (132r, L.15)		

	Oliv***ei***ra	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(32,L.4); (52, L.21); (120, L.9); (129v, L.16)		
	***Outu***bro	Mista: numeração arábica e letra sobrescrita
16 ocorrências		
(8,L.30); (28, L.7); (52, L.7); (80, L.3); (101, L.2); (114, L.22,32e37); (115, L.34); (117, L.14); (120, L.3); (123r, L.2); (126r, L.6); (129r,L.23); (191r, L.9)		
	p***rimei***ro	Letra sobrescrita
23 ocorrências		
(Termo de abertura,L.17); (52, L.7,22); (47, L.12); (73, L.17); (79, L.13); (85, L.36); (90, L.02,28,28); (97, L.15); (99, L.32); (107, L.04); (116, L.33); (117,L.14); (119, L.27); (120, L.32); (123v, L.1); (123v, L.19); (126r, L.8); (127r, L.4); (128r, L.9); (194v, L.1)		
	P***adr***e	Letra sobrescrita
19 ocorrências		
(2,L.7); (6, L.6e7); (7, L.19); (9, L.16); (11, L.1,10e12); (26, L.10); (45, L.6); (51, L.4,6e28); (92, L.17); (104, L.32e33); (110, L.5); (131r, L.4); (189r,L.12)		
	pagam***en***to	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(101,L.19)		
	p***an***o	Letra sobrescrita
57 ocorrências		
(7, L.26); (15, L.19); (28,L.2,4); (31, L.23); (38, L.30,36); (39, L.2); (43, L.2,6,8,10); (45, L.18); (58, L.8); (60, L.15,32); (61, L.24); (62,L.24); (63, L.8); (67, L.5); (68, L.18); (73, L.24); (76, L.23); (78, L.7,7,9,10,24,41); (80, L.15,25,28,29,37); (84, L.35); (86, L.11,30,43); (88, L.8); (89,L.19); (91, L.23); (94, L.11); (96, L.4,8,10); (97, L.42); (103, L.12,22,33); (107, L.36); (115, L.4); (118, L.28); (119, L.13,19,20); (124r, L.15,16)		
	p***ar***a	Letra sobrescrita

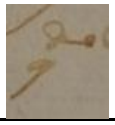
348 ocorrências		
(2, L.14,15); (3, L.6,9,10,15,17); (4, L.18); (5, L.9); (6, L.6,8); (8, L.8,13,16,21); (11, L.28); (12, L.22,25,28); (13, L.2,4,8); (15, L.12); (18, L.19); (20,L.3,7,10); (22, L.8,14); (27, L.14,28,29); (29, L.1,9); (30, L.7,8,11,13,15); (31, L.1,17,21,22,23); (33, L.8,9,12,14); (34, L.4); (38, L.31,37); (40, L.5); (44, L.2,6,11); (45, L.5,6,13,21,22); (46, L.14); (47, L.3,6); (49,L.14); (51, L.3,6); (52, L.27); (53, L.4); (55, L.22); (56, L.4,5); (57, L.14,21,24,30); (58, L.5,9,15); (60, L.2,34); (61, L.4,16,17,19,21,23,23,24,25,26,27,35,39); (62, L.22,22,29); (63, L.5,10,32,33,38,39); (64, L.2,5,7,9,12,13,21); (65, L.2,2); (66,L.15); (67, L.19,37); (68, L.6); (70, L.9,20,20,23); (73, L.3); (74, L.17,22,36,45); (75, L.8,11,13,20,32); (78, L.43); (79, L.4,12,13,29); (80, L.1,2,4,5,26,47,49); (81, L.1,10,12,15,18,22,26,29,31); (82, L.19,20); (85, L.11); (86, L.2,2,41); (87,L.33,35); (88, L.7,9,13); (89, L.2); (90, L.39); (91, L.4,30,35,37); (92, L.26,41); (93, L.17); (94, L.17,23,23); (95, L.4,6,33); (96, L.11,12,28,38,38); (97, L.16); (98, L.3,5,18,19); (99, L.5); (101, L.2,19); (102,L.5,16); (103, L.3,3,4,6,10,12,12); (104, L.5,7,11,25,32,42); (105, L.18); (106, L.2,24); (107, L.24); (108, L.4,11,13,26); (109, L.6,10,10,21,21,22);(111,L.5,19,33,42);(112, L.4,6,16,19,24,25,27,28,29,31,33,33,34,35,37,38);(113,L.9,22,33);(114, L.3,6,8,13,17,20,25,30,35,36,40); (115, L.1,3,3,17,18,20,32); (116, L.11,17,31); (117,L.1,5,8,15,25,31,34,35,38); (118, L.5); (119, L.10,31,35); (120, L.22); (122, L.17); (123v, L.5,9,18); (124r, L.16,26,27,29); (124v, L.1,8,19); (125r, L.6,11,19,28); (125v, L.6,15,17,30,31); (126r, L.26,33); (126v, L.9); (127r, L.7,14,19); (127v,L.10,13);(128r,L.18,21,22,22,24,28,29,30,32,34);(128v,L.4,6,7,11,16);(129r, L.16,16); (191r,L.1);(191v,L.2,14,15);(192r,L.1,4,5,15);(193r,L.7,10,16,17);(193r, L.15,16,17,18,19, 20,22,23,24,25,26,28); (194v, L.8,15,20)		
	P***a***ta***ca***s	Letra sobrescrita
10 ocorrências		
(64,L.2); (66,L.10); (93,L.35); (126r,L.4,5,6); (127r,L.37,38,39,40)		
	P***a***ta***ca***	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(90,L.2); (97, L.9); (115, L.5)		
	p***e***lo	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(113,L.3); (127r, L.36)		
	Per***eir***a	Letra sobrescrita
22 ocorrências		
(11,L7,19e27.); (33, L.23); (57, L.5e28); (61, L.21); (70, L.29); (78, L.1); (79, L.14); (88, L.2e12); (99, L.21); (103, L.3); (108, L.1); (109,L.6); (112, L.1e2); (129r, L.22); (189r, L.3); (193r, L.5e22)		

	Pinh***ei***ro	Letra sobrescrita
92 ocorrências		
(3, L.20); (6, L.15); (8, L.1,9,27,30); (10,L.6); (12, L.25); (13, L.6); (15,L.3,5,9,10); (19, L.4); (24, L.14,17); (25, L.14,20); (27, L.1,10,13); (31, L.5,21); (34,L.14, 20); (35, L.28); (40, L.5); (42, L.1); (44, L.2); (50, L.4); (51,L.24,32); 52, L.8,9,11,25); (53, L.22); (56, L.1,13,15,23); (57, L.27); (58, L.12); (62, L.1,10,12); (65, L.3); (68, L.2); (75, L.3); (76, L.3); (78 ,L.31); (83, L.8); (87, L.6); (89, L.3,9); (94, L.29); (95, L.2); (96, L.3,16); (97, L.24); (100, L.21); (101, L.16); (102, L.18); (104,L.3); (106, L.1,25); (107, L.24,26,31); (109, L.4,7,18); (114, L.33); (117, L.7,30); (120, L.19,23,30); (121, L.14); (125v, L.15); (126r, L.13,27,30); (127v,L.18);(129r,L.1,2,19,25,27)		
	P***or***	Suspensão
467 ocorrências		
(Folha de guarda, L.8); (2,L.6,10); (3,L.5,6,8); (4,L.3); (5,L.6,7,8,9,10,11,12,28,29,30); (6,L.4,5,6,7,8,9,10,16); (7,L.5,23,26,27); (8,L.2,13,14,15,16,17,18,19,20,22,24,26); 9,L.5,29,30); (11,L. 8,9); (15,L.20);(17,L.5);(18,L.2,3,4,5,6,7,20);(19,L.24);(22,L.26);(23,L.4,5,21);(27,L.2,10); (28,L.2,3,4,5);(29,L.9);(30,L.11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21);(31, L.3,4,5,6,7,8,9,10,11,12, 13,14,15,17,18,19,21,22,23,24,25,26,27,28,29);(32,L.5,6);(34,L.5,12);(35, L.2,3,4,5,6,7,8,9, 12,13,14,15,16,19,20,22,23,30);(36,L.2,3,4,5,10,11,12,16,17,18,19,20,21,22,23); (37,L.3,4,8, 9,10,11,12,13,14,15,16,17);(38,L.2,3,4,5,6,7,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,21,22,23,24,25, 26,27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,38); (39, L.2,3); (41, L.3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14); (42, L.15,16,17,21,23,24,25,26,28,29,30,33); (43, L.2,5,6,7,8,10,11,12,13,14,24,27,28); (45, L.10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,20); (46, L.6,7,8,9,13,14,16,17,18,19); (49, L.2,3,4,4,5,5,6,6,7,7,8,8,9,9,10,10,11,11,12,12,13,14,14,15,15,16,16,17,17,18); (50, L.4,5,6,7,8,9); (51, L.8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,17,18,18,19,20,26,27,27,28,29,29,31); (52, L.13); (53, L.7,10,12,15); (56, L.5,6,9,10); (57,L.2,3,4,5,6,34); (58, L.8,9,10,11,12,13,14); (60, L.17,19,20,27,28,29,30,31,32); (61, L.14,22,23,24,25,26,27,28,29,30,33); (62, L.21,24,25); (63, L.6,8,9,10,17,18,21,21,22); (66, L.7,8,9,10,11,14,15,17,19,20,22); (67, L.2,3,4,5,6,17,18,28,29,30,31,33,36); (68, L.12); (72, L.9); (73, L.24,25); (74, L.34,35,36,37); (79, L.7); (83, L.9,10,15); (89,L.18,19); (90, L.9,16); (91, L.2,3); (92, L.15); (93, L.3,4,5,16,17,18,19,20,21,22,23); (97, L.2,2,32,33); (98, L.9,11); (100, L.3,10,11,12,13,17); (102, L.15,19,24); (103, L.33); (104, L.18,24); (105, L.5,6,38); (109, L.2); (111, L.19,26,30,35); (116,L.27); (118, L.27,28); (119, L.4,12,13,14,18,19); (124r, L.7,8); (189r, L.2,13,17,20); (189v, L.2,3,4,6,8,23,23,24,24,25,26,28,29,30,31,32,33); (191v, L.2,3,4,5,8,9); (192r, L.4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14); (193r, L.7,11,13,14,16,17,18,19)		
	p***o***r	Letra sobrescrita
116 ocorrências		
(2, L.1); (9, L.15); (24, L.9); (27, L.29); (53, L.7); (56, L.5,6,19); (57, L.21); (58, L.9,19); (61, L.14,37); (62, L.21); (65, L.19,20); (66, L.22); (68, L.3); (72, L.5); (73, L.11,21,22,23, 27); (74, L.27,29,33) ; (75, L.19); (76, L.26,27); (78, L.20); (79, L.19); (83, L.8,9,27); (84,		

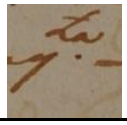
L.9); (85, L.14); (86, L.3,30); (87, L.10); (88, L.9,12,21); (89, L.12,14,16); (90, L.9); (93, L.21,22);(94,L.20); (95, L.16); (97, L.16,30); (102, L.15,24,25,30); (103, L.6,7,11,14,14,20); (104, L.2,9,10,11,14,18,21); (105, L.6,10); (106, L.21,23); (108, L.3,10); (109, L.8); (111, L.30);(112,L.12,16,21,27); (113,L.13,15,16,17,21,30); (115,L.6,10,16,34); (116, L.27,28,34); (117, L.17,21,36); (118, L.21) ; (120, L.11,14); (123r, L.8); (123v, L.3,5,7,23); (125v, L.30); (126r, L.4,37); (126v, L.1,1,5,23); (127v,L.16); (128r, L.25);

	Pr***im***o	Letra sobrescrita

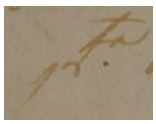
4 ocorrências
(34,L.3); (52, L.15); (83, L.16); (112, L.20)

	q***uan***do	Letra sobrescrita

13 ocorrências
(58,L.16); (65, L.2); (84, L.30); (87, L.35); (91, L.4); (104, L.25); (117, L.37); (125r, L.20); (125v, L.31); (126r, L.26e32); (189r, L.22); (191v,L.14).

	q*uanti*a	Letra sobrescrita

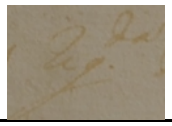
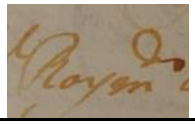
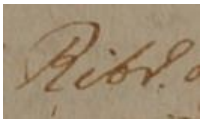
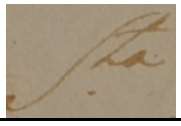
5 ocorrências
(9,L.25); (13, L.9); (33, L.13); (82, L.23); (116, L.27)

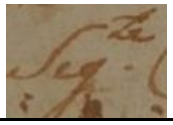
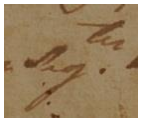
	q***ua***rta	Letra sobrescrita

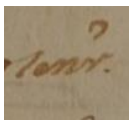
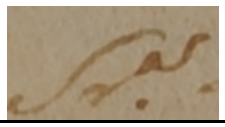
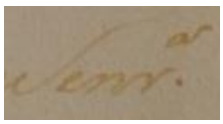
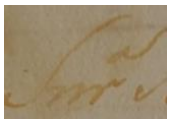
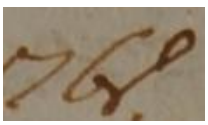
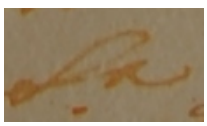
7 ocorrências
(22,L.10); (74, L.31); (105, L.10,12,23); (113, L.4); (125r, L.2)

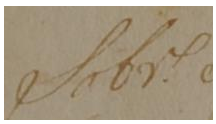
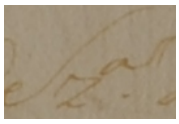
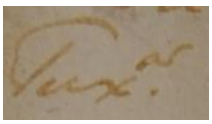
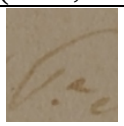
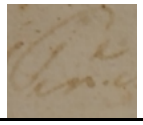
	q***ue***	Suspensão

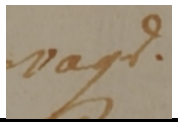
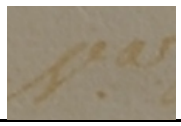
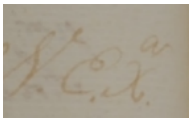
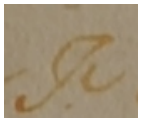
716 ocorrências
(Folha de guarda,L.11);(1,L.24);(2,L.11,12,15);(3,L.6,15,17);(5,L.7,9,11,15,22);(6, L.6,7,8, 9,10,12,12);(7,L.17);(8,L.5,12,13,21,22,25,29);(9,L.4,12,15,16,17,29,30);(10, L.10,10,10,13,17,21); (11, L.14,17); (12,L.5,12,22); (13, L.2); (14, L.9); (16, L.4); (17, L.3,4,5); (18, L.10,11,21); (19, L.20,23); (20, L.3,7,11); (21, L.15); (22, L.8); (23, L.19); (25, L.15,25);(26,L.2,14);(27,L.14,16,25,28,30);(29,L.3,3,5,9,11);(30,L.8,13,15);(31, L.16,17,20, 21,22,23); (32,L.3,14); (33, L.2,8); (34, L.1,3,4,11,22); (35, L.8,9); (38, L.36); (40, L.1,8,17); (41,L.1,6);(42,L.1,21,22,27);(43,L.2,12,13,14,16,19,20,21,26);(44,L.8);(45, L.4,5,12,13,14, 17); (46,L.2,12,14,16); (47, L.4,7,11,22); (48, L.1,11); (49, L.2,23,26,36); (50, L.3,5,10); (51, L.3,4,5,5,6,7,9,10,15,17,27,30,32); (52, L.2,11,15,20,20); (53, L.10,12,15); (54, L.5,8); (55, L.15,16,20,24,25);(56,L.2,4,17,18,20,22,23);(57,L.2,3,4,22,34);(58,L.13);(58,L.2,29);(60,L.1,3,14,16);(61,L.3,4,4,10,15,16,22,26,29,30,32);(62,L.2,4,7,11,14,18,19,20,22,22,23,25);(63,L.1,1,3,5,18,24,3 3,35);(66,L.1,5,5,22,25,26);(67,L.4,7,20,40);(68,L.5,16);(70,L.14,30,31);(72,L.1,12,27);(73,L.5,20,22);(74,L.1,3,13,33);(75,L.7,7);(76,L.6,7,17,28);(78,L.3,13,27,29,31,32,33);(79,L.6,8,16,19);(80,L.49);(81,L.5);(82,L.2,2,20);(83,L.4,5,12,1326,26);(84,L.4,10,30,30,32,36);(85,L.3,11,11,17,19,21,25,35,40);(86,L.3,3.4,5,6,6,7,8,19);(87,L.3,6,9,24,33,38);(88,L.710,11,12,15);(89,L.7,13,15,24);(90,L.1,1,10,2

9,32);(91,L.3,7,7,13,24,32,36,37);(92,L.2,3); (93,L.3,14,29,29,33);(94,L.13,14,15,20,23,24,30,34);(95,L.31);(96,L.1,2,3,24);(97,L.6,9,12, 15,15,18,23,25,26,42);(98,L.4,17);(99,L.10,16,17,17);(100,L.30);(101,L.19,20);(102,L.29,30,34,36);(103,L.14,15,18);(104,L.1,14,15,16,17,21,22,26,29,30,31,36);(105,L.1,2,3,8,11,13,15,18);(106,L.4,6,9 ,13,16,20,23);(107,L.3,9,17,28,32,38);(108,L.7,8,12);(109,L.5,6,9,10,12,13, 20,25,27);(110,L.2);(111,L.9,10,11,12,20,28,30,32);(112,L.6,11,15,20,22,23,25,29,30,32); (113,L.3,5,11,23,35);(114,L.3,14,21,31,36,39);(115,L.3,23,34);(116,L.19,27,32,34);(117,L.1,3,19,20, 26);(118,L.2,3,10,13);(119,L.21,26,32,34);(120,L.1,9,11,15,17,31);(122,L.25); (123v, L.6,10,17,18,22); (124r,L.5,29,30); (124v,L.3,4,16);(125r,L.5,23,27,34);(125v,L.25,32);(126r, L.4,10,13,13,27,31,33,35,37,37);(126v,L.2,2,6);(127r,L.1,3,5,6,19);(128r,L.5,7,16,18,22,23); (128v,L.1,16);(129r,L.2,15,17,21,27); (182v,L.4,21);(189r,L.2,2,4,10,12, 20,22);(189v,L.21);(191r,L.1,6,14,15);(191v,L.2,4,5,5,8,9,10,13);(192r,L.3,4,5,6,7,8,12,14); (193r,L.7,10,11,14,16,17,18,19,21);(193v,L.6,10,11,12);(194r,L.21,24);(194v,L.8,13,13,16); (195,L.1)		
	q***ue***m	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(58,L.3).		
	Raim***un***do	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(92,L.22)		
	Reg***istra***da	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(122v,L.20).		
	Raym***un***do	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(101,L.10); (114, L.28); (125v, L.19); (127r, L.23)		
	Rib***ei***ro	Letra sobrescrita
23 ocorrências		
(4,L.11e13); (12, L.24); (13, L.15); (15, L.18); (16, L.9); (17, L.8); (18, L.23); (21, L.1); (22, L.15e19); (29, L.14); (31, L.8); (33,L.14); (73, L.4); (78, L.1); (79, L.3); (81, L.11e21); (83, L.21); (84, L.34); (101, L.29); (112, L.9).,		
	S***an***ta	Letra sobrescrita
24 ocorrências		

(4,L.1); (13, L.18); (22, L.7); (58, L.28); (61, L.15); (63, L.29,41); (64, L.17); (67, L.12,13); (79, L.31); (87, L.6); (110, L.1); (113, L.17); (116,L.22); (123v, L.7); (126r, L.3,4,10,13); (129r, L.4); (193r, L.10,17,23,25)		
	S***an***t***an***a	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(3,L.1)		
	Seg***uin***te	Letra sobrescrita
137 ocorrências		
(2,L.10); (5, L.2); (6, L.2); (11, L.30); (23, L.2,10); (30, L.11); (31, L.15);(32, L.4,7); (36, L.1); (37, L.2); (38, L.1,8); (40,L.3); (41, L.2); (42, L.2); (43, L.1,15,21); (44, L.5,9); (48, L.2); (49, L.25); (51, L.2,3,24); (52, L.9,13); (55, L.23); (56, L.14,23,24); (58,L.3); (61, L.2,3,5,11); (62, L.15); (64, L.18); (67, L.4,32); (68, L.5); (70, L.2); (72, L.2,27); (73, L.24); (74, L.3,21,31); (75, L.9,18); (76,L.7); (78, L.8,14,36); (79, L.14); (80, L.10); (81, L.7); (83, L.27);(84,L.4,5,33);(85,L.4);(87,.2,4,29,36);(90,L.2,28,29,34);(91,L.9); (92,L.4,8,15,21,34); (93, L.2); (94, L.32); (95, L.4); (96, L.2,17,24); (97, L.8,17); (99, L.8); (100, L.2); (101, L.7,11,14,17,22);(102,L.4,32);(104,L.24);(105,L.4,4,38);(106,L.10);(107,L.3,5,18,27,27,33); (109,L.14,28);(111,L.17,18,26);(112,L.12,26);(113,L.13);(114,L.4,4);(115,L.2);(117,L.26); (118,L.3); (119,L.27); (123v,L.29); (124r,L.21); (124v,L.11); (125r,L.12); (127r,L.4); (127v, L.2); (128v,L.2,12); (186r,L.4); (189r,L.4,12,16); (191v,L.16); (193r,L.1,21); (194v,L.8,15,20)		
	Seg***uin***tes	Letra sobrescrita
21 ocorrências		
(Termo de abertura, L.12); (2, L.13); (31, L.2); (51, L.33); (65, L.7); (69, L.1); (73, L.31); (76, L.29); (82, L.21); (83, L.15); (84, L.12); (85, L.21,25,37); (90, L.3); (117, L.3); (120, L.2); (127r, L.20,22); (119r, L.14); (193v, L.6)		
	senhor	Letra sobrescrita
317 ocorrências		
(Folha de guarda, L.8,11e13); (2,L.8,13e16); (3, L.14e15); (4, L.4,14,17,18e19); (5, L.27); (7,L.15e26);(8,L.1,3,11,12e27);(10,L.1,2,4,12,17e19);(11,L.1e1,3,12e22);(12,L.14,15,19,20, 22e24);(13,L.11,14e15); (14,L.12,13e19); (15, L.16e17); (16, L.1,6,9,10e14);(17, L.6,7,8e9); (18,L.1,23);(19,L.9e19);(20,L.1,9,12e14);(21,L.6,9,11,12,14e15);(22,L.2,6,7,8,12,15,16,17, 18e19);(23,L.6,8,9e9,13,14e18);(24,L.2,3,5,7,8,9,10,11e15);(25,L.1,4,8e8,9e11);(26,L.8,9e10(27,L.16e 17);(28,L.1,9,11e12);(29,L.6,12,13,14e15);(30,L.11);(31,L.15);(32,L.1e4);(33,L.1, 10,12e14);(35,L.18e32);(37,L.1,19,20,21,22e23);(38,L.1,8e34);(39,L.4,6e6e11);(41,L.1);(44, L.1,5,8e8);(45,L.1,15e18);(47,L.1e9);(48,L.1e11);(49,L.3e24);(51,L.3,10e25);(53,L.2,6,9,10,12,22e25) ;(55,L.20);(57,L.1e1,21e23);(58,L.4e4,5,6e21);(60,L.13,14,16e31);(61,L.4,12,18,2022,35,39);(63,L.28, 30e30e37);(64,L.1,8e16);(65,L.1,4,7,8e19);(66,L.1,10e16);(67,L.1e18); (68,L.1,4e10);(69,L.1e7);(70,L.1,19,22,23e28);(72,L.1e8);(73,L.2,4,21,22e26);(74,L.2,4e30); (75,L.1,6,16,23e31);(76,L.16,20e29);(78,L.1e1);(79,L.6);(81,L.6,20,25e28);(82,L.2e4); (84,L.11,19e31);(87,L.3,24,27,34e37);(88,L.1e15);(89,L.4,6,22e24);(91,L.1e1,8,13,31e32); (92,L.2,7,29,33);(93,L.30);(94,L.17);(95,L.15e34);(97,L.1e1e25);(98,L.11,14,17,);(99,L.2);		

(100,L.17);(101,L.3e21);(102,L.2,8,23e24);(103,L.15e32);(104,L.17e23);(105,L.28,35,39); (106,L.16);(107,L.7,16e23);(110,L.1);(111,L.7e17);(113,L.2);(116,L.12,14e22);(117,L.1e5); (118,L.26e26);(119,L.29);(123v,L.2);(124r,L.19);(125v,L.20e26);(127r,L.4,26);(129r,L.14); (189r,L.1,3,11e11,13e15);(191r,L.10);(193v,L.10)		
	Sen***ho***r	Letra sobrescrita
21 ocorrências		
(79,L.1e14);(80,L.1,9);(98,L.3);(104,L.23);(107,L.1,21e31);(108,L.1);(109,L.1);(110,L.1); (111,L.8e15);(112,L.2);(114,L.34);(116,L.12);(126r,L.10,16);(128v,L.13e15)		
	S***enh***or	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(98,L.22)		
	S***enho***ra	Letra sobrescrita
15 ocorrências		
(6,L.1e14); (17, L.1); (33, L.6); (47, L.21); (58, L.19e20); (63, L.20); (73, L.18); (88, L.7); (97, L.42); (111, L.2); (115, L.17e20)		
	Sen***ho***ra	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(21, L.8); (63, L.36); (128v, L.9)		
	S***e***n***ho***ra	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(14, L.7)		
	***Setem***bro	Mista: numeração arábica e letra sobrescrita
15 ocorrências		
(1, L.1); (28, L.6); (52, L.2e5); (70, L.12); (83, L.14); (85, L.36); (90, L.28e28); (97, L.23); (98, L.20); (104, L.26e27); (111, L.11); (123v, L.24)		
	S***ilv***a	Contração
7 ocorrências		

(14,L.12); (63, L.28,30,30); (111, L.3); (113, L.35); (117, L.37)		
	Sobr***inh***o	Letra sobrescrita
15 ocorrências		
(14,L.9); (30, L.6); (42, L.8e12); (43, L.16e21); (47, L.20e22); (58, L.27); (63, L.1); (112, L.24); (123v, L.13); (126r, L.24); (127r, L.16); (128r,L.26)		
	S***ou***za	Letra sobrescrita
72 ocorrências		
(10, L.19); (11, L.23); (16, L.11); (27, L.17); (29, L.14); (32, L.1); (35, L.1); (40, L.1); (42, L.20); (43, L.1); (49,L.31); (51, L.16,28); (58, L.2); (58, L.14,15,19); (66, L.16); (68, L.8,10); (69, L.7); (79, L.34); (81, L.1,25,28); (83, L.1,24); (84, L.16); (86,L.1); (92, L.13); (93, L.15); (95, L.16); (98, L.11); (99, L.26,28); (102, L.28); (106, L.17); (108, L.1,7); (109, L.18); (110, L.1); (112,L.20); (113, L.32); (114, L.34); (115, L.30,33); (116, L.19); (117, L.16,40); (118, L.2,8); (119, L.29); (120, L.17,20,34); (123v, L.17,22,24); (124r, L.13); (125v,L.20,26); (126r, L.10, 22, 23); (127r, L.5,29); (127v, L.13); (128r, L.5,8); (186r, L.2); (190v, L.19); (193r, L.2)		
	S***ua*** Ex***celênci***a	Mista: sigla e letra sobrescrita
1 ocorrência		
(122,L.18).		
	Teix***ei***ra	Letra sobrescrita
6 ocorrências		
(41,L.2); (123v, L.18,23); (127r, L.21,28); (128r, L.31)		
	T***enent***e	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(87,L.24)		
	Ten***ent***e	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(89,L.4); (121,L.13)		

	vaq***uei***ro	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(105, L.3) ; (193r, L.15)		
	vig***ári***o	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(33, L.1); (80, L.4); (111, L.33); (128v, L.7).		
	V***il***a	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(122,L.11); (123r, L.7); (191v, L.14); (193r, L.11).		
	V***ossa*** Ex***celênci***a	Mista: sigla e letra sobrescrita
2 ocorrências		
(122,L.7e17).		
	J***oz***é	Contração
59 ocorrências		
(20,L.16); (43,L.13); (47,L.17); (48,L.10); (52,L.21); (53,L.9); (56,L.4,5); (58,L.2,5,14,15); (62,L.1,10,13); (63,L.30); (70,L.23); (78,L.31); (81,L.6,25); (87,L.6); (89,L.18); (92,L.2,29); (96,L.3); (98,L.11); (99,L.17,19); (102,L.14,36); (106,L.25); (107,L.21); (108,L.20); (109,L.4,18); (110,L.1); (112,L.13); (113,L.7); (114,L.1,12,33); (115,L.31,33); (117,L.7); (120,L.16,22,34); (125v,L.15); (126r,L.14,27,30); (126v,L.18); (127r,L.5,13); (128r,L.23); (128v,L.9); (129r,L.12); (189r,L.5); (191r,L.10);		
	p***ago***	Contração
639 ocorrências		
(2,L.2,3,4,5,12,15,17,18,20,21,22,26,28,30);(3,L.4,5,6,9,10,11,13,16,17,21,22,23); (4,L.5,7,8,12,13,14,15,16,17,18,20,21,22); (5,L.3,6,8,11,31,32,35); (6,L.12,13,14,15,20,21); (7,L.3,7,8,12,13,14,20,22,23,24,25,26,27,29); (8,L.2,11,27); (9,L.1,7,8,10,17,21,23,25,28); (10,L.3,4,11,14,15,18,19,20,21,22);(11,L.11,14,18,19,20,21,22,24,25,28,29); (12,L.2,4,5,7,8,13,17,18,19,21,22,23,24,25,27,28); (13,L.5,10,11,12,14,15,16,21,25,26,27,28); (14,L.6,12,16,17,18,20,23,24); (15,L.18,19,20,22,23,24); (16,L.7,8,9,11,18); (17,L.5,8,9,11); (18,L.9,12,22,23);(19,L.9,10,14,16,21,27);(20,L.3,9,10,11,16,17);(21,L.4); (22,L.10,12,13,16,19,20);(23,L.16,19,22);(24,L.5,8,9,10); (25,L.3,4,5,6,7,8,9,10,11,12;15;22;25;26;27);(26,L.4,5,10,11,12,13,15,16,17); (27,L.21;23;24;30,32,);(28,L.8,10,11,12,14); (29,L.5,7,10,11,12,13,14,15,16); (30,L.1,2,3,4,5,9,23);		

(31,L.4,5,6,8,9,10,12,13,14,33); (32,L.1,2,9,12,14,); (33,L.2,3,5,6,14); (34,L.4,25,27); (35,L.17,27,32,34); (36,L.24); (37,L.18,19,20,21,22,23,24); (38,L.39); (39,L.2,3,4,5,710,11,12); (40,L.14,15,18,21,22); (44,L.13,15); (45,L.8); (47,L.13,14,18,20,21); (48,L.3,4,10,12,13); (49,L.18); (50,L.9); (51,L.5,9,12,21,31); (53,L.10,15,16,18,21,22,23,24); (55,L.4,5,6,24); (56,L.5,12,14,19,19,34); (57,L.5,6,10,11,15,22,22); (58,L.15,16,20,23); (60,L.16,26,32,35); (61,L.16,37,39); (62,L.7,26); (63,L.28); (64,L.5); (65,L.2,5,20); (66,L.2,3,7,11,13,35); (67,L.5,7,11,14,19,28,33); (70,L.6,17,28); (72,L.18,25); (73,L.1,13,17,24); (74,L.25,38); (75,L.2,5,22,28); (76,L.1,4,8,22,28); (78,L.2,6); (79,L.9,13,27,28,32,33,34
); (81,L.2,7,9,23,26); (82,L.2,3,25); (83,L.9,15,17,27); (84,L.17,29,32,38); (85,L.7,18,38,38,39,44); (86,L.14,29,46); (87,L.2,11,29,36,37); (88,L.21); (89,L.2,5,21,24,26); (90,L.35); (91,L.4,16,16); (92,L.3,5,8,13,19,21,25,25,30,31,32,39); (93,L.4,31,32,35,); (94,L.4,8,9,12,16,24,27,32,34); (95,L.7,13,18,21,29,32,34); (96,L.21,22,29,31,37); (97,L.4,8,35,43,); (98,L.8,9,11,18,20,21,23); (99,L.7,18); (100,L.2,6,8,9,15,19,22,26,30); (101,L.2,11,18); (102,L.8,13,19,20,22,28,33); (103,L.33,34,36,37); (104,L.10,19,24); (105,L.25,30,35,38,39,40); (106,L.3,18,19); (107,L.2,28,41,42); (108,L.6,7,18,22,28); (109,L.1,28,32); (110,L.3); (111,L.4,18,26); (112,L.1,2,3,4,6,9,20,37, 38,38); (113,L.3,7,25,29); (114,L.17,37,41); (115,L.6,18,22,23,26,32,34,36,39); (116,L.2,3,4,20,31,35); (117,L.18,19,30); (118,L.2,28,32,33); (119,L.4,8,11,15,21,33); (120,L.23); (123v,L.7,10,11); (124r,L.5,15,22,27); (125v,L.4,12,13,15,20,22,32); (126r,L.10,14,15,24,27,29,36); (127r,L.10,11,23,27,35,36); (127v,L.9,11,13,14,17); (128r,L.26,37); (128v,L.12); (129r,L.16); (129v,L.2,9,19); (189r,L.3,10,13,21,25,26,28); (190v,L.8,8,11,13,16,16); (191v,L.13,16); (193r,L.11,19); (193v,L.7,7,8,9,9) (194r,L.21,21,22,,22,22,23,23,24); (194v,L.10,11,12,14)

Fonte: Elaborado por pelo autor

5.2 INOCÊNCIO JOSÉ PINHEIRO PINTO/ CANGUÇU

5.2.1 Ficha biográfica

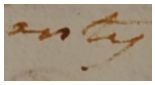
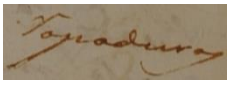
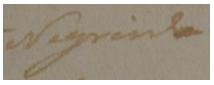
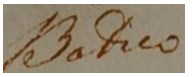
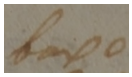
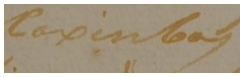
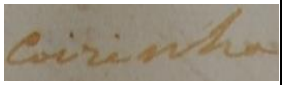
Nome completo: Inocêncio José Pinheiro Canguçu
Filiação: Antônio Pinheiro e Bibiana Maria de Jesus
Avós paternos: Não localizamos informações
Avós maternos: Miguel Lourenço de Almeida e Ana Francisca da Silva
Naturalidade: Bom Jesus dos Meiras/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: Ano de 1795 **Data de falecimento:** Setembro de 1861
Idade (quando da escrita do documento): entre 26 aos 34 anos
Estado civil: Casado com Prudência Rosa de Santa Edewirges, falecida em 1848.
Grau de instrução: Teve acesso ao aprendizado da leitura, escrita, fazer conta e rudimentos de Religião e latim.
Instituição de ensino: Alfabetização na Escola do Mestre Tomás José da Costa/ Aulas com o Padre Ignácio Ferreira da Silva.
Profissão por formação: Não localizamos informações.
Principais atividades: Fazendeiro; Tenente Comandante da Guarda Policial de Rios de Contas/BA e Vereador de Caetité/BA.

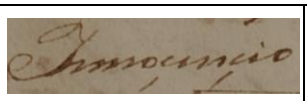
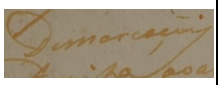
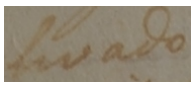
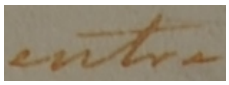
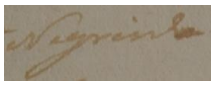
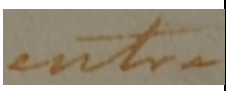
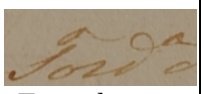
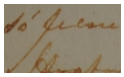
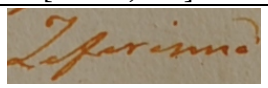
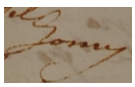
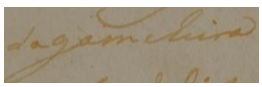
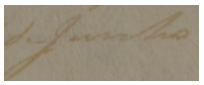
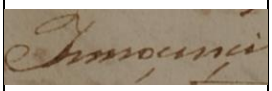
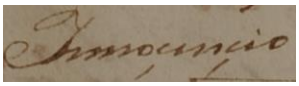
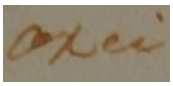
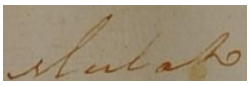
Observações: O nome de batismo do scriptor era Inocêncio José Pinheiro Pinto, porém este mudou o sobrenome de "Pinto" para "Canguçu", em 1830, no período Imperial do Brasil. Prudência Rosa de Santa Edwirges nasceu em Bom Jesus dos Meiras, era filha de Francisco de Souza Meira e Rita de Souza Meira.

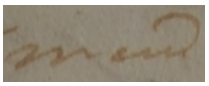
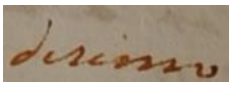
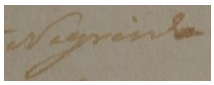
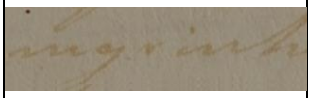
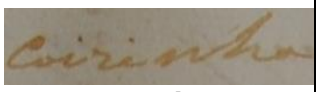
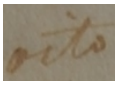
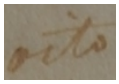
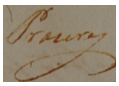
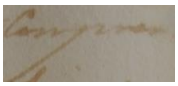
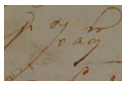
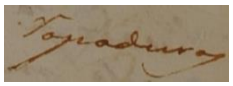
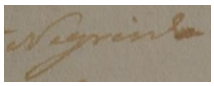
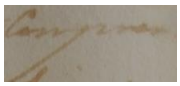
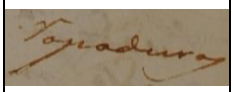
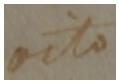
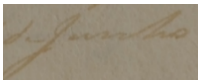
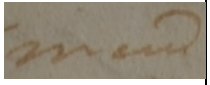
Fonte: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

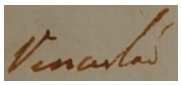
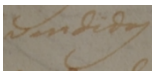
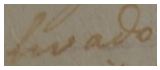
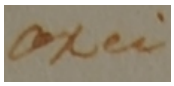
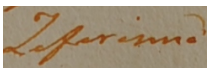
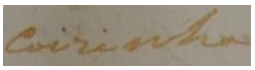
Fonte:Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

5.2.2 Quadro scriptográfico

Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	**A**susaõ [f.130v, L.1]	 **a**n tes [f.130r, L.4]	 r**a**p**a**duras [f.130r, L.3]	 Negrinh**a** [f.130v, L.3]
B	 **B**ot[?]co [f.129v, L.4]	 **b**aixo [f.130v, L.4]	 Caxin**b**as [f.186v, L.23]	Sem ocorrências
C	**C**arga	 **c**oizinha		Sem ocorrências

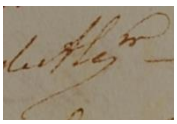
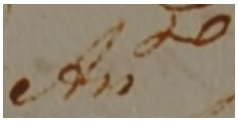
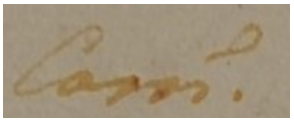
	[f.129v, L.5]	[f.132v, L.2]	 Innoçençio[f.130r, L.2]	
D	 **D**emarcaçõis [f.182v, L.3]	**d**ona [f.130v, L.9]	 leva**d**o [f.130v, L.4]	Sem ocorrências
E	**E**steve [f.132v, L.1]	 **e**ntre [f.132v, L.3]	 N**e**grinha [f.130v, L.3]	 entr**e** [f.132v, L.3]
F	 **F**az*en*da [f.132r, L.4]	 **f**icou [f.132v, L.3]	 Ze**f**erinna [f.182v, L.22]	Sem ocorrências
G	 **G**omes [f.130r, L.3]	 **g**ameleira [f.186v, L.3]	ne**g**rinha [f.130v, L.10]	Sem ocorrências
H	Sem ocorrências	**h**oji [f.132v, L.1]	 Jun**h**o [f.130v, L.11]	Sem ocorrências
I	 **I**nnoçençio [f.130r, L.2]	Sem ocorrências	 **I**nnoçenç**i**o [f.130r, L.2]	 axe**i** [f.132v, L.2]
J	**J**oze [f.130r, L.2]	**j**a [f.130v, L.3]	Bre**j**o [f.132r, L.15]	Sem ocorrências
K	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
L	**L**our*en*co [f.129v, L.4]	**l**ivro [f.132v, L.1]	 Mu**l**ato [f.186v, L.30]	mi**l** [f.130v, L.11]

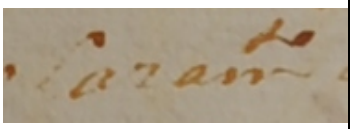
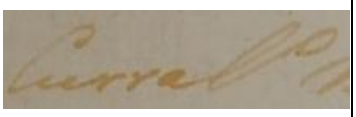
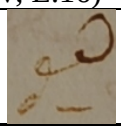
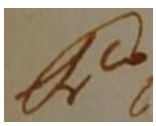
M	 **M**ello [f.129v, L.1]	 **m**eu [f.130v, L.2]	 dizi**m**o [f.130r, L.3]	 se**m** [f.130v, L.11]
N	 **N**egrinha [f.130v, L.3]	 **n**egrinha [f.130v, L.10]	 coizi**n**ha [f.132v, L.2]	Sem ocorrências
O	Sem ocorrências	 **o**ito [f.130v, L.5]	 past**o**r [f.132r, L.9]	 oit**o** [f.130v, L.5]
P	 **P**razeres [f.129v, L.2]	 **p**ripiri [f.132r, L.9]	 com**p**rar [f.130v, L.2]	Sem ocorrências
Q	Sem ocorrências		 Joa**q***ui*m [f.129v, L.2]	Sem ocorrências
R	 **R**itta [f.132r, L.4]	 **r**apaduras [f.130r, L.3]	 Neg**r**inha [f.130v, L.3]	 compra**r** [p.130v, L.2]
S	 **S**oltei [f.132r, L.5]	 se**m** [f.130v, L.11]	 [f.132v, L.1]	 rapadura**s** [f.130r, L.3]
T	 **T**iio [f.129v, L.14]	 **t** etempo [f.130v, L.4]	 oit**o** [f.130v, L.5]	Sem ocorrências
U	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 **Ju**nho [f.130v, L.11]	 me**u** [f.130v, L.2]

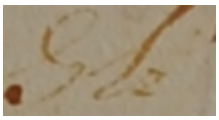
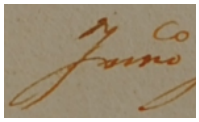
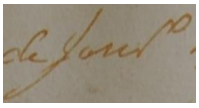
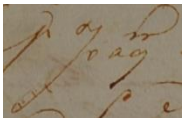
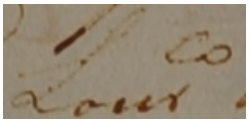
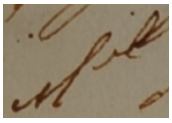
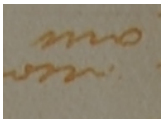
V	 **V**enceslaõ [f.129v, L.7]	 vendida s [f.130v, L.5]	 le**v**ado [f.130v, L.4]	Sem ocorrências
W	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
X	Sem ocorrências	Sem ocorrências	 a**x**ei [f.132v, L.2]	Sem ocorrências
Y	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Pa**y** [f.130v, L.2]
Z	 **Z**eferinna [f.182v, L.22]	Sem ocorrências	 coi**z**inha [f.132v, L.2]	Sem ocorrências

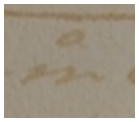
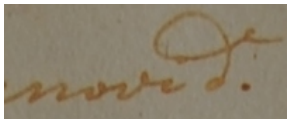
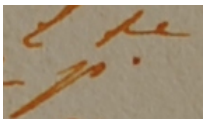
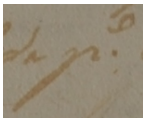
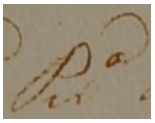
Fonte:Elaborado pelo autor

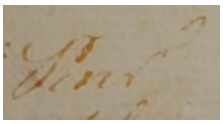
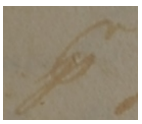
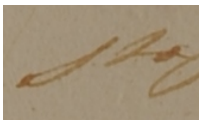
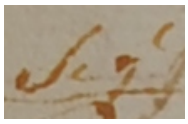
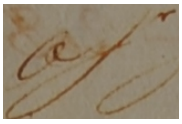
5.2.3 As abreviaturas

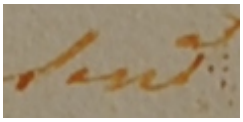
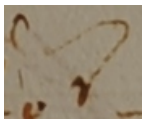
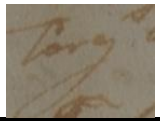
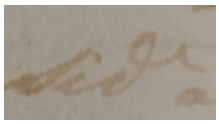
Abreviatura - Imagem	Abreviatura desdobrada	Classificação
	Alg***oda***m	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(129v,L.5); (130v, L.2); (130v, L.8)		
	Ant***oni***o	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(129v, L.3 e 16); (186v, L.2,15 e 25);		
	Cam***inh***o	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(186v, L.18,22)		

	Cap***it***am	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(188v, L.1)		
	Cazam***en***to	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(129v, L.17); (131r, L.11)		
	Comp***adr***e	Letra sobrescrita
5 ocorrências		
(129v, L.3,22); (186v, L.2,15 e 25)		
	Curral***inh***o	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(186v, L.16)		
	d***ev***e	Letra sobrescrita
6 ocorrências		
(129v,L.2,5,6,7,10,11)		
	d***inhei***ro	Letra sobrescrita
9 ocorrências		
(129v,L.15);(130v,L.7,7);(131r,L.3,4,5,6,7,8)		
	D***ona***	Suspensão
1 ocorrência		
(182v, L.22)		
	Fr***ancis***co	Letra sobrescrita
1 ocorrência		

(130v, L.1)		
	Fran***cisc***a	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(130v, L.1)		
	G***onçal******ve***z	Contração
1 ocorrência		
(129v, L.16)		
	Inno***cen***c***i***o	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(132r,L.16); (182v, L.24); (186v, L.26 e 27)		
	Jan***ei***ro	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(132v, L.1)		
	Joaq***ui***m	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
((129v, L.2,3,4 e12);		
	Lour***en***co	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(129v, L.4,12 e18).		
	M***ano***el	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(129v, L.5,15); (130r, L.3)		
	m***es***mo	Letra sobrescrita

1 ocorrência		
(132v, L.3).		
	m***inh***a	Letra sobrescrita
4 ocorrências		
(130v, L.9); (131r, L.1); (182v, L.2e22)		
	novi***da***de	letra sobrescrita
1 ocorrência		
(132v,L.2)		
	p***ar***te	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(182v,L.21).		
	p***an***o	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(130v,L.8)		
	p***ar***a	Letra sobrescrita
15 ocorrências		
(129v,L.17);(130v,L.2,3,4);(131r,L.10,13);(182v,L.21);(186v, L.5,5,17,19,20,20,24,25)		
	Per***eir***a	Letra sobrescrita
2 ocorrências		
(129v, L.5); (186v, L.11)		
	Pinh***eiro***	Suspensão
1 ocorrência		
(129v,L.14);		

	Pinh***ei***ro	Letra sobrescrita
6 ocorrências		
(130v,L.12);(132v,L.2,4,16); (186v, L.26,27)		
	p***o***r	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(130v, L.10); (131r, L.2,4)		
	q***ue***	Suspensão
19 ocorrências		
(129v,L.9,15,18);(130r,L.4);(130v,L.4,9);(131r,L.3,4);(132r,L.1);(132v,L.2,3);(182v,L.21); (186v,L.1,2,17,19,22);(188v,L.1); (130v, L.10)		
	S***an***ta	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(132r, L.4,4); (186v, L.8)		
	S***an***tos	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(132v, L.3)		
	Seg***uint***e	Letra sobrescrita
3 ocorrências		
(129v,L.19) (131r,L.3); (182v,L4);		
	s***enho***r	Letra sobrescrita
12 ocorrências		
(129v,L.1,2,4,8,11,12e16);(130r,L.3e4);(131r,L.1);(186v,L.2);(188v,L.1)		

	Sen***ho***ra	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(182v, L.22)		
Abreviatura - Imagem	**Abreviatura desdobrada**	**Classificação**
	r***éis***	Suspensão
1 ocorrência		
(129v, L.9)		
	Carg***a***s	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(130v, L.2)		
	Si***da***de	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(130v, L.5)		
	v***ar***as	Letra sobrescrita
1 ocorrência		
(130v, L.8)		
	J***oz***é	Contração
3 ocorrências		
(132r, L.2,16); (182v, L.23)		

Fonte:Elaborado pelo autor

5.3 MIGUEL JOAQUIM DE CASTRO MIRANTE

5.3.1 Ficha biográfica

Nome completo: Miguel Joaquim de Castro Mirante
Filiação: Adolfo de Castro Mirante e Firma de Castro Mirante
Avós paternos/maternos: Não localizamos informações.
Naturalidade: Bom Jesus dos Meiras/BA **Nacionalidade:** Brasileira
Data de nascimento: 29/09/1833 **Data de falecimento:** Não localizamos informações.
Idade (quando da escrita do documento): 28 anos
Estado civil: Casado com Hermelinda de Castro Mirante **Instituição de ensino:** Alfabetizado por professor leigo do local. **Profissão por formação:** Não localizamos informações.
Principais atividades: Fazendeiro; Capitão; 1º tabelião da Vila de Caetité

Fontes: SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos século XVII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB. Consulta dos documentos (inventário e embargos, livro de notas), pertencentes a Miguel Joaquim de Castro Mirante. Acesso em: 17/01/2020.
TORRES, Antônio Novais.
Disponível em: <www.recantodasletras.com.br/biografias>. Acesso em: jan/2018.
Livro do Gado (página 34 verso).

Fonte: Elaborado por Santos (2019) e pelo autor a partir do modelo de ficha extraído de Carneiro (2005).

5.4 SÍNTESE DO VOLUME II

No dia 18 de janeiro de 1838, Inocêncio Pinheiro Canguçu, o terceiro senhor do Campo Seco, ao analisar o *Livro de Razão,* escreveu no fólio 132v*:* "Estive revendo este livro hoji [...]enaõ axei nada denovi*da*de.". Em outro momento, é possível ler, a lápis, que Miguel Joaquim de Castro Mirante, genro de Inocêncio, também concorda com a ideia de que o *Livro* nada tem de novo, pois registra "e eu ainda nada vi". Não satisfeito, no fólio 195r, Miguel sentencia o manuscrito: "Vistos e revistos q*ue* do ao Fougo". Ainda bem que não o fez.

Hoje, passados mais de 183 anos desses últimos assentementos, no *Livro de Razão,* podemos afirmar que a novidade mencionada pelos últimos scriptores não dependia do *Livro*, mas do olhar que se lança sobre ele. Talvez, por ser um manuscrito de uso contínuo na época, não despertou um interesse para além de sua funcionalidade.

É importante lembrar que, no trabalho com documentos históricos, por mais que o pesquisador tenha um objetivo definido, seu olhar será direcionado para as pistas que o texto sugere, é nesse contexto que surgem as novidades, o rumo de uma pesquisa. Foi esse o trajeto percorrido na confecção deste Volume II, que apresenta as edições fac-similar e semidiplomática, os dados grafemáticos dos scriptores principais, Antônio e Inocêncio, o índice analítico e o conjunto das abreviaturas, que dão suporte ao estudo realizado.

Diferente do que escreveram Inocêncio e Miguel, no idos de 1838, hoje, meados de 2021, após ver e rever o *Livro de Razão,* nos últimos 5 anos, posso dizer que o trabalho foi muito, mas valeu a pena, pois mergulhei no microcosmo da Bahia rural oitocentista, guiado pelos senhores do Campo Seco.

Ao pensar na função principal do *Livro de Razão,* descrita por Antônio Pinheiro Pinto, na página 1, assim: "Livro dos aSentos eRol dos que Medevem", creio que, considerando o uso que fiz de seu manuscrito, com certeza, meu nome estaria em uma dessas páginas, se o primeiro senhor pudesse registrar, para posterior acerto de contas. Ainda que seja um "devaneio", só poderia pagar agradecendo.